

**AS «MARCAS DE OLEIRO» NA *TERRA SIGILLATA* E A CIRCULAÇÃO
DOS VASOS NA PENÍNSULA DE LISBOA**

Rodrigo de Araújo Martins Banha da Silva

Tese de Doutoramento em História, especialidade de Arqueologia

Setembro de 2012

1. Introdução.

A *terra sigillata* corresponde a um fenómeno com expressão no registo arqueológico que cobre um espectro cronológico alargado, entre a Época Helenística e os finais da Antiguidade Tardia, e uma ampla geografia, do Índico ao Atlântico.

Matéria privilegiada pelos estudos a partir das etapas iniciais do antiquarismo, dado o valor estético e textual que lhe era atribuído, mantém o seu vigor no panorama da investigação atual, refletindo agora outro tipo de preocupações, de âmbito histórico e antropológico.

São múltiplos os fatores que justificam este interesse da investigação pela *terra sigillata*. Desde logo, porque se trata de uma família ceramológica facilmente reconhecível, mesmo aos olhos de um não especialista, permitindo assim a sua fácil detecção num determinado arqueossítio ou contexto. A um segundo nível, e porque desde cedo a investigação arqueológica notou a alta valia que os vasos encerram em termos de aferição da respetiva datação e origem, constituiu-se cedo como domínio de especialidade, internacionalizado, onde se afinaram e formataram metodologias, tendo-se atingido apreciável profundidade de análise e acumulado um vasto acervo de informação disponível a um amplo leque de investigadores.

Como consequência da fiabilidade dos dados cronológicos proporcionados pela *terra sigillata*, é hoje valorizada a sua utilidade como indicador no estabelecimento de datações relativas para estratigrafias, contextos, construções e sítios, ou seja, como “*artefato datante*”. Noutro sentido, e dado o estado atual dos conhecimentos na atribuição de proveniência dos vasos, estes são utilizados igualmente como instrumento para o estudo das relações mantidas por um local ou região com outros âmbitos geográficos, focando sobretudo aspetos económicos, como culturais e sociais.

Todas as valias até agora enunciadas para a família ceramológica são partilhadas pelas “*marcas de oleiro*” colocadas nos vasos. Mas este elemento particular, presente na maior parte dos fabricos alto imperiais, encerra informação ainda mais qualificada que os restantes testemunhos em termos cronológicos e de indicação de proveniência. Por esta razão, compõem hoje um domínio específico no âmbito da investigação.

Os textos das impressões, produzidas pelas olarias e dotadas de significado no quadro da produção, constituem noutro sentido uma fonte preciosa para o estudo da organização interna, estrutura e capacidade de compulsão destes organismos económicos.

A ocorrência frequente e a ampla dispersão das “marcas de oleiro” possibilitam, por seu turno, produzir leituras adicionais na óptica do consumo, conetando evidências que de outra forma seria impossível interligar, permitindo caracterizar melhor ritmos de importação, fluxos e circuitos comerciais, mas também contribuindo para traçar os quadros socio-econômicos dos consumidores dos vasos e aferir a durabilidade do seu uso no cotidiano.

A presente dissertação procurou aproveitar a gama de potencialidades superlativas das “marcas de oleiro”, que se acabou de expor de forma sintética, explorando os múltiplos significados que a sua ocorrência assume na Península de Lisboa, no seu sentido mais amplo.

2. Definição do objeto de estudo: “marca de oleiro” na terra sigillata.

As “marcas de oleiro” constituem um domínio de especialidade no interior dos estudos específicos sobre a família ceramológica denominada *terra sigillata*.

As razões para o aprofundamento deste elemento particular que caracteriza alguns dos vasos, como os de outras produções cerâmicas de Época Helenística e Romana, prendem-se, na atualidade, com a valia que se reconhece à informação que contêm em termos cronológicos e de origem. A partir dos dados mais qualificados assim obtidos torna-se possível explorar com maior rigor e profundidade outras matérias, nomeadamente no domínio da datação de contextos ou dos estudos de âmbito económico da Antiguidade.

Apesar do grau de especialidade, os contornos conceptuais da expressão “marca de oleiro” são difusos, aplicados a uma panóplia de elementos gráficos ou grafomórficos aplicados sobre vasos cerâmicos e moldes para a sua produção, obtidos a partir de sinetes, punções, gravações executadas com objetos de ponta fina ou até pintura. Neste sentido, referem-se tanto a “marcas” efetuadas por um oleiro, isto é, a alguém que opera no processo de elaboração dos vasos na olaria, como ao titular da própria *officina*, que em muitos casos não está envolvido na manufatura propriamente dita¹.

Como já havíamos feito anteriormente², o uso do termo é feito no presente trabalho em referência a impressões estampadas ou impressas, ou colocadas

¹ M. Polak, 2000, p. 40.

² R.B. Silva, 2005.

internamente nos vasos, denominadas com maior propriedade como “marca interna” por Marinus Rien Polak³, ou no exterior, identificando o decorador que produziu o molde, referindo-se, portanto, às “marcas intra-decorativas”.

O ato de marcar um vaso tem antecedentes no mundo helénico. A prática identificava o “artista/pintor”, mas ocorre uma transformação ao longo dos séculos IV-III a.C. quando esta se transforma numa “marca de fábrica”⁴.

Para o caso itálico das cerâmicas de “verniz negro” itálicas, antecessoras ocidentais da *terra sigillata*, o fenómeno tem contornos carateristicamente romanos dado ocorrer num aro de estabelecimentos coloniais, evocando a condição de cidadania nos textos com menção expressa da tribo⁵. Nesta mesma área o hábito perde-se ao longo dos inícios do século II a.C., como consequência provável da aplicação da *Lex Claudia de Repetundis* de 218 a.C.⁶, substituído pela colocação de estampilhagem ornamental na cerâmica campaniense. Será esta tradição que as primeiras produções de “verniz vermelho” itálico irão retomar, utilizando textos muito abreviados, com uma elaboração e disposição muito ornamental, onde nos aparecem agora evocados não personagens vinculados à *nobilitas* mas, para alguns casos bem documentados por outros suportes epigráficos, terratenentes e/ou indivíduos que desempenharam magistraturas locais⁷.

O uso da marcação dos vasos nas produções mais antigas ocidentais, na Península Itálica, pretendeu abranger a totalidade dos vasos produzidos, caraterística que irá perdurar ao longo de todas as produções ulteriores com aquela origem. Apesar de escassas, as amostragens mostram-se representativas da frequência do ato neste âmbito geográfico e cultural: em 1000 vasos de Pompeia e Herculano, 50 não foram marcados, em Haltern e Corinto a totalidade dos vasos completos tem marca atestada⁸, numa entulheira em Arezzo, relacionada com a produção do prolixo *Cneus Ateius*, para 1200 impressões foram repertoriados 12 vasos não marcados⁹.

A partir de cerca de 15 d.C., quando vingam as formas de cartela *in planta manus* e, fundamentalmente, *in planta pedis*, o hábito perdurará de forma constante até ao século II d.C., com as produções denominadas tardo-itálicas, interpretando a

³ M. Polak, 2000, p.40.

⁴ J.-P. Morel, 1981.

⁵ Idem.

⁶ G. Pucci, 1985 e 1993, p.73 e segs.

⁷ Idem, 1993, p.73, nota 42.

⁸ Idem, p.74.

⁹ P. Kenrick, 1997.

investigação este dado como evidência de que a aposição da impressão conferia uma espécie de atestado de qualidade do vaso com significado para o mercado¹⁰.

Nas produções gálicas, eminentemente influenciadas pelas suas antecessoras itálicas, e com participação nas etapas iniciais de artesãos com aquela origem¹¹, a marcação não registou a mesma frequência. Se nas produções itálicas a marca desempenhava também um importante papel para a distinção do contributo de cada oleiro para a compulsão de vasos de cada fornada, o ambiente gálico, onde o modo de enformamento é maioritariamente comunitário, mostra um panorama ligeiramente distinto. Embora as marcas contribuíssem no mesmo sentido, a existência de modelos de vaso apenas produzidos por um número limitado de oleiros, ou de decorações apenas empregues por um artífice, permitiria distinguir o contributo de cada artesão de uma forma que o dispensava da impressão dos vasos¹².

O fenómeno acima referido vinha sendo apontado como uma consequência da reorganização interna ocorrida cerca de 60 d.C. no principal centro oleiro gaulês, La Graufesenque, de que seria testemunho a criação dos chamados “Serviços Flávios”, não impressos¹³, da especialização de alguns artesãos nestes produtos ou na tendência verificada a partir desta época para a cozedura em forno próprio do que se deveria chamar de “*empresas de tipo familiar*”, segundo Martine Genin¹⁴. No mesmo sentido, a evidência correspondente aos vasos não marcados demonstraria o caimento do uso de estampar os vasos, que se perderia a partir de cerca de 120 d.C. A citada investigadora, contudo, valeu-se do estudo de grande fôlego dos contextos de produção de La Graufesenque para demonstrar o contrário, isto é, apenas na “*Fossa de Bassus/Conjunto 6*” a percentagem de marcação decai para 12,8%, quebra não patente no “*Conjunto do Grande Forno/ Conjunto 7*”, o mais tardio, e onde se retomam os valores habituais em torno a 1 ou 2 unidades percentuais¹⁵. De igual forma, o uso permaneceria até bem dentro do século II d.C., altura em que os vasos com esta origem se confinam a uma circulação de âmbito regional¹⁶.

Ainda em ambiente gaulês, convém retornar um pouco atrás e recordar que, embora inicialmente os fabricos com esta origem tenham adoptado os modelos formais

¹⁰ OCK; P. Kenrick, 2005; M. Genin (dir.), 2007, p.347.

¹¹ A. Mees, 2011.

¹² G. Dannell, 2002, p.213.

¹³ Idem; M. Polak, 2000, p.41-42.

¹⁴ M. Genin (dir.), 2007, p.348.

¹⁵ Idem e fiG. 233.

¹⁶ Idem.

de cartela itálicos, circulares, bilineares e *in planta pedis*, cedo se vulgarizaram outros tipos, retangulares ou de tendência retangular. Se existem constrangimentos tecnológicos que poderão ajudar a explicar esta ocorrência, como o fato de os punções serem aqui fabricados quase exclusivamente em osso, não deixa de ser pertinente questionar se a adoção deste modelo de cartela pelos artesãos não teria significado no mercado, isto é, se uma observação da impressão não permitiria a alguns indivíduos em Época Romana distinguir entre vasos provinciais e itálicos contemporâneos.

Fenómenos bem distintos manifestam-se nas produções da *terra sigillata* produzida na Hispânia.

Nos fabricos de tipo “Precoco ou Peñaflor”, a generalidade dos vasos não é marcada, estando documentadas, até ao momento, quatro “marcas”¹⁷. Pode-se questionar a pertinência de se incluir este tipo de produções béticas no quadro dos estudos sobre *terra sigillata*, tanto mais que parte do repertório formal é tomado de uma outra classe bem distinta funcionalmente, a “cerâmica de verniz vermelho pompeiano/cerâmica itálica de cozinha”¹⁸.

Contudo, e como bem argumenta Catarina Viegas, estes vasos não correspondem aos mesmos usos dos seus protótipos itálicos, estando ausentes as marcas de fogo que comprovam a sua utilização na confecção de alimentos em exposição direta ao lume¹⁹. Numa perspetiva antropológica, a composição dos repertórios de “mobiliários funerários” da necrópole de La Constância (Córdova) mostra, de forma assaz concludente, a necessidade de inclusão desta classe nos estudos sobre *terra sigillata*, dado diversas sepulturas datadas de entre finais do século I a.C. e os meados do seguinte terem revelado conjuntos de três pratos, três taças médias e três pequenas nesta produção, sendo substituídos nos meados do século por conjuntos de igual composição mas oriundos de La Graufesenque²⁰.

Deixando de parte outras produções singulares hispanas, os principais centros setentrionais, riojanos, como os béticos, mostram uma frequência irregular na marcação. Se a influência mais forte na sua origem parece ter sido a produção gálica, que explica a adoção de tipos de cartela similares, a recorrência de vasos não marcados que apresentam perfis tipológicos tidos por contemporâneos a outros

¹⁷ S. Vargas Cantos e M. Moreno Almenara, 2002-2003, p.721-725, fiG. 1 e lám. II; M. Bustamante Álvarez, 2010 e 2011.

¹⁸ F. Amores e S. Keay, 1999, p.235 e segs. e bibliografia citada.

¹⁹ C. Viegas, 2003a, 2006 e 2011.

²⁰ S. Vargas Cantos, 2002, p.297-310.

impressos mostra que a prática peninsular é bem distinta das suas congêneres contemporâneas itálica e gálica. Macarena Bustamante Álvarez procurou, em data recente, justificar como esse fato se deveria à concentração num número reduzido de mãos das *officinae* riojanas depois da época flávia, o que dispensaria assim o uso²¹. A explicação não abrange, contudo, alguns centros produtores como os de Los Villares de Andújar²² ou *Singilia Barba*²³, vasos não marcados de cronologia flávia, ou o porquê da marcação de algumas formas lisas apenas (Drag.15/17, 18, 24/25, 27, 33, 35 e 36, 46, Ritt.8 e Lud.Tb).

Fundamentalmente, o que ressalta das apreciações acima produzidas é que a estampagem corresponde a hábitos epigráficos distintos em função de ambientes culturais e de produção também eles diversificados, que devemos apreciar em primeiro lugar no quadro dos respetivos contextos de fabrico. A este propósito, a produção de *terra sigillata* clara africana A, iniciada ainda no século I d.C., é categórica, ao registar-se a ausência total de marcação. Até que ponto esta sua característica terá tido repercussões em outros centros produtores, ao desvalorizar o caráter da “marca” como elemento de “certificação” e considerando a importância que a sua exportação atinge a partir dos meados do século II d.C., é para já uma conjectura de difícil comprovação.

Numa perspetiva da avaliação do significado da presença das “marcas de oleiro” em ambiente de consumo, como é o caso para a área da Península de Lisboa, a sua ocorrência terá que ser, portanto, considerada em função da frequência desigual da estampagem nas produções com as três diferentes origens atestadas por impressões internas e intra-decorativas.

3. Objetivos.

A presente dissertação pretendia cumprir uma diversidade de objetivos que, por conveniência do discurso, poderiam ser agrupados da forma a seguir exposta:

- Contribuir para o aprofundamento do conhecimento da *terra sigillata* enquanto classe cerâmica, e de cada uma das distintas produções marcadas representadas nos sítios da Península de Lisboa;

²¹ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.745 e segs.

²² M. Sotomayor Muro *et al.*, 1999.

²³ E. Serrano Ramos, 1991.

- Contribuir para a caracterização da difusão de determinados centros oleiros ou de olarias específicas de *terra sigillata*;
- Verificar as fontes de aprovisionamento de «cerâmica fina» de mesa romana no espaço compreendido pelas três *ciuitates*, detetando assim as conexões comerciais diretas e/ou indiretas estabelecidas durante o Alto Império Romano;
- Averiguar da dinâmica comercial da Península de Lisboa no período em causa;
- Perspetivar o papel desempenhado pela Península de Lisboa no âmbito das rotas atlânticas da parte ocidental do mundo romano, nomeadamente a sua eventual participação no comércio institucional de abastecimento aos *limes* britânico e germânico e, no mesmo sentido, averiguar do envolvimento desta área da fachada atlântica ibérica nas acções militares empreendidas pelo Império Romano no extremo ocidente (área Ásture-Cantábrica, Mauritânia, e *Britania*);
- Proporcionar um conhecimento arqueológico mais aprofundado dos mecanismos internos de circulação de «cerâmicas finas» de importação na Península de Lisboa, no período em causa;
- Perspetivar o papel desempenhado pela região considerada na difusão intra-provincial lusitana de produtos oleiros oriundos do tráfico mediterrânico;
- Esclarecer as diferentes dimensões económicas atingidas pelas distintas capitais territoriais, aferindo-as a partir dos indicadores proporcionados pelos ritmos de importação de cerâmicas finas;
- Contribuir para o conhecimento dos ritmos de povoamento romano da região em causa;
- Facultar elementos para a compreensão dos hábitos de consumo dos provinciais romanos da área em estudo, procurando estabelecer a forma como se compunham os serviços de mesa utilizados no quotidiano dessas mesmas populações;

- Facultar elementos para a compreensão dos hábitos de descarte dos vasos em *terra sigillata*, tentando perceber eventuais diferenças de cuidado no manuseamento das diferentes morfologias;
- Contribuir para o aprofundamento do conhecimento dos pontos arqueológicos e arqueossítios a abordar;
- Contribuir para a definição cronológica dos contextos coevos das “marcas de oleiro”;
- Ensaia metodologias de estudo contextual e testar assim a validade das leituras arqueológicas dos resultados obtidos noutros aglomerados urbanos da fachada atlântica peninsular.

4. Os estudos sobre “marcas de oleiro” na terra sigillata.

4.1. Sinopse da investigação sobre “marcas de oleiro” na terra sigillata.

O primeiro *corpus* de “marcas de oleiro” em *terra sigillata* data de 1492, quando o aretino Marco Attilio Alessi reúne a transcrição de um conjunto de textos figlinários por ele coletados em Santa Maria in Gradi, na sua terra natal²⁴. Após um hiato longo, o mesmo tipo de documentos iria ser retomado por Anton Francesco Gori em 1734, no âmbito da sua recolha epigráfica da Etrúria²⁵. O interesse antiquarista pela matéria iria conhecer novo fulgor com as escavações de Cincelli (Arezzo) por Francesco Rossi, iniciadas em 1779, devendo-se a este erudito italiano a aplicação da denominação de “vasos samianos”²⁶, vulgarizada na literatura arqueológica dos séculos XIX e XX, e que perdura ainda em ambiente anglo-saxónico.

A expressão consagrada de “vasos samianos” fundava-se num célebre trecho *Naturalis Historia* de Plínio-O-Velho, que evocava produções oleiras variadas apreciadas na Antiguidade: “*Retinent hanc nobilitatem et Arretium in Italia, et calicum tantum Surrentum, Hasta, Pollentia, in Hispania Saguntum, in Asia Pergamum. Habent*

²⁴ G. Pucci, 1985, p.365.

²⁵ Idem.

²⁶ Idem.

*et Trallis ibi opera sua et in Italia Mutina: quoniam et sic gentes nobilitantur. Haec quoque per maria terrasque ultro citroque portantur, insignibus rotae officinae”*²⁷.

Foi Hans Dragendorff quem propôs, em 1895, a nova nomenclatura de “*terra sigillata*”, baseado na decoração produzida a punção (*sigillum*) dos vasos elaborados a molde, e nas festividades romanas *sigillaria*, que utilizavam pequenas figurinhas de barro e vasos vermelhos no seu ritual²⁸. O trabalho do investigador alemão apareceria ilustrado com três estampas referentes a produções da Península Itálica e provinciais, ordenadas numericamente, que ainda hoje constituem o elemento basilar da organização tipológica utilizada nos estudos.

Nos finais do séc. XIX a investigação germânica é preponderante no âmbito da classe de cerâmica romana, considerando a publicação do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, de que se destacam os volumes XV,2 e XV,2,1 respeitantes a território italiano, publicados em 1899 e 1901 por H. Dressel e M. Ihm, onde se coligiu abundante epigrafia figlinária, incluindo a constante da *terra sigillata*. A partir de 1894 iniciar-se-ia também a compulsão dos *Obergermanisch-Räetische Limes des Römesreiches*, com importantes contributos crono-tipológicos derivados dos contextos abordados, historicamente bem datados²⁹: Haltern³⁰, Petrisberg³¹, Erdlager de Hoffheim³², Cannstatt, Köngen, Rottweil e Rottenburg³³, Oberaden³⁴, La Madeleine, Luxeuil, L’Argonne e Trèves³⁵, Reinzhabern³⁶ e, por August Oxé, sobre os vasos ornamentados³⁷ e o material recolhido em escavações mais recentes de Haltern³⁸.

Fora do âmbito germânico surgiria o trabalho clássico de Déchelette³⁹, de carácter enciclopédico, que focou o essencial do seu interesse nas produções decoradas⁴⁰. A este propósito, partindo dos dados disponíveis Knorr elaboraria a sua primeira síntese sobre as decorações da *terra sigillata* gálica⁴¹, ainda hoje de grande utilidade, mas que enferma do óbice de atribuição de estilos a oleiros com base nas marcas internas, dado

²⁷ Plínio-o-Velho, *Naturalis Historia*, XXXV, 160-161 *apud* G. Rizzo, 1998, p.799, nota 1.

²⁸ H. Dragendorff, 1895.

²⁹ B. Hoffman, 1986, p. 125-126 e 372-373.

³⁰ S. Loeschke, 1909.

³¹ Idem, 1939.

³² E. Ritterling, 1912.

³³ R. Knorr, 1905, 1910, 1912 e 1913.

³⁴ C. Albrecht *et al.*, 1938.

³⁵ E. Fölzer, 1913.

³⁶ W. Ludowici, 1927.

³⁷ A. Oxé, 1933.

³⁸ Idem, 1944.

³⁹ J. Déchelette, 1904.

⁴⁰ C. Bémont, 1986, p.13-14.

⁴¹ R. Knorr, 1919, com edição revista e ampliada em 1952.

desconhecer-se então que ao utilizador de moldes poderia não corresponder o artesanato que os havia elaborado.

Na primeira metade do século XX, o labor de August Oxé iria repercutir-se no espaço europeu e em particular na Península Ibérica, quando se referenciam pela primeira vez as produções hispânicas reveladas em Abella e Solsona⁴².

A morte do investigador alemão durante a II Grande Guerra iria interromper a preparação do seu grande *corpus* das “marcas de oleiro” dos fabricos itálicos, tarefa depois retomada e um pouco ampliada pelo americano Howard Comfort⁴³. De notar que Oxé afirmara que a obra estaria pronta a publicar mas foi objeto de intensa revisão editorial por Comfort, que se decidiu por uma publicação “*desatualizada*” e rápida, com a consciência de que algumas das propostas estariam já então ultrapassadas⁴⁴. A primeira edição, que surgiria somente em 1968, resultou na base fundamental de todos os estudos sobre impressões itálicas até à revisão atual, datada de 2000⁴⁵. É impressionante saber, também, que desde 1955 o estudioso americano se encontrava a coletar dados para um eventual suplemento, como estaria em 1990 a proceder a recolhas para o mesmo, sendo esta a data do seu falecimento⁴⁶.

Em 1911, no Reino Unido, Curle iria estudar monograficamente os dados relativos ao acampamento militar de Newstead⁴⁷, ampliando o âmbito geográfico de sítios bem balizados cronologicamente, que prosseguiria na Grã-Bretanha nas décadas seguintes.

Neste contexto, muito centrados nos problemas tipológicos e cronológicos associados aos vasos, Felix Oswald e David Price publicariam em 1920, através de uma editora de grande difusão, um outro grande manual de referência: *An Introduction to the study of Terra Sigillata treated from a chronological standpoint*⁴⁸. A obra beneficiou e deu a conhecer outros numerosos sítios insulares datados historicamente, com destaque para os relacionados com as campanhas cláudianas de conquista, as destruições de Boadiceia em 68 d.C., os da ripostação flávia e as iniciativas militares promovidas por Adriano e Antonino Pio, fundamentais para a percepção das cronologias de oleiros, tipos formais, ritmos e origens do aprovisionamento na *Britannia*.

⁴² A. Oxé, 1929.

⁴³ A. Oxé e H. Comfort, 1968.

⁴⁴ Idem, p.3.

⁴⁵ OCK.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ J. Curle, 1912.

⁴⁸ F. Oswald e D. Price, 1920.

Com uma atenção preferencial centrada na *terra sigillata* “provincial” gálica, Oswald e Price subdividiram-na em vários grupos: sudgálico ou ruteno, englobando os fabricos conhecidos à época de La Graufesenque, Montans e Banassac; centrogálico ou arvérnio, compreendendo os centros detetados em Lezoux, St. Rémy-en-Rollat, Lubié la Palisse e Vichy; estegálico, que incluía as olarias identificadas em Luxeuil, “olaria de Satto e Saturninus”, Heilingenberg, La Madeleine, Ittenweiler, Trèves, Rheinzabern, Lavoye, Les Allieux, Avocourt, Compiègne, Eschweilerhof, Blickweiler, Remagen, Sinzig, Vindonissa e Mandeure; trans-renano, que compreendia as produções de Heddernheim, Bregenz, Westerdorf e Kräherwald⁴⁹. O objetivo da obra, explícito no subtítulo, era o de definição cronológica. Procederam, por isso também a um reajustamento do faseamento antes avançado por Déchelette, propondo uma seriação em três períodos, mais detalhadamente desenvolvida para o primeiro grupo “provincial”: 40-75 d.C., 75-110 d.C. e pós 110 d.C.⁵⁰

Felix Oswald publicaria depois a sós o principal *corpus* utilizado genericamente pela investigação europeia sobre “marcas de oleiro” gálicas até finais do séc. XX, o *Index of Potters' Stamps on terra sigillata (Samian Ware)*, curiosamente “*published and hand-printed by the author*”⁵¹. Seguir-se-ia o seu *Index of Figure Types on Terra Sigillata (Samian Ware)*⁵², de óbvia utilidade mas que enfermava das mesmas condicionantes do trabalho de Knorr⁵³, que aliás não substituiu.

Em França, por seu turno, destacou-se do panorama dos estudos a obra de grande fôlego devotada ao grande centro ruteno de La Graufesenque pelo Abade Hermet⁵⁴, que inaugurou o estudo monográfico de centros oleiros produzido a partir dos achados verificados no local, com saliência para as peças decoradas e os róis/listagens de enformamento, e recolhas efetuadas noutros sítios, sobretudo os bem datados contextos do *limes* germânico⁵⁵.

Seria entre as duas “grandes guerras” que ficariam estabelecidas algumas das orientações especializadas de análise da *sigillata* que ainda hoje predominam: o estudo das marcas, das formas e das decorações produzidas a molde⁵⁶.

⁴⁹ Idem, p.11.

⁵⁰ Idem, p.13-38.

⁵¹ F. Oswald, 1931.

⁵² Idem, 1937.

⁵³ R. Knorr, 1919.

⁵⁴ A. Hermet, 1934.

⁵⁵ B. Hoffman, 1986, p.130.

⁵⁶ C. Bémont, 1986, p. 13-14.

Os momentos que antecedem no imediato a II Grande Guerra equivalem a um recrudescimento nas publicações, mas a dinâmica dos estudos seria rapidamente retomada após o conflito⁵⁷.

Assumiu neste domínio um importante o papel o recém-criado organismo estatal de investigação francês, o Centre National pour La Recherche Scientifique (C.N.R.S.) e a sua revista *Gallia*. Aí editaria Durand-Lefèbvre as “marcas” dos vasos originários do centro oleiro de Montans depositados no Museu de Toulouse⁵⁸.

Embora com antecedentes, existiu uma relação direta dos estudos com as consequências da II Grande Guerra. A reconstrução das cidades e outros territórios europeus afetados pelo conflito conduziu à recolha de numerosos vasos, suscitando o aparecimento de diversos estudos⁵⁹: sobre o sítio holandês de Valkenburg⁶⁰, Colchester⁶¹, *Margidunum*⁶², Leicester⁶³ e de N. Lamboglia sobre Vintimiglia, reportando os elementos da escavação de 1940⁶⁴. Outros locais importantes, bem datados historicamente, mas não afetados pelo conflito bélico, de igual forma foram alvo da atenção dos arqueólogos, caso do arqueossítio suíço de *Vindonissa*⁶⁵.

O período do pós-guerra beneficiou, por outro lado, do impulso da investigação dado pelo ceramólogo Howard Comfort, motivado pelas capacidades de datação desta classe cerâmica⁶⁶. Ao promover a criação, na década de '50 do século XX, da associação *Rei Cretariae Romanae Fautuores* (R.C.R.F.), o norte-americano patrocinou as condições para um maior intercâmbio da informação entre os investigadores das várias nacionalidades. Outra consequência indireta do aparecimento dos R.C.R.F., foi o de ter servido de inspiração para a criação, mais tardia mas em paralelo, de organizações similares em França e na Grã-Bretanha, como a *Société Française pour l'Étude de la Céramique Antique en Gaule* (S.F.E.C.A.G.), promovida por M. Lutz, C. Bémont, H. Vernet e A. Vernhet, mais recentemente, da *Society for the Roman Pottery Studies* (S.R.P.S.), faltando verificar se a similar *Ex Officina Hispana*, recém-criada no novo milénio vocacionada para a Península Ibérica, atinge sucesso comparável.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ M. Durand-Lefèbvre, 1948 *apud* B. Hoffman, 1986, p.132.

⁵⁹ Idem, p.135.

⁶⁰ W. Glasbergen, 1948.

⁶¹ C.M.C. Hawkes e M.R. Hull, 1947.

⁶² F. Oswald, 1948, 1952.

⁶³ K. Kenyon, 1948.

⁶⁴ N. Lamboglia, 1950.

⁶⁵ E. Ettlinger e C. Simonett, 1952.

⁶⁶ B. Hoffman, 1986, p.132.

Em 1958 o conhecimento dos produtores das oficinas de Lezoux foi objeto de tratamento monográfico por Stanfield e Simpson⁶⁷. Os autores basearam-se nos dados do *limes* britânico para o estabelecimento das cronologias dos oleiros deste importante centro estegálico, sem porém abordar os ativos ao longo do século I d.C.

Também no domínio do conhecimento dos fabricos hispanos, 1958 equivaleu a um ano importante, correspondendo à monografia de P. Atrián devotada ao descobrimento das oficinas de Bronchales⁶⁸ e, sobretudo, de M. Á. Mezquíriz sobre a escavação de Pamplona⁶⁹, marco até hoje fundamental para a definição das tipologias, cronologias e da evolução da produção hispana⁷⁰, com contributos na mesma altura de dados das escavações do *Decumanus A* de Ampúrias⁷¹.

M.Á. Mezquíriz Irujo culminaria este labor com a obra ainda hoje de referência dedicada às produções hispânicas setentrionais e meridionais⁷², lançando as bases sobre as quais assentam ainda hoje em boa parte os estudos tipológicos específicos⁷³. Poucos anos após esta síntese, surgiu em Marrocos a primeira monografia regional sobre “marcas de oleiro” hispânicas por Jean Boube⁷⁴. Nela se tratam especificamente as “marcas” mas abordam-se, de igual forma, outros aspetos mais diretamente relacionados com a matéria, dos detalhes morfológicos dos vasos produzidos às pastas e revestimentos, estabelecendo duas séries distintas de fabricos a partir de observações macroscópicas, depois assimiladas às produções meridionais e setentrionais hispanas.

Dos vários estudos publicados nos anos ´60 do séc. XX merece destaque a revisão do material de Neuss⁷⁵, onde Mary constatou a insuficiência das propostas de Oswald e se propôs a revisão das leituras e datações propostas para muitos dos oleiros sudgálicos.

Estas mesmas insuficiências que se faziam sentir em relação ao «*Index*» iriam motivar o arranque no Reino Unido, em 1963, de outra linha de investigação sobre o conjunto das “marcas de oleiro” gálicas, pela mão de Felicity Wild, Brenda Dickinson e Brian Hartley. Os três britânicos encetaram então a recolha intensiva das impressões, destinada à elaboração de um novo *corpus*⁷⁶. O trabalho de compilação partiu de alguns

⁶⁷ J.A. Stanfield e G. Simpson, 1958.

⁶⁸ P. Átrian Jordán, 1958.

⁶⁹ M.A. Mezquíriz Irujo, 1983.

⁷⁰ Vide intervenção oral de M. Sotomayor em M. Roca Roumens e M.I. Fernández García (Eds.), 1999, p. 9-10; J. Buxeda i Garrigós e F. Tuset i Bertrán, 1995.

⁷¹ Idem.

⁷² M.A. Mezquíriz Irujo, 1961.

⁷³ J. Buxeda i Garrigós e F. Tuset i Bertrán, 1995; M. Bustamante Álvarez, 2010.

⁷⁴ J. Boube, 1965, depois com sequelas: J. Boube, 1966 e 1968-1972.

⁷⁵ G.T. Mary, 1967.

⁷⁶ G. Dannell, 1998, p. xiv.

pressupostos metodologicamente inovadores na investigação sobre a epigrafia *sigillaria*: ao contrário de Oswald⁷⁷ e Knorr⁷⁸, que se fundaram no essencial na onomástica e nos textos das “marcas de oleiro”, os três investigadores ingleses citados fizeram incidir a sua especial atenção na grafia, desenho e estado de conservação da impressão, com a percepção de que a cada estampagem correspondia um punção e de que, a degradação deste seria patente nas “marcas”, o que encerraria um significado cronológico⁷⁹. Apesar de anunciado sucessivas vezes, o novo *corpus* iria ver a sua publicação ocorrer apenas a partir de 2009⁸⁰, estando em falta, no momento em que se escrevem estas linhas, dois dos nove volumes. Ainda assim, sucessivos trabalhos parcelares iriam dando a conhecer os dados⁸¹ depositados na Universidade de Leeds, do qual beneficiou largamente Marinus Polak nos seus estudos posteriores, hoje essenciais⁸².

Para os fabricos itálicos, 1968 seria um ano marcante. Nessa data sairia o trabalho de sistematização formal dos vasos lisos por Christian Goudineau⁸³, elaborado com base no estudo de um setor da escavação de Poggio Moscini (Bolsena), com estratos datados dos séculos I a.C. e I d.C., onde a *terra sigillata* era abundante. Experimentando as insuficiências das propostas anteriores, empreendeu o estudo *ex nouo* desta classe cerâmica⁸⁴ e produziu uma primeira periodização e uma nova tipologia mais pormenorizada em que articulava os dados das formas com as “marcas de oleiro”⁸⁵. Seria naquela data que apareceria igualmente o de há muito aguardado *Corpus Vasorum Arretinorum*, por Oxé e Comfort, onde mais uma vez se sublinha o predomínio da impressão sobre o texto, e o primado do punção sobre este⁸⁶, ao contrário dos *corpora* anteriores⁸⁷.

Outro desenvolvimento nesta época ocorreria nas proximidades de Lyon, nos inícios da década de 70 do séc. XX: o aparecimento do centro produtor de La Mulette de Montans⁸⁸. A atestação em solo gaulês de artesãos de origem itálica envolvidos na

⁷⁷ F. Oswald, 1931.

⁷⁸ R. Knorr, 1919.

⁷⁹ G. Dannell, 1998, p. xiv.

⁸⁰ NOTS, I.

⁸¹ Por exemplo, B. Hartley e B. Dickinson, 1993, 1998, 2001.

⁸² M. Polak, 1994, 1998 e 2000.

⁸³ C. Goudineau, 1968.

⁸⁴ G. Pucci, 1985, p. 373-374.

⁸⁵ C. Goudineau, 1968.

⁸⁶ A. Oxé e H. Comfort, 1968.

⁸⁷ F. Oswald e D. Price, 1920; R. Knorr, 1919; F. Oswald, 1931.

⁸⁸ M. Picon e J. Garmier, 1974; F. Widemann *et al.*, 1975; B. Hoffman e M. Picon, 1990-1991.

elaboração da *sigillata*, portadores dos respetivos instrumentos dali transportados, provocaria um impate sobre a interpretação das origens dos fabricos gálicos e inspiraria modelos de leitura difusionista do arranque dos fabricos similares noutras paragens, como forneceu também base aparentemente consistente para as leituras “modernistas” da história económica de Roma. Mas, mais do que estes aspetos, já de si altamente significativos, La Muette de Montans constituiu um caso exemplar de aplicação de técnicas laboratoriais de análise, arqueométricas, estabelecendo uma ruptura com as metodologias “tradicionais” de atribuição de proveniência até aí praticadas, baseadas em critérios como a dispersão, morfologia, decorações e as próprias “marcas de oleiro” patentes nos vasos⁸⁹. A confiança da investigação neste último parâmetro ver-se-ia profundamente fragilizada a partir de então, afirmando-se a arqueometria como parâmetro primordial neste domínio, multiplicando-se a partir daí as análises a “marcas de oleiro” para testar as atribuições até então praticadas⁹⁰.

Seria com a mesma base metodológica que, a partir dos inícios da década de 70 do séc. XX, se validaria a detecção de parte dos centros produtores de *sigillata* e de “imitações” mais antigos da Gália como Bram⁹¹, Jonquières-Saint-Saturnin⁹² e um centro não localizado da região de Narbonne⁹³.

A compulsão de repertórios de impressões coletadas em sítios onde as escavações procuraram um bom controlo estratigráfico fez-se sentir com acuidade naquela década, podendo ilustrar-se um leque vasto com os casos de *Glanum*, por Collete Bémont⁹⁴, ou *Conimbriga*⁹⁵.

Prosseguia, entretanto, a preparação do «*Index*» de Hartley e Dickinson atrás mencionado. Em 1975 o manuscrito atingiu 1 m de altura, mas estava bastante condicionado pela não concessão de acesso às colecções de Millau referentes a La Graufesenque⁹⁶. Ainda assim, o seu conteúdo metodológico e as novas datações iam aparecendo nas diversas publicações dos seus autores, em parceria ou isoladamente⁹⁷.

Na mesma década ocorreriam desenvolvimentos importantes no conhecimento da produção hispana de *sigillata*: anunciando a existência do centro de Los Villares-

⁸⁹ A. Bocquet e M. Picon, 1994.

⁹⁰ A título de exemplo, sobre os materiais de Haltern- S.V.Shurnbein, 1982.

⁹¹ M. Passelac, 1986a.

⁹² F. Laubenheimer e M. Albagnac, 1986.

⁹³ Y. Solier, M. e R. Sabrié, 1979; M. Passelac e R. Sabrié, 1986.

⁹⁴ C. Bémont, 1976.

⁹⁵ A. Alarcão, 1975a e 1975b; F. Mayet, 1975.

⁹⁶ G. Dannell, 1998, p. xiv.

⁹⁷ Conferir a extensa lista bibliográfica apresentada em M. Polak, 2000.

Andújar em 1971, no ano seguinte Manuel Sotomayor Muro procede às primeiras escavações no sítio⁹⁸; em La Rioja, Tomás Garabito e Solovera iniciam os seus trabalhos nas olarias de Trício, e M.A. Mezquíriz Irujo a investigação sobre Bezares, provocando à época esta simultaneidade de trabalhos, nos dois locais, atritos entre os investigadores⁹⁹.

Em 1978 T. Garabito publicou a segunda monografia de fôlego sobre a *terra sigillata* hispânica, devotada ao estudo das oficinas de La Rioja localizadas em Trício, Bezares e Arenzana de Arriba¹⁰⁰. Nele se trataram de forma detalhada as marcas identificadas nos sítios produtores, abordando a sua distribuição na Hispânia e Mauritânia Tingitana, bem como tendo-se apresentado tentativas de historiar as relações entre diferentes indivíduos identificados nas “marcas”¹⁰¹.

A realização em 1982, no Museo Arqueológico Nacional de Madrid, de uma reunião de especialistas dedicados ao estudo da *terra sigillata* hispânica¹⁰², estabeleceria as bases metodológicas ibéricas de estudo dos fabricos com esta origem, tendo M. A. Mezquíriz Irujo procedido à apresentação da revisão fundamentada das suas propostas de tipologia formal¹⁰³, inicialmente destinada à “*Enciclopedia Atlante*” que, por atrasos editoriais, acabou por sair apenas em 1985¹⁰⁴.

No ano seguinte publicaria Françoise Mayet a sua grande síntese sobre a *sigillata* hispânica¹⁰⁵. Com um sub-título que denuncia a intenção da obra, “*um contributo para a história económica da Península Ibérica*”, a investigadora Francesa abordou a epigrafia das “marcas” para tentar definir o enquadramento socioeconómico dos oleiros, aprofundou os aspetos de evolução tipo-morfológica e facultou o mais extenso elenco até então de impressões em fabricos hispanos, onde verteu as suas observações de material inédito oriundo de escavações e depositado em museus de Espanha e Portugal.

Na Hispânia a perspetiva sobre o panorama das olarias que terão laborado em Época Alto Imperial complexifica-se, surgindo evidências de fabricos mais ou menos limitados em Talavera de la Reina¹⁰⁶, em Málaga e seu aro (Cartuja, Albaicin, *Singilia*

⁹⁸ M. Sotomayor Muro *et al.*, 1999, p.19.

⁹⁹ Conf. T. Garabito Gómez, 1978, p.30, nota 15.

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ Idem, p. 289-338.

¹⁰² AAVV, 1983.

¹⁰³ M. A. Mezquíriz Irujo, 1983.

¹⁰⁴ Idem, 1985, p.99 e segs.

¹⁰⁵ F. Mayet, 1984.

¹⁰⁶ L.C. Juan Tovar, 1983.

Barba, Alameda)¹⁰⁷, Sabadell-Barcelona, Tarragona (Montroig e Ruidoms), Ercávica, Segóbriga, Bronchales, Abella, Solsona, Pamplona, Tiermes, Uxama e Liédana¹⁰⁸. Os dados que resultaram na identificação desta longa lista correspondem sobretudo a escavações ou a locais onde ocorreu o achado de moldes e/ou punções.

Seria também na mencionada «*Enciclopedia Atlante*» que Giuseppe Pucci procederia à apresentação da sua proposta de “catálogo de formas” da *sigillata* de modo itálico e tardo-itálica, confessando a incapacidade sentida de elaborar uma nova tipologia¹⁰⁹, pondo assim de manifesto a complexidade da matéria.

Em 1986 foi produzida uma síntese/”estado da questão” coletiva sobre a *terra sigillata* gálica alto-imperial, orientada para a apresentação dos centros produtores, respetivos produtos e relações¹¹⁰. Do seu conteúdo destacou-se, para além de alguns dados até então inéditos, os aspetos que fundamentam as relações mais ou menos estreitas entre os diferentes centros e a abordagem da organização socioeconómica das oficinas¹¹¹. Os mesmos temas “*em agenda*” seriam retomados em 1994, aquando da reunião da S.C.E.F.A.G. de Millau¹¹², posteriormente alvo de trabalhos dispersos de diversos autores¹¹³.

Ainda a instâncias de Howard Comfort, veiculadas durante uma reunião das R.C.R.F., o resultado final do trabalho conjunto de proeminentes investigadores germânicos, britânicos e italianos, como E.Ettlinger, Zabelicky-Scheffenegger, P.Kenrick, H.Wells e G.Pucci iria dar à estampa em 1990, sistematizando o essencial dos conhecimentos sobre morfologia dos vasos itálicos, obra de base na definição tipológica e datação dos vasos fabricados em modo itálico¹¹⁴.

Em 1999, e depois de um curso na Universidade de Granada que lhe serviu de prelúdio, foi promovida uma reunião somente dedicada às diversas produções de *sigillata* e afins ocorridas na Hispânia, em homenagem a M.A. Mezquíriz¹¹⁵. Carlos e Maria P. Sáenz Preciado abordariam aqui de forma mais ampla a listagem e difusão das impressões presentes em vasos de fabrico setentrional hispano¹¹⁶, do repertório de

¹⁰⁷ M.A. Mezquíriz Irujo, 1985; E. Serrano Ramos, 1991 e 1999.

¹⁰⁸ AAVV, 1983; M.A. Mezquíriz Irujo, 1985.

¹⁰⁹ G. Pucci, 1985.

¹¹⁰ *Daf.*

¹¹¹ G. Marichal, 1986, depois retomado com outro fôlego na sua monografia de 1988. Como também J.-P. Jacob e H. Leredde, 1986.

¹¹² A. Mees, 1994; M. Polak, 1994; F. Bet *et al.*, 1994; E. Ebnöther *et al.* 1994.

¹¹³ M. Polak, 1998, 2000; G. Dannell, 2002; G. Fülle, 2007; M. Genin (Ed.), 2007.

¹¹⁴ *Conspetus*.

¹¹⁵ M. Roca Roumens e M. I. Fernández García (Eds.), 1999.

¹¹⁶ C. e M.P. Sáenz Preciado, 1999.

oleiros construiu-se uma listagem extensa e as formas dos vasos apresentadas em tabelas, atualizando ligeiramente as anteriores propostas de Mezquíriz.

Marinus Rien Polak publicaria em 2000 uma versão da sua dissertação de doutoramento intitulada *South Gaulish Potter's Stamps from Vechten*, através dos suplementos dos R.C.R.F.¹¹⁷ Nela este investigador holandês segue de perto as metodologias de tratamento das “marcas de oleiro” preconizadas por Harley e Dickinson, introduzindo uma opção de utilizar em exclusivo contextos datados externamente, isto é, onde a cronologia é definida em função de referências historicamente bem situadas (fundações e abandonos de sítios militares, de edifícios cuja cronologia é fixada através de texto ou epigrafia, eventos como os relacionados com a revolta britânica de Boadiceia, naufrágios, sepulturas ou contextos selados de produção de centros oleiros) de maneira a evitar a argumentação circular, isto é, os sítios onde a *sigillata* data o contexto e vice-versa. Graças a este tipo de abordagem, Polak reviu e aferiu uma parte da informação constante do labor produzido pelos dois investigadores britânicos mencionados, proporcionando a mais moderna obra de referência sobre as impressões gálicas rutenas.

Refletindo a importância crescente dos meios informáticos no âmbito da Arqueologia Romana, área disciplinar forçada a manusear grandes volumes de informação, a nova edição do *Corpus Vasorum Arretinorum* iria dar à estampa também em 2000, onde se reviram todos os dados constantes da edição anterior elaborada por Oxé e Comfort, e procurou atualizar com outros mais recentes e repertoriar novas impressões entretanto surgidas, acompanhado de um CD-ROM onde Phillip Kenrick disponibiliza a sua base de dados onde se repertoriam 36219 vasos analisados. Aparte a obra demonstrar um menor conhecimento dos dados referentes a alguns espaços geográficos, onde o atual território português avulta como um dos casos¹¹⁸, numa simultaneidade de entendimento metodológico já verificado para as “marcas de oleiro” gálicas Kenrick adoptou a opção metodológica de considerar genericamente tempos de vida máximos de 30 anos para o uso de um punção.

A investigação no novo milénio prosseguiria a compulsão dos dados resultantes quer da revisão de antigas colecções, quer dos revelados por novos trabalhos, parte das quais acessível em formato digital, conformando um rico e volumoso acervo que obriga

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ Dado constarem somente os dados relativos a “*Alcácer-do-Sal, Alcoutim, Aljustrel, Braga, Briteiros, Conimbriga, Egitânia, Lezíria, Longos-Vales, Mértola, Milreu, Miróbriga, Tavira e Troia de Setúbal*”- Conf. OCK-CD.

a uma mais apertada seletividade no âmbito do esboço de síntese presente. Do conjunto destacaríamos, em primeiro lugar, o primeiro estudo compreensivo sobre a *terra sigillata* a uma escala provincial, da *Britannia*, elaborado por Stephen Willis¹¹⁹. Num modelo de texto digital, o britânico aflora apenas muito marginalmente as “marcas de oleiro”, mas disponibiliza um balanço global das ocorrências ao longo de quatro séculos de dominação romana da Grã-Bretanha, encerrando o maior interesse ao tratar aspetos metodológicos ausentes da maioria dos trabalhos de grande fôlego, nomeadamente os enquadramentos sociais de consumo e os múltiplos significados da verificação da sobrevivência dos recipientes no registo arqueológico ao longo de lapsos de tempo alargados¹²⁰.

Duas grandes obras viriam a surgir também após 2000: em 2003 o repertório de vasos decorados Drag.29 produzidos em La Graufesenque¹²¹, provando a capacidade da comunidade de especialistas europeus de diversas nacionalidades de concertar os esforços da investigação, e em 2007 a monografia em dois volumes sobre La Graufesenque, dirigidos respetivamente por Daniel Schaad, a propósito do assentamento e seu entorno, e Martine Genin, sobre a produção lisa¹²².

No primeiro caso, a extensa obra reflete a linha de análise desenvolvida sobretudo por B.Hartley, G.Dannell e Allard Mees ao longo de mais de duas décadas¹²³, procurando relacionar toda a panóplia de dados vinculados aos vasos decorados (informações relativas a oleiros, “marcas” internas e intra-decorativas, moldes assinados, punções, gramáticas decorativas e difusão espacial) com cronologia e, o que é mais relevante, circuitos específicos a determinados artesãos e mercados, elaborada no essencial com os dados dos sítios mais setentrionais do Império, destino privilegiado dos vasos como mostra o volume de ocorrências, por isso gerador de uma visão implicitamente incompleta.

A extensa monografia sobre La Graufesenque disponibiliza, pela primeira vez e de forma abrangente, os dados contextuais do local e a caracterização da longa e média distância territorial, matérias indispensáveis para uma correta avaliação dos perfis

¹¹⁹ S. Willis, 2005.

¹²⁰ O primeiro dos temas já havia sido tratado em diversas outras ocasiões, como por exemplo T.Pauli-Gabi e C.Meyer-Freuler, 1999. A sobrevivência a uso dos vasos em *terra sigillata* foi mais extensamente abordada depois por Colin Wallace (2006).

¹²¹ G. Dannell *et al.*, 2003.

¹²² D. Schaad (dir.), 2007; M. Genin (dir.), 2007.

¹²³ A. Mees, 1994, 1995, 2002, 2005, 2007, e 2011, trabalhos mais destacados, de uma lista mais vasta do autor.

socioeconómicos dos produtores, como da forma como se implantou no terreno a exploração dos recursos e o transporte e primeira circulação dos vasos¹²⁴.

Numa opção porventura cúmplice com o aparecimento em data anterior da outra monografia mencionada antes, o segundo volume de *La Graufesenque* dedicou-se em exclusivo às produções lisas. Sob a direcção de M. Genin sete contextos foram eleitos para ser sujeitos a análise detalhada¹²⁵, compondo um espectro cronológico que abarcou desde as primeiras elaborações augusteas até às da primeira metade do séc. II d.C. As “marcas de oleiro” foram tratadas monograficamente e objeto de apreciação crítica global tendo permitido, com base sólida, desmentir o entendimento até então dominante de tendência de perda do hábito epigráfico verificada nos finais do séc. I d.C.

Avultam, contudo, limitações de monta à utilidade da obra. No que concerne às impressões, estas foram transmitidas somente por desenho, o que não constituiria óbice de maior não fosse as representações gráficas serem altamente simplificadas, colocando desta forma dificuldades, por vezes inultrapassáveis no estabelecimento de paralelos.

Maior relevância assume um outro aspeto que transparece do texto. Sabendo-se de antemão que os fabricos em La Graufesenque não haviam cessado com o fim da grande exportação para as províncias ocidentais do Império Romano, grosso modo situável cerca de 100-120 d.C., altura a partir da qual os vasos se circunscrevem a uma difusão quase somente regional, os autores esforçam-se por comprovar que os contextos selados mais recentes atingem datações bem mais baixas do que o suposto até então, caso do “*Grand-Four*”¹²⁶. Não se querendo discutir aqui a validade desta asserção, o fundamento metodológico sobre o qual assenta está viciado à partida, na medida em que as evidências às quais se recorreu para a suportar, quase somente francesas, correspondem a contextos que datam a *sigillata* onde as cronologias foram aferidas a partir dos vasos, exercício de argumentação circular de evitar, como advoga, entre outros, Marinus Polak¹²⁷. A singular escolha de casos utilizados no referido estabelecimento de paralelos deverá encerrar motivações mais profundas, possivelmente relacionadas com tensões entre a comunidade científica que se dedica a estas temáticas, facilmente constatável de igual maneira nas escolhas dos locais do mundo romano utilizados para aferir da difusão dos produtos assinados pelos oleiros

¹²⁴ D. Schaad (dir.), 2007.

¹²⁵ Mencionados quase no seu conjunto por A.Bourgeois e F. Mayet (1991), mas nunca analisados na sua totalidade, seriam completados depois pela publicação referente aos mais antigos na homenagem a Bettina Hofmann- M. Genin e A.Vernhet (dir.), 2002.

¹²⁶ “*Contexte 7*”- Conf. M. Genin (dir.), 2007.

¹²⁷ M. Polak, 2000.

rutenos na obra, onde surpreende a ausência de sítios britânicos e germânicos, excepção feita a Vechten¹²⁸.

Como já se havia feito menção, em 2009 iniciou-se a publicação do longo labor de Brian Hartley e Brenda Dickinson, o *Names of Potters on Terra Sigillata*¹²⁹. Para além de tornar agora disponível a um público mais vasto o novo *corpus*, a edição do NOTS foi seguida de um acordo entre a University College of London e o Römisch-Germanisches Zentralmuseum de Mainz, onde ficou sediada uma base de dados com diferentes níveis de acesso aos quais o utilizador pode aceder *on-line*, contendo, para além de outros dados, a informação quer do NOTS quer dos mais atuais desenvolvimentos da investigação sobre vasos decorados feita sob a direcção do museu, articulada com um sistema de informação geográfica que permite visualizar a difusão dos oleiros¹³⁰.

Allard Mees iria dedicar em 2011 um volume a uma das principais problemáticas no âmbito da difusão dos centros de fabrico da Itália para as Gálias¹³¹: empregando metodologias estatísticas sobre as quais faz assentar os critérios de distinção entre mercados principais e secundários para determinados fabricos itálicos de Arezzo, Pisa e Lyon, e analisando, segundo os mesmos enunciados, as elaborações sudgálicas iniciais de Bram, Narbonne, Vienne, Montans, La Graufesenque e Banassac, procura demonstrar como a transferência de tecnologias manufatureiras oleiras da Península Itálica para as Gálias se revelou decisiva para a conquista dos mercados galo-germânicos e panónios. Porventura a obra peca pelo carácter muito lacunar da atenção dedicada à informação hispânica, aspeto que pode inquinar a análise de base matemática e as conclusões daí retiradas.

A última referência no âmbito dos desenvolvimentos mais recentes da investigação sobre a *terra sigillata* é feita em relação ao caso peninsular, do estudo constante da dissertação de doutoramento de Macarena Bustamante Álvarez, datado de 2010¹³². Beneficando da extraordinária qualidade informativa dos contextos selados sucessivos detetados nas lixeiras suburbanas da Calle Almendralejo n.º41, em Mérida,

¹²⁸ M. Genin (dir.), 2007, p. 293-298.

¹²⁹ NOTS. Com atualizações pela mão de Geoffrey Dannell, Michael Fulford, Allard Mees, Paul Tyers e Rosemary Wilkinson.

¹³⁰ Elaborada num ambiente de pouco detalhe, permite uma visualização rápida das ocorrências aos utilizadores com o nível do signatário- *administrador de direitos limitados*.

¹³¹ A. Mees, 2011.

¹³² M. Bustamante Álvarez, 2010.

em muitos aspetos o trabalho vai bastante mais além da intenção de “*valoración tipocronológica*” da *sigillata* hispânica patente no seu subtítulo.

Denunciando a realidade do vasto universo material estudado, onde os fabricos setentrionais se apresentam como largamente maioritários, é de salientar a autora não se ter eximido de evidenciar as contradições do registo arqueológico face às cronologias supostas para as elaborações cerâmicas, quer no que respeita aos fabricos do grande centro de La Rioja, quer para o correspondente meridional, Andújar, concluindo por uma datação seguramente Flávia para o período de grande difusão de ambos, embora de forma menos veemente para os segundos por não dispor do mesmo manancial quantitativo¹³³.

No que respeita às “marcas de oleiro”, Macarena Bustamante Álvarez compulsou 565 impressões do ponto arqueológico emeritense, tendo-as enquadrado na respetiva unidade estratigráfica e assim fixado cronologias contextuais precisas para 60 fabricantes¹³⁴. A incidência do seu labor é mais ampla, na medida em que possibilita colocar em relação a evolução que estabeleceu para os tipos morfológicos com outras “marcas” não atestadas na Calle Almendralejo. As impressões do sítio foram afortunadamente apresentadas também com fotografia digital, dada a qualidade inferior dos desenhos, facultando o fácil estabelecimento da comparação entre exemplares.

Por fim, a investigadora gaditana inspirou-se no modelo de apresentação antes avançado por Mayet para a elaboração de um novo *corpus*¹³⁵, que produziu de forma ampliada e que procurou atualizado, muito embora se revele claramente lacunar em relação aos novos elementos aportados pela mais recente investigação portuguesa.

Com palavras finais no presente capítulo, e para além da aplicação de métodos de registo das impressões com base em tecnologia óptica, ainda num estágio de desenvolvimento incipiente¹³⁶, o exemplo da base de Mainz deverá vir a servir de modelo inspirador a similares formas alargadas de colaboração internacional, entrevedo-se as plataformas informáticas como os futuros espaços privilegiados de divulgação da informação sobre as “marcas de oleiro” na *terra sigillata*.

¹³³ Neste particular serve-se dos casos de contextos selados cordoveses e de *Baelo Claudia*, onde supostamente a *sigillata* jienense chegaria sem dificuldade, para pôr de manifesto a sua ausência em cronologias cláudio-neronianas- Conf. Idem- p.748 e segs.

¹³⁴ Idem, vide quadro de síntese da proposta- p. 759, Figura 331.

¹³⁵ Idem, p. 466-666.

¹³⁶ Refira-se que o registo das decorações tenderá, no futuro, a ser elaborado com o recurso a este tipo de instrumentos, já aplicado em relação à *terra sigillata* gálica decorada- Conf. G. Dannel *et al.*, 2003.

4.2. Os estudos sobre “*marcas de oleiro*” na *terra sigillata* em Portugal.

A mais antiga referência conhecida a uma “marca de oleiro” na *terra sigillata* de Portugal, embora sem indicação do local onde foi coletada, menciona um texto de *Licinus* de La Graufesenque e consta de um manuscrito redigido talvez ainda no final do séc. XVIII por José Cornide de Folgueira y Saavedra, onde o antiquário e espião espanhol reuniu diversas impressões de Sevilha, Carmona, Córdoba e Sagunto, hoje conservado na Real Academia de la História, em Madrid¹³⁷.

Com os trabalhos de preparação do volume II do *Corpus Inscriptionum Latinarum* e *Supplementum* respetivo dedicados à Hispânia, Emílio Hübner iria reunir 33 textos figlinários oriundos de sítios e museus nacionais¹³⁸, não parecendo ter havido um esforço sistemático na procura deste tipo de elementos, merecendo destaque os de Briteiros que lhe foram facultados por Francisco Martins Sarmento e os que depois seriam referidos por José Leite de Vasconcelos em esparsas notas em «*O Arqueólogo Português*»¹³⁹, com especial atenção a exemplares do Museu Municipal de Alcácer do Sal.

Seria Rui de Serpa Pinto a inaugurar em 1929 os estudos específicos sobre *terra sigillata* e “*marcas de oleiro*” em Portugal, tratando achados efetuados no âmbito da «*Cultura Castreja*» do NO Peninsular¹⁴⁰. O investigador nortenho evidenciou uma atualização face às correntes mais recentes da investigação, denotada pelo uso do termo mais moderno *terra sigillata*, criado em 1895 por Dragendorff, em detrimento da expressão mais clássica e então corrente nos estudos portugueses, de *vasos samianos*¹⁴¹. A classe cerâmica mereceu-lhe uma atenção peculiar que transparece também nos manuscritos de sua autoria, mas o seu falecimento prematuro iria impedi-lo de publicar outros trabalhos preparados sobre a matéria¹⁴².

Pela mão de Mário Cardoso iriam ser dados a conhecer em 1948 exemplares em *terra sigillata* coletados ao longo das sucessivas campanhas de escavação em

¹³⁷ José Cornide de Folgueira y Saavedra, «*Notic.^a de alg.^a inscripciones halladas en varias piezas de barro como notas de taller en que se fueran grabados con nombres geográficos españoles*» (Real Academia de la Historia CAISE/9/3931/21).

¹³⁸ J.M. B.Oleiro, 1951, p.7. Há a acrescentar a esta menção que a cedência de elementos constavam igualmente fotos de F.Martins Sarmento, cujo conhecimento nos foi trazido por Carlos Fabião aquando da arguição desta dissertação, e a quem aqui se agradece a referência.

¹³⁹ R.B. Silva, 2005, p.64..

¹⁴⁰ R.S. Pinto, 1929, p.22.

¹⁴¹ J.M. B.Oleiro, 1950, p.225.

¹⁴² C.A.F. Almeida, 1971; A.B. Gonçalves, 1989.

Briteiros¹⁴³.

Vinte anos depois do trabalho pioneiro de Serpa Pinto iria surgir nova publicação específica sobre uma peça marcada, pelo Padre Eugénio Jalhay, oriunda também de um povoado nortenho, a Citânia de Sanfins¹⁴⁴.

João Manuel Bairrão Oleiro, neste mesmo ano, iria contatar em Ampúrias com Martín Almagro e, sobretudo, Nino Lamboglia, despontando-lhe o interesse sobre o tema. Seria nessa sequência que iria apresentar em 1950 o primeiro *corpus* de marcas em *terra sigillata* sudgálica encontradas em Portugal, em comunicação ao «VI Congreso de Arqueología del Sudeste (Alcoy)». Compunham esta primeira versão 42 marcas atribuídas a 34 oleiros (das quais duas com oleiros associados), distribuídas por 14 sítios e dois museus onde estavam depositados exemplares sem indicação de proveniência¹⁴⁵.

Dever-se-ia a Bairrão Oleiro o contributo mais marcante para a investigação portuguesa sobre as impressões na *sigillata*¹⁴⁶, dando início à sistematização, elaboração de repertórios e à produção de leituras sobre o significado da presença dos diferentes fabricos no território português. Pela primeira vez teceram-se considerações sobre a importação dos vasos e sobre a hipótese da sua elaboração na Lusitânia ocidental. Publicada em 1951, apresentando fotografias de qualidade de algumas das espécies, a segunda versão do *corpus* englobou também os fabricos itálicos e hispânicos, reunindo 97 exemplares atribuíveis a 59 oleiros distintos, provenientes de 20 arqueossítios de norte a sul do país, e onde se faz referência à existência de outros textos que manteve em estudo, cerca de 40, que aguardavam a sua decifração e correta atribuição¹⁴⁷.

Oleiro procederia ainda em 1956, em colaboração com Abel Viana e Fernando Nunes Ribeiro, à apresentação de uma comunicação ao “23.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências” sobre um conjunto diversos de materiais, incluindo cerâmica campaniense, paredes finas, vidro e ânforas e uma selecção de “marcas” de *sigillata* coletados na *uilla* de Lobeira Grande (equivalente a Represas, Beja)¹⁴⁸. Circunstâncias concretas da vida do investigador fizeram-no depois derivar para outras temáticas da Antiguidade, pelo que os seus trabalhos sobre as impressões na *sigillata*

¹⁴³ M. Cardoso, 1948, p. 40-45.

¹⁴⁴ E. Jalhay, 1949.

¹⁴⁵ J.M.B. Oleiro, 1950.

¹⁴⁶ Idem, 1951.

¹⁴⁷ Idem, p.29.

¹⁴⁸ J. M.B. Oleiro, A. Viana e F.N. Ribeiro, 1957.

não tiveram sequência.

Em 1958-1959 foi publicado o estudo de Nunes Ribeiro sobre a colecção de impressões em *terra sigillata* de Represas, designação equivalente à herdade da Lobeira Grande¹⁴⁹. Em duas partes de um mesmo trabalho, o médico e arqueólogo pacense revelou um número muito superior ao total conhecido até então em Portugal, acrescentando 121 impressões do local ao *corpus* disponível, resultado surpreendente das sucessivas coletas por ele executadas à superfície no local, o que mais tarde foi alvo de reapreciação crítica por Maria da Conceição Lopes¹⁵⁰. Refletindo a influência de Oleiro, Ribeiro apresentou o aspeto metodológico relevante de anexar boas fotografias de todas as marcas estudadas e de referenciar a morfologia do vaso, quando identificável com segurança. O seu interesse continuou, porém, muito centrado nos aspetos mais estritamente epigráficos.

Também em 1958, Manuel Farinha dos Santos elaboraria a sua episódica incursão na matéria, com a sua dissertação de licenciatura sobre a *terra sigillata* em Portugal¹⁵¹.

Por coincidência, seria no mesmo mesmo ano que Adília Alarcão inauguraria os seus trabalhos sobre a *terra sigillata*, versando as produções hispânicas depositadas em museus do Norte do país¹⁵². Seguir-se-ia uma série de publicações suas ao longo das décadas de 1960 e 1970, compulsando conjuntos provenientes de escavações com Jorge de Alarcão¹⁵³ ou integrando colecções de museus¹⁵⁴. A sua investigação beneficiou, como a própria afirma, do início das “*escavações metódicas em Conimbriga*” em 1962¹⁵⁵ e também do início da publicação da revista «*Conimbriga*», que assumiu um importante papel dinamizador e de revitalização no âmbito dos estudos de Arqueologia Clássica em Portugal.

Apesar dos trabalhos pontuais coevos promovidos por outros investigadores, como por exemplo Octávio da Veiga Ferreira e Rui Freire de Andrade¹⁵⁶, Adília Alarcão evidenciou um nível de cuidado muito superior no tratamento das marcas: a

¹⁴⁹ F.N. Ribeiro, 1959.

¹⁵⁰ M.C. Lopes, 1994.

¹⁵¹ M.F. Santos, 1958. Carlos Fabião veiculou, durante a arguição desta dissertação, a razão que justificará o interesse de Farinha dos Santos pela matéria, pois terá tido como tarefa o acompanhamento de Howard Comfort nas suas investigações sobre a *terra sigillata* do Museu de Belém, de que saiu aliás uma curta notícia no primeiro volume da revista *Conimbriga*.

¹⁵² A. Alarcão, 1958.

¹⁵³ A. e J. Alarcão, 1966a e 1966b.

¹⁵⁴ A. Alarcão, 1961 e 1970.

¹⁵⁵ A. Alarcão, 1971, p.421.

¹⁵⁶ O.V. Ferreira e R.F. Andrade, 1964.

correção da transcrição e leitura epigráfica; a análise tecnológica; o desenho arqueológico, com uma ilustração frequente, de grande qualidade e detalhe; a sistematização da linguagem descritiva empregue; a maior amplitude da bibliografia utilizada. Consequentemente, os trabalhos de A. Alarcão proporcionaram uma visão mais fina da cronologia, das características e da evolução formal das produções.

Pela mão de Adília Alarcão se apresentou, em 1970, a primeira síntese sobre a *sigillata* itálica em Portugal¹⁵⁷. Para além dos aspetos de carácter metodológico e formal, ou da maior vastidão e profundidade na recolha de informação, tendo conseguido reunir 126 marcas legíveis e ilustrado 63, possuía a intenção declarada de proporcionar um primeiro panorama sobre os ritmos de importação itálicos no território português, inexistente até então¹⁵⁸. Em função do objetivo que enunciou, dedicou uma atenção pormenorizada às marcas repertoriadas, ocupando estas boa parte da publicação, com uma preocupação na definição da origem dos centros produtores que beneficiou das publicações, ocorridas em 1968, das obras de Christian Goudineau e de Oxé e Comfort¹⁵⁹.

As várias publicações de Adília Alarcão sobre *sigillata*, como as de sua autoria que versavam lucernas, as de Jorge de Alarcão sobre vidros romanos, Manuela Delgado sobre *sigillata* africana clara ou as de Françoise Mayet, num caso especificamente dedicado às “marcas de oleiro” sobre *terra sigillata* hispânica¹⁶⁰, parecem ter obedecido a uma estratégia que visava o enquadramento das diferentes classes de artefatos obtidas pelas escavações Luso-Francesas de Conímbriga.

Como corolário, no que à *sigillata* se refere, o volume IV das «*Fouilles de Conimbriga*» conteria os estudos das produções itálica e sudgálica por A. Alarcão¹⁶¹, hispânica por Françoise Mayet¹⁶² e clara africana por Manuela Delgado¹⁶³. O volume terá sido enriquecido com os resultados da mesa-redonda «*A Propos des Céramiques de Conimbriga*» realizada um pouco antes da sua publicação, em Março de 1975¹⁶⁴. Os dados foram ali sujeitos à crítica, tendo sido apresentadas as sínteses complementadas com os dados resultantes das campanhas de escavação antigas e apreciadas por um conjunto de ceramólogos que reunia a maioria dos mais proeminentes investigadores

¹⁵⁷ A. Alarcão, 1971.

¹⁵⁸ Idem, p.421-429.

¹⁵⁹ C. Goudineau, 1968; A. Oxé e H. Comfort, 1968- conf. Idem, p.422.

¹⁶⁰ F. Mayet, 1973.

¹⁶¹ A. Alarcão, 1975a e 1975b.

¹⁶² F. Mayet, 1975.

¹⁶³ M. Delgado, 1975.

¹⁶⁴ AAVV, 1975.

sobre a matéria, sendo interessante notar a total ausência dos de nacionalidade alemã. Com uma clara intenção de internacionalização dos “*saberes produzidos*”, os volumes das «*Fouilles*» apresentaram um modelo de tratamento da informação que inspiraria muitos dos trabalhos de investigação que se lhe seguiram, sempre de menor fôlego.

Seria neste contexto cronológico que foi elaborada a primeira síntese geral sobre “marcas de oleiro” em território português, correspondente à dissertação de licenciatura em História de Seomara Luzia Bastos [Veiga] Ferreira¹⁶⁵, de que foi posteriormente publicada uma versão reduzida¹⁶⁶. Este novo *corpus* encerrava limitações importantes, sobretudo a nível conceptual: ao tratar em conjunto todo o tipo de marcas sobre suportes cerâmicos que conseguiu repertoriar, abordou gravações e impressões que dificilmente se poderão relacionar com oleiros¹⁶⁷, tendo ultrapassado a amplitude admitida para o tema. Esta orientação condicionou os resultados atingidos pela síntese, onde boa parte resvalou para questões nos domínios da história das religiões.

Apesar das fragilidades apontadas e de, à semelhança dos trabalhos anteriores a A. Alarcão, enfermar das mesmas limitações metodológicas, onde a falta de ilustração e de descrição formal dos suportes das marcas são exemplos, a «*Dissertação*» de Seomara da Veiga Ferreira apresenta a vantagem de tratar de um conjunto importante até então desconhecido, conservado no Museu Nacional de Arqueologia, acompanhado de ilustrações de boa qualidade dos exemplares¹⁶⁸. Ultrapassado pela investigação posterior, constituiu ainda assim um *corpus* mais amplo que o de Bairrão Oleiro, com um índice específico para as marcas em *sigillata* que terá sido útil para a construção dos *corpora* sobre território português que se lhe seguiram.

Também com origem na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1971 Maria Garcia Pereira Maia produziu a sua dissertação de licenciatura em História sobre a *sigillata* de Tróia¹⁶⁹, que deu início à sua série de estudos sobre a matéria, abordando exemplares do *castellum* de Manuel Galo (Mértola)¹⁷⁰, Miróbriga¹⁷¹ e da própria Tróia¹⁷². O primeiro estudo, académico, não tem sido suficientemente valorizado. Apesar das limitações na abordagem ceramológica, em parte derivadas da dificuldade de acesso à bibliografia que menciona, Maria Maia construiu o primeiro

¹⁶⁵ S.L.B.V. Ferreira, 1969a.

¹⁶⁶ Idem, 1969b.

¹⁶⁷ Idem, 1969a, p.146-155.

¹⁶⁸ Idem, Est. I a V.

¹⁶⁹ M.G.P. Maia, 1971a.

¹⁷⁰ Idem, 1974a.

¹⁷¹ Idem, 1971b.

¹⁷² Idem, 1974c, 1974d, 1977a e 1977b.

trabalho português onde se privilegiou a informação contextual e estratigráfica, seleccionando o conjunto proveniente de alguns dos setores escavados (fábrica de salga, termas- talhões NE e SE, tanque R.22, embora tratando também de outro espólio sem indicação de proveniência), com consequências para o conhecimento da diacronia do sítio.

Nessa sequência, há a destacar as publicações específicas da *sigillata* de sítios objeto de escavações recentes, como seja o caso de Miróbriga ou de Alcácer do Sal¹⁷³ ou enquadrados em estudos de sítios, como por exemplo a necrópole de Santo André (Montargil)¹⁷⁴.

Em 1980 Dias Diogo procedeu à elaboração no âmbito académico da Faculdade de Letras de Lisboa de dois *corpora* de marcas em *sigillata*, respetivamente itálica¹⁷⁵ e sudgálica¹⁷⁶. De uma óbvia utilidade, foram elaborados com uma base estritamente bibliográfica, de forma que aparenta ser exaustiva. Contudo, não se verificou a observação/revisão dos exemplares coletados, o que condicionou os resultados.

Em 1984, estes *corpora* tiveram como consequência a elaboração da primeira síntese portuguesa sobre história económica onde se procurou definir em paralelo os ritmos de importação da *sigillata* itálica e sudgálica¹⁷⁷. Um ano depois, saíria em Espanha com o mesmo conteúdo, numa perspetiva de internacionalização¹⁷⁸.

O conhecimento sobre a *terra sigillata* hispânica, que alguns avanços *Conimbriga* havia proporcionado, sofreria um novo impulso graças às duas sistematizações de referência elaboradas por Françoise Mayet¹⁷⁹ e por Maria de los Ángeles Mezquíriz Irujo¹⁸⁰.

Embora não incidindo especificamente sobre território português, incorporaram os progressos produzidos no domínio do estudo deste grupo verificados na década anterior, nomeadamente os que se referem ao melhor conhecimento dos grandes centros produtores, de alguns dos centros receptores e as exposições apresentadas à «*mesa-redonda*» sobre o tema ocorrida em 1983 em Madrid¹⁸¹, construindo os primeiros amplos *corpora* de impressões hispânicas, seguindo os princípios metodológicos que se

¹⁷³ L.F. Dias, 1977 e 1978.

¹⁷⁴ J.U.S. Nolen e L.F. Dias, 1981.

¹⁷⁵ A.M.D. Diogo, 1980b.

¹⁷⁶ Idem, 1980a.

¹⁷⁷ Idem, 1984.

¹⁷⁸ Idem, 1985.

¹⁷⁹ F. Mayet, 1984.

¹⁸⁰ M.Á. Mezquiriz Irujo, 1985.

¹⁸¹ AAVV, 1983; J. Buxeda i Garrigós e F.Tuset i Bertrán, 1995, p. 182.

havia exposto na aludida reunião na capital espanhola.

Prosseguiu em Portugal, e de forma específica, a compulsão de marcas encontradas, destacando-se a este propósito dois sítios urbanos, Alcácer do Sal¹⁸² e Braga¹⁸³.

Em 1994, Conceição Lopes publicou o trabalho sobre a *terra sigillata* de Represas¹⁸⁴. A investigadora conimbricense reviu sistematicamente todos os fragmentos, do qual só se conhecia a maioria das marcas, introduziu em Portugal a noção da conveniência da utilização de meios informáticos na abordagem de conjuntos daquela magnitude, que aliás permanece como o de maior expressão quantitativa conhecido até aquele momento. O estudo de Lopes aplicou as metodologias de avaliação quantitativa e de compreensão cronológica, diacrónica, empregues anteriormente sobre o material de *Conimbriga*¹⁸⁵ e *Baelo Claudia*¹⁸⁶, ensaiando a sua interpretação em termos de história económica¹⁸⁷. As “marcas” foram ainda assim um pouco relativizadas, pois como a própria autora transmite escusou-se ao seu tratamento integral por concordar com as propostas anteriormente apresentadas para os exemplares itálicos¹⁸⁸ e hispânicos¹⁸⁹, tendo procedido apenas à revisão das sudgálicas¹⁹⁰. Desta maneira, é necessário hoje recorrer às publicações mencionadas e ao trabalho inicial de Nunes Ribeiro¹⁹¹ para aceder às representações gráficas dos exemplares, permanecendo em falta a ilustração da maioria dos vasos que suporta a impressão, apesar de se dispor da indicação da classificação tipológica elaborada por Conceição Lopes.

Entretanto, outros elementos foram surgindo de forma dispersa, enquadrados em estudos de materiais provenientes de achados recentes¹⁹² ou de revisões de colecções depositadas em museus¹⁹³.

Destaca-se, de entre o conjunto deste tipo de publicações produzidas a partir da última década do séc. XX, as referentes às escavações da Ilha do Pessegueiro (Sines), pela construção de hipóteses explicativas dos ritmos da importação do sítio e da sua

¹⁸² J.C. Faria, A.M. D.Diogo e M. Ferreira, 1987.

¹⁸³ M. Delgado e V. Santos, 1984; M. Delgado, 1985.

¹⁸⁴ M.C. Lopes, 1994.

¹⁸⁵ A. Alarcão 1975a, 1975b; F. Mayet, 1975.

¹⁸⁶ F. Bourgeois e F. Mayet, 1991.

¹⁸⁷ M.C. Lopes, 1994, p.95-101.

¹⁸⁸ A. Alarcão, 1971.

¹⁸⁹ F. Mayet, 1984.

¹⁹⁰ M.C. Lopes, 1994, p.40.

¹⁹¹ F.N. Ribeiro, 1959.

¹⁹² Por exemplo: J.C. Faria, 1988; A.J. Quinteira, 1998.

¹⁹³ Por exemplo: A.M.D. Diogo e J.M. Costa, 1994; J. U.S. Nolen, 1994.

importância para a história económica do local¹⁹⁴, o trabalho de Pedro C. Carvalho, pela valoração da *sigillata* na caracterização da dinâmica crono-estratigráfica no âmbito do *forum* de Coimbra¹⁹⁵, de Conceição Lopes, Catarina Viegas e de Eurico Sepúlveda, que vêm salientando a ocorrência de produções minoritárias, respetivamente, gálicas de Montans, *sigillata* oriental A e tardo-italica no território português¹⁹⁶, de Teresa Pires de Carvalho, que tratou as marcas encontradas em Monte Mózinho¹⁹⁷ e de Rui Morais sobre a *terra sigillata* itálica e sudgálica de Braga, enquadrada por outra “cerâmica fina” dos momentos mais antigos do Império Romano¹⁹⁸.

Os trabalhos referenciados, porém, não apresentaram novidades nos procedimentos metodológicos adoptados quanto à exploração do significado económico dos vasos, seguindo os modelos previamente fixados em *Conimbriga*, *Baelo Claudia* e Represas (Beja). Representam, porém, o surgimento de uma nova geração de investigadores, a par de outros mais experimentados, com um contributo importante para o conhecimento da *terra sigillata* em território português.

Na viragem do milénio, sítios urbanos de Época Romana, três dos quais têm sido objeto de escavações continuadas bem controladas estratigraficamente, apresentaram os mais importantes avanços no conhecimento sobre os ritmos e tipo de difusão da *terra sigillata*: Santarém e Faro, por Catarina Viegas¹⁹⁹ e Chões Salgados-Miróbriga, por José Carlos Quaresma²⁰⁰. Nestes procurou-se tratar a informação segundo modelos quantitativos de há muito veiculados²⁰¹ e recomendados internacionalmente, nomeadamente, pelo «*Protocolo de Mont Beuvray*»²⁰².

As inovações introduzidas nas abordagens não se esgotam no tratamento quantitativo, o que é mais expressivo no caso de José Carlos Quaresma, pois o investigador aproveitou as sequências estratigráficas disponíveis para a avaliação dos ritmos de importação, cotejando-os com contextos datados coevos²⁰³.

Em datas mais próximas foram compulsados conjuntos relevantes como o lisboeta da Praça da Figueira²⁰⁴, *Balsa*, por Catarina Viegas²⁰⁵, e Braga, por Rui

¹⁹⁴ C.T. Silva e J. Soares, 1993.

¹⁹⁵ P.C. Carvalho, 1998.

¹⁹⁶ M.C. Lopes, 1989; C. Viegas, 2002, 2003; E. Sepúlveda, 1996.

¹⁹⁷ T.P. Carvalho, 1994, 1998a, 2002 e 2008.

¹⁹⁸ R. Morais, 1998.

¹⁹⁹ C. Viegas, 2001, 2002, 2003.

²⁰⁰ J.C. Quaresma, 1999, 2002.

²⁰¹ C. Orton, 1980; C. Orton, P. Tyers e A. Biers, 1997.

²⁰² P. Arcelin e J. Tuffreau-Libre (Eds.), 1998, p. 141-157.

²⁰³ J.C. Quaresma, 2002.

²⁰⁴ R.B. Silva, 2005.

Morais²⁰⁶. Seguindo as propostas mais atualizadas de classificação das “marcas”, somente o estudo sobre as impressões sudgálicas da antiga capital da *Callaecia* escapa a este panorama por utilizar ainda a obra de referência de Oswald, o que limitou a validade dos resultados ao não beneficiar dos desenvolvimentos da investigação mais recentes constantes da obra fundamental de Marinus Polak²⁰⁷.

Culminando os desenvolvimentos da investigação portuguesa, as dissertações de grande fôlego de José Carlos Quaresma²⁰⁸, que iria rever e compulsar a totalidade das impressões coletadas em Miróbriga, e de Catarina Viegas, um ano depois, que deu a conhecer as recolhidas em diversas intervenções em Castro Marim, *Balsa* e Faro²⁰⁹.

O grande incremento sofrido pela arqueologia portuguesa nos últimos anos, que transparece do número muito elevado de escavações à escala do país, irá fornecer com certeza novos dados. Aguarda-se, com previsível expectativa, a publicação de conjuntos valiosos para a compreensão da circulação dos vasos em *terra sigillata* como os coletados em destacados arqueossítios, alguns dos quais intervencionados continuamente ao longo de décadas, de que se salientam Mértola, Évora, Coimbra, Tróia (Grândola) ou *Ammaia* (Marvão).

5. As olarias ocidentais de terra sigillata na Época Romana.

O início do fabrico de vasos de mesa dotados de um revestimento vermelho quase vitrificado desponta nas costas da Ásia Menor (Cilícia e Síria) durante a época Helenística, com uma difusão muito centrada no Mediterrâneo Oriental entre o fim do séc. III a.C. e o séc. II a.C.²¹⁰

A expansão da República Romana para Oriente provocaria um alargamento do espaço de comercialização dos vasos da denominada *sigillata* oriental A, verificando-se a ocorrência no espaço itálico de vasos deste tipo em contextos datados das primeiras décadas do séc. I a.C., que todavia não substituíram a preferência pela louça de mesa de revestimento negro que dominava os mercados italianos e ocidentais mais romanizados.

Durante muito tempo a investigação debateu os fundamentos do início da produção ocidental de vasos dotados de revestimento vermelho, ora justificando o seu

²⁰⁵ C. Viegas, 2006.

²⁰⁶ R. Morais, 2005.

²⁰⁷ M. Polak, 2000.

²⁰⁸ J.C. Quaresma, 2009.

²⁰⁹ C. Viegas, 2010 e 2011.

²¹⁰ J. Hayes, 1985.

aparecimento com os fabricos orientais e a deslocalização de artesãos e saberes com esta origem ora, pelo contrário, sublinhando o caráter eminentemente autótone do surgimento da denominada *terra sigillata* itálica²¹¹.

Entre outros fatores menores, a dicotomia das posições adoptadas refletiu sobretudo o caráter dos estudos sobre matérias datadas dos séculos III a.C.- I d.C. nos dois quadrantes do Mediterrâneo, motivadas pelas formações distintas dos investigadores, entre os quais se contavam classicistas, orientalistas, helenistas, arqueólogos, muitos dos quais especificamente dedicados ou ao estudo de Roma ou do mundo Helénico, distinção que na atualidade se procura esbater²¹².

Os fatores que explicam o aparecimento de fabricos dotados de revestimento vermelho no mais antigo centro produtor ocidental, Arezzo, prender-se-ão sobretudo com aspetos tecnológicos e históricos.

Por um lado, as produções mais antigas ocorrem ainda a par da denominada campaniense, de que a principal região produtora era naquele tempo a Etrúria, tomando dela as formas e alterando a cor, a partir de um processo tecnológico que pode ter sido, no início, um acaso.

Por outro, parece não ser alheia ao fenómeno a fixação naquela zona etrusca, de veteranos silanos das guerras orientais na década de 60 a.C., e, na seguinte, dos das campanhas ali conduzidas por *Cneus Pompeius Magnus*, aliás pouco tempo depois evocados de forma sugestiva através da onomástica servil patente na produção de *sigillata*, expressivamente evocada pelos casos concretos dos escravos *Tigranes* e *Bargathes* de *M. Perennius*²¹³.

A documentação epigráfica patente nas impressões de cronologia mais recuada é mais elucidativa a este respeito. As “marcas de oleiro” do tipo radial pertencem às etapas iniciais das olarias etruscas, atribuídas à década de 50 do séc. I a.C.²¹⁴, e se as de *Q. Afr* (OCK 51) e *C. Sept* (OCK 1872), estampadas em vasos ora negros ora vermelhos, se deverem atribuir aos legados de Pompeu *Q. Afranius* e *C. Septimius*, como supõem D’Arms e G. Rizzo, então a conexão pompeiana com o aparecimento dos vasos de *terra sigillata* de modo itálico no ocidente ficaria suficientemente

²¹¹ A. Oxé, 1909, p. 95; F. Oswald e D. Price, 1920, p. 273; G. Pucci, 1985, p. 116 *contra* D.P.S. Peacock, 1982, p. 116; *Conspetus*.

²¹² J. Poblome *et al.*, 2001.

²¹³ G. Pucci, 1985, p. 365; L. Pedroni, 1995, p. 203; G. Rizzo, 1998, p. 801 e 2003, p. 72 e nota 44.

²¹⁴ G. Rizzo, 1988.

comprovada²¹⁵. Como apontamento, refira-se a coincidência de ser um outro pompeiano, *Marcus Tuccius Galleo*, personagem envolvida num processo legal em 51 a.C. e de quem Cícero nos reportou a morte ocorrida em 47 a.C., que facultou a datação externa mais recuada para o arranque dos fabricos itálicos: no naufrágio conhecido por Planier 3 (França) foi recolhido um prato em *sigillata* itálica da forma Consp.1, e a carga incluía ânforas Dressel 1B, Lamboglia 2 e atribuídas ao “tipo Brindisi”, algumas das quais com a marca *M. Tuccii L(uci) f(ilius) Tro(mentina tribu) Galleonis*²¹⁶.

Parece possível entrever, portanto, que em Arezzo se reuniram as condições fundamentais para o sucesso da produção de *terra sigillata*: um “saber fazer” instalado, com competência produtiva e em escala; um mercado com o gosto adaptado a algo que, embora estranho para o grosso dos itálicos não o seria para os indivíduos daquele espaço, como para outros, dispersos pelo mundo romano de então, e pela mesma via familiarizados com os costumes orientais; por fim, uma rede de relações, comerciais no sentido mais estrito, mas igualmente políticas, estéticas e culturais, permitindo a difusão do hábito.

Como referiu Paolo Sangriso, o quadro político em torno das primeiras décadas da *sigillata* itálica é bem vincado, destacando-se o envolvimento da casa imperial na zona etrusca, afirmando que “a própria colonização augustea ocorrida na zona do Arno” (que se seguiu às exações dos pompeianos) “teve um sentido intrínseco de potenciação dos elementos produtivos a partir de uma especialização completa das zonas. Neste sentido Arezzo com as suas cerâmicas, Florença com os seus tecidos, Pisa como enclave portuário e Luni pelo seu mármore fomentaram uma riqueza atraente para a colonização dirigida a partir de Roma”²¹⁷. Terá cabido a *C. Clinius Maecenas*, aretino, “braço direito” de Augusto para as questões internas da Itália e seu principal estratega cultural e propagandístico até 23 a.C., um papel determinante na difusão do tipo cerâmico a partir do advento do Principado²¹⁸.

²¹⁵ J.H.D’Arms, 1980, p. 77-89; G. Rizzo, 1998.

²¹⁶ A. Tchernia, 1969, p. 488. Posteriormente B. Garozzo (2003, p. 571) fez notar que as ânforas com a marca citada, que conhecem assinalável dispersão, foram atribuídas por análises arqueométricas à Campânia.

²¹⁷ P. Sangriso, 1997 *apud* M. Bustamante Álvarez, 2008, p. 189. No mesmo sentido, P. Sangriso, 2005.

²¹⁸ M. Bustamante Álvarez, 2008, p. 198 e segs. Ver a relação de proximidade com a casa imperial de Mecenas mas também dos *Ateii*, elementos abordados e muito enfatizados pela investigadora espanhola. A ideia original é de F. Gamurrini, retomada em Paturzo (1996, p. 86-95), e parte de um fragmento epistolar enviado por Augusto a Mecenas, tendo sido desacreditada pela investigação posterior, nomeadamente pelas dificuldades de articulação entre as datas do afastamento do político face ao Imperador e o que se conhece dos ritmos da produção itálica- conf. G. Rizzo, 1998, em especial p.365. Parece, de facto, excessiva a importância conferida pela investigadora espanhola, sendo incompatíveis muitas das suas leituras em relação com o que se conhece hoje da produção ateiana. É esse o caso da sua

O fato é que a partir de Augusto, os repertórios formais da *terra sigillata* vão ser copiados na Ásia Menor, Egito e Gálias, ou que ocorre nos dois lados do Mediterrâneo a presença de vasos itálicos, refletindo “*padrões de intercâmbio socio-cultural, económico, religioso, administrativo e militar, envolvendo uma variedade de outros bens, pessoas e ideias existentes à época, que justificam o fenómeno do “boom de produção dos chamados serviços augústeos (...), fenómeno de integração cerâmica à escala do império*”²¹⁹.

5.1. Aspetos tecnológicos.

A mais antiga produção ocidental, a arretina, mostra um repertório formal e de impressões ainda limitado na etapa que decorre de cerca de 45 a 20/15 a.C., a denominada “Fase Precoce” definida por Christian Goudineau (1968, p.167-169) ou “Fase A” de Philipp Kenrick²²⁰, durante a qual se vocaciona em exclusivo para louça vermelha.

De um ponto de vista tecnológico, a solução encontrada pelos artesãos de Arezzo para produzir o pretendido, isto é, vasos dotados de um revestimento de coloração avermelhada, sinterizado, por consequência quase vitrificado, passou pela obtenção de uma pasta bem depurada e homogênea, rica em pelo menos 20% de calcário, o emprego de uma suspensão argilosa, colóide, rica em elementos alcalinos e óxidos de ferro para a obtenção da dita película (“verniz“, “glantzofilm“) e respetiva coloração, finalmente, a utilização de fornos de tipo mufla, com câmara de combustão dotada de tubulação interna conetada com o exterior, de modo a evacuar os gases do *prae-furnium* e assim garantir uma cocção oxidante a alta temperatura, próxima dos 1000º centígrados.

Equivalente ao período de maior expansão da *terra sigillata*, a segunda fase da periodização de Goudineau e Kenrick, situada entre c.20 a.C. e 15 d.C.²²¹, iria resultar em alterações profundas.

A partir daquela época ocorre o alargamento do repertório formal onde predominam os vasos de bordo moldurado e extrovertido, muitas vezes decorado com fina roletilha, e a recém-introduzida decoração a relêvo, obtida mediante o uso de moldes, ganha uma importância primordial para as olarias.

leitura dos dependentes de *Cneus Ateius*, como da própria gestão das officinae- comparar com Philip Kenrick (1997, p. 179-190).

²¹⁹ J. Poblome *et al.*, 2001, p.282.

²²⁰ OCK, p.36.

²²¹ C. Goudineau, 1968; OCK.

Esta última compreendia sobretudo *skyphoi* e *calices*, estando portanto intimamente conetada com o consumo de vinho, e mostra no seu repertório decorativo motivos vegetais ou meramente ornamentais, a par de temas compostos por vezes por cenas narrativas (personagens dionisiacas, ménades, dançarinos), ciclos mitológicos (trabalhos de Hércules, *Eros* e *Psiche*, episódios dos poemas homéricos, combates entre Gregos e Amazonas, ou destes com Centauros, ...), cenas de circo, grupos eróticos (incluindo cenas de amor heterossexual, homossexual masculino, zoofilia, entre anões, ...), refletindo o gosto eclético da Época de Augusto onde, a par de modelos de inspiração clássica se juntam outras derivações helenísticas e de sabor epigramático²²² numa linguagem estética visual sobretudo ática.

De um ponto de vista tecnológico, os vasos a que se fez referência utilizam na sua confecção uma solução distinta da até então utilizada. Elaborados num molde hemisférico, seria primeiro necessário executar os elementos que compunham a decoração, obtida através de punções, posteriormente aplicando-se vários destes instrumentos sobre o molde modelado em argila formando a gramática pretendida. Para além de implicar um fator de complexificação na produção de um recipiente, introduziu nas olarias a necessidade de uma maior especialização no trabalho, conferindo uma especial responsabilidade ao *artesão-decorador*. Em contrapartida, permitiu a elaboração de baixela esteticamente apelativa, competitiva face à metálica na medida em que, por ser seguramente muito menos onerosa que esta, conduziu a uma *democratização* da baixela de mesa.

Mas a introdução segura dos moldes no quotidiano das olarias não se restringiu aos vasos decorados, pois terá tido consequências também ao nível dos lisos. As observações a este propósito de John Hayes, que nota a inexistência de traços de torneamento no interior dos pratos e pratéis itálicos a partir desta época, indiciam o emprego de moldes de uma valva para colocação sobre o torno, de maneira a modelar esta parte²²³.

Em paralelo com os moldes, generalizou-se a utilização de bitolas²²⁴ para modelação do exterior do bordo dos vasos mais comuns, como os Consp. 18, 20, 21, 22, ... , repetindo desta maneira os perfis desta componente, de forma fiel e ao mais ínfimo detalhe, como se constata em diversos exemplares.

²²² C. Guerrini e L. Mancini, 2007, p.207.

²²³ J. Hayes, 1997, p.31 e fig.5.

²²⁴ C. Guerrini e L. Mancini, 2007, p. 204.

Ambas as técnicas terão facilitado de sobremaneira a confecção dos recipientes, mostrando uma clara procura por soluções artesanais que permitissem o aumento da produção. O fato é constatável nos estudos a partir das quantificações elaboradas a partir da análise da forma dos vasos, invariavelmente mostrando o predomínio dos tipos mencionados e justificando, a par do aumento da mão-de-obra, do incremento do número de global das *officinae*, da maior dimensão e complexificação na organização de algumas destas estruturas de produção, porque a partir das últimas décadas do séc. I a.C. os recipientes são produzidos massivamente e denotam uma tendência para a padronização.

As técnicas originalmente presentes na Península Itálica foram transpostas para outras latitudes onde ocorreram fabricos itálicos singulares, ou de bastante entidade como La Mulette de Montans, em Lyon²²⁵.

Na Gália, a transferência de artesãos nas décadas em torno da mudança da Era acarretou o transporte de instrumentos de olaria, mas também de tecnologias e saber fazer oleiro, originando os bem-sucedidos fabricos gálicos. A possível e única grande distinção prende-se com a inexistência aqui de evidências da utilização de moldes para produzir pratos, talvez assim se justificando porque foram modelados com paredes globalmente um pouco mais espessas.

Mas a produção, em particular a de La Graufesenque entre 40 e 70/80 d.C., garantiu a competência de elevada compulsão de recipientes, e o consequente sucesso nos mercados, através de outras formas de organização interna e estrutura da produção.

Talvez esta procura por elevada capacidade produtiva seja uma das razões que justifica que os fabricos gálicos tenham tendido a padronizar muito mais o repertório formal a partir de 40 d.C.²²⁶. Como talvez esta mesma mutação no interior das olarias concorra para explicar porque, cerca do ano 60 d.C., se deixaram de produzir certas formas como os tipos Drag. 16, Ritt.1, Ritt.8 e 9 e Drag. 11, que são talvez substituídas pelos “serviços flávios” e pela nova taça decorada Drag.37²²⁷. De notar que esta taça decorada equivale a uma Drag.29 de elaboração simplificada, na medida em que o pé é produzido diretamente a partir do molde e o bordo é de execução mais rápida porque simplificado, assim poupando as etapas de configuração e colagem do pé anelar, como o trabalho de modelação do lábio. Sem que se conheçam as motivações, neste período

²²⁵ P. Kenrick, 1997; OCK.

²²⁶ M. Polak, 1994, 2000.

²²⁷ Idem, 2000, p.25.

deixa-se também de marcar determinados vasos, com destaque para as formas recém-criadas²²⁸ e, no final do principado de Nero, regista-se o aparecimento nos mercados de vasos de qualidade inferior, manifestada na menor qualidade de pastas e revestimentos atribuída a uma fiscalização da produção menos apertada²²⁹.

O conjunto destes exemplos mostra como, dentro dos sistemas manufatureiros do centro oleiro gaulês, a resposta às dificuldades de colocação do produto nos mercados passou por pequenas alterações tecnológicas que permitissem gerar maior produtividade, se necessário fosse em detrimento da qualidade. Em casos extremos, como o do outro grande centro ruteno, Montans, a forte quebra da procura no final do séc. I d.C. gerou um reajustamento do produto, cessando a produção massiva de *terra sigillata* e confinando-se a atividade de olarias à compulsão de lucernas²³⁰.

Na Hispânia, durante os principados de Cláudio e Nero, comprovou-se a presença de oleiros de muito provável origem gálica, ativos em diversos locais peninsulares por curtos períodos, com uma compulsão e difusão muito limitadas²³¹. Estes artesãos deslocalizados poderão estar de alguma forma envolvidos no despontar da grande produção setentrional que se dá a partir de 70 d.C., no mínimo na transmissão e aquisição de saberes sobre as tecnologias forâneas dado não existirem por ora elementos suficientes que permitam afirmar o seu envolvimento direto e atribuir-lhes uma quota-parte elevada de responsabilidade pelos primeiros fabricos do Vale do Najerilla²³². O mesmo modelo explicativo, de influxo exterior, também não funciona para o despontar do complexo produtivo meridional ibérico, sensivelmente na mesma altura.

Ambos os locais utilizaram os mesmos procedimentos tecnológicos das olarias gálicas congêneres e suas contemporâneas, mostrando todavia uma distinta organização interna face às suas antecessoras e contemporâneas com aquela origem, como também em relação às oriundas da Itália. Apenas não conhecemos ainda nenhum forno em solo ibérico da dimensão do *grand four* de La Graufesenque²³³, sendo os exemplos

²²⁸ J. Nieto Prieto, 1989, p.97.

²²⁹ M. Polak, 2000, p.30.

²³⁰ G. Bèrgès, 1989.

²³¹ M.P. e J.C. Saénz Preciado, 1999, p.388.

²³² Macarena Bustamante opina dubitativamente em sentido contrário- Conf. M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.700-701. Contudo, as coincidências onomásticas que regista, em boa parte contrariam a sua própria hipótese, dada a quantidade de homónimos gauleses e hispanos que estão a laborar contemporaneamente- Conf. Idem, p. 701, fig. 305.

²³³ O forno de La Graufeseque mencionado possuía cerca de 100m³ de capacidade na câmara destinada aos vasos, com uma câmara de combustão de 9,08x6,88m- Conf. A. Vernhet, 1981, p. 25-43. Os fornos orientais de *sigillata* de Sagalassos (Turquia), apresentavam diâmetros modestos para a câmara de

registados de menor capacidade²³⁴.

Noutro sentido é de assinalar que, de forma muito rápida e num curto espaço de tempo, as olarias hispanas irão compulsar um volume elevado de vasos decorados mostrando uma enorme simplificação decorativa, passando a predominar as composições de círculos, entre outros elementos muito estilizados ou de fácil elaboração, muito menos exigentes e morosas do que as figuras humanas patenteadas com frequência relativa nos vasos de cronologia mais recuada, temáticas que desaparecem no final do séc. I d.C. Da mesma maneira, uma das duas formas mais produzidas, o prato Drag.15/17, no mesmo âmbito cronológico tende a distanciar-se do protótipo gaulês que lhe serviu de inspiração, e a preservar deste uma imagem genérica e o ressaltado em meia cana que distingue o fundo da parede do bordo, assumindo este elemento um perfil simplificado, muito mais alto, liso e esvasado.

Como aconteceu com a produção gálica, os fabricos finais das duas principais produções hispanas denotam ao longo do seu período de declínio, que decorre com o séc. II d.C., perfis mais pesados, uma evidente degradação da qualidade do revestimento, como também simplificações dos detalhes morfológicos, de que a pequena altura do pé em anel dos pratos 15/17 e tigelas Drag. 27, as formas mais produzidas, é uma das manifestações.

A produção hispana, ao longo do século II d.C., sacrifica a qualidade, ocorrendo revestimentos inferiores e pastas com elementos não plásticos de maior calibre²³⁵, promove a simplicidade, com o marcado caimento do hábito epigráfico, e manifesta um notório conservadorismo formal que se prolonga pelo século seguinte na produção riojana, a única a sobreviver, e que iria resultar nos fabricos distintos já na quarta centúria, a denominada *terra sigillata* hispânica tardia.

5.2. A organização interna das olarias.

Em 1973, a publicação de *The Ancient Economy* por Moses Finley²³⁶, chamou a atenção para problemáticas metodológicas nas leituras da economia da Antiguidade, patentes na investigação histórica e arqueológica. Na obra é recorrente o recurso ao

combustão, respetivamente de 1,05m (forno 2) e 1,20m (forno 4)- Conf. E.A. Murphy e J. Poblome, 2007 (dir.), p.16. Quanto às estruturas hispânicas vide L.C. Juan Tovar, 1985, p.32-45 e nota *infra*.

²³⁴ A grande maioria dos fornos hispanos apresenta diâmetros na ordem dos 2-2,5 m (Idem), embora se registem casos em La Rioja, de fornos de 4m- Conf. M. P. Saénz Preciado, 2000, p. 295-302.

²³⁵ J.C. Quaresma, 2008, p. 489-490.

²³⁶ Usa-se aqui a edição em português- M. Finley, 1986.

exemplo da *terra sigillata* para suportar o seu entendimento primitivista da estrutura da mão-de-obra²³⁷. Mas o contraponto surge na dificuldade sentida pelo historiador americano em explicar a dimensão de algumas das produções, citando o exemplo de *Ateius*, que acaba por admitir como hipótese de exemplo excepcional de um capitalista numa economia que não o era. No geral, Finley vê os produtores de *sigillata* da Península Itálica como “*modest man, not even little Wedgwoods*”, como cotejou Philip Kenrick ao questionar e refletir sobre este entendimento²³⁸.

Não é este o momento para abordar as várias perspetivas sobre a dimensão e significado da economia do Império Romano, uma das temáticas mais ricas e estimulantes do pensamento histórico sobre Roma produzido nas últimas décadas²³⁹. Mas é um tópico incontornável pois o discurso arqueológico acerca da Antiguidade, incluindo o que versa cerâmicas com grande especificidade, está imbuído de teoria. Assim, a nomenclatura patente em muitos dos textos não é neutral, e o uso de vocábulos como *artesanato*, *indústria*, *manufatura*, *sucursal* ou *olaria subsidiária*, para citar termos que surgem de forma corrente na bibliografia, encerra um determinado entendimento e perspetiva acerca da economia do Império Romano. Seguindo o exemplo de outros investigadores, e tendo em atenção a matéria que se pretende aflorar no presente texto, convém situá-lo na óptica do autor, *não filiada* mas próxima da designada como modernista²⁴⁰.

Importa, portanto, analisar a produção nos seus aspetos internos, condição prévia para num momento posterior se poder apreciar melhor o significado das distintas atestações verificadas no território em estudo.

As “marcas de oleiro” são fonte privilegiada para a abordagem desta temática, resultado de uma necessidade da organização interna das olarias. Documentos de primeira grandeza para o estudo destas estruturas económicas é graças a elas, prolixas nas cerâmicas de mesa que aqui se analisam, que conhecemos melhor a estrutura da produção de *terra sigillata* do séc. I a.C. ao séc. II d.C. do que a de qualquer outra classe cerâmica do mundo romano, por mais difundida no espaço e frequente que seja no registo arqueológico, o que inclui as ânforas e material de construção, que também registam a presença frequente de elementos epigráficos²⁴¹.

²³⁷ Ver por exemplo Idem, p. 100 e 190.

²³⁸ P. Kenrick, 2002, p.8.

²³⁹ Entre muitos outros textos veja-se uma reflexão crítica de síntese em P.F. Bang, 2007.

²⁴⁰ Por exemplo X. Remolà Vallverdú, 2000, p.15 e seguintes.

²⁴¹ P. Kenrick, 2002, p.8.

As “marcas de oleiro” surgem logo nas etapas iniciais da produção itálica. Determinar a motivação desta necessidade gerou a desanimadora resposta de Giuseppe Pucci, que instado a comentar o assunto replicou que “*se devesse ser totalmente sincero, deveria responder um puro e simples: não o sabemos*”²⁴².

Colocando a questão em termos abstratos, Bernard Hoffman defende que a marcação dos vasos correspondeu a um ato de “*autenticação*” de algo, de “*atribuição de um valor, de uma qualidade e, em certa medida também, a um ato publicitário*”²⁴³. Foi sobretudo nesta asserção que Philip Kenrick inicialmente entendeu a origem do hábito de estampar os vasos de *terra sigillata*²⁴⁴. No mesmo sentido Gunnar Fülle, que defendeu que o objetivo era não só o de promover o produto, mas também o de fornecer informação necessária à organização da produção e/ou da venda²⁴⁵. Este investigador germânico aprofundou mais o último aspeto, especificando que o mesmo se poderia traduzir em contabilizar a produtividade de um trabalhador individual, em quantificar os contributos de distintos oleiros para uma fornada executada em regime comunitário e identificar os itens fabricados para o cumprimento de um contrato específico²⁴⁶.

A apreciação crítica do texto de Fülle, produzida por Kenrick na última edição do *Corpus Vasorum Arretinorum*, desmonta com argumentação sólida o primeiro fundamento invocado pelo nórdico, dado que a hipótese explicativa apenas é admissível para as olarias com muitos “dependentes” mas não se aplica às de grande capacidade produtiva onde apenas o “principal” figura no texto, como também deixa de fora os artesãos atestados em ambiente de produção não nomeados nas impressões. O britânico rejeita igualmente a hipótese do enforamento comunitário, dado que os dados arqueológicos demonstram não ter sido prática generalizada em ambiente itálico, antes uma ocorrência casual que, a ter acontecido, apenas o foi em circunstâncias excepcionais²⁴⁷.

O âmbito contratual que Fülle mencionou é o de mais difícil avaliação, dada a escassez de dados disponíveis. Mas o modelo que invoca do célebre papiro do séc. III d.C. de *Oxyrrincus*, no Egipto, onde se estabelece o contrato entre um terra-tenente e um oleiro para a produção de ânforas, é de rejeitar para Kenrick, que nota que embora estes termos precisos sejam de refutar, a evidência arqueológica aponta para a

²⁴² G. Pucci, 1993, p. 73.

²⁴³ B. Hoffman, 1986, p.72.

²⁴⁴ OCK, p.10-11.

²⁴⁵ G. Fülle, 1997, p.115.

²⁴⁶ Idem.

²⁴⁷ OCK, p.10-12.

existência de um qualquer tipo de colaboração entre oleiros²⁴⁸.

Assim, nas *officinae* de Torrita di Siena (Pisa), Scoppieto (Itália Central) e Ponte a Buriano-Cincelli (Arezzo), documentam-se arqueologicamente conjuntos cerâmicos resultantes de descartes de produção onde se comprova a utilização, no espaço de uma mesma *officina*, de punções ou moldes pertencentes a distintos oleiros, alguns dos quais à data comprovadamente instalados noutros espaços geográficos²⁴⁹. Podem ser várias as leituras destes dados, mas entre elas afigura-se como a mais plausível a subcontratação, interpretação que mais se adapta à atestação de vasos assinados por *Camurius*, fabricante de Arezzo, entre os rejeitados de uma fornada da olaria de *Caius Vmbricius Cordo*, em Torrita di Siena²⁵⁰, como ao achado de moldes para vasos decorados do aretino *M. Perennius Crescens* em Scoppieto, no espaço das olarias dos *Plotidii*²⁵¹. Já para os contextos de Ponte Buriano-Cincelli, a presença de vasos decorados por *M. Perennius Tigranes*, assinados internamente por outro grande produtor desta variedade de cerâmica de mesa, *Publius Cornelius*, pode significar alternativamente a simples aquisição de instrumentos de fabrico, não parecendo ter suficiente fundamento antiga proposta de George Henry Chase, de compra da firma (*sic*) por aquele²⁵².

Em data mais recente Philip Kenrick aduziu uma outra hipótese explicativa, justificando a vulgarização do hábito de estampar uma “marca de oleiro” no vaso com a necessidade da sua presença para alguém na cadeia de aprovisionamento que não o comprador comum mas sim o agente, militar ou civil, encarregue de conferir a respetiva encomenda²⁵³. Matizou assim o papel fundamentalmente publicitário que havia defendido em 2000, quando da publicação da segunda edição do *Corpus Vasorum Arretinorum*²⁵⁴. Como afirma, a partir da época de expansão da produção e consequente grande difusão dos vasos itálicos, a partir de 25 a.C., a presença da “marca” deverá relacionar-se em primeiro lugar com o caráter de certificação do produto mais do que com qualquer outra razão²⁵⁵.

O centro produtor de vasos de modo itálico de Le Montans de La Muette, em Lyon, coloca problemáticas mais específicas, merecendo por isso uma menção à parte. Distante da Península Itálica, na década de 70 do séc. XX verificou-se ali o achado de

²⁴⁸ Idem.

²⁴⁹ Idem.

²⁵⁰ Idem; G. Pucci, 1982, p.82-94.

²⁵¹ C. Bergamini, 2003, p.133-144.

²⁵² G.H. Chase, 1915, p.19.

²⁵³ P. Kenrick, 2005, p.204.

²⁵⁴ OCK; P. Kenrick, 2002, p.8-9.

²⁵⁵ P. Kenrick, 2005, p.204.

fornos, instalações anexas, entulheiras, instrumentos de produção, moldes para produção de vasos decorados e recipientes comportando impressões de nomes de quarenta oleiros distintos, entre os quais itálicos bem conhecidos como (C.)Attius, Rasinius, C.Sentius, L. (Titius) Thyrsus, Ateius, Rodo, L.Gelius associado a L.Sempronius, Xanthus, sozinho e associado a Zoilus. Apoando-se em estudos arqueométricos, desde cedo a investigação sobre o sítio comprovou a origem local dos vasos descartados bem como a existência de moldes para modelação de cálices decorados a relevo transportados desde Arezzo.

As primeiras publicações sobre La Muette interpretaram o centro oleiro como uma *sucursal* arretina²⁵⁶. E assim permaneceria designado em muitos dos estudos posteriores, como é patente nos textos de, entre muitos outros que se poderiam citar, G.Pucci²⁵⁷, Bernard Hoffman²⁵⁸, Bettina Hofmann, M.Picon²⁵⁹ e Martine Genin com Daniel Schaad²⁶⁰. La Muette iria ter um profundo impacto na investigação sobre o mundo antigo, ecoando nos estudos sobre outros materiais²⁶¹ e história económica do mundo romano²⁶², evocada como exemplo arqueologicamente comprovado do estabelecimento de *officinae* dependentes de uma *casa mãe* na transição do séc. I a.C. para o séc. I d.C.

A configuração das evidências e do trabalho de alta qualidade produzido conferiu uma aparência de grande solidez à conceptualização subjacente, de tal forma que enfrentou fraca resistência. Uma primeira tentativa de encontrar explicações alternativas seria esboçada por Jean-Louis Tilhard apenas em 1996, questionando o possível caso de homonímia de *Caius Sentius*²⁶³. Caberia no entanto a Gunnar Fülle a autoria do texto fundamental que rebate e desmonta a interpretação de La Muette como *sucursal* de olarias de Arezzo, alegadamente de *Cneus Ateius*, publicado em 1997²⁶⁴.

Historiador primitivista com robusta formação teórica na área jurídico-económica, esgrimiou argumentos muito consistentemente alicerçados em fontes históricas e legais. Na sua leitura, a segura deslocação de oleiros de Itália para as Gálias, possivelmente de

²⁵⁶ M. Picon e J. Garmier, 1974, p. 72-76; F. Widemann *et al.*, 1975, p. 45-59.

²⁵⁷ G. Pucci, 1985, p. 369.

²⁵⁸ B. Hofmann, 1986, p. 10-11.

²⁵⁹ B. Hoffman e M. Picon, 1990-1991, p. 3-31.

²⁶⁰ M. Genin e D. Schaad, 2007, p. 352-353.

²⁶¹ Seria ocioso estar aqui a cotejar todos os exemplos, podendo apontar-se para o caso português o exemplo do molde de lucerna assinado *Muntrept*, de Braga, indicativo da hipótese de abertura na *Callaecia* de uma sucursal da olaria itálica de *Munatius Threptus*- Conf. J. Alarcão, 1991, p.195.

²⁶² Forçando a admissão, pelos autores de perspetiva primitivista, da exceção de *Ateius* com que inaugurámos o presente sub capítulo.

²⁶³ J.-L.Tilhard, 1996, p.7.

²⁶⁴ G. Fülle, 1997.

estatuto servil, dificilmente significa que a gestão da sua produção seja feita diretamente a partir de Pisa ou Arezzo, sendo muito mais plausível que os indivíduos estivessem dotados de uma grande margem de autonomia que lhes permitiu operar no sítio, utilizando as múltiplas soluções legais disponíveis praticadas na época²⁶⁵. Ou que, cumulativamente, possam também ter ocorrido em Lyon circunstâncias contratuais específicas²⁶⁶, como as que antes foram enunciadas para Torrita di Siena e Scoppieto.

Parece, portanto, de pôr de lado a hipótese de existência de um *investidor-decisor* capitalista fabricante de *terra sigillata*, que entre 15 a.C. e 10 d.C., o lapso de tempo durante o qual funcionou o centro produtor gaulês, montou à distância um complexo oleiro, para aí deslocou artesãos e contratou outros localmente, gauleses. O que parece ter ocorrido é que, ao forte estímulo comercial dos mercados do Norte da Europa se seguiu uma resposta económica tradicional, da abertura de uma outra olaria, para a qual existem outras evidências nas Gálias documentadas indiretamente por “marcas de oleiro” e/ou análises arqueométricas, incluindo amostragens de Lyon, Vienne e Haltern²⁶⁷.

À parte o significado histórico-económico de La Muette, o que se constata é que é o centro de fabrico de *sigillata* de modo itálico de que melhor se conhecem arqueologicamente as instalações e os espaços, dado que os congêneres de solo italiano são reportados por escavações dos séculos XVIII e XIX ou testemunhados por áreas exíguas dos grandes centros como Arezzo e Pisa²⁶⁸, aguardando-se com natural expectativa os resultados integrais das escavações que vêm sendo executadas no pequeno centro de Scoppieto e, desde 2005, em Cincelli²⁶⁹.

Mas os dados de contextos de produção mostram que, para além dos grandes centros, formados em âmbito urbano ou suburbano, existiram muitas outras produções itálicas limitadas, elaboradas noutros ambientes. Mais difíceis de comprovar, por a sua presença no registo arqueológico não ser tão abundante, citem-se como exemplos rurais os do já mencionado Scoppieto, fabrico a cargo dos *Plotidii* no âmbito do *fundus* de uma *uilla*²⁷⁰, e o dos vasos assinados por *Sisanna*, *Venustus* e *Resen(us)*, com o espaço

²⁶⁵ Idem.

²⁶⁶ Idem, especialmente p. 126-127.

²⁶⁷ Idem, p. 145; OCK, p. 50; P.Kenrick, 2005, p. 204-205; S.V.Schurnbein, 1982.

²⁶⁸ OCK.

²⁶⁹ Escavações da responsabilidade conjunta da Università di Siena e da Rochester University, NY - Conf. P. Kenrick, 2005, p.201, nota 1.

²⁷⁰ N .Nicoletta, 2003, p.145-152.

artesanal inserido no edificado da *uilla* de Loron (*Istria*, Itália)²⁷¹. Situação similar assumem as denominadas produções militares, de que temos o caso, noticiado em 2003, da bateria de fornos descoberta no exterior do grande campo legionário de Haltern²⁷².

Gerados no âmbito de produção itálica, os róis de enformamento, constituem documentos valiosos para o conhecimento da organização interna das olarias. Os exemplos para a produção de modo itálico resumem-se a uma amostra muito limitada, composta por exemplares muito fragmentários: seis coletados em Arezzo, um em Pisa e outro em Horta, objeto de reapreciação recente por Giuseppe Camodeca²⁷³, e um outro, possivelmente de Arezzo, revisto na mesma altura por Philip Kenrick²⁷⁴.

As informações proporcionadas por estes textos comprovam que no interior das olarias existiriam mais artesãos: num exemplar de Arezzo de cronologia augústea, executado num prato marcado por *Rufius C. Annii (seruus)*²⁷⁵, mencionam-se especificamente seis outros escravos do *dominus* que contribuíram para a fornada, dos quais somente quatro estão documentados por “marca de oleiro”; num outro rol depositado no British Museum, revisto por Philip Kenrick e talvez também oriundo da mesma cidade do Arno, para além da particularidade de estar escrito em grego e de ser o único aretino gravado *prae coturam*, dele consta uma lista de nomes riscados um a um dos indivíduos que, no interior de uma olaria para nós desconhecida, compunham uma *ordo catilarion*, isto é, uma sociedade dos produtores de pratos, à qual pertenciam *Archelaus, Diogenes, Apollonius, Anteros, Eros, Gemellus* e *Verna(?)*²⁷⁶.

Para além das menções aos nomes das formas dos vasos enformados, como *catilli, paropsi(de)s e accetabula*, dois dos textos, um de Pisa e outro de Arezzo, mencionam a data de enformamento. Se bem que se trate de uma amostragem exígua, em ambos os casos sublinhe-se que o enchimento do forno ocorreu nos meses correspondentes ao final da Primavera e Verão, como acontece na documentação análoga e abundante de La Graufesenque e no único exemplar tardo-itálico conhecido²⁷⁷. Trata-se de uma evidência muito forte que indica a sazonalidade da produção oleira da *terra sigillata* de modo itálico. Este dado implica que uma parte da mão-de-obra envolvida no processo produtivo seria flutuante, possivelmente envolvida na captação e transporte de

²⁷¹ S. Cipriano, S. Mazzocchin (dir.) *et al.*, 2005, p.23-28.

²⁷² S.V. Schnuerbein, 2003, p.96-97.

²⁷³ G. Camodeca, 2005, p.209-210.

²⁷⁴ P. Kenrick, 2005.

²⁷⁵ G. Camodeca, 2005, p.209-210.

²⁷⁶ P. Kenrick, 2005, p.205.

²⁷⁷ G. Camodeca, 2005, p. 209-210.

matérias-primas (argila, lenha, ...), transporte dos vasos para secagem prévia à cozedura ou outras tarefas não especializadas, podendo estes trabalhadores ser externos à estrutura de propriedade das *officinae*.

A revisão do texto de um rol de Arezzo permitiu também a Camodeca identificar e restituir a expressão *fornax onero*, que traduz o ato de enfornar, como acontece de maneira similar nos róis gálicos citados²⁷⁸. Infelizmente, nenhum dos fragmentos referentes ao modo itálico conservou a contabilidade do número de vasos, e as evidências que permitem estimar os volumes dos fornos são escassas, mas suficientes para se admitir que as dimensões das construções deste tipo eram variáveis²⁷⁹.

Se os dados arqueológicos são limitados no que concerne a evidências materiais diretas da laboração das olarias itálicas, as impressões internas recolhidas em contexto de consumo, em muitos casos aliadas a análises arqueométricas, proporcionam ampla gama de informações, vasta e diversificada.

Como salientaram diversos autores, citando-se Pucci, Mees, Fülle ou Kenrick²⁸⁰, o essencial da mão-de-obra própria das olarias da Península Itálica era escrava. As grandes unidades de Arezzo e Pisa, como as de *Caius Annius*, *Cneus Ateius* e seus libertos ou *Publius Cornelius*, só para citar alguns exemplos, facultaram o registo de dezenas de “dependentes” de estatuto servil, testemunhados por “marcas de oleiro”. Conforme defende Kenrick, os textos das “marcas” reportam, para estas, ou o nome do proprietário, que pouco ou nada teve a ver com modelação de vasos, ou o de um seu dependente que conduzia a olaria em seu nome, ou a de um artesão²⁸¹ a que estava ou foi cometido algum grau de responsabilidade direta no âmbito da produção. Relembre-se que a força de trabalho especializada envolvida no fabrico não se esgotaria nos indivíduos mencionados nas “marcas” pois nem todos os artesãos das grandes olarias apareciam depois refletidos nos textos das impressões, como vimos antes. É o que acontece com o *Marinus* que esgrafitou o seu nome num punção de Arezzo com “marca de oleiro” de *Ateius* publicado por Arturo Stenico²⁸².

As “marcas” mostram igualmente a grande diversidade de dimensão das *officinae*. Nalguns casos limite o fabrico parece ter-se confinado à compulsão de uma fornada, no máximo, considerando o escassíssimo número de entradas no *Corpus Vasorum*

²⁷⁸ Idem, p. 210.

²⁷⁹ P. Kenrick, 2005, p.201-202.

²⁸⁰ G. Pucci, 1981, p. 99-121; G. Fülle, 1997; P. Kenrick, 1997, 2002, 2005; OCK; A.Mees, 2002, 2007 e 2011.

²⁸¹ P.Kenrick, 2005, p.205.

²⁸² A.Stenico, 1966, p.39.

Arretinorum e o conhecimento de um punção único que identifica a sua laboração²⁸³. Estas ocorrências, aliás, poderão incluir contratualizações feitas por proprietários fundiários ou por outros oleiros para completar as suas próprias encomendas.

As impressões estampadas nos vasos atestam também produções singulares com outros enquadramentos. A referência é feita agora em relação às elaboradas em âmbito militar, nos quais aliás a Península Ibérica apresenta importantes ocorrências: a fixação dos corpos militares envolvidos no conflito ásture e cantábrico, na *Hispania* setentrional, motivou a modelação local de recipientes de mesa, como os assinados *Q.* e *Lucius Terentius*, figlinários da *Legio IV Macedonica* ativos em Herrerga de Pisuerga²⁸⁴, como de igual forma, embora com um estatuto formal impreciso, as dos vasos marcados *Vrne/Arne* e *Vr/Vk* do mesmo sítio²⁸⁵, ou de *Caius Licinius Maximus*, “Oleiro da *Caliga*” e *L. M. Gen()* junto ao acampamento da *Legio VI Victrix*, em Léon²⁸⁶. Situação análoga ocorreu na *Germania*, com os vasos marcados *P. Flos*, produzidos em Haltern e talvez em simultâneo em Colónia, detetados fora destes locais em Neuss, Anreppen, Mainz, Wiesbaden e Andernach²⁸⁷.

A procura de proximidade aos mercados, em que o militar desempenha um papel primordial, está atestada noutras formas: o exemplo mais bem estudado é o de *Caius Sentius*, de que se conhecem vasos assinados em vários locais em simultâneo. Ao que parece sediado em Arezzo ou nas suas imediações, ali terá laborado entre 20 a.C. e 20 d.C.²⁸⁸ No Vale do Pó identifica-se o *nomen* em impressões com o mesmo desenho da grafia mas sem *praenomen*, aparecendo desta forma bem representado em contextos militares do Danúbio²⁸⁹. Como no sítio do norte de Itália, em La Graufesenque surge sem indicação de *praenomen*²⁹⁰, o que acontece de igual forma na maior parte dos casos de La Muette²⁹¹, tendo também operado num outro sítio incerto nas Gálias distinto de Lyon detetado pelas análises arqueométricas do acampamento de Haltern²⁹². O conjunto de evidências gaulesas indica fabricos vocacionados desta feita para os mercados do Norte, onde a presença militar era importante. Este conjunto de elementos deverá corresponder à deslocação de artesãos emancipados que outrora integraram a casa de

²⁸³ OCK.

²⁸⁴ C. Pérez González e E. Ilarregui, 2006, p. 112-113.

²⁸⁵ C. Pérez González, 1989, p.391-397.

²⁸⁶ V. García Marcos, 2006, p.97-110.

²⁸⁷ S.V. Schnuerbein, 2003, p.95-96.

²⁸⁸ Conferir comentário a OCK 1861, p.391.

²⁸⁹ OCK 1855, p.390.

²⁹⁰ OCK 1857, p.390.

²⁹¹ OCK 1856, p.390 e P. Kenrick, 2002, p.8.

²⁹² OCK 1982, p.131.

origem, agora estabelecendo-se de forma autónoma²⁹³, o que transparece pela frequente ausência de indicação do *praenomen*.

A partir do principado de Tibério, a esmagadora maioria das “marcas” assume a forma dominante *in planta pedis*, tipo que prosseguirá a uso nos fabricos denominados tardo itálicos, até ao séc. II d.C. Introduzido cerca de 15 d.C., correspondeu a uma espécie de sinal de garantia de qualidade do fabrico itálico do vaso²⁹⁴, onde o espaço destinado ao texto se contraiu, assim forçando a adopção de expressões mais abreviadas e curtas que proporcionam menos elementos de análise. Nada nos indica, contudo, que as olarias da Península Itálica, independentemente das suas dimensões, tenham modificado a sua organização e estrutura internas nesta altura.

O que então se modificou, e de sobremaneira, foram os mercados. As áreas setentrionais do império consideram-se perdidas para os centros oleiros da Península Itálica nos finais do principado de Augusto²⁹⁵. Este entendimento é bem ilustrado pelos elementos do acampamento de Haltern, abandonado cerca de 9 d.C., onde só estavam presentes fabricos de Lyon e provinciais, largamente prevalentes sobre os itálicos²⁹⁶. Trinta anos depois, o fim do processo está patente de forma expressiva no sítio militar de Hofheim, próximo de Haltern, onde só se fizeram representar produtos gálicos de La Graufesenque²⁹⁷.

Nem todas as *officinae* itálicas terão sobrevivido da mesma forma a esta circunstância histórica. O teste feito aos dados quantitativos do *Corpus Vasorum Arretinorum* relativos a oleiros e entradas mostra que, aparentemente, as estruturas económicas mais leves mantêm os perfis de início/fim de atividade sem ruptura acentuada. Pelo contrário, as de maior volume de produção extinguem-se quase na totalidade no referido período que medeia 10 e 40 d.C.²⁹⁸, acompanhando a contracção dos mercados até se confinarem exclusivamente ao espaço itálico e a alguma capacidade de penetração no Norte de África, Mediterrâneo Central, Baleares e parte do Levante Espanhol²⁹⁹.

A produção tardo itálica, em especial a pisana, irá mostrar que a um número restrito de oleiros documentados por “marca” a partir de cerca de 50 d.C.,

²⁹³ OCK, p.48-50; P. Kenrick, 2005, p. 205.

²⁹⁴ *Conspetus*, p.147.

²⁹⁵ OCK, p.36-37.

²⁹⁶ S.V. Schnuerbein, 1982, p.131.

²⁹⁷ M. Polak, 2000, p. 48.

²⁹⁸ R.B. Silva, 2005, p.99-100.

²⁹⁹ J.C. Quaresma, 2009, p.391 e segs.

correspondem muitos outros indivíduos envolvidos na atividade oleira, acerca dos quais os textos são silenciosos.

O achado de um rol de enformamento completo na Ilha de Migliarino (Pisa), reveste-se de uma importância fundamental para a compreensão da estrutura interna destas olarias. A listagem foi efetuada num prato marcado *Sextus Murrius Festus*, com produção situada entre cerca de 60 d.C. a 150 d.C., e respeita a essa *officina*³⁰⁰. O texto, elaborado nas últimas décadas do séc. I d.C. ou primeiras do seguinte, versa: *xii k(alendas). Augu(stas) (21 de Julho)/ Fornax minor one/rata/ Cretici catilli cccl/ Nonia(ni) catilli dcccl/ Saturni(ni) par(opsides) ccc/ Coniunc.(atus ?) ace(tabula) cxx/ Thiodori ace(tabula) dc*³⁰¹.

Os dados parecem ir de encontro às observações produzidas a propósito dos outros rôis itálicos revisitados pelo seu mais recente editor, G. Camodeca, ou seja: mais uma vez a fornada teve lugar no período que medeia o final da Primavera e o fim do Verão, indicando a sazonalidade da atividade oleira; mencionam-se cinco artesãos não documentados por “marcas” a operar naquela *officina*; o grafito foi elaborado *post coturam* e ostenta vestígios de um orifício, pelo que ou esteve suspenso no espaço de trabalho ou foi arquivado anexado a outro documento similar³⁰².

A novidade, já intuída por outros elementos, é a especificação da menção de um forno menor (*fornax minor*) e o número de vasos enformado, 2630, cifra modesta se comparada com a dos dados disponíveis para os fabricos da Gália³⁰³. Ainda assim, serve a Camodeca para estimar a capacidade da estrutura, que aliás pressupõe a existência na *officina* de uma outra de maior dimensão, ou porventura várias: supondo uma semana para modelar os vasos ao torno e, pelo menos, um mínimo de 36 horas de cozedura, mais tarefas de decantação da argila, recollecção de lenha e outras tarefas, são possíveis 15 fornadas anuais a executar entre Maio e Setembro para fugir ao risco de fortes chuvadas, com a consequente perda do trabalho³⁰⁴. O forno, por consequência, teria capacidade para a compulsão anual de 35-40000 vasos e, se se considerar apenas um outro forno com uma dimensão um pouco menor, atingem-se com facilidade cifras de

³⁰⁰ G. Camodeca, 2005, p.208.

³⁰¹ Idem.

³⁰² Idem, p. 216.

³⁰³ Estimados em torno dos 10 000 a 40 000- Conf. A. Vernhet, 1981, p.25-43.

³⁰⁴ G. Camodeca, 2005, p.216. E. Murphy e J. Poblome (2007), repegando um pouco princípios teóricos de comparação etnográfica enunciados por D.P.S. Peacock (1982), contestaram posteriormente o conservadorismo das cifras estimadas pelo investigador italiano para o número de vasos modelados/dia por artesão com base no rol de enformamento, em torno dos 60-120 vasos/dia, invocando o paralelo de uma olaria tradicional do atual Paquistão que utiliza trabalho especializado, onde se registam cifras de 450 a 1000 recipientes- Conf. E. Murphy e J. Poblome (dir.), 2007, p.8.

80-90 000 vasos/ano³⁰⁵. De lembrar que o *Corpus Vasorum Arretinorum* apresenta 334 entradas para *Sextus Murrius Festus*³⁰⁶, que laborou 40 ou mais anos, pelo menos, remetendo a sua produção total para números na ordem dos milhões, interessante e quiçá ocioso exercício de reflexão acerca da natureza quantitativa do conhecimento arqueológico³⁰⁷.

Em conexão com o definhar da produção de modo itálico, e com a incapacidade de igual afirmação na mesma escala da sua sucessora mais tardia fora da Península Itálica, esteve o sucesso dos grandes centros sudgálicos de La Graufesenque e Montans.

Os mais antigos centros produtores das Gálias, na área do Languedoc e bacia do Ródano, parecem na origem equivaler a locais onde se estabeleceram inicialmente artesãos oriundos da Península Itálica que envolveram nos processos de fabrico outros, indígenas experimentados. As impressões mais antigas de sítios como os de Lyon³⁰⁸, Bram, Montans, Crambade, Jonquières³⁰⁹ ou La Graufesenque³¹⁰, não mostram porém a existência de uma dependência formal de gálicos relativamente a forâneos, e as morfologias dos vasos denotam uma simbiose entre uma forte tradição itálica e contributos autótones.

Este arranque da produção, perseguindo os mesmos fins, mas executado noutra ambiência social e cultural, produziria distintas formas de organização interna das olarias.

Gunnar Fülle defendeu, em data recente, que a organização interna itálica teria sido no essencial transposta para solo gaulês. Assim interpreta o testemunho da diversidade de artesãos como equivalente à força de trabalho colocada sob a alçada de um ou vários indivíduos de condição jurídica e económica superior, os detentores da olaria, numa relação do tipo “dependente / principal” em parte construída a partir de contratos similares ao de *Oxyrrinchus*, e que incluiria também um número elevado de artesãos de estatuto servil³¹¹. Não parece, contudo, que a leitura elaborada por este investigador seja desta feita suportada pelos dados, pois apenas um escravo está documentado entre os cerca de 600 oleiros ativos em La Graufesenque e 200 de

³⁰⁵ Idem.

³⁰⁶ OCK 1212, p.290.

³⁰⁷ G. Camodeca, 2005, p. 216.

³⁰⁸ M. Genin e A.Vernhet (dir.), 2002.

³⁰⁹ M. Passelac, 1986a, p.35-38; Idem, 1986b, p.48-51; M. Passelac, R. e M. Sabrié, 1986, p.52-55;

³¹⁰ M. Genin (dir.), 2007, p. 41.

³¹¹ G. Fülle, 2000, p.44-70.

Montans, e a combinação de róis *versus* “marcas”³¹² demonstra a inexistência da aplicação do modelo contratual egípcio no sítio gaulês.

De todos os centros do sul da Gália, La Graufesenque é o mais bem estudado, como também, e de longe, o de maior expressão. Sobre ele foi publicada em data recente uma extensa monografia dirigida por Martine Genin e Daniel Schaad, em dois volumes, um abordando a arqueologia do sítio e outro os fabricos de vasos lisos e problemáticas gerais da produção³¹³. A obra amplia os conhecimentos já antes disponíveis numa vasta lista de monografias elaboradas até então, com destaque para extensos trabalhos como o clássico do Abade Hermet, a diversidade de textos de Alain Vernhet, a publicação do *corpus* dos textos contidos nas quase duas centenas de róis de enformamento por Marichal, as investigações de Mees sobre os vasos decorados, a monografia de Vechten por Marinus Polak, fundamental para o estudo das “marcas de oleiro”, e os estudos do naufrágio de Cala Culip IV, dirigidos por Nieto Prieto³¹⁴.

A documentação variada do sítio, que inclui diversificados contextos arqueológicos, quase duas centenas de róis de enformamento redigidos em latim e gaulês, “marcas de oleiro” nomeando indivíduos livres pelo seu *cognomen*, *duo* e *tria nomina*, mostra a existência de uma comunidade de artesãos numerosa, muitos dos quais trabalhando de forma independente, com fornos de capacidade variável e onde se pratica de forma extensa o enformamento comunitário, a par do individual e, com probabilidade também, o contratualizado.

Muitos dos oleiros das etapas iniciais de grande difusão, que se pode situar genericamente no principado de Tibério, continuarão documentados em “marcas de oleiro” em datas muito posteriores: tais os casos de *Acutus*, *Ardacus*, *Billicatus*, *Cocus* ou *Damonus*, entre outros, com o nome impresso desde c. 20 d.C. até, nalguns casos, o advento de Vespasiano³¹⁵. Este elemento demonstra que, como provavelmente aconteceu na produção itálica com *Cneus Ateius*, cujas oficinas pisanas terão passado a ser geridas por um grupo de libertos seus³¹⁶, também no sul da Gália por vezes a unidade de produção terá prosseguido a sua laboração após o falecimento do seu

³¹² Os róis de enformamento de cronologia cláudia são, a esse respeito, eloquentes- Conf. R.Marichal, 1988 ou Idem, 1986, p. 17-20. O único escravo é mencionado por D.P.S.Peacock, no seu clássico *Pottery in the Roman World: an ethnoarchaeological approach*, Londres e Nova Iorque- Conf.D.P.S. Peacock, 1982, p. 122.

³¹³ M. Genin (dir.), 2007.

³¹⁴ F. Hermet, 1934; A. Vernhet, 1979, 1986a, 1986b, 1986c, 2002; M. Passelac e A. Vernhet, 1993b; R. Marichal, 1986, 1988; A. Mees, 1995; M. Polak, 2000; J. Nieto Prieto, 1989 ; J. Nieto Prieto *et al.*, 1989 e J. Nieto Prieto e A.M. Puig, 2001.

³¹⁵ NOTS e M. Genin (dir.), 2007, p.273.

³¹⁶ P. Kenrick, 1997, p.179-190.

original detentor, mediante uma solução de gestão que pode ter sido encontrada no seu interior. Trata-se de mais um argumento a favor de uma designação das impressões como “marcas de *officina*”³¹⁷.

Como sintetizaram Martine Genin e Daniel Schaad, de toda a vasta bibliografia de referência sobre o sítio acima citada transparecem duas visões gerais opostas sobre a organização interna do centro oleiro do Tarn: um “artesanato agrupado” *versus* “um verdadeiro testemunho de indústria capitalista regida por uma hierarquia interna obedecendo a regras estritas”³¹⁸.

Renée Marichal defende que a existência de uma associação de tipo colegial, onde o *casidanos*, sacerdote eleito mencionado nos róis, que faz equivaler de alguma forma ao flâmine romano, deteria um papel fundamental na organização da produção e comercialização dos vasos³¹⁹. Um pouco neste sentido vai o entendimento de Geoffrey Danell, que embora descarte o relêvo concedido por aquele investigador ao papel do dito sacerdote ou dos *collegia*, entende existir uma organização interna centralizada³²⁰.

Nieto Prieto, por seu turno, interpreta a informação no sentido de “um conjunto de oleiros mancomunados”, agindo de forma concertada³²¹. Mais nesta linha, e rebatendo os argumentos de Marichal, a primeira perspetiva citada por Genin e Schaad foi avançada pela primeira vez por Jacob e Leredde, afirmando a inexistência de “qualquer associação profissional constrangedora” e entendendo que “os vários conjuntos de produtores mantinham relações profissionais não estáveis mas casuísticas, regidas por direito consuetudinário”³²².

Marinus Polak utilizou os róis para demonstrar a participação de indivíduos no processo produtivo que, apesar de livres, desempenhariam tarefas para outros oleiros, sendo, portanto, seus assalariados: é o caso dos oleiros mencionados nos grafitos que não marcaram vasos, como *Deprosagijos* e *Cosojus* (este último teria trabalhado sucessivamente para *Félix i* e para *Tritos* na modelação de determinados tipos de vasos), ou de *Tritos*, que forneceu quase exclusivamente *licuias*, *accitabili* e *paraxidi* para *Castus i*, mas produziu outro tipo de vasos para outros oleiros³²³. Da mesma forma, o registo de fornadas mostra que certos oleiros não possuíam forno próprio e recorriam

³¹⁷ Conf. R.B. Silva, 2005, p.62 e segs, com indicação da bibliografia sobre esta matéria a que se deverá acrescentar M. Genin (dir.), 2007, p.273-274.

³¹⁸ M. Genin e D.Schaad, 2007, p. 351-354.

³¹⁹ R. Marichal, 1988, p. 19 e 272.

³²⁰ G. Dannell, 2002, p.211-242.

³²¹ J. Nieto Prieto, 1989, p.107 e 113; J. Nieto Prieto e A.M. Puig, 2001, p.111-115.

³²² J.-P. Jacob e H. Leredde, 1986, p.23.

³²³ M. Polak, 1998, p.121.

ao de outros para a cozedura dos seus vasos³²⁴. Na perspetiva de Polak não se verifica, por consequência, uma relação constante entre o oleiro que não dispõe de forno e aquele que aceita os seus vasos, demonstrando assim que a organização da produção em La Graufesenque parece ter sido bastante flexível mas também especializada, considerando aqui “marcas” que documentam oleiros que só modelaram determinado tipo de vasos³²⁵.

Por seu turno, Allard Mees advoga que, com base na evidência disponível para a distribuição dos vasos decorados assinados, dos conjuntos destes provenientes de contextos selados de naufrágio, loja ou descarte portuário, como da articulação entre decorações feitas a molde e assinaturas dos vasos e entre estas e os nomes mencionados nos róis, caberia aos “fabricantes de moldes” ou “oleiros decoradores” a comercialização da *sigillata* ou, pelo menos, desempenhar um papel importante, decisor, neste âmbito³²⁶.

Na síntese mais recente, Genin e Schaad relembam que em La Graufesenque se verificam os seguintes elementos: centenas de *officinae*; um fabrico “calibrado”; um repertório normalizado e de grande longevidade; uma organização comercial potente e eficaz no longo termo³²⁷. Consideram também que a comprovada existência de diferentes níveis de indivíduos na organização interna, como de distintas escalas de produção das diversas unidades, postas em relação “*com a amplitude do fenómeno, levam a questionar sobre as instâncias que poderiam deter as rédeas deste negócio, tal é a dificuldade em imaginar que simples empresas mercantis, por mais fortes e ofensivas que fossem, pudessem montar um monopólio tal sobre os mercados*”³²⁸. Vão mais longe ainda, postulando que “*é preciso pensar em empresas perenes, trabalhando no longo termo, no quadro de um vasto programa posto em marcha no início do império, esquema incompatível com simples destinos individuais*”, vendo na fluidez de oleiros e moldes entre Montans e La Graufesenque, como nas áreas de comercialização bem diferenciadas dominadas por ambos os centros, mais uma manifestação material da

³²⁴ Idem e R. Marichal, 1988.

³²⁵ Idem.

³²⁶ A. Mees, 1994, p. 21 e Idem, 2011. A leitura do germânico não é, no entanto, isenta de controvérsia, como se constata pela imediata recusa desta interpretação por Armand Desbat e Alain Vernhet, in *Daf*, “Discussion”, p.41. Os estudos ulteriores, contudo, sugerem a correcção do entendimento de Mees- Conf. M. Polak, 2000; G. Dannell *et al.*, 2003; NOTS, reforçado pelos dados proporcionados pelos contextos fechados de comércio a retalho, como os de Oberwinterthur (E. Ebnöther *et al.*, 1994), ou o naufrágio de Cala Culip IV (J. Nieto Prieto e A. Puig, 2001).

³²⁷ M. Genin e D. Schaad, 2007, p.353.

³²⁸ Idem, p.353-354.

existência dessa instância superior que geria a comercialização e a produção³²⁹, o que os leva a concluir tratar-se de uma proto-indústria³³⁰.

A aplicação deste último conceito ao grande centro gaulês não é inovadora e já antes havia sido rechassada por D.Whittaker e J.Goody, fazendo aliás eco da necessidade sentida no âmbito da história económica de repensar a conformação da proposta inicial de Mendels³³¹.

Os dois investigadores britânicos repegam em diversos dados disponíveis, nomeadamente os proporcionados por diversos estudos, sobretudo de Alain Vernhet³³², procurando entender os aspetos fundamentais da produção como as fontes de matérias-primas, nomeadamente a madeira para combustível, a capacidade de compulsão anual de vasos, a mão-de-obra envolvida no processo e sua condição social e o escoamento da produção.

Em relação ao primeiro aspeto, a localização privilegiada do sítio, na confluência dos rios Tarn e Dourbie, num local de argilas abundantes e de qualidade, proporcionou facilmente fartos mananciais de água, tendo-se documentado aliás estruturas negativas equivalentes à captação hídrica³³³. No mesmo sentido, a área envolvente dos vales destes dois talwegues era, como ainda hoje é, rica em recursos florestais³³⁴, cuja exploração intensiva em Época Romana Imperial está arqueologicamente documentada, destinando-se à comercialização das madeiras e extracção de resina, finalidades maximizadas pela procura resultante do incremento da produção vitivinícola da Narbonense ao longo do séc. I d.C.³³⁵. Esta exploração florestal parece ter conhecido um desenvolvimento assinalável na região, sendo correntes os achados de anéis de ferro e liga de cobre ao longo do vale do Dourbie, interpretados como elementos para preensão dos troncos transportados por via fluvial³³⁶. Jean-Philippe Terreaux chega mesmo a explicar o acentuado declínio do centro a partir de 120 d.C. com a exaustão deste recurso³³⁷.

³²⁹ Idem, p.354.

³³⁰ Expressões como proto-industria, sucursais, casa mãe ou “*simples empresas mercantis*” ocorrem ao longo do texto dos dois investigadores franceses. Nomenclatura curiosa para quem declarara pretender fugir ao debate entre “modernistas” e “primitivistas”- Conf. Idem, p.353. Relembrem-se os dois parágrafos iniciais do presente subcapítulo.

³³¹ D. Whittaker e J. Goody, 2001, p.225 e 243.

³³² A. Vernhet, 1981, p.25-43.

³³³ O contexto denominado “*Grand Canal*” -conf. M. Genin (dir), 2007, p.71-82.

³³⁴ A. Vernhet, 1981.

³³⁵ M. Genin e D. Schaad, (dir.), 2007, p.354.

³³⁶ D. Whittaker e J. Goody, 2001, p.232.

³³⁷ J. -P. Terreaux, 2001 (acesso 21/03/2010).

Noutro sentido, aspetos acerca da mão-de-obra utilizados na produção oleira nunca haviam sido suficientemente explicitados até ao trabalho de Whittaker e Goody. Como vimos antes, os cerca de 600 oleiros atestados textualmente em “marcas” e grafitos, ativos ao longo de cerca de um século, não esgotam os trabalhadores envolvidos no processo produtivo. E, como ressalta das datas inscritas nos róis de enformamento, a atividade desenrolava-se sazonalmente entre Abril e Setembro³³⁸. Se as estimativas de Alain Vernhet estiverem corretas, isto é, se existirem no local cerca de 50 instalações oleiras dotadas de estruturas da dimensão do “*Grand Four*” com 12 fornadas anuais, e descontando os 10/20 % de defeituosos rejeitados, os fornos compulsariam 6 000 000 ou mais vasos/ano³³⁹; e se as estimativas de modelação /artesão/dia se situam nos 60/120 recipientes³⁴⁰ onde captar a força de trabalho necessária a uma escala de produção desta magnitude?

Para os dois investigadores britânicos citados, uma parte substancial do esforço de recolha do combustível seria proporcionado pelas acções de desflorestação, graças ao reaproveitamento dos ramos produzidos pelo desbaste dos troncos. Este manancial abundante, e que obrigatoriamente passaria por La Graufesenque, libertaria desta forma a força de trabalho local para outras tarefas. Mas, e o que parece muito sugestivo, também facultaria mão-de-obra abundante, dado que a atividade dos lenhadores é de igual forma sazonal e desenvolve-se entre Novembro e Março, justamente quando não se registam fornadas no centro oleiro³⁴¹.

Reforçando o carácter simbiótico da produção oleira de La Graufesenque, que se aplica em igual medida a Montans e, em certa medida, aos centros subsidiários de ambos, os mesmos investigadores chamam a atenção para a exportação de queijos de Nîmes. Mencionados por Plínio-o-Velho³⁴², seriam com muita probabilidade produzidos na região rutena do *Massif Central*, circunstância a que o mesmo autor da Antiguidade alude noutra passagem, menção partilhada mais tarde por Gregório de Tours. Trata-se de uma variedade de queijo que está na origem do duradouro e célebre Rochefort, que tanta importância económica assumiu para a região entre a Idade Média e o fim do séc. XIX³⁴³. Como acontece com a olaria e a exploração florestal, também esta produção

³³⁸ R. Marichal, 1988 e D. Whittaker e J. Goody, 2001, p.232.

³³⁹ A. Vernhet, 1981, p.43.

³⁴⁰ G. Camodeca, 2005. Mais uma vez recordamos os argumentos de Elisabeth Murphy e Jeroen Poblome que reputam esta cifra de conservadora- Conf. E. Murphy e J. Poblome, 2007, p.8.

³⁴¹ Idem.

³⁴² Plínio-o-Velho, *Naturalis Historia*, XI, 240 *apud* D. Whittaker e J. Goody, 2001, p.233.

³⁴³ Idem, p.234-235.

pastoril é sazonal, desenrolando-se de Dezembro a Julho, proporcionando disponibilidade de efetivos para o trabalho nas *officinae* de *sigillata* em Agosto e Setembro³⁴⁴.

Dever-se-á aduzir, neste último âmbito, um comentário particular acerca dos punções epigrafados coletados nos circulos de La Graufesenque e Montans, aliás muito insuficientemente publicados ainda. Por um lado, e como por várias vezes foi comentado pela investigação, as impressões do Sul da Gália mostram grafias iguais para distintos oleiros e várias grafias para um só, o que leva a considerar que o *abridor de punções* era, em muitos casos, um trabalhador especializado³⁴⁵, no que difere do modo itálico. Por outro, e também ao contrário dos punções empregues para marcar a *sigillata* itálica, de pedra e argila e, raramente, madeira ou metal, os instrumentos dos centros gálicos são quase exclusivamente em osso³⁴⁶. Os dados sugerem, portanto, que a tarefa de produzir punções destinados à marcação seria desenvolvida por artesãos habituados a manusear o osso, o que aponta na direcção da atividade pastoril.

Outro aspeto parece corroborar o entendimento de Whittaker e Goody. As “marcas de oleiro”³⁴⁷, como os moldes para elaboração de vasos decorados, mostram que alguns oleiros operaram em alternância nos dois principais centros rutenos. Esta mobilidade só se compreende, entre outros fatores, no quadro de uma mão-de-obra sazonal, que periodicamente poderia optar por trabalhar no outro centro. Mas explica, por acréscimo, as íntimas relações que num quadro mais amplo dos fabricos gálicos se estabeleceram entre os dois locais e entre estes e Lezoux³⁴⁸, ou a facilidade com que ocorre, a partir do fim do séc. I d.C., o fenómeno de deslocalização de artesãos para Banassac³⁴⁹ ou o já citado Lezoux, atestando-se a mesma circunstância para Rheinzabern e Lavoye, o que proporcionará aos centros Este e Centro gálicos a preponderância nos mercados antes rutenos verificada a partir do primeiro terço do séc. II d.C.³⁵⁰.

Importa aduzir outro elemento à reflexão, relacionável com as estruturas não produtivas dos centros oleiros. A escassa evidência arqueológica correspondente aos espaços habitacionais identificados em La Graufesenque mostra raros edifícios dotados

³⁴⁴ Idem, p.238.

³⁴⁵ B. Hofmann, 1986, p.44; M. Polak, 2000, p.39.

³⁴⁶ Idem.

³⁴⁷ Conf. NOTS.

³⁴⁸ P. Bet, R. Delage e A. Vernhet, 1994, p.19-42.

³⁴⁹ B. Hofmann, 1986, p.103-110.

³⁵⁰ Idem.

de alguma qualidade na decoração arquitectónica, com compartimentos pavimentados a mosaico e revestidos a fresco, denotando assim diferenças sociais e económicas entre artesãos³⁵¹. Esta distinta elaboração das construções poderá, para além do *status*, refletir a maior ou menor permanência no local dos seus utilizadores.

Para além dos fatores citados, a rede de transportes disponível assume um outro papel chave no sucesso de La Graufesenque. A existência ali da única ponte de pedra que permite o atravessamento do Tarn e a propriedade imperial das minas de metais preciosos, próximas, são importantes fatores³⁵². A estes aduzem Whittaker e Goody a relevante importação do sal em grandes quantidades do Languedoc, vital para a conservação e durabilidade do queijo produzido no *Massif Central*³⁵³. O sal constituiria a mercadoria de retorno que permitiria rentabilizar a viagem em carroça de Millau ao litoral do Sul de França, tendo em vista o transporte dos vasos em *terra sigillata* para os pontos de redistribuição, em particular Narbonne, necessidade que estimam em cerca de 500 veículos³⁵⁴.

Encerrando a sua leitura do grande centro ruteno, os investigadores britânicos que se vêm cotejando concluem da profunda simbiose económica que entendem ter ocorrido no território ruteno entre exploração florestal (madeira e resina), produção agro pastoril (queijo e, talvez, cabedal) e oleira (*terra sigillata*). Estas produções rurais, empregando uma força de trabalho rural, por definição inviabilizam a aplicação do termo proto-indústria, considerando mais adequado em termos conceptuais o emprego de manufatura³⁵⁵.

A partir dos Flávios, e concluindo-se no primeiro terço do séc. II d.C., desenrola-se um processo histórico complexo, onde os centros oleiros do sul da Gália, até então dominantes na maioria do espaço ocidental do Império, vão sofrer forte concorrência por fabricos elaborados em vários pontos disseminados neste âmbito geográfico. Nas *Hispaniae* os vasos de origem setentrional conquistam áreas extensas do interior, norte e espaços do sul, enquanto os meridionais marcam presença sobretudo na Bética e Lusitânia meridional. De igual forma, as produções itálicas tardias conhecem então alguma vitalidade, continuando a dominar de forma esmagadora a sua Península de

³⁵¹ D. Whittaker e J. Goody, 2001, p.231. Conferir também A. Schaad (dir.), 2007.

³⁵² De há muito citada. Conferir referências múltiplas em A. Schaad (dir.), 2007. Uma boa noção é transmitida em Idem, p.30, IM. 6.

³⁵³ D. Whittaker e J. Goody, 2001, p.233.

³⁵⁴ Idem.

³⁵⁵ Idem, p. 243-244. De igual forma, e dada a dimensão do fenómeno, questionam-se se outros similares não terão porventura ocorrido no mundo romano que permitissem formular um novo conceito aplicável a este tipo de realidades- Conf. Idem, p.244.

origem e denotando alguma competência nos mercados do Mediterrâneo, sobretudo na sua zona central. Na Britânia, Germânicas, Panónia, Ilírico e Gálias, excepto a Narbonense, as *officinae* renanas, centro e estegálicas dominam os aprovisionamentos³⁵⁶. Na área da atual Tunísia inicia-se modelação e exportação, ainda tímida para a pujança que irá adquirir mais tarde, de *terra sigillata* clara africana. Em pouco mais de três décadas o conjunto destes fabricos substitui em definitivo os vasos oriundos de La Graufesenque e Montans nas áreas comercialização outrora suas.

É neste quadro que despontaram e afirmaram as produções hispânicas, que passamos a abordar, convindo, em primeiro lugar, situar sua a origem.

Como aconteceu com as produções itálicas que tiveram lugar em território peninsular ibérico, também aqui se verificaram fabricos de *terra sigillata* sudgálica, pelos denominados “oleiros hispânicos precoces”: *Maternus*, *Asiaticus* e *M. Cornelius Reburus*. Trata-se de produções “singulares”, de artesãos datados da época dos imperadores Cláudios, com muito escassa compulsão e uma difusão estritamente regional, todos ubicados no norte da Meseta³⁵⁷. Embora estas experiências possam ter contribuído de alguma forma para o despontar da importante produção subsequente, não existem por ora evidências que o comprovem categoricamente.

Tanto quanto se pode discernir dos dados publicados, os dois grandes complexos oleiros de Andújar e Trício (ou La Rioja), distinguem-se no que respeita às origens do fabrico de *sigillata*. Em Andújar existe um saber fazer oleiro já ativo com exportação atestada que a antecede, envolvido na compulsão de, entre outros, lucernas, “paredes finas”, “vasos ibéricos”³⁵⁸ e, talvez, “cerâmica de tipo Peñaflores”³⁵⁹. La Rioja, por seu turno, inicia a sua laboração sem que se lhe conheça ali qualquer produção importante ou de exportação significativa, excepção feita aos pólos de Camprovín e Manjarrés onde se documenta o fabrico de “vasos ibéricos” pintados³⁶⁰.

O estágio atual dos nossos conhecimentos sobre a organização interna dos dois grandes centros de *terra sigillata* em solo ibérico não é comparável ao que hoje em dia detêm os outros antes abordados, sendo múltiplos os fatores que o explicam³⁶¹. Poderiam eleger-se dois como, porventura, fundamentais: ao ter uma difusão geográfica

³⁵⁶ M. Genin e D. Schaad, 2007, p.298.

³⁵⁷ E. Serrano Ramos, 1999, p.253-258.

³⁵⁸ M. Sotomayor Muro, M.R. Rouméns e M.I. Fernández García, 1999.

³⁵⁹ Utilizamos aqui a designação mais tradicional. Para uma visão abrangente da matéria- Conf. M. Bustamante Álvarez e E. Enguita, 2008.

³⁶⁰ M. Madrid Fernández, 2005, p. 341.

³⁶¹ Veja-se sobretudo e J. Buxeda i Garrigós e F. Tuset i Bertrán, 1995.

fundamentalmente restrita à Península Ibérica e *Mauretania Tingitana*, a *sigillata* hispânica enfrenta a especial dificuldade de, de um ponto de vista dos elementos que ancoram as datações, não dispor do precioso auxílio de contextos datados externamente, tão abundantes na Europa do Norte e que conformam uma fiabilidade de análise aqui indisponível; em segundo lugar, e como acontece para outras produções, verifica-se um insuficiente conhecimento arqueológico da estruturação dos espaços nos principais centros, com especial saliência para as áreas de habitat dos trabalhadores, estando igualmente por tratar em profundidade a leitura do enquadramento territorial dos sítios, à excepção da componente viária³⁶².

Corroborando a perspectiva sobre o segundo fator, o melhor testemunho, datado de 1999, é dado pelos próprios Roca Roumens, Sotomayor Muro e Fernández García para os trabalhos que executaram em Los Villares de Andújar: “(...) *el yacimiento (...) ocupa varias pequeñas parcelas de distintos propietarios, los cuales autorizan la realización de excavaciones con la condición de que se tapen los cortes realizados una vez finalizada la excavación (...); en este sentido se han evitado, a sabiendas, setores susceptibles de propocionar restos de estruturas, habiéndonos concentrado, en cambio, en la exploración de vertederos que ofrecen abundante material (...)*”.³⁶³

O panorama para o complexo de La Rioja é, a este respeito, um pouco distinto. Os pólos junto a Arenzaja de Arriba, La Puebla e Cereceda sucedem-se no tempo, iniciando-se a atividade no segundo após o fecho do anterior, no séc. II d.C. Mais a sul, em Bezares, está documentada a estrutura da olaria e instalações relacionadas, incluindo as de depuração da argila, para além de diversas entulheiras. Junto a Trício, dos pólos de Prado Alto, Rivas Caídas, Guerrero, Loz Pozos e La Alberguería, foram nalguns casos recolhidas evidências de instalações anexas de tratamento da argila e modelação ao torno dos vasos, para além de entulheiras. Camprovín, Manjarrés e Baños de Río Tobía conhecem-se exclusivamente por achados de superfície³⁶⁴.

A notícia de escavações recentes em distintos núcleos, de que merece menção específica El Quemao³⁶⁵, mostra bem as potencialidades de uma abordagem metodológica que incida sobre a espacialidade das *officinae*. Maria Pilar Sáenz

³⁶² Esta apreciação parece adequada em função do conteúdo das mais recentes sínteses sobre a matéria- Conf, J.C. Sáenz Preciado, 2007, p. 387-394; M. I. Fernández García e M. Roca Roumens, 2008, p.307-332. Note-se que neste último trabalho se dá conta de um projecto de estudo do enquadramento territorial de Andújar, recentemente posto em marcha- Conf. Idem, p.308. Os aspectos viários foram bem salientados para as produções do grupo de La Rioja por J.C. Sáenz Preciado, 2007, p. 391.

³⁶³ M. Sotomayor Muro, M. R. Roumens e M. I. Fernández García, 1999, p.20.

³⁶⁴ M. Madrid Fernández, 2005, p.340-341.

³⁶⁵ M.P. Sáenz Preciado, 2000.

Preciado reporta que as escavações de 1998-1999, por si dirigidas, detetaram cinco fornos e entulheiras de momentos diferentes das olarias ativas no polo³⁶⁶. Documentaram-se catorze oleiros já atestados anteriormente no local, entre os quais alguns dos de maior difusão da *terra sigillata* hispânica como *Flaccus Tritiensis*, *Lapillius* e *L.Valerius Paternus*, conjuntamente com outros ali desconhecidos como *Maximus*, *L.Aci() Sot()*, *Lucius Valerius Firmus* e *Cornelius Firmus*. De especial interesse parece tratar-se a associação de vários oleiros em alguns espaços, então ainda insuficientemente caracterizados, ao passo que uma área porticada para o exterior, dotada de pátio interno, corresponderia à olaria própria de *Agilianus*³⁶⁷.

Significa o conjunto destes dados que, como acontece na produção sudgálica, se verifica a ocorrência de enformamento comunitário, a par de fornos próprios? Tanto quanto sabemos, e ao contrário dos fabricos itálicos e meridionais gauleses, não se conhece na *Hispania* setentrional um único rol de enformamento que suporte este entendimento. E se à essa ausência deste testemunho se deve conferir relevância, o que produz as ocorrências conjuntas de produtos assinados por distintos oleiros nos contextos estratigráficos? Será uma parte da produção contratualizada internamente, mancomunada ou adoptaria outros modelos? Tratando-se de uma produção sazonal, se na Itália decorria no quadro de áreas suburbanas e *uillae*, como se verifica múltiplas vezes em solo hispânico, e na Gália do Sul de forma simbiótica com outros produtos rurais, qual(is) o(s) modelo(s) dos grandes centros produtores bético e tarraconense?

Em relação a esta última interrogação, a elevada concentração de olarias produtoras de ânforas no Vale do Guadalquivir, diretamente relacionáveis com a produção de azeite destinado à exportação, mostra mais um exemplo de produção rural simbiótica, considerando as épocas do ano de preferencial funcionamento dos fornos, na Primavera e Verão³⁶⁸, e a época da apanha da azeitona, que normalmente se desenvolve entre Outubro e Dezembro. A exploração oleícola poderá assim ter permitido também que Andújar captasse uma parte da mão-de-obra regional. Para o caso tarraconense, contudo, não se vislumbram as atividades económicas que poderão ter sido desenvolvidas pelos trabalhadores fora da época das fornadas, mas convem

³⁶⁶ Idem.

³⁶⁷ Idem, p.295.

³⁶⁸ Em sentido contrário, um dos grafitos *ante cocturam* recolhido no CIL e referente à confecção de uma ânfora Dressel 20 indica uma data em pleno Inverno, ao contrário dos restantes. Dado a conhecer posteriormente à elaboração deste texto por Juan Móroz Díaz e PieroBerni Millet (2012), se não invalida a nossa leitura, fragiliza-a de forma extrema. Agradece-se a Catarina Viegas a sua referência feita por ocasião da arguição da presente dissertação.

recordar que a região de La Rioja tem importante produção vitivinícola, e atendendo a que a época da vindima se desenvolve a partir do início do Outono, esta é uma das possibilidades a requerer maior investimento dos estudos.

Por mais estimulantes e fundamentais que sejam estas questões, aquilo que existe no momento ao dispor da investigação quase mais não permite do que a sua formulação, dado que a maioria da informação arqueológica veiculada dos diferentes locais de produção são resultado das recolhas de superfície efetuadas, de inquestionável alto valor informativo, mas claramente insuficientes para permitir leituras consolidadas da estrutura e organização interna da produção.

Portanto, o essencial do que conhecemos hoje da temática é a escassa informação referente às “marcas de oleiro”, internas e esgrafitadas em moldes para produção de vasos decorados, hábito epigráfico que permitiu conhecer o nome de cerca de meia centena oleiros de Andújar e de aproximadamente centena e meia de La Rioja, que tende a desaparecer ao longo do século II d.C., mas ainda ocorre muito esporadicamente em inícios séc. III d.C. nos vasos setentrionais³⁶⁹.

Em Andújar, o arranque enquanto centro produtor de *sigillata* é atribuído ao período de entre Tibério e Cláudio, com o seu auge exportador com os Flávios sendo as fases finais do fabrico atribuídas aos meados do séc. II d.C., segundo os investigadores ligados ao sítio³⁷⁰.

Estas cronologias foram recentemente contrariadas por Macarena Bustamante Álvarez, que demonstrou a inexistência de vasos deste centro em contextos seguros anteriores à época dos imperadores flávios na própria área de difusão que Andújar dominou³⁷¹. No mesmo sentido, os estudos de José Carlos Quaresma sobre os materiais de Miróbriga que, apoiado em análises químicas e nos dados estratigráficos, demonstra que os distintos fabricos por si estabelecidos para a *sigillata* hispânica de Andújar, como procedeu também para Trício, ocorrem preferencialmente em determinados períodos, mostrando-se ali o vigor das olarias béticas nos finais do séc. I e, sobretudo, ao longo da primeira metade do séc. II d.C.³⁷². A estes elementos poderíamos aduzir o contributo de vários dos contextos selados publicados da Praça da Figueira, em Lisboa, no seu conjunto datados dos anos 60 d.C., onde estes fabricos e os de La Rioja estão

³⁶⁹ Caso de *Agilianus* e *Masse*—Conf. M. Bustamante Álvarez, 2010a, respetivamente p.673 e 678. No caso do segundo oleiro, porém, o entendimento baseia-se num único exemplar, sendo recorrentes materiais mais antigos nas unidades estratigráficas com aquela datação.

³⁷⁰ M. Sotomayor Muro, M. Roca Roumens e M.I. Fernández García, 1999, p.32-33.

³⁷¹ M. Bustamante Álvarez, 2010.

³⁷² J.C. Quaresma, 2008, p.490.

ausentes³⁷³.

Quando Andújar iniciou a sua atividade de fabrico de *terra sigillata*, num momento impreciso do séc. I d.C., fê-lo com oleiros já estabelecidos e operativos no local: as “marcas de oleiro” comprovam a sua continuidade através do uso dos mesmos punções de entalhe empregues para marcar *sigillata* e antes lucernas³⁷⁴. Conhecendo-se cinquenta e dois oleiros, nas suas impressões e grafitos privilegiou-se o uso de *tria nomina*, *duo nomina* e um só nome, normalmente com textos muito abreviados que deverão na maioria corresponder a *ingenui*, libertos ou cidadãos, não se conseguindo adscrever nenhum *nomen* a qualquer terra tenente ou magistrado local no aro do centro produtor³⁷⁵.

Muito mais ativo, com maior compulsão de vasos e contando com cerca de centena e meia de nomes de oleiros repertoriados, o complexo de La Rioja desponta no principado de Vespasiano, assistindo desde o seu início a uma concentração de artesãos na região, testemunhada pelo abandono de centros mais distantes e sua transferência para as proximidades de *Tritium Magallum* e Vale do Najerilla³⁷⁶.

As “marcas” reportam-nos *tria nomina*, *duo nomina* e um só nome, mas também associações, no que difere do centro bético e que tem paralelo apenas na produção gálica e na de modo itálico efetuada fora da Península desse nome. Não possuímos, no momento, dados que nos permitam aprofundar o estatuto social dos artesãos, em qualquer dos casos de condição livre. Os escassos elementos colhidos da epigrafia não objetual sugerem a existência de distinções na sua hierarquia, como acontece com os *Mamillii* tricienses, família de produtores estudada prosopograficamente por Emílio Espinoza e que assim sabemos ter conseguido alcançar algum estatuto social e político em *Caesaraugusta* e *Tarraco*, tendo vários indivíduos da família alcançando magistraturas³⁷⁷.

O estudo fundamental levado a cabo recentemente por Macarena Bustamante Álvarez apresentou contributos inovadores, nalguns aspetos até revolucionários,

³⁷³ Conf. R.B. Silva, 2005, p.229 e seguintes. No local foram detectados dois exemplares hispânicos, atribuíveis aos dois grandes centros, associados à intensa campanha de obras na via norte datada de cerca de 65 d.C. Trata-se de elementos singulares, exumados numa faixa de pouco mais de 60 cm de largura, ao contrário das unidades estratigráficas atribuídas ao mesmo momento que escavámos a norte e a sul, em amplas áreas muito mais controladas em termos de escavação, e onde se recolheu *sigillata* em números elevados registando-se a ausência de fabricos hispanos. Esta dupla circunstância leva-me a questionar os meus próprios dados e pôr em causa as ilações que retirei em 2005- Conf. Idem, p.267.

³⁷⁴ M. Sotomayor Muro *et al.*, 1999, p.21-22.

³⁷⁵ F. Mayet., 1984.

³⁷⁶ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.700.

³⁷⁷ E. Espinoza, 1999, p.267.

permitindo resolver muitas das indefinições cronológicas referentes à atividade dos oleiros de La Rioja e esclarecendo também os ritmos gerais destes fabricos setentrionais.

Ressalta, em primeiro lugar, que dos sessenta e um oleiros documentados nos contextos bem datados da lixeira urbana de Calle Almendralejo n.º 41, em Mérida, apenas dois iniciam a sua atividade após o início do séc. II d.C., e cinquenta e seis operam no curto lapso de 70-100 d.C., pelo que o essencial da produção setentrional documentada por “marca” é trabalho de uma geração de artesãos ao longo de apenas 20-30 anos³⁷⁸, provavelmente organizados em cartel, como se propôs para os dois grandes centros gálicos rutenos³⁷⁹.

Em segundo lugar, ao longo da maior parte do século II d.C. a produção é quase exclusivamente assinada por oleiros cuja atividade se iniciou no final da primeira centúria ou pouco após, caso de *Agillianus*, *Firmus Tritiensis*, *Lapillius* e *Valerius Paternus*, o que é interpretado pela investigadora espanhola como correspondente à concentração nas mãos de uns poucos indivíduos do grosso da produção³⁸⁰. Nota, de igual forma, que a extensa laboração comprovada pelo enquadramento contextual estratigráfico de “marcas de oleiro” das assinaturas citadas se estende, consoante os casos, ao longo de 80 a 100 anos, comprovando que o texto se reporta a sucessivas gerações de indivíduos, provavelmente no seio das mesmas famílias³⁸¹.

Em ambos os casos dos grandes centros hispanos conhecem-se olarias subsidiárias, constituídas como resposta à procura dos mercados. Os oleiros de Andújar estão envolvidos no estabelecimento de olarias na área de Granada, Málaga³⁸², La Salut, junto a Sabadell³⁸³ e Talavera de La Reina³⁸⁴, unidades vocacionadas para o abastecimento de centros urbanos de alguma entidade. Muitos outros pólos estabeleceram-se no quadro dos *fundi* de *uillae*, fabricos pontuais desenvolvidos ao longo dos séculos II e III d.C., possivelmente contratualizados e próprios, testemunhados sobretudo pelo achado frequente de moldes para elaboração de vasos decorados, muitas vezes de origem local comprovada por análises arqueométricas³⁸⁵, conformando uma realidade muito repartida, rica e complexa, para a produção

³⁷⁸ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.700.

³⁷⁹ Idem, p.74.

³⁸⁰ Idem, p.700.

³⁸¹ Idem.

³⁸² E. Serrano Ramos, 1991.

³⁸³ M. Madrid Fernández, 2005, p.342.

³⁸⁴ L.C.Juán Tóvar, 1983.

³⁸⁵ M. Madrid Fernández, 2005, p.342 e seguintes.

hispânica daqueles momentos.

5.3. Sobre do estado atual dos conhecimentos sobre o comércio de cerâmicas finas durante o Alto Império Romano.

A noção dos preços atingidos pela *terra sigillata* nos diferentes contextos geográficos da Antiguidade é matéria que em boa medida nos escapa, considerando a exiguidade dos textos coevos sobre a matéria, duas episódicas menções esgrafitadas em vasos de cronologias e proveniências muito distintas³⁸⁶.

Pode-se presumir que certos mecanismos económicos se fizeram sentir no valor atingido pelos vasos nos mercados, designadamente os custos de produção, os de transporte e intermediação. Complementarmente, como se comprovou já para outras mercadorias que circularam no Império Romano, a intervenção do Estado, no que se convencionou designar por comércio institucional, ter-se-á refletido direta ou indiretamente na forma como se processou a distribuição, como denunciam as evidências do registo arqueológico, nomeadamente os contornos assimétricos verificados na difusão de certas cerâmicas, perfil de todo explicável pelos mecanismos de funcionamento do “mercado livre”³⁸⁷.

Tal como aconteceu na esfera produtiva, a investigação tem procurado esclarecer as diferentes formulações que o comércio de cerâmicas de mesa conheceu no Alto Império, resultantes tanto da multiplicidade de infra-estruturas económicas e financeiras presentes nos espaços de produção³⁸⁸ e consumo, como da diversidade de perfis sócio-culturais dos consumidores³⁸⁹.

O tipo de consumidores dos vasos em *terra sigillata* é decisivo na difusão do hábito, sendo equivalente ao que Greg Woolf denominou a “*revolução do consumidor*” em referência às Gálias, que se traduz pela romanização das províncias induzida através de novos padrões de consumo ligados à identidade social romana³⁹⁰.

A evidência arqueológica, mas também epigráfica, mostra a validade daquele entendimento, sendo aliás as “*marcas de oleiro*” um instrumento que o ilustra de maneira expressiva. A título ilustrativo, Roma mostra-se como um dos destinos primordiais dos vasos, acusando 5515 exemplares itálicos e tardo-itálicos repertoriados

³⁸⁶ J.C. Quaresma, 2002, p.80.

³⁸⁷ Entre muitos outros textos podem-se citar; P.F. Bang, 1995, 1997; G. Woolf, 1998; J. Carreras Monfort, 1999; P. Temim, 2001.

³⁸⁸ Vide subcapítulo “A organização interna das olarias”, *supra*, no presente texto.

³⁸⁹ M. Millet, 1980.

³⁹⁰ G. Woolf, 1998, p.169-205.

até ao ano 2000³⁹¹; até esse mesmo ano Mainz registara 497 “marcas” itálicas³⁹² e um número de impressões gálicas muito superior a 1000 exemplares³⁹³, o aquartelamento de Vechten 776 exemplares itálicos³⁹⁴ e aproximadamente 3000³⁹⁵ gálicos; nas Hispânicas, Tarragona e Ampúrias registavam os valores mais altos detidos pelos fabricos de modo itálico a seguir à *urbs*, respetivamente, 791 e 643 exemplares³⁹⁶, sendo sobejamente conhecido o enquadramento institucional, mas de igual forma militar, atribuível aos dois centros levantinos peninsulares. Os números atingidos por estes dois aglomerados hispanos, como os dos sítios militares setentrionais, contrastam com os de pontos maiores do Império Romano se se considerarem as respetivas dimensões demográficas e comerciais, demonstrando por si só que estes dois fatores não explicam as ocorrências: levando em consideração os valores atingidos pelas impressões itálicas, Alexandria acusa 202 “marcas”, Cartago 457, Putéolos 405 e Óstia 332. De fato, e como a investigação vem enfatizando, os volumes dos achados de *terra sigillata* de modo itálico e gálico dos sítios arqueológicos militares do Norte da Europa não têm paralelo quantitativo com os das paragens meridionais civis de dimensão demográfica comparável.

Por outro lado, a evidência epigráfica concorre no mesmo sentido e mostra uma concentração de *negotiatores* documentados por inscrições pétreas nas províncias do Norte, virtualmente datadas do séc. II e III d.C., indícios de uma óbvia conexão com os circuitos de abastecimento institucionais: Lyon, com 22 testemunhos dos 23 da *Gallia Lugdunensis* só é ultrapassada por Roma (71 exs.), estando bem acima de Óstia e *portus* (13 exs.), Colónia ou Mainz (12 exs.), números mais uma vez em contraste com os exemplos da *Narbonensis* (5 exs.), *Aquitania* (4 exs.), ou das ainda mais discretas atestações da *Britannia* (2 exs.), *Africae* (2 exs.) e *Hispaniae* (1 ex.)³⁹⁷.

O recurso ao elemento epigráfico reveste-se, aliás, de pertinente interesse. Com uma única exceção britânica, do aro de Lyon e Estugarda provêm as menções explícitas a *negotiatores cretariae* ou *negotiatores artis cretariae*³⁹⁸, datáveis de entre os finais do século I e o séc. III d.C., tomadas por vezes pela investigação como ilustradoras de um

³⁹¹ OCK-CD.

³⁹² OCK-CD

³⁹³ V. Geissner, 1904; P. Jung e N. Schücker, 2006.

³⁹⁴ OCK-CD.

³⁹⁵ M. Polak, 2000.

³⁹⁶ OCK-CD.

³⁹⁷ K.Verboeven, 2007, p.301.

³⁹⁸ Conf. D. Wells, 1977, p.136; Wiesbaden, Colónia e Middelburg- Conf.M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.75.

panorama mais genérico de comerciantes especializados presentes noutros espaços provinciais, mas escassamente documentados através das inscrições por questões sócio-culturais que se teriam refletido no distinto hábito epigráfico³⁹⁹. Em sentido contrário opinam outros autores, de forma aparentemente mais consistente, que fundamentados na repartição e localização dos testemunhos textuais citados perspetivam esta evidência como resultado da exigência de especialização de agentes comerciais na Gália do Norte motivada pelo volumoso comércio de vasos com destino aos importantes mercados militares do *limes* germânico e da *Britannia*, e por isso circunscritos a pontos-chave da sua redistribuição⁴⁰⁰.

Neste sentido, as condições para o surgimento destes grossistas seriam muito circunscritas geograficamente, de forma alguma se podendo supor a sua existência com a mesma dimensão noutras áreas, sugestão que parece reforçada aí pelo silêncio epigráfico sobre a matéria.

Mas, se as fontes textuais são omissas em relação à existência de agentes económicos de menor entidade que de alguma forma funcionaram como redistribuidores, como dos circuitos por eles usados, os dados arqueológicos são bastante ricos e esclarecedores a propósito das rotas de difusão dos vasos e, pontualmente, do carácter do comércio praticado.

A maioria dos mais importantes grandes complexos oleiros dos séculos I a.C.-II d.C., à excepção de Pisa e Putéolos, foram ubicados em localizações que claramente não tiveram em consideração a majoração das facilidades do transporte em navio, sendo servidos por eixos mistos fluvio-terrestres ou exclusivamente por redes viárias⁴⁰¹. Tais são os casos de Arezzo, La Graufesenque, Montans, Lezoux, Los Villares de Andújar e La Rioja, o que nalguns casos implicou a realização de trajetos longos percorridos em carro de tracção animal com os vasos, por vezes superando a centena de kilómetros⁴⁰², o

³⁹⁹ B. Hoffman, 1986 *contra* M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.75., onde a investigadora advoga cautelas no uso de terminologia latina.

⁴⁰⁰ S. Willis, 2005.

⁴⁰¹ Arezzo é servida pelo Arno, não se dispondo todavia de evidência arqueológica de mercadorias em trânsito. No caso de Lezoux, a circulação dos vasos dos centro produtor fazia-se através de pequenas embarcações pelo Loire, estando documentada apenas uma com o respetivo carregamento, contexto infelizmente mal caracterizado, na da foz do rio - Conf. M. Rhodes, 1986, p.50. Los Villares de Andújar servir-se-ia plausivelmente do Guadalquivir, como La Rioja do Ebro, através de *Caesaraugusta*, muito embora o essencial da sua difusão fosse exclusivamente terrestre- Conf. M. e J.C. Saénz Preciado, 1999.

⁴⁰² Para o caso de La Graufesenque foi estimada a necessidade de cerca de 500 carros para o escoamento da produção, ao longo de um trajecto de c.90 Km- Conf.D.Whittaker e J. Goody, 2001, p.233. O caso de La Rioja é mais expressivo, embora os números não tenham ainda sido estimados, tendo a difusão dos

que parece demonstrar o menor peso dos custos desta componente no cômputo geral dos ganhos obtidos com a venda da *terra sigillata* a partir dos centros produtores.

Contudo, e a despeito deste elemento, com exceção da difusão da mercadoria no interior da Hispânia a partir de La Rioja, os fluxos primários do comércio da *sigillata* utilizaram um transporte preferencialmente marítimo, compondo uma rede complexa de meios de comunicação e instalações de apoio.

A evidência arqueológica direta, é certo que escassa, parece suficientemente representativa a este respeito: as cerâmicas de La Graufesenque procuraram como primeiro destino os dois principais portos marítimos do Sul da Gália com caráter redistribuidor, assinalando-se em Narbonne a formação do depósito neroniano de La Nautique, resultado provável da acumulação dos despejos resultantes da triagem da cerâmica recebida antes do seu embarque para o outro porto de destino⁴⁰³, tendo em Arles ocorrido achados similares, sendo de notar tratarem-se das duas cidades que correspondem aos pontos fulcrais de difusão mediterrânica e de penetração para o vale do Rhône, eixo que atingirá depois Lyon, principal ponto aglutinador do abastecimento às populações militarizadas do *limes* germânico⁴⁰⁴; na Hispânia o Cala Culip IV, pequeno navio de 8 toneladas afundado na costa de Girona, partira da zona de Narbonne com 79 ânforas oleárias Dressel 20 béticas reaproveitadas para o envase de outro produto, 1475 vasos de paredes finas com a mesma origem, 2761 vasos de *terra sigillata* sudgálica e 20 lucernas de fabrico da zona da cidade de Roma, tendo naufragado quando percorria o trajeto plausível com destino a portos secundários mais a norte de Tarragona na costa levantina⁴⁰⁵; partido de um importante porto bético, o navio de maior calado de Port Vendres II (Golfo de Marselha), continha uma carga principal de 18 lingotes de estanho, ânforas béticas, contando com cerca de 50 Dressel 20, 15 Haltern 70, aproximadamente 10 Dressel 28 e um número inferior a 10 Beltrán I, acompanhadas de um “*número elevado*”, mas indeterminado e conservado praticamente inédito, de vasos de *terra sigillata* sudgálica⁴⁰⁶; no naufrágio de Dramond D, afundado no Var, a carga principal era constituída por ânforas ródias, grande quantidade de *mortaria* e em posição claramente subsidiária, lucernas e *sigillata* itálica⁴⁰⁷; também na costa meridional

vasos utilizado preferencialmente os grandes eixos terrestres do interior peninsular até atingir grandes pontos redistribuidores como Saragoça ou Mérida- Conf. M. P. e J.C. Saénz Preciado, 1999.

⁴⁰³ J. L.K Fiches *et al.*, 1979.

⁴⁰⁴ M. Rhodes, 1986.

⁴⁰⁵ J. Nieto Prieto, 1989; J. Nieto Prieto e A.M. Puig, 2001.

⁴⁰⁶ D. Colls *et al.*, 1977.

⁴⁰⁷ M. Rhodes, 1989, p.50.

francesa, o naufrágio Planier 1, para além das ânforas Dressel 2-4, transportava subsidiariamente também *sigillata* itálica e estatuetas em madeira⁴⁰⁸; na mesma área, embora um pouco mais tardio que os dois anteriores dentro do séc. I d.C., o carregamento principal de vinho itálico acondicionado em *dolia* no navio contentor conhecido como Grand-Ribaud D era acompanhado por pratos e taças itálicas, neste caso das formas Consp.22 e 33.1, contendo “marcas” de *Ateius*, *Cneus Ateius Mahes* e *Sex.T.Ac()*⁴⁰⁹; na *Britannia*, Londres assumiu-se como o principal centro receptor provincial, sendo vários os depósitos de descarte portuário identificados que incluíam quantidades elevadas de *sigillata* gálica, como os da Ponte de Londres⁴¹⁰ e New Fresh Wharf⁴¹¹; na mesma área geográfica, o navio de Pudding Pan Rock documentará o naufrágio na costa de Kent de uma embarcação, média para os padrões mediterrânicos, que efetuava a travessia do canal com uma carga principal seguramente constituída por vasos de *terra sigillata* e *nigra* de Lezoux, completada por telha⁴¹².

Os exemplos citados, destacados de uma lista um pouco mais ampla, comprovam arqueologicamente o transporte marítimo misto tendo por objetivo um destino correspondente aos portos redistribuidores principais à escala intra e extra provincial. No caso da *sigillata* do grupo de La Rioja, que circulou sobretudo por via terrestre, a evidência arqueológica do quantitativo dos vasos e “marcas de oleiro” mostra categoricamente que para a *Lusitania* a sua capital terá funcionado como principal centro redistribuidor⁴¹³, num papel que se assemelha ao modelo marítimo detido por Londres, Arles e Narbonne.

Noutro sentido, os naufrágios mencionados demonstram que esta cerâmica beneficiou dos fluxos de outras mercadorias para o seu transporte, motivo pelo qual se mostra frequentemente nos contextos arqueológicos de trânsito como elemento complementar de outras cargas principais, constituídas por produtos alimentares, metal ou material de construção.

A existência dos centros redistribuidores principais seria complementada à escala provincial pelas redes de comunicação aquáticas e terrestres, tendo as cidades funcionado como os pontos secundários da difusão da classe de cerâmica fina de mesa à escala regional. Os exemplos de armazéns junto às áreas de descarga surgem,

⁴⁰⁸ M. L'Hour, 1984, p.62; M. Corsi-Sciallano e B.Liou, 1985, p.24-25.

⁴⁰⁹ A. Hesnard *et al.*, 1988, p.89.

⁴¹⁰ M. Rhodes, p.48-49.

⁴¹¹ B. Dickinson, 1986.

⁴¹² M. Rhodes, 1989, p.50-51.

⁴¹³ F. Mayet, 1984, p.233.

igualmente, como evidência deste papel desempenhado pelos aglomerados: para além dos casos londrinos e gauleses de descarte portuário já mencionados acima, que implicavam a existência de *horrea* próximos, os conjuntos de Regis House, New Bridge Street (Londres)⁴¹⁴, Bittme Manor, Wroxeter, Budapeste, e, possivelmente, Gauting, Untereschenz e Burghöfe⁴¹⁵, mostram uma preferência por uma localização suburbana.

Esta será também a explicação mais plausível para a expressão quantitativa sem paralelo atingida pela *terra sigillata* na *uilla* romana de Represas (Beja), hipótese primeiro avançada por Jorge de Alarcão⁴¹⁶ a que Conceição Lopes deu outra consistência⁴¹⁷. O caso lusitano merece aliás uma menção especial, dado implicar que este papel redistribuidor para *Pax Iulia* desempenhado por aquela exploração rural se terá desenvolvido plurisecularmente, provavelmente ao longo de múltiplas gerações de uma mesma família, e que os resultados do negócio não terão sido suficientes para que os seus proprietários conseguissem a promoção arquitectónica do espaço construído ao nível de *uillae* próximas como as de Pisões ou Sulatesta⁴¹⁸, o que encerra também significado social na hora de aferir do *status* dos *mercatores* pacenses. Noutro sentido, Represas chama a atenção para o possível papel desempenhado por algumas *uillae* noutros locais de similar enquadramento geográfico, a aferir pela investigação futura.

Completando os circuitos que abasteciam os principais centros populacionais, as lojas que comercializavam *sigillata* documentadas arqueologicamente indiciam dois principais padrões locativos. O dominante é o da sua proximidade ao centro do espaço urbano, junto a uma das *uiae* principais, como acontece em Cosa, Autun, Mainz, Kempten, Magdalensberg, Bregenz, Colchester 1 e 2, Corbridge⁴¹⁹, Castleford⁴²⁰, e Narbonne⁴²¹.

Contudo, nos sítios militares do Norte da Europa, como em centros civis-militares na mesma área geográfica, a sua localização é periférica e fez-se preferencialmente junto à serventia das estradas, no quadro das *cannabae* ou das ocupações próximas aos acessos, como em Bellheim, Budapeste, Castleford, St.Albans, Winchester, Aichester, Szombathely⁴²² e Oberwinthertur⁴²³.

⁴¹⁴ M. Rhodes, 1989, p.52.

⁴¹⁵ Idem, p.49.

⁴¹⁶ J. Alarcão, 1990, p.435.

⁴¹⁷ C. Lopes, 1994, p.104-106.

⁴¹⁸ Conf. Idem, p.14.

⁴¹⁹ M. Rhodes, 1989, p.54-56.

⁴²⁰ P. Rush *et al.*, 2000, p.59.

⁴²¹ M. Sabrié, 2006.

⁴²² M. Rhodes, 1989, p.54-57.

Num e noutro caso, a situação dos estabelecimentos comerciais procurou (e conseguiu) em simultâneo uma boa acessibilidade e, sobretudo, pontos de frequência privilegiada dos consumidores-alvo, presumivelmente disputados com outros negócios e assim denotando a relativa rentabilidade da atividade do pequeno retalho.

As lojas repertoriadas são igualmente um valioso argumento para defender o elevado grau de especialização da venda a retalho da *terra sigillata*. Com excepção da loja de Bellheim, que continha vidro e outra cerâmica e onde terá funcionado também uma ferraria, as restantes ou são exclusivas ou vêem o comércio dos recipientes ser feito a par de outras produções peculiares: em Cosa, onde os achados equivaliam somente à zona de armazenamento feita no tardóz, encontraram-se 200 exemplares de *sigillata* itálica a que correspondiam 48 “marcas” distintas, 12 ânforas, cerca de 40 lucernas, 76 vasos de vidro e um número indeterminado mas significativo de cerâmica de paredes finas de fabrico itálico e de formas variadas de cerâmica de uso quotidiano regional; a de Bregenz encerrava 400 a 500 vasos em *sigillata* originária de Lezoux; a de Budapeste revelou um pequeno número de lucernas, *sigillata* de Lezoux e Rheinzabern; as quatro lojas próximas do acampamento militar de Castleford proporcionaram a recolha de almofarizes originários de *Camulodunum*, conjuntamente com 200 vasos decorados de Lezoux e um número indeterminado de outra *sigillata* gálica lisa; na loja I de Colchester assinalou-se um número volumoso, mas indeterminado, de *terra sigillata* de La Graufesenque, alguma cerâmica vidrada a chumbo gaulesa e 26 fragmentos de lucerna, ao passo que na loja II do mesmo local apenas estava presente *terra sigillata* rutena; a do *uicus* de Burghofe revelou vidro, *sigillata* sudgálica e objetos de bronze⁴²⁴; o descarte da de Autun, reafetado a uma reparação do pórtico respetivo, proporcionou a identificação de 1500 perfis atribuíveis a distintos vasos em *sigillata* de Lezoux, *terra nigra* talvez com a mesma origem e estatuetas em terracota⁴²⁵; a do *uicus* de Oberwinterthur evidenciou 435 vasos em *terra sigillata* de La Graufesenque, 20 estatuetas em terracota de Vénus, alguma cerâmica de paredes finas e diversas formas de cerâmica comum, sendo os vasos rutenos decorados saídos de moldes de *Passienus* e marcados internamente por *Aveius*, notando-se nos vasos lisos a ausência da assinatura deste último artesão⁴²⁶; a da Rue Lamartine, em Narbonne, apenas encerrava cerâmica rutena, onde pontuavam 94 “marcas” sobre vasos lisos de *Siluius*, 29 de *Iucundus ii* e 4 de

⁴²³ E. Ebnhötter *et al.*, 1994.

⁴²⁴ M. Rhodes, 1989, p.52-58.

⁴²⁵ E. Ebnhötter *et al.*, 1994.

⁴²⁶ Idem, p.21.

*Seuerus*⁴²⁷. Nas mesmas circunstâncias se encontram os elementos identificados em Magdalensberg, Mainz, Inchtuthill, St.Albans, Winchester e Wroxeter, onde a cerâmica fina de mesa foi encontrada acompanhada por e/ou vidro, lucernas, estatuetas em terracota ou bronze e vasos em cerâmica comum especializada (*mortaria*, pichéis ou jarros, neste caso destinados ao serviço de líquidos à mesa)⁴²⁸. No seu conjunto os dados prefiguram que a venda a pequeno retalho da *sigillata* constituiu um segmento de elevada identidade.

Sobretudo fora dos espaços onde se concentravam maiores efetivos humanos, é crível que a generalidade da difusão dos vasos fosse executada ou pelas tripulações dos navios, como negócio complementar ao frete nos pontos de paragem, ou por vendedores itinerantes conetados com os pontos de receção⁴²⁹, utilizando animais de carga ou veículos de tracção animal, assim se compondo o panorama das formas de difusão dos vasos. A aquisição *ex professo* a partir de um navio, loja de sítio portuário campano ou vendedor ambulante com esta origem deverão ser as explicações mais plausíveis para a presença da famosa “Caixa Atkinson” numa habitação de Pompeia, não encetada aquando da erupção de 79 d.C., encerrando 90 taças decoradas produzidas a molde em *terra sigillata* de La Graufesenque (36 do tipo Drag.29 e 54 Drag.37) e 37 lucernas de fabrico norte-italico⁴³⁰, reintrepretadas recentemente como uma plausível encomenda destinada a um banquete pelo comprador⁴³¹. A forma de empacotamento atestada em Pompeia, em caixa de madeira com as cerâmicas acondicionadas por palha, revela-se bastante apta ao transporte em besta de carga ou carro, sendo admissível outro modelo destinado ao transporte terrestre, em pilha de vasos envoltos em palha conscritos com cordame de fibra vegetal, que, por compreenderem distintas morfologias de recipientes, indiciam terem sido assim preparadas em momento ulterior ao seu presumível desembarque⁴³².

Dados arqueológicos de outra natureza permitem descortinar também outros aspetos da difusão da *terra sigillata* alto imperial, assumindo-se as “marcas de oleiro” como instrumento privilegiado para entrever a forma como seriam executadas as encomendas.

⁴²⁷ M. e S.Sabrié, 1986, p.47-48; S.Sabrié, 2006.

⁴²⁸ M. Rhodes, 1989, p.53-57.

⁴²⁹ Idem, p.46; J.T. Peña e M. MacCallum, 2009.

⁴³⁰ D.Atkinson, 1914.

⁴³¹ J.T. Peña e M. MacCallum, 2009.

⁴³² M. Rhodes, 1989, p. 49.

No que às produções de modo itálico respeita, as assimetrias na dispersão de oleiros como *Lucius Gellius* e *Caius Sentius*, cuja elevada concentração no eixo Adrático-Panónio é assinalável, ou do panorama similar registado para *Publius Cornelius* em relação às *Hispaniae*, são indícios fortes de um estreito envolvimento dos produtores com determinados mercados⁴³³.

Esta concentração na Península Ibérica motivou inclusive a interrogação de P.Kenrick “*did Cornelius own estates in Spain with consequent shipping interests?*”⁴³⁴, tendo sido aventado o seu envolvimento no comércio institucional com os corpos militares estacionados no norte da *Hispania*⁴³⁵ que os conjuntos das impressões destes locais, ao denotar grande heterogeneidade nos respetivos fornecedores, não autorizam cabalmente, dado registar-se apenas um fluxo singular daquele grupo de manufaturas de Arezzo-Cincelli para um dos asentamentos militares, Léon (12/51 exs.)⁴³⁶. Ainda assim assinala-se que no plano dos vasos decorados é maior a expressividade destas olarias aretinas, maioritárias em Herrera de Pisuerga⁴³⁷, que repartem os mercados de Astorga e Léon a este nível com os “rasinianos”, os “perenianos”, como acontece em muitos outros sítios civis hispanos, nomeadamente os ocidentais com carácter institucional de Braga⁴³⁸, Mérida⁴³⁹ e Santarém⁴⁴⁰, ou os desprovidos deste perfil de que se poderiam citar os casos de Conimbriga⁴⁴¹, Lisboa⁴⁴² ou Belo⁴⁴³, quadro que parece, portanto, equivaler a um panorama das importações de ampla validade geográfica.

Já para as produções gálicas, onde La Graufesenque se destaca como principal centro produtor, alguns autores defendem uma especialização de oleiros em determinados nichos de mercado⁴⁴⁴. Porém, a utilidade das impressões internas dos vasos é aqui limitada, pois se se compararem os totais dos números das “marcas” quer em termos de regiões apartadas, quer relativos a mercados de características vincadamente distintas, os manufatores de maior compulsão tanto aparecem melhor representados no Norte da Europa, de que os sítios militares eram os principais

⁴³³ OCK, p. 45-46.

⁴³⁴ Idem.

⁴³⁵ R.B. Silva, 2005, p.293-294.

⁴³⁶ Admitindo a funcionalidade militar de Lugo-M.C. Carreño Gascón, 1997, p.20-, segura em Astorga, Herrera de Pisuerga e Léon- A.Morillo Cerdán e V.García Marcos, 2003, p.297-299- *apud* Idem.

⁴³⁷ C. Pérez González, 1989.

⁴³⁸ R. Morais, 1998.

⁴³⁹ J.M. Jérez Linde, 2005.

⁴⁴⁰ C. Viegas, 2003a.

⁴⁴¹ A. Alarcão, 1975a.

⁴⁴² C. Bolila, 2010.

⁴⁴³ A. Bourgeois e F. Mayet, 1991.

⁴⁴⁴ A. Mees, 1994; M. Polak, 2000; J.J. Castellano Castillo, 2000.

consumidores, de que são exemplo Vechten⁴⁴⁵ ou Valkenburg⁴⁴⁶, como em Itália, onde estes fabricos são minoritários⁴⁴⁷, ou no Estreito de Gibraltar⁴⁴⁸, Cartagena⁴⁴⁹ ou *Lusitânia* e *Callaecia* ocidentais, mercados predominantemente civis e de fluxos mais repartidos⁴⁵⁰.

Mais esclarecedores a este respeito vêm-se revelando os estudos sobre produções decoradas com a mesma origem, de que se destacam os conduzidos por Allard Mees⁴⁵¹, que vêm demonstrando que aos “oleiros-decoradores” rutenos coube um papel decisivo na organização da venda dos vasos, tendo provavelmente comissionado ou contratado a elaboração dos recipientes lisos e decorados a partir dos seus próprios moldes, e gerido a encomenda global, de forma independente ou associados conjunturalmente entre si⁴⁵². Assim se explicaria a composição do “stock” da loja de Oberwinterthur⁴⁵³, a que já se aludiu, como a especial incidência na área militarizada do Danúbio dos vasos ornados de *Passienus*⁴⁵⁴, ou daqueles saídos dos moldes dos mais tardios rutenos *Amandus iii*, *Bassus ii*, *Pas()* e “*Oleiro da Roseta I*”, com notada maior representatividade na Gália Narbonense e segmento de mercado secundário itálico, dominado pelas elaborações itálicas mais tardias⁴⁵⁵.

Os fabricos hispanos, por seu turno, detêm uma difusão restrita ao aro Ibérico, à vizinha *Mauretania Tingitana* e uma estreita franja aquitana, com episódicas atestações fora destes espaços, na Itália e *limes* germânico⁴⁵⁶.

A orientação dos estudos modernos sobre a *terra sigillata* hispânica tem feito incidir um dos seus principais focos de interesse no balanço das quotas de mercado detidas pelos dois grandes centros de La Rioja e Andújar, fazendo notar nos estudos

⁴⁴⁵ M. Polak, 2000.

⁴⁴⁶ J.K. Hhaalebos, A. Mees e M. Polak, 1991.

⁴⁴⁷ A. Martin, 1994.

⁴⁴⁸ M. Bustamante Álvarez, 2009.

⁴⁴⁹ J.J. Castellano Castillo, 2000.

⁴⁵⁰ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

⁴⁵¹ A. Mees, 1994, 1995, 2002, 2005, 2007 e 2011. Elementos que aliás constam também da base de dados electrónica sediada no sítio do Römisch-Germanischen Zentralmuseums de Mainz a que antes se fez referência em sub-capítulo anterior.

⁴⁵² A. Mees, 1994, p.20.

⁴⁵³ E. Ebnöther *et al.*, 1994.

⁴⁵⁴ A. Mees, 2005.

⁴⁵⁵ A. Mees, 1994, p.20.

⁴⁵⁶ Conf.M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.88 e segs.

mais recentes as limitações sentidas pelo centro bético para se impor mesmo no seu aro preferencial de difusão, bético e lusitano meridional⁴⁵⁷.

A especial incidência das assinaturas internas de certos oleiros tricienses em determinados espaços, em que Mérida joga um papel fundamental, tem mostrado que esta cidade, como Astorga e Saragoça, como já antes se havia referido, deteve um papel fulcral como ponto redistribuidor grossista das elaborações cerâmicas tricienses, situando-se neste âmbito as impressões de maior longevidade de *Valerius Paternus* ou *Lapillius*.

Apesar deste quadro dominante relativo à difusão terrestre dos vasos hispanos setentrionais, a atestação quantitativamente relevante de vasos riojanos em sítios litorais, de há muito notada por J.Montesinos i Martinez para Elche e, sobretudo, Valência, dado tratar-se comprovadamente de um importante porto redistribuidor de outras mercadorias, supõe um trajeto alternativo de circunavegação para Oeste das cargas de cerâmica fina de mesa⁴⁵⁸, que melhor explicaria as ocorrências africanas e da bética litoral⁴⁵⁹, fluxos supostamente direccionados a partir de Mérida na perspectiva de Françoise Mayet, aproveitando no trajeto as exportações de *oleum* bético⁴⁶⁰.

No mesmo sentido, a contrastação das “marcas de oleiro” patentes em Mérida e Lisboa, o mais forte candidato a principal porto redistribuidor lusitano, denotaram já diferenças significativas nas frequências atingidas pelos manufatores tricienses⁴⁶¹, tendo permitido colocar a hipótese de trabalho de a partir dos dados de ambos os locais se virem a aferir os circuitos que serviram outros espaços lusitanos: este entendimento parece sugerido pelos dados disponíveis para Alcácer e Tróia (Grândola), que mostram o eixo do Sado mais vinculado ao comércio dos vasos da capital provincial do que a *Olisipo*, apesar de esta estar geograficamente mais próxima, ou um perfil de Conimbriga mais aproximado ao do NO peninsular e com grande probabilidade conetado com Mérida, dada a significativa presença das marcas de *Lapillius* e *Valerius Paternus* e a boa representatividade atingida por *L.Sempronius/Sempronius* e *Flaccus*⁴⁶².

⁴⁵⁷ Uma das primeiras observações a este respeito foi formulada por Maria da Conceição Lopes (1994, p.54), corroborada por diversos estudos ulteriores- Conf. C. Viegas, 2003a e 2011; R.B. Silva, 2005; J.C. Quaresma, 2008 e 2009; M. Bustamante Álvarez, 2010.

⁴⁵⁸ J. Montesinos i Martinez, 1982, 1992 e 1998; R.B. Silva, 2005, p.268 e 304; circuito que Macarena Bustamante Álvarez põe em relação com a necessidade de averiguação da circulação das ânforas vinárias tarraconenses- Conf. M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.84.

⁴⁵⁹ No caso, *Baelo Claudia*- Conf. A. Bourgeois e F. Mayet, 1991.

⁴⁶⁰ F. Mayet, 1978.

⁴⁶¹ R.B. Silva, 2005, p.272.

⁴⁶² Idem, p.304-308, em especial p.305-306.

Os problemas de há muito sentidos na investigação contemporânea sobre os produtos hispanos⁴⁶³, como já antes se afirmou, foram alvo de desenvolvimentos recentes, com especial destaque para o contributo dos dados crono-tipológicos obtidos nos contextos emeritenses da Calle Almendralejo n.º41, recentrando a discussão no cabal esclarecimento das datações e ritmos das produções e difusão dos vasos peninsulares alto-imperiais⁴⁶⁴. No momento, estes avanços na investigação implicam uma revisão e/ou atualização dos dados referentes aos diferentes sítios, condição essencial para se vir a atingir uma sofisticação do conhecimento próxima da já obtida para os fabricos da Península Itálica e das Gálias.

6. A Península de Lisboa no quadro da Lusitânia Ocidental.

6.1. Definição do âmbito espacial de análise.

A delimitação do âmbito geográfico considerado resulta dos pressupostos da investigação presente, da sua intenção de perspetivar a circulação e fluxos de vasos em *terra sigillata* na Península de Lisboa, ponto de apoio fundamental nos itinerários marítimos e terrestres da fachada ocidental das Hispânicas e também, num sentido mais abrangente, o papel da área no trânsito intra e extra provincial daquele tipo de mercadoria. Interessou, portanto, a incorporação de dois outros vetores espaciais, situados para além dos conceitos admissíveis para a expressão *Península de Lisboa*, de forma a aferir o comportamento deste tipo de comércio ao penetrar pelo Vale do Tejo e ao longo da orla atlântica que, apesar da artificialidade da configuração assim obtida, constitui um território ligado ainda hoje por múltiplos elementos comuns da sua geografia física e humana.

Entendeu-se assim, e em função das características da navegação fluvial evocadas em conhecidos trechos de textos da Antiguidade, que seria pertinente a consideração da totalidade do troço então percorrido pelos navios de grande porte, que, nas palavras de Estrabão⁴⁶⁵, atingiam seguramente a atual Santarém ou suas cercanias. E é esta relevância do rio para os fluxos económicos de época romana que fundamenta também a inclusão da área correspondente a ambas as margens ribeirinhas.

A parte mais meridional do Oeste, por seu turno, constituiu-se noutra orientação vetorial a investigar, tendo em vista a averiguação dos perfis de importação da cidade

⁴⁶³ Vide reflexão crítica em J. Buxeda i Garrigós e F. Tuset i Bertrán, 1995.

⁴⁶⁴ M. Bustamante Álvarez, 2010.

⁴⁶⁵ Estrabão, *Geographia*, III,3,1.

portuária atlântica de *Eburobrittium*, potencialmente denunciadores do papel redistribuidor de *Olisipo* e/ou do trânsito de mercadorias pelo atlântico, de e para norte.

Ficaram desta forma definidos os contornos de um espaço amplo, cujos limites meridionais e orientais se situam na bordadura da margem esquerda do Estuário e Baixo Tejo, o Oceano Atlântico pelo ocidente, a norte a provável fronteira entre as *ciuitas* de *Eburobrittium* e *Collipo*⁴⁶⁶ e, pelo leste, o meridiano de Santarém. É este o território abordado no presente trabalho, e é em referência a ele que se aplicou, de forma conscientemente excessiva, a expressão Península de Lisboa, de grande tradição na literatura arqueológica portuguesa, sobretudo para estudos de períodos mais remotos⁴⁶⁷.

6.2. Caraterização genérica da geografia do território em estudo: caraterísticas físicas.

A região considerada encerra realidades variadas no domínio da geografia física, integrando na sua maior parte o que H. Lausentach, Orlando Ribeiro e Susanne Daveau definiram como o Portugal Litoral Médio, com a zona próxima da capital do Ribatejo inserida no que designam como Bacia do Tejo e respetiva planície aluvial de acumulação⁴⁶⁸.

Em relação às grandes unidades morfo-estruturais Ibéricas, a maior parte do espaço em estudo integra a orla sedimental do Secundário, uma superfície aplanada de enchimento, de paisagem monótona arenosa e argilosa, de relêvos suaves a baixa altitude, e a parte mais encaixada dos arredores de Santarém à Bacia sedimentar Terciária e Quaternária do Tejo, de origem tectónica cenozóica, que posteriormente recebeu uma sucessão de contributos aluvionares, sobretudo de origem continental⁴⁶⁹.

⁴⁶⁶ J. Alarcão, 1988.

⁴⁶⁷ A.C. Sousa, 1998.

⁴⁶⁸ H. Lausentach *et al.*, 1987, p.165, fiG. 2.

⁴⁶⁹ R.S. Brito (dir.), 1994, p.47 e segs.

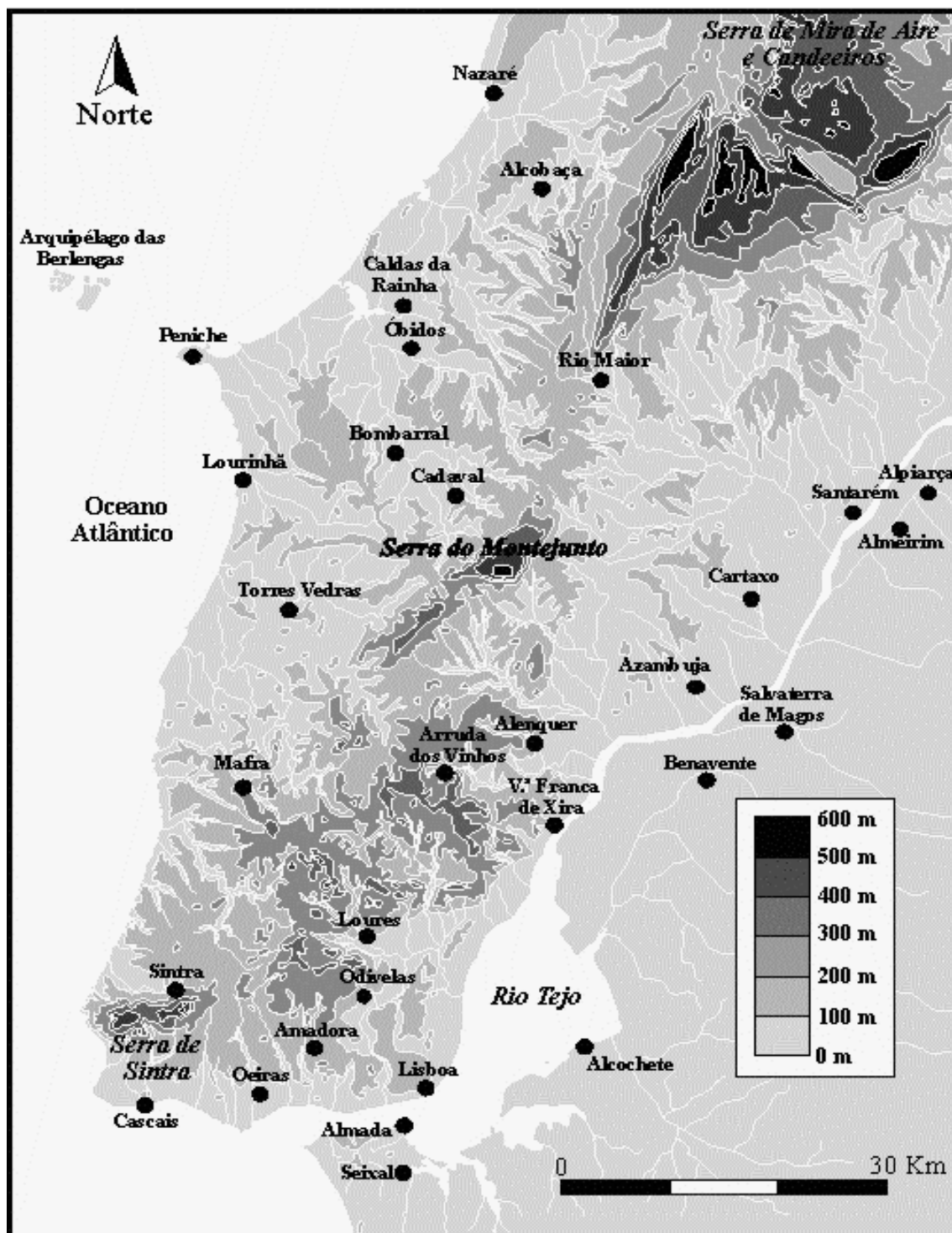


Figura 1- Mapa político da região de Lisboa, Vale do Tejo e Oeste considerada, com indicação das sedes de concelho e principais marcos paisagísticos.

Duas cristas calcárias do Jurássico dominam a paisagem: o Maciço Central Estremenho e o Montejunto, com respetivos prolongamentos, que se estendem de forma

longitudinal ao longo da área, e desta forma delimitam os dois ambientes distintos das áreas ribeirinhas do Tejo e da orla atlântica⁴⁷⁰.

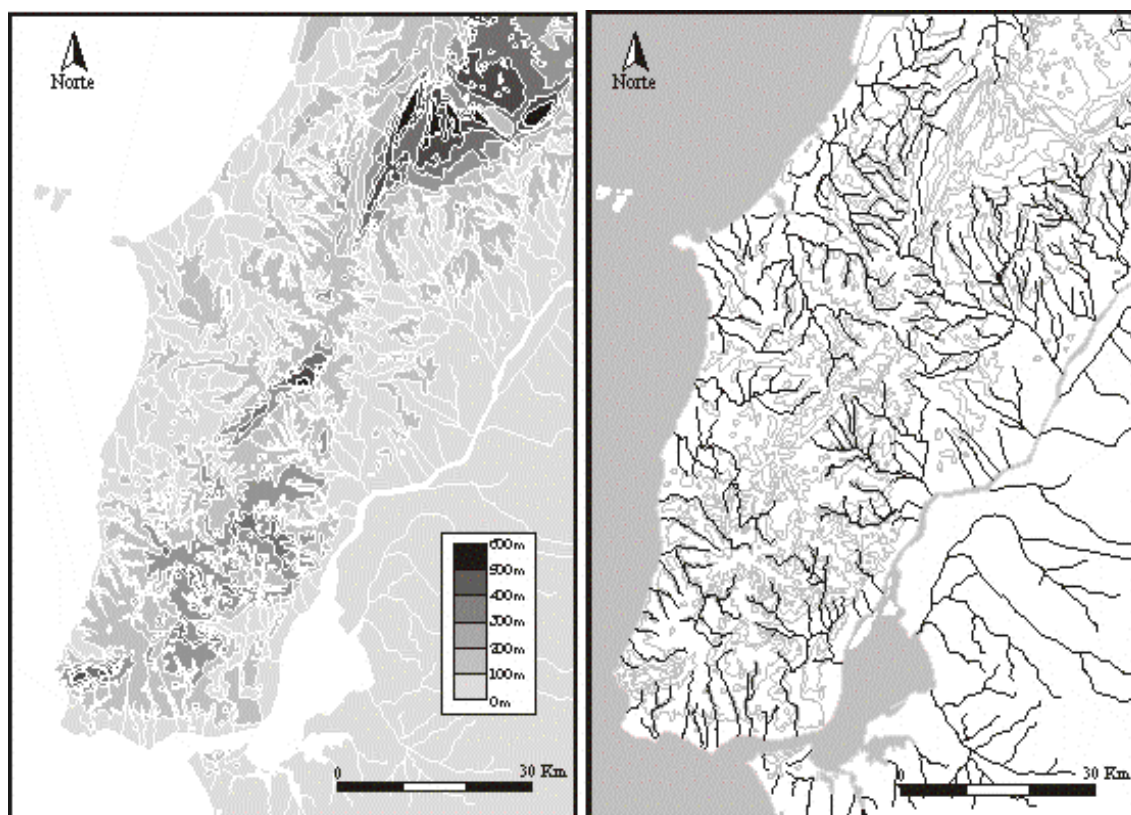


Figura 2- Relevo e hidrografia da região de Lisboa e Vale do Tejo e Oeste consideradas no âmbito do presente trabalho.

Outras ocorrências de caráter mais típico estão também presentes, merecendo destaque o complexo eruptivo de Lisboa, de que se salientam o maciço granítico de Sintra, exposto por erosão, e, no SE da Península, o manto basáltico, que se estende de Monsanto (Lisboa) ao paralelo de Torres Vedras. A zona aplanada da orla atlântica que se desenvolve a partir da vertente norte da Serra de Sintra é interrompida no Oeste pelo Vale Tifónico das Caldas da Rainha e pelo de Turquel (Alcobaca), sendo o limite desta a falha correspondente à apumada encosta poente da Serra dos Candeeiros

A área da Estremadura Meridional, segundo Orlando Ribeiro limitada ao norte pela zona da Nazaré⁴⁷¹, e portanto genericamente equivalente à antiga zona de fronteira entre as ciuitates de *Eburobrittium* e *Collipo*, é no geral bastante acidentada, composta por maciços, superfícies de erosão, numerosas colinas e outeiros, mostrando na sua maioria solos fracos e delgados. Essencialmente calcários, apresentam-se muito

⁴⁷⁰ S. Daveau, 1998, p.42-44.

⁴⁷¹ Idem, p.98-99.

conetados com a rocha de base, formados por processos erosivos peculiares de dissolução que dão origem à *terra rossa*⁴⁷², ou por margas e arenitos, também cretácicos. Fogem a este horizonte genérico as manchas de solos do manto basáltico de Lisboa, um pouco mais espessos, como os aluviões presentes nos vales dos cursos de água que desaguam no Oceano, na sua maioria bastante encaixados.

A costa atlântica é constituída por arribas altas e aprumadas, de cota superior a 50m, interrompidas por rochas ou arribas mais baixas no espaço entre a zona um pouco a sul da Lourinhã e a Foz do Arelho (Caldas da Rainha)⁴⁷³. Pontuam este interface marítimo pequenas baías ou enseadas correspondentes à foz dos talwegues que atravessam a plataforma de colinas e outeiros da Estremadura Meridional e, com outra origem e maior amplitude, o Vale Tifónico das Caldas da Rainha, que articula no seu interior as antigas zonas das baías de Óbidos, São Martinho do Porto e Nazaré, muito assoreadas já em época histórica⁴⁷⁴. Neste âmbito, as únicas zonas de litoral baixo correspondem ao espaço correspondente ao assoreamento da atual Península de Peniche, na época romana uma ilha destacada do litoral⁴⁷⁵.

A Bacia do Tejo, sujeita a relevantes inundações periódicas, é composta por aluviões, com areão emerso e sapal desde a confluência do Zêzere com o grande rio até aos sapais do seu Estuário. Estas realidades são delimitadas na margem esquerda pelas plataformas correspondentes aos terraços quaternários de Benavente, Salvaterra, Muge, Almeirim e Alpiarça, altos e de rebordo nítido, por seu turno limitados para o interior a SE por detritos miocénicos e pliocénicos. Na zona de Santarém predominam as argilas, arenitos e conglomerados cenozóicos. Nas proximidades de Lisboa e orla fluvial do Estuário tagano, do lado de Almada, o calcário e arenito miocénico, marinho e lacustre⁴⁷⁶.

Na margem direita do Tejo merecem menção os aluviões dos vales mais amplos dos sistemas hídricos dos principais afluentes do Tejo, o Trancão, Rio Grande da Pipa e Alviela. A Várzea de Loures, correspondente uma antiga lagoa quaternária, possui solos aluvionares espessos, e de muito elevada capacidade agrícola, os únicos de classe A da

⁴⁷² Idem, p. 64.

⁴⁷³ H. Lausentach *et al.*, 1987, p.54.

⁴⁷⁴ S. Daveau, 1994, p.26 e segs.

⁴⁷⁵ Idem.

⁴⁷⁶ H. Lausentach *et al.*, 1987, p.188.

parte mais meridional da zona em estudo. Embora menos espessos, os solos das bacias dos restantes afluentes citados detêm também boa capacidade (Classe B)⁴⁷⁷.

O contributo do Tejo para a qualidade destes solos é determinante. A planície aluvial forma, de Tancos ao Estuário, uma toalha contínua de água de 600 km²⁴⁷⁸. Os valores médios da massa de água do grande aquífero situam-se nos 500m³/s⁴⁷⁹, mas o rio mostra uma muito grande irregularidade interanual, à semelhança dos restantes do território português, registando velocidades de 1m³/s em períodos de estiagem e de 14160m³ em cheia⁴⁸⁰, característica que acaba por beneficiar a prática agrícola, enriquecendo os solos e disponibilizando-lhe mananciais permanentes de água.

Assim, a maioria do território mostra uma aptidão alta, de solos em boa parte com limitações moderadas, muito disseminados no espaço, mostrando-se apropriados às culturas mediterrânicas da oliveira, vitivinícola, com zonas de boas características para a produção de hortícolas e pomar e, em espaços mais limitados, culturas de regadio e de sequeiro, nomeadamente na margem esquerda defronte de Santarém. Refira-se como nota, que esta cidade foi importante produtora de linho até ao séc. XVI⁴⁸¹.

As áreas florestais que compõem o restante coberto vegetal do território apresentam-se com predomínio de árvores de folha caduca e arbustivas, em especial em zonas arenosas, de saibro ou conglomerados⁴⁸². A flora atual sofreu alterações profundas em épocas históricas modernas, com a introdução de espécies não autóctones, sendo antes dominadas por *pinus pinaster*, *quercus (suber, fagineae,...)* e arbustivas diversas⁴⁸³.

De um ponto de vista climático, a Península de Lisboa, como o restante do território nacional a sul do Douro, detêm um ritmo mediterrâneo, ou seja, um “*Verão sem chuva, solarengo e quente, em alternância nítida com uma estação fresca durante a qual se sucedem desordenadamente os dias de chuva e as abertas*”⁴⁸⁴. O perfil da zona, contudo, apresenta diferenças ligeiras, sendo que o litoral do Oeste se integra no que Susanne Daveau definiu como fachada atlântica de transição⁴⁸⁵. Esta parcela do território apresenta alguma especificidade climática, correspondendo a uma estreita

⁴⁷⁷ Conf. AAVV, 1998.

⁴⁷⁸ H. Lausentach *et al.*, 1987, p.76.

⁴⁷⁹ S. Daveau, 1998, p.60.

⁴⁸⁰ Números registados em 1979- Conf. H. Lausentach *et al.*, 1987, p.78.

⁴⁸¹ Idem, p.73.

⁴⁸² Conf. AAVV, 1998.

⁴⁸³ J.M.B. Oleiro, 1958.

⁴⁸⁴ S. Daveau, 1998, p.24.

⁴⁸⁵ H. Lausentach *et al.*, 1987, p.97.

faixa de elevada percentagem média anual de humidade no ar, superior aos 80%, atingindo mesmo na atual Península de Peniche e as Berlengas valores próximos dos 100%⁴⁸⁶, com nevoeiros litorais de advecção⁴⁸⁷. Todo o remanescente do território apresenta-se com valores bem mais moderados, e só no Vale do Tejo são comuns os nevoeiros, neste caso de irradiação⁴⁸⁸.

A precipitação média anual total medida, aferida pelo Instituto de Meteorologia e Geofísica no período de 1941-1970, assinala uma expectável maior incidência nas áreas de cota mais elevada, com isometrias de valores superiores aos 1000mm na Serra de Mira de Aire-Candeeiros, atingindo também os 900mm nas partes superiores das serras do Montejunto e Sintra⁴⁸⁹, por essa razão menos apetecíveis à fixação humana. O papel de barreira longitudinal destas linhas de fecho funciona como barreira aos ventos do quadrante SO, razão pela qual as restantes zonas do Estuário, Vale do Baixo Tejo e orla costeira ocidental do Atlântico, mostram valores moderados em torno do intervalo 600-700mm⁴⁹⁰.

A variação da temperatura média anual do ar, medida naquele mesmo período, denota o mesmo papel desempenhado pelos relevos de altitude, registando a maior parte da orla atlântica e as áreas ribeirinhas e a sul do Tejo 16-17° centígrados, que caem para os 13° em Mira de Aire-Candeeiros, Montejunto e Sintra.

A insolação total anual é mais elevada na estreita orla da margem direita do Estuário do grande rio, entre Cascais e Oeiras, em todo o concelho de Lisboa, e na área dos concelhos ribatejanos da Azambuja, Cartaxo, Santarém, Benavente, Salvaterra, Almeirim e Alpiarça. As restantes áreas da região considerada apresentam valores médios ou mais moderados, incluindo a Serra de Sintra e a maioria do espaço situado entre as grandes cristas calcárias centrais e o litoral marítimo⁴⁹¹.

⁴⁸⁶ Conf. “*Carta de Humidade Relativa*” in AAVV, 1998.

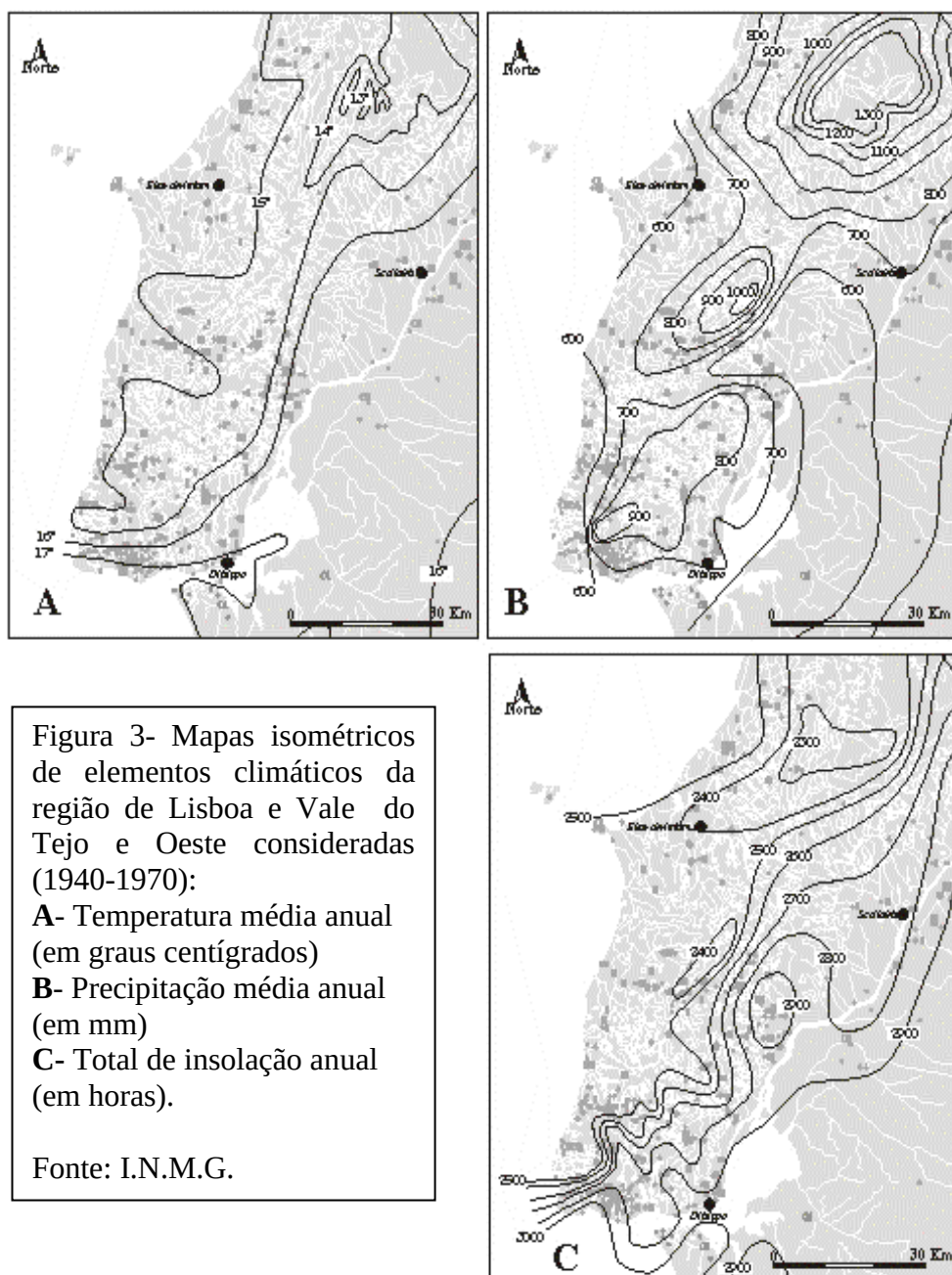
⁴⁸⁷ S. Daveau, 1998, p.48.

⁴⁸⁸ Idem.

⁴⁸⁹ Dados do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica -Segundo R.M. M. Reis e M. Z.Gonçalves, 1988.

⁴⁹⁰ Idem.

⁴⁹¹ Conf. “*Carta de Insolação*”, in AAVV, 1998.



Como parece ajustado observar, o perfil da geografia física atual deverá denotar variações mais ou menos sensíveis face ao do passado romano. Sem elementos específicos que consubstanciem um quadro fiável paleoambiental para o Vale do Tejo e Oeste em época romana, os resultados dos estudos efetuados encerram uma validade sobretudo tópica ou reportam-se a outros períodos, mais recentes ou mais antigos, não podendo desta forma ser extrapolados para os séculos em torno do câmbio da Era.

Ainda assim merecem referência destacada as leituras das análises das sequências polínicas das sondagens efetuadas na área do Alto do Castelo-Patudos (Alpiarça) que,

ao assinalarem a presença de *uitis* e *olea* desde as etapas iniciais da Idade do Ferro⁴⁹², comprovaram que a sua introdução se fez pela mão de populações orientais⁴⁹³. Mantendo-se em contante e ligeiro crescendo ao longo do I milénio a.C., no que são acompanhados pela subida dos valores do cereal, os dados dos Patudos mostram a intensidade que adquire a prática agrícola a partir deste período, em que o advento do Império Romano constitui uma continuidade ali mal documentada no registo fóssil.

A retracção da componente florestal do coberto vegetal, patente em Alpiarça, aparece também testemunhada na zona da Lagoa de Albufeira (Sesimbra e Almada), onde as arbustivas substituem o pinheiro e sobreiro presente até cerca de 3000 B.P. O paralelo concordante da zona do Carvalhal e Alcácer do Sal, onde se registam fortes quebras nas florestas de pinheiro, carvalho e *Alnus* no período de Cláudio-Nero⁴⁹⁴, indiciam um cenário que se vislumbra plausível para o Vale do Tejo.

A monografia de Simon Davis⁴⁹⁵, que trata a evidência faunística coletada nas sucessivas campanhas de escavação na Alcáçova de Santarém, traz alguns outros contributos relevantes para o conhecimento do entorno paeloambiental daquela cidade. Um dos aspetos porventura mais significativos respeita à quebra verificada ao longo da Idade do Ferro e Época Romana nas frequências de veado⁴⁹⁶ o que, com base no regime alimentar da espécie, indica de forma indireta uma maior intensidade de deflorestação daquela região ribatejana⁴⁹⁷.

Embora a dieta alimentar seja determinada por fatores eminentemente culturais, a predominância das espécies domésticas sobre a caça na alimentação romana das populações que habitaram a Alcáçova de Santarém assume neste quadro o mesmo significado. Ali atingem maior representatividade os ovicaprídeos e bovídeos, com uma menor expressão do porco, talvez com maior número de leitões⁴⁹⁸, e javali, e ocorre um crescendo notável dos galináceos a partir dos finais da República Romana, assinalando-se também uma importância crescente do coelho/lebre, pescado e ostra na dieta escalabitana, indicadores que, no seu conjunto, poderão significar igulamente o desaparecimento das massas florestais circundantes. Como apontamento, Davis revela

⁴⁹² W. Van Leeuwen et al., 1984.

⁴⁹³ A.M. Arruda, 2003.

⁴⁹⁴ J. Mateus, 1992 *apud* S.Davis, 2006, p. 35.

⁴⁹⁵ S. Davis, 2006.

⁴⁹⁶ Idem, p.36-38, fig. 12a e 12b.

⁴⁹⁷ Idem, p.34-35.

⁴⁹⁸ Idem, p.43.

também a ocorrência pontual de cisne entre 25 a.C. e 50 d.C.⁴⁹⁹, espécie hoje ausente da Península Ibérica, sugerindo momentos climáticos mais frios e húmidos, o que carece de corroboração de outras formas.

O fenómeno de deflorestação acentuada entrevisto para a área de Santarém, potente no registo polínico desde a Idade do Ferro, será sintomático da expansão da área então agricultada⁵⁰⁰, de acordo com José Mateus um cenário global de cronologia romana para o espaço do atual território português em que os níveis aferidos para o fenómeno foram inclusivé superiores aos atuais⁵⁰¹.

É certo que se verificaram alterações profundas da paisagem, de que a intensa ocupação urbana dos solos, em especial nos concelhos do Estuário tagano e em torno dos principais aglomerados do restante Vale do Tejo e Oeste são o aspeto mais contrastante com a Antiguidade. Outros se verificaram também, resultantes do desinvestimento contemporâneo na agricultura e pescas, ou que se traduzem na expansão de culturas intensivas, florestais, ocorrida a partir da década de '80 do século XX. Mas, um dos aspetos mais significativos da fisionomia antiga que se sabe ter sofrido uma modificação assinalável, com consequências marcantes na leituras das ocorrências arqueológicas, corresponde à fisionomia da zona costeira do Oeste e à navegabilidade dos cursos de água.

De fato, o assoreamento das baías costeiras situadas no interior do Vale Tifónico das Caldas da Rainha está amplamente comprovado pela documentação medieva e de plena Época Moderna, que refere a navegação até pontos bem mais interiores, matéria recentemente objeto de síntese por Maria da Conceição Freitas e César Andrade⁵⁰². No mesmo sentido, Eduíno Borges Garcia havia registado sugestivas notícias, embora vagas e sem cronologias bem definidas, do aparecimento de madeirames de navios soterrados a profundidades razoáveis que poderiam ilustrar o fenómeno, como chamou a atenção para as estruturas arqueológicas medievais de apoio à navegação existentes na orla da paleolagoa de Alfeizerão⁵⁰³. Maior consistência e significado, no contexto presente, assume o carácter seguramente portuário detido pela cidade de *Eburobrittium*,

⁴⁹⁹ Idem, p.37.

⁵⁰⁰ A.M. Arruda, 2003 *apud* S.Davis, 2006, p.35.

⁵⁰¹ J. Mateus, 1992 *apud* Idem.

⁵⁰² M.C. Freitas e C.Andrade, 2005.

⁵⁰³ E.B. Garcia, 1970.

parecendo ter sido esta competência do lugar um fator decisivo para a escolha do seu *ubi* em finais do séc. I a.C.⁵⁰⁴.

Um pouco mais para sul, ainda de acordo com Freitas e Andrade, ocorreram as colmatações do istmo que separava a ilha de Peniche, então distante da linha de costa, do Baleal e do pequeno estuário da Atouguia da Baleia, onde as últimas salinas documentadas historicamente datam do séc. XIV⁵⁰⁵.

Tratando-se de um fenómeno generalizado, de amplitude supra-regional, o assoreamento dos cursos de água parece ter ocorrido também com a Ribeira de Colares, o rio Sizandro e o Trancão, para alguns dos quais existe documentação portuguesa que menciona o trânsito de embarcações até à segunda metade do séc.XVIII⁵⁰⁶. Porventura a maior expressão desta mutação, ocorrida depois da época romana, seja o próprio Tejo, percorrido em torno da mudança da Era por navios de grande calado até às cercanias de Santarém⁵⁰⁷ e que hoje apenas pode ser subido a partir da zona da Azambuja por embarcações de 1m de calado⁵⁰⁸. Citando Vasco Gil Mantas, “(...) *embora os problemas sejam numerosos e as conclusões, ainda longe de satisfatórias, (...) o Baixo Tejo foi também influenciado pelos fenómenos eustásticos, os quais, no litoral lusitano, deixaram indícios de uma regressão por volta do final do século I a.C., com um pico no século V, ligeiramente acima do nível atual do mar, influenciando o ponto mais a montante atingido pela maré (...)*”⁵⁰⁹.

Em síntese, poder-se-iam definir *grosso modo* três áreas de fisionomia distinta na região considerada: o litoral atlântico e o Estuário do Tejo, onde se faz sentir a maior incidência de ocupação humana em período romano⁵¹⁰ e as zonas mais vinculadas à linha de festos longitudinal marcada pelas Serras de Sintra, Montejunto e Mira de Aire-Candeeiros, zona de separação entre ambas e área potencialmente menos exposta de um ponto de vista geográfico aos grandes circuitos de difusão comercial e cultural proporcionados pelo rio e oceano.

⁵⁰⁴ A. Monteiro e S. Pinheiro, 2006.

⁵⁰⁵ M.C. Fernandes e C.Andrade, 2005, p.22.

⁵⁰⁶ A.R. Silva, 2012, p.123-124.

⁵⁰⁷ Estrabão, *Geographia*, III,3,1.

⁵⁰⁸ Conf. AAVV, 1998. No mesmo sentido, V.G. Mantas, 2012, p.5-6.

⁵⁰⁹ Idem, p.6.

⁵¹⁰ Ver adiante, subcapítulo 7.1. “Povoamento e Demografia”.

6.3. As condições de construção do conhecimento sobre o passado romano da Península de Lisboa: apontamento crítico a propósito de práticas e perspetivas sobre as “suas arqueologias”.

O espaço em análise, uma Península de Lisboa entendida como conveniência da investigação e não como uma entidade dotada de identidade própria, apresenta uma diversidade de práticas arqueológicas que interessa aflorar, mostrando contrastes evidentes entre as potencialidades, recursos, enquadramentos da atividade e resultados obtidos para o conhecimento do passado romano da área.

Formar uma imagem geral é, portanto, refletir de alguma forma sobre a relevância social do contributo da disciplina na zona de Lisboa e Vale do Tejo⁵¹¹, a área portuguesa que mostra os indicadores socio-económicos de maior riqueza económica e onde estão sediadas as principais estruturas do poder político, financeiro e cultural do país. E, em correspondência com estas características, é neste mesmo espaço que se tem feito o maior investimento financeiro em trabalhos à escala nacional, afirmação somente intuída porque não sustentada por dados estatísticos, aliás inexistentes, mas que elementos como o número de intervenções arqueológicas praticado anualmente na capital, em torno da centena e meia, por si só fundamenta⁵¹².

Um parâmetro fundamental de análise seria o cálculo dos gastos com a prática arqueológica, mas estes estão indisponíveis e não são geralmente contabilizados. No entanto, de alguma forma se justifica esta ausência de informação, considerando a extrema dificuldade em estimar os custos indiretos gerados em contexto de obra, numa área onde se verifica o primado de uma “*arqueologia reativa*”, entenda-se, de emergência, preventiva ou até de índole eminentemente patrimonial, aqui aplicado por antinomia a “*arqueologia de projeto*”, assente em objetivos estritamente científicos e patrimoniais.

Em sentido contrário, o provento económico produzido pela disciplina também se reveste de estimativa complexa, tendo presente que os sítios e áreas arqueológicas tratadas e integradas no território são de acesso livre, dispersos no espaço urbano e rural, que muitos museus e monumentos da região encerram valências múltiplas que

⁵¹¹ A designação é aqui aplicada em referência ao espaço que integrou outrora a Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo ou a recentemente extinta Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo que, no seguimento daquela, abrangeu o mesmo âmbito geográfico.

⁵¹² Os dados disponibilizados pelos serviços da administração central, referentes ao ano de 2011, indicam até ao mês de Setembro 128 intervenções arqueológicas urbanas na cidade de Lisboa- informação da Carta Arqueológica de Lisboa cedidos pelo Museu da Cidade, a quem se agradece a facultação destes números.

não somente a arqueológica. Por estas razões, o número total de visitantes interessados nas matérias específicas é igualmente de difícil cálculo. Como também não são mensuráveis, no imediato, os resultados de uma política de educação patrimonial, nunca solidamente estruturada e articulada, patrocinada fragmentariamente no quadro de estabelecimentos de ensino, instituições museológicas e associações de índole cultural maioritariamente de âmbito local.

Apesar dos condicionamentos enunciados, é seguro considerar-se o património histórico como um dos vetores atuais da economia, muito em função da importância conferida aos aspetos formativos dos cidadãos e, sobretudo, e do contributo que representa para a atividade turística regional, com a consequente criação de riqueza no país e vetor do seu desenvolvimento, na verdade mais potencial que real.

Importa, então, aferir como se consolida esta visão no terreno através dos elementos disponíveis, e refletir sumariamente de que forma este entendimento tem contribuído para o objetivo primeiro da Arqueologia, a construção de conhecimento sobre o passado, sobre o qual deveria assentar a posterior elaboração dos discursos para os distintos níveis de público, interessando aqui os elementos do período romano objeto deste trabalho, como a respetiva acessibilidade aos objetos e dados contextuais sobre as quais aquele conhecimento assenta.

A administração central, a quem a legislação em vigor comete na atualidade a responsabilidade essencial de fiscalização setorial do território está centrada na capital, tutelando um espaço superior a 5500 Km², dispondo de um corpo de funcionários que se cifra em torno das duas dezenas de técnicos. A opção instituída pelo Governo da República de o organismo sob a sua alçada se limitar ao tratamento processual, destinando a si próprio o papel de regulador, foi gerada em 1997 aquando da criação do Instituto Português de Arqueologia, e manteve-se posteriormente, a despeito das sucessivas fusões e extinções seguintes.

Parece difícil, porém, que a principal zona de urbanização do país, que inclui quatro dos seis concelhos do país com mais alta taxa de ocupação urbana do solo (Lisboa, Oeiras, Cascais e Amadora)⁵¹³, com distâncias superiores a 100 Km ao local de trabalho dos arqueólogos colocados nos serviços na capital, seja capazmente controlada a partir daí.

Seguindo também a visão estratégica instituída em 1997 com o extinto Instituto Português de Arqueologia, e posterior criação das suas extensões territoriais que

⁵¹³ AAVV, 1998.

visaram potenciar e capacitar o controlo centralista do território pelo Estado, a fiscalização vem incidindo primordialmente sobre trabalhos arqueológicos autorizados, planos urbanísticos e estudos de impate ambiental, revelando uma muito limitada atuação em relação às operações destrutivas quase quotidianamente praticadas pela construção fora deste âmbito e pelas práticas agrícolas, espelhando desta forma a desproporção entre a demasiada leveza e concentração da organização e as amplas competências que reclama.

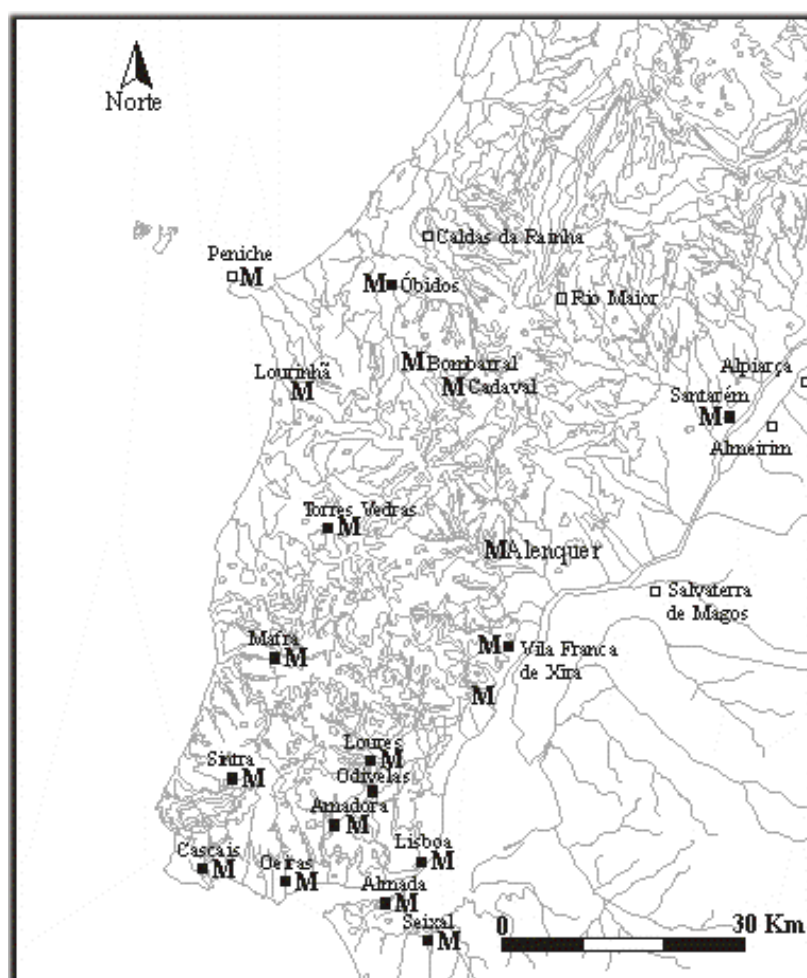


Figura 3– Museus locais com componente arqueológica (**M**), equipas autárquicas/gabinete de arqueologia (**■**) ou depósitos com colecções arqueológicas (**□**).

As estruturas de âmbito autárquico, do âmbito do aparelho das respetivas câmaras ou empresarializadas, com as quais a administração central vai estabelecendo plataformas de colaboração, quantas das vezes informais, cobrem a quase totalidade do espaço, sendo dominantes os concelhos dotados de Museu com componente

arqueológica a par de equipa/gabinete de arqueologia ou de depósito de espólio arqueológico (vide Figura 3, *supra*).

Expressão positiva desta cobertura instituída, como das relações criadas, os planos diretores municipais consideram hoje na gestão do território áreas de uso condicionado resultantes da presença de bens arqueológicos.

A composição interna daquelas equipas/gabinetes municipais corresponde, na maior parte dos casos, a estruturas reduzidas, raramente ultrapassando os dois técnicos, constando-se a existência de somente dois casos em que o número é próximo da dezena: o Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas e o Museu da Cidade, de Lisboa⁵¹⁴. Registe-se, em sentido inverso, a inexistência de técnico habilitado nalgumas autarquias e instituições museológicas situadas em territórios de rico património arqueológico, de que se poderiam dar os exemplos de Salvaterra de Magos, Alpiarça, Almeirim ou, o que parece mais estranho, Alenquer, dada a existência ali de um museu de forte tradição arqueológica.

Apesar da boa cobertura organizacional arqueológica implementada na região, as autarquias não têm sido incapazes de esboçar redes de relacionamento abrangentes com o objetivo de perspetivar as realidades do passado num âmbito mais vasto, formalizando projetos de elevada abrangência geográfica. É este um dos fundamentos das vincadas assimetrias constatáveis no conhecimento do povoamento romano da “Península de Lisboa”, que mostra áreas mais intensivamente prospetadas e portanto conhecidas, como Sintra, Cascais, Oeiras, Amadora, Loures ou Vila Franca de Xira, em claro contraste com outras onde os vazios de informação se registam, como o aro de Santarém, Cartaxo ou Azambuja.

No mesmo sentido, e no que se refere em particular às cidades, sequer se pode afirmar que está instalada uma Arqueologia Urbana em sentido estrito⁵¹⁵. Neste particular, Lisboa assoma como o caso mais destacado, como diversos investigadores repetidas vezes já afirmaram⁵¹⁶, apresentando Santarém um panorama bastante mais favorável graças à atuação desenvolvida na Alcáçova⁵¹⁷, que apesar de tudo corre agora o risco de se desintegrar através da multiplicação de interventores e respetivos

⁵¹⁴ Neste último caso, estando já publicamente anunciada a separação da componente arqueológica da entidade museológica e transferir para a administração empresarial da autarquia.

⁵¹⁵ Conf. M. Delgado *et al.*, 1986; M. Martins e F.S. Lemos, 1992; F.S. Lemos, 2001.

⁵¹⁶ Conf. A. Gaspar *et al.*, 1997; F.S. Lemos, 2001; R.B. Silva, 2000 e 2005.

⁵¹⁷ A.M. Arruda, C. Viegas e M.J. Almeida (dir.), 2002.

enquadramentos. Daqui resulta ser bastante distinta a informação disponível para as duas cidades romanas.

Eburobritium, por sua vez, constitui um caso à parte, por se tratar de uma “cidade-morta”, mas também por constituir uma descoberta recente. Neste particular, as informações sobre a cidade são metodologicamente coerentes, porque sujeitas a uma direcção única dos trabalhos sob a responsabilidade de José Beleza Moreira⁵¹⁸. Contudo, a leveza da estrutura organizacional de suporte às escavações e o modelo forjado de articulação entre a Associação Nacional de Farmácias, proprietária dos terrenos, e Câmara Municipal de Óbidos, denota não ter sido plenamente funcional, o que se demonstra com facilidade pela interrupção dos trabalhos desde 2006.

Neste início do séc.XXI, os agentes que maioritariamente operam no terreno são outros que não os ligados ao aparelho do Estado: a abertura de sabor liberal à “*indústria do património*” comportou a forte entrada em cena de empresas de Arqueologia e profissionais liberais. A este corpo se deve na atualidade o desenvolvimento da maioria dos trabalhos arqueológicos, e foi neles que a Arqueologia Portuguesa encontrou a capacidade de reagir, em termos humanos e laborais, a um número de acções tornadas necessárias por um surto desenvolvimentista dominante que se arrastou ao longo das duas últimas décadas, pelo menos.

A atuação do segmento empresarial não é, porém, isenta de crítica, pois comporta um vício já antes patente nos profissionais ligados ao Estado: a sua sujeição a outras agendas que não a arqueológica, onde ocorre uma pressão de celeridade imposta por questões financeiras e de oportunidade política que, na esmagadora maioria dos casos, limita o estudo sobre as recolhas e registos ao patamar o mais sumário possível, tendo em vista a disponibilização do arqueólogo para outras acções.

O essencial do contributo da arqueologia empresarial tem sido feito em relação aos trabalhos no terreno, trazendo como contraponto negativo o exponencial da acumulação do volume de informação por trabalhar, situação que contudo era anterior ao despontar do seu domínio. Bastaria contabilizar o número de trabalhos *versus* publicações para chegar a esta óbvia conclusão: a este respeito, e mais uma vez, o exemplo de Lisboa é categórico: procurando atualizar os balanços elaborados antes por Alexandra Gaspar de colaboração com outros investigadores⁵¹⁹, como depois por

⁵¹⁸ J.B. Moreira, 2002.

⁵¹⁹ A. Gaspar *et al.*, 1997.

Jacinta Bugalhão⁵²⁰, entre 2006 e 2010 foram contabilizados 720 trabalhos arqueológicos⁵²¹, e no mesmo período o número de publicações sobre matérias da capital não ultrapassou as duas dezenas.

É neste domínio dos estudos que o principal contributo positivo tem vindo da Universidade, onde se vêm desenvolvendo trabalhos sobre espólios, contextos e temas em trabalhos académicos e dissertações, forjando protocolos com câmaras e museus, lançando linhas de investigação compreendendo inclusivé projetos envolvendo empresas⁵²², parecendo esta resposta adequar-se ao perfil da instituição e às necessidades da disciplina, merecendo seguramente um maior investimento e acessibilidade por plataformas de informação hoje vulgarizadas.

Num outro sentido, a classificação legal da natureza das intervenções arqueológicas contante das sucessivas versões do «*Regulamento de Trabalhos Arqueológicos*» é feita em referência ao enquadramento do ato arqueológico, distinguindo somente entre acções de emergência, preventivas ou de minimização de impates e projetos pluri-anuais. Trata-se de uma categorização conceptualmente limitada e incapaz de destringir a diferente magnitude dos trabalhos, a variável complexidade, os distintos volumes de informação gerada, em termos de recolhas e registos, e sua potencial relevância científica. A única diferenciação, igualmente reputável como de grande ligeireza, reporta-se ao ambiente urbano e não urbano em que o ato se desenvolveu, estabelecendo prazos diferenciados para a entrega do obrigatório relatório final, a que se seguem três anos de reserva científica do responsável após a sua aprovação. Por consequência, o tempo disponibilizado para o processamento dos dados deriva em primeiro lugar do manancial gerado pela intervenção arqueológica, sendo claramente insuficiente nuns casos e excessivo noutros, e, num segundo plano, dos elementos pré-cognitivos, disponibilidade e motivações do arqueólogo.

Este é o resultado do modelo atual de gestão da Arqueologia Portuguesa, que se terá de qualificar como, e de forma aparentemente paradoxal, simultaneamente liberal, estatalista e centralizador. No seu conjunto mostra centrar o essencial da sua preocupação na salvaguarda da informação contextual dos sítios mas, ao estar

⁵²⁰ J. Bugalhão, 2008.

⁵²¹ Onde a proporção de trabalhos dirigidos por empresas-liberais versus Estado corresponde a 1/20-dados da *Carta Arqueológica de Lisboa*, da responsabilidade do Museu da Cidade, aproveitando-se o ensejo para a agradecer à sua directora, Ana Cristina Leite, a possibilidade da sua divulgação.

⁵²² De que se poderia dar o exemplo do projecto de estudo da *officina* de Belém (Lisboa)- Conf. I. Filipe e C. Fabião, 2006-2007.

desprovido de uma agenda própria, patrocina um insuficiente conhecimento do património arqueológico e uma acumulação de recolhas de que uma parte elevada, mas não estimável, fica necessariamente no oblívio em resultado da pressão económica, política e dos próprios prazos impostos pela legislação.

Não sendo esta a ocasião e lugar mais adequados para questionar este modelo, tanto mais que poderá vir a sofrer alterações com a recente criação da Direcção Geral do Património Cultural, ainda em implementação no momento em que estas linhas são escritas, um aspeto fundamental parece fluir por entre as malhas administrativas há mais de década e meia: a gestão dos espólios.

A reflexão a este propósito encontra fundamento no âmbito do presente trabalho, dado o sentido empírico adquirido durante o desenvolvimento das tarefas de investigação que implicaram procurar obter elementos de caracterização de sítios e intervenções ou localizar ocorrências do objeto em estudo, mas naturalmente aplica-se a qualquer esforço de síntese sobre matérias que partam igualmente da análise artefactual.

Preocupação claramente relegada para plano secundário no âmbito das problemáticas da prática arqueológica, o extinto Instituto Português de Arqueologia pareceu procurar dar resposta a uma parte da questão através da criação de depósitos nas respetivas extensões territoriais, solução eficiente na maior parte dos casos. Não se verifica, contudo, um controlo eficaz das colecções por parte do Estado, a quem comete essa responsabilidade: ao sancionar a aprovação de trabalhos e relatórios onde as recolhas foram questionavelmente seletivas, ao contribuir para aumentar a dispersão das colecções oriundas dos mesmos arqueossítios por força da imposição de entrega a um museu integrante da rede portuguesa de museus ou depósito de extensão territorial⁵²³, ao permitir o depósito precário em instalações de empresas, domicílios de profissionais e sedes de associações de defesa do património sem averiguar das condições do local para a conservação das espécies, ao não existir uma fórmula consequente de verificação de que o total das amostragens coletadas deu entrada nas instituições de destino. Em suma, no momento o único garante da composição e

⁵²³ De que se poderiam dar múltiplos exemplos. No caso em apreço podemos verificar que: nos depósitos municipais de Vila Nova da Barquinha se conservam colecções dos concelhos de Cartaxo, Azambuja, Santarém, Salvaterra de Magos, Almeirim, Alpiarça, Golegã, Entroncamento, Constância, ...; no Museu Municipal de Vila Franca de Xira conservam-se colecções de Alenquer, Salvaterra de Magos e Almeirim; no Museu Hipólito Cabaço, de Alenquer, permanecem materiais oriundos de Santarém, Salvaterra de Magos, Almeirim, Alpiarça, Azambuja, Cartaxo,...; no Gabinete de Estudos Arqueológicos de Oeiras guardam-se espólios de Lisboa e Amadora; ...

integridade dos conjuntos é o sentido deontológico dos arqueólogos respetivos e a capacidade de atuação individual destes⁵²⁴.

O panorama crítico esboçado, em que se enfatizaram porventura demasiado algumas das suas maiores insuficiências, resulta porém da efetiva evolução muito positiva que a prática arqueológica conheceu na região ao longo das últimas três décadas, devendo destacar-se o esforço feito pela disciplina em criar regras antes inexistentes, o investimento que muitas das autarquias têm feito na elaboração das suas cartas arqueológicas, a melhoria na salvaguarda da informação dos sítios arqueológicos que representam os planos diretores municipais, a ampliação dos conhecimentos resultante do elevado número de intervenções praticado, a generalização de depósitos no espaço que assim potencialmente concentram as colecções, o alargamento significativo do número de arqueólogos e alteração genérica da sua mentalidade face à informação por eles gerada, elementos que no seu conjunto traduzem uma mudança benéfica alteração do paradigma da prática arqueológica relativamente ao quadro anterior aos meados da década de 1980.

Neste mesmo sentido, esta evolução claramente positiva foi experimentada no âmbito da presente investigação, onde da quase totalidade das instituições da região a quem se solicitou o acesso e consulta de espécies se obteve uma resposta positiva e uma muito boa cooperação, pelo que boa parte dos eventuais méritos do trabalho lhes terão que ser, reconhecidamente, cometidos.

6.4. Elementos históricos. Dos antecedentes e primeiras etapas da incorporação do estuário do Tejo no domínio de Roma até à época dos Antoninos.

As referências textuais à parte central da fachada ocidental da Península Ibérica nomeiam distintas entidades étnicas, designadamente os *Turdulii*, cuja presença os autores da Antiguidade explicam por uma migração conjunta com *Celticii*, supostamente verificada no séc. V a.C.⁵²⁵

A escassa toponímia da região vem um pouco de encontro a esta dupla filiação cultural, testemunhada pelos vocábulos de origem meridional hispânica, como os

⁵²⁴ Os próprios diplomas legais vigentes são a este título claramente insuficientes, não existindo qualquer critério formalmente estabelecido de categorização da importância dos objectos e restantes recolhas, qualquer normativa respeitante à metodologia a aplicar, como a descrição da composição dos conjuntos é cometida às competências técnico-científicas necessariamente muito variáveis dos arqueólogos.

⁵²⁵ C.M. Beirão, 1986; A.C.F.Silva e M. V.Gomes, 1998; A.M. Arruda, 2001, 2005a, 2005b, 2005c.

compostos em *ippo*, casos de *Olisipo* (Lisboa) e *Collipo* (Batalha), mas também de *Scallabis*⁵²⁶, em contraponto ao radical céltico *Eburo*, patente em *Eburobrittium* (Óbidos). Outros vocábulos, como os raros teónimos pré-romanos reforçam esta componente⁵²⁷ como o culto a *Triborunis* (Cascais), *Ilurbeda* (Faião, Sintra)⁵²⁸ e *Nabia/Navia* (Alcântara, Lisboa)⁵²⁹, forjando uma imagem de duplicidade paleolinguística da região. Esta matriz não transparece porém da escassa onomástica indígena patente na epigrafia romana, datada já de Época Imperial, como acontece com a teonímia autótone, onde figuram somente nomes de raiz indo-europeia⁵³⁰.

A confrontação com os dados arqueológicos não é linear, e é manifesta uma radicação da cultura material dos grandes povoados em tradições indígenas com origem na Idade do Bronze, sujeita depois a fortes impulsos orientais, em Santarém atestados desde o séc. IX a.C. de acordo com Ana Margarida Arruda⁵³¹, e em Lisboa⁵³² e Quinta do Almaraz (Almada)⁵³³, seguramente datados da transição do século VIII ao VII a.C., o mais tardar.

Os grandes aglomerados referidos denotam uma forte hierarquização social segundo a investigadora citada, que os supõe centralidades político-administrativas de territórios vastos em cuja dependência estariam outros assentamentos de menor dimensão, de cumeada e abertos, de que se poderiam dar os exemplos de Outorela (Oeiras) e Moinho da Atalaia (Amadora)⁵³⁴.

⁵²⁶ V.G. Mantas, 1993a.

⁵²⁷ Numa reflexão recente acerca desta matéria, Amílcar Guerra (2003, p.141-143) salientou a dicotomia entre os cultos de carácter mais clássico documentados no aro urbano, em oposição aos praticados na área rural.

⁵²⁸ J.C. Ribeiro, 1982-1983, p. 252-253, fig. 38 e p. 244 e 265, fig.42.

⁵²⁹ V. Correia, 1928, p.254; J. Leite de Vasconcelos, 1938, p.179-196; J.C. Ribeiro, 1982-1983, p.333-335, citando também a possibilidade de um outro exemplo na área de Torres Vedras e refletindo sobre a possibilidade do hidrónimo do rio Nabão refletir o radical do teónimo; A.V. Silva, 1947, p.73.

⁵³⁰ J.C. Ribeiro, 1982-1983; B. Martineau, 2000; A. Guerra, 2003.

⁵³¹ A.M. Arruda, 2000.

⁵³² R.B. Silva *et al.*, no prelo. Foi apresentado publicamente no III Congresso Peninsular de Arqueologia (Faro, 2003) um importante contexto da área do Castelo de São Jorge, datado pelos escavadores do séc. VII a.C., eventualmente remontando à centúria anterior. Infelizmente a comunicação oral não deu lugar à correspondente apresentação do texto em actas- Alexandra Gaspar, Ana Gomes, António Valongo, Henrique Mendes, João Pimenta, Susana, Paula, “Escavações Arqueológicas no Grupo Desportivo do Castelo (Castelo de São Jorge, Lisboa)”. Deste ambiente provém um grafito no ombro de uma ânfora (?), elaborado em escrita fenícia, em exposição no Núcleo Museológico do Castelo de São Jorge e dado a conhecer no respetivo catálogo onde aparece com uma cronologia do séc. V a.C., certamente por lapso- S.Serra, A.Gaspar e A.Gomes, 2008. Trata-se de um documento que mostra o alcance profundo da orientalização das comunidades olisiponenses, aliás também evocada pelo achado de um forno de cerâmica no morro do Castelo e onde se cozeram pratos de engobe vermelho ao gosto oriental, de que se expõem dois pratos deformados na exposição permanente do núcleo museológico respetivo.

⁵³³ J.C. Cardoso, 1990; L.Barros, J. L. Cardoso e A.Sabrosa, 1993.

⁵³⁴ A.M. Arruda, 1994, p.56. Esta perspetiva é contrariada por João Luís Cardoso, que supõe uma fragmentação do espaço em unidades menores- Conf. J. L.Cardoso, 2011, p.96 e seguintes.

O registo arqueológico para a Idade do Ferro não evidenciou, porém, elementos inquestionavelmente correspondentes a rupturas na cultura material que possam ser interpretadas como indícios da chegada de contingentes populacionais com outra origem. Mesmo ao nível do povoamento disperso, os assentamentos denotam genericamente uma continuidade das redes estabelecidas para momentos anteriores ao séc. V a.C., e aqueles formados em datas aproximadas a esta poderão traduzir uma maior densidade ocupacional passível de ser explicada por fatores demográficos endógenos.

Como acontece desde momentos avançados da Idade do Bronze, os sítios do Vale do Tejo mostram uma confluência de influxos culturais com várias origens, ora meridionais, ora de cariz mais continental, dado o seu papel de charneira. Por esta razão quando se contrastam estes elementos com os escassos disponíveis para a orla atlântica ocidental são sintomáticas as diferenças, verificando-se assim uma assimetria regional, por esta última estar menos conetada com as grandes vias de difusão com origem no Mediterrâneo, em voga na primeira metade do I milénio a.C. Pelo contrário, o Almaraz (Almada), Santarém e Lisboa, mostram o que Arruda cognominou como “*conservadorismo oriental*”⁵³⁵ até aos primeiros contatos com o mundo itálico, o que transparece igualmente dos elementos do Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos)⁵³⁶, Chões de Alpompe (Santarém)⁵³⁷ e Santa Eufémia (Sintra)⁵³⁸, para citar apenas alguns povoados de maior entidade, e que também se verifica nos pequenos assentamentos abertos como Freiria (Cascais)⁵³⁹, Oeiras⁵⁴⁰, Outorela, Gamelas 3 (Oeiras)⁵⁴¹ e Moinho da Atalaia (Amadora)⁵⁴².

A perduração destas características até ao séc. II a.C. permite rechassar a hipótese de uma forte influência cartaginesa sentida na região a partir da época dos Bárcidas. A única referência explícita a esta presença, baseada numa passagem textual que indica o estacionamento no Estuário do Tejo em 209 a.C. de uma das forças do exército cartaginês, comandada por *Asdrúbal* filho de *Giscon*⁵⁴³, baseia-se numa errónea lição

⁵³⁵ A.M. Arruda, 1999-2000.

⁵³⁶ J. Pimenta e H.Mendes, 2008a.

⁵³⁷ A.M.D. Diogo, 1993.

⁵³⁸ G. Marques, 1982-1983.

⁵³⁹ G. Cardoso e J. D’Encarnação, 1999, p.741-757.

⁵⁴⁰ M. V.Gomes, J. L.Cardoso e M.C. André, 1996, p.367-406.

⁵⁴¹ J.L. Cardoso, 2007, p.96 e seguintes.

⁵⁴² R. Parreira e C.V. Pinto, 1978.

⁵⁴³ Mencionada em AAVV, 1981 e J. Alarcão, 1988a, p.14.

do texto de Políbio⁵⁴⁴, devendo procurar-se uma paragem mais meridional para este corpo militar, porventura na região algarvia como sugeriu recentemente Amílcar Guerra a propósito da origem do topónimo Portimão⁵⁴⁵. O achado de uma moeda de *Carthago Noua* no Cabeço da Bruxa (Alpiarça)⁵⁴⁶, de uma outra também hispano-cartaginesa nos Chões de Alompé (Santarém)⁵⁴⁷ e de mais um exemplar no Castro da Curvaceira ou do Amaral (Alenquer)⁵⁴⁸ poderá explicar-se de outras formas, constituindo argumento frágil para defender uma componente militar púnica nesta zona do Vale do Tejo.

Todo o séc. II a.C. é fértil em acontecimentos bélicos a sul do grande rio, quando a presença itálica é manifesta nas proximidades da Estremadura meridional e Ribatejo⁵⁴⁹. O cenário hispânico é de conflito armado permanente com múltiplos episódios das “guerras lusitanas” bem ilustrados, quer pelas menções pelos autores clássicos aos reveses e sucessos das armas romanas⁵⁵⁰, quer pela celebração de sucessivos triunfos pelos comandantes romanos, na época de Augusto comemorados em lugar destacado do Capitólio em Roma, através de uma longa epígrafe que enunciava os *fasti triumphales*.

A assunção política por Roma do território em análise verifica-se em 138 a.C., pela mão do procônsul *Decimus Iunius Brutus*, conforme o relato de Estrabão⁵⁵¹.

Importava, pois, averiguar no registo arqueológico se esta incorporação teria sido precedida por contatos prévios, comerciais, ou se, pelo contrário, corresponderia a um evento sem precedentes. As opiniões formuladas são de sinal contrário: Élvio Melim de Sousa, ao estudar a cerâmica campaniense que integra as colecções do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (Sintra), sugeriu a existência de conexões

⁵⁴⁴ L. Pérez Villatela, 2001, p.86; A. Guerra, 2010, p.25-38 ; J. Alarcão, 2010, p.120. Já Carlos Fabião se havia de há muito referido a uma outra geografia dos exércitos, constatada num trecho de Tito Lívio- Conf. C. Fabião, 1993a.

⁵⁴⁵ A. Guerra, 2001. *Contra*, Jorge de Alarcão, que refuta com base linguística os argumentos de Guerra, sugerindo alternativamente a origem do nome Portimão em *Portus Magnus*, relacionando-o com *Sextus Pompeius Magnus*, o que tem o devido enquadramento histórico-geográfico- Conf. J. Alarcão, 2005a, p.295-296. Mais difícil é explicar a referência a *Portus Hannibalis* por Pompónio Mela (III, 1, 7) atribuindo-a o professor de Coimbra ao emprego de um topónimo caído em desuso antes da época em que o texto foi elaborado- Conf. Idem, p. 296.

⁵⁴⁶ M. Delgado, 1981-1982, Est.XIII, n.º5; P.Kalb e M. Höck, 1984, 1988.

⁵⁴⁷ C. Fabião, 2002, p. 151.

⁵⁴⁸ Referência indicada por Carlos Fabião por ocasião da defesa da dissertação. Trata-se de uma identificação de António Faria- Conf. AAVV, 1987.

⁵⁴⁹ Recorde-se novamente que Amílcar Guerra procurou identificar o povoado de Chibanes com a *Caepiana* referida nas fontes clássicas, segunda base de que se iria servir *Quintus Servilius Cipio* para o ataque a Lusitanos, Vetões e Galaicos- Conf. A. Guerra, 2001. A identificação não é, contudo, concensual ou isenta de problemas- Conf. J. Alarcão, 2010.

⁵⁵⁰ O primeiro recontro mencionado pelas fontes ocorre em 194 a.C. Seguem-se as datas (a.C.) de 190, talvez 189, 188-187, 186, 185, 181, 179, 155 a 136- Conf. J. Alarcão, 1988, p. 17-23.

⁵⁵¹ Estrabão, *Geographia*, III,3,1.

prévias à conquista romana⁵⁵². J.Pimenta, com base nos elementos das escavações do Castelo de São Jorge (Lisboa), defende de forma assertiva a inexistência de fluxos de cariz itálico em *Olisipo* antes de 138 a.C.⁵⁵³ Os estudos efetuados por Patrícia Bargão a propósito de Santarém vieram corroborar a perspetiva delineada a propósito de Lisboa⁵⁵⁴.

Os argumentos utilizados por Sousa são facilmente desmontáveis, pois o único fragmento a que atribuiu uma datação claramente anterior à conquista romana corresponde a uma imitação, aliás apenas descrita e não ilustrada⁵⁵⁵. Porque nenhum outro indício de modelos originais itálicos mais arcaicos se conhece na região, não existe qualquer elemento que demonstre ser provável que o artesão conhecesse à data a morfologia do pé dos protótipos que supostamente serviram de inspiração à modelação do recipiente, podendo explicar-se a coincidência registada pela simplicidade formal e/ou por procedimentos artesanais que conduziram o oleiro àquela solução.

Já o quadro definido por, entre outros, Pimenta e Bargão, dotado de grande solidez, pode prestar-se a outras leituras.

É amplamente demonstrada nas duas grandes cidades do Tejo que a atestação de produtos itálicos em contexto estratigráfico coevo não pode ser recuada com anterioridade à data da conquista, o que constitui um argumento poderoso. De fato, não foi revelado nenhum produto oriundo da costa do mar Tirreno seguramente anterior à década entre 140-130 a.C. em ambos os locais, como bem demonstraram os investigadores citados, porque num primeiro momento os artefatos com esta origem foram introduzidos na região pelo elemento militar romano. O vinho itálico e as cerâmicas de “verniz negro” com aquela origem são, portanto, aportações trazidas pelas legiões, o que significa, em sentido contrário, que não integravam à data os hábitos alimentares e quotidianos das populações do Vale do Tejo.

Como ambos os autores explicitam igualmente, o aumento exponencial da importação de produtos meridionais hispânicos, nomeadamente da zona do denominado “Círculo do Estreito”, será provocado pelo abastecimento das tropas em campanha, o que se expressa nas frequências atingidas pelas ânforas verosivelmente destinadas ao

⁵⁵² É.M. Sousa, 1996.

⁵⁵³ J. Pimenta, 2005.

⁵⁵⁴ P. Bargão, 2006.

⁵⁵⁵ É.M. Sousa, 1996.

transporte de preparados piscícolas com esta origem⁵⁵⁶. Mas os produtos alimentares transportados por estes contentores já integravam os hábitos alimentares das populações do Vale do Tejo, dada a componente orientalizante da sua matriz cultural, o que é facilmente demonstrável pela detecção frequente de ânforas denominadas como “íbero-púnicas” nos diversos arqueossítios. Ora, considerando que o espaço da região de Cádiz está sob domínio romano desde 209 a.C., e é esta a origem provável para a maioria dos exemplares anfóricos, e que o início do fabrico das tipologias presentes corresponde a meados do séc. II a.C. para as formas Ramón Torres T-9.1.1.1⁵⁵⁷ e Maña C2b⁵⁵⁸, e primeira metade do séc. II a.C. para as “greco-italicas hispánicas”⁵⁵⁹, estas bem atestadas em contextos de consumo e de produção neste intervalo cronológico, é forçosa a admissão da possibilidade de importações oriundas do extremo sul hispânico anteriores à entrada em cena do elemento militar itálico, se bem que ainda não corroboradas por contextos estratigráficos.

Estando no momento demonstrada a não aquisição de materiais itálicos prévios à conquista, o que conceptualmente não é equivalente a mercadorias originadas em espaço política e administrativamente sob a tutela de Roma, será de considerar a hipótese de Vasco Mantas de terem sido os comerciantes gaditanos envolvidos nos intercâmbios com o Estuário do Tejo a fonte de informações de que se serviu o exército comandado por *Iunius Brutus* para a expedição de 138-137 a.C., porventura baseado nos elementos antes colhidos para a projetada campanha de *Quintus Servilius Scipio* de 139 a.C., que terá tido tropas estacionadas em *Caepiana*, que Amílcar Guerra identificou com o arqueossítio de Chibanes, na zona da Arrábida⁵⁶⁰.

O passo estraboniano que data explicitamente a integração da região no domínio romano em 138 a.C. refere a instalação do *castrum* proconsular em *Moron*, povoado que marcava o *terminus* do troço do Tejo passível de ser percorrido por navios de grande porte, e o fortalecimento da posição militar em *Olisipo*, tendo em vista o seu papel de porto-escala na linha de abastecimento marítimo que acompanhou o trajeto que conduziria as legiões até às margens do Douro, Lima e Minho.

⁵⁵⁶ A.M. Arruda e R.R. Almeida, 1999; A.M. Arruda e R.R. Almeida, 2005; A.M. Arruda, C. Viegas e P. Bargão, 2005; J. Pimenta, 2005; P. Bargão 2006; R.R. Almeida, 2008.

⁵⁵⁷ J. Ramón Torres, 1995, p.226-227.

⁵⁵⁸ A.M. Arruda e R.R. Almeida, 1998.

⁵⁵⁹ M. Bustamante Álvarez e D.M. Arroyo-Sánchez, 2004, p.441-446.

⁵⁶⁰ A. Guerra, 2001; considerada por Jorge de Alarcão como longe de incontroversa- J. Alarcão, 2005a, p.299 e 2010, p.120.

Moron é objeto de controvérsia arqueológica, sendo variadas as propostas de localização. As hipóteses mais recentes apontam-lhe os sítios de Santarém, num modelo de *dipolis*⁵⁶¹ talvez inspirado pelo exemplo de *Tarraco-Kese* (Tarragona, Espanha), Chões de Alpompe (Santarém), de onde se conhece abundante espólio consentâneo com uma presença militar coeva⁵⁶², e o Alto do Castelo (Alpiarça), por delimitar uma área extensa protegida por sistema de fosso e talude⁵⁶³.

O último sítio mencionado revela um conjunto muito discreto de evidências à superfície, não se vislumbrando fundamento objetual suficiente, publicado ou observável no local, para uma utilização militar romana em época republicana, que deverá antes ser considerada como por demonstrar. Philinne Kalb e Martin Höck avançaram esta hipótese, porventura sugestionados pela configuração artificial das defesas da plataforma, dado que os próprios constatarem que a presença mais bem documentada é da Idade do Bronze Final, aproveitando neste contexto para rechassar uma cronologia ocupacional da Idade do Ferro⁵⁶⁴. Parece, portanto, ter de se encarar a possibilidade de o arqueossítio corresponder a um amplo espaço proto-histórico com uma tipologia pouco habitual.

Santarém, por seu turno, proporcionou a identificação de contextos de cronologia republicana romana, de forma significativa reforçados pelo diversificado espólio itálico ali revelado que compreende cerâmica campaniense, ânforas tirrénicas e de outras paragens sob o domínio romano⁵⁶⁵, paredes finas⁵⁶⁶ e, o que é mais revelador, lucernas⁵⁶⁷ e projéteis de funda em chumbo⁵⁶⁸. O período mais fortemente representado por esta via é, contudo, mais tardio do que a campanha do *Callaicus*, e nenhuma outra evidência (armamento, elementos construtivos ou epigráficos) parece corroborar uma localização aqui do aquartelamento proconsular.

Os Chões de Alpompe, sítio nunca escavado, providenciou sucessivas recolhas de superfície (e pilhagens por detetoristas) que demonstraram que a plataforma é ocupada na Idade do Ferro, sendo portanto equivalente a um povoado de relêvo regional, considerando os seus 20 Ha de área⁵⁶⁹. Os terraplenos de defesa, de há muito

⁵⁶¹ M. Genin, 2002; J. Alarcão, 2002.

⁵⁶² J.M.B. Oleiro, 1959, p.15; C. Fabião, 1989.

⁵⁶³ P. Kalb e M. Höck, 1984, 1988.

⁵⁶⁴ Idem; A.M. Arruda, 1994, p.57, nota 1.

⁵⁶⁵ A.M. Arruda e R.R. Almeida, 1998, 1999; P. Bargão, 2006.

⁵⁶⁶ A.M. Arruda e E. Sousa, 2003.

⁵⁶⁷ C.S. Pereira, 2008.

⁵⁶⁸ A.M. Arruda, C. Viegas e M. J. Almeida (dir.), 2002, p. 165, n.ºs 204-205.

⁵⁶⁹ G. Zbyszewski *et al.*, 1968; A.M.D. Diogo, 1982, 1993.

conhecidos, de formulação não “*canónica*” porque adaptados ao relêvo natural, mas sobretudo o conjunto anfórico sucessivamente publicado por Carlos Fabião⁵⁷⁰ e Dias Diogo⁵⁷¹, sugeriram a estes investigadores que a hipótese primeiro avançada por Bairrão Oleiro⁵⁷² de se tratar do *ubi* escolhido por *Iunius Brutus*, era altamente provável. Consta, também, a existência de vestígios de estruturas utilizando *opus signinum*, técnica construtiva romana sem precedentes conhecidos na região, que podemos hoje confirmar⁵⁷³. Como estavam de há muito publicados por D.Fernando de Almeida e Octávio da Veiga Ferreira materiais edilícios tipicamente romanos incluindo *lateres*, *tegulae* e *imbrices* e um tipo peculiar de pequeno ladrilho losangular destinado a pavimento que parece ter gozado de algum sucesso nesta área do Ribatejo em Época Romana⁵⁷⁴. O argumento mais sólido que permite situar nos Chões de Alpompé o acampamento de *Decimus Iunius Brutus* foi estudado por José Ruivo e destacado igualmente por Carlos Fabião⁵⁷⁵, e equivale ao mais numeroso conjunto numismático de moeda perdida de época republicana romana de todo o território hoje português. Fabião deu também conta da existência de número elevado de projéteis de funda em chumbo ainda com as rebarbas de fabrico, necessariamente produzidas no local, na posse de particulares da região de Santarém⁵⁷⁶.

Como Fabião salienta, se a questão do acampamento se pode considerar satisfatoriamente resolvida, saber se o local onde se implantou, seguramente um povoado indígena importante, se nomeava *Moron* é uma questão menor, e dificilmente comprovável⁵⁷⁷. Ainda assim, e perante a informação coligida, a resolução da questão inclina-se fortemente em favor do planalto de Alpompé. Jorge de Alarcão, que abandonou esta hipótese em favor de Santarém, havia antes aventado a aliciante proposta de interpretação para a muralha de terrapleno que divide em dois o planalto dos Chões corresponder à divisão entre uma zona militar e outra indígena, possivelmente tendo outra vez em mente os modelos de *dipolis* como o de Tarragona,

⁵⁷⁰ C. Fabião, 1989.

⁵⁷¹ A.M.D. Diogo, 1982, 1993 e A.M.D. Diogo e L. Trindade, 1993-1994.

⁵⁷² Conf.C. Fabião, 2002.

⁵⁷³ O falecido arqueólogo amador José Catarino, cuja memória aqui se evoca, identificou-as no planalto dos Chões em finais da década de '80 do século XX, permanecendo inéditas. Foi-nos dada a possibilidade de observar fotografias da sua autoria pelo irmão, João Catarino, que comprovam a veracidade destas notícias difusas acerca do reconhecimento destas estruturas pelo investigador do Entroncamento.

⁵⁷⁴ G. Zbyszewski *et al.*, 1968. O mesmo tipo de ladrilho está atestado na arquitetura civil de *Scallabis* (informação oral de Laurent Caron), no sítio romano de Azeitada (Almeirim) (observação pessoal) e Alto dos Cacos (Almeirim)- Conf. J. Pimenta *et al.*, 2012, p.63-65.

⁵⁷⁵ J. Ruivo, 1999 *apud* C. Fabião, 2002, p. 151.

⁵⁷⁶ *Idem.*

⁵⁷⁷ *Idem.*

aventando, em alternativa, poder tratar-se do resultado de uma constrição da área militar decorrente do estacionamento de um número menor de efetivos em momento posterior à campanha de 138-137 a.C. de *Iunius Brutus*, eventualmente no quadro das guerras civis. Há autores que, aliás, pretendem relacionar a origem do topónimo Alpompe com *Pompeius*, e desta forma conetar o local com os conflitos entre os partidários de César e os filhos do Magno⁵⁷⁸. A este respeito os dados arqueológicos, em particular os numismas estudados por José Ruivo e retomados por Fabião, parecem indicar uma data mais precoce para o abandono generalizado do sítio, considerando a existência do tesouro de denários ocultado cerca de 80 a.C. e a raridade de moedas posteriores⁵⁷⁹, talvez assim se justificando o assinalado silêncio das fontes a seu respeito⁵⁸⁰.

Em Lisboa, o estudo fundamental de João Pimenta demonstrou que se verificou no morro do Castelo o estacionamento de tropas por ocasião da campanha lusitana e galaica de 138-137 a.C.⁵⁸¹ Um fluxo sem precedentes de material itálico, incluindo produtos alimentares envasados em ânforas, a par do achado de numismas de baixo valor, cerâmica campaniense e lucernas, denunciadores da identidade cultural itálica dos seus antigos possuidores, enquadrados em estratigrafias bem definidas e contextos selados, configuraram um quadro de referência sólido⁵⁸², que o achado de uma construção tipicamente romana daquela época, ocorrido posteriormente ao estudo, mais não veio do que corroborar⁵⁸³.

Como vem sendo mencionado na bibliografia mais recente sobre *Olisipo*, o estacionamento da guarnição nesta altura representou para a parte mais alta do povoado um evento traumático em termos urbanísticos, implicando o seu abandono, sendo muito escassos e pontuais os elementos que atestam a existência de ocupações de cronologia romana ao longo do século I a.C. e posteriores⁵⁸⁴. Este dado deverá, por consequência,

⁵⁷⁸ J. Custódio (coord.), 1999; J. Pimenta *et al.*, 2012, p.100- Sugestão que tem por base, para além de argumentos etimológicos, uma passagem da *Crónica de D.Afonso Henriques* referente à campanha muçulmana de 1184, que indica expressamente “*hum monte, que chamão de Pompeio*”- Conf. Idem.

⁵⁷⁹ J. Ruivo, 1999 *apud* C. Fabião, 2002.

⁵⁸⁰ Destacado, entre outros por Jorge de Alarcão- Conf. J. Alarcão, 1988, 2002.

⁵⁸¹ J. Pimenta, 2005.

⁵⁸² Idem.

⁵⁸³ A estrutura foi primeiro escavada sob a direcção de Alexandra Gaspar e Ana Gomes. Uma nova intervenção em 2009, dirigida por Pedro Miranda, permitiu reconhecer a totalidade dos seus contornos. A todos se agradece a disponibilidade da divulgação deste elemento, aliás vagamente mencionado no acima respetivo catálogo - Conf. S. Serra, A. Gaspar e A. Gomes, 2008.

⁵⁸⁴ J. Pimenta, 2005; R.B. Silva, 2011.

ser posto em paralelo com o que se presume que se verificou com os Chões de Alpompé.

Os exércitos do procônsul atravessaram na sua marcha o território em estudo, provavelmente percorrendo um caminho próximo do que seria depois a via *Olisipo-Braccara*⁵⁸⁵, e talvez com uma força percorrendo um outro itinerário mais litoral, que justificaria assim a ocorrência do tesouro de Pragança (Cadaval), constituído por dois vasos, um colar entrançado e três lúnulas, em prata, e uma outra em ouro, atribuído por José Ruivo à instabilidade gerada pela passagem do corpo militar romano⁵⁸⁶.

Decimus Junius Brutus Callaicus permaneceria no comando proconsular até 133 a.C., pelo menos, data em que ocorre uma cunhagem monetária efetuada na cidade por ele fundada de *Brutobriga*⁵⁸⁷, e nessa data a presença de alguns dos efetivos militares no Vale do Tejo deverá ter sido uma realidade.

A partir da integração do território na província da *Hispania Ulterior*, os dados arqueológicos indicam um contato permanente com os circuitos comerciais em voga na parte meridional da Península Ibérica, o que se manifesta na difusão de cerâmicas campanienses e ânforas, mas também de cerâmica itálica de cozinha como a “cerâmica de engobe vermelho pompeiano”⁵⁸⁸, e numária de baixo valor, que denuncia uma ainda incipiente monetarização da economia local.

O conjunto de mercadorias do mundo romano conhece, ao longo do séc. I a.C., uma ampla difusão no espaço em estudo que não se restringe aos grandes povoados e atinge uma multiplicidade de sítios, presumivelmente pequenos assentamentos na sua maioria rurais: Quinta da Torre (Almada)⁵⁸⁹, Alto de Caparide⁵⁹⁰, Tires, Miroiço⁵⁹¹, Outeiro, Freiria (Cascais)⁵⁹², Leão⁵⁹³, Oeiras (Oeiras)⁵⁹⁴, Cabanas de São Marcos, Armez⁵⁹⁵, Ermidas⁵⁹⁶, Funchal⁵⁹⁷, Granja dos Serrões⁵⁹⁸, Lugar do Marcador⁵⁹⁹, São

⁵⁸⁵ M. Genin, 2002.

⁵⁸⁶ J. Ruivo, 2005, p. 137.

⁵⁸⁷ J. Alarcão, 1988, p.23.

⁵⁸⁸ A.M. Arruda e C. Viegas, 2002a; L. Fernandes e V.Filipe, 2007.

⁵⁸⁹ J.L. Cardoso e J. R. Carreira, 1997-1998.

⁵⁹⁰ J.P. Cabral, G. Cardoso; J. D’Encarnação e L.Nieuwendam, 2002.

⁵⁹¹ G. Cardoso, 2002, p.64 e 67.

⁵⁹² Idem, p.63.

⁵⁹³ Um fragmento de cerâmica cinzenta fina com decoração reticulada e um outro de campaniense B- J. L.Cardoso, 2011, respetivamente p.116 e p.118.

⁵⁹⁴ G. Cardoso, 2002, p.48; ânfora Maña C2b- J. L. Cardoso e G. Cardoso, 1993, p.82 e fig. 27.

⁵⁹⁵ G. Cardoso, 2002, p.76.

⁵⁹⁶ Um exemplar de Campaniense B- Conf. Idem, p.78. Um fragmento de bocal de ânfora Maña C2b, entre outros contentores- Conf. F.C.Pimenta, 1982-1983, p.126.

⁵⁹⁷ Um exemplar de imitação de campaniense- Conf. G. Cardoso, 2002, p.79.

⁵⁹⁸ Campaniense A- Conf. Idem, p.79.

Miguel de Odrinhas⁶⁰⁰ (Sintra), Casal do Belo (Loures)⁶⁰¹, Raimona (Mafra)⁶⁰², Moinho da Atalaia (Amadora)⁶⁰³, Cemitério dos Prazeres⁶⁰⁴, Belém (Lisboa)⁶⁰⁵, Cacilhas (Almada)⁶⁰⁶ e Azeitada⁶⁰⁷ (Almeirim), são os que conseguimos repertoriar de uma lista certamente mais vasta.

Similar panorama é-nos apresentado pelos povoados em altura, não equiparáveis aos grandes centros regionais, como o Almaraz (Almada)⁶⁰⁸, Castelo dos Mouros⁶⁰⁹, Santa Eufémia (Sintra)⁶¹⁰, Castelo (Arruda dos Vinhos)⁶¹¹, Torres Vedras⁶¹², Castro da Serra do Socorro⁶¹³, Castro da Curvaceira de Cima, Castro do Amaral (Alenquer)⁶¹⁴, Alverca (Vila Franca de Xira)⁶¹⁵, Castro da Columbeira, Outeiro da Assenta (Bombarral)⁶¹⁶, Castro de Pragança (Cadaval)⁶¹⁷, São Mamede (Óbidos)⁶¹⁸, Castelo de Santa Catarina (Caldas da Rainha)⁶¹⁹, Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos)⁶²⁰ e Cabeço da Bruxa (Alpiarça)⁶²¹.

A variada panóplia de locais e tipologias locativas, seguramente incompleta, é todavia suficiente para se admitir a vitalidade dos influxos romanizadores ocorridos no Vale do Tejo e Oeste no lapso de tempo que medeia as últimas décadas do séc. II a.C. e o advento do Principado.

⁵⁹⁹ Imitação de campaniense- Conf. Idem, p.80.

⁶⁰⁰ Campaniense indeterminada- Conf. Idem, p. 81.

⁶⁰¹ Cerâmica cinzenta fina com decoração de retícula brunida- A.R.Silva e S.P.Santos, 2009, p.13-27.

⁶⁰² Três glandes de funda em chumbo- Conf. G. Cardoso, 2002, p.93.

⁶⁰³ R.Parreira e C.V.Pinto, 1978.

⁶⁰⁴ Um fragmento inédito de campanense do “círculo da B”, recolhido pelo autor.

⁶⁰⁵ Um fragmento de campaniense- C. Fabião e I.Filipe, 2006-2007, p.103.

⁶⁰⁶ L.Barros e C. Amaro, 1985; L.Barros, 1994.

⁶⁰⁷ Informação oral facultada pelo Dr. Eurico Henriques, da Associação de Defesa do Património Histórico e Cultural de Almeirim, comprovada pela observação de materiais, aproveitando-se para se agradecer a este investigador o acesso e a divulgação deste elemento.

⁶⁰⁸ L.Barros, F.Henriques, 2002.

⁶⁰⁹ Materiais inéditos resultantes da escavação dirigida por Maria João Sousa, entre os quais consta pelo menos um fragmento de imitação de campaniense.

⁶¹⁰ G. Marques, 1982-1983, p.70 e FiG. 13-k, uma ânfora itálica Dr. 1A.

⁶¹¹ J. L.M. Gonçalves, 1997.

⁶¹² G. Cardoso, 2002, p.120-121 e G. Cardoso e I.Luna, 2005, p.62-63 e p.76.

⁶¹³ G. Cardoso e I.Luna, 2005, p.79.

⁶¹⁴ G. Cardoso, 2002, p.126.

⁶¹⁵ J. Pimenta e H.Mendes, 2007.

⁶¹⁶ Deixando de parte outras referências menos específicas, foi-nos dado observar *sigillata* sudgálica aqui recolhida que se guarda no Gabinete Municipal de Arqueologia de Óbidos, aproveitando-se para agradecer a facultação do seu acesso a Dina Matias e Sérgio Pinheiro.

⁶¹⁷ P.F. Costa e H. Sanches Galante, 1995, p.58, onde se assinala a presença de moedas de Época Republicana.

⁶¹⁸ Idem.

⁶¹⁹ R.B. Silva, 1996.

⁶²⁰ J. Pimenta e Henrique Mendes, 2008a.

⁶²¹ M. Delgado, 1981-1982.

O séc. I a.C. corresponde a um período em que em simultâneo se desenvolvem os processos integradores, apesar de encerrarem uma fraca visibilidade do ponto de vista arqueológico, motivada por uma multiplicidade de fatores. Santarém, Lisboa, Castelo (Arruda dos Vinhos) e Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira) compõem a exceção a um panorama onde os testemunhos materiais são relativamente abundantes, como as listas um pouco acima enunciadas demonstram, mas compostas com base em ocorrências de materiais à superfície ou integrando estratigrafias formadas em data posterior, estando portanto na sua maioria descontextualizadas. Mas se isoladamente pouco significam, a sua consideração em conjunto não pode deixar de assumir algum significado.

Merecem destaque neste sentido, os achados verificados em sítios aos quais depois se reconhece ou entrevê funcionalidade agrária supra mencionados. Em primeiro lugar ressalta que, dos vinte locais repertoriados nestas circunstâncias dezassete estão situados na margem direita do Tejo a ocidente de *Olisipo*, na área dos atuais concelhos de Lisboa, Amadora, Oeiras, Cascais, Sintra e Mafra. Destes, oito proporcionaram evidências ou indícios de ocupação na Idade do Ferro. Se lhes acrescentarmos os arqueossítios de Belém (Lisboa) e Cacilhas (Almada), mais vinculados a ambientes portuários e/ou de exploração de recursos marinhos, significa que sensivelmente metade dos locais que conhecemos hoje e que integraram as redes de povoamento anteriores da Idade do Ferro prosseguiram a sua vida em época republicana, o que sugere uma expressiva continuidade.

No mesmo sentido, os restantes onde os elementos mais antigos remontam somente ao período romano republicano podem traduzir o número, no momento indeterminável, de novos assentamentos gerados entre os finais do séc. II a.C. e o último quarto do séc. I a.C. É assim tentador colocar em relação este elemento com os indícios proporcionados pelas muito mais tardias indicações facultadas pela onomástica de Época Imperial patente na epigrafia da zona, isto é, da fixação de colonos itálicos ou já altamente romanizados⁶²², porventura ocorrida a par de um fenómeno de expansão demográfica e/ou intensificação da exploração dos recursos agro-pecuários da responsabilidade de autótones em processo de romanização.

⁶²² J.C. Ribeiro, 1982-1983, 1994, p.82-83; M. Genin, 1994; B. Martineau, 2000, p.195. Os números são contrastantes entre a cidade, cosmopolita e portuária, com 70% de onomástica latina, 20% de origem grega a apenas 10% indígena ou indeterminada, em face dos 6% gregos e 26% indígenas do território-Conf. J. C:Ribeiro, 1994, p.85-86. Complementarmente, Amílcar Guerra sublinha o carácter indo-europeu, típico do ocidente hispânico da antroponímia dos *agri*- Conf. A. Guerra, 2003, p.136 e segs.

A dimensão e contornos do fenómeno são-nos porém desconhecidos, de tão limitados que são os dados disponíveis, objetuais e arquitectónicos. Como também é a sua amplitude geográfica fora da zona ocidental da Península de Lisboa, dado que para as zonas orientais apenas Casal do Belo (Loures) e Azeitada (Almeirim) se apresentam com o mesmo figurino. A desigual distribuição dever-se-á, numa boa parte, à insuficiência dos estudos noutras latitudes, em particular nos futuros *agri* de *Praesidium Iulium Scallabis* e *Eburobrittium*, onde a epigrafia alto imperial também sugere a fixação de itálicos⁶²³, como acontece igualmente com a zona de Torres Vedras⁶²⁴. Ainda assim, os materiais detetados nos aglomerados da Idade do Ferro sugere a sobrevivência do modelo locativo na última centúria antes da Era.

A etapa final da República Romana foi fértil em episódios bélicos, tendo as Hispânicas como um dos seus mais privilegiados teatros. Direta ou indiretamente, o Baixo Tejo e Oeste terão sofrido com o clima de permanente conflito, apesar da única menção textual explícita a uma presença militar diga respeito às campanhas contra os lusitanos dirigidas por Júlio César entre 61 e 60 a.C.⁶²⁵

Os estudos numismáticos de José Ruivo sugerem que as guerras civis sertorianas, cujo teatro se desenrola na *Hispania* a partir de 80 a.C., terão tido impacte na Península de Lisboa, surgindo documentadas por entesouramentos ocultos em Santana da Carnota (Santarém)⁶²⁶, Columbeira (Bombarral) e nos Chões de Alpompe (Santarém)⁶²⁷, a que já se fez referência. Considerando a utilização deste último espaço sobretudo até este momento, é plausível que as antigas instalações castrenses da campanha de *Iunius Brutus* tenham permanecido a uso e sido objeto de reformas ao longo dos cinquenta anos de presumida utilização, o que só trabalhos arqueológicos permitiriam esclarecer. José Ruivo aventou a hipótese do seu uso no contra-ataque silano de 79 a.C., pela mão de *L. Caecilius Metellus*, sugerindo o estudo numismático o fim nesta data da vida dos Chões de Alpompe, motivada pela resposta de *Q. Sertorius*, que passaria a dominar a área⁶²⁸. Os dois outros tesouros citados, poucos anos mais recentes, poderiam equivaler ou às iniciativas de *Perpenna* de 74 a.C. ou às retaliações de *Pompeius Magnus* ocorridas após a morte do líder mariano⁶²⁹. Neste quadro amplo, de finais do séc. II a.C.

⁶²³ J.D'Encarnação e J.B. Moreira, 2005, p. 133.

⁶²⁴ G. Cardoso e I. Luna, 2005.

⁶²⁵ J. Alarcão, 1988.

⁶²⁶ J.R. Viegas e R. Parreira, 1984.

⁶²⁷ J. Ruivo, 2005, p.137-138.

⁶²⁸ Idem, p. 138.

⁶²⁹ Idem.

e primeiras décadas do séc. I a.C., se enquadraria também o tesouro de 1000 denários, alguns dos quais supostamente datados de 125 a.C., encontrado no interior de um vaso de prata com a inscrição *Sucnin(us) Asedi F(ilius)* em Pinhal do Alvarinho (Alenquer)⁶³⁰.

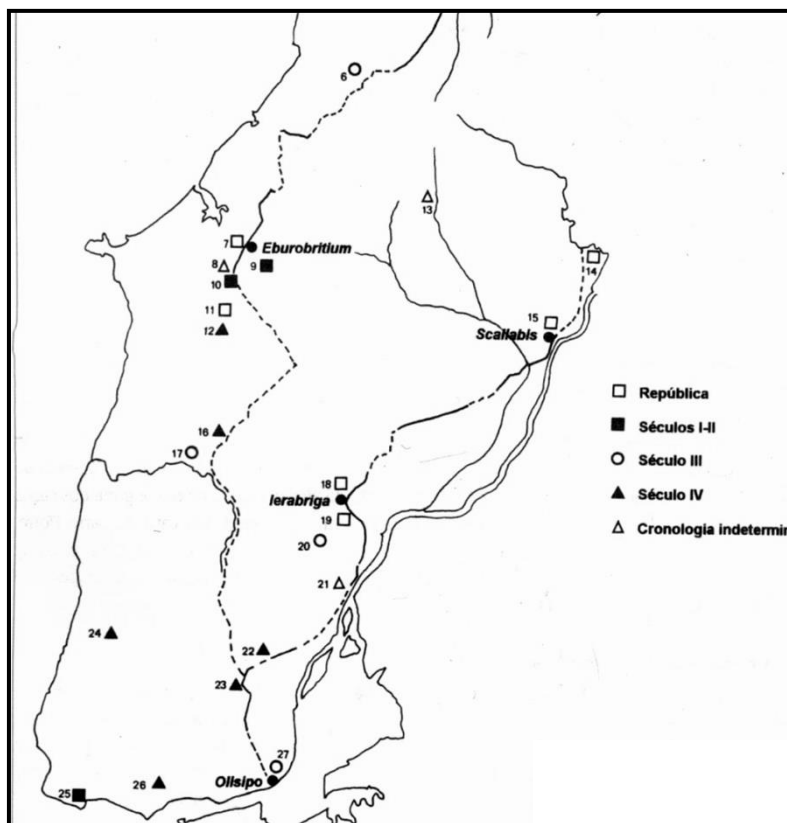


Figura 5- Tesouros monetários de Época Romana na região considerada (segundo José Ruivo⁶³¹).

O panorama de conflito está também bem documentado nos sítios da região. Santarém denota nos níveis republicanos um profundo envolvimento na componente bélica, provavelmente no quadro dos aprovisionamentos, documentado por cerâmicas, numismas e armamento⁶³². Dois outros locais com uma ocupação de forte cariz militar foram recentemente destacados pela investigação de João Pimenta e Henrique Mendes: o Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira), onde se coletou espólio cerâmico abundante, armamento romano e se exumou um urbanismo de cariz itálico⁶³³, e o Alto dos Cacos (Almeirim), no qual Eurico Henriques coletou em 1981-1982 cerâmica romana republicana abundante, a que só os dois investigadores citados souberam

⁶³⁰ Idem.

⁶³¹ Idem.

⁶³² A.M. Arruda, C. Viegas e M. J. Almeida (dir.), 2002.

⁶³³ J. Pimenta *et al.*, 2008a.

atribuir o devido significado⁶³⁴. Devido considerar-se neste âmbito outras notícias, insuficientemente tratadas ainda, relativas às ocupações neste período do Cabeço da Bruxa (Alpiarça) e, com as cautelas necessárias o Alto do Castelo (Alpiarça)⁶³⁵ e Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos)⁶³⁶, compõe-se assim um cenário bastante distinto do que previamente se dispunha para as margens taganas, seguramente bem mais militarizado ao longo do séc. I a.C.

Considerando o papel geo-estratégico do eixo Santarém-Lisboa no âmbito das comunicações entre o Alentejo, a Beira e o restante do Ribatejo e Estremadura, os episódios já aludidos como os do conflito sertoriano e campanha cesariana de 61-60 a.C., deverão ter repercussão no registo arqueológico, como também os enfrentamentos entre cesarianos e pompeianos de 48-46 a.C. Contudo, a diacronia dos materiais estudados não permite ainda entrever com total segurança os eventos históricos aos quais os distintos locais estarão ligados, alguns deles ativos quase permanentemente ou em mais do que uma ocasião.

Da campanha de 61-60 a.C., que certamente percorreu o espaço geográfico do Vale do Tejo e Oeste, não existem vestígios arqueológicos diretos e a única base é um trecho de *Dion Cassius* que refere o refúgio de lusitanos numa ilha não nomeada ao largo da costa, que tradicionalmente a historiografia identificou com Peniche, hipótese recentemente colocada em causa por Amílcar Guerra, com argumentos consistentes⁶³⁷.

Este belicismo permanente vivido na região no séc. I a.C. revelou arqueologicamente consequências profundas para os grandes povoados do Baixo Tejo. A discrição dos elementos recolhidos no Almaraz (Almada) sugere um acentuado declínio que conduzirá ao seu provável despovoamento nos alvares do Principado. Os dados disponíveis para Lisboa, coletados no Castelo de São Jorge⁶³⁸, Teatro Romano⁶³⁹,

⁶³⁴ J. Pimenta *et al.*, 2012; R.B. Silva *et al.*, no prelo.

⁶³⁵ Vide comentário a este propósito supra, no presente capítulo. Teremos de considerar a referência difusa, repetidas vezes veiculada, do achado aqui de material romano datado dos séculos II e I a.C., que como se viu traduzirá uma presença nova no local após a Idade do Bronze Final- Conf. P.Kalb e M. Höck, 1984, 1988. Apesar da presença de ânforas Dr.1, mencionada por Gustavo Marques (1972), creio estar ainda por demonstrar cabalmente a funcionalidade castrense do Alto do Castelo.

⁶³⁶ J. Pimenta e H. Mendes, 2008b. A simples indicação de uma zona distinta da do assentamento da Idade do Ferro para a ocupação de época republicana romana sugere outro tipo de realidades, que certamente irão ser exploradas pelos dois investigadores.

⁶³⁷ *Historia Augusta*, XXXVII, 52-53, transcrito e traduzido por Jorge de Alarcão, 1988, p. 25, que matiza as certezas de atribuição que vêm já desde André de Rezende e reforçadas pela autoridade de Adolf Sculten. Amílcar Guerra, a este propósito, advoga em melhores condições outras áreas estuarinas do Mondego e Vouga como melhores candidatas, considerando a identificação plausível do *Mons Herminius*, ponto inicial da fuga do bando lusitano, e Peniche - Conf. A.Guerra, 2010, p.124-125.

⁶³⁸ J. Pimenta, 2005.

⁶³⁹ V. Filipe, 2008.

Rua de São João da Praça⁶⁴⁰ e Palácio dos Marqueses de Angenja⁶⁴¹, mostram no seu conjunto uma muito maior importância das importações em momentos anteriores aos meados do séc. I a.C.

Parece, portanto, que a geografia do poder no Estuário do Tejo se transformou ao longo da primeira metade do séc. I a.C., assumindo o povoado da margem direita um predomínio inegável sobre um território mais alargado. A este propósito, vale a pena mencionar que César deixou em 48 a.C. no governo da *Vltior Quintus Cassius Longinus*, a quem os estudos olisipográficos clássicos atribuíram a instalação do edifício original das *Thermae Cassiorum*⁶⁴². Não sendo impossível esta leitura⁶⁴³, é no momento indemonstrável, e para já não suportada por dados arqueológicos. A despeito desta observação, é altamente provável a influência do pretor junto das aristocracias locais olisiponenses, sendo talvez as conexões estabelecidas com aquele magistrado romano que justificarão a adopção do gentílico *Cassius* por elementos seus. O mesmo princípio se pode aplicar aos *Pompeii*, *Iulii*, *Antonii* e *Caecilii* de *Olisipo*, remontando a *Cn. Pompeius Magnus*, *C. Iulius Caesar*, *Marcus Antonius* ou *Q. Caecilius Metellus Pius*, origem clientelar dos que mostram pertencer aos estratos dominantes da vida pública da comunidade nos séculos I e II d.C., tanto quanto a epigrafia deixa transparecer⁶⁴⁴.

Ao nível da evidência objetual, a partir do meio do século que antecede a Era regista-se nas importações o que Carlos Fabião nomeou como “*princípio da proximidade geográfica nos critérios da importação*”⁶⁴⁵, que se traduz no predomínio nos contextos com esta data dos contentores anfóricos oriundos da parte meridional da *Hispania Vltior*. É neste período que a grande cidade da foz do Tejo mostra uma vitalidade inferior face a Santarém⁶⁴⁶, onde a diversidade e quantidade dos materiais ilustra com exuberância a supremacia regional que assumiu.

O papel de *Scallabis* no final da República Romana é demonstrável também pelo nome oficial latino atribuído, *Praesidium Iulium*, que acusa a existência, no seio da cidade ou seus arredores, de um acampamento de uma guarnição militar, com maior

⁶⁴⁰ J. Pimenta, M. Calado e M. Leitão, 2005, p. 313-334.

⁶⁴¹ F. Madeira, 2006.

⁶⁴² A referência original é do P.e Tomás Castano de Bem, *Notícia deas Thermas ou banhos Cassianos...* (BNL, Reservados, ms. 289)- cit. A.V. Silva, 1944, p. 48-50.

⁶⁴³ Conf. M. Genin, 1990, 1999; R.B. Silva, 1997, 1999.

⁶⁴⁴ Entre outras referências- M. Genin, 1994 e 1999; B.Martineau, 2000.

⁶⁴⁵ C. Fabião, 1998, p. 181.

⁶⁴⁶ R.R. Almeida, 2008 e P. Bargão, 2006.

probabilidade datado das campanhas de 49-48 a.C.⁶⁴⁷ Segundo Pimenta, Mendes e Henriques, o já aludido arqueossítio de Alto dos Cacos (Almeirim), nas proximidades e em estreito contato visual com Santarém, dotado de uma configuração castrense observável por detecção remota, local onde se coletaram abundantes cerâmicas romanas republicanas, incluindo campanienses, ânforas, das quais duas com texto em *tituli piti*, cerâmica de construção romana e, acima de tudo, artefatos bélicos, entre os quais a extremidade de um *pilum* e projéteis de funda possivelmente elaborados no sítio, assume-se como um forte candidato a *ubi* do campo da guarnição cesariana que iria fazer merecer o nome oficial à colónia⁶⁴⁸.

A promoção jurídico-administrativa escalabitana terá implicado o afluxo ao Vale do Tejo de populações forâneas, pelo menos inicialmente assentes na área da cidade e território próximo, que a muito pobre epigrafia ribatejana não dá testemunho⁶⁴⁹.

A data de promoção à nova categoria jurídica de Santarém é alvo de uma limitada controvérsia. Os dados epigráficos são surpreendentemente exíguos, documentando-se na região apenas um cidadão recenseado na tribo *Galeria*, que anda associada normalmente a deduções efetuadas no período de Octávio-Augusto, como acontece com *Pax Iulia* (Beja), *Liberalitatis Iulia Ebora* (Évora), *Salacia Vrbs Imperatoria* (Alcácer do Sal), *Iulia Myrtilis* (Mértola) ou *Felicitas Iulia Olisipo* (Lisboa), para citar apenas bem conhecidos casos no atual território português. Contudo, duas inscrições de *miles* escalabitanos, falecidos em *Lambaesis* (*Numidia*) e Roma, indicam a tribo *Sergia*, e um terceiro indivíduo a pseudo-tribo *Iulia*⁶⁵⁰.

Se o nome oficial remete para um quadro político ideológico tardo-republicano, que integraria outras cidades como as supra citadas hoje portuguesas, a concessão de estatuto privilegiado poderá, como argumentou Vasco Mantas, equivaler a um plano de César gizado após a vitória sobre o partido pompeiano na Península Ibérica, que visava a pacificação mediante promessas de promoção das cidades que o apoiaram, intenções que o político romano não terá tido tempo de executar no curto espaço de tempo que medeia o final das hostilidades após a batalha de Munda, em 45 a.C., e o seu regresso a Roma e assassinato nos Idos de Março de 44 a.C. Como o investigador de Coimbra defende, o referido plano seria depois implementado durante o segundo

⁶⁴⁷ J. Alarcão, 1988, p.26. Vide também A.M. Faria, 1995 e referências bibliográficas complementares constantes deste artigo.

⁶⁴⁸ J. Pimenta *et al.*, 2012; R.B. Silva *et al.*, no prelo-b.

⁶⁴⁹ Conf. A. Guerra, 2002.

⁶⁵⁰ M. Genin, 1993a.

triunvirato, cabendo a Octávio a tarefa de fazer cumprir o plano de César. Ilustra com o caso de *Colonia Norba Caesarina* (Cáceres), promovida em 35 a.C., onde os cidadãos foram inscritos na tribo *Sergia*, a mesma de Santarém, supondo por isso uma data similar para o estatuto colonial de *Scallabis*, entre 44 a.C. e 35 a.C.⁶⁵¹. António Marques de Faria objeta que qualquer data até Áccio será admissível⁶⁵².

Jorge de Alarcão pondera a hipótese de a presença do indivíduo inscrito na tribo *Galeria* e sepultado nos *agri* escalabitanos significar uma segunda *dedutio* ocorrida com Augusto, necessariamente posterior a 31 a.C., como se verifica nuns poucos centros urbanos do sul da Península Ibérica⁶⁵³. Explicações alternativas foram avançadas António Marques de Faria e Amílcar Guerra para esta ocorrência, dado que o *ciues* poderia ser originário de uma outra *ciuitas*, estando portanto deslocado da sua *origo*.⁶⁵⁴ Como concluem estes dois investigadores, faltam dados que permitam suportar ou desmentir a proposta de Alarcão⁶⁵⁵.

Com base também num militar falecido perto de Gaia, inscrito na tribo *Aemilia* e que indica com manifesto orgulho a sua naturalidade de *Felicitas Iulia*, José Cardim Ribeiro sugeriu que *Olisipo* terá detido a categoria de *conuentus ciuium romanorum* em data anterior à promoção municipal⁶⁵⁶, proposta antes avançada por Vasco Mantas⁶⁵⁷. Não sendo hipótese impossível, não está porém suportada por qualquer outra evidência, podendo tratar-se de uma concessão de cidadania a título individual⁶⁵⁸.

Com bastante probabilidade, *Olisipo* recebeu o estatuto de *municipium ciuium romanorum* e o novo *tria nomina* oficial no lapso de 31-27 a.C.⁶⁵⁹, e os novos nomes patentes na designação oficial evocam a ideologia propagandística cesariana e otaviana, antes e logo após Áccio, e denunciam assim a fidelidade do núcleo a estas causas. O estatuto deixará também transparecer a distinta composição social de *Scallabis* face ao núcleo do Estuário do Tejo⁶⁶⁰, aqui traduzido pela preponderância política do elemento indígena romanizado sobre os colonos de origem itálica. *Eburobrittium*, por seu turno, iria ser fundada nas últimas décadas do séc. I a.C. com uma base eminentemente

⁶⁵¹ Idem.

⁶⁵² A.M. Faria, 1995, 1999.

⁶⁵³ J. Alarcão, 1988.

⁶⁵⁴ A.M. Faria, 1995 e 1999; A. Guerra, 2002.

⁶⁵⁵ Idem.

⁶⁵⁶ J.C. Ribeiro, 1994, p.76-77.

⁶⁵⁷ M. Genin, 1990, p.161, nota 56; 1994, p.70-71; 1996, p.353-354.

⁶⁵⁸ A.M. Faria, 1995.

⁶⁵⁹ A.M. Faria, 1993, p.134, 1995, p.93-95, 2002, p.176; de alguma forma concordante com as anteriores propostas de J. Alarcão 1993, p.210 e M. Genin, 1996, p.353-354; 1999, p.22.

⁶⁶⁰ J. Alarcão, 1988, p.67 e nota 11, p.206.

autótone, provavelmente resultante da deslocação de contingentes dos povoados próximos de origem mais antiga, detendo o estatuto de *oppidum stipendiarium*, não lhe sendo reconhecida por Roma relevância comparável à das duas cidades do Tejo.

O triunfo de Octávio, e o consequente advento do Principado, acarretou transformações históricas notáveis à escala do Império e da região em estudo: para além do fenómeno integrador que se regista com um alcance e velocidade sem precedentes, expresso ao nível mais profundo do quotidiano das comunidades por um registo arqueológico de matizes distintas do da tardo-república, a reforma político-administrativa desenvolvida a partir de 27 a.C. implicou alterações na geografia do Baixo Tejo e Oeste.

Desde logo, a integração do espaço na nova província da *Lusitania*, sob administração direta do *Princeps* através de um *Legatus Augusti*. Embora o desenho da nova circunscrição tenha conhecido flutuações de monta até à fixação definitiva das fronteiras, já nos inícios do séc. I d.C., outros atos reformistas tiveram consequências: a sediação do poder provincial na recém-criada *Emerita Augusta* e o reordenamento do noroeste peninsular potenciaram as comunicações com a capital provincial e *Braccara Augusta*, funcionando o lugar de Santarém como uma encruzilhada nas rotas terrestres⁶⁶¹; a criação das circunscrições conventuais por Augusto denuncia a manutenção da primazia de *Scallabis* ao ter recebido o destacado papel de capital do que poderíamos designar por parte centro-ocidental da nova província.

A definição e fixação de *limites* entre as diversas *ciuitates* terá ocorrido durante e após a estadia de *Marcus Vipsanius Agrippa*, que se sabe ter coordenado extensos levantamentos da realidade geográfica hispânica⁶⁶². Os *terminii augustales* lusitanos, contudo, ocorrem com datas dentro da primeira década d.C., circunscrevendo-se à parte setentrional da *prouincia*, à excepção de um duvidoso exemplo alentejano⁶⁶³.

Terá sido no quadro da concessão do estatuto colonial a *Scallabis* e do municipal a *Olisipo* que terão sido implementados os parcelários rurais respetivos abrangendo parte dos seus *territoria*, detetados e/ou aflorados por Vasco Mantas e Guilherme Cardoso⁶⁶⁴, necessários à fixação de populações exógenas, como a implementação de uma fiscalidade augústea que passou pelo princípio de *capitatio jugatio*. Como no mesmo âmbito se fundou a cidade de *Eburobrittium*, uma nova centralidade territorial,

⁶⁶¹ M. Genin, 1996, 2002.

⁶⁶² L. Pérez Villatela, 2000.

⁶⁶³ J. Alarcão, 2003.

⁶⁶⁴ M. Genin, 1996, 1998, 2002; G. Cardoso, 1999, 2002.

como demonstrou José Beleza Moreira com base em evidência arqueológica coerente⁶⁶⁵.

Nas primeiras décadas do Principado, a primazia regional da urbe ribatejana está igualmente bem patente no registo arqueológico: o volume das importações cerâmicas (paredes finas, *sigillata itálica*, «cerâmica de engobe vermelho pompeiano», lucernas e ânforas)⁶⁶⁶ demonstra o seu papel central no âmbito dos circuitos e significa uma capitalidade não apenas jurisdicional e religiosa, mas também económica⁶⁶⁷; as datas das construções públicas de Santarém, mesmo que muito limitadas a dois exemplos, de que se destaca o denominado templo⁶⁶⁸, denunciam o distinto investimento urbanístico, mais precoce aqui do que em Lisboa, onde aliás nenhum edifício público conhecido pode, por ora, ser seguramente datado da época de Augusto⁶⁶⁹; os «aterros» associados à edilícia civil mostram na capital do Ribatejo cronologias maioritariamente situadas no último terço do séc. I a.C., ou ligeiramente anteriores, demonstrando desta forma a existência de reformas de escala ocorridas no tecido urbano⁶⁷⁰, sendo mais tardias as datações aferidas para o mesmo tipo de contextos na cidade do Estuário do Tejo⁶⁷¹.

Jorge de Alarcão supõe um plano de reforma urbana para *Olisipo* datado da época de Augusto, que incluiria *forum*, termas, anfiteatro, teatro, muralha e acondicionamento do traçado urbano⁶⁷². No estado atual dos conhecimentos não é possível comprovar a sua existência com esta data, e os elementos arqueológicos específicos referentes ao teatro⁶⁷³, muralha⁶⁷⁴ e talvez também o criptopórtico da Rua da Prata⁶⁷⁵, remetem no momento as datas de construção para a época de Tibério ou até um pouco posteriores. Também as *Thermae Cassiorum* parece terem sido erguidas em momento mais avançado⁶⁷⁶, mas nada obsta a que um outro edifício deste tipo, certamente de menores

⁶⁶⁵ J.B. Moreira, 2002.

⁶⁶⁶ A.M. Arruda e R.R. Almeida 1998, 1999, 2005; A.M. Arruda e C. Viegas, 2002; C. Viegas, 2003, 2004; A.M. Arruda, C. Viegas e P.Bargão, 2005; P. Bargão, 2006; R.R. Almeida, 2008; C.S. Pereira, 2009.

⁶⁶⁷ C. Viegas, 2003a.

⁶⁶⁸ A.M. Arruda e C. Viegas, 2000, 2002.

⁶⁶⁹ Vide adiante subcapítulos respeitantes à análise das “marcas de oleiro” recolhidas no Teatro Romano de Lisboa, Termas dos Cássios e Circo, a que se junta a data provável de construção do criptopórtico da Rua da Prata- Conf. R.B. Silva, 1999.

⁶⁷⁰ C. Viegas, 2003a; P.Bargão, 2006.

⁶⁷¹ Vide adiante subcapítulos respeitantes às “marcas de oleiro” recolhidas em Lisboa.

⁶⁷² J. Alarcão, 1994, p.58.

⁶⁷³ L. Fernandes e E. Sepúlveda, 2009.

⁶⁷⁴ A. Gomes e A. Gaspar, 2007.

⁶⁷⁵ R.B. Silva, 1999.

⁶⁷⁶ Dias Diogo e Laura Trindade haviam avançado como uma proposta de cronologia em torno dos meados do séc. I d.C.- Conf. A.M.D. Diogo e L. Trindade, 1999. Contudo, o estudo das “marcas de

dimensões, tenha sido instalado aqui ou noutra parte da cidade em época de Augusto. Do *forum municipalis* ainda se discute a localização, cujas ruínas diversos investigadores supõem estar sob a zona da Madalena-Sé⁶⁷⁷. A epigrafia permite confirmar o funcionamento do centro cívico olisiponense na época de Augusto, como seria de esperar, mas desconhece-se sequer um elemento arquitectónico que se lhe possa atribuir sem dúvidas.

Eburobrittium, fundada na última década do séc. I a.C., foi dotada inicialmente de *forum*, como aconteceu com outros aglomerados lusitanos promovidos a capitais de *ciuitas*, pré existentes ou criadas *ex nihilo*, como *Conimbriga*⁶⁷⁸ ou “*Egitania*”⁶⁷⁹. As termas da cidade, como é habitual colocadas a par do *forum*, datam já de finais do séc. I d.C.⁶⁸⁰, data próxima da atribuição do *ius latii* por Vespasiano, e as unidades habitacionais intervencionadas até agora escavadas não proporcionaram conhecer as arquiteturas dos primeiros habitantes, pois tanto quanto se pode aperceber dos elementos publicados, encerram cronologias mais avançadas⁶⁸¹.

O estatuto colonial de Santarém, núcleo urbano mais antigo e que sofrerá reformas na época de Augusto, implicou a provável fixação de veteranos. Os dados a este respeito são pouco expressivos, dada a surpreendente paucidade da epigrafia urbana. A verificação de que as moedas do círculo das cunhagens de *Publius Carisius* são as mais numerosas no conjunto reunido ao longo das sucessivas campanhas arqueológicas dirigidas por Ana Margarida Arruda e Catarina Viegas⁶⁸² parece, portanto, bastante significativa e resultará da fixação destas populações forâneas claramente mais monetizadas que os seus vizinhos autótones, sugerindo a participação dos indivíduos nas campanhas ásture-cantábricas. A verificar-se esta fixação de *emeritii* na cidade de *Scallabis*, ela teria por consequência ocorrido depois da promoção colonial, com probabilidade na segunda década antes da Era.

Perfil socio-cultural distinto terão, na sua maioria, os recém chegados às cidades e *agri* olisiponenses e eburobricienses, movidos por outras motivações, sobretudo económicas. Num texto pertinente a este respeito, Robert Étienne destacou as diferenças entre os novos colonos e as aristocracias lusitanas que transparece na eleição

oleiro” e outros elementos recolhidos no local aponta já para os finais do século ou inícios do seguinte-
vide adiante, o apartado próprio neste trabalho.

⁶⁷⁷ J. Alarcão, 1994; J.C. Ribeiro, 1994; M. Genin, 1990, 1999; R.B. Silva, 1999, 2005, 2011.

⁶⁷⁸ J. Alarcão e R. Étienne, 1976.

⁶⁷⁹ P.C. Carvalho, 2010.

⁶⁸⁰ J. B. Moreira, 2002.

⁶⁸¹ Idem.

⁶⁸² A.M. Arruda, C. Viegas e M.J. Almeida (dir.), 2002; P. Bargão, 2006.

dos flâmines provinciais, pois em função dos dados epigráficos disponíveis nenhum originário de cidade com estatuto de *colonia* atingiu aquele cargo máximo religioso, com exceção do emeritense homenageado em Santarém, indicador do poder dos estratos superiores das *ciuitates*, expresso em sede de *concilium*, que encarariam os coloniais como arrivistas (*sic*)⁶⁸³.

Nos alvares do Império a paisagem urbana e rural está em acelerado processo de transformação, mas muitos outros elementos estão de igual forma em processo de mudança. Saliente-se, em primeiro lugar, a alteração da geografia mental de autótones e recém chegados: a construção e/ou renovação de vias é um dado adquirido, também transmitido pela arqueologia, que testemunha reparações/configurações tipicamente romanas para a época de Tibério na Praça da Figueira (Lisboa)⁶⁸⁴, embora nalguns casos o traçado deva remontar às épocas de Augusto e tardo-república, hipótese que os miliários da região por enquanto não corroboram⁶⁸⁵; a realização dos *concilia* conventuais e provinciais dá a conhecer as realidades de territórios antes bastante alheados entre si, forjando novos traços identitários⁶⁸⁶. O espaço torna-se mensurável através das distâncias e itinerários mentais, as notícias das outras paragens, lusitanas e não só, ecoam através de comerciantes e das aristocracias locais, a aceleração da economia e respetiva monetização veicula e permite a implementação de ideologias integradoras.

Como ao nível provincial, em *Olisipo* as famílias que integram a aristocracia local, romanizadas, controlam a vida política, sendo as detentoras das magistraturas municipais, caso dos *Caecilii*, *Cantii* e *Iulii*⁶⁸⁷, mas também dos *Cassii*, *Antonii*, *Pompeii*, *Fabii*, *Terentii* e *Licinii*.

A epigrafia desta *ciuitas* é, aliás, a mais rica da região, e a onomástica mostra um outro nível da integração no mundo romano. Num *territorium* onde 35% dos documentos são urbanos e o restante corresponde aos *agri*, foi possível recensear 550 indivíduos. Na cidade, portuária e altamente romanizada, predomina a onomástica latina, com 70%, seguindo-se 20% de nomes origem helénica e 10% indígena ou indeterminada⁶⁸⁸. Os números contrastam com os resultados da zona rural, onde se regista um maior conservadorismo cultural, e se atestam apenas 6% de nomes gregos e

⁶⁸³ R. Étiènne, 2006.

⁶⁸⁴ R.B. Silva, 2005.

⁶⁸⁵ M. Genin, 2012.

⁶⁸⁶ J. J. Sayas Abengoechea, 1989, p.49.

⁶⁸⁷ B. Martineau, 2000, p.194.

⁶⁸⁸ Idem.

os valores atingidos pelos nomes indígenas atingem os 26%⁶⁸⁹.

No *territorium* de *Olisipo* é manifesta a política de casamentos e alianças entre as *gentes* que compõem as aristocracias locais terratenentes, e entre estas e recém-chegados, como evidenciou Luís da Silva Fernandes⁶⁹⁰.

As características de importante entreposto mercantil da cidade transparecem também da presença de famílias ligadas ao tráfico marítimo, num caso eventualmente com ligação com *Balsa*⁶⁹¹, onde igualmente se verifica a aliança entre *Rutilii* e *Gelii* que ocorre aqui numa epígrafe de Cascais⁶⁹² e numa homenagem imperial a Adriano e Sabina pela mão dos dúunviros, um dos quais *Marcus Gellius Rutilianus*, monumento que pode ter integrado um *aedes* na *ima cauea* do teatro romano de Lisboa⁶⁹³. Similarmente, o *Mundicius* sepultado em Bucelas (Loures), pretence a uma família representada no Lácio e Egeu em importantes entrepostos comerciais marítimos ao longo do séc. I a.C., e depois na Numídia nos meados do séc. I-II d.C.⁶⁹⁴. Ilustrando outro tipo de situações que ocorre também em importantes ambientes portuários do Império Romano, o augustal perpétuo *Caius Heius Primus*, bem sucedido munificente que reformou o *proscenium* do mesmo edifício cénico em 57 d.C., é um liberto de uma abastada família itálica estabelecida em entrepostos-chave do comércio marítimo mediterrânico em época republicana, podendo aventar-se a existência de interesses seus na cidade do Tejo ao tempo dos Julio-Cláudios⁶⁹⁵.

A epigrafia urbana de Santarém, a despeito da sua pobreza manifesta, concorda com os traços gerais esboçados para a cidade do Estuário, documentando-se as *gentes* *Rubria*, *Iulia* e *Antonia*. Num caso documenta-se igualmente o casamento entre um *Iulius* e uma *Antonia* e, para esta última família, comprova-se a conexão com o ramo lisboeta patente no sepultamento de dois cidadãos com esta origem em necrópole urbana escalabitana⁶⁹⁶.

A área rural de *Scallabis* mostra a mesma paucidade da área urbana. Um *later* de Azeitada (Almerim) documenta três indivíduos, (?) *Cornelius Celtius*, *Quintus*

⁶⁸⁹ J.C. Ribeiro, 1994, p.85-86.

⁶⁹⁰ L.S. Fernandes, 1998-1999.

⁶⁹¹ J.C. Ribeiro, 1982-1983, p. 172.

⁶⁹² M. Genin, 1999.

⁶⁹³ R.B. Silva, 1999.

⁶⁹⁴ L.S.Fernandes, 1998-1999, p.36-37.

⁶⁹⁵ Idem, 2005, p.29-40.

⁶⁹⁶ A. Guerra, 2002.

Numerius Nerva e *Lucio Lucrecius Celtius* ou *Celius*⁶⁹⁷; em Casal Branco (Almeirim) uma *Iulia Leta* e o seu marido *Fundanus*⁶⁹⁸. Em ambos os casos datados do séc. I d.C., a *nomina* romanos bem conhecidos na época se juntaram *cognomina* indígenas ou latinos, numa formulação em *tria nomina* que denuncia *ingenui* ou *ciues*.

A alteração da onomástica, que se verifica na forma de identificação dos indivíduos nas *ciuitates* de *Scallabis* e *Olisipo*, traduz não só o sucesso da língua latina mas também a manifesta difusão e conhecimento da cultura erudita greco-romana. Num texto a este repeito incisivo, Cardim Ribeiro destacou a presença de nomes de âmbito servil ligados aos ciclos literários e mitológicos clássicos, como *Creusa*, *Daphne*, *Nereus*, *Apelles* ou *Priamus*⁶⁹⁹. As arquiteturas no-lo evocam igualmente, podendo citar-se a este título o conhecido friso de *Melpomene* do teatro romano de Lisboa, onde o nome da musa surge grafado em grego⁷⁰⁰, ou, ao nível dos objetos, uma lucerna recolhida em 1961/2 na Praça da Figueira (Lisboa), onde a figuração de um personagem foi legendada com o grafito *VLIXII*, evidenciando o conhecimento de que se tratava de um episódio da *Odisseia*⁷⁰¹.

O grau de romanização do espaço é muito elevado, e mesmo em ambientes rústicos, onde a onomástica indígena perdura mais tempo, a forma dos monumentos que contêm os epitáficos filia-se diretamente em protótipos itálicos, de que a estela alta de topo arredondado e o cipo capeado são os modelos predominantes⁷⁰².

O território de *Ebburobritium*, por sua vez, não é dos mais ricos em testemunhos epigráficos, sobretudo se comparado com o das vizinhas *Olisipo*, a sul, e *Collipo*, a norte⁷⁰³. A rara epigrafia urbana eburobriense de cronologia alto imperial, constituída exclusivamente por grafitos executados em cursivo sobre material de construção, um *later* e um *imbrex*, dá respetivamente testemunho tanto de onomástica indígena romanizada, caso de *Marcus Livius Celius*, como de indivíduos oriundos ou descendentes de itálicos denunciados pelo seu *cognomen*, caso de *Campanus*⁷⁰⁴.

⁶⁹⁷ A.J. Quinteira, 1998, p.179-180. Aqui, e dado o propósito dos textos, uma encomenda de material de construção, não haveria a necessidade de mencionar a filiação se dotados de cidadania, ou o estatuto jurídico, se libertos.

⁶⁹⁸ J. D'Encarnação, 1984, p.702, n.º 645.

⁶⁹⁹ J.C. Ribeiro, 2000, p. 419-454.

⁷⁰⁰ L. Fernandes e A.Caessa, 2009, p.92-93.

⁷⁰¹ Interpretação de Miguel Valério, constante de V.Vieira, 2011.

⁷⁰² B. Martineau, 2000.

⁷⁰³ D.D.P. Brandão, 1972; J.P. Bernardes, 1996; J. Alarcão, 1998, p. 89-119, em especial os comentários ao trabalho anterior constantes das p. 104-106.

⁷⁰⁴ J. D'Encarnação e J. B.Moreira, 2005, p. 133. Os autores consideram o indivíduo identificado pelos *tria nomina* como peregrino. Outras hipóteses estarão em aberto, na medida em que a sua presença sobre um tijolo, em genitivo, deverá ser interpretada como identificação do encomendante de material de

Os dois dúunviros conhecidos por inscrições de Alfeizeirão e Abobriz-Amoreira de Óbidos (Alcobaça), mostram indivíduos de extração indígena ou descendentes de itálicos, respetivamente *P. Laurus Memius* e *[?. L?]olius Maximinus*⁷⁰⁵. Como apontamento refira-se que em ambos os casos se indica expressamente tratarem-se de *IIVir(ii) Eboro(btittiensis)*, menção que se poderá fundamentar na proximidade do *uicus* portuário da suposta *Araduta* mencionada por Ptolomeu (Pedrogão-Alfeizeirão)⁷⁰⁶ e da inclusão de Abobriz ou já nos *agri colliponensis* ou muito próximo da indefinida fronteira entre as duas circunscrições administrativas. Também ativos no centro portuário de Alfeizeirão estariam indivíduos da *gens Terentia*⁷⁰⁷, eventualmente relacionados de alguma forma com os seus congéneres lisboetas que integravam a aristocracia local, onde o *nomen* surge bem disseminado pelo espaço rural em Colares (Sintra)⁷⁰⁸, Morelinho (Sintra)⁷⁰⁹, Paço de Ilhas (Torres Vedras)⁷¹⁰, Cadafais (Alenquer)⁷¹¹ e Olhalvo (Alenquer)⁷¹².

De acordo com a leitura de Jorge de Alarcão, na inscrição de São Tomás das Lamas (Cadaval) a *ciuitas* cerca de 185 d.C. homenageou publicamente o Imperador Marco Aurélio, fazendo constar o seu nome oficial de *Felix Flauia Eburobrittium*. Segundo o académico de Coimbra, os quatro indivíduos que promovem o ato poderão ser os *quattuoruirii*, o que significa que o governo de dúunviros e edis seria aqui de cariz colegial⁷¹³. A verificar-se este entendimento, teríamos o testemunho de outros tantos elementos da aristocracia municipal eburobriicense, de nome *Caius Iulius Laurus*⁷¹⁴, *Marcus Iulius Taurus*, *Numerius Catilius Festus*, e *Numerius Maelonis Marcionus*⁷¹⁵, sendo de sublinhar o fato de os magistrados terem colocado o monumento em território fronteiriço da *ciuitas*, no percurso da principal via terrestre do *ager*, num ponto onde esta se ligava igualmente ao único itinerário que a conetava à

construção, situação com paralelo num outro exemplar colectado no sítio romano de Azeitada (Almeirim)- conf. A.J. Quinteira, 1998.

⁷⁰⁵ E.B. Garcia, 1971, p. 458-459.

⁷⁰⁶ M. Genin, 1986, 1999b, 2003.

⁷⁰⁷ C.I.L.II, 360.

⁷⁰⁸ C.I.L.II, 318.

⁷⁰⁹ C.I.L.II, 320.

⁷¹⁰ C.I.L.II, Suppl., 5222.

⁷¹¹ C.I.L.II, 319.

⁷¹² C.I.L. II, Suppl., 5220.

⁷¹³ J. Alarcão, 1988, p.116 e 1995, p.47.

⁷¹⁴ Indivíduo assimilável ao documentado numa outra inscrição da Lourinhã.

⁷¹⁵ E. Hübner, 1897, p.161-167. De notar a sobrevivência de antropónimo de cariz indígena. De relacionar o indivíduo da *gens Maelonia* com os homónimos de Conímbriga, proprietários de uma olaria produtora de cerâmica de construção- Conf. R.Étienne *et al.*, 1976, p.159-160, n.º 358a, datada da segunda metade do séc. I d.C. e p.184-187, n.ºs 406 a-G.

vizinha *Scallabis*, que Ana Margarida Arruda supõe não ter existido⁷¹⁶ mas cuja existência Vasco Mantas demonstrou⁷¹⁷

Panorama similar é-nos transmitido pela epigrafia do centro oleiro do Morraçal da Ajuda (Peniche), que terá funcionado intensivamente de finais do séc. I a.C.-inícios do séc. I d.C. a finais do séc. I d.C.- inícios do séc. II d.C.⁷¹⁸. Numa prática rara na epigrafia anfórica lusitana, uma considerável quantidade de “marcas de oleiro” de texto muito desenvolvido em cartela retangular é conhecida na *officina*, mencionando um *Lucius Arvenius Rusticus* que Guilherme Cardoso e Severino Rodrigues consideram procedente da Península Itálica⁷¹⁹. Porventura uma origem do personagem na vizinha *Baetica* seja mais provável, dada a alta concentração epigráfica desse *nomen* nesta província, conquanto se mantenha a raiz itálica por estes *Arvenii* se tratarem de descendentes de indivíduos ali radicados em finais da República, o que justificaria a própria tipologia dos contentores anfóricos produzidos na olaria de Peniche, com afinidades evidentes com as produções daquela região.

Já uma inscrição funerária também de Peniche, hoje depositada no Museu do Louvre (Paris), menciona *Pompeia Epagatha*, esposa de *Lucius Terentius Furnus* e o filho de ambos, *Lucius Terentius Rufus*. Rui Venâncio, que estudou a epígrafe em duas ocasiões, mostra a conexão lisboeta denunciada pelo *nomen* da mulher e a sua provável condição de liberta⁷²⁰. Para além desta relação, e de mais uma vez estarmos perante *ingenuii*, o autor interpreta os dois homens mencionados como oleiros por via do *cognomen* do mais velho, muito sugestionado pelo enquadramento do achado⁷²¹. Este aspeto ganha maior relevância se se pensar que a inscrição é datada da segunda metade do séc. I d.C., coetânea portanto da atividade do *Lucius Arvenius Rusticus* da epigrafia anfórica, podendo ser assim vista como um indicador do enquadramento social e jurídico dos oleiros de Peniche, de condição livre.

A precoce romanização da comunidade eburobriciense está expressa de igual forma na circunstância de se documentarem escravos públicos, de que é testemunho a

⁷¹⁶ A.M. Arruda, 2005, p.27.

⁷¹⁷ M. Genin, 2002.

⁷¹⁸ G. Cardoso e S.Rodrigues, 2005, p.88.

⁷¹⁹ Idem, p.87.

⁷²⁰ R. Venâncio, 2000 e 2005, p.149-155.

⁷²¹ Idem, p. 154-155, rejeitando a interpretação de Kajanto de se tratar de um nome indígena, convindo talvez explicar como de *fofnax* se formaria *furnus*, na medida em que este último termo se aplicava aos fornos domésticos e o precedente era o utilizado para fazer referência às estruturas das olarias, conforme se documenta em informação patente nos róis de La Graufesenque- R.Marcihal, 1986 e Isola di Migliarino (Pisa)- conf. G. Camodeca, 2003.

inscrição mencionando *Epaphra, Felix e Thesmus*. A datação proposta por José D'Encarnação e Beleza Moreira, “*mui provavelmente ainda no século I antes da nossa era*”⁷²², corresponderia assim aos momentos iniciais da constituição da *ciuitas*, logo, coeva da instalação do aglomerado urbano que lhe serviria de *caput*. Um outro liberto público, *Callaecus*, foi também referenciado no território de *Eburobrittium*, em Salir de Matos (Caldas da Rainha), mas a indicação explícita da sua *origo colliponensis* e o desdobramento da expressão abreviada *R(eipublicae).S(uae).L(ibertus)*⁷²³ mais não documenta do que, novamente, a mobilidade entre comunidades vizinhas através da deslocação para ali do indivíduo.

A partir de Augusto e Tibério verifica-se em todo o Vale do Tejo e Oeste uma maior intensidade na exploração dos recursos naturais, evidente no aumento do número de assentamentos reconhecidos no âmbito do povoamento disperso, na produção de envases para produtos alimentares de circulação, no mínimo, intra provincial⁷²⁴ e no incremento verificado nos fluxos de mercadorias forâneas, de que a *sigillata* é um dos sintomas.

Como antes vimos, a nível da região em estudo *Scallabis* assumiu nos momentos iniciais do Império a preponderância jurídica e política. Contudo, no plano económico esse estatuto foi desde logo disputado com *Olisipo*, a quem coube a preponderância enquanto principal centro marítimo da fachada ocidental peninsular desde finais da república, época em que suplantou *Salacia*, de acordo com Mantas⁷²⁵. Já Catarina Viegas, a propósito da *terra sigillata*, tinha equacionado a hipótese de a cidade do Estuário ter detido a primazia comercial sobre Santarém ainda no tempo de Augusto-Tibério, sendo o centro redistribuidor dos vasos à escala regional⁷²⁶, entendimento que parece confirmado pelos estudos ulteriores sobre a cerâmica fina de mesa recolhida em Lisboa⁷²⁷.

Outros dados concorrem para afirmar *Olisipo* como o grande entreposto de mercadorias e pólo de maior vitalidade económica ao longo do séc. I d.C. Os extensos estudos sobre os materiais coletados em Santarém, que cobrem as ânforas, lucernas, *terra sigillata*, cerâmicas de paredes finas, “cerâmica de verniz vermelho pompeiano” e vidros mostram o declínio das importações na capital do Ribatejo, e ilustram o seu

⁷²² J.D'Encarnação e J. B. Moreira, 2005, p.132.

⁷²³ Idem.

⁷²⁴ C. Fabião e R. Morais, 2007; C. Fabião, 2009.

⁷²⁵ M. Genin, 1999a, p. 352-353.

⁷²⁶ C. Viegas, 2003a..

⁷²⁷ R.B. Silva, 2005; C. Amaro e E. Sepúlveda, 2007; L. Fernandes e E. Sepúlveda, 2009.

declínio progressivo e vincado, ocorrido ao longo da primeira centúria. Esta perca de importância de *Scallabis* aparece mais acentuada se fôr contrastada com a intensa atividade edilícia verificada na mesma época em Lisboa, de que fazem parte teatro⁷²⁸, muralha “fundacional”⁷²⁹, *Thermae Cassiorum*⁷³⁰, criptopórtico da Rua da Prata⁷³¹, circo⁷³² e troços das *uiae* de ligação próximos ao núcleo urbano⁷³³, para só citar construções públicas, ou a muito maior intensidade da ocupação do espaço rural verificada nos *agri* olisiponenses, testemunhada por epigrafia e evidência arqueológica⁷³⁴. Outro sintoma corresponderá à relevância crescente da capacidade produtiva verificada no Baixo Tejo e Estuário, de que um dos indicadores de maior visibilidade arqueológica é a instalação das unidades de transformação de preparados piscícolas e respetiva intensidade.

Eburobrittium, apenas recentemente localizada e alvo de escavações, detém ainda pouca informação tratada. Ainda assim, é possível entrever alguma vitalidade ocorrida na sequência da sua promoção municipal flávia, que terá precedentes denunciados pela presença de envases anfóricos elaborados no seu território em Lisboa⁷³⁵, Santarém⁷³⁶ e, o que é mais significativo, Mérida⁷³⁷, e está patente na datação de finais do séc. I d.C. para a instalação das suas termas públicas e obras conexas, como também na edilícia civil⁷³⁸. A crescente importância da cidade da Lagoa de Óbidos, mostrar-se-ia reconhecida pela administração imperial na primeira metade do séc. II d.C., quando a *uia* litoral *Olisipo-Conimbriga* foi alvo da atenção do Imperador Adriano⁷³⁹. De igual forma, a epigrafia da circunscrição denota uma maior intensidade da ocupação do espaço que justifica aquele favor augústeo e por ele é dinamizada⁷⁴⁰. Porém, o aglomerado nunca iria desempenhar um papel de primeiro plano, político, administrativo, social ou económico ao longo do Alto Império.

Ao nível político, o essencial da dinâmica centra-se na competitividade entre os

⁷²⁸ V. Filipe, 2008; L. Fernandes e E. Sepúlveda, 2009.

⁷²⁹ A. Gomes e A. Gaspar, 2007.

⁷³⁰ R.B. Silva, 2011.

⁷³¹ Idem e C. Fabião, 1994.

⁷³² R.B. Silva, 1999.

⁷³³ Idem, 2012.

⁷³⁴ Ver subcapítulo 7.1 “Povoamento e demografia”, mais adiante no presente trabalho.

⁷³⁵ C. Nozes, P. Miranda e R.B. Silva, no prelo.

⁷³⁶ A.M. Arruda, 2005, p. 28.

⁷³⁷ Indicação fornecida por Rui Roberto Almeida e Carlos Fabião, que observaram directamente o espólio, e a quem se agradece penhoradamente a possibilidade de divulgação deste elemento.

⁷³⁸ J.B. Moreira, 2002.

⁷³⁹ M. Genin, 1986.

⁷⁴⁰ J.B. Moreira, 2002.

aglomerados taganos, de há muito esboçada por Jorge de Alarcão, Vasco Mantas e José Cardim Ribeiro⁷⁴¹.

Ainda na década de 30 d.C., *Scallabis* homenagearia o importante salaciense *Lucius Cornelius Bocchus*, mas fê-lo na terra natal deste, ao passo que em *Olisipo* a *ordo decurionum* local autorizou ato similar, mas praticado num lugar público da própria cidade, provavelmente o *forum*⁷⁴².

O principado de Cláudio corresponde a um fenómeno designado por alguns investigadores como “*atlantização*” do Império, resultante da incorporação da *Mauretania* enquanto *provincia* e da conquista da *Britannia*, reforçando a componente oceânica e interligando toda a fachada compreendida entre a *Germania Inferior*, a Grã-Bretanha, a *Aquitania*, o norte e o ocidente hispânico e o litoral do Marrocos atual. Poderá ser este fenómeno o responsável pela viragem definitiva em favor de Lisboa no balanço do protagonismo desempenhado pelas duas cidades taganas, motivado pela maior relevância da fachada costeira lusitana enquanto zona de circulação de mercadorias.

Ao principado de Nero correspondem em 57 d.C. as obras de alindamento de partes nobres do Teatro Romano de Lisboa⁷⁴³, como cerca de 65 d.C. ocorre a reformulação e repavimentação do troço da *uia Olisipo-Scallabis* escavado na Praça da Figueira (Lisboa), é na década de 60 d.C. que a ocupação funerária se estende até à mesma área da cidade atual⁷⁴⁴ e, finalmente, nas mesmas datas se formou o aterro destinado à instalação da unidade de produção de produtos marinhos escavada na Rua dos Bacalhoeiros⁷⁴⁵. No seu conjunto, os elementos assim compaginados configuram um quadro que deverá equivaler a um período de expansão demográfica, de ampliação do tecido urbano, como do manufatureiro suburbano, seguramente indicadores do bem estar social e económico do local, que a incidência das importações cerâmicas corrobora⁷⁴⁶.

O crescendo de *Olisipo* é-nos transmitido pelas honras prestadas a personagens da casa imperial no espaço urbano, pela pública homenagem a magistrados provinciais

⁷⁴¹ J.C. Ribeiro, 1982-1983, 1994; M. Genin, 1990, 1994, 1996, 1999, 2002; J. Alarcão, 1988, 1994, 2002.

⁷⁴² A.M.D. Diogo e L. Trindade, 1999; J.D'Encarnação, 2010.

⁷⁴³ L. Fernandes e A. Caessa, 2009.

⁷⁴⁴ R.B. Silva, 2005, 2012.

⁷⁴⁵ Os escavadores propuseram uma data da primeira metade do séc. I d.C.- conf. L. Fernandes, A. Marques, V. Filipe e M. Calado, 2008. Contudo, e como se verá adiante adiante, em apartado próprio, os dados proporcionados pelas “*marcas de oleiro*” em *sigillata* não autorizam recuar as cronologias para momentos anteriores à década de 60 d.C.

⁷⁴⁶ R.B. Silva, 2005.

como o *quaestor* da vizinha *Baetica Lucius Caecilius Celer Retus*⁷⁴⁷, ou a deslocação de um prefeito dos Césares ou do próprio governador provincial, em finais do século II d.C. e inícios do seguinte para prestar culto ao santuário olisiponense dedicado ao Sol e à Lua do Espigão das Ruivas (Sintra), devidamente assinaladas epigraficamente⁷⁴⁸. Como no mesmo sentido concorre a presença em Odrinhas (Sintra) de uma epígrafe referente a *Caius Iulius Celsus procurator prouvinciae Lusitaniae*⁷⁴⁹. Trata-se de evidência suficiente para defender a vincada preponderância política da cidade do Estuário à escala regional na segunda metade do séc. I d.C., que no século II d.C. parece indubitável em função dos exemplos mencionados e do entrevisto declínio de Santarém.

A atenção da administração económica imperial incidiu especificamente sobre *Olisipo*, como prova a epígrafe patrocinada por *Nemeteus Firmus, uer(nas) aug(usti) uil(licus) XX her(editatum)*, que seguramente testemunha um ato munificente patente em local público, desconhecido, como a presença na cidade de um servo augústeo com responsabilidade num imposto que constituía uma das principais fontes de receita das finanças do Imperador⁷⁵⁰. Um outro conjunto de evidências do relêvo respeitante à cidade do Tejo data das primeiras décadas do séc. II d.C., quando o olisiponense *Lucius Cassius Sempronianus*, guindado a *diffusor olearius*, pratica um ato evergético na cidade do Vale do Guadalquivir de *Astigi* (Odúcia, Écija), talvez a erecção de um *templum*⁷⁵¹, estando pouco tempo depois em Óstia a patrocinar a ampliação de *horrea* locais, de onde se conhecem *lateres* com a sua marca e um sinete, conservado em Roma⁷⁵².

Este conjunto de sugestivos elementos levou Jorge de Alarcão a colocar a

⁷⁴⁷ M. Genin, 1999.

⁷⁴⁸ J. Alarcão, 1994, p.60-61; J.C. Ribeiro, 2002.

⁷⁴⁹ J. Alarcão, 1994, p.61.

⁷⁵⁰ À Ana de Sá Caessa, colega no Museu da Cidade a quem penhoradamente aqui se agradece, se deve todo o mérito de me ter chamado a atenção para esta epígrafe, habitualmente desdobrada de forma manifestamente errónea- por exemplo, A.V.Silva, 1944. A leitura correcta havia sido feita de há muito por José D'Encarnação (1974), numa nota de rodapé na sua obra *Divindades Indígenas da Lusitânia* que Cardim Ribeiro, com pertinácia, também notou, embora tenha transmitido uma versão incompleta- Conf. J.C. Ribeiro, 1982-1983, p.246.

⁷⁵¹ R.Étienne, 2003, p.246-247.

⁷⁵² Uma síntese em torno do conteúdo do termo foi gizada por Robert Étienne e Françoise Mayet (2001, 93-94). Para Étienne, o *diffusor olearius* seria uma espécie de supervisor fiscal da administração imperial encarregue da verificação e transvase do azeite da *annona*, distinto do *olearius*, sendo este um fornecedor, e assim se justificando o distinto léxico - Conf. R.Étienne, 2003, p. 248-250. Estando longe de terminada a discussão em torno do significado de ambos os termos, José Remesal Rodríguez em data recente admite a simultaneidade do desempenho de ambas as funções a propósito da revisão de um importante texto epigráfico sevilhano, o qual comprova a ligação dos *diffusores* à *annona* e a existência de instalações corporativas, quer em Roma, quer em Putéolos, e põe de manifesto a complexidade da organização do abastecimento oleário bético- Conf. J. Remesal Rodríguez, 2008, p.352-355.

hipótese de ter ocorrido a transferência das funções da sede do *Conuentus Scallabitanus* para Lisboa, em data que não se pode precisar⁷⁵³, de âmbito antonino. Nesta mesma época, a atividade edilícia mantém-se intensa no aglomerado do Estuário, documentada através de elementos de decoração arquitectónica destinada a espaços públicos⁷⁵⁴, de campanhas de obras no circo, senão mesmo a sua instalação⁷⁵⁵, ou nos troços próximos das *uiae* de acesso, mostrando o investimento público elevado correspondente ao estatuto político atingido pela cidade.

À época de Marco Aurélio atribuem Jorge de Alarcão e Javier Arce focos de instabilidade social na Lusitânia mas, como observa José Ruivo, desconhecem-se as causas e o alcance⁷⁵⁶. A intervenção imperial seria reconhecida pelas comunidades, nela se enquadrando a homenagem eburobriciense de S.Tomás das Lamas (Cadaval), que antes se aludiu. Neste sentido, o estudo por Ruivo dos achados monetários dos séculos I-II d.C. da região que aqui interessa nada evidenciou: o de Cascais, composto por quatro moedas de bronze de Domiciano a Antonino Pio, pode corresponder a uma bolsa perdida; o de Olhos de Água (Óbidos), datará ainda do século I d.C.; do de São Mamede (Bombarral) apenas se conhecem cinco denários, de Tibério, Trajano, Faustina divinizada, Marco Aurélio César e Antonino Pio⁷⁵⁷.

Apesar de indemonstrada a nível social, a evidência proporcionada pelos dados arqueológicos sugere que parte da segunda metade do séc. II d.C. correspondeu a um período de transformações económicas: a laboração das olarias mostra uma reorganização da estrutura produtiva que comportou a reformulação dos tipos anfóricos compulsados e o abandono dos centros mais distantes da foz do Tejo, como Garrocheira (Benavente) e Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos)⁷⁵⁸; apesar de não se dispor do tratamento que a matéria requer, transparece das múltiplas publicações sobre a epigrafia da região a raridade de inscrições datadas do séc. III d.C., o que ocorre em muitas outras latitudes do ocidente, indicando que o hábito epigráfico decresce, podendo equacionar-se que decaiu a procura de pedra ornamental dos *agri*

⁷⁵³ J. Alarcão, 1994, p.60.

⁷⁵⁴ L. Fernandes, 1997.

⁷⁵⁵ Vide R.B. Silva, 1999.

⁷⁵⁶ J. Alarcão, 1988, p.29-30 e J. Arce, 1981, p.110-111 *apud* J. Ruivo, 2005, p.141.

⁷⁵⁷ J. Ruivo, 2005, p.139-141 e mapa 1, p.136.

⁷⁵⁸ C. Fabião, 2004. No caso peculiar do Morraçal da Ajuda (Peniche), a manufatura estaria supostamente desativada pelos finais do séc. I-inícios do II d.C., mas os dados que suportam as propostas de datação são desconhecidos- Conf. G. Cardoso e S. Rodrigues, 2005, p.87.

olisiponenses ocidentais, relevante fonte de rendimento das unidades de exploração rural ao longo das duas primeiras centúrias da Era.⁷⁵⁹

Nos finais do séc. II d.C., a contração económica é uma realidade no Vale do Tejo e Oeste, ilustrada em Santarém e Lisboa pelos valores disponíveis para a importação de *sigillata*, que atingem os níveis mais baixos desde o início do Principado⁷⁶⁰. Trata-se de um quadro que é geral à escala do ocidente do Império⁷⁶¹, cujos mecanismos e incidência regional não se conseguem vislumbrar no momento.

7. As infra-estruturas económicas da Península de Lisboa durante o Alto Império Romano.

O Baixo Tejo e a fachada atlântica com ele conetado possuíam uma ampla diversidade de recursos naturais, extrativos, agro-pastoris, silvícolas, piscatórios e marinhos, conferindo-lhe um elevado poder atrativo sobre as sociedades antigas, documentado de forma categórica para períodos mais recuados, da Pré-história Final e Proto-História⁷⁶².

A visibilidade arqueológica destes recursos é muito distinta, e a investigação sobre o período alto imperial romano tem incidido sobre temáticas para as quais dispõe de informação mais abundante, de que se destaca a olaria e a transformação de produtos marinhos, mas também a exploração agrícola.

Formou-se, por essa razão, uma imagem para os dois séculos que aqui interessam em que a região se integra nos circuitos económicos das áreas mediterrânica e atlântica do Império Romano como importante elemento de charneira⁷⁶³, mas também como ponto de convergência dos fluxos resultantes das interacções com zonas mais interiores da *Lusitania*, onde um dos pontos fortes das exportações, intra e extra provinciais, se centrou nalgumas das produções mais presentes no registo arqueológico, de que as ânforas e *caetariae* são manifestações recorrentes⁷⁶⁴.

Certos aspetos permanecem por investigar com o mesmo fôlego. Dentro destes, destaca-se o sal, pela importância que sabemos deter numa longa duração, como forma de conservação dos alimentos, e pelo relêvo que comprovadamente deteve mais tarde

⁷⁵⁹ Cujá importância foi destacada em texto recente- Conf. J. L. Cardoso, A. Guerra e C. Fabião, 2011.

⁷⁶⁰ C. Viegas, 2003; R.B. Silva, 2005.

⁷⁶¹ Patente, por exemplo, na quebra do número de naufrágios que ocorre cerca de 100 d.C., mas sobretudo no final do período dos Antoninos, constatada por Alan Wilson- Conf. A. Bowman e A. Wilson (Eds.), 2009, p.219-229, especialmente p.223, fiG. 9.3-4.

⁷⁶² A.C. Sousa, 1998; A.M. Arruda, 1999-2000; J. L. Cardoso, 2004.

⁷⁶³ C. Fabião, 2009a.

⁷⁶⁴ Idem e C. Fabião, 2009b.

no espaço geográfico em análise, na Idade Média e Época Moderna, como recentemente chamou a atenção Carlos Fabião⁷⁶⁵. Os seus locais de extracção em Época Romana serão hoje dificilmente rastreáveis, mas a alta intensidade da sua produção no Vale do Tejo e, de forma plausível, nas enseadas e baías da costa do Oeste, é uma realidade inquestionável porque atestada, embora indiretamente, pelas múltiplas manufaturas de *salsamenta* ou pela presença de olarias onde se elaboraram os envases respetivos.

Ainda no domínio dos recursos marinhos, a baleação merece agora também uma atenção especial da investigação. Em texto recente, Dario Bernal Casasola salientou a sua atestação para a Época Romana na área da Baía de Cádiz⁷⁶⁶, nessa sequência questionando-se Carlos Fabião acerca do seu significado para a costa ocidental da Península Ibérica⁷⁶⁷. De fato, e como o investigador português faz notar, a atividade pode ter assumido sob o domínio romano um papel insuspeitado até ao momento, porventura com uma dimensão similar à que encerrou seguramente Na Idade Média na mesma área, devendo sublinhar-se a alta rentabilidade deste tipo de captura. Pela importância como modelo arqueológico locativo, dever-se-á aduzir ao texto de Fabião o exemplo do assentamento de época de dominação islâmica da Carrapateira (Aljezur), tratado por Rosa Varela Gomes⁷⁶⁸. Talvez a esta luz se possa perspetivar o arquessítio do Baleal (Peniche), onde a ocorrência de materiais romanos foi registada por Hipólito Cabaço na década de 30 do século XX, assim se explicando a presença dos *dolia* num âmbito geográfico sem qualquer competência agrícola, como da *sigillata*⁷⁶⁹, denunciadora de uma razoável capacidade aquisitiva por parte da comunidade piscatória ali instalada. Esta zona da região em estudo é, aliás, uma das de maior intensidade baleeira na Idade Média, correspondendo-lhe uma concentração de vestígios em Época Romana Imperial que inclui, para além do Baleal, a Atouguia da Baleia, a Berlenga Grande⁷⁷⁰ e a própria antiga ilha de Peniche, podendo traduzir uma vocação económica especial deste estreito aro costeiro nos séculos I e II d.C. Colocar esta em relação a produção anfórica de Peniche constitui uma hipótese aliciante que carece, no momento, de suporte por outros elementos arqueológicos.

⁷⁶⁵ C. Fabião, 2009b.

⁷⁶⁶ D.B. Casasola, 2009.

⁷⁶⁷ C. Fabião, 2009b.

⁷⁶⁸ R.V. Gomes, V. Assunção e M. J. Miranda, 2001.

⁷⁶⁹ A. Paço, 1957.

⁷⁷⁰ J. Bugalhão e S. Lourenço, 2005 e no prelo.

Outras atividades de exploração marinha tiveram lugar na área em estudo, nomeadamente a marisqueira, difusamente referenciada arqueologicamente por via da sua detecção frequente em contextos estratigráficos de muitos dos sítios, resultado plausível do seu consumo alimentar, e a de moluscos utilizados na tinturaria, atestada em Casais Velhos (Cascais) para épocas romanas mais tardias⁷⁷¹, como talvez em Freiria (Cascais)⁷⁷² e Frielas (Loures)⁷⁷³.

Na exposição *Portugal Romano: A exploração dos recursos naturais*, a importância da extracção de pedra ornamental para a arquitetura foi convenientemente destacada, merecendo no respetivo catálogo um interessante texto de Fernando Real, onde o lióz da região de Lisboa merece apenas uma curta, mas significativa, nota⁷⁷⁴. Ao assunto voltaram recentemente João Luís Cardoso, Amílcar Guerra e Carlos Fabião, numa abordagem global que salienta a relevância deste tipo de exploração para o período romano, como o insuficiente investimento da investigação regional sobre a matéria⁷⁷⁵. A despeito de apenas uma única pedreira ter sido arqueologicamente abordada por Catarina Coelho em Colaride⁷⁷⁶, aliás sugerindo que estas se teriam desenvolvido no quadro dos *fundi* dos respetivos assentamentos rurais, a exploração do recurso está abundantemente documentada na arquitetura doméstica, pública e, principalmente, funerária lisiponense, sendo um dos fatores que explica a elevada quantidade de inscrições reveladas naquele *territorium*.

O contributo da epigrafia é, aliás, a este nível fundamental, pois comprova que desde a época de Tibério se extraem e trabalham os calcários finos avermelhados ou brancos de veios rosados da zona dos atuais concelhos de Sintra, Oeiras, Cascais e Loures⁷⁷⁷, e, pelo menos a partir do principado de Nero, o lióz cinzento da área de Sintra, em muito menor quantidade, bem datado de 57 d.C. no Teatro Romano de Lisboa⁷⁷⁸.

⁷⁷¹ J. Alarcão, 1988b, 5/249; G. Cardoso, 2002, p.73.

⁷⁷² G. Cardoso, 2002, p.62.

⁷⁷³ O achado de um tanque forrado a *opus signinum* foi interpretado como eventual *caetaria*- A.R.Silva, 2001. Um qualquer outro uso produtivo é admissível, o que inclui a tinturaria.

⁷⁷⁴ F. Real, 2004.

⁷⁷⁵ J.L. Cardoso, A. Guerra e C. Fabião, 2011, sobretudo p.185-186.

⁷⁷⁶ C. Coelho, 2002.

⁷⁷⁷ A.V. Silva, 1944; J. L.Cardoso, A. Guerra e C. Fabião, 2011.

⁷⁷⁸ Lúcia Fernandes e Ana Caessa atribuem, contudo, uma origem alentejana a este material- Conf. L. Fernandes e A. Caessa, 2007, p.83-102. O documento setecentista que atesta a primeira descoberta do edifício romano pelo Arquitecto Manuel Caetano de Sousa, referenciado por Carlos Fabião, indica o local, na região de Sintra, onde a pedra em causa era explorada em finais do séc. XVIII- Conf. C. Fabião, 2006, p. 63.

A pedra originária dos *agri* ocidentais de *Olisipo* tem uma difusão ainda insuficientemente caracterizada, tendo sido documentada a sua presença em *Caetobriga* (Setúbal), Tróia (Grândola) e Santarém. No Teatro de Mérida foram empregues calcários rosados e amarelos da região de Sintra para a decoração da *orchestra*⁷⁷⁹, que para além da capital provincial poderão ter atingido a Península Itálica⁷⁸⁰. Estes elementos mostram que o comércio da pedra ornamental da região lisboeta intra e, em menor medida, extra provincial, feito por via marítima e fluvial através do Tejo, terá assumido algum significado económico ao atingir pontos bem distantes do seu local de origem.

A exploração aurífera, mencionada nos textos da Antiguidade sobretudo em Época Imperial⁷⁸¹, poderá ter-se desenvolvido em diversos pontos da foz do Tejo, apesar de fundada em elementos que carecem de maior solidez. Na Adiça (Almada), estaria ativa no período de dominação islâmica⁷⁸², prolongando-se a exploração até aos meados do séc.XIX, quando ainda se recolheram 90kg⁷⁸³, desconhecendo-se evidências materiais para a Época Romana. Em Oeiras, Amílcar Guerra defendeu recentemente a possibilidade de ter existido também extracção aurífera a partir da época de Augusto, pelo menos, baseando-se na epígrafe funerária do *Aquilifer* da *legio II, Quintus Flavius Quadrattus* e na possível origem etimológica do topónimo, *aurarias*, cuja presença no território teria sido motivada pelo estacionamento de uma guarnição para controlo da exploração pelo Estado Romano⁷⁸⁴. Armando Sabrosa identificou túneis de exploração em Vale de Gatos (Seixal)⁷⁸⁵, elucidando sobre o tipo de solução técnica adoptada pela mineração aurífera na área.

Muito mais comum na região que o ouro, o ferro terá sido objeto de extracção e transformação, denunciada pelas referências difusas ao achado em contexto arqueológico de escorial deste metal, por vezes indicada como sendo em grande quantidade, como acontece em Lombo Ferreiro (Alcobaça)⁷⁸⁶ ou na Serra de São Julião (Torres Vedras)⁷⁸⁷, não sendo ainda claro o enquadramento público ou privado deste tipo de explorações. O maior número de forjas deve, contudo, ter tido lugar no quadro

⁷⁷⁹ A.Fusco e I. Mañas Romero, 2006, p.30 *apud* A. Delicado, 2011, p.75.

⁷⁸⁰ A.Fusco e I. Mañas Romero, 2006 *apud* J.L. Cardoso, A. Guerra e C. Fabião, 2011, p.186.

⁷⁸¹ A. Guerra, 2009; J.L. Cardoso, A. Guerra e C. Fabião, 2011, p.169-171.

⁷⁸² A. Delicado, 2011.

⁷⁸³ J.L. Cardoso, A. Guerra e C. Fabião, 2011, p.178.

⁷⁸⁴ A. Guerra, 2009; J.L. Cardoso, A. Guerra e C. Fabião, 2011, p.177.

⁷⁸⁵ A. Sabrosa, 2006; J.L. Cardoso, A. Guerra e C. Fabião, 2011, p.177.

⁷⁸⁶ J. Alarcão, 1988b, p.113.

⁷⁸⁷ G. Cardoso e I. Luna, 2005.

de assentamentos rurais, como aventou Jorge de Alarcão, destinadas primordialmente ao autoconsumo das respetivas propriedades⁷⁸⁸.

Duas outras atividades parecem ter detido relevância suficiente para nos aparecerem mencionadas pelos autores da Antiguidade: a exploração de granadas em Monte Suímo (Amadora), que estaria ativa na época de Tibério em função da referência feita pelo escritor *Lucius Cornelius Bocchus* na sua obra entetanto perdida⁷⁸⁹, e a criação ganadeira, em particular de equídeos⁷⁹⁰. Ambas se restringem ao testemunho textual, tornando-se difícil destringir se as menções traduzem uma relevante dimensão económica ou se se enquadram como evocação de curiosidade topológica ou a uma apelativa *mirabilia*.

Um pouco na sequência das primeiras observações produzidas na abertura deste texto, faz-se notar uma ausência de investimento da investigação no aprofundamento do conhecimento paleo-ambiental para o período romano na região considerada. O cotejamento dos resultados das sondagens na zona dos Patudos (Alpiarça), há muito publicado por Leeuwaarden e Janssen⁷⁹¹ é, por isso, recorrente, mas, como o próprio estudo mostrou, os resultados não autorizam extrapolações de âmbito geográfico mais alargado. Contudo muito mais está por fazer neste domínio como, por exemplo, o estudo mamalógico das espécies objeto de criação recolhidas pelas múltiplas intervenções arqueológicas, apenas elaborado por Simon Davis para a Alcáçova de Santerém⁷⁹², aferindo-se assim da existência de apuramento das espécies e do tipo de consumo alimentar, ou a avaliação da evolução do coberto vegetal, de forma a determinarem-se os ritmos de desmatização e de expansão das áreas cultivadas ocorridos entre o final da Idade do Ferro e os inícios do Baixo Império Romano.

Em aprofundamento está, no momento, o estudo da produção oleira, muito conetada com o relêvo que hoje se reconhece à região na produção manufatureira de transformados piscícolas⁷⁹³.

O estudo dos contentores anfóricos, e das antigas olarias romanas de Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos)⁷⁹⁴, Garrocheira (Benavente)⁷⁹⁵ mas, sobretudo, da

⁷⁸⁸ J. Alarcão, 1988.

⁷⁸⁹ J.L. Cardoso, A. Guerra e C. Fabião, 2011, p.179, 180, fiG. 9 e 181, fiG. 10, onde se aduzem novas evidências arqueológicas paisagísticas.

⁷⁹⁰ A. Guerra, 1995.

⁷⁹¹ W.V. Leeuwaarden e C.R. Janssen, 1985.

⁷⁹² S. Davis, 2006.

⁷⁹³ J. Raposo *et al.*, 2005.

⁷⁹⁴ G. Cardoso, 1990.

⁷⁹⁵ C. Amaro, 1990.

Quinta do Rouxinol (Seixal)⁷⁹⁶, Zambujalinho⁷⁹⁷, Porto dos Cacos (Alcochete)⁷⁹⁸ e Morraçal da Ajuda (Peniche)⁷⁹⁹, eventualmente também compulsados no Monte dos Condes (Benavente), Vale da Palha e Olho da Telha⁸⁰⁰, permitiram prefigurar um quadro de duas fases, comuns aos Vales do Tejo e Sado⁸⁰¹, à qual escapa de alguma forma o citado sítio do Oeste, com um repertório formal peculiar.

A denominada *fase I* corresponde ao fabrico de uma panóplia morfológica limitada, em que o tipo predominante e mais difundido é a Dressel 14 lusitana, destinada ao envase de produtos piscícolas, cujas *officinae* estão bem atestadas no estuário tagano na cidade de Lisboa, em Belém (Lisboa)⁸⁰², Cascais (Cascais)⁸⁰³, Cacilhas⁸⁰⁴ e Porto Brandão (Almada)⁸⁰⁵ verosivelmente presentes de igual forma na costa do Oeste, em Peniche (Peniche)⁸⁰⁶.

Deixando de parte as importantes problemáticas em torno das formas que precedem os tipos anfóricos dominantes nesta fase⁸⁰⁷, em determinado momento do séc. I d.C. ou nos inícios do séc. II d.C. iniciou-se, nos Vales do Tejo e Sado⁸⁰⁸, a compulsão do tipo Lusitana 3 definido por Dias Diogo, de provável conteúdo vínico⁸⁰⁹. Bem presente no interior alentejano, encerra ampla difusão, atingindo para já *Munigua* (Sevilha) em grandes quantidades⁸¹⁰, estando de igual forma bem presente em Mérida⁸¹¹. Esta morfologia escapa à lógica das duas fases definidas para a laboração das olarias, estando bem representada naquelas que laboraram continuamente, podendo ser interpretada em associação com outros tipos “*menores*” de compulsão limitada. Estes, com base na afinidade tipológica com morfologias elaboradas noutros espaços geográficos onde o conteúdo vínico é seguro, podem ter sido destinadas a este tipo de

⁷⁹⁶ A.L. Duarte e J.M.C. Raposo, 1996.

⁷⁹⁷ I.C. Fernandes e A.R. Carvalho, 1996.

⁷⁹⁸ J. Raposo, 1990.

⁷⁹⁹ G. Cardoso e S.Rodrigues, 2005.

⁸⁰⁰ C. Fabião, 2004, p.388.

⁸⁰¹ A.D.Diogo e J.C. Faria, 1989; C. Fabião, 2004, 2009b.

⁸⁰² C. Fabião e I.Filipe, 2006-2007.

⁸⁰³ G. Cardoso, 1992.

⁸⁰⁴ L. Barros e C. Amaro, 1985; L. Barros, 1994.

⁸⁰⁵ V. Santos, A.Sabrosa e L.A. Gouveia, 1996.

⁸⁰⁶ R. Venâncio, 2005.

⁸⁰⁷ R. Moraes e C. Fabião, 2004.

⁸⁰⁸ F. Mayet e C.T.Silva, 2002, embora com outra designação.

⁸⁰⁹ A.M.D. Diogo, 1987; C. Fabião, 2004.

⁸¹⁰ Informação facultada por Carlos Fabião, referente aos estudos que está a levar a cabo da cidade da região sevilhana, agradecendo-se a possibilidade dada de menção deste importante elemento.

⁸¹¹ Referência oral de Rui Almeida, que está a levar a cabo o estudo de alguns dos conjuntos de escavações na antiga capital lusitana, a quem aqui se agradece penhoradamente a possibilidade da divulgação do dado do seu trabalho.

produções regionais. A representatividade atingida fora do âmbito próximo pela Lusitana 3, temática que agora começa a ser abordada, traduz uma competência nos mercados para o vinho do Baixo Tejo (e Oeste?) que extravasa a dimensão estrita dos consumos autótones.

Beneficiando porventura do impulso proporcionado pelas ânforas, outros produtos oleiros elaborados no Baixo Tejo, classificáveis entre as cerâmicas ditas comuns, alcançaram latitudes distantes, estando bem representados na *Lusitania* meridional interior, como o estudo de Inês Vaz Pinto do conjunto da *uilla* romana de São Cucufate (Vidigueira) demonstrou⁸¹². Fica ainda por apurar se alguns dos tipos formais ali estudados não terão sido comercializados antes como envase de produtos regionais, tendo a investigadora sugerido conteúdos piscícolas⁸¹³, sendo talvez admissível também outros, como os de origem silvícola, apícola ou agro-pastoril.

Neste sentido, e como tem sido assinalado por diferentes autores, a área em estudo corresponde a uma ativa plataforma de intercâmbio comercial entre o Tejo e certas áreas do interior lusitano⁸¹⁴, funcionando as três capitais das *ciuitates* como os seus portos principais, pontos redistribuidores dos fluxos de e para uma área alargada da *prouincia*, sendo certo que outros, de menor entidade, terão existido também⁸¹⁵.

Em jeito de balanço dos conhecimentos atuais sobre a matéria em epígrafe, a difícil detecção arqueológica de estruturas ligadas a algumas atividades que tiveram lugar durante o Alto Império no Baixo Tejo e costa do Oeste, por contraste com a franca visibilidade de outras, conjugada com a riqueza potencial e efetiva dos recursos disponíveis, advoga cautelas na hora de elaborar uma síntese sobre o peso económico que cada uma delas encerrou. Parece, contudo, que a imagem que nos é transmitida pela diversidade das importações patenteadas (sobretudo anfóricas, mas também de “cerâmicas finas”, vidros, moedas, objetos de adorno, cerâmicas comuns e até de materiais de construção), como a sua frequente presença em sítios urbanos e no espaço rural, ilustra a forte vitalidade económica verificada em Época Alto Imperial, resultado do seu carácter de espaço de trânsito de mercadorias forâneas mas também de consumo e de exportação intra e extra provincial.

⁸¹² I.V.Pinto, 2003; Com base arqueométrica- I.V.Pinto e A.Schmitt, 2005.

⁸¹³ Idem, p.189.

⁸¹⁴ M. Genin, 1990, 1993, 2002; J. Alarcão, 1988a.

⁸¹⁵ M. Genin, 1990, 1996, 2003, 2012; M. L.Blot, 1998; R.B. Silva, 2005.

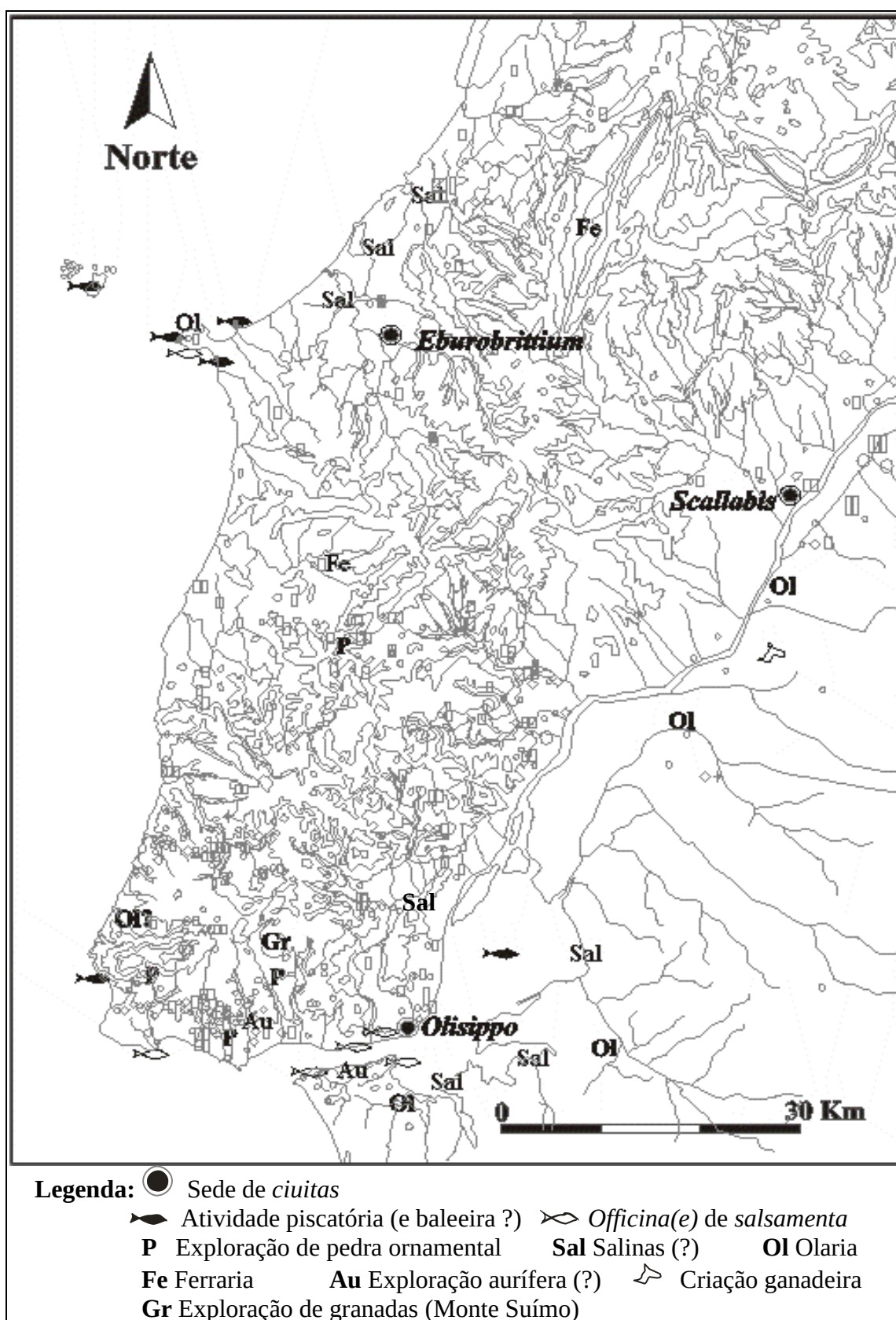


Figura 6- Outras atividades económicas não agrícolas ou mercantis do Baixo Tejo e costa do Oeste em Época Alto Imperial Romana.

É este o enquadramento do consumo da *terra sigillata*, interessando por isso, e considerando os objetivos do trabalho, determo-nos um pouco mais detalhadamente na amplitude interna do mercado regional a partir do conhecimento disponível acerca do seu povoamento e demografia, como das infra-estruturas que terão servido para a circulação daqueles produtos oleiros.

7.1. Povoamento e Demografia.

Um olhar sobre o povoamento e a demografia em Época Romana Imperial de um território como o da Península de Lisboa, no sentido alargado como o que foi aqui considerado, confronta-se com uma massa de informação de difícil manuseamento pois apresenta-se ao mesmo tempo rica, dispersa e vasta, como manifestamente insuficiente para muitos dos aspetos fundamentais, como se exporá de seguida.

Um panorama geral abarcando os *territoria* das três *ciuitates* foi elaborado por Jorge de Alarcão⁸¹⁶ e também por Vasco Mantas, neste caso a propósito do sistema viário⁸¹⁷ e, a um nível mais específico e complementar, por Guilherme Cardoso⁸¹⁸ para os *agri olisiponensis* a norte do Tejo, José Quinteira, para os de *Scallabis*⁸¹⁹ e José Beleza Moreira para o *territorium* de *Eburobrittium*⁸²⁰. O conjunto de elementos coligidos permite formular uma imagem ampliada graças às cartas arqueológicas concelhias, algumas das quais publicadas⁸²¹ e a base de dados “Endovélico”⁸²².

As referências compõem assim uma panóplia de referências a sítios e achados que, desde logo, levantam múltiplos problemas, e onde as leituras permitidas pelos dados são algumas vezes aparentemente contraditórias. Deverá salientar-se neste âmbito a caracterização escassamente fundamentada⁸²³, a indefinição cronológica⁸²⁴ e os

⁸¹⁶ J. Alarcão, 1988a, 1988b, 1994, 2002.

⁸¹⁷ M. Genin, 1986, 1996, 2002, 2004, 2012.

⁸¹⁸ G. Cardoso, 2002.

⁸¹⁹ A.J. Quinteira, 1998.

⁸²⁰ J. B. Moreira, 2002.

⁸²¹ Afortunadamente a lista é longa e inclui casos exemplares como os de Almada, Cascais ou Oeiras-respetivamente V.Santos, A.Sabrosa e L.A.Gouveia, 1996; J. L.Cardoso e G. Cardoso, 1993; G. Cardoso, 1994.

⁸²² Que, com desenvolvimentos dos últimos anos verificados na estrutura e orgânica dos organismos da administração central, se encontra num estado de lastimável desatualização.

⁸²³ Note-se, a título de exemplo, que não dispomos, por exemplo, da informação relativa às áreas de dispersão de vestígios à superfície para muitos locais com ocupação atestada, inclusive na região de Lisboa, de que seria um bom exemplo o elenco constante em Guilherme Cardoso (2002), e por antonomasia, do mesmo autor e Isabel Luna- Conf. G. Cardoso e I.Luna, 2005.

⁸²⁴ Num ponto que nos interessaria particularmente no âmbito do presente trabalho, que é o da atestação de *terra sigillata* nos diferentes locais, esta surge na maioria dos casos referida de forma genérica e indiferenciada, desconhecendo-se de que produções e de que época, e, em muitos outros casos, por se terem verificado outros achados a que se atribuiu maior relevância, não vem sequer mencionada. Este

evidentes contrastes resultantes da geografia da investigação⁸²⁵. Assim sendo, requeria-se um esforço de revisão aturada⁸²⁶, tarefa que, apesar de necessária, extravasaria em muito os tempos, âmbito e objetivos do presente texto. Apesar destas limitações, pretendeu proporcionar-se aqui alguns contributos e levantar problemáticas que pareceram pertinentes, algumas de resolução não fácil.

Um outro aspeto a considerar no interior da temática é de índole metodológica e prende-se com a classificação dos sítios. Parafraseando Jorge de Alarcão, “*a interpretação não pode deixar de ser mera conjectura; mas não será preferível correr o risco de conjecturar a designar todas as estações pelo nome genérico de habitat ?*”⁸²⁷. A questão merece que nos detenhamos um pouco sobre ela.

Os estudos sobre povoamento romano no atual território português espelham idênticas preocupações patentes na investigação internacional, sobretudo francófona e anglófona, incorporando a sua tendência atual. Partindo da evidência arqueológica, na maior parte dos casos resultante de prospecção orientada segundo princípios distintos e atenta às realidades de cada região, tem na base a relação entre as áreas de dispersão e a natureza dos vestígios para a classificação dos sítios e consequente avaliação da densidade demográfica. Neste sentido vai a reflexão sobre o tema constante da síntese de Alan Bowman e Andrew Wilson⁸²⁸, também subjacente à mais abrangente

panorama está bem refletido na obra de Jorge de Alarcão que mencionámos *supra*, pese embora cientes de que o âmbito e objetivos eram outros, dado que, para muitos dos locais repertoriados por via bibliográfica se menciona apenas a atestação de *terra sigillata* - conf. Jorge de Alarcão (1988b).

⁸²⁵ É possível constatar concentrações e ausências que deverão ser muito mais aparentes que reais. A título demonstrativo, a elevada concentração nas áreas dos atuais concelhos de Cascais, Oeiras, Amadora, Sintra, Alenquer e Torres Vedras relacionar-se-á, não só com uma efetiva maior densidade de ocupação, quer no passado romano quer no presente que provocou a descoberta daquele, como também com o investimento da investigação, os interesses e motivações dos seus protagonistas e as infraestruturas locais que as suportam, algumas das quais com um passado relevante no quadro da história da Arqueologia Portuguesa.

⁸²⁶ Estão por fazer tarefas básicas como as da eliminação da duplicação de referências, motivadas pelo uso de distintos topónimos para um mesmo arqueossítio, como a de tentar localizar os assentamentos correspondentes aos sítios de carácter funerário já mapeados, exemplos que se procurou aqui mitigar. Por manifesta impossibilidade temporal, ficou por abordar na totalidade uma extensa lista de relatórios depositados nos arquivos da administração central e instituições locais, museológicas e outras, para já não falar nos numerosos trabalhos de índole académica elaborados nas diversas universidades portuguesas de que se tem conhecimento. A opção adoptada foi a de consultar estes elementos para tentar colmatar lacunas no conhecimento.

⁸²⁷ J. Alarcão, 1998, p.95. Um primeiro ensaio de abordagem pelo autor, que distinguiu *Villae* e *Casal* havia sido exposto no capítulo por si elaborado do I volume da *Nova História de Portugal*, dirigida por A.H.de Oliveira Marques e Joel Serrão- Conf. J. Alarcão, 1990.

⁸²⁸ Baseiam a sua análise nos estudos de Elisabeth Fentress para a zona de Jerba (Egipto) que considera três tipos de sítios rurais, *as farms, villages e uillae*, estabelecendo uma relação entre a dispersão superficial dos vestígios e o número de habitantes em Época Romana, como o fazem atribuindo um número de pessoas por hectare urbano- Conf. A.Bowman e A.Wilson, 2009, em especial a sinopse sobre a discussão conceptual acerca da classificação proposta, com a correspondente bibliografia indicada- Conf. Idem, p.133-135.

aproximação à composição demográfica das Hispânicas disponível, elaborada por César Carreras Monfort⁸²⁹.

No âmbito específico português, Jorge de Alarcão propôs em 1997 quatro categorias de sítios rurais, por si construídas: casais, granjas, *uillae* e “aldeias”⁸³⁰. Na esteira do académico de Coimbra destacaram-se os trabalhos de Conceição Lopes⁸³¹, João Pedro Bernardes⁸³², Pedro Carvalho⁸³³ e Helena Paula Abreu de Carvalho⁸³⁴, que introduzem adaptações e ajustamentos, sendo o tipo de abordagem arqueológica amplamente utilizada hoje no território português em estudos sobre a *Arqueologia da Paisagem* do período romano⁸³⁵.

A proposta encerra limitações relevantes, algumas desde logo enunciadas por Alarcão como advertências aos estudos futuros⁸³⁶, como se veio a verificar. Mas independentemente de se lhe reconhecer maior ou menor operacionalidade, o fato é que projetou o discurso sobre a matéria para um nível bem mais elevado do que o até aí praticado, e o presente texto gravita inevitavelmente em torno das temáticas por ele suscitadas, ou às quais procurou dar resposta.

A objecção mais relevante que se pode colocar à perspetiva de Alarcão é o seu carácter holístico, que por isso deixa de fora categorias de sítios, uns mais presentes na paisagem que outros, ocultos sob a tafonomia proposta. Como a de que dificilmente se aplica a parcelas importantes dos territórios, de que os mais setentrionais constituem o exemplo mais visível, porque radicados em sistemas e/ou soluções geradas previamente ao domínio romano, mas nem por isso menos integrantes das redes estabelecidas entre os séculos II a.C. e V d.C., para utilizar uma referência cronológica mais tradicional. Como se interliga também com as questões de arqueologia viária, e as dificuldades já antes enunciadas por Vasco Mantas a propósito da identificação das *mutatio* e

⁸²⁹ C.Carreras Monfort, 1995-1996.

⁸³⁰ J. Alarcão, 1998, sobretudo p.91-98.

⁸³¹ M.C. Lopes, 2003.

⁸³² J. P.Bernardes, 1996.

⁸³³ De especial pertinência e acuidade, deverá salientar-se o texto mais recente citado. De elevada riqueza de conteúdo, porque porventura menos constrangido formalmente, reflecte sobre o tema- P.Carvalho, em especial as p.127 e seguintes.

⁸³⁴ Basicamente, a autora aplica a solução aventada por Alarcão, ajustando com terminologia latina, que prefere- Conf. H.P.A.Carvalho, 2008. Contudo, e como a própria salienta, a solução não é isenta de problemas. De facto, os termos latinos são polissémicos, e revestem-se de utilidade mais limitada do que deixa supor, especialmente nos casos dos *uicus*, *uillae* e mesmo cidade, neste último caso, como bem patentearam os estudos de Pedro Carvalho para a *Lusitania* setentrional- Conf. P.Carvalho, 2004.

⁸³⁵ Deve-se destacar, a este propósito o da autoria de André Carneiro, com uma perspetiva distinta, crítica em relação à validade da proposta de Jorge de Alarcão, parecendo suficientemente demonstrada as dificuldades de operacionalidade para o Baixo Império- Conf. A.Carneiro, 2004.

⁸³⁶ J. Alarcão, 1998.

*mansiones*⁸³⁷, a que se deveria acrescentar a rede de *uiaie uicinales*, assunto abordado por Guilherme Cardoso para a zona mais ocidental dos *agri olisiponenses*⁸³⁸. Mais adiante retornaremos a este tipo de problemáticas.

Um outro aspeto que, embora subjacente ao enunciado de Jorge de Alarcão não lhe pode ser imputado, resulta da sua aplicabilidade. A dinâmica diacrónica contextual dos sítios, espacial, arquitectónica e estratigráfica, é-nos, na quase totalidade dos casos, completamente desconhecida. Esta observação aplica-se com especial incidência ao território em apreciação, incluindo assentamentos rurais bem conhecidos e mais ou menos extensamente intervencionados como os de São Miguel de Odrinhas, Santo André de Almoçageme (Sintra), Alto do Cidreira, Alto de Caparide, Freiria (Cascais), Oeiras (Oeiras), Frielas, Almoinhas (Loures), Quinta da Bolacha (Amadora), Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira) ou Rio Maior (Rio Maior). Em todos eles, classificados como *uillae*, surgem objetos e/ou vestígios de estruturas seguramente datados dos séculos I e II d.C. não relacionáveis com as expressões arquitectónicas e as bem caracterizadas ocupações que assumem ao longo do espaço de tempo que medeia os finais do século II e V d.C.⁸³⁹ Mas para todos desconhecemos o carácter que assumiram entre as últimas décadas do século I a.C. e os meados a finais do séc. II d.C., parecendo abusivo atribuir-se-lhes a mesma identidade desde as respetivas etapas iniciais, sem outro suporte. A este propósito o estudo de Conceição Lopes acerca do povoamento de *Pax Iulia* mostrou uma dinâmica de emparcelamento verificada naquela região em etapas cronologicamente mais recuadas do que estamos habituados a pensar para a Época Romana⁸⁴⁰, e nada nos garante que ela não tenha ocorrido também no espaço geográfico em estudo.

Num outro sentido, mas perspetivando ainda aspetos diacrónicos, em muitos dos locais da Península de Lisboa foi também assinalada a presença de artefatos enquadráveis na Idade do Ferro ou no período Repúblicano Romano, no quadro de escavação ou prospecção, sem que se posteriormente se tenham identificado contextos

⁸³⁷ M. Genin, 1996.

⁸³⁸ G. Cardoso, 1999.

⁸³⁹ No que à *terra sigillata* respeita, pontuam produções itálicas e/ou sudgálicas, necessariamente vinculadas com cronologias do séc. I d.C., pelo mais, nos sítios aludidos. Tais os casos de: São Miguel de Odrinhas- C.Coelho, 2006-2007; Santo André de Almoçageme- É.M. Sousa, 1998; Alto do Cidreira- J. U.S.Nolen, 1988; Alto de Caparide- J. P.Cabral, G. Cardoso; J. D'Encarnação e L.Nieuwendam, 2002; Oeiras- M. V.Gomes, J. L.Cardoso M.C. André, 1996; Frielas- A.R.Silva, 2001 e 2012; Almoinhas- S.Brazuna e M. Coelho, 2012; Quinta da Bolacha- J. A.Moreira e G. Encarnação, 1997; Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo- G. Cardoso *et al.* 2010; Rio Maior- informação oral de Carlos Pereira, a quem aqui se agradece a informação facultada de uma presença “*vestigial*” daqueles fabricos.

⁸⁴⁰ M.C. Lopes, 2003.

e estratigrafias que os enquadrassem e assim permitissem entender que tipo de ocupações estão na sua origem, ou a relação destas presenças com as expressões posteriores que os locais iriam adquirir em Época Imperial Romana. Ou ainda, quando a detecção dessas materialidades ocorreu, como aconteceu em Leião⁸⁴¹, Oeiras (Oeiras)⁸⁴² e Freiria (Cascais)⁸⁴³, não é de forma alguma claro como se processa a transição entre os distintos períodos, para mais possuindo alguns deles uma longa diacronia dado remontarem à primeira metade ou meados do I milénio a.C.

Desconhecemos, portanto, qual o significado destas evidências, que na sua maioria se revelam escassas, geograficamente dispersas e quase sempre descontextualizadas. Para responder a esta questão carecíamos de leituras extensas e fundamentadas em amostragens amplas sobre os sítios alvo de povoamento na Idade do Ferro, de que manifestamente não dispomos, com especial acuidade para as áreas do Ribatejo e Oeste⁸⁴⁴. Ainda assim, exemplos como o de Moinhos da Atalaia (Amadora)⁸⁴⁵, Outorela 1 e 2 e Gamelas 3 (Oeiras)⁸⁴⁶, comprovam vários assentamentos rurais explorados na Idade do Ferro que não atingem cronologias romanas imperiais. Leião (Oeiras)⁸⁴⁷ e, sobretudo, Freiria (Cascais)⁸⁴⁸, constituirão bons exemplos do inverso, que sugeriram a João Luís Cardoso uma transição pacífica para o mundo romano “*sem grandes sobressaltos e tensões sociais*”⁸⁴⁹, o que parece manifestamente por demonstrar.

A lista de locais onde se tem conhecimento da recolha de materiais da Idade do Ferro e onde se atesta a existência de assentamentos rurais romanos é mais ampla do que o conjunto dos sítios enunciados. Ela inclui também o Alto de Caparide⁸⁵⁰, Tires, Miroiço (Cascais)⁸⁵¹, Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos)⁸⁵², Quinta do Cirne

⁸⁴¹ J. L. Cardoso, 2011, p. 96, 116-118, 132-134.

⁸⁴² M. V. Gomes, J. L. Cardoso e M. C. André, 1996; J. L. Cardoso, 2011, p. 121.

⁸⁴³ G. Cardoso e José D’Encarnação, 1999.

⁸⁴⁴ João Luís Cardoso, Ana Margarida Arruda e Raquel Vilaça produziram as únicas sínteses disponíveis para o Estuário do Tejo, onde alguns, poucos, sítios emblemáticos nos dão uma aproximação à tipologia dos assentamentos. Mas, mesmo nestas sínteses está longe de transparecer a densidade de ocupação no I milénio a.C. que se pode intuir das referências vagas e esparsas à ocorrência de materiais desta época em muitos outros locais ali não considerados. Conf. A. M. Arruda, 1994, 1999-2000, 2005a; R. Vilaça e A. M. Arruda, 2004; J. L. Cardoso, 2004.

⁸⁴⁵ R. Parreira e C. V. Pinto, 1978.

⁸⁴⁶ J. L. Cardoso, 2011, p. 96 e seguintes.

⁸⁴⁷ Idem.

⁸⁴⁸ G. J. P. Cardoso e J. D’Encarnação, 1999.

⁸⁴⁹ J. L. Cardoso, 2011, p. 123.

⁸⁵⁰ J. Cabral *et al.*, 2002; J. A. S. Rodrigues, 2005.

⁸⁵¹ G. Cardoso, 2002, p. 64. 67

⁸⁵² J. Pimenta e H. Mendes, 2008.

(Santarém)⁸⁵³ e Azeitada (Almeirim)⁸⁵⁴, mas desconhecemos se estas ocorrências traduzem soluções de continuidade ou de ruptura. Em Alto dos Cacos (Almeirim), que assume um caráter militar evidente nas décadas centrais do séc. I a.C.⁸⁵⁵, a descontinuidade é manifesta, como acontece com zonas extensas de povoados de grande dimensão, reportando-nos à área do Castelo de São Jorge (Lisboa)⁸⁵⁶, em *Olisipo*, ou a parte dos Chões de Almpompé (Santarém)⁸⁵⁷.

Já para o período republicano romano, a extensão da lista de assentamentos rurais em funcionamento em Época Imperial onde se coletaram elementos de cronologia anterior alarga-se significativamente, incluindo os ativos nos séculos II-I a.C. já citados e acrescentando-se-lhes Outeiro (Cascais)⁸⁵⁸, Oeiras (Oeiras)⁸⁵⁹, Cabanas de São Marcos, Armez⁸⁶⁰, Ermidas⁸⁶¹, Funchal⁸⁶², Granja dos Serrões⁸⁶³, Lugar do Marcador⁸⁶⁴, São Miguel de Odrinhas⁸⁶⁵ (Sintra), Casal do Belo (Loures)⁸⁶⁶, Raimona (Mafra)⁸⁶⁷, Cemitério dos Prazeres⁸⁶⁸ e Belém (Lisboa)⁸⁶⁹, amostragem que sugere um cenário de romanização precoce do território, em especial para os *agri* mais ocidentais da futura *ciuitas* de *Olisipo*.

Para os alvares e primeiras décadas do principado adensa-se a informação e, na mesma proporção, as dúvidas que se colocam para os territórios das três *ciuitates*.

Um ponto de partida possível para a avaliação das funções e dimensão dos assentamentos rurais da área em análise seria o contributo do conhecimento das arquiteturas dos primeiros séculos do Império na Península de Lisboa e Oeste.

⁸⁵³ Um fragmento de campaniense B- Conf. J. Qunteira, 1996, p.121.

⁸⁵⁴ Informação oral facultada pelo Dr. Eurico Henriques, comprovada pela observação de materiais, aproveitando-se para se agradecer a este investigador o acesso e a divulgação deste elemento.

⁸⁵⁵ J. Pimenta *et al.*, 2012; R.B. Silva *et al.* (no prelo).

⁸⁵⁶ J. Pimenta, 2005.

⁸⁵⁷ J. Alarcão, 2002; C. Fabião, 2002.

⁸⁵⁸ G. Cardoso, 2002, p.63.

⁸⁵⁹ Idem, p.48; J. L. e G. Cardoso, 1993, p.82 e fig. 27.

⁸⁶⁰ G. Cardoso, 2002, p. 76.

⁸⁶¹ Um exemplar de Campaniense B- Conf. Idem, p.78. Entre outros exemplares anfóricos um fragmento de bocal de Dr.1A itálica, uma asa de tipo similar e um outro bocal de Halter70- Conf. F.C.Pimenta, 1982-1983, p.126-128, Est.III, n.ºs 14-16.

⁸⁶² Um exemplar de imitação de campaniense- Conf. G. Cardoso, 2002, p.79.

⁸⁶³ Campaniense A- Conf. Idem, p.79.

⁸⁶⁴ Imitação de campaniense- Conf. Idem, p. 80.

⁸⁶⁵ Campaniense indeterminada- Conf. Idem, p.81; Um fragmento de ânfora Dressel 1A- conf.C.Coelho, 2005-2006, p.132, Quadro 1.

⁸⁶⁶ A.R.Silva e S.P.Santos, 2009.

⁸⁶⁷ Três gландes de funda em chumbo- Conf. G. Cardoso, 2002, p.93.

⁸⁶⁸ Um fragmento de campanense B-óide, recolhido pelo autor conjuntamente com tesselas, ânforas Dr.20, “Africana Grande”, Dressel 14 lusitana, sigillata sudgálica e clara A e D.

⁸⁶⁹ C. Fabião e I.Filipe, 2006-2007, p.103.

Não se tendo verificado trabalhos arqueológicos publicados sobre o espaço construído dos assentamentos rurais do Alto Império nos *territoria* de *Eburobrittium* e *Scallabis*, aqueles realizados em extensão e que incidiram sobre os de *Olisipo* mostram-se muito condicionados pelas opções patrimoniais de preservação das estruturas correspondentes às ocupações do século III d.C. e posteriores, sendo raras as estruturas de cronologia anterior reveladas.

No território olisiponense, a escavação de Leão (Oeiras) colocou a descoberto a parte remanescente de um edifício de caráter residencial, ativo até meados-segunda metade do séc. I d.C., que poderíamos denominar como *pars urbana* da unidade de exploração agrária⁸⁷⁰. De acordo com o João Luís Cardoso, dataria da Época de Augusto e foi destruída por um incêndio na data indicada⁸⁷¹. Esta circunstância é de capital importância porque, a verificar-se, cristalizou um momento raramente documentado até ao presente em sítios do povoamento disperso romano do Estuário do Tejo. De planta talvez tendencialmente retangular, o lado menor media 16,5 m, mas infelizmente a outra dimensão conservava-se em média apenas em 10,0 m de extensão. Ali se reconheceu a funcionalidade de alguns dos espaços, destacando-se um compartimento retangular revestido a fresco, interpretado como o mais importante da habitação, ladeado por uma *culina* e vestígios de uma área de circulação, onde se comprovou uma zona de tear⁸⁷². Em Frielas (Loures), as campanhas mais recentes revelaram muros do séc. I d.C., provavelmente parte das construções de caráter rústico presentes no sítio, mas são os dados são ainda insuficientes para autorizar uma caracterização dos espaços e dos edifícios⁸⁷³. Em muitos outros locais escavados da Península de Lisboa a identificação de estruturas datadas dos inícios do Principado aos Antoninos ocorre, mas corresponde a elementos fragmentários e descontínuos, não permitindo discernir sobre a disposição espacial e características do edificado das unidades de exploração agrária. Em síntese, e parafraseando Jorge de Alarcão, a parca

⁸⁷⁰ João Luís Cardoso afirma não terem aparecido materiais incontestavelmente datados da segunda metade do séc. I d.C., mas a baliza cronológica indicada para o exemplar de tigela em *terra sigillata* sudgálica da forma DraG. 24/25 está mal indicada, sendo admissível a produção do tipo até aos inícios do principado de Domiciano, na década de 80 do referido século- Conf..JL. Cardoso, 2011. Dada a escassez de material datante revelada na publicação até agora disponibilizada, é impossível afinar melhor a cronologia do final do sítio.

⁸⁷¹ Conf. Idem, p.132.

⁸⁷² Idem, p.132 e seguintes.

⁸⁷³ R. Policarpo, 2010.

informação disponível não permite conhecer ainda as arquiteturas dos primeiros povoadores romanos⁸⁷⁴.

O mesmo se poderia dizer de diversos arqueossítios dos *agri* escalabitanos, pontualmente escavados há muito, como o Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos)⁸⁷⁵, ou conhecidos apenas pelas evidências de superfície. Neste último âmbito, merece menção o achado frequente e quantitativamente relevante de materiais oleiros de construção nos sítios romanos da margem esquerda do Tejo, em especial tijolos de múltiplas dimensões, “*quadrantes*” de coluna e ladrilhos de pavimento, o que, conjugado com a constatação de escassez de pedra, incluindo aqui a potencialmente utilizada como inerte nos aparelhos, torna plausível que as edificações tenham utilizado aqui, como soluções técnicas alargadas, a arquitetura da terra e o *opus latericium*, aliás amplamente documentadas na construção tradicional da região. Esta suposição parece corroborada pela atestação do seu emprego na arquitetura civil romana exumada em *Scallabis* pelos trabalhos de Ana Margarida Arruda com Catarina Viegas⁸⁷⁶ e Laurent Caron⁸⁷⁷.

Ficamos limitados, portanto, ao conjunto de dados coligidos por uma cartografia do povoamento, que resulta de uma desigual geografia do conhecimento, e aos elementos de caracterização tornados públicos, como formas possíveis de tentar perceber como se estruturam os territórios das três circunscrições administrativas romanas.

O caso porventura de mais fácil análise é o de *Ebburobrittium*, cuja *caput ciuitas* terá sido fundada apenas com Augusto⁸⁷⁸, e para cujos *agri* os materiais conhecidos no momento encerram cronologias mais recentes, em exclusivo romanas⁸⁷⁹.

Para o *territorium* eburobriicense a epigrafia revela-se de maior utilidade que o recurso a outros elementos datantes dado terem sido mencionados de forma vaga (*sigillata*, ânforas, ...), como bem assinalou José Beleza Moreira⁸⁸⁰, mais não permitindo do que aferir de uma presença nos sítios em momentos indefinidos em Época Imperial. Escapa a este panorama a ocupação detetada na Berlenga Grande

⁸⁷⁴ J. Alarcão, 1994.

⁸⁷⁵ J. Pimenta e H.Mendes, 2008.

⁸⁷⁶ A.M. Arruda, C. Viegas e M. J. Almeida (dir.), 2002.

⁸⁷⁷ Entre os elementos revelados pela escavação dirigida por este investigador destaca-se um pavimento em lateres losangulares, datado da época de Augusto- Informação oral de Laurent Caron, a quem se agradece assim publicamente a autorização dada para a divulgação deste importante elemento.

⁸⁷⁸ J.B. Moreira, 2002.

⁸⁷⁹ Idem.

⁸⁸⁰ Idem.

(Peniche)⁸⁸¹, e talvez no Baleal (Peniche)⁸⁸², embora com fundamentos qualitativamente bem distintos, pois ambos os locais documentam comunidades piscatórias sazonais ativas no Alto Império e que, por isso, colocam outro tipo de problemáticas. Como também é o caso da olaria romana do Morraçal da Ajuda (Peniche), cujo enquadramento da propriedade da produção está todavia por fazer, sendo plausível integrar um *fundus* em determinada altura pertença do *Lucius Arvenius Rusticus* bem atestado pelas “marcas de oleiro” aplicadas nas ânforas ali produzidas, podendo aventar-se a hipótese de os dois *Terentii* ali sepultados corresponderem a oleiros que laboraram no local, como foi já sugerido por Rui Venâncio⁸⁸³.

São diversos os sítios eburobrtienses onde, para além de difusas evidências da existência de estruturas, se identificaram elementos enquadráveis em Época Alto Imperial Romana. Locais como a Amoreira (Óbidos)⁸⁸⁴, onde se sepultou um magistrado local, Atouguia da Baleia (Peniche), onde se coletou um áureo de *Vitellius*⁸⁸⁵, Columbeira (Bombarral), que para além de um epitáfio funerário⁸⁸⁶ revelou *sigillata* sudgálica e hispânica⁸⁸⁷, São Lourenço dos Francos (Lourinhã)⁸⁸⁸, em cuja Igreja Matriz se encontram duas inscrições funerárias, Reguengo de Parada (Caldas da Rainha), onde se identificou uma inscrição funerária nas proximidades⁸⁸⁹ e se coletou um bordo de ânfora produzida no Morraçal da Ajuda⁸⁹⁰, São Gião (Nazaré), onde se identificaram duas inscrições funerárias e consta a existência de outros elementos construtivos⁸⁹¹, Pedrogão (Alcobaça), de onde provirão quatro inscrições funerárias e um sarcófago de pedra⁸⁹², e Brejos I (Óbidos), onde se atesta *sigillata* hispânica⁸⁹³, deverão corresponder a unidades de exploração agrícola de alguma entidade nos séculos I e II d.C., podendo em muitos casos tratarem-se de *uillae*. É um conjunto de

⁸⁸¹ J.C. Bugalhão e S. Lourenço, 2005 e no prelo.

⁸⁸² J. Alarcão 1988b, p. 114, 5/69.

⁸⁸³ R. Venâncio, 2005.

⁸⁸⁴ J. Alarcão, 1988b, p. 115, 5/71.

⁸⁸⁵ Idem, 5/70.

⁸⁸⁶ Idem, 5/75.

⁸⁸⁷ Em exposição no Museu Municipal do Bombarral.

⁸⁸⁸ J. Alarcão, 1988b, p.116, 5/93.

⁸⁸⁹ Idem, p. 113, 5/49.

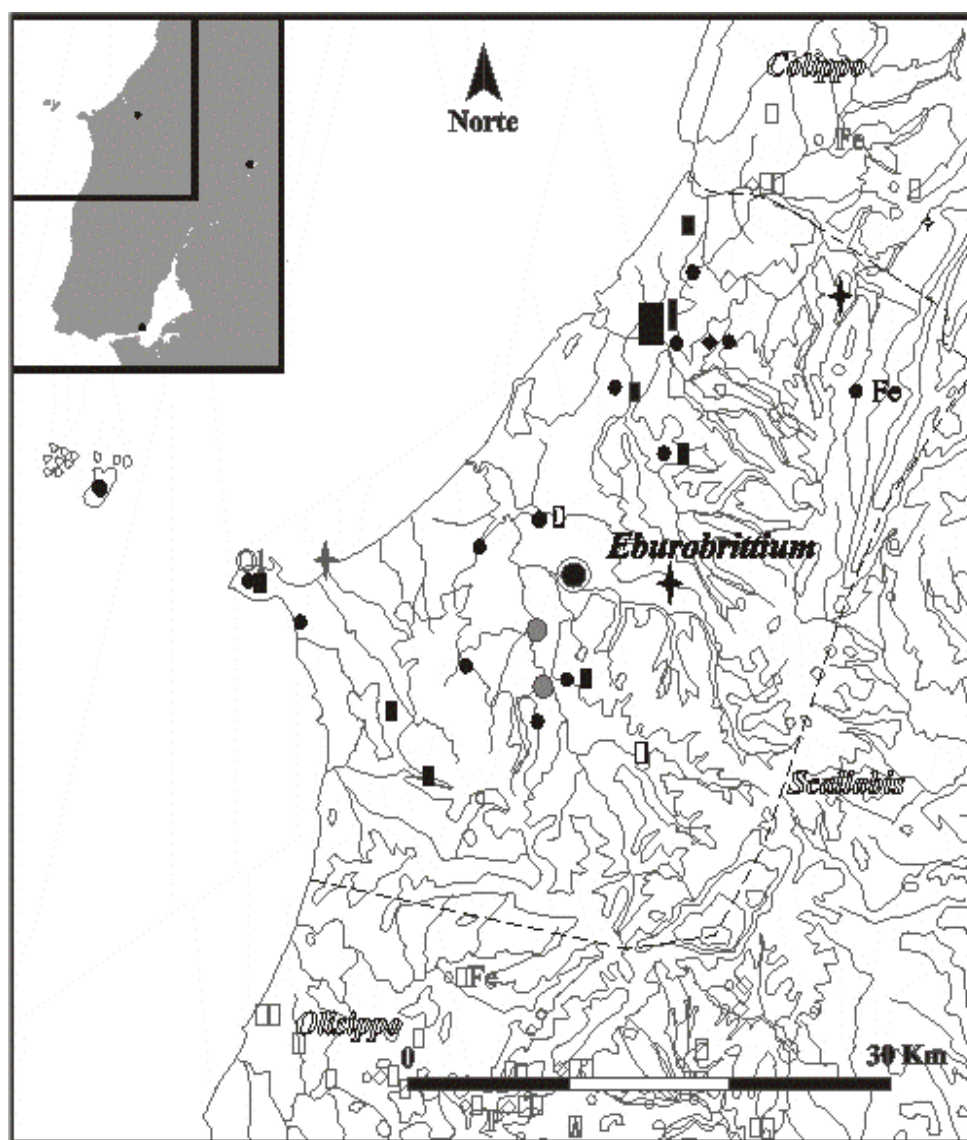
⁸⁹⁰ O sítio foi detectado pelo autor em 1996. Posteriormente, em 2005, o aluno da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa Luís Carlos Serrão Gil, colectou o elemento mencionado, conjuntamente com outros materiais, que se supõe terem sido depositados na Câmara Municipal de Caldas da Rainha conforme a indicação que lhe foi transmitida então.

⁸⁹¹ J. Alarcão, 1988b, p.113, 5/30.

⁸⁹² Conf. Idem, p. 113, 5/32 e 5/33.

⁸⁹³ I.C. Fernandes, L. Raposo e J. B. Moreira, 2008.

nove assentamentos apenas, a que hipoteticamente se poderia acrescentar Peniche, como vimos antes, configurando uma fraca densidade demográfica do espaço.



Legenda: ● Assentamento rural	■ Epígrafe	----- Limite provável da <i>ciuitas</i>
◆ Necrópole	■ Miliário	● Sede da <i>ciuitas</i>
† Achado isolado	Ol Olaria	● Povoado (romanizado ?)
	Fe Ferraria	

Figura 7- O povoamento romano do *territorium* de *Eborobritium* (elaboração própria a partir de Jorge de Alarcão⁸⁹⁴ e José Belezza Moreira⁸⁹⁵).

Se se comparar o número de explorações rurais eburobrienses de alguma entidade com o do *territorium* vizinho de *Olisipo*, muito mais extenso e contando com muito mais elevados valores, o panorama é, aparentemente, pobre. Considerando a proximidade e maior similitude geográfica dos *agri* de *Eborobritium* com os da *ciuitas*

⁸⁹⁴ J. Alarcão, 1988b.

⁸⁹⁵ J. B. Moreira, 2002.

de *Collipo*, com a qual constitui fronteira a norte e que detém uma área aproximadamente semelhante, o trabalho aturado desenvolvido ali por João Pedro Bernardes permitiu assinalar pouco mais de uma dezena de grandes propriedades⁸⁹⁶, comparável com o da cidade das margens da antiga Lagoa de Óbidos, levando em consideração a diferença de trabalho de prospecção que incidiu sobre ambos os espaços. É, da mesma forma, equivalente à parte centro e sudoeste da área administrativamente tutelada por *Scallabis*, sendo-lhe aliás superior, dado aí se poderem indicar no momento, e em condições similares, somente os sítios de Aveiras de Cima⁸⁹⁷, Ónias⁸⁹⁸, Almoester⁸⁹⁹ (Santarém) e Rio Maior (Rio Maior)⁹⁰⁰.

Como já Jorge de Alarcão havia referido a propósito da paucidade de vestígios entre a Serra do Montejunto e o Oceano Atlântico, a cidade de *Eburobrittium* parece, portanto, não ter exercido especial poder de atracção sobre o seu *territorium*⁹⁰¹. Sendo a concentração de vestígios mais assinalável na zona próxima ao presumível porto romano de Alfeizerão (Alcobaça), porventura devido à maior tradição na investigação daquela zona pela mão de Vieira Natividade e Eduíno Borges Garcia,⁹⁰² as explorações rurais parecem aqui aproveitar a diversidade de recursos facultados no interior do Vale Tifónico das Caldas da Rainha, agrícolas mas também marinhos⁹⁰³. Na restante área os sítios articulam-se com os pequenos vales de alguns dos cursos de água mais importantes dos concelhos do Cadaval, Bombarral e Lourinhã, onde se regista na atualidade produção viti-vinícola relevante. Resta saber, no âmbito do povoamento desta *ciuitas*, o papel desempenhado pela grande via regional alternativa *Olisipo-Conimbriga*, a que é reconhecida importância pelo Estado Romano a partir do principado de Adriano, como notou Vasco Mantas⁹⁰⁴, parecendo seguro que a ligação terrestre *Eburobrittium-Scallabis* deteve ao longo do período romano um papel bastante secundário⁹⁰⁵.

Scallabis coloca problemas de natureza bem distinta de *Eburobrittium*. A importância da cidade é assinalável nas etapas finais da República Romana e inícios do Principado, por demais evidente na data triunviral de concessão de estatuto jurídico

⁸⁹⁶ J. P. Bernardes, 1996; J. Alarcão, 1998, p.89-119, em especial 104-106.

⁸⁹⁷ Endovélico.

⁸⁹⁸ J. Alarcão, 1988b, p.116, 5/96.

⁸⁹⁹ Idem, 5/99.

⁹⁰⁰ C.F. Oliveira, 2001.

⁹⁰¹ J. Alarcão, 1988b, p.110.

⁹⁰² E. B. Garcia, 1971, p.457-462.

⁹⁰³ Ver a este propósito o texto recente de C. Fabião, 2009.

⁹⁰⁴ M. Genin, 1982, 1986, 1996, 2003-2004.

⁹⁰⁵ É esta a leitura de Ana Margarida Arruda, conf. A. Arruda, 2005.

privilegiado⁹⁰⁶, como na nomeação como cabeça conventual com Augusto. Os indicadores proporcionados pelos numerosos estudos de índole arqueológica entretanto efetuados corroboram e reforçam este entendimento⁹⁰⁷.

O estabelecimento aqui de colonos itálicos nos meados do séc. I a.C. é uma realidade inferida, documentada pela pobre epigrafia escalabitana⁹⁰⁸ mas carecendo de evidências arqueológicas mais consistentes que permitam construir uma noção da amplitude do fenómeno.

O parcelamento do território, consequência da concessão do estatuto colonial, foi primeiro detetado por Vasco Mantas⁹⁰⁹ e, depois, complementado por José Quinteira⁹¹⁰, assumindo a configuração clássica da centurição romana, utilizando como módulo a *centuria quadratta*. Presente em ambas as margens do Tejo, deverá datar da altura da primeira promoção citada, ou pouco após.

A densidade de vestígios arqueológicos de unidades de povoamento nos *agri* da *ciuitas* de *Scallabis* é, porém, ténue e muito desigual. Como se fez referência um pouco acima, as áreas sul e central da margem direita do Tejo apresentam-se pouco ocupadas, provavelmente devido à escassa aptidão agrícola dos solos, em especial nas vastas áreas dos atuais concelhos do Cartaxo, Azambuja e parte ocidental do de Santarém. Mas parece estranho que nestas, relembre-se que a oriente em contato com o rio e atravessadas pela grande via *Olisipo-Scallabis*, apresentem tão escassa evidência arqueológica, sendo portanto mais provável que esta característica resulte de insuficiências de investigação. Basta para isso atentar na quantidade de vestígios patente no concelho limítrofe de Alenquer, já no território de *Olisipo*, para intuir a apreciação produzida.

Já a margem esquerda do território escalabitano apresenta um outro panorama. O número de assentamentos rurais ativos nas duas primeiras centúrias da Era inclui o Cabeço da Bruxinha (Alpiarça), Alto dos Cacos, Vale de Tijolos, Fontanas, Eira da Alorna, Arneiro da Azeitada, Azeitada (Almeirim)⁹¹¹ e Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos)⁹¹². A concentração verificada no concelho de Almeirim é justificada pelo

⁹⁰⁶ Seguimos aqui a proposta de M. Genin, 1993a, ou a matizada leitura de A.M. Faria, 1995, que admite uma amplitude maior, até ao rescaldo de Áccio.

⁹⁰⁷ A.Arruda e R.R.Almeida, 1998, 1999; A.M. Arruda e C. Viegas, 2002a; A.M. Arruda e E. Sousa, 2003; P.Bargão, 2006; C.Pereira, 2008, R.R.Almeida, 2008.

⁹⁰⁸ A.J. Quinteira, 1996, em especial p.74 e segs; A.Guerra, 2002.

⁹⁰⁹ M. Genin, 1996, p.17, 1996 e 2002.

⁹¹⁰ A.J. Quinteira, 1996.

⁹¹¹ A.J. Quinteira, 1996.

⁹¹² G. Cardoso, 1990; J. Pimenta e H. Mendes, 2008.

intenso trabalho arqueológico de Eurico Henriques na década de '80 do século XX⁹¹³, ao elaborar a carta arqueológica concelhia de que depois se serviu José Quinteira⁹¹⁴.

Os sítios conhecidos de Almeirim e Alpiarça foram implantados em parcelas dotadas de solos de elevada capacidade agrícola, atraídos pela proximidade do Tejo e pela presença do *deuerticulum* da via *Olisipo-Scallabis* que corria ao longo da margem esquerda do Tejo, cuja importância surge testemunhada pela presença de cinco miliários de diversas épocas em Almeirim e Alpiarça⁹¹⁵, e para a qual Vasco Mantas chamou a atenção, dado estabelecer a ligação do Vale do Tejo com o norte alentejano e com a própria capital provincial⁹¹⁶.

Os assentamentos romanos escalabitanos deste lado do Tejo proporcionaram a identificação de materiais diversos datáveis do Principado, onde pontuam, entre outros elementos, as várias produções de *sigillata* que provam estarem ativos entre as últimas décadas do séc. I a.C. e os finais do séc. II d.C. Um ou outro elemento, igualmente descontextualizado, remete as cronologias para momentos anteriores a Augusto, com exceção para o Alto dos Cacos onde estes são abundantes, prefigurando este sítio uma ruptura de tipologia ocupacional entre o Período Republicano Romano e o Alto Império, como acima referimos⁹¹⁷. A descontinuidade é também evidente no Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos), dado o assentamento rural romano, e prováveis olarias associadas, se terem implantado em pontos distintos do povoado da Idade do Ferro⁹¹⁸.

É tentador, portanto, explicar a origem dos assentamentos rurais da margem esquerda do Tejo tutelados por *Scallabis* com a fixação ali dos locatários dos lotes do parcelamento⁹¹⁹, leitura que parece plausível se se atentar no Porto do Sabugueiro (Salvaterra e Magos). Fora este sítio, contudo, a ocorrência de materiais datados da Idade do Ferro e período republicano romano verificada nos restantes assentamentos levanta múltiplas interrogações: significam estes achados uma mera coincidência arqueológica ou as explorações agrárias prosseguem as suas existências respetivas na transição entre a Idade do Ferro em Época Romana? Se sim, a titularidade da propriedade mudou de mãos ao longo deste processo ou os materiais ilustram somente a

⁹¹³ Eurico Henriques, 1983.

⁹¹⁴ A.J. Quinteira, 1996.

⁹¹⁵ M. Genin, 1996 e 2002.

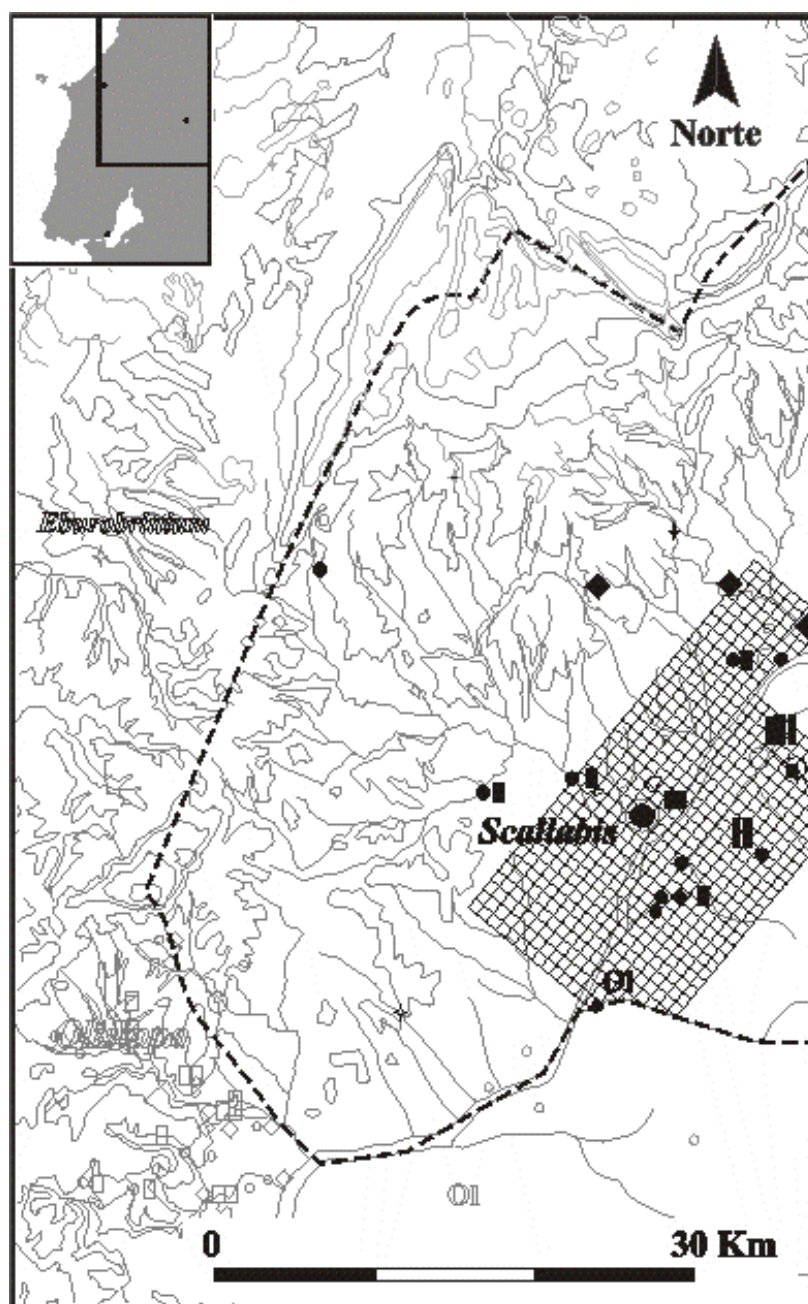
⁹¹⁶ Idem.

⁹¹⁷ J. Pimenta *et al.*, no prelo; R.B. Silva *et al.*, no prelo-b.

⁹¹⁸ J. Pimenta e H.Mendes, 2008a.

⁹¹⁹ M. Genin, 2002, p.111.

romanização dos seus detentores, consequentemente uma franja social diferenciada, autótone?



Legenda:	● Assentamento rural	■ Epígrafe	----- Limite provável da <i>ciuitas</i>
◆ Necrópole	▬ Miliário	● Sede da <i>ciuitas</i>	
✦ Achado isolado	OI Olaria	▤ Centurição teórica	

Figura 8- O povoamento romano do *territorium* de *Scallabis* (elaboração própria a partir de Jorge de Alarcão⁹²⁰, Vasco Mantas⁹²¹ e José Quinteira⁹²²).

⁹²⁰ J. Alarcão, 1988b.

⁹²¹ M. Genin, 1996 e 2002.

⁹²² A.J. Quinteira, 1996.

E, noutro sentido, o que representou para as propriedades a cadastração tardo-republicana ou dos alvares do Império? Contracção ou alargamento da área produtiva, de qualquer das formas imposta por uma nova maneira de explorar os recursos, mais intensiva? Por fim, o que explica o vazio das muitas parcelas cadastradas? Se é certo verificarem-se insuficiências de trabalho de *Arqueologia da Paisagem*, permenecendo com probabilidade vários locais por detetar, muitas serão *subceciae* ou simplesmente não chegaram a ser ocupadas; nessa sequência, esta constatação é indiciadora de que os planeadores romanos terão tido expetativas demasiado optimistas quanto ao desenvolvimento de *Scallabis*, cidade de área diminuta e que se apresenta uma perca acentuada de importância ao longo do séc. I d.C. nos indicadores fornecidos pelos estudos dos materiais arqueológicos⁹²³?

Estas são, no momento, as problemáticas mais pertinentes que se colocam ao estudo do povoamento romano dos *agri* escalabitanos, linhas de investigação a desenvolver no futuro.

A região de Lisboa faculta uma massa de informação mais vasta, motivada por diversas circunstâncias: históricas, de que destaca em épocas mais próximas a elevada densidade de ocupação dos solos; uma maior tradição da investigação do que a que foram alvo o Ribatejo e o Oeste, graças a investigadores de que destacou em data mais recente Guilherme Cardoso⁹²⁴; uma maior urbanização dos solos, provocando o aparecimento dos vestígios, mas também muitas vezes o seu desaparecimento e ocultação, o que explica, respetivamente, a densidade de vestígios verificada nos concelhos atuais como os de Cascais e Oeiras e, em sentido oposto, Lisboa.

O *territorium* de *Olisipo* foi objeto de parcelamento romano, pela primeira vez identificado na zona de Cabanas (Palmela) por Vasco Mantas na margem esquerda do Tejo, no sopé da Serra de São Luís, abrangendo uma área vasta até às margens do Tejo⁹²⁵. Trata-se de uma zona escassamente povoada, na dependência administrativa olisiponense mas certamente sob a esfera de influência de *Equabona* (Coina-a-Velha, Seixal), um *uicus* mencionado nas fontes textuais⁹²⁶. A fraca densidade de ocupação deste parcelário, cuja cronologia está todavia por determinar, sugeriu inclusivé a José

⁹²³ C. Viegas, 2003a e 2003b; P.Bargão, 2006; C.Pereira, 2008.

⁹²⁴ G. Cardoso, 1994, 1999, 2002; J. L. e G. Cardoso, 1993; G. Cardoso e I.Luna, 2005.

⁹²⁵ Conhecimento pessoal e directo obtido durante o «II Curso de formação de Técnicos em Detecção Remota» da responsabilidade da Deprom e Geometral, realizado em 1988 no ex-Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (Lisboa).

⁹²⁶ J. Alarcão, 1988a.

Cardim Ribeiro corresponder a uma zona de *adtributi*⁹²⁷, talvez inspirado em modelos de colonização verificados no norte de África no séc. III d.C.

Posteriormente, uma outra centúriação extensa foi detetada por Vasco Mantas na zona ocidental dos *agri* olisiponenses, estendendo-se fundamentalmente pelas áreas dos atuais concelhos de Sintra, Cascais e Oeiras⁹²⁸. Novamente utilizando um módulo equivalente à *centuria quadratta*, a revisão deste parcelamento foi feita por Guilherme Cardoso para as áreas indicadas em data recente, constatando-se uma distribuição relativamente regular de sítios por parcelas de quatro unidades, próximas portanto dos 200 Ha⁹²⁹.

Por fim, Guilherme Cardoso e Isabel Luna aventaram a hipótese de a área de Torres Vedras, onde se conhece intensa ocupação romana, ter sido também alvo de cadastração romana, sugerida por constâncias de orientação de diversas marcas paisagísticas⁹³⁰.

A articulação da centúriação indicada para os *agri* mais ocidentais da *ciuitas* faz avultarem, de novo, as problemáticas já indicadas genericamente para a antiguidade do povoamento do Vale Tejo na zona de *Scallabis*. Trata-se de conferir do seu significado, isto é, como interpretar as evidências de utilização dos espaços construídos que remontam à época republicana romana e anterior com um parcelamento que, em sentido genérico, deverá ter sido executado depois, na sequência da promoção municipal de *Felicitas Iulia Olisipo*, provavelmente por Octávio⁹³¹.

Mais uma vez se recordam os exemplos colhidos de uma lista mais longa, elencada acima, dos sítios de: Leião (Oeiras), ativo entre os sécs.VII/VI a.C. e meados-segunda metade do séc. I d.C.⁹³²; Oeiras, onde, sob o mosaico da *domus*, se detetaram construções dos séculos V-III a.C. e materiais de cronologia republicana e alto imperial⁹³³; Alto de Caparide (Cascais), onde se identificaram manchas de dispersão de materiais da Idade do Ferro que sugerem uma continuidade de ocupação do espaço⁹³⁴; por último, Freiria (Cascais), onde a *uilla* e respetiva necrópole se sobrepõem a bem

⁹²⁷ J.C. Ribeiro, 1994.

⁹²⁸ M. Genin, 1996.

⁹²⁹ G. Cardoso, 1999.

⁹³⁰ G. Cardoso e I.Luna, 2005.

⁹³¹ A.M. Faria, 1995; 2002.

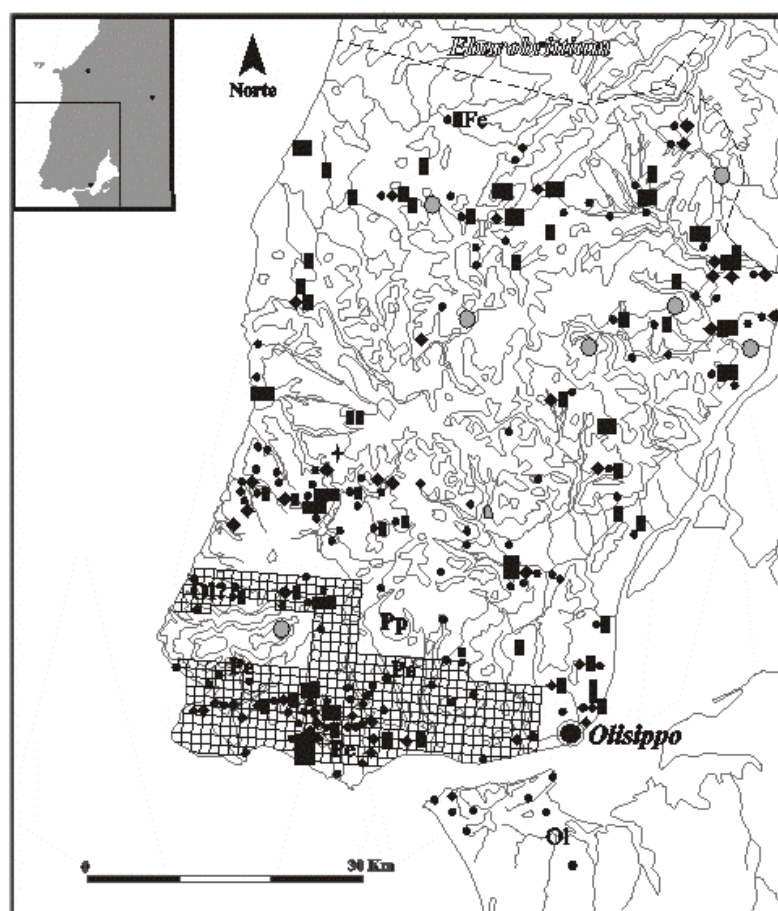
⁹³² J. L.Cardoso, 2011.

⁹³³ M. V.Gomes, J. L.Cardoso e M.C. André, 1996.

⁹³⁴ J. Cabral *et al.*, 2002.

documentadas estruturas, contextos e materiais datados do séc.VI/V a.C. e posteriores, dispersos ao longo de uma área ampla⁹³⁵.

A propósito deste último sítio, convém mencionar que a sua coincidência no interior do mesmo conjunto de quatro *centuriae quadratae* com o assentamento de Outeiro (Cascais) permanece por explicar: neste último lugar foram recolhidos à superfície tijolos de quadrante, cerâmica de importação (*terra sigillata*, campaniense, ânforas, ...) e identificado um fundo de tanque em *opus signinum*, o que levou Guilherme Cardoso a interrogar-se se não seria ali a “habitação do uillicus de Freiria”⁹³⁶. Mesmo que esta hipótese se tenha verificado num período mais avançado da Época Romana, ficam por explicar as evidências mais antigas, o que compreende os



Legenda: ● Assentamento rural	■ Epígrafe	----- Limite provável da <i>ciuitas</i>
◆ Necrópole	▬ Miliário	● Sede da <i>ciuitas</i>
✦ Achado isolado	▭ Centuriação teórica	○ Povoado (romanizado ?)
Pp Exploração	Pe Pedreira	Fe Ferraria
		Ol Olaria

Figura 9- O povoamento romano alto imperial do *territorium* de *Olisipo* (elaboração própria a partir de Jorge de Alarcão⁹³⁷, Vasco Mantas⁹³⁸ e Guilherme Cardoso⁹³⁹).

⁹³⁵ G. Cardoso e J. D'Encarnação, 1999.

⁹³⁶ G. Cardoso, 2002, p.63.

⁹³⁷ J. Alarcão, 1988b.

achados de materiais republicanos verificados em ambos os locais. O que a relação entre eles põe em questão é a densidade verificada dos vestígios nesta zona e/ou a cronologia e configuração do próprio cadastro, isto é, se se comprova que várias das ocupações encerram longa cronologia, o que significou para elas a nova modelação da paisagem e em função do momento em que esta ocorreu?

Em síntese, e porque as observações produzidas se repetem noutras zonas das áreas oriental e setentrional dos *agri*, globalmente todas as interrogações que haviam sido enunciadas a propósito da centurição de *Scallabis* se aplicam aqui na mesma medida, a despeito do muito maior grau de conhecimento das materialidades correspondentes aos assentamentos rurais romanos olisiponenses.

Repegando um pouco um trecho de outro texto já clássico sobre a matéria, de autoria de Duncan-Johnes, a propriedade fundiária romana não se limitava ao espaço do Estado e aos *fundi* dos respetivos terratenentes, tendo os santuários sido, também, importantes proprietários⁹⁴⁰.

Como Alarcão adverte no seu texto de síntese que aborda o povoamento romano em Portugal mencionado no início do presente subcapítulo, os lugares sagrados estão necessariamente presentes na paisagem, mas resultam na aplicação do método proposto pelo investigador de Coimbra como um aspeto marginal. Se é certo terem existido na *Lusitania* meridional locais de culto rurais dotados de arquitetura e epigrafia expressiva, como São Miguel da Mota (Alandroal), Santana do Campo (Alandroal) ou Alto da Vigia (Sintra), outras realidades arqueológicas mais discretas encontram também expressão no registo arqueológico, como Peroguarda (Beja)⁹⁴¹ ou Santa Bárbara (Castro Verde)⁹⁴², onde a alta concentração de cerâmica, no caso lucernas, atesta a sua existência. Neste domínio, a epigrafia olisiponense mostra um contraste marcado entre o mundo sagrado rural e urbano, devidamente assinalado por Amílcar Guerra, podendo algumas das dedicatórias assinalar centros de culto⁹⁴³.

Outra evidência arqueológica que pode indiciar a existência de locais sagrados são determinadas necrópoles rurais onde se regista grande concentração de sepulturas contemporâneas entre si que não conseguimos associar a uma exploração rural ou

⁹³⁸ M. Genin, 1996.

⁹³⁹ G. Cardoso, 1999 e 2002.

⁹⁴⁰ Duncan-Johnes, 1974, p.33 e segs.

⁹⁴¹ F.N.Ribeiro, 1959b.

⁹⁴² MG.P. Maia e M. Maia, 1997.

⁹⁴³ A.Guerra, 2003, p.141-143.

aglomerado próximo que justifique aquela densidade, como por exemplo alguns núcleos da região de Elvas⁹⁴⁴. No território em análise temos um dos melhores exemplos onde a epigrafia atesta a existência de um destes casos, ou seja, de um espaço sagrado dotado de extensa necrópole associada, conhecendo-se muito pouco de ambos, aliás. Trata-se do arqueossítio de Poço de Cortes/Olivais Sul (Lisboa)⁹⁴⁵, instalado num troço de uma das principais vias públicas do território, o *deuerticulum* do itinerário *Olisippo-Scallabis* por Sacavém (Loures). Guilherme Cardoso considerou também um outro espaço sagrado dedicado a Júpiter na Granja dos Serrões (Sintra)⁹⁴⁶. Como classificar estes locais, dado poderem ser, em simultâneo, santuários e explorações rurais? Se se considerar a totalidade das epígrafes votivas conhecidas para o *territorium*⁹⁴⁷ a percentagem de santuários/explorações rurais poderão traduzir uma realidade mais rica e complexa.

À margem dos tipos considerados nos estudos portugueses sobre a paisagem romana dominantes no momento ficam, também, os assentamentos em altura de origem anterior, que encerram importância supletiva na hora de se perspetivar a dinâmica histórica do povoamento romano Alto Imperial. Na região considerada, os locais eventualmente enquadráveis nesta categoria onde se detetaram artefatos com cronologias dos fins do séc. I a.C. ao II d.C. contam com os sítios de Almaraz (Almada)⁹⁴⁸, Castelo dos Mouros⁹⁴⁹, Santa Eufémia (Sintra)⁹⁵⁰, Torres Vedras⁹⁵¹, Castro da Serra do Socorro⁹⁵², Castro da Curvaceira de Cima, Castro do Amaral (Alenquer)⁹⁵³, Monte dos Castelinhos⁹⁵⁴, Alverca (Vila Franca de Xira)⁹⁵⁵, Castro da Columbeira, Outeiro da Assenta (Bombarral)⁹⁵⁶, Castro de Pragança (Cadaval)⁹⁵⁷, São

⁹⁴⁴ A.Viana e A.D.Deus, 1950.

⁹⁴⁵ A.V.Silva, 1944. Subscreeve-se aqui esta interpretação, primeiro avançada por Vasco Mantas – Conf. M. Genin, 1996.

⁹⁴⁶ G. Cardoso, 2002, p.87.

⁹⁴⁷ A.Guerra, 2003, vide tabelas da p.142.

⁹⁴⁸ L.Barros e F.Henriques, 2000.

⁹⁴⁹ Escassos fragmentos de 3 tigelas DraG. 27 e um prato DraG. 18 em *terra sigillata* de fabrico sudgálico- materiais inéditos recolhidos na recente intervenção dirigida por Maria João Sousa, a quem se aproveita para agradecer a possibilidade da sua divulgação.

⁹⁵⁰ G. Cardoso, 2002, p.82.

⁹⁵¹ Idem, p.120-121 e G. Cardoso e I.Luna, 2005, p.62-63 e 76.

⁹⁵² G. Cardoso e I.Luna, 2005, p.79.

⁹⁵³ G. Cardoso, 2002, p.126.

⁹⁵⁴ J. Pimenta e H.Mendes, 2012.

⁹⁵⁵ J. Pimenta e H.Mendes, 2007.

⁹⁵⁶ Deixando de parte outras referências menos específicas, foi-nos dado observar *sigillata* sudgálica aqui recolhida que se guarda no Gabinete Municipal de Arqueologia de Óbidos, aproveitando-se para agradecer a facultação do seu acesso a Dina Matias e Sérgio Pinheiro.

⁹⁵⁷ P.F.Costa e H.S.Galante, 1995, p.58-59, onde se reporta o achado de *sigillata* e de uma moeda emitida em *Turiaso* no principado de Tibério.

Mamede (Óbidos)⁹⁵⁸, Castelo de Santa Catarina (Caldas da Rainha)⁹⁵⁹, Alto do Castelo⁹⁶⁰, Cabeço da Bruxa (Alpiarça)⁹⁶¹ e Chões de Alpompé (Santarém)⁹⁶².

Os elementos disponíveis para alguns dos arqueossítios mencionados, mesmo que muito escassos e difusos, sugerem terem integrado as redes de povoamento do alto-imperial, correspondendo nalguns casos a aglomerados de relevância claramente marginal, noutros a centros de algum relêvo sobre a tutela das capitais de *ciuitas*, encontrando-se nestas últimas circunstâncias *Chretina*, independentemente da sua possível localização em Faião (Sintra), como crê Cardim Ribeiro, ou Torres Vedras, como opinam, Vasco Mantas, Jorge de Alarcão e Guilherme Cardoso⁹⁶³, ou *Ierabriga*, commumente associada a Alenquer⁹⁶⁴.

Dos restantes sabemos, na realidade, muito pouco. A sua dinâmica dos é-nos quase desconhecida, pouco trabalhada ou de fraca visibilidade arqueológica, estando alguns associados a uma ocupação de alguma vitalidade na Proto-História ou já no período republicano romano, como acontece com os casos particulares do Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira)⁹⁶⁵, Chões de Alpompé (Santarém) e Alto dos Cacos (Almeirim)⁹⁶⁶, locais onde se verificou seguramente uma presença militar.

A integração no mundo romano ocorrida ao longo dos séculos II e I a.C. parece ter tido distintos impates consoante os povoados, mostrando-se ligeira no de pequena dimensão do Castelo (Arruda dos Vinhos), onde se atestaram com maior significado objetos de luxuária de origem itálica, uma fíbula em prata e um denário perfurado, denunciando-se este último o carácter não monetário atribuído ao objeto⁹⁶⁷. Em iguais condições o Castelo de Santa Catarina (Caldas da Rainha), onde o achado de um denário romano constitui o único artefato de carácter inquestionavelmente itálico ali coletado até ao momento⁹⁶⁸. Ambos contrastam fortemente com os sítios congéneres próximos dos principais eixos de difusão de mercadorias oriundas do mundo sob o

⁹⁵⁸ Idem.

⁹⁵⁹ R.B. Silva, 1996 e 1998.

⁹⁶⁰ Conf. e P.Kalb e M. Höck, 1988.

⁹⁶¹ M. Delgado, 1981-1982.

⁹⁶² C. Fabião, 2002; J. Ruivo, 2005.

⁹⁶³ M. Genin, 1982, 1996, 2000, 2001, 2002; J. Alarcão, 2003; G. Cardoso, 2002; G. Cardoso e I.Luna, 2005.

⁹⁶⁴ J. Alarcão, 1988a, 1988b e 1994. Uma reflexão a propósito desta complexa questão foi formulada por Amílcar Guerra em textos recentes- A.Guerra, 2003 e 2012.

⁹⁶⁵ J. Pimenta e H.Mendes, 2012.

⁹⁶⁶ J. Pimenta *et al.*, 2012, p.98-101.

⁹⁶⁷ J. L.M. Gonçalves, 1997.

⁹⁶⁸ Numisma que me foi dado observar directamente pela C.M. Caldas da Rainha, agradecendo-se ao então vereador, o Arq.Jorge Mangorrinha a autorização para a utilização desta informação.

domínio romano, como são os casos óbvios dos grandes centros de Lisboa e Santarém, mas também do Almaraz (Almada), Alverca (Vila Franca de Xira) e Outeiro da Assenta (Bombarral).

O Alto do Castelo (Alpiarça) parece encerrar distinta explicação. Os elementos que permitiram classificar o sítio como estabelecimento militar romano da República, essencialmente as estruturas em talude e fosso que protegem um vasto espaço assim fortificado⁹⁶⁹, são manifestamente inconclusivos, e comprovada está apenas uma forte presença na Idade do Bronze até ao seu final⁹⁷⁰. O espaço foi, contudo, ocupado em Época Romana Imperial, mas apenas numa circunscrita zona designada como Cabeço da Bruxinha, como se pode constatar em visita ao local⁹⁷¹. Trata-se de uma área de dispersão de vestígios diminuta para a dimensão do Alto do Castelo, e poderá dar testemunho da existência de uma exploração rural de pequena entidade. Próximo, o Cabeço da Bruxa (Alpiarça) tem algum paralelo com este arqueossítio, considerando a forte presença documentada para a Idade do Bronze, mas, como assinalou Manuela Delgado, as cerâmicas passíveis de ser classificadas como de Época Alto Imperial resumem-se a um fragmento de lucerna⁹⁷² o que é, para dizer o mínimo, escasso.

Já para o Castelo dos Mouros, Santa Eufémia (Sintra), Monte do Castelinho (Vila Franca de Xira) e os castros da Serra do Socorro, Curvaceira de Cima, do Amaral (Alenquer), Columbeira (Bombarral) e São Mamede (Óbidos), o panorama sugerido pela recolha descontextualizada ou à superfície de escassos fragmentos de *terra sigillata* itálica e/ou sudgálica é o de que a intensidade da ocupação está em declínio nos inícios do Principado, porventura acentuado, tendo alguns deles sobrevivido pelo menos até ao final dos Júlio-Cláudios, desconhecendo-se por completo a forma como se organizaram as presenças humanas nesses momentos.

O que se conhece de Alverca (Vila Franca de Xira)⁹⁷³, por seu turno, não autoriza grandes ilações. Contudo, parece corresponder ao único exemplo de uma sobrevivência contínua que atingirá com vigor o Baixo-Império, restando saber se os elementos arquitectónicos revelados pelos trabalhos arqueológicos não traduzirão um outro carácter assumido pelo assentamento em Época Imperial.

⁹⁶⁹ Conf. P. Kalb M. Höck, 1988.

⁹⁷⁰ Conf. A.M. Arruda, 1994, p.57 nota 1.

⁹⁷¹ Este cabeço corresponde ao ângulo SO da área definida pelas estruturas de terrapleno mais exteriores. Em visita ao local, em Julho de 2011, era observável à superfície material cerâmico constituído sobretudo por olaria de cobertura (*tegulae e imbrices*) e cerâmica comum, ocorrência que não se verifica noutras áreas do arqueossítio.

⁹⁷² M. Delgado, 1981-1982.

⁹⁷³ J. Pimenta e H.Mendes, 2007.

Na Columbeira (Bombarral)⁹⁷⁴, dada a presença de uma *uilla* aparentemente importante próxima do castro, é lícito colocar uma hipótese alternativa de se estar perante um fenómeno como o atestado em regiões mais setentrionais da *Lusitania* como Três Rios (Tondela)⁹⁷⁵ ou Monte Murado (Vila Nova de Gaia)⁹⁷⁶, em que colonos se terão instalado no sopé do povoado e com ele desenvolveram algum tipo de relação de dependência jurídica e/ou económica. Poderá, contudo, ter-se verificado apenas uma coincidência de localização, motivada pelas especiais aptidões do local, significando-se nesse caso uma solução de ruptura na dinâmica do povoamento.

Independentemente da paucidade dos dados enunciados, uma conclusão terá que se retirar necessariamente do elenco referido: a de que nas etapas iniciais do Império Romano uma parte considerável dos povoados em altura, gerados antes e agora incluídos nos *territoria* das *ciuitates* de *Olisipo*, *Scallabis* e *Eburobrittium*, está ainda ativa, embora em acentuado declínio, devendo salientar-se a sua concentração nas áreas das faldas da Serra do Montejunto e nas zonas de penetração entre o Maciço Central Estremenho e o litoral, significativamente em zonas próximas às fronteiras administrativas.

Os três aglomerados urbanos, capitais de *cilias*, possuíam competências infraestruturais e geográficas para terem funcionado como os principais centros redistribuidores à escala dos respetivos *territoria*, dadas as respetivas aptidões portuárias e viárias, mais ou menos limitadas conforme o caso. Acresce a esta característica *Olisipo* ter detido também um importante papel enquanto centro produtor de preparados piscícolas, atividade sazonal que terá atraído a espaços percentagens de população com alguma expressão, que no momento não se sabe estimar. Mas interessa aqui mais focar o papel das três cidades clássicas no sentido hitoriograficamente mais tradicional do termo, isto é, na sua qualidade de centros consumidores⁹⁷⁷, elemento fundamental para se avaliar o significado da presença dos conjuntos de *terra sigillata* analisados.

César Carreras Monfort elaborou uma síntese sobre a demografia histórica da Época Romana na Península Ibérica em que expõe, com detalhe, a história da

⁹⁷⁴ J. Alarcão, 1988b, p.115, 5/75. Neste local, para além de uma inscrição funerária e de outros artefactos mencionados por Alarcão, foi também recolhida *terra sigillata* sudgálica e hispânica, em exposição no Museu Municipal do Bombarral.

⁹⁷⁵ J. Alarcão, 1998, p.107; 2005b, p.272.

⁹⁷⁶ A.C. F.Silva, 1983.

⁹⁷⁷ Esta perspetiva sobre a cidade antiga, por oposição à cidade produtora capitalista, foi trazida pelos textos de Max Weber, Moses Finley e Bücher, e foi objecto de reflexão crítica, entre outros, por P. Fibiger Bang (2007, p.9 e segs).

investigação sobre o tema, enunciando métodos empregues no passado como a avaliação do número de habitantes com base nas capacidades em termos de espetadores dos edifícios para espectáculos, ou dos banhos públicos, demonstradamente pouco operativos⁹⁷⁸. Refletindo a tendência da investigação contemporânea sobre a matéria, Carreras Monfort contou, no essencial, com o pressuposto do estabelecimento de uma relação entre a área ocupada pelas cidades antigas e a densidade populacional respetiva⁹⁷⁹, ponderada em função das características do edificado civil e do estatuto jurídico. Foi esta proposta de metodologia que experimentámos para *Scallabis*, *Olisipo* e *Ebburobrittium*, onde se aplicou um valor de 233 habitantes/Ha, advogada por aquele investigador para centros urbanos da dimensão dos três casos em apreço⁹⁸⁰.

As três cidades colocam problemáticas específicas na hora de estimar as respetivas áreas.

Scallabis encerra uma intensa ocupação na zona da Alcáçova, extensamente intervencionada em sucessivas ocasiões sob a direcção de Ana Margarida Arruda com Catarina Viegas⁹⁸¹ e, em menor escala, por Laurent Caron⁹⁸², que geraram uma leitura sobre esta área da cidade romana situada originalmente em torno dos 6 Ha⁹⁸³. Uma utilização funerária do espaço escavado na Rua 5 de Outubro por Helena Santos e Marco Liberato, datada do Período Alto Imperial, veio corroborar este entendimento do urbanismo antigo de Santarém⁹⁸⁴. Como o fez a detecção de vestígios de edificado romano do séc. I d.C na Rua do Sol, na área da Ribeira, em trabalhos dirigidos por Carlos Batata⁹⁸⁵, confirmando desta forma a esperada existência de um pólo de

⁹⁷⁸ C. Carreras Monfort, 1995-1996, p.59-82.

⁹⁷⁹ No texto, Carreras Monfort expõe com detalhe a história da investigação sobre o tema, enunciando outros métodos alternativos como as capacidades de espectadores dos edifícios para espectáculos, ou dos banhos públicos, que demonstra não serem totalmente operativos- Conf. *Ibidem*, p. 61-63.

⁹⁸⁰ *Idem*, p. 65. O investigador espanhol considerou como de primeira grandeza as 14 capitais conventuais hispanas, incluindo *Scallabis*, pressupondo para as restantes de segundo plano o valor que indicámos. Contudo, refere-se explicitamente à cidade ribatejana, notando ser a única para a qual não dispõe de valores, tendo-lhe atribuído a média das sedes de *conventus*, 30 Ha- Conf. *Ibidem*, p. 66. Trata-se de valor largamente exagerado em função do estágio atual dos conhecimentos, tal como os que aplicou a *Olisipo*, pelo que, em função das suas áreas, foi considerada a densidade relativa aos centros não capitais de circunscrição jurídica.

Noutro sentido, os valores mais comumente utilizados pela investigação podem situar-se bastante acima dos números estimados por Carreras Monfort. Alan Bowman e Andrew Wilson, em sintética apreciação global, criticaram a variabilidade dos valores que nalguns casos se situarão bem abaixo dos 100-150 habitantes por hectare, possivelmente em torno dos 40/60 habitantes para os pequenos aglomerados- A. Bowman e A. Wilson, 2011, p.8.

⁹⁸¹ A.M. Arruda e C. Viegas, 2003.

⁹⁸² L. Caron, 2010.

⁹⁸³ A.M. Arruda e C. Viegas, 2002 e 2003.

⁹⁸⁴ Informação inédita, facultada gentilmente pelos investigadores, a quem aqui se agradece penhoradamente.

⁹⁸⁵ C. Batata *et al.*, 2008.

povoamento urbano romano com origem na Idade do Ferro na área baixa e portuária da cidade⁹⁸⁶, neste caso de dimensão difícil de determinar, mas que, pelos constrangimentos da geografia física, não ultrapassaria os 1,5 Ha, pelo mais.

Felicitas Iulia Olisipo coloca outras dificuldades. As sínteses mais atuais sobre a cidade da foz do Tejo⁹⁸⁷, usufruindo dos resultados das intervenções arqueológicas mais recentes, mostram que a área do Castelo de São Jorge não está senão muito pontualmente ocupada ao longo do Principado, e a existência de áreas funcionais “clássicas”, confirmadas pela detecção da muralha que se poderia designar como fundacional⁹⁸⁸, cuja existência já havia sido antes intuída por Jorge de Alarcão⁹⁸⁹, mas de que desconhecemos com precisão o perímetro. Ainda assim, e aplicando uma estimativa cautelosa para a área assim definida, deveria situar-se em torno dos 10 Ha.

A definição de espaços urbanisticamente distintos, e o privilégio dado à utilização funerária ou oficial verificada no troço ribeirinho ocidental e da “Baixa Pombalina” lisboeta, forçam a que o cálculo desta zona seja feito em moldes distintos do aplicado ao *pomerium*. Assim, e considerando que a atividade piscatória e de navegação à distância se desenvolve apenas sazonalmente, em sensivelmente metade do ano, e sendo expectável que uma parte da mão-de-obra das *officinae* fosse oriunda de outros espaços geográficos próximos, propõe-se um valor correspondente a metade dos 233 habitantes/Ha propostos por Carreras Monfort para os núcleos urbanos⁹⁹⁰.

Cidade	Área Urbana aproximada (em Ha)	N.º habitantes	% população urbana na P.L.
<i>Scallabis</i>	6 (+ 1 <i>suburbium</i>)	c. 1500	29,6
<i>Olisipo</i>	10 (+ 2 <i>suburbia</i>)	c. 3050	51,9
<i>Eburobrittium</i>	5	c. 1200	18,5

Figura 10- Estimativa da densidade populacional urbana das três cidades capitais no quadro do Vale do Baixo Tejo e Oeste.

Ebburobrittium, por seu turno, está confinada a um espaço em que um dos limites é a atual autoestrada A8, que com absoluta certeza se sobrepõe ao edificado da cidade. Mas esta infra-estrutura rodoviária adossa pelo oriente a uma acentuada pendente de uma das colinas que conformam o Vale Tifónico de Caldas da Rainha, desprovida de

⁹⁸⁶ J. Alarcão, 2002; M. Genin, 2002.

⁹⁸⁷ J.C. Ribeiro, 1994; M. Genin, 1999; R.B. Silva, 1999, 2000, 2005, 2011.

⁹⁸⁸ A. Gomes e A. Gaspar, 2007.

⁹⁸⁹ J. Alarcão, 1994, p.58.

⁹⁹⁰ C. Carreras Monfort, 1995-1996, p.65.

vestígios, pelo que não é expectável uma expansão muito significativa das ruínas⁹⁹¹. O remanescente está constringido a uma plataforma que termina em socalco, equivalente à zona de interface portuário na Antiguidade, o que, no conjunto prefaz cerca de 5 Ha.

Os resultados assim obtidos, expostos na tabela *supra*, configuram uma vincada preponderância demográfica regional urbana para *Olisipo*, o que vai de encontro ao panorama histórico já definido para a dinâmica das três cidades entre os finais da República Romana e o séc. III d.C., entre outros, por Jorge de Alarcão, Vasco Mantas, Ana Margarida Arruda e Catarina Viegas⁹⁹². De igual forma, e mesmo não sendo a fonte privilegiada para o estudo destas problemáticas, o número das “marcas de oleiro” na *terra sigillata* objeto do presente trabalho comprovam a muito maior capacidade aquisitiva da cidade da foz do Tejo, como adiante se mostrará.

Um outro comentário impõe-se da leitura destes dados. Trata-se de cidades de inesperada pequenez face ao protagonismo do seu estatuto, ao desempenho económico demonstrado pelos estudos dos materiais arqueológicos nelas exumados e pela epigrafia. Outros núcleos urbanos romanos comparáveis na *Lusitânia* meridional, como Faro, com 30Ha⁹⁹³, Beja, com c.16 Ha⁹⁹⁴ ou Évora, com mais de 12 Ha⁹⁹⁵, deixando de lado maior ou menor acuidade do cálculo, parece terem concentrado um número mais elevado de habitantes, o que levanta problemáticas pertinentes. Se para o caso de *Scallabis* o propalado declínio político e económico da cidade em favor de *Olisipo*, verificado logo a partir do final do século I d.C., pode constituir explicação suficiente, se para *Eburobrittium* os dados conhecidos e a própria dimensão do seu *territorium* permitem entrever uma importância circunscrita no espaço, os mesmos argumentos não se podem aplicar à cidade do Estuário do Tejo, que requer outro tipo de interpretação.

Não é fácil aventar leituras para a reduzida dimensão de *Olisipo*, face ao que se esperaria da “*capital marítima da Lusitania*”, como a cognominou Vasco Mantas⁹⁹⁶, e segundo grande centro económico da província logo a seguir a Mérida, para Françoise Mayet⁹⁹⁷. Talvez a explicação resida na elevada ocupação suburbana e do espaço rural, esta documentada nos estudos de, sobretudo, Guilherme Cardoso⁹⁹⁸. A epigrafia das

⁹⁹¹ J.B. Moreira, 2002.

⁹⁹² J. Alarcão, 1988a, 1988b, 1994; M. Genin, 1996, 1994, 2002; A.M. Arruda, C. Viegas e M. J. Almeida (dir.), 2002; C. Viegas, 2003.

⁹⁹³ C. Viegas, 2011. Estimativa que considera a área urbana e suburbana.

⁹⁹⁴ M.C. Lopes, 2003.

⁹⁹⁵ J. Alarcão, 1987.

⁹⁹⁶ M. Genin, 1990, 1999.

⁹⁹⁷ F. Mayet, 1978.

⁹⁹⁸ G. Cardoso, 2002.

zonas de Loures, Cascais, Sintra e Torres Vedras parece concorrer neste mesmo sentido: é elevado o número de magistrados sepultados em necrópoles de âmbito rural, incluindo duúnviros e edis, como acontece também com os flâmines que com eles integravam a aristocracia local; o número de epitáfios de augustais é de igual forma significativo, mostrando a presença do segmento liberto social e economicamente bem-sucedido⁹⁹⁹; seis eméritos foram também sepultados fora do ambiente urbano, a que se deverá somar também o número muito elevado de indivíduos dotados do direito de cidadania mencionados nas inscrições funerárias¹⁰⁰⁰.

Este expressivo conjunto de elementos relativo a indivíduos que se presumem de mais elevado *status*, quando conjugado com a reduzida área da cidade de *Olisipo* que a arqueologia permite hoje entrever, confere ao espaço urbano uma importância matizada no âmbito do povoamento e da própria materialização das estruturas sociais e de poder estabelecidas no *territorium* ao longo dos dois primeiros séculos do Império Romano. Esta característica poderá ter concorrido para a transição verificada para momentos mais tardios, do séc. III d.C. em diante, altura em que as *partes urbanae* de muitas das unidades de exploração agrária são alvo de ampliação e profundas renovações arquitectónicas implicando avultados investimentos.

Na sequência da observação anterior, e na tentativa de formar uma imagem genérica da demografia da Península de Lisboa no sentido muito alargado como foi tomada no presente trabalho, foi ensaiada a contrastação dos elementos urbanos com os dados disponíveis para a área rural, bastante complexa e a requerer uma aturada e profunda revisão, como antes foi defendido.

Assim, e perante a incapacidade sentida de classificar a diversidade de sítios e achados no espaço rural em função da escassez dos dados arqueológicos disponíveis para lapso temporal de entre os finais do séc. I a.C. e os finais do séc. II d.C., e daí com plena consciência da necessária menor fiabilidade dos resultados obtidos, procurou verificar-se o peso que a componente dos *agri* poderia ter tido no consumo da *terra sigillata* alto imperial. Para tal foi adoptada a opção de reduzir os dados à sua expressão mais simplista, metodologicamente questionável e de resultado difuso, de considerar os assentamentos como uma unidade, e as necrópoles não associadas a um *habitat* como

⁹⁹⁹ J.C. Ribeiro, 1982-1983, p.159.

¹⁰⁰⁰ A perspectiva geral sobre o panorama foi de há muito traçada por J.C. Ribeiro, 1982-1983, p.151-476. Uma outra ampla leitura de elevado interesse foi elaborada por L.S. Fernandes, 1998-1999, a que se deveriam acrescentar os estudos da autoria de M. Genin, 1994, 1999 e 2002 e, com maior amplitude, A .Guerra, 2003.

indicadoras de um, presumidamente situado na sua proximidade mas ainda não detetado. Neste sentido, a opção metodológica não difere substancialmente da proposta por Carreras Monfort a que nos vimos referindo, tendo-se adoptado o número médio proposto pelo investigador catalão, de 20 habitantes por sítio¹⁰⁰¹.

<i>Agri</i>	N.º Sítios Rurais	N.º Habitantes	% População Rural na P.L.
<i>Scallabis</i> (Central, SO e SE)	14	280	8,8
<i>Olisipo</i> (Central, O e N)	84 (+2 aglomerados secundários)	1680 (+600)	70,2
<i>Eburobrittium</i>	17 (+1 aglomerado secundário)	340 (+300)	21

Figura 11- Estimativa da densidade populacional do povoamento rural das áreas das três *ciuitates* no quadro do Vale do Baixo Tejo e Oeste.

Sendo certo que o aprovisionamento de *terra sigillata* efetuado no espaço rural está sujeito a outros ritmos, de matriz geracional no sentido literal do termo, e que por essa razão não seria contínuo como nas cidades, os resultados obtidos permitem mais uma vez concluir, de forma categórica, da preponderância do espaço olisiponense como o principal mercado de destino para os vasos.

7.2. *Vias terrestres e marítimas.*

Os custos de transporte assumiram um peso fundamental na economia romana do Período Imperial, cuja consciência por parte das estruturas de poder do estado nos aparece comprovada desde o início do Principado pelas sucessivas intervenções dos primeiros Imperadores Julios-Cláudios na *annona* de Roma, imputando a esse fator o aumento no preço do cereal, procurando fomentar o transporte marítimo por diversas formas, ora custeando dispendiosas infra-estruturas portuárias, ora concedendo incentivos, benefícios e isenções fiscais ou de outras obrigações cívicas¹⁰⁰².

¹⁰⁰¹ C. Carreras Monfort, 1995-1996, p.65. Levando em linha de conta que muitos dos povoados em altura estão em declínio populacional ainda no século I d.C., como antes se viu, foram os mesmos contabilizados conjuntamente com os restantes. No que se refere aos *uici* de *Chretina* e *Ierabriga*, mas também o de Faião (Sintra), sendo manifesta a vitalidade dos dois últimos nas duas primeiras centúrias da Era, foram considerados em função das áreas de dispersão de vestígios atribuídas, e uma densidade de 120 hab./Ha, indica pelo investigador supra citado. Jorge de Alarcão defendeu a existência de um *uicus* em Sacavém, com base numa inscrição que mencionaria os respetivos *magistri*- Conf. J. Alarcão, 1988b, p.122, e 1994, p. 61. Mantas questiona se se trataria de *mutatio* ou santuário e Curchin opina que *magister* pode referir-se a cargo religioso e não administrativo- conf. V.G. Mantas, 1996 e L. Curchin 1985, p.333 *apud* J. Alarcão, 1994, p.61 e L.S. Fernandes, 1998-1999, p.45-46.

¹⁰⁰² D. Kessler e P. Temim, 2005.

Por esta razão, a óptica da investigação sobre o comércio no mundo romano vem abordando a matéria, procurando estimar os custos inerentes ao trânsito de mercadorias: Forbes estimou que o preço do cereal duplicasse a cada 100 km; Richard Duncan-Jones apurou uma proporção de 1/via marítima, 4,9/via fluvial, 34 a 42/via terrestre; A. Deman chegou a uma relação de 1/via marítima, 3,4 a favor da corrente e 6,8 contra/via fluvial, 43,3 em besta de carga e 50,72 em carroça/via terrestre¹⁰⁰³.

Os estudos demonstraram, de forma categórica, que o transporte de mercadorias por via terrestre constituiria um meio de segunda linha, muito mais oneroso e lento que os seus congêneres aquáticos, fluviais e marítimos.

Este último, em contrapartida, encerrava limitações importantes que importa sublinhar: sazonal, estava sobretudo limitado aos quatro meses do período estival, achando-se muito arriscada a navegação durante outros tantos meses, tendo inclusive o estado romano fixado o período de *mare clausum* entre os meados de Dezembro e inícios de Março¹⁰⁰⁴.

Os regimes de ventos e correntes são outro aspeto limitador do tráfego, em especial no Atlântico. Para a região em estudo, envolvida no trânsito entre o Mediterrâneo e o Atlântico, importa reter que segundo Lausentach as correntes empurram fortemente para sul entre Agosto e Dezembro, e que ventos fortes e persistentes empurram do Algarve para Cádiz em Dezembro, a uma velocidade de 21/29.9 milhas marítimas / 24h, verificando-se durante o resto do ano regimes médios e persistentes¹⁰⁰⁵.

De igual forma, e porque a marinharia antiga implicava diversos pontos de escala ao longo dos trajetos, as cargas estavam sujeitas ao pagamento de *portoria* mais pesados, que seguramente reduziam os ganhos¹⁰⁰⁶.

A diferença nos custos de transporte têm interessado mais os investigadores dedicados ao estudo do comércio inter-provincial romano, dado que uma parte relevante deste envolveu produtos alimentares, facilmente rastreáveis através das ânforas que os envasavam.

Associados a estes contentores, *dolia*, metal, cerâmica de construção e produtos embalados em saca, as “mercadorias finas”, abrangendo *sigillata*, cerâmica de paredes

¹⁰⁰³ R. Morais, 2005, p.41.

¹⁰⁰⁴ Idem.

¹⁰⁰⁵ S. Daveau, 1998, p.57.

¹⁰⁰⁶ Algumas ocorrências arqueológicas de concentração cerâmica em âmbito portuário deverão equivaler às descargas de mercadorias inutilizadas, com o objetivo de não serem contabilizadas pelo fisco- Conf. M. Rhodes, 1989.

finas, lucernas ou terracotas, circularam subsidiariamente no interior dos navios de curso mais longo. Os casos dos naufrágios que transportavam *sigillata*, desde o exemplo ainda tardo-republicano equivalente ao Planier 1¹⁰⁰⁷, aos já datados do Principado como Grand-Ribaud D¹⁰⁰⁸, Port Vendres II¹⁰⁰⁹, Dramond D¹⁰¹⁰ e Planier 3¹⁰¹¹, dão fundamento a esta leitura. Mesmo no Cala Culip IV, uma pequena embarcação envolvida na redistribuição regional, as várias centenas de cerâmicas finas não invalidam a eventual importância decisiva do produto alimentar que se encontrava nas ânforas Dressel 20 reutilizadas para o seu envase¹⁰¹².

A comercialização da classe cerâmica fina objeto de estudo neste trabalho coloca, porém, problemáticas próprias, bem distintas das que encerram os contentores alimentares, porque obedece a outras lógicas: os exemplos do escoamento primário da produção de La Graufesenque em direcção à costa ou a rápida difusão terrestre da produção do complexo de La Rioja no âmbito ibérico, em ambos os casos amplos sucessos comerciais, provam-no de forma irrefutável. Na realidade, se considerarmos os pesos equivalentes de uma ânfora cheia e de uma embalagem de vasos de *sigillata*, o balanço dos ganhos deveria ser claramente favorável às cerâmicas finas, e assim se entende a sua presença em pontos onde os contentores anfóricos rareiam.

É certo que o transporte terrestre por grosso comporta, ele próprio, limitações técnicas importantes, tendo Foraboschi estimado um limite máximo de 429 kg transportado por uma carroça de jugo, dados os condicionalismos impostos pelo sistema de arreios das bestas¹⁰¹³. Mas, para o sistema redistributivo a partir de pontos receptores portários, como o que teve lugar na Península de Lisboa, o transporte através de itinerários viários não oferecia especiais dificuldades¹⁰¹⁴, e podia ser executado por carro ou no costado de besta, o que terá permitido que parte dele tivesse sido eventualmente executado pela mão por vendedores itinerantes como os que terão

¹⁰⁰⁷ M. L'Hour, 1984, p.62; M. Corsi-Sciallano e B.Liou, 1985, p.24-25.

¹⁰⁰⁸ A. Hesnard *et al.*, 1988, p.89.

¹⁰⁰⁹ D. Colls *et al.*, 1977.

¹⁰¹⁰ M. Rhodes, 1989, p.50.

¹⁰¹¹ A. Tchernia, 1969.

¹⁰¹² Conf. J. Nieto Prieto, 1989, J.Nieto Prieto *et al.*, 1989 e J. Javier Nieto e A.M. Puig, 2001.

¹⁰¹³ R. Morais, 2005, p.51.

¹⁰¹⁴ Apetecendo a este propósito citar Vasco Gil Mantas, 1996, p. 915: “Mas, a técnica e a economia voltavam a agir contra a construção de calçadas de estrutura espessa pela simples razão de que o transporte feito por bestas de carga, nomeadamente burros e mulas, não só era relativamente barato, não excedendo, provavelmente, os 4 denários por milha para uma carga de 300 libras, como se processava facilmente sem necessidade de autênticas estradas, pois se satisfazia da melhor forma com *viae terrenae* e mesmo com simples veredas”.

operado na zona de Pompeia¹⁰¹⁵, ou através de pequenas embarcações servindo-se do intrincado sistema da rede hidrográfica franqueável pelo Tejo ou pelo mar.

A este propósito, Vasco Mantas sublinha a importância do transporte fluvial, reportando os dados do *Édito do Máximo*, onde o custo de um carro carregado com 1200 libras custava 20 denários por milha, enquanto que pelo rio, e a favor da corrente, custava um denário por módio (equivalente a 32 libras), para um transporte por 20 milhas, o que significa que o transporte terrestre custava segundo o texto dos alvores do Baixo-Império cerca de onze vezes mais que o fluvial¹⁰¹⁶.

Estas condições prévias condicionaram a estrutura do povoamento, sendo condição locativa prévia à instalação ou desenvolvimento das unidades de exploração agrária destinadas a escalas produtivas bem para além dos níveis de autoconsumo, encerrando a rede de comunicações um papel determinante na forma como se desenvolveram ao longo dos séculos de dominação Romana, com claros indícios de antecedentes anteriores.

É ainda Vasco Mantas que relembra que foi de *Olisipo* que Décimo Júnio Bruto iniciou a sua marcha pelo Vale do Tejo, dominando o troço inicial de dois itinerários de penetração para o Norte e facultando uma atividade portuária essencial ao abastecimento do exército em campanha, tendo Júlio César feito o mesmo, embora optando por um trajeto pelo litoral. Ambos os itinerários, percorrendo o Maciço Central Estremenho e a área costeira, estarão na origem quer da via *Olisipo-Scallabis-Conimbriga-Cale-Braccara*, quer da alternativa que, pelas zonas de Sintra e Torres Vedras passará por *Ebburobrittium-Collipo* até atingir *Conimbriga*, aí confluindo com a anterior: as principais campanhas militares que tiveram lugar na República, percorrendo itinerários seguramente já antes percorridos, acabam por dar origem aos dois principais eixos de comunicação terrestre da região em estudo.

Será, contudo, com o advento do Principado que se iriam melhorar alguns destes caminhos transformando-os em verdadeiras estradas, adquirindo expressões construtivas mais coerentes e estruturadas, tendo em vista uma agenda política própria de Roma própria, de claros objetivos administrativos e ideológicos¹⁰¹⁷.

Embora com outros contributos, e como se vem percebendo do discurso produzido, o essencial da investigação recente vem sendo desenvolvido por Vasco

¹⁰¹⁵ J. Theodor Peña e M. MacCallum, 2009.

¹⁰¹⁶ M. Genin, 1996, p.915.

¹⁰¹⁷ Idem, p.916.

Mantas, que se debruçou sobre a matéria de há longa data, detalhando itinerários e trajetos em estudos de amplitude geográfica variável, ora estritamente tópicos ora a grande escala¹⁰¹⁸. De todos eles transparece uma rede densa de comunicações viárias, de importância variável, onde *Olisipo* assoma como um dos vértices fulcrais do sistema viário hispano implantado no Alto Império, dela partindo eixos fundamentais em direcção ao Norte, Sul da Lusitânia e Mérida, mas também *Scallabis*, como *caput* viário de parte destes trajetos, igualmente conetado às partes meridionais da *prouincia* e do “*hinterland*” lusitano em ligação com a rede hidrográfica do Alto Tejo hoje português.

Integram este sistema o que com propriedade se designa por *uiae publicae*, como os trajetos e *deuerticulae* da estrada *Olisipo-Scallabis*, a *uia Olisipo-Ebburobrittium-Colipo-Conimbriga*, a que parece ter sido reconhecida a devida importância a partir do principado de Adriano¹⁰¹⁹, como provavelmente também o itinerário *Scallabis-Eburobrittium* e a *uia* claramente secundária que conetava *Olisipo* com a região costeira norte da foz do Tejo correspondente aos atuais concelhos de Oeiras e Cascais, neste caso se se tiver em mente a existência de várias obras-de-arte assinaladas no seu trajeto, os recursos que proporcionava e a densidade do povoamento ali patente.

Outros eixos de importância menor à escala do território compunham as ligações entre diversas outras parcelas do povoamento. Nalguns casos, como Guilherme Cardoso demonstrou para a área de Cascais-Oeiras, poderiam ser constituídas por meras *uiae uicinales*, algumas das quais compondo os *limites* de parcelas centuriadas dos *agri*¹⁰²⁰. Noutros, como Mantas evoca¹⁰²¹, tratar-se-ia de meros caminhos de montanha como os que estabeleciam o atravessamento das Serras de Mira de Aire e Candeeiros, que hipoteticamente podem ter servido na Época Romana rotas de transumância pastoril de que a frequente presença de materiais romanos nas grutas e abrigos do Maciço Central constituem um eventual indício¹⁰²².

¹⁰¹⁸ Idem, sobretudo 1986, 1996, 1998, 2000, 2002, 2004, 2012.

¹⁰¹⁹ Idem, 1983.

¹⁰²⁰ G. Cardoso, 1998.

¹⁰²¹ Conf. M. Genin, 1996.

¹⁰²² A.C. Araújo e J. Zilhão, 1991; R.B. Silva, 1998.

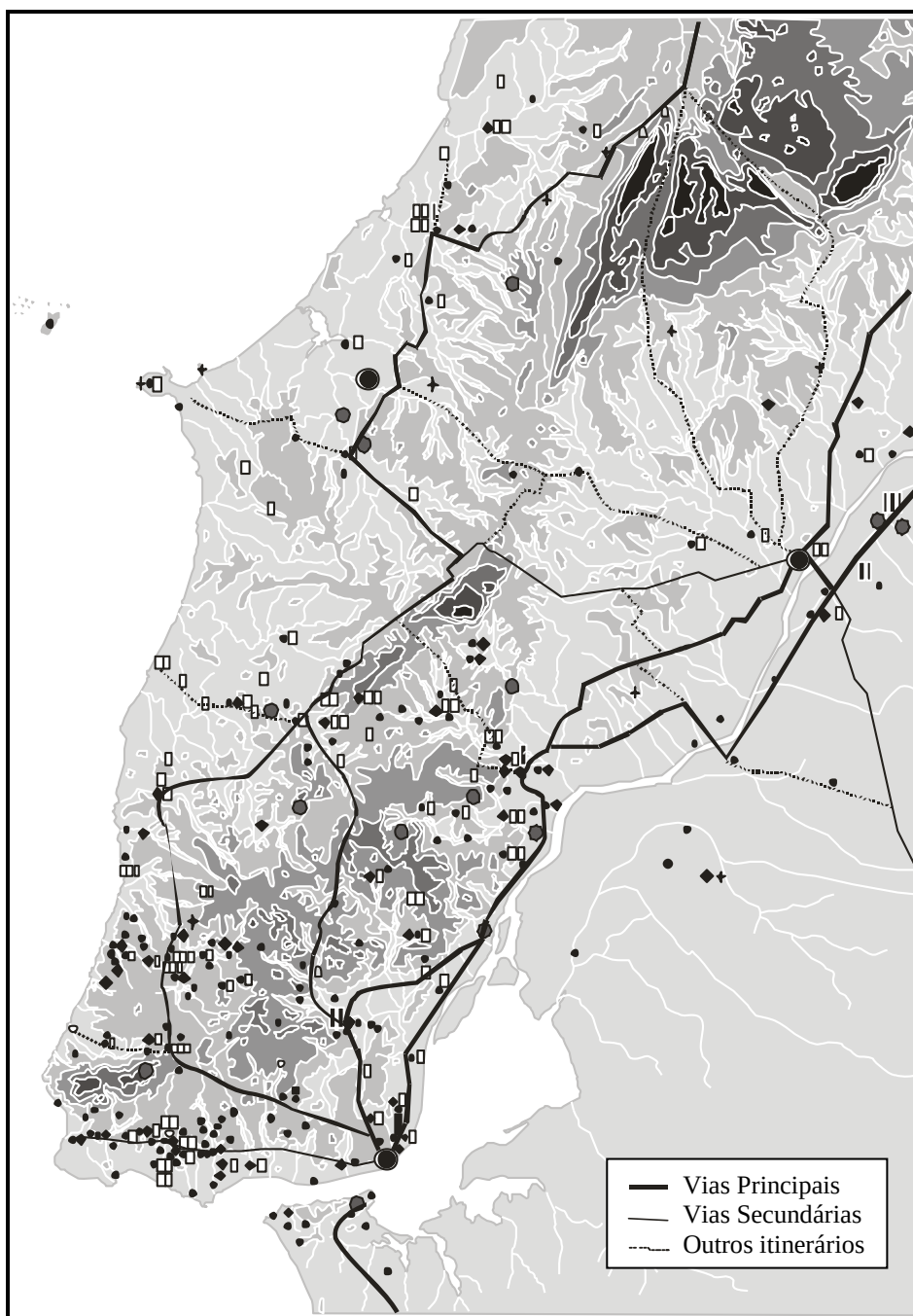


Figura 12- Síntese da rede viária da região considerada (segundo Vasco Mantas¹⁰²³).

A extensão e detalhe dos estudos de Mantas conformou, como se disse, a leitura atual do panorama viário da Península de Lisboa como aqui foi entendida (vide Figura 12, *supra*). Dela ressalta a procura de articulação de pontos portuários fluviais e marítimos com o sistema terrestre: assim acontece com Lisboa e Santarém, pontos fulcrais do principal eixo viário da região como se aludiu antes, mas também, e a uma outra escala, com *Eburobrittium* e o porto que terá existido na zona de Alfeizerão,

¹⁰²³ M. Genin, 1993b, 1996, 2002, 2004 e 2012, com ligeiras adaptações.

talvez a *Araduta* mencionada por Ptolomeu de acordo Mantas¹⁰²⁴, que mostra atomizar claramente o povoamento disperso no limiar norte do *ager* desta *ciuitas*.

O mesmo princípio se aplica aos pontos portuários taganos de menor entidade, como Cacilhas (Almada), Alverca, Povos (Vila Franca de Xira), Escaroupim ou o Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos). Nestas mesmas circunstâncias os pontos de penetração da orla costeira atlântica servidos por cursos de água, de que a Ribeira de Colares e os rios Sizandro, Arnóia e Real sugerem ter constituído os de maior relêvo, em função da distribuição dos assentamentos romanos repertoriados, embora aí o aproveitamento da fertilidade dos vales respetivos pareça ter sido o fator determinante da sua fixação (vide Figura 13, *infra*).

Em data recente, Maria Luísa Blot afluorou a temática da rede portuária portuguesa, tendo sintetizado o essencial da informação disponível¹⁰²⁵. Retomando o trabalho de Orlando Ribeiro acerca do período entre os séculos XII e XVI, Blot definiu três complexos portuários marítimos no país, dois dos quais localizados na Península de Lisboa: o da Estremadura e o dos Esteiros do Tejo¹⁰²⁶. A evidência arqueológica de Época Romana a este respeito é, porém, escassa.

Integrariam o primeiro grupo os portos da Pederneira e Cós, São Martinho do Porto, Alfeizerão e Salir, Óbidos, Peniche, Baleal, Atouguia e Lourinhã, e o segundo, Santo Antão do Tojal, Loures, as salinas de Frielas, Sacavém e Barroca de Alva¹⁰²⁷.

Em Pedrógão (Alfeizerão, Alcobaça) Pedro Barbosa escavou na década de ´80 um importante arqueossítio com uma área de dispersão de vestígios estimada em cerca de 60000 m², de onde terão sido antes detetados, para além de materiais cerâmicos, quatro inscrições funerárias e o conhecido sarcófago de Alfeizerão¹⁰²⁸.

Para além deste lugar, no restante Vale Tifónico das Caldas da Rainha são frequentes os vestígios romanos, como relevantes as referências documentais históricas posteriores à exploração de recursos marinhos, de que se destaca o sal: lembrem-se as múltiplas ocupações detetadas em áreas equivalentes a potenciais interfaces aquáticos repertoriadas por José Beleza Moreira¹⁰²⁹, a que se deverão acrescentar os

¹⁰²⁴ Idem, 1996.

¹⁰²⁵ M.L. Blot, 2003.

¹⁰²⁶ Idem, p.157.

¹⁰²⁷ Idem.

¹⁰²⁸ Cf. J. Alarcão, 1988, p.113.

¹⁰²⁹ J.B. Moreira, 2002, p.50, fiG. 8.

assentamentos romanos detetados em Reguengo de Parada (Caldas da Rainha)¹⁰³⁰, Quinta da Ferraria (Óbidos) e São Mamede (Óbidos)¹⁰³¹, ou que, ainda no séc.XIII se procedia no mesmo espaço ao aluguer da “*Ilha Plagia*”, na foz do Rio de Salir, para a exploração de salinas¹⁰³².

Prosseguindo um trajeto pela costa atlântica, os dados referentes a Peniche, Baleal e Atouguia da Baleia, de onde se conhecem elementos mais ou menos expressivos e/ou trabalhados, mostram bem a vitalidade do tráfico ali verificado em Época Romana¹⁰³³, o que se fundamentará, apra além de outros argumentos, pelas caraterísticas geográficas da área, um dos escassos troços da linha costeira desprovido de arribas altas do Portugal Litoral Médio assim definido por Orlando Ribeiro, H.Lausentach e Susanne Daveau¹⁰³⁴.

Mais a sul, nas proximidades da Lourinhã e Santa Cruz (Torres Vedras) verificou-se a ocorrência de artefatos e epigrafia funerária, elementos não necessariamente articulados com o trânsito aquático ou o desenvolvimento de atividades piscatórias em escala¹⁰³⁵. Nas mesmas circunstâncias a Ericeira (Mafra), importante centro pesqueiro na Idade Média e Época Moderna, que teve ocupação romana. A escassez dos vestígios, resumidos a dois epitáfios, a uma ara devotada a *Fontibus* e à notícia, vaga, da ocorrência de cerâmicas no aro da vila, a que se vieram juntar mais alguns fragmentos coletados na periferia, na Rua do Joinal, é manifestamente insuficiente para que se possa aventar ter detido similar relevância em Época Romana, ou sequer que ali tivesse tido lugar uma unidade de transformação de pescado, como aventaram Dias Diogo e Carlos Costa¹⁰³⁶.

Ainda no flanco costeiro ocidental da Península de Lisboa, a Ribeira de Colares constituía um ponto de penetração a partir do Oceano. Deixando de parte o importante santuário ao Sol e à Lua do Espigão das Ruivas (Sintra), a que nos referiremos adiante, e para além dos arqueossítios implantados na fértil bacia do talvegue, deverá salientar-

¹⁰³⁰ Das imediações é oriunda uma estela funerária da primeira metade do século I d.C. de uma *Terentia Laura*, publicado por José D’Encarnação e Conceição Lopes (1991). Os autores referem-se à existência de uma necrópole, e o local apresenta vestígios de um assentamento, muito destruído pela implantação de vivendas, e visitado pelo autor em 2003. Em visita posterior, Luís Carlos Serrão Gil, então aluno da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, recolheu cerâmica comum e um bordo com colo e arranque de asa de ânfora do tipo “Dr.7/11” de fabrico atribuível à olaria do Morraçal da Ajuda (Peniche), materiais que supomos terem sido depositados na Câmara Municipal das Caldas da Rainha.

¹⁰³¹ A.Monteiro e S.Pinheiro, 2006. Este último não equivale aos achados romanos feitos na área próxima do Outeiro de S.Mamede mas a um outro ponto, mais para orientE.

¹⁰³² V. Rau, 1951, p.37-38 *apud* C. Fabião, 2008.

¹⁰³³ G. Cardoso, J.L. Marques e S. Rodrigues, 1998; G. Cardoso e S. Rodrigues, 2005; R. Venâncio, 2005; A. Paço, 1957; J. Bugalhão e S.Lourenço, 2005 e no prelo. Conf. também C. Fabião, 2008.

¹⁰³⁴ Vide Idem e H. Lausentach *et al.*, 1987, p.165, fiG. 2..

¹⁰³⁵ J.B. Moreira, 2002, p.40 e 45; J. Alarcão, 1988, 5/107; G. Cardoso, 2002.

¹⁰³⁶ A.M.D. Diogo e C.H. Costa, 2000.

se o achado de duas ânforas Dressel 14 lusitanas intatas no Mucifal (Sintra)¹⁰³⁷, passíveis de ser interpretadas como resultado da laboração de olaria mas que podem, de outra forma, constituir antes um testemunho de atividades portuárias próximas.

Toda a margem direita do Tejo, entre Cascais e Lisboa, apresenta numerosos talwegues. A faixa marginal foi, porém, muito afetada pela intensa urbanização, que poderá ter destruído ou ocultado muitos vestígios não referenciados. Ainda assim, a presença na área da Cidadela de Cascais de uma unidade de transformação de produtos piscícolas¹⁰³⁸ poderá ilustrar um panorama originalmente mais rico. Contudo, a densidade aqui de povoamento romano faz-se sentir sobretudo a cotas mais elevadas, a partir da cota 50m, apartadas das margens, parecendo ter-se procurado manter a distância dos “*maus ventos*” marítimos¹⁰³⁹.

Já internado no interior do Vale do Tejo, o Rio Trancão formava uma baía na sua foz ainda na Idade Média, facultando especiais condições de ancoragem para as embarcações. Tanto quanto mostra a documentação medieval e moderna, todo o seu curso foi navegável num longo trajeto, estando referenciados pontos de acostagem e transbordo de mercadorias em locais como Unhos, Frielas, Tojal e Camarate¹⁰⁴⁰. Estas facilidades poderão ter influenciado as escolhas dos locais dos assentamentos rurais, na medida em que nos três primeiros sítios mencionados estão documentadas ocupações de Época Alto-Imperial. Neste mesmo sentido, a interpretação como *caetaria* de um tanque forrado a *opus signinum* revelado nos trabalhos arqueológicos da *uilla* de Frielas¹⁰⁴¹, comprovaria o aproveitamento dos recursos estuarinos e, necessariamente, o trânsito de embarcações de pequeno calado, sugerido por referências difusas ao achado dos seus vestígios na Várzea de Loures¹⁰⁴². Contudo, e considerando as características da referida construção, sobretudo o fato de não estar arquitetonicamente articulada com outras análogas, pode também corresponder a uma estrutura de caráter hidráulico ou agrícola. Seja como for o sistema hídrico do Trancão poderá ter funcionado na Época Alto-Imperial como eixo de circulação de embarcações pequenas ligadas à atividade produtiva das unidades de exploração agrária, complementadas pela passagem na área do principal itinerário terrestre da região considerada.

¹⁰³⁷ F.C. Pimenta, 1982-1983.

¹⁰³⁸ G. Cardoso, 2002.

¹⁰³⁹ Idem; J. D’Encarnação e G. Cardoso, 1992-1993.

¹⁰⁴⁰ J. Gaspar, 1970, p.159 *apud* ; A.F. Carvalho e F.S. Almeida, 1996, p.139-140.

¹⁰⁴¹ A.R. Silva, 2003, 2004 e 2012.

¹⁰⁴² A.F. Carvalho e F.S. Almeida, 1996, p.140.

Na zona da Castanheira do Ribatejo e Alenquer, os rios Grande da Pipa e de Alenquer, que registam elementos e características análogas às do Trancão, poderão ter detido um papel similar, ainda indemonstrável.

Tendo assumido distintas escalas, a navegação na área em causa terá sido praticada no que se designa em termos de marinharia por navios e embarcações. A evidência arqueológica direta de suporte destas realidades é porém exígua, e resume-se à notícia vaga feita por Eduíno Borges Garcia à ocorrência de madeirames soterrados de cronologia indeterminada no espaço interior da antiga Lagoa da Pederneira (Nazaré e Alcobaça)¹⁰⁴³, ao conjunto de pregaria com vestígios de madeira de data indeterminada coletados junto a São Martinho do Porto (Nazaré), que se conservava em exposição no antigo Liceu das Caldas da Rainha¹⁰⁴⁴, e, como se viu já, a outras notícias difusas similares da área da Várzea de Loures¹⁰⁴⁵. De outro âmbito será o achado subaquático de ânforas béticas Haltern 70 e de *sigillata* em Cortiçais (Peniche), interpretado como restos de um navio¹⁰⁴⁶, sítio que porém pode ter outras leituras dada a ausência até ao momento de madeirames associados, nomeadamente a hipótese de se tratar de um descarte de carga.

A evidência arqueológica que se reporta ao trânsito aquático tagana, para além da indireta encontrada em contexto terrestre, é composta pelos achados repertoriados de ambiente subaquático. Neste último domínio, os vestígios encontrados no leito do rio atestam intenso tráfico e, de forma assaz expressiva, dão base material aos trechos patentes nos textos da Antiguidade referentes à sua navegabilidade, em particular à capacidade do curso de água comportar o trânsito de navios de grande porte até Santarém, mencionados por Estrabão¹⁰⁴⁷.

Procurando elencar de forma sucinta os elementos disponíveis: próximo da foz da Ribeira de Algés, na zona de Caxias (Oeiras), os pescadores da Trafaria recolheram uma asa, um bocal e uma ânfora completa do tipo Haltern 70 oriundas do Guadalquivir¹⁰⁴⁸; no interface ribeirinho de *Olisipo*, em ambiente de leito fluvial, foi coletado um numeroso conjunto cerâmico, onde estão representadas sobretudo produções anfóricas

¹⁰⁴³ E.B. Garcia, 1970.

¹⁰⁴⁴ Material inédito observado directamente em 1995.

¹⁰⁴⁵ A.F. Carvalho e F.S. Almeida, 1996, p.140.

¹⁰⁴⁶ J-Y. Blot *et al.*, 2005.

¹⁰⁴⁷ *Geographia* III,1,1- transcrito por numerosos autores, coteje-se Justino Maciel (1994).

¹⁰⁴⁸ Destes achados, uma asa, um bocal e a ânfora, foi elaborado um poster pelo próprio e Marco Calado apresentado ao Colóquio «A navegação na Costa Atlântica em Época Romana» (Peniche, 16-18 de Novembro de 2006), entregue o texto respetivo atempadamente, cuja publicação prometida publicação *on-line* a edilidade de Peniche persiste em não disponibilizar por razões que se desconhecE.

do séc. II a.C. ao séc. V-VI d.C. na Praça do Município¹⁰⁴⁹ e Pátio do Ministério de Marinha¹⁰⁵⁰; da área entre Alhandra e Vila Franca de Xira publicou José Carlos Quaresma uma diversificada colecção de ânforas cobrindo um largo espectro temporal que inclui tipos como a Dressel 1A itálica, Lomba do Canho 67 e Dressel 14¹⁰⁵¹; no Porto Sabugueiro (Salvaterra de Magos) efetuou Guilherme Cardoso uma campanha subaquática no final da década de 1980, de que publicou um pequeno conjunto de ânforas de produção local, regional e importadas, sobretudo de cronologia Alto-Imperial¹⁰⁵². O panorama arqueológico subaquático do rio é, porém, muito mais vasto, e inclui uma numerosa panóplia de pontos e de colecções recolhidas sem controlo arqueológico, conservadas inéditas sem o devido acautelamento¹⁰⁵³.

De todos estes locais, Porto do Sabugueiro merece uma menção peculiar, pelo significado que pode encerrar no quadro do trânsito fluvial do Tejo em Época Romana. A importância do sítio é de há muito conhecida, e no local identificaram-se artefatos da Idade do Ferro que dão testemunho do elevado *status* de uma parte da população residente no povoado¹⁰⁵⁴. A visita efetuada ao local em inícios de 2011 permitiu a observação nas margens ribeirinhas de grande volume de cerâmica, na sua maioria muito fragmentária¹⁰⁵⁵, exumada pelas atividades extrativas na área. Cobrindo um lapso temporal que abarca ainda a I Idade do Ferro, menos representada, é ali elevada a quantidade de artefatos das Épocas Romana Imperial, Idade Média e Época Moderna, só explicável pelo importante papel portuário desempenhado pelo Sabugueiro nesses

¹⁰⁴⁹ J. Muralha e M. Leitão, 1999.

¹⁰⁵⁰ A. Sabrosa e V. Santos, 1993.

¹⁰⁵¹ J.C. Quaresma, 2005.

¹⁰⁵² G. Cardoso, 1990.

¹⁰⁵³ A atividade de extracção de areias, sobretudo entre Escaroupim e Santarém, é intensa e facultada a recolhas de espólio diverso aos amadores, sobretudo e infelizmente detectoristas residentes em locais como Benfica do Ribatejo e Santarém, de que tivemos testemunho oral indirecto, informação devidamente canalizada para a Brigada de Arte da Polícia Judiciária: entre as colectas salientem-se as ocorrências de numerosos fragmentos de material de construção, cerâmica comum e ânforas nas áreas do Escaroupim, Ponte D. Amélia, Porto do Sabugueiro e Ponte Salgueiro Maia. Consta a recolha num mesmo ponto de, pelo menos, três recipientes intactos em *sigillata* africana A e C (neste caso um prato fragmentado mas completo da forma Hayes 50- A?) na área de Muge (Salvaterra de Magos), que sugere a existência de significativos contextos subaquáticos.

¹⁰⁵⁴ Para além dos escaravinhos egípcios engastados que se conservam no Museu Hipólito Cabaço (Alenquer), deverá salientar-se a quantidade elevada de contas de pasta vítrea revelada pelos trabalhos recentes de João Pimenta e Henrique Mendes (2008a). Consta, também, a recolha por detectoristas de numeroso espólio metálico, entre o qual três arrecadas de ouro, duas das quais entretanto vendidas para fora do país, permanecendo a terceira na posse de um técnico de arqueologia de Torres Novas, informação oral que, contudo, não conseguimos comprovar.

¹⁰⁵⁵ Na referida visita foi-nos dado observar fragmentos de ânforas béticas do tipo Haltern 70, Dressel 7/11 e Dressel 20, elaborações africanas indetermináveis e lusitanas dos tipos “lusitana antiga”, Dressel 14, Almagro 51c, numerosa cerâmica comum, olaria de construção e raros fragmentos de placas de revestimento em lióz da região de Lisboa.

momentos, o que as importações anfóricas publicadas por Guilherme Cardoso já haviam sugerido¹⁰⁵⁶.

De fato, se parte das ocorrências se pode explicar pelo provável funcionamento de uma unidade produtiva no Porto do Sabugueiro que terá compulsado ânforas e outra olaria durante o Alto Império, as importações cerâmicas só fazem sentido no quadro de descartes verificados no trânsito fluvial. Contudo, apresentado-se os dados da investigação num estágio tão incipiente, está por determinar a real dimensão do Sabugueiro no quadro do tráfico fluvial, que deverá ser colocada em relação com os eventuais regimes do rio ao longo do ano, por hipótese constituindo um ponto de transbordo de mercadorias alternativo a Santarém. Assim talvez se explicasse, de igual forma, a sua estratégica inserção no *deuerticulum* da margem esquerda do Tejo da estrada *Olisipo-Scallabis*, igualmente ponto de confluência de um itinerário que estabelecia a ligação com o Vale do Sorraia e a zona de Coruche, a sul (vide Figura 12, *supra*).

A navegação oceânica, por sua vez, poderá ter exigido estruturas de sinalização costeiras, nomeadamente faróis, torres ou fachos, mas nada chegou aos nossos dias, vestígios estruturais ou referência textual. Destas, a mais próxima reporta-se à *Turris Salaciensis* mencionada por Artemidoro¹⁰⁵⁷, que se situaria na área do estuário do Sado, no Outão (Setúbal), Cabo Espichel (Sesimbra)¹⁰⁵⁸ ou Tróia (Grândola), de acordo com Jorge de Alarcão sendo possível supor-lhe o nome alternativo de *Turris Caepiana*¹⁰⁵⁹. Assinalando o final do *sinus salaciensis* dos escritores clássicos, esta *turris* marcaria a aproximação ao *sinus olisiponensis* pelos navegantes, enseada que se desenvolvia entre o Espichel e o Cabo da Roca.

Tendo presente a importância que a rota atlântica deteve em Época Imperial¹⁰⁶⁰, que se manifesta infra-estruturalmente no investimento que representou a construção de um farol da dimensão da Torre de Hércules (La Coruña), aliás conduzida por um lusitano, hipoteticamente é admissível que outras construções desta natureza, com probabilidade de menor escala, tenham sido edificadas na orla costeira da Península de Lisboa e do Oeste. No caso do santuário ao Sol e à Lua do Espigão das Ruivas (Sintra), erguido num promontório costeiro sobre a Ribeira de Colares, não é de descartar que ao

¹⁰⁵⁶ G. Cardoso, 1990.

¹⁰⁵⁷ J. Alarcão, 2010, p.118.

¹⁰⁵⁸ Idem, 2004, p.317-318.

¹⁰⁵⁹ Idem, 2010, p.120.

¹⁰⁶⁰ Vide sobretudo C. Fabião, 2009; M. Genin, 2003, 2003-2004.

espaço sagrado estivessem agregadas acessoriamente funções de orientação à navegação, que um simples facho, de escassa visibilidade arqueológica, poderia facultar. Algumas *uillae* costeiras da região poderiam também ter servido de pontos de apoio e/ou sinalização, como se verifica na costa algarvia com a do Cerro da Vila (Loulé)¹⁰⁶¹.

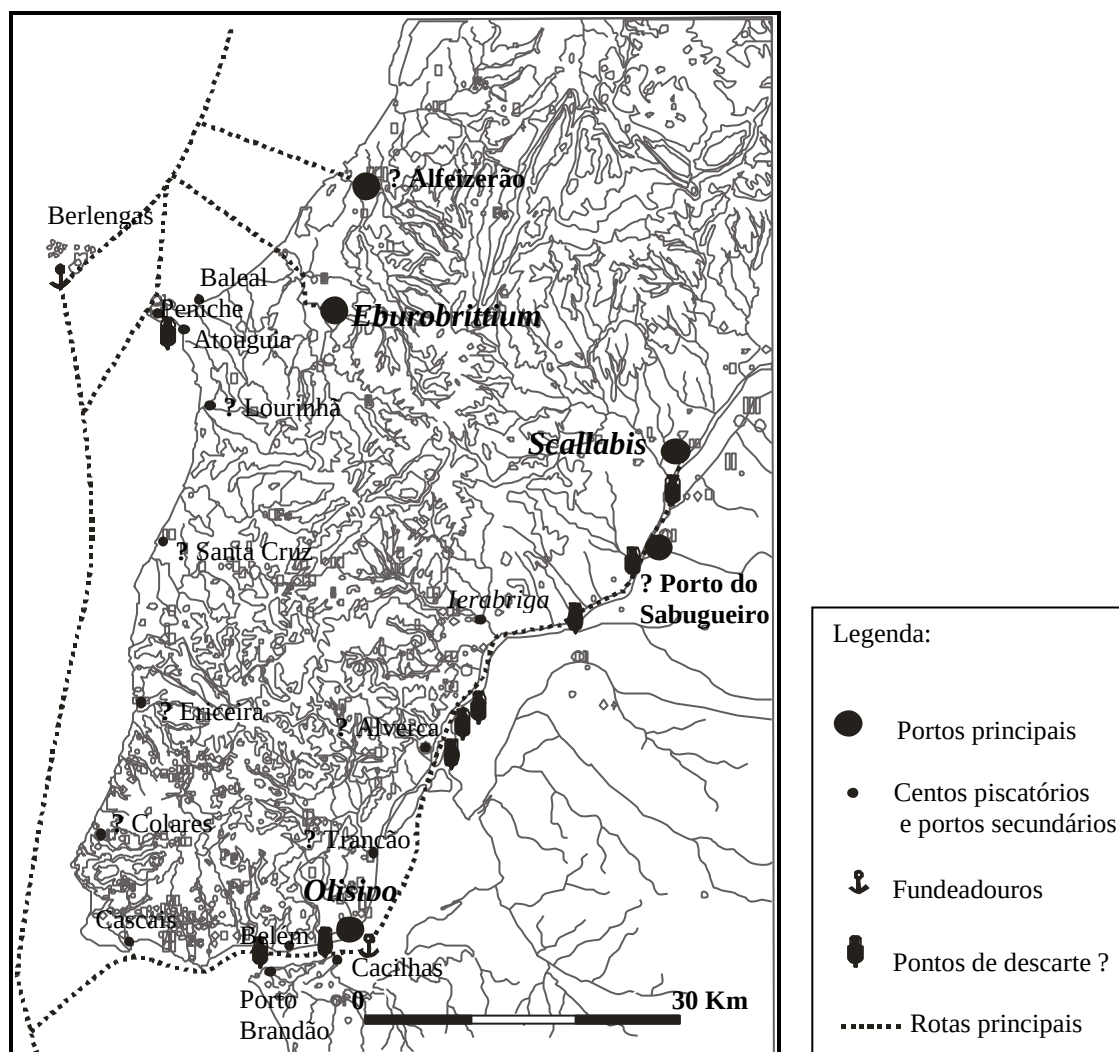


Figura 13- Esboço de síntese da rede de transporte aquático da região considerada.

Outras evidências materiais concorrem igualmente para documentar pontos de escala em trajetos marítimos, no caso os cepos de âncora. Francisco Alves e outros investigadores, que a esse propósito elaboraram uma síntese, interpretaram a concentração do seu achado no Mar de Ancão, próximo do Cabo Espichel, e no aro das Berlengas, como testemunhos de áreas de fundeadouro nos trajetos de mais longo curso,

¹⁰⁶¹ F. Teichner, 2008.

frequentados desde a primeira metade do I milénio a.C. e com amplos testemunhos de Época Romana¹⁰⁶².

Outros pontos de escala seriam constituídos por estruturas portuárias propriamente ditas, seguramente comportando edificações.

No caso de Lisboa não se conhece, no momento, nenhuma construção inquestionavelmente classificável como cais¹⁰⁶³ ou ancoradouro, a despeito da evidência objetual e textual da Antiguidade comprovar de forma categórica o papel de primeiro plano detido por estas atividades na cidade.

Em Santarém, aplicar-se-á o mesmo tipo de comentário, e as intervenções conduzidas sob a direcção de Carlos Batata na zona da Ribeira comprovaram arqueologicamente a intensa ocupação desta zona desde a Idade do Ferro, tendo assinalado a incorporação de silhares graníticos de talhe romano da frente marginal da muralha a que atribuiu uma cronologia de edificação medieval islâmica¹⁰⁶⁴.

No que respeita a *Eburobrittium*, por seu turno, a leitura da paleo-topografia elaborada por Alexandre Monteiro e Sérgio Pinheiro sugere que o flanco SO da cidade constituiria um interface aquático¹⁰⁶⁵, mas esta área particular da cidade não foi ainda objeto de escavação que documentasse a existência de molhe ou outras estruturas de porto.

As abundantes importações cerâmicas efetuadas a partir de múltiplas origens documentadas nas três capitais de *ciuitates* constituem, porém, evidência indireta, mas bastante, do relevante papel portuário detido por cada uma delas à sua escala respetiva, pontos essenciais na confluência dos fluxos internos provinciais e, no caso de *Olisipo*, principal pólo portuário redistribuidor da fachada atlântica lusitana e ponto de escala das rotas entre o Mediterrâneo e o Oceano Atlântico.

8. Sítios e contextos das *ciuitas* de *Olisipo*, *Scallabis* e *Eburobrittium*.

8.1. Metodologias.

8.1.1. Critérios da selecção.

Procurou apresentar-se, neste trabalho, os fragmentos de *terra sigillata* com “marca de oleiro” recolhidos nos diversos arqueossítios da área da Península de Lisboa,

¹⁰⁶² F.S. Alves *et al.*, 1988-1989.

¹⁰⁶³ Os achados verificados na Rua das Canastras, em 1922, foram reequacionados por Vasco Mantas como restos da muralha do Baixo-Império- Conf. V.G. Mantas, 1990 e 1994.

¹⁰⁶⁴ Informação oral facultada pelo investigador, a quem aqui se agradece publicamente a autorização da sua divulgação.

¹⁰⁶⁵ A. Monteiro e S. Pinheiro, 2006.

de forma o mais sistemática possível.

Tarefa de alguma vastidão, quer pela intensa densidade de assentamentos assinalados, quer pela multiplicidade de organismos e instituições depositários das colecções, o maior esforço incidiu declaradamente sobre as três cidades romanas, dado o seu potencial perfil de centros redistribuidores ao nível regional desta classe de cerâmicas finas.

Como já se havia procedido noutras ocasiões, foi adoptada a opção de seleccionar igualmente os elementos mais incompletos, por vezes limitados aos limites da impressão¹⁰⁶⁶. Justifica-se este critério pela necessidade da consideração destas “marcas” muito fragmentárias em determinados parâmetros do estudo, como a contabilização de formas impressas representadas ou, também, porque a própria morfologia da cartela pode proporcionar informação cronológica qualificada ou até, com menos frequência, a identificação do oleiro.

Procurou analisar-se directamente os fragmentos ou, quando por razões múltiplas estes não estavam acessíveis, utilizou-se criticamente a informação bibliográfica disponível sobre a matéria. Neste particular, Santarém constitui uma excepção: foi entendido que a análise elaborada por Catarina Viegas sobre as cerâmicas recolhidas na Alcáçova¹⁰⁶⁷ havia tratado de forma aprofundada e exhaustiva o tema, pelo que se optou por reanalisar apenas a informação transmitida por esta investigadora, e completar os dados da amostragem da cidade com os exemplares resultantes da escavação dirigida por José Manuel Garcia e depois publicados por Dias Diogo¹⁰⁶⁸ e as novas descobertas entretanto detetadas nos trabalhos dirigidos por Carlos Batata, Helena Santos, Marco Liberato¹⁰⁶⁹ e, com maior significado, Laurent Caron¹⁰⁷⁰.

8.1.2. Critérios da apresentação.

Os conjuntos identificados foram apresentados em função dos arqueossítios onde foram recolhidos, por sua vez agrupados em função dos *agri* das respetivas *ciuitates*.

No caso de *Olisipo*, *Scallabis* e *Eburobrittium* procurou produzir-se contribuir para as leituras das cidades, aqui entendidas como um todo. Nesse sentido os

¹⁰⁶⁶ R.B. Silva, 2005, p.75-77 e (no prelo).

¹⁰⁶⁷ C. Viegas, 2003a.

¹⁰⁶⁸ A.M.D. Diogo, 1984. Destes só se conseguiu a observação directa dos dois vasos hispânicos marcados.

¹⁰⁶⁹ Investigadores a quem se agradece aqui penhoradamente toda a informação disponibilizada.

¹⁰⁷⁰ A quem se aproveita para agradecer a disponibilidade e o auxílio durante os muitos dias de triagem levada a cabo nos depósitos da Câmara Municipal de Vila Nova da Barquinha, onde os materiais se encontravam.

exemplares foram discriminados em relação aos pontos arqueológicos onde foram coletados, entendendo-se aqui a expressão como áreas de dimensão muito variável sujeitas a trabalhos arqueológicos que integram uma realidade, maior e complexa, correspondente ao arqueossítio.

No respeito a cada um dos pontos dos centros urbanos antigos procurou-se elucidar de forma muito abreviada a sua integração no tecido urbano atual e suas origens, os momentos de trabalhos arqueológicos no local, o enquadramento urbanístico em que os conjuntos de *terra sigillata* ocorreram, cumulativamente, e quando acessível, citando-se ou tendo averiguado a composição geral, sua contextualização estratigráfica e as diversas produções atestadas.

Seguiu-se igualmente os traços gerais já antes esboçados de considerar os fabricos em função da sua origem geográfica, respetivamente itálica, incluindo aqui os de modo itálico e tardo-itálico, gálica, independentemente da sua pertença ao grupo sudgálico ou outro, e hispânica, abrangendo os diversos centros produtores peninsulares que elaboraram este tipo de cerâmica fina de mesa comportando “marca de oleiro”¹⁰⁷¹.

Tendo em vista os objetivos desta investigação, procurou-se nos pontos arqueológicos das cidades destacar os exemplares analisados encontrados em contexto coevo ao da circulação dos vasos e, caso a caso, explorar o seu contributo para o esclarecimento da dinâmica estratigráfica e urbana patenteada no local.

Os assentamentos do povoamento disperso, ou rural, receberam um tratamento ligeiramente diferenciado, tendo-se entendido como mais adequado constituir sub-capítulos próprios em referência aos distintos *territoria* das três circunscrições administrativas romanas, distinguindo depois no seu interior cada um dos arqueossítios.

Assim, e depois da descrição do enquadramento geográfico respeitante a cada sítio, procurou elucidar-se sucintamente acerca dos momentos de achado ou trabalhos arqueológicos que resultaram na recolha de “marcas de oleiro” mas também entrever, quando justificável, possíveis tafonomias e funcionalidades que os assentamentos detiveram no passado romano de Época Alto Imperial. A estes elementos segue-se, como se procedeu para os pontos das cidades, a referência às produções atestadas e apresentação das “marcas de oleiro”, seguindo o mesmo critério de agrupamento em função da origem geográfica da produção. No caso dos sítios do povoamento rural,

¹⁰⁷¹ Esta opção havia sido já aplicada em 2005 (R.B. Silva, 2005), e segue a tendência geral da investigação, conforme sobretudo OCK, NOTS e M. Bustamante Álvarez, 2010.

procurou aferir-se do contributo do conjunto para o conhecimento do assentamento romano.

Cada uma das impressões recebeu um número de catálogo composto por uma abreviatura e um número sequencial: neste sentido, antecedendo a numeração no interior de cada realidade considerada, todas as “marcas” de Lisboa se traduzem por **OL**, referindo-se a *Olisipo*, as do seu *ager* **OL.Ag.**, de Santarém, **Sc.**, do respetivo *territorium*, **Sc.Ag.**, *Eburobrittium*, **Eb.** e do *ager* desta cidade antiga **Eb.Ag.**

Cada entrada de “marca” após o número de catálogo é encabeçada na epígrafe pela identificação do oleiro, constando a onomástica, a eventual correspondência com outro artesão, quando esta se torna plausível em função dos dados constantes da literatura, e, entre parêntesis curvos, a obra de referência utilizada onde se assinala o fabricante de vasos: o OCK para as elaborações itálicas; para os fabricos oriundos da Gália o NOTS e o *South Gaulish Terra Sigillata with Potters’ Stamps from Vechten, Nijmegen*¹⁰⁷², esta última indicada pela abreviatura do nome do seu autor, Polak; o recente *corpus* elaborado por Macarena Bustamante Álvarez para os fabricos da Península Ibérica¹⁰⁷³, de igual forma indicado pela abreviatura do nome da investigadora, Bustamante. Nalguns casos pontuais em que os artesãos equivalem a novas atestações, esta condição ficou expressamente assinalada.

Após a epígrafe mencionada acima em cada uma das entradas consta um texto, normalmente de pequena dimensão, onde se procurou situar a *officina*, determinar cronologias, fixar os paralelos exatos para a impressão e, pontualmente, abordar aspetos relativos às características morfológicas e de fabrico do suporte, o vaso, tarefa feita exclusivamente a partir da análise macroscópica das pastas e revestimentos executada com uma lupa de aumento a 20X. Ocasionalmente, e quando se justifica, o comentário comporta também uma análise crítica à publicação anterior, quando esta se ocorreu, constando o autor da primitiva leitura.

Para todas as apresentações se entendeu como elemento facilitador da leitura a elaboração de tabelas recapitulativas expostas no seguimento de cada um dos grupos geográficos de produção atestados, organizadas dentro de cada sítio ou ponto arqueológico conforme se tratem de, respetivamente, assentamentos rurais ou parcelas de cidades, como antes se expôs. Destas tabelas consta o número de catálogo, a localização da *officina*, a forma do vaso, a classificação do fabrico, a identificação da

¹⁰⁷² M. Polak, 2000.

¹⁰⁷³ M. Bustamante Álvarez, 2010.

onomástica do oleiro, a leitura epigráfica do texto constante da impressão¹⁰⁷⁴, o paralelo de referência¹⁰⁷⁵, a datação da impressão e uma representação gráfica em desenho da “marca de oleiro”¹⁰⁷⁶.

8.1.3. Classificação e estabelecimento de datações das “marcas de oleiro” na *terra sigillata*.

Os parâmetros de análise aplicados na presente investigação seguiram os desenvolvimentos mais recentes nos estudos sobre “marcas de oleiro” em *terra sigillata*, nomeadamente os produzidos por Philip Kenrick, revendo o labor de H. Comfort e A.Oxé para o conjunto das produções itálicas¹⁰⁷⁷, os de B.R.Hartley, Brenda Dickinson¹⁰⁷⁸ e Marinus Polak¹⁰⁷⁹ para as produções gálicas, e, de alguma forma, por Macarena Bustamante Álvarez para os fabricos hispanos, sobretudo os setentrionais dado estarem melhor representados nos contextos emeritenses que estudou¹⁰⁸⁰.

O primeiro princípio metodológico adoptado, com um longo trajeto na investigação anterior sobre as impressões¹⁰⁸¹, procura fixar as balizas temporais de laboração de uma olaria a partir do achado de vasos com assinaturas a ela assignáveis em determinados sítios e contextos bem datados, como pela sua presença em determinados tipos formais de vasos dado proporcionarem indicadores cronológicos.

As distintas morfologias das cartelas proporcionam, de igual forma, indicadores cronológicos e de origem dos vasos: a passagem e generalização das “marcas” *in planta pedis* verificada na Península Itálica em 15 d.C. por si só estabelece um *terminus post quem* para este tipo, como é precedida por uma fase, pensa-se que iniciada entre os “ateianos” após a sua deslocalização para Pisa cerca de 5 a.C., que experimenta cartelas

¹⁰⁷⁴ Por dificuldades de tratamento informático, optou-se por traduzir os nexos entre letras por sublinhado inferior, e os caracteres incompletos por sublinhado descontínuo, o que não está conforme as regras, reconhece-se.

¹⁰⁷⁵ Acontece, porém, que: no caso das impressões gálicas teve que se recorrer a paralelos do sítio militar holandês de Vechten (M. Polak, 2000), indicando-se nestes casos o topónimo; para as “marcas” hispânicas houve igualmente a necessidade pontual de recorrer aos trabalhos de referência de M. A. Mezquiriz (1961), F. Mayet (1984), e aos estudos de J. Boube (1965, 1966 e 1968-1972), indicados respetivamente pelas abreviaturas do nome dos investigadores Mezquíriz, Mayet e Boube.

¹⁰⁷⁶ Este elemento inspira-se directamente nos trabalhos portugueses mais recentes sobre a matéria, seguindo de forma adaptada os modelos propostos primeiro por T.P. Carvalho (1994 e 1998), seguidos depois por R. Morais (1998 e 2005), J.C. Quaresma (2003 e 2011), C. Viegas (2003a, 2003b, 2006 e 2012) e R.B. Silva (2005 e no prelo). Contudo, e por incompatibilidades de programação, os desenhos das impressões não puderam ser incluídos à escala natural, óbice que se procurou ultrapassar a partir dos desenhos dos exemplares e vasos que constam do anexo ao presente estudo.

¹⁰⁷⁷ OCK.

¹⁰⁷⁸ NOTS; P. Tyers, 1996.

¹⁰⁷⁹ M. Polak, 2000.

¹⁰⁸⁰ M. Bustamante Álvarez, 2010.

¹⁰⁸¹ Por exemplo, F. Oswald e D. Price, 1920, R. Knorr, 1929, F. Oswald, 1937, entre muitos outros.

foleáceas, losangulares, *in planta manus*, ...¹⁰⁸²; no conjunto gálico, Montans emprega com muito mais frequência *tabella ansatta* que La Graufesenque, o outro grande centro ruteno, como a originalidade da maioria dos formatos proporcionados pelo prolífico oleiro *Lucius Cosius Vitis* permite, com facilidade, identificar os seus produtos e adscrive-los a um tempo determinado; nas elaborações hispanas o emprego em Andújar de formatos de inspiração itálica (e/ou tardo-itálica ?) é assimilável aos momentos mais antigos de laboração do centro, como as impressões flávias setentrionais denotam muito mais frequentemente a preocupação de reprodução de cartelas de dimensões similares aos dos vasos congêneres sudgálicos, com os quais concorriam nos mercados peninsulares mas também norte-africanos.

Noutro sentido, os diversos investigadores prestam hoje também uma atenção especial à relação entre a impressão e o punção que a produziu, pois esta autoriza o estabelecimento de uma “*crono-estratigrafia*” do uso daquele instrumento, constatável através da observação da sua degradação sucessiva¹⁰⁸³.

Por fim, e tendo em vista a maior fiabilidade dos dados a obter, quando possível privilegiou-se o princípio metodológico enunciado por Marinus Polak de considerar num patamar analítico superior, desejavelmente exclusivo, os contextos datados externamente, isto é, aqueles onde as impressões ocorrem em sítios ou estratigrafias cuja cronologia é fixada historicamente através de referências textuais da Antiguidade, achados fechados, como os naufrágios e sepulturas, tendo-se optado desta forma por descartar quase sistematicamente a referência a estratigrafias onde a *sigillata* data os contextos e os contextos datam a *sigillata*¹⁰⁸⁴, argumento circular que coloca peculiares problemas de validação.

Em termos de datação, o objetivo expresso da presente análise foi o de aferir as balizas temporais das impressões e não a dos oleiros, desiderato conseguido para um relevante número de exemplares, muito mais útil para a determinação das cronologias de formação dos contextos respetivos como para a avaliação global das importações dos sítios, dado que nos casos em que as olarias desenvolveram a sua atividade ao longo de várias décadas, a “marca” equivale somente a um segmento desse lapso temporal.

8.1.4. Nomenclatura das formas e tipologias dos vasos.

¹⁰⁸² P. Kenrick, 1997 e OCK.

¹⁰⁸³ G. Dannell, 2002, p.xiv; P.Tyers, 1996, p.40-41.

¹⁰⁸⁴ M. Polak, 2000, p.42.

A investigação sobre cerâmica romana utiliza o que poderíamos designar por três níveis distintos de nomenclatura para os formatos dos vasos: a tipologia, a linguagem natural (nativa do investigador ou outra numa intenção de internacionalização) e, por fim, o léxico grego e latino, colhido dos textos da Antiguidade.

A tipologia formal transformou-se numa metalinguagem característica dos estudos de ceramologia que se debruçam sobre o Período Romano. No âmbito da investigação específica sobre a *terra sigillata*, desde o início dos estudos que as propostas gozaram de grande sucesso, correspondentes aos trabalhos desenvolvidos desde finais do séc.XIX ao presente por ceramólogos como Dragendorff¹⁰⁸⁵, Déchelette¹⁰⁸⁶, Curle,¹⁰⁸⁷ Ritterling¹⁰⁸⁸, Watzinger¹⁰⁸⁹, Knorr¹⁰⁹⁰, Goudineau¹⁰⁹¹, Mezquiriz Irujo¹⁰⁹², Vernhet¹⁰⁹³, Mayet¹⁰⁹⁴ Pucci¹⁰⁹⁵ ou, mais recentemente, o conjunto dos autores do *Conspetus* para a produção itálica, de Polak¹⁰⁹⁶ e dos editores do NOTS para a gálica, e de Bustamante Álvarez para a hispânica¹⁰⁹⁷, sendo certo que outros se poderiam juntar a esta longa lista.

A abordagem deste tipo foi, ela própria, geradora de outra terminologia derivada resultante do labor classificatório, hoje de significado essencialmente cronológico. Poderiam citar-se os exemplos do conceito de *serviço*, de que “*Haltern I*” para a *sigillata* itálica seria exemplo, ou os “*serviços flávios de La Graufesenque*”, assim definidos por Vernhet¹⁰⁹⁸, mesmo a despeito da sua origem se situar um pouco antes do advento de Vespasiano¹⁰⁹⁹. Nas mesmas circunstâncias se encontra o conceito de *binómio*, procurando aqui estabelecer-se a relação quantitativa entre os vasos de uso mais difundido cujas formas são progressivamente substituídas por outras, casos das taças decoradas Drag.29 *versus* Drag.37, ou de *tandem*, como os

¹⁰⁸⁵ H. Dragendorff, 1895.

¹⁰⁸⁶ J. Déchelette, 1904.

¹⁰⁸⁷ J. Curle, 1912.

¹⁰⁸⁸ E. Ritterling, 1912.

¹⁰⁸⁹ K. Watzinger, 1919.

¹⁰⁹⁰ R. Knorr, 1929.

¹⁰⁹¹ C. Goudineau, 1968.

¹⁰⁹² M.A. Mezquiriz Irujo, 1961, 1983 e 1985.

¹⁰⁹³ A. Vernhet, 1976; A.Vernhet e M. Passelac, 1993.

¹⁰⁹⁴ F. Mayet, 1984.

¹⁰⁹⁵ G. Pucci, 1985.

¹⁰⁹⁶ M. Polak, 1994 e 2000.

¹⁰⁹⁷ M. Bustamante Álvarez, 2010.

¹⁰⁹⁸ A. Vernhet, 1976.

¹⁰⁹⁹ M. Polak, 2000.

Drag.24/25+Drag.15/17 *versus* Drag.27+Drag.18¹¹⁰⁰, na produção gálica, ou Drag.27+15/17, para hispânica, aqui com uma assinalável longevidade funcional.

A profundidade da análise morfológica, que é constatemente enriquecida com novos contributos, constitui hoje um domínio de estudo em permanente desenvolvimento e atualização, procurando valorizar-se os dados mais qualificados em termos de informação contextual e arqueométrica, perseguindo uma mais precisa e sofisticada definição cronológica e de origem dos vasos.

Deste ponto de vista, o trabalho apresentado aqui optou por aplicar as tipologias mais difundidas na investigação corrente sobre a matéria, quer internacional quer portuguesa: o já referido *Conspetus* para as produções itálicas; as tipologias de Dragendorff, Ritterling, Curle, Vernhet e Hermet para os fabricos gálicos, tal como constam de forma genérica na obra de Polak¹¹⁰¹ e no NOTS¹¹⁰²; as propostas de Mezquiriz para a *terra sigillata* hispânica, plenamente operativas depois da sua formulação fundamental e objeto de pontual atualização posterior¹¹⁰³.

Por força da sofisticação atingida pelas tipologias, do seu poder informativo, do conteúdo intrínseco e da vulgarização desta metalinguagem no interior da investigação sobre o mundo romano, alguns estudos sobre *sigillata* esgotaram-se por vezes num discurso meramente descritivo, classificatório, cronológico e económico. O significado antropológico da presença dos vasos foi, numa parte dos casos, relegado para um papel estritamente subalterno, quando não subliminar, pelo mais. Assim, e não raras vezes, a análise mostra a quantidade de ocorrências de um determinado tipo formal num sítio, referindo-se à sua classificação, ignorando que as diferenças de dimensão traduzem distintos usos e, por consequência, variações nos hábitos de consumo alimentar praticados pelo seu utilizador.

¹¹⁰⁰ S. Willis, 2005.

¹¹⁰¹ M. Polak, 2000.

¹¹⁰² Ainda assim de notar a existência de ligeiras diferenças, dado ter-se feito a opção por não valorizar certos detalhes que conformam variantes aos tipos padronizados, valorizadas por Polak, como as caneluras internas na face externa do pé de taças/tigelas- Conf. M. Polak, 2000. Pareceu-nos, também, que as propostas avançadas por A.Vernhet e M. Passelac (1993), referentes às produções de La Graufesenque, que subdividiram alguns tipos em distintas variantes nomeadas por letras, de acordo com a presença de detalhes de natureza diversa, carece de revisão em função da evidência posterior facultada pelos desenvolvimentos da investigação.

Em sentido inverso, e porque um dos objetivos principais incidiu sobre aspectos de índole antropológica, optámos por valorizar a aplicação de roletilha na face interna do fundo de pratos e pratéis itálicos e sudgálicos, na medida em que esta característica surge funcionalmente associada a recipientes destinados à apresentação de alimentos, mais do que ao seu consumo individual.

¹¹⁰³ M. Roca Rouméns e M. I. Fernández García (dir.), 1999; M. Bustamante Álvarez, 2010.

É evidente que o domínio antropológico corresponde a matérias de mais difícil abordagem. Mas foi no sentido de apresentar alguns contributos neste âmbito, por mais limitados que tenham resultado, que aqui se optou por utilizar em paralelo outro nível de nomenclatura, já enunciado no parágrafo inicial deste subcapítulo, a designação ou referência em linguagem *natural*.

Este tipo de léxico confronta-se desde logo com as dificuldades da própria língua, quer devido às diferentes designações equivalentes a um mesmo tipo de recipiente, de que os contornos conceptuais difusos dos termos jarro, jarra, cântaro e bilha são bem ilustrativos, quer aos regionalismos, como sertã, frigideira ou tacho baixo, quer ao carácter polisémico de vocábulos, de que taça é exemplo. Acrescente-se a estes o risco de associação de uma conformação atual e respetivo uso específico contemporâneo a uma morfologia do passado, que poderá ter encerrado então outra funcionalidade bem diversa.

Ainda assim, pareceu bastante útil a aplicação deste tipo de linguagem, indo nesse sentido ao encontro de tendências da investigação de há muito enunciadas para estudos ceramológicos, de que se poderia dar os exemplos dos trabalhos clássicos dos Rigoir¹¹⁰⁴ ou de Balfet, Fauvet-Berthelot e Monzon¹¹⁰⁵. Não se pode deixar de referir que, no domínio das arqueologias Medieval e Moderna, que não beneficiam na mesma medida da sofisticação tipológica dos estudos sobre cerâmica romana, os aspetos ceramológicos encontram-se mais libertos dos constrangimentos colocados pelas designações, resultando numa prática corrente e frutífera do ponto de vista das leituras sobre o significado cultural da ocorrência dos produtos oleiros.

A razão desta opção metodológica prende-se com a construção por esta via, de uma primeira aproximação à função primária que de o objeto era dotado, no caso um recipiente de mesa destinado à apresentação ou ingestão de alimentos ou, mais raramente, artefato de uso peculiar que traduz uma muito elevada romanidade do seu utilizador, de que os *atramentaria* constituem um bom exemplo¹¹⁰⁶.

Neste sentido, procurou seguir-se a linha adoptada nas obras fundamentais sobre *sigillata* que utilizámos para a classificação tipológica formal. Para a língua portuguesa tomou-se o exemplo de José Carlos Quaresma que, nos seus estudos sobre a *terra*

¹¹⁰⁴ J. E.V. Rigoir, 1968.

¹¹⁰⁵ H.F. Balfet *et al.*, 1983.

¹¹⁰⁶ M. Bustamante Alvarez e J. R.Bello Rodrigo, 2007-Inevitavelmente existem exceções, a que se poderiam acrescentar as lucernas, dotadas de funcionalidade muito peculiar, ou, se se quiser alargar este âmbito, os retratos imperiais e outras produções singulares publicadas recentemente do grande centro oleiro de La Graufesenque- Conf. M. Genin (dir.), 2007.

sigillata de Miróbriga, utilizou vocábulos distintos de taça e tigela¹¹⁰⁷ para distinguir entre os recipientes gálicos e hispânicos destinados à apresentação dos alimentos e aqueles ligados diretamente e individualmente ao seu consumo. No que se refere aos fabricos de modo itálico, menos estandarizados, este problema coloca-se em muito menor medida, traduzindo o termo taça aí um recipiente destinado à ingestão de líquidos ou alimentos liquefeitos. Na mesma linha, e porque as perspectivas dos investigadores portugueses não são coincidentes em todos os detalhes, optámos pelo emprego de termos que julgamos acrescentarem alguma operacionalidade, como *pratel* e taça decorada, de inquestionável utilidade para distinguir os recipientes mencionados, destinados à ingestão de líquidos, daqueles destinados à apresentação, como fez Catarina Viegas na sua diversa investigação sobre *terra sigillata*¹¹⁰⁸.

A utilização de termos greco-latinos documentados em textos da Antiguidade é uma outra opção, apesar de menos utilizada nos estudos. É excepção a esta observação a utilização de nomes de vasos que entretanto entraram no vocabulário “vernacular” arqueológico para este período, como *skyphos*, *rhyton*, *atramentarium*, *tegula* ou *imbrex* que, por designarem produtos oleiros com um formato peculiar, de há muito incorporaram a metalinguagem ceramológica sobre a Antiguidade, utilizada em exclusivo ou em paralelo com outra terminologia.

Para este tipo de nomenclatura concorre uma diversidade de fontes, desde os textos de carácter literário dos autores greco-latinos até à epigrafia que, para a *terra sigillata*, é afortunadamente rica por comparação com outras classes cerâmicas.

Jorge de Alarcão, a propósito das produções comuns locais e regionais romanas de *Conimbriga*, efetuou uma modelar aproximação ao assunto, cruzando morfologias, linguagem natural e terminologia clássica¹¹⁰⁹, merecendo menção também o trabalho mais recente de Gómez Pallarés, que efetuou uma reflexão sobre esta temática com base nos testemunhos literários, de Plauto a Isidoro de Sevilha, procurando também equivalências em latim para a denominada cerâmica comum¹¹¹⁰.

No âmbito específico da *terra sigillata*, uma primeira tentativa de sistematização de correspondências foi executada em 1938 por August Oxé¹¹¹¹, a que se sucederam outras propostas de que merece destaque a tentativa de equivalência etimológica de

¹¹⁰⁷ J.C. Quaresma, 1999, 2003, 2008 e 2009.

¹¹⁰⁸ C. Viegas, 2003, 2006 e 2011.

¹¹⁰⁹ J. Alarcão, 1974.

¹¹¹⁰ J. Gómez Pallarés, 1995.

¹¹¹¹ C. Albrecht *et al.*, 1938 *apud* M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.48.

latim e gaulês com as tipologias formais dos vasos sudgálicos feita por R.Marichal a propósito dos grafitos constantes dos róis de enformamento de La Graufesenque¹¹¹². As designações constantes dos textos rutenos verificou-se serem semelhantes aos vocábulos presentes nos escassos róis documentados na Península Itálica, grafados em grego¹¹¹³ e latim, cobrindo quer os fabricos de modo itálico aretinos quer os tardo-itálicos¹¹¹⁴. Outros raros exemplos deste tipo de texto epigráfico, muito fragmentários, foram também coletados em Le Rozier¹¹¹⁵, Montans¹¹¹⁶, Lezoux¹¹¹⁷, Rheinzabern, Blickweiler¹¹¹⁸ e Périgamo¹¹¹⁹, e parecem corroborar as leituras produzidas a propósito de La Graufesenque, onde são abundantes.

Contudo, a utilização de termos greco-latinos não é ela própria isenta de limitações. Desde logo, porque seria necessário estarmos dotados de textos elaborados no território em estudo que documentassem o vocabulário ali utilizado à época, na medida em que nada garante que fosse exatamente o documentado nas Gálias, Germânia, Península Itálica ou Ásia Menor. Por outro lado, porque em casos conhecidos a mesma expressão designa diferentes tipos, como acontece etimologia distinta parecer ter sido aplicada ao mesmo tipo de vaso desconhecendo-se neste caso o fundamento do critério de distinção, que pontualmente poderia igualmente derivar das dimensões dos recipientes.

Neste último âmbito a primeira tentativa consequente corresponde à do já citado estudo de Oxé¹¹²⁰, mas a investigação posterior mostrou que as problemáticas colocadas pela abordagem metrológica são bem mais complexas do que havia suposto o estudioso alemão, como ressalta das análises feitas por Fiches, Guy e Poncin¹¹²¹, Bourgeois e Mayet¹¹²², Polak¹¹²³ e Genin¹¹²⁴ à *sigillata* sudgálica, o que é mais significativo por se

¹¹¹² R. Marichal, 1988.

¹¹¹³ P. Kenrick, 2005.

¹¹¹⁴ G. Camodeca, 2005.

¹¹¹⁵ Dois exemplares- Conf. R. Marichal, 1988, p.260-261.

¹¹¹⁶ Também dois róis- Conf. Idem e D.P.S. Peacock, 1982, p.126.

¹¹¹⁷ Um caso conhecido apenas- Conf. Idem.

¹¹¹⁸ Um exemplar cada- Conf. R. Marichal, 1988, p. 261.

¹¹¹⁹ J. Poblome *et al.*, 2001, p.146.

¹¹²⁰ C. Albrecht *et al.*, 1938, p.36-74 *apud* M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.48. É com esta base que a investigadora espanhola propõe: “catini (*fuentes*); *sesquipedalis*, con un diámetro de 44 cm; *palmipedalis*, con 36 cm de diámetro; *pedales*, con 29,6 cm; *bessales*, con 20 cm; *trientales*, con 10 cm; *catilli*, *entendiéndose estos como platos*; *paropsides*, *copas*” (Conf. Idem). Está aqui em falta o vaso nomeado como *panna*, designação aplicável às taças decoradas Drag. 29 e 37 nos grafitos de La Graufesenque-R.Marichal, 1988.

¹¹²¹ J.L.K. Fiches *et al.*, 1976.

¹¹²² A. Bourgeois e F. Mayet, 1991.

¹¹²³ M. Polak, 1994 e 2000.

¹¹²⁴ M. Genin (dir.), 2007.

tratar de uma das produções mais padronizadas. Os estudos citados demonstraram as dificuldades de adscrição dos vasos a um número determinado de tamanhos constante da documentação (2, 3, 5), dadas as dimensões que se registam efetivamente.

Esta constatação inviabiliza, ou pelo menos torna insegura, uma parte significativa da aplicação de etimologia antiga. É justamente esta observação de operacionalidade relativa que fundamenta a opção metodológica adoptada na presente investigação de não utilizar os termos greco-latinos coevos na nomeação dos exemplares estudados.

Em sentido contrário, com base nas análises metrológicas, e tendo em vista destrinçar possíveis usos distintos dos vasos, foi aplicada terminologia contemporânea, em linguagem natural, procedimento presente em diversos investigadores, mais aprofundado por Marinus Polak¹¹²⁵.

8.1.5. Classificação de fabricos dos vasos.

Os diferentes grupos comportando “marca de oleiro” atestados no espaço em estudo incluem a *terra sigillata* de modo itálico, tardo itálica, sudgálica, hispânica e, num caso, a “cerâmica de tipo Peñaflores”, foram classificados em função da observação macroscópica de pastas e revestimentos feita à luz natural e com auxílio de uma lupa de aumento de 20X, como aludimos antes.

A utilidade deste tipo de procedimento não é despicienda pois traduz distintas realidades, com significado para a determinação de origem ou até de cronologia, neste caso em referência à evolução constatada em alguns dos centros oleiros, encerrando distintas valias consoante os grupos de produção.

No caso dos fabricos de modo itálico, a distinção entre grupos feita desta forma não resulta plenamente operativa, dado que os conjuntos formados não foram depois validados pelas análises arqueométricas, não realizada no âmbito da presente investigação. Da mesma forma, o interior de uma mesma classe pode encerrar distintos fabricos com a mesma origem, como ocorre na amostragem tratada com a denominada *sigillata* tardo-itálica de Pisa.

Para os vasos adscritos ao Sul da Gália, as pastas e vernizes de vasos oriundos de Montans, Le Rozier e La Graufesenque detetadas na Península de Lisboa mostram comportamentos variáveis, mas os exemplares do primeiro complexo oleiro mencionado distinguem-se facilmente dos dois restantes. Neste particular, a similitude

¹¹²⁵ M. Polak, 1994 e 2000.

entre os dois sítios rutenos mais orientais deve-se à sua grande proximidade no interior de um mesmo ambiente geológico, sendo despicienda de um ponto de vista histórico dado que Le Rozier corresponde a um pequeno centro formado por oleiros do outro grande complexo, tendo operado num período de tempo relativamente curto e sujeito ao mesmo sistema da organização de comercialização¹¹²⁶.

Ainda em relação aos fabricos de La Graufesenque, diversos autores comprovaram variações ligeiras na pasta e, sobretudo, na qualidade do revestimento ao longo do lapso de tempo de laboração do sítio, assinalando a predominância de revestimentos mais baços nos momentos mais avançados¹¹²⁷. Esta constatação, contudo, ao refletir uma tendência de variabilidade reveste-se de escassa utilidade no âmbito presente dado incidir sobre exemplares individualizados, na maior parte dos casos coletados em contextos não coevos da época de comercialização dos vasos. Cumulativamente constatou-se através das “marcas de oleiro” a ocorrência frequente de revestimentos baços em vasos do período de esplendor de La Graufesenque, como também brilhantes e de muito boa qualidade no período final de exportação para esta zona da Lusitânia meridional. Com as consequentes críticas que tal procedimento pode comportar, todos os fabricos comprovadamente provenientes do grande centro ruteno foram incluídos no interior de um mesmo agrupamento, indicando-se apenas as variações como subdivisões no seu interior.

Os fabricos hispânicos, por seu turno, colocam problemáticas específicas. O contributo inicial de Jean Boubé¹¹²⁸ foi depois sucessivamente complexificado e aprofundado em função do desenvolvimento da investigação posterior. As propostas mais recentes, com a vantagem de estarem solidamente apoiadas em arqueometria e estratigrafia, e que por esta razão nos pareceram mais adequadas ao caso em estudo, foram formuladas por José Carlos Quaresma a propósito da *sigillata* hispânica de Miróbriga¹¹²⁹ e por Macarena Bustamante Álvarez sobre Mérida¹¹³⁰. Por se terem verificado operativas ao longo da investigação presente foram aqui adoptadas. Daqui resulta a vantagem supletiva de uma determinada formatação dos diversos trabalhos, gerando um discurso harmonioso no interior dos estudos, validando comparações entre conjuntos e sítios.

¹¹²⁶ M. Thuault e A. Vernhet, 1986; M. Polak, 2000.

¹¹²⁷ A. Bourgeois e F. Mayet, 1991; M.C. Lopes, 1994; M. Polak, 2000; J.C. Quaresma, 2003.

¹¹²⁸ J. Boubé, 1965.

¹¹²⁹ J.C. Quaresma, 2008 e 2009.

¹¹³⁰ M. Bustamante Álvarez, 2010.

Seguindo o mesmo princípio, e perseguindo a mesma finalidade, adoptámos o estudo de Bustamante Álvarez sobre a amostragem emeritense que tratou, mas também da síntese que produziu em colaboração com Esperança Huguet Enguita¹¹³¹, onde se definiram três grupos correspondentes à “cerâmica de imitação do tipo Peñaflor”, classe nomeada na bibliografia com diversas outras designações¹¹³². Por não se tratar de *sigillata* “verdadeira” de um ponto de vista tecnológico mas, em sentido contrário, por corresponder a uma classe que mostra numa parte das morfologias a mesma funcionalidade, deverá ser considerada no âmbito dos estudos sobre *sigillata* como bem sublinham os trabalhos recentes de Catarina Viegas¹¹³³, Sónia Vargas Cantos¹¹³⁴ ou dos promovidos por Bustamante Álvarez¹¹³⁵. Os argumentos expostos e a circunstância de se ter detetado uma “marca de oleiro” deste grupo na Península de Lisboa, justificam ter-se destrinchado o fabrico, equivalente ao A de Bustamante, oriundo de Cádiz¹¹³⁶.

It.1- Fabrico de modo itálico 1.

Pasta de coloração avermelhada clara (Munsell 2.5YR 6/6-8 a 5YR 7/4), homogénea, medianamente branda, homogénea, com raros elementos não plásticos de muito pequena dimensão (< 0,2 mm), de fratura regular mas não nítida.

O revestimento apresenta-se de coloração vermelho-castanhada (2.5YR 4/6 a 2.5YR 5/8), fino, aderente e homogéneo, com brilho, apresentando-se por vezes manchado.

Em função dos estudos, equivale ao “fabrico 1” definido em Santarém por Catarina Viegas¹¹³⁷, assimilável a uma origem aretina ou, por vezes pisana, em função das “marcas de oleiro” estudadas e de análises arqueométricas¹¹³⁸.

It.2- Fabrico de modo itálico 2.

Pasta de coloração avermelhada clara (Munsell 5YR 7/4), homogénea, mais branda e de aspeto granuloso que a anterior, com raros elementos não plásticos de muito pequena dimensão (< 0,2 mm), de fratura regular não nítida.

¹¹³¹ Idem e Ibidem e E. Huguet Enguita, 2008.

¹¹³² M. Bustamante Álvarez, 2010a, pp. 29-30.

¹¹³³ C. Viegas 2003a, 2006 e 2011.

¹¹³⁴ S. Vargas Cantos, 2004.

¹¹³⁵ M. Bustamante Álvarez, 2010a e 2010b, por exemplo p. 203.

¹¹³⁶ Idem e Ibidem e E. Huguet Enguita, 2008. A classificação segura deste elemento só foi possível graças a Catarina Viegas, que facultou a consulta de amostras cerâmicas de produção gaditana. Por essa razão se lhe manifesta aqui o reconhecimento agradecimento.

¹¹³⁷ C. Viegas, 2003a.

¹¹³⁸ M. Madrid Fernández, 2005.

O revestimento apresenta-se de coloração vermelho-castanhada (2.5YR 4-5/8), fino, aderente e homogéneo, brilhante, apresentando-se por vezes manchado.

Os elementos disponíveis e estudados apontam para uma origem na Etrúria meridional e central, tendo assimiladas “marcas de oleiro” augústeas e os fabricos de transição para a produção pisana tardo-italica “assinada” por *C.P.Pi(sanus)*.

It.3- Fabrico de modo itálico 3.

Pasta de coloração vermelho-acastanhada (Munsell 2YR7/4), dura, granulosa, com abundantes elementos não plásticos esbranquiçados e amarelados de muito pequena dimensão, de fratura quase nítida.

O revestimento apresenta uma coloração acastanhada (Munsell 2.5YR 3-3/6), sendo resistente, muito fino e muito manchado.

Apenas encontrámos na amostragem um exemplar com estas características, estampado por *Tarquitius* (?), sendo de admitir equivaler a um fabrico muito circunscrito e alheio aos principais pólos de produção itálica.

Ti.1- Fabrico Tardo-Itálico 1.

Pasta de coloração rosada clara (Munsell 10R 5/6), dura, granulosa, com muitos elementos não plásticos de coloração esbranquiçada de pequena dimensão ($\leq 0,25$ mm), de fratura nítida ou quase.

O revestimento apresenta-se de coloração castanhado-avermelhada (Munsell 2.5YR 4-7/8), fino, baço e resistente, com manchas.

Os elementos estudados acusam uma clara origem pisana, pouco representada no conjunto de impressões, incluindo somente os vasos estampados por *Sextus Murrius Festus* e um outro de *C.P.Pi(sanus)*.

G.1- Fabrico Gtálico 1.

Pasta de coloração avermelhada clara (Munsell 2.5YR 6/6 a 6/8), homogénea, dura, compata, contendo muito raros elementos não plásticos de muito pequena dimensão de coloração amarelada e/ou esbranquiçada ($\leq 0,3$ mm), ostentando uma fratura nítida.

Os revestimentos são da gama dos castanho-avermelhados (Munsell 2.5Y/R 4/4-8) aos castanhos (Munsell 10 R 4/6), muito aderentes, medianamente finos e por vezes

manchados patenteando uma grande grande variabilidade de brilhos entre o mate, acetinado e lustroso intenso.

As “marcas de oleiro” assimilam de forma categórica este fabrico a La Graufesenque e ao centro seu subsidiário próximo de Le Rozier, tendo-se optado por agrupar num mesmo item as variantes de brilho a que a investigação atribui significado cronológico, com tendência evolutiva do brilho para o baço.

G.2- Fabrico Gálico 2.

Pasta de coloração avermelhada clara (Munsell 2.5YR 4/8-6/8), branda, medianamente compacta e granulosa, com elementos não plásticos esbranquiçados de pequena dimensão ($\leq 0,2$ mm) e muito pequenos vacúolos, exibindo uma fratura pouco nítida.

O revestimento é castanho-avermelhados (Munsell 2.5Y/R 6/8), fino e não muito aderente e manchado, pouco brilhante.

Este grupo está representado por apenas um indivíduo, marcado por *Donicatus*, relevante artesão de Montans.

H.1- Fabrico Hispânico 1.

Pasta de coloração vermelho-alaranjada (10 R 5/8) , homogénea, pouco dura, granulosa, com inclusões brancas e amareladas, normalmente de pequena dimensão ($<0,25$ mm) mas podendo ocasionalmente atingir 0,5 mm, sempre bem distribuídas.

A fratura é retilínea.

O revestimento apresenta-se de coloração castanho avermelhada (2.5YR 4/8), na maior parte das vezes aderente, homogéneo, com acabamento e um pouco brilhante.

Em função do estudo de referência utilizado, o fabrico é atribuível a La Rioja, estando presente em Miróbriga no período correspondente às etapas iniciais da produção, isto é, até antes de c. 130 d.C.¹¹³⁹. Em função dos dados da Calle Almendralejo n.º41, em Mérida, que incluem múltiplas análises arqueométricas sobre exemplares com “marca de oleiro”, este tipo de fabrico conheceu uma muito mais extensa longevidade, que em muitos casos entra bem dentro do séc. II d.C.¹¹⁴⁰.

H.2- Fabrico Hispânico 2.

Pasta que por comparação com o fabrico anterior 1 é menos dura, também homogé

¹¹³⁹ J.C. Quaresma, 2008, p.483 e 490.

¹¹⁴⁰ M .Bustamante Álvarez, 2010a, p. 756-759, por exemplo.

nea, de aspeto um pouco mais grosseiro, com o mesmo tipo de inclusões mas mais visíveis a olho nu.

A fratura é normalmente mais irregular, embora ocorram casos em que esta se apresenta retilínea.

O revestimento é quase sempre homogéneo, um pouco brilhante, e destaca-se com facilidade, com colorações variáveis entre o acastanhado o castanho avermelhado (Munsell 10 R 5/8 e 2.5YR 4-6/8).

O mesmo estudo comprovou uma origem nas *officinae* do complexo de La Rioja, em crescendo em Miróbriga no período de grande exportação compreendido entre 70 e 100, desaparecendo após 120 d.C.¹¹⁴¹. Os elementos trabalhados por Macarena Bustamante, que como o anterior incluem análises arqueométricas sobre exemplares com “marca de oleiro”, mostram contudo que este tipo de fabrico atinge ainda o séc. III d.C.¹¹⁴²

H.3- Fabrico Hispânico 3.

Pasta de coloração avermelhada e tonalidades castanhas e rosadas (2.5YR 7/6),, branda, menos homogénea, com inclusões abundantes brancas e amareladas, arredondadas, de dimensões variáveis (<0,25 e 0,5 mm, igualmente).

A fratura é quase exclusivamente irregular, embora ocorram exemplares que a apresentem quase retilínea.

O revestimento é de espessura fina, por vezes média, de coloração avermelhada e tonalidade acastanhada, pouco aderente.

Este fabrico corresponde a uma origem em Andújar, estando bem documentado até meados do séc. II d.C. em Miróbriga¹¹⁴³.

H.4- Fabrico Hispânico 4.

Pasta de coloração acastanhada de tonalidades avermelhadas e amareladas (2.5YR 7/6), branda, de aspeto homogéneo, com inclusões abundantes amareladas, arredondadas, de dimensões variáveis (frequentemente 0,5 mm, podendo ultrapassar este valor) facilmente observáveis a olho nu. A fratura é exclusivamente irregular.

¹¹⁴¹ J.C. Quaresma, 2008, p.490.

¹¹⁴² M. Bustamante Álvarez, 2010.

¹¹⁴³ J.C. Quaresma, 2008, p.490.

O revestimento é de espessura fina, por vezes média, de coloração avermelada e castanha, pouco aderente, apresentando-se muitas vezes já parcialmente destacado.

Trata-se de um fabrico de Andújar, atestado em Miróbriga até inícios da segunda metade do séc. II d.C., suplantando **H.3** na viragem para o séc. II d.C.¹¹⁴⁴.

P.1- Fabrico de imitação do tipo Peñaflor.

Pasta de coloração bege clara, dura, de aspeto muito homogénea, com inclusões calcárias frequentes, muito bem calibradas e distribuídas, de muito pequena dimensão (<0,2 mm), dificilmente observáveis a olho nu, e, em menor quantidade, partículas siliciosas em forma de palheta.

A fratura é retilínea.

O revestimento é fino, um pouco brilhante no interior, onde se mostra mais destacado por acções mecânicas, e mate no exterior, onde apresenta uma espessura um pouco maior.

Na obra de referência relativa a Mérida estas produções, originadas ainda no séc. I a.C., ocorrem muito ampla difusão, ao longo do espaço temporal entre Augusto e Domiciano, podendo ter atingido até os inícios do séc. II d.C.¹¹⁴⁵

8.2. Olisipo (Lisboa).

As origens do sítio de Lisboa prendem-se, de forma íntima, com a sua posição privilegiada nas proximidades da foz do maior rio da Península Ibérica e com a importância que os intercâmbios marítimos entre o Mediterrâneo e o Atlântico adquiriram a partir de inícios do terceiro quarto do I milénio antes da Era.

A parte mais alta do *ubi* original, o morro do Castelo de São Jorge, constitui um singular ponto da orografia regional, pois apresenta um perímetro circundado na totalidade por pendentes próximas a 45°¹¹⁴⁶. A batimetria da embocadura do grande rio, por seu lado, mostra a isometria de maior profundidade numa estreita faixa que o liga ao Oceano, desenvolvendo-se junto à margem norte e terminando defronte da zona da Baixa de Lisboa, trajeto de entrada dos navios na barra do Tejo que deverá ter sido o preferido na Antiguidade, como o seria depois na Idade Média, quando se denominava

¹¹⁴⁴ Idem.

¹¹⁴⁵ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.213-215.

¹¹⁴⁶ Dados constantes de comunicação oral de Francisco Sousa Lobo intitulada “Arquitetura Militar do Castelo de S.Jorge” no âmbito do círculo «*Conversas no Castelo*» (Maio de 2011, Lisboa).

“carreira da Alcáçova”¹¹⁴⁷. Ambas as especiais características geográficas compõem, entre outros, os fundamentos que permitem qualificar a posição geoestratégica do sítio de Lisboa como altamente privilegiada (vide Figura 14, *infra*).

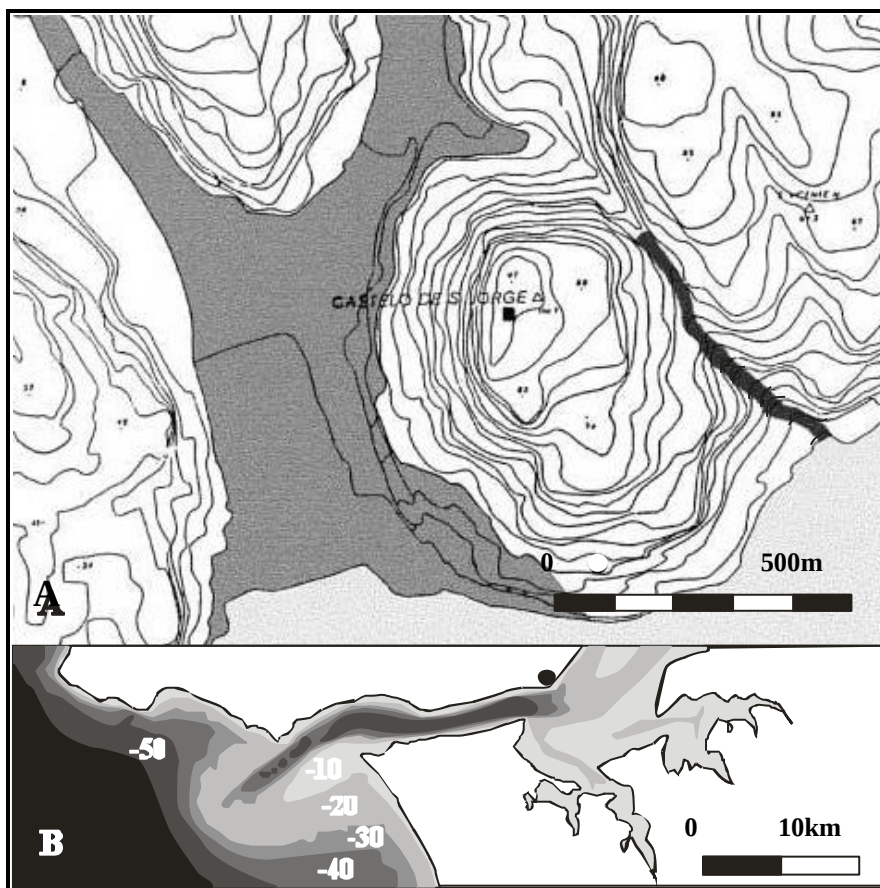


Figura 14- **A:** Relêvo da parte central de Lisboa com equidistâncias de 10 m, com indicação da bacia de inundação do Estuário da Baixa (cinza) e Regueira de Alfama (negro) (seg. João Pimenta¹¹⁴⁸); **B:** Esboço simplificado da batimetria da desembocadura do Tejo (produção própria).

A evidência arqueológica da Idade do Ferro mais antiga põe de manifesto a vocação marítima do lugar, documentando importações provenientes de espaços orientalizados com cronologias que remontam ao séc.VII a.C., pelo menos¹¹⁴⁹.

¹¹⁴⁷ A.A.A.Salgado, 2009, p.205.

¹¹⁴⁸ J. Pimenta, 2005.

¹¹⁴⁹ A.M.Arruda, 2000; J. Pimenta, M.Calado e M.Leitão (no prelo); R.B. Silva, J. Pimenta e M.Calado (no prelo); em comunicação oral intitulada “Intervenção Arqueológica no Grupo Desportivo do Castelo (Castelo, Lisboa)”, apresentada ao «III Congresso Peninsular de Arqueologia (Faro, 2003)» por Alexandra Gaspar, Ana Gomes, António Valongo, Henrique Mendes, João Pimenta, Susana Pinto e Paula Sousa, foram divulgados os dados de um importante contexto, infelizmente não publicado depois nas respectivas actas, onde constava um fragmento de ombro de ânfora com grafito em escrita fenícia, actualmente em exposição no Núcleo Arqueológico do Castelo de S.Jorge (Lisboa).

Terá sido nesta época que se esboçou um perfil de assentamento com duas zonas nucleares bem definidas: uma instalada no ponto mais alto, na área do Castelo de S.Jorge, onde as campanhas de escavações desenvolvidas ao longo da última década e meia revelaram abundantes contextos e materiais datados dos séculos VII-III a.C.¹¹⁵⁰; uma outra, de funções artesanais e portuárias, situada no interface ribeirinho formado pelo Tejo e seu antigo Esteiro, que se desenvolve entre a área do Chafariz D'El Rei, em Alfama¹¹⁵¹, e o Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros¹¹⁵². Entre estes dois pólos principais de fixação humana, a encosta voltada a sul regista igualmente ocupações menos concentradas, algumas das quais tão antigas como as documentadas no morro¹¹⁵³, aproveitando peculiaridades topográficas e a estrutura de caminhos que se terá formado.

O que se conhece das realidades materiais da Id.do Ferro de Lisboa é ainda insuficiente para que se consiga entrever a paisagem urbanística do povoado, no momento mais intuída do que demonstrada, como nada consta que diga respeito aos usos do território próximo, incluindo os espaços onde terão tido lugar os usos funerários dos olisiponenses, no momento desconhecidos.

O conjunto dos dados objetuais da Idade do Ferro publicados permite, em contrapartida, afirmar o papel de charneira com o Mediterrâneo desempenhado por *Olisipo* até à sua incorporação no domínio romano e, por consequência, comprovar a relevância da sua zona portuária ao longo deste período¹¹⁵⁴. Terá sido justamente este perfil que justificou, em 138 a.C., a sua eleição como nó fundamental nos abastecimentos militares aos exércitos romanos em campanha por *Decimus Iunius Brutus*, mencionada textualmente por Estrabão¹¹⁵⁵.

A hipótese colocada pela olisipografia tradicional de identificação do sítio do morro com um acampamento militar romano instalado nesta ocasião¹¹⁵⁶, depois de décadas de incerteza por manifesta falta de dados arqueológicos e da discussão semântica em torno do termo grego utilizado pelo geógrafo de Apameia¹¹⁵⁷, veio a ser categoricamente corroborada pelos dados proporcionados pelos trabalhos

¹¹⁵⁰ S. Serra *et al.*, 2008.

¹¹⁵¹ J. Pimenta, M. Calado e M.L. Leitão, 2005 e no prelo.

¹¹⁵² C. Amaro, 1995; J. Bugalhão, 2001.

¹¹⁵³ R.B. Silva, J. Pimenta e M. Calado, no prelo.

¹¹⁵⁴ J. Pimenta, M. Calado e M. Leitão, 2005 e no prelo.

¹¹⁵⁵ Coteje-se, de uma lista mais extensa: M.Maia, 1983; C.Fabião, 1989, 1993c; V.G.Mantas, 1990, 1996, 1999 e 2012; J.Alarcão, 1994; J.C. Ribeiro, 1994; J.Maciél, 1994.

¹¹⁵⁶ A.V. Silva, 1944, p.41.

¹¹⁵⁷ J. Maciel, 1994.

desenvolvidos no âmbito do projeto arqueológico do Castelo de S.Jorge, estudados por João Pimenta¹¹⁵⁸, e, sobretudo, pela detecção de uma construção romana abandonada ainda no século II a.C.¹¹⁵⁹, encontrada no subsolo de um imóvel em pleno centro da freguesia, e que terá de ser posta em relação com o centro de comando da unidade instalada no lugar.

Para a parte alta do povoado este evento de cariz militar teve repercussões profundas. Em termos globais, o registo arqueológico mostra um hiato ocupacional após a instalação castrense que perdura até ao período de dominação muçulmana da cidade. Mesmo ao nível dos artefatos dispersos e/ou descontextualizados, o conjunto dos dados para o restante da Época Republicana Romana é manifestamente escasso¹¹⁶⁰, como acontece para os vários séculos do Alto Império à Antiguidade Tardia¹¹⁶¹.

O aparente abandono do morro não tem paralelo nas partes mais baixas de *Olisipo*, como se provou na encosta meridional voltada ao rio no Teatro Romano¹¹⁶², Rua de São da Praça¹¹⁶³, Pátio da Senhora de Murça¹¹⁶⁴ e Travessa do Chafariz d'El Rei¹¹⁶⁵, onde se documentaram estruturas e materiais. Consta que nos Claustros da Sé Catedral ocorre uma situação similar. Noutros pontos arqueológicos são também recorrentes cerâmicas datadas dos séculos II e I a.C., nomeadamente cerâmica campaniense e ânforas itálicas e da *Hispania* meridional¹¹⁶⁶.

Como acontece com o povoado da Idade do Ferro, também para as duas centúrias antes da Era os dados são insuficientes para que se possa avaliar do impate de Roma na paisagem urbana: o espaço utilizado como necrópole sob a atual Rua dos Correiros, que se estendia por mais de 50 m entre o Núcleo Arqueológico¹¹⁶⁷ e a sondagem 34

¹¹⁵⁸ J. Pimenta, 2003 e 2005.

¹¹⁵⁹ A edificação foi alvo de trabalhos em duas ocasiões distintas: uma primeira dirigida por Alexandra Gaspar e Ana Gomes e, mais recentemente, e tendo exposto a maior parte do compartimento, por Pedro Miranda, com a colaboração de Nuno Mota, a quem se agradece aqui a disponibilidade para a divulgação deste dado.

¹¹⁶⁰ J. Pimenta, 2005.

¹¹⁶¹ S. Serra *et al.*, 2008.

¹¹⁶² V. Filipe, 2008b.

¹¹⁶³ J. Pimenta, M.Calado e M.Leitão, 2005.

¹¹⁶⁴ Informações constantes do núcleo expositivo da responsabilidade do Museu da Cidade, e da autoria de Manuela Leitão, no estabelecimento comercial «Pátio de Alfama».

¹¹⁶⁵ F. Madeira, 2006.

¹¹⁶⁶ Para a primeira das classes veja-se listagem constante em E.M.Sousa, 1996. Mo que concerne aos contentores anfóricos estão reportadas ocorrências na Casa dos Bicos (C. Amaro, 2006), Palácio dos Condes de Coculim (A.Gomes e A.Gaspar, 2007), Rua dos Correeiros (J. Bugalhão, 2001) e Rua dos Bacalhoeiros (V.Filipe, 2008a), havendo a acrescentar a Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28, Palácio dos Condes de Penafiel, Calçada do Correio Velho, Zara-rua Augusta, Praça da Figueira e Rua da Regueira-observação directa.

¹¹⁶⁷ C. Amaro, 1995; J. Bugalhão, 2001, p.32-34 e 53.

escavada nesta artéria sob a direcção de Dias Diogo em 1991¹¹⁶⁸, encerra na realidade uma cronologia já alto-imperial¹¹⁶⁹; a hipótese, desde o século XVIII veiculada pelo P.e Tomás Caetano de Bem, de a construção das *Thermae Cassiorum* ter sido promovida pelo magistrado cesariano *Quintus Cassius Longinus*¹¹⁷⁰ não tem, no momento, qualquer fundamento arqueológico; se, como aconteceu com múltiplas cidades hispanas, Lisboa possuiu *forum* antes da sua promoção municipal, provavelmente datada de 31-27 a.C., como defende com base sólida António Marques de Faria¹¹⁷¹, não o podemos saber, dado que este espaço cívico nem sequer foi ainda localizado de forma categórica¹¹⁷².

A promoção municipal augústea terá implicado uma reforma urbana, de há muito intuída por Jorge de Alarcão com contornos porventura excessivos, ao considerar a erecção de teatro, anfiteatro, *forum* e muralha, para além de necessárias remodelações do desenho dos arruamentos e outros edifícios ou equipamentos públicos¹¹⁷³. Os dados disponíveis, porém, restringem-se apenas ao teatro e muralha, na medida em que do *forum* temos apenas alguma epigrafia, não se tendo conseguido sequer atribuir-se-lhe qualquer elemento arquitectónico conhecido, e a possível existência do anfiteatro é, no presente, apenas conjectural¹¹⁷⁴.

Do teatro, com probabilidade fortemente conetado com o culto imperial desde o seu início¹¹⁷⁵, os dados das recentes escavações dirigidas por Lídia Fernandes apontam para uma instalação nos finais do principado de Augusto a inícios do de Tibério¹¹⁷⁶.

O único troço classificado com segurança como da muralha alto-imperial foi identificado na antiga frente ribeirinha por Alexandra Gaspar e Ana Gomes, nos antigos

¹¹⁶⁸ L. Fernandes, 1997 reporta alguns elementos de uma comunicação oral da sua autoria, em colaboração com A.M.Dias Diogo e R.Banha da Silva, apresentada em Dezembro de 1991 em «*Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado- I Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado (Seixal, 1991)*», que infelizmente não resultou em publicação. Desta apresentação constava o achado de uma incineração infantil em deposição secundária, com os *ossilegia* depositados numa *olla* colocada por sua vez no interior de um corpo de ânfora do tipo Haltern 70 do Guadalquivir.

¹¹⁶⁹ R.B. Silva, 1999 e 2005, p.29.

¹¹⁷⁰ Tomaz Caetano de Bem, *Noticia das Thermas ou Banhos Cassianos e Outros Monumentos Romanos Modernamente Descobertos na Cidade de Lisboa*, s. d. (BNL, Reservados, Cod.104).

¹¹⁷¹ A.M. Faria, 1995, p.91-93. V. Mantas, 1990, 1993 e J.C. Ribeiro, 1994, propõem a existência de um estatuto prévio ao de município em época tardo-republicana. Esta opinião não coloca em causa a data augústea da dedução municipal- Conf. Idem e A.M.Faria, 1999, 2001 e 2002 ou J. Alarcão, 1992 e 1994.

¹¹⁷² C. Fabião, 2010.

¹¹⁷³ J. Alarcão, 1994, p.58.

¹¹⁷⁴ S. Salvado, 1994, reproduzindo a opinião outrora expressa por Octávio da Veiga Ferreira.

¹¹⁷⁵ R.B. Silva, 1999; L.S.Fernandes, 2005.

¹¹⁷⁶ L. Fernandes, 2007, p.27-39.

Armazéns da Casa Sommer, mas os contextos e cerâmicas associadas não autorizam remontar a sua instalação com anterioridade a Tibério¹¹⁷⁷.

Mesmo considerando ser admissível uma definição programática das reformas urbanas de *Olisipo* logo após 27 a.C., os dois elementos citados referentes à muralha e teatro parecem configurar-lhe um quadro mais tardio no tempo, difícil de situar com precisão. Os dados contextuais arqueológicos demonstraram que as obras decorreram já dentro do principado do sucessor de Augusto. Seja como for, *Felicitas Iulia* adquiriu uma definição urbana carateristicamente romana a partir deste programa gizado nos inícios do Império, onde a muralha, que se pode supor mais ou menos coincidente com o *ualum* que definia o *pomerium*, presumivelmente traçado aquando da dedução, estabelecia uma marcada distinção funcional, simbólica e ideológica entre a cidade *strito sensu* e os seus *suburbia*¹¹⁷⁸.

Percepcionar qual o trajeto do perímetro assim definido não é, porém, tarefa fácil. Na fachada ribeirinha, pelos constrangimentos geográficos específicos, o traçado deveria equivaler sensivelmente ao percorrido mais tarde pela muralha baixo-imperial, identificada também na Sommer, mas igualmente na Casa dos Bicos em 1981-1982¹¹⁷⁹. Mais a ocidente, não englobaria já as estruturas romanas descobertas no subsolo da Rua dos Bacalhoeiros¹¹⁸⁰, como acontece igualmente com a mais tardia cerca medieval muçulmana¹¹⁸¹.

A frente ocidental poderá ter passado na zona um pouco a oeste do Largo da Madalena, entre este e a Rua dos Fanqueiros. Na esquina formada por esta praça e a Rua Nova do Almada construiu-se em meados do séc.XVIII um prédio em cujas fundações surgiram as ruínas cognominadas “*Templo de Cibele*”¹¹⁸². As leituras mais recentes do urbanismo antigo de Lisboa têm identificado esta estrutura retangular paramentada a silhar calcário com o templo que coroaria o *forum*¹¹⁸³. A ser assim o circuito da construção muralhada do Alto Império teria que passar entre este presumível *podium* e a unidade de preparados piscícolas que se expõe hoje num estabelecimento da esquina da Rua dos Fanqueiros com a Rua da Conceição¹¹⁸⁴. Contudo, recentemente foi

¹¹⁷⁷ A.Gomes e A.Gaspar, 2007, p.693.

¹¹⁷⁸ R.B. Silva, 1999, 2005 e 2011.

¹¹⁷⁹ A.L. Duarte e C. Amaro, 1986, p.150-151; C. Amaro e E. Sepúlveda, 2007.

¹¹⁸⁰ L. Fernandes *et al.*, 2006 e no prelo.

¹¹⁸¹ A.V. Silva, 1986.

¹¹⁸² Idem, 1944.

¹¹⁸³ V.G. Mantas, 1990, 1994, 1996 e 1999; J.Alarcão, 1992 e 1994; J.C. Ribeiro, 1994; R.B. Silva, 1999 e 2005.

¹¹⁸⁴ A.M.D. Diogo, 2000b.

colocada a hipótese, cumulativa, da referida estrutura exumada no séc.XVIII equivaler a uma torre da muralha romana baixo-imperial¹¹⁸⁵, que assim não se sobreporia neste lanço à mais antiga, pois esta teria de abarcar as *Thermae Cassiorum*. Ainda no âmbito do limite ocidental do *pomerium*, este poderia atingir mais acima as proximidades da Porta da Alfôfa medieval, em cujo paramento externo se registou outrora um grande lintel epigrafado reutilizado, outrora pertencente a uma construção pública de época alto-imperial dedicada a/por um (...) *tius Quadratus legatus augusti pro praetor*¹¹⁸⁶. Teria este elemento ter pertencido a uma das portas do recinto?

Os problemas não são menores no que se refere ao lanço oriental, a despeito de um maior número de dados arqueológicos.

Em duas intervenções próximas entre si, na Rua de São João da Praça¹¹⁸⁷ e Pátio da Senhora de Murça¹¹⁸⁸, a equipa municipal corroborou o que já Clementino Amaro havia observado na Casa dos Bicos na década de 1980, ou seja, a coincidência com, e origem no Baixo-império, da estrutura defensiva da cidade que estaria a uso até ao final da I dinastia portuguesa. O essencial dos dados é, porém, relativo à Época Romana Tardia, e diz respeito somente ao paramento externo da estrutura, o que constitui um óbice importante. A hipótese de nesta secção se ter verificado uma justaposição entre os dois perímetros de muralha da *Olisipo* do Principado e Dominado¹¹⁸⁹ permanece, portanto, de pé: de fato, e embora outras leituras sejam possíveis, este entendimento é plausível em função da sequência estratigráfica patenteada nas escavações do Pátio da Senhora de Murça, onde se observou que o alicerce da face externa da estrutura corta e sobrepõe-se a uma espessa deposição detritica contendo material de construção e recipientes cerâmicos do Alto e Médio Império, por sua vez cobrindo o abandono de uma trama de edificado a que foi apontada uma cronologia tardo-republicana romana¹¹⁹⁰; deverá, também, enfatizar-se ausência de vestígios de construções com datações dos séculos I-III d.C. no local, como lembrar a muito comum acumulação detritica associada às faces exteriores dos recintos muralhados alto-imperiais após a sua erecção, associadas a caminhos de acesso e respetivas portas, como parece ser o

¹¹⁸⁵ R.B. Silva, 2011.

¹¹⁸⁶ A.V. Silva, 1944, p.112-114.

¹¹⁸⁷ J. Pimenta, M. Calado e M. Leitão, 2005. No quadro do Projecto de Estudo, Requalificação e Valorização da Cerca Velha foi o troço novamente intervencionado em 2010, escavação que permanece inédita.

¹¹⁸⁸ Intervenção inédita, musealizada.

¹¹⁸⁹ R.B. Silva, 2005, fig.2.

¹¹⁹⁰ Elementos disponibilizados por audio-visual e núcleo expositivo patente no local, da responsabilidade do Museu da Cidade e da arqueóloga Manuela Leitão.

caso¹¹⁹¹, tanto mais que a composição mais tardia romana se fez, como se constatou na Sommer, pelo adossamento pelo exterior à estrutura mais antiga¹¹⁹².

O desenho urbano dos distintos quarteirões da área da cidade em sentido estrito é-nos de igual forma mal conhecido. De há muito que Vasco Gil Mantas e José Cardim Ribeiro defendem a possibilidade de no traçado dos arruamentos anteriores ao cataclismo de 1755, tanto quanto se pode deduzir pela cartografia antiga de Lisboa, estarem fossilizados traços de origem romana equivalentes a uma planta de alguma regularidade¹¹⁹³.

Tendo tomado como ponto de partida as propostas de ambos os investigadores foi possível aferir que na zona ribeirinha do casco antigo onde subsiste o traçado pré-terramoto sobreviveram plausivelmente múltiplos destes elementos¹¹⁹⁴. Entre eles contam-se alguns de inquestionável antiguidade, de que se pode dar o exemplo do alinhamento do troço mais meridional da frente ocidental da «Cerca Velha» até à antiga “*Porta Férrea*“, pelo menos de segura data medieval muçulmana dado surgir mencionada nas fontes coevas¹¹⁹⁵.

A partir deste princípio, e depois de se terem coligido os dados disponíveis referentes às orientações das construções romanas dadas a conhecer até ao presente, foi ensaiada a equivalência destas com a dos traços urbanos atuais próximos, tendo-se verificado uma constância de linhas similares dotadas de métrica compatível com parcelamento urbano romano, nomeadamente o *atus* e múltiplos desta unidade¹¹⁹⁶. A aplicação desta útil metodologia vem revelando a sua utilidade noutros pontos da cidade, como se verá de seguida, e não foi ainda invalidada pelos estudos posteriores, tendo permitido entrever deste modo a hipótese de a cidade romana alto-imperial de *Olisipo* ter conhecido duas orientações dominantes, resultado de uma expectável adaptabilidade programática e da planificação ao relêvo da encosta sul do morro do Castelo.

¹¹⁹¹ Poderiam citar-se, de entre outros, os casos da própria *urbs*, ou de *Baelo Claudia*, que ilustram diferentes escalas urbanas como distintos ambientes culturais e geográficos – Conf., em geral X. Dupré y Raventós e J.-A. Remolá Valverdú (2002), e, para o caso específico dos dados arqueológicos da porta sul da cidade hispana, D.Bernal Casasola *et al.*, 2011.

¹¹⁹² A. Gomes e A. Gaspar, 2007.

¹¹⁹³ V.G. Mantas, 1990, 1996 e 1999; J.C. Ribeiro, 1982-83, 1983 e 1994.

¹¹⁹⁴ R.B. Silva, 1999, 2005 e 2011.

¹¹⁹⁵ A. Rei e A. Sidarus, 2001.

¹¹⁹⁶ Metodologia já antes aplicada- Conf.R.B. Silva, 1999 e 2005, fig.2.

Uma primeira, abrangeria a vasta zona que compreendia o Teatro Romano, um embasamento romano que se expõe no rés-do-chão da Rua da Saudade n.º6¹¹⁹⁷, a fachada meridional da desaparecida Igreja Românica de S.Jorge, o *cardine* secundário e edificado envolvente patenteado nas escavações dos Claustros da Catedral¹¹⁹⁸, boa parte dos muros exteriores da Igreja da Sé e o eixo do seu cruzeiro-mór, um dos alinhamentos dos muros romanos exumados no subsolo do Largo de S.António da Sé¹¹⁹⁹, o saguão do quarteirão formado pelo gaveto entre as ruas do Barão e de S.João da Praça, o Beco dos Armazéns do Vinho e o arruamento que lhe é perpendicular e conduz à “*Porta do Mar*” das fontes muçulmanas medievais¹²⁰⁰, seguramente já existente no Baixo-império Romano¹²⁰¹, como o *cardine* sobre o qual se instalou um fontenário de Época Romana Tardia, revelado nos trabalhos arqueológicos da antiga Casa Sommer¹²⁰². Ocupando quase metade da área suposta da cidade, incluiria uma parte significativa do *decumanus maximus*, mais provavelmente situado ao sul da Catedral, numa extensão de c.400m e mais de 250m *in agro*.

O segundo alinhamento, menos bem documentado, incluiria um dos muros romanos exumados no Largo de Santo António da Sé¹²⁰³, um outro troço de estrutura romana alto-imperial identificada na esquina deste largo com a Calçada do Correio Velho em 1993¹²⁰⁴, dois troços de muro anterior às *Thermae Cassiorum* revelados nas escavações da Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28¹²⁰⁵, os vestígios de construções exumados numa sondagem em 2000 executada no Largo e Rua da Madalena¹²⁰⁶, o lanço da «*Cerca Velha*» medieval entre a “*Torre da Escrivanhina*” e a “*Porta do Ferro*”¹²⁰⁷, em traços gerais a atual Rua das Canastas e uma porção importante do desenho urbano pré-terramoto na zona da atual Rua da Padaria, para cuja atenção chamou José Cardim Ribeiro que a identificou como hipótese de localização do *forum*¹²⁰⁸, proposta que porém encerra múltiplos problemas. Esta orientação abrangeria também o alinhamento meridional da «*Cerca Velha*» ao longo de quase 250 m, genericamente

¹¹⁹⁷ T.Hauschild, 1992 e 1994.

¹¹⁹⁸ C. Amaro, 1995 e 2000.

¹¹⁹⁹ A.Vale e L. Fernandes, 1994.

¹²⁰⁰ A.Rei e A.Sidarus, 2001.

¹²⁰¹ A.Gomes e A.Gaspar, 2007.

¹²⁰² Idem.

¹²⁰³ A.Vale e L. Fernandes, 1994.

¹²⁰⁴ A.M.D. Diogo, 1998.

¹²⁰⁵ Escavações dirigidas por A.M.Dias Diogo entre 1990 e 1998, de que não existe relatório. Observação directa pelo autor.

¹²⁰⁶ M.Ferreira, 2001.

¹²⁰⁷ A.V.Silva, 1987.

¹²⁰⁸ J.C. Ribeiro, 1994.

entre o Campo das Cebolas e a Rua dos Bacalhoeiros, sendo legítimo supor que o trajeto do *decumanus maximus* atravessaria a área da “*Porta do Ferro*” medieva, como seria esta a orientação que encerrava o *forum municipalis*.

Outras orientações regulares, apesar de mais confinadas, parecem ter coexistido com as duas dominantes. De entre elas merece maior destaque a equivalente ao ângulo SE da «*Cerca Velha*» pois, para além de uma estrutura delimitadora do espaço datada dos inícios do Império revelada no interior de um prédio da Travessa do Chafariz D’El Rei¹²⁰⁹, de uma outra construção romana de cariz hidráulico exumada no Beco do Marquês de Angeja¹²¹⁰, ela inclui um *cardine* e cloaca respetiva, parcialmente sobrepostos pelo paramento externo da muralha do Baixo-Império numa sondagem recentemente realizada no subsolo da Rua de S.João da Praça sob a direcção de Manuela Leitão¹²¹¹. O elemento vial mencionado tanto poderá equivaler a uma estrutura interna do recinto muralhado, como a um percurso já em área suburbana que a circundava pelo exterior.

Do lado diametralmente oposto da cidade, a norte das *Thermae Cassiorum*, um muro alto-imperial de contenção de terras foi escavado no jardim do Palácio dos Condes de Penafiel, conservando-se visível no local: a sua orientação é coincidente com a do troço da «*Cerca Velha*» que se encontrava um pouco para norte, equivalente em termos genéricos aos dois lanços meridionais da atual artéria denominada Escadinhas de S.Crispim. O achado em 1992, nas escavações do local dirigidas por Dias Diogo, de uma sepultura praticada no interior de uma ânfora Dressel 20 do Guadalquivir¹²¹² permite qualificar o espaço já como suburbano. As partes conhecidas do grande edifício termal olisiponense mencionado, com grande probabilidade edificado nas cercanias do *forum municipalis*, como acontece em inúmeras cidades lusitanas de que se poderiam citar os exemplos mais próximos de *Conimbriga* ou *Ebburobrittium*, não se articula com outras estruturas alto-imperiais, mas a explicação da sua peculiar orientação poderá residir nas necessidades hídricas de que carecia e na forma como o complexo público se adaptou ao recurso disponível na zona.

¹²⁰⁹ F.Madeira, 2006.

¹²¹⁰ V.Filipe e M.Calado, 2007.

¹²¹¹ Dados facultados pela responsável pelos trabalhos, agradecendo-se a autorização da sua divulgação. A leitura produzida resulta, porém, da visita ao local em 2009 e da observação directa dos trabalhos, não comprometendo a arqueóloga com a interpretação pessoal dos dados da sua escavação.

¹²¹² Elemento inédito que se conserva no Museu da Cidade. Na ausência de relatório vale a referência manuscrita que acompanha as recolhas, “*Q.3 / Sepultura*”.

Em síntese, a cidade de *Felicitas Iulia Olisipo*, entendida em sentido estrito romano, embora seguramente não ortogonal, proposta avançada por Vasco Mantas no seu trabalho mais recente sobre a matéria¹²¹³, entrevê-se hoje como bastante regular, a despeito das dificuldades colocadas pela sua localização a meia-encosta que obrigaram a uma solução de disposição “*em leque*” (vide Figura 15, *infra*).

Como se viu antes, do entramado de *uiae* do perímetro não se conhece hoje mais do que dois troços de *cardines*, nos Claustros da Sé e antiga Casa Sommer, podendo acrescentar-se-lhe o detetado em São João da Praça, cujo enquadramento estritamente urbano não é, todavia, seguro. Em todos os casos se revelaram cloacas no subsolo, como os pisos patenteados eram em lajeado de razoável dimensão. Da origem e dinâmicas que estas *uiae* certamente encerraram em Época Alto-Imperial, porém, nada se conhece, parecendo plausível que quer pisos quer estruturas hidráulicas de saneamento não equivalerão à sua primeira formulação, pelo menos tendo em mente o exemplo da capital provincial¹²¹⁴.

Dos espaços privados, comerciais e habitacionais, mais não possuímos do que exíguos e esparsos fragmentos. Os Claustros da Catedral constituem a única exceção, ao encerrarem o conjunto coerente e o de maior amplitude de área conhecido na cidade, mas encontram-se ainda em trabalhos arqueológicos, pelo que terá que se aguardar o estudo dos elementos compulsados pelas escavações desde 1990.

No seu conjunto, de *Olisipo* conhecem-se melhor os espaços artesanais e alguns dos amplos edifícios públicos, como o Teatro, as grandes termas, o criptopórtico e o *circus*, do que os espaços de cariz mais quotidiano dos olisiponenses residentes no *pomerium*, sendo nestes últimos, como bem afirma Virgílio Hipólito Correia a propósito de *Conimbriga*, que se forja a verdadeira essência da vivência e paisagem de uma cidade¹²¹⁵.

Evidência arqueológica de outra natureza, a negativa, terá ainda de ser evocada para a caracterização da cidade. Se é admissível a obliteração do registo arqueológico de certas zonas onde ocorreram profundos movimentos de terras, de que os ocorridos após 1755 constituirão apenas o caso melhor documentado, para outras parcelas esta

¹²¹³ V.G.Mantas, 1999.

¹²¹⁴ Para as vias da cidade vide reflexões Miguel Alba Calzado, 2001 e de T.Barrientos Vera, 2000, p.68 *apud* F.G.Rodríguez Marín, 2004, p.401, nota 46. O mesmo é extensível aos troços periurbanos das vias principais- conf. P.D.Sánchez Barrero e B.Gómez Nieves, 1998.

¹²¹⁵ V.H.Correia, 2004.

explicação não colhe e residirá na inexistência de ocupação em Época Alto Imperial: os dados coligidos por diversas intervenções até 2005 demonstram um vazio a norte do

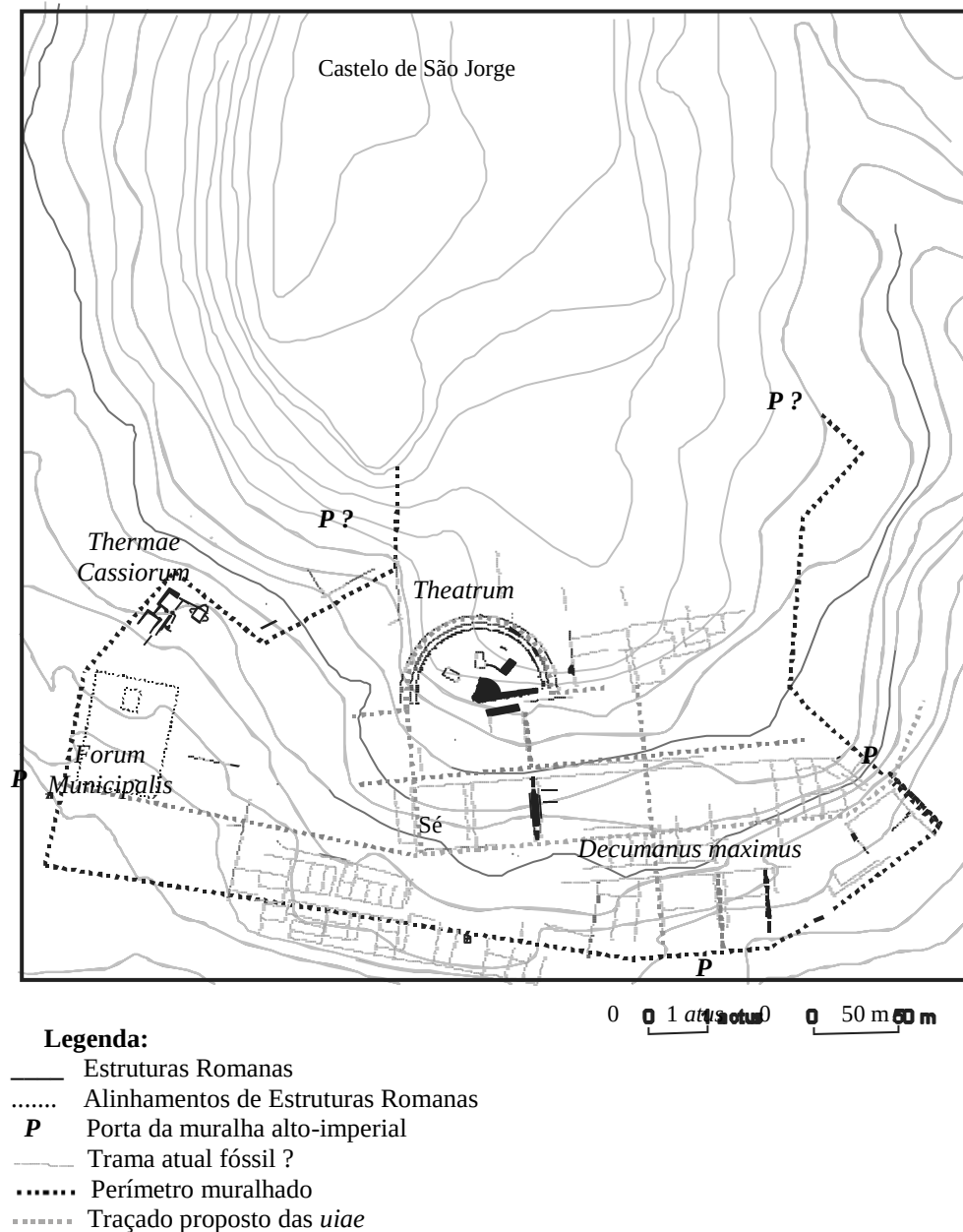


Figura 15- Leitura conjectural do urbanismo alto-imperial de *Olisipo*.

Largo dos Lóios, à excepção de uma muito pontual atestação estrutural no Largo do Contador-Mór¹²¹⁶, como acontece também, como já se fez referência, no Castelo de S.Jorge. A estes elementos deverá ser conferida a maior importância, pois permitem delinear um perímetro urbano olisiponense um pouco acima dos 10 Ha de área.

¹²¹⁶ Intervenção de 2008 dirigida por Nuno Mota, Pedro Miranda e Marina Carvalhinhos, onde se detectou uma canalização em tijoleira com esta cronologia. Agradece-se aos responsáveis a autorização de divulgação deste elemento.

Esta característica da cidade romana de *Olisipo* surpreende pela sua exiguidade, sobretudo se se tiver presente a sua importância económica, tratando-se da “*capital litoral*” da Lusitânia como a adjectivou Vasco Mantas¹²¹⁷. Na realidade, parece ser sobretudo a amplitude da área suburbana que dá fundamento a este qualificativo.

Era ali que se situava seguramente a zona portuária, como ali teve lugar uma intensidade de produção artesanal, que a investigação das últimas décadas vem devidamente sublinhando¹²¹⁸, de que a elaboração dos produtos resultantes da exploração dos ricos recursos piscícolas disponíveis constitui a sua face mais visível arqueologicamente.

Os vestígios de *officinae* de *garum* cobrem hoje uma ampla faixa ribeirinha meridional e ocidental de *Olisipo*, que se estende por cerca de 700 m, entre a Rua Augusta-“*Mandarim Chinês*”¹²¹⁹ e a Casa dos Bicos¹²²⁰, apresentando no presente uma extensão no sentido perpendicular àquele que suplanta os 150 m, da Rua Augusta-“*Zara*”¹²²¹ à Rua dos Fanqueiros n.º77¹²²². Parece interessante comparar estes números com os compilados para o mesmo tipo de espaços artesanais por Robert Étienne e Françoise Mayet¹²²³, dado colocarem Lisboa em clara posição de competição com o outro grande pólo lusitano, Tróia (Grândola). Em *Olisipo*, porém, as poucas unidades de produção de que foi possível restituir a planta, no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, apresentam bem mais diminuta dimensão do que as congéneres sadinas, mesmo do que a menor “*Usine III*”¹²²⁴, o que pressupõe o predomínio de distintos tipos de estrutura organizacional económica nos dois sítios.

Como o *pomerium*, o *suburbium* ocidental apresenta indícios de uma urbanística tendencialmente regular, planificada.

As cetárias mais próximas da cidade denotam orientações similares às da zona estritamente urbana confinante, tendo resultado possivelmente do prolongamento do desenho da malha desta. Estão nestas condições os tanques revelados nas sondagens 1 e 3 da Rua dos Douradores¹²²⁵, Rua dos Fanqueiros n.º77¹²²⁶, no n.º66 da Rua da Prata¹²²⁷, Rua dos Bacalhoeiros/Rua das Padarias¹²²⁸ e Casa dos Bicos¹²²⁹.

¹²¹⁷ V.G.Mantas, 1990, p.160.

¹²¹⁸ C. Amaro, 1994; C.Fabião, 2009.

¹²¹⁹ J. Bugalhão, 1997.

¹²²⁰ A.L.Duarte e C. Amaro, 1986.

¹²²¹ M.Ferreira, A.Jorge e R.Ramos, 2002.

¹²²² A.M.D. Diogo, 1994 e Idem e L. Trindade 2000b.

¹²²³ R.Étienne e F. Mayet, 1993-1994.

¹²²⁴ Idem e R.Étienne, I.Makaroun e F. Mayet, 1994.

¹²²⁵ R.B. Silva, 1998b.

Mais para oeste, porém, as *officinae* do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros¹²³⁰, os tanques observados por Vieira da Silva na parte sul da atual sede do Banco Millenium¹²³¹ e os alicerces revelados na Rua Augusta-“Zara”¹²³², mostram uma um outro alinhamento, próximo ao Norte Geográfico. A presença do troço de *uia* que se dirigia aos *agri* ocidentais olisiponenses no Núcleo Arqueológico, com esta mesma orientação, a que se acrescenta a proximidade com o Esteiro do Tejo, poderão ter justificado o acondicionamento do desenho deste parcelário.

O referido núcleo musealizado encerra um outro interesse, supletivo. No local documentou-se uma necrópole de que se exumaram maioritariamente sepulturas de inumação, mas onde as três incinerações assinaladas tinham associados materiais cerâmicos datáveis de entre 25 a.C.-50 d.C.¹²³³. O espaço funerário abrangia a sondagem n.º 34 escavada sob a direcção de Dias Diogo em 1991¹²³⁴, situada 50 m para norte, onde se identificou igualmente uma sepultura infantil de incineração cujo *ossilegium* era constituído pelo corpo de uma ânfora do tipo Haltern 70 bética e um bocal de unguentário do tipo Py2, similar a dois outros do Núcleo e com a mesma cronologia¹²³⁵. Num e noutro local, a área fúnebre foi desativada para a instalação do complexo produtivo piscícola, expressiva manifestação do fenómeno de expansão das unidades artesanais durante o período dos imperadores Júlio-Cláudios.

A zona mais setentrional das *officinae*, difusamente conhecida ao longo de 100 m de expansão este-oeste, assume aqui uma outra orientação, comprovada no pátio e cetária da sondagem 34 da Rua dos Correeiros¹²³⁶, nas sondagens executadas na Rua de São Nicolau em 1997¹²³⁷ e na Rua Augusta-“Mandarim Chinês”¹²³⁸. É crível que a passagem por aqui da *uia Olisipo-Scallabis*, de que um troço foi identificado da Praça

¹²²⁶ A.M.D. Diogo e L. Trindade, 2000b.

¹²²⁷ V.Santos e J.Marques, 1997.

¹²²⁸ L. Fernandes *et al.*, 2006 e no prelo.

¹²²⁹ A.L.Duarte e C. Amaro, 1986.

¹²³⁰ J. Bugalhão, 2001.

¹²³¹ A.V.Silva, 1944, p.72, nota 1.

¹²³² M.Ferreira, A.Jorge e R.Ramos, 2002.

¹²³³ R.B. Silva, 1999.

¹²³⁴ Como se referiu em nota *supra*, alvo de comunicação oral de A.M.Dias Diogo, L. Fernandes e R.Banha da Silva, apresentada em Dezembro de 1991 em «*Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado- Actas das I Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado (Seixal, 1991)*», que infelizmente não resultou em publicação.

¹²³⁵ *Idem.*

¹²³⁶ *Idem.*

¹²³⁷ R.B. Silva, 1998b; E.Sepúlveda *et al.*, 2003.

¹²³⁸ J. Bugalhão, 1997.

da Figueira e datado de Tibério¹²³⁹, tenha modelado o desenho do parcelamento que se estende até à necrópole noroeste.

Procurando uma sùmula do assunto, os elementos mais uma vez prefiguram espaços planificados, de que mais uma vez se conhecem insuficientemente os ritmos e dinâmicas ocupacionais, como se viu seguramente originados em período júlio-cláudio.

Para além destas construções artesanais, o espaço do *suburbium* ocidental conheceu também edificações de outra natureza.

Áreas de provável cariz residencial foram identificadas no referido Núcleo Arqueológico, nomeadamente as pequenas termas privadas pavimentadas a mosaico no séc.III d.C.¹²⁴⁰ Para algumas das estruturas identificadas nas sondagens executadas na Rua dos Douradores em 1997¹²⁴¹, alguns dos muros observados por Vieira da Silva na atual sede do Banco Millenium¹²⁴² ou os alicerces exumados na Rua Augusta-“Zara”¹²⁴³, não se pode garantir que não encerrassem cariz similar. Os dados da já aludida sondagem 34 da Rua dos Correeiros são, a este respeito, categóricos, pois provam a apropriação de áreas anteriormente artesanais para outros fins do foro privado: sobre o pátio instalou-se um muro em alvenaria, paramentado com dois níveis de fresco pictórico, uma conduta de esgoto foi rasgada no *opus signinum* da zona de circulação da *officinae* e um muito destruído mosaico a preto e branco terá coberto as antigas construções artesanais¹²⁴⁴. Contudo, tratam-se de epifenómenos, estando longe de ser possível determinar a sua magnitude, sendo certo que, de outra forma, atestam que a área da cidade sofreu relevante pressão urbanística pelo menos nos séculos II e III d.C.

Um edifício público foi revelado no centro da zona oficial: o criptopórtico da Rua da Prata. Com um longo historial na olisipografia, a ruína sofreu bem diversas leituras da sua funcionalidade¹²⁴⁵, sendo a hipótese hoje mais consensual a de ter albergado uma praça ligada às atividades portuárias¹²⁴⁶. A sua construção terá ocorrido no período júlio-cláudio, tendo-se aventado propostas mais precisas de datação tibéria¹²⁴⁷ ou cláudia¹²⁴⁸, todavia por demonstrar cabalmente. Seja qual for o momento,

¹²³⁹ R.B. Silva, 2012.

¹²⁴⁰ J. Bugalhão, 2001.

¹²⁴¹ R.B. Silva, 1998b.

¹²⁴² A.V.Silva, 1944, p.72, nota 1.

¹²⁴³ M.Ferreira, A.Jorge e R.Ramos, 2002.

¹²⁴⁴ L. Fernandes, 1997.

¹²⁴⁵ Veja-se sobretudo J.C. Ribeiro, 1994, C.Fabião, 1994b e M.J.Maciél, 1994.

¹²⁴⁶ J.C. Ribeiro, 1994.

¹²⁴⁷ Idem; V.G.Mantas, 1990.

ele será relativamente contemporâneo da expansão das unidades oficiais aferida nas imediações, no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros como se viu antes, mantendo uma relação íntima com aquele tipo de instalações produtivas de *Olisipo*.

Conhecendo-se bem a infra-estrutura do edifício público, que empregou sobretudo *opera quadratta* não isódoma e *caementicia*, as construções que se lhe sobrepunham ao nível do piso térreo apenas foram afloradas em 1859¹²⁴⁹. O mais provável é que os tanques revestidos a placas “marmóreas” descobertos nesta ocasião terão constituído espelhos de água, denotando outros dados este modelo de exuberante programa decorativo, como o espesso fuste de coluna em lióz vermelho que se encontra ainda hoje num estabelecimento comercial que se sobrepõe ao criptopórtico, a base jónica de coluna em lióz branco com ele compatível, revelada na escavação do n.º 66 da Rua da Prata¹²⁵⁰, ou o próprio pedestal dedicado ao Esculápio Augusto por dois augustais com permissão da *ordo decurionum* olisiponense, em lioz rosado¹²⁵¹. Em relação a este último elemento, deverá sublinhar-se ser comum a vinculação da atividade comercial a aspetos de índole religiosa de larga tradição, bem patenteada em cidades portuárias como Sevilha, *Bulla Regia*, Djemila, *Thibilis* e Dougga¹²⁵².

A configuração e altura da rede de galerias perfeitamente ortogonais que compõem o criptopórtico deixa intuir da existência de um amplo espaço central rebaixado, de uma área sobrelevada no topo oeste do edifício, sobre a qual se revelaram os aludidos tanques, como também de uma zona de altura média do lado norte, que deveria ter igual contraponto no flanco oposto¹²⁵³. Nestas duas últimas partes laterais, e se a presunção da construção de paredes destinadas a suportar maiores cargas de peso estiver correta, formar-se-iam pequenos compartimentos, podendo entrever-se uma planta aparentada à de um *horreum* ou *macellum*.

A norte, na zona próxima à confluência entre as ribeiras de Arroios e Valverde com a parte mais a montante do Esteiro da Baixa, talvez resultando de uma deslocação das práticas funerárias que originalmente tiveram predominância em zonas mais meridionais e próximas do acesso ocidental à cidade, como a revelada no Núcleo

¹²⁴⁸ R.B. Silva, 1999 e 2000.

¹²⁴⁹ C.Fabião, 1994b.

¹²⁵⁰ V.Santos e J.Marques, 1997.

¹²⁵¹ A.V.Silva, 1944, p.119.

¹²⁵² D.González Acuña, 2010, p.94.

¹²⁵³ É esta a interpretação de J.Cardim Ribeiro, que desdobra as ruínas conhecidas em espelho-Conf. J.C. Ribeiro, 1982-1983 e 1983.

Arqueológico da Rua dos Correeiros-Sondagem 34¹²⁵⁴, instalou-se uma necrópole, conhecida por achados no Largo de S.Domingos, Praça da Figueira, Calçada do Garcia e Encosta de Sant'Ana-Largo do Martim Moniz¹²⁵⁵.

As práticas funerárias revelam-se próximas ao troço viário do itinerário *Olisipo-Scallabis* e de um *deuerticulum* que se dirigia ao Vale de Arroios, encerrando as mais antigas conhecidas no momento datadas neronianas¹²⁵⁶. Junto à estrada de maior importância, os recintos e embasamentos de monumentos reproduzem orientações já antes mencionadas para a parte mais setentrional conhecida das *officinae* de *garum*, pelo que é defensável um parcelamento territorial com esta matriz incidindo sobre uma esta franja mais periférica do território próximo da cidade.

Sob o atual Rossio, sucessivas campanhas arqueológicas em 1961, 1994/5 e 1997 expuseram partes da *arena* e *spina* de um *circus*¹²⁵⁷. De cronologia controversa, os escavadores defenderam-lhe uma datação do séc.III d.C.¹²⁵⁸, ao passo que outros postulam uma cronologia de meados a finais do séc.I d.C.¹²⁵⁹. O estudo da *sigillata* recolhida no local, entretanto publicado¹²⁶⁰, permite descartar a proposta que situa a instalação do edifício na terceira centúria, remetendo-a para momentos seguramente anteriores.

Contando com o grande espaço lúdico olisiponense, os espaços funerários da necrópole noroeste e com a área portuária e artesanal, a zona suburbana ocidental configura uma extensão ocupada, relativamente contínua, superior a 700 m, no seu conjunto ocupando uma área próxima aos 8 Ha, ligeiramente inferior à do *pomerium*.

A oriente da cidade, desenvolveu-se também ocupação durante o Principado, embora menos intensa que na que antes se abordou. Vestígios de construções romanas foram detetados em diversos pontos do bairro de Alfama, mas os contextos não eram claros em relação às suas funcionalidades.

¹²⁵⁴ R.B. Silva, 1999.

¹²⁵⁵ Idem, 2005.

¹²⁵⁶ Idem; J.Muralha, C.Costa e M.Calado, 2002.

¹²⁵⁷ I. Moita, 1968; A.Vale, 2000; E.Sepúlveda *et al.*, 2002; A. Vale e V. Sousa, 2003; A. Vale e L. Fernandes, 2004.

¹²⁵⁸ E.Sepúlveda *et al.*, 2002; A.Vale e V.Sousa, 2003.

¹²⁵⁹ R.B. Silva, 1999, 2000 e 2005.

¹²⁶⁰ E. Sepúlveda *et al.*, 2002.

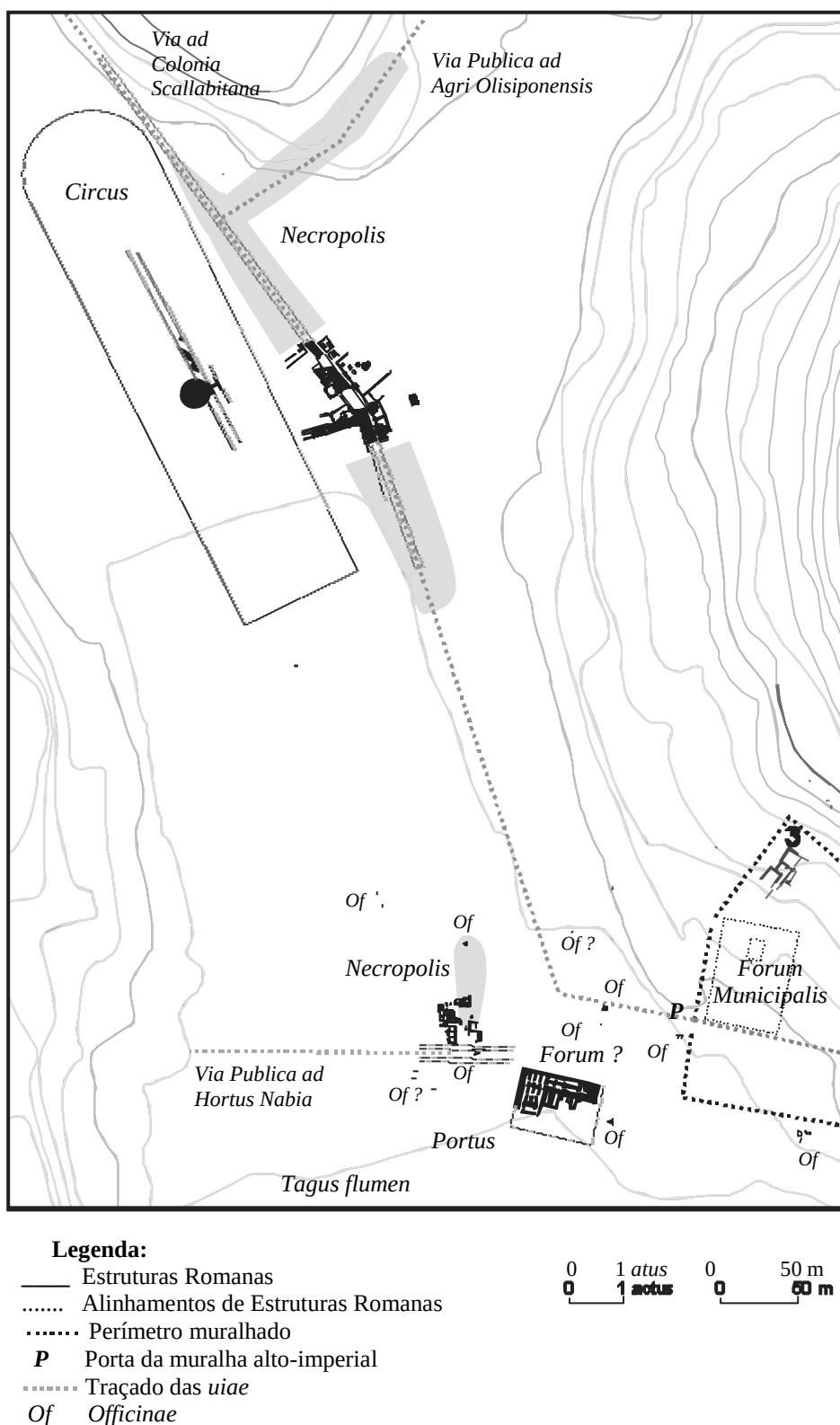


Figura 16- Leitura conjectural do *suburbium* ocidental de *Olisipo*.

Na Rua da Regueira, numa intervenção executada em 2006, exumou-se um troço do *deuerticulum* *Olisipo-Scallabis* por Chelas e Sacavém, escavado no substrato

rochoso e ladeado a sul por uma grande construção alto-imperial originalmente paramentada a fresco e dotada de pavimento musivo polícromo, e, pelo norte, por uma

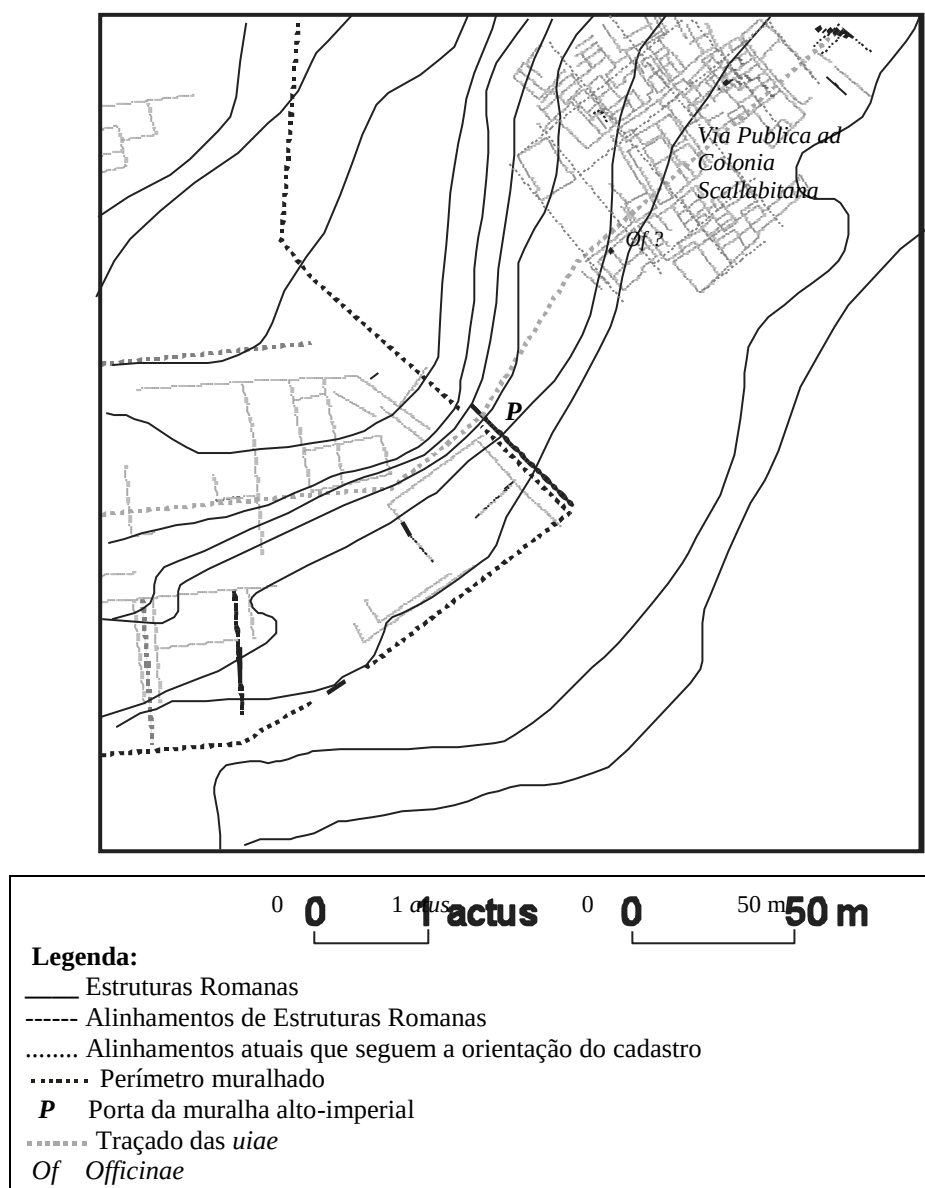


Figura 17- Leitura conjectural do *suburbium* oriental de *Olisipo*.

cisterna forrada internamente a *opus signinum*¹²⁶¹. Um pouco mais a sul, na Rua dos Remédios n.º1-9, surgiram ténues vestígios de muros com contextos estratigráficos associados do período júlio-cláudio, tendo-se identificado igualmente alguns elementos

¹²⁶¹ Intervenção inédita dirigida por Cristina Nozes, Pedro Miranda e o signatário, no quadro do Projecto Integrado do Largo do Chafariz de Dentro, da responsabilidade da Câmara Municipal de Lisboa.

em *opus setile* geométrico utilizando lióz rosa e cinzento, como também restos de pintura mural¹²⁶².

Para ocidente, no Beco do Azinhal identificaram-se vestígios de estruturas romanas alto-imperiais, muito afetadas pela ocupação medieval muçulmana posterior¹²⁶³. Mais para oeste, na Rua de S.Miguel n.º43, foi achado um potente embasamento de construção alto-imperial, desmantelada no Baixo Império, acção a que estavam associados um lintel em lióz moldurado com c.2,00m de comprimento, restos de mosaico polícromo, datável dos finais do séc.II-III d.C., e pintura mural¹²⁶⁴.

Deste último local provêm, embora em deposição secundária, os restos de uma sepultura de incineração situável no século II-inícios do III d.C., discreto elemento que assume peculiar relevância ao fixar um carácter seguramente suburbano para todas as construções de Alfama enunciadas no parágrafo anterior.

Apesar de não se conseguir precisar a funcionalidade de nenhum dos contextos edificados de Época Romana no *suburbium* oriental, no seu conjunto ostentam elementos que lhes denotam indiscutível qualidade arquitectónica, ausente noutros pontos da cidade. Por outro lado, a coincidência dos alinhamentos romanos com as numerosas linhas ortogonais patentes no edificado e arruamentos da mesma zona daquele bairro, com um eixo em torno dos 13° NE, novamente sugerem uma origem da trama gerada no Período Imperial.

Ao contrário do *suburbium* ocidental, porém, as evidências arqueológicas negativas são aqui frequentes, e parece no momento atual da investigação que a ocupação romana se atomizou apenas em torno do troço do importante eixo viário que atravessava a parte baixa de Alfama, conformando desta forma uma área diminuta para o espaço suburbano, distendido pelo menos ao longo de 200 m.

Com a fisionomia urbana que se procurou esboçar, as escavações em *Olisipo* vêm proporcionando recolhas de *terra sigillata* na sua globalidade amplas, com uma dispersão assimétrica. Elas traduzirão a diversidade de perfis funcionais dos espaços, como, e sobretudo, as dinâmicas respetivas dos registos arqueológicos dos diversos pontos, em boa parte consequência da forma como se processaram os descartes dos vasos na cidade.

¹²⁶² Idem.

¹²⁶³ Idem.

¹²⁶⁴ Idem.

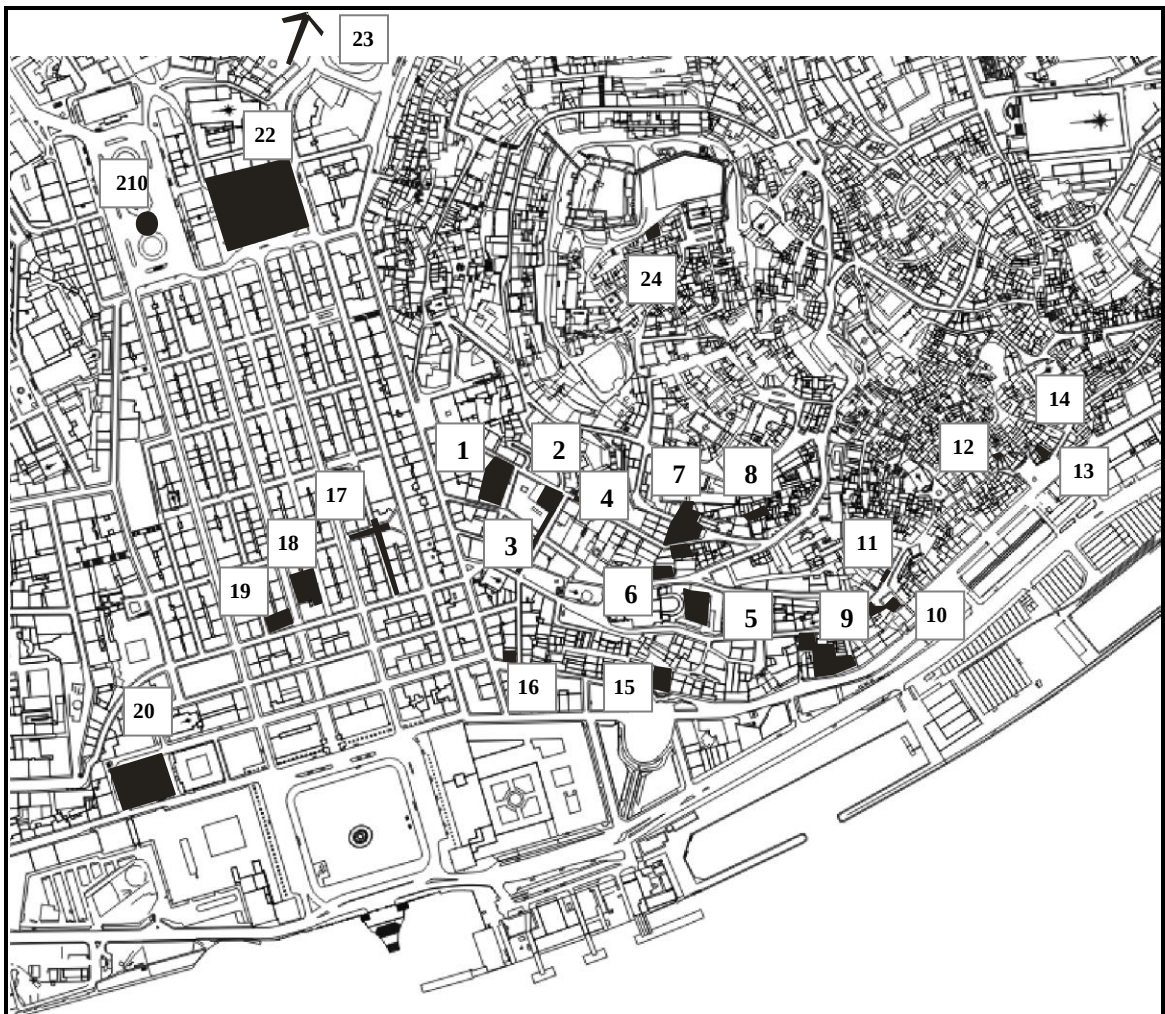


Figura 18- Planta atual de Lisboa com sobreposição (a negro) das áreas intervencionadas arqueologicamente onde ocorreu a detecção de “marcas de oleiro” na *terra sigillata*:

1- Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28; 2- Jardim do Palácio dos Condes de Penafiel; 3- Calçada do Correio Velho-Via Pública; 4- Rua de São Mamede ao Caldas-Via Pública; 5- Claustros da Sé Catedral; 6- Antiga Cadeia do Aljube; 7- Teatro Romano; 8- Rua da Saudade n.º2; 9- Antiga Casa Sommer; 10- Palácio dos Marqueses de Angenja/Travessa do Chafariz d'El Rei; 11- Rua de São João da Praça-Via Pública; 12- Beco do Azinhal n.º17; 13- Rua dos Remédios n.ºs 1-9; 14- Rua da Regueira-Via Pública; 15- Casa dos Bicos; 16- Rua dos Bacalhoeiros/Rua das Padarias; 17- Rua dos Douradores/Rua de S.Nicolau/Rua da Conceição- Via Pública; 18- Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros; 19- Zara-Rua Augusta; 20- Praça do Município-Via Pública; 21- Praça D.Pedro IV/Rossio; 22- Praça da Figueira; 23- Encosta de Sant'Ana; 24- Rua das Flores de Santa Cruz/Grupo Desportivo do Castelo.

8.2.1. Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28/ *Thermae Cassiorum* (Madalena, Lisboa)-Ol. 1-Ol. 45.

O edifício conhecido como *Thermae Cassiorum* corresponde a um balneário de grandes dimensões à escala da antiga *Olisipo* romana, implantado de encontro a um antigo talvegue localizado no flanco ocidental da encosta do morro do Castelo.

Conhecido em duas ocasiões distintas, o achado primitivo verificou-se em 1771/2 e foi noticiado num manuscrito pelo P.e D. Tomás Caetano de Bem, que descreve e caracteriza os elementos construtivos, de que se salienta um conjunto articulado de três tanques em abside. No de maior importância, que de acordo com o texto conservava a parede de topo e respetiva abóbada, perfazendo em conjunto com o alicerce um total de 9,90 m de altura, foi encontrado um nicho a que pertenceria uma estátua em mármore branco, entretanto perdida, um modelo do tipo *Mars Vltor*¹²⁶⁵. Acima do nicho, inscrita a tinta vermelha num registo moldurado, constava a inscrição THERMAE CASSIORVM/ RENOVATAE A SOLO IVXTA IVSSONEM/ NVMERII ALBANII V(iri). C(larissimi). P(raesidis). P(rovinciae). L(usitaniae)./ CURANTE AVR(elio) FIRMO/ NEPOTIANO ET FACVND CO(n)S(ulibu)S (C.I.L. II, 191)¹²⁶⁶. De acordo com o mesmo manuscrito “o aquaduto para o despejo, e evacuação da agoa destes três tanques, se o houve, não se descobrio (...)”, ao contrário do cano de alimentação comum¹²⁶⁷. Depois do seu descobrimento o conjunto de estruturas foi parcialmente desmantelado, permanecendo o remanescente sob o atual Palácio dos Condes de Penafiel, sede do Ministério das Obras Públicas e Transportes.

Uma outra secção das termas, correspondente ao limite do seu quadrante NO, foi revelada nos n.ºs 22-28 da Rua das Pedras Negras, numa extensa intervenção arqueológica municipal ainda inédita, dirigida por Dias Diogo entre 1991 e 1998.

Do conjunto de estruturas destaca-se um corredor de circulação interno com o pavimento forrado a *opus signinum*, sob o qual foi identificada uma cloaca de sentido NE-SO. A estrutura hidráulica em alvenaria era constituída por paredes e abóbada em meia-cana com, em média, 1,20m de altura e 0,60m de largura, tendo sido reconhecida

¹²⁶⁵ Conf. D.Thomaz Caetano de Bem, *Noticia das Thermas ou Banhos Cassianos e Outros Monumentos Romanos Modernamente Descobertos na Cidade de Lisboa*, s. d. (BNL, Reservados, Cod.104).

¹²⁶⁶ J.D'Encarnação, 2009, p. 481-493.

¹²⁶⁷ Cf. D.Thomaz Caetano de Bem, Idem. Parece improvável, porém, que as estruturas hidráulicas não dispusessem de drenagem, parecendo até mais provável que o “cano” descrito como de alimentação fosse, de facto, um adutor a uma cloaca.

numa extensão de 21m a partir de um ponto de penetração constituído por uma violação da Idade Média Cristã, o que sugere uma significativa expansão do edifício para sul¹²⁶⁸.

Embora conduzida com preocupação estratigráfica, norteadada pelos princípios metodológicos preconizados por Wheeler, o desconhecimento dos registos gráficos e descritivos impede o potenciar da informação recolhida. Ainda assim, e porque as ruínas de Época Romana se conservam, como as indicações de recolha e se conhece a distribuição das quadrículas ou áreas de escavação, é possível enquadrar genericamente alguma da informação objetual e articulá-la com os espaços exumados, avançando com propostas cronológicas para o edifício ou componentes suas.

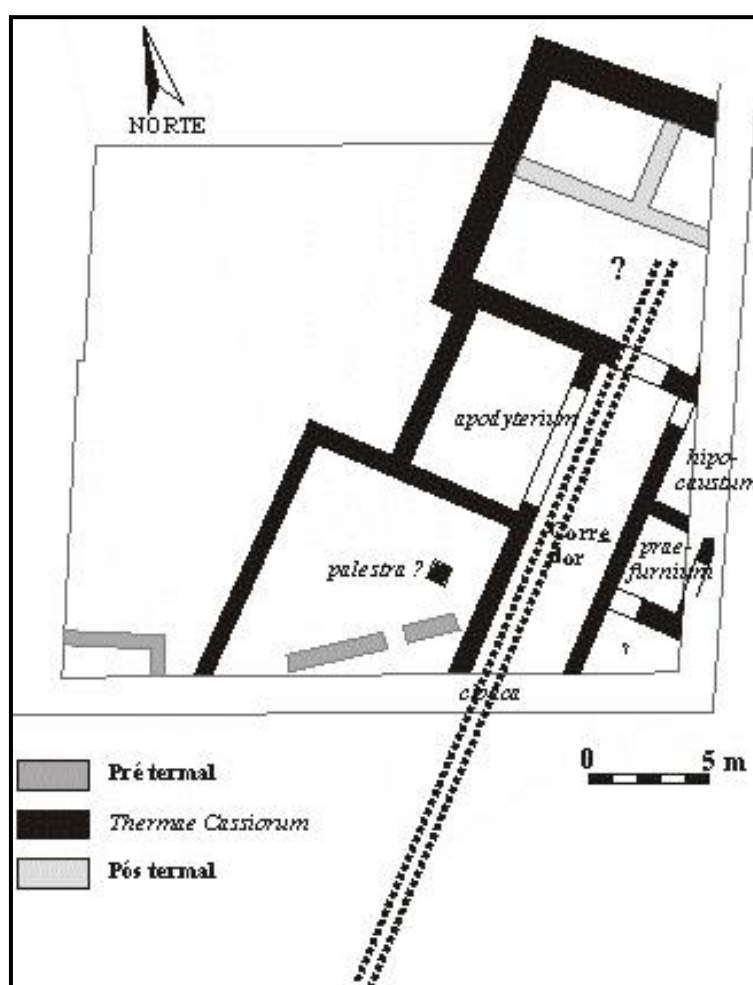


Figura 19- Planta de síntese das estruturas de Época Romana e da Antiguidade Tardia exumadas na I.A.U. da Rua das Pedras Negras, n.ºs 22-28 (seg. Secretaria Geral do Ministério das Obras Públicas¹²⁶⁹, adaptado).

¹²⁶⁸ A.M.Dias Diogo, Laura Trindade, Rodrigo Banha da Silva, “Estruturas romanas de Lisboa”, comunicação oral extra-programa ao «I Congresso Peninsular de Arqueologia (Porto, 1993)», que infelizmente não resultou em publicação nas respetivas actas.

8.2.1.1. Enquadramento do Conjunto.

A dinâmica patente hoje no espaço que aguarda musealização na Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28, mostra de forma categórica que a área estava já ocupada por construções, prévias à instalação do complexo termal.

O carácter lacunar da informação manuseada aconselha a maior prudência na interpretação destes elementos, um deles veiculado como atribuível à Idade do Ferro¹²⁷⁰: no vértice SO da área intervencionada foi exumado um soco em pedra seca ligada por argila formando um ângulo de 90°, uma esquina de compartimento, que, de um ponto de vista da tipologia construtiva em nada se distingue de outros exemplos de segura datação sidérica da própria cidade de Lisboa, como os patentes ao público nos núcleos arqueológicos da Rua dos Correeiros e Castelo de São Jorge. Da consulta das recolhas respeitantes a esta área, a despeito da existência de cerâmicas da Id.Ferro, aliás escassa, era constituída maioritariamente por espólio indiscutivelmente romano alto-imperial, nomeadamente *sigillata* gálica, hispânica, lucernas romanas, ânforas lusitanas Dressel 14 e Dressel 20 do Guadalquivir. Se dúvidas subsistissem, a indicação de proveniência supletiva a “*no interior da habitação da Id.do Ferro*”, manuscrita pelos escavadores, e que acompanhava algumas das recolhas, demonstra de forma categórica uma cronologia já romana alto-imperial da dita construção.

Ainda no âmbito destas mesmas problemáticas colocadas por este ponto arqueológico da cidade, no limite escavado mais a sul são visíveis ainda hoje dois troços de muro construído em pedra seca de pequena e média dimensão, igualmente unidos por um ligante de argila, com orientações distintas da estrutura *pré-termal* anteriormente mencionada e do próprio edifício público. Neste caso, a sua presença faz-se já no interior do espaço construído das *Thermae Cassiorum*, numa área que vem sendo interpretada como equivalente a uma *palestra*. Mais uma vez, a anterioridade destes dois troços de estrutura é constatável pela circunstância de estarem cortadas pelo muro lateral oeste do corredor de circulação dos banhos (Vide Figura 19, *supra*), e ter-se-ão mantido abaixo dos níveis do compartimento, como se induz pelo seu topo se situar à mesma cota do topo do embasamento do “pilar” em *opus latericium* subsistente no local. Mais uma vez, as recolhas fazem referência ao ambiente “Q.3-Q.4 / *Entre Muros*”

¹²⁶⁹ O levantamento topográfico foi executado por este organismo com vista à adaptação arquitectónica do espaço, tendo-nos sido cedido pelo Arq.º Nuno Félix, a quem se agradece o acesso e autorização concedidas.

¹²⁷⁰ Dados que se reportam à comunicação oral mencionado em nota *supra*.

(sic) e o material coletado que foi dado observar encerra cronologias também situáveis genericamente nos séculos I-II d.C. Registe-se que os dois troços de muro apresentam a mesma orientação que Cardim Ribeiro supôs para o *forum* com base nos traçados urbanos anteriores ao terramoto de 1755¹²⁷¹, e que esta coincide com a que se registou em dois grupos de cetárias na Rua dos Douradores¹²⁷², em duas outras na Rua dos Fanqueiros n.º77¹²⁷³, na *officina* de *garum* da Rua dos Bacalhoeiros¹²⁷⁴, nas construções romanas da Casa dos Bicos¹²⁷⁵, numa estrutura porventura residencial escavada na esquina da Calçada do Correio Velho com o Largo de Santo António à Sé¹²⁷⁶, nalguns dos muros exumados naquela praça¹²⁷⁷, evidências que no seu conjunto autorizam a hipótese de um planeamento regular para esta parcela do espaço urbano e suburbano de *Felicitas Iulia Olisipo*¹²⁷⁸.

Parece, portanto, que as estruturas romanas reveladas na Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28 compõem momentos distintos no urbanismo alto-imperial, de que os grandes banhos públicos constituirão seguramente o mais tardio revelado, podendo talvez sugerir-se que a sua distinta orientação terá sido ditada mais por aspetos pragmáticos, conetados com a configuração do talvegue onde se implantaram as termas e a necessidade de captação das águas que as alimentaram.

Aferir o momento em que a parte escavada entre 1991 e 1998 das *Thermae Cassiorum* foi edificada é tarefa mais problemática. Mais uma vez recorrendo às indicações manuscritas que acompanham as recolhas em depósito no Museu da Cidade, merecem destaque as que encerram as indicações “*Vala de implantação/ do muro das Termas W./ 4-5-96*”, “*Vala de implantação do muro das Termas/ 6-9-96*” e “*Q.3-Q.4/ Vala do muro W das termas/ 04/98*”: desta última apenas se observou um fragmento de fundo e parede de prato sudgálico da forma Drag.18, de verniz muito baço; da primeira mencionada consta um fragmento de taça decorada sudgálica Drag.29, outro conservando o bordo de uma tigela de pequena dimensão do tipo Drag.27, com a mesma origem, e um terceiro de taça hispânica do grupo de La Rioja, com decoração de folhas entre círculos denteados; acompanhando a segunda menção encontrava-se um fragmento de parede e carena de tigela sudgálica da forma Drag. 27 e quatro fragmentos

¹²⁷¹ J.C. Ribeiro, 1994.

¹²⁷² E .Sepúlveda *et al.*, 2003.

¹²⁷³ A.M.D .Diogo, 1994; Idem e L. Trindade, 2000.

¹²⁷⁴ L .Fernandes *et al.*, 2006 e no prelo; V.Filipe, 2008.

¹²⁷⁵ C. Amaro e E.Sepúlveda, 2007.

¹²⁷⁶ A.M.D. Diogo, 1998.

¹²⁷⁷ A. Vale e L. Fernandes, 1994.

¹²⁷⁸ J.C. Ribeiro, 1994; M. Genin, 1990, 1999; R.B. Silva, 1997, 1999, 2005, 2011.

de uma mesma taça de pequena dimensão do tipo Drag. 29 hispânica em fabrico riojano, ostentando uma decoração de dois registos de métopas alternando com círculos concêntricos, sendo o exterior denteado.

As cerâmicas mencionadas, que se presumem associadas a contextos fundacionais desta parte do complexo termal, fixam uma cronologia não anterior ao período flávio para a erecção de dois dos seus muros de limite a Oeste. A constatação desta datação, aparte o seu significado para as leituras do urbanismo da cidade, é da maior relevância para se apreciar o conjunto de *terra sigillata* recolhido, que integra um dos conjuntos mais numerosos de “marcas de oleiro” hispânicas de Lisboa, sendo igualmente o ponto da cidade abordado onde as elaborações peninsulares atingiram maior proporção em relação aos totais de vasos das produções alto imperiais (vide Figura 20, *infra*).

As *Thermae Cassiorum* sofreriam as reformas bem atestadas epigraficamente no séc. IV d.C., para serem abandonadas ainda em época romana. No estádio atual da investigação sobre o local os únicos elementos disponíveis reportam-se à informação transmitida pelo conjunto de moedas, onde os numismas mais tardios se reportam aos Imperadores Honório e Magno Máximo (393-395), sugerindo uma desativação ainda nos últimos anos do séc.IV d.C. ou pouco após¹²⁷⁹.

Depois do abandono do complexo, no setor setentrional que as referências de escavação mencionam como “*Sala Grande*”, instala-se uma ocupação *pós termal* durante a Alta Antiguidade, para fins porventura habitacionais. Será sobre estes níveis que assentará uma potente acumulação detrítica até aos séculos finais da ocupação islâmica, testemunhada por silos e restos de construções hoje não conservadas no local. O muro norte das *Thermae Cassiorum*, que ainda hoje impressiona pelos seus cerca de 7m de altura conservados, irá estar a uso até 1755 ou pouco após, deixando de marcar o traçado urbano por força do plano de reconstrução que se seguiu ao grande cataclismo.

8.2.1.2. *Produções atestadas.*

No espólio inédito resultante das campanhas arqueológicas realizadas na Rua das Pedras Negras n.ºs 22 a 28 entre 1991 e 1998, sob a direcção de A.M.Dias Diogo, depois incorporado nas colecções do Museu da Cidade, foi possível verificar a

¹²⁷⁹ O conjunto de numismas colectados na intervenção arqueológica tem paradeiro desconhecido. Apesar disso, um documento intitulado “Inventário das Moedas da Rua das Pedras Negras”, que se conserva no Serviço de Documentação do Museu da Cidade, proporciona os dados mínimos que suportam a proposta. Destes, 30 foram entretanto já dados a conhecer por Dias Diogo (1994b).

predominância dos fabricos africanos claros¹²⁸⁰. A quantidade maior de cerâmica com esta origem poderá relacionar-se com o período de utilização do edifício de banhos e espaço confinante entre os finais do séc.I d.C.-primeiras décadas do séc. II d.C. e as reformas sofrida em 336 d.C., e ainda com o abandono do complexo ainda em Época Romana.

Os fabricos de modo itálico estão maioritariamente representados por recipientes datados do período tardo augústeo e tibério, apesar da ocorrência de formas passíveis de encerrarem cronologias mais antigas, assumindo uma expressão menor as elaborações já plenamente tibérias e cláudias.

Como elemento aparentemente marginal, documentaram-se duas produções tardo-itálicas, cujo significado deverá ser lido à luz da persistência de importações com esta origem já antes comprovada antes para o Baixo Tejo, em Santarém e Lisboa¹²⁸¹.

As elaborações gálicas, em função da observação das características de fabrico deverão ser na sua totalidade originárias de La Graufesenque e centros subsidiários. Embora se tenha verificado a ocorrência de formas que poderão remeter para datações ainda tibérias ou cláudias recuadas, caso do prato Ritt.1 ou do cálice Drag.11 (4 NMI/ 1,36%, vide Figura 20, *infra*), por oposição a presença de vasos flávios é muito mais significativa, nomeadamente do *tandem* Drag.35/36 (18 NMI/ 5,98%-Idem). Esta sugestão de datações mais baixas no quadro das importações sudgálicas é reforçada pelo expressivo predomínio do *tandem* Drag.18/27 (75 NMI/ 25,13%-Idem) sobre o seu predecessor Drag.15/17/24-25 (27 NMI/ 9,02%-Idem).

No âmbito dos recipientes oriundos da *Hispania*, o conjunto revela um predomínio do centro de La Rioja sobre Andújar, e uma muito discreta representação de elaborações de “tipo Peñafior”. Apesar de no total estes vasos estarem menos atestados que os seus congéneres gauleses, como já se fez menção é na Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28 que estas elaborações peninsulares atingem maior expressividade, rondando os 40% (NMI-Idem). Um dos fatores explicativos para este tipo de presença deverá ser de âmbito cronológico. Deverá ser pela mesma ordem de razões que justifica o predomínio da tigela Drag.27 em fabrico bético sobre a sua congénere triciense (21-8 NMI/7-2,7%-Idem), podendo significar neste caso a presença de fabricos já da segunda centúria, intuída mas no momento indemonstrável, dada a carência de dados contextuais.

¹²⁸⁰ Procedeu-se apenas à triagem e acondicionamento, não se tendo considerado este grupo de fabricos dado o âmbito cronológico do presente texto.

¹²⁸¹ R.B. Silva, 2005, p.304; C. Viegas, 2003a e 2003b.

Forma	B	C	F	P	Frag.	% Frag.	NMI	% NMI
Consp. 4.4	2	0	0	0	2	0,36	2	0,67
Consp. 7.1	1	0	0	0	1	0,18	1	0,33
Consp. 18.2	2	0	0	0	2	0,36	2	0,67
Consp. 19.1	1	0	0	0	1	0,18	1	0,33
Consp. 20	1	0	0	0	1	0,18	1	0,34
Consp. 20.1	2	1	0	0	3	0,53	2	0,67
Prato Indet.	0	2	2	0	4	0,72	2	0,67
Consp. 22	5	0	1	0	6	1,08	5	1,69
Consp. 33.3	0	0	1	0	1	0,18	1	0,33
Consp. 33.5	1	0	0	0	1	0,18	1	0,33
Consp. 33 ou 34	1	0	0	0	1	0,18	1	0,33
Consp. 34.1	1	0	0	0	1	0,18	1	0,33
Consp. 38	0	0	1	0	1	0,18	1	0,33
Taça Indet.	0	0	0	2	2	0,36	0	0
TOTAL Itálicas	17	3	5	2	27	4,85	21	7,02
Prato Indet.	0	0	1	0	1	0,18	1	0,33
Taça Indet.	0	1	0	0	1	0,18	1	0,33
TOTAL T.-It.	0	0	1	1	2	0,36	2	0,66
Ritt. 1	3	1	1	0	5	0,9	3	1,03
Drag. 16	0	1	0	0	1	0,18	1	0,33
Drag. 15/17	5	4	9	0	18	2,98	9	3,04
Drag. 18	38	9	9	0	56	9,52	38	12,74
Drag. 36	10	2	1	0	13	2,12	10	3,28
Drag. 18R	0	0	2	0	2	0,36	2	0,67
Prato Indet. R	0	0	1	0	1	0,18	1	0,33
Drag. 35/36	1	0	0	0	1	0,18	0	0
Ritt. 5	4	1	0	0	5	0,9	4	1,35
Ritt. 8	2	0	2	0	4	0,72	2	0,67
Ritt. 9	2	1	2	0	5	0,9	2	0,67
Drag. 24/25	18	0	8	0	26	4,95	18	5,98
Drag. 27	35	10	8	1	54	8,95	35	11,72
Drag. 33	10	2	3	0	15	2,51	10	3,28
Drag. 35	8	1	5	0	14	2,35	8	2,7
Drag. 46	0	1	0	0	1	0,18	1	0,33
Ritt. 12	1	0	0	0	1	0,18	1	0,33
Vernhet B2	0	0	1	0	1	0,18	1	0,33
Indet. Lisa	3	0	10	58	61	10,48	0	0
Hermet 9	0	1	0	0	1	0,18	1	0,33
Hermet 12	1	1	0	0	2	0,36	1	0,33
Drag. 11	0	0	0	1	1	0,18	1	0,33
Drag. 29	5	0	1	3	9	1,51	5	1,68
Drag. 37	3	1	2	4	10	1,68	3	1,03
Indet. Dec.	0	0	0	10	10	1,68	0	0
TOTAL Sudgálicas	148	37	64	77	326	54,31	157	52,48
Drag. 15/17 Tr.	24	10	3	0	37	6,14	24	8,01
Drag. 15/17 And.	20	16	7	3	46	7,62	20	7,66
Drag. 18 Tr.	3	0	0	0	3	0,53	3	1,03

Drag. 36 Tr.	4	0	1	0	5	0,9	4	1,35
Hisp. 4 Tr.	4	0	0	0	4	0,72	4	1,35
Hisp. 4 And.	1	0	0	0	1	0,18	1	0,33
Prato Indet. And.	0	0	1	2	3	0,53	0	0
Ritt. 8 Tr.	1	0	0	0	1	0,18	1	0,33
Drag. 27 Tr.	7	8	8	1	24	3,98	8	2,7
Drag. 27 And.	21	4	6	0	31	5,14	21	7
Drag. 33 Tr.	1	0	1	0	2	0,36	1	0,33
Drag. 33 And.	1	0	0	0	1	0,18	1	0,33
Drag. 35 Tr.	4	0	0	0	4	0,72	4	1,35
Drag. 46 Tr.	0	1	0	0	1	0,18	1	0,33
Tigela Indet. And.	0	0	0	4	4	0,7	0	0
Indet. Lisa Tr.	0	0	4	6	10	1,68	0	0
Indet. Lisa And.	1	0	1	6	8	1,32	0	0
Drag. 29/37 Tr.	2	0	0	0	2	0,36	2	0,67
Drag. 29/27 And.	1	0	0	0	1	0,18	1	0,33
Drag. 29 ou 37 Tr.	0	1	1	0	2	0,36	0	0
Drag. 37 Tr.	15	0	2	0	17	2,83	15	5,07
Drag. 37 And.	2	0	0	1	3	0,53	2	0,68
Hisp. 77 Tr.	1	0	0	0	1	0,18	1	0,33
Taça dec. Tr.	0	3	0	14	17	2,82	0	0
Taça dec. And.	0	0	0	2	2	0,36	0	0
TOTAL Hisp.	113	43	35	39	230	38,68	114	39,18
Mart. I	1	0	0	0	1	0,18	1	0,33
Mart. III	1	1	0	0	2	0,36	1	0,33
Indet. Peñ.	0	0	0	7	7	1,26	0	0
TOTAL Peñ.	2	1	0	7	10	1,8	2	0,66
TOTAL	290	84	105	126	605	100	296	100

Figura 20- Produções *em terra sigillata* alto-imperial coletadas na I.A.U. da Rua das Pedras Negras n.ºs 22 a 28- 1991 a 1998.

8.2.1.2.1 .Produções Itálicas.

As produções oriundas da Península Itálica, apesar de representadas no conjunto de *terra sigillata* coletado na área das *Thermae Cassiorum*, como se viu antes, não estão documentadas por “marcas de oleiro”.

A única impressão repertoriada com aquela origem geográfica assume um especial interesse, por corresponder a uma produção pisana tardo itálica, muito discretamente atestada de outra forma em termos globais no local.

Ol. 1- C.P.Pi(*sanus*) (OCK 1342).

C.P.Pi(*sanus*) é um dos primeiros oleiros do fabrico de *terra sigillata* tardo itálica pisana, estabelecendo a ponte entre os últimos oleiros do *italico modo* e a nova

produção¹²⁸² que dominará os mercados da Península Itálica a partir de meados do séc. I d.C.

Já documentado em Lisboa¹²⁸³, considerou-se no passado que o artesão teria a sua oficina na foz do rio Arno¹²⁸⁴, mas a sua atestação na entulheiras da Via di San Zeno, em Pisa, coloca-o a operar na própria cidade ou sua vizinhança imediata¹²⁸⁵,

A presença de vasos seus nos contextos de destruição de Pompeia e Herculano¹²⁸⁶ confirma a cronologia já antes denunciada pelas características tipológicas e do fabrico, situada na segunda metade do séc. I d.C.

A impressão da Rua das Pedras Negras apresenta semelhanças com a referência OCK.1342.22, nomeadamente a inclusão do ponto triangular no aro do primeiro C, mas não é idêntica.

Ol. 1	Pisa	Taça	It. 2	<i>C.P.Pi(sanus)</i>	C.P(...)	≈ 1342.22	50 – 100 d.C.	

Figura 21- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” tardo-itélica recolhida na I.A.U. da Rua das Pedras Negras- 1991/1998.

8.2.1.2.2. *Produções Gálicas.*

Às produções gálicas, dominantes em termos de números globais de vasos como vimos antes, equivale também o predomínio em termos quantitativos no conjunto de “marcas de oleiro” identificadas entre os materiais recolhidos nas intervenções arqueológicas da Rua das Pedras Negras, com 32 impressões. Mostrando bem o perfil de importação de *Olisipo*, cuja facilidade de aprovisionamento se expressa também na diversidade de oleiros representados, identificam-se entre as 21 marcas legíveis, 19 oleiros distintos e dois grafomorfos.

Ol. 2-*Albus i* (NOTS 1, 144-150).

A impressão encontra-se completa, mas com os caracteres muito esborratados, provavelmente porque o punção não foi limpo durante a sua utilização.

O texto apresenta caracteres muito incompletos, mas facilmente se discerne a fórmula muito comum em La Graufesenque OF(*ficina*), pontuada de seguida, ostentando depois um A muito aberto e anguloso e uma haste vertical. O paralelo exato

¹²⁸² M. Medri, 1996, p.27-28.

¹²⁸³ R.B. Silva, 2005, p. 118. Vide também apartado referente ao Teatro Romano de Lisboa, adiante neste capítulo.

¹²⁸⁴ C. Wetter, 1993, p. 63.

¹²⁸⁵ P. Kenrick, 1997, p.179-190.

¹²⁸⁶ C. Wetter, 1993, p. 118.

para a impressão encontra-se em Vechten A 36, também correspondente ao mesmo tipo de vaso, uma forma Drag.24/25 de pequeno tamanho¹²⁸⁷, e tem paralelos bem datados em Aislingen, Mainz, *Camulodunum* no Período I do forte de Valkenburg, que lhe permitem adscriver uma cronologia de 40 a 60 d.C. e restituir o texto OF.ALB¹²⁸⁸. Assim é possível atribuir o exemplar a *Albus i*, que para Polak é um oleiro plenamente cláudio-neroniano, mas que para Hartley e Dickinson terá laborado ainda a partir dos finais do principado de Tibério, na década de 30 d.C.¹²⁸⁹

O exemplo lisboeta, porém, apresenta-se com cartela reduzida, denotando desgaste do punção, pelo que a sua cronologia deverá ser considerada um pouco mais tardia, admitindo-se um intervalo superior até 65 d.C., tomando também em consideração os detalhes da modelação da tigela.

Ol. 3-*Amandus ii* (NOTS 1, 169-173).

Amandus ii, de La Graufesenque, iniciou a sua produção na década de 30 d.C., tendo-a cessando no final do principado de Nero¹²⁹⁰.

A “marca de oleiro” está mal impressa, esborratada, podendo equivaler aos tipos 2a, 2a’, 2c e 2d, patentes em Monteagudo, Tarragona, Ampúrias, Cartagena, Sauvion, Tongeren e Londres, todos datados de 35 a 65 d.C.¹²⁹¹

Ol. 4-*Amandus iii-Amandinus*? (NOTS 1, 173-174).

Amandus iii-Amandinus é um fabricante ruteno da última fase de exportação, com atividade atestada entre 90 e 125 d.C.¹²⁹²

Oleiro decorador que assinou um molde de La Graufesenque para a produção de taças decoradas Drag.37, apresenta-se no ponto arqueológico lisboeta através do seu punção mais difundido, 1a, que detém uma difusão eminentemente meridional, centrada nas Gálias. Com mais expressiva incidência na Narbonense, em Aspiran, Banassac?, Fos-sur-Mer, *Glanum*, Lattes, Loupian, Les Martys-Aude, Marselha, Narbonne, Mèze-Herault, Orange, Lombard-Dumas, Pouzols-Hérault, Saint-Pargoire, Sète-Barrou, Vienne e Nimes, surgindo igualmente em Marrocos, com dois testemunhos em Cotta, por uma vez na Alemanha, em Tongeren, e uma única ocorrência lusitana, em

¹²⁸⁷ M. Polak, 2000, p. 163.

¹²⁸⁸ Idem.

¹²⁸⁹ NOTS 1, p. 150.

¹²⁹⁰ Idem, p. 173.

¹²⁹¹ Idem, p. 169.

¹²⁹² Idem.

Mérida¹²⁹³.

A impressão, embora aplicada em pratos dos tipos Drag.15/17 (1x), Drag. 18 (3x), encontra-se maioritariamente sobre taças decoradas Drag.37¹²⁹⁴.

Ol. 5-*Caluus i* (NOTS 2, 178-195).

Impressa no fundo de uma taça de média dimensão da forma Drag.27, com canelura na face exterior do pé, a “marca” equivale ao tipo 5gg, resultante da modificação de um punção mais antigo. Documentada em La Graufesenque, como Aler Gavenny, está sobretudo representada na *Germania*, em Vechten, Augst, Hoffheim, Nijmegen, Heerlen, Tongeren e Woerden, e com menor expressão na *Britannia*, onde surge em Londres e *Camulodunum*¹²⁹⁵. A sua comprovada utilização sobre Drag.29, a presença na fase I de Hofheim e no forte de Nijmegen sugerem uma datação do tempo de Nero e Vespasiano, ou seja, entre 65 e 80 d.C.

Ol. 6-*Lucius Cosius Virilis* (NOTS 3, 138-146)

L.Cosius Virilis, como o anterior, integra o grupo dos oleiros da fase final de grande exportação de La Graufesenque, estando bem representado em Lisboa¹²⁹⁶.

Ativo entre 75 e 110 d.C.¹²⁹⁷, a impressão presente corresponde ao tipo 25a, detetada em Vechten, Heerlen, Colchester, Saalburg e Cotta. Os contextos dos sítios inglês e germânico remetem o uso do punção para 80 a 110 d.C.¹²⁹⁸

Ol. 7-*Cotto ii* (NOTS 3, 157-159).

Os fabricos de *Cotto ii* ocorrem sobretudo em sítios britânicos inicialmente ocupados com os Flávios, muito embora elementos morfológicos remetam o início da sua laboração ainda para o principado de Nero, ou seja, cobrindo o lapso de 65-90 d.C.¹²⁹⁹.

A impressão, sobre uma tigela da forma Drag.27 que conserva a totalidade do perfil, tem semelhanças com os punções 6a e 6b, mas a primeira é retrógrada. A grafia é

¹²⁹³ Idem, p. 174.

¹²⁹⁴ Idem.

¹²⁹⁵ NOTS 2, p. 186-187

¹²⁹⁶ Conf. R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹²⁹⁷ NOTS 3, p. 144.

¹²⁹⁸ Idem.

¹²⁹⁹ NOTS 3, p. 159.

quase idêntica à do outro exemplo, conhecido apenas por um vaso de Elche¹³⁰⁰, devendo encerrar datação aproximada.

Ol. 8-Donatus i (NOTS 3, 309-310).

A impressão em apreciação foi aposta num fundo de pé muito alto e delgado, dotado de canelura externa, que classificamos com reservas como passível de ser incluído na forma Drag. 27.

A “marca de oleiro” encontra-se muito fragmentada, mas lêem-se sem dificuldade os três primeiros caracteres, que permitem identificar o artesão em epígrafe.

O exemplar não encontra correspondência perfeita com nenhuma das “marcas” das obras de referência, mas a dimensão e a grafia peculiar, com o N dotado de haste inclinada, aproximam-se dos punções 5a e Φ1 de Hartley e Dickinson¹³⁰¹. Se o primeiro caso está atestado apenas em pratos de Auslingen e Xanten e numa taça Ritt.9 de Augst, o segundo, repertoriado incompleto, está bem atestado na Gália, em Bezançon, *Glanum*, Lyon, Fréjus, Colombières-sur-Orbe e na “Fossa Malaval” de La Graufesenque, assinalando-se a sua presença também em Mérida e Cherchel¹³⁰².

Donatus i laborou entre a década de 30 e a de 50 d.C.¹³⁰³, cronologia indicada para a impressão lisboeta.

Ol. 9-Eme_ (NOTS 3, 352-353).

Para Hartley, Dickinson, Polak e Mees, as “marcas” atribuídas a um oleiro com este nome deveriam ser catalogadas entre as impressões grafomorfas¹³⁰⁴. Opinião contrária foi expressa por, entre outros, Françoise Mayet¹³⁰⁵, que mantém a equivalência a um artesão com identidade própria, tanto mais que assinou moldes para a produção de vasos decorados o que parece um argumento de alguma solidez.

A impressão em causa, apesar de muito fragmentária, integra o grupo atribuível a *Eme_* / *Emia*/ *Emius*, comprovadamente ativo nas épocas de Cláudio aos Flávios, porque vasos seus estão presentes no naufrágio de Port Vendres II e num contexto selado de Conímbriga, datado de 75-80 d.C.¹³⁰⁶.

¹³⁰⁰ Idem, p. 158.

¹³⁰¹ NOTS 3, p. 310.

¹³⁰² Idem.

¹³⁰³ Idem.

¹³⁰⁴ NOTS 3, p. 353; M. Polak, 2000, p.380; A.Mees, 1995, p.180.

¹³⁰⁵ D.Colls *et al.*, 1978, p. 109; F. Mayet, 1978, p.85.

¹³⁰⁶ A. Alarcão, 1975, p.114.

Ol. 10-*Fortis i* (NOTS 4, 98-99).

Fortis i laborou em La Graufesenque entre 45 e 70 d.C.¹³⁰⁷

A impressão truncada da Rua das Pedras Negras, conservando apenas a sua parte terminal direita com os três últimos caracteres, corresponde ao punção 1a repertoriado por Hartley e Dickinson sobre pratos estandarizados Drag. 15/17 e 18, como será o caso presente. A sua presença foi assinalada em Bona, Colchester, *Camulodunum*, Zwammerdam e Colchester¹³⁰⁸. A presença nos sítios britânicos e no holandês remetem a sua cronologia para o intervalo 45-65 d.C.

Ol.11- *Maccarus ii* (NOTS 5, 170-171).

Muito incompleta, na “marca” distingue-se sem dificuldade o texto (...)CCAR (...), em caracteres de grande dimensão, equivalente ao punção 1b’ do oleiro em epígrafe de La Graufesenque, impressão com paralelos germânicos em Baden-Baden, Seebuck, Augst, Nijmegen, como nas Gálias em Banassac, Arles, Fos-Sur-Mer, Murviel-les-Montpéllier¹³⁰⁹.

O fragmento é de pequena dimensão ainda assim classificável como porção de um prateleira ou prato de grande dimensão, com as características de fabrico do grande centro ruteno.

Ol. 12-*Niger ii* (NOTS 6, 239-248).

O artesão produziu em La Graufesenque entre 45/50 e 75/80 d.C.¹³¹⁰

No caso, apresenta um texto incompleto mas que se restitui sem dificuldade [OF].NIGR, equivalente ao da impressão de Vechten N8, presente também em Baginton e na Fase 2 de Valkenburg em taças Ritt.9 e tigelas Drag.24/25, o que autoriza uma datação de entre 55-75 d.C.¹³¹¹

A impressão lisboeta mostra-se deficientemente impressa, e o fundo em que foi aposta concorda com as informações do sítio militar holandês, dado tratar-se também de um fundo de uma tigela do tipo Drag.24/25, devendo encerrar a mesma cronologia.

¹³⁰⁷ NOTS 4, p. 99.

¹³⁰⁸ Idem.

¹³⁰⁹ NOTS 5, p.170.

¹³¹⁰ NOTS 6, p.247 e M. Polak, 2000, p.280.

¹³¹¹ M. Polak, 2000, p.280.

Ol. 13-*Patricius i* (NOTS 7, 70-85).

Prolífico oleiro rutenio, para Hartley e Dickinson *Patricius i* trabalhou durante o período de 65 a 90 d.C.¹³¹², mas Polak supõe a atividade um pouco mais tardia na globalidade, entre 75 e 100 d.C., sobretudo com base na presença de vasos seus nos contextos do “*Grand Four*” de La Graufesenque, que se supõe ter operado entre 80 e 120/130 d.C.¹³¹³

O tipo de vaso, um prato Drag. 18, integra com as tigelas Drag.27 com canelura e as Drag.33, o conjunto principal dos modelos compulsados por este oleiro.

A presença de “marcas” do tipo P27 de Vechten, como a presente, em *Segontium*, Nijmegen, Carmarthen e Caerleon, remetem a sua datação para 75 a 100 d.C.¹³¹⁴. A sua difusão é vasta, sendo conhecida em Conímbriga e Javea, na *Hispania*, muito numerosos sítios da *Britannia* e *Germania*, razoavelmente representada na *Galia Narbonensis* e escassamente em África, apenas em Banasa¹³¹⁵.

Ol. 14-*Pudens i* (NOTS 7, 278-280).

O artesão iniciou a sua atividade no centro oleiro de Carrade, tendo depois centrado a sua laboração em La Graufesenque, como atesta a utilização nos dois locais do punção 5a repertoriado por Hartley e Dickinson¹³¹⁶.

A impressão da pequena tigela da forma Drag.27 da Rua das Pedras Negras foi executada com um punção já exausto, do qual desapareceu a primeira letra do nome do oleiro. Trata-se da “marca” 8a, atestada em tigelas Drag.24/25 e Ritt.8, que ocorre em La Graufesenque, na necrópole de Nijmegen, no forte de Valkenburg e no *uicus* de Weisenau, encerrando portanto uma cronologia de entre 40 e 65 d.C.

Ol. 15-*Quartus iii* (NOTS 7, 297-301).

O período de laboração de *Quartus iii*, artesão de La Graufesenque, não é consensual, dado que Hartley e Dickinson o consideram cláudio e vespasiânico¹³¹⁷, ao passo que Marinus Polak, com base nas características das formas produzidas e nos contextos onde foi identificado, supõem-no ativo desde a década de 30 até

¹³¹² NOTS 7, p. 83.

¹³¹³ M. Polak, 2000, p. 286; M. Genin (dir.), 2007.

¹³¹⁴ M. Polak, 2000, p. 286.

¹³¹⁵ NOTS 7, p. 74.

¹³¹⁶ NOTS 3, p. 280.

¹³¹⁷ NOTS 7, p.300, indicando as balizas 45-75 d.C.

Domiciano¹³¹⁸.

A impressão em apreço corresponde a um estágio de degradação do punção, intermédio entre 8a' e 8a''.

A primeira teve grande difusão, na *Britannia* e *Germania*¹³¹⁹, na Gália¹³²⁰, estando atestada em Tarraco, para a *Hispania*. Considerando a sua presença nos contextos de destruição de Londres, no Keramiklager de Oberwinterthur e em La Nautique, é forçoso que se lhe atribua uma cronologia bem centrada na década de '60 d.C.¹³²¹

No segundo caso, a ocorrência também em Vechten e La Nautique, a que se aduz Valkenburg, suportam o intervalo entre 70-90 d.C. proposto por Polak¹³²².

Resta-nos, portanto, um lapso correspondente a cerca de 65 a 75 d.C., como data provável para o modelo transitório entre aqueles dois momentos da vida do punção.

Ol. 16-Sabinus iii (NOTS 8, 15-29)

Oleiro prolixo de La Graufesenque, esteve ativo igualmente no centro subsidiário deste de Le Rozier, colocando-se a hipótese de se ter deslocalizado no final da sua produção, ocorrida cerca de 80 d.C., para Banassac¹³²³.

Atestado já por várias vezes em Lisboa¹³²⁴, aparece aqui representado por um fragmento diminuto de “marca”, o que impede a adscrição a um paralelo exato, mas que por utilizar caracteres de traço fino e muito pequena dimensão é assimilável ao artesão.

Dada a fragmentariedade da impressão, torna-se difícil definir o tipo preciso. Contudo, são notórias as semelhanças com o exemplar S19 de Vechten, do período 45-70 d.C.¹³²⁵, devendo encerrar uma datação similar.

Ol. 17- Secundus i (NOTS 8, 166-169).

A impressão encontra-se muito fragmentada, vislumbrando-se a zona central do texto onde figuram os caracteres ECV, atribuíveis a um dos oleiros com a onomástica mencionada em epígrafe. A grafia, contudo, é muito distinta entre os diferentes *Secundii* e *Secundinii*, e Marinus Polak apresenta os punções S65 e S66, seguramente do oleiro

¹³¹⁸ M. Polak, 2000, p. 304.

¹³¹⁹ NOTS 7, p. 298- Londres, Canterbury, Colchester, Augst, Oberwinterthur, Tongeren, nos fortes de Bona, Neuss, Valkenburg e Vechten.

¹³²⁰ Idem- Congres, Neris-les-Bains, Alesia, Feurs, Perigueux, La Nautique e La Graufesenque.

¹³²¹ NOTS 7, p. 298.

¹³²² M. Polak, 2000, p.305- punção Q6.

¹³²³ NOTS 8, p.26-27.

¹³²⁴ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹³²⁵ M. Polak, 2000, p. 315.

indicado, com correspondência no tamanho e traço das letras.

Atestados em pratos Drag.18, taças Ritt.5 e Ritt.9 e tigelas Drag.24/25, é-lhes atribuída uma cronologia de entre 30 e 50 d.C.¹³²⁶

Ol. 18- *Secundus ii* (NOTS 8. 170-182).

Como vimos antes, tanto Polak como o NOTS, distinguem vários *Secundii* ativos em La Graufesenque, equivalendo o presente àquele que trabalhou entre 60 e 80 d.C. para Polak¹³²⁷, dotado de um intervalo superior um pouco mais tardio, de 90 d.C., de acordo com o NOTS¹³²⁸.

A impressão, do tipo S76 de Vechten, está atestada na “Fossa de Cluzel 15”, em La Graufesenque, Hedderheim e Little Chester, mas apenas colocada no fundo de pratos Drag.15/17 e Drag.18¹³²⁹. No caso presente acrescenta-se a sua utilização no fundo de uma tigela, sendo arriscado propor um ou outro tipo dadas as diminutas dimensões do fragmento.

Ol. 19- *Vimius* (Polak 348).

Deficientemente impressa, lê-se com alguma dificuldade um texto que se pode interpretar como [V]IMI M(*anus*). A similitude com o tipo V22 de Vechten é muito elevada, mas trata-se de punções distintos, executados pelo mesmo gravador.

O paralelo de referência foi atestado em Banasa, Londres, Nijmegen e Vechten, neste último caso e no africano colocados no fundo de tigelas Drag.33, como aqui ocorre¹³³⁰. Marinus Polak atribui-lhe uma datação de 65-90 d.C., baseado sobretudo na morfologia dos vasos¹³³¹.

Ol. 20- *Vitalis ii* (Polak 354-358).

A “marca de oleiro” de *Vitalis ii*, um dos produtores de maior compulsão de vasos de La Graufesenque, utiliza um punção já exausto, o que se expressa na pouca altura da cartela e no pouco relêvo dos caracteres, os primeiros ausentes ou quase.

Não tendo paralelo conhecido, aproxima-se do tipo de Vechten V78 e V79, de

¹³²⁶ Idem, p.323.

¹³²⁷ Idem; NOTS 8, p.181.

¹³²⁸ Idem, p.181.

¹³²⁹ M. Polak, 2000, p323.

¹³³⁰ Idem, p.348.

¹³³¹ Idem.

texto bem visível, ambos datados de cerca de 65 a 90 d.C.¹³³² Tendo presentes estes elementos, deverá incluir-se na fase final dos fabricos do oleiro, de 80 a 110 d.C.

Ol. 21- Oleiro Desconhecido- *A(...)*.

A impressão é atribuível a um oleiro ruteno de alguma capacidade produtiva, por utilizar a fórmula inicial *OF(ficina)*, não tendo sido possível adscrever a nenhum dos numerosos artesãos cuja onomástica se inicia com *A*.

O prato Drag. 18, apresenta características um pouco evolucionadas, podendo ser genericamente situado entre Nero e Vespasiano.

Ol. 22-Ol. 23- Oleiros desconhecidos- grafomorfos.

No fundo de uma tigela de tamanho maior do tipo Drag.33, com detalhes formais característicos dos fabricos de finais do séc. I d.C.¹³³³, apresenta-se a impressão truncada Ol.22, de texto iletrado, para a qual não encontramos paralelo datado..

A impressão Ol.23 lê-se, sem dificuldade, *YFVR*, e atribui-se a La Graufesenque sem reservas. Colocada no fundo interno de uma tigela da forma Drag. 27, desprovida de canelura externa no pé, não encontra paralelo datado externamente entre os repertórios de grafomorfos.

Ol. 24 a Ol. 33- Oleiros desconhecidos- impressões truncadas.

A “marca de oleiro” Ol.24 apresenta-se truncada à direita, lendo-se apenas a fórmula *OF*, tendo o punção sido aplicado no fundo interno de um pratel talvez da forma Drag.18R.

O exemplar Ol.25 corresponde a um fundo de prato, estando apenas presente a extremidade direita com o texto terminal *FI*, possivelmente a mesma fórmula, na forma [O]*FI*.

A tigela Drag.24/25, de tamanho médio, apresenta-se de perfil completo, mostrando tratar-se de um fabrico de La Graufesenque datado dos pincipados de Cláudio e Nero. Infelizmente, da impressão Ol.26 só restou um canto.

Ol.27 é uma marca de extremidades bífidas, aposta no fundo de um pratel com roletilha aplicada no fundo, possivelmente Drag.18R.

Estampada no fundo de uma tigela do tipo Drag.24/25, da impressão Ol.28

¹³³² Idem, p.356.

¹³³³ Idem, p.205.

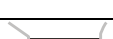
descortina-se somente um O, colocado numa das extremidades.

Uma pequena Drag. 33 de perfil completo ostenta a impressão Ol.29, onde se divisa a fórmula habitual de La Graufesenque OF(*ficina*).

O exemplar Ol.30 é um vestígio de extremidade da cartela, colocada no fundo interno de uma tigela média do tipo Drag. 24/25.

Ol.31 encontra-se no fundo de uma tigela do tipo Drag.27, de médio ou grande tamanho, desprovida de canelura externa no pé. A impressão está esborratada e amputada à esquerda, conseguindo-se ler OF(*ficina*) mas os caracteres que se seguem à fórmula não permitem descortinar a identificação do oleiro.

Ol.32 e Ol.33 tratam-se de “marcas” das quais se conserva apenas a extremidade da cartela, ambas em fundos de Drag.24/25 de pequena dimensão.

Ol.2	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	<i>Albus i</i>	OF.AL(...)	Vechten A 36	40 - 60 d.C.	
Ol.3	La Grauf.	Drag. 27	G.1	<i>Amandus ii</i>	OF.AMAN(...)	2 a – 2 d	35 - 65 d.C.	
Ol.4	La Grauf.	Prato	G.1	<i>Amandus iii</i>	OF[.AMA)ND	1 a	90 - 125 d.C.	
Ol.5	La Grauf.	Drag. 27	G.1	<i>Caluus i</i>	OF.CALVI	5 gg	65 - 90 d.C.	
Ol.6	La Grauf.	Drag. 27	G.1	<i>Lucius Cosius Virilis</i>	L.COS.(...)	25 a	80 - 110 d.C.	
Ol.7	La Grauf.	Drag. 27	G.1	<i>Cotto ii</i>	COTO M	≈ 6 a	65 - 90 d.C.	
Ol.8	La Grauf.	Drag.27 ?	G.1	<i>Donatus i</i>	DON(...)	≈ 5 a	30 - 60 d.C.	
Ol.9	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	<i>Eme_</i>	(...)M	-	45 - 80 d.C.	
Ol.10	La Grauf.	Prato	G.1	<i>Fortis i</i>	(...)IS	1 a	45 - 65 d.C.	
Ol.11	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	<i>Niger</i>	(...).NGR	Vechtem N8	55 - 75 d.C.	
Ol.12	La Grauf.	Prato ou Pratel	G.1	<i>Maccarus ii</i>	(...)CCAR(...)	1b'	60 - 85 d.C.	
Ol.13	La Grauf.	Drag. 18	G.1	<i>Patricius i</i>	OF.PATRIC	Vechten P 27	75 - 100 d.C.	
Ol.14	La Grauf.	Drag. 27	G.1	<i>Pudens i</i>	VDES	8 a	45 - 65 d.C.	
Ol.15	La Grauf.	Drag. 27	G.1	<i>Quartus iii</i>	QVARTVS F	8 a' - 8 a''	65 - 75 d.C.	
Ol.16	La Grauf. Le Rozier	Drag. 27	G.1	<i>Sabinus iii</i>	(...)BIN(...)	≈ Vechten S 19	45 - 70 d.C.	
Ol.17	La Grauf.	Prato	G.1	<i>Secundus i</i>	(...)ECV(...)	Vechten ≈ S 65-66	30 - 50 d.C.	
Ol.18	La Grauf.	Drag.33?	G.1	<i>Secundus ii</i>	(...)SECV(...)	Vechten S 76	60 - 80 d.C.	
Ol.19	La Grauf.	Ritt. 9	G.1	<i>Vimius</i>	[V]IMI M	≈ Vechten V 22	65 - 90 d.C.	

Ol.20	La Grauf.	Tigela	G.1	Vitalis ii	OVIT	Vechten ~V78-79	80 - 110 d.C.	
Ol.21	La Grauf.	Drag. 18	G.1	Ol. Desc.	OF.A(...)	-	55 - 80 d.C.	
Ol.22	La Grauf.	Drag. 33	G.1	Ol. Desc.	Iletrada (...)	-	80 - 100 d.C.	
Ol.23	La Grauf.	Drag. 27	G.1	Ol. Desc.	YFVR	-	-	
Ol.24	La Grauf.	Drag.18R ?	G.1	Ol. Desc.	OF(...)	-	40 - 120 d.C.	
Ol.25	La Grauf.	Prato	G.1	Ol. Desc.	(...)[O]FI	-	-	
Ol.26	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	Ol. Desc.	(...)	-	45 - 70 d.C.	
Ol.27	La Grauf.	Drag.18R ?	G.1	Ol. Desc.	(...)	-	40 - 120 d.C.	
Ol.28	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	Ol. Desc.	O(...)	-	30 - 80 d.C.	
Ol.29	La Grauf.	Drag.33	G.1	Ol. Desc.	OF(...)	-	80 - 120 d.C.	
Ol.30	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	Ol. Desc.	(...)	-	30 - 80 d.C.	
Ol.31	La Grauf.	Drag. 27	G.1	Ol. Desc.	OF (?) (...)	-	60 - 120 d.C.	
Ol.32	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	Ol. Desc.	(...)	-	30 - 80 d.C.	
Ol.33	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	Ol. Desc.	(...)	-	30 - 80 d.C.	

Figura 22- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas recolhidas na I.A.U. da Rua das Pedras Negras – 1991/1998.

8.2.1.2.3. Produções hispânicas

A *terra sigillata* de produção hispana recolhida na Rua das Pedras Negras, o segundo grupo mais presente no sítio, encerra um interesse particular por evidenciar um conjunto de “marcas de oleiro” vasto, que só tem paralelo na cidade na Praça da Figueira.

Corroborando as observações produzidas a propósito do número total de fragmentos e mínimo de indivíduos, existe um claro predomínio das impressões do grupo de La Rioja sobre Andújar, bem patente na relação de, respetivamente, 11 para 2 “marcas”, e um panorama de diversidade de oleiros, onde nenhum se repete.

Ol. 34- C. A. H. (Bustamante 466, 499-501).

C.A.H. é, porventura, o oleiro de Andújar de maior difusão e certamente dos de maior capacidade produtiva, elementos que parecem reforçados pela grande quantidade de punções seus já repertoriados. Macarena Bustamante Álvarez distinguiu as impressões com as siglas onomásticas C.A.H. de G.A.H.¹³³⁴, mas a identidade perfeita

¹³³⁴ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.466 e 499-501.

dos punções, textos e detalhes de modelação dos vasos descarta esta interpretação.

No caso presente, o punção apresenta o texto mais habitual, com a peculiaridade de o A surgir grafado como se de um N retrógrado se tratasse, porventura por o gravador ter primeiro inscrito um A invertido e depois se ter procurado corrigir a grafia. Em qualquer caso, trata-se da primeira atestação de um novo punção de *C.A.H.*

Oleiro já bem atestado em Lisboa¹³³⁵, como na restante Lusitânia meridional¹³³⁶, surge agora a marcar uma tigela de grande tamanho da forma Drag. 27, morfologia denunciadora de uma datação já dentro do séc. II d.C., o que contraria a proposta de cronologia flávia avançada pelos investigadores dedicados ao centro bético¹³³⁷.

Ol. 35- P.A ? (Bustamante 467).

O vaso onde foi executada a impressão evidencia as características visuais das produções do grupo de La Rioja, a que deverá, portanto, pertencer. Contudo, a “marca” está muito danificada, divisando-se sem dificuldade o O original e, de seguida, restos de caracteres dotados de hastes verticais. A leitura proposta interpreta a primeira de estas como correspondendo ao resto de um F, formando assim a fórmula inicial OF(*ficina*), seguida de um ou dois caracteres. Dado o curto espaço entre ambos, a atribuição é feita com manifestas reservas ao oleiro mencionado em epígrafe, documentado apenas em Trício¹³³⁸.

O perfil do vaso merece um comentário aparte. É patente tratar-se de um recipiente de dimensão reduzida, de paredes robustas, pé bem marcado e fundo em protuberância cônica. Destaca-se a modelação do pé e a projecção pouco aberta da copa que podem ser tidas como sintoma de menor modernidade dentro desta morfologia tão duradoira¹³³⁹, sugerindo assim uma cronologia vespasiânica-trajânica.

Ol. 36- *Agileius* (Bustamante 474).

Agileius trabalhou comprovadamente em Trício, estando documentado nas olarias de El Quemao¹³⁴⁰, tendo exportado para Marrocos, como atestam as suas impressões reconhecidas em Chellah e *Sala*¹³⁴¹.

¹³³⁵ R.B. Silva, 2005 e Anexo B.

¹³³⁶ Miróbriga, Represas, São Cucufate, Olhão, Torre d’Ares e Sines- conferir Idem.

¹³³⁷ M. Sotomayor Muro *et al.*, 1999, p. 39.

¹³³⁸ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p. 467.

¹³³⁹ Idem, p. 298-299.

¹³⁴⁰ J.C. Sáenz Preciado, 2000.

¹³⁴¹ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p. 474.

Como acontece com múltiplos oleiros riojanos, não se conhecem no momento achados verificados em contextos datados, pelo que a sua cronologia assenta em bases estritamente morfológicas e de fabrico. Nesse sentido, o exemplar presente apresenta as características da fase de grande exportação do centro hispano setentrional, pelo que poderá ser situado de forma difusa entre os principados de Vespasiano e Trajano.

OI. 37- *Flaccus* (Bustamante 523-524).

Oleiro ativo em Trício, *Flaccus* tem difusão eminentemente meridional que inclui Sala, Represas, Valeria, Mérida, Itália, *Complutum*, Conímbriga, Tarragona¹³⁴² e Lisboa¹³⁴³. Macarena Bustamante Álvarez atribui a *Flaccus* uma cronologia de 85 a 100 d.C.¹³⁴⁴ Os dados emeritenses que trabalhou, da “Calle Almendralejo n.º 41”, parecem, a esse título, bastante expressivos: com 17 exemplares datados contextualmente de 80-90 d.C., 16 de 80-100 d.C. e apenas 2 detetados em depósitos dos inícios do séc. II d.C.¹³⁴⁵

O exemplar da Rua das Pedras Negras ostenta uma impressão truncada na sua extremidade direita, com deficiente impressão apesar de legível sem dificuldade. O seu interesse supletivo reside no suporte: uma taça de pequena dimensão da forma Drag. 33, de pé bem maciço, cuidada canelura delimitando interiormente o lábio, outra exterior com o mesmo fim, sem ressalto interior distintivo de fundo e copa e canelura exterior fina e bem marcada na copa, acima da carena. Trata-se, portanto, de um vaso muito vinculado aos protótipos gauleses meridionais, onde estas características ocorrem nas taças datadas já de finais do séc.I d.C.¹³⁴⁶, concordando assim com a datação proposta por aquela investigadora espanhola.

OI. 38- *T.IF* (Bustamante 537).

T.IF é oleiro de Andújar, e documenta-se aqui a marcar um prato que a reduzida dimensão do fragmento não permite classificar tipologicamente.

A impressão recolhida na Rua das Pedras Negras está documentada apenas em Marrocos, em Souk-el-Arba e *Volubilis*¹³⁴⁷, sem que estas indicações contribuam para o esclarecimento da cronologia do artesão bético.

¹³⁴² Idem, p. 523-524.

¹³⁴³ R.B. Silva, 2005, anexo B.

¹³⁴⁴ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p. 759, fig. 331.

¹³⁴⁵ Idem, p. 683.

¹³⁴⁶ M. Polak, 2000, p.256; M. Bustamante Álvarez, 2010a, p. 306.

¹³⁴⁷ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p. 537.

As características da pasta e revestimento, porém, sugerem uma cronologia flávia ou já pós-flávia, o que de alguma forma concorda com a época que se supõe corresponder ao período de maior difusão de produtos com esta origem na Lusitânia meridional¹³⁴⁸.

Ol. 39- *Martialis* (Bustamante 569).

O prato onde foi impressa a “marca de oleiro” apresenta paredes muito delgadas e uma copa muito esvasada, autorizando a sua atribuição ao tipo Drag.36, com pasta bem depurada e revestimento de muito boa qualidade denunciando um fabrico flávio.

O punção foi aplicado de forma centrada no interior de um círculo efetuado a roletilha, correspondendo a uma forma de cartela em *tabula ansata* dotada de alguma originalidade visto as extremidades aparecerem bífidas.

Martialis é um artesão atestado em La Cerezeda e Arenzana de Arriba, pouco difundido dado estar atestado fora das olarias apenas em Astorga, com outro punção que não o empregue no prato lisboeta¹³⁴⁹.

Ol. 40- *Otauius* (Bustamante 590).

A impressão presente encontra-se completa, com o texto interpontuado OC.TA.EXOF.

Otauius, de Trício, encontra-se bem difundido na Península Ibérica, tendo-se recolhido marcas suas em Mérida, Suel, Ibiza, *Bilbilis* e Barcelona¹³⁵⁰.

As características do fundo, de perfil delicado e paredes finas, podem corresponder ao prato Drag.36, bem atestado neste oleiro¹³⁵¹, mostrando as características associadas aos produtos de época flávia.

Ol. 41- *Petronius Eros* (Bustamante 605-606).

Artesão do grupo de La Rioja, *Petronius Eros* está atestado nos fornos de los Pozos. A impressão presente lê-se sem dificuldade PETERO(..). Esta grafia, embora sem nexos, está documentada em Itálica, na necrópole da Herdade do Reguengo, em

¹³⁴⁸ J.C.Quaresma, 2008, p. 490.

¹³⁴⁹ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p. 569.

¹³⁵⁰ Idem, p. 590. Uma “marca” idêntica foi assinalada na capital lusitana por Guadalupe Méndez Grande, embora lida como OCTA.FROF- Conf. G.M.Grande, 2006, p.378, fig.20, n.º14.

¹³⁵¹ Idem.

Represas¹³⁵² e por oito vezes em Mérida¹³⁵³. O sítio funerário alentejano, quase exclusivamente utilizado em época flávia¹³⁵⁴, bem como as unidades estratigráficas correspondentes às oito “marcas” coletadas no “*vertedero*” emeritense da Calle Almendralejo 41, onde surge aplicado sob uma forma Hispânica 4 como parece ser o caso lisboeta¹³⁵⁵, comprovam a proposta de datação avançada por Macarena Bustamante, de 70-100 d.C.¹³⁵⁶

Ol. 42- *Taurus Titus* (Bustamante 640).

A impressão de formato retangular de cantos ovais está bastante esborratada e incompleta, preservando-se apenas a parte direita. Aposto no fundo de um prato, que pelo perfil faz lembrar o de um Drag.18 do sul da Gália, ostenta o texto X.TA(...), que coloca especiais problemas de leitura dado que não foi encontrado nos repertórios nenhum outro com semelhante fórmula inicial que supomos (E)X seguida do nome sem estar antecédida de uma abreviatura de *officina*.

Ainda assim, propõe-se uma atribuição com assinaláveis reservas a *Taurus Titus*, de Trício. Baseia-se esta em duas circunstâncias: porque o oleiro está documentado nesta forma não muito habitual de vaso, aliás um exemplar completo, de Pedras D’El Rei¹³⁵⁷, como utiliza textos de grafia irregular e de composição de texto muito abreviada, como seria o caso, que se verifica nas marcas do prato algarvio e nos exemplos de *Juliobriga*, Tarragona e Herrera de Pisuergra¹³⁵⁸.

Ol. 43- *S. Venustus* (Bustamante 663).

O perfil do fundo, com um ressalto após o arranque inferior da copa, denuncia um prato da forma Drag.36 que, pelas características observáveis de pasta e revestimento é atribuível ao grupo de La Rioja.

A cartela, retangular, de pequena dimensão, mostra apenas quatro caracteres, NVST, não se encontra repertoriada sob esta forma. Identificar neste texto curto o oleiro em epígrafe é problemático, e a proposta deverá ser tomada com as convenientes cautelas. Contudo, parece a hipótese mais provável em função dos repertórios

¹³⁵² Idem, p. 605.

¹³⁵³ Idem, p. 692.

¹³⁵⁴ O vaso em causa, um prato talvez da forma Drag.18, foi recolhido na área exterior às sepulturas identificadas- Conf. J.O.Caeiro, 1979, p. 116.

¹³⁵⁵ M. Bustamante Álvarez, 2010a, lám.50.

¹³⁵⁶ Idem, p.759, fig. 331.

¹³⁵⁷ C. Viegas e T.Dinis, 2010, p.239 e 240 e fig.3, n.º 8.

¹³⁵⁸ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.640.

disponíveis, ao admitir-se a utilização de um punção já exausto, o que teria provocado a obliteração do texto, em especial na extremidade inicial que, aliás, se apresenta arredondada ao contrário da outra, bem definida. Que o instrumento já estaria muito gasto aquando do seu emprego está indiscutivelmente patente no bordo inferior da cartela.

Venustus tem uma difusão essencialmente setentrional, com presenças assinaladas fora de Trício em Lugo, Léon, Segóbriga e Cáparra¹³⁵⁹.

Ol. 44 a Ol. 45-Oleiros desconhecidos- impressões truncadas.

Ol.44 é uma “marca” aplicada numa tigela de fabrico riojano, em que se verifica que o punção foi aplicado por duas vezes, sobreposto, divisando-se apenas um carater incompleto, provavelmente um O.

O prato no qual foi aplicada a impressão Ol.45 apresenta um perfil grácil, ressaltos umbílico interior, uma pasta triciense do grupo 1 definido por José Carlos Quaresma¹³⁶⁰, restando apenas um dos cantos da “marca” contendo o vestígio de um carater.

Ol.34	Andújar	Drag. 27	H.3	<i>C.A.H.</i>	EXOF CN(retro)H	novo	100 - 150 d.C.	
Ol.35	La Rioja	Drag. 27	H.2	<i>P.A.</i>	OF.PA	-	70 - 100 d.C.	
Ol.36	La Rioja	Tigela	H.1	<i>Agileius</i>	(...)GILEI	B 523	70 - 100 d.C.	
Ol.37	La Rioja	Drag. 33	H.1	<i>Flaccus</i>	(...)ACCI	B 523	85 - 100 d.C.	
Ol.38	Andújar	Prato	H.3	<i>T.I.F.</i>	EXOFTIF	B 537	70 - 150 d.C.	
Ol.39	La Rioja	Drag. 36	H.1	<i>Martialis</i>	OF.MARTIA	novo	70 - 95 d.C.	
Ol.40	La Rioja	Drag. 36	H.1	<i>Otauius</i>	OC.TA.EXOF	B 590	70 - 100 d.C.	
Ol.41	La Rioja	Hisp. 4	H.1	<i>Petronius Eros</i>	PETERO(...)	B 605	70 - 100 d.C.	
Ol.42	La Rioja	Drag. 18	H.2	<i>Taurus Titus ?</i>	X.TA(...)	novo	70 - 95 d.C.	
Ol.43	La Rioja	Drag. 36	H.2	<i>S. Venustus</i>	NVST	novo	70 - 120 d.C.	
Ol.44	La Rioja	Drag. 27?	H.1	<i>Ol. Desc.</i>	O(...)	-	70 - 120 d.C.	
Ol.45	La Rioja	Prato	H.1	<i>Ol. Desc.</i>	(...) (?) (2 x)	-	70 - 120 d.C.	

Figura 23- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânicas recolhidas na I.A.U. da Rua das Pedras Negras- 1991/1998.

¹³⁵⁹ Idem, p. 663.

¹³⁶⁰ J.C. Quaresma, 2008, p. 483.

8.2.1.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

Ol.13, do ruteno *Patricius i*, foi coletada na fase final dos trabalhos arqueológicos, ocorrida em 1998. Pela observação das referências que acompanham as recolhas, nesta fase as escavações terão incidido na área mais a norte das *Thermae Cassiorum*, na zona junto do muro de limite setentrional que funcionava como estrutura de contenção de terras da encosta.

A indicação que acompanhava o fundo de prato sudgálico, “*Vala a Norte das Termas, camada de argila esverdeada*”, implicará que os depósitos aí presentes serão anteriores ou contemporâneos da instalação do complexo. Neste sentido, a baliza de entre 75 e 100 d.C. proporcionada por Ol.13 assume um interesse suplementar, sugerindo fortemente uma data plenamente flávia ou antonina inicial para a erecção daquela parte do complexo público.

A referência de recolha do vaso Drag. 27 marcado por *Pudens*, Ol.14, coletado na campanha de 1996 no espaço de “*entre as pedras do muro exterior às Termas sentido Este-Oeste, a Este*”, assume um especial interesse. Representando esta construção um momento urbanístico anterior às termas, a presença do fragmento de *sigillata* ostentando esta “marca” permite remeter a sua cronologia para, no mínimo, o lapso temporal entre 45-65 d.C., e comprovar a sobrevivência de modos de edificação ancestrais até este período na arquitetura doméstica olisiponense.

Documentando plausivelmente a acumulação de detritos resultante da desativação da construção referida antes, e também o acondicionamento do local para a instalação dos banhos públicos, às indicações manuscritas “*Q. 3-4, Camada 14 / Entre Muros*” e “*Q. 3-4, Camada 14a / Entre Muros*”, correspondem os exemplares, respetivamente, Ol.37, “marca” hispânica de *Flaccus*, e Ol.29, impressão truncada estampada no fundo de uma tigela Drag.33 sudgálica com uma morfologia tardia, situável no período de Domiciano-Trajano. Mais uma vez deparamos com indicadores situados nas décadas finais do séc.I d.C. ou iniciais do seguinte para a acção edilícia pública.

Não deixando de ter presente o momento incipiente da investigação respeitante ao local, e sendo impossível aferir mais dados no momento, o conjunto das informações proporcionadas pelas “marcas de oleiro” recolhidas em contextos passíveis de ser assimilados às acções de instalação do complexo público, mas também da restante *sigillata* coletada nas “*valas*” dos muros termais *supra* mencionada, remetem as *Thermae Cassiorum* para a época dos imperadores Domiciano a Trajano.

8.2.2. *Palácio dos Condes de Penafiel-Jardim (Madalena, Lisboa)*- Ol. 46-Ol.66.

O Palácio dos Condes de Penafiel, atual sede da Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa, resulta hoje da transformação profunda ocorrida na década de 1950 do séc. XIX do primitivo edifício palatino do Correio-Mór do Reino, edificado entre 1771 e 1773.

Implantado na meia encosta meridional do morro do Castelo, ocupa um quarteirão completo gizado no novo plano de reconstrução de Lisboa que se seguiu ao terramoto de 1755, compreendendo a Calçada do Correio Velho, a Este, a Rua das Pedras Negras, a Sul, a Travessa do Almada, a Oeste, e o Largo do Correio-Velho e Rua de São Mamede ao Caldas pelo norte. Foi durante as obras da sua construção, no quadrante sud-ocidental, que surgiram pela primeira vez os restos das *Thermae Cassiorum*¹³⁶¹.

Em 1992 a intenção de instalação ali da sede do Ministério das Obras Públicas e Comunicações incluiu diversas adaptações no edificado, destacando-se a criação de um estacionamento automóvel subterrâneo na quadrela nordeste, ocupada por um jardim. A obra, coordenada pela ex-Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, iria ser objeto de uma intervenção arqueológica preventiva que antecedeu a obra, desenvolvida pelo então Gabinete Técnico do Teatro Romano de Lisboa, da autarquia. Com direcção de A.M. Dias Diogo, pressupôs a subdivisão da área em quadrículas de 4x4 m, desprovidas de banquetas, numa adaptação aos princípios metodológicos de escavação preconizados por Wheeler.

Numa primeira fase, foram exumados os contextos correspondentes ao urbanismo «pré-pombalino» tendo-se exposto duas unidades habitacionais com alguma qualidade construtiva, denunciada pelos elementos de decoração arquitectónica (revestimento azulejar, elementos de cantaria com baixo-relêvo, ...). Refira-se, como apontamento, que a fachada meridional da construção moderna meridional revelada nos trabalhos servia de suporte ao muro de fachada do Palácio, mostrando que a despeito da nova geometria iluminista se verificaram sobrevivências dos traçados anteriores.

Sob os níveis baixo-medievais e de Época Moderna relacionados com as duas construções referidas outros foram detetados, merecendo destaque um conjunto de silos do período muçulmano.

No quadrante nordeste da escavação foi identificada uma vala de perfil em V, profunda, preenchida por detritos datados da Antiguidade Tardia, seguramente

¹³⁶¹ Vide introdução no subcapítulo anterior, dedicado à Rua das Pedras Negras, n.ºs 22-28.

entulhada no séc VI d.C., pois no fundo foi recolhido um fragmento de epígrafe “paleocristã”¹³⁶². Associados neste contexto estavam abundantes materiais cerâmicos coetâneos de diversas origens: ânforas do tipo Late Roman I, II e III, Almagro 54/«ânfora de Gaza», *sigillata* foceense, exclusivamente da forma Hayes 3, *terra sigillata* clara africana D, ânforas africanas tardias, escassa «*sigillata* cinzenta paleocristã» gaulesa, ânforas lusitanas (Almagro 51a-b e 51 c), cerâmica comum regional, feita com e sem o auxílio de torno.

A referida estrutura negativa rompia depósitos também detríticos que acompanhavam a pendente nordeste-sudoeste, tendo sido detetada uma inumação muito destruída intercalada entre as camadas com esta cronologia. Um muro de contenção de terras de alto-imperial estava sobreposto por estes níveis, constituindo a única construção com esta data revelada pelos trabalhos de 1992-1993, conservando-se hoje *in situ*. A ele encostavam depósitos sucessivos de tendência horizontal que, em função dos elementos disponíveis no Museu da Cidade, remetem para formações detríticas ocasionadas sucessivamente ao longo dos séculos I a III d.C. Sob estes, no vértice SO da área intervencionada, foi exumada na “*Quadrícula 3*” uma sepultura de inumação infantil, colocada no interior do corpo seccionado de uma ânfora do tipo Dressel 20 produzida no Vale do Guadalquivir¹³⁶³.

8.2.2.1. Enquadramento do Conjunto.

O conjunto de *terra sigillata* recolhido entre 1992 e 1993 no jardim do Palácio dos Condes de Penafiel mostra o predomínio das produções gálicas face à menor representatividade dos fabricos com origem nas penínsulas itálica e hispânica (conf. *infra*, Figura 24).

Dado os elementos contextuais estarem inacessíveis, as leituras permitidas pelas cerâmicas, conjugadas com as indicações de proveniência, sugerem que as ocupações mais recuadas no tempo reveladas pelos trabalhos remetem para cronologias já da segunda metade do séc. I d.C. Sustenta este entendimento a presença maioritária de produções gálicas nas unidades que supomos mais antigas (“*Quadrícula 3, camada 34, Fase 2*”, por exemplo). Assim sendo, o conjunto itálico resulta, com probabilidade no

¹³⁶² A.M.D. Diogo e L. Trindade, 1997..

¹³⁶³ Na ausência de relatório, os elementos transmitidos resultam de uma comunicação oral apresentada por A.M.Dias Diogo, Laura Trindade e o próprio ao «*I Colóquio de Lisboa e a Dinâmica Urbana*», realizado no Padrão dos Descobrimentos, em Lisboa, em 1992, que infelizmente não resultou depois em texto.

seu todo ou na maioria, como residual, como acontece com os escassos elementos de cronologia republicana (ânforas itálicas Dressel 1A e campaniense A e do círculo da B) e da Idade do Ferro (ânforas, *pithoi*, «cerâmica de bandas», «cerâmica de verniz vermelho» e «cerâmica cinzenta fina polida»).

Sendo prematuro avançar com hipóteses categóricas acerca das funcionalidades do espaço em Época Alto-Imperial Romana, em função da manifesta falta de dados de escavação disponíveis, parece seguro concluir que não estariam diretamente vinculadas com o edifício termal público situado mais para sudoeste da encosta. O espaço do jardim do Palácio dos Condes de Penafiel ficaria, portanto, ao norte das *Thermae Cassiorum*, podendo após a sua instalação equivaler a uma zona ajardinada ou com outro caráter, sendo de excluir o habitacional. O único sepultamento alto-imperial detetado, por seu turno, coloca problemas de leitura urbanística, sugerindo que em determinado momento se situaria no exterior do *pomerium*. Se assim fosse, as formações de camadas sucessivas contendo espólio abundante, encerrando cronologias entre a segunda metade do séc. I d.C. e os meados-finais do séc. III d.C., poderia corresponder a uma zona de lixeira urbana e/ou a uma zona de pendente de encosta, de alguma forma acondicionada apenas após a instalação dos grandes banhos públicos de *Olisipo*.

8.2.2.2. *Produções atestadas.*

As produções alto imperiais de *terra sigillata* estão representadas na amostragem resultante das escavações do Palácio dos Condes de Penafiel por 521 fragmentos, equivalentes a 226 NMI.

No total, os indicadores das elaborações de modo itálico estão pouco atestadas, perfazendo valores em torno dos 14%, contabilizados quer em termos de fragmentos quer de NMI. Compõem-no maioritariamente recipientes datados do período médio e tardo-augústeo-tibério, a despeito da presença de morfologias que podem encerrar uma datação mais recuada, caso do prato Consp.2.1, devendo enfatizar-se, em sentido oposto, uma mais significativa atestação de tipos correntes no principado de Tibério que podem ainda atingir cronologias dentro do de Cláudio.

Os fabricos gálicos mostram, como é comum acontecer em Lisboa, pastas e revestimentos compatíveis com uma origem exclusiva, ou quase, no círculo de La Graufesenque. Apesar da ausência de dados contextuais específicos, pontuam morfologias que podem recuar ao final do principado de Tibério-inícios de Cláudio, no

caso os pratos Ritt.1 e variantes do Drag.15, muito embora a observação possa abranger igualmente os tipos mais comuns. Nestes, o *tandem* Drag.18/Drag.27 predomina nitidamente sobre o Drag.15-17/Drag.24-25 (66/29,46% NMI *versus* 31/13,83% NMI, ver Figura 24, *infra*), circunstância que deverá encerrar significado cronológico, nomeadamente sugerindo remeter para datações mais baixas dentro do século I d.C., o que parece corroborado pela atestação do tandem Drag.35/36 com 19 indivíduos (NMI, *Idem*).

As três principais produções hispanas estão representadas no local, notando-se o predomínio de Andújar no *tandem* “clássico” hispano, Drag.15-17/27 (16 *versus* 9 NMI, *Idem*), o de La Rioja no âmbito da loiça decorada a molde (9x1 NMI, *Idem*), e uma discreta ocorrência da produção de “tipo Peñaflor”.

Formas	B	C	F	P	Frag.	% frag.	NMI	% NMI
Consp. 2.1	1	0	0	0	1	0,19	1	0,44
Consp. 12.2	1	0	0	0	1	0,19	1	0,44
Consp. 18	2	0	0	0	2	0,38	2	0,88
Consp. 18.1	2	0	0	0	2	0,38	2	0,88
Consp. 18.2	1	0	0	0	1	0,19	1	0,44
Consp. 20.3	1	0	0	0	1	0,19	1	0,44
Consp. B.1.5	0	0	1	0	1	0,19	0	0
Consp. B.1.9	0	0	1	0	1	0,19	1	0,44
Consp. B.2.4	0	0	2	0	2	0,38	2	0,88
Consp. B.2.5	0	0	2	0	2	0,38	2	0,88
Consp. B.6.2	0	0	1	0	1	0,19	1	0,44
Prato Indet.	1	0	0	14	15	2,88	0	0
Consp. 22.1	1	0	0	0	1	0,19	1	0,44
Consp. 24.1	1	0	0	0	1	0,19	1	0,44
Consp. 27.1	1	0	0	0	1	0,19	1	0,44
Consp. 32.2	0	1	1	0	2	0,38	1	0,44
Consp. 33.3	1	0	0	0	1	0,19	1	0,44
Consp. B.3.14	0	0	1	0	1	0,19	1	0,44
Consp. B.4.2	0	0	1	0	1	0,19	1	0,44
Consp. B.4.6	0	0	1	0	1	0,19	1	0,44
Taça Indet.	5	0	1	20	26	4,99	5	2,21
Consp. R.50	4	0	0	0	4	0,77	4	1,77
Consp. R.50.2.1	0	0	1	0	1	0,19	1	0,44
Cálice Indet.	0	0	0	1	1	0,19	0	0
Total Itálicas	22	1	13	35	71	13,58	32	14,1
Ritt.1	1	0	0	0	1	0,19	1	0,44
Hermet 31	1	0	0	0	1	0,19	1	0,44
Drag.15a	3	0	0	0	3	0,58	3	1,33
Drag.15b	2	3	2	0	7	1,34	3	1,33
Drag.15/17	6	13	20	0	39	7,49	20	8,96
Drag.18	40	12	14	8	74	14,6	40	17,82
Drag.36	3	0	0	0	3	0,58	3	1,33
Prato R	0	0	2	0	2	0,38	2	0,88

Ritt.5	1	0	0	0	1	0,19	1	0,44
Ritt.8	5	0	3	2	10	1,92	5	2,21
Ritt.9	1	0	2	0	3	0,58	2	0,88
Drag.24a	1	0	0	0	1	0,19	1	0,44
Drag.24/25	11	9	4	0	24	4,61	11	4,87
Drag.27	26	25	15	0	66	12,37	26	11,64
Drag.33	4	3	2	4	13	2,5	7	3,1
Drag.35	3	0	0	0	3	0,58	3	1,33
Drag.35/36	9	3	0	0	12	2,03	9	4,03
Lisa Indet.	0	0	3	62	65	12,48	0	0
Ritt.13 ?	0	0	1	0	1	0,19	1	0,44
Drag.29	4	1	2	0	7	1,34	4	1,77
Drag.30	3	0	0	0	3	0,58	3	1,33
Drag.37	4	2	3	0	9	1,73	4	1,77
Déch.67	1	0	2	0	3	0,58	2	0,88
Hermet 7 ou 15	0	2	0	0	2	0,38	1	0,44
Taça dec.	4	0	0	0	4	0,77	0	0
Total Sudgálicas	133	73	75	76	357	68,37	154	68,22
Drag. 15/17 Tr.	7	4	1	0	12	2,3	7	3,1
Drag. 15/17 And.	10	5	5	0	20	3,84	10	4,42
Prato Indet. Tr.	0	0	1	3	4	0,77	0	0
Prato Indet. And.	0	0	1	3	4	0,77	0	0
Drag. 27 Tr.	2	1	0	0	3	0,58	2	0,88
Drag. 27 And.	6	11	2	0	19	3,65	6	2,65
Drag. 46 Tr.	1	0	0	0	1	0,19	1	0,44
Tigela indet. Tr.	0	0	1	6	7	1,34	0	0
Tigela indet. And.	0	0	0	1	1	0,19	0	0
Drag. 37 Tr.	8	1	0	0	9	1,73	8	3,54
Taça dec. Tr.	0	0	0	0	4	0,77	0	0
Taça dec. And.	0	0	0	0	3	0,58	1	0,44
Total Hispânicas	34	22	11	13	87	16,71	35	15,47
Martinez III	1	0	0	0	1	0,19	1	0,44
Taça/Frigid. Indet.	0	0	0	0	1	0,19	0	0
Prato Indet.	0	0	4	1	5	0,96	4	1,77
Total Peñaflor	1	0	4	1	6	1,34	5	2,21
Total	190	96	103	125	521	100	226	100

Figura 24- Produções *em terra sigillata* alto-imperial coletadas na I.A.U. do jardim do Palácio dos Condes de Penafiel- 1992 e 1993.

As “marcas de oleiro” na *terra sigillata* oriunda do Palácio dos Condes de Penafiel documentam 2 impressões itálicas, 1 hispânica meridional, contra 18 oriundas do Sul da Gália, corroborando de alguma forma a imagem geral do conjunto patente através da contabilização total dos fragmentos e NMI.

8.2.2.2.1. Produções itálicas.

Ol.46- *Cneus Ateius* (OCK 270).

A impressão de *Cneus Ateius* identificada entre o espólio do Palácio dos Condes de Penafiel apresenta um texto muito abreviado ATE. A sua interpretação como pertencente à grande olaria pisana não oferece grandes dúvidas, podendo descartar-se pela cronologia implícita Lyon, centro que surge associado ao grupo *Ateius* (5) do OCK. Tal aconselham, também, as características visuais do fabrico, mais compatível com origens no Arno.

O punção corresponde a OCK 270.136, atestado apenas em Alexandria e Metz¹³⁶⁴.

O fundo de taça é classificável no tipo Consp. B.4.3, associado às taças troncocónicas Consp.22 a 25¹³⁶⁵.

Considerando o formato da cartela, de extremidades bífidas, deverá enquadrar-se nos modelos de transição em que as oficinas de *Ateius* foram criativas precursoras dos modelos dominantes a partir de 15 d.C., fundamento para a proposta de cronologia.

Ol.47- Oleiro desconhecido- impressão truncada.

O exemplar em análise apenas resta parte do bordo de uma cartela oval e vestígios de duas hastes de letras.

As características macroscópicas observáveis no fragmento de prato mais não autorizam do que defender a sua origem na Itália Central.

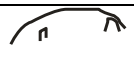
Ol.46	Pisa	B.4.3	It.2	<i>Cneus Ateius</i>	ATE	270.136	5 a.C.- 20 d.C.	
Ol.47	Itália Central	Prato	It.1	Ol. Desc.	(...)	-	-	

Figura 25- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas recolhidas na I.A.U. do jardim do Palácio dos Condes de Penafiel- 1992/1993.

8.2.2.2.2. Produções Gálicas.

A amostragem de impressões gálicas mostra, como já o havia feito o anterior conjunto lisboeta, uma diversidade de oleiros fornecedores dos vasos à cidade, onde as 10 “marcas” legíveis equivalem a outros tantos artesãos.

De especial interesse neste conjunto é a impressão Ol.49, um novo registo de punção de *Carantus* e, o que é mais importante, o emprego de um modelo de cartela que, tanto quanto conseguimos rastrear na bibliografia, se julgava exclusivo de um outro oleiro também ruteno, *Lucius Cosius Virilis* (NOTS, 3, 138-146).

¹³⁶⁴ OCK-CD, vasos n.ºs 18889 e 22145.

¹³⁶⁵ *Conspetus*, p. 162-163.

Ol.48- {*Cabuca*}= *Cabucatus* (NOTS 2, 148-149).

Hartley e Dickinson atribuem a *Cabucatus* (NOTS, 2, 149 -150) a autoria dos vasos assinados *Cabuca*, dada a equivalência de grafia dos punções¹³⁶⁶.

Tendo iniciado a sua produção ainda durante a década de 20 d.C., elaboraria recipientes cujas tipologias se enquadram, no máximo, nos finais da época de Nero, na opinião de Hartley e Dickinson¹³⁶⁷. Contudo, Marinus Polak constata o achado de diversificados produtos assinados por *Cabucatus* em contextos flávios, pelo que conclui que, forçosamente, o fabrico com esta assinatura terá perdurado até ao principado de Vespasiano¹³⁶⁸.

Já antes atestado em Lisboa¹³⁶⁹, documenta-se agora o oleiro através do punção 1a, surgido em La Graufesenque, Aislingen, no forte de Valkenburg, Augst, Alcester, Autun e *Glanum*¹³⁷⁰.

Dado que o sítio militar holandês foi fundado no início dos anos 70 d.C., uma cronologia abrangendo essa década terá que ser atribuída ao presente exemplar.

Ol.49- *Carantus* (NOTS 2, 236 - 238).

Oleiro que aparece bem documentado em estabelecimentos militares fundados nos inícios da década de 70 d.C., como Caerleon, Carlisle, Chester e Nijmegen, parece ter iniciado a sua produção ainda com Nero e ter cessado durante o principado de Domiciano, sendo os contextos datados externamente mais recentes os de Butzbach e Chesterholm, fundações militares deste imperador¹³⁷¹.

O texto da “marca” do Palácio dos Condes de Penafiel mostra similitudes ao nível da grafia com o tipo 2c do NOTS, e a nível da composição com o 3_a da mesma obra, mas não lhes corresponde.

Trata-se de um punção para o qual não conseguimos encontrar paralelo fora do aro da Península de Lisboa¹³⁷², com um formato muito caraterístico que só se conhecia em âmbito sudgálico para o também ruteno *Lucius Cosius Virilis* (NOTS 3, 138-146), demonstrando uma ligação entre ambos e corroborando as datações antes enunciadas para *Carantus*.

¹³⁶⁶ NOTS 2, p. 150.

¹³⁶⁷ Idem.

¹³⁶⁸ M. Polak, 2000, p. 189.

¹³⁶⁹ R.B. Silva, 2005, p. 151.

¹³⁷⁰ NOTS 2, p. 149.

¹³⁷¹ NOTS 2, p.238.

¹³⁷² Surge no assentamento romano da Rua do Joinal, na Ericeira- Conf.A.M.D. Diogo e H.Costa, 2000, p.209 e 214, fig.3, n.º3. Ver adiante apartado próprio neste mesmo trabalho.

Ol.50- *Dontio* (NOTS 3, 319-321).

Aplicada no fundo de uma tigela de pequenas dimensões, por hipótese do tipo Drag.24/25, do texto impresso restaram apenas as letras próximas da extremidade direita, OI. A identificação com o punção 10a do NOTS faz-se porém sem grande dificuldade dada equivalência perfeita da impressão, que originalmente conteria o texto PONTIOI.

Dontio é conhecido em contextos dos inícios da época flávia, como os fortes de Caerleon, Chester e Nijmegen, Carlisle e York, pelo que Hartley e Dickinson julgam a sua atividade decorrida entre 60 e 85 d.C.¹³⁷³ A impressão coletada no Palácio dos Condes de Penafiel está presente em Augst, Bona, Schleithem, Oberstimm, no forte de Nijmegen, Tongeren, Cirencester, Londres, Fos-sur-Mer¹³⁷⁴, documentando-se agora em paragens mais meridionais.

Ol.51- *Licinus* (NOTS 5, 62-78).

Prolixo produtor de vasos de La Graufesenque, *Licinus* iniciou a sua produção ainda com Tibério, prolongando-a até Nero¹³⁷⁵.

O tipo de impressão, 54a do NOTS, está presente em Richborough, Londres, Orléans, Bavay, Paris, Le Chatelêt, Entrains, na necrópole de Amiens, Mainz, Trier, Vindonissa e Delheim¹³⁷⁶. O predomínio gaulês e germânico é evidente, e a “marca” em análise vem demonstrar que a sua difusão não se fez apenas em direcção às regiões mais setentrionais do Império.

Ol.52- *Logirnus* (NOTS 5, 90-96).

O oleiro *Logirnus* trabalhou em La Graufesenque, mas também em Montans e no centro subsidiário desta, Saint Saveur, dado que Hartley e Dickinson comprovaram o uso do mesmo punção nos três locais¹³⁷⁷.

No caso presente lisboeta está patente um produto ruteno marcado com o punção 12a', exemplar já degradado e que apresenta o texto retrógrado OGIRN.

O tipo encontra-se bem difundido na *Britannia*, em Braughing, Leicester, Londres, *Verulamium*, Richborough e Colchester, com presença assinalada também na *Germania*

¹³⁷³ NOTS 3, p.321.

¹³⁷⁴ Idem, p.320.

¹³⁷⁵ NOTS 5, p. 77.

¹³⁷⁶ Idem, p. 74.

¹³⁷⁷ NOTS 5, p.90.

Inferior ou suas proximidades, em Nijmegen, Utrech, Vechten e Estrasburgo¹³⁷⁸. Enquanto as atestações britânicas de Colchester e Londres permitem uma data de 68 d.C., o achado do forte militar de Nijmegen, fundado em inícios dos anos 70 d.C., remete a cronologia já para o principado de Vespasiano.

Ol.53- {*Marcus i*} (NOTS 5, 278-279).

Impressão truncada, o presente exemplar mostra a parte direita com um texto grafado com caracteres cuidados e de pequena dimensão A(?)RCI. A leitura mais provável, [M uel OF M)]ARCI, adscrive a “marca” ao problemático oleiro do Sul da Gália indicado em epígrafe, de cronologia desconhecida e sobre o qual existe pouca evidência¹³⁷⁹.

Tratando-se de uma pequena tigela da forma Ritt.8, de perfil grácil, parece corresponder a um vaso modelado antes do período flávio. Considerando que uma das “marcas” que não foi colocada em causa por Hartley e Dickinson foi a 7_a do NOTS, coletada em La Graufesenque¹³⁸⁰, e dadas as características rutenas da pasta e revestimento, parece ser esta a domiciliação do artesão.

Ol.54- *Memor* (NOTS 6, 74-78).

Memor é um produtor de grande capacidade de compulsão de vasos, que possui uma distribuição dos recipientes com a sua assinatura assimétrica, pois é muito comum na *Britannia* e *Germania*, mas muito pouco ocorrente noutras latitudes¹³⁸¹.

A “marca de oleiro” está muito deficientemente executada por ter sido aplicada de forma oblíqua, no que resultou que a metade inferior do punção não foi impressa. Lê-se MEM, texto seguido de vestígios de caracteres, elementos suficientes para identificar o artesão mas não o tipo específico de punção.

Considerando que a atividade de *Memor* decorreu entre 60 e 90 d.C., e que os detalhes de modelação da tigela Drag, 27 sugerem uma cronologia flávia como a mais provável, deverá ser este o enquadramento cronológico do exemplar.

Ol.55- *Protis* (NOTS 7, 274).

¹³⁷⁸ Idem.

¹³⁷⁹ Idem, p.279.

¹³⁸⁰ Idem.

¹³⁸¹ NOTS 6, p. 78.

Oleiro de escassa compulsão, produtor de taças/tigelas, esteve ativo durante um curto lapso de tempo, o final do principado de Cláudio e o de Nero¹³⁸².

Ao tipo 1a do NOTS corresponde o exemplar em apreço, colocado no fundo interno de uma tigela, encontrado na forma Ritt.8 na “fossa de *Gallicanus*” de La Graufesenque, em Heerlen, Nijmegen, Valkenburg, *Glanum* e Nuits-Saint-Georges¹³⁸³.

Ol.56- *Sabinus iii* (NOTS 8, 15-29).

Sob o nome em epígrafe deverão ocultar-se mais do que um oleiro, devendo atribuir-se ao mais segundo tardio dos rutenos o presente exemplar, artesão aliás bem representado em Lisboa

Não totalmente concordante com o NOTS, Marinus Polak distinguiu dois grupos cronologicamente distintos¹³⁸⁴, pertencendo ao mais tardio, situável entre 60 e 100 d.C., a impressão truncada oriunda do Palácio dos Condes de Penafiel, aposta no fundo de prato de tipologia indeterminável. A sua identificação com o *Sabinus iii* é feita, porém sem dúvidas, o que permite fixar a data provável do punção.

Ol.57- *Vitalis ii* (Polak 354 - 358).

Vitalis ii é um dos oleiros responsáveis pelo maior volume de produção no período de grande exportação de La Graufesenque, estando já antes atestado em Lisboa¹³⁸⁵.

A impressão corresponde ao tipo V84, por três vezes atestado em Vechten, sempre sobre taças decoradas Drag. 29, ocorrendo em Old Penrith e Freinsheim, também neste último sítio sobre a mesma morfologia e ostentando decoração característica da época flávia¹³⁸⁶, assumindo o exemplar lisboeta o interesse de se documentar agora sobre tigelas Drag.27 dotadas de canelura externa no pé.

Ol.58 a Ol.66- Oleiros Desconhecidos- impressões truncadas.

No fundo interno de um prato Drag.18, de perfil delicado, encontra-se uma “marca” reduzida à fórmula inicial OF(*ficina*), equivalente ao exemplar Ol.58.

Ostentando possivelmente a mesma fórmula, os exemplares Ol.59 a Ol.61 correspondem a “marcas” muito cerceadas mostrando apenas uma das extremidades e

¹³⁸² NOTS 7, p. 274.

¹³⁸³ Idem.

¹³⁸⁴ M. Polak, 2000, p. 313

¹³⁸⁵ R.B. Silva, 2005, p.193.

¹³⁸⁶ M. Polak, 2000, p. 357.

um O, respetivamente aplicados no fundo de um prato Drag.18, uma pequena tigela de tipologia indeterminada e outra, também de reduzidas dimensões, Drag.27.

A pequena tigela Drag.24/25 mostra o exemplar Ol.62 de que restou apenas a extremidade inicial, onde é patente uma letra cerceada, provavelmente um M.

Também de reduzido tamanho, a tigela Drag. 27 equivalente ao exemplar Ol.63 mostra um carater inicial muito cerceado, por hipótese B, D, E, F, T, ...

Uma tigela Drag.24/25 de perfil completo, mais uma vez de módulo reduzido, mostra uma das extremidades da impressão, Ol.64, não se vislumbrando vestígios de qualquer letra.

Ol.65 mostra apenas vestígio de uma letra de haste vertical, sendo impossível adscrever a oleiros o fragmento de prato, de tipologia indeterminável.

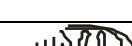
Ol.48	La Grauf.	Drag. 15/17	G.1	<i>Cabucatus</i>	CAB(...)	1a	50 - 75 d.C.	
Ol.49	La Grauf.	Drag. 18	G.1	<i>Carantus</i>	OF.CARAN	nova	70 - 100 d.C.	
Ol.50	La Grauf.	Tigela	G.1	<i>Dontio</i>	(...)OI	10a	70 - 100 d.C.	
Ol.51	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	<i>Licinus</i>	LICIN	54a	35 d.C.- 65 d.C.	
Ol.52	La Grauf.	Drag. 27	G.1	<i>Logirrus</i>	OGIRN (retro)	12a'	70 - 150 d.C.	
Ol.53	La Grauf.	Ritt. 8	G.1	<i>Marcus</i>	(...)ARCI	nova	70- 95 d.C.	
Ol.54	La Grauf.	Drag. 27	G.1	<i>Memor</i>	MEMOR	-	70 - 100 d.C.	
Ol.55	La Grauf.	Tigela	G.1	<i>Protis</i>	PROTIS	1a	50 - 65 d.C.	
Ol.56	La Grauf.	Prato	G.1	<i>Sabinus</i>	(...)BINI	-	60 - 80 d.C.	
Ol.57	La Grauf.	Drag. 27	G.1	<i>Vitalis ii</i>	VITAL	Vechte n V84	70 - 100 d.C.	
Ol.58	La Grauf.	Drag. 18	G.1	Ol. Desc.	OF(...)	-	-	
Ol.59	La Grauf.	Drag. 18	G.1	Ol. Desc.	O(...)	-	-	
Ol.60	La Grauf.	Tigela	G.1	Ol. Desc.	O(...)	-	-	
Ol.61	La Grauf.	Drag. 27	G.1	Ol. Desc.	O(...)	-	-	
Ol.62	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	Ol. Desc.	M(...)	-	40 - 85 d.C.	
Ol.63	La Grauf.	Drag. 27	G.1	Ol. Desc.	(...) (?)	-	-	
Ol.64	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	Ol. Desc.	(...)	-	40 - 85 d.C.	
Ol.65	La Grauf.	Prato	G.1	Ol. Desc.	(...) (?)	-	-	

Figura 26- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas recolhidas na I.A.U. do jardim do Palácio dos Condes de Penafiel- 1992/1993.

8.2.2.2.3. Produções hispânicas.

Ol. 66- C.A.H. (Bustamante 466, 499-501).

C.A.H. parece ter sido um dos produtores mais ativos do centro bético de Los Villares de Andújar, sendo controversa a cronologia da sua atividade: flávia para os investigadores que trabalham o local¹³⁸⁷, mas com elementos aduzidos por outros estudos que apontam para o séc.II d.C.¹³⁸⁸ O perfil do prato presente, em que o pé é espesso, muito baixo e de perfil retangular, aponta de igual forma para datações mais baixas, já dentro do séc. II d.C.¹³⁸⁹

Como fizemos menção atrás¹³⁹⁰, parece tratar-se de artesão especialmente bem atestado em Lisboa, surgindo agora com um outro punção, truncado à direita, mas que conservou a onomástica do oleiro.

A “marca”, em que o C ostenta um prolongamento inferior que permite interpretá-lo também como G, tem paralelo em Banasa¹³⁹¹.

Ol.66	Andújar	Prato	H.4	C.A.H.	(...)GAH	Boube 321	100 – 150 d.C.	

Figura 27- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” hispânica recolhida na I.A.U. do jardim do Palácio dos Condes de Penafiel- 1992/1993.

8.2.2.2.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

O conjunto de impressões denota uma continuidade de ocupação do espaço, onde os elementos mais recuados, associados às camadas que se supõem mais antigas presentes no local, encerram datações ante-flávias, casos de Ol.51 e 55, cláudio-neronianas.

Contudo, o remanescente do conjunto de *sigillata* marcada gálica, o predominante, aponta exclusivamente para datas plenamente flávias, casos de Ol.48, Ol.52, Ol.54 e Ol.57, ou, nos restantes casos, admite este âmbito cronológico em função das balizas respetivas.

Esta evidência terá que ser valorizada, articulada com a instalação das *Thermae Cassiorum* nas proximidades, como se viu antes com maior probabilidade datada do período flávio ou inicial dos Antoninos, devendo traduzir em boa parte os elementos do

¹³⁸⁷ M.Roca Rouméns, 1976, p. 33-34; M. Sotomayor Muro *et al.*, 1999, p.39.

¹³⁸⁸ Vide *supra*, comentário ao exemplar Ol.34, da Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28.

¹³⁸⁹ M. Bustamante Álvarez, 2010, p. 269.

¹³⁹⁰ Vide *supra*, comentário ao exemplar Ol.34.

¹³⁹¹ J. Boube, 1965, p. 234, n.º 321.

jardim do Palácio dos Condes de Penafiel as consequências urbanísticas na zona expressas no seu registo arqueológico.

8.2.3. Calçada do Correio Velho (Madalena, Lisboa)- Ol.67.

A Calçada do Correio Velho corresponde a uma artéria de origem setecentista, gizada no plano de reconstrução da cidade de Lisboa após o terramoto de 1755.

Localizada na meia encosta do morro do Castelo virada a sul e ao Tejo, o arruamento, de orientação “norte-sul”, possui acentuada pendente e integra dois quarteirões de cada um dos seus lados.

Na parte mais setentrional a calçada ladeia pelo oeste o Palácio dos Condes de Penafiel, sob o qual jazem os restos das *Thermae Cassiorum* descritos no séc.XVIII¹³⁹². Nesta mesma metade do arruamento, pela banda contrária, um outro edifício pombalino sobrepor-se-á, segundo Vieira da Silva¹³⁹³, ao trajeto da muralha medieval muçulmana e cristã conhecida como «Cerca Velha» ou «Moura».

Foi na sequência das obras de remodelação do edifício palatino, em 1993, que foi desencadeada uma intervenção arqueológica de emergência provocada pela abertura de valas para colocação de infra estruturas urbanas, dirigida por A.M. Dias Diogo¹³⁹⁴.

A metade sul do arruamento revelou apenas contextos de Época Contemporânea recente, justapostos pelo empedrado atual do pavimento e sobrepondo-se a depósitos sedimentares argilo-arenosos equivalentes ao substrato geológico do local. Na zona mais a norte, porém, foram revelados contextos da Idade Média Cristã e Época Moderna, que cobriam depósitos contendo somente material cerâmico romano e, em menor quantidade, da Idade do Ferro.

O mesmo local viria a ser objeto de peritagem arqueológica em 2007 pela empresa Era-Arqueologia, Lda., mas o trabalho incidiu sobre áreas afetadas pela obra anterior.

Dado a configuração da rua em pendente acentuado, é possível supor que a sua formação em setecentos terá obliterado uma potência arqueológica considerável.

8.2.3.1. Enquadramento do Conjunto.

Foi na zona norte do arruamento que se identificou a sequência de “camadas” de cronologia romana, na sua maioria espessas, depositadas sobre o substrato geológico areno-argiloso de base. Numeradas da mais recente para a mais antiga, totalizam sete

¹³⁹² Vide subcapítulo respeitante às *Thermae Cassiorum*, *supra*.

¹³⁹³ A.V. Silva, 1984.

¹³⁹⁴ A.M.D. Diogo, 1998.

unidades, sendo que na mais recente (“*Camada 3a*”)¹³⁹⁵ foi recolhida uma asa de ânfora do tipo Almagro 54/”ânfora de Gaza”, comprovando que a formação, apesar de conter material cerâmico quase exclusivamente do séc. I d.C. e anterior, se terá originado já no Baixo Império, senão já durante a Antiguidade Tardia.

A circunstância acima descrita não se repete nas “*camadas 5, 6 e 7*”, onde a presença de materiais de cronologia alto-imperial romana é exclusiva, incluindo lucernas dos tipos Drag.11b e 20, cerâmica de paredes finas das formas Mayet II, XXXVI e XXXVII, ânforas das formas Dressel 14 lusitana, Dressel 20 do Guadalquivir, Dr.2-4 itálica, não se tendo documentado elementos datantes posteriores aos meados do séc. II d.C.

O fato de estas camadas equivalerem às identificadas no interior do jardim do Palácio dos Condes de Penafiel, no caso as que encostam ao muro de sustentação de terras romano que aí se encontra ainda visível, sugere que esta estrutura date da época flávio-trajânica¹³⁹⁶, e que as entidades reconhecidas na Calçada do Correio Velho em 1993 resultem da acumulação detritica urbana e do posterior acondicionamento urbanístico já patenteado no interior do palácio.

8.2.3.2. *Produções atestadas.*

A composição geral do conjunto, considerando os 94 fragmentos de *terra sigillata* analisados, mostra uma amostragem onde os fabricos gálicos são dominantes, detendo 68,1% (NMI), estando os de modo itálico bem representados (27,3% NMI) e os hispânicos documentados por apenas dois fragmentos (vide *infra*- Figura 28).

O espectro cronológico global mostra a presença de produções itálicas do período médio augústeo a tibério, e, no conjunto oriundo do Sul da Gália, um predomínio das taças/tigelas sobre os pratos, numa proporção de 18/11 NMI, estando representadas morfologias produzidas desde a época de Tibério até aos Flávios.

O único exemplar apresentado que ostenta “marca de oleiro” corresponde a um dos três fragmentos de *terra sigillata* coletados na I.A.U. de 2007, permanecendo em paradeiro desconhecido os elementos similares resultantes da escavação anterior¹³⁹⁷.

¹³⁹⁵ Idem.

¹³⁹⁶ Vide apartado anterior, neste capítulo.

¹³⁹⁷ Em 1993 testemunhámos a recolha de, pelo menos, dois exemplares de taças de pequena dimensão dos tipos Drag.24/25 e 27 sud-gálica ostentando “marca de oleiro”, mas este espólio e uma outra lucerna entretanto restaurada, não se encontravam com os restantes materiais da intervenção, depositados em 1998 no Museu da Cidade após a extinção do Gabinete Técnico do Teatro Romano.

Forma	B	C	F	P	Frag.	% Frag.	NMI	% NMI
Consp. 18.2	4	0	0	0	4	4,6	4	9,0
Consp. 20.4	1	0	0	0	1	1,0	1	2,3
Consp. 21.3	1	0	0	0	1	1,0	1	2,3
Consp. 22.1	2	1	0	0	3	3,2	2	4,5
Consp. 33	0	0	1	0	1	1,0	1	2,3
Taça Indeterminada	0	0	1	0	1	1,0	1	2,3
Cálice Indeterminado	1	0	0	1	2	2,1	1	2,3
Consp. 38.3 ?	0	0	1	0	1	1,0	1	2,3
Indeterm. It.	0	0	0	12	12	12,9	0	0,0
Total Itálicas	9	1	3	13	26	27,8	12	27,3
Ritt. 5	1	0	0	0	1	1,0	1	2,3
Ritt. 8	1	0	1	0	1	1,0	1	2,3
Drag. 27	10	0	3	0	13	13,9	10	22,7
Drag. 33	0	0	1	0	1	1,0	1	2,3
Drag. 35	1	0	0	0	1	1,0	1	2,3
Drag. 17 b	2	0	1	0	3	3,2	2	4,5
Drag. 15/17	4	0	3	0	7	7,5	4	9,0
Drag. 18	4	0	2	0	6	6,4	4	9,0
Drag. 24/25	3	0	3	0	6	6,4	3	6,8
Indeterm.	0	0	1	22	23	24,6	1	2,3
Prato R	0	0	1	0	1	1,0	1	2,3
Decorada S.G.	0	0	0	3	3	3,2	1	2,3
Total Sudgálicas	26	0	16	25	66	70,2	30	68,1
Drag. 27 Tr.	1	0	0	0	1	1,0	1	2,3
Indeterm. Tr.	0	0	0	1	1	1,0	1	2,3
Total Hispânicas	1	0	0	1	2	2,0	2	4,6
TOTAL	36	1	19	39	94	100	44	100

Figura 28- Produções *em terra sigillata* coletadas na I.A.U. da Calçada do Correio Velho- 1993 (parcial).

8.2.3.2.1. Produções Itálicas.

Ol.67- Oleiro indeterminado.

A impressão é de muito pequena dimensão, e apresenta um conjunto de elementos que não foi possível descodificar. Na parte inicial do texto é visível um X, ou um R, possivelmente em nexa com um A, a que se segue uma haste horizontal que se prolonga quase até ao final da cartela, com traços acima e em baixo, cujo significado nos escapa. Seria, portanto tentador, ver aí um modelo até agora desconhecido de oleiros bem atestados como *Rasinius* ou *Xanthus* (2), mas uma proposta deste tipo pecaria no rigor, pelo que a julgamos de descartar.

As características do pequeno fragmento permitem descortinar pertencer a uma taça, e o que se observa na pasta e revestimento, deduzir uma origem etrusca. Do mesmo modo, o formato da cartela sugere uma datação augústea ou dos primeiros tempos de Tibério.

Ol. 67	Itália Central	Taça	It.2	Indeterminado	X(uel R)A	nova	15 a.C.- 20 d.C.	

Figura- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” itálica recolhida na intervenção arqueológica da Calçada do Correio Velho -2007.

8.2.3.3. Contributo da “marca de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico

Tendo em atenção o exposto nos itens anteriores, a impressão identificada mais não vem do que corroborar o panorama já descrito a propósito da amostragem global disponível da *terra sigillata* do ponto arqueológico.

8.2.4. Rua de São Mamede ao Caldas-Via Pública (Santiago, Lisboa)- Ol.68 a Ol.82.

O arruamento em epígrafe foi desenhado nos meados do séc.XVIII, no âmbito do plano de reconstrução da cidade após o cataclismo de 1755. Localizado a meia encosta do morro do Castelo de São Jorge, representa uma ruptura com as tradições urbanísticas anteriores, procurando estabelecer uma ligação mais direta entre as zonas ocidental da Baixa e oriental de Alfama, compondo um itinerário apenas parcial.

A construção dos prédios da rua deverá corresponder a etapas mais tardias dado que muitos dos edifícios foram estavam em construção na década de ´70 do século XVIII, e a parte mais alta da rua em trabalhos de abertura de caboucos em 1798, provocando a descoberta das ruínas do Teatro Romano¹³⁹⁸.

Na zona central o olisipógrafo Vieira da Silva assinalou o atravessamento da muralha medieval da cidade, a “Cerca Velha”¹³⁹⁹. Foi com base nesta referência que o Museu da Cidade desenvolveu, em 2010, uma intervenção arqueológica programada de carácter monográfico dirigida por Pedro Miranda e Marina Carvalhinhos no quadro do Projeto de Investigação, Conservação e Valorização da Cerca Velha de Lisboa.

Durante a escavação, para além de contextos pouco esclarecedores da Idade Média, que comprovaram o alto grau de destruição do troço de muralha defensiva ou mesmo o seu desaparecimento, foi revelada uma espessa potência estratigráfica maioritariamente de cronologia alto-imperial romana, onde foram recolhidos os exemplares que se passam a analisar.

8.2.4.1.Enquadramento do Conjunto.

¹³⁹⁸ Vide apartado referente ao Teatro Romano, adiante neste capítulo.

¹³⁹⁹ A.V.Silva, 1987.

A sondagem arqueológica aberta em 2010 proporcionou a identificação de uma sequência potente, muito homogênea de um ponto de vista dos elementos datantes, como também, e o que parece significativo, do ponto de vista da constituição dos depósitos.

Localizada numa zona de pendente acentuada de orientação este-oeste, foi possível perceber que, apesar da pouca largura da sondagem, cerca de 1,10 m, os depósitos romanos acompanhavam esta tendência.

As unidades estratigráficas com esta disposição foram reconhecidas até 3,50 m de profundidade, não tendo sido possível por razões de segurança atingir o substrato geológico, certamente localizado um pouco mais abaixo. O que parece muito significativo foi o fato de se ter observado uma alternância entre entidades de maior potência (c. 25-c.40 cm) essencialmente arenosas, finas e homogêneas e com inclusões frequentes, com outras compactadas, de muito menor espessura (c. 5-12 cm), muito mais argilosas e com escassas inclusões¹⁴⁰⁰.

Ressalta, das características da estratigrafia brevemente enunciadas, o caráter das inclusões dos depósitos mais espessos, pois trata-se quase exclusivamente cerâmicas muito fragmentárias, onde se contam cerâmicas finas, contentores anfóricos, cerâmica comum e olaria de construção (predominantemente *imbrices*, algumas *tegulae* e menor quantidade de *lateres*), em claro contraste com a raridade de espólio metálico e a escassez de fauna mamalógica e malacológica, também ela muito fragmentária.

É de entrever nesta sequência, relembre-se que dotada de cerca de 3,00 m, a deposição sucessiva no tempo de detritos sobretudo inorgânicos originados na sua maioria em ambientes domésticos¹⁴⁰¹. Esta interpretação coloca estimulantes problemáticas quando perspectivada a urbanística romana da cidade, dada a relativa proximidade do sítio face a dois grandes equipamentos públicos como o Teatro Romano e as *Thermae Cassiorum*, e reforça as leituras condicionadas já produzidas a propósito dos contextos do Palácio dos Condes de Penafiel e Calçada do Correio Velho¹⁴⁰².

Produções Atestadas.

Na sondagem da Rua de São Mamede ao Caldas foram recolhidos numerosos fragmentos de *terra sigillata*, estando atestadas produções itálicas, sudgálicas, hispânicas e, em muito escassa quantidade e limitadas às unidades superiores, fabricos

¹⁴⁰⁰ Conf. M.Carvalhinhos, P.Miranda e N.Mota, 2012.

¹⁴⁰¹ Idem.

¹⁴⁰² Vide apartados próprios, *supra*.

de africana clara A e C, panorama similar ao proporcionado pela amostragem identificada na Calçada do Correio Velho (vide *supra*).

Os fabricos de modo itálico atestam a presença largamente maioritária de modelos formais que encerram datações médio-augústeas a tibérias, assinalando-se a presença de vasos que podem deter cronologias um pouco mais baixas, já cláudias, perfil em consonância com os dados proporcionados pelas três “marcas” destas produções.

Dois fragmentos do bordo de uma mesma peça, do tipo Consp.39.1.2, atestam importações marginais de vasos tardo-itálicos situáveis entre os meados do séc.I d.C. e os meados do II d.C., ocorrência que se repete na cidade de Lisboa.

Como acontece em outros pontos arqueológicos próximos, em particular o Palácio dos Condes de Penafiel-jardim e a Calçada do Correio Velho (vide *supra*), as elaborações do Sul da Gália são dominantes, atingindo valores próximos dos 60% do total deste tipo de cerâmica fina de mesa alto-imperial (59 NMI/57,56%). O repertório de formas com esta origem documentadas na Rua de S.Mamede ao Caldas-Via Pública, denota o predomínio das elaborações dos principados de Cláudio em diante, sendo raros os elementos passíveis de ser anteriores (3 NMI/2,5%), e expressivos os números atingidos pelos vasos de provável cronologia flávia (9 NMI/7,51%), cuja presença poderá ser porventura explicada por uma maior incidência de acções nesta época com expressão no registo arqueológico identificado. O conjunto das “marcas” está de acordo com esta imagem do conjunto, dados os 12 exemplares estudados.

Corroborando a fraca representatividades dos fabricos hispânicos, com uns modestos 16 NMI/13,31%, nenhuma impressão com esta origem foi revelada na intervenção. Ainda assim, é interessante notar a maior quantidade de recipientes do Grupo de La Rioja, com um pouco mais do dobro dos efetivos de Andújar (11/5 NMI-9,19%/4,17%), mais evidente ao nível dos vasos decorados (5/1 NMI-4,17%/0,83%). Ainda neste âmbito geográfico, os vasos de tipo Peñaflor surgem aqui apenas através de um modelo formal, o prato covo/”frigideira” Martinez IIIb.

Forma	B	C	F	P	Frag.	% Frag.	NMI	% NMI
Consp. 4.4	0	1	0	0	1	0,39	1	0,83
Consp. 12	3	0	0	0	3	1,16	3	2,5
Consp. 18.2.2	1	0	0	0	1	0,39	1	0,83
Consp. 20.1.2	0	1	0	0	1	0,39	1	0,83
Consp. 20	2	0	0	0	2	0,78	2	1,67
Consp. 20.4	1	0	0	0	1	0,39	1	0,83

Consp. 21.3.1	1	0	0	0	1	0,39	1	0,83
Consp. B.2.7	0	0	3	0	3	1,16	3	2,5
Consp. B.2.9	0	0	1	0	1	0,39	1	0,83
Prato Indet.	1	3	1	4	9	3,49	0	0
Consp. 22.1	4	1	0	0	5	1,94	4	3,33
Consp. 23.2	4	0	0	0	4	1,55	4	3,33
Consp. 27.1	2	0	0	0	2	0,78	2	1,67
Consp. 31.1	4	0	0	0	4	1,55	4	3,33
Consp. 32	0	1	0	0	1	0,39	1	0,83
Consp. 37.1.1	1	0	0	0	1	0,39	1	0,83
Taça tronco cônica	0	2	1	6	9	3,49	0	0
Indetermin. Lisa	1	0	0	2	3	1,16	0	0
Consp. 50.3.1	0	1	0	0	1	0,39	1	0,83
Consp. R.5.1.1 ?	1	0	0	0	1	0,39	1	0,83
Cálice	0	0	0	1	1	0,39	0	0
Total Itálicas	26	10	6	13	55	21,35	32	26,63
Consp. 39.1.2	1	0	0	0	1	0,39	1	0,83
Total T.-Itálicas	1	0	0	0	1	0,39	1	0,83
Ritt.1	1	0	0	0	1	0,39	1	0,83
Drag.16	1	0	0	0	1	0,39	1	0,83
Drag.15/17	9	2	5	1	17	6,59	9	7,51
Drag.18	7	5	2	0	14	5,43	7	5,83
Ritt.5	0	2	0	0	2	0,78	2	1,67
Ritt. 8	0	0	2	0	2	0,78	2	1,67
Ritt.9	0	1	0	0	1	0,39	1	0,83
Drag. 24/25	11	1	5	0	17	6,59	11	9,19
Drag. 27	16	11	8	2	37	14,16	16	13,36
Drag. 33	4	0	0	0	4	1,55	4	3,33
Drag. 35	9	0	3	0	12	4,65	9	7,51
Drag. 35/36	0	0	0	2	2	0,78	0	0
Indeterm. Lisa	0	0	0	38	38	14,75	0	0
Drag. 30	0	0	0	1	1	0,93	1	0,83
Déch. 67	0	0	2	1	3	1,16	3	2,5
Drag. 37	2	0	2	1	5	1,94	2	1,67
Taça decorada	0	0	0	10	10	3,88	0	0
Total Sudgálicas	60	22	29	56	167	65,14	69	57,56
Drag. 15/17 Tr.	4	4	0	0	8	3,1	4	3,33
Drag. 15/17 And.	1	0	0	0	1	0,39	1	0,83
Drag. 27 Tr.	1	0	0	0	1	0,39	1	0,83
Drag. 27 And.	2	3	0	1	6	2,33	3	2,5
Drag. 33 Tr.	1	0	0	0	1	0,39	1	0,83
Indet. lisa Tr.	0	0	0	5	5	1,94	0	0
Indet. Lisa And.	0	0	0	1	1	0,39	0	0
Drag. 37 Tr.	4	1	0	0	4	1,55	4	3,33
Taça dec. Tr.	0	0	0	4	4	1,55	0	0

Taça dec. And.	0	0	0	1	1	0,39	1	0,83
Forma fechada Tr.	0	0	1	0	1	0,39	1	0,83
Total Hispânicas	13	8	1	12	33	12,81	16	13,31
Martinez III b	2	0	0	0	2	0,78	2	1,67
Total Peñaflor	2	0	0	0	2	0,78	2	1,67
TOTAL	102	40	36	81	258	100	120	100

Figura 29- Produções *em terra sigillata* coletadas na I.A.U. da Rua de São Mamede ao Caldas/Via Pública- 2010.

8.2.4.2.1. Produções Itálicas

Ol.68- *Auillius* (OCK 371).

Sob o título de *Auillius*, o OCK abriga um conjunto de “marcas” que cobre o largo espectro entre 20 a.C. e 40 d.C., mas assinala que a produção importante das oficinas ocorre essencialmente na época de Tibério, como é o caso, dado o tipo *in planta pedis* da cartela¹⁴⁰³.

A impressão, aplicada no fundo de um prato dotado de dupla canelura, está muito truncada, orientada à esquerda mas com texto progressivo, onde se divisa um primeiro A de desenho cuidado, seguido do vértice inferior de um V. Esta circunstância apenas ocorre uma vez no repertório de 32 punções que utilizam o mesmo tipo de cartela, apresentando-se o tipo OCK.371.37¹⁴⁰⁴ como muito similar, mas não equivalente ao exemplar lisboeta.

Embora se desconheça o lugar de laboração de *Auillius*, as características macroscópicas de pasta e revestimento apontam para a zona central da Itália, no seu sentido mais abrangente.

Ol.69- *Firmus Publii Cornelii* (OCK 646).

A impressão do tipo bilínear apresenta-se truncada na sua zona superior, onde vagamente se descortinam as partes inferiores das letras. A zona inferior apresenta o texto sem dificuldade de leitura, FIRMIO.

No OCK Philip Kenrick refere tratar-se de um fabricante de taças, sobretudo pós augústeas, esclarecendo ter verificado que os perfis ilustrados na primeira edição do *Corpus Vasorum Arretinorum* se apresentarem numerados de forma errónea e, a este propósito, o manuscrito de Oxé ser confuso¹⁴⁰⁵.

¹⁴⁰³ OCK, p. 152.

¹⁴⁰⁴ Idem, p. 152-153.

¹⁴⁰⁵ Idem, p. 195.

A impressão tem um paralelo próximo, mas não coincidente, com OCK.646.1. Distingue-se por este apresentar na segunda linha o texto FIRMV seguido de um motivo em forma de δ . Pode ser esta a interpretação para o último carater do texto da impressão lisboeta, no resto muito similar na grafia. A ser assim, dever-se-ia ler no exemplar em análise FIRMI, sendo assim um genitivo, quando as impressões de *Firmus* se apresentam no caso nominativo em três dos seis punções repertoriados¹⁴⁰⁶, problema para o qual não temos solução.

A ordenação do texto da “marca” apresenta-se na sua forma habitual, *principal / dependente*, sendo a sua atribuição segura.

Ol.70- Oleiro Desconhecido- impressão truncada.

Executada no fundo interno de um prato, a impressão apresenta apenas vestígios de dois ou três caracteres, que se supõe poderem corresponder a FO, dados insuficientes para se intentar uma classificação.

Ol.68	Itália Central ?	Prato	It.2	<i>Auillius</i>	AY(...)	$\simeq$ 371.37	15 – 40 d.C.	
Ol.69	Arezzo	Taça	It.1	<i>Firmus Publii Corneli</i>	(...)RNE / FIRMIO	$\simeq$ 646.1	15 – 40 d.C.	
Ol.70	?	Prato	It.2	Ol. Desc.	(...)FO(...)	-	-	

Figura 31- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas recolhidas na I.A.U. da Rua de São Mamede ao Caldas- 2010.

8.2.4.2.2. Produções Gálicas

Ol.71- *Albus i* (NOTS 1, 144-150).

A impressão de *Albus i* apresenta-se muito fragmentada, correspondendo a um punção de texto extenso, executado com caracteres de pequena dimensão e desenho cuidado, para os quais existem variados exemplos repertoriados por Hartley e Dickinson¹⁴⁰⁷.

Como referimos a propósito da “marca” Ol.2 do mesmo oleiro, trabalhou sobretudo nas épocas dos imperadores cláudios, mas os investigadores do NOTS supõem a operar já com Tibério¹⁴⁰⁸.

¹⁴⁰⁶ Idem, 646.1 a 646.3. Nos restantes está patente o *cognomen* abreviado.

¹⁴⁰⁷ NOTS 1, p. 144.

¹⁴⁰⁸ Idem, p. 150.

Atendendo a que o exemplar ostenta a fórmula final FE(*cit*), o punção em causa deverá corresponder às primeiras décadas de laboração, antes da extensão inerente ao emprego de OF(*ficina*).

Ol.72- *Gaius i* (NOTS 4, 129-130).

Oleiro de La Graufesenque de muito limitada capacidade de compulsão de vasos, elaborou sobretudo pratos Drag.18, como é o caso lisboeta, conhecendo-se-lhe apenas uma tigela Drag. 27. Hartley e Dickinson chamam a atenção para a comprovada existência de um oleiro com este nome, documentado num dos róis de enformamento do grande centro ruteno, questionando-se se não corresponderá a *Gaius Iu-* (NOTS 4, 130)¹⁴⁰⁹.

O punção utilizado para estampar o prato em análise corresponde ao 1a do NOTS, empregue também nos vasos com a mesma forma de Heddrenheim, Mainz, Nijmegen, Cirencester, Londres, Dorchester, Caerleon, Rodez e Haccourt¹⁴¹⁰. O exemplar de Caerleon situa a impressão em época flávia, mas o achado de Heddernheim remete o tipo para finais do séc. I-inícios do séc.II d.C.

Ol.73- *Logirrus* (NOTS 5, 90-96).

O punção de *Logirrus* utilizado para produzir a impressão encerra um carácter especial, pois está atestado em três centros produtres distintos: Montans, La Graufesenque e Saint Saver¹⁴¹¹. Uma origem neste último local para o exemplar lisboeta está fora de questão, pois documenta-se ali apenas colocada no interior de moldes para produzir taças decoradas dos tipos Drag.29 e Drag.37, como igualmente em tigelas Drag.27¹⁴¹², e, no caso presente está estampada no fundo interior de um prato, provavelmente Drag.18. É, aliás, maioritariamente nesta tipologia que a “marca” se encontra em vasos de La Graufesenque, quer decorados internamente a roletilha, quer desprovidos desta ornamentação¹⁴¹³.

Atendendo às características visuais do fabrico, o prato é produto ruteno. Com esta origem o punção ocorre em Caerwent, Caerleon, Carmarthen, Corbridge, Corbridge-Red House, Pellystyn e *Segontium*, locais de vida curta, fundados sob os flávios, pelo

¹⁴⁰⁹ NOTS 4, p. 129.

¹⁴¹⁰ Idem.

¹⁴¹¹ M. Polak, 2000, p.253.

¹⁴¹² Idem.

¹⁴¹³ Idem.

que uma datação dentro deste período foi proposta por Marinus Polak¹⁴¹⁴.

Ol.74- *Mercator i* (NOTS 6, 81-86).

Mercator i operou em La Graufesenque sob os flávios¹⁴¹⁵, integrando o grupo de oleiros de grande difusão e capacidade produtiva.

No caso em análise, a impressão encontra-se atestada em Vechten, Hedderheim e nas *cannabae* de Nijmegen, conferindo-lhes estes dois últimos sítios uma cronologia entre Vespasiano e o final do séc.I d.C.¹⁴¹⁶, o que concorda com a sugestão de datação mais avançada denunciada pela morfologia do pé da tigela Drag.27, de perfil simplificado.

Ol.75- *Modestus* (NOTS 6, 119-131).

O fundo da tigela onde se encontra a impressão de *Modestus* corresponde à forma Drag.24/25. No contexto neroniano de La Nautique de Narbonne o punção ocorre sob a mesma forma, mas a sua presença nas *cannabae* de Nijmegen, formadas ao tempo de Vespasiano, remetem o intervalo superior da sua cronologia já para este principado¹⁴¹⁷.

Ol.76- *Mommo* (NOTS 6, 135-148).

Mommo é um dos mais prolixos produtores de La Graufesenque, estando já antes bem atestado em Lisboa, nos contextos da Praça da Figueira¹⁴¹⁸.

A “marca” tem paralelo apenas em Vechten, numa tigela do tipo Drag. 24/25, cujo perfil neroniano serviu a Marinus Polak para lhe atribuir uma datação dentro deste principado¹⁴¹⁹.

Ol.77- *Montanus i* (NOTS 6, 156-160).

Com atividade atestada em numerosos sítios da época dos imperadores Cláudios, *Montanus i* ocorre também em locais de fundação flávia, como Corbridge-Red House, Rottweil, Carlisle e Nijmegen, que implicam a continuidade dos seus fabricos até ao principado de Vespasiano¹⁴²⁰.

Muito mutilada, a impressão tem paralelo exato no punção M109 de Vechten, mas

¹⁴¹⁴ Idem.

¹⁴¹⁵ NOTS 6, p.86.

¹⁴¹⁶ M. Polak, 2000, p.269.

¹⁴¹⁷ Idem, p. 271.

¹⁴¹⁸ R.B. Silva, 2005, p.175-177, n.ºs 85-87. Conferir adiante neste mesmo capítulo o apartado sobre este ponto arqueológico da cidade de Lisboa.

¹⁴¹⁹ M. Polak, 2000, p. 274.

¹⁴²⁰ Idem, p. 275.

não se encontra em sítios datados externamente¹⁴²¹, pelo que a proposta tem os mesmos fundamentos formais e tipológicos do exemplar anterior.

Ol.78- Oleiro Desconhecido- impressão grafomorfa (Polak Grupo Z).

A tigela do tipo Drag.27 apresenta-se de grande dimensão, pé muito maciço e desprovida de canelura na face externa deste elemento, características que indicam uma modelação dentro de momentos avançados do período de grande exportação de La Graufesenque.

A impressão grafomorfa, sem paralelo exato, aproxima-se visualmente da executada no fundo de vaso similar de Vechten, repertoriada por Marinus Polak com a referência Z26, que encerra similar cronologia¹⁴²².

Ol.79–Ol.82- Oleiros desconhecidos- impressões truncadas.

Nesta epígrafe se agruparam as impressões gálicas truncadas, desta forma não autorizando atribuições a oleiros.

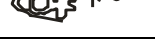
Ol.79 corresponde a uma impressão com um vestígio de letra, executada numa pequena tigela da forma possivelmente Ritt. 8.

Ol.80, a uma tigela da forma Drag. 27, de dimensão média, dotada de canelura na face exterior do pé, vislumbrando-se apenas uma das extremidades da cartela.

Embora O.81 apresente a letra final, um F correspondente à fórmula *fecit*, trata-se de elemento insuficiente para uma classificação mais específica.

Ol.82, por seu turno, apresenta apenas parte de um O, colocado numa das extremidades da cartela, colocada num pratel Drag.18R, de época provavelmente flávia.

O conjunto de marcas truncadas denota características macroscópicas que permitem atribuir a sua origem, com alta probabilidade, ao grande centro ruteno.

Ol.71	La Grauf.	?	G.1	<i>Albus i</i>	(...)BVSFE (F retro)	-	30 – 50 d.C.	
Ol.72	La Grauf.	Drag. 18	G.1	<i>Gaius i</i>	OF.GAI	1 a	70 – 100 d.C.	
Ol.73	La Grauf.	Drag. 18	G.1	<i>Logirrus</i>	LOGIRNM	Vechten L23	70 – 90 d.C.	
Ol.74	La Grauf.	Drag. 27	G.1	<i>Mercator</i>	OF MERC	Vechten M 68	70 – 100 d.C.	
Ol.75	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	<i>Modestus</i>	OF.M(...)	Vechten M80	70 – 90 d.C.	

¹⁴²¹ Idem.

¹⁴²² Idem, p. 389.

Ol.76	La Grauf.	Drag. 27	G.1	<i>Mommo</i>	MOM	Vechten M104	55 – 70 d.C.	
Ol.77	La Grauf.	Ritt. 8 ?	G.1	<i>Montanus</i>	(...)A.F	Vechten M 109	45 – 70 d.C.	
Ol.78	La Grauf.	Drag. 27	G.1	Ol. Desc.	grafomorfo	Vechten ≈ Z26	70 – 100 d.C.	
Ol.79	La Grauf.	Tigela	G.1	Ol. Desc.	V(...)	-	-	
Ol.80	La Grauf.	Drag. 27	G.1	Ol. Desc.	(...)	-	70 – 120 d.C.	
Ol.81	La Grauf.	Drag. 24/25 ?	G.1	Ol. Desc.	(...)F	-	-	
Ol.82	La Grauf.	Drag. 18R	G.1	Ol. Desc.	Q(...)	-	-	

Figura 32- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas recolhidas na I.A.U. da Rua de São Mamede ao Caldas – 2010.

8.2.4.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

Da observação do conjunto de quinze “marcas de oleiro” coletados nos trabalhos arqueológicos da Rua de São Mamede ao Caldas, ressalta desde logo a importância que assumem as produções gálicas, representadas por doze exemplares, face à escassez de impressões itálicas e à ausência dos produtos hispânicos, apesar de documentados de outra forma, como se viu antes.

Merece destaque que dez das impressões estivessem associadas numa mesma unidade estratigráfica, U.E [115], o que abrange dois vasos itálicos, Ol. 68 e Ol. 69, a par dos oito rutenos Ol. 71 a Ol. 75, Ol. 77, Ol. 78, Ol. 80 e Ol. 81. Se se atentar às cronologias relativas, trata-se de uma unidade onde está presente uma maioria de vasos flávios (Ol. 73, Ol.74, Ol. 75, Ol. 78), ou que podem ser já deste período (Ol. 77), o que, dado não se ter recolhido *sigillata* de fabrico hispânico, terá que ser valorizado cronologicamente.

Comprovando a leitura feita pelos escavadores dos processos de formação da sequência, isto é, como correspondente a um processo de acumulação detritica diacrónica e sequencial, as impressões também gálicas Ol.76, neroniana (U.E. [218]), e Ol. 78 (U.E. [220]), articulam-se bem com o restante conjunto de *sigillata*, dado nestas unidades apenas se terem detetado fabricos oriundos da Gália e da Península Itálica, sugerindo estar-se perante momentos anteriores no tempo. De referir, a este propósito, que na última unidade estratigráfica escavada, que relembramos não encerrava a sequência, apenas foi coletada uma pequena quantidade de produções de modo itálico.

Com todas as limitações que a estreiteza da área de intervenção justificam, parece estarmos perante acções que se desenrolaram ao longo do século I d.C., de acumulação e regularização de uma zona de encosta de pendente acentuada, para a qual terão sido utilizados detritos inorgânicos e sedimentares previamente escolhidos.

8.2.5.Cadeia do Aljube/ Rua Augusto Rosa (Sé, Lisboa)- Ol. 83.

Situada na Rua Augusto Rosa, artéria que ladeia a Catedral de Lisboa pelo seu lado norte, a cadeia do Aljube é hoje um espaço museológico destinado a albergar o Museu da República e Resistência da Câmara Municipal de Lisboa.

Do séc.XVII ao 25 de Abril de 1974, o edifício de cariz seiscentista encerrou funções de presídio, inicialmente clerical, depois para presos de delito comum e, no Estado Novo, como espaço primário de reclusão para presos políticos.

O edificado sofreu as sucessivas alterações que os seus usos pluriseculares prisionais lhe incutiram, descaracterizando a construção original, ainda de raiz quinhentista. A longa história da Cadeia do Aljube, e a complexidade do registo arqueológico murário e do subsolo, motivaram uma extensa intervenção arqueológica desenvolvida sob a responsabilidade de Clementino Amaro entre 2004 e 2006, ao longo da qual muitos dos elementos ocultos foram identificados e recuperados, revelando uma especial riqueza em contextos datados dos séculos XVI e XVII.

Na zona do tardóz, a leste, na parte confinante com o espaço que alberga o Museu do Teatro Romano, foram detetados dois troços de muro formando uma esquina, com cronologia alto-imperial, bem como contextos associados, que cobriam uma cronologia dos séculos I a IV d.C., pelo menos.

8.2.5.1.Enquadramento do Conjunto¹⁴²³.

As estruturas romanas detetadas no ponto arqueológico da cidade de Lisboa, localizadas na zona de “portaria” (PS01/1) apresentavam-se muito afetadas por acções verificadas em Época Contemporânea recente, conservando de alçado cerca de 0,80 m máximos. Ambos os muros, U.E. [9], eram compostos por alvenaria de pedra de média dimensão bem esquadrinhada, e assentavam sobre uma outra U.E., [15/16], provável preparação para a sua instalação. A estratigrafia associada revelou espólio de cronologia

¹⁴²³ Elementos colhidos da apresentação oral apresentada em Lisboa por Clementino Amaro à Secção de História da Associação dos Arqueólogos Portugueses em 25/11/2008, intitulada “A prisão do Aljube, Lisboa. Do estudo do sítio ao projecto de reabilitação”.

baixo imperial, devendo equivaler aos contextos de abandono do compartimento identificado, entre os quais se contava um muito bem preservado tacho em cerâmica africana de cozinha do tipo Hayes 197, recolhido na U.E. [13].

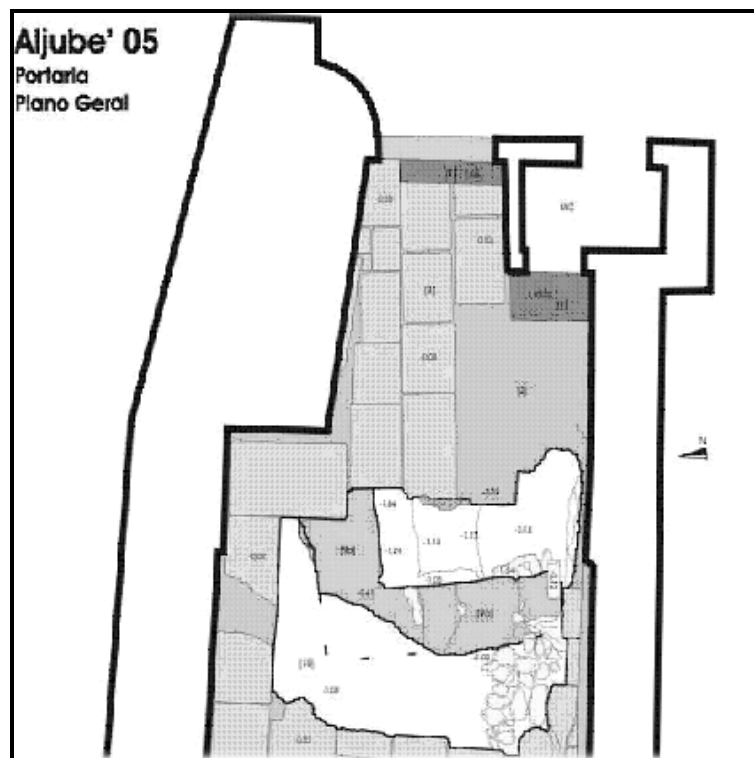


Figura 33- Imagem das estruturas romanas detetadas sob o pavimento lajeado na zona de portaria da Cadeia do Aljube-I.A.U. de 2005 (seg. Clementino Amaro e Patrícia Santos¹⁴²⁴).

Numa outra área escavada mais a ocidente, “Compartimento 1”, foram detetados depósitos de cronologia romana, contendo entre outros elementos *sigillata* itálica e sudgálica.

Na área da “Sala Polivalente/Parlatório” (PS02/2), foram documentadas outras U.E.s deposicionais datadas do Baixo-império, contendo numerosos artefatos de Época Alto-Imperial, entre os quais uma impressão no fundo de vaso sudgálico. A U.E. de recolha, [40], encerrava para além deste exemplar, três moedas do séc.IV d.C. e, pelo menos, um fundo de ânfora em fabrico lusitano do tipo Almagro 51c, indicadores de uma formação com estas cronologias.

8.2.5.2. Produções atestadas.

¹⁴²⁴ C. Amaro e P. Santos, 2008.

O conjunto da *terra sigillata* e outros materiais romanos recolhidos na Cadeia do Aljube encontram-se em fase de preparação para publicação pelos autores do estudo, Clementino Amaro e Eurico de Sepúlveda¹⁴²⁵.

Dos elementos entretanto divulgados referentes à terra sigillata, avulta a presença de produções itálicas, designadamente um fragmento de cálice decorado e um fundo do tipo Consp.4.13, bem como, na U.E. da recolha da “marca”, de um outro fragmento de Drag.30 sudgálico, de taças e pratos hispânicos das formas Drag.27 e 15/17 em fabricos de Andújar e de um outro contendo o bordo de elaboração africana, da forma Hayes 9B¹⁴²⁶.

8.2.5.2.1. Produção Sudgálica.

Ol.83- Oleiro desconhecido- impressão grafomorfa (Polak grupo Y).

As reduzidas dimensões do fragmento não autorizam uma atribuição a um tipo formal específico de tigela, que pelas características macroscópicas da pasta e revestimento denuncia um fabrico em La Graufesenque ou olarias subsidiárias.

A impressão, mal aplicada e ligeiramente truncada à direita, mostra um texto grafomorfo que se pode restituir como IAIIII, para o qual não se encontrou paralelo, a despeito da sua proximidade com outros exemplares com o mesmo tipo de gravação. A cronologia indicada resulta, pois, do amplo leque deste tipo de “marcas”.

Ol. 83	La Grauf.	Tigela		Ol. Desc.	IAIIII(...)	Vechten Grupo Y	40 - 90 d.C.	

Figura 34- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica recolhida na I.A.U. da Cadeia do Aljube- 2005.

8.2.5.3. Contributo da “marca de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

A “marca de oleiro” revelada na intervenção da Cadeia do Aljube, por integrar um depósito formado em época romana baixo imperial que encerrava materiais com datações heterogéneas, deverá como os de mais antiga cronologia ter sido remobilizada de formações mais antigas impossíveis hoje de situar no espaço.

8.2.6. Teatro Romano de Lisboa/ Rua de São Mamede ao Caldas n.ºs 3-3b (Santiago, Lisboa)- Ol. 84 a Ol. 114.

¹⁴²⁵ Aproveita-se para se agradecer neste local a possibilidade de publicação da “marca de oleiro” identificada a ambos os investigadores, no momento em que se aguarda ainda a publicação anunciada.

¹⁴²⁶ Dados reportados na aludida comunicação oral de C. Amaro, mencionada em nota anterior.

O Teatro Romano de Lisboa foi pela primeira vez identificado em 1798 pelo arquiteto régio Manuel Caetano de Sousa, sucedendo-lhe na condução dos trabalhos o também arquiteto régio Francesco Saverio Fabri, expondo-se boa parte da *orchestra* e da zona do *pulpitum*¹⁴²⁷.

Depois de soterrado pela reconstrução “pombalina”, o edifício viria a ser realocado por D.Fernando de Almeida em 1965, sendo então objeto de sondagens que expuseram partes da *ima cauea*¹⁴²⁸.

Após um profundo envolvimento da Câmara Municipal de Lisboa, que adquiriu e demoliu diversos prédios que se sobrepunham ao monumento antigo, teve lugar uma extensa campanha de exumação das ruínas conduzida por Irisalva Moita, ao longo de 1966 e 1967¹⁴²⁹. Como acontece com outros trabalhos de Moita, não parece ter existido grande preocupação estratigráfica se bem que, neste caso, a escavação incidiu essencialmente sobre zonas afetadas pelos trabalhos anteriores de Caetano de Sousa e Fabri.

Após um hiato prolongado, o Instituto Arqueológico Alemão, efetuou entre 1985 e 1988, sob a orientação de Theodor Hauschild, um levantamento planimétrico das ruínas exumadas e à análise dos elementos arquitectónicos e do perfil estratigráfico sob a Rua de São Mamede ao Caldas resultante da intervenção de I.Moita¹⁴³⁰.

Seguiram-se diversas campanhas arqueológicas dirigidas por Dias Diogo entre 1989 e 1993, que permitiram identificar os sistemas construtivos de partes da *cauea*, um *uomitorium* e identificar o muro peribolar¹⁴³¹. Estas campanhas, conduzidas com preocupação estratigráfica, abordaram pela primeira vez não apenas os vestígios de época romana mas todo o largo espectro cronológico presente no local.

Com a extinção em 1998 do Gabinete Técnico do Teatro Romano, criado dez anos antes, a gestão do espaço passou para a responsabilidade do Museu da Cidade.

Seria sob os auspícios deste organismo que seria desenvolvido um programa da autoria de Gabriela D’Ermano e Cristina Leite que resultaria na inauguração do Museu

¹⁴²⁷ Deve-se a Carlos Fabião a revelação da documentação setecentista que comprova um primeiro momento da descoberta sob a responsabilidade de Caetano de Sousa- C. Fabião, 2006, p. 63. Constitui este episódio da descoberta do Teatro mais um capítulo na contenda entre o “velho” e o “novo” arquitectos régios que culminará no historial do Palácio da Ajuda. A descoberta era atribuída até então a Fabri, desde o século XIX, que de facto executou mais trabalho sobre as ruínas. A despeito dos elementos revelados por C.Fabião, a descoberta continua a ser atribuída a Fabri em bibliografia mais recente sobre o monumento- Cf. Por exemplo L. Fernandes, 2007, p. 28-39.

¹⁴²⁸ F. Almeida, 1966, p. 561-571.

¹⁴²⁹ I. Moita, 1970, p. 7-37.

¹⁴³⁰ T. Hauschild, 1990, p. 348-392.

¹⁴³¹ A.M.D. Diogo, 1993, p. 217-224.

do Teatro Romano em 2001, após uma primeira campanha dirigida por Lúcia Fernandes, a atual responsável pelo equipamento¹⁴³². Seguir-se-iam outros trabalhos dirigidos por esta arqueóloga até ao presente, das quais resultou a exposição de uma extensão apreciável do muro do *post scaenium*¹⁴³³ e novas leituras em termos de decoração arquitectónica e cronologia de fundação, essencialmente¹⁴³⁴.

8.2.6.1. Enquadramento do Conjunto.

De acordo com os dados das intervenções mais recentes, a edificação do teatro deverá ter-se processado nas duas primeiras décadas do séc. I d.C.¹⁴³⁵. A presença de elementos de *terra sigillata* de fabrico itálico com intervalos cronológicos superiores datados de 5 d.C. ou situados entre 1 e 15 d.C., associados a ânforas e “cerâmica de engobe vermelho pompeiano”, com cronologias compatíveis, constituem os elementos de aparente solidez apresentados para suportar esta hipótese e apontam a edificação do muro do *post scaenium* para um momento indefinido nos finais do principado de Augusto ou etapas iniciais do de Tibério¹⁴³⁶.

Num segundo momento o edifício cénico terá sido alvo de reformas, documentadas epigraficamente para o ano de 57 d.C. no muro do *proscenium*¹⁴³⁷, num lintel provavelmente contemporâneo e pertencente ao *aditus maximus*¹⁴³⁸ e num conjunto de “camadas” escavadas mais recentemente. Nestas recolheu-se *sigillata* de produção itálica e gálica, ânforas oleárias e vinárias béticas (Dr.20 e Halt.70), cerâmica de paredes finas com decoração de granitado arenoso e lucernas do mesmo período¹⁴³⁹, admitindo-se uma cronologia do 2º e 3º quartel do séc.I d.C. para a formação das camadas e bolsas correspondentes (vide figura, 35 *infra*).

8.2.6.2. Produções atestadas

A distribuição espacial das cerâmicas de cronologia romana evidencia bem a diversidade informativa do local: da zona escavada por D.Fernando de Almeida e

¹⁴³² L. Fernandes, 2006, p. 181-204.

¹⁴³³ Idem, 2007, p. 28-39.

¹⁴³⁴ Idem; L. Fernandes e P. Sales, 2005, p. 28-32 e L. Fernandes e A.Caessa, 2006/2007, p. 83-102.

¹⁴³⁵ Refletindo a opinião da responsável pelos trabalhos. Estranha-se que, neste âmbito académico, o autor não tenha considerado no seu trabalho as ânforas recolhidas em 1966/67 e 1989/93, entretanto publicadas por Dias Diogo e por este investigador em colaboração com Laura Trindade- Conf. A.M.D. Diogo e L. Trindade, 1999 e A.M.D. Diogo, 2000.

¹⁴³⁶ V.Filipe, 2008, p. 30.

¹⁴³⁷ L. Fernandes e A.Caessa, 2006/2007, p. 83-102.

¹⁴³⁸ A.M.D. Diogo e L. Trindade, 1998.

¹⁴³⁹ V.Filipe, 2008, p. 31.

Irisalva Moita, que abrange a maior parte da *orchestra* e *hiposcaenium*, *aditus maximus* oriental e parte da *ima cauea*, nenhum exemplar de *terra sigillata* com “marca” foi recolhido, a despeito da quantidade razoável de ânforas e lucernas, por exemplo¹⁴⁴⁰, o que contrasta com os elementos da escavação de 1989-1993, que abrangeu uma porção da *cauea*, um *uomitorium* e partes do *aditus maximus*, de onde apenas há notícia do achado de uma marca bilínea itálica e de uma outra sudgálica, ambas de paradeiro hoje desconhecido¹⁴⁴¹. Em contraste com a fraca ocorrência deste tipo de materiais, a intervenção de 2001 ao presente vem proporcionando abundante recolha de cerâmica da Idade do Ferro ao período Julio-Cláudio¹⁴⁴².

Os elementos remanescentes da intervenção de 1989-1993 em depósito municipal parecem corresponder a uma amostragem previamente seleccionada, de onde foram retirados os elementos mais significativos. Ainda assim, assinala-se na amostragem a presença de 14 fragmentos de produções itálicas, 16 de sudgálicas e apenas 2 de hispânicas.

Das intervenções posteriores, dirigidas por Lídia Fernandes, há conhecimento do aparecimento de “cerca de 1000 fragmentos de vasos em *terra sigillata*, que constituem um dos espólios que fazem parte dum projeto de estudo que englobará as cerâmicas finas de mesa e lucernas”¹⁴⁴³, em curso. A confirmar-se a interpretação da estratigrafia, o conjunto encerra um profundo interesse na óptica de avaliar os ritmos e perfis de importação da cidade, dado encerrar pelo menos dois grandes conjuntos, um dos quais datado externamente.

¹⁴⁴⁰ As lucernas, cento e sessenta e seis fragmentos, foram apresentadas por Miguel Pinho e pelo autor ao «I Colóquio Arqueológico de Viseu», em 1990, o correspondente artigo entregue atempadamente mas, infelizmente, devolvido em 1997 por a organização ter entretanto decidido publicar apenas os trabalhos relativos à Beira. Do seu conteúdo, e aproveitando os desenhos, resultaria um outro artigo publicado, mas agora da autoria de A.M.D. Diogo e E. Sepúlveda (2001).

¹⁴⁴¹ No artigo de 1993 de Dias Diogo, citado *supra*, é referenciado o achado de *terra sigillata* itálica em contexto de fundação do teatro- Conf. A.M.D. Diogo, 1993, p.222. As “marcas” correspondem, respetivamente, aos n.ºs TRL/90/8959 e TRL/90/2843, recolhidos na área do *uomitorium*. Este, como outro material, não se conta entre o espólio que deu entrada no Museu da Cidade, onde se conserva somente o envólucro original respetivo.

¹⁴⁴² V. Filipe, 2008.

¹⁴⁴³ E. Sepúlveda e L. Fernandes, 2009, p. 146. No recente congresso da SECAH, realizado em Cádiz em 2011, foram apresentados pelos mesmos autores cerca de uma dezena e meia de indivíduos do mesmo grupo, correspondentes aos exemplares decorados. Julgamos dever-se a este projecto, que se supõe em curso, o fundamento para os referidos investigadores não nos terem concedido o acesso às espécies já publicadas e às ainda inéditas. Aproveita-se, ainda assim, para agradecer a informação facultada de que foi entretanto detectada mais uma “marca de oleiro” itálica, como da existência de cerca de uma dezena de impressões sobre fabricos gálicos e a inexistência destas sobre fabricos hispânicos, aguardando-se como natural expectativa a respetiva publicação. Efetuámos, portanto, um novo tratamento gráfico dos suportes, baseado nos fornecidos na publicação, e procedemos a novos desenhos das “marcas” quando possível, a partir das boas fotografias constantes do mesmo executadas por Guilherme Cardoso.

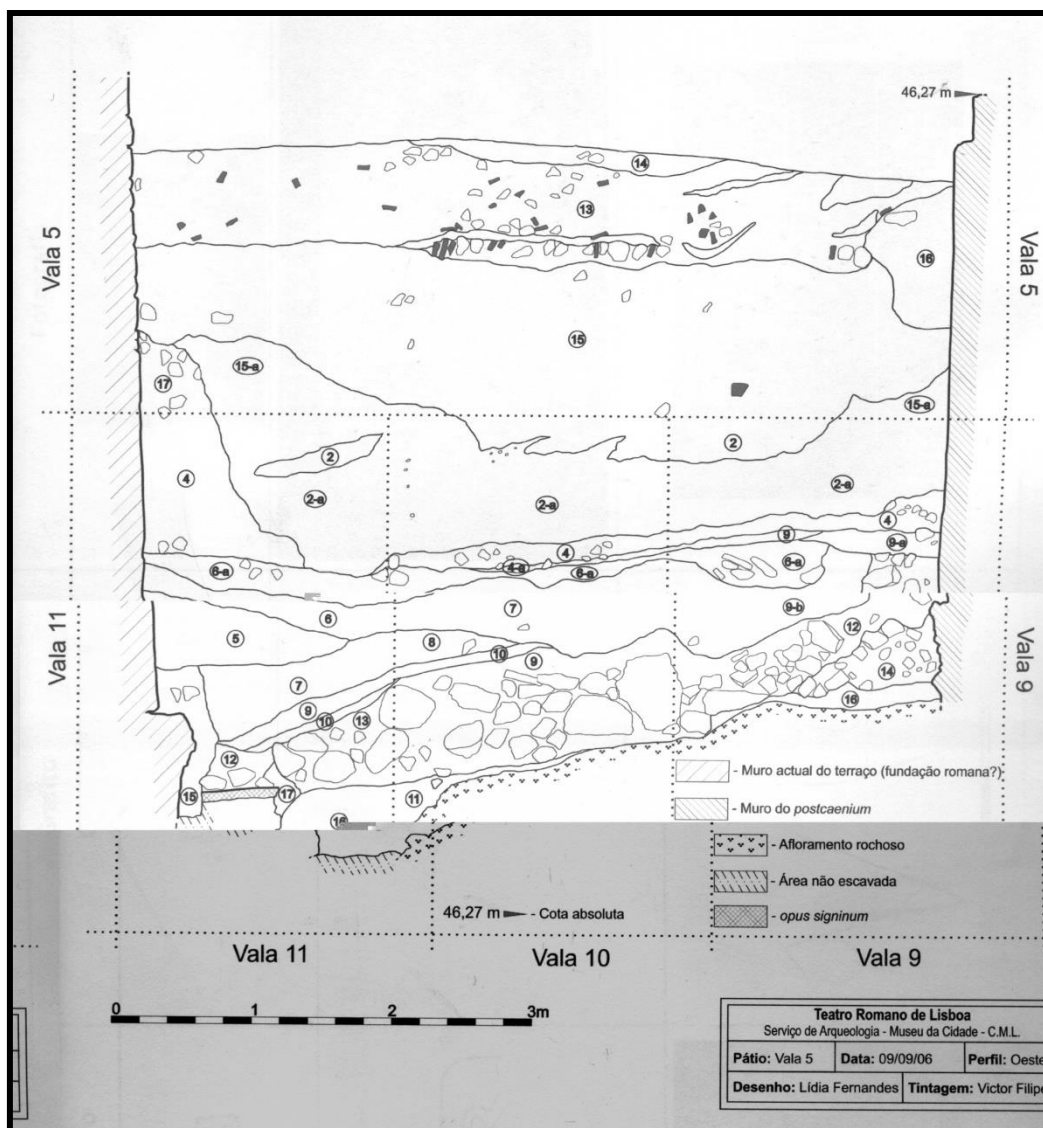


Figura 35- Perfil exterior e perpendicular ao *postscenium* (seg. Vítor Filipe¹⁴⁴⁴).

Resultantes dos trabalhos de 2005-2006, foram entretanto já publicadas por Eurico de Sepúlveda e Lídia Fernandes 31 das “marcas de oleiro” itálicas¹⁴⁴⁵. Apresenta-se agora a reapreciação crítica deste conjunto, de que resultaram propostas alternativas de leitura, pontuais, num caso com consequências para a determinação de origem e com significado histórico.

Noutro sentido, os elementos apresentados por Sepúlveda e Fernandes encerram o mérito de ter bem documentado a estratigrafia e a correspondente proveniência das

¹⁴⁴⁴ V. Filipe, 2008, est. VIII.

¹⁴⁴⁵ Idem.

impressões itálicas, permitindo a abordagem de índole contextualizada que as mesmas teriam requerido¹⁴⁴⁶.

8.2.6.2.1. *Produções Itálicas*

Ol. 84– *Agathemerus N. Naeuii Hilarii* (OCK 53).

Agathemerus é um dos escravos de *Nonius Naeuius Hilarus* (OCK 1233), fabricante de grande compulsão de vasos e elevado número de dependentes, sediado em Puteólos, que ao ver as impressões conetadas com a sua produção serem desarticuladas e desagrupadas por Philip Kenrick na revisão do *Corpus Vasorum Arretinorum*, perdeu a visibilidade da dimensão do seu significado¹⁴⁴⁷.

No caso presente, a impressão encontra-se atestada apenas na Lusitânia, em Conímbriga, como na Península Itálica, em Venosa e Lipari¹⁴⁴⁸.

Ol. 85– *Annius* (OCK 116).

Oleiro de Arezzo, o OCK acusa a existência de cinco dependentes, o que prefigura uma olaria de média dimensão.

Ativo entre aproximadamente 5 a.C. e 15 d.C., os seus produtos têm uma difusão distribuída pela Península Itálica e Gálias, onde surge em Amiens, Fos-Sur-Mer, Lattara, *Glanum*, Bourbon-Lancy, Puissalicon e Fréjus. A atestação nas Hispânicas é, também significativa, ocorrendo em Tarragona, *Asta Regia*, Conímbriga¹⁴⁴⁹, Mérida¹⁴⁵⁰ Braga, Alcácer do Sal e Lisboa¹⁴⁵¹. Contudo, o essencial da sua exportação fez-se em direcção aos mercados do norte, estando intensamente representado na Germânia.

¹⁴⁴⁶ Cotejando o artigo, é-nos apresentado o quadro 2 onde se assinalam as presenças de “marcas” na sequência estratigráfica e o espólio associado, fazendo-se referência a cerâmica de paredes finas, “cerâmica de engobe vermelho pompeiano”, ânforas e lucernas- conf. Idem. Não se entende o porquê desta seletividade, deixando de fora outras produções, ou sequer considerando o espólio numismático, muito mais relevante como *elemento datante*, para mais quando um dos objetivos seria o de estabelecer o momento fundacional do teatro. O quadro é aliás quase inútil, na medida em que não nos indica *quais* ânforas, *quais* lucernas ou *quais* vasos em cerâmicas de paredes finas e “vermelho pompeiano”, estando portanto totalmente desarticulado e em nada beneficiando dos estudos entretanto já efetuados por Victor Filipe sobre as ânforas daqueles contextos, ou pelo mesmo investigador em conjunto com Lúcia Fernandes sobre as “cerâmicas de engobe vermelho pompeiano”- conf. V.Filipe, 2008 e L. Fernandes e V.Filipe, 2007, p. 229-253.

¹⁴⁴⁷ R.B. Silva, 2005.

¹⁴⁴⁸ OCK-CD, vasos n.ºs 4714, 14418 e 15033.

¹⁴⁴⁹ Idem.

¹⁴⁵⁰ J.M. Jeréz Linde, 2005, p. 57.

¹⁴⁵¹ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

O punção aplicado no exemplar do teatro romano de Lisboa foi o mesmo que serviu para marcar vasos repertoriados em Neuss, Haltern, Colónia, Xanten e Mainz¹⁴⁵².

Ol.86– *Carus* (OCK 518).

A impressão está bastante truncada, sendo no entanto perfeitamente legíveis os primeiros caracteres. Os investigadores que publicaram o exemplar confessaram a sua própria hesitação entre atribuí-lo a este oleiro ou a *C.Aruius* (OCK 254), considerando a difusão de ambos os oleiros, terminando por classificá-la como pertencendo àquele em epígrafe¹⁴⁵³. Parece tratar-se de opção adequada, considerando que a impressão é passível de ser integrada no tipo 1 da obra de referência.

O exemplar lisboeta documentaria assim a primeira ocorrência daquela impressão fora do aro itálico, na medida em que é conhecida por três exemplares de Roma e um de Chiusi (?)¹⁴⁵⁴.

Ol.87 – *Publius Cornelius* (OCK 624).

Publius Cornelius é um dos oleiros de Arezzo mais bem representados na Península Ibérica, sendo repetidas vezes objeto de análise a sua desigual distribuição tão vocacionada para os mercados hispanos¹⁴⁵⁵.

No caso presente, a marca é similar, mas não exatamente a mesma que o tipo OCK 624.35. Desconhecendo-se a tipologia do vaso que a suporta, o seu formato oval deverá corresponder à fase de transição entre as cartelas dominantes bilíneas, tão utilizadas por si e seus 55 escravos, para o tipo dominante *in planta pedis*, que empregou também extensamente.

Ol.88 e Ol. 89– *Diomedes P.Cornelii* (OCK 638).

O oleiro *Diomedes*, escravo de *Publius Cornelius*, terá operado também em Cincelli como o seu *dominus*, na vizinhança de Arezzo, desconhecendo-se a cronologia da sua laboração.

O punção é conhecido por dois exemplares de Roma, em formas não identificadas¹⁴⁵⁶, e talvez uma outra truncada de Santarém¹⁴⁵⁷. O contributo das duas

¹⁴⁵² OCK-CD, vasos n.ºs 15, 597, 8470, 15837 e 19439.

¹⁴⁵³ E. Sepúlveda e L. Fernandes, 2009, p. 151.

¹⁴⁵⁴ OCK-CD, vasos n.ºs 6278, 6279 e 25140.

¹⁴⁵⁵ Entre muitos textos, veja-se considerações a este propósito em R.B. Silva, 2005.

¹⁴⁵⁶ OCK-CD, vasos n.ºs 26202 e 26349.

¹⁴⁵⁷ C. Viegas, 2003a, p.86. Ver também apartado respetivo no presente trabalho.

marcas idênticas, executadas em formas distintas, configura novos elementos para o conhecimento do artesanato, dado que pela primeira vez se lhe conhece o tipo de vaso, no caso a taça Consp.23.

Ol.90– *Potus P.Cornelii* (OCK 669).

Oleiro das oficinas de *Publius Cornelius*, *Potus* encontra-se também atestado no território em estudo em Eburobrício¹⁴⁵⁸. O mesmo punção está bem documentado na Hispânia em Conímbriga, Represas, Ampúrias e Tarragona, ocorrendo também em África, em Tipasa, e em Roma¹⁴⁵⁹.

Ol.91– *Crestus (1) = Cneus Ateius Crestus* (OCK 698).

Sob um mesmo item, o OCK juntou um conjunto vasto de punções que podem pertencer a mais que um oleiro. No caso presente, e de acordo com o mesmo trabalho, deverá identificar-se o *Crestus (1)* mencionado no texto da impressão com *Cneus Ateius Crestus*, um dos mais bem sucedidos libertos de *Cneus Ateius*, que laborou sobretudo em Pisa, mas também tem produção assinada em Lyon¹⁴⁶⁰.

No caso presente, identifica-se apenas sob o seu *cognomen*, o que deverá ter acontecido apenas após a sua manumissão, num tipo que tem apenas paralelo em Antioquia e algures na Bética, a despeito da grande difusão dos seus vasos¹⁴⁶¹, já documentados em Alcácer do Sal, Lezíria (Alcoutim), Castelo das Guerras (Moura) e Conímbriga¹⁴⁶².

Ol.92– *Euhodus = Cneus Ateius Euhodus* (OCK 787).

Antigo escravo de *Cneus Ateius*, segue um trajeto similar ao do oleiro anteriormente tratado, estando documentado em locais coincidentes do atual território português, como Braga, Represas e Alcácer do Sal¹⁴⁶³. Este tipo de “marca”, contudo, apenas ocorre no OCK em Luni, Varignano, Fréjus, Neuss, Arikamedu e Berenice¹⁴⁶⁴.

¹⁴⁵⁸ Impressão Eb.27, conf. apartado respetivo, neste trabalho.

¹⁴⁵⁹ OCK-CD.

¹⁴⁶⁰ OCK, p. 204.

¹⁴⁶¹ OCK-CD.

¹⁴⁶² R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹⁴⁶³ Idem.

¹⁴⁶⁴ OCK-CD.

Como bem assinalam Sepúlveda e Fernandes, a tipologia *in planta pedis* da cartela implica uma produção após 15 d.C., apesar de se desconhecer a morfologia do vaso de suporte¹⁴⁶⁵.

Ol.93- *Lucius Fastidienus* (OCK 809).

Lucius Fastidienus é oleiro de localização indeterminada, que operou a partir de 15 d.C. A impressão coletada no teatro romano é muito similar à OCK 809.9, devendo encerrar uma datação similar. Produtos oriundos destas oficinas haviam sido detetados na Lusitânia ocidental em Conímbriga e Represas, muito embora com outros punções¹⁴⁶⁶.

Ol.94- *Ferus C.Gavii* (novo).

Deve-se ao achado da impressão presente, a identificação por Sepúlveda e Fernandes de um novo dependente de *Caius Gavius* (OCK 869). Os autores propõem uma atividade deste novo produtor centrada no período de laboração conhecido para o respetivo *dominus*, avançando com uma proposta de cessação da atividade no final da época de Augusto, ao que supõe com base na tipologia formal da cartela, o que parece ajustado.

Ol.95- *Publius Hertorius* (OCK 933).

A impressão presente é a mais antiga do conjunto encontrado no espaço do antigo edifício cénico lisboeta.

Embora não nos sejam transmitidos elementos sobre a morfologia do vaso que a suportava, é dada a indicação da sua colocação central, aspeto relevante se se tiver presente que o mesmo punção já se encontra atestado em posição radial, num vaso recolhido na Gália, em *Glanum*¹⁴⁶⁷. Outros exemplos com mesmo tipo foram assinalados em Roma, Amiens e Cherchel¹⁴⁶⁸, a par de um outro de Alcácer do Sal, executado com outro punção, e ilustram a grande capacidade de compulsão e a boa difusão dos vasos de *Publius Hertorius*, que inicia a laboração ainda na etapa inicial da produção de vasos de modo itálico.

¹⁴⁶⁵ E.Sepúlveda e L. Fernandes, 2009, p. 152.

¹⁴⁶⁶ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹⁴⁶⁷ OCK-CD, vaso n.º2562.

¹⁴⁶⁸ Idem.

Ol.96- *Iucundus (4)?* (OCK 990).

Truncada à esquerda, a “marca de oleiro” ostenta o texto retrógrado (...)CVND, que os autores do estudo hesitam entre atribuir a *Secundus* (OCK 1841), de Vasanello, e *Iucundus (4)* (OCK 990)¹⁴⁶⁹. A semelhança com uma marca de texto também retrógrado do primeiro oleiro citado parecia favorecer esta hipótese, embora este tipo de registo do texto também esteja atestado para *Iucundus (4)*¹⁴⁷⁰, mas a grafia parece mais similar à deste último conforme o OCK, embora a atribuição seja feita com as necessárias reservas.

A tipologia formal da base da taça tronco cónica, Consp.B.4.1., coaduna-se com a atividade conhecida para o produtor.

Ol.97- *Mur()* (OCK 1197).

Como a anterior, a impressão apresenta-se muito truncada, divisando-se uma haste oblíqua e um R final, à direita. Embora identificada pelos autores do estudo das marcas com *Mar()*(OCK 953) ou *Hilarus* (OCK 1110), é possível identificar aqui uma impressão de *Mur()* (OCK 1197), correspondente ao tipo OCK 1197.4, com o texto com o nexu VR, oleiro que pode corresponder a um dos vários *Murii* ou *Murrii*¹⁴⁷¹.

O OCK atribui uma cronologia a partir da mudança da nossa Era, o que é compatível com a tipologia formal da base da taça, Consp. B.4.6.

Ol.98- *Pri()* (2) (OCK 1519).

O OCK assimila, dubitativamente, as impressões com o texto PRI a *Primus* (6)¹⁴⁷². Todas executadas com o mesmo punção, tem uma difusão alargada, entre Roma, Cartago, Las Palmas e Ampúrias¹⁴⁷³.

Ol.99- *L.R() A()* (OCK1610).

A impressão foi executada de forma deficiente, pelo que os caracteres se encontram um pouco esborratados. Atribui-se, no entanto, sem dificuldade ao oleiro em epígrafe, do qual se desconhece o local de laboração e a cronologia.

¹⁴⁶⁹ E. Sepúlveda e L. Fernandes, 2009, p. 155.

¹⁴⁷⁰ Idem.

¹⁴⁷¹ OCK.

¹⁴⁷² OCK.

¹⁴⁷³ OCK-CD.

A morfologia do pé de vaso, do tipo Consp. B 4.8, acrescenta algo ao que se encontra no OCK, situando o vaso na época de Augusto ou inícios da de Tibério.

Ol.100- *Titius* (OCK 2149).

Titius é conhecido por utilizar punções ostentando texto muito simplificado, e o exemplar em análise deverá corresponder a mais um exemplo, muito embora não esteja repertoriado para esta oficina.

Muito embora a “marca” seja distinta do tipo com o qual Sepúlveda e Fernandes estabeleceram paralelo, OCK 2149.9¹⁴⁷⁴, parece adequada a hipótese de classificação do exemplar se se considerar como *similis*.

Contudo, o OCK adverte para a inclusão sob o mesmo título de certamente mais do que um oleiro. O entendimento aparece aqui corroborado, sendo a tipologia formal da taça onde foi aposta a impressão, uma Consp.33.1, uma forma que perdurará até ao final de Tibério, quando o limite superior proposto pelo OCK é augústeo ainda.

Ol.101– *M. Valerius* (OCK 2315).

O pisano *M. Valerius* tem grande variedade de punções, o que atesta a elevada capacidade produtiva da sua olaria.

A marca lisboeta corresponde ao tipo OCK 2315.23, patente na Gália em *Glanum* e Saintes, como na *Hispania*, em Elche¹⁴⁷⁵, estando já antes documentada em Lisboa, como em Alcácer do Sal e Represas, embora em impressões de outra tipologia¹⁴⁷⁶.

Ol.102– *C. Vmbricius Philologus* (OCK 2448).

O artesão em epígrafe operou em Arezzo a partir de 15 a.C., e não “a partir do ano 14 d.C.”¹⁴⁷⁷. Trata-se de um liberto de *C. Vmbricius*, a produzir autonomamente na cidade do Arno, conhecendo-se-lhe apenas produção lisa e, dentro desta, sobretudo taças¹⁴⁷⁸.

De entre os vários punções utilizados nesta *officina*, destacam-se aqueles com os números OCK.2448.12 a OCK.2448.14, muito similares no texto, caligrafia, formato e dimensões. Trata-se, portanto, do trabalho do mesmo abridor. No caso presente,

¹⁴⁷⁴ E. Sepúlveda e L. Fernandes, 2009, p. 154.

¹⁴⁷⁵ Idem.

¹⁴⁷⁶ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹⁴⁷⁷ E. Sepúlveda e L. Fernandes, 2009, p. 149.

¹⁴⁷⁸ OCK-CD.

documenta-se no teatro romano um novo modelo pertencente a este grupo, denunciado por uma disposição que não é coincidente com nenhum dos exemplos citados, um dos quais já antes documentado em Lisboa¹⁴⁷⁹.

O conjunto daqueles punções, como o deste novo que agora se dá conhecimento, deterá a mesma cronologia, e mostra difusão alargada, parecendo sugestiva a ausência nas Gálias: o tipo OCK.2448.12 está presente em Arezzo e Neuss; OCK.2448.13 na Itália, em Arezzo, Dertona e Roma, África, em Sabratha e Sousse, e no *limes* germânico, em Neuss e Xanten; OCK.2448.14, em Cartago e Roma¹⁴⁸⁰, a que se acrescenta como vimos antes, Lisboa.

Ol.103– *C. Volusenus* (OCK 2500).

Produtor aretino, *C. Volusenus* inicia a sua atividade em torno da mudança da Era, cessando-a, segundo o OCK, nos primeiros anos do principado de Tibério.

A marca em questão é do tipo *in planta pedis*, o que denuncia uma datação posterior a 15 d.C., equivalendo, portanto, ao final da produção desta *officina*¹⁴⁸¹, com paralelos apenas em Óstia e Roma¹⁴⁸².

Ol.104– *Vrbanus* (1) = *L. Vrbanus* (OCK 2528).

De todo o conjunto já publicado, a impressão em apreciação é a que encerra maior controvérsia.

Eurico de Sepúlveda e Lúcia Fernandes não abordam as características macroscópicas do fabrico, ao contrário do que fizeram para um ou outro exemplar, e classificam a impressão como “*certamente uma produção dos ateliers de Lyon*”, baseados num paralelo em que a grafia não corresponde: o exemplo invocado, OCK.2519.8, coletado nos contextos de descarte de produção em Le Montans de La Muette-Lyon, mostra o NA em nexa, como os investigadores citados aliás referem¹⁴⁸³, mas tal não acontece no exemplar lisboeta; aduz-se que o tipo citado, ao contrário do que Sepúlveda e Fernandes referem, não mostra traço fino, como o cotejar de OCK demonstra.

¹⁴⁷⁹ OCK.2448.14- Conf. R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹⁴⁸⁰ OCK-CD.

¹⁴⁸¹ OCK.

¹⁴⁸² OCK-CD.

¹⁴⁸³ E. Sepúlveda e L. Fernandes, 2009, p. 133-134.

Uma observação mais atenta dos paralelos possíveis, na medida em que uma exata correspondência não se verifica, mostra as evidentes afinidades da “marca” em análise com os punções, também retangulares, de *Vrbanus (1)* (OCK 2528) e de *L. Vrbanus* (OCK 2530). O OCK questiona-se, inclusive, se não se trata de um só oleiro, de Putéolos. A peculiaridade da grafia de algumas das impressões deste(s) oleiro(s) é patente no exemplar coletado no teatro romano, em especial a configuração do R, onde o aro não fecha e a perna é alongada¹⁴⁸⁴.

Em conclusão, parece-nos que a impressão é atribuível a *Vrbanus (1)*, já atestado em Lisboa e Conímbriga¹⁴⁸⁵, para reportar apenas casos portugueses, e descartar assim a origem gálica do vaso.

Ol.105- *Sabbio (L.) Vmbricii Mancianii* (OCK 2475).

O escravo *Sabbio* está documentado por um único tipo no OCK. A “marca” encontrada no ponto lisboeta está muito danificada, e a publicação refere uma atribuição feita com muitas reservas¹⁴⁸⁶, que se esbatem aquando da sobreposição do registo do exemplar ao da obra de referência supra citada.

Os autores do estudo referem que, da observação macroscópica do fabrico, resulta a verificação de identidade entre este exemplar e o dos vasos das oficinas de *Publius Cornelius* apresentados acima, o que autoriza uma proposta de origem aretina, com as devidas limitações por não se dispor de análises arqueométricas.

Ol.106- *Xanthus (2) = Cneus Ateius Xanthus* (OCK 2536 e OCK 316).

Com *Crestus*, *Euhodus* e *Zoilus*, *Xanthus* integra o grupo restrito de libertos que conduz a produção pisana dos ateianos em momentos mais avançados da vida das oficinas¹⁴⁸⁷.

O exemplar coletado tem paralelo exato no punção do tipo OCK 2536.131, ocorrente em Saint Bertrand-de-Cominges, Paris, Lyon, por duas vezes em tigelas do tipo Consp. 31.1 em Vindonissa¹⁴⁸⁸ e em Alcácer do Sal¹⁴⁸⁹.

Sendo um dos oleiros de maior capacidade produtiva no âmbito itálico, é frequente documentarem-se impressões suas no território português, o que inclui os

¹⁴⁸⁴ OCK, p. 504-505.

¹⁴⁸⁵ R.B. Silva, 2005, p. 125 e Anexo B.

¹⁴⁸⁶ E. Sepúlveda e L. Fernandes, 2009, p. 155.

¹⁴⁸⁷ P. Kenrick, 1997, p. 179-190.

¹⁴⁸⁸ OCK-CD.

¹⁴⁸⁹ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

sítios de Castelo das Guerras, Represas, Monte do Meio, Miróbriga, Abúl, Setúbal, Lisboa, Santarém e Conímbriga¹⁴⁹⁰.

Ol.107– Oleiro desconhecido- impressão grafomorfa (?).

Os autores do estudo tentaram uma atribuição da impressão¹⁴⁹¹, parecendo mais prudente colocar em hipótese tratar-se de “marca” de texto grafomorfo.

Ol.108– Ol.113 - Oleiros desconhecidos- impressões truncadas.

Sob esta epígrafe abrigam-se seis impressões muito truncadas, com vestígios de caracteres, que deverão na sua maioria corresponder a cartelas retangulares, do tipo OCK 100 ou similar.

Atendendo também às características formais dos vasos representados no estudo, deverão enquadrar-se, na sua maioria, nos principados de Augusto e primeira década da de Tibério.

Ol.114 – Oleiro desconhecido- impressão truncada *in planta pedis*.

Da impressão restou apenas a zona digital, sendo impossível determinar sequer a orientação da cartela.

As “marcas de oleiro” deste tipo encerram alta valia *datante*, dado terem sido vulgarizadas apenas a partir dos inícios do principado de Tibério¹⁴⁹².

Ol. 84	Puteólos	B.3.15		<i>Agathemerus N. Naeuii Hilarii</i>	AGA	53.9	10 a.C.- 10 d.C.	
Ol. 85	Arezzo	Prato		<i>Annius</i>	ANNI	116.12	15 a.C.- 5 d.C.	
Ol. 86	Arezzo	B.4.9		<i>Ferus C. Gavii</i>	C.GAVI / FERSVS	nova	1 - 15 d.C.	
Ol. 87	Itália Central	Desc.		<i>Carus</i>	CAR(...)	518.1	1 - 15 d.C.	
Ol. 88	Arezzo	Desc.		<i>Publius Cornelius</i>	P.CORN	≈ 624.35	10 - 20 d.C.	
Ol. 89	Arezzo	B.2.4		<i>Diomedes P. Cornelii</i>	DIOME / P.CORN	638.1	5 - 20 d.C.	
Ol. 90	Arezzo	B.4.12 Consp.23		<i>Diomedes P. Cornelii</i>	DIOME / P.CORN	638.1	5 - 20 d.C.	
Ol. 91	Arezzo	Desc.		<i>Potus P. Cornelii</i>	[P.]CORN / POTI	669.3	5 - 20 d.C.	

¹⁴⁹⁰ Idem.

¹⁴⁹¹ E.Sepúlveda e L. Fernandes, 2009, p. 155.

¹⁴⁹² OCK, p.9.

Ol. 92	Pisa	B.3.12		<i>Crestus</i> (1)	(...)ESTI	698.62	10 - 30 d.C.	
Ol. 93	Pisa	Desc.		<i>Euhodus</i>	EVHOD	787.32	15 - 40 d.C.	
Ol. 94	Itália Central ?	B.4.11 Consp.23		<i>Lucius Fastidienus</i>	L.FAST	≈ 809.9	15 - 40 d.C.	
Ol. 95	Arezzo	Desc.		<i>Publius Hertorius</i>	P.HERT	933.34	30 a.C.- 10 a.C.	
Ol. 96	Itália Central	B.4.1		<i>Iucundus</i> (4) ?	(...)CUND (retro)	≈ 990	1 - 20 d.C.	
Ol. 97	Desc.	B.4.6		<i>Mur</i> ()	(...)VR	1197.4	1 - 20 d.C.	
Ol. 98	Desc.	B.4.8		<i>L.R</i> () <i>A</i> ()	L.R A	1610.0	10 a.C.- 15 d.C.	
Ol. 99	Vasanello ?	B.4.6		<i>Pri</i> () (2)	PRI	1519.1	10 a.C.- 10 d.C.	
Ol. 100	Desc.	Consp. 33.1		<i>Titius</i>	TITI	≈ 2149.9	10 - 50 d.C.	
Ol. 101	Pisa	Prato		<i>M.Valerius</i>	M. / VALERI / (palma)	2315.23	15 a.C.- 15 d.C.	
Ol. 102	Arezzo	Taça		<i>C.Vmbricius Philologus</i>	VMBRI(...) / PHILOLO	≈ 2448. 12-14	15 a.C.- 10 d.C.	
Ol. 103	Puteólos	Desc.		<i>Vrbanus</i> (1)	.VRBAN (retro)	nova	1 - 15 d.C.	
Ol. 104	Arezzo ?	Desc.		<i>Sabbio</i> (L.) <i>Vmbricius Mancianus</i>	SABBIO / L(?) (...)	2475.1	15 a.C.- 15 d.C.	
Ol. 105	Arezzo	Prato		<i>C.Volusenus</i>	C.VOL	2500.15	15 - 20 d.C.	
Ol. 106	Pisa	Consp. 24.3		<i>Xanthus</i> (2)	XANTHI	2536.131	15 - 50 d.C.	
Ol. 107	?	B.3.12	Ol. Desc.		Grafomorfa ?	-	10 a.C. - 30 d.C.	
Ol. 108	?	B.4.1	Ol. Desc.		(...)	-	10 a.C.- 35 d.C.	
Ol. 109	?	B.3.15	Ol. Desc.		(...)	-	1 - 50 d.C.	
Ol. 110	?	B.4.9	Ol. Desc.		(...)	-	10 a.C.- 35 d.C.	
Ol. 111	?	Desc.	Ol. Desc.		(...)	-	-	
Ol. 112	?	Desc.	Ol. Desc.		(...)	-	-	
Ol. 113	?	Desc.	Ol. Desc.		(...)	-	-	
Ol. 114	?	Desc.	Ol. Desc.		(...)	-	+ 15 d.C.	

Figura 36- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas publicadas da I.A.U. do Teatro Romano de Lisboa- 2005/2006.

8.2.6.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

O conjunto de 31 “marcas de oleiro” do Teatro Romano de Lisboa foi recolhido em distintos contextos estratigráficos, suficientemente publicados em ocasiões distintas por Lúcia Fernandes, responsável científica atual pelos trabalhos¹⁴⁹³.

A totalidade dos exemplares provém de uma área de funcionalidade ainda indefinida entre o *postscaenium* e um outro muro, também de cronologia alto-imperial. Ambos formaram um espaço onde, por via das campanhas de obra havidas, se acumularam depósitos contendo informação objetual relevante para a história do edifício cénico (vide Figura 35, *supra*). Fundamentando a importância da escavação desta zona, os investigadores que mais se têm dedicado ao teatro citam a título de exemplo o paralelo do espaço cénico de *Augusta Bilbilis*, com uma topografia similar à do *ubi* do teatro de Lisboa, dado que ali a construção foi iniciada justamente pelo tardoz tendo em vista a contenção da encosta, efetuada com recurso a soluções semelhantes às adoptadas na cidade do Tejo¹⁴⁹⁴.

Em função dos dados disponibilizados, do conjunto apenas 13 impressões foram encontradas em contextos romanos. Os restantes exemplares foram coletados em ambientes correspondentes a remobilizações detriticas e terraplanagens ocorridas entre os séculos XIV e a Época Contemporânea¹⁴⁹⁵, sendo de realçar a presença maioritária nalguns destes ambientes de cerâmicas datadas do séc. I d.C. ou anteriores, certamente deslocados de áreas próximas.

No entendimento de Lúcia Fernandes e Vítor Filipe, a estratigrafia de cronologia alto-imperial comprova dois momentos distintos, relacionáveis com a vida do teatro: um mais antigo, coevo da primitiva instalação, e outro mais recente¹⁴⁹⁶, que poderá corresponder às reformas ocorridas em 57 d.C. conforme a indicação da epígrafe do *proscenium*¹⁴⁹⁷.

Dos depósitos provocados por esta última campanha de obras provêm as impressões Ol.83, Ol.89, Ol.91, Ol.92, Ol.95, Ol.97 e Ol.111. Dada a cronologia suposta de formação das camadas, cerca de 57 d.C., os vasos são comprovadamente elementos antigos remobilizados, alguns dos quais distantes entre sete e quatro décadas

¹⁴⁹³ L. Fernandes e V. Filipe, 2007, p. 229-253.

¹⁴⁹⁴ *Idem*, p.233.

¹⁴⁹⁵ *Idem*.

¹⁴⁹⁶ L. Fernandes e E. Sepúlveda, 2009, p.158-159.

¹⁴⁹⁷ L. Fernandes e A. Caessa, 2006/2007, p. 83-102.

da data da sua incorporação no registo arqueológico, não podendo, portanto, ser entendidos como testemunhos da continuidade da importação de *terra sigillata* da Península Itálica no principado de Nero em *Olisipo*.

Antes situado com maior probabilidade nas últimas décadas do séc. I a.C.¹⁴⁹⁸, o momento de fundação do teatro vem sendo atribuído pelas investigações mais recentes ao principado de Augusto - inícios do de Tibério¹⁴⁹⁹.

Nas camadas seguramente relacionáveis com a edificação do espaço cénico foram recolhidas as impressões Ol. 85, Ol. 87, Ol. 94, Ol. 108 e Ol.114.

Se se atender à cronologia de atividade de *Lucius Fastidienus* (Ol. 94), ao tipo de vaso que suporta esta impressão, uma taça Consp.23¹⁵⁰⁰, como à tipologia *in planta pedis* da cartela da impressão Ol. 114, no estádio atual da investigação não é possível recuar a instalação do teatro com anterioridade a 15 d.C., portanto, já dentro do principado de Tibério.

8.2.7.Rua da Saudade n.º 2 (Santiago, Lisboa)- Ol.115.

A Rua da Saudade corresponde a uma artéria projetada na sequência da reconstrução pombalina da cidade, tendo os edifícios mais antigos sido construídos nos finais do séc.XVIII e inícios do século XIX. Preenchendo os vazios entre estes, prédios de rendimento foram sendo erguidos ao longo da restante centúria de oitocentos, como é o caso do n.º 2 do arruamento.

Uma remodelação profunda do espaço motivou uma intervenção arqueológica desenvolvida pela empresa Era, Arqueologia em 2005, que incidiu sobre várias zonas do edificado, mas também no tardóz do prédio onde existia um pequeno logradouro. Aqui se identificaram, sob potentes depósitos de regularização contemporâneos, contextos da Época Moderna, Idade Média e período imperial romano.

O entorno do lugar é significativo, dado estar muito próximo ao Teatro Romano e, sobretudo, à “Loja do Teatro Romano”, sita no n.º 6 da mesma rua. No piso térreo deste estabelecimento é possível observar, integrada, uma sólida estrutura em *opus*

¹⁴⁹⁸ A.M.D. Diogo, 2001, p.222 e Idem, 1992, p.16.

¹⁴⁹⁹ Indicação expressa em extensa bibliografia- Conf. L. Fernandes, 2007, p.27-39; L. Fernandes V.Filipe, 2007; V.Filipe, 2008; L. Fernandes e A.Caessa, 2006/2007.

¹⁵⁰⁰ O *Conspetus* assinala que a variante 2 desta taça tem uma cronologia segura do segundo e terceiro quartel do séc. I d.C., não sendo claro em relação à variante 1, que situa na charneira com o tipo Consp.22, sendo decisiva a presença de decoração aplicada para se defender nesta última uma data que se inicia na segunda década d.C.- Conf.*Conspetus*, p. 92. Alguns autores entendem que ambas as variantes encerram a mesma datação, entre 25 e 75 d.C., o que teria consequências no estabelecimento de uma cronologia para o edifício lisboeta- Conf. M.Passelac, 1993, p. 561.

caementicium que projeta um arco de círculo, que Theodor Hauschild relaciona urbanisticamente com o edifício cénico romano¹⁵⁰¹, sem que se consiga descortinar a sua funcionalidade. De igual modo aqui se encontra, reaproveitado como pilar de sustentação das abóbadas “pombalinas”, um lintel monumental romano ostentando a epígrafe do patrocinador da obra, *Caius Heius Primus*¹⁵⁰², associável à campanha de reformas de 57 d.C. e relacionável ou com uma das *ualuae* do *frons scaenium* ou, mais provavelmente, com um *aditus maximus* do teatro.

8.2.7.1. Enquadramento do Conjunto.

A intervenção arqueológica urbana revelou, no seu “Setor 4”, a existência de um pequeno troço de muro, de cronologia romana imperial e de funcionalidade indeterminável, articulado ortogonalmente com as orientações quer da zona do Teatro quer do espaço dos Claustros da Catedral¹⁵⁰³.

Infelizmente, a intervenção não proporcionou o reconhecimento de espacialidades que julgamos privadas, por toda a área do setor ter sido profundamente afetada pelas ações de cronologia mais recente. Um caso ilustrativo é o do exemplar conservando “marca de oleiro” coletado, recolhido na U.E.408 conjuntamente com faiança portuguesa, porcelana e outro material cerâmico e vítreo da Idade Média e Épocas Moderna e Contemporânea.

8.2.7.2. Produções atestadas.

A observação do conjunto de cerca de duas dezenas de fragmentos de vasos em *terra sigillata* recolhido na I.A.U. da Rua da Saudade n.º2, remobilizados em contextos mais recentes, permitiu verificar a ocorrência de fabricos diversificados, estando presentes elaborações itálicas (um exemplar classificável- Consp. B.3.5), sudgálicas (formas Drag. 18, 24/25, 27, 33, taça decorada), hispanas de Andújar (Drag.27 e 15/17) e La Rioja (as mesmas formas e taça decorada), como também um exemplar de *sigillata* clara africana A (Hayes 3C) e fragmentos de C.

8.2.7.2.1. Produção Gálica

Ol.115 – *Celsus ii* (NOTS 2, 326-328).

¹⁵⁰¹ T.Hauschild, 1992.

¹⁵⁰² A .M.D.Diogo e L. Trindade, 1998.

¹⁵⁰³ I.M.Silva, 2009.

A distinção interna entre o fundo e a parede não é feita por um pequeno ressalto, e mostra uma canelura no interior após a inflexão suave entre ambos os componentes, como no exterior à mesma altura, detalhe normalmente presente nos exemplares de finais do séc.I d.C. em fabrico de La Graufesenque¹⁵⁰⁴.

C105 de Vechten, Drag.18, 27 e 27g e 33, sendo mais utilizado em tigelas/taças do que em pratos pág.204. A lista de paralelos é longa, e inclui as *canabae* de Caerleon, Hofheim-Fase II, Heddernheim, Binchester, Chemsford, Mainz, Nijmegen, Bona, Chesterholm-Vindolanda, Estrasburgo, Richborough e Cotta¹⁵⁰⁵. Aparte a sua grande difusão, aparece em sítios cuja primeira ocupação data dos Flávios, nomeadamente Binchester, Ribchester, mas também noutros bem mais tardios como Bad Cannstatt e em Nijmegen-Oeste, numa sepultura que continha uma moeda de Nerva de 97 d.C., fundamentos da proposta de M.Polak, que aponta a baliza entre 80-110 d.C.,¹⁵⁰⁶ ao passo que Hartley e Dickinson crêem que o oleiro só iniciou a sua atividade já com Domiciano, cerca de 85 d.C.¹⁵⁰⁷

Ol. 115	La Grauf.	Drag. 33	G.1	<i>Celsus ii</i>	OF.CELSI	Vechten C 105	80 - 110 d.C.	

Figura 37- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica recolhida na I.A.U. da Rua da Saudade n.º 2- 2005.

8.2.7.3. Contributo da “marca de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

Considerando os contextos de procedência *da terra sigillata* recolhida no local, o único contributo da “marca de oleiro” repertoriada foi o de acrescentar o nome de *Celsius ii* à lista de oleiros do sul da Gália atestados na cidade.

8.2.8.Claustros da Sé (Santiago, Lisboa)- Ol.116-Ol.157.

A Catedral de Lisboa, segundo a historiografia tradicional, terá sido erguida logo após a Reconquista Cristã sobre uma antiga e importante mesquita da cidade islâmica,

¹⁵⁰⁴ M. Polak, 2000, p.205.

¹⁵⁰⁵ NOTS 2, p.326-327.

¹⁵⁰⁶ M. Polak, 2000, p.205.

¹⁵⁰⁷ NOTS 2, p. 328.

porventura a Aljama¹⁵⁰⁸, entendimento que porém não se mostra no momento suportado por qualquer outro elemento, arquitectónico ou arqueológico.

O edifício, cuja longa história se inicia nos primeiros tempos de domínio português da cidade, foi construído em estilo românico, no séc. XII, do qual sobrevivem, para além da fisionomia geral do templo, alguns elementos chave, como o portal e uma das absides da cabeceira.

Tendo sofrido numerosas intervenções, sobretudo com o patrocínio régio, viu no reinado de D.Afonso IV ser ampliada a estrutura, expandindo-se em direcção a leste, quando se instalam os Claustros.

Depois de várias recolhas e reconhecimentos arqueológicos pontuais, de que se salienta a identificação de cerâmica da Idade do Ferro na década de 1920¹⁵⁰⁹, circunstâncias excepcionais ocorridas em Fevereiro de 1990 iriam permitir desencadear sucessivas campanhas de trabalhos, ainda hoje por terminar: colapsos numa cisterna localizada no ângulo SE do antigo espaço ajardinado dos Claustros iriam despoletar uma intervenção arqueológica de emergência liderada por Clementino Amaro no quadro do extinto Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural. No mesmo ano, a abertura de sondagens no lado setentrional do mesmo espaço claustral iria proporcionar a identificação, pela primeira vez, de uma das *uiaes* do entramado romano de *Olisipo* e vestígios de construções anexas.

Rapidamente os resultados e a importância científica e patrimonial revelada no subsolo da Sé, em particular os elementos de cronologia romana e medieval islâmica, iriam transformar o que se iniciou como escavação de emergência na mais prolongada intervenção arqueológica urbana da cidade de Lisboa, arrastada ao longo de mais de duas décadas de acção intermitente, atualmente sob a responsabilidade de Alexandra Gaspar.

8.2.8.1. Enquadramento do Conjunto.

O rico conjunto urbanístico romano revelado no subsolo dos Claustros da Sé organiza-se em torno de um *cardine* pavimentado a grandes lajes calcárias e assume uma importância supletiva por se tratar do único conjunto coerente de construções inquestionavelmente não públicas do *pomerium* de *Olisipo*.

¹⁵⁰⁸ J.Castilho, 1939.

¹⁵⁰⁹ V.Correia, 1972.

O *cardine* encerra um claro caráter secundário, bem evidente se se considerarem os c. 2,60m de largura do tabuleiro, e a solução do piso em patins sucessivos articulados com degraus, pavimentado a laje¹⁵¹⁰. Sendo inequívoca a sua relação urbanística com o Teatro Romano próximo, como com a estrutura revelada na cadeia do Aljube¹⁵¹¹, é notória a coincidência de orientações a 6/7º NO. A presunção de cronologia augústea para a edificação viária baseou-se, porém, em fundamentos exíguos e frágeis¹⁵¹², e terá de se aguardar pela publicação dos dados resultantes das campanhas mais recentes, para se poder aferir da validade daquela proposta.

De qualquer das formas, a *uia* seria apropriada por construções particulares, num momento impreciso situado pelo escavador no séc.V d.C.¹⁵¹³, o que foi interpretado como sinal da “decadência” da cidade. Na realidade, esta evidência deverá significar com rigor o contrário, isto é, um indício forte da existência de pressão urbanística e demográfica que levou a que nessa ocasião se privatizassem antigos espaços públicos devolutos, fenómeno com paralelo na instalação de uma habitação no antigo *uomitorium* do Teatro Romano¹⁵¹⁴, como na apropriação do quadrante noroeste das antigas *Thermae Cassiorum*¹⁵¹⁵, que sugerem um quadro genérico para a cidade.

Sob a artéria mencionada foi detetada uma cloaca e adutores das unidades habitacionais anexas de ambos os lados, estrutura hidráulica de profundo significado para a compreensão do urbanismo da cidade romana. Os dados tornados públicos relativos ao seu enchimento denotam dois momentos de acumulação formados no período baixo imperial¹⁵¹⁶, indicadores da inexistência dos habituais trabalhos de manutenção que estas estruturas requeriam, consequentemente também do ineficaz funcionamento das instituições que regulavam a vida urbana. Em sentido inverso, a atestação de um adutor de cronologia medieval islâmica, e de uma potência de enchimento onde se recolheu um já famoso “tesouro muçulmano” plausivelmente ocultado em 1147, que teima em permanecer por publicar na íntegra, asseveram a sobrevivência do esgoto até aos alvares da conquista portuguesa.

Das construções que ladeiam a artéria urbana pouco se conhece ainda. No local é visível, no ângulo NO da escavação, o que parece corresponder a uns discretos restos de

¹⁵¹⁰ J.L.Matos, 1994, p.109; R.B. Silva, 1999, p.47.

¹⁵¹¹ Vide subcapítulo *supra*.

¹⁵¹² R.B. Silva, 1999, p.47.

¹⁵¹³ C. Amaro, 1995.

¹⁵¹⁴ A.M.D. Diogo, 1993, p.222.

¹⁵¹⁵ Vide *supra*, apartado próprio neste trabalho.

¹⁵¹⁶ C. Amaro, 2000.

termas privadas. Da *insula* oriental, aventou-se a equivalência de compartimentos a uma *tabernae*, mas não foram aduzidos os fundamentos desta interpretação¹⁵¹⁷.

Procurando alguma objetividade, a despeito da riqueza de dados e da especial importância para a compreensão do espaço urbano que o ponto arqueológico encerra, o estágio atual da investigação não deixa transparecer o volume de trabalho ainda necessário para que se tire partido de todo o potencial informativo disponibilizado pelas duas décadas de trabalhos num sítio de particular complexidade de análise.



Figura 38- Planta das estruturas romanas exumadas entre 1990 e 1994 nos Claustros da Sé (segundo Clementino Amaro¹⁵¹⁸, ligeiramente adaptado).

8.2.8.2. Produções atestadas.

Entre 2004 e 2005 foi-nos proporcionado pela atual responsável pelos trabalhos arqueológicos, Alexandra Gaspar, o acesso à colecção de “marcas de oleiro” em *terra sigillata* recolhida ao longo das campanhas desenvolvidas no local desde 1990. Compunham-no 35 exemplares, compreendendo fabricos itálicos, gálicos e hispanos, entretanto publicados de forma sumária, com classificação mas sem ilustração

¹⁵¹⁷ C. Amaro, 1995.

¹⁵¹⁸ C. Amaro, 2000, fig.3.

gráfica¹⁵¹⁹. A continuação das escavações até Março de 2011 viria a proporcionar a identificação de mais 7 “marcas de oleiro”, que completam o conjunto reunido entre 1990 e 2011.

Circunstâncias que têm afetado os depósitos de espólio recolhido nas escavações dos Claustros da Catedral, de que se invocam a desmontagem das antigas instalações afetadas ao ex-Igespar, I.P., sitas a Belém, a sua transferência para espaços da também entretanto extinta Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, e aspetos internos do funcionamento desta organização, impediram o acesso a uma parte da colecção de “marcas de oleiro”, totalizando 13 exemplares. Afortunadamente haviam sido analisadas e classificadas em 2004-2005 e lançadas na base de dados anexa à dissertação de Mestrado em Arqueologia¹⁵²⁰. Estes elementos, tal como as anotações manuscritas e os decalques na altura efetuados para a maioria dos exemplares em falta, bem como os esforços de Alexandra Gaspar, que facultou o desenho de 3 outros vasos e respetivas impressões, permitiram a sua inserção no presente texto de um dos conjuntos mais significativos da cidade de Lisboa.

Noutro sentido, optámos por não solicitar o acesso à amostragem global de *terra sigillata* do ponto arqueológico. Aconselhavam-no a vastidão de espólio recolhido, a complexidade estratigráfica do sítio, as diferentes metodologias de escavação a que esteve sujeito o local até 1996 e o fato de os trabalhos decorrerem ainda, estando os elementos longe de preparados para abordagens contextuais globais e sujeitos a leituras que os escavadores ainda não empreenderam, compreensivelmente.

A apreciação do grupo de cerâmicas finas é feita, portanto, com base exclusiva nos exemplares ostentando “marca de oleiro”, elemento de utilidade limitada, é certo, mas que permite já entrever os ritmos do local: assim, do conjunto de 42 impressões, número de dimensão comparável ao da área das *Thermae Cassiorum* (45) e Teatro Romano (39), 20 são itálicas, 14 sudgálicas e 8 hispânicas. O local reflete fundamentalmente a dinâmica de acumulação do sítio, como acontece com os dois outros locais mencionados.

8.2.8.2.1. *Produções itálicas.*

¹⁵¹⁹ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹⁵²⁰ Idem.

Ol.116- *An()* = *A.V* = *A. Vibius* = *A. Vibius Scrofula* ? (OCK 91=2274=2397=2400).

Apesar de não ter sido possível observar diretamente a impressão, o desenho facultado por Alexandra Gaspar não coloca dúvidas de leitura, divisando-se claramente *A.V.*, em pequena cartela retangular, numa “marca de oleiro” radial aposta num prato.

Não é possível afirmar que o exemplar não tem correspondência com o OCK, contudo, dado que dos quatro tipos integrados na epígrafe *An()* (OCK91), dois foram recolhidos por Oxé em apontamento, a ilustração da obra representa somente a aparência das letras. Kenrick questiona, por isso, se os nexos não traduziram outras leituras como *AV* ou *A.V()*, sugerindo neste caso perecerem a *A.V* (OCK 2274) equivalente a *A. Vibius* (OCK 2397) e/ou a *A. Vibius Scrofula* (OCK 2400)¹⁵²¹. Tal é o caso em apreço, onde o *A* e o *V* estão bem diferenciados por um ponto, pelo que a atribuição ao oleiro mencionado deve corresponder ao prato coletado nos claustros da Catedral lisboeta.

As referências do OCK reportam-se a produtos oleiros de Arezzo elaborados entre 40 e 20 a.C. (OCK 91 e 2274), ou entre 30 e 10 a.C. para *A. Vibius* (OCK 2397)¹⁵²². Tratando-se de impressão radial, do tipo 2274.8, uma data até 20 a.C. para o intervalo superior parece ajustada em função desta característica tipológica, sendo o modelo ocorrente apenas em âmbito itálico e gálico, em Bolsena, Arezzo, Roma e *Glanum*¹⁵²³.

Ol.117- *Sextus Auillius Manius* (OCK 415).

A revisão de P.Kenrick do *Corpus Vasorum Arretinorum* introduziu uma óbvia confusão a propósito das impressões circulares com este tipo de texto, repertoriando uma como correspondente a um dependente chamado *Manius*, provavelmente escravo de *Sextus Auillius* (OCK 411), e outras três como equivalentes ao oleiro *Sextus Auillius Manius* (OCK 415), produtor assim nomeado sobre cuja história o investigador britânico se questiona, equacionando a hipótese de se tratar de um liberto de um *Sextus Auillius* (OCK 410).

A impressão integra-se no grupo considerado de atividade autónoma do fabricante pisano de taças, mas também de louça decorada (OCK 414), desenrolada entre cerca de 10 a.C. e 20 d.C.

¹⁵²¹ OCK, p. 90; OCK-CD.

¹⁵²² OCK, p. 478.

¹⁵²³ OCK-CD, vasos n.ºs 1530, 35064, 35073 e 2619, respetivamente.

O tipo 415.5, representado na Sé de Lisboa, é conhecido apenas na Argélia, Éfeso, Roma e Tarragona¹⁵²⁴, muito embora as entradas de outros tipos formalmente análogos se repartam fora da Itália por Haltern, Neuss, Vindonissa, Colónia, Vechten e Augst, nas províncias setentrionais do Império, por Lyon e Soissons, na Gália Central e Tarragona, Ampúrias, Conímbriga e Banasa, na área de influência comercial mediterrânica¹⁵²⁵.

Ol.118- *Onirus Calidii Strigii* (OCK 501).

A impressão em apreço foi classificada e publicada de forma sumária em 2005¹⁵²⁶, não se tendo conseguido aceder diretamente ao fragmento, equivalente a uma taça tronco cônica de tipologia indeterminável.

O texto desenvolve-se em cartela retangular do tipo OCK 100, mutilada à esquerda, apresentando o texto [O]NIRVS / [C]ALIDI, equivalente à impressão de referência 501.1.

O dependente é dado pelo OCK como ativo em Arezzo a partir de 10 a.C., e as suas dez entradas e quatro tipos de punção denotam a sua escassa capacidade produtiva, que no momento se reduz a pratos lisos.

A sua difusão fora de Itália compreende Saintes e Niort, com outros punções¹⁵²⁷, estando o presente na Sé circunscrito a Roma (3x) e Arezzo (1x)¹⁵²⁸.

Ol.119- *Himero Publii Cornelii* (OCK 654).

A “marca” do escravo *Himero* integra o lote daquelas a que não foi possível aceder diretamente. Afortunadamente, em 2004 havia sido feito o decalque da impressão e respetiva catalogação, que agora se utiliza para a sua reapreciação em moldes mais extensos.

O artesão laborou nas oficinas do *dominus* em Cincelli-Arezzo a partir, provavelmente, das etapas iniciais da produção cerca de 5 a.C., tendo elaborado exclusivamente louça lisa, como é o caso, tratando-se de um fragmento de tipologia indeterminável.

¹⁵²⁴ Idem, vasos n.ºs 8100, 11418, 19089 e 15654, respetivamente.

¹⁵²⁵ OCK-CD.

¹⁵²⁶ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹⁵²⁷ OCK-CD, vasos n.ºs 4934 e 24867, respetivamente.

¹⁵²⁸ OCK-CD.

Conhecem-se-lhe apenas quatro tipos de punção e outras tantas entradas, o que demonstra a sua pequena expressão produtiva, estando representado apenas em Arezzo (2x), Ampúrias e Roma¹⁵²⁹, equivalendo o caso presente ao punção 654.4, apenas atestado no contexto geográfico de produção.

Ol.120– *Crispinus* (1) (OCK 702).

A produção assinada por *Crispinus* (1) é seguramente itálica, distinguindo-se com facilidade da assinatura homónima aposta na Gália, e equivale a um produtor de elevada capacidade de compulsão de vasos, considerando as cento e oitenta entradas e os dezoito modelos de punção repertoriados no OCK. Contudo, os achados na zona de Arezzo são muito limitados, tendo P.Kenrick optado por não arriscar uma localização, seguramente etrusca ou lacial¹⁵³⁰.

O exemplar, colocado no fundo de um prato, não foi também observado diretamente senão em 2004, e os registos efetuados apenas incluíram a leitura e classificação, aliás, de um novo modelo de impressão¹⁵³¹.

A difusão de *Crispinus* (1) é vasta, abarcando o Mediterrâneo Oriental, o Norte de África, Germânicas, Gálias e Hispânicas, onde surge em *Pollentia*, Tarragona, Ampúrias, Elda, Córdoba, Mérida e Briteiros¹⁵³².

Ol.121– *Eumenes* (OCK 789).

Como a entrada anterior, não foi possível reexaminar a impressão presente, e apenas se dispôs dos apontamentos e classificação elaborada e publicada antes¹⁵³³.

O texto estava muito cerceado, permitindo ler EV(...) / (...)N(...), inscrito numa cartela bilínea retangular do tipo OCK 261. A sua atribuição ao artesão em epígrafe, produtor do Vale do Pó de taças lisas entre a mudança da Era e cerca de 20 d.C., não coloca porém problemas, dada a correspondência com o tipo 789.1. Esta impressão sugere apenas em âmbito itálico, em Ortona, Altino, Budrio, Siscia, Cattolica e Aquileia¹⁵³⁴, que se alarga com os restantes dois modelos de punção a Cupra Maritima e

¹⁵²⁹ OCK-CD, vasos n.ºs 26271 a 26274.

¹⁵³⁰ OCK-CD.

¹⁵³¹ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹⁵³² OCK-CD.

¹⁵³³ Idem.

¹⁵³⁴ Idem.

Magdalensberg¹⁵³⁵. Trata-se, por isso, de uma orientação comercial adriática-panónica muito coerente, constituindo o caso lisboeta um consumo ocasional.

Ol.122- *Felix* (5) (OCK 823).

O OCK apresenta duas impressões de *Felix* (5), 823.18 e 823.19, muito similares ao caso presente, integradas na epígrafe dos *Felices* “*miscellaneous*”¹⁵³⁶.

Apesar da grafia e formato se aproximarem de OCK 820.3, impressão resultante da aplicação de um punção retangular muito danificado nas suas extremidades inferiores e laterais, não é possível atribuir o vaso ao artesão de Vasanello *Felix* (2) (OCK 820), inicialmente escravo de *Ancharius*, quando marcou em cartela retangular bilínea mencionando o nome do *dominus* (OCK 103.1), dada a disparidade de cronologias: ativo entre 10 a.C. e a mudança da Era, o formato do vaso é, sem dúvidas, do tipo Consp.32, e por isso elaborado a partir dos inícios do principado de Tibério¹⁵³⁷, sendo impossível adscriver-lo a uma das variantes 1 a 4.

Ol.123- *Vernas C. Memmii* (OCK 1158)

Vernas é escravo de atividade não localizada pelo OCK, que também não indica a sua cronologia de laboração¹⁵³⁸. Considerando, porém o ser Arezzo o local das olarias do *dominus* (OCK 1138), documentadas para o lapso entre 20 a.C. e 10 d.C.¹⁵³⁹, e atendendo às características macroscópicas observáveis na pasta e revestimento, aquela origem no Arno é altamente provável.

A impressão tem apenas paralelo em *Tamuda* (Marrocos) e Cherchel¹⁵⁴⁰, onde ostenta a totalidade da “marca”, ao contrário do exemplar em análise, tendo o punção sido aplicado somente em pratos.

Ol.124- *C. Murrius* (OCK 1203)

C. Murrius é um produtor de capacidade de fabrico elevada, tendo assinalados 41 tipos de impressão e 136 entradas no OCK¹⁵⁴¹.

¹⁵³⁵ Idem.

¹⁵³⁶ OCK, p.224.

¹⁵³⁷ *Conspetus*, p. 108.

¹⁵³⁸ Idem, p. 282.

¹⁵³⁹ Idem, p. 279.

¹⁵⁴⁰ OCK-CD, vasos n.ºs 2828 e 12815.

¹⁵⁴¹ Idem, p.289.

Instalado em Arezzo, produziu entre 1 d.C. e após 30 d.C., sendo o essencial da sua laboração posterior a 15 d.C. dado que 37 dos seus punções são *in planta pedis*, como é o caso presente que assim se integra assim no momento áureo da difusão do oleiro.

Com uma exportação muito orientada para o Oriente e Panónia, à semelhança de *Lucius Gelius*¹⁵⁴², também documentado em Lisboa no Beco do Azinhal¹⁵⁴³, a referência equivalente ao exemplar da Sé está atestada como aqui em pratos detetados em Aquileia, Gravellona, Milão, Tortona e na própria Arezzo¹⁵⁴⁴.

Ol.125– *Agathemerus N. Naeui Hilarii* (OCK 53).

Oleiro puteolano ativo entre 10 a.C. e 10 d.C., *Agathemerus* surge novamente no registo arqueológico lisboeta numa impressão com paralelo exato nos níveis de aterro do Teatro Romano (Ol. 84 = tipo 53.9), remetendo-se para a entrada respetiva os fundamentos para a sua adscrição ao *dominus N. Naeuius Hilarus* (OCK 1244).

A impressão foi registada, classificada e decalcada em 2004¹⁵⁴⁵, não tendo sido possível agora reapreciar diretamente o fragmento de taça da forma Consp.35.1.1, elemento que remete o exemplar para o período final de produção do artesanato¹⁵⁴⁶.

Ol.126– *Speculator N. Naeuii Hilarii* (OCK 1978).

Tal como acontece com o artesanato anterior, *Speculator* é um puteolano dependente de *N. Naeuius Hilarus* (OCK 1244), que a revisão de Philip Kenrick do *Corpus Vasorum Arretinorum* desarticulou do *dominus* em termos de apresentação.

Fabricante de taças lisas, ativo de inícios da Era até cerca de 15 d.C., tem uma ampla difusão, que abrange o Egipto, com Alexandria/Cairo (2x) e Alexandria (1x), *Germania Inferior*, em Vechten (2x), Península Itálica, em Bacoli(2x), Roma (1x) e o próprio local de produção (4x), e, finalmente as Hispânicas, com atestações em Cartagena (1x), onde detém o paralelo exato, e Conímbriga (1x)¹⁵⁴⁷.

Ol.127- *Serenus* (2) = *Quintus Pompeius Serenus* (OCK 1878).

Ativo em Putéolos entre 10 a.C. e 10 d.C., fabricante de loiça lisa *Serenus* (2)

¹⁵⁴² Idem.

¹⁵⁴³ Vide adiante o apartado respetivo.

¹⁵⁴⁴ OCK-CD, vasos n.ºs 9863, 14342, 29134, 29135 e 29156.

¹⁵⁴⁵ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹⁵⁴⁶ *Conspetus*, p. 112.

¹⁵⁴⁷ OCK-CD.

deverá corresponder a *Quintus Pompeius Serenus* (OCK 1500), que compulsou sobretudo taças¹⁵⁴⁸, como é o caso presente.

O paralelo de referência, colocado n fundo interno de uma forma Consp.B.3.12, integra as colecções de Alexandria¹⁵⁴⁹, único paralelo repertoriado, para o qual se produziram as duas leituras SERE/NI e SERE/NV. Kenrick optou pela segunda hipótese¹⁵⁵⁰, mas a “marca” lisboeta, não sendo categórica a este respeito, aponta com maior probabilidade para a primeira das leituras.

Como apontamento refira-se a presença de um grafito de posse na parede externa do fundo referente a *Melior*.

Ol.128-Ol.129- C. Vmbricius Philologus (OCK 2448)

A impressão de *Caius Vmbricius Philologus* Ol. 128 equivale ao tipo 2448.14, com paralelos exatos em Lisboa, no Teatro Romano¹⁵⁵¹, Roma e Cartago¹⁵⁵², como aqui em taças.

A outra impressão mostra caracteres de muito pequena dimensão, onde é nítido o nexu PH, PHI ou PHIL, seguido de um O. O exemplar reduz-se ao canto inferior direito da cartela, tendo evidentes afinidades com os tipos retangulares, bilíneares, 2448.15 e 16, pelo que deverá ser atribuído a este mesmo oleiro.

Aretino ativo a partir de 15 a.C., compulsou apenas louça lisa, correspondendo-lhe uma manufatura de dimensão média, estando repertoriado um escravo e surgindo associado a *Lucius Auillius Sura* (OCK 2451).

Ol.130- Hilarius L. Vmbricii (novo)

A olaria aretina a que pertence a assinatura *L.Vmbricius* (OCK 2452) terá laborado ao longo de um lapso de tempo longo, entre 20 a.C. até após os meados do séc. I d.C.¹⁵⁵³, pelo que se reportará não tanto a um proprietário mas a uma unidade que certamente terá passado de mãos no interior da *familia*. Os catorze escravos já antes atestados demonstram a elevada capacidade produtiva, corroborada pela elaboração não

¹⁵⁴⁸ OCK, p. 394.

¹⁵⁴⁹ OCK-CD, vaso n.º 19005.

¹⁵⁵⁰ OCK-CD, conf. comentário ao tipo 1878.6.

¹⁵⁵¹ Conf. exemplar do Teatro Romano Ol.102, neste capítulo.

¹⁵⁵² OCK-CD, vasos n.ºs 16517 e 19245.

¹⁵⁵³ OCK, p.491.

só de louça lisa mas também decorada, como pelas 253 entradas e 77¹⁵⁵⁴ tipos de punção para os textos de *L.Vmbricius* a sós.

Entre os seus *serui* não se contava, até ao momento, nenhum *Hilarius*. Trata-se, por consequência, de um novo e relevante contributo para o conhecimento dos fabricos itálicos desta unidade.

Considerando o *ubi* do *dominus*, o novo escravo documentado na Catedral lisboeta terá operado igualmente na área da grande cidade do Arno, o que parece compatível com as características macroscópicas observáveis na pasta e revestimento do fragmento de prato.

Noutro sentido, e como a atividade de *L.Vmbricius* se iniciou cerca de 20 a.C., e adoptou largamente os modelos *in planta pedis*, a baliza cronológica entre a segunda década antes da Era e 15 d.C. deverão corresponder ao exemplar lisboeta, onde o estado de conservação não autoriza uma classificação tipológica do vaso.

Ol.131– Marcus Valerius (OCK 2315).

A impressão foi colocada no fundo interno de uma taça do tipo Consp.22, sendo similar a 2315.12, mas não exatamente correspondente. Publicada em 2005, mantém-se a sua classificação, corroborada pelo decalque executado aquando do acesso ao exemplar.

Muito truncada à direita, é atribuível ao oleiro pisano em epígrafe, que laborou entre cerca de 15 a.C. e 15 d.C. Trata-se de um fabricante de louça lisa e decorada, de elevada capacidade demonstrável pelas cento e dez entradas e quarenta tipos de impressão repertoriadas em OCK.

Com uma difusão ampla, está atestado fora de Itália na *Germania Inferior*, Norte de África, Gália mediterrânica e interior, ocorrendo com expressiva presença em Ampúrias (8), mas também no espaço ibérico em Tossal de Mar (1x), Elche (1x), Alicante (2x) e Represas (Beja) (1x)¹⁵⁵⁵.

Ol.132 a Ol.135- Oleiros desconhecidos-impressões truncadas.

Dois exemplares itálicos de taças troncocónicas, Ol. 132 e Ol.133, apresentam-se muito truncados, não autorizando quaisquer propostas de atribuição. Em termos cronológicos, Ol.132 deverá encerrar uma datação tardo-augústea, dado mostrar

¹⁵⁵⁴ Idem.

¹⁵⁵⁵ OCK-CD.

corresponder a um punção com “marca” circular. O mesmo espectro é admissível para a outra impressão sobre taça, que mostra um vértice arredondado de marca retangular de uma ou duas linhas, possivelmente.

Um outro exemplar de provável cronologia augústea, Ol.134, mostra o vértice superior de uma cartela retangular bilínear, onde se divisa apenas um primeiro E. A grafia peculiar poderá vir a permitir no futuro a sua identificação, não conseguida apesar da consulta exaustiva da bibliografia de referência.

Truncado, ilegível, Ol.135 foi estampada no fundo de um prato, com probabilidade da forma Consp.18, mostrando os vestígios de uma cartela retangular bilínear, mas a informação baseia-se em exclusivo nos elementos colhidos em 2004¹⁵⁵⁶.

Ol. 116	Arezzo	Prato/ Praté	It.1	<i>An()=A.V=</i> <i>A. Vibius ?</i>	A.V	93.3-4 = 2274.8	30 - 15 a.C.	
Ol. 117	Pisa	Taça	It.2	<i>Sextus Auillius</i> <i>Manius</i>	SEX. AVILLI MANI	415.5	10 a.C.- 20 d.C.	
Ol. 118	Arezzo	Indet.	It.1	<i>Onirus Calidii</i> <i>Strigii</i>	(...)NIRVS / (...)LIDI	501.1	10 a.C.-	
Ol. 119	Arezzo	Indet.	It.1	<i>Himero</i> <i>P. Cornelii</i>	HIMER / P. CORN	654.4	5 a.C.- 20 d.C.	
Ol. 120	Itália Central	Prato		<i>Crispinus</i> (1)	CRISPI	nova	20 a.C.- 10 d.C.	n.i.
Ol. 121	Vale do Pó	Taça		<i>Eumenes</i>	EV(...) / (...)N(...)	789.1	1 - 20 d.C.	n.i.
Ol. 122	?	Consp. 32	It.2	<i>Felix</i> (5)	FELIX	≈ 823. 18-19	+ 15 d.C.	
Ol. 123	Arezzo	Consp. B.4.13	It.1	<i>Vernas</i> <i>C. Memmii</i>	C.MEM / VERNA[S]	1158.1	20 a.C.- 10 d.C.	
Ol. 124	Arezzo	Prato ?	It.2	<i>Caius Murrius</i>	C. <u>MVRRI</u>	1203.27	15 - + 30 d.C.	
Ol. 125	Putéolos	Consp. 35.1.1	It.2	<i>Agathemerus</i> <i>N. Naeuii</i> <i>Hilarii</i>	AGA	53.9	1 - 10 d.C.	
Ol. 126	Putéolos	Taça	It.2	<i>Speculator</i> <i>N. Naeuii</i> <i>Hilarii</i>	SPEC(...)	1978.4	1 - 15 d.C.	
Ol. 127	Putéolos	Consp. B.3.12	It.2	<i>Serenus</i> (2) = <i>Q.Pompeius</i> <i>Serenus</i>	SEREN <u>V</u>	1878.6	10 a.C. - 10 d.C.	
Ol. 128	Arezzo	Taça	It.1	<i>C. Vmbricius</i> <i>Philologus</i>	VMBRIC PHILOLO	2448.14	15 a.C. - 10 d.C.	
Ol. 129	Arezzo	Taça	It.1	<i>C. Vmbricius</i> <i>Philologus</i>	<u>PHILO</u> (...)	≈ 2448. 15-16	15 a.C. - 10 d.C.	
Ol. 130	Arezzo	Indet.	It.1	<i>Hilarius</i> <i>Vmbricius</i>	HILARIO / L <u>VMBRI</u>	novo	20 a.C. - 15 d.C.	

¹⁵⁵⁶ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

Ol. 131	Itália Central	Consp. 22	It.1	<i>Marcus Valerius</i>	V ^o (...)	2315.12	15 a.C. – 15 d.C.	
Ol. 132	?	Taça	It.1	Ol. Desc.	P(?) (...)	-	5 – 20 d.C.	
Ol. 133	?	Taça	It.2	Ol. Desc.	(...) / (...) (?) I	-	10 a.C. – 20 d.C.	
Ol. 134	?	Prato	It.2	Ol. Desc.	E(...) / (...)	-	10 a.C. – 20 d.C.	
Ol. 135	?	Consp. 18 ?		Ol. Desc.	(...) / (...)	-	10 a.C. – 20 d.C.	n.i.

Figura 39- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” em produção itálica recolhidas na I.A.U. do Claustro da Sé- 1990-2011.

8.2.8.2.2. Produções Gálicas

Ol.136- *Bassus ii* (NOTS 2, 18-32).

Bassus ii é, com *Aquitanus*, o principal exportador rutenos pré-flávio, atingindo cerca de 170 exemplares no campo militar de Vechten¹⁵⁵⁷, e uma muito discreta representatividade em Lisboa.

O exemplar da Sé corresponde ao tipo 4d, apenas documentado em Vechten e numa necrópole em Boulogne¹⁵⁵⁸. Na ausência de elementos datantes mais qualificados, terá de se classificar o vaso dentro da laboração do oleiro, entre 45 e 70 d.C.¹⁵⁵⁹

Ol.137- *Cantus i* (NOTS 2, 214-224).

Produtor relevante de La Graufesenque, ativo entre os principados de Tibério e Cláudio¹⁵⁶⁰, *Cantus i* apresenta-se no conjunto recolhido na Sé num exemplar muito borrado no caráter inicial e mutilado, estando ausentes a zona central e a extremidade direita da impressão, lendo-se apenas CAN(...).

Apesar da similitude com diversas referências constantes do NOTS, não foi possível adscriver o exemplar, admitindo-se uma datação tardo-tibéria a cláudia para o vaso onde foi aplicado o punção.

Ol.138- *Lucius Cosius Virilis* (NOTS 3, 138-146).

Impressa no fundo interno de uma tigela da forma Drag.33, o exemplar lisboeta equivale ao punção 12c do NOTS.

¹⁵⁵⁷ M. Polak, 2000, p.172.

¹⁵⁵⁸ NOTS 2, p.24.

¹⁵⁵⁹ Idem, p.31.

¹⁵⁶⁰ NOTS 3, p. 223.

A lista de paralelos para esta impressão é longa, e alargada no espaço, incluindo numerosos sítios germânicos¹⁵⁶¹, britânicos¹⁵⁶², gauleses¹⁵⁶³, estando atestado em Miróbriga e na “Zara”/Rua Augusta, em Lisboa¹⁵⁶⁴.

De maior relevância para a determinação da datação são os paralelos dos sítios militares de Degerfeld, campo instalado nos anos finais do séc. I d.C., Butzbach, posterior a 85 d.C., e o exemplar do anfiteatro de Caerleon, edificado após 80 d.C.¹⁵⁶⁵, que remetem a cronologia da impressão para o lapso 80-100 d.C.

Ol.139- *Dario* (NOTS 3, 254).

Artesão de La Graufesenque, *Dario* é um oleiro de muito escassa produção, cujo nome Hartley e Dickinson se questionam se não deverá ser antes *Darionus*¹⁵⁶⁶.

Surge no ponto arqueológico lisboeta um punção seu equivalente ao tipo 2_a, aplicado num vaso da forma Drag.33, sugere uma cronologia nero-vespasiânica, estando somente documentado em Aveyron e Xanten, em contextos não datados externamente.

Ol.140- *Felicio i* (NOTS 4, 16-17)

Hartley e Dickinson distinguem dois oleiros homónimos, que laboraram entre 65 e 85 d.C. e a partir desta data até cerca de 110 d.C.¹⁵⁶⁷

A “marca” em causa está quase completa, transmitindo o texto FELICI. Trata-se de uma versão intermédia do punção 7-a, muito atestada nas Gálias, em Aoste, Bavay, Le Chatelêt, Lyon e Trion, como na Alemanha, em Zottengem-Velzeke e Mainz, sempre em Drag. 18¹⁵⁶⁸. A ocorrência lisboeta é, portanto, a primeira meridional. O texto resulta, contudo, de um momento mais avançado da vida do punção, visto o O final estar já desaparecido e as letras terem sido entretanto avivadas, o que aconselha uma datação mais avançada do que a do paralelo, remetendo para o lapso de 70 a 85 d.C.

¹⁵⁶¹ Wiesbaden, necrópole de Neuenheim, *canabae* de Nijmegen, Heidelberg, Tongeren, Saalburg, Bona, Baum, fortes de Abball e Butzbach, *uicus* de Butzbach, Degerfeld, Cannstatt, Heddernheim, Böckingen, Mainz, Rottweil, Alstadt, fortes de Valkenburg, Vechten e Xanten- Conf. NOTS 3, p.141.

¹⁵⁶² Caerleon, Canvey Island, Colchester, Corbridge, Leicester, Londres, York, Alchester e Caistor-by-Norwich- Conf. Idem.

¹⁵⁶³ Bavay, Marselha, Montagnac, Estrasburgo, *uilla* de Epiais, Pitres e Reims- conf. Idem.

¹⁵⁶⁴ R.B:Silva, 2005, Anexo B.

¹⁵⁶⁵ M. Polak, 2000, p. 408.

¹⁵⁶⁶ NOTS 3, p. 254.

¹⁵⁶⁷ NOTS 4, p.16-17.

¹⁵⁶⁸ Idem, p 16.

Ol.141- *Felix i* (NOTS 4, 22-34).

De acordo com Hartley e Dickinson, *Felix i* operou em Le Rozier e La Graufesenque entre 55 e 85 d.C.¹⁵⁶⁹.

O artesão está atestado na Sé por uma impressão onde se lê FELICIS [MA], estando os últimos caracteres muito obliterados. Equivale ao exemplar de referência 24a', encontrado em contextos datados de Nero em La Nautique de Narbonne, Hoffheim e Valkenburg. Surge também em La Graufesenque, Narbonne, Paris, Londres, Sandy, Beds, no depósito de Southwark, Woerd, Vechten e Augst¹⁵⁷⁰. Uma cronologia dentro do principado do imperador mencionado parece, por isso, ajustada.

Ol.142- *Rufinus ii* (NOTS 7, 414-415).

Entre os vários oleiros com o mesmo nome, dois estiveram ativos em La Graufesenque, equivalendo o indicado ao *Rufinus i* de Marinus Polak¹⁵⁷¹, o de mais recuada cronologia, que iniciou a produção cerca de 20 d.C. e a terminaria cerca de 50 d.C.¹⁵⁷².

O exemplar presente corresponde a 3a do NOTS, detetado na necrópole de Nijmegen, Neuss, Estrasburgo, Fos-sur-Mer, Besançon e Estrasburgo. O achado holandês encerra uma cronologia cláudia, pelo que o lapso de 40-50 d.C. se adequa ao caso presente.

Ol.143- *Rufinus iii* (NOTS 7, 415-424).

O produtor rutenense indicado é um dos mais prolixos fabricantes de baixela decorada e lisa do centro oleiro, sendo dominante em sítios militares da *Germania Inferior*¹⁵⁷³ como noutros espaços geográficos meridionais¹⁵⁷⁴.

A impressão recolhida na Catedral lisboeta mostra o emprego do punção 4c' que utiliza um instrumento já deteriorado, depois avivado nesta fase. Com paralelos no anfiteatro de Caerleon, construído após 80 d.C. mas também no forte de Valkenburg e numa sepultura da necrópole de Nijmegen¹⁵⁷⁵, a sua datação deverá situar-se entre os finais do principado de Nero, quando o oleiro iniciou a produção, e a década de 80 d.C.

¹⁵⁶⁹ Idem, p.33.

¹⁵⁷⁰ Idem, p.27.

¹⁵⁷¹ M. Polak, 2000, p.308-310.

¹⁵⁷² NOTS 7, p.414.

¹⁵⁷³ M. Polak, 2000.

¹⁵⁷⁴ M.Castellano Castillo, 2002.

¹⁵⁷⁵ M. Polak, 2000, p. 408-410.

A difusão do tipo estende-se por Hedderhheim, Mainz, Weisenau, Vechten, Carlisle, Lincoln, Leicester, Londres, Wroxeter, York, Baldock, Richborough, Staines, Reims, Paris e Vichy. Apesar de vasos do fabricante estarem bem documentados no atual território português, em Herdade do Reguengo (Monforte), Represas (Beja), Miróbriga (Santiago do Cacém), Ilha do Pessegueiro (Sines) e Alcácer do Sal¹⁵⁷⁶, não conhecemos outra ocorrência deste punção.

Ol.144- *Sabinus iii* (NOTS 8, 15-29).

A impressão em apreço, completa, não apresenta especiais dificuldades de leitura. No caso presente, mostra um texto em genitivo de caracteres muito cuidados, integrando portanto o grupo I proposto pelo investigador holandês, reputado como o de maior antiguidade e que situa entre 50 e 80 d.C.¹⁵⁷⁷ Contudo, e em função das marcas ilustradas no NOTS, Ol.144 equivale a um produto de *Sabinus iii*, sem que todavia se encontre ilustrado nesta obra de referência¹⁵⁷⁸, e integrando um grupo restrito de formulação semelhante aos punções do grupo 39¹⁵⁷⁹.

No caso presente, o perfil do prato é delicado, o que em conjunto com tratar-se de uma impressão do grupo I de *Sabinus* definido por Polak¹⁵⁸⁰ lhe sustenta uma proposta de cronologia neroniana ou pouco posterior.

Ol.145- *Saluetus i = Salve Tu* (NOTS 8, 71-78).

Embora Marinus Polak, Hartley e Dickinson identifiquem o texto com um cognome, *Saluetus*¹⁵⁸¹, a hipótese tradicional de ler uma saudação parece mais provável, detendo paralelo com outros textos conhecidos em La Graufesenque como *aue uale* ou *ne qures*¹⁵⁸².

Impressão executada no fundo interno de uma tigela do tipo Drag.27, foi publicada em 2005¹⁵⁸³, altura em que infelizmente não foi executado decalque, na medida em que esteve inacessível ao longo da preparação do presente trabalho. Ainda assim, equivale ao tipo da impressão S23 de Vechten, datada de 40 a 60 d.C.

¹⁵⁷⁶ Conf. R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹⁵⁷⁷ Idem.

¹⁵⁷⁸ Conf. NOTS 8, p.15-16.

¹⁵⁷⁹ Idem, p.23.

¹⁵⁸⁰ M. Polak, 2000, p.313.

¹⁵⁸¹ Idem, p. 316; NOTS 8, p.71 e 77.

¹⁵⁸² F. Oswald, 1931.

¹⁵⁸³ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

Ol.146- Oleiro desconhecido- impressão grafomorfa.

O exemplar truncado apresenta apenas a parte lateral da “marca”, onde se divisam traços verticais colocados em paralelo, não se tendo conseguido repertoriar paralelo datado.

Ol.147 a Ol.149- Oleiros desconhecidos- impressões truncadas.

A impressão Ol. 147 apresenta-se de tal forma mutilada, que se conserva apenas um dos limites da zona mesial. Contudo, o tratar-se de um fundo de uma taça decorada do tipo Drag. 29, a que falta a ornamentação, possibilita a datação avançada.

Ol. 148, por sua vez, equivale a uma impressão em cartela retangular de ângulos arredondados, muito truncada na zona mesial e esquerda, ostentando o texto (...)OF, num fabrico também de La Graufesenque. Aposta numa tigela da forma Ritt.8, como o número anterior a sua cronologia é-lhe proposta em função da morfologia do vaso, que não tivemos ocasião de analisar novamente¹⁵⁸⁴.

Também Ol.149, aplicado num prato com a mesma origem, foi antes publicado e classificado¹⁵⁸⁵, mas neste caso fez-se o respetivo decalque. Trata-se de uma cartela com o mesmo formato, de que apenas se conservou uma das extremidades e o carater S, sendo impossível discernir se se trata do início ou do fim de um texto inviabilizando a atribuição a um oleiro.

Ol. 136	La Grauf.	Drag. 33	G.1	<i>Bassus ii</i>	OF BASSI	4d	45 - 70 d.C.	
Ol. 137	La Grauf.	Drag. 15/17	G.1	<i>Cantus i</i>	CAN(...)	-	30 - 55 d.C.	
Ol. 138	La Grauf.	Drag. 33	G.1	<i>Lucius Cosius Virilis</i>	OF L C VIRILI	12c	80 - 100 d.C.	
Ol. 139	La Grauf.	Drag. 33	G.1	<i>Dario = Darionus</i>	DARIO	2_a	55 - 75 d.C.	
Ol. 140	La Grauf.	Tigela	G.1	<i>Felicio i</i>	FELICI	7-a	70 - 85 d.C.	
Ol. 141	La Grauf.	Ritt. 8	G.1	<i>Felix i</i>	FELICIS[MA]	24a'	55 - 70 d.C.	
Ol. 142	La Grauf.	Tigela	G.1	<i>Rufinus ii</i>	RVFINVS	3a	40 - 50 d.C.	
Ol. 143	La Grauf.	Drag. 27	G.1	<i>Rufinus iii</i>	(...)ERVFN	4c'	55 - 80 d.C.	
Ol. 144	La Grauf.	Drag. 15/17	G.1	<i>Sabinus iii</i>	SABINI	-	60 - 75 d.C.	
Ol. 145	La Grauf.	Drag. 27	G.1	<i>“Salue tu” = Saluetus</i>	SALVE TV	Vechten S23	40 - 60 d.C.	n.i.
Ol. 146	La Grauf.	Tigela	G.1	Ol. Desc.- grafomorfa	AIISII	-	-	

¹⁵⁸⁴ Publicado em Idem.

¹⁵⁸⁵ Idem.

Ol. 147	La Grauf.	Drag. 29	G.1	Ol. Desc.	(...)	-	30 - 85 d.C.	
Ol. 148	La Grauf.	Ritt. 8	G.1	Ol. Desc.	(...)OF	-	30 - 80 d.C.	n.i
Ol. 149	La Grauf.	Prato	G.1	Ol. Desc.	(...)S ou S(...)	-	-	

Figura 40- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” em produção gálica recolhidas na I.A.U. do Claustro da Sé- 1990-2011.

8.2.8.2.3. Produções hispânicas

Ol. 150- *Aemilius Maternus* (Bustamante 473).

A presente “marca” hispânica foi publicada em 2005¹⁵⁸⁶, com base na observação direta efetuada antes, que agora se revelou inviável. Trata-se de uma cartela retangular de cantos arredondados de que se conservou apenas a parte direita com o texto (...)AT, com paralelo exato em exemplares de Valência¹⁵⁸⁷ e *Volubilis*¹⁵⁸⁸, também colocada no fundo interno de uma tigela da forma Drag.27.

Oleiro riojano de escassa produção, na medida em que se lhe assinalam apenas os dois paralelos mencionados, terá laborado durante a época flávia.

Ol.151- *Agileius* (Bustamante 474).

Fabricante de loiça lisa de La Rioja, teve atividade em Trício e El Quemao¹⁵⁸⁹, tem uma difusão fora da área produtiva que abrange o Marrocos atual, em *Sala* (3x) e *Chelah* (1x)¹⁵⁹⁰, estando previamente já documentado em Lisboa¹⁵⁹¹

No caso presente, trata-se de novo punção, inferência obtida a partir do repertório de textos, onde sempre se verifica o emprego da fórmula EXOF, o que aqui não acontece. O tipo de texto, dada a sua proximidade com os modelos de inspiração gálicos, sugere uma cronologia flávia, o que está de acordo com a boa qualidade do revestimento que ostentam as paredes do recipiente.

Ol.152- *LCA* (Bustamante 497).

O oleiro bético utiliza cartelas muito originais, de *tabella ansata* esquemática inserida num rectângulo alongado de cantos arredondados, que outrora Françoise Mayet invocou para defender a sua inspiração gálica e datação aproximada do protótipo dos

¹⁵⁸⁶ Idem.

¹⁵⁸⁷ A. Ribera i Lacomba, 1981, p.233, fig.12, n.º14.

¹⁵⁸⁸ J. Boube, 1965, p.125, n.º6; M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.473.

¹⁵⁸⁹ Idem, p.474; M.P.Sáenz Preciado, 2000.

¹⁵⁹⁰ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.474.

¹⁵⁹¹ Vide *supra*, apartado respetivo, Ol.36.

punções de desenho também original de *Lucius Cosius Virilis*¹⁵⁹², rufo que produziu entre 75 e 110 d.C.¹⁵⁹³ O modelo patente na Sé tem paralelo apenas no próprio centro oleiro de Andújar¹⁵⁹⁴ e em *Volubilis*¹⁵⁹⁵, embora vasos seus estejam presentes também em Banasa e Sala¹⁵⁹⁶.

Ol.153- Caius Lucius (uel Lucretius) (Bustamante 503-506).

Fabricante triciense de capacidade produtiva relevante, Macarena Bustamante conseguiu fixar a sua cronologia a partir dos dados da «Calle Almendralejo n.41», em Mérida, entre 85 e 100 d.C., ocorrendo em contextos de 80-90 d.C. e de inícios de época trajânea¹⁵⁹⁷.

A impressão tem apenas paralelo exato com este tipo de interpunção num exemplar de Numância publicado por V.Romero Carnicero¹⁵⁹⁸, muito embora os seus vasos atinjam em quantidade numerosos sítios do Norte de África e também Valência, *Baelo Claudia*, Rio Tinto, Herdade do Reguengo, Ponte de Sôr, a *uilla* de Doña Maria (Badajoz), Mérida, Conímbriga, Capárta, Alcalá de Henares, Padilla del Duero, Leão, Astorga, *Complutum*, Segóbriga e Mave (Cantábria)¹⁵⁹⁹.

Ol.154 a Ol.157- Oleiros desconhecidos-impressões truncadas.

O exemplar Ol. 154 conserva apenas a extremidade esquerda de uma cartela retangular de cantos retos. O texto, muito erodido, mostra caracteres muito finos e de pequena dimensão, onde se lê com o auxílio de luz rasante mas sem dificuldade OF(...). A inspiração gálica parece, portanto, evidente. Contudo, as características da pasta e revestimento remetem o vaso inquestionavelmente para Andújar, mostrando o que José Carlos Quaresma qualificou como fabrico do “Grupo 4”, iniciado com os Flávios e que perdurou ao longo de toda a laboração¹⁶⁰⁰.

Ol.155 corresponde ao fundo de uma taça riojana, provavelmente Drag. 27, que mostra uma impressão só parcialmente executada, portanto ilegível.

¹⁵⁹² F. Mayet, 1984, tipo 7.

¹⁵⁹³ NOTS 7, p. 141.

¹⁵⁹⁴ M. Roca Roumés, 1976, p. 20-21.

¹⁵⁹⁵ F. Mayet, 1984, p.143, n.º 286; M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.497.

¹⁵⁹⁶ Idem.

¹⁵⁹⁷ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p. 680 e 759, fig. 331, onde a autora, inadvertidamente, o nomeia *Calvo*.

¹⁵⁹⁸ V. Romero Carnicero, 1985, fig. 99, n.º 974; M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.505.

¹⁵⁹⁹ Idem, p. 503-506. Um outro exemplar, provavelmente de Coimbra ou Conímbriga, conserva-se no Museu Machado de Castro- Conf. F. Mayet, 1984, p.126.

¹⁶⁰⁰ J.C.Quaresma, 2008, p.483 e 486.

Ol.156 equivale a outra impressão truncada, publicada em 2005¹⁶⁰¹ e que não foi possível reexaminar. Tratava-se de outra tigela Drag.27, desta feita andujarina, que mostrava no fundo interno uma impressão retangular de cantos arredondados, fraturada à esquerda, com o texto OF P(?) (...). A dúvida acerca do caráter que se segue à fórmula inicial impede a adscrição a um dos artesãos béticos.

Ol. 150	La Rioja	Drag. 27	H.1	<i>Aemilius Maternus</i>	(...)AT	Mezq. 9	70 - 100 d.C.	n.i.
Ol. 151	La Rioja	Drag.27	H.1	<i>Agilleius</i>	OF AGIL	-	70 - 100 d.C.	
Ol. 152	Andújar	Drag. 27	H.3	<i>L.C.A.</i>	IIXOF LCA	Boube 125- n.º6	75 - 110 d.C.	
Ol. 153	La Rioja	Drag. 27	H.2	<i>Caius Lucius</i> ou <i>Lucretius</i>	C.ALVO	705	85 - 100 d.C.	
Ol. 154	Andújar	Drag. 27	H.3	Ol. Desc.	(...)I OF (retro)	-	70 - 120 d.C.	
Ol. 155	La Rioja	Drag. 27	H.1	Ol. Desc.	Ilegível	-	-	
Ol. 156	Andújar	Drag. 27		Ol. Desc.	OF P(?) (...)	-	-	n.i.

Figura 41- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânicas recolhidas na I.A.U. do Claustro da Sé- 1990-2011.

8.2.8.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

O momento atual da investigação sobre o importante ponto arqueológico da cidade não permite, ainda, a desejável articulação entre os elementos contextuais de cronologia romana identificados no espaço com a informação proporcionada pelas “marcas de oleiro” na *terra sigillata*.

Apesar da observação produzida, já anteriormente com base no conjunto das impressões estudadas até 2005 havia sido possível formular algumas hipóteses de leitura do seu significado no âmbito da urbanística romana dos Claustros da Sé¹⁶⁰², imagem não alterada pelos elementos aduzidos pela continuação dos trabalhos.

Ressalta, nos elementos oriundos da Catedral, a presença largamente maioritária de elaborações de modo itálico face à escassa representatividade atingida pelos exemplares gálicos e hispânicos, característica que apresenta óbvias similitudes com os perfis obtidos no Teatro Romano¹⁶⁰³, devendo-se colocar este dado em relação com o

¹⁶⁰¹ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹⁶⁰² Idem, p.281-285.

¹⁶⁰³ Vide apartado próprio, *supra*.

momento de instalação do urbanismo alto-imperial da zona, genericamente tardo-augústeo e tibério.

No mesmo sentido, os indicadores da Sé apresentam um crescimento inicial das importações mais pronunciado a partir do intervalo de 15-10 a.C. e uma quebra sensível a partir da mudança da Era, contínua e paulatina até 25 d.C., sendo menos provável a atestação aqui pelas “marcas de oleiro” da importação de produtos itálicos a partir daquela data, não denunciando aliás os valores de impressões pertencentes a vasos marcados com esta origem após 35 d.C., tipo de curva de frequências que deverá apontar para os momentos precisos em que decorreram as campanhas de obras públicas e privadas do espaço de maior dimensão.

A utilização urbana do espaço, que seguramente prosseguiu, implicou modelos de descarte dos resíduos sólidos noutras zonas suburbanas da cidade, não favorecendo, por isso, a acumulação no local de *terra sigillata* com cronologias ulteriores. Pode, por hipótese, explicar-se a atestação dos vasos gálicos com cronologias exclusivamente cláudias (Ol.136, Ol.137, Ol.142 e Ol.145), como cumulativa ou alternativamente dos gálicos e hispânicos encerrando datações estritamente flávias ou ligeiramente posteriores (Ol.138, Ol.140, Ol.150 a Ol.153), através de campanhas de renovação urbana dos espaços privados que ladeiam o *cardine*, de repavimentações desta artéria¹⁶⁰⁴, ou da instalação da cloaca patenteada pelos trabalhos arqueológicos no local.

8.2.9. Palácio dos Condes de Coculim/”Casa Sommer” (Sé, Lisboa)- Ol. 157.

O espaço dos antigos armazéns da casa comercial Sommer resulta da adaptação de um palimpsesto de construções, na sua maioria anteriores aos cataclismos de 1755 e alterações posteriores produzidas no quadro da reconstrução setecentista. Após décadas de abandono, o vasto espaço foi adquirido por particulares com a finalidade de ali instalar uma unidade hoteleira. Esta pretensão motivou duas campanhas de trabalhos em 1998 e 2004, dirigidas por Ana Gomes enquanto arqueóloga da administração central, resultando da mais recente, que incidiu sobre áreas de grande amplitude, a recolha e detecção de um dos mais significativos e expressivos conjuntos de realidades arqueológicas da cidade de Lisboa, quer em termos científicos quer patrimoniais.

¹⁶⁰⁴ De notar que o exemplo de Mérida demonstrou que os pavimentos dos arruamentos da capital lusitana foram primeiramente em terra batida, só muito ulteriormente substituídos por tabuleiros de lajeado de pedra- Conf. F.G.Rodríguez Marin, 2004.

Voltado à Ribeira, alguns dos elementos arquitectónicos notáveis correspondem ao antigo Palácio dos Condes de Linhares, depois passado aos de Coculim. O conjunto seiscentista sucedeu ao edifício original, datado de finais do séc.XV-inícios do séc. XVI, construído de encontra os restos dos paramentos meridionais da muralha medieval conhecida como «Cerca Velha» ou «Moura»¹⁶⁰⁵, tendo as intervenções arqueológicas revelado vestígios monumentais dos antigos espaços palatinos¹⁶⁰⁶.

A fisionomia atual das construções resulta de uma profunda reformulação de vários prédios adquiridos para configurar os amplos espaços industriais dos armazéns de ferro, utilização que deteve até à década de 50 do século XX¹⁶⁰⁷ e que provocou a obliteração de muitas evidências das ocupações de Época Moderna e anteriores.

Na medievalidade, antes da urbanização do exterior à «Cerca Velha», esta área da «Ribeira» era conhecida como «Praia do Furadoiro» e abarcava uma das portas da estrutura defensiva, referenciada na documentação como “*Porta do Furadoiro*”, depois “Arco de Jesus”, sua designação atual¹⁶⁰⁸.

Durante o domínio islâmico de Lisboa, o vão mencionado já estaria em funcionamento, e as características do seu entorno permitem defender a sua correspondência com a “*Porta do Mar*” mencionada nos textos árabes¹⁶⁰⁹.

No interior do perímetro muralhado os trabalhos arqueológicos identificaram restos de habitações, uma das quais conservando o pátio, e uma cisterna com poço de acesso, que reutilizou uma construção romana¹⁶¹⁰.

Do conjunto de vestígios urbanísticos de época romana destaca-se, claramente, o troço de muralha romana que delimitava a cidade na sua zona meridional. Objeto de uma primeira apresentação por Alexandra Gaspar e Ana Gomes, compunham-no duas estruturas maciçadas, adossadas, de distintas cronologias sendo a mais antiga alto-imperial depois espessada no Baixo-Império através do encosto de um outro maciço¹⁶¹¹ por forma a conferir-lhe uma espessura mais consentânea com o carácter defensivo e militar das construções deste tipo e deste período, ocorrência arqueológica com múltiplos paralelos na Hispânia¹⁶¹².

¹⁶⁰⁵ A.V. Silva, 1987.

¹⁶⁰⁶ A. Gomes e A. Gaspar, 2007, p. 689.

¹⁶⁰⁷ Idem.

¹⁶⁰⁸ A.V. Silva, 1986.

¹⁶⁰⁹ Idem,

¹⁶¹⁰ Informações amavelmente facultadas por Ana Gomes, a quem se agradece aqui para se agradecer a sua cedência.

¹⁶¹¹ A. Gomes e A. Gaspar, 2007, p.690 e segs.

¹⁶¹² A.D. Man, 2008.

O achado daquele elemento Alto-imperial veio corroborar a hipótese da existência de um perímetro muralhado com essa cronologia em Lisboa antes avançada por Jorge de Alarcão¹⁶¹³, encerrando significado profundo para a leitura da cidade, ao comprovar a distinção estabelecida nos inícios do Império entre áreas funcional, ritual e simbolicamente diferenciadas¹⁶¹⁴. No interior do *pomerium* assim definido foi achada uma estrutura coberta por abóbada de berço, que Gomes e Gaspar interpretam dubitativamente como criptopórtico transformado em época possivelmente tardo-romana como cisterna¹⁶¹⁵.

Duas outras estruturas foram reveladas no local, uma das quais seguramente hidráulica e tardia, equivalente a um fontenário, instalado sobre o lajeado de um *cardine*¹⁶¹⁶, elemento viário mais antigo em que o piso sofreu sucessivas reformas até momentos avançados do séc. VI d.C.¹⁶¹⁷

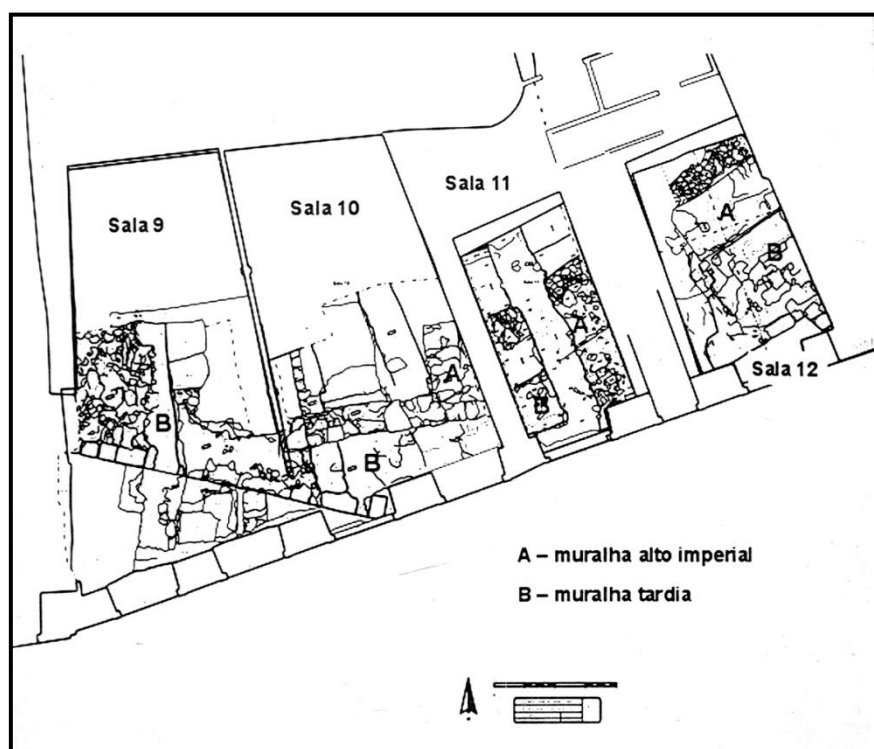


Figura 42- Planimetria das muralhas romanas reveladas pela I.A.U. da antiga Casa Sommer (seg. A. Gomes e A. Gaspar¹⁶¹⁸).

¹⁶¹³ J. Alarcão, 1994, p.58.

¹⁶¹⁴ R.B. Silva, 1997, 1999, 2005, 2011.

¹⁶¹⁵ A. Gomes e A. Gaspar, 2007, p. 689.

¹⁶¹⁶ Idem.

¹⁶¹⁷ Do conjunto de materiais anfóricos articulados com estas reformulações, e que proporcionaram a aferição destas cronologias, foi apresentada uma comunicação oral por Carlos Fabião e João Pimenta ao Colóquio «A navegação na Costa Atlântica em Época Romana» (Peniche, 16-18 de Novembro de 2006)», alvo de publicação *on-line* que a edilidade de Peniche persiste em não disponibilizar por razões que se desconhece.

¹⁶¹⁸ A. Gomes e A. Gaspar, 2007, p.691, fig. 6.

Importa referir que o traçado do troço da muralha Baixo-Imperial, identificado ao longo de 20m de extensão, acompanha o alinhamento anterior apenas ao longo dos 10m mais orientais, obliterando-o depois, pelo que forçosamente a coincidência de ambos não será global ao longo dos respetivos trajetos. O único elemento coletado que faculta a sua datação, um fragmento de parede de uma forma Hayes 67 em *terra sigillata* clara africana sob a cimentação¹⁶¹⁹, remete para um lapso temporal entre a segunda metade do séc.IV e a segunda metade do séc. V d.C., podendo traduzir reformulações ocorridas no Baixo-Império ou Antiguidade Tardia.

8.2.9.1.Enquadramento do Conjunto.

A muralha Alto-imperial identificada na «Casa Sommer» foi instalada numa plataforma do substrato geológico, aproveitando um socalco para o seu assentamento.

Contudo, as escavações dirigidas por Ana Gomes identificaram uma bolsa de colmatação junto ao paramento do alicerce interior, preenchido por quatro unidades estratigráficas formando um pouco mais de 1m de potência, contendo espólio abundante depositado conjuntamente com um enrocamento pétreo, formação originada pelos trabalhos de edificação¹⁶²⁰.

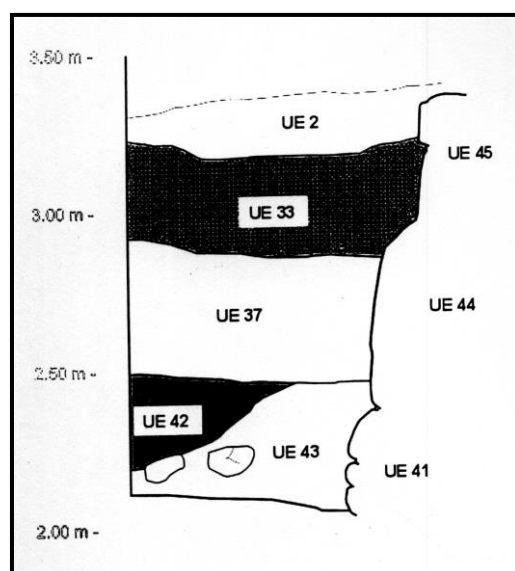


Figura 43- Perfil estratigráfico do enchimento interior (U.E. 33, 37, 42 e 43) da estrutura negativa no interior do troço do alicerce da muralha do Alto Império (U.E.s 41, 44 e 45) da «Casa Sommer» (segundo A.Gomes e A. Gaspar¹⁶²¹).

¹⁶¹⁹ Idem, p.694.

¹⁶²⁰ Idem, p.691-694.

¹⁶²¹ Idem, p.691, fig.8.

Não parecendo importante no quadro presente descriminar a descrição exaustiva dos elementos datantes produzida por Gaspar e Gomes, deverá destacar-se da panóplia de materiais anfóricos (bojos de ânforas itálicas, béticas e lusitanas, bordos e fundos de Dressel IC, Dressel 7/11, Maña C2b e Haltern 70), cerâmica de paredes finas (Mayet XXXVII, paredes com decoração arenosa, “encrespada” e de vasos “tardo-republicanos”), «cerâmica de engobe vermelho pompeiano» (três exemplares do tipo Oberaden 21 reconhecidos), lucernas (de dupla voluta), cerâmica comum bética (um pratel) e exclusivamente fragmentos de *terra sigillata* sudgálica e itálica, um dos quais contendo “marca de oleiro”¹⁶²².

8.2.9.2. *Produções Atestadas*

Do conjunto de *terra sigillata* recolhido nas intervenções arqueológicas da «Casa Sommer» foram dados a conhecer os elementos utilizados para estabelecer a cronologia de instalação do troço de muralha Alto-imperial romana.

Como antes se fez menção, neste contexto estavam presentes produções sudgálicas e itálicas, tendo sido feita menção à presença das formas Consp.22, 22.1.4, 12, 18.2, 20, 20.3 e cálice de copa hemisférica, numa produção atribuída a *Cneus Ateius* ou *Cneus Ateius Xanthus*¹⁶²³. Na realidade, o fragmento de prato do tipo Consp.20.3 ilustrado, decorado com espiral aplicada na face externa do bordo e com a face interna desprovida de caneluras¹⁶²⁴, corresponde antes ao tipo 20.4, morfologia que lhe sucede a partir de cerca de 30 d.C.¹⁶²⁵. Esta circunstância assume algum significado cronológico dado as autoras referirem a presença de *sigillata* sudgálica, que infelizmente não caracterizam, embora permaneça como admissível a proposta avançada de uma datação de finais do principado de Tibério para a formação do contexto¹⁶²⁶.

8.2.9.2.1. *Produções Itálicas*

A única “marca de oleiro” conhecida da intervenção arqueológica corresponde a um exemplar itálico estudado por Alexandra Gaspar e Ana Gomes, de que foi publicado

¹⁶²² Idem, p.692-693.

¹⁶²³ Idem, p. 692-693 e fig. 10, n.ºs 1-6.

¹⁶²⁴ Idem, p.692, fig. 10, n.º 2.

¹⁶²⁵ *Conspetus*, p. 86.

¹⁶²⁶ A.Gomes e A.Gaspar, 2007, p.693.

o respetivo desenho do suporte e impressão a uma escala de trabalho que não permite a sua utilização¹⁶²⁷.

Ol. 157- *Camurius* (OCK 514).

Oleiro ativo em Arezzo, tem produção assinada com *Vmbricius Cordus* nos fornos deste em Torrita di Siena¹⁶²⁸.

Camurius mostra uma dispersão dos vasos com a sua assinatura fora da Península Itálica onde a presença no Mediterrâneo Oriental é importante, contando com atestações em Alexandria (12x), Naukratis (1x), Jerusalém (2x), Esmirna (2x), Cnossos (1x), Samos (1x), Olímpia (4x), Atenas (14x), Corinto (31x) e Argos (2x). A sua difusão na área central mediterrânica e africana é também significativa, nomeadamente em Siracusa (1x), Suasa (1x), Cartago (9x), Sousse (3x), Tipasa (1x), Berenice (4x), Sabratha (1x) e Cherchel (9x), surgindo com menor expressão na Hispânia, em Tarragona (4x), Ampúrias (3x), Elche (2x), Alicante (2x), Córdoba (2x), *Baelo Claudia* (1x), Mérida (1x) e Varea (2x). Por sua vez, os achados de Magdalensberg (11x) e Aquileia (8x)¹⁶²⁹ sugerem um fluxo através do Adriático.

No geral, a orientação dos mercados do oleiro apresenta-se muito centrada no Mediterrâneo, estando apenas atestado por duas vezes em Fréjus.

Ol. 157	Arezzo e Torrita di Siena	Taça troncocónica		<i>Camurius</i>	(...)VRI	-	30-70 d.C.	n.i.

Figura 44- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” itálica da Antiga Casa Sommer.

8.2.9.3. Contributo da “marca de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

Em função do comentário de precisão tipológica produzido para o prato acima aludido, e das indicações cronológicas proporcionadas pela impressão de *Camurius*, poderá avançar-se com uma data seguramente posterior a 30 d.C. para a construção deste troço da estrutura perimetral urbana de *Olisipo*.

¹⁶²⁷ A este facto são as autoras alheias, como puderam explicar pessoalmente. Ana Gomes, responsável pelos trabalhos, cedeu os desenhos em formato digital mas a resolução revelou-se insuficiente para que os pudéssemos utilizar. De igual forma esclareceu, em ocasiões sucessivas, que o acesso aos espólios estava condicionado por circunstancialismos internos da agora extinta Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, em cujas instalações se encontram, por isso não tendo sido possível aceder aos mesmos.

¹⁶²⁸ G.Pucci, 1992.

¹⁶²⁹ OCK-CD.

8.2.10. Travessa do Chafariz d'el Rei/ Palácio dos Marqueses de Angeja (Sé, Lisboa)- Ol. 158-Ol. Ol. 161.

O conjunto edificado do Palácio dos Marqueses de Angeja localiza-se junto ao lanço oriental da muralha medieval e tardo-romana, para sul da sua antiga “*Porta de Alfama*”, já mencionada nos textos árabes medievais¹⁶³⁰.

Correspondente a um complexo de edifícios com fachada para três arruamentos, a Travessa do Chafariz d'El Rei, o Beco do Chafariz d'El Rei e a Rua de São João da Praça, originalmente equivalia ao palácio seiscentista dos Marqueses de Angeja. Profundamente afetado pelo cataclismo de 1755, as áreas palacianas remanescentes foram adaptadas e reutilizadas desde a segunda metade do séc. XVIII para arrendamento. Noutros casos, os espaços foram muito adulterados posteriormente, tendo a fachada para a Rua de São João da Praça sido alvo de um tratamento tipicamente oitocentista, com revestimento azulejar integral e cimalha de balaústre com elementos ornamentais cerâmicos.

Como o conjunto a norte envolve a mãe-d'água setecentista do Chafariz d'el Rei, formando um pequeno largo, os problemas de instabilidade daquela estrutura hidráulica iriam colocar em risco a envolvente, razão pela qual o conjunto construtivo foi alvo de um programa de reabilitação por parte do extinto Gabinete Técnico de Alfama da Câmara Municipal de Lisboa.

Seria nessa sequência que foram programados trabalhos arqueológicos, tendo sido realizada em 2002 a peritagem de sondagens geotécnicas e, em 2004, uma primeira fase de escavação dirigida por Manuela Leitão e Vítor Filipe, equivalente à abertura de sondagens de diagnóstico em diversos pontos.

8.2.10.1. Enquadramento do Conjunto.

As campanhas arqueológicas apenas revelaram numa das sondagens no espaço mais a norte estruturas romanas, no caso uma parede e arranque da abóbada de uma cisterna, forrada interiormente a *opus signinum* coberto por uma espessa camada de cálcio¹⁶³¹ resultante do carácter calcário das águas locais.

¹⁶³⁰ A.V.Silva, 1987.

¹⁶³¹ Informação oral de Manuela Leitão.

Já na área confinante com a Travessa do Chafariz d'el Rei, foram abertas em 2004 as sondagens 1, 2-4 e 3, tendo-se registado em todas elas níveis romanos e da Idade do Ferro¹⁶³².

A sondagem 1 revelou uma estrutura de cronologia romana republicana, a U.E. 58, tendo-se recolhido apenas cerâmica de Época Alto-Imperial em deposição secundária, em U.E.s de cronologia medieval e posterior.

Na sondagem 3, apenas se exumaram depósitos com datações do âmbito que interessa ao presente trabalho, com escasso espólio contextualizado.

A unidade de maior interesse é a sondagem 2-4, onde foi detetado um troço de muro em alvenaria (U.E.180), ao qual estava associado o depósito U.E. 175, a estrutura de combustão U.E.173 e, sobrepostas a esta, as U.E.s 166 e 174, todas elas de cronologia alto-imperial¹⁶³³, com os depósitos a remobilizar abundantes elementos materiais anteriores datáveis dos séculos VII ao I a.C.

8.2.10.2. *Produções atestadas.*

O conjunto de *terra sigillata* era quantitativamente muito limitado, não tendo sido assinalada a recolha de elementos de produção africana. A este aspeto poderá ser atribuído algum significado, na medida em que a estrutura romana revelada na sondagem 2-4 pouco sobreviveu aos revolvimentos posteriores, tendo-se conservado apenas os níveis de preparação para a instalação da urbanística do séc.I d.C. do local.

8.2.10.2.1. *Produções Itálicas*

Ol.158- C. Gaius (2) (OCK 869).

Caius Gaius (2) é um oleiro aretino de média capacidade de compulsão de vasos, denunciada pela produção também de louça decorada (OCK 868), que desenvolveu os seus fabricos entre a mudança da Era e o final do principado de Tibério, mas no essencial elaborou com Augusto, considerando que apenas cinco dos seus vinte e quatro modelos conhecidos de punções assumiram a forma *in planta pedis*¹⁶³⁴.

A impressão presente, inscrita numa cartela losangular cantonada por pontos, mostra o texto C.CAV, sendo comum no oleiro a grafia do G como C cuidado, como se verifica. Trata-se de um modelo até agora desconhecido, que se vem portanto

¹⁶³² F.R.Madeira, 2006. Aproveita-se o ensejo para agradecer ao autor e ao seu orientador o acesso às informações constantes deste trabalho.

¹⁶³³ Idem, página não numerada.

¹⁶³⁴ OCK, p. 231-232.

acrescentar a um repertório diversificado que inclui, na fase tardo-augústea, cartelas circulares, ovais com espiga e em *tabella ansatta*. A modelação da taça troncocónica concorda com este entendimento cronológico, equivalendo ao tipo Consp.22.5.1, que mostra a tendência de simplificação do tratamento interno do bordo, num processo de transição que concluirá por dar origem à forma Consp.23¹⁶³⁵, aqui bem patente.

Como apontamento, merece menção o vaso, em bom estado de conservação, apresentar inscrito na parede externa do fundo um grafito com a forma de um ferro de embarcação, o que não pode deixar de se colocar em relação com o ambiente portuário de *Olisipo*.

Ol.159- Zoilus = Cneus Ateius Zoilus (OCK 2544).

Prolífico artesão que operou em Pisa a partir da deslocação do seu *dominus* cerca de 5 a.C., com um núcleo restrito de libertos dirigiria as olarias ateianas a partir de uma data ainda não totalmente esclarecida dentro das duas primeiras décadas do séc.I d.C.

1636

O exemplar coletado em Alfama, apostado no fundo interno de um prato, está truncado de forma longitudinal, sendo porém possível reconhecer o texto retrógrado inscrito numa cartela retangular de uma só linha. Torna-se, porém, difícil estabelecer o paralelo exato, pelo que se deverá considerar como integrando o grupo de “marcas” com estas características repertoriadas pelo OCK sob os números 41 a 44¹⁶³⁷.

Ol.160- Oleiro desconhecido-impressão truncada.

A “marca” resume-se à extremidade digital de uma cartela *in planta pedis*, colocada no fundo interno com a morfologia Consp.B.4.13, modelação típica da forma Consp.23¹⁶³⁸, no que concorda com uma datação tibéria ou posterior para o vaso.

As características de pasta e revestimento observáveis remetem o fabrico para a zona central da Itália.

Ol. 158	Arezzo	Consp. 22.5.1	It.1	<i>C.Gaius (2)</i>	C.CAV	nova	1-15 d.C.	
Ol. 159	Pisa	Prato	It.2	<i>Zoilus = Cneus Ateius Zoilus</i>	ZOILI (retro)	2544. 41-44	1 d.C.-40 d.C.	

¹⁶³⁵ *Conspetus*, p. 90.

¹⁶³⁶ P.Kenrick,1997.

¹⁶³⁷ OCK, p. 510-511.

¹⁶³⁸ *Conspetus*, p. 162.

Ol. 160	Itália Central	Consp. B.4.13	It.1	Ol. Desc.	(...)		+ 15 d.C.	

Figura 45- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas recolhidas na I.A.U. do Palácio dos Marqueses de Angeja– 2004.

8.2.10.2.2. *Produções Gálicas*

Ol.161- Oleiro desconhecido-impressão truncada.

O exemplar em apreciação mostra-se muito truncado, conservando hastes de duas letras que restituímos (...)CV (retro). Embora seja tentador relacionar este limite de cartela e respetivo texto com alguns oleiros, com saliência para o ruteno *Iucundus*, outras hipóteses seriam de igual forma admissíveis, como um dos *Secundi* do mesmo centro oleiro, pelo que se optou por não apresentar uma atribuição que resultaria incerta e forçada.

O fragmento do prato do tipo Drag.18, em fabrico de La Graufesenque, mostra a ausência de canelura na distinção entre a parede do fundo e a copa do bordo, o que poderia ser entendido como indicador de modernidade, mas o perfil delgado das paredes e do pé poderiam ser invocadas em sentido contrário, pelo que se propõe uma cronologia baseada nesta aparente ambiguidade da modelação do vaso.

Ol. 161	La Grauf.	Drag. 18	G.1	Ol. Desc.	(...)CV (retro) (?)	-	20 - 80 d.C.	

Figura 46- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica recolhida na I.A.U. do Palácio dos Marqueses de Angeja– 2004.

8.2.10.3. *Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.*

As duas “marcas de oleiro” itálicas Ol.158 e Ol.160 foram recolhidas na unidade estratigráfica 175 da «Sondagem 2/4», depósito associado à instalação de um muro em sólida alvenaria que estabelece a ruptura com os escassos elementos urbanísticos anteriores identificados neste setor da escavação, dotados de distinta orientação¹⁶³⁹. Tendo-se recolhido apenas *terra sigillata* itálica neste depósito¹⁶⁴⁰, é possível, por consequência, fixar o período do principado de Tibério como o da acção edificadora da estrutura.

Ol. 159 foi recolhida desprovida de contexto na «Sondagem 2», sendo resultante da “limpeza do corte sul”, pelo que a sua utilidade para a caracterização contextual é

¹⁶³⁹ F.R. Madeira, 2006.

¹⁶⁴⁰ Idem.

limitada. Contudo, e em função do enquadramento dos dois exemplares anteriores, poderá ter integrado a mesma unidade.

A única impressão gálica detetada na Travessa do Chafariz d'el Rei foi coletada na unidade estratigráfica 172 da «Sondagem 2/4», equivalente ao período posterior ao da utilização da estrutura romana alto-imperial antes mencionada, podendo a sua presença dever-se à remobilização de depósitos mais antigos, próximos.

8.2.11. Rua de São João da Praça-Via Pública (São Miguel, Lisboa)- Ol. 162- Ol. 164.

A artéria com o nome em epígrafe equivale a uma formulação urbanística resultante de sucessivas alterações ocorridas desde momentos que hoje se podem situar na Época Romana até à atualidade.

A designação atual remete para o templo cristão que ainda hoje marca o espaço e a configuração dos edifícios de uma boa parte do troço mais ocidental ostenta uma fisionomia “pombalina”, dado tratar-se de uma parcela da parte baixa de Lisboa incluída nos planos de reconstrução que se seguiram a 1755. Contudo, a partir da zona da referida Igreja, a paisagem mostra reminiscências de edifícios mais antigos, total ou parcialmente sobreviventes ao cataclismo, como construções de fachada mais recente, oitocentista, característica própria desta zona do bairro de Alfama.



Figura 47- Imagem dos trabalhos na Rua de S.João da Praça em 2001, vendo-se em primeiro plano o pano e arranque de torreão (segundo João Pimenta, Marco Calado e Manuela Leitão¹⁶⁴¹).

¹⁶⁴¹ J. Pimenta *et al.*, 2005, p.318, fig.7.

De há muito era conhecida a localização, no troço oriental da Rua de São João da Praça, dos restos de uma das antigas portas da muralha conhecida como “Cerca Velha” ou “Moura”¹⁶⁴², referenciada nos textos árabes medievais. Trabalhos arqueológicos preventivos desencadeados pela renovação de esgotos situados a grande profundidade, desenvolvidos sob a direcção de Manuela Leitão em 2001, iriam proporcionar a detecção das estruturas que ladeavam este vão, nomeadamente o arranque de um torreão semicircular de grande diâmetro, paramentado no exterior a bem esquadrihada silharia calcária. O estudo desta estrutura iria permitir, pela primeira vez em Lisboa, confirmar a origem romana Baixo-Imperial deste troço da estrutura defensiva medieval, cujo traçado ficou assinalado no pavimento atual do arruamento.

O Projeto Integrado de Estudo e Valorização da Cerca Velha de Lisboa, lançado posteriormente em 2009 pelo Museu da Cidade, iria considerar a abertura de duas sondagens tentando identificar zonas não antes reconhecidas do troço da muralha, objeto de escavação sob a direcção da mesma investigadora naquele ano.

8.2.11.1. *Enquadramento do Conjunto.*

Os trabalhos arqueológicos de 2001 permitiram reconhecer, para além da origem comprovadamente baixo-imperial da muralha, importantes contextos no interior e exterior do perímetro por ela definido.

Assim, no interior, e para além de elementos de cronologia medieval cristã, reconheceu-se uma sequência datada da Idade do Ferro e Época Republicana Romana, contendo materiais abundantes de bem definida cronologia, cerceada pela instalação da estrutura, cujos dados fundamentais foram já dados a conhecer por Manuela Leitão, João Pimenta e Marco Calado¹⁶⁴³ (vide *infra*, Figura 48).

Muito embora os autores não aflorem a matéria, subsiste a problemática questão de o embasamento interno da muralha, que pela observação direta parecia tratar-se de *opus caementicium*, cercear níveis com esta cronologia, o que pode assumir múltiplos significados, pois tanto se poderá com esta base pressupor uma datação alto-imperial para este elemento, significando assim estarmos perante a estrutura que se poderia designar como fundacional, como somente equivaler a um registo arqueológico baixo-imperial em que os níveis anteriores foram cerceados. De notar que do lado contíguo ao paramento externo foram reconhecidos contextos e recolhidos materiais alto-imperiais a

¹⁶⁴² A.V. Silva, 1987, p.162-166.

¹⁶⁴³ Idem.

uma cota bem inferior, denotando a existência de dois patamares de ocupação altimetricamente distintos. Terá sido também com estas questões em mente que o aludido projeto promoveu a abertura de duas sondagens na campanha mais recente. Contudo, os dados colhidos, por se referirem sobretudo ao registo externo da muralha, revelaram-se insuficientes para uma resposta categórica, e aguarda-se a publicação respetiva, que irá com certeza ser promovida dado o elevado investimento executado.

Merece uma menção especial, nos trabalhos desenvolvidos em 2009, a identificação de um piso de arruamento em lajeado adossado pelo paramento exterior do pano de muralha, os restos de um *cardine* com mesma orientação das estruturas romanas que se prolongam até às zonas mais a oriente de Alfama até ao Largo do Chafariz de Dentro, sob o qual foi detetada uma construção de drenagem hídrica, uma cloaca.

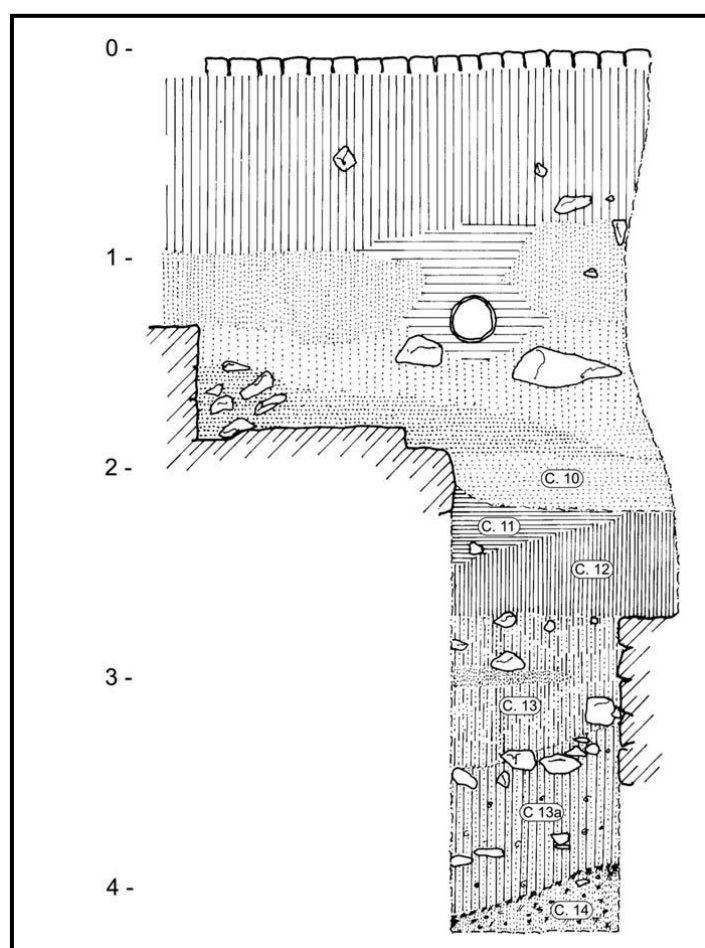


Figura 48- Perfil estratigráfico da zona do embasamento interno da muralha romana (segundo João Pimenta, Marco Calado e Manuela Leitão¹⁶⁴⁴).

¹⁶⁴⁴ J. Pimenta *et al*, 2005, p.316, fig.5.

8.2.11.2. *Produções atestadas.*

8.2.11.2.1. *Produções Itálicas*

Ol.162- *Eros* (5) (OCK 780).

O OCK dá o oleiro como fabricante de taças troncocóicas, que utilizou marcas bilíneas de formato retangular, grafando de forma bilingue, em latim e grego (EROS / EPOI), de localização incerta e operando a partir de 10 a.C.¹⁶⁴⁵

Ol.162 está apostado no fundo interno de uma taça da forma Consp.33.2, muito esvasada, de que se conserva a parte inferior do bordo, decorado a roletilha. A analogia visual da pasta e revestimento com os fabricos etruscos é evidente. Estas duas observações permitem afinar o conhecimento disponível acerca do artesão, dada a morfologia do vaso, que constitui uma novidade no seu curto repertório e que remete para uma elaboração etrusco-campana, dos finais do principado de Augusto a Tibério¹⁶⁴⁶.

No que respeita à impressão, a equivalência a 780.5 é perfeita na maior parte: a única divergência refere-se ao símbolo final da segunda linha, que OCK ilustra como um quadrado com traço interior. O bom estado da “marca” lisboeta, porém, não deixa margem para dúvidas, e permite rever a deficiente leitura, obtida através de um exemplar de Cartago, utilizada pelo OCK¹⁶⁴⁷¹⁶⁴⁸, talvez resultante do estado de conservação do objeto, e confirmar uma das hipóteses de transcrição considerada por Martina Hedding, FIICIIT. Para além do sítio norte-africano mencionado, produtos de *Eros* (5) são conhecidos através dos seus outros quatro punções em Lyon, nos contextos de 10 a 1 a.C. do «*Verbe Encarnée*», Mainz (3), Roma (2x), Tarragona (1x), Ampúrias (1x), Mérida (1x)¹⁶⁴⁹ e Lisboa, na Praça da Figueira (1x)¹⁶⁵⁰.

Ol.163- *Vrbanus* (1) (OCK 2258).

O fundo em causa equivale à morfologia Consp.B.3.2-3 de época médio/tardo-augústea e tibéria, associada aos tipos de taça/tigela Consp.7.2, 8.3,13,14 e raramente 22¹⁶⁵¹, forma de descartar no caso presente.

¹⁶⁴⁵ OCK, p. 317.

¹⁶⁴⁶ *Conspetus*, p. 110.

¹⁶⁴⁷ OCK-CD, vaso n.º 16436.

¹⁶⁴⁸ Baseada em notas de Martina Hedinger datadas de 1996- Conf. OCK-CD.

¹⁶⁴⁹ *Idem*.

¹⁶⁵⁰ R.B. Silva, 2005, p.112, n.º16. Conf. adiante apartado próprio, Ol. 252.

¹⁶⁵¹ *Conspetus*, p. 154.

A “marca” de *Vrbanus* (1), identifica o oleiro puteolano ativo a partir de inícios do séc. I d.C.¹⁶⁵², com paralelos exatos em Cartago (1x), *Lixus* (1x), Conímbriga (1x)¹⁶⁵³ e Lisboa, na Praça da Figueira (1x)¹⁶⁵⁴. A difusão dos seus vasos de outra forma marcados fora da Península Itálica abrange apenas o Teatro Romano de Lisboa¹⁶⁵⁵, reforçando assim a ideia de um curto momento de exportação desta olaria em direcção ao extremo ocidente hispânico.

Ol. 162	Etrúria	Consp. 33.2	It.2	<i>Eros</i> (5)	EROS (S retro) / FIICIT	780.5	10 - 20 d.C.	
Ol. 163	Putéolos	Consp. B.2.2-3	It.2	<i>Vrbanus</i> (1)	<u>VRBA</u>	2258.3	1- 15 d.C.	

Figura 49- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas recolhidas na I.A.U. da Rua de São João da Praça– 2001 e 2009.

8.2.11.2.2. Produção gálica

Ol.164- *Fortis i* (NOTS 4, 98-99).

Fortis i é artesão rutenos de muito escassa produção pois conhece-se-lhe apenas um tipo de punção, 1a, invariavelmente aplicado em pratos, Drag.15/17 ou 18¹⁶⁵⁶, e já documentado em Lisboa, na Rua das Pedras Negras¹⁶⁵⁷. Com paralelos em Bona, Mainz, Weisenau, Augsburg, Zwammerdam, Colchester, *Camulodunum*, Clermont-Ferrand e *Flauia Solua*, pela primeira vez se regista num local ibérico. Os achados do sítio militar holandês e de *Camulodunum* apontam para o lapso de tempo dentro do principado dos imperadores Cláudios¹⁶⁵⁸.

Ol. 164	La Grauf.	Tigela		<i>Fortis</i>	(...)TIS	1a	45 - 65 d.C.	

Figura 50- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica recolhida na I.A.U. da Rua de São João da Praça– 2009.

8.2.11.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

As intervenções executadas no subsolo da Rua de São João da Praça incidiram sobre dois segmentos do troço de muralha em funcionamento desde o Baixo-império

¹⁶⁵² OCK, p. 504.

¹⁶⁵³ OCK-CD, vasos n.ºs 21071, e 12876 e 4173, respetivamente.

¹⁶⁵⁴ Conf. adiante Ol. 251.

¹⁶⁵⁵ Vide supra comentários ao exemplar Ol.103.

¹⁶⁵⁶ NOTS 4, p.98.

¹⁶⁵⁷ Vide supra, no apartado próprio, o exemplar Ol.10.

¹⁶⁵⁸ NOTS 4, p. 99.

romano, tendo sido no exterior do espaço urbano assim delimitado que se coletaram os exemplares de vasos em *terra sigillata* conservando “marca de oleiro”.

No caso de Ol.162 e Ol.163, os ambientes em que foram exumados, respetivamente em 2009 e 2001, equivaliam depósitos associados a estruturas artesanais adossadas ao paramento externo, encerrando provável cronologia medieval islâmica.

Apenas Ol. 164, que integrava estratos sobrepostos por um piso de arruamento romano composto por lajeado, revelado em 2009, equivale a um elemento que facultava indicações cronológicas, ao remeter necessariamente a instalação daquele tipo de pavimento para um momento contemporâneo ou posterior aos Imperadores Julio-Cláudios.

8.2.12.Beco do Azinhal n.ºs 13-19 (São Miguel, Lisboa)- Ol. 165.

A intervenção arqueológica no local em epígrafe resultou de um projeto municipal de requalificação e reabilitação urbana de um conjunto de quarteirões situados próximo do Chafariz de Dentro, fontenário que remonta, pelo menos, à I Dinastia Portuguesa.

Um dos edifícios abarcados por esta acção corresponde àquele com os n.ºs 13-19 do Beco do Azinhal, estreita artéria localizada no tardóz oeste da estrutura hidráulica. Trata-se do imóvel que despoletou as intervenções arqueológicas subseqüentes na área, dirigidas por Cristina Nozes, Pedro Miranda e o autor, na medida em que o seu subsolo havia sido já parcialmente afetado pelos trabalhos de reforço de fundações, em 2004 e 2005.

No interior foram reconhecidos diversos horizontes ocupacionais, destacando-se os de época moderna (séculos XVII e XVIII), articulados com o edificado ainda subsistente, mas sobretudo o medieval islâmico (séc.XII), muito bem representado através de um poço, um espesso muro em pedra vã e uma estrutura complexa, interpretada como correspondente a um espaço de armazenamento que conteria originalmente um piso em tabuado.

As estruturas muçulmanas sobrepunham-se a níveis romanos muito destruídos, não tendo sido possível aferir da sua funcionalidade.

8.2.12.1.Enquadramento do Conjunto.

Tendo o espaço escavado sido articulado com os ambientes do edificado ainda subsistente à data, correspondente a três “salas”, apenas em duas delas foi possível identificar um espesso muro de alvenaria, com 0,80 m de largura, articulado com um

pavimento em *opus caementicum* de grande resistência.

As estruturas assentavam diretamente sob o substrato argiloso, estando já em contato com os níveis freáticos de águas sulfurosas a cerca de 27° de temperatura, condição que parece ter provocado alterações nos depósitos de abandono, areno argilosos e contendo muito escasso espólio associado. Noutro sentido, a posterior ocupação islâmica obliterou as sequências anteriores, e reutilizou intensamente os elementos pétreos das construções anteriores, o que incluiu um lintel de porta em “lióz” rosado, moldurado, de inquestionável cronologia romana.

No remanescente do espaço, apenas foram detetadas pontuais evidências deposicionais e objetuais, escassas, em cujo enquadramento foi recolhida a única “marca de oleiro” da intervenção do Beco do Azinhal.

Refira-se, complementando as informações disponíveis, que nos contextos romanos e fora deles apenas se recolheram fragmentos de *terra sigillata* e itálica e sudgálica, de ânforas Lusitana 12/”precoces lusitanas”, béticas Oberaden 83 e paredes finas béticas e um exemplar itálico. Se bem que a utilização de critérios de ausência requeira as maiores cautelas, especialmente lidando com amostragens limitadas, o espólio cerâmico evidencia alguma homogeneidade cronológica, estando ausentes materiais que se podem adscriver a cronologias posteriores ao período julio-cláudio.

8.2.12.2. *Produções atestadas.*

A intervenção arqueológica proporcionou o reconhecimento de contextos profundamente afetados pelas acções posteriores, nomeadamente durante a dominação islâmica, quando se terão verificado acções de extracção de pedra das construções romanas, comprovadamente reutilizadas nas edificações muçulmanas.

O panorama do espólio cerâmico é escasso, em particular o da *terra sigillata*, podendo adiantar-se terem sido recolhidos fragmentos de um prato do tipo Drag.15/17 em fabrico do sul da Gália e outro de taça do tipo Consp.22, em fabrico itálico.

8.2.12.2.1. *Produções itálicas*

Ol. 165- *Lucius Gelius* (OCK 879).

O período de atividade de *L. Gelius* atribuído pelo OCK compreende do ano 15 a.C. aos finais da produção de modo itálico, cerca de 50 d.C.

No caso presente, a marca losangular deverá corresponder ao tipo 104, a única com este formato, incluída no grupo das “*miscellaneous frames*”, e que aí aparece

representada de forma esquemática¹⁶⁵⁹. O fato foi motivado por o exemplar de Roma, aliás paralelo único para a impressão lisboeta, no qual Oxé, Comfort e Kenrick se basearam para a entrada, ter paradeiro desconhecido¹⁶⁶⁰.

O fragmento do Beco do Azinhal é de muito diminuta dimensão, conservando praticamente apenas a parede que ostenta a impressão, afortunadamente completa e bem legível. Apesar desta limitação, a modelação cónica da face externa do fundo autoriza a proposta de classificação do vaso como taça, tronco cónica ou similar, sendo impossível ir mais além por esta via na tentativa de precisar a cronologia.

Uma abordagem mais geral às impressões de *L.Gelius* permite verificar que, das 109 impressões repertoriadas no OCK, 72 são do tipo *in planta pedis*, 4 em forma de lúnula e uma *in planta manus*¹⁶⁶¹, devendo corresponder estas às de cronologia posterior a 15 d.C.

Em sentido inverso, 27 das restantes são de formato retangular, incluindo 2 de maior dimensão e contendo ornamentos fitomórficos, as de maior antiguidade atribuídas ao oleiro. A estes tipos deverão corresponder as datações situadas entre 15 a.C. e 15 d.C.

O grupo da “marca” recolhida no Beco do Azinhal inclui outros formatos que deverão, com grande probabilidade, corresponder aos tipos intermédios entre os dois grandes segmentos cronológicos, inserindo-se portanto com maior probabilidade no período “experimental” de transição entre os tipos dominantes antes citados, fundamento da cronologia proposta.

Ol. 165	Arezzo	Taça		<i>Lucius Gelius</i>	L/ /GE/L	879.104	15 a.C. - 15 d.C.	

Figura 51- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” itálica recolhida na I.A.U. do Beco do Azinhal- 2005.

8.2.12.3. Contributo da “marca de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

A impressão de *L.Gelius* integra-se no restante conjunto cerâmico recolhido no local, corroborando a incidência de vasos e contentores com cronologias de Época Júlia e Cláudia.

8.2.13. Rua dos Remédios n.ºs 1-9 (Santo Estevão, Lisboa)- Ol. 166- Ol. 169.

¹⁶⁵⁹ OCK, p. 237

¹⁶⁶⁰ OCK-CD, vaso n.º 23373.

¹⁶⁶¹ OCK, p. 234-237.

A Rua dos Remédios foi, até aos terraplenos da frente ribeirinha no século XIX, um dos mais importantes eixos viários de Alfama, estabelecendo a ligação entre a parte baixa da cidade e a importante área do Mosteiro de S.Vicente-de-Fora.

A sua configuração atual resulta de uma mescla de intervenções no espaço promovidas em dois momentos distintos: a maior parte dos quarteirões que compõem o edificado setentrional do arruamento resulta da expansão de Lisboa verificada a partir de finais do séc.XV, aproveitando e acondicionando o antigo desenho do parcelário peri-urbano, sendo patentes, por isso, variados prédios e vestígios de elementos construtivos quinhentistas e seiscentistas; a parte mais meridional mostra uma outra fisionomia, resultante quer da iniciativa camarária do desmantelamento do troço da “Muralha Fernandina de Lisboa”, origem do atual Largo do Chafariz de Dentro onde a rua se inicia, quer da demolição da quase totalidade das habitações que então compunham a parte meridional mais próxima do Tejo, verificada em 1773 para alargamento do arruamento por forma a dar passagem à carruagem do Patriarca com destino a S.Vicente, e substituição deste edificado por outro ao sabor do denominado “pombalino”.

Foi no quadro do já mencionado Projeto Integrado do Chafariz de Dentro, de iniciativa da autarquia de Lisboa, que os prédios com os números 1-9 foram intervencionados arqueologicamente a partir de 2005, sob a direcção de Pedro Miranda, Cristina Nozes e o autor.

A escavação incidiu inicialmente sobre a zona de saguão localizada no tardóz, onde foi identificada uma sequência estratigráfica de grande simplicidade e escassa potência, depositada diretamente sobre o substrato rochoso miocénico, composto por margas areno-argilosas, exclusivamente de cronologia Alto-imperial Romana.

O desenvolvimento dos trabalhos na parte mais meridional iria revelar formações com outras cronologias, nomeadamente uma ocupação funcionalmente mal caracterizável por falta de elementos estruturais datada do período muçulmano (séc.XI e XII), como depósitos posteriores a ela sobrepostos e relacionável com o espaço edificado, com cronologias compreendidas entre o período Baixo-Medieval e Época Moderna (séc.XVIII), com saliência para os restos construtivos artesanais de uma atafona.

8.2.13.1.Enquadramento do Conjunto.

Os contextos de cronologia romana revelados no espaço em causa permitiram a identificação em 2005 dos vestígios de troço de um embasamento de muro em alvenaria, preservado apenas em cerca de 15 cm de altura, cuja orientação quase cardinal e coincidente com a do entramado regular da parcela extra-muros alfamense, em referência ao traçado da “Cerca Velha ou Moura”, sugere um planeamento desenvolvido nas primeiras décadas do Império para esta zona da cidade.

O conjunto de *sigillata* identificado no local é exclusivamente composto por fabricos de modo itálico e sudgálico, indicador de um lapso de tempo curto para a formação das quatro unidades estratigráficas [017], [018], [019] e [020] que compõem o registo arqueológico com esta cronologia, geradas possivelmente como aterro destinado à construção no local nos principados dos Julio-Cláudios.

Deverá notar-se que aquelas cerâmicas citadas estavam acompanhadas por fragmentos de cerâmica de paredes finas itálica e bética com decoração arenosa, lucernas itálicas, raro vidro e diversas morfologias de ânforas, assinalando-se envases da zona do Guadalquivir do tipo Haltern 70 (2x) e morfologias mais antigas da Dressel 20 (4x), como lusitanos do tipo “Lusitana 12/Lusitanas Antigas” (4x), indicadores que, no seu conjunto apontam para datas tibério-cláudias para a formação dos contextos exumados.

8.2.13.2. *Produções atestadas.*

O pequeno conjunto da *terra sigillata*, globalmente muito fragmentário, e considerando todas as unidades mencionadas, inclui elementos classificáveis itálicos cobrindo um lapso de tempo entre o período tardio de Augusto a Cláudio.

O perfil cronológico que o ponto da cidade projeta é, porém, tendencialmente um pouco mais tardio dentro das balizas indicadas, dado que, apesar de se verificar uma ligeira supremacia das atestações de fabricos itálicos, as elaborações oriundas do Sul da Gália estão bem patenteadas, circunstância que surge corroborada pelos perfis graças apresentados pelos pratos gálicos Drag.18, pela presença de tigelas Ritt.8, Consp.24 e 36, elementos concordantes com os restantes materiais de outras classes mencionados na alínea anterior.

Forma	B	C	F	P	Frag.	% Frag.	NMI	% NMI
Consp. 3.2	1	0	0	0	1	1,32	1	2,63
Consp. 12	1	0	0	0	1	1,32	1	2,63
Consp. 18.2	1	0	0	0	1	1,32	1	2,63
Consp. 20.1.2	0	1	0	0	1	1,32	1	2,63
Consp. 20	2	1	0	0	3	3,94	2	5,26
Consp. 20.4	1	0	0	0	1	1,32	1	2,63
Consp. B.2.3	0	0	1	0	1	1,32	1	2,63
Prato Indet.	0	1	0	1	2	2,63	0	0
Consp. 7.1	1	0	0	0	1	1,32	1	2,63
Consp. 22.1	1	0	0	0	1	1,32	1	2,63
Consp. 22.3	2	0	0	0	2	2,63	2	5,26
Consp. 23.1	1	1	1	0	3	3,94	1	2,63
Consp. 24.1	3	0	0	0	3	3,94	3	7,89
Consp. 31	1	0	0	0	1	1,32	1	2,63
Consp. 35.1	1	0	0	0	1	1,32	1	2,63
Consp. 36.1	1	0	0	2	1	1,32	1	2,63
Taça Indetermin.	0	0	2	11	13	17,11	0	0
Consp. R.50	1	0	0	0	1	1,32	1	2,63
Consp. R.52	1	0	0	0	1	1,32	1	2,63
Total Itálicas	19	4	4	14	41	53,89	21	55,26
Drag. 17A	1	0	0	0	1	1,32	1	2,63
Drag. 15/17	2	1	1	0	4	5,26	2	5,26
Drag. 18	4	2	1	0	7	9,21	4	10,53
PratoR	0	0	1	0	1	1,32	1	2,63
Prato Indetermin.	0	0	4	0	4	5,26	3	7,89
Ritt. 8	1	0	1	2	4	5,26	1	2,63
Drag. 24/25	2	1	0	0	3	3,94	2	5,26
Drag. 27	3	5	1	0	9	11,84	1	2,63
Drag. 30	1	0	0	0	1	1,32	1	2,63
Total Sudgálicas	14	9	9	2	34	44,78	16	42,11
Martinez I	0	1	0	0	1	1,32	1	2,63
Total Peñaflor	0	1	0	0	1	1,32	1	2,63
TOTAL	33	14	13	16	76	100	38	100

Figura 52- Produções *em terra sigillata* alto-imperial coletadas na I.A.U. da Rua dos Remédios n.ºs 1 a 9- 2005 a 2010.

8.2.13.2.1. Produções itálicas.

Ol.166- Ateius (3) (OCK 267).

Vários fragmentos compõem o perfil completo de uma taça da forma Consp.7.1, tipo de grande antiguidade dentro da produção itálica, que contudo irá sobreviver até meados do principado de Tibério. No caso presente ostenta uma modelação do bordo

com profusão de caneluras, como uma outra colocada no fundo externo próximo da zona de inflexão para a copa.

No fundo interno, uma impressão de um trifóleo contendo um pequeno círculo central, tendo num dos braços uma espiga e nos restantes AT e EI. A “marca” insere-se no grupo de quadrifóleos e trifóleos repertoriados no OCK com os números 267.117 a 130, mas não é identificável com nenhum dos modelos de punção apresentados. Devendo acrescentar-se este novo exemplar ao elenco de *Ateius* (3), ele tem paralelo no Vale do Loire, em Angers¹⁶⁶².

Como se supõe que terá sido nas *officinae* ateianas pisanas que se terá verificado a diversificação dos formatos de cartela, a impressão deverá encerrar uma cronologia posterior à do intervalo inferior admitido pelo OCK, 5 a.C., sendo plausível a sua utilização até 25 d.C.

Ol. 166	Pisa	Consp. 7.1	It.2	<i>Ateius</i> (3)	ATEI (espiga)	nova	5 a.C.-25 d.C.	

Figura 53- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” itálica recolhida na I.A.U. da Rua dos Remédios n.ºs 1-9– 2005-2010.

8.2.13.2.2. Produções gálicas.

Ol.167- *Cinamus* i (NOTS 3, 21-22).

O artesão ruteno que operou sob Nero e no início dos Flávios¹⁶⁶³ é de muito limitada capacidade de compulsão de vasos, conhecendo-se-lhe apenas um modelo de impressão, aliás distinto do caso em apreciação.

A cartela está fraturada na zona mesial, preservando apenas o lado esquerdo, onde se lê sem dificuldade CINA(...) (N retro). A atribuição a este oleiro é fortemente plausível, a despeito da “marca” não estar repertoriada nas obras de referência.

Ol.168- *Lucceius* i (NOTS 5, 112-116).

Oleiro ruteno de elevada capacidade produtiva, ativo entre 30 e 65 d.C.¹⁶⁶⁴, surge neste ponto arqueológico com a “marca” 1c, patente em La Graufesenque, Augst, nos fortes de Neuss, Vechten e Valkenburg, em Ellesborough, Exeter, Londres, Landin e Mérida. A presença nos sítios militares, como nos contextos britânicos, remete o exemplar para o lapso de entre 45 e 65 d.C.

¹⁶⁶² M. Provost, 1981, p.12, fig.12, n.º1.

¹⁶⁶³ NOTS 3, p. 22.

¹⁶⁶⁴ Idem, p. 115.

Ol.169- *Rufinus ii* (NOTS 7, 414-415).

Rufinus ii, equivalente ao mais antigo distinguido por Polak¹⁶⁶⁵, laborou em La Graufesenque desde os anos 20 d.C. até ao final do principado de Cláudio¹⁶⁶⁶.

A marca de Alfama mostra apenas um R inicial, pelo que a sua correspondência com qualquer produtor de La Graufesenque com onomástica iniciada desta forma seria possível, como *Rufus ii* (NOTS 7, 429-431), *Rufus iii* (NOTS 7, 431-436), ou um dos vários *Rufinii*, entre outros. A sua atribuição faz-se com base na equivalência perfeita do remanescente da “marca” em análise com o modelo 3a do artesão indicado em epígrafe.

O tipo de impressão tem paralelos em Neuss, na necrópole de Nijmegen, Estrasburgo (?), Besançon, Fos-sur-Mer e Ruscino¹⁶⁶⁷.

Ol. 167	La Grauf.	Prato		<i>Cinamus</i>	CINA(...) (N retro)	-	55 - 75 d.C.	
Ol. 168	La Grauf.	Prato		<i>Lucceius i</i>	OFLVCCEI	1c	45 - 65 d.C.	
Ol. 169	La Grauf.	Prato		<i>Rufinus ii</i>	R(...)	3a	20 - 55 d.C.	

Figura 54- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas recolhida na I.A.U. da Rua dos Remédios n.ºs 1-9– 2005-2010.

8.2.13.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

Como se fez já referência, os depósitos identificados no local deverão equivaler ao resultado dos trabalhos de acondicionamento da zona para receber construções que, pelo seu mau estado de conservação não permitem caracterizar funcionalmente.

Os diversos elementos do conjunto da *terra sigillata* encerram datações variadas, compreendidas entre os finais do principado de Augusto, pelo menos, e o de Nero, ou já dos Flávios. Contudo, quer as características formais dos tipos anfóricos presentes, quer a própria composição do conjunto da *sigillata*, onde assoma a ausência de fabricos hispanos, remetem a cronologia dos contextos assimiláveis às ações de preparação para a instalação da urbanística do local para a época dos Imperadores Cláudios. Neste sentido, o concurso da impressão sudgálica Ol.168, atribuível a *Lucceius i*, situável entre 45-65 d.C. e, sobretudo, o do exemplar Ol.167, de *Cinamus i*, remetem de forma concludente o evento no principado de Nero ou inicial dos Flávios.

¹⁶⁶⁵ M. Polak, 2000, p. 313.

¹⁶⁶⁶ NOTS 7, p. 415.

¹⁶⁶⁷ Idem.

8.2.14.Rua da Regueira- Via Pública (Santo Estevão, Lisboa)- Ol. 170.

A artéria deste nome desenvolve-se desde o Largo do Salvador, junto do convento de origem medieval deste nome situado na parte alta de Alfama, desembocando na Rua dos Remédios, que estabelece a ligação da parte ribeirinha oriental de Lisboa com a área de São Vicente.

A topografia e desenho irregular do estreito arruamento denunciam, com o topónimo, que a sua configuração se originou na medievalidade, dada a presença do principal curso de água da área antiga oriental da cidade, a Regueira de Alfama.

O seu troço final percorre uma pequena plataforma, desviando-se assim do alinhamento original do talvegue que se dirige ao Largo do Chafariz de Dentro, retomando a inclinação acentuada no troço final que ladeia a Ermida de Nossa Senhora dos Remédios dos Pescadores de Alfama.

Foi justamente esta área mais meridional do arruamento que foi alvo em 2006 de uma obra de instalação de drenagem de esgotos domésticos de maior capacidade, promovida pela Câmara Municipal de Lisboa, que afetou profundamente o subsolo.

Todo o entorno mostra ainda hoje um tecido urbano de cariz medieval tardio e moderno, incluindo construções habitacionais manuelinas (Rua da Regueira n.º1-5 / Beco do Espírito Santo n.º1), de origem seiscentista e posteriores, do séc.XIX, que preservaram o traçado original.

Os trabalhos arqueológicos, articulados com a obra, foram dirigidos por Cristina Nozes, Pedro Miranda e o signatário, tendo considerado dois tipos de abordagem: a abertura de sondagens diagnóstico, prévias, e a peritagem da abertura dos troços de escavação para instalação das novas tubagens.

8.2.14.1.Enquadramento do Conjunto.

Logo no início dos trabalhos arqueológicos, a abertura da «Sondagem 1», fronteira ao prédio manuelino mencionado antes, revelou uma insuspeitada potência arqueológica: uma robusta parede em alvenaria iria permitir o reconhecimento de 2,80m de altura preservados soterrados, com ténues vestígios de pintura a fresco e o *rudus* de instalação de um mosaico polícromo, destruído ainda em Época Romana, sobre o qual se depositaram detritos urbanos domésticos, incluindo cerâmica comum exclusivamente a torno, *sigillata* africana D e ânforas lusitanas dos tipos Almagro 51c e Lusitana 9; perpendicular a esta estrutura, foi reconhecido um curto troço de muro em pedra seca, a

uma cota muito mais superficial, que tinha associados contextos romanos bastante tardios, destacando-se o respetivo pavimento em terra batida e os vestígios do colapso do telhado composto por *imbrices*, entre o qual se recolheu cerâmica comum, elaborada a torno e sem o auxílio deste, um exemplar de boca de “*spatheion*” norte-africano e um outro de boca e colo de ânfora oriental do tipo Late Roman I. Ambos os contextos remetem para o abandono e reutilização do espaço nos séculos IV-V d.C. e VI d.C., respetivamente.

O desenvolvimento dos trabalhos iria proporcionar a identificação de mais área deste conjunto de construções, construídas de encontro ao substrato rochoso e limitadas a norte pelo troço da *uia* que, saindo da parte baixa oriental de *Olisipo*, se dirigia à zona de Chelas-Olivais Sul-Sacavém, dotada de um tabuleiro com aproximadamente 6 m de largura, escavado no calcário.

A norte da *uia* foi identificada uma cisterna forrada internamente a *opus signinum*, edificada em *opus latericium*, forçosamente uma construção subterrânea em Época Romana.

Finalmente, na área mais setentrional da pequena plataforma, sita no entroncamento da Rua da Regueira com a de São Miguel, foi exumado um pequeno troço de muro em pedra seca interceptado pela estrutura hidráulica acima descrita, e uma fossa detrítica motivada por obras: no interior desta estrutura negativa foi recolhido um grande alguidar utilizado para cal e outra cerâmica comum, conjuntamente com escassos fragmentos de *terra sigillata* sudgálica, paredes finas bética com decoração arenosa, cerâmica cinzenta e ânforas Dressel 2-4 campana e afim à Dressel 28, em fabrico do Guadalquivir; o conjunto dos elementos remete a formação deste contexto para o principado de Nero.

As distintas construções identificadas mostram uma mesma orientação, sendo concordantes com outros vestígios escavados pelos mesmos arqueólogos na área de Alfama, na Rua de São Miguel n.º43, Rua dos Remédios n.ºs 1-9 e Beco do Azinhal n.º 13, o que sugere um acondicionamento do espaço planificado de Época Alto-Imperial Romana.

8.2.14.2. *Produções atestadas.*

Na intervenção arqueológica urbana, a maioria dos contextos afetados corresponderam a formações ocasionadas com posteridade ao séc.III d.C., pelo que a maioria dos exemplares equivale a fragmentos de *terra sigillata* africana clara. Ainda

assim, e para além da fossa detritica a que se fez referência, que continha apenas dois fragmentos de tigelas Drag.24/25 elaboradas em La Graufesenque, assinala-se a detecção na «Sondagem 1» de um bordo de prato da forma Hisp.4 e de escassos fragmentos de parede de vasos sudgálicos e itálicos dispersos pelos distintos troços intervencionados arqueologicamente, entre os quais o exemplar ostentando “marca de oleiro”, associado a material baixo-imperial nos depósitos que colmatavam a cisterna romana.

8.2.14.2.1. *Produções gálicas.*

Ol.170- Oleiro desconhecido-impressão truncada.

Da “marca de oleiro” conserva-se apenas uma das suas extremidades, com o texto (...).I, não passível portanto de adscrição a um artesão rutenos.

Ol. 170	La Grauf.	Prato		Ol. Desc.	(...).I	-	-	

Figura 55- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica recolhida na I.A.U. da Rua da Regueira– 2006.

8.2.14.3. *Contributo da “marca de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.*

O contexto de recolha remete para um período de abandono de uma cisterna, provavelmente edificada no séc. I ou II d.C. O conjunto dos materiais recolhidos no mesmo depósito que Ol.171 encontra-se muito fragmentário, sugerindo uma acção de entulhamento com recurso a material que não se encontraria muito distante, que incorporou fragmentos de ânfora lusitana do tipo Almagro 51C, sugerindo datações do séc.III d.C. ou posteriores. O próprio suporte da “marca” documenta uma reutilização de um fragmento cerâmico em data posterior à da circulação dos vasos do sul da Gália, dado ter sido cuidadosamente cerceada para forma uma *tessera* de jogo, pelo que não auxilia na definição da cronologia do contexto respetivo.

8.2.15.Casa dos Bicos (Sé, Lisboa)- Ol. 171- Ol. 177.

A Casa dos Bicos é um ponto incontornável da arqueologia urbana lisboeta. Alvo de uma profunda remodelação em 1981-82, que implicou a desmontagem de todo o interior até então conservado, como de igual forma uma recreação da fachada dos dois pisos superiores que originalmente possuía, foi neste âmbito que se realizou uma intervenção de salvamento. Objeto de um dos primeiros trabalhos arqueológicos

conduzidos com alguma preocupação estratigráfica na cidade no século XX, estes decorreram num ambiente claramente adverso, limitando os resultados alcançados¹⁶⁶⁸.

Clementino Amaro liderou, coadjuvado por José Luís de Matos, as acções entre 1981 e 1982¹⁶⁶⁹, acompanhado por Jorge Raposo e Ana Luísa Duarte, tendo sido publicados alguns elementos no catálogo do Núcleo que aí se instalou durante a XVII Exposição Europeia de Arte e Cultura¹⁶⁷⁰, revista *Arqueologia* em 1982¹⁶⁷¹ e, posteriormente, no I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana, em 1985¹⁶⁷².

Por circunstancialismos vários, ainda hoje mal esclarecidos, o essencial dos dados desta importante intervenção permaneceu inédito até data recente, pese embora a importância do sítio onde, recorde-se, se reconheceu e identificou pela primeira vez um troço inquestionavelmente baixo-imperial da muralha de *Olisipo*, um conjunto de cetárias, um miliário de Probo reutilizado em construção posterior (datada da Antiguidade Tardia ?), para além de materiais romanos inequivocamente precoces¹⁶⁷³.

Em 2007 Clementino Amaro e Eurico de Sepúlveda acautelaram a divulgação de alguns elementos contextuais e de sete das “marcas de oleiro” em *terra sigillata*¹⁶⁷⁴ recolhidas no local.

No quadro do Projeto de Valorização e Recuperação da Cerca Velha de Lisboa, o Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade conduziu uma nova intervenção, em 2010, sob a direcção de Vitor Filipe e Manuela Leitão, que vieram esclarecer algumas das dúvidas deixadas em aberto pela acção anterior, particularmente de índole cronológica.

8.2.15.1. Enquadramento do conjunto.

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos entre 1981 e 1982 na Casa dos Bicos revelaram uma intricada diacronia de ocupações, cobrindo desde a Época Contemporânea Recente até à Idade do Ferro, que as condições em que decorreram não permitiram contudo potenciar devidamente.

¹⁶⁶⁸ Para além de sucessivas intervenções orais por parte do responsável, vide C. Amaro e E. Sepúlveda, 2007, p.1.

¹⁶⁶⁹ Idem.

¹⁶⁷⁰ C. Amaro, 1983.

¹⁶⁷¹ C. Amaro, 1982.

¹⁶⁷² A.L. Duarte e C. Amaro, 1986 e também C. Amaro, 1994.

¹⁶⁷³ Vide bibliografia citada nas notas anteriores.

¹⁶⁷⁴ Idem. Em visita aos depósitos do Museu da Cidade em Abril de 2011 foi detectada uma nova marca, ao que parece grafomorfa, sobre uma taça da forma Drag.27 em fabrico sudgálico. Agradece-se aos investigadores a referência, como também se lastima a impossibilidade manifestada da sua inclusão na presente dissertação.

Deixando de lado os vestígios da ocupação do edificado quinhentista, um elemento anterior, a «Cerca Velha» ou «Moura», constituiu o elemento estruturador do espaço desde o Baixo-Império até à instalação da construção apalaçada. De fato, foi neste local que, pela primeira vez, se documentou com base na evidência arqueológica a origem romana do troço ribeirinho da muralha medieval da cidade que esteve em funcionamento até à sua desativação, no reinado de D.Afonso V¹⁶⁷⁵. A observação das plantas disponibilizadas assim permite concluir, sendo múltiplos os muros de data medieval muçulmana e cristã assinalados com uma orientação paralela ou perpendicular ao paramento interior da estrutura¹⁶⁷⁶.

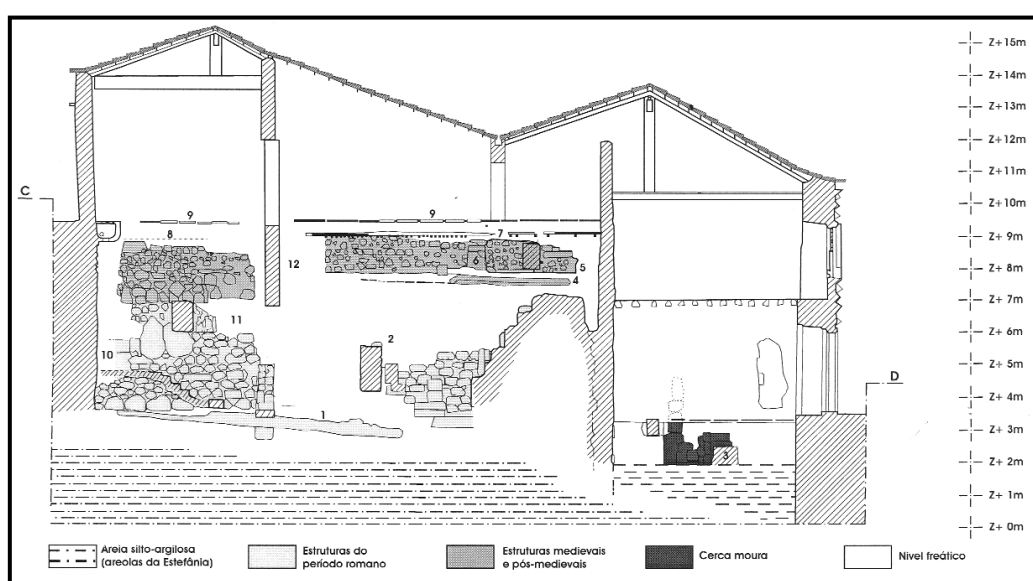


Figura 56- Perfil interno das estruturas exumadas na Casa dos Bicos em 1981 e 1982 (segundo Clementino Amaro e Eurico de Sepúlveda¹⁶⁷⁷).

Não resultou claro, porém, se o espesso pano de muralha incorporava alguma outra construção similar mais antiga, como se verificou na antiga Casa Sommer¹⁶⁷⁸.

Quatro cetárias e os vestígios de uma área de circulação pavimentada a *opus signinum* foram também exumados pelos trabalhos dirigidos por Amaro, equivalendo a partes de *officinae* cujo momento de instalação é, como acontece para tantos casos, indeterminado. Parece, contudo, poder entrever-se uma data alto-imperial para esta unidade, em função da sobreposição de ocupações posteriores tardias romanas.

¹⁶⁷⁵ C. Amaro e E.Sepúlveda, 2007, p.2.

¹⁶⁷⁶ Idem, p.3.

¹⁶⁷⁷ C. Amaro e E.Sepúlveda, 2007, p.3.

¹⁶⁷⁸ A. Gomes e A. Gaspar, 2007- Vide apartado próprio, *supra*.

Terá sido na potência que medeia o substrato geológico e os níveis da unidade de produção de preparados piscícolas (vide Figura 56, *supra*) que terá sido recolhida parte dos elementos de cronologia sidérica e romana, que por ausência de indicações contextuais disponíveis se torna impossível de individualizar.

8.2.15.2. *Produções atestadas.*

O conjunto da *terra sigillata* recolhido entre 1981 e 1982 nos trabalhos da Casa dos Bicos encontra-se em curso de estudo desde 2007 por Clementino Amaro e Eurico de Sepúlveda que, como referimos acima, publicaram entretanto as “marcas de oleiro” repertoriadas até 2010¹⁶⁷⁹.

8.2.15.2.1. *Produções Itálicas*

A amostragem limita-se às produções documentadas no local por impressão, que ainda assim contemplam fabricos de modo itálico precoces e mais recentes, sudgálicos e de Andújar e, o que constitui um importante contributo, «de tipo Peñaflor», com probabilidade, de origem gaditana.

Ol.171- *P.Attius* (OCK 347).

Os fabricos assinados por *P.Attius* estão documentados em Arezzo, Pisa, aqui apenas na forma Consp.21, e Vale do Pó produção que P.Kenrick supõe pouco importante¹⁶⁸⁰.

Apesar de Amaro e Sepúlveda terem classificado o vaso como “*Conspetus* 22, *possivelmente*”, a atenção à forma permite descartar em definitivo esta hipótese, e identificá-lo com a morfologia de modelação do pé Consp.B.3.10, associado aos tipos Consp.14, 15 e 17¹⁶⁸¹.

A impressão da Casa dos Bicos assinada *P.Attius*, elaborada entre 20 e 1 a.C., equivale ao modelo 347.8, apenas detetado em Faenza¹⁶⁸², mostrando-se o punção mais deteriorado no exemplar lisboeta. Um outro caso truncado detetado em Badalona deverá corresponder ao mesmo objeto, e aí a análise arqueométrica assegurou-lhe uma origem

¹⁶⁷⁹ Mais uma vez se agradece aqui a divulgação destes dados pelos dois investigadores, em parte motivada pela elaboração da presente dissertação, como tiveram ocasião de assegurar pessoalmente.

¹⁶⁸⁰ OCK, p. 148.

¹⁶⁸¹ *Conspetus*, p. 160.

¹⁶⁸² OCK-CD, vaso n.º 19049.

em Arezzo¹⁶⁸³. O produtor estava já atestado na Lusitânia, em Alcácer do Sal¹⁶⁸⁴ e Mérida¹⁶⁸⁵.

Ol.172- *Agathemerus N.Naeuii Hilarii* (OCK 53).

Oleiro augústeo puteolano já antes representado em Lisboa, no Teatro Romano¹⁶⁸⁶ e nos Claustros da Catedral¹⁶⁸⁷, embora com outro punção, remete-se para as entradas respetivas o comentário a propósito do aparente desmembramento dos *seruus* de *N.Naeuius Hilarius* que resulta do modelo de apresentação adoptado no OCK.

O exemplar presente deverá representar um momento anterior da vida do punção 53.8: a ilustração de referência mostra o lado esquerdo já obliterado e o direito com um longo espaço em branco¹⁶⁸⁸, o que no caso lisboeta não ocorre pois ostenta o primeiro A completo e bem distanciado do limite da cartela e, do lado direito, uma haste vertical, inscrita com nitidez a seguir ao segundo A¹⁶⁸⁹. O que está estampado é portanto AGAI, ou melhor AGAT, onde o T já está desprovido da haste superior, a despeito de C.Amaro e E.Sepúlveda terem lido um complexo nexu formando o texto AGATHE¹⁶⁹⁰, o que não compromete todavia a correta atribuição elaborada pelos investigadores.

O punção foi aplicado no fundo interno da morfologia B.4.10, podendo equivaler à forma Consp.22.4.1, como sugerem Amaro e Sepúlveda¹⁶⁹¹, em função da aplicação de roletilha na parte inferior da copa, patente num exemplar de Dangstetten assinado por *Primus* ilustrado no *Conspetus*¹⁶⁹².

Para além de Lisboa, o oleiro estava já representado em Braga, Conímbriga, Alcácer do Sal e Mérida¹⁶⁹³.

Ol.173- *A.Sestius* (OCK 1926).

O modelo de punção do artesão aretino, que compulsou vasos entre 40 e 10 a.C., não encontra paralelo em OCK, apesar da similitude formal com 1926.3 e 1926.6.

¹⁶⁸³ M. Madrid Fernandez, 2005, p.416.

¹⁶⁸⁴ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹⁶⁸⁵ B. Pérez Outeiriño, 2005.

¹⁶⁸⁶ Vide acima, Ol.84.

¹⁶⁸⁷ Vide acima, Ol.125.

¹⁶⁸⁸ OCK, p. 85.

¹⁶⁸⁹ Conf. OCK-CD, vaso n.º 29478.

¹⁶⁹⁰ C. Amaro e E.Sepúlveda, 2007, p.8.

¹⁶⁹¹ Idem.

¹⁶⁹² *Conspetus*, p.90-91, tafel 20, 22.4.1.

¹⁶⁹³ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

Aplicado de forma radial, a única impressão produzida subsistente mostra traços que sugerem a utilização de um instrumento em madeira.

O suporte, um fragmento correspondente a quase metade de um prato do tipo Consp.1.1.3, que o remete para o lapso temporal entre cerca de 40 a.C. e 20/15 a.C., constitui um dos mais antigos exemplares de *terra sigillata* itálica detetado em Lisboa, desgraçadamente recolhido descontextualizado nos trabalhos de 1982.

Os vasos assinados com “marcas” radiais por *A.Sestius* estão documentados em Corinto (1x), Minturno (1x), Roma (3x), Titelberg (2x), Gelsa (1x), Amiens (1x), La Graufesenque (1x), conhecendo-se na Hispânia exemplares aplicados centralmente em Ampúrias (1x) e Mérida (1x)¹⁶⁹⁴.

Ol.174- Oleiro desconhecido-impressão truncada.

Como o exemplar anterior, a impressão presente foi colocada radialmente no fundo interno de um prato do tipo Consp.B.2.3, patente nas formas Consp1, 2, 4.1 a 4.4, 5, 11 e 12, as mais antigas da produção de modo itálico, que os autores do *Conspetus* classificam como “*frühaugustaelische*”¹⁶⁹⁵.

A impressão apresenta-se muito obliterada, mostra um troço curvo e um outro linear, elementos insuficientes para uma adscrição a um produtor.

Ol. 171	Arezzo	B.3.10	It.2	<i>P.Attius</i>	PATI	347.8	20 – 1 a.C.	
Ol. 172	Putéolos	B.4.10	It.1	<i>Agathemerus N.Naeuii Hilarii</i>	AGAI	53.8	10 a.C. – 10 d.C.	
Ol. 173	Arezzo	1.1.3	It.1	<i>A. Sestius</i>	(...)SEST	≈ 1926.3/6	40 – 15 a.C.	
Ol. 174	Arezzo	B.2.3	It.1	Ol. Desc.	(...)	-	40 – 15 a.C.	

Figura 57- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas recolhidas na I.A.U. da Casa dos Bicos– 1981/1982.

8.2.15.2.2.Produção Gálica

Ol.175- *Albanus ii* (NOTS 1, 113-119).

O prolixo oleiro que assina com o nome *Albanus* foi desdobrado desta forma por Hartley e Dickinson, muito embora o texto do tipo 11a do seu repertório se leia

¹⁶⁹⁴ OCK-CD.

¹⁶⁹⁵ *Conspetus*, p. 156.

claramente ALBANIVS FE¹⁶⁹⁶, o que permite supor outras alternativas. Ao contrário de Marinus Polak¹⁶⁹⁷, os dois investigadores britânicos citados esclarecem a não identidade deste produtor com o modelador de vasos decorados (*pannas*= Drag.29) chamado *Albanos*, mencionado em róis de enformamento de La Graufesenque. Esta é, aliás, uma das grafias como surgiu também nomeado na publicação de Amaro e Sepúlveda¹⁶⁹⁸, devendo descartar-se de igual forma a sua leitura que incluiu um nexos inicial AL¹⁶⁹⁹, inexistente, ou as hipóteses de classificação do vaso como Drag.24/25 ou 27¹⁷⁰⁰, dado tratar-se sem dúvida do fundo de uma tigela do tipo Ritt.8.

Este último apontamento morfológico assume peculiar relevo dada raridade de vasos deste tipo produzidos pelo oleiro, com dois exemplos em Banassac e zona de Auxerre¹⁷⁰¹, mas sobretudo ao fato de a atividade de *Albanus* ii estar fixada entre os meados do principado de Nero e Vespasiano, cerca de 60 a 80 d.C.¹⁷⁰², remetendo desta forma o exemplar da Casa dos Bicos para as etapas mais recuadas da sua laboração.

A impressão em causa, apesar da similitude de composição textual com o punção 1c, não tem paralelo repertoriado, ilustrando mais um modelo a acrescentar à extensa lista do produtor rutenos.

Ol. 175	La Grauf.	Ritt. 8	G.1	<i>Albanus</i> ii	OFALBANI	nova	60 - 70 d.C.	

Figura 58- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica recolhida na I.A.U. da Casa dos Bicos– 1981/1982.

8.12.15.2.3. Produção hispânica

Ol.176- *M.S.M.* ou *M.Satrius* (Bustamante 617-618).

O fragmento está bastante erodido por acção hidráulica, preservando a cartela quase completa, desgastada na sua parte mesial inferior.

Embora com dificuldade, apresenta-se a sua leitura sem reservas como OF MSM, em que o S está grafado com traço muito fino mais ainda perceptível, ao contrário das restantes letras¹⁷⁰³. Corresponde, portanto, a um fabrico do importante produtor bético

¹⁶⁹⁶ NOTS 1, p.113.

¹⁶⁹⁷ M. Polak, 2000, p. 161.

¹⁶⁹⁸ C. Amaro e E. Sepúlveda, 2007, p.6 e 7.

¹⁶⁹⁹ Idem, p.8. O que inviabiliza igualmente o paralelo invocado com os punções A24 e A25 de Vecthen.

¹⁷⁰⁰ Idem.

¹⁷⁰¹ NOTS 1, p.117, tipo 18b.

¹⁷⁰² NOTS 1, p. 118; M. Polak, 2000, p.161.

¹⁷⁰³ Clementino Amaro e Eurico de Sepúlveda haviam questionado se a leitura não se faria OF (?) N(?), tendo correctamente atribuído ao vaso uma origem em Andújar- Conf. C. Amaro e E. Sepúlveda, 2007, p. 9.

de louça lisa, mas também de decorada da fase mais antiga de Andújar¹⁷⁰⁴, equivalendo a um tipo de composição de texto até agora não repertoriada, dado que sempre assinou com a fórmula EXOF ou, em alternativa, somente com as iniciais dos *tria nomina*¹⁷⁰⁵.

Considerando as problemáticas da discussão acerca da datação dos fabricantes do centro produtor bético¹⁷⁰⁶, a inclusão de *M.S.M.* nos oleiros de cronologia mais recuada ali em atividade, e o uso por si de cartelas em *tabella ansatta*¹⁷⁰⁷, afigura-se como plausível uma datação cláudia a flávia.

O produtor, que integra com *Cudas* e *Quartio* o grupo dos mais antigos fabricantes de Andújar¹⁷⁰⁸, tem uma expressiva representação no âmbito da centro produtor, mas fora deste local apenas havia sido registado por uma vez na *uilla* romana de Cercadilla, nas imediações de Córdoba¹⁷⁰⁹. Independentemente do estabelecimento da cronologia precisa da atividade deste oleiro, e porque parece inquestionada a sua inclusão no segmento mais antigo da periodização de los Villares, a sua atestação em Lisboa com um novo punção muito ao gosto sudgálico terá que ser valorada, constituindo um indício da existência de um fluxo precoce bético em direcção à foz do Tejo.

Ol.177- *Iustus(?) Otauius* (nova).

O exemplar presente foi incluído nos fabricos de modo itálico na publicação original, confessando os autores a extrema dificuldade sentida na sua classificação: tendo optado por atribuí-la a um eventual dependente de *Otauius*, dada a problemática transcrição dos caracteres que se seguem ao I da primeira linha do texto, elaboraram também a descrição das características visuais da pasta e revestimento, integrando a taça no tipo Consp.13 e situando-a cronologicamente na época de Augusto¹⁷¹⁰.

O exemplar mostra, de fato, óbvias afinidades de fabrico com as elaborações ao gosto itálico, pois o fragmento ostenta uma impressão quadrangular bilínea em cartela de pequena dimensão, sugere aquela morfologia de vaso, ou em alternativa a taça Consp.14, muito embora a modelação seja claramente distinta, a pasta apresenta-se

¹⁷⁰⁴ M. Sotomayor Muro *et al.*, 1999, p.31.

¹⁷⁰⁵ *Idem*, p.41 e 53, fig.11, n.ºs 29.

¹⁷⁰⁶ *Idem*, p.24, 27 e 41, onde estes investigadores que mais se têm dedicado a Andújar avançam com uma datação de Tibério-Cláudio para *M.S.M.* As propostas deste âmbito cronológico foram contestadas, com bastante fundamento, em M. Bustamante Álvarez, 2010a, p. 748.

¹⁷⁰⁷ M. Sotomayor Muro *et al.*, 1999, p.53, n.º 29.

¹⁷⁰⁸ *Idem*, p.24 e 27.

¹⁷⁰⁹ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p. 617.

¹⁷¹⁰ C. Amaro e E.Sepúlveda, 2007, p.6 e 8.

muito depurada, o verniz com boa qualidade, melhor conservado no exterior que no interior, características que, em conjunto, conduziram Amaro e Sepúlveda ao equívoco.

Na realidade, e a despeito de todas as afinidades indicadas, a taça evidencia todas as características de fabrico (pasta, verniz e modelação) que autorizam a sua adscrição às produções de «cerâmica do tipo Peñaflor» da área gaditana, tal como descritas por Macarena Bustamante e Huguet Enguita¹⁷¹¹, o que pôde ser confirmado no âmbito do presente trabalho¹⁷¹². A produção na própria Cádiz deste tipo de cerâmica é uma possibilidade, considerando os achados verificados na Calle Sagasta¹⁷¹³, e surge categoricamente comprovada neste âmbito geográfico no complexo oleiro de Jardin del Cano (El Puerto de Santa Maria, Cádiz), em estratigrafias e ambientes bem definidos, centro que laborou entre a tardo-república e algures entre o principado de Tibério-Cláudio, onde se produziram, para além de um repertório anfórico que incluía os tipos Maña C2b, Dressel 1C gaditanas, Dressel 7/11 arcaicas e Dressel 9, taças do tipo Martinez III¹⁷¹⁴, muito aparentadas nos detalhes de modelação às itálicas Consp.14, em especial à sua variante 14.4.1¹⁷¹⁵. Considerando os protótipos de inspiração, uma cronologia plenamente augústea assenta bem ao formato do vaso lisboeta e enquadra-se na perfeição no âmbito epocal definido para os inícios do fabrico da «cerâmica de tipo Peñaflor».

Quanto à impressão em si, o modelo concorda de igual forma com a datação da morfologia do vaso proposta, aliás equivalente à avançada por Amaro e Sepúlveda¹⁷¹⁶. Apesar dos esforços aturados, a leitura que se propõe é feita com reservas, para a primeira linha do texto somente: ao I inicial seguem-se duas hastes curvilíneas, interpretadas como V, seguramente um S e, plausivelmente, um T. Teremos então a identificação do produtor gaditano de “cerâmica de tipo Peñaflor” nomeado IVST(us) OTA(uius).

Considerando a raridade de “marcas de oleiro” neste grupo de produção elaborada em diversos pontos do sul da Península Ibérica (Cádiz, Córdoba, Peñaflor)¹⁷¹⁷, o

¹⁷¹¹ M. Bustamante Álvarez e E. Huguet Enguita, 2008, p.297.

¹⁷¹² Agradece-se aqui publicamente a Catarina Viegas o ter permitido comparar o vaso lisboeta com as amostras de produção gaditana que lhe haviam sido facultadas, o que permitiu dar outro tipo de suporte à atribuição de origem avançada.

¹⁷¹³ E. López Rosendo, 2008, p.56.

¹⁷¹⁴ Idem, p.56-57.

¹⁷¹⁵ *Conspetus*, p.76.

¹⁷¹⁶ C. Amaro e E. Sepúlveda, 2007, p.6.

¹⁷¹⁷ M. Bustamante Álvarez e E. Huguet Enguita, 2008, p.298.

exemplar português vem-se juntar ao exíguo repertório global das impressões formado por duas “marcas” coletadas em Mérida¹⁷¹⁸ e duas outras de Córdoba¹⁷¹⁹.

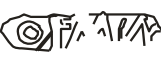
Ol. 176	Andújar	Drag. 27		M.S.M. ou M.Satrius	OFMSM	-	45 - 80 d.C.	
Ol. 177	Cádis	Mart.I		Iustus (?) Otauius	IVST / OTA	nova	+ 15 d.C.	

Figura 59- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânica e de tipo Peñaflor recolhidas na I.A.U. da Casa dos Bicos– 1981/1982.

8.2.15.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

A intervenção que teve lugar entre 1981 e 1982 na Casa dos Bicos foi desenvolvida num ambiente que se pode reputar de claramente hostil, conforme nos foi transmitido pelo responsável dos trabalhos, tendo forçosamente de se situar no tempo e na história da prática arqueológica em geral, e na da cidade de Lisboa em particular.

Serão estes fatores que, de alguma forma, poderão explicar a exiguidade de registos conhecidos, a que se poderão aduzir as plausíveis limitações nas metodologias de escavação aplicadas, passíveis de ser intuídas a partir tornados públicos.

De qualquer das formas, a circunstância de se terem recolhido no local impressões sobre vasos itálicos dos de mais recuada cronologia do atual território português, elemento completado por outros materiais cerâmicos com datações romano republicanas como dos inícios do Principado, permite não só supor a provável existência de contextos com estas cronologias à data da realização dos trabalhos arqueológicos, que as condições não permitiram documentar de outra forma, como também comprovar a importância da cidade da foz do Tejo nas etapas iniciais da difusão da *terra sigillata* ocidental.

8.2.16. Rua dos Bacalhoeiros n.º 32 (Madalena, Lisboa)- Ol. 178- Ol. 187.

As duas artérias atuais que definem o imóvel da Rua dos Bacalhoeiros n.º32/Rua das Padarias n.ºs 1-6, integram o plano de reconstrução da Baixa da cidade, desenvolvido na segunda metade do século XVIII com um urbanismo bem distinto da urbe destruída pelo cataclismo de 1755.

¹⁷¹⁸ J.M. Jérez Linde, 2007.

¹⁷¹⁹ S. Vargas Cantos e M. Moreno Almenara, 2002, fig.1 e lám.II.

Os trabalhos arqueológicos foram desenvolvidos entre 2005 e 2006, sob a direcção de António Marques e Lídia Fernandes, motivados pela reabilitação coerciva promovida pela Câmara Municipal de Lisboa através da Unidade de Projeto da Baixa-Chiado.

Durante a escavação foi exumado um importante conjunto de estruturas datadas da época moderna, localizando-se a zona das antigas “carniçarias” atestadas documentalmente, o que parece ter tido correspondência com o registo arqueológico detetado¹⁷²⁰.

Foram identificadas também estruturas da Idade Médial, em particular muçulmana, correspondentes a construções efetuadas na zona de frente ribeirinha. De notar a coincidência das orientações dos traçados urbanísticos de Época Romana e posteriores, incluindo a atualidade¹⁷²¹.

8.2.16.1. *Enquadramento do conjunto.*

O conjunto de entidades de cronologia romana reconhecidas no local corresponde a uma sequência de depósitos articulados com quatro cetárias, duas das quais contíguas e as restantes muito destruídas, bem como a um conjunto de embasamentos, interpretados como correspondentes às fundações dos suportes dos telheiros de uma *officina*.

Não tendo sido possível atingir horizontes mais antigos, pela presença do nível freático, o conjunto dos depósitos identificados evidencia características que o permitem interpretar como aterro, necessariamente anterior à edificação das estruturas detetadas (vide figura , *infra*).

Trata-se uma sequência que mostra grande homogeneidade nas suas inclusões cerâmicas, tendo-se coletado numeroso material anfórico onde predominam as importações béticas, com importante presença das ânforas do tipo Haltern 70 e, no quadro dos fabricos lusitanos, verificado a preponderância das ânforas “ovóides lusitanas”/Lusitana 12 sobre as suas sucessoras Dressel14/Classe 20/21. Lucernas dos séculos I a.C. e d.C., vasos de paredes finas de época republicana ou com decoração de “granitado arenoso”, estas datadas de Tibério a Nero, como almofarizes béticos com diferentes variantes de morfologia do bordo, completam a panóplia de elementos

¹⁷²⁰ L. Fernandes *et al.*, 2006, p. 60-65.

¹⁷²¹ *Idem.*

datantes que se distribuem ao longo da estratigrafia que se crê formada num muito curto espaço de tempo¹⁷²².

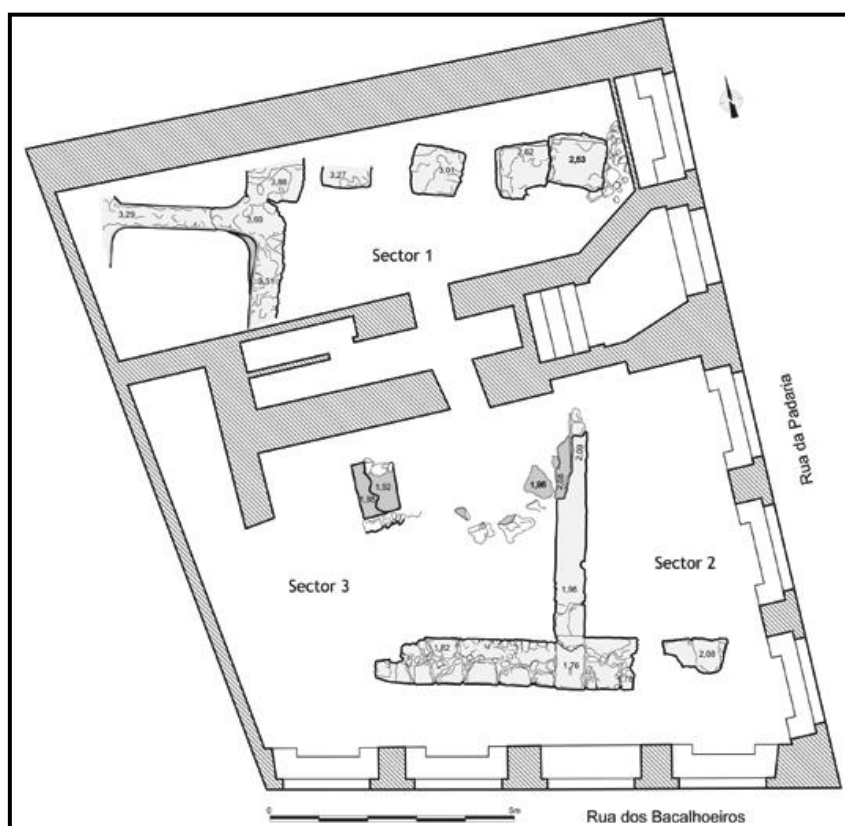


Figura 60- Planta de síntese das estruturas romanas exumadas na intervenção arqueológica da Rua dos Bacalhoeiros (segundo Vítor Filipe¹⁷²³).

A apoiar a interpretação dos processos de formação da estratigrafia escavada, a presença de diversos fragmentos de um mesmo cálice itálico com decoração em relevo, atribuído às oficinas de *Publius Cornelius* ou de *Rasinius*, dispersos pelas camadas 7a, 8, 9 e 14¹⁷²⁴ (vide Figura 61, *infra*).

Perante aqueles elementos, os escavadores atribuíram uma cronologia de instalação das estruturas identificadas e da formação do aterro dentro da primeira metade do séc. I d.C. Para a definição desta cronologia servem-se, para além dos elementos citados, da ausência de *terra sigillata* hispânica. Indicam como provável uma

¹⁷²² Idem, p.306 e segs.

¹⁷²³ V. Filipe, 2008, p. 303, fig.2.

¹⁷²⁴ L. Fernandes *et al.*, no prelo.

data ainda no segundo quartel¹⁷²⁵, embora noutro local apontem o primeiro quarto do mesmo século, provavelmente por lapso¹⁷²⁶.

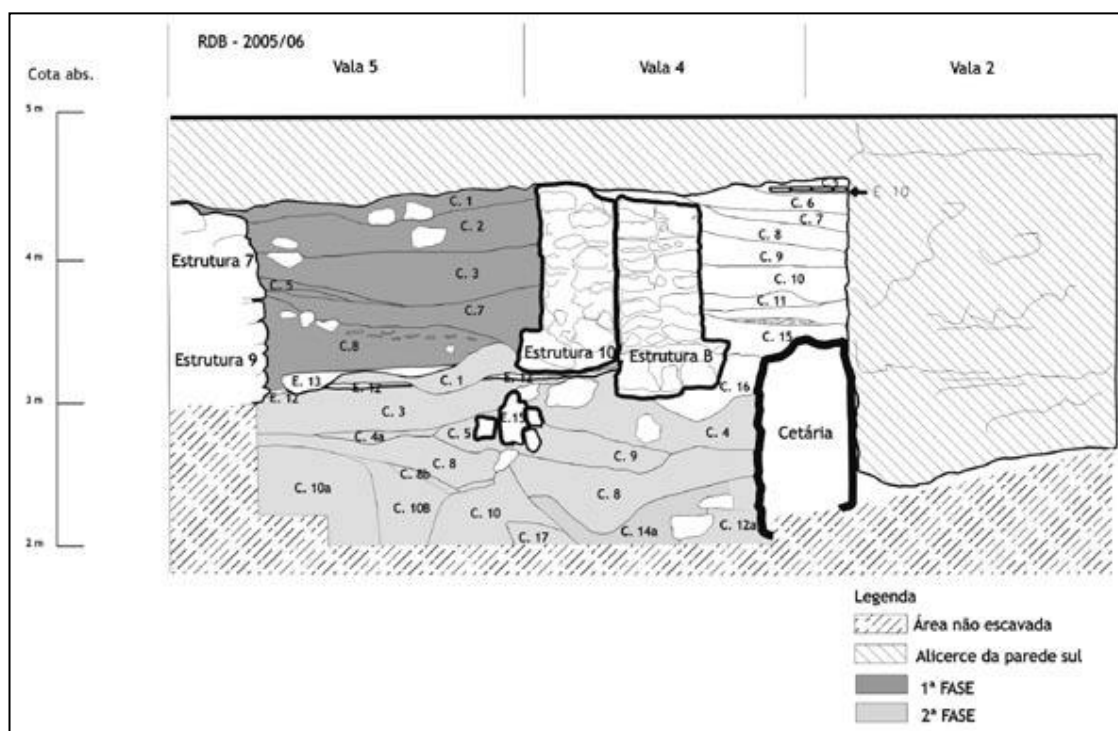


Figura 61- Sequências estratigráficas da Rua dos Bacalhoeiros no Setor 1 (segundo Vítor Filipe¹⁷²⁷).

8.2.16.2. Produções Atestadas.

Nos contextos romanos da Rua dos Bacalhoeiros, para além dos elementos antes citados, foram identificadas exclusivamente produções itálicas e sudgálicas, entre as quais se contam dez vasos ostentando marcas internas, dos quais cinco permaneciam inéditos, correspondentes a sete fabricos em modo itálico e três de La Graufesenque,¹⁷²⁸.

8.2.16.2.1. Produções Itálicas

Ol. 178- Annius ? (OCK 116).

O fragmento onde se encontra aposta a impressão está erodido, *rolado*, apresentando o revestimento destacado, com aspeto *picado*. A própria impressão está

¹⁷²⁵ Lúdia Fernandes *et al.*, 2006, p. 64; Vítor Filipe, 2008, p.309; L. Fernandes *et al.*, no prelo, p.9.

¹⁷²⁶ L. Fernandes *et al.*, 2006, p.64.

¹⁷²⁷ Idem, p.305, fig.5.

¹⁷²⁸ A colecção de *terra sigillata* encontra-se em estudo por Lúdia Fernandes e Eurico de Sepúlveda. As cinco marcas entretanto já dadas a conhecer estão incluídas num volume de actas *on-line* que, incompreensivelmente, não foi ainda publicado pelo município de Peniche, pelo que se agradece aos respetivos autores o acesso à informação. A análise feita aos exemplares publicados utilizou a os dados disponibilizados, tendo-se procedido à revisão e desenho de elaboração própria dos mesmos.

muito danificada, mas percebe-se a sua tipologia ovalada. Deixa ver com dificuldade os caracteres, podendo reconstituir-se com reservas. Outras leituras, incluindo caracteres de hastes oblíquas (V,M,N,A) são também possíveis.

Kenrick incluiu no grupo dos “*não atribuíveis*” (2) (OCK 2585), sob os números 2584.81 e 2584.82, duas impressões de Luni¹⁷²⁹ com caracteres bem visíveis, idênticas entre si, aparentemente muito similares ao exemplar da Rua dos Bacalhoeiros, excepto pela colocação central e interna. A impressão lisboeta, porém, está colocada num fragmento de parede da porção lateral de um fundo de pratel, tratando-se, portanto, de uma marca em posição radial. Da consulta exaustiva de OCK de marcas radiais não resultou, porém, nenhuma atribuição conclusiva, apesar de haver mais hipóteses de uma correspondência com *Annius*, de Arezzo (OCK 116). Com todas as limitações que encerra, não pode deixar de se referir que as características macroscópicas da pasta e revestimento são compatíveis com uma origem naquela cidade do Arno.

A circunstância de se tratar de uma marca radial não pode ser valorizada, na medida em que no estado atual da investigação as mesmas podem ser datadas em geral de antes de 20/15 a.C., mas algumas poderão ter perdurado até à mudança da Era¹⁷³⁰. Este entendimento é concordante com o período de atividade do oleiro, que se supõe ter laborado até cerca de 5 d.C.¹⁷³¹

Ol. 179- Ant() C.Valerii Tyranni (OCK 2298).

A primeira publicação do exemplar atribuiu-o a *Annius* (OCK116) ou *Aruius* (OCK135)¹⁷³², julgamos que por se ter presumido tratar de uma marca retangular de cantos arredondados e, nessa sequência, procurar ler no primeiro carácter um A, o que se verifica, ou um nexu AR, o que é claramente de descartar.

Por outro lado, a aplicação do punção foi prejudicada pela sobreelevação da parte central do fundo, ou porventura o instrumento estaria já exausto e tendo obliterada toda a extremidade direita, quando foi aplicado no fundo da presente taça com arranque da parede oblíqua.

Na realidade, uma observação mais atenta permite descortinar que a parte inferior da impressão corresponde, não ao limite externo, mas sim à definição de uma linha de separação, apontando assim para se tratar de marca bilínear.

¹⁷²⁹ OCK-CD.

¹⁷³⁰ OCK, p.9.

¹⁷³¹ Idem, p.93.

¹⁷³² L. Fernandes *et al.*, no prelo.

Foi assim possível, e com total segurança, identificar o exemplar como correspondente exato ao punção OCK2298.5, do oleiro de vasos lisos *Ant()*, escravo de *C.Valerius Tyrannus*, localizado na Itália Central e operativo na época de Augusto¹⁷³³. O punção é quase idêntico aos números 6 e 7 repertoriados no OCK, todos com o mesmo texto e as mesmas características caligráficas. A distribuição dos vasos marcados com estes três punções restringe-se a Neuss (3 x), Roma (8 x, entre as quais um paralelo exato), Tarragona (1 x)¹⁷³⁴ e nos Claustros da Sé de Lisboa (1 x)¹⁷³⁵.

Ol.180- *Heraclio* (OCK 922).

A marca de *Heraclio* publicada¹⁷³⁶, oriunda da Itália Central, corresponde ao punção OCK 922.3, muito similar ao exemplar de referência 922.2, mas distinto deste pela distribuição e número de pontos ornamentais.

O oleiro, fabricante de vasos lisos, como é o caso por se tratar de um fundo de taça de arranque de parede oblíqua, apresenta uma grafia e formulário muito homogêneo, destacando-se o uso do II por E em três dos seus quatro punções repertoriados na obra de referência¹⁷³⁷.

Está documentado apenas por oito vezes, uma na Sicília e sete em Roma, onde encontra três paralelos exatos em relação ao exemplar lisboeta¹⁷³⁸.

Ol.181- *Pupius* / *M.Pupius* (OCK 1585=1587).

A marca de *Pupius*, também já publicada¹⁷³⁹, foi aplicada centralmente num fundo interno de uma taça com arranque de parede oblíqua. O OCK faz corresponder *Pupius* a *M.Pupius*, que utiliza diversos formatos de cartela, trifoleados, de extremidades bífidas, circulares bilíneares, retangulares ornamentados e um único punção já com a forma da *planta pedis*¹⁷⁴⁰. As ocorrências incluem Corinto, Nimes, Vechten (6 ex.) e Ampúrias (2 ex.), para os casos que empregam apenas o *nomen*, e a base cronológica do OCK considerou os contextos holandeses e as formas dos vasos¹⁷⁴¹.

¹⁷³³ OCK, p.462.

¹⁷³⁴ OCK-CD.

¹⁷³⁵ R.B. Silva, 2005, Anexo B. Vide também apartado neste mesmo volume.

¹⁷³⁶ L. Fernandes *et al.*, no prelo.

¹⁷³⁷ OCK, p. 243.

¹⁷³⁸ OCK-CD.

¹⁷³⁹ L. Fernandes *et al.*, no prelo. Os autores colocaram reservas na atribuição do punção, dado o seu estado fragmentário. A observação atenta do OCK não deixa, porém, margem para a dúvida.

¹⁷⁴⁰ OCK, p. 348.

¹⁷⁴¹ OCK- CD.

Ol.182 e Ol. 183- *Rasinius* (2) (OCK 1623).

As prolixas produções assinadas por este oleiro correspondem às de mais longa duração das *officinae* surgidas no período médio-augústeo em Arezzo¹⁷⁴².

Na Rua dos Bacalhoeiros foram documentadas duas marcas sobre vasos lisos, podendo-se ainda invocar a presença no local dos fragmentos de cálice decorado mencionado acima.

A impressão Ol.182 foi efetuada sobre um fragmento de prato de tipologia indeterminável e foi aposta de forma pouco profunda, sendo os limites pouco nítidos. Ainda assim é possível assinalar a similaridade com a grafia da marca OCK1623.63, com o mesmo texto, muito embora não lhe corresponda em vários pormenores, como a ausência de desenho esquemático dos dedos na parte terminal da *planta pedis*.

O único exemplo do punção integra a coleção de Tarragona¹⁷⁴³, da qual aliás se desconhecia a escala de representação, pelo que a cronologia foi definida a partir dos dados gerais para o oleiro e dos admitidos para o emprego do tipo de impressão.

A outra marca interna de *Rasinius*, Ol.183, é de distinta tipologia. Trata-se de uma impressão retangular, com o texto RASN, efetuada sobre um fundo de prato, também de tipologia indeterminável.

O exemplar tem paralelo apenas em Neuss, em vaso de forma não identificada¹⁷⁴⁴. O tipo é muito similar, em termos de grafia e composição do texto, a exemplares com marcas como a 1623.25 ou a 1623.21¹⁷⁴⁵, com as quais se assemelha muito. Ora, estas impressões ainda circulam estampadas radialmente e, cumulativamente, *Rasinius* irá adoptar as marcas *in planta pedis*. Por estas razões o exemplar presente não poderá ser muito posterior a esta adopção.

Ol.184- Oleiro desconhecido-impressão truncada.

A última marca que compõe o conjunto de fabricos de modo itálico recolhida na Rua dos Bacalhoeiros, colocada no fundo interno de uma taça com arranque da parede oblíqua, está de tal forma mutilada que não permite qualquer interpretação.

Ol. 178	Arezzo ?	Pratel	It.2	<i>Annius</i> ?	(...)NI	nova ?	15 a.C.- 5 d.C.	

¹⁷⁴² OCK, p.353.

¹⁷⁴³ OCK-CD, vaso n.º15548.

¹⁷⁴⁴ OCK-CD.

¹⁷⁴⁵ OCK, p. 353.

Ol. 179	Itália Central	B 4.7	It.1	<i>Ant() C. Valerii Tyranni</i>	AN [N retro] / (...)	2298.5	10 a.C.-10 d.C.	
Ol. 180	Itália Central	B 4.10		<i>Heraclio</i>	HIIR / ACLIO	922.3	+ 1 d.C.	
Ol. 181	?	B 4.1-10		<i>Pupius</i>	PVPI	1585~1	1-20 d.C.	
Ol. 182	Arezzo	Prato	It.1	<i>Rasinius (2)</i>	RASI	1623~63	15-40 d.C.	
Ol. 183	Arezzo	Prato	It.1	<i>Rasinius (2)</i>	RASN	1623.29	15 a.C.-20 d.C.	
Ol. 184	?	B 4.10	It.1	Ol. Desc.	(...).	-	+ 15 a.C.	

Figura 62- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” em produções itálicas recolhidas na I.A.U. da Rua dos Bacalhoeiros 2005-2006.

8.2.16.2.2. Produções Gálicas

As produções da Gália, uma das quais foi já publicada¹⁷⁴⁶, estão representadas por três exemplares oriundos do centro de La Graufesenque atribuíveis aos oleiros *Cocus i*, *Dofenus* e *Rufinus iii*.

Ol.185- *Cocus i* (NOTS 3-77).

Para Hartley e Dickinson *Cocus i* laborou em La Graufesenque, entre 35 e 65 d.C.¹⁷⁴⁷, mas Polak crê-lo já ativo no período de Tibério, considerando a presença de muitos produtos seus na “fossa de *Gallicanus*” no centro produtor¹⁷⁴⁸. Pode aduzir-se ao entendimento do investigador holandês a presença naquele lugar também nos contextos da “fossa de *Cirratu*”, “Canal-camada 3” e no “Conjunto de *Fronto*”¹⁷⁴⁹.

A impressão em apreciação mostra semelhanças com o grupo 123.B, estando também atestada no mesmo tipo de forma e no mesmo tamanho.

A cronologia da marca resulta em parte do período de laboração mas também do tipo de texto, mais comum nas primeiras décadas de exportação extra-provincial de *Cocus i*, conforme os contextos rutenos citados acima.

Ol.186- *Dofenus* (NOTS 3-301).

Dofenus é um oleiro de circulação restrita, do qual se conhecem exemplares singulares colocados em recipientes dos tipos formais Drag.18, 24 e 27. O vaso da Rua

¹⁷⁴⁶ L. Fernandes *et al.*, no prelo.

¹⁷⁴⁷ NOTS, 3, p. 82.

¹⁷⁴⁸ M. Polak, 2000, p. 209.

¹⁷⁴⁹ M. Genin (Dir.), 2007, p. 194.

dos Bacalhoeiros apresenta características que o permitem classificar como uma tigela de tamanho médio Drag.24 ou 24/25.

O punção utilizado para produzir as impressões repertoriadas em NOTS são também retrógrados, de duplo II por E, mas ostentam pontuação no interior dos dois primeiros caracteres. O bom estado do exemplar lisboeta permite descartar esta hipótese, e assinalar a notável identidade entre ambos os punções como a não coincidência.

A cronologia indicada corresponde à suposta para a laboração do artesão¹⁷⁵⁰.

Ol.187- *Rufinus* iii (NOTS 7, 415-424).

Marinus Polak aponta o período de atividade de *Rufinus* ii para o intervalo de 65-90 d.C.¹⁷⁵¹, que M. Genin alarga para o período de entre 60/70 e 100/110 d.C.¹⁷⁵².

A impressão tem paralelo exato numa outra coletada numa sepultura da época de Nero na Praça da Figueira, num vaso atípico afim da forma Drag.33 e num outro do tipo Ritt.8¹⁷⁵³, o que suporta a datação avançada.

Ol. 185	La Grauf.	Drag. 24/25		<i>Cocus</i>	COC(...)	La Gra. $\simeq$ 123.B	35-65 d.C.	
Ol. 186	La Grauf.	Drag. 24 ou 24/25		<i>Dofenus</i>	DOFIINI	$\simeq$ 1a	50-80 d.C.	
Ol. 187	La Grauf.	Tigela		<i>Rufinus iii</i>	RVFINI	Vechten R28	60-70 d.C.	

Figura 63- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” em produções gálicas recolhidas na I.A.U. da Rua dos Bacalhoeiros 2005-2006.

8.2.16.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

As unidades deposicionais identificadas no espaço da unidade de transformação de pescado romana da Rua dos Bacalhoeiros proporcionaram a recolha de um conjunto numeroso de artefatos de diversas tipologias e classes cerâmicas, já parcialmente apresentado ou analisado.

Do conjunto de dez “marcas de oleiro” na *terra sigillata* coletada, apenas a impressão (Ol.182) provém de “camada” não correspondente às do aterro formado para a instalação da *officina*. As nove restantes, oriundas das “camadas 8 e 10”, documentam a predominância de produções itálicas sobre as gálicas, dispersando-se de maneira

¹⁷⁵⁰ NOTS, 3, p. 301.

¹⁷⁵¹ M. Polak, 2000, p. 308.

¹⁷⁵² M. Genin (Dir.), 2007, p. 237.

¹⁷⁵³ R.B. Silva, 2005, p.183.

homogénea ao longo de um espectro cronológico a que se podem atribuir datas entre 15 a.C. e 80 d.C. O pequeno conjunto oriundo da Gália encerra uma “marca” seguramente posterior a 60 d.C. e as balizas cronológicas dos três exemplares com esta origem interseitam-se entre 60-65 d.C.

Neste sentido, o estudo do conjunto de impressões contribui de forma sólida para o conhecimento da diacronia do local, permitindo descartar as propostas cronológicas antes avançadas, recordamos, da primeira metade do séc. I d.C., e fixar a formação do aterro em 60 d.C., pelo menos, o que não é desmentido pela presença de duas tigelas do tipo Drag.24/25 em *terra sigillata* sudgálica recolhidos no depósito mais antigo identificado¹⁷⁵⁴.

8.2.17. Rua dos Douradores/São Nicolau-Via Pública (Santa Justa, Lisboa)- Ol. 188- Ol. 190.

Sob esta epígrafe agrupámos um conjunto de “marcas de oleiro” recolhidas em dois momentos distintos da década de 90 do séc. XX na Baixa setecentista de Lisboa, durante peritagens arqueológicas de renovação de infra estruturas urbanas.

As ruas dos Douradores e de São Nicolau correspondem a artérias que integram o plano da nova cidade de Lisboa, reconstruída após o terramoto de 1755. A zona correspondia a um conjunto bem distinto de arruamentos anteriores, de origem medieval, época em que aqui se situava a Judiaria Maior.

Os escassos vestígios de época islâmica encontrados não permitem entrever a forma como se verificou a transição entre a área arrabaldina da cidade muçulmana e a que se aí desenvolveu na baixa Idade Média¹⁷⁵⁵.

Terá sido durante a abertura de uma cave na Rua dos Douradores, em 1920-1921, que Virgílio Correia recolheu um conjunto significativo de material cerâmico datado da Idade do Ferro, conjuntamente com um fragmento de *terra sigillata* sudgálica, uma asa de ânfora Dressel 20 do Guadalquivir e uma matriz em bronze, espólio que hoje se conserva no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa)¹⁷⁵⁶. Este achado, atempadamente publicado com outros fragmentos colhidos na mesma altura nos Claustros da Sé Catedral, corresponde à primeira evidência trazida ao conhecimento da ocupação sidérica no espaço da Baixa atual¹⁷⁵⁷.

¹⁷⁵⁴ L. Fernandes *et al.*, 2006, p. 6: “Camada 17”.

¹⁷⁵⁵ R.B. Silva, 1998b.

¹⁷⁵⁶ Material consultado pelo signatário nas reservas do MNA.

¹⁷⁵⁷ V. Correia, 1972, p.124.

Em 1993, e perante a abertura de uma caixa para a rede telefónica na confluência da Rua dos Douradores com a da Conceição, recolheu Dias Diogo um fundo de vaso em *terra sigillata* sudgálica com marca de *Licinus* e uma asa de ânfora lusitana, talvez do tipo Dressel 14 lusitana¹⁷⁵⁸.

Nova abertura de valas para renovação da canalização de gás, em 1997, foi objeto de peritagem e escavação arqueológica pelo signatário, tendo resultado em doze sondagens próximas às fachadas dos edifícios dos dois primeiros quarteirões respetivamente sul da Rua dos Douradores e sudeste da de São Nicolau¹⁷⁵⁹.

8.2.17.1. Enquadramento do conjunto.

Os trabalhos arqueológicos de 1997 revelaram a existência de uma necrópole de na Sondagem n.º 3 da Rua de São Nicolau, na zona da esquina NE formada por esta artéria e a Rua dos Douradores¹⁷⁶⁰, bem como um alicerce de muro de funcionalidade desconhecida na esquina norte entre aquela artéria e a dos Fanqueiros. Por serem ambas posteriores a uma grande fossa detritica que continha cerâmicas datadas de e até finais do séc. V d.C.¹⁷⁶¹, estas evidências deverão datar já da Antiguidade Tardia.

O conhecimento do entorno da área em época imperial romana evidencia uma ocupação sobretudo por *officinae* de produtos piscícolas, aliás identificadas durante a campanha de 1997 nas sondagens n.ºs 1, 2 e 6 da Rua dos Douradores.

Como a peritagem raramente ultrapassou as cotas de afetação de obra, o conhecimento da dinâmica do local ficou limitado às entidades seguramente definidas em termos funcionais, correspondentes ou às estruturas negativas funerárias e fossa detritica acima mencionadas, ou às estruturas interpretadas como artesanais também referidas, sendo pouco claros os processos de formação dos depósitos situados entre ambos os conjuntos. Porque neles é frequente a *terra sigillata* africana clara C e D, poderão corresponder a formações originadas após o abandono das unidades de produção de *garum*¹⁷⁶².

¹⁷⁵⁸ Segundo o investigador, o achado verificou-se durante a abertura de uma caixa da Portugal Telecom, efetuada sem acompanhamento arqueológico, onde foram observadas também construções, não lhe tendo sido possível proceder ao respetivo registo. Na publicação que efetuou mais tarde, publica a asa de ânfora e a marca, mas, ao contrário do exemplar anfórico, não disponibilizou desenho do vaso nem da impressão ou fotografia desta- Cf. A.M. Dias Diogo e L. Trindade, 2003, p.15-17.

¹⁷⁵⁹ E. Sepúlveda *et al.*, 2003, p. 43- Planta 1.

¹⁷⁶⁰ *Idem*, p.402 e 404.

¹⁷⁶¹ *Idem*.

¹⁷⁶² Concretamente nas sondagens n.ºs 1, 2 e 6 da Rua dos Douradores, mas também os depósitos exumados conjuntamente com vestígios de colapso de telhado na sondagem 9 da mesma rua e na n.º 2 da Rua de São Nicolau- Cf. R.B. Silva, 1998b.

8.2.17.2. *Produções Atestadas.*

Na área em apreço foi recolhido um conjunto alargado de terra sigillata, já publicado por Eurico Sepúlveda, Nuno Gomes e o próprio, dominando os fabricos africanos claros, seguidos dos sudgálicos¹⁷⁶³. Entre este pontuavam duas “marcas de oleiro” em *terra sigillata*, a que se acrescenta a coletada por Dias Diogo em 1993, que se distribuem pelos fabricos de origem itálica, gálica e hispânica. Estando a totalidade do conjunto já publicada¹⁷⁶⁴, procedeu-se à sua reapreciação, tendo-se revisto e procedido a novas leituras da informação para duas delas.

8.2.17.2.1. *Produções Itálicas*

Ol.188- Oleiro desconhecido- impressão truncada.

A impressão foi executada no fundo interno de uma taça de pequena/média dimensão, que pelas características do fabrico corresponde a uma produção provavelmente etrusca ou centro-itálica. Ostenta apenas uma parte muito pequena da estampagem, tendo-se optado por apresentar como correspondente à parte inferior, podendo tratar-se igualmente da zona oposta. O rastreamento exaustivo das obras de referência não permitiu a sua identificação, apesar de serem visíveis partes terminais de duas hastes oblíquas.

Ol. 188	?	Taça		Ol. Desc.	(...) (?)	-	-	

Figura 64- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” em produção itálica da Rua dos Douradores/ São Nicolau-1997.

8.2.17.2.2. *Produções Gálicas*

Ol.189- *Licinus* (NOTS 5, 62-76).

A impressão de *Licinus* foi publicada como tendo sido executada no fundo interno de uma taça do tipo Ritt.5.

O período de laboração do oleiro é balizado entre 35-65 d.C.¹⁷⁶⁵, ou entre 50 e 70 d.C.¹⁷⁶⁶. Em sentido diverso M. Genin pretende ter perdurado até 100/110 d.C., mas com uma base frágil, dado fundamentar esta proposta num único exemplar marcado do

¹⁷⁶³ E. Sepúlveda *et al.*, 2003.

¹⁷⁶⁴ A.M.D. Diogo e L. Trindade, 2003 e E. Sepúlveda *et al.*, 2003.

¹⁷⁶⁵ NOTS, 5, p.76.

¹⁷⁶⁶ M. Polak, 2000, p.252.

tipo Hermet 29C, que, conforme cita, não sugere mais do que a continuidade da atividade para além dos anos 70/80 d.C.¹⁷⁶⁷.

O único punção conhecido do oleiro colocado no fundo de uma taça Ritt.5 apresenta o texto desenvolvido LICINVS¹⁷⁶⁸, mas a observação direta do exemplar permite descartar esta classificação e atribuir ao vaso o tipo Drag.27 dotado de canelura na face externa do pé, forma na qual o punção está bem atestado, como em tigelas desprovidas daquele elemento, Ritt.8 e Drag.24/25¹⁷⁶⁹.

A impressão está atestada na “fossa de *Gallicanus*”, datada de 50 a 70 d.C.¹⁷⁷⁰, em *Camulodunum*, no período I de Hofheim¹⁷⁷¹, e também nos níveis dos incêndios de 61 d.C. da “loja I” de Colchester e de 68 d.C. de Londres¹⁷⁷².

Ol. 189	La Grauf.	Drag. 27		<i>Licinus</i>	LICIN	55a	50 - 70 d.C.	

Figura 65- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” em produção gálica da Rua dos Douradores/ Rua da Conceição- 1993.

8.2.17.2.3. Produções Hispânicas

Ol.190– *Agilianus* (Bustamante -673).

A marca hispânica coletada na unidade estratigráfica 405 da sondagem 3 da Rua de São Nicolau, havia sido já publicada, embora não se tendo conseguido então a sua identificação¹⁷⁷³.

Agilianus operou seguramente em *Tritium Magallum*, sendo conhecidos punções de extremidade bífida sobre tigelas Drag.27, como é o caso, e apenas um de cantos arredondados sobre um prato Drag.15/17¹⁷⁷⁴. Segundo Macarena Bustamante a utilização deste tipo de punções deverá corresponder a momentos avançados da *terra sigillata* hispânica alto-imperial, aparecendo em Mérida, no “*vertedero*” da Calle Almendralejo n.º41 em duas unidades estratigráficas datadas dos meados do século II d.C. e dos inícios do séc.III d.C.¹⁷⁷⁵

¹⁷⁶⁷ M. Genin (dir.), 2007, p.215.

¹⁷⁶⁸ NOTS, 5, p. 71.

¹⁷⁶⁹ Idem, p. 74.

¹⁷⁷⁰ Idem, p.214.

¹⁷⁷¹ NOTS, 5, p.74.

¹⁷⁷² B.Millet, 1987, p.114.

¹⁷⁷³ E.Sepúlveda *et al.*, 2003, p.406 e 411.

¹⁷⁷⁴ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.673.

¹⁷⁷⁵ Idem.

Ol. 190	La Rioja	Drag. 27		<i>Agilianus</i>	[...]NI	B. 3	150- 210 d.C.	

Figura 66- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” em produção hispânica recolhida na intervenção arqueológica da Rua dos Douradores/ São Nicolau 1997.

8.2.17.3. *Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.*

Do conjunto de impressões, apenas duas encerram referência contextual: a de origem hispânica foi coletada conjuntamente com outros fragmentos de *sigillata* do mesmo grupo, mas também de origem sudgálica, africana clara A e D na unidade estratigráfica [405] da Sondagem da Rua de São Nicolau n.º3, rompida para a prática de três estruturas negativas de caráter funerário; a de origem itálica, foi recolhida na unidade estratigráfica [1012], enchimento de uma estrutura negativa correspondente a uma fossa detritica que continha, para além de numerosos fragmentos de cerâmica comum e, em menor quantidade, anfóricos (Lusitana 9 e Almagro 51c), algumas cerâmicas finas residuais em *sigillata* itálica, sudgálica e hispânica (4 exemplares) mas onde dominava um conjunto de *terra sigillata* africana clara D (17 exemplares), com datações até meados do séc.V d.C.¹⁷⁷⁶

Os contextos de proveniência resultam, portanto, de remobilizações motivadas por acções em muito posteriores ao período de utilização dos vasos ostentando “marcas”, podendo em parte estar relacionados com depósitos não aflorados pelos trabalhos porque localizados a maior profundidade.

8.2.18. **Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Santa Justa, Lisboa)- Ol. 191- Ol. 199.**

A primeira notícia do achado de estruturas romanas no espaço da sede do atual Banco Millennium data de 1937, graças às observações feitas pelo ilustre olisipógrafo Vieira da Silva durante a abertura de caves no prédio que forma o gaveto entre as Ruas dos Correeiros, Conceição e Augusta, altura em que esboçou uma planta e deu a conhecer a existência de construções com um alinhamento similar ao do criptopórtico da Rua da Prata próximo, algumas das quais revestidas “a formigão”, muito provavelmente “*salgadeiras*”, portanto cetárias, noticiadas por duas ocasiões no jornal

¹⁷⁷⁶ E.Sepúlveda *et al.*, 2003, p.408-409.

O *Século* a 19 de Fevereiro e 25 de Julho daquele ano¹⁷⁷⁷, referências que depois ficaram remetidas ao oblívio.

Seria contudo o projeto da autoria do Arq.º Souto de Moura destinado a albergar a sede lisboeta do ex-Banco Comercial Português que implicaria a reconversão daquele prédio e dos contíguos, conjunto localizado em zona central da denominada Baixa Pombalina que, ao implicar o desmantelamento do interior de quase um quarteirão sito entre as ruas da Conceição, Correiros e Augusta, despoletaria as acções de acautelamento do património cultural.

Para além do tratamento dos espaços internos, e sua adequação às necessidades da instituição a que se destinava, o projeto considerou, também, o reforço de fundações e a instalação de um estacionamento automóvel subterrâneo, acções que motivaram a intervenção arqueológica desenvolvida entre 1991 e 1995 dirigida por Clementino Amaro e Jacinta Bugalhão. O rico património contido no subsolo, detetado desde a abertura das primeiras sondagens, justificou o estabelecimento de um acordo entre o extinto Departamento de Arqueologia do Igespar e o promotor privado, em que o primeiro dirigia e fiscalizava os trabalhos e o segundo os custeava.

O balanço final dos trabalhos salda-se pela rápida instalação logo em 1995 do que será talvez o mais conseguido núcleo arqueológico museografado e musealizado da cidade, com um discurso expositivo muito centrado no importante papel produtor de *garum* de *Olisipo* ao longo da Época Imperial Romana e nos testemunhos da ocupação da Idade do Ferro do local, todavia abarcando igualmente os restantes períodos ali documentados Idade Média, quer muçulmana quer cristã, e Épocas Moderna e Contemporânea.

Objeto de estudos múltiplos até ao presente, Jacinta Bugalhão produziu a síntese que melhor esclarece sobre os vários horizontes ocupacionais¹⁷⁷⁸, com diversas outras abordagens efetuadas à cerâmica do período medieval, com atenção especial à produção oleira de época islâmica praticada no lugar¹⁷⁷⁹, material anfórico¹⁷⁸⁰ e necrópole alegadamente do Período Republicano Romano¹⁷⁸¹.

8.2.18.1. *Enquadramento do Conjunto.*

¹⁷⁷⁷ A.V. Silva, 1944, p.72, nota 1.

¹⁷⁷⁸ J. Bugalhão, 2001.

¹⁷⁷⁹ J. Bugalhão e D.Folgado, 2007.

¹⁷⁸⁰ J. Bugalhão e A. Sabrosa, 1993.

¹⁷⁸¹ C. Amaro, 1995; J. Bugalhão, 2001.

No espaço do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros foi identificada uma dinâmica que, para o lapso temporal que aqui interessa, mostrou diversas funcionalidades detidas pela área.

Situado em zona suburbana de *Olisipo*, o «Setor 1 NE» permitiu identificar o pavimento lajeado de um troço de *uia* que se supõe corresponder à parte do trajeto na Baixa de Lisboa da estrada que se dirigia à zona de Alcântara e, daí, aos *agri* ocidentais da *ciuitas* hoje integrados nos concelhos de Oeiras, Cascais e Sintra¹⁷⁸².

Ladeando pelo norte esta estrutura viária fósil, um conjunto de unidades de transformação de produtos piscícolas e marinhos desenvolvia-se numa extensão superior à da área do centro museológico, até às proximidades da «Sondagem 34» da Rua dos Correeiros, pelo menos, onde uma escavação dirigida em 1991 por Dias Diogo reconheceu uma sequência similar¹⁷⁸³.

Sob as *officinae* foi revelada uma necrópole, onde se identificaram 14 sepulturas de inumação e duas de incineração, instalada sobre um aluvião de areia fina que a isolava dos níveis da Idade do Ferro. Na realidade, as cotas junto à «sepultura 8», 2,91 m, 3,02 m e 2,92 m¹⁷⁸⁴, permitem perceber que as ruínas do horizonte mais recente da Idade do Ferro, que incluía um forno, estariam parcialmente visíveis aquando da utilização funerária do espaço¹⁷⁸⁵.

A cronologia desta área de sepultamentos, onde o ritual predominante é a inumação, característica especial do sítio que requer uma explicação que não conseguimos para já vislumbrar, foi atribuída pelos escavadores ao período romano republicano¹⁷⁸⁶. Como já foi contestado anteriormente, em 1997 comprovámos que, em função dos dados proporcionados pelos espólios associados às duas sepulturas de incineração, com saliência para os unguentários cerâmicos do tipo PY I e II, as cerâmicas não autorizam propostas tão recuadas, e se, num caso se pode recuar a data até aos últimos anos da República Romana, a outra cai plenamente dentro do Principado¹⁷⁸⁷. Para além deste dado, também as ânforas Haltern 70, cortadas cuidadosamente abaixo das asas e “*inseridas em estruturas de combustão com a boca voltada para cima*”¹⁷⁸⁸, equivalem ao elemento que assinala sepulturas de incineração,

¹⁷⁸² Vide J.C. Ribeiro, 1994; V.G. Mantas, 1999.

¹⁷⁸³ L. Fernandes, 1997; R.B. Silva, 2005.

¹⁷⁸⁴ J. Bugalhão, 2001, p. 32, fig.15.

¹⁷⁸⁵ Idem e p.34, fig.18.

¹⁷⁸⁶ C. Amaro, 1995; J. Bugalhão, 2001.

¹⁷⁸⁷ R.B. Silva, 1999.

¹⁷⁸⁸ J. Bugalhão, 2001, p.33, fig.17.

tendo paralelos em práticas de assinalação do *locus* em necrópoles da Bética¹⁷⁸⁹, ampliando o número de cremações documentado no local. Considerando a cronologia relativa denunciada pela sua morfologia, os exemplares anfóricos citados remetem novamente para datas já julio-cláudias, pelo que a necrópole se terá desenvolvido sobretudo neste período.

Jacinta Bugalhão, porventura com base nestes elementos, remete a instalação das unidades produtivas para a primeira metade do séc.I d.C.¹⁷⁹⁰ O seu abandono terá ocorrido em diferentes momentos, apontando uma das *officinae* em função dos elementos datantes para o séc.III d.C., e maioria das restantes para os meados do séc.V d.C., quando já se verificara o colapso das coberturas de telha das construções¹⁷⁹¹. A ser assim, e porque as acumulações detriticas de lixos domésticos nas cetárias, incluindo importantes conjuntos de olaria, terão sido vazadas antes dos aludidos abatimentos dos telhados, as unidades produtivas terão sido abandonadas antes, ao longo da primeira metade da quinta centúria¹⁷⁹².

8.2.18.2. *Produções Atestadas.*

Do conjunto de 9 exemplares de vasos de *terra sigillata* conservando “marca de oleiro” recolhidos na intervenção arqueológica ressalta, em primeiro lugar, a frequência equilibrada atingida dos fabricos em modo itálico (4) e sudgálico (5), sobretudo se colocada a par com a ausência de produtos hispanos, de outras formas representados no local¹⁷⁹³.

Estes números, noutro sentido, darão expressão ao tipo de usos do local em época imperial, nomeadamente o tipo de formações ocasionadas pelas estruturas artesanais das *officinae* de *garum*, de grande resistência e que conhecem utilizações ao longo de lapsos temporais plurisseculares, que não favoreceram assim a constituição de uma amostragem mais vasta e numerosa.

8.2.18.2.1. *Produções Itálicas*

Ol.191- L. Auillius (OCK 403).

¹⁷⁸⁹ Trata-se de sepulturas de tipo *bustum* atribuídas a indivíduos de baixo estatuto social, em que os *ustrina* “se cobrem com elementos de ânforas, blocos de argamassa o *tegulae*, tanto em posição horizontal como a la capuccina”- D.Vaquerizo Gil (dir.), 2002, p.141.

¹⁷⁹⁰ J. Bugalhão, 2001, p.60.

¹⁷⁹¹ Idem.

¹⁷⁹² R.B. Silva, 2011, p.212.

¹⁷⁹³ O conjunto global da sigillata do N.A.R.C. encontra-se em fase de estudo no âmbito da dissertação de mestrado de Sofia Santos, em desenvolvimento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa sob a orientação do Prof.Dr. Carlos Fabião. À colega se manifesta aqui publicamente o agradecimento pelo acesso permitido ao conjunto marcado, como também à Jacinta Bugalhão pelas mesmas razões.

O exemplar, que integra a exposição permanente do núcleo desde a sua formação em 1995, mostra uma impressão *in planta pedis* com o texto L.AVIL, que tem a particularidade de ter sido impressa por duas vezes com a mesma matriz, divisando-se perfeitamente a primeira a ser aposta.

O oleiro, de que se conhecem dois dependentes, é dado pelo OCK como de localização incerta e de laboração entre 30 e 70 d.C., tendo P.Kenrick considerando a sua atestação no sítio militar de Vindonissa, ocupado a partir de 16 d.C., Bolsena, no contexto C-2B, datado de 30 a 40 d.C., o “Komplex VI” em Magdalensberg, formado após 45 d.C., *stoa* sul de Corinto, edificada cerca de 70 d.C. e o estrato B43 das termas do *forum* de Óstia, formado em data posterior a 50 d.C.¹⁷⁹⁴

Oleiro prolixo de louça lisa, tem ampla difusão dos seus produtos, incluindo Samaria, Alexandria, Corinto, Argos, Atenas e Esmirna, no Mediterrâneo Oriental, Tripoli, Berenice, Cartago, *Leptiminus*, Cherchel, *Tidiis* e Tipasa, no espaço norte-africano, a Península Itálica, o eixo de comercialização do Danúbio, em Aquileia, Magdalensberg, Siscia, *Poetouio* e *Sirmium*, estando documentado na Hispânia em Tarragona e Vareia (2x)¹⁷⁹⁵.

As características macroscópicas de pasta e revestimento da taça, infelizmente de tipo indeterminado, são similares às dos exemplares seguramente originários do centro da Península Itálica, que deverá corresponder ao lugar da sua elaboração.

Ol.192- C.P.Pi(*sanus*) (OCK 1342).

A impressão Ol.192 é do tipo *tabella ansata*, o tipo OCK 341, conservando-se apenas a parte direita onde se lê (...)P e um elemento que tanto pode equivaler a um I como a um tridente, para o qual não encontrámos paralelo na bibliografia consultada. A despeito da fragmentariedade do texto as probabilidades de atribuição reduzem-se dado tratar-se de uma elaboração tardo-italica: as hipóteses restringem-se a *Lucius Rasinius Pisanus* (OCK 1690) e a *C.P.Pi(*sanus*)* (OCK 1342), que empregaram aquele tipo de cartela em formato e letra de maior dimensão, como é o caso. A opção por este último fabricante prende-se com a circunstância de as suas matrizes ostentarem por vezes símbolos finais, nomeadamente seta apontada acima (tipo OCK 1342.2, em cartela retangular de cantos arredondados), X (tipo OCK 1342.5, em *tabella ansata*), espiga

¹⁷⁹⁴ OCK-CD.

¹⁷⁹⁵ Idem.

(tipo OCK1342.6, também em *tabella ansata*) e coração (tipo OCK 1342.8, em cartela elíptica)¹⁷⁹⁶, detalhe ausente nos 62 punções de *L.R.Pisanus* repertoriados no OCK.

O vaso sugere tratar-se de um prato de parede inferior do bordo curva. Contudo, a canelura que evidencia, localizada abaixo da carena acusada que distingue o fundo da copa ou bordo, é um detalhe de modelação sobretudo presente nos pratos do tipo Consp.21, em particular nas variantes mais tardias 21.3 a 21.7, como também acontece com o ressalto interno colocado à mesma altura na parede interior. Tratar-se-á, portanto, de uma atestação deste tipo de vaso, que só a ausência da copa e bordo nos impedem de garantir.

Ol.193- *L. Plot(ius)* (OCK 1484).

A impressão sob esta epígrafe apresenta-se muito mutilada, equivalendo a uma cartela de tipo retangular. Do texto lê-se apenas sem dificuldade um L inicial, alto, e vestígios da pontuação. Estes escassos elementos, equivalem a uma grafia muito característica empregue nas officinae de *Scoppieto*, sendo garantida a sua atribuição ao artesão em epígrafe, em que o estado de conservação não autoriza a atribuição a um punção específico.

A olaria, ativa no segundo e terceiro quarto do séc. I d.C.¹⁷⁹⁷. Pertencente à *gens Plotia*¹⁷⁹⁸, detinha até hoje com uma difusão estritamente itálica, circunscrita ao próprio centro produtor, Ferento e Strongóli¹⁷⁹⁹, pelo que o achado do vaso lisboeta assume significado especial.

Ol. 194- *Tarqui(tius)* (OCK 2038).

Tarquitius fabricou apenas louça lisa, como é aqui o caso de um prato de tipo indeterminado, elaborado entre 20 e 1 a.C., cronologia avançada para o produtor¹⁸⁰⁰.

A olaria deteve escassa capacidade de compulsão de vasos, estando já documentada em Lisboa, na Praça da Figueira¹⁸⁰¹, conhecendo-se-lhe seis punções apenas¹⁸⁰². O caso em apreço corresponde a um novo modelo, muito aproximado na

¹⁷⁹⁶ OCK, p.310.

¹⁷⁹⁷ OCK-CD.

¹⁷⁹⁸ N.Nicolleta, 2003.

¹⁷⁹⁹ OCK-CD.

¹⁸⁰⁰ OCK, p. 417.

¹⁸⁰¹ R.B. Silva, 2005, p.121, n.º23.

¹⁸⁰² OCK, p. 417.

grafia a 2038.4, por exemplo¹⁸⁰³. A mutilação da parte esquerda da impressão permitiu a preservação das duas letras iniciais e da haste da terceira.

Como foi comentado para o exemplar anterior, as características do fabrico sugerem fortemente uma origem na parte central da Itália.

Ol. 191	Itália Central ?	Taça tr.-cónica	It.1	<i>L. Auillius</i>	L.AVIL	403.8	30 - 70 d.C.	
Ol. 192	Pisa	Consp. 21.3-7	T. It.1	<i>C.P.Pi(sanus)</i>	(...)P(tridente)	nova	50 - 100 d.C.	
Ol. 193	Scoppieto	B.3.16-17	It.2	<i>L.Plot(ius)</i>	L(...)	-	25 - 50 d.C.	
Ol. 194	Itália Central ?	Prato	It.1	<i>Tarqui(tius)</i>	TAR(...)	nova	20 - 1 a.C.	

Figura 67- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros- 1991-1995.

8.2.18.2.2. Produções gálicas

Ol.195- *Castus i* (NOTS 2, 272-280).

Colocada na face interna do fundo de uma tigela do tipo Drag.24/25, a impressão do produtor ruteno foi publicada no respetivo catálogo como elaboração de *Castus i*, o que não corresponde.

A impressão, é integrável no tipo 2d, presente em La Graufesenque, Larches, Estrasburgo, Mainz, Xanten e Richborough¹⁸⁰⁴, em textos não datados externamente. Por essa razão, a datação avançada considera a totalidade do período de atividade de *Castus i*, que se situa entre 40 e 70 d.C.¹⁸⁰⁵

Ol.196- *Lupus i* (NOTS 5, 139-142).

Artesão de La Graufesenque, *Lupus* é um fabricante de elevada capacidade de compulsão de vasos, estando representado no restante território português em Briteiros, Conímbriga, Torre de Palma (Monforte), Miróbriga e Represas (Beja), sempre com outros tipos de impressão¹⁸⁰⁶.

Ativo apenas ao longo dos principados de Cláudio e Vespasiano para Marinus Polak¹⁸⁰⁷, o punção do tipo 5a tem uma difusão por La Graufesenque, Vertault, Narbonne e Portiragnes, na Gália, Augsburg, Oberstimm e Vindonissa, nas germânicas,

¹⁸⁰³ Idem.

¹⁸⁰⁴ NOTS 2, p. 273.

¹⁸⁰⁵ Idem, p. 279.

¹⁸⁰⁶ Idem, Anexo B.

¹⁸⁰⁷ M. Polak, 2000, p.255.

Colchester e Richborough, na *Britannia*¹⁸⁰⁸. Esta última ocorrência e a de Oberstimm sustentam-lhe a cronologia de 50 a 75 d.C.

Ol.197- *Maccarus i* (NOTS 5, 159-169).

Oleiro de grande capacidade produtiva, como no exemplar anterior com outros modelos assim assinados do qual se conhecem vasos em Portugal em Miróbriga (2), Povos (Vila Franca de Xira), Monte de S.Francisco (Fronteira) e Conímbriga¹⁸⁰⁹, terá fabricado no essencial nos principados de Tibério a Nero¹⁸¹⁰.

O exemplar em causa é similar ao modelo do punção do tipo 13d', atestado em Estrasburgo, *Verulamium*, Exeter e Vechten. É a presença em contextos do período I do sítio militar de Hoffheim que permite propor a datação indicada¹⁸¹¹.

Ol.198- *L. Tertius Secundus* (= *Secundus iii* ?) (Polak, 327).

Colocada no fundo interno de um prato do tipo Drag.18, com caraterísticas que o permitem atribuir a La Graufesenque, a “marca” está muito truncada, ostentando somente a parte esquerda onde se lê o texto nítido L.TE(...), atribuível a *Lucius Tertius Secundus*. No momento não encontra paralelo em contexto datado externamente, pelo que a datação resulta do conhecimento da atividade do oleiro¹⁸¹².

A suposição da laboração entre 60 e 100 d.C.¹⁸¹³, foi corrigida por Polak com base nos achados de vasos assim assinados nas entulheiras que rodeavam o “grande forno” de La Graufesenque, ativo entre 80 e 120/130 d.C., que assim lhe alargam os intervalos para margens superiores, ocorrendo frequentemente as peças por si marcadas em contextos das décadas de 80 e 90 d.C.¹⁸¹⁴.

Como nos ambientes de produção os vasos assim marcados ocorrem juntamente com outros atribuíveis a *Secundus iii*, o mesmo investigador questiona-se se não se tratará do mesmo oleiro, assinando apenas com o *cognomen*¹⁸¹⁵. De notar que, a verificar-se esta identificação, as peças marcadas desta última forma remetem para uma

¹⁸⁰⁸ NOTS 5, p.141.

¹⁸⁰⁹ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹⁸¹⁰ M. Polak, 2000, p. 256; NOTS 5, p. 168.

¹⁸¹¹ Idem, p.162.

¹⁸¹² Vide infra, exemplar Ol.227. Conf. M. Polak, 2000, p. 325.

¹⁸¹³ Idem.

¹⁸¹⁴ M. Polak, 2000, p. 327.

¹⁸¹⁵ Idem.

laboração iniciada na década de 60 d.C.¹⁸¹⁶, forjando um lapso de seis ou sete décadas, o que parece excessivo.

Ol.199- Oleiro desconhecido- impressão grafomorfa.

O vaso que suporta Ol.200 equivale ao fragmento do fundo de uma tigela de médio tamanho da forma Drag.27, desprovida de canelura exterior no pé. Este detalhe da modelação permite supor a sua correspondência a períodos neronianos ou posteriores¹⁸¹⁷, mas trata-se de uma base frágil que carecia de outros elementos mais sólidos.

Ol. 195	La Gra.	Drag. 24/25		<i>Castus i</i>	OFI.CAS	2d	40 - 70 d.C.	
Ol. 196	La Gra.	Drag. 24/25		<i>Lupus</i>	(...)PI	5a	50 - 75 d.C.	
Ol. 197	La Gra.	Tigela		<i>Maccarus i</i>	(...)F.MAC(...)	≈ 13d'	30 - 65 d.C.	
Ol. 198	La Gra.	Drag. 18		<i>L. Tertius Secundus</i>	L.TE(...)	-	80 - 130 d.C.	
Ol. 199	La Ga.	Drag. 27		Ol. Desc.	IAMII	Vechten Grupo Y	-	

Figura 68- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros- 1991-1995.

8.2.18.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

Do conjunto de “marcas de oleiro” recolhidas na intervenção que originou o Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, três provêm do «setor 1 NE» onde se exumou uma *uia* pavimentada a laje, integrada hoje no espaço de recepção do banco Millenium. Merece destaque, neste âmbito, o exemplar gálico Ol.195, por encerrar uma cronologia entre 40-70 d.C., que remete em definitivo a instalação da estrutura vial para o período dos imperadores Cláudios, pelo mais cedo.

Concordando com aquele entendimento, a presença no mesmo setor de escavação da “marca” itálica Ol.191, exumada na «área 2/ camada 54/ plano 9», remete para acumulações detriticas junto da área de necrópole ocorridas entre os inícios do principado de Tibério e o advento de Vespasiano, pelo mais. Por seu turno, Ol.193, também encontrada na mesma zona, na «área 1/camada 1», corresponde a revolvimentos recentes de unidades mais antigas.

¹⁸¹⁶ Idem, p. 325.

¹⁸¹⁷ Idem.

As restantes não ajudam a aclarar as questões de índole cronológica, pois foram coletadas ou em contextos posteriores aos do uso dos vasos, ou resultam de recolhas avulsas descontextualizadas, casos de Ol.194 e Ol.199.

8.2.19.Rua Augusta- “Zara” (Santa Justa, Lisboa)- Ol. 200 - Ol. 221.

A intervenção arqueológica preventiva desenvolvida pela empresa Era-Arqueologia em 2000, dirigida por Rita Ramos e Mulize Ferreira, incidiu sobre um edifício localizado em plena Baixa Pombalina, localizado na esquina NO formada pelas Ruas da Conceição e Augusta.

O espaço foi destinado ao estabelecimento comercial da firma espanhola Zara, tendo o projeto de arquitetura considerado a necessidade de desmontagem de todo o interior, e a especialidade de engenharia de estruturas requerido o recalçamento peribolar das paredes de fachada e tardóz, o cravamento de microestacagem no solo e a abertura e construção de uma fundação para a caixa de elevador. A operação urbanística foi autorizada tendo em consideração tratar-se de um prédio que integrava o projeto “pombalino” de reconstrução da cidade após 1755 já muito descaraterizado e adulterado por acções posteriores.

Uma destas intervenções urbanísticas, ocorrida na década de 1940, consistiu na instalação de uma cave subterrânea que implicou o rebaixamento do solo em quase 3m, obliterando certamente os muitos elementos que compunham o registo arqueológico do local até esta cota.

Foi nas áreas confinadas aos espaços perimetrais junto às paredes preservadas e caixa de elevador que se desenrolou o trabalho arqueológico, portanto muito limitado espacialmente. A ocasião que permitiu revelar um conjunto de potentes contextos deposicionais de cronologia romana e embasamentos articulados que, a despeito de os responsáveis datarem do mesmo período¹⁸¹⁸, poderão no todo ou em parte equivaler a períodos históricos mais recentes¹⁸¹⁹.

8.2.19.1.Enquadramento do Conjunto.

A ubicação do ponto arqueológico remete para uma área próxima à linha de margem do antigo Esteiro do Tejo que percorria a Baixa de Lisboa, estando mencionada

¹⁸¹⁸ M.Ferreira *et al.*, 2002.

¹⁸¹⁹ Observação produzida a partir de visita ao local realizada em Junho de 2000 na companhia de Jacinta Bugalhão. Conf. Idem, Anexo II, Registo Gráfico, n.º79.00.007, U.E.s 123, 8,31,96 e 23. Mas também as U.E.s 40 e 7- Conf. Idem, p.60.

a detecção próxima, no subsolo do entroncamento da Rua da Conceição com a dos Sapateiros, de uma potente estrutura argamassada interpretada pela olisipografia clássica como eventuais restos da medieva “*Ponte da Galonha*” que atravessava a linha de água¹⁸²⁰.

O tipo de depósitos reconhecidos na intervenção arqueológica de 2000 concorda com este tipo de paleoambiente, correspondendo na sua generalidade a formações arenosas ricas em cascalho, onde os elementos cerâmicos romanos eram muito abundantes e muito fragmentários: o espólio anfórico contemplava raras ocorrências de exemplares de cronologia da segunda centúria e posterior, sendo notória a ausência de modelos tardios correntes na cidade, como os lusitanos Almagro51c e 50, sendo maioritários os tipos dos inícios do Império como as “lusitanas antigas/Lusitana 12”, Dressel 14, Dressel 7/11 bética, Haltern 70 e Dressel 20¹⁸²¹; a cerâmica de “paredes finas”, bem representada, inclui tipos itálicos dos finais da República e augústeos e vasos béticos com decoração arenosa e aplicada a barbotina; o repertório observado de lucernas quase se restringe aos modelos de volutas, estando na sua maioria de elaboração itálica; o conjunto da *terra sigillata*, como se verá de seguida, apresenta-se dominado por fabricos itálicos e gálicos, estando os hispânicos discretamente atestados e os africanos através de um único fragmento repertoriado até ao momento.

Em síntese, as evidências arqueológicas parecem apontar para formações muito circunscritas no tempo, geradas muito maioritariamente no período Julio-Cláudio e Flávio, podendo em termos funcionais corresponderem a contextos de descarte de interface ribeirinho fluvial e/ou a acções de aterro destinadas à expansão da zona suburbana ocidental de *Olisipo*.

Para além das unidades deposicionais, foi detetado um entramado de estruturas com uma orientação muito próxima do Norte Geográfico, por isso similar à da urbanística romana revelada no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros próximo. Designadas por “*muro*” e numeradas de 1 a 8, foi-lhes atribuída uma cronologia “*flávia ou anterior*”, equivalente às “*Fases I a III*”, e “*de época flávia ou posterior*”, integradas nas “*Fases IV a IX*”¹⁸²².

¹⁸²⁰ A.V.Silva, 1987.

¹⁸²¹ Observações produzidas por Rui Almeida sobre cerca de 180 indivíduos no âmbito do seu doutoramento em curso, conduzido sob a orientação do Prof.Dr.Carlos Fabião. A ambos se agradece a possibilidade facultada de produzir a referência a este conjunto de materiais.

¹⁸²² M.Ferreira *et al.*, 2001, p.60 e seguintes.

8.2.19.2. Produções atestadas.

No conjunto da *terra sigillata* coletada na Rua Augusta/Zara, os fabricos gálicos são dominantes, atingindo 168NMI/65%, apresentando-se as elaborações de modo itálico bem atestadas, com 86NMI/28,32%, e os restantes fabricos pouco presentes (vide Figura 69, *infra*).

Entre os vasos oriundos da Península Itálica contam-se escassos recipientes passíveis de encerrar uma cronologia anterior à segunda década antes da Era, sendo assinalável a presença de modelos sobretudo correntes a partir do principado de Tibério, como os Consp. 23, 26, 27, 31 a 36, que perfazem 32NMI/10,95% (Idem), um pouco mais de um terço do total destas produções (Idem). Um fragmento de taça decorada de tipo indeterminável documenta, como ocorre noutros pontos de Lisboa, vasos pertencentes à produção tardo-itálica.

Os recipientes gálicos contam com a presença de formas que podem encerrar datações pré-cláudias, como as taças Ritt.5, mas a sua representatividade é reduzida. De fato, a maioria dos tipos deverá enquadrar-se no período de esplendor da exportação, entre Cláudio e Vespasiano, estando os modelos flávios modestamente atestados no local, como o tandem Drag.35/36 (9NMI/2,96%-Idem) ou a forma Drag. 42/ Vernhet D1 (1NMI/0,33%- Idem). Os modelos mais vulgares, os binómios Drag.15/17-24/25 (60 NMI/19,71%-Idem) e Drag.18-27 (93NMI/30,55%-Idem), assumem uma esperada maior expressão, equivalendo ambos a metade do conjunto de *terra sigillata* alto-imperial recolhida no local, e o ligeiro predomínio do mais recente poderá relacionar-se com as cronologias de formação dos contextos identificados.

As produções hispanas revelam, na Zara, um pouco habitual domínio esmagador dos vasos setentrionais em relação aos meridionais, apenas equivalentes a 2NMI/0,66% (Idem), aliás o mesmo número testemunhado por “marcas de oleiro” com origem em Andújar.

Forma	B	C	F	P	Frag.	% frag.	NMI	% NMI
Consp. 4	2	0	0	0	2	0,23	2	0,66
Consp. 12	2	1	0	0	3	0,34	2	0,66
Consp. 14.1	1	0	0	0	1	0,11	1	0,33
Consp. 18.2	5	1	0	0	6	0,68	5	1,65
Consp. 18.1	2	0	0	0	2	0,23	2	0,66
Consp. 20	0	1	1	0	2	0,23	2	0,66
Consp. 20.1	1	0	0	0	1	0,11	1	0,33
Consp. 20.2	1	0	0	0	1	0,11	1	0,33
Consp. 20.3	1	0	0	0	1	0,11	1	0,33

Consp. 21	1	1	0	0	2	0,23	1	0,33
Consp. 21.1	1	0	0	0	1	0,11	1	0,33
Prato Indet.	3	2	23	10	38	4,32	22	7,24
Consp. 22	8	2	3	0	13	1,48	8	2,63
Consp. 22.1	1	0	0	0	1	0,11	1	0,33
Consp. 22.4	1	0	0	0	1	0,11	1	0,33
Consp. 23	0	1	0	0	1	0,11	1	0,33
Consp. 23.1	5	0	0	0	5	0,57	5	1,64
Consp. 24	1	0	0	1	2	0,23	1	0,33
Consp. 26	0	1	1	0	2	0,23	1	0,33
Consp. 27	6	1	0	0	7	0,8	6	1,97
Consp. 31.1	2	0	0	0	2	0,23	2	0,66
Consp. 32	1	3	0	0	4	0,45	3	0,99
Consp. 32.1	1	0	0	0	1	0,11	1	0,33
Consp. 33	4	0	0	0	4	0,45	4	1,32
Consp. 34.1	5	0	0	0	5	0,57	5	1,64
Consp. 35.1	1	0	0	0	1	0,11	1	0,33
Consp. 36	2	0	0	0	2	0,23	2	0,66
Consp. B.3.2	0	0	1	0	1	0,11	0	0
Consp. B.3.3	0	0	1	0	1	0,11	0	0
Consp. B.3.4	0	0	3	0	3	0,34	0	0
Taça Indet.	2	6	4	31	43	4,89	0	0
Tigela Indet.	0	1	0	6	7	0,8	0	0
Indet. It.	1	3	7	56	67	7,61	0	0
Consp. 50	0	0	0	1	1	0,11	1	0,33
Consp. 38	1	1	0	0	2	0,23	1	0,33
Cálice	1	0	0	9	1	0,11	1	0,33
Total Itálicas	63	25	44	114	237	26,91	86	28,32
Taça dec.	0	0	0	1	1	0,11	1	0,33
Total T.-Itálicas	0	0	0	1	1	0,11	1	0,33
Ritt. 5	3	0	2	0	5	0,57	3	0,99
Ritt. 8	10	0	7	2	19	2,16	10	3,29
Ritt. 9	1	1	0	0	2	0,23	1	0,33
Drag. 24/25	34	12	7	0	53	6,02	34	11,18
Drag. 24	1	0	0	0	1	0,11	1	0,33
Drag. 27	43	17	13	0	73	8,3	43	14,13
Drag. 33	4	1	3	1	9	1,02	4	1,32
Drag. 35	6	2	0	0	8	0,91	6	1,97
Drag. 42	1	2	0	0	3	0,34	1	0,33
Indet.	2	2	13	39	56	6,36	0	0
Drag. 4/22	0	0	1	0	1	0,11	1	0,33
Drag. 17	1	1	0	0	2	0,23	1	0,33
Drag. 15/17	26	16	14	0	56	6,36	26	8,55
Drag. 18	50	24	14	0	88	10	50	16,42
Drag. 36	3	0	0	0	3	0,34	3	0,99
Prato Indet.	0	1	25	6	32	3,64	0	0
Indeterm. lisa	4	1	9	110	124	14,15	0	0
Drag. 11	0	0	0	3	3	0,34	1	0,33

Déch. 67	1	0	1	2	4	0,45	2	0,66
Drag. 29	8	1	3	0	12	1,37	8	2,63
Drag. 30	1	1	0	1	2	0,23	1	0,33
Drag. 37	2	0	2	0	4	0,45	2	0,66
Indet.	0	2	0	35	37	4,21	0	0
Total Sudgálicas	201	84	114	199	597	67,9	198	65,1
Drag. 18 Tr.	1	0	0	0	1	0,11	1	0,33
Drag. 15/17 Tr.	1	3	0	0	3	0,34	4	1,32
Hisp. 4 Tr.	1	0	0	0	1	0,11	1	0,33
Drag. 36 Tr.	1	0	0	0	1	0,11	1	0,33
Ritt. 8 Tr.	1	0	0	0	1	0,11	1	0,33
Drag. 27 Tr.	4	0	0	0	4	0,45	3	0,99
Drag. 27 And.	1	1	1	0	3	0,34	1	0,33
Drag. 35 Tr.	1	0	0	0	1	0,11	1	0,33
Tigela Tr.	0	0	0	2	1	0,11	0	0
Tigela And.	0	1	1	0	2	0,23	1	0,33
Indet. Tr.	0	0	0	9	9	1,02	0	0
Indet. And.	1	0	0	3	4	0,45	0	0
Drag. 29/37 Tr.	1	0	0	0	1	0,11	1	0,33
Drag. 37 Tr.	4	1	0	0	5	1	4	1,32
Taça dec. Tr.	0	0	0	8	8	0,91	0	0
Total Hispânicas	17	6	1	22	45	5,51	19	6,27
TOTAL	281	115	159	336	880	100	304	100

Figura 69- Produções *em terra sigillata* alto-imperial coletadas na I.A.U. da Rua Augusta/Zara- 2000.

8.2.19.2.1. Produções *Itálicas*.

Ol.200- *Ennius* (OCK 761).

Artesão de Putéolos, *Ennius* é definido como um fabricante de taças que iniciou a laboração logo após a mudança da Era¹⁸²³.

Estando já anteriormente documentado em Lisboa¹⁸²⁴, agora surge com uma impressão estampada no fundo de uma taça tronco cônica dotada de uma base do tipo Consp.B.4.13, morfologia típica da taça Consp.23¹⁸²⁵. Dado que o outro exemplar lisboeta foi executado com outro tipo de punção e estampado num vaso de distinta tipologia, mais recuada, a taça também tronco cônica Consp.22, a ocorrência da Zara-Rua Augusta tem o interesse suplementar de documentar a atividade do artesão em dois momentos bem distintos, contribuindo para uma melhor caracterização da sua produção.

¹⁸²³ OCK, p.215.

¹⁸²⁴ R.B. Silva, 2005, p. 112, n.º15.

¹⁸²⁵ *Conspetus*, p.162.

Do punção aqui utilizado é apenas conhecido um paralelo, aplicado num fundo com a mesma tipologia coletado em Alexandria¹⁸²⁶.

A cronologia foi proposta tendo em consideração a do fabrico desta morfologia de taça, típico do segundo e terceiro quarto do séc.I d.C.¹⁸²⁷, e do que se conhece da laboração de *Ennius*.

Ol.201 a Ol.204 - Oleiros Desconhecidos- impressões truncadas.

As impressões Ol.201 e Ol.202 mostram apenas ter restado um dos ângulos de cartela retangular e vestígios de uma haste de letra, sendo ocioso argumentar tratarem-se de formatos bilíneares ou não, como tentar encontrar oleiro às quais as adscrever. No caso de Ol.201, a forma do arranque da copa e o pé, da forma Consp.B.4.12, base típica da taça Consp.23, com os seus detalhes de modelação a apontar para uma elaboração no período de transição entre este modelo e o seu predecessor Consp.22¹⁸²⁸.

Das impressões Ol.203 e Ol.204, restam os extremos mostrando a biqueira e os dedos de “marcas” do tipo *in planta pedis*, portanto posteriores a 15 d.C. O fragmento de vaso Ol.204, de pequena dimensão, apresenta uma porção da copa bem esvasada de taça tronco cônica, forma compatível com a tipologia formal do pé, Consp. B.4.2, atestada justamente nas formas Consp.22 a 25.

As características macroscópicas da pasta e revestimento do conjunto de “marcas” truncadas são idênticas às de produções seguramente originárias de Arezzo e Pisa, pelo que uma atribuição à Etrúria se adequa.

Ol. 200	Putéolos	B.4.13- Consp.23	It.2	<i>Ennius</i>	E(...)	763.1	+ 25 d.C.	
Ol. 201	Itália Central	B.4.12- Consp.23	It.2	Ol. Desc.	(?) (...)	-	-	
Ol. 202	Itália Central	Taça	It.1	Ol. Desc.	(?) (...)	-	-	
Ol. 203	Arezzo- Pisa	-	It.1	Ol. Desc.	(...)	-	+ 15 d.C.	
Ol. 204	Arezzo- Pisa	B.4.2	It.1	Ol. Desc.	(...)	-	+ 15 d.C.	

Figura 70- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas da I.A.U. da Rua Augusta/Zara- 2000.

¹⁸²⁶ OCK-CD, vaso n.º 18883.

¹⁸²⁷ *Conspetus*, p.92.

¹⁸²⁸ *Idem*, p.162.

8.2.19.2.2. *Produções Gálicas*

Ol.205- *Albinus i* (NOTS 1, 123-128).

A impressão fragmentada com o texto OFALB(...) é atribuível a *Albinus i*, documentado entre 30 e 65 d.C. A classificação é feita sem reservas por ter paralelo exato no punção 4c do NOTS. A presença de impressões deste modelo em vasos achados no contexto de La Nautique de Narbonne, datado de Nero, fixa-lhe uma cronologia de 50-65 d.C.

Ol.206 -*Aper i* (NOTS 1, 212-216).

Artesão de La Graufesenque, *Aper i* produziu entre 50 e 70 d.C.¹⁸²⁹

A “marca de oleiro” presente foi aposta no fundo interno de uma pequena tigela Ritt.8, morfologia denunciada pelo pequeno ressalto interno na parede do fundo que evidencia. Corresponde ao tipo 5a, documentado sob a mesma forma em Augst, estando presente em Colónia, Mainz, Steinamanger, Cirencester, Feurs, Langres e Ampúrias, aqui aplicado no fundo de uma Drag.27¹⁸³⁰.

Dada a inexistência de achados em contextos datados externamente, deve a sua cronologia às balizas cronológicas acima apontadas para o oleiro.

Ol.207- *Cantus i* (NOTS 2, 214-223).

A impressão de *Cantus i*, oleiro ativo em La Graufesenque, corresponde exatamente ao paralelo de referência 5a, que se lê OF(I)C. CANTI(us), presente no centro produtor nas formas Ritt.9, Ritt.8, Drag.33 e Drag.27, como é aqui o caso¹⁸³¹.

Documentada também em Paris, Bavay, Cap D’Agde, Langres, Annécy, *Glanum* e Bordéus, aparece esporadicamente fora das Gálias em Vechten, Richborough, Ham Hell e Sagunto, sendo para Polak datada do período 25-55 d.C.¹⁸³²

Ol.208- *Celadus* (NOTS 2, 312-315).

Artesão ativo em La Graufesenque e Le Rozier, laborou no terceiro quartel do séc. I d.C., mas as suas formas lisas são essencialmente neronianas¹⁸³³.

¹⁸²⁹ NOTS 1, p.215.

¹⁸³⁰ Idem, p.213.

¹⁸³¹ NOTS 2, p.218.

¹⁸³² M. Polak, 2000, p.196.

¹⁸³³ Idem, p.315.

A impressão 8b do NOTS, que completa se lê CELADVSE, corresponde ao exemplar coletado na Baixa lisboeta, sendo apenas conhecido em La Graufesenque e Fos-sur-Mer, tal como aqui somente em pratos, no caso, respetivamente Drag.15/17R ou 18R e Drag. 18¹⁸³⁴.

Ol.209- *Eme*_ (NOTS 3, 352-353).

Como já referíamos antes, para Hartley, Dickinson, Polak e Mees, este tipo de impressões deveria ser catalogo entre as impressões grafomorfas¹⁸³⁵, sendo de opinião contrária, entre outros, Françoise Mayet, com argumentos que parecem bem sustentados¹⁸³⁶.

A impressão em causa, apesar de muito fragmentária, integra o grupo atribuível a um oleiro nomeado *Eme*()/*Emia*/*Emius*, ocorrente nas épocas de Cláudio aos Flávios porque, relembre-se, atestado no naufrágio de Port Vendres II¹⁸³⁷ e num contexto selado de 75-80 d.C., de Conímbriga¹⁸³⁸.

Ol.210- *Maccarus i* (NOTS 5, 159-169).

Oleiro já assinalado noutros locais de Lisboa¹⁸³⁹, de grande capacidade produtiva, está também atestado na região em estudo em Povos (Vila Franca de Xira)¹⁸⁴⁰, compulsando vasos sobretudo nos principados de Tibério a Nero¹⁸⁴¹.

O exemplar em causa é similar ao modelo do punção do tipo 13d', atestado em Estrasburgo, *Verulamium*, Exeter e Vechten. É a presença em contextos do período I do sítio militar de Hoffheim que permite propor a datação indicada.

Ol.211- *Lucius Cosius Virilis* (NOTS 3, 138-146).

A *officina* de *Lucius Cosius Virilis* corresponde a uma das de maior difusão da última fase de grande exportação do centro de La Graufesenque, estando já previamente documentada em Lisboa¹⁸⁴².

¹⁸³⁴ NOTS 2, p. 314.

¹⁸³⁵ NOTS 3, p. 353; M. Polak, 2000, p.380; A.Mees, 1994, p.180.

¹⁸³⁶ D.Colls et al., 1977, p.109; F. Mayet, 1978, p.85.

¹⁸³⁷ D.Colls et al, 1977.

¹⁸³⁸ A. Alarcão, 1975b, p.114.

¹⁸³⁹ Vide supra apartado relativo ao Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, exemplar Ol.198, como também antes na Praça da Figueira- Conf. R.B. Silva, 2005, p.169, n.º77.

¹⁸⁴⁰ L.F.Dias, 1998 e apartado próprio, adiante.

¹⁸⁴¹ M. Polak, 2000, p. 256; NOTS 5, p. 168.

¹⁸⁴² R.B. Silva, 2005, Anexo B.

Hartley e Dickinson supõe dubitativamente uma atividade circunstancial de *L.C.Virilis* no centro subsidiário de Le Rozier, sendo porém impossível sem recurso a análises arqueométricas distinguir as pastas e revestimentos dos dois locais, intimamente relacionados.

A impressão presente, do tipo 12d, foi aplicada no fundo de um prato, e está documentada em Drag. 18 mas também em taças Drag.33 em La Graufesenque, em Hettenleidelheim, Wiesbaden, Rheinzabern, Chemslford e no forte de Cardiff¹⁸⁴³. A indicação do sítio galês aponta para datas já da época de Domiciano, podendo avançar-se com uma proposta em torno de 80 e até 110 d.C.

Ol.212- *Iucundus iii* (NOTS 4, 308-318).

A impressão apresenta-se fragmentada à direita, mas o remanescente permite distinguir de forma clara o terminal do texto VCV, que se restitui com maior probabilidade [OF I]VCV(*ndus*), tendo em atenção o necessário centrar relativo da “marca”.

Apesar da pouco problemática restituição, e das características macroscópicas de pasta e verniz, sudgálicas, nenhum punção similar foi repertoriada nas obras de referência consultadas. As impressões 23a a 23d do NOTS ostentam o texto IVCV, por se tratar de aplicações de punções exaustos. A prática parece, portanto, corrente nas oficinas onde laborou o prolífico *Iucundus iii* de La Graufesenque, que operou entre 70 a 90 d.C.¹⁸⁴⁴, parecendo ser o caso do exemplar lisboeta.

Ol.213- *Oppianus* (NOTS 6, 286-287).

Oppianus é um oleiro ruteno com atividade restrita, tendo também desenvolvido atividade em Lezoux, como comprova a utilização contemporânea de um dos seus punções nos dois centros¹⁸⁴⁵.

A «marca» de oleiro lisboeta é similar ao tipo 2a mas não é totalmente idêntica, documentada sob a forma Drag.29 em La Graufesenque, pois mostra-se de dimensões ligeiramente menores, apesar de a grafia ser a mesma e com o mesmo espaçamento. Este elemento sugere tratar-se de um caso, pouco comum, de utilização de punção obtido por um processo de remoldagem. A ser assim, o vaso Drag.33 lisboeta deteria

¹⁸⁴³ NOTS 3, p.139.

¹⁸⁴⁴ NOTS 4, p.315.

¹⁸⁴⁵ NOTS 6, p.287.

uma cronologia mais baixa e, tendo em consideração que o oleiro laborou apenas entre finais de Augusto a Tibério¹⁸⁴⁶, estaríamos perante um intervalo mais próximo de 35 d.C.

Ol.214- *Seuerus ii* (NOTS 8, 250-251).

Sob a mesma onomástica podem distinguir-se diferentes oleiros rutenos, ativos em períodos distintos¹⁸⁴⁷.

No caso presente estamos perante uma forma Drag.24/25 de pequeno tamanho, o é indicador de maior antiguidade, excluindo-se desta forma *Seuerus iii*. Dos dois restantes, e embora a impressão não tenha paralelo exato nas obras de referência, a grafia e o tipo de texto condizem com o mais antigo dos *Seuerii* rutenos, que laborou para Polak entre 35-55 d.C.¹⁸⁴⁸, ou entre 25 e 50 (?) d.C. para Hartley e Dickinson¹⁸⁴⁹, o que condiz com a morfologia da tigela.

Ol.215- *Vitalis ii* (Polak 354-358).

A pequena taça Drag.27 ostenta no se fundo interno uma cartela de pequena dimensão conservada na sua parte esquerda, onde se lê o início do texto VI(...).

Apesar de mutilada, e de assim não autorizar a classificação do tipo de punção presente, a sua atribuição a *Vitalis ii*, um dos mais prolíficos produtores de La Graufesenque, é feita sem dificuldade.

Segundo Marinus Polak ativo a partir do principado de Nero e até finais do séc. I d.C.¹⁸⁵⁰, a proposta de cronologia avançada assenta no início do período de compulsão de vasos deste fabricante e, de igual forma, na tipologia do vaso.

Ol.216-Oleiro Desconhecido- ()ORCE ?

Da impressão conserva-se apenas a parte direita, sendo bastante nítida e permitindo a leitura em epígrafe. Apesar dos esforços , que incluíram várias soluções alternativas de leitura, incluindo a “base de dados de Mainz”, estes revelaram-se infrutíferos.

¹⁸⁴⁶ Idem, p.287.

¹⁸⁴⁷ M. Polak, 2000, p.332-334; NOTS 8.

¹⁸⁴⁸ Idem, p.32.

¹⁸⁴⁹ NOTS 8, 251.

¹⁸⁵⁰ M. Polak, 2000, p.354.

Colocamos em hipótese tratar-se de uma associação de dois oleiros, admitindo-se *Memor, Mercator, Censor*, com *Celadus, Germanus i*, a título meramente ilustrativo. Uma origem em La Graufesenque para o prato, de tipo indeterminável dada a reduzida dimensão do fragmento, parece bastante provável, atendendo às características do fabrico observáveis.

Ol.217-Ol.219- Oleiros Desconhecidos- impressões truncadas.

A impressão Ol.217 foi aplicada no fundo interno de uma taça decorada Drag.29. Começando o texto com a fórmula muito difundida em La Graufesenque OF(*ficina*), o pé apresenta características que permitem remeter a elaboração do vaso para um lapso de tempo situado nos principados de Nero-Vespasiano¹⁸⁵¹.

Ol.218 ostenta no que resta da impressão a mesma fórmula atrás aludida, aplicada num fundo de Drag.27 de média dimensão, desprovida de canelura externa do pé.

Da “marcas” Ol.219 nada resta do texto, sendo impossível a sua atribuição. Trata-se de um prato Drag.18 que permite uma atribuição a La Graufesenque, em função do tipo de fabrico observável.

Ol. 205	La Grauf.	Tigela	G.1	<i>Albinus i</i>	OF <u>ALB</u> (...)	4c	50 – 65 d.C.	
Ol. 206	La Grauf.	Ritt. 8	G.1	<i>Aper i</i>	(...)APRI	5a	50 – 70 d.C.	
Ol. 207	La Grauf.	Drag. 27	G.1	<i>Cantus i</i>	OFC. <u>CANT</u>	5a	25 – 55 d.C.	
Ol. 208	La Grauf.	Taça/ Tigela	G.1	<i>Celadus</i>	CE(...)	8b	50 – 75 d.C.	
Ol. 209	La Grauf.	Tigela	G.1	<i>Eme_/Emius Emia</i>	IM(...)	-	45 – 80 d.C.	
Ol. 210	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	<i>Maccarus i</i>	MAC(...)	13d	45 – 65 d.C.	
Ol. 211	La Grauf. e Le Rozier	Prato	G.1	<i>Lucius Cosius Virilis</i>	(...)LI	12d	80 – 110 d.C.	
Ol. 212	La Grauf.	Drag. 18	G.1	<i>Iucundus iii</i>	(...)VCV	23a-d	70 – 90 d.C.	
Ol. 213	La Grauf.	Drag. 33	G.1	<i>Oppianus</i>	OPPIAN(...)	≈ 2a	25 – 35 d.C.	
Ol. 214	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	<i>Seuerus ii</i>	SEVERE	-	25 – 55 d.C.	
Ol. 215	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	<i>Vitalis ii</i>	Vİ(...)	-	65 – 85 d.C.	
Ol. 216	La Grauf.	Prato	G.1	Ol. Desc.	(...)ORCE	-	-	
Ol. 217	La Grauf.	Drag. 29	G.1	Ol. Desc.	OF(...)	-	55 – 75 d.C.	

¹⁸⁵¹ Idem, p.130, fig 6, n.º73.

Ol. 218	La Grauf.	Drag. 27	G.1	Ol. Desc.	OF(...)	-	45 – 85 d.C.	
Ol. 219	La Grauf.	Drag. 18	G.1	Ol. Desc.	(...)	-	-	

Figura 71- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas da I.A.U. da Rua Augusta/Zara- 2000.

8.2.19.2.3. Produção Hispânica

Ol.220- *T.I ()* (Bustamante 643-644).

O oleiro em epígrafe, do qual se desconhece o desdobramento do nome, está repertoriado em *Volubilis*, com a forma [E]XO TI e em Represas, EXOFT(...), desconhecendo-se as formas dos vasos e a sua origem¹⁸⁵².

O exemplar da Zara-Rua Augusta apresenta-se numa tigela de morfologia indeterminável e permite concluir que, apesar da pequenez do fragmento, o punção não tem paralelo com os exemplares marroquino e pacense citados, pois mostra um muito bem marcado ponto a seguir ao T.

Noutro sentido, a observação das características macroscópicas da pasta e revestimento denotam sem reservas tratar-se de um produto oriundo de Andújar, o que contribui para o esclarecimento deste pouco difundido oleiro, afinal bético.

Ol.221- *Titus Oppius* (Bustamante 644).

A impressão de *Titus Oppius* foi executada com cartela retangular de extremidades ovais e encontra-se muito fragmentada, podendo ler-se sem dificuldade os dois últimos caracteres, PI e o anterior, provavelmente um P. Obtem-se assim a leitura atribuível ao artesão de algum relêvo no âmbito da produção bética que laborou em Andújar e *Singilia Barba*, fabricante de taças decoradas a molde Drag.37. Contudo, o restrito conhecimento que temos hoje da difusão dos seus vasos confina-o aos centros produtores¹⁸⁵³.

Para os estudiosos do centro meridional hispano, trata-se de produtor de cronologia cláudia e flávia¹⁸⁵⁴. Corroborando parcialmente este entendimento, duas impressões do artesão foram detetada na U.E.1535 da lixeira da Calle Almendralejo n.º41, em Mérida, contexto formado entre 80 e 90 d.C., sendo aliás o único produtor andujarino desta forma comprovado no local¹⁸⁵⁵.

¹⁸⁵² M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.643-644.

¹⁸⁵³ Idem, p.644.

¹⁸⁵⁴ Idem; M. Sotomayor Muro *et al.*, 1999, p. 42.

¹⁸⁵⁵ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p. 694.

O fragmento lisboeta, de reduzida dimensão para se lhe atribuir com segurança uma tipologia formal, mostra uma parede arqueada no fundo à maneira dos pratos Drag.18 gálicos, um revestimento cuidado e uma pasta mais depurada do que é habitual observar nos vasos de Andújar, elementos que podem concorrer em apoio da proposta de datação disponível.

Ol. 220	Andújar	Tigela	H.4	<i>T.I()</i>	(...)F T.I(...)	70 – 150 d.C.	-	
Ol. 221	Andújar e <i>Singilia Barba</i>	Prato	H.3	<i>Titus Oppius</i>	(...)PPI	50 – 95 d.C.	-	

Figura 72- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânicas da I.A.U. da Rua Augusta/Zara- 2000.

8.2.19.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

O conjunto de U.E.s identificadas na Rua Augusta-Zara apresentava grande homogeneidade de composição, resultante da acumulação detrítica urbana, não se conseguindo discernir no momento se provocada por uma acção de aterro destinada à edificação nesta área suburbana ou ao despejo de lixos urbanos ou inclusivé, às duas situações.

Assoma, entre as características gerais que o espólio cerâmico apresenta, a sua elevada fragmentariedade, o que constitui uma evidência interpretável como resultado de deposições secundárias e ulterior transporte, como também uma homogeneidade cronológica relativa, onde parece sintomática a ausência de elementos a que se possa atribuir uma datação posterior aos finais do século II d.C.

Será, portanto, nesta óptica que se terá que avaliar o significado do conjunto das “marcas de oleiro”.

Em primeiro lugar, constata-se a inexistência segura de impressões em vasos de modo itálico com anterioridade ao principado de Tibério, a que não se deverá atribuir relevância, na medida em que estão de outra forma presentes no ponto arqueológico modelos confirmadamente augústeos.

Noutro sentido, entre as elaborações sudgálicas é verificável o predomínio de “marcas” situáveis nos principados de Nero e Vespasiano. O cruzamento dos dados estratigráficos mostra que os vasos oriundos da Gália estão invariavelmente acompanhados por exemplares itálicos, sendo estes seguramente mais antigos, como acontece nas U.E.s [18] e [118]. A recolha na U.E. [36] de Ol.213, datada do lapso 25-

35 d.C., pode significar a existência de um depósito justaposto por aqueles dois outros mencionados, formado em momento anterior, circunstância que no momento não se pode garantir sem o integral estudo integrado das diversas classes de artefatos do sítio.

8.2.20. Praça do Município-Via Pública (Santa Justa, Lisboa)- Ol. 222.

A Praça do Município corresponde a um espaço gerado pelo plano pombalino de reconstrução da cidade após 1755, onde se implantaram os Paços do Concelho e o Pelourinho da capital.

A sua formulação urbana aproveita, em parte, a antiga Praça da Patriarcal, gizada na época de D.João V, sucessora de uma outra com carácter não palatino, o Largo da Tanoaria¹⁸⁵⁶. No local situava-se também um troço da Cerca Fernandina, edificada entre 1375-1377, e a sua Porta e Torre da Oura, sendo o espaço antes desta época conhecido como estaleiro de construção naval¹⁸⁵⁷.

Motivada pela construção de um estacionamento automóvel subterrâneo, a área foi totalmente escavada em 1997 sob a direcção de Manuela Leitão e João Muralha¹⁸⁵⁸.

8.2.20.1. Enquadramento do Conjunto.

Sob os níveis medievais reconhecidos na Praça do Município identificou-se uma estratigrafia correspondente a um ambiente de fundo estuarino datado de Época Romana, com correspondência com o nível intervencionado no Arsenal de Marinha antes escavado por ocasião da expansão da rede do Metropolitano¹⁸⁵⁹.

Um único estrato considerado, apresentava-se segundo os escavadores potente, atingindo os 80 cm de espessura, com algumas intercalações pontuais de lodos, e rico em inclusões pétreas de diversos calibres, devendo corresponder à colmatção do vale de encaixe do Esteiro da Baixa ou, com maior probabilidade, da baía formada pela sua foz na zona de contato com o Tejo.

O ambiente estratigráfico foi atestado apenas na metade oriental da área objeto de trabalhos¹⁸⁶⁰. Aqui foram recolhidos abundantes materiais, cobrindo um largo espectro

¹⁸⁵⁶ A.V. Silva, 1987b, p.96 e segs.

¹⁸⁵⁷ Idem.

¹⁸⁵⁸ J. Muralha e M. Leitão, 1999.

¹⁸⁵⁹ A. Sabrosa, V. Santos e J. Marques, 1997.

¹⁸⁶⁰ Apenas esta metade foi objecto de intervenção arqueológica, quer de peritagem quer de escavação propriamente dita, de emergência- Conf. J.Muralha e M.Leitão, 1999. Da intervenção resultou também a realização de uma exposição no edifício dos Paços do Concelho intitulada «Praça do Município: Arqueologia de um Lugar», organizada pelo Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa, patente em 1999.

cronológico, no qual se enquadra o elemento apresentado acima. De fato, foram recolhidos seletivamente¹⁸⁶¹ materiais classificáveis, nomeadamente ânforas lusitanas das formas Dressel 14, Almagro 51C, Lusitana 3, sud-hispânicas Maña C2, béticas Dressel 20, “Africana Grande” e, provavelmente, Late Roman I da Cilícia, como também fragmentos de vidro, «cerâmica africana de cozinha» e escassa *sigillata*. De destacar, entre os vários elementos coletados, um fragmento de jarra fabricado sem auxílio de torno, que pode remeter o limite cronológico superior das datações do contexto para o século VI d.C.

A explicação mais provável para a formação aluvionar radicar-se-á nos processos naturais da dinâmica estuarina, talvez ao longo de um lapso de tempo longo, recebendo os contributos antrópicos resultantes da proximidade de áreas ocupadas e da atividade de trânsito portuário.

8.2.20.2. *Produções Atestadas.*

Muito limitado, o conjunto de *terra sigillata* recolhido na intervenção documenta produções itálicas, gálicas de La Graufesenque, estando atestadas as formas Drag.18 e 27, clara africana C, com as formas Hayes 50A e 61A, mas também produções de D.

Uma única “marca de oleiro” foi identificada, oriunda de La Graufesenque.

8.2.20.2.1. *Produções gálicas*

Ol.222- *Oleiro Desconhecido*- impressão truncada.

O fragmento contendo impressão corresponde a uma porção de parede de pratel com decoração de roleta fina, aplicada na face interna do fundo. As características macroscópicas da pasta remetem-nos para uma produção de La Graufesenque, aspeto que aparece confirmado pelo formato da marca, retangular de extremidades bífidas, na qual se descortina apenas um caráter final, um I incompleto, correspondente, portanto, a um texto em genitivo.

Ol. 222	La Grauf.	Pratel R		<i>Ol. Desc.</i>	(...)I	-	20 – 120 d.C.	

Figura 73- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica recolhida na I.A.U. da Praça do Município - 1997.

¹⁸⁶¹ Recolha do signatário, durante dois meses colaborador nos trabalhos.

8.2.20.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

Considerando o enquadramento estratigráfico da recolha, a impressão insere-se no amplo espectro cronológico documentado pelos restantes elementos cerâmicos e vítreos coletados no local.

8.2.21. Rossio / Praça D. Pedro IV/Rossio (Santa Justa, Lisboa)- Ol. 223-Ol. 227.

Zona central da cidade, o Rossio correspondente a uma área que se encontra no domínio público pelo menos desde a Idade Média. Ladeando a “Corredoura” medieva, o espaço era dotado de edifícios notáveis como o “Paço dos Estáus” (séc.XIV) e o Convento de S.Domingos (séc.XIII). Profundas reformas urbanísticas ocorridas nos finais do séc.XV alteraram a fisionomia da praça, com destaque para a instalação na sua fachada poente da frontaria do Hospital Real e Igreja de Todos-Os-Santos (séc.XV-XVIII) e o realinhamento com este da fachada do vizinho edifício conventual.

A reconstrução que se seguiu ao terramoto de 1755 alterou a orientação da praça e a sua fisionomia, e no século XIX foi-lhe atribuído o topónimo atual, que continua a gozar de uso muito limitado face ao mais ancestral.

Irisalva Moita realizou uma peritagem em 1961, no quadro da instalação da rede de metropolitano na Baixa da cidade, e decorreram escavações entre 1994/5 e 1997, sob a direcção de Clementino Amaro e Ana Vale¹⁸⁶², no âmbito da expansão do mesmo sistema de transportes. No subsolo, em 1961, 1994/95 e 1997, foram detetadas estruturas da barreira central e da *arena* de um *circus*.

8.2.21.1. Enquadramento do Conjunto.

A escavação arqueológica da ligação da área escavada em 1994/5 à atual estação subterrânea “Rossio” do Metropolitano, executada em 1997, revelou um conjunto pouco esclarecedor de evidências que não permite identificar, com segurança, a zona de *podium*, a *cauea* ou o limite peribolar do edifício lúdico romano¹⁸⁶³.

¹⁸⁶² Em 1961 Irisalva Moita registou uma estrutura em forma de tabuleiro em *opus signinum* sustida lateralmente por muros de alvenaria- I.Moita, 1968, fig.2. Esta interpretação foi desde logo contestada por Fernando Castelo Branco (1962), embora não tenha avançado com outras hipóteses consistentes. Mais tarde, em 1989, o Arquitecto Vítor Mateus, em conferência na Casa Veva de Lima (Lisboa) a que assistiram os elementos do ex-I.P.P.A.R. e Museu da Cidade., interpretou a estrutura como correspondente à *spina* de um *circus*. Terá sido com base nesta leitura que, mais tarde, a equipa afecta à intervenção terá interpretado a estrutura que exumou no subsolo.

¹⁸⁶³ Vide, sobretudo, A.Vale, 2000; A.Vale e L. Fernandes, 2004a, e A.Vale e V. Sousa, 2003.

Foi possível reconhecer uma potente unidade de matriz argilosa (“camada 24”) correspondente ao abandono da *arena* e *spina*, depositada após o “roubo” das placas marmóreas de revestimento lateral da estrutura central¹⁸⁶⁴.

Abaixo do nível da *arena* foram detetadas outras estruturas com o mesmo alinhamento da *spina*, construídas em pedra seca (“estrutura B” e “C”- vide *infra*; à segunda destas estava associada a “camada 26”).

As aglomerações de materiais que os escavadores definiram como “*derrubes*” (“camada 25”), apesar de se situarem abaixo da cota da *arena*¹⁸⁶⁵, surgiram numa zona onde “*esta já não se conservava*”¹⁸⁶⁶. Poderão tratar-se de acumulações detriticas posteriores ao abandono do edifício ou ser o resultado de uma reforma do seu piso.

Por fim, a “camada 28” foi registada como um “preparado de pedras de pequena e média dimensão que supomos ter servido para a estabilização da *arena*”¹⁸⁶⁷.

8.2.21.2. Produções atestadas:

As impressões sobre *terra sigillata* recolhidas no Rossio dizem respeito às campanhas mais recentes, desconhecendo-se a existência de quaisquer materiais recolhidos em 1961.

Quatro das cinco “marcas de oleiro” (Ol.223 a Ol.226), as gálicas, foram já publicadas com a restante *terra sigillata* por Eurico de Sepúlveda, Ana Vale, Vítor Sousa, Vítor Santos e Natalina Guerreiro¹⁸⁶⁸. A estas acrescenta-se agora uma outra, conservada inédita, a única coletada na campanha de 1995 (Ol. 227).

A publicação do conjunto da *terra sigillata* visou aferir a cronologia de instalação do edifício lúdico, que os autores concluíram ter ocorrido no séc. III d.C.¹⁸⁶⁹

O quadro global dos vasos recolhidos (vide *infra*- Figura 74) mostra uma quantidade de fragmentos, 138, que não aparece depois refletida no catálogo e tabela, onde apenas figuram 44 peças¹⁸⁷⁰. De qualquer das formas, é patente o predomínio na totalidade da amostragem dos fabricos gálicos e hispânicos, em contraste com a escassa

¹⁸⁶⁴ A.Vale e L. Fernandes, 2004a.

¹⁸⁶⁵ E.Sepúlveda *et al.*, 2002, p.248-249.

¹⁸⁶⁶ *Idem*, p.246.

¹⁸⁶⁷ *Idem*, p.249.

¹⁸⁶⁸ *Idem*, p.250.

¹⁸⁶⁹ *Idem*. Procurando assim sustentar as conclusões entretanto veiculadas antes, nomeadamente em A.Vale e L. Fernandes, 2004a e A.Vale e V.Sousa, 2003.

¹⁸⁷⁰ E.Sepúlveda *et al.*, 2002, p.253 e segs.

representatividade atingida pelos vasos produzidos em modo itálico ou oriundos de África¹⁸⁷¹.

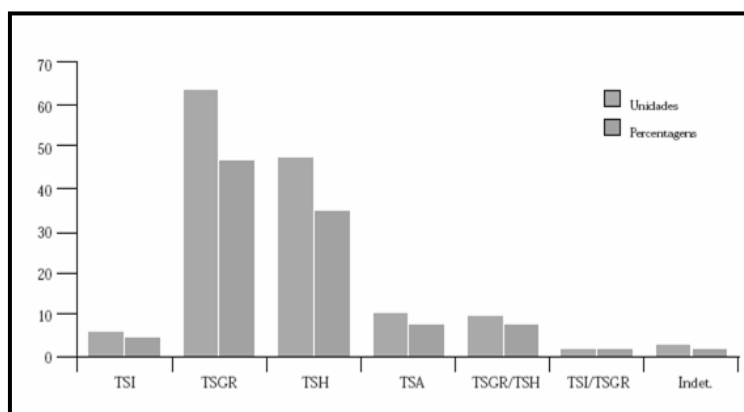


Figura 74– Histograma de percentagens e quantidades de fragmentos dos diversos grupos de produção de *terra sigillata* recolhidos na Praça D. Pedro IV (segundo Eurico Sepúlveda, Ana Vale, Vítor Sousa, Vítor Santos e Natalina Guerreiro¹⁸⁷²).

Como os autores não cruzaram eficazmente a informação das “marcas” e das tipologias dos vasos com a estratigrafia apresentada, no essencial os dados são úteis para a avaliação da sua presença no quadro geral da cidade de Lisboa, mas de escasso préstimo para a caracterização do sítio propriamente dito.

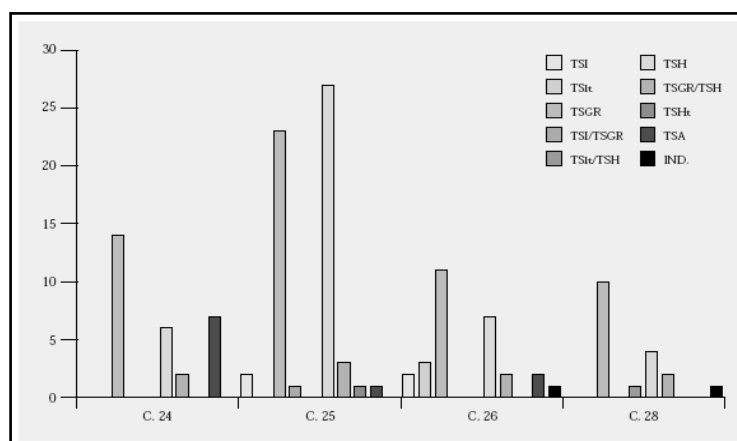


Figura 75- Histograma de quantidades de fragmentos e percentagens respetivas dos diversos grupos de produção de *terra sigillata* recolhidos na Praça D. Pedro IV (segundo Eurico Sepúlveda, Ana Vale, Vítor Sousa, Vítor Santos e Natalina Guerreiro¹⁸⁷³).

¹⁸⁷¹ Incompreensivelmente a publicação só dá a conhecer um fragmento de *terra sigillata* africana clara A, um fundo de tipo indeterminável- Cf. N.º 43 do “catálogo” e Est.VII-, Sepúlveda *et al.*, 2002, p.272 e 274.

¹⁸⁷¹ Idem..

¹⁸⁷² Idem., p.250, quadro 3.

¹⁸⁷³ Idem, p. 249, quadro 2.

Ainda assim, os elementos apresentados permitem rever a cronologia avançada, recordamos, do séc. III ou inícios do IV d.C.¹⁸⁷⁴. É patente o predomínio nos contextos associados à vida do *circus* das produções do Sul da Gália, acompanhados de uma muito relevante ocorrência de fabricos hispanos, estando a *sigillata* africana ou ausente ou muito escassamente representada. Fenómeno bem distinto acontece com a “camada 24”, formada após o abandono do espaço lúdico, em que esta última supera a quantidade de fabricos hispanos e é apenas ultrapassada pela quantidade de fragmentos de vasos oriundos da Gália (vide *supra*, Figura 75).

É possível, portanto, entrever uma datação dentro do período flávio-médio antonino, considerando o predomínio de *terra sigillata* gálica e hispânica face à escassez de *sigillata* clara africana A em associação e estratigrafia coerente.

8.2.21.2.1. Produções Gálicas

Ol.223– *Crestio*=*Crestus i* (NOTS 3, 175-183).

Oleiro de La Graufesenque, os seus contornos são alvo de controvérsia. Hartley e Dickinson distinguem-no de *Crestus i* (NOTS 3, 184-189) considerando este um oleiro mais tardio, e situam a atividade de *Crestio* entre 45 e 75 d.C.¹⁸⁷⁵. Marinus Polak contesta esta leitura com base variada, abrigando debaixo do seu nome um leque de impressões datadas de entre 50 e 110 d.C.¹⁸⁷⁶ e identificando ambos como o mesmo indivíduo, entendimento corroborado pelos elementos recentemente publicados colhidos em contextos de produção em La Graufesenque¹⁸⁷⁷.

O punção que serviu para marcar o vaso lisboeta corresponde ao 5b’ inventariado no NOTS, com uma extensa lista de paralelos: para além de vasos Drag.27 no centro produtor ruteno, está atestado sobre pratos Drag. 15/17 e 18, mas o seu uso foi frequente sobretudo a estampar as taças decoradas Drag.29, de que estão documentados numerosos exemplos na Gália, Alemanha e *Britannia*¹⁸⁷⁸.

No Rossio estamos perante uma impressão efetuada no fundo de uma tigela da forma Ritt.8, o que não tinha paralelo até ao momento. Acresce que, na impressão lisboeta, completa, o O final desapareceu, pelo que já só se lê OF.CRESTI. Estamos,

¹⁸⁷⁴ Idem, p.258-259.

¹⁸⁷⁵ NOTS 3, p. 183.

¹⁸⁷⁶ M. Polak, 2000, p. 213.

¹⁸⁷⁷ M. Genin (dir.), 2007, p. 197.

¹⁸⁷⁸ NOTS 3, p. 177. Os sítios correspondem, respetivamente, a Paris, Vichy, Pranchère, Alésia, Braives, *canabae* de Nijmegen, Vechten, Bona, Neuss, Xanten, Burghöfe, Augst, necrópole de Baldock, Londres, *Camulodunum*, Canterbury, Chester, Cemsford, Colchester, Leicester, Sea Mills, Silchester, Solothurn, Southwarck e Wroxeter.

portanto, perante um caso de punção exausto, que após o seu uso intensivo para marcar taças decoradas foi utilizado em tigelas, encerrando forçosamente uma cronologia mais tardia que estas. Considerando que os paralelos da versão anterior do punção não deteriorado o remetiam para o espaço de tempo entre 50-75 d.C., mas que, por outro lado, estamos perante uma tigela Ritt.8, avança-se com uma proposta de datação do novo punção 5b'' de cerca de 60-75 d.C.

Ol.224- Pontius (NOTS 7, 170-177).

Pontius, e não *Pontus*¹⁸⁷⁹, é o nome latino de um artesão que Marinus Polak considera poder corresponder ao gaulês *Pontijos*, atestado num dos róis de enformamento de La Graufesenque.¹⁸⁸⁰

Para o investigador holandês o oleiro estaria ativo já no tempo de Nero, mas os seus moldes para produzir taças decoradas Drag.37 datam, provavelmente, de 80-100 d.C.¹⁸⁸¹, intervalos que concordam com os propostos pelo NOTS¹⁸⁸².

A impressão do Rossio tem paralelo sempre sobre a forma Drag.27, como em Vechten em pequeno módulo¹⁸⁸³, Nijmegen, Valkenburg, Woerd, Chester, Caistor-by-Norwich, Leicester, Fishbourne, Londres e Richborough¹⁸⁸⁴.

Desta lista de paralelos, o único datado externamente é de Chester, que suporta a proposta de Polak de uma datação de entre 70 a 95 d.C.¹⁸⁸⁵

Ol.225- Secundus ii (NOTS 8, 170-182).

Oleiro rutenos já atestado em Lisboa¹⁸⁸⁶, *Secundus ii* pode corresponder a *T.Flavius Secundus* ou a *L.Tertius Secundus*¹⁸⁸⁷. O seu trabalho desenrolou-se em La Graufesenque entre cerca de 60 e 100 d.C., mas análises arqueométricas a um punção seu com o texto SECVN.F comprovaram a utilização de um mesmo instrumento para produzir também vasos em Espalion¹⁸⁸⁸.

A marca lisboeta em apreciação, truncada longitudinalmente e de forma oblíqua, corresponde ao punção de Vecthen S101, atestado em La Graufesenque nas entulheiras

¹⁸⁷⁹ Hipótese já considerada por Hartley e Dickinson- conf. NOTS 7, p. 176.

¹⁸⁸⁰ M. Polak, 2000, p. 293.

¹⁸⁸¹ Idem.

¹⁸⁸² NOTS 7, p.176.

¹⁸⁸³ M. Polak, 2000, p.294.

¹⁸⁸⁴ NOTS 7, p. 174.

¹⁸⁸⁵ M. Polak, 2000, p.294.

¹⁸⁸⁶ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹⁸⁸⁷ M. Polak, 2000, p. 325.

¹⁸⁸⁸ Idem.

que rodeavam o “grande forno”, que se supõe ter laborado entre 80 e 120/130 d.C., e como aqui estampadas no fundo de Drag.33¹⁸⁸⁹. Outros sítios incluem Chester, Hedderheim, as *canabae* de Nijmegen, e Saalburg¹⁸⁹⁰, pelo que uma datação de 80-120 d.C. parece ajustada.

Ol.226- Oleiro desconhecido-impressão truncada.

Da “marca” conserva-se apenas a extremidade direita, onde se podem ler três caracteres verticais ou verticalizados, interpretáveis como (...)III, (...)ILI ou (...)ICI. O que se dispõe de texto é escasso, e a consulta das obras de referência não resultou numa identificação segura.

O vaso corresponde a uma tigela Drag.27. de tamanho médio ou grande, dotado de canelura na face exterior do pé. O perfil deste é invulgarmente maciço, característica que pode apontar para cronologias mais avançadas no tempo no âmbito do período de exportação de La Graufesenque.

Ol. 223	La Grauf.	Ritt. 8		<i>Crestio</i>	OF.CRESTI	5b''	60 - 75 d.C.	
Ol. 224	La Grauf.	Drag. 27		<i>Pontius</i>	PONT(...)	1b	70 – 95 d.C.	
Ol. 225	La Grauf.	Drag. 33		<i>Secundus ii</i>	SECUNDI	Verchten S101	80 – 120 d.C.	
Ol. 226	La Grauf.	Drag. 27		Ol. Desc.	(...)III	-	70 – 110 d.C.	

Figura 76- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas recolhidas na I.A.U. da Praça D.Pedro IV/Rossio- 1997.

8.2.21.2.2..Produções Hispânicas

Ol.227- Oleiro desconhecido-impressão truncada.

A “marca de oleiro” que se inclui na presente epígrafe corresponde ao único exemplar conhecido coletado na campanha de trabalhos de 1995, e permanecia inédita até ao presente. Segundo a marcação de inventariação patente no objeto, terá sido coletada em 1995, na “camada 37”, para a qual não encontramos correspondência no respetivo relatório¹⁸⁹¹. Outro espólio oriundo da mesma unidade leva a referência complementar de “sobre a *spina*”, podendo identificar-se como correspondente à “camada 24” do relatório ou com uma posição semelhante na dinâmica do sítio.

¹⁸⁸⁹ M. Polak, 2000, p. 327; A.Vernhet, 1981.

¹⁸⁹⁰ M. Polak, 2000, p. 327.

¹⁸⁹¹ A. Vale, 2000.

Com a impressão muito erodida e truncada, apenas se distingue o E inicial da fórmula hispânica EX ou EXOF. Para além de questões gerais, o seu interesse é tópico dado equivaler à única impressão hispana recolhida no local do antigo *circus*, denotando as características da sua pasta e revestimento uma origem em Andújar. A morfologia da modelação do pé da tigela parecem indiciar um momento não muito avançado dentro do faseamento da produção daquele centro bético.

Ol. 227	Andújar	Drag. 27		Desconhecido	E(...)	-	70 – 120 d.C.	

Figura- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” hispânica recolhida na intervenção I.A.U. da Praça D.Pedro IV/Rossio- 1995.

8.2.21.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

Os exemplares de *terra sigillata* marcada recolhidos no Rossio não vêm, como seria expectável, resolver as problemáticas da datação do circo romano de *Olisipo*.

Convém ter presente que o estabelecimento de cronologias de fundação deste tipo de equipamentos de grande dimensão é complexo, levando em consideração a sua dimensão, os custos envolvidos e as possibilidades de reforma/reparação e renovação arquitectónica.

O caso emeritense é, a este título, exemplar, não só porque aí o *circus* está exposto na sua quase totalidade mas, e sobretudo, porque se trata da capital lusitana, que terá exercido forte influência nos modelos urbanísticos provinciais deste tipo de equipamentos lúdicos. O edifício possui aqui uma fundação tibéria, nas décadas de 20-30 d.C., depois aparentemente interrompida, uma conclusão apenas nas décadas de 50-60 d.C., eventuais renovações antoninas e a reforma bem documentada epigraficamente na época de Constantino II¹⁸⁹². Neste sentido, terá que se sublinhar a exiguidade da área escavada no Rossio e entender a necessária fragilidade que suporta uma qualquer proposta no momento.

Ainda assim, e para além das características globais conhecidas para o conjunto de *terra sigillata* (vide supra), as impressões obrigam a algumas observações. Em primeiro lugar, os exemplares gálicos n.ºs Ol.223 e Ol. 225, porque recolhidos na “camada 24”, ilustram bem a remobilização de elementos mais antigos que ocorre após o abandono da

¹⁸⁹² A.M. Montalvo Frias *et al.* 1997, p. 248; T. Nogales Besarrate, 2000, p. 45.

estrutura circense no período médio e baixo imperial romano, consideração extensível ao exemplar Ol.227.

Os n.ºs Ol.224 e Ol.226 assumem um significado mais relevante, por terem sido coletados na “*camada 26*”, relacionável com a instalação do edifício lúdico: a de *Pontius* fixa um *terminus posde quem* em 70 d.C. para a formação do contexto respetivo, sendo assim plausível propor uma data flávia ou posterior para a fundação do *circus olisiponense*.

8.2.22.Encosta de Sant’Ana (Socorro, Lisboa)- Ol. 228 - Ol. 236.

O morro de Sant’Ana detém uma posição estratégica na topografia da parte antiga da cidade de Lisboa, dominando visualmente os vales de encaixe da Ribeira de Arroios e de Valverde, mas também o Esteiro da Baixa até à sua ligação com o Tejo.

Como consequência desta localização privilegiada, durante a construção da muralha fernandina de Lisboa, entre 1373-1375, foi instalada uma torre de dimensões invulgares na parte mais alta do morro, a «*Torre de Sant’Ana*» que ainda hoje sobressai do casario instalado depois daquela data¹⁸⁹³.

Após a Idade Média, quando a zona tinha um caráter rural ou periurbano, nos séculos XVI e XVII foi-se desenvolvendo a ocupação urbana do espaço, configurando-se o essencial da trama atual.

Na encosta virada à Praça do Martim Moniz, em consequência do plano modernista do Arquiteto Cristino da Silva, procedeu-se à demolição do edificado de época moderna, depois ocupado ao longo das décadas de ‘60, ‘70 e ‘80 do século XX por soluções urbanísticas precárias de ocupação do solo, incluindo a instalação do “Teatro Aberto”.

Sucessivos planos de reordenamento urbano foram sendo desenvolvidos e parcelarmente aplicados através da EPUL (Empresa Pública de Urbanismo de Lisboa), entidade fundada nos finais da década de ‘60 para resolver, justamente, o “*problema do Martim Moniz*”. Porque os planos foram aplicados de forma pontual, dado terem sido modificados sucessivamente pelas distintas vereações da municipalidade lisboeta, só já no séc.XXI se encontraria a solução atual, hoje em fase de ultimação.

A solução em desenvolvimento implicou profundas alterações na topografia que justificaram uma primeira e extensa campanha arqueológica conduzida por João Muralha e Cláudia Costa ao longo dos anos de 2001 e 2002, com resultados

¹⁸⁹³ A.V. Silva, 1948, p. 74.

surpreendentes. Para além das evidências expectáveis de época moderna, foram reveladas outras, medievais cristãs e muçulmanas, romanas imperiais, mas sobretudo intensas e insuspeitadas ocupações neolíticas e da Idade do Bronze¹⁸⁹⁴.

Na sequência desta acção, desenvolveu-se uma segunda campanha entre 2004 e 2006, abrangendo uma maior extensão, agora coordenada por Manuela Leitão e Vasco Santos, que exumou mais evidências dos períodos mencionados.

8.2.22.1. *Enquadramento do Conjunto.*

A área arqueologicamente intervencionada entre 2002 e 2006 proporcionou a detecção de uma ocupação descontínua da área em Época Romana Imperial, não só porque se fez de forma pouco densificada, como porque algumas zonas foram afetadas por acções posteriores que obliteraram as entidades com aquela cronologia.

Merece destaque a área escavada em 2002, que proporcionou a detecção de um conjunto de evidências funerárias alto imperiais romanas, concentradas no “Setor A”, contando com a presença de três *ustrina*, dois dos quais muito destruídos, e quatro *ossilegia*¹⁸⁹⁵. Dado que aqui se identificou apenas a prática de incinerações, que um dos *ossilegia* correspondia ao corpo de ânfora do tipo Dressel 20 do Guadalquivir, e o espólio de um dos *ustrina*, utilizado como *bustum*, ser composto por objetos de cronologia do período dos imperadores Cláudios, foi avançada uma datação entre o séc. I e o III d.C. para a utilização funerária desta zona¹⁸⁹⁶.

Como os autores afirmaram, esta funcionalidade do espaço poderia pressupor a existência próxima de um eixo de circulação, localizado para além da zona escavada. Seria no setor C que a estrutura seria detetada, correspondendo a uma *uia* secundária de constituição muito similar à dos troços viários estudados na Praça da Figueira¹⁸⁹⁷. Composta por um tabuleiro de circulação de 2,5 m, reconhecido ao longo de 12m no “Setor C” e apresentando-se vestigial no “Setor E”¹⁸⁹⁸, viria a ser escavada novamente na campanha mais recente¹⁸⁹⁹.

¹⁸⁹⁴ J. Muralha *et al.*, 2002, p. 245-246.

¹⁸⁹⁵ *Idem*, p. 246.

¹⁸⁹⁶ *Idem*.

¹⁸⁹⁷ R.B. Silva, 2011.

¹⁸⁹⁸ J. Muralha *et al.*, 2002, p.26.

¹⁸⁹⁹ Informação oral de Manuela Leitão e Vasco Santos, a quem se agradece.

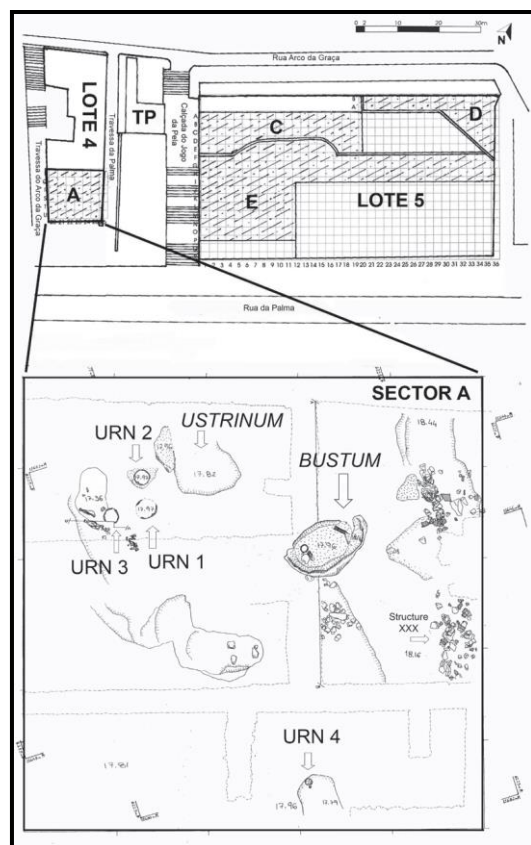


Figura 78- Área escavada da intervenção arqueológica da Encosta de Sant'Ana em 2002 e 2004/2005, com indicação ampliada do setor funerário alto-imperial revelado (segundo David Gonçalves *et al.*¹⁹⁰⁰).

Cinco remodelações do piso foram detetadas em 2002, parecendo, em função dos dados disponibilizados, que a última utilização dataria do período muçulmano¹⁹⁰¹. Os autores, fundamentados num fragmento de *terra sigillata* de modo itálico, noutro de prato em “cerâmica de engobe vermelho pompeiano” itálica e em diversos de “cerâmica cinzenta fina” sugerem, com consciência da base frágil da hipótese, uma datação augústea para a instalação do troço viário¹⁹⁰². De fato os elementos mostram tratar-se de uma proposta forçada, tendo em conta os dados publicados de pontos arqueológicos próximos, no caso da Praça da Figueira¹⁹⁰³, que parecem apontar para momentos mais tardios dentro do séc. I d.C.

Fora destes dois âmbitos, foram reconhecidas outras evidências posteriores, possivelmente das épocas médio e baixo imperial, incluindo um poço e sepulturas, sobretudo inumações, dispersas pelos diversos setores¹⁹⁰⁴.

¹⁹⁰⁰ Idem.

¹⁹⁰¹ J. Muralha *et al.*, 2002, p.246.

¹⁹⁰² Idem.

¹⁹⁰³ R.B. Silva, 2005, p.31 e segs.

¹⁹⁰⁴ J. Muralha *et al.*, 2002, p.246.

8.2.22.2. *Produções Atestadas.*

Foram coletadas na Encosta de Sant'Ana nove “marcas de oleiro” que documentam produções itálicas, gálicas e hispânicas, sete das quais apresentadas anteriormente em 2005¹⁹⁰⁵, altura em que não disponibilizou registo gráfico ou descritivo das impressões, tendo-se procedido apenas à sua classificação. Afortunadamente assim foi, na medida em que passados seis anos apenas foi possível localizar nos depósitos do Museu da Cidade quatro delas, e acrescentar duas que permaneciam inéditas¹⁹⁰⁶.

Para além daquelas circunstâncias, procedeu-se à revisão e atualização da informação relativa a cada um dos exemplares, apresentando-se leituras pontualmente divergentes das antes apresentadas.

8.2.22.2.1. *Produções Itálicas*

Os produtos em modo itálico da Encosta de Sant'Ana estão documentados por duas “marcas de oleiro” de cronologia augústea e augústea-tibéria.

Ambos os exemplares equivalem a novidades, num caso acrescentando um novo punção a um oleiro já conhecido, no outro comprovando a existência de uma nova impressão de um artesão ainda não estava repertoriado.

Ol.228- *Canopus Statiliae* (OCK 1991).

O exemplar em apreço foi aposto no fundo interno de uma taça que se supõe de dimensão grande.

De texto bilíneo, atribui-se a *Canopus Statiliae seruus*, oleiro que laborou em local indeterminado do centro da Península Itálica, em sentido lato, entre 20 e 1 a.C.¹⁹⁰⁷

Tendo elaborado apenas baixela lisa, demonstra uma capacidade de compulsão de vasos média a baixa, assinalando-se apenas 22 entradas e 14 punções¹⁹⁰⁸. No caso presente, a impressão está completa e o texto, CANOPV / STAT ILIAE tem paralelo em OCK 1991.4. Trata-se, contudo, de um novo modelo de punção, dado que o exemplar de referência mencionado apresenta o S retrógrado, o que aqui não acontece.

¹⁹⁰⁵ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹⁹⁰⁶ Aproveita-se para se agradecer sinceramente os esforços de Vasco Santos, mas também de Manuela Leitão, lastimando não ter sido possível encontrar os exemplares em falta e assim proceder à apresentação e registos gráficos respetivos.

¹⁹⁰⁷ OCK, p. 411.

¹⁹⁰⁸ Idem.

A distribuição dos vasos deste dependente de *Statilia* é alargada fora da Península Itálica, compreendendo Elche e Ampúrias, na Tarraconense, Fréjus e Narbonne, na parte meridional das Gália, atingindo de igual forma Cartago e Knossos¹⁹⁰⁹. Em função dos dados disponíveis, parece circunscrever-se a uma circulação eminentemente mediterrânica.

Ol.229- *Rusticus* (novo).

A impressão está estampada no fundo interno de uma base do tipo Consp.B.4.4 morfologia associada às taças tronco cónicas do tipo Consp. 22 a 25, das épocas de Augusto e Tibério¹⁹¹⁰.

Incompleta, é do tipo OCK 471, de texto bilínear, lendo-se a primeira linha, RVS, parte do carater inicial da segunda linha e as duas últimas letras, IC. A restituição RVS / TIC parece, portanto, relativamente segura.

O OCK regista dois oleiros deste nome. *Rusticus* (1) (OCK 1742) laborou em Le Montans de la Muette, em Lyon, e conhecem-se-lhe duas variantes de punção, ambas circulares, de texto também circular, correspondentes ao tipo OCK 532. Ambas são distintas do caso em análise, a grafia em nada se assemelha e as características visualmente observáveis da pasta e verniz do exemplar lisboeta advogam uma produção etrusca, campana ou lacial. Por seu turno *Rusticus* (2) (OCK 1743) é um fabricante de “vasos do tipo Aco” que laborou no Vale do Pó entre 20 e 1 a.C.¹⁹¹¹, sendo, portanto, de descartar também a identificação com este artesão.

Em conclusão, estamos perante um punção novo de um artesão itálico até agora desconhecido, ativo algures nas primeiras décadas do principado.

Ol. 228	Itália Central	Taça	It.2	<i>Canopus Statiliae</i>	CANOPV / STAT ILIAE	novo	20 – 1 a.C.	
Ol. 229	Itália Central	B.4.4	It.2	<i>Rusticus</i>	RVS / TIC	-	20 a.C. – 20 d.C.	

Figura- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas recolhidas na I.A.U. da Encosta de Sant’Ana- 2004/5.

8.2.22.2.2. Produções Gálicas

Os fabricos oriundos da Gália do sul estão documentados no ponto arqueológico lisboeta por seis “marcas”, salientando-se a atestação de duas impressões do mesmo

¹⁹⁰⁹ OCK-CD.

¹⁹¹⁰ *Conspetus*, p. 162.

¹⁹¹¹ OCK, p. 374.

oleiro em dois contextos de recolha distintos, circunstância a que não se deverá atribuir especial significado dada a exiguidade da amostra.

Ol.230- *Ardacus ii* (NOTS 1, 248-254).

A “marca de oleiro” de *Ardacus ii* encontra-se estampada no fundo interno de um prato do tipo Drag.18 de perfil algo robusto, detalhe morfológico geralmente indicador de modernidade, mas dotado de carena bem acusada e ressaltado interno na ligação do fundo à copa do bordo, elemento tidos como de sentido contrário.

A impressão presente equivale a um momento intermédio do uso do mesmo punção que serviu para produzir 4a’ e 4a” do NOTS.

A primeira referência foi detetada em La Graufesenque, Mainz, Baldock, Tongeren, Richborough, Braughing, Fos-Sur-Mer, Giraussens, Londres, Weisenau, Silchester, Springhead, Troyes, Bavay e na fase I de Hoffheim¹⁹¹². O enquadramento no faseamento do último sítio legionário citado remete a variante para a época de Calígula ou Cláudio, data da instalação do assentamento, ou pouco após este evento.

A segunda referência, correspondente a um momento mais avançado da vida do punção, está documentada em La Graufesenque, Arles, Bavay, Arles-Trinquetaille, Colchester, no forte de Valkenburg e em Wroxeter¹⁹¹³. Dado este último local ter sido fundado cerca de 50 d.C., e de a instalação militar em Colchester datar de entre 49 e 61 d.C.¹⁹¹⁴, a década de 50 d.C. parece a mais plausível para este estágio do instrumento.

Considerando os elementos cronológicos citados, uma baliza de entre 45 e 55 d.C. parece ajustada ao exemplar colhido na Encosta de Sant’Ana.

Ol.231- {*Arus i*} (NOTS 1, 267).

Hartley e Dickinson consideram muito duvidosa a existência de um oleiro sudgálico com o nome em epígrafe, dada a escassa evidência disponível e as possíveis adscrições a outros oleiros da maioria dos punções conhecidos, excepção feita a um punção onde se lê ARVS FE, distinto do exemplar em análise¹⁹¹⁵.

Noutro sentido, é admitida a existência de um oleiro com este nome a laborar em Montans na época de Tibério, *Arus ii* (NOTS 1, 267-268). As impressões em nada se relacionam com as deste artesão do Tarn, dado serem muito distintas e o fragmento

¹⁹¹² NOTS 1, p.249.

¹⁹¹³ Idem.

¹⁹¹⁴ M. Polak, 2000, p.408.

¹⁹¹⁵ NOTS 1, p. 267.

lisboeta apresentar características visuais que autorizam uma adscrição a La Graufesenque.

A “marca” está completa, o texto em apreço é de enorme simplicidade e a sua formulação ARI M(*anus*), sugere um artesão de pequena capacidade de compulsão de vasos e não deixa dúvidas quanto à onomástica. Terá, pois, que se admitir a existência de um oleiro rutenos com o nome *Arus*.

Complementarmente, o fragmento de fundo é de muito pequenas dimensões, não permitindo adscrever com segurança a nenhum tipo formal. O seu perfil grácil e a projecção arqueada das paredes das copas apontam mais para uma tigela do tipo Drag.24/25, embora seja admissível outra classificação como a Ritt.8 ou até Ritt.5. Mas mesmo com estas limitações, o vaso parece encerrar uma cronologia que, na hipótese mais pessimista não ultrapassará o final da década de 70 d.C.

Ol.232- *Gallicanus ii* (NOTS 4, 134-140).

Oleiro de La Graufesenque de grande capacidade de compulsão de vasos, documentado noutros pontos arqueológicos da cidade de Lisboa¹⁹¹⁶, laborou entre Cláudio e Vespasiano¹⁹¹⁷.

A impressão em análise estava estampada num vaso de forma indeterminada e dela apenas se preserva o registo elaborado em 2005¹⁹¹⁸. Apresentava a leitura OF GALIC e correspondia ao punção de Vechten G3/NOTS 2a, datado por Polak de 50-70 d.C., pois foi encontrado em taças de gramática decorativa cláudio-neroniana Drag.29 coletadas na “Fossa de *Gallicanus*” em La Graufesenque e no depósito de La Nautique sobre louça lisa, estando presente na mesma forma decorada em Aislingen e Roma¹⁹¹⁹.

Trata-se de uma impressão de difusão abundante, que para além dos sítios citados abrange Tongeren, Valkenburg, Londres, Southwark, *Vindonissa*, Cap D’Agde e *Glanum*¹⁹²⁰.

Ol.233 a Ol.234- *Rufinus iii* (NOTS 7, 415-424).

O *Rufinus iii* do NOTS equivale ao *Rufinus ii* repertoriado por Polak¹⁹²¹, produtor

¹⁹¹⁶ R.B. Silva, 2005, p.163, n.º 64.

¹⁹¹⁷ NOTS 4, p.139, que supõem ativo apenas até Nero; Polak aduz mais informação procedente de contextos datados externamente, que remetem a cronologia do fim da laboração já para o principado de Vespasiano- Conf. M. Polak, 2000, p.233-234.

¹⁹¹⁸ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹⁹¹⁹ M. Polak, 2000, p. 233.

¹⁹²⁰ NOTS 4, p.135.

¹⁹²¹ M. Polak, 2000, p.308-310.

de La Graufesenque já bem documentado em Lisboa, no ponto arqueológico próximo da Praça da Figueira¹⁹²², como nos Claustros da Catedral¹⁹²³ e Rua dos Bacalhoeiros¹⁹²⁴.

No caso presente, a impressão Ol.234 encontra-se no interior de uma pequena taça do tipo Drag.33 sendo equivalente ao exemplar de Vechten R24, ali estampado no fundo de uma tigela Drag.27, com paralelo em Heddernheim e Köngen, que autorizam uma adscrição ao período de 70 a 90 d.C.¹⁹²⁵

A outra “marca” do mesmo oleiro, Ol.235, está truncada à esquerda e encontra-se colocada num fragmento de reduzidas dimensões, de perfil delicado. Do texto resta (...)FIN, restituível sem dificuldade [OFRV]FIN porquanto equivale à impressão de Vechten R14*. Na origem encontra-se o punção de Vechten R14 que serviu para imprimir o fundo de taças decoradas a molde do tipo Drag.29, tendo sido posteriormente adaptado para produzir as impressões em vasos lisos como é o caso da Encosta de Sant’Ana, o que não deverá ter acontecido para Marinus Polak antes de 80 d.C.¹⁹²⁶ Considerando que a atividade de *Rufinus iii* terminou cerca de 90 d.C.¹⁹²⁷, o lapso de 80 a 90 d.C. corresponde ao exemplar em análise.

Ol.235- *Senomant*_ (NOTS 8, 224-227).

Da impressão presente resta apenas o registo efetuado em 2005¹⁹²⁸. Estampada no fundo interno de um vaso de forma indeterminada, não tinha correspondência com a obra de Marinus Polak.

O texto, [S]ENOMA, é similar à referência de Vechten S118, ocorrente apenas em Drag.29, de cronologia cláudio-neroniana, que supomos similar à do exemplar presente¹⁹²⁹.

Ol. 230	La Grauf.	Drag.18		<i>Ardacus ii</i>	FLARDAÇ	4a'-a''	45 – 55 d.C.	
Ol. 231	La Grauf.	Tigela		{ <i>Arus i</i> }	ARI M	nova	40 – 70 d.C.	
Ol. 232	La Grauf.	Indeterm.		<i>Gallicanus ii</i>	OFGALIC	2a	50 – 70 d.C.	n.i
Ol. 233	La Grauf.	Drag. 33		<i>Rufinus iii</i>	OFRVF	Vechten R24	70 – 90 d.C.	

¹⁹²² R.B. Silva, 2005, p.183, n.ºs 96-98.

¹⁹²³ Ol.148, vide *supra*, apartado próprio.

¹⁹²⁴ Vide *supra*, Ol.193.

¹⁹²⁵ M. Polak, 2000, p.310.

¹⁹²⁶ Idem, p. 308.

¹⁹²⁷ Idem e NOTS 7, p. 422.

¹⁹²⁸ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

¹⁹²⁹ M. Polak, 2000, p. 330.

Ol. 234	La Grauf.	Indeterm.		<i>Rufinus iii</i>	(...)FIN	Vechten R14*	80 – 90 d.C.	
Ol. 235	La Grauf.	Indeterm.		<i>Seno</i>	(...)ENOMA	Vechten S 118	45 – 65 d.C.	n.i

Figura 80- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas recolhidas na I.A.U. da Encosta de Sant’Ana- 2002-2004/5.

8.2.22.2.3. *Produções Hispânicas*

As produções hispânicas coletadas na Encosta de Sant’Ana estão documentadas apenas por uma “marca de oleiro” do grupo de La Rioja, muito embora haja notícia da existência de fabricos meridionais hispanos entre o conjunto de *terra sigillata* recolhido nas sucessivas campanhas de escavação de que o sítio foi alvo¹⁹³⁰.

Ol.236- *Flaccus* (Bustamante 523-524).

A impressão do importante oleiro do grupo de La Rioja, apesar de completa está muito borrada, mas restitui-se FLACCI. A deficiente condição apresentada pelos caracteres não autoriza a sua adscrição a um punção específico.

A forma do vaso pode corresponder quer a uma pequena tigela Drag.27 quer, com igual probabilidade, ao tipo Drag.33.

Produtos assinados por este artesão que laborou em Trício¹⁹³¹ já estavam documentados em Lisboa, na Praça da Figueira¹⁹³² e Rua das Pedras Negras¹⁹³³.

Macarena Bustamante Álvarez conseguiu fixar a cronologia de *Flaccus* entre 85 e 100 d.C.¹⁹³⁴, com base nos dados emeritenses que trabalhou da Calle Almendralejo n.º 41¹⁹³⁵, sendo essa a datação considerada para o presente exemplar.

Ol. 236	La Rioja	Drag. 27 ou 33		<i>Flaccus</i>	FLACCI	-	85 – 100 d.C.	

Figura 81- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” hispânica recolhida na I.A.U. da Encosta de Sant’Ana- 2004.

8.2.22.3. *Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.*

A impressão de *Ardacus ii* (Ol.230) integrava o espólio funerário de um *bustum* de interesse supletivo. A incineração mostrava o féretro em posição anatómica, mal

¹⁹³⁰ Informação oral transmitida por Manuela Leitão e Vasco Santos, a quem aqui se agradece.

¹⁹³¹ F. Mayet, 1984, p. 134.

¹⁹³² R.B. Silva, 2005, p. 218, n.º 150.

¹⁹³³ Vide, neste capítulo, os comentários ao exemplar Ol.37.

¹⁹³⁴ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p. 683 e 759, fig. 331.

¹⁹³⁵ Idem, p. 683.

carbonizado, vestígios das madeiras claramente visíveis e o espólio depositado por entre os *ossilegia*. O mobiliário era composto por dois unguentários em vidro, do tipo Isings 28, uma taça de “cerâmica de paredes finas” bética, da forma Mayet XXXIVc, uma lucerna com temática erótica de anões no disco do tipo Bailey III e o prato gálico mencionado¹⁹³⁶.



Figura 82- *Bustum* do Setor A em fase de escavação (foto Museu da Cidade-CML.).

O conjunto do mobiliário encerra cronologias de Tibério a Nero, parecendo a taça carenada em “cerâmica de paredes finas”, fabrico de casca de ovo, o elemento mais decisivo ao remeter a data da prática do *funus* para o principado de Nero até inícios do de Vespasiano. Assim sendo, e tendo em atenção o intervalo de 45-55 d.C. apontado para a “marca de oleiro” na *terra sigillata*, o prato Drag. 18 seria um item ali colocado 5 a 15 anos depois da sua produção.

As restantes impressões foram coletadas em contextos menos esclarecedores da escavação de 2004-2006: a de *Canopus* na U.E.376 do “Subsetor 1 do Setor E”, a de *Rusticus* na U.E. 380 do “Subsetor A do Setor E”, uma das “marcas” de *Rufinus iii* na U.E.299 do “Setor E”, outra na U.E.326 do “Subsetor A do Setor E”, a de *Flaccus* na U.E.379 do “Subsetor CD do Setor E” e a de *Arus* recolhida desprovida de contexto no “Setor E”. No desconhecimento da dinâmica estratigráfica do local, por ausência de relatório ou outro elemento disponível, o único comentário que ocorre é o de parecer verificar-se uma especial incidência da ocorrência de cerâmicas da época das duas

¹⁹³⁶ J.Muralha *et al.*, 2002, p. 246.

primeiras dinastias do principado na proximidade do troço da via secundária aí identificado durante os trabalhos arqueológicos.

8.2.23.Praça da Figueira (Santa Justa e Socorro, Lisboa)- Ol. 237-Ol.422.

Localizada em pleno coração do centro histórico urbano de Lisboa, a Praça da Figueira resulta de uma adaptação aos planos originais de reconstrução da cidade gizados após 1755, pois surge como consequência da decisão de abandono definitivo do Hospital Real de Todos-Os Santos ali instalado nos finais do séc.XV.

Como a intervenção arqueológica desenvolvida entre 1999 e 2001 viria a constatar, não só o edifício hospitalar foi sujeito aos trabalhos de terraplanagem para conformação do piso do terreiro “pombalino”, como as suas ruínas foram extensamente exploradas para reaproveitamento do manancial de pedra e tijolo destinado às edificações que se ergueram em seu redor no último quarto do séc.XVIII.

Anteriormente a estas acções urbanísticas, o Hospital funcionou num clima de contínuas campanhas de obra, fruto de eventos traumáticos como o incêndio de 1701 e com probabilidade o terramoto de 1531, mas também do empenho munificente quase constante por parte da coroa portuguesa entre os séculos XVI e XVIII.

Nascido da intenção de D.João II de centralizar os cuidados assistenciais da capital do reino, composto até então por numerosos organismos de cariz religioso dispersos pelo espaço urbano, a ocasião foi aproveitada também para o reordenamento urbanístico do vizinho Rossio, tendo sido lançada a primeira pedra fundacional em 1492¹⁹³⁷. Para a instalação havia sido feito o escambo dos terrenos com a Ordem Dominicana, equivalentes às “*Hortas de S.Domingos*” situadas a sul do Convento com mesma invocação, a principal casa da ordem mendicante em Lisboa, instalada ali desde os meados do séc.XIII¹⁹³⁸.

Com anterioridade ao uso agrícola do espaço, os trabalhos arqueológicos desenvolvidos em 2000 detetaram os restos de um parcela extensa de um bairro datado dos finais do domínio islâmico da cidade, bem como um troço de uma estrada com a mesma cronologia que está na origem do traçado da “*Corredoura*” medieva que ladeava o Rossio pelo lado nascente¹⁹³⁹.

A ocupação romana da área fez-se com uso sobretudo viário e funerário, sem antecedentes identificados. Ainda assim, vestígios de presença humana do Calcolítico e

¹⁹³⁷ P.Pereira (dir.), 1993.

¹⁹³⁸ A.C.Leite, 1993.

¹⁹³⁹ R.B. Silva; R. e M.V.Gomes, 2011.

da Idade do Bronze Final foram também revelados pelas escavações desenvolvidas em 1962¹⁹⁴⁰ e, depois, em 1999-2001¹⁹⁴¹ no quadrante NO da Praça da Figueira.

Noutro sentido, o ponto arqueológico é uma das áreas da cidade de maior tradição na investigação arqueológica de Lisboa, merecendo uma referência um pouco mais detalhada a esta “*estória*” da *praxis* da disciplina na capital.

Um dos trabalhos pioneiros, desenvolvido sem que se conheça o autor, seguramente funcionário da autarquia, ocorreu em 1953 no subsolo de um estabelecimento comercial de nome “*Irmãos Unidos*”, típica “*tasca*” lisboeta ainda hoje localizada no quarteirão que separa o Rossio da Praça da Figueira, para onde dá a sua entrada principal. Neste lugar se registou fotograficamente uma parte bem preservada da escadaria de acesso à Igreja do Hospital Real de Todos-Os-Santos, revelada por obras de rebaixamento do piso¹⁹⁴².

Em 1960, entre 22 de Agosto e 24 de Setembro, Irisalva Moita executou a exumação de uma área importante dos restos de Hospital Real de Todos-Os-Santos, da parte confinante do antigo Convento de São Domingos e a capela de Nossa Senhora do Amparo, conjunto ameaçado de eminente destruição pela instalação da primeira rede de Metropolitano da capital¹⁹⁴³.

Trabalho de grande impate público, implicou também os sete milhões de escudos com que, à data, a Câmara Municipal de Lisboa teve que indemnizar o Metropolitano de Lisboa pela paragem de um mês dos trabalhos¹⁹⁴⁴, verba que terá influenciado as opções da autarquia aquando dos achados de Época Romana e poderá estar na base do condicionamento à atividade de Moita no restante “*acompanhamento*” do desenvolvimento da rede, efetuado noutros locais.

A investigadora do Museu da Cidade continuou a efetuar a peritagem da expansão da infra-estrutura urbana. Contudo, talvez por força dos constrangimentos de prazos de obra e da menor abertura da autarquia em se envolver em novos gastos derivados da salvaguarda arqueológica, a metodologia sujeitou-se a ainda maiores limitações: para uma série de observações em diversos locais, de que não possuímos hoje mais do que artefatos, a sua referência de proveniência é apenas genérica e, excepcionalmente, subsiste uma ou outra fotografia. O mesmo tipo de prática perduraria até 1970. Nesta

¹⁹⁴⁰ F.B.Ferreira, 1962; J.L.Cardoso e J.R.Carreira, 1993; 1997.

¹⁹⁴¹ Em curso de estudo por Mário Varela Gomes e Rodrigo Banha da Silva.

¹⁹⁴² I.Moita, 1993.

¹⁹⁴³ I.Moita, 1964-1966; 1993; 1994.

¹⁹⁴⁴ I.Moita, 1993, p.20.

data Moita recolheu os elementos epigráficos e de decoração arquitectónica do Hospital Real aparecidos durante os trabalhos de colocação da estátua equestre de D. João I no seu primitivo local, o centro da Praça da Figueira.

Em 18 de Abril de 1961, Moita deslocou-se ao estaleiro do Metropolitano para observar artefatos recolhidos em três sepulturas de incineração romanas, encontradas próximas umas das outras e recolhidas sob um pavimento de “betonilha” (*opus signinum*), no subsolo da Praça da Figueira. As deslocações posteriores de Irisalva Moita ao local nunca incluíram o sítio do aparecimento das sepulturas romanas, e as recolhas de “espólio” suceder-se-iam ao longo de 1961: em 12 de Julho as nove sepulturas do que designou por “conjunto II”; em 2 de Dezembro, o “conjunto III”; a 5 do mesmo mês o “conjunto IV”; o “conjunto V”, em 16 de Dezembro. Em síntese, do total de catorze “conjuntos”, a informação que Moita transmitiu é indireta para os citados, não sendo claro se presenciou o aparecimento dos “conjuntos VII” e “X”¹⁹⁴⁵.

A percepção pela investigadora da importância do património de Época Romana Imperial que se encontrava a ser destruído no subsolo da Praça da Figueira foi gradual e não imediato. A ineficácia da metodologia que adoptou, que descreve como “*apenas acompanhar as obras do Metropolitano*”¹⁹⁴⁶, foi reconhecida como insuficiente pela própria em função do crescente ritmo dos achados. Por essa razão, opinou em 7 e 18 de Dezembro que só através de uma escavação sistemática poderia acautelar as entidades presentes no subsolo, solicitando a autorização da hierarquia camarária para proceder à mesma¹⁹⁴⁷. A municipalidade optou, porém, por não assumir os trabalhos, tendo informado em 23 de Dezembro a Junta Nacional da Educação, entidade que então tutelava o património arqueológico, dos achados efetuados e da sua intenção de não envolvimento¹⁹⁴⁸.

Afortunadamente, nessa altura a obra do Metropolitano na zona havia sido suspensa por outras razões. Porém, o seu retomar em 5 de Fevereiro de 1962 motivou o alerta de Irisalva Moita que foi, pela hierarquia camarária, “*recomendada a acompanhar aquelas obras para acautelar os achados ocasionais que se fossem registando, até que finalmente fosse decidida a paragem das obras do Metropolitano para o conseqüente início dos trabalhos*”¹⁹⁴⁹. Desta forma, e apenas entre 5 e 9 do

¹⁹⁴⁵ Idem.

¹⁹⁴⁶ Idem, p.39.

¹⁹⁴⁷ Idem.

¹⁹⁴⁸ Idem.

¹⁹⁴⁹ Idem, p.43.

mesmo mês, conduziu a investigadora escavações com dois trabalhadores cedidos pela Câmara Municipal de Lisboa. Da totalidade da sua atividade sobre a necrópole resultou a referência a vinte e cinco sepulturas e um conjunto de estruturas que interpretou como associadas, de que foi produzido um levantamento pelo topógrafo da autarquia¹⁹⁵⁰, bem como a desmontagem dos elementos arquitectónicos encastrados nos muros romanos.

A percepção adquirida pela investigadora das entidades que “acompanhou” foi muito condicionada pelas opções metodológicas adoptadas que resultaram numa intermitência de recolha de dados, obtidos maioritariamente por via indireta, tendo-lhe proporcionado uma leitura algo desarticulada da necrópole romana. Teve, contudo, os méritos de despoletar a escavação arqueológica imediatamente posterior, de ter isolado e/ou recolhido conjuntos artefatuais funerários romanos e de ter, posteriormente, tornado acessível a um público alargado uma parcela importante do passado da cidade através de uma pequena zona expositiva criada na estação do Metropolitano do Rossio, entretanto desaparecida.

Ao contrário dos trabalhos de Moita, a escavação de Bandeira Ferreira permanece quase totalmente inédita. Para além de algumas menções dispersas, as únicas publicações produzidas por membros da equipa correspondem a um curto resumo de uma comunicação efetuada na Sociedade de Geografia de Lisboa pelo responsável¹⁹⁵¹ e um outro, de Fernando Castelo Branco¹⁹⁵², no qual se publica uma planta de síntese das estruturas romanas integradas na malha urbana atual, elaborada por Eduardo Prescott Vicente.

A escavação arqueológica teve início a 11 de Fevereiro de 1962, dois dias após a saída da investigadora camarária do espaço da necrópole, e pode caraterizar-se como correspondente a uma intervenção arqueológica de emergência, sendo a sua fonte principal o “*Diário das Escavações*” manuscrito por Bandeira Ferreira¹⁹⁵³, a que só se pode aceder através da microfilmagem ou fotocópia existente no Museu da Cidade, o que não se revelou totalmente satisfatório devido à fraca qualidade da reprodução da maior parte das fotografias que o ilustravam.

As primeiras apreciações feitas por Bandeira Ferreira referiram-se aos trabalhos anteriores, em relação aos quais opinou de forma muito negativa: veja-se as referências

¹⁹⁵⁰ Idem, pl.III.

¹⁹⁵¹ F.B.Ferreira, 1962b.

¹⁹⁵² F.C.Branco, 1961, mas seguramente elaborado depois do termo da escavação de 1962.

¹⁹⁵³ F.B.Ferreira, 1962.

a “*escavações catastróficas dos dias 8 e 9 de Fevereiro que eu ainda vira*”¹⁹⁵⁴ ou “*tirei também uma série de fotografias para documentar o estado – em certos pontos deplorável- em que encontrei a escavação arqueológica, quando iniciei as escavações*”¹⁹⁵⁵.

Ao contrário de Moita, Bandeira Ferreira contou com a colaboração de arqueólogos experimentados, destacando-se Eduardo Prescott Vicente, que assumiu a direcção dos levantamentos e que terá tido influência na metodologia aplicada. Participaram também outros investigadores, como José João Fernandes Gomes, João Luís Saavedra Machado, Fernando Castelo Branco e Rodrigues Miguéis, e um “corpo” de estudantes do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que integrava Luís Filipe Thomás e Maria Luísa Oliveira Marques¹⁹⁵⁶.

A zona intervencionada havia sido muito afetada pelas escavações do Metropolitano e pelo “*acompanhamento*” de Moita. Assim, a área disponível correspondia a um trecho do terço central, longitudinal no sentido da zona onde se iria implantar a estação “Rossio”, limitado a Norte e a Sul por dois tapumes de contenção, mencionados quer por Moita¹⁹⁵⁷ quer pelo “*Diário*”¹⁹⁵⁸. Todos os níveis romanos que se encontravam para além destes tapumes haviam já desaparecido.

Uma das primeiras constatações feitas por Bandeira Ferreira foi a da existência de uma via romana que estruturava o espaço funerário e que tinha escapado à percepção de Moita, que a utilizara como caminho de “*escoamento das terras*”¹⁹⁵⁹.

Dado partes de muros serem ainda visíveis, a opção adoptada foi a de definir vários setores: “*T*”, a oeste da via, e os restantes, localizados a leste daquela, correspondentes a diferentes ambientes definidos pelos restos construtivos– “*compartimentos B*”, “*BA*”, “*BB (?)*”, “*C*”, “*D*”, “*viela V*” e o “*poço/ puteus P*”. Todos os muros de um mesmo compartimento receberam a designação de uma letra em grego,

¹⁹⁵⁴ Idem, p.4.

¹⁹⁵⁵ Idem, p.9.

¹⁹⁵⁶ Idem.

¹⁹⁵⁷ I. Moita, 1968, fig.2.

¹⁹⁵⁸ F.B. Ferreira, 1962.

¹⁹⁵⁹ Idem, p.9.

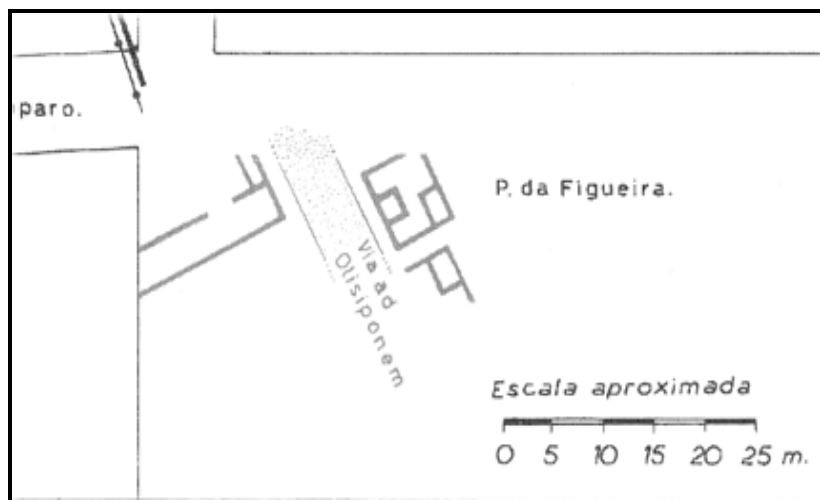


Figura 83- Planta de síntese dos resultados da escavação da Praça da Figueira-1962 (elaborada por E.Prescott Vicente, seg.Fernando Castelo Branco¹⁹⁶⁰).

seguida de numeração romana para cada um, de norte para sul e no sentido dos ponteiros do relógio.

As escavações de 1962 produziram um registo substancialmente mais abundante do que as acções anteriores, de que se destacam planimetrias a escalas de pormenor (1/10), “croquis” com a localização de artefatos e de recolhas de amostras sedimentológicas, alguns perfis estratigráficos e alçados sistemáticos de pormenor das superestruturas arquitectónicas reveladas. As cotas altimétricas apresentadas são ou relativas ao teto da estação do Metropolitano, pelo que são passíveis de conversão, ou relativas entre si, e portanto igualmente recuperáveis a partir daquelas.

O tratamento dado pelo “Diário” às várias áreas é, porém, desequilibrado. Para o “setor T”, por exemplo, possuímos muito poucos elementos devido ao furto do caderno de campo da arqueóloga que coordenava a área durante os trabalhos; o “compartimento B” possui um nível de detalhe muito superior ao dedicado ao vizinho “BA”, aliás de muito maiores dimensões.

Dadas as circunstâncias em que decorreram os trabalhos, em que se procurou articular a execução com as necessidades do Metropolitano, o seu desenvolvimento passou pela escavação de poços correspondentes à zona de sustentação do teto da estação Rossio do metropolitano e à desmontagem sucessiva dos muros dos compartimentos assim que estes se encontravam integralmente escavados para ceder

¹⁹⁶⁰ F.C. Branco, 1961, pl.I.

área à obra, pelo que foi muito importante o rigor dos levantamentos para a formação, elaborada posteriormente, da planta final.

Apesar da evidente sensibilidade espacial e estratigráfica, a escavação não atingiria os níveis de rigor de trabalhos posteriores. Tratou-se, ainda assim, e para a época, de uma intervenção de grande preocupação metodológica, independentemente das limitações derivadas da trabalhosa inteligibilidade dos registos e, sobretudo, do óbvio óbice da não escavação da via romana.

A intervenção desenvolvida entre 1999 e 2001 resultou de um projeto de iniciativa camarária que considerava a reabilitação do Rossio, Praça da Figueira e quarteirão entre ambas as praças, da autoria do arquiteto Carlos Mardel. Uma das suas componentes, que visava a revitalização do núcleo histórico central da cidade, era a instalação de um estacionamento automóvel subterrâneo no subsolo da Praça da Figueira, na área não antes afetada pelo Metropolitano.

Os trabalhos, que tiveram uma fase prévia de peritagem da campanha de sondagens geotécnicas e da construção das estruturas de contenção periféricas, arrancariam em Dezembro de 1999, com um programa que visava expor os distintos níveis de ocupação já antes comprovadamente existentes no local, como também esclarecer o hiato existente entre os horizontes baixo-medievais e romanos, resultante do sincopado das acções decorridas entre 1960 e 1961.

Para atingir esses resultados foi implementada uma metodologia de escavação mista, onde estavam presentes muitas das propostas da “*open-area*” de Barker-Harris, nomeadamente as leituras em Unidades Estratigráficas (adiante U.E.) acompanhadas das respetivas fichas e “*matrizes de Harris*”, a procura da desmontagem sucessiva dos estratos considerados mais recentes, o reconhecimento dos interfaces considerados relevantes, a execução de registos planimétricos pormenorizados de algumas das U.E.s, reconhecidas como mais significativas. Outros aspetos relacionam-se com a necessidade verificada do recurso a técnicas mais “*tradicionais*”, sobretudo a primazia dada ao registo vertical de parte das U.E.s, a utilização de uma malha quadricular de referência de 5 x 5 metros, articulada com os limites da obra. Pesou nesta opção a menor preparação e entrosamento dos escavadores, incluindo arqueólogos, técnicos e pessoal não especializado, a utilização pontual de testemunhos até se atingirem níveis ocupacionais coerentes, e a escavação por planos de algumas U.E. mais potentes ou de conjuntos deposicionais onde se verificou maior dificuldade de distinção das várias entidades presentes.

O objetivo primordial era o de disponibilizar para a apreciação científica e, sobretudo, patrimonial, os grandes momentos de ocupação do local de forma “*sincrónica*”. Tendo-se concretizado para o primeiro horizonte, correspondente ao Hospital Real de Todos-Os-Santos e ocupação imediatamente anterior, verificar-se-ia a impossibilidade de o conseguir para os períodos medieval cristão, medieval islâmico, romano, proto-histórico e da pré-história final. As razões deste insucesso prenderam-se com as soluções construtivas adoptadas e consideradas as mais adequadas pelos especialistas no domínio da engenharia de estruturas (projetista e consultores da autarquia), sobretudo envolvendo as questões de segurança perimetral, com comprovado impate no edificado confinante com a praça.

Parece hoje claro que estas soluções envolviam procedimentos considerados indispensáveis pelos especialistas, não explicitados nem apreciados previamente pela componente arqueológica, e por essa razão baptizados por esta, com alguma ironia, de “*surpresas técnicas*”, mas de grande impate negativo neste domínio patrimonial. Perante a recusa em assumir os riscos inerentes, a acatância desses procedimentos obrigou a uma total alteração do programa da intervenção arqueológica e da consequente reelaboração das calendarizações, implicando o reforço substancial dos meios humanos e técnicos envolvidos (a equipa total chegou a atingir 14 arqueólogos, 5 assistentes de arqueólogo, 4 desenhadores e 60 operários) e uma redução substancial dos tempos de intervenção setorial e total.

Em função de um enquadramento a todos os níveis desfavorável, onde as pressões de vária índole se manifestaram resultaram em destruições de parcelas importantes não intervencionadas arqueologicamente, para as entidades estratigráficas de Época Romana só se conseguiu proceder à abertura de setores mais ou menos amplos, raramente se conseguindo exumar dois de forma contínua, dado que os entretanto escavados eram sucessivamente “*desmontados*”. Os trabalhos assumiram nesta fase um carácter mais consentâneo com uma acção de emergência do que preventiva.

Por esta razão, a compreensão da dinâmica ocupacional romana daquele espaço foi feita cumulativa e setorialmente, o que resultou das circunstâncias aludidas mas também das duas grandes infra-estruturas urbanas existentes no subsolo da Praça da Figueira que haviam anteriormente seccionado e destruído outras áreas importantes: uma subestação eléctrica central, edificada cerca de 1965, e uma outra da Carris, construída em 1990, ao que se sabe sem qualquer “*acompanhamento*” arqueológico.

Este conjunto de razões explica porque se aplicaram a algumas das U.E.s designações numéricas diferentes, ou porque a compreensão da via foi feita em função dos dois setores onde esta foi reconhecida com coerência¹⁹⁶¹.

Desde o início que a intervenção da Praça da Figueira havia sido concebida considerando uma última fase, correspondente ao tratamento dos dados e preparação de uma monografia, em que o suporte financeiro caberia, na maior parte, ao concessionário. A mesma não foi, porém, acautelada pelo(s) jurista(s) envolvido(s), pelo que é com um âmbito bastante mais limitado que vem sendo executada, aumentando assim, e em muito, o tempo requerido para a sua conclusão.

Num desenvolvimento não previsto, e procurando a abertura da informação recolhida ao exterior, partilhada pelos responsáveis pela intervenção arqueológica e pelo Museu da Cidade, de que o presente trabalho é também reflexo, na última década vem sendo promovida a realização de um número significativo de estudos de âmbito académico sobre materiais e contextos de várias horizontes cronológicos documentados na Praça da Figueira, incluindo os de Época Romana, realizados por alunos de estabelecimentos do ensino superior, maioritariamente das Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no âmbito das licenciaturas, mestrados e doutoramentos.

8.2.23.1. Enquadramento do conjunto.

As primeiras referências documentais a achados de Época Romana na área próxima à Praça da Figueira remontam ao séc.XVI, tendo-se identificado depois três incinerações de meados do séc. I d.C. um pouco mais a norte, na Calçada do Garcia, em data anterior a 1870¹⁹⁶². Posteriormente, outras sepulturas iriam ser reveladas pelas obras que tiveram lugar no Largo de São Domingos, em 1898, reportadas laconicamente por José Leite de Vasconcelos: “*vestígios de construções, ossadas humanas e ao mesmo tempo duas inscrições (...) e vários tijolos retangulares (em latim lateres), alguns destes marcados grosseiramente com uma espécie de N*”¹⁹⁶³.

Como se viu antes, Irisalva Moita publicaria em 1968 os resultados das suas acções no subsolo da praça, onde identificou diversas estruturas e conjuntos funerários alto-imperiais.

¹⁹⁶¹ R.B. Silva, 2012.

¹⁹⁶² R.B. Silva, 2000.

¹⁹⁶³ J.L. Vasconcelos, 1900a, p.283.

A intervenção subsequente dirigida por Bandeira Ferreira iria abarcar exatamente as mesmas realidades abordadas por Moita, como já se demonstrou, permitindo uma mais correta percepção das realidades exumadas¹⁹⁶⁴.

De fato, em 1961-1962 identificaram-se diversas construções ladeando uma via de cerca de 6m de largura, com particular destaque para dois conjuntos de edificado localizados na parte a oriente desta, que convencionámos designar em 2005 por “*Edifício Nordeste*” e “*Edifício Sudeste*”¹⁹⁶⁵.

No interior do primeiro citado é possível destrinçar: três vãos de fachada, sendo a entrada a SE dotada de soleira em lióz, desmantelada por Moita e que se conserva na exposição permanente do Museu da Cidade, e o central dando acesso a um pequeno compartimento sem comunicação com o restante; um poço, possivelmente libacional, construído em *opus latericium*, nomeado “*puteos P*”, situado no ângulo SE; dois níveis de pavimento; uma canalização de ligação à estrutura hidráulica; seis práticas funerárias, de distintas cronologias (vide Figura 84, *infra*).

N.º	Tipo	Descrição sumária	Referência
1	<i>Bustum</i>	<i>Cinerarium</i> - ânfora Dressel 20; Epitáfio, reutilizado como tampa, mencionando <i>Creusa</i> , escrava de <i>Auita</i> , falecida aos 16 anos.	I.Moita, 1968, “Conjunto XII”.
2	Deposição secundária	<i>Urna</i> –Pote de duas asas em cerâmica comum, tapado com placa epigrafada com a inscrição voltada para baixo (reutilizada), referente a <i>Iulia Passerla</i> , de 4 anos.	F.B.Ferreira, 1962, p. 318 e 134-foto
3	Idem	<i>Urna-Olla</i> em cerâmica comum. Violava o “ <i>pavimento I</i> ”.	Idem: p.135.
4	Idem	<i>Urna-Olla</i> em cerâmica comum.	Idem: p.109.
5	Idem	<i>Urna-Olla</i> em cerâmica comum.	Idem: p.116.
6	Idem	<i>Urna-Olla</i> em cerâmica comum.	Idem: p.271.
7	Inumação em caixa de tijolo	Sepultura muito destruída, com o corpo orientado a leste, sem mobiliário funerário identificado. Enterramento tardio, violava o “ <i>pavimento II</i> ”.	Idem: p. 195, 352 e 355 A.

Figura 84- Tabela das práticas funerárias documentadas no interior do “*Edifício NE*” (segundo R.B. Silva¹⁹⁶⁶).

O “*Edifício Nordeste*”, pela sua configuração arquitectónica, em particular a fachada de três vãos, onde o central se assume como o de maior relêvo e o mais meridional como o de acesso ao restante do espaço, como igualmente pela menor

¹⁹⁶⁴ R.B. Silva, 2005, p.34-36.

¹⁹⁶⁵ Idem, p.64.

¹⁹⁶⁶ Idem, p.45, quadro 1, com ligeiras adaptações.

intensidade de uso documentada arqueologicamente, deverá corresponder a um mausoléu de caráter individual ou familiar.

No seu exterior foram também identificadas uma incineração, junto ao limite norte, uma sepultura de inumação junto à fachada, no espaço entre esta e o limite da via, uma outra de um equídeo, junto ao tardóz, e um possível *ustrinum* e uma deposição cinerária alto-imperial (vide Figura 85, *infra*), sugerindo a mesma dinâmica do espaço interno.

N.º	Tipo	Descrição sumária	Referência
1	Deposição secundária	<i>Cinerarium- dolium</i> de duas asas. Conteúdo desconhecido.	F.B.Ferreira, 1962, p.282.
2	Inumação em fossa	Inumação muito destruída, sem mobiliário funerário identificado. Provavelmente tardia.	Idem,p.318 e 134-foto.
3	Idem	Sepultamento de equídeo.	Idem, p.137.
4	<i>Ustrinum</i> ?	“Concentração de carvões”.	Idem, p.361.
5	Deposição secundária	<i>Cinerarium- Dolium</i> . Mobiliário- Pequenos potes de produção Norte-Alentejana (?) decorados a rosetilha.	I.Moita,1968, “Conj.XI” e p.70.

Figura 85- Tabela das práticas funerárias documentadas no exterior do “*Edifício NE*” (segundo R.B.Silva¹⁹⁶⁷).

O “*Edifício Sudeste*” só se conservava parcialmente, tendo já desaparecido o seu limite meridional à data das escavações de 1962. O seu interior possuía um pavimento em *opus signinum* que não abrangia a face interna do muro de limite norte e a zona junto deste, formando um arco limitado por meia-cana entre o vértice dos compartimentos denominados “B” e “BB”, sendo o primeiro construído em *opus latericium* de encontro à alvenaria do muro limite perimetral, no ângulo NE¹⁹⁶⁸. Sob o pavimento mencionado foram achadas em 1961 três sepulturas de incineração, certamente depositadas em fossa, bem como outras cinco de incineração na campanha de escavações de 1962. Como nota refira-se que a uma das epígrafes coletadas por Moita colou um fragmento que se conservava entre o espólio recolhido nas escavações dirigidas por Bandeira Ferreira (Vide Figura 86, *infra*, n.º8).

N.º	Tipo	Descrição sumária	Referência
1	Deposição secundária	<i>Cinerarium</i> - tipo desconhecido. Urna- <i>olla</i> . Mobiliário- taça de vidro.	I.Moita, 1968, “ <i>Con- juto I</i> ” e p.35, 55, Est. IX, p. 66, 15.

¹⁹⁶⁷ Idem, quadro 2, com ligeiras adaptações.

¹⁹⁶⁸ Idem, p.39.

2	Idem	<i>Cinerarium</i> - tipo desconhecido. Urna- <i>olla</i> . Mobiliário- Lucerna Dressel 20, dois potes de produção Norte-Alentejana, um púcaro de duas asas em cerâmica comum, sete vasos em <i>terra sigillata</i> de fabrico sudgálico, dos quais dois pratos Drag.15/17 e quatro tigelas da forma Drag. 24/25, uma do tipo Drag.27 e cinco unguentários em vidro do tipo Isings 28A.	Idem.
3	Idem	<i>Cinerarium</i> - tipo desconhecido. Urna- <i>olla</i> . Mobiliário não identificado	Idem.
4	Idem	<i>Cinerarium</i> - tipo desconhecido. Urna -caixa de chumbo paralelepédica. Mobiliário- dois unguentários de vidro do tipo Isings 6 e pote pequeno em cerâmica comum.	Idem, p.37 e 55- “ <i>Con- junto IV</i> ” e F.B. Ferreira, 1962, p.290.
5	Idem	<i>Cinerarium</i> - Ânfora Dressel 20 tapada com a inscrição mencionada em 8, fragmentada.	I.Moita, 1968, “ <i>Conjunto IV</i> ”
6	Idem	<i>Cinerarium</i> - <i>Dolium</i> contendo caixa de chumbo com o grafito QCF repetido três vezes no bojo e uma vez na aba da tampa; no topo desta estava grafado também <i>CINERES QCF</i> . Urna- em vidro, tipo Isings 67, de que se conserva apenas o bordo.	Idem, p.49 e L.Fernandes e J.Encarnação, 1997.
7	Idem	Urna- <i>olla</i> . Sem mobiliário identificado.	F.B.Ferreira, 1962, p.109.
8	<i>Loculi parietis</i>	Epitáfio de <i>Titus Callaeus Saluianus</i> .	Idem.
9	Idem	Epitáfio de <i>Vrsia Fundana</i> , <i>Vrsius Nicerotis</i> e <i>Publius Vrsius Nicerotis</i> .	Idem.
10	Idem	Epitáfio de <i>Caius Terentius Saturninus</i> .	Idem, p.249 e 252.
11	Idem	<i>Tabula</i> de <i>Caius Vrsius Clemens</i> .	Idem, p.244 e 252.
13	Deposição secundária	Urna- <i>olla</i> . Mobiliário- Um prato Drag. 18 sudgálico.	Idem, p.110.
14	Bustum	Sem urna, no interior do “ <i>compartimento B</i> ”. Mobiliário funerário-, dois pratos Drag. 18, três taças Drag.24/25, uma tigela Drag. 27 e outra Ritt.8, em <i>terra sigillata</i> sudgálica. Sobreposto ao seguinte.	Idem.
15	Idem.	Sem urna, no interior do “ <i>compartimento B</i> ”. Mobiliário funerário-, um prato da forma Drag.16, outro do tipo Drag.18, uma tigela da forma Drag.24/25, duas do tipo Drag. 27, em <i>terra sigillata</i> sudgálica. Sobreposto pelo anterior.	Idem, p.112.
16	Idem	Sem urna. Mobiliário- moeda em bronze (perdida), pregos em ferro e fíbula tipo do tipo Aucissa.	Idem, p.110A.
17	Idem	Sem urna. Mobiliário funerário- lucerna , fíbula (perdida) e disco de fuso em osso.	Idem.

Figura 86- Tabela das práticas funerárias documentadas no interior do “*Edifício SE*” (Segundo R.B.Silva¹⁹⁶⁹).

Numa apreciação geral do conjunto das evidências disponíveis para o “*Edifício SE*” destacam-se dois elementos: a alta intensidade de uso, especialmente centrada no

¹⁹⁶⁹ Idem, quadro 3, adaptado e atualizado.

período do Alto Império, e a colecção epigráfica recolhida no seu interior, que assoma como um elemento fundamental para a leitura do tipo de uso.

Assim, não só o tipo de placa funerária de topo arredondado denuncia a existência de *loculi* paritais com esta configuração, como as quatro epígrafes se apresentam homogêneas de um ponto de vista cronológico, sendo genericamente datáveis de meados do séc. I d.C. a meados do séc. II d.C., coincidente com a datação que se entrevê para as restantes evidências de práticas funerárias. Esta circunstância, aliada à menção expressa a três indivíduos dotados do direito de cidadania que ostentam diferentes nomes de família, comprova o uso coletivo do edifício e respetivo espaço, o que poderá ser explicado pela sua pertença plausível a um *collegia*, eventualmente *funeratitium*. Assim se explicaria melhor a arquitetura do interior, onde o “*compartimento B*”, recorde-se que revestido a laterício, corresponderia ao *ustrinum* respetivo, como a subsistência dos quatro conjuntos encontrados em 1962 no seu interior em associação a carvões abundantes, interpretáveis como restos da utilização do crematório.

Tendo-se perdido por ocasião dos trabalhos os registos relativos ao “*setor T*”, situado a oeste da via, e não tendo sido escavada esta, a imagem que se forma é a de um espaço funerário disposto de forma “*canónica*” ao longo de um dos principais eixos de acesso a *Olisipo*, com uma forte intensidade de práticas entre a segunda metade do séc. I d.C. e, como haviam afirmado Moita e Ferreira, o séc. III d.C.¹⁹⁷⁰

A intervenção desenvolvida entre 1999 e 2001 iria corroborar, mas só em parte, este panorama, na realidade mais rico e complexo, faseado em V fases distintas: foram detetadas evidências de acções urbanísticas anteriores, ocorridas nos principados de Tibério e Cláudio- Fase II; atestou-se uma intensa atividade de desmantelamento de edifícios e recintos funerários do período monumentalizado da necrópole (Fase III- vide Figura 88, *infra*) no último terço do séc.III d.C. (início da Fase IV), um dos contributos mais relevantes para a história da cidade, pois tem relação direta com a vida do circo próximo e com os ritmos da muralha baixo-imperial, que será assim tetrárquica; comprovou-se a continuidade de sepultamentos após as destruições mencionadas, ao longo do séc.IV d.C. (Fase IV); documentou-se um uso periurbano ou já mesmo rural da área a partir de finais do séc.IV d.C., e uma última reparação da via, ocorrida com maior probabilidade no dominado de Arcádio (Fase V)¹⁹⁷¹.

¹⁹⁷⁰ I. Moita, 1968 e 2004; F.B. Ferreira, 1962 e 1962b.

¹⁹⁷¹ R.B. Silva, 2005, especialmente p.49 e seguintes.

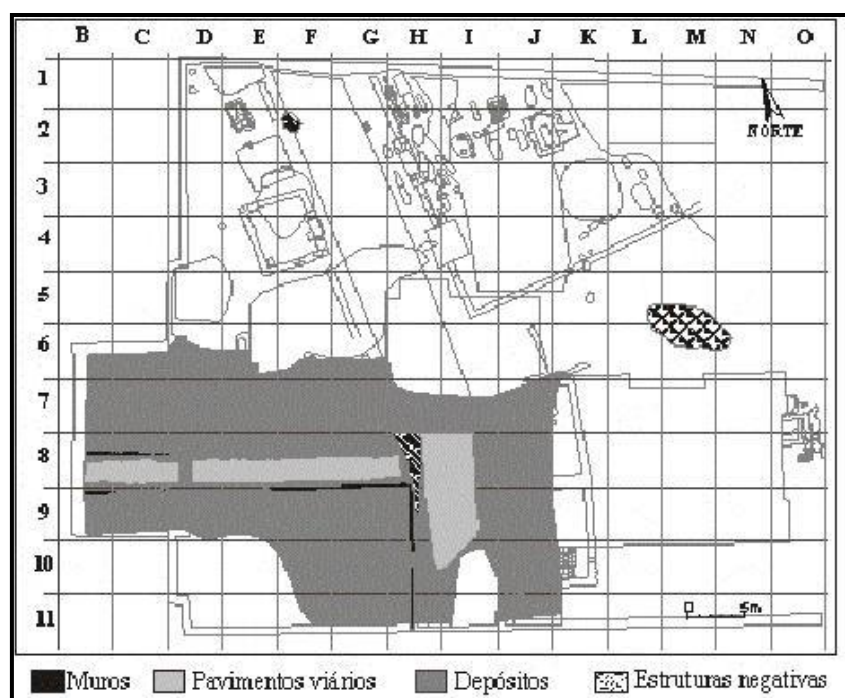


Figura 87- Planta esquemática de síntese das evidências da Fase II, datada dos principados de Tibério e Cláudio (seg.R.B.Silva¹⁹⁷²).

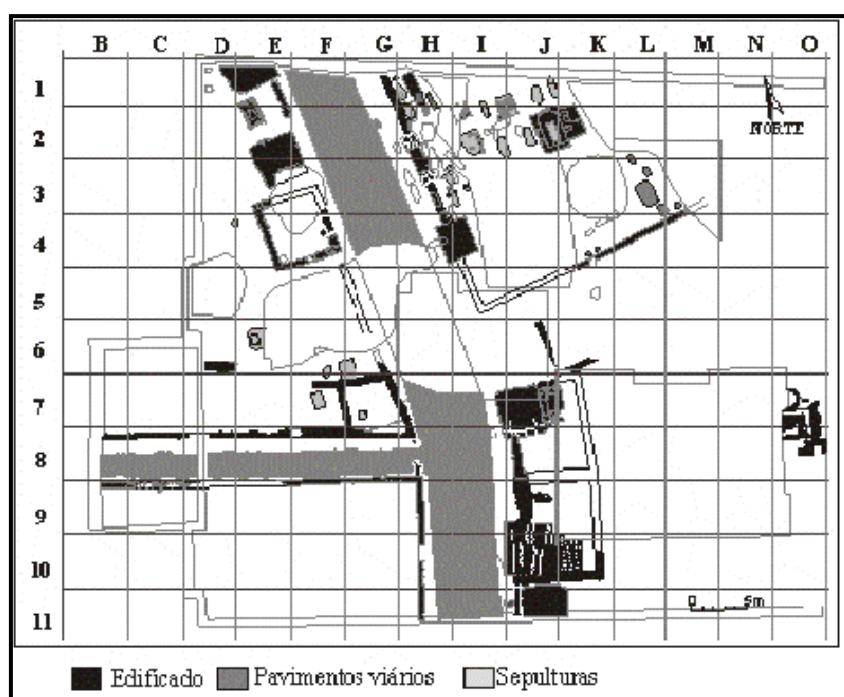


Figura 88- Planta esquemática de síntese das evidências da Fase III, datada de meados do séc.I d.C. ao último terço do séc. III d.C. (seg.R.B.Silva¹⁹⁷³).

Em sentido contrário, na vasta área então objeto de trabalhos três únicos e exíguos casos de sepulturas identificadas como dos séculos I e II d.C., não se podendo reputar como abundantes os contextos de outras naturezas e similar cronologia, os que mais

¹⁹⁷² R.B. Silva, 2005, p.51, adaptado.

¹⁹⁷³ Idem, p.55, adptado.

interessariam aqui dados os objetivos do presente trabalho, enquadráveis nas fases II e III da periodização já antes esboçada¹⁹⁷⁴.

A despeito da última observação, foi possível fixar cronologias contextuais para os inícios da Fase III no principado de Nero, remetendo-se para o item final do presente apartado respeitante à Praça da Figueira, onde conta a avaliação dos contributos das “marcas de oleiro” para o conhecimento da dinâmica do sítio, mais esclarecimentos acerca dos contextos que aqui interessam, aliás elementos antes abordados no texto de 2005¹⁹⁷⁵.

8.2.23.2. *Produções atestadas.*

Interessa, agora, abordar o perfil geral das importações de *terra sigillata* alto-imperial atestadas na Praça da Figueira¹⁹⁷⁶, que vem sendo objeto de múltiplos trabalhos, nomeadamente de Catarina Bolila, que se debruçou sobre os fabricos de modo itálico¹⁹⁷⁷, Inês Ribeiro, que estudou as elaborações hispânicas¹⁹⁷⁸, Vanessa da Mata, que efetuou um amplo trabalho final de licenciatura sobre as elaborações gálicas lisas¹⁹⁷⁹, e do autor, que elaborou uma abordagem às “marcas de oleiro”¹⁹⁸⁰, que aqui se ampliou e completou.

Como já se havia afirmado em ocasião anterior, a ampla amostragem resultante do trabalho desenvolvido sobre estas produções a partir de 2001 reuniu o acervo conhecido mais vasto de Lisboa, onde se contabilizaram 3962 fragmentos equivalentes a 887 NMI, e a circunstância de o ponto arqueológico documentar uma continuidade de ocupação entre etapas iniciais do principado de Tibério e o séc. III d.C., permite defender que encerrará uma das mais fiáveis imagens dos ritmos económicos da cidade romana.

A expressão quantitativa, que não tem analogia com qualquer outro caso na área em estudo, assume um outro importante significado pois, ao colocar-se em paralelo os números aferidos em termos de NMI e “marcas de oleiro”, obtém-se uma proximidade relativa de valores percentuais: 12,12-17,29, para as elaborações de modo itálico, 0,89-1,62, para os recipientes denominados tardo-itálicos, 65,07-67,57, para as elaborações

¹⁹⁷⁴ Idem.

¹⁹⁷⁵ Idem, em especial “7. Contextualização estratigráfica das “marcas de oleiro” da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da evolução urbana de *Olisipo*”, p.229-252.

¹⁹⁷⁶ Excluimos, propositadamente, os fabricos do “tipo Peñafior”, apesar de aflorados por Inês Ribeiro (2010). Estamos em crer que a sua representatividade no ponto arqueológico da cidade é substancialmente maior, e uma correcta quantificação futura é requerida e está efetivamente por fazer.

¹⁹⁷⁷ C. Bolila, 2011.

¹⁹⁷⁸ I. Ribeiro, 2010.

¹⁹⁷⁹ V. Mata, 2008.

¹⁹⁸⁰ R.B. Silva, 2005.

sudgálicas e 23,52-13,51, para os vasos oriundos dos complexos de La Rioja e Andújar. Sendo certo que a discrepância maior ocorre em relação aos últimos citados, e que a mesma resulta de um distinto hábito epigráfico das olarias peninsulares, como do abandono acentuado do mesmo ao longo do séc.II d.C., a avaliação quantitativa das “marcas de oleiro” efetuada nos moldes em que aqui foi praticada assume-se como método de quantificação das produções plenamente válido, se bem que complementar.

Tendo presente que os contextos romanos alto imperiais mais antigos da Praça da Figueira remontam às etapas iniciais do principado de Tibério, verifica-se uma expectável escassez de modelos de recipientes da denominada “*fase precoce*” ou “A”¹⁹⁸¹ da produção itálica, apresentando-se as elaborações do período augústeo tardio e de Augusto-Tibério bem presentes, de forma maioritária por comparação com as seguramente ulteriores.

A produção tardo-itálica, cuja proveniência pisana é denunciada pelas características observáveis nas pastas e revestimentos, surge representada por escassos 8 NMI/0,89%. Terá, porém, que se valorizar a sua presença repetida em diversos pontos arqueológicos lisboetas, que encontra aqui também o respetivo eco, ilustrativo de um fluxo permanente dos vasos desta produção com destino à cidade da foz do Tejo.

Os fabricos gálicos contabilizados, por seu turno, comprovam uma segura importação ainda no principado de Tibério, nomeadamente os pratos Consp.20.4 de que se assinalaram 5 NMI/0,56%, podendo cair no mesmo âmbito outras formas, como as taças Ritt.5 (4 NMI/0,45%) e os pratos Ritt.1 (2 NMI/0,22%) e Drag.17b (3 NMI/0,34%), não se podendo excluir a hipótese de um número indeterminado das formas de maior sucesso e longevidade, como as Drag.24/25, Ritt.8, Drag.27, Drag.15/17 e Drag.18, terem sido igualmente modeladas na segunda ou terceira década da Era.

Como é normal nos conjuntos com origem sudgálica, os “*tandens*” básicos Drag.24/25-Drag.15/17 e Drag.27-Drag.18 assumem um notável predomínio numérico, somando 320 dos 560 NMI gálicos. O primeiro “*serviço*” citado, ao deter, respetivamente 81-85 NMI/ 9,13-9,58%, está menos atestado que o segundo, onde os valores se cifram em, respetivamente, 114-143 NMI/13,62 17,12%, dado que deverá significar uma maior intensidade das importações no período avançado de Nero e de Vespasiano. Contudo, ele refletirá, da mesma maneira, a maior incidência de descartes ocorridos no local neste período, resultante da instalação do segundo traçado da

¹⁹⁸¹ Conf.C.Goudineau, 1968 e OCK.

principal via romana e da utilização da área sobretudo a partir desta altura. Apesar desta possível influência do âmbito cronológico no registo arqueológico, os coevos modelos “flávios” de tigelas Drag.35, com 16 NMI/1,8%, tigelas Drag.42 /Vernhet D1, com 1 NMI/0,11%, e pratos Drag.36, com 5 NMI/1,8%, é notoriamente baixo.

As produções decoradas executadas na Gália estão, na Praça da Figueira, representadas por uns muito modestos 22 NMI/2,48%, onde se constata um maior volume de taças decoradas Drag.37 face às Drag.29 e 30, o que deverá decorrer do mesmo perfil contextual do lugar, mencionado no parágrafo anterior.

Na Praça da Figueira os fabricos de La Rioja e Andújar quase se equivalem: o centro bético soma 107 NMI/12,70% contra os 103 NMI/11,60% atingidos por La Rioja. O valor desequilibra-se quando consideramos as taças decoradas, onde a área triciense revelou 22 NMI/2,48% contra uns modestos 6 NMI/ 0,67% jienenses, o que traduzirá uma especialização do primeiro centro nesta modalidade de recipientes. Esta observação tem paralelo nas “marcas de oleiro”, onde o complexo setentrional suplanta com 15 exemplares os 10 meridionais. Qual o fundamento desta inversão no balanço hispânico, expresso através de vasos decorados e impressões do local? Embora esteja por demonstrar cabalmente, porventura relacionar-se-á com as problemáticas em torno das datações dos fabricos de Andújar, que poderão ser mais tardias, tendencialmente da segunda centúria¹⁹⁸², face ao já comprovado “boom” nas exportações tricienses, hoje plenamente comprovado para a Época dos Imperadores Flávios¹⁹⁸³.

Tipologia	B	C	F	P	Frag.	% frag.	NMI	% NMI
Consp. 3.2	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 4.2	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 4.4	-	-	-	-	-	-	2	0,22
Consp. 4.5	-	-	-	-	-	-	2	0,22
Consp. 4.6	-	-	-	-	-	-	2	0,22
Consp. 6.2	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 7.2	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 8.1	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 9.1	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 10.1	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 11.1	-	-	-	-	-	-	2	0,22
Consp. 12.1	-	-	-	-	-	-	2	0,22
Consp. 12.2	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 12.3	-	-	-	-	-	-	3	0,34
Consp. 12.4	-	-	-	-	-	-	2	0,22
Consp. 12.5	-	-	-	-	-	-	1	0,11

¹⁹⁸² J.C. Quaresma, 2008 e M. Bustamante Álvarez, 2010a.

¹⁹⁸³ Idem.

Consp. 14.1	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 15.1	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 18.1	-	-	-	-	-	-	2	0,22
Consp. 18.2	-	-	-	-	-	-	11	1,24
Consp. 19.2	-	-	-	-	-	-	2	0,22
Consp. 20.1	-	-	-	-	-	-	2	0,22
Consp. 20.3	-	-	-	-	-	-	4	0,45
Consp. 20.4	-	-	-	-	-	-	6	0,67
Consp. 21.1	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 21.3	-	-	-	-	-	-	6	0,67
Consp. 22.1	-	-	-	-	-	-	12	1,35
Consp. 22.2	-	-	-	-	-	-	8	0,9
Consp. 23.1	-	-	-	-	-	-	2	0,22
Consp.23.2	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 25.1	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 27.1	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 29.1	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 31.1	-	-	-	-	-	-	2	0,22
Consp. 32.2	-	-	-	-	-	-	5	0,56
Consp. 33.1	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 33.2	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 33.3	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 34.2	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 36.3	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 36.4	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 37.1	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 38.3	-	-	-	-	-	-	2	0,22
Consp. 50.?	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. 50.3	-	-	-	-	-	-	2	0,22
Consp. 52.1	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Consp. R.1.1.	-	-	-	-	-	-	1	0,11
Skyphos	-	-	-	-	-	-	2	0,22
Total Itálicas	-	-	-	-	763	19,25	109	12,12
Prato Indet.	0	0	3	0	3	0,08	3	0,34
Consp. 28.1	1	0	0	0	1	0,03	1	0,11
Tigela indet.	0	0	2	0	2	0,05	2	0,22
Drag. 11	0	0	1	0	1	0,03	1	0,11
Drag. 29	0	1	0	0	1	0,03	1	0,11
Total Tardo-Itálicas	0	1	6	0	8	0,22	8	0,89
Consp. 20.4	5	0	0	0	5	0,13	5	0,56
Ritt. 1	2	0	0	0	2	0,05	2	0,22
Drag. 16	1	0	0	0	1	0,03	1	0,11
Drag. 17b	3	0	0	0	3	0,08	3	0,34
Drag. 15/17	84	37	32	0	143	3,61	84	9,47
Drag. 15/17 Montans	0	1	0	0	1	0,03	1	0,11
Drag. 18	141	24	16	0	183	4,72	141	16,9
Drag. 18 marmoreado	1	0	0	0	1	0,03	1	0,11
Drag. 18R	1	0	0	0	1	0,03	1	0,11
Drag. 36	6	1	0	0	7	0,17	6	0,68
Curle 15	2	0	0	0	2	0,05	2	0,22
Prato R	0	0	13	0	13	0,32	12	1,35
Prato Indet.	0	0	23	0	23	0,58	0	0

Prato Ind. marm.	0	0	2	0	2	0,05	0	0
Prato Ind. Montans	0	0	0	2	2	0,05	1	0,11
Ritt. 5	2	0	4	0	6	0,15	4	0,45
Ritt. 8	15	0	15	0	30	0,76	15	1,69
Ritt. 9	14	7	5	0	26	0,66	14	1,58
Drag. 4/22	2	0	1	0	3	0,08	2	0,22
Drag. 24/25	81	33	20	0	134	3,38	81	9,13
Drag. 27	110	57	28	0	195	4,93	110	13,4
Drag. 27 marmoreado	1	0	0	0	1	0,03	1	0,11
Drag. 27 Montans	1	0	0	0	1	0,03	1	0,11
Drag. 33	26	3	8	0	37	0,93	26	2,93
Afim Drag. 33	1	0	0	0	1	0,03	1	0,11
Drag. 35	16	0	15	0	31	0,78	16	1,8
Drag. 42	4	0	0	0	4	0,1	4	0,45
Drag.35 marmoreada	1	0	0	0	1	0,03	1	0,11
Hermet 29	1	0	0	0	1	0,03	1	0,11
Tigela Indet.	0	0	3	0	3	0,08	0	0
Ritt. 12	1	0	0	0	1	0,03	1	0,11
Lisa Indet.	0	0	0	1098	1098	27,81	0	0
Drag. 11	1	0	0	2	3	0,08	1	0,11
Drag. 29	9	2	8	3	22	0,55	9	1,01
Drag. 30	3	3	2	0	8	0,2	3	0,34
Drag. 37	6	2	5	3	16	0,4	6	0,68
Déch. 67	1	0	1	2	4	0,1	2	0,22
Hermet 7 ?	1	0	0	0	1	0,03	1	0,11
Taça dec. Indet.	0	4	0	14	18	0,45	0	0
Total Sudgálicas	543	174	201	1124	2042	51,58	560	65,07
Drag. 18 Tr.	18	0	0	0	18	0,45	18	2,03
Drag. 15/17 Tr.	13	0	12	34	59	1,49	13	1,46
Drag. 15/17 And.	14	0	13	45	72	1,81	14	1,56
Hisp. 4 Tr.	1	2	0	0	3	0,08	2	0,22
Drag. 36 Tr.	3	0	3	0	6	0,15	3	0,34
Drag. 36 And.	1	0	0	0	1	0,03	1	0,11
Prato Indet. Tr.	17	0	6	0	23	0,58	17	1,92
Prato Indet. And.	47	0	5	0	52	1,31	47	5,3
Drag. 27 Tr.	11	0	6	23	40	1	11	1,24
Drag. 27 And.	25	0	8	22	55	1,38	25	2,82
Drag. 33 Tr.	0	0	2	0	2	0,05	2	0,22
Drag. 44 And.	0	0	1	0	1	0,03	1	0,11
Drag. 46 And.	0	0	0	1	1	0,03	1	0,11
Drag. 35 Tr.	1	0	0	0	1	0,03	1	0,11
Hisp. 3 Tr.	0	1	0	0	1	0,03	1	0,11
Hisp. 21 Tr.	1	0	0	0	1	0,03	1	0,11
Tigela Tr.	10	0	4	0	14	0,35	10	1,23
Tigela And.	12	0	5	0	17	0,18	12	1,35
Lisa Indet. Tr.	55	1	66	217	339	8,66	0	0
Lisa Indet. And.	49	0	11	271	331	8,45	0	0
Drag. 30 Tr.	1	0	0	1	2	0,05	1	0,11
Drag. 37 Tr.	21	0	5	0	26	0,66	21	2,37
Drag. 37 And.	5	0	0	0	5	0,13	5	0,56
Taça Decorada Tr.	0	0	0	70	70	1,77	0	0
Taça Decorada And.	0	0	1	6	7	0,17	1	0,11

Hisp. 20 Tr.	1	0	0	0	1	0,03	1	0,11
Forma Fechada Tr.	0	0	1	0	1	0,03	1	0,11
Total Hispânicas	306	4	149	690	1149	28,96	210	23,72
TOTAL	-	-	-	-	3962	100	887	100

Figura 89- Produções *em terra sigillata* alto-imperial coletadas na I.A.U. da Praça da Figueira- 1961, 1962 e 1999/2001¹⁹⁸⁴.

8.2.23.2.1. Produções Itálicas.

Ol.237- *Amandus* i (?) (OCK 81).

A “marca de oleiro” encontra-se inscrita numa cartela *in planta pedis*, mal impressa, onde se vislumbram um A inicial e um D final. Como já havia sido referido em 2005, por ocasião da sua primeira publicação¹⁹⁸⁵, esta sequência de letras permite colocar as hipóteses mais verosímeis de *Amandus* i (OCK 81) e de *Cn. Ateii D*() (OCK 287). Estando estampada num prato, a segunda hipótese é de excluir por se tratar de fabricante exclusivo de taças troncocóicas¹⁹⁸⁶. Resta, portanto, o primeiro oleiro, embora façamos a atribuição com as reservas a que obrigam as dificuldades causadas pelo mau estado de conservação e má impressão do exemplar.

O perfil conservado do conjunto dos fragmentos do prato autoriza a sua classificação dentro dos tipos Consp. 6.1-3, 19.2 ou 21.1-4¹⁹⁸⁷, como a morfologia do fundo B.2.7 indica. Trata-se de modelos formais muito compatíveis com o tipo de cartela presente, abrangendo cronologias tibério-cláudias¹⁹⁸⁸. Estes indicadores reforçam a verosimilhança de atribuição do exemplar a *Amandus* i, oleiro do Vale do Pó que o OCK situa no tempo após 30 d.C.¹⁹⁸⁹.

A cronologia proposta considera os elementos acima expostos e a provável correspondência do exemplar ao tipo 81.4, presente em Magdalensberg em contextos datados de *ante quem* 45 d.C.¹⁹⁹⁰

Ol.238-Ol.239- *Cn. Ateius* (OCK 307) e *Ateius* (3)

Cneus Ateius é um dos oleiros itálicos de maior volume e diversidade de produção.

A existência de marcas relacionadas com o *nomen Ateius* em fabricos atestados de Arezzo, Pisa e La Murette-Lyon geraram a controvérsia interpretativa a que atrás nos

¹⁹⁸⁴ Elaborado com revisões pontuais e ampliações, com base em: C. Bolila, 2011, para os fabricos de modo itálico; V. Mata, 2008, para os vasos gálicos lisos; I. Ribeiro, 2010, para as elaborações hispânicas.

¹⁹⁸⁵ R.B. Silva, 2005, p. 101 e 103, n.º1.

¹⁹⁸⁶ OCK, p. 136.

¹⁹⁸⁷ *Conspetus*, p. 162.

¹⁹⁸⁸ *Idem*, p. 156.

¹⁹⁸⁹ OCK, p. 89.

¹⁹⁹⁰ OCK-CD.

referimos. Os trabalhos de Gunnar Fülle¹⁹⁹¹ e, sobretudo de P. Kenrick, apresentam contributos importantes para o esclarecimento do “problema de *Ateius*”, estando hoje comprovada a transferência das suas oficinas de Arezzo para Pisa cerca de 5 a.C.¹⁹⁹²

Os dois exemplares deste oleiro recolhidos na Praça da Figueira pertencem já a momentos avançados da sua produção, o que se pode apreciar através da forma das marcas: Ol.238 mostra uma cartela *in planta pedis*, e Ol.239, apesar de danificada, não oferece problemas de restituição.

Ol.238 mostra o texto com indicação do *praenomen* e *nomen*, sendo similar a 276.53 e 54. O formato da impressão remete para uma data necessariamente posterior a 15 d.C.

O exemplar Ol.239 apresenta uma impressão do tipo OCK 361, muito utilizada por *Ateius*¹⁹⁹³ e que Kenrick remete para *Ateius* (5), designação sob a qual agrupou as marcas de “origem incerta”¹⁹⁹⁴. Trata-se de um formato empregue nos finais da época de Augusto, e que marca a transição para os tipos dominantes com Tibério, apesar de ser possível a sua sobrevivência até ao pleno principado deste imperador. A grafia utilizada, ATEE, não se encontra repertoriada no OCK, e não lhe conseguimos encontrar paralelo noutras publicações. Como apontamento refira-se que na parede externa do fundo ostenta um grafito, executado pós cocção com punção fino, com o carater H.

A tipologia de ambas as “marcas” remete para um período em que se supõe que a oficina de La Montée de La Murette-Lyon já não funcionaria e em que *Cneus Ateius* abandonara há muito Arezzo. Uma origem pisana para ambas é, portanto, a mais provável, sendo aliás compatível com as características macroscópicas observáveis na pasta e revestimento de ambos os vasos.

Ol.240- *Primus Cn. Ateii* (OCK 307).

Apesar de bem relativamente bem conservada, a impressão do escravo ateiano *Primus* não tem paralelo no OCK. O punção mais semelhante dos três aí inventariados, 307.1, é também bilínear, o texto está organizado da mesma forma (principal/dependente), mas a grafia do nome do escravo apresenta-se diferente, e no exemplar da Praça da Figueira está ausente o elemento decorativo. Para além destes elementos que

¹⁹⁹¹ G. Fülle, 1997.

¹⁹⁹² P. Kenrick, 1997.

¹⁹⁹³ OCK, tipos 270.74 a 81.

¹⁹⁹⁴ Idem, p. 122.

distinguem a impressão encontrada em Lisboa, bastante distinta das inventariadas em OCK, é também de menores dimensões.

O fragmento conserva no fundo externo um grafito radial pós-cozedura.

Ol.241- *Eros(?)Cn. Ateii* (OCK 290).

O fragmento pertence seguramente a um prato, ostentando uma marca central de um dependente de *Cn. Ateius* de que se lê apenas o N final. Os escravos conhecidos que possuem o N entre as letras do seu nome e utilizam marcas bilíneas são *Amarantus* (OCK 281), *Arn()* (OCK 283), *Arretinus* (OCK 284), *Ingenuus* (OCK 297), *Narcissus* (OCK 302), *Onesimus* (OCK 303), *Sabinus* (OCK 311) e *Xanthus* (OCK 316). Todos colocam problemas: o primeiro tem uma só marca bilinear conhecida (281.1); o segundo, que terá laborado a partir de 30 d.C., apenas é conhecido por uma marca bilinear de grafia muito distinta (283.1); do terceiro a sua única marca conhecida é oval, apesar de bilinear (284.1); os quarto, quinto e sexto mencionados são de excluir liminarmente, dada a localização terminal do N ainda visível (279, 302, 303); o penúltimo apenas é conhecido por uma marca (311.1); o último é um dos elementos mais ativos entre os dependentes, depois liberto de *Ateius*, mas não utiliza a abreviatura XAN (316.1-26).

A atribuição a *Eros*, escravo de *Cn. Ateius*, que apresenta punções com texto em genitivo, um dos quais abreviado, onde se lê *Eron* (290.4), surge com melhor opção, feita com reservas. O emprego do nexu AT é muito compatível com os punções de *Cneus Ateius*, o que é corroborado pela grafia dos caracteres.

O problema inultrapassável da impressão da Praça da Figueira é a ordem dependente/principal, pois não está repertoriada uma única marca ateiana onde esta se verifique, apesar de atestado com uma frequência relativa noutros oleiros e seus dependentes.

Como apontamento, refira-se o grafito “AP”, executado após a cozedura e gravado na face externa do fundo.

Independente dos problemas colocados na análise do conteúdo, corresponde a uma nova marca de um dependente de *Cn. Ateius* não representada em OCK, com uma cronologia indicada pela tipologia da “marca”.

Ol.242- *A. Annii Crispus* (OCK 123).

Da marca bilinear com traço intermédio lêem-se apenas as partes inicial e terminal

da primeira linha, porque a zona central resultou mal estampada.

A sua atribuição a *A. Annii Crispus* é feita com as reservas motivadas pelas dificuldades colocadas pela deficiente qualidade da impressão. A grande similitude com os modelos 123.6 a 123.10 sugeriu-nos a atribuição àquele oleiro, pela qual optámos em detrimento de outras hipóteses em que a interpretação dos dois primeiros caracteres foi AII ou AN. *A. Annii Crispus* é, segundo o OCK, um fabricante sobretudo de taças¹⁹⁹⁵, o que tem equivalência no exemplar lisboeta.

O vaso, uma taça de pé espesso mas curto, em que a parede externa do fundo quase atinge o plano da base do pé, é classificável no tipo Consp. 26.1, integrado no Serviço IV de Haltern e produzido a partir da mudança da Era¹⁹⁹⁶.

A conjugação das características formais do vaso com a cronologia de entre 15 a.C. e 5 d.C. admitida para *A. Annii Crispus*, fundamentou a proposta apresentada, um pouco mais alargada para o intervalo superior porque parece que Kenrick na sua revisão terá utilizado a regra dos 20 anos de atividade média para oleiros não muito representados, o que no caso presente parece questionável em face das 45 entradas atestadas no OCK.

Ol.243- Atticus (3) = N.Naeui Hilarii (OCK 340).

O OCK distingue vários oleiros com este nome (OCK 339 a 341). A marca presente da Praça da Figueira é atribuída ao oleiro mais bem representado naquele trabalho, que laborou em Putéolos¹⁹⁹⁷. Contudo, e porque as análises laboratoriais dos vasos de Haltern indicaram uma origem pisana para um exemplar¹⁹⁹⁸, Kenrick introduziu algumas reticências na atribuição da origem, no entanto esclarecendo que se pode colocar a hipótese de laboração nos dois locais¹⁹⁹⁹. A “marca” do acampamento do *limes* germânico deverá corresponder a um episódio particular da atividade do oleiro, mas é em *tabella ansata*²⁰⁰⁰, distinta da encontrada em Lisboa. A semelhança da grafia entre ambas (340.11 e 340.8), a maior entre todas as impressões registadas no OCK, deverá encerrar significado cronológico.

¹⁹⁹⁵ OCK, p.95.

¹⁹⁹⁶ *Conspetus*, p.98.

¹⁹⁹⁷ OCK, p.340.

¹⁹⁹⁸ OCK 340.11; S.V. Schurnbein, 1982, pl.73.

¹⁹⁹⁹ OCK, p.147.

²⁰⁰⁰ S.V. Schurbein, 1982, pl.73.

Desde a primeira edição do *Corpus* que se identifica *Atticus* (3) com o dependente de *N. Naeuius Hilarus* que operou seguramente na cidade da Baía de Nápoles, relação que Kenrick julga consistente e de manter²⁰⁰¹.

A indicação cronológica proposta considerou a morfologia do prato onde se encontra estampada a “marca” mas também a semelhança com a grafia da impressão de Haltern, sítio militar ocupado até 9 d.C.

Ol.244 a Ol.248- *Publius Cornelius* (2) (OCK 624).

Publius Cornelius é um dos oleiros de maior volume de produção, com uma laboração de grande longevidade.

O diversificado conjunto de modelos de cartela documentado na Praça da Figueira é indicador de fluxos contínuos provenientes desta olaria, estando presentes no ponto arqueológico da cidade de Lisboa os tipos circular com palma (Ol.244= 624.58), triangular (Ol.245=624.64), retangular com linha superior (Ol.246=624.17-38) e retangular simples (Ol.247 e Ol.248, respetivamente equivalentes a 624.22 e 624.20-21).

O OCK destaca a muito escassa representatividade de marcas *in planta pedis* indicando o *praenomen*²⁰⁰², mas tal não implica que as presentes correspondam a uma cronologia anterior a 15 d.C.

Alguns dos fragmentos permitem atribuir cronologias mais afinadas, obtidas a partir morfologias dos vasos: Ol.244, impresso numa taça da forma Consp. 23.1 que conserva o perfil completo e Ol.247, que, atendendo ao perfil do pé, deverá integrar-se na mesma forma. Um paralelo perfeito para esta última impressão surgiu em Vindonissa, sítio ocupado a partir de 16 d.C.²⁰⁰³. A. Klynne, com base no estudo dos materiais de Prima Porta (Roma), recuou o limite cronológico inferior da forma ao período tardo-augústeo²⁰⁰⁴.

Os restantes não permitem esse tipo de observações: de Ol.245, não podemos afirmar mais do que pertencer a uma taça tronco cónica; a pequena dimensão dos fragmentos de vaso dos exemplares Ol.246 e Ol.248 não deixa perceber a forma, sendo impossível adscrevê-los a uma tipologia.

²⁰⁰¹ OCK, p. 147, OCK 297 a OCK 299.

²⁰⁰² OCK, p. 190.

²⁰⁰³ OCK-CD, vaso n.º 5692.

²⁰⁰⁴ A. Klynne, 2002, resumo.

Segundo Kenrick, a relativa pouca frequência de marcas *in planta pedis* pode indicar que, quando estas foram iniciadas, já o *praenomen* era muitas vezes omitido²⁰⁰⁵. Por consequência foi considerado todo o período de laboração de *Publius Cornelius*, na indisponibilidade de outra informação qualificada para as restantes “marcas”.

Ol.249- *Publii Cornелиi Phart(enius)*.

Apesar de profundamente cerceada na parte inferior da cartela retangular bilínear, a primeira linha está muito bem impressa lendo-se sem dificuldade PHART. A segunda linha, fraturada, permite restituir sem problemas, P.COR, abreviatura muito utilizada na(s) *officina(e)* de *Publius Cornelius*.

Como fizéramos notar em 2005, a revisão de Kenrick do OCK exclui uma base do tipo Consp. B. 3.16 identificada em Ampúrias por Oxé, que o investigador britânico não conseguiu relocalizar, único testemunho de impressão similar à presente²⁰⁰⁶. Oxé havia lido PHART ou PHARI, desdobrando como *Phart(enius)*, leitura que Kenrick rejeitou, atribuindo a marca ampuritana perdida aos escravos *Hilarus* ou *Quartus* de *P.Cornelius*²⁰⁰⁷. A impressão da Praça da Figueira permite afirmar a correcção da primitiva leitura por A. Oxé, incluída na primitiva versão do *Corpus Vasorum Arretinorum* com o número 523.

A cronologia da marca deverá situar-se, em função da forma da marca e da atividade conhecida para *Publius Cornelius*, entre a mudança da Era e o principado de Tibério, considerando a utilização desta forma de marca por um dos dependentes de *P.Cornelius*, *Firmus* (OCK 646), aplicada em vasos de tipologia característica desta época.

Ol.250- *Publii Cornелиi Speratus* (OCK 639).

A marca de *Speratus* tem um paralelo exato no exemplar OCK 676.2, apesar da impressão presente no fragmento recolhido na Praça da Figueira estar deficientemente aplicada, pois tem a segunda linha incompleta. Uma outra diferença em relação ao exemplar de referência contem significado cronológico: na “marca” lisboeta o S final da primeira linha está bem marcado, enquanto que ao ilustrado no OCK falta já este carater, pelo que, tratando-se do mesmo punção, este já se encontrava desgastado naquela altura.

²⁰⁰⁵ OCK-CD, comentário ao oleiro 624.

²⁰⁰⁶ OCK-CD, vaso n.º 26289. R.B. Silva, 2005, p. 110, n.º13.

²⁰⁰⁷ Idem.

O pé baixo e pouco desenvolvido da taça troncocóica e a ausência de canelura interna na diferenciação da parede do fundo remetem o vaso recolhido em Lisboa para os momentos mais avançados de alguns dos distintos tipos de taça troncocóica a que podem corresponder, nomeadamente os Consp. 22 e 25.

Ol.251- Ennius (OCK 761).

Fabricante de taças já presente em Lisboa através do exemplar Ol.200 da Rua Augusta/Zara, *Ennius* operou em Putéolos em data posterior à mudança da Era²⁰⁰⁸.

Embora ausente do OCK, uma “marca” executada com o mesmo punção foi recolhida no naufrágio “*Planier 1*”²⁰⁰⁹, que se presume ter ocorrido durante o primeiro quarto do século I d.C., mais provavelmente durante o primeiro decénio²⁰¹⁰, a indicação cronológica mais precisa disponível.

A impressão da Praça da Figueira foi executada numa taça troncocóica Consp. 22.2.1, com uma cronologia situada entre 15 a.C. e 15 d.C., forma característica de Putéolos²⁰¹¹, o que corrobora as indicações da “marca de oleiro”.

Ol.252- Eros (5) (OCK 780)

Em 2005 não havíamos conseguido estabelecer com segurança total a atribuição da “marca”. Os dados proporcionados por um vaso com impressão idêntica oriundo do ponto arqueológico da Rua de São João da Praça²⁰¹², permitem agora em definitivo identificar artesão e, com alta probabilidade, tipologia do vaso que a suporta.

Com uma classificação admissível dentro da morfologia do fundo Consp.B.4.14, assimilável a diversas taças, a identidade perfeita com o outro paralelo lisboeta, uma Consp.33.2, remete para uma elaboração etrusco-campana, dos finais do principado de Augusto a Tibério²⁰¹³.

A impressão, recorde-se, tem paralelo apenas em Cartago, estando o oleiro atestado através dos seus outros quatro punções em Roma (2x), Lyon, Mainz (3x), Tarragona (1x), Ampúrias (1x) e Mérida (1x)²⁰¹⁴.

²⁰⁰⁸ OCK, p.215.

²⁰⁰⁹ M.L’Hour, 1984, p.62, fig.6, n.º3.

²⁰¹⁰ Idem, p.63; M. Corsi-Sciallano e B. Liou, 1985, p.24-25.

²⁰¹¹ *Conspetus*, p.90.

²⁰¹² Vide supra, Ol.162.

²⁰¹³ *Conspetus*, p. 110.

²⁰¹⁴ OCK-CD.

A estampagem desta “marca” no fundo interno do tipo Consp. B.4.14 remete o vaso para as taças/tigelas Consp.26 e 27, a primeira surgindo ainda em Haltern, e a segunda sucedendo-lhe no tempo de Tibério²⁰¹⁵.

Ol.253- *Hilarus* (5) / *N. Naeuius Hilarus* (OCK 953).

São vários os oleiros com este nome distinguidos pelo OCK. A marca circular recolhida na Praça da Figueira foi classificada por Kenrick no item “*Hilarus* (5)”, “*miscellaneous*”²⁰¹⁶, onde reúne as marcas dos *Hilarii* ativos em Putéolos (OCK 950), no Vale do Pó (OCK 951) e em La Murette-Lyon (OCK 952). Para o paralelo exato do exemplar lisboeta indica uma hipótese de origem na Itália Central, mas desconhecemos em que fundamentou a sua opinião.

Ao contrário da perspetiva original de Oxé, a revisão atual do *Corpus Vasorum* não associa esta impressão de *Hilarus* a *N. Naeuius Hilarus*. O autor britânico é, relativamente a este oleiro, algo ambíguo, dado que explicitamente hesita entre a opinião de Oxé, conforme à identidade deste *Hilarus* com *N. Naeuius Hilarus* (que admite nas referências a libertos(?) como *Atticus* (3)- OCK: 340) e a distinção entre *N. Naeuius* e *Hilarus*, que entende como oleiros independentes associados (OCK 1250).

A opinião de Oxé tem outros suportes que não se podem descartar, nomeadamente a utilização preferencial pelos dependentes de *N. Naeuius Hilarus* de marcas circulares enquadradas por grinalda, que Kenrick agrupa sob o principal *Naeuius* ii (OCK 1232), como acontece com *Agathemerus* (OCK 1233), *Felix* (OCK 1239), *Primus* (OCK 1242), *Princeps* (OCK 1243), *Speculator* (OCK 1244 e OCK 1978) e *Vitulus* (OCK 1247). No mesmo sentido, este tipo de marca surge com o texto *Hilarus* como presumivelmente correspondente a *N. Naeuius Hilarus*²⁰¹⁷.

Embora sigamos a designação mais recente para o autor da marca, pensamos que ela deverá corresponder a *N. Naeuius Hilarus*, dada a forma pouco esclarecedora como Kenrick desmontou as relações estabelecidas por Oxé para esta oficina durante a revisão do *Corpus*.

Impressão semelhante à da Praça da Figueira foi recolhida em Saintes, na camada 4 de Ma Maison, contexto datado de 10 a.C. a 20 d.C.²⁰¹⁸. Trata-se de uma indicação pouco útil, dado que a cronologia da forma do vaso lisboeta, a pouco frequente Consp.9,

²⁰¹⁵ *Conspetus*, p.162.

²⁰¹⁶ OCK, p.250.

²⁰¹⁷ *Idem*.

²⁰¹⁸ OCK-CD, vaso n.º 4941.

integrante do Serviço III de Haltern, é mais precisa²⁰¹⁹.

Ol.254- C.Me() (OCK 1132).

A “marca” em apreciação está muito fragmentada à esquerda, mostrando apenas a parte terminal direita de uma cartela do tipo OCK.341, em *tabella ansatta* delicada, onde se lê apenas um E, encerrando o exemplar a particularidade de mostrar duas estampagens feitas pelo mesmo punção no mesmo fundo de um vaso de forma indeterminada.

A identificação foi elaborada com base no OCK, tendo sido possível adscrever a C.Me(), fabricante itálico de localização desconhecida que elaborou entre a mudança da Era e após 30 d.C., tendo o tipo de “marca” apenas paralelo em Sabratha²⁰²⁰.

Ol.255- Murrius (OCK 1202).

O OCK apresenta diversos punções semelhantes de *Murrius*, com oficina talvez em Pisa, um dos quais se distingue por apresentar correspondência com a grafia do exemplar lisboeta (OCK: 1202.2). Infelizmente não se encontra ilustrado, pelo que não sabemos se se trata de um paralelo exato.

A pequenez do fragmento não permite apreciar um perfil que permita definir a tipologia do vaso, com probabilidade uma taça troncocóica. A datação proposta corresponde ao período de laboração atribuído ao oleiro pelo *Corpus Vasorum Arretinorum*²⁰²¹.

Ol.256- Sextus Murrius Festus (OCK 1212).

O cálice decorado de fabrico tardo-itálico assinado por *Sextus Murrius Festus* constitui um dos contributos mais relevantes de todo o conjunto de marcas recolhidas na Praça da Figueira, pela problemática e significado que encerra.

A produção tardo-itálica decorada teve um início de produção numa data posterior a 79 d.C., cronologia baseada na presença abundante de produções lisas atestadas em Pompeia e Herculano e na correspondente ausência de fabricos decorados dos mesmos oleiros aí representados, entre os quais *Sextus Murrius Festus*²⁰²². As novas escavações sob a praça do fórum de Pompeia e área limítrofe, onde os contextos mais tardios se

²⁰¹⁹ *Conspetus*, p. 66; G. Pucci, 1985, p.394.

²⁰²⁰ OCK-CD, vaso n.º 1905.

²⁰²¹ OCK, p.287.

²⁰²² G .Pucci, 1985 e 1990.

situam em 62 d.C.²⁰²³, bem como as intervenções de Roma na *Meta Sudans*, onde os contextos se encontram datados de 64 d.C. ou pouco após, vieram confirmar o citado entendimento acerca do arranque dos fabricos tardo-italicos decorados²⁰²⁴. Este tipo de vasos apresenta-se quase invariavelmente patente sobre formas inspiradas na produção sudgálica, apesar do repertório decorativo ter uma raiz díspar, quer gálica quer, também, inspirados nas últimas produções propriamente itálicas²⁰²⁵.

No cálice da Praça da Figueira o estado de conservação não deixa perceber a gramática decorativa, mas a morfologia do vaso é itálica, como acontece aliás em muitos dos pratos e taças lisas da primeira fase de produção tardo-italica²⁰²⁶. A sua excepcionalidade é a de tratar-se de um cálice decorado, forma pouco ocorrente. Em dois exemplares do mesmo tipo de vaso de Arezzo, copiaram-se recipientes mais antigos elaborados por *Cn.Ateius Xanthus* e *Cn.Ateius Zoilus*, indício interpretado por Maura Medri como correspondente a uma primeira fase experimental da produção que data de um período anterior à segunda metade da década de 70 d.C.²⁰²⁷

A raridade da forma está testemunhada no maior conjunto tardo-italico conhecido na Península Ibérica, Tossal de Manizes, onde apenas foi recolhido um cálice assinado por *Sextus Murrius T.* (OCK 1217)²⁰²⁸, fabricante que trabalhou durante o principado de Cláudio, presumidamente anterior a *Festus* (OCK 1212), que terá operado a partir de 60 d.C. Outro vaso com esta mesma tipologia, depositado no Museu de Estocolmo mas com probabilidade proveniente de Itália, apresenta uma modelação do pé muito semelhante à do exemplar lisboeta²⁰²⁹, e é assinado por *M. Perennius Crescens* (OCK 1408), que em Pisa produziu entre 30 e 60 d.C., um dos primeiros oleiros a produzir *terra sigillata* tardo-italica.

O fragmento de cálice da Praça da Figueira vem, portanto, alargar o repertório formal conhecido de *Sextus Murrius Festus*, situando-se necessariamente nos primeiros momentos da sua produção, e integrar este produtor na “fase experimental” definida por Medri²⁰³⁰.

²⁰²³ M. Medri, 1991, p.27.

²⁰²⁴ G. Rizzo, 2003, p.79-84.

²⁰²⁵ M. Medri, 1991.

²⁰²⁶ A. Ribera i Lacomba, 1989, em especial p.178-182.

²⁰²⁷ M. Medri, 1991, p.27-28.

²⁰²⁸ A. Ribera i Lacomba, 1989, n.º25.

²⁰²⁹ C. Wetter, 1993, p.83, n.º147.

²⁰³⁰ M. Medri, 1991, p.27-32.

Ol.257-Ol.258- C. P. Pi(sanus) (OCK 1342).

C. P. Pi(sanus) é considerado um dos primeiros fabricantes da denominada produção de *terra sigillata* tardo-italica, surgindo representado na Praça da Figueira por duas impressões executadas em vasos abertos de muito pequenas dimensões, talvez taças de copa hemisférica Consp. 34 a 37, ou similares²⁰³¹.

Como referimos antes a propósito da impressão Ol.1, detetada na área das *Thermae Cassiorum*, *C.P.Pi(sanus)* produziu ao longo da segunda metade do século I d.C.²⁰³², com a sua olaria muito provavelmente localizada em Pisa ou nos seus arredores, tendo surgido moldes de *sigillata* decorada assinados por libertos de *Cneus Ateius* marcados com punção seu (e de *Lucius Rasinius Pisanus*) naquela cidade italiana²⁰³³, como vasos por si assinados na entulheira de formação mais recente escavada na Via de San Zeno²⁰³⁴.

Ol.257 equivale ao tipo 1342.9, presente sobretudo em Itália, em Luni (2x), Óstia e na própria Pisa, surgindo fora deste âmbito somente no norte de África, em *Tiddis*²⁰³⁵. Ol.258, por seu turno, corresponde a 1342.25, com uma difusão por Luni (3x), Varignano, Aquino e Roma, estando atestada fora de Itália em Siscia, na *Pannonia Superior*, e Atenas²⁰³⁶.

Como acontece com o outro exemplar detetado em Lisboa a que se fez menção, as características visuais de pasta e revestimento são indistinguíveis dos fabricos itálicos, o que deverá remeter a cronologia para os momentos iniciais da produção tardo-italica.

Ol.259- Philargurus (1) (OCK 1444).

O OCK distingue dois oleiros com este nome (OCK 1444 e OCK 1445). A circunstância de se tratar de uma marca *in planta pedis* permite excluir o que laborou em época mais recuada (*Philargurus* (2)-OCK 1445), e adscrever à olaria que funcionou em Putéolos entre 1 e 20 d.C.²⁰³⁷.

A impressão de Lisboa não se encontra repertoriada no OCK, onde aliás apenas se apresentam duas impressões, nenhuma das quais com o formato agora atestado. A “marca”, incompleta, é de muito reduzidas dimensões e apresenta uma grafia de traço

²⁰³¹ *Conspetus*, p. 112-117.

²⁰³² OCK, p.310.

²⁰³³ G. Pucci, 1990, p.14; M. Medri, 1991, p. 27-28.

²⁰³⁴ P. Kenrick, 1997.

²⁰³⁵ OCK-CD, vasos n.ºs 7369, 7415, 19178, 14240 e 7864, respetivamente.

²⁰³⁶ Idem, vasos n.ºs 7272, 7279, 7369, 11740, 17850, 29993, 16074 e 16287, respetivamente.

²⁰³⁷ OCK, p.328.

fino e cuidado, com algumas semelhanças com o exemplar 1444.1. O I não é visível, mas admitimos a sua presença em função da possível utilização de um nexu HI, muito corrente nos punções utilizados pelos oleiros itálicos.

De um ponto de vista cronológico a marca situar-se-á nos momentos finais da atividade conhecida para *Philargurus* (1), sendo necessariamente posterior a 15 d.C.

Ol.260- SPE (?) (novo ?).

A “marca” encontra-se estampada no fundo interno de uma taça troncocóica Consp. 22, com uma cronologia situável entre 10 a.C. e 30 d.C.²⁰³⁸. É difícil determinar a variante correspondente: a elaborada modelação interna do bordo apresenta afinidades com os modelos augústeos desta forma (Consp.22.1-22.1); a ausência de ornamentação obtida por roletilha na parede externa do bordo aproxima-a das variantes mais recentes (Consp.22.6), mas dado estar presente apenas metade do vaso, talvez a aplicação do instrumento oleiro tenha deixado escapar intocada a face remanescente, como por vezes se verifica.

A “marca” está truncada na sua parte inferior e a deficiente impressão do segundo carater da primeira linha dificulta a leitura. É possível, contudo, restituir esta letra por T, F ou P: excluímos a primeira hipótese dada a ausência de vestígios assimiláveis à haste superior; entre as segunda e terceira alternativas, mais prováveis, optámos por P considerando o traçado horizontal inferior observável.

Apesar de termos efetuado a consulta exaustiva do OCK, e de outra bibliografia complementar, daí não resultou a identificação do oleiro e, o que é mais relevante, não existe nenhum paralelo conhecido para a impressão. A grafia utiliza caracteres de dimensões um pouco superiores ao normal na epigrafia *sigillaria*. O círculo central, colocado numa segunda linha, admite a probabilidade de um maior desenvolvimento do texto e a inclusão de uma terceira. Embora não seja forçosa a existência desta, uma suposta colocação centralizada da “marca” na peça confere maior consistência a essa probabilidade.

Com todas as limitações inerentes, optámos por atribuir Ol.263 a um oleiro sem desdobramento da onomástica e que designámos por “SPE”, correspondente talvez a uma abreviatura de *tria nomina*, de *nomen* e/ou *cognomen*, embora outras hipóteses sejam admissíveis, nomeadamente a de um produtor já documentado, *Speculator*, que laborou em Putéolos entre cerca de 1 d.C. até um pouco depois de 15 d.C. (OCK 1978).

²⁰³⁸ *Conspetus*, p.90.

A grafia empregue nos seus punções deste artesanato, contendo diversificadas morfologias de “marca” (circular envolta em grinalda, sem esta, retangular unilinear de extremidades bífidas, retangular alongada de cantos arredondados e em *planta pedis* -1978.1 a 5), não se assemelha contudo à da impressão lisboeta.

A cronologia indicada é atribuída com base no tipo de cartela e nos detalhes da morfológicos da taça, concretamente a curvatura e elaboração interna do bordo e a forma de modelação do fundo, do tipo Consp.B.4.9²⁰³⁹, que o remetem para os momentos menos recuados do fabrico do tipo.

As características macroscópicas da pasta e revestimento sugerem como mais provável uma origem na zona central da Itália.

Ol.261- *Tarquitius* (?) (OCK 2038).

De acordo com o OCK, *Tarquitius* laborou em local desconhecido, entre 20 a.C. e a mudança da Era²⁰⁴⁰.

A impressão do fragmento recolhido na Praça da Figueira, incompleta, não se encontra repertoriada naquela obra e apresenta como principal diferença dos punções aí registados a deficiente gravação do segundo caráter, um A. A grafia é, no entanto, muito semelhante, em especial com a do punção 2038.3. Trata-se, porém, de argumento de assumida fragilidade. Reforçam as dúvidas de atribuição as características do revestimento, muito alaranjado, fino e baço, mas a dimensão do fragmento é de tal forma reduzida que pode tratar-se de uma parte não representativa do que originalmente se observaria no restante do vaso. Por seu turno, a pasta, tanto quanto se pode inferir da sua observação macroscópica, apresenta características muitas vezes presentes em produções pisanas, mas mais uma vez a observação encerra óbvias insuficiências. Em suma, a atribuição é apresentada com as assinaladas reservas.

Ol.262- *C. Vibienus* (2) (OCK 2373).

Kenrick atribui a Arezzo a localização da importante oficina de *C. Vibienus*, denunciada pelo uso de oitenta punções distintos, mas discute a existência de uma segunda oficina em Roma ou de uma deslocação para aí, baseado na concentração de achados em torno da *Vrbs*²⁰⁴¹.

²⁰³⁹ Idem, p.90 e 162.

²⁰⁴⁰ OCK, p.417.

²⁰⁴¹ Idem, p.473, invocando também a atribuição de *C. Vibienus Faustus* à Itália Central e a eventual equivalência de ambos os oleiros- OCK 2373, OCK 2377 e OCK 2378.

A impressão detetada na Praça da Figueira foi executada numa taça troncocónica de que o perfil conservado não permite descortinar com precisão a tipologia. O pequeno desenvolvimento do pé e o perfil mais direito do fundo correspondem a Consp.B.4.11, presente nas formas Consp.22 a 25²⁰⁴².

A impressão 2373.52 está presente apenas em Roma e Atenas²⁰⁴³.

A cronologia atribuída corresponde à da atividade de *C. Vibienus* (2), desenvolvida entre 1 d.C. e depois de 40 d.C.²⁰⁴⁴.

Ol.263- *L. Vibius* (OCK 2419).

A “marca” corresponde a uma das que mais dificilmente se conseguiu identificar. A forma da cartela é facilmente integrável no tipo OCK.457/8, o texto parece grafomorfo, estando ainda presentes quatro incisões verticais e oblíquas, numa linha incompleta. Durante as consultas exaustivas do OCK encontrámos o paralelo exato para a impressão da Praça da Figueira, 2419.6, que na primeira linha apresenta um total de sete incisões e, na segunda, a legenda *L. VIBI* (Idem), pelo que a atribuição é feita com grande segurança.

Uma impressão igual à da Praça da Figueira foi recolhida em Neuss, sítio ocupado depois de 20 a.C., estampada no fundo de uma taça da forma Consp.22.1, e um outro exemplar em Tongeren, sobre um vaso de tipologia indeterminada²⁰⁴⁵. O perfil do fragmento, que compreende o fundo do vaso e o arranque da parede, autoriza a adscrição à morfologia de base Consp.B.1.13, assimilável às formas Consp. 7.1, 8, 1 a 33, 36 e 43 a 45²⁰⁴⁶.

Ol.264- *Volusus* (OCK 2523).

Kenrick identifica *Volusus* com *M. Valerius Volusus* (OCK 2317 e OCK 2318-OCK)²⁰⁴⁷, atribuindo-lhe um período de funcionamento entre 10 a.C. e 20 d.C.

A marca, em trifólio, corresponde ao tipo OCK 2523.34, estampada no fundo interno de uma morfologia indeterminada de taça. A impressão reproduzida no *Corpus Vasorum* não corresponde a um paralelo exato do exemplar lisboeta: as dimensões são diferentes; a folhagem do elemento fitomórfico está invertida em relação ao exemplar de

²⁰⁴² *Conspetus*, p.162.

²⁰⁴³ OCK-CD, vasos n.ºs 20722 e 16196, respetivamente.

²⁰⁴⁴ OCK, p. 473, sugerida por achados em contextos muito tardios, flávios.

²⁰⁴⁵ OCK-CD, vasos n.ºs 1407 e 35292, respetivamente.

²⁰⁴⁶ *Conspetus*, p.160.

²⁰⁴⁷ OCK, p.503.

referência; o prolongamento da haste do motivo prolonga-se para a gravação do L. A grafia é, com muita precisão, a mesma.

A forma da marca remete o intervalo cronológico inferior para um momento afastado do início da atividade de *Volusus*, com probabilidade situado já durante a Era.

Ol.265- *Vrbanus* (1) (OCK 2528).

Oleiro já representado em Lisboa, no Teatro Romano²⁰⁴⁸ (Ol.104), o OCK distingue *Vrbanus* de um homónimo atestado em vários punções de La Muette-Lyon (OCK 2529), identificando-o com dúvidas com *L. Vrbanus* (OCK 2530), também de Putéolos, com base na cronologia de laboração. Com efeito, ao oleiro representado na Praça da Figueira é atribuído um espectro mais alargado, e um início de atividade mais tardio²⁰⁴⁹.

A grafia dos três produtores é bastante semelhante, nomeadamente a utilização de nexu VR nos seus punções, mas constitui uma solução epigráfica bastante difundida em olarias seguramente distintas (atestada, por exemplo, em *C. Murius* –OCK 1198-, *Murius* –OCK 1199-, *Camurius* –OCK 514-, *Murranus* –OCK 1200-, ...).

Em Magdalenensberg, em contextos anteriores a 45 d.C., ocorre por quatro vezes a impressão aparentada com a da Praça da Figueira²⁰⁵⁰.

A laboração de *Vrbanus* (1) é situada pelo *Corpus Vasorum Arretinorum* apenas como posterior à mudança da Era²⁰⁵¹ e, embora a obra não o especifique, a existência de uma marca em *planta pedis* (2528.4) pressupõe que estivesse ainda ativo cerca de 15 d.C.

Ol.266- *Xanthus* (2) = *Cn. Ateius Xanthus* (OCK 2536 e OCK 316).

Como já referimos a propósito da impressão deste oleiro repertoriada como Ol.106, a atividade pisana de *Xanthus* (2) terá sido desenvolvida primeiro como dependente, depois como liberto e um dos controladores da produção pisana ateiana²⁰⁵². É neste quadro que se integra o presente exemplar, situável pelo tipo de cartela entre cerca de 15 d.C. e os meados do primeiro século da Era.

²⁰⁴⁸ Vide apartado próprio *supra*, Ol.104.

²⁰⁴⁹ OCK, p.504-505.

²⁰⁵⁰ OCK-CD, vasos n.ºs 1730, 3026, 3027 e 3209.

²⁰⁵¹ *Idem*, p. 504-505.

²⁰⁵² P.Kenrick, 1997.

A “marca” do formato *in planta pedis* foi executada no fundo interno de uma taça do tipo Consp. 26.1.2, datável de toda a primeira metade do século I d.C.²⁰⁵³, em que o estado fragmentário do bordo não permite descortinar a presença de decoração aplicada.

Ol.267 a Ol.271- Oleiros desconhecidos-impressões truncadas.

A impressão da “marca” bilinear Ol.267 é muito deficiente, pelo que a identificação do oleiro se revelou impossível, apesar da consulta intensiva do OCK, subsistindo aliás dúvidas na leitura dos caracteres que parece apresentar. A cronologia do exemplar foi indicada portanto com base na forma da marca, frequente durante o principado de Augusto, e nos pormenores formais que o fragmento de prato apresenta, nomeadamente a decoração executada a roletilha no fundo interior e a espessura do arranque do pé, que apontam para modelos de pratos correntes no período augústeo.

A dimensão do fragmento Ol.268 mais não autoriza do que propor tratar-se de uma taça. Da impressão apenas restam os limites de uma “marca” bilinear, com palma associada.

O exemplar Ol.269 ostenta uma cartela em trifólio, muito incompleta, e os vestígios de letras que apresenta poderão não corresponder e ter sido provocados pela exaustão da utilização do punção ou por uma má impressão. O número de oleiros que utilizaram punções compatíveis com a impressão da Praça da Figueira é bastante limitado (*Crestus* (OCK 285), *L. Fastidienus* (OCK 809), *Fuscus ii* (OCK 858), *M.P.S.* (OCK 1534), *Mahes* (OCK 1087), *L. Ple() Amar()* (OCK 1477), *Pupius* (OCK 1585), *Xanthus* (2) (OCK 2536) e *Zoilus* (2) (OCK 2544), mas não se descortinam elementos suficientes que permitissem sequer arriscar uma atribuição.

Ol.270 está incompleta, mas a sua pequena dimensão permite afirmar tratar-se de uma marca anepígrafa semelhante ou até correspondente ao tipo OCK 2557.1. A sua recolha foi efetuada em contexto selado, de cronologia tibéria.

Ol.271 equivale ao remanescente de uma cartela do tipo *in planta pedis*, com vestígios de uma haste oblíqua de letra.

Ol. 237	Vale do Pó	Consp. B.2.7	It.2	<i>Amandus i</i> ?	A.(...) D	81.4 ?	30 - 45 d.C.	
Ol. 238	Pisa	Consp. B.4.2	It.2	<i>Cneus Ateius</i>	CNATEI	~ 276.53-54	15 - 30 d.C.	

²⁰⁵³ *Conspetus*, p.98.

OL. 239	Pisa	Consp. B.4.7	It.2	Cneus Ateius	ATEE	nova	10 - 30 d.C.	
OL. 240	Pisa	Prato	It.2	Primus Cn.Ateii	CN(...) / PRIMV	nova	+ 1 - 20 d.C.	
OL. 241	Pisa	Prato	It.2	Eros(?) Cn.Ateii	(...)N / (...)NATE	nova ?	5 a.C.- 20 d.C.	
OL. 242	Arezzo	Consp. 26.1	It.1	A.Annius Crispus	AN(...)I / (...)	123.7-10	1 - 10 d.C.	
OL. 243	Putéolos	Consp. 18.1.1	It.2	Atticus (3) N.Naeui Hilarii	ATICI	340.8	10 a.C.- 10 d.C.	
OL. 244	Arezzo	Consp. 23.1	It.1	P. Cornelius	P(...) / (palma)	≈ 624.58	10 - 40 d.C.	
OL. 245	Arezzo	Taça	It.2	P. Cornelius	(...) / RN / EL	624.64	5 a.C.- 40 d.C.	
OL. 246	Arezzo	?	It.1	P. Cornelius	P.CORN	624.17-38	5 a.C.- 40 d.C.	
OL. 247	Arezzo	Consp. B. 4.3	It.1	P. Cornelius	P.CORNE	624. 22	10 - 40 d.C.	
OL. 248	Arezzo	?	It.1	P. Cornelius	(...)RNE	624.20-21	5 a.C.- 40 d.C.	
OL. 249	Arezzo	?	It.2	Phart(enius) Cornelii	PHART / P. COR	CVA 523	+ 1 - 20 d.C.	
OL. 250	Arezzo	Consp. B.3.2	It.2	Speratus P. Cornelii	SPERATVS / (...)RN	639.2	+ 1 - 20 d.C.	
OL. 251	Putéolos	Consp. 22.2.1	It.2	Ennius	ENN(...)	761. 2	1 - 15 d.C.	
OL. 252	Arezzo ?	Consp. 33.2	It.2	Erotiquus=Eros	EROS (S retro) FIICIT	780.5	10 - 20 d.C.	
OL. 253	Putéolos	Consp. 9.1.1	It.2	Hilarus (5) / N. Naev. Hilarus	HILARVS	953.3	1 - 20 d.C.	
OL. 254	Itália Central	Indet.	It.1	C.Me()	(...)E (2x)	1132.5	1 - + 30 d.C.	
OL. 255	Pisa ?	Taça	It.2	Murrius	MVRR	1202.22 ?	1 - 30 d.C.	
OL. 256	Pisa	Cálice	T.It. 1	Sextus Murrius Festus	SEX.M.F	1212.25	60 - 80 d.C.	
OL. 257	Pisa	Consp. 34 ou 37	It.2	C.P.P(isanus)	C.P.P.	1342.9	50 - 80 d.C.	
OL. 258	Pisa	Taça/ Tigela	It.2	C.P.P(isanus)	C.P.P	1342.25	50 - 80 d.C.	
OL. 259	Putéolos	Taça ?	It.2	Philargurus (1)	PHILAR (... ?)	nova	+ 15 d.C.	
OL. 260	Itália Central	Consp. 22.1-2	It.1	SPE	SPE / (/ ... ?)	nova	1 - 20 d.C.	
OL. 261	?	Taça	It.3	Tarquitius ?	TARQ(...) (A invertido)	-	-	
OL. 262	Arezzo	Consp. B.4.11	It.2	Caius Vibienus (2)	C(.)VIB	2373.52	1 - +40 d.C.	
OL. 263	Itália Central	Consp. B.3.13	It.2	L. Vibius	(...)IIII/ (...)	2419.6	15 a.C.- 5 d.C.	

Ol. 264	Pisa	Taça	It.1	<i>Volusus</i>	(...) (palma) LVSI	≈ 2523.34	1 - 20 d.C.	
Ol. 265	Putéolos	Consp. B. 2.7	It.2	<i>Vrbanus (1)</i>	VRBA	≈ 2528.3	1 - 30 d.C.	
Ol. 266	Pisa	Consp. 26.1.2	It.2	<i>Xanthus(2) / Cn. Ateius Xanthus</i>	XAN(...)	2536.132	15 - 50 d.C.	
Ol. 267	Itália Central ?	Prato	It.1	Ol. Desc.	(?)V(...) / (quadrado) AV(...)	-	20 a.C.- 20 d.C.	
Ol. 268	Itália Central ?	Taça	It.1	Ol. Desc.	(...)O (ou D) / (...) (palma)	-	20 a.C.- 20 d.C.	
Ol. 269	Itália Central ?	Consp. 20 ?	It.2	Ol. Desc.	(...)O(...) / L(... ?)	-	+ 1 d.C.	
Ol. 270	Itália Central ?	Taça	It.2	Ol. Desc.	Anepígrafa	2557.1 ?	15 - 50 d.C.	
Ol. 271	Itália Central ?	Prato	It.2	Ol. Desc.	(...)V(?)	-	+ 15 d.C.	

Figura 90- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas recolhidas na I.A.U. da Praça da Figueira- 1999/2001.

8.2.23.2.2. Produções Gálicas

Ol.272- *Albinus ii* (NOTS 1, 123-128).

Oleiro ruteno de grande capacidade compulsiva de vasos, terá iniciado a sua atividade nos finais do principado de Tibério, encerrando-a nos finais do de Nero²⁰⁵⁴. O punção 5a de *Albinus* foi muito utilizado e está atestado em vários exemplares de La Nautique-Narbonne, contexto datado dos inícios do principado de Nero²⁰⁵⁵, como num vaso recolhido no campo legionário de Nijmegen, instalado em 69 d.C.²⁰⁵⁶

Para além dos achados datados externamente, a impressão surge em vasos lisos de formas variadas em âmbito de produção, como no quadro de consumo nos fortes de Vechten, Valkenburg, Bona, nas *canabae* junto a Nijmegen, Heerlen, Rissstissen, Colónia, Neuss, Heddernheim e Rottweil, nas Germânicas, Southwark, Richborough, e Colchester, na *Britannia*, e em Le Chatelêt, Alésia, Poitiers e Arles, nas Gálias²⁰⁵⁷.

Ol.273- *Amandus ii* (NOTS 1, 169-173).

Produtos deste fabricante estão bem atestados em contextos do período de Nero, como os associáveis ao incêndio de Londres de 61 d.C., o primeiro depósito da vala da

²⁰⁵⁴ NOTS 1, p.127.

²⁰⁵⁵ J.L.K. Fiches *et al.*, 1979:, p. 191, fig. 4, n.º 7 e p. 213, fig.20.

²⁰⁵⁶ M. Polak, 2000, p.162.

²⁰⁵⁷ NOTS 1, p. 125.

fortificação de Cirencester, formado em data aproximada àquela, num *tumulus* neroniano em Berlingen, e no período 2 do forte de Valkenburg²⁰⁵⁸, sendo consensual que a sua atividade se desenvolve em época pré-flávia²⁰⁵⁹.

A impressão da Praça da Figueira mostra apenas na parte remanescente, o lado central e direito, o texto dotado de nexos MA ND, utilizado em diversos punções da *officina*. Não se tendo conseguido fazer equivaler o exemplar a uma das variantes com esta grafia não ilustradas no NOTS, e não se tendo encontrado em Vechten paralelo exato, colocava-se o problema de se distinguir entre as atribuições a *Amandus* ii e *Amandus* iii, ambos rutenos. Tendo em consideração as distintas cronologias de laboração entre ambos, de 30 a 65 d.C. para o mais antigo²⁰⁶⁰, e de 90 a 125 d.C. para o mais recente²⁰⁶¹, a adscrição àquele que operou no período mais recuado é feita sem reservas, dada a tipologia provável do vaso que suporta a “marca” e as maiores dimensões dos registos mais modernos.

Ol.274- *Anextlatus* (NOTS 1, 196-198).

O fabricante de vasos lisos com o nome em epígrafe compulsou um número de vasos escasso, mostrando nos seus punções uma grafia muito cuidada²⁰⁶².

Os paralelos exatos para a impressão Ol.27 contam com as ocorrências na “Fossa de *Cirratus*” de La Graufesenque, datada de 35-40 d.C.²⁰⁶³ e no forte de Velsen 1, abandonado cerca de 40 d.C.²⁰⁶⁴, que lhe fixam a cronologia. Para além destes locais, mostra uma ocorrência que abrange diversos locais da Germânia como Vechten²⁰⁶⁵, o Kops Plateau e forte de Nijmegen, Verlinden, Rheinzhabern e Augst, da *Britannia*, com testemunhos em Silchester e Chichester, e Gálias, em Poitiers, Reims, *Sextantio*, Paris e Saint-Roman-en-Gal²⁰⁶⁶.

Ol.275- *Anius* (NOTS 1, 201-202).

No estudo de 2005 dos exemplares recolhidos na Praça da Figueira haviam sido incluídas quatro impressões atribuíveis a um fabricante menor nomeado *Anius*²⁰⁶⁷,

²⁰⁵⁸ M. Polak, 2000, p.164.

²⁰⁵⁹ Idem; B. Hartley e B. Dickinson, 1993, p. 207; NOTS 1, p. 173.

²⁰⁶⁰ NOTS 1, p. 173.

²⁰⁶¹ Idem, p. 174.

²⁰⁶² M. Polak, 2000, p. 165.

²⁰⁶³ Idem, p.409.

²⁰⁶⁴ M. Polak, 2000, p. 413.

²⁰⁶⁵ Idem, p. 165, Vechten A46.

²⁰⁶⁶ NOTS 1, p. 197.

entendimento que teve de ser revisto à luz dos mais recentes trabalhos de investigação sobre as produções gálicas. Assim, do grupo é passível hoje de se lhe atribuir apenas a “marca” presente, estampada no fundo interno de uma pequena tigela Drag.27, onde se lê sem dificuldade OFANI. Embora não esteja ilustrada no NOTS, equivale à variante 2a, presente na Citânia de Briteiros (Guimarães) e Mainz²⁰⁶⁸.

Segundo F.Oswald²⁰⁶⁹, Hartley e Dickinson²⁰⁷⁰, *Anius* é um oleiro pré-flávio, cuja produção tem contornos indefinidos, podendo tratar-se de mais do que um indivíduo²⁰⁷¹.

Ol.276- *Annius i* (NOTS 1, 202-203).

Embora mostre uma impressão um pouco deficiente, em Ol.276 os caracteres apresentam-se suficientemente nítidos para ler ANNI, texto eventualmente completado na extremidade direita por uma ou mais letras hoje ausentes, tomando em consideração o espaço aí disponível.

Hartley e Dickinson procederam à revisão dos textos atribuídos a *Annius i* destrinchando-o de *Anius* (vide exemplar anterior), admitindo apenas quatro variantes para este oleiro que reputam de neroniano²⁰⁷².

O paralelo para o texto encontra-se em 3-a, estampado num vaso coletado em Tossalet de Les-Mondes-Pego publicado por Montesinos y Martinez, mas trata-se de uma “marca” itálica²⁰⁷³. Resta 4a, não ilustrado no NOTS, onde lê ANNIVS, compatível com a observação a propósito das características da impressão lisboeta, modelo documentado em Lattes e Limoges²⁰⁷⁴.

Ol.277-Ol.278- *Aquitanus* (NOTS 1, 203).

Aquitanus é um dos mais prolixos produtores da primeira fase de grande

²⁰⁶⁷ R.B. Silva, 2005, p.147, n.ºs 37-40.

²⁰⁶⁸ NOTS 1, p.201.

²⁰⁶⁹ F. Oswald, 1931, p.17.

²⁰⁷⁰ NOTS 1, p.202.

²⁰⁷¹ Idem.

²⁰⁷² Idem, p.203.

²⁰⁷³ J. Montesinos y Martinez, 1987, n.º7; NOTS 1, p.203.

²⁰⁷⁴ Idem.

exportação de La Graufesenque, surgindo representado na Praça da Figueira por duas “marcas” apenas.

Ol.277 mostra o texto completo do punção, como em Usk²⁰⁷⁵, Gloucester-Kingsholm, forte militar edificado em 49 d.C. e abandonado nos anos 60 d.C., e no cemitério de Hunerberg em Nijmegen, mais tarde presente de forma incompleta noutros vasos, motivando a proposta de Polak aqui adoptada²⁰⁷⁶, ligeiramente distinta da avançada antes por Hartley e Dickinson que a remeteram para o lapso entre 50 e 65 d.C.²⁰⁷⁷.

O número elevado de testemunhos de 1b distribui-se no espaço com uma alta concentração na Germânia, no *uicus* de Zurzach, Baden, Hoffheim, Keramiklager de Oberwinterthur, Vechten, Augst, Xanten, forte e *uicus* de Asberg, Baden, Heerlen, Colónia, Leicester, Kelvedon, Mainz, Neuss, Nijmegen, Valkenburg, Vindonissa, Wiesbaden, Woerden, Zammerdam, Aislingen, como na *Britannia*, em Worcester, Richborough, Halder, Londres, Southwark, Colchester e *Camulodunum*, e atestações gaulesas em Annécy, Estrasburgo, Nuit-Saint-Georges e Les Bolards²⁰⁷⁸.

Ol.278 corresponde a uma marca muito fragmentária. A sua atribuição é contudo feita com segurança, por corresponder com exatidão à impressão de Vechten A 60²⁰⁷⁹, aplicada quase exclusivamente em pratos Drag. 15/17 e 18, e encontrada em diversos contextos datados historicamente: no incêndio da “Loja I” de Colchester, ocorrido em 61 d.C., no forte de Erdlager-Hoffheim, construído cerca de 40 d.C. e abandonado antes de 70 d.C.²⁰⁸⁰, no forte de Rheingönheim, construído na mesma época que o anterior e abandonado antes de 72/73 d.C.²⁰⁸¹, no forte de Utrecht, construído depois de 47 d.C., nos níveis do período I do assentamento militar de Zwammerdam, igualmente criado em data posterior a 47 d.C. e destruído em 69/70 d.C. e numa sepultura de Weisenau, em conjunto com vasos marcados por *Bassus ii* e *Licinus*²⁰⁸².

Ol.279 -Ol.280 -Ardanus (NOTS 1, 258-260).

Ardanus laborou em La Graufesenque na época dos Imperadores Cláudios, tendo outras marcas representadas em Mainz, em contextos cláudios, e Xanten, em contextos

²⁰⁷⁵ B. Hartley e B. Dickinson, 1993, p. 207, n.º 8.

²⁰⁷⁶ M. Polak, 2000, p.167.

²⁰⁷⁷ B. Hartley e B. Dickinson, 1993, p. 207.

²⁰⁷⁸ NOTS 1, p.228-229.

²⁰⁷⁹ M. Polak, 2000, p.168.

²⁰⁸⁰ Idem, p.410.

²⁰⁸¹ Idem, p.412.

²⁰⁸² idem, p.414.

do período de Cláudio-Nero²⁰⁸³. Corroborando a proposta inicial de Oswald e Price, os únicos paralelos datados para a “marca” Ol.280 da Praça da Figueira, mal grafada porque é pouco perceptível o N final colocado em nexa com o A anterior, encontram-se estampados em três taças Drag. 24/25 e num prato recolhidos em La Nautique-Narbonne²⁰⁸⁴, contexto formado nos primeiros anos do principado de Nero. Para além do sítio gaulês, esta impressão está abundantemente documentada na área germânica²⁰⁸⁵, ocorrendo de forma esporádica na *Britannia*²⁰⁸⁶, Gálias²⁰⁸⁷ e surgindo na Lusitânia em Represas (Beja)²⁰⁸⁸.

Do outro vaso do mesmo artesão, Ol.281, subsiste apenas a parte do fundo e arranque da parede de tigela de copa hemisférica, com elevada probabilidade uma outra forma Drag.24/25. Danificada, em 2005 havia sido lida como OAN e assim assignada a *Annius*²⁰⁸⁹ (NOTS 1, 202-203). Contudo, as duas hastes oblíquas do último carater, em que a parte superior está borrada, podem igualmente tratar-se de um R, formando o texto OAR. Este entendimento parece altamente provável, considerando que *Ardanus* utilizou nos seus punções com muita frequência O como abreviatura da fórmula OF, característica que, aliás, permite distinguir muitos dos seus exemplares dos de *Ardacus*, também rutenos²⁰⁹⁰. Apesar de não ter equivalência com nenhuma das variantes do artesão, 7a é em tudo muito similar, utilizando as mesmas letras mas dispondo-as de forma retrógrada. Parece muito plausível que o exemplo de referência, apenas documentado numa tigela Drag.24/25 de La Graufesenque²⁰⁹¹, possa resultar de uma remoldagem da impressão.

Ol.281- Aue (i) /Aue Tu/ Auetu/ Aue Vale (NOTS 1, 357-360).

Um conjunto de impressões rutenas ostenta textos interpretados como mensagens dirigidas ao consumidor, como *Salve Tu*, *Eme* ou *IIMII*, *Aue Vale*, entre outras²⁰⁹², incluindo a do exemplar em apreciação, lida como a saudação *Aue*. Outros autores

²⁰⁸³ F. Oswald e D. Price, 1920, p.174-176.

²⁰⁸⁴ J.L.K.. Fiches *et al.*, 1978, p.191, fig.4, n.º9 e p.192.

²⁰⁸⁵ Berna, Utreque, Nijmegen, o Kops Plateau do mesmo local, Augst, Bona, Heerlen, Worms, Aislingen, Alphen, Hoffheim, Mainz, Neuss, Koenigshoffen, Trier, forte de Valkenburg, Vechten, Wiesbaden, Xanten, Zwammerdam e *uicus* de Zurzach-Conf. NOTS 1, p.258-259.

²⁰⁸⁶ Exeter, Colchester e *Camulodunum*- Conf. Idem.

²⁰⁸⁷ Estrasburgo, *Glanum*, Bezançon e Limoges- Conf. Idem.

²⁰⁸⁸ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

²⁰⁸⁹ Idem, p.147, n.º 38.

²⁰⁹⁰ NOTS 1, p.259.

²⁰⁹¹ Idem.

²⁰⁹² NOTS 1, p. 21.

admitem que algumas delas, como a presente, poderão tratar-se em alternativa de abreviaturas de onomástica céltica, como Brian Hartley, Brenda Dickinson²⁰⁹³, ou rejeitam liminarmente o caráter de mensagem comercial da maioria dos textos, caso de Marinus Polak²⁰⁹⁴.

Deixando de lado a interpretação, para Hartley e Dickinson a maioria das “marcas” deste tipo datará do período entre 20 e 45 d.C., considerando que apenas dois casos de Nijmegen e um de York serão seguramente posteriores àquela data²⁰⁹⁵.

A datação da impressão Ol.282 está muito bem estabelecida, conhecendo-se cerca de cento e cinquenta impressões executadas pelo mesmo punção em pequenas taças Drag.27 e 24/25 da “fossa de *Gallicanus*”, formada cerca de 55-60 d.C., conjuntamente com exemplos recolhidos em contextos datados historicamente como os níveis de ocupação de entre 43 d.C. e 61 d.C. de *Camulodunum*, o forte do Erdlager de Hofheim, ocupado durante as décadas de 40 e 60 d.C.²⁰⁹⁶, elementos que permitiram a Polak aferir a cronologia da utilização do punção²⁰⁹⁷.

Tratando-se do tipo 3a do NOTS, surge em contextos não datados externamente de Andernach, nas termas de Augst, nas necrópoles de Nijmegen e Urmitz, nos fortes de Valkenburg, Vechten e Xanten, em ambiente germânico, em *Glanum* e Clermont-Férrand, nas Gálias, em Tarragona e Represas, na Hispânia²⁰⁹⁸.

Ol.282- Axo-/Axud- (NOTS 1, 387).

A proposta anterior da publicação original desta impressão havia-a atribuído a *Axinus* (NOTS 1, 387) de La Graufesenque²⁰⁹⁹, devendo rever-se essa interpretação assignando-a ao artesão também ruteno indicado em epígrafe, que terá laborado no período de Nero-Flávios²¹⁰⁰.

A grafia apresenta-se de má qualidade, como na maioria dos textos do fabricante, mas a expressão inicial mostra tratar-se de “marca” letrada. Do oleiro conhecem-se apenas cinco punções com escassa repartição, abrangendo a *Lugdunensis*, *Aquitania*, *Germania Superior* e *Britannia*, ocorrendo agora pela primeira vez em solo hispano, com um modelo não repertoriado no NOTS.

²⁰⁹³ Idem.

²⁰⁹⁴ M. Polak, 2000, p. 175.

²⁰⁹⁵ NOTS 1, p.360.

²⁰⁹⁶ Idem.

²⁰⁹⁷ M. Polak, 2000, p.175.

²⁰⁹⁸ NOTS 1, p.358.

²⁰⁹⁹ R.B. Silva, 2005, n.º45.

²¹⁰⁰ NOTS 1, p.387.

Ol.283-Ol.284- *Bassus ii* (NOTS 2, 18-32).

Em 2005 havíamos sublinhado a ausência no conjunto da Praça da Figueira de “marcas” de um dos principais exportadores de La Graufesenque, *Bassus ii*²¹⁰¹, a par da escassa representatividade de alguns outros de igual dimensão seus contemporâneos, como *Aquitanus*, *Caluus*, *Primus i* e *Vitalis ii*²¹⁰².

A revisão do espólio coletado na intervenção de 1999-2001 permitiu identificar impressões não antes repertoriadas, entre as quais as duas em apreciação, muito fragmentárias, que se vêm juntar a Ol.136, coletado nas escavações dos Claustros da Sé Catedral, limitada amostragem lisboeta do prolixo oleiro ruteno, atestado em Braga, Mérida, Miróbriga e Ilha do Pessegueiro (Sines)²¹⁰³.

Ol.283 equivale ao punção 6 do NOTS, aplicado num prato, como na maioria dos paralelos encontrados em La Nautique de Narbonne, e no povoado próximo ao Trajanusplein de Nijmegen, contextos datados de Nero, como por quatro vezes em Colchester.

Ol.284 está muito obliterada, mostrando apenas os vestígios dos dois caracteres iniciais, sendo impossível, neste estado de conservação, discernir o tipo de impressão. O pé da tigela apresenta características evolucionadas de modelação do pé, isento de canelura na parede exterior, detalhe que porventura não deverá ser sobrevalorizado. Por essa razão, atribui-se a datação equivalente ao período de laboração do produtor.

Ol.285- *Billicatus/Bilicatos* (NOTS 2, 61-68).

Billicatus/Bilicatos é um dos principais exportadores de La Graufesenque, de grande longevidade, em acção desde a segunda década da Era até aos finais do principado de Cláudio²¹⁰⁴.

O presente exemplar da Praça da Figueira encontra-se muito obliterado. Contudo, possui um paralelo exato no punção do tipo B 69 de Vechten, para o qual existem exemplares coletados em contextos bem datados como os da “Fossa de *Cirratus*” de La Graufesenque, formada em 35-40 d.C., e no forte de Velsen 1, evacuado cerca do ano 40 d.C.²¹⁰⁵.

²¹⁰¹ NOTS 2, p. 20.

²¹⁰² R.B. Silva, 2005, p. 145.

²¹⁰³ Idem, Anexo B.

²¹⁰⁴ NOTS 2, p. 68.

²¹⁰⁵ M. Polak, 2000, p. 186.

Ol.286- {Cabuca} (NOTS 2, 149).

Hartley e Dickinson, ao contrário dos restantes investigadores²¹⁰⁶, separam as “marcas” assinadas *Cabuca* das de *Cabucatus* (NOTS 2, 149-150), por considerarem a menor dimensão das do primeiro artesão nomeado e corresponderem-lhe formas e ocorrências em contextos neronianos, pelo mais²¹⁰⁷. Embora julguem referirem-se a dois fabricantes distintos, questionam-se se, em alternativa, este grupo não representa uma fase inicial da atividade de *Cabucatus*, sobretudo atestada no período de 60 a 80 d.C. por impressões de tamanho maior²¹⁰⁸.

O punção 1a foi detetado em La Graufesenque, em formas similares à da Praça da Figueira, no forte de Valkenburg, Aislingen, Alcester, *Autun* e *Glanum*²¹⁰⁹.

Ol.287- *Caluus i* (NOTS 2, 178-195).

Caluus é um oleiro de muito elevada capacidade produtiva que operou sobretudo na época dos Flávios, estando bem atestado em contextos desse período, supondo-se ter trabalhado até, no máximo, 90 d.C.²¹¹⁰.

O modelo presente, 5q, está atestado no centro de La Graufesenque, em Augst, Vechten, Asberg, Mainz, Bona, Colchester, Dalheim, Tongeren, Gloucester, Londres, Cirencester, Arles-Trinquetaille e *Glanum*²¹¹¹.

Ol.288- *Cantus i* (NOTS 2, 335-341).

A impressão de *Cantus i* equivale ao tipo 13e do fabricante ruteno, apenas patente em pratos como é o caso presente, com uma distribuição que abrange apenas as Gálias, em *Glanum*, Mas d’Agenais e Poitiers, e a Hispânia, onde surge em Tarragona por quatro vezes²¹¹² e em Represas (Beja)²¹¹³.

A datação, à falta de elementos de maior precisão, radica no período de atividade do oleiro, entre 25 d.C. e 55 d.C.²¹¹⁴

Ol.289-Ol.290- *Capito i* (NOTS 2, 227-228).

²¹⁰⁶ Idem; M. Genin (dir.), 2007.

²¹⁰⁷ NOTS 2, p.150.

²¹⁰⁸ Idem, p.149.

²¹⁰⁹ Idem, p.148.

²¹¹⁰ M. Polak, 2000, p.198.

²¹¹¹ NOTS 2, p.184.

²¹¹² NOTS 2, p.339.

²¹¹³ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

²¹¹⁴ NOTS 2, p.340.

A atividade de *Capito* ou *Capitus* está documentada durante os principados de Cláudio e Nero²¹¹⁵.

Os dois vasos completos, da forma Drag.24/25, apresentam um modelo de impressão muito similar mas não exatamente coincidente com 2b, dada a presença de um ponto acima do O, para o diferenciar do F final, eventualmente colocado para evitar a confusão da fórmula *fecit* com *officina*. Este tipo de “marca” foi executada com o mesmo punção utilizado em vasos de *Camulodunum*, em contextos dos anos 60 d.C., e Colchester, ocupada até 65 d.C., fundamentos da proposta de datação do tipo Vechten C 60²¹¹⁶.

Ol.291-Ol.292- *Castus i* (NOTS 2, 272-280).

A aplicação do punção do ruteno *Castus i* utilizado em ambos os exemplares de pratos da Praça da Figueira é conhecida em vasos lisos e decorados pré-flávios, tendo sido recolhidas impressões no forte legionário de Usk e em York, em contextos da época de Vespasiano, que possibilitaram a Hartley e Dickinson avançar com uma datação situada no intervalo 60 d.C.-75 d.C.²¹¹⁷. M. Polak, baseado numa impressão similar, C 73, encontrada em Vechten numa forma Ritt. 8 e num prato de perfil da época de Vespasiano, propõe uma cronologia um pouco mais alargada, entre 60 d.C. e 80 d.C.²¹¹⁸ Trata-se da “marca” 2c presente também em Neuss, no forte de Valkenburg, abandonado na década de 60 d.C., *Glanum* e Estrasburgo²¹¹⁹.

Ol.293-Ol.294- *Chrestus* (NOTS 3, 10-11).

O conjunto de marcas gálicas reveladas pelas escavações da Praça da Figueira inclui dois exemplares onde é possível ler CHR, marcados em vasos de fabrico seguramente de La Graufesenque. O texto CHRES está atestado no conjunto de La Nautique-Narbonne²¹²⁰ e em *Baelo Claudia* registou-se uma outra “marca” bastante nítida CH(...), que Mayet e Bourgeois lêem *Ch*(...) mas consideram a possibilidade de uma leitura, *Cr*(...)²¹²¹. Trata-se, em ambos os casos, de vasos pequenos onde se verificou a necessidade de abreviar o desenvolvimento do texto.

²¹¹⁵ M. Polak, 2000, p.197.

²¹¹⁶ Idem.

²¹¹⁷ B. Hartley e B. Dickinson, 1993, p.208.

²¹¹⁸ M. Polak, 2000, p.200.

²¹¹⁹ NOTS 2, p.273.

²¹²⁰ J.L.K Fiches *et al.*, 1979, p. 191, fig.4, n.º 19.

²¹²¹ A. Bourgeois e F. Mayet, 1991, p. 151 e 189, n.º 34.

Polak rejeita a leitura *Chrestus* proposta por Oswald²¹²², equivalente ao oleiro *Crestus/io*, porque o exemplo indicado pelo investigador britânico correspondia a uma “marca” itálica, e os restantes exemplares mais tarde coletados e atribuídos a um *Chrestus* ruteno não apresentavam o desenvolvimento do texto²¹²³. De fato, Fiches, Guy e Poncin não haviam arriscado o desenvolvimento do nome constante da “marca” recolhida na La Nautique-Narbonne, designando o artesão que a produziu por *Chres()*²¹²⁴, forma como seria depois repertoriado no índice do *Daf*²¹²⁵. Brian Hartley e Brenda Dickinson de alguma forma retomam a leitura primitiva de Oswald, embora refutando a equivalência a *Crestus/io*, como igualmente rejeitaram os óbices ao desdobramento do texto avançados antes por Polak, repertoriando o nome do oleiro completo, em dativo²¹²⁶.

Ol.293 tem um paralelo em Londres, 9a do NOTS, atestada em Londres²¹²⁷.

Os pormenores formais da taça que ostenta Ol.294, obtida a partir de um punção não repertoriado nas obras consultadas, destacando-se a ausência do sulco no pé, característica que regista uma incidência maior e bem marcada a partir de 70 d.C.²¹²⁸, sugerem momentos mais tardios da produção sudgálica. Contudo, esta forma de modelação da base está igualmente documentada em etapas mais recuadas, como se pode apreciar pelo exemplar anterior do mesmo artesão. Uma baliza lata foi, pois, a proposta avançada.

Ol.295- *Cocus i* (NOTS 3, 77-83).

Tendo operado na época dos imperadores Cláudios²¹²⁹, *Cocus i* de La Graufesenque tem um repertório de punções característico, onde a grafia se apresenta algo deficiente, como é o caso.

O exemplar presente equivale ao punção 13a, documentado na “Fossa de *Gallicanus*” do centro oleiro ruteno, aplicado em vasos lisos Drag. 18, 24/25, 27 e 33, onde surgiu em conjunto com outras impressões similares mas retrógradas. Sendo este o

²¹²² F. Oswald, 1931, p.76.

²¹²³ M. Polak, 2000, p.213.

²¹²⁴ J.L.K. Fiches *et al.*, 1979, p. 191.

²¹²⁵ DAF, p.280.

²¹²⁶ NOTS 3, p.11.

²¹²⁷ Idem.

²¹²⁸ M. Polak, 2000, p.121.

²¹²⁹ Idem, p.209-210; NOTS 3, p.83.

contexto que permite datar a impressão, no âmbito de consumo está atestada apenas em Paris e Vichy²¹³⁰.

Ol.296- *Cosius Rufinus* (NOTS 3, 132-137).

Importante oleiro da fase flávia de La Graufesenque, relacionado com o *Lucius Cosius Virilis* bem atestado na área em estudo, possui apenas esta “marca” a comprovar a exportação de vasos seus para Lisboa.

O modelo de punção corresponde ao 4-d do NOTS, que tem paralelo apenas em Tongeren, sítio não datado externamente, pelo que a cronologia de 70 d.C. a 90 d.C.²¹³¹ resulta da admitida para o produtor.

Ol.297- *Crestus i* (NOTS 3, 184-189).

O desdobramento e identidade do artesão que usou os punções com o texto *Cresti*, como é o caso, está envolto numa polémica relativa: Polak argumenta a existência de apenas um único oleiro chamado *Crestio*, recusando as propostas de Oswald de um único *Crestius* (grafia não atestada em marcas) e de Hartley/Dickinson (baseadas em punções de grafia retrógrada *Cresti*), como a hipótese de *Chrestus*, também aventada por Oswald, porque o exemplo indicado não corresponde a uma marca sudgálica²¹³². Contudo, não só Hartley e Dickinson apresentam exemplos de textos progressivos onde se lê *Cresti*, como existe um desfasamento de cronologias entre os rutenos *Crestio* e *Crestus i*, estando o primeiro citado ativo na época dos imperadores cláudios²¹³³, e o outro iniciado os seus fabricos nos finais do principado de Nero e prosseguido até à década de 90 d.C.²¹³⁴

Dado a impressão em apreciação não ter paralelo exato repertoriado nas obras de referência, julga-se documentar um novo punção do oleiro. Atendendo à tipologia do vaso e à data de início de produção de *Crestus i*, o exemplar deverá encerrar uma cronologia tardo neroniana-vespasiânica.

²¹³⁰ Idem, p.80.

²¹³¹ NOTS 3, p.136.

²¹³² M. Polak, 2000, p.213.

²¹³³ Idem.

²¹³⁴ NOTS 3, p.189.

Ol.298- *Crispus ii* (NOTS 3, 199-200).

Não se conseguiu repertoriar paralelo para o punção com o texto CRIS *Crispus* utilizado no vaso do tipo Ritt.8 de muito pequena dimensão coletado na Praça da Figueira.

Embora anteriormente se tivesse equacionado a hipótese de atribuição a *Crispus iii* (NOTS 3, 200-202)²¹³⁵, as impressões deste artesão são bastante distintas, aproximando-se o exemplar em muito dos de *Crispus ii* ilustrados no NOTS, quer em termos de texto quer em termos de grafia. No mesmo sentido concorrem as características visuais de fabrico do recipiente, com alguma afinidade ainda com os vasos de modo itálico, pelo que a atribuição afigura-se correta, considerando o período de laboração de entre 20 e 40 d.C. do oleiro²¹³⁶.

Ol.299- *Demioncus* (NOTS 3, 267).

Muito cerceada, a marca limita-se aos dois primeiros caracteres próximos da extremidade esquerda, onde se lê DE(...). A sua equivalência exata com o punção 1_a do artesão ruteno em epígrafe, ativo entre cerca de 20 d.C. e 45 d.C., é feita sem reservas. Este tipo de impressão apenas foi detetado em La Carrouge sobre uma taça Ritt.5²¹³⁷, morfologia verosímil de igual forma para o vaso lisboeta, mas que a diminuta dimensão do fragmento não autoriza a fazer com total segurança.

Os vasos de *Demioncus* circunscrevem-se à Gália, com excepção de recipientes achados em Velsen, Nijmegen e Augst, estampados com o punção 1a²¹³⁸, pelo que o exemplar lisboeta corresponde à sua primeira aparição num espaço mais meridional.

Ol.300- *Donicatus* (NOTS 3, 313-316).

Em 2005, aquando do primeiro estudo do conjunto recolhido na Praça da Figueira, e perante a impossibilidade de observação direta da “marca”, a transcrição do texto do inventário do Museu da Cidade levou à sua atribuição a *Dontio*, de La Graufesenque²¹³⁹.

Em 2010, a localização do vaso em causa nas reservas da instituição, permitiu a revisão do exemplar, plena de significado. Trata-se de uma impressão que utiliza o tipo

²¹³⁵ R.B. Silva, 2005, n.º57.

²¹³⁶ NOTS 3, p.200.

²¹³⁷ NOTS 3, p.267.

²¹³⁸ Idem.

²¹³⁹ R.B. Silva, 2005, p.159, n.º58.

em *tabella ansatta*, onde se lê nitidamente DONIC, equivalente ao punção 5c do oleiro em epígrafe sediado em Montans, atribuição corroborada pelas características macroscópicas observáveis na pasta e revestimento. O tipo está presente em Londres, Saint-Bertand-de-Cominges, Poitiers e Saintes, sempre em Drag.²⁷

Donicatus é “um dos mais prolíficos oleiros”²¹⁴⁰ montaneses, que terá iniciado as suas atividades cerca de 50 d.C. Fabricante de vasos decorados com estilo datável da época de Nero, a difusão dos seus produtos quase se circunscreve à área comercialmente dominada por aquele centro do Tarn, conhecendo-se apenas duas impressões fora daquele âmbito, em Neuss e Cirencester²¹⁴¹, a que se acrescenta agora a “marca” lisboeta.

Ol.301-Ol.304- *Eme*_ (NOTS 3, 352-353).

Os textos IIMII/IIMI/IMI são classificados por vários investigadores como iletrados/ grafomorfos, casos de Marinus Polak²¹⁴² e Allard Mees²¹⁴³. Para August Oxé, este tipo de textos poderá corresponder também a *eme*, exortação de cariz comercial²¹⁴⁴, mas Oswald questionou-se se não poderia melhor desdobrar-se como *Eme(ritus)* ou *Emi(a)*²¹⁴⁵. Mais tarde, Colls, Étienne e Mayet sugeriram *Emius*²¹⁴⁶, tendo Bémont e Bourgeois, porém, proposto a versão *Eme()* em alternativa a *Emia*²¹⁴⁷.

Os punções com este tipo de texto apresentam uma elevada homogeneidade epigráfica e cronológica, estando ausentes dos contextos datados posteriores a 80 d.C. repertoriados, podendo ter sido executados pelo mesmo gravador. Esta coerência do grupo justifica o seu tratamento individualizado, sendo admissível a existência de um oleiro chamado *Emius/Emia/Eme()*.

Oswald havia situado o início da atividade do oleiro na época de Vespasiano, que depois a desenvolveria ao longo do restante período flávio²¹⁴⁸. O entendimento do estudioso seria desmentido pela investigação posterior, nomeadamente pelo achado de produtos assinados *Imi/Emii* em contextos seguramente anteriores como os do naufrágio

²¹⁴⁰ NOTS 3, p.313.

²¹⁴¹ Idem, p. 316.

²¹⁴² M. Polak, 2000, p.380. Por exemplo, o tipo Vechten Y 246, lido pelo investigador holandês IINII, mas a imagem disponibilizada permite restituir IIMI, com uma proposta de datação de 55-80 d.C.

²¹⁴³ A. Mees, 1995, p.180.

²¹⁴⁴ NOTS 1, p.21.

²¹⁴⁵ F. Oswald, 1931, p.114.

²¹⁴⁶ D. Colls *et al.*, 1977, p.109, nota 335; F. Mayet, 1978, p. 85.

²¹⁴⁷ DAF, p.278.

²¹⁴⁸ F. Oswald, 1931, p.114.

cláudio de Port Vendres II²¹⁴⁹ e talvez de Wroxeter²¹⁵⁰, ou a atestação em vasos de tipologia pré-flávia, de que se podem invocar os exemplos de uma taça Ritt. 8 em fabrico marmoreado recolhida em Tróia (Grândola)²¹⁵¹ e de outros dois casos detetados em *Baelo Claudia*²¹⁵². Esta modalidade do fabrico situa a origem dos vasos em La Graufesenque.

Um paralelo datado exato para a impressão Ol.301 foi registado em dois exemplares estampados em taças Drag. 27 recolhidos no naufrágio da Época de Cláudio de Port Vendres II²¹⁵³. Uma impressão equivalente, já obliterada dos dois últimos caracteres, encontra-se no *forum* de Conímbriga, em contextos fechados datados de 75-80 d.C.²¹⁵⁴, e testemunha a exaustão do punção com o desaparecimento dos dois últimos caracteres. Ambas as indicações justificam a datação proposta.

Para as marcas Ol.302 e Ol.303 não conseguimos encontrar referenciados exemplos oriundos de contextos fechados, indicando-se a cronologia geral proposta para o oleiro, ou mais propriamente para o grupo de marcas.

A impressão Ol.304 corresponde ao tipo Vechten Y 246, que citámos acima, adoptando-se a datação proposta por Polak²¹⁵⁵.

Ol.305- *Firmus ii* (NOTS 4, 58-59).

O presente exemplar havia sido atribuído na anterior publicação a *Firmus i*, oleiro que teria iniciado a sua laboração ainda em época de Tibério²¹⁵⁶ e que teria laborado em La Graufesenque até cerca de 60-65 d.C.²¹⁵⁷, não se tendo assinalado nenhum paralelo exato para a “marca” coletada na Praça da Figueira²¹⁵⁸.

A publicação do NOTS iria precisar a existência de dois oleiros homónimos do grande centro gaulês, apartados no tempo, tendo operado o mais recente, *Firmus ii*, entre 70 e 90 d.C.²¹⁵⁹ A impressão não equivale a qualquer das apresentadas naquela obra de referência, onde não consta algum texto como o presente, FIRMO, mas a grafia

²¹⁴⁹ D. Colls *et al.*, 1977.

²¹⁵⁰ F. Mayet, 1978, p.85.

²¹⁵¹ É.M. Sousa, 1996, p. 213, n.º 4.

²¹⁵² A. Bourgeois e F. Mayet, 1991, p. 152, n.ºs 55 e 56.

²¹⁵³ D. Colls *et al.*, 1977, p.109, n.ºs 14 e 15.

²¹⁵⁴ A. Alarcão, 1975b, p. 114, n.º 257.

²¹⁵⁵ M. Polak, 2000, p.380.

²¹⁵⁶ B. Hartley e B. Dickinson, 1993, p.210.

²¹⁵⁷ Idem e M. Polak, 2000, p.227.

²¹⁵⁸ R.B. Silva, 2005, n.º63.

²¹⁵⁹ NOTS 4, p.59.

exatamente igual empregue no punção 5a" permitiu a sua adscrição ao mais recente dos artefatos.

Ol.306- *Gaius i* (NOTS 4, 129-130).

Uma pequena tigela da forma Drag. 27 suporta no seu fundo interno a “marca” de *Gaius i*, ruteno que produziu entre cerca de 70 d.C. e 110 d.C.²¹⁶⁰ O oleiro tem uma discreta representatividade de punções, com apenas dois modelos repertoriados no NOTS²¹⁶¹: no caso presente tratar-se-á da variante 1_a, também documentada em Drag.27 em Lincoln, e ocorrente em Amiens, Vienne e Vindonissa²¹⁶².

A dimensão do trabalho de *Gaius i* surge, porém, com mais relevo se se considerar o seu punção em associação com *Iul_* (NOTS 4, 130), artesão para Hartley provavelmente na sua dependência e ocupado na modelação de vasos mais complexos, como os decorados e os pratos decorados a roletilha no fundo²¹⁶³, sendo aliás a grafia do exemplar lisboeta muito similar à do punção 2a da “marca” dos “associados”, de ampla difusão e situável entre cerca de 80 e 110 d.C.²¹⁶⁴

Ol.307- *Gallicanus ii* (NOTS 4, 134-141).

A impressão de *Gallicanus*, o modelo 2a do NOTS, encontra paralelo apenas nos contextos datados do principado de Nero de La Nautique de Narbonne²¹⁶⁵ e na “fossa de *Gallicanus*” de La Graufesenque²¹⁶⁶, o que permite fixar uma cronologia de 50-65 d.C.

No citado despejo de uma cozedura mal sucedida foi encontrada estampada em mais de trinta vasos Drag.29, num molde para a produção desta morfologia, e em Ritt.8, Drag.15/17, Drag.18, Drag.33²¹⁶⁷. Para além do centro produtor ruteno, foi atestada em Vechten²¹⁶⁸, Tongeren, Valkenburg, Vindonissa, Southwark, Cap D’Agde, *Glanum*²¹⁶⁹ e, na Lusitânia, em Represas (Beja)²¹⁷⁰.

²¹⁶⁰ NOTS 4, p. 130.

²¹⁶¹ Idem, p. 129.

²¹⁶² Idem.

²¹⁶³ Idem, p. 130.

²¹⁶⁴ Idem.

²¹⁶⁵ NOTS 4, p.139.

²¹⁶⁶ M. Polak, 2000, p.233.

²¹⁶⁷ NOTS 4, p.139.

²¹⁶⁸ M. Polak, 2000, G2.

²¹⁶⁹ NOTS 4, p.139.

²¹⁷⁰ M.C. Lopes, 1994, p.52, fig. 22, n.º 2004.

Ol.308- *Ingenuus ii* (NOTS 4, 304-308).

A impressão em apreço equivale ao modelo 5a do NOTS, cuja presença foi assinalada em Augst, Amiens e Limoges²¹⁷¹, nas formas Ritt.9 e Drag.17b, não detendo portanto paralelo datado historicamente.

Ingenuus ii, é um fabricante prolixo oleiro que iniciou as suas atividades em La Graufesenque um pouco antes dos meados do séc. I d.C. e que ainda estava a operar, para Hartley e Dickinson no final de Nero²¹⁷², mas para Polak, e em função de contextos datados externamente rastreados, durante o principado de Domiciano²¹⁷³.

Embora o texto e a organização do exemplar lisboeta sejam distintos, as características da grafia são muito aproximadas à da impressão registada em La Nautique-Narbonne²¹⁷⁴, o que permite admitir momentos distantes das etapas iniciais da atividade do artesão.

Ol.309- *Iucundus ii* (NOTS 4, 304-308).

Como aconteceu com o exemplar anterior, Ol.310 apresenta um texto para o qual hoje se conhecem vários autores homónimos rutenos, que Oswald já havia intuído²¹⁷⁵, tendo-se procedido à revisão da atribuição, que deverá ser feita ao mais recente indicado. Marinus Polak contraria esta perspetiva, admitindo ainda a existência de um só oleiro de La Graufesenque, embora considere provável a existência de dois oleiros distintos, razão pela qual distinguiu em dois grupos os modelos de impressão²¹⁷⁶.

Artesão prolixo, apresenta-se aqui com um prato Drag. 18, com paralelos exatos em Vechten e Troyes²¹⁷⁷ e num contexto construtivos da época de Cláudio em Conímbriga²¹⁷⁸.

Ol.310- *Iulius ii* (NOTS 4, 331-333)

O punção utilizado para marcar a taça da Praça da Figueira estava exausto, o que explicará quer a má grafia, visível nalguns dos caracteres, quer o fato de se apresentar truncado, faltando-lhe já o L final de um paralelo de Vechten, I29²¹⁷⁹, razão pela qual se

²¹⁷¹ NOTS 4, p.278.

²¹⁷² Idem, p.284.

²¹⁷³ M. Polak, 2000, p.241.

²¹⁷⁴ J.L.K Fiches *et al.*, 1979, p.fig.4, n.º41.

²¹⁷⁵ F. Oswald, 1931, p.148.

²¹⁷⁶ M. Polak, 2000, p.242.

²¹⁷⁷ NOTS 4, p.307.

²¹⁷⁸ A. Alarcão, 1975b, p.116, n.º 273.

²¹⁷⁹ M. Polak, 2000, p.246.

propõe um limite inferior mais baixo do que o indicado na obra do investigador holandês.

Ol.312- *Iullinus i* (NOTS 4, 361-364).

Até 2005, a “marca” de *Iullinus* era apenas conhecida por fotografia²¹⁸⁰. A detecção do vaso, em 2010, permitiu corroborar o entendimento anterior: o exemplar possui paralelos em contextos do principado de Nero no forte de Usk, no depósito de Burghöfe, datado de 70 d.C., numa conduta do forte de Inchtuthil, assentamento militar ocupado entre 82/83 e 86/87 d.C., em Newstead, forte ocupado entre 80/81 e 100 d.C., em Okarben, forte construído sob Vespasiano e abandonado sob Trajano, no forte legionário, *canabae* e necrópole de Nijmegen-Oeste²¹⁸¹, no Período II de Hoffheim²¹⁸² e em contextos flávios de Conímbriga²¹⁸³.

Para além dos sítios citados a difusão da “marca” faz-se através de uma muito extensa lista de locais na *Britannia*²¹⁸⁴ e *Germania*²¹⁸⁵, e uma mais discreta representatividade nas Gálias²¹⁸⁶.

Os distintos autores apresentam propostas cronológicas com ligeira cambiante para o intervalo inferior: Polak data a marca entre 65 d.C. e 100 d.C.²¹⁸⁷ e Hartley e Dickinson entre 75 e 95 d.C.²¹⁸⁸.

Ol.312- *Lepidus ii* (NOTS 5, 45-46)

Lepidus ii é um oleiro de pouca difusão, ativo de cerca de 15 a 45 d.C.²¹⁸⁹, e não se conseguiu repertoriar impressão correspondente, apenas um exemplar de Ampúrias que evidencia o mesmo texto²¹⁹⁰.

²¹⁸⁰ R.B. Silva, 2005, p.165, n.º 67.

²¹⁸¹ M. Polak, 2000, p.246.

²¹⁸² NOTS 4, p.362.

²¹⁸³ A. Alarcão, 1975b, p.117, n.º 277.

²¹⁸⁴ Colchester, Carlisle, Chichester, Caersvs, Caistor-by-Norwich, Leicester, forte de Caerleon, Caersvs, West Tillbury, York, Londres, Aldborough, *Margidunum*, necrópole de Canterbury, Chesterholm, Corbridge, Dancaster, Rocester, Little Chester, Southwark, Grimestack Hill, Richborough, Inchtuthil, Wroxeter, Rocester, Ribchester, Cirencester- NOTS 4, p.262-263.

²¹⁸⁵ Fortes de Vechten e Valkenburg, *canabae* de Nijmegen, Wiesbaden, *uici* de Epfach e Butzbach, Oberstimm, Neuss, Rheinzahlen, Asberg, Augst, Heidelberg, Mainz, Andernach, Tongeren, Xanten e Worms- Conf. Idem.

²¹⁸⁶ Arles-Trinquetaille, Amiens, Estrasburgo, Saint Saturnin, Sainte Colombe e La Graufesenque- Conf. Idem.

²¹⁸⁷ M. Polak, 2000, p.246.

²¹⁸⁸ B. Hartley e B. Dickinson, 1993, p.210.

²¹⁸⁹ NOTS 5, p.46.

²¹⁹⁰ Idem.

Ol.313-Ol.314- *Lentu*_ (NOTS 5, 38-39).

Os dois pratos que ostentam a impressão do mesmo punção do oleiro que Hartley e Dickinson preferem não desdobrar e Polak lê *Lentulus*²¹⁹¹ apresentam a mesma morfologia. Apesar de um deles ter entretanto perdido a referência de escavação, os dados do “*Diário das Escavações*” de Bandeira Ferreira permitem restituir a proveniência de ambos de um mesmo espaço funerário²¹⁹².

Equivalente ao punção 1a do NOTS, a “marca” tem ampla difusão: Vechten, Worms, Hoffheim, necrópole de Mainz, Londres, Leicester, Silchester, Winchester, Wroxeter, Baughing, Richborough, Poitiers, Clermond-Ferrand, L’Hospitalet-du-Lauzac, La Vayssière, Thamusida, Belo²¹⁹³ e Braga²¹⁹⁴. Os achados verificados em sepulturas da época de Nero em Mainz e Nijmegen, como a presença no Erdlager-Hofheim, forte ocupado cerca de 40 d.C. e abandonado antes de 70 d.C.²¹⁹⁵, suportam a cronologia indicada²¹⁹⁶.

Ol.315- *Leueos* (?) (NOTS 5, 49).

A impressão equivale ao modelo de punção 1a, de desdobramento problemático como se havia sentido em 2005²¹⁹⁷, dificuldades que aliás constam do NOTS que sugere uma onomástica grafada em céltico, estando para além do ponto lisboeta patente em *Camulodunum* e *Verulamium*²¹⁹⁸.

O oleiro, de restrita produção, é datado por Hartley e Dickinson como anterior à conquista da *Britannia*, ou seu contemporâneo, e supõem um início de laboração ainda nos finais da época augústea²¹⁹⁹.

Ol.316-Ol.318- *Licinus* (NOTS 5, 62-78).

As “marcas” do prolixo *Licinus* estão muito bem representadas em contextos da época de Cláudio e de Nero²²⁰⁰.

²¹⁹¹ M. Polak, 2000, p.251.

²¹⁹² “*compartimento BB*”- Conf. F.B.Ferreira, 1962a.

²¹⁹³ NOTS 5, p.38.

²¹⁹⁴²¹⁹⁴ Atribuído por Rui Morais a *Notus*, com dúvidas- Conf. R. Morais, 2005, n.º 45.

²¹⁹⁵ M. Polak, 2000, p.251.

²¹⁹⁶ Idem e M. Polak, 2000, p.251, embora o investigador holandês admita uma cronologia até 70 d.C.

²¹⁹⁷ R.B. Silva, 2005, p.70.

²¹⁹⁸ NOTS 5, p.49.

²¹⁹⁹ Idem.

O texto da impressão de *Licinus* Ol.316 é raro, e não tem paralelo. A grafia cuidada e a utilização da expressão *F(ecit)* deverá entender-se no âmbito da história do próprio oleiro, relacionando-se com os momentos iniciais da laboração da oficina que antecederam o emprego de *OF(ficina)*, aplicado nas olarias de maior volume de produção de La Graufesenque²²⁰¹.

O punção Ol.317 tem um paralelo datado no conjunto de La Nautique-Narbonne²²⁰², equivalendo ao 20b do NOTS, encontrado em Boubon Lancy estampado também no fundo de uma tigela da forma Drag.27²²⁰³.

Ol.318, por sua vez, apresenta uma grafia idêntica a 55a do NOTS, com paralelo datados nos contextos do Período I de Hoffheim, e atestado em *Camulodunum*, Chichester, Colchester, Mancetter, Richborough, Silchester, *Autun*, Amiens, Paris e Tarragona²²⁰⁴.

Ol.319- *Lupus ii* (NOTS 5, 139-14).

Embora no NOTS Hartley e Dickinson considerem um período de laboração do artesanato em epígrafe limitada ao lapso temporal de entre 40 e 65 d.C.²²⁰⁵, noutras ocasiões haviam admitido o seu prolongamento até 70 d.C. sugestionados pela sua presença no campo militar vespasiânico de Usk, como numa taça Drag.30 encontrada em Rheingönheim²²⁰⁶. Foi com esta base, a que aduziu a atestação em Fishbourne, que necessariamente remete para o primeiro dos flávios, que Polak considerou também um intervalo superior já dentro do principado de Vespasiano²²⁰⁷.

No caso presente, a impressão só detém paralelo exato em Cap D'Agde, La Clape e *Glanum*, casos não datados externamente, pelo se terá de considerar a amplitude de fabrico indicada acima.

Ol.320- *Maccarus i* (NOTS 5, 159-169).

A impressão de *Maccarus i* está muito incompleta, estando centralizada em relação a uma canelura dupla.

²²⁰⁰ M. Polak, 2000, p.252; NOTS 5, p.77.

²²⁰¹ M. Polak, 2000, p.40.

²²⁰² J.L.K Fiches *et al.*, 1979, p.191, fig.4, n.º45.

²²⁰³ NOTS 5, p.66.

²²⁰⁴ *Idem*, p. 74.

²²⁰⁵ NOTS 5, p.142.

²²⁰⁶ B. Hartley e B. Dickinson, 1993, p.210.

²²⁰⁷ M. Polak, 2000, p.255.

Os únicos paralelos exatos para a impressão provêm de Lyon e Trier²²⁰⁸. A similitude com outros modelos, como Vechten M12, aplicado em taças Ritt.5, remetem a sua datação para as etapas iniciais de laboração, com Caio e Cláudio²²⁰⁹.

Ol.321- *Manduilus* (NOTS 5, 243-245).

A impressão de *Manduilus* equivale ao modelo de punção do NOTS 6b, assinalado em Mainz, Trier, Weisenau e Arles²²¹⁰, que não lhe proporcionam elementos de datação.

A proximidade com o modelo de Vechten M20, patente num prato da forma Drag.15/17 e numa tigela Ritt.8, encontrado igualmente no forte do Erdlager de Hofheim, já abandonado na década de 70 d.C., e no Trajanusplein em Nijmegen, destruído em 69/70 d.C.²²¹¹, sugere uma cronologia neroniana.

Ol.322-Ol.324- *Memor* (NOTS 6, 74-78).

Importante oleiro ruteno, *Memor* surge neste ponto arqueológico da cidade com três impressões deficientes, estando Ol.322 muito borrada, e muito cerceadas Ol.323 e Ol.324.

A primeira citada revelou-se de leitura muito problemática. O texto, OFMEMO, foi reconstituído com base numa análise aturada, mas não encontrámos nenhum equivalente, inclusive entre os estudos que abordam marcas desprovidas indicações sobre dados contextuais específicos. A má impressão admite a existência dos traços horizontais do E, sendo altamente provável a sua atribuição a *Memor*. Como apontamento, no fundo externo do vaso foi executado o grafito pós-cozedura *Quarttonis*.

Em Ol.323, a letra inicial exclui a utilização nesta parte do texto do termo OF(*ficina*), pelo que um conjunto grande de assinaturas de oleiros fica excluída. Do carater seguinte apenas restou a haste superior, direita, podendo portanto corresponder a E, F, T e Z. A primeira hipótese é a única possível. Tratando-se de um fabrico ruteno, atribuição de origem induzida pelas características da pasta e revestimento, corresponderá a um dos oleiros com o nome começado por ME: *Melainus*, *Melus*, *Memor*, *Mercator*, *Media*() *Armi*(), *Mere*(), *Mesilus* ou *Meuillus* e *Metu*(). O recurso que utilizámos na adscrição a um oleiro foi o da observação da grafia pouco usual do M, que permitiu atribuir com maior probabilidade o punção a *Memor*, dado afastar-se das grafias dos

²²⁰⁸ NOTS 5, p.166.

²²⁰⁹ M. Polak, 2000, p.258.

²²¹⁰ NOTS 5, p.243.

²²¹¹ M. Polak, 2000, p.259.

primeiros M utilizados nas “marcas” dos restantes oleiros mencionados e corresponder à patente no exemplar M 61 de Vechten²²¹², embora neste o texto se inicie com o termo OF(*icina*). Apesar da argumentação invocada, a atribuição é feita com reservas, dado que o “abridor” de punções poderá ter trabalhado para mais do que uma olaria.

A marca Ol.324, muito fragmentada, não permite mais do que sugerir, sem grande margem de segurança, dois oleiros sudgálicos bem representados na Península: *Celer* e *Memor*. De notar a menos frequente colocação da expressão OF(*icina*) após o nome do oleiro.

Todas as datações propostas têm por base o período de atividade do oleiro²²¹³ e as características formais dos suportes.

Ol.325- Minatu(s) (NOTS 6, 109).

A impressão presente foi alvo de uma profunda revisão, e o significado que lhe havia sido conferido no anterior trabalho sobre as “marcas de oleiro” da Praça da Figueira, ao classificá-la como produto de Lezoux do séc. I d.C.²²¹⁴, é de descartar liminarmente.

A publicação do volume do NOTS correspondente à presente entrada, ocorrida em data bem recente, obrigou a rever inclusivé as observações a propósito das características do fabrico do vaso. Assim, os tons tendencialmente rosa salmão da pasta que haviam sido assinalados em 2005, de fato assimiláveis a Lezoux, induziram em erro que agora se corrige: as colorações mencionadas não têm correspondência com o que se pôde verificar no cerne, através de pequena fratura provocada por nós em Fevereiro de 2011, e terão sido motivadas por uma alteração das superfícies dada a integração do prato num contexto funerário de incineração identificado pelos trabalhos de 1962. Aliás, já havíamos referido que “*a descrição dos revestimentos característicos de Lezoux, de coloração vermelha alaranjada, brilhante (Idem), não corresponde, mas pode dever-se a processos pós-deposicionais*” ou que “*a aparência do revestimento do prato não se distingue de alguns vasos do grupo de La Graufesenque*”²²¹⁵, corroborando as dúvidas que porventura deveriam ter sido mais acentuadas naquela ocasião.

²²¹² M. Polak, 2000, p.268.

²²¹³ NOTS 6, p.78.

²²¹⁴ R.B. Silva, 2005, p.173, n.º82.

²²¹⁵ Idem.

As indicações para *Minatio*, em 1986 adscrito a Lezoux na listagem de Bémont e Bourgeois, com base em informação de Hartley²²¹⁶, surgiram agora no NOTS com outra qualificação: o artesão operou naquele local do centro da Gália entre 140 e 160 d.C.²²¹⁷, data incompatível com a morfologia do prato Drag. 16, aliás pouco ocorrente em território hispânico.

Todas as informações concorrem, portanto, para uma origem rutena do prato. Em La Graufesenque laborou um oleiro de muito escassa produção nomeado *Minatu(s)*, conhecido apenas por duas impressões idênticas aplicadas sobre pratos Drag.15/17 coletados em La Graufesenque e Bezançon²²¹⁸. O texto é distinto, MINATV, segundo Hartley e Dickinson claramente gravado e legível, tendo os investigadores baseado a proposta de datação do oleiro nos detalhes de modelação dos recipientes, que lhes sugeriram uma elaboração neroniana ou posterior²²¹⁹.

O novo tipo de impressão do fabricante ruteno atestada na Praça da Figueira remete-o cronologicamente para um lapso claramente anterior, entre finais de Tibério e Nero, devendo destacar-se igualmente o emprego da fórmula OF(*ficina*), que traduzirá uma olaria de alguma dimensão. Talvez se deva meter em relação as duas impressões de *Minatu(s)* com as “marcas” com o texto MIN() de La Graufesenque²²²⁰, encontradas nos contextos do “*Canal*”, datados por M. Genin de 15 a 50 d.C.²²²¹.

²²¹⁶ *Daf*, p. 278, nota 2 e p.283.

²²¹⁷ NOTS 6, p.109.

²²¹⁸ Idem.

²²¹⁹ Conf. Idem, avançando com a baliza de 55 a 85 d.C.

²²²⁰ M. Genin (dir.), 2007, p.555, n.º 280.

²²²¹ Idem, p.266.

Ol.326-Ol.327- *Modestus i* (NOTS 6, 119-131).

A “marca” Ol.327 de *Modestus i* tem como paralelos datados no keramiklager de Oberwintherthur, Período 1 de Fishbourne²²²², Rheingönheim, Período III de Valkenburg e talvez no Erdlager-Hofheim, o que, conjuntamente com a aplicação atestada nas formas Ritt.8 e 9 e Drag. 24/25, fez Polak defender uma datação pré-flávia²²²³, estando também presente em Augst, Asberg, Maastricht, Trier, Vechten, Neuss, Colónia, Cirencester, Southwark, Exeter, Leicester, Colchester, Londres, Estrasburgo, Reims, Langres, Alésia e La Graufesenque²²²⁴.

A impressão Ol.328 encontra-se muito incompleta, sendo apenas visível a letra terminal, um M. A atribuição a este oleiro faz-se com base na existência de uma impressão executada com o mesmo punção com o texto retrógrado e incompleto MOD(...) em Conímbriga, estampada num vaso encontrado sob um pavimento de rua colocado no período dos Flávios²²²⁵, único exemplo datado externamente, estando igualmente atestada em La Graufesenque²²²⁶.

Ol.328-Ol.330- *Mommo* (NOTS 6, 135-148).

Importante oleiro decorador, *Mommo* está atestado na região em estudo noutro ponto arqueológico lisboeta, a Rua de São Mamede ao Caldas²²²⁷, como nos *agris* olisiponenses no Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira)²²²⁸.

Ol.328, aplicado numa pequena taça Drag.24/25, tem correspondência exata com os encontrados nos fortes de Vechten e Rheingönheim²²²⁹, o segundo dos quais ocupado cerca de 40 d.C. e abandonado em 72/3 d.C.²²³⁰, surgindo de igual forma em Belo²²³¹. No caso utiliza o texto mais em voga no período compreendido entre Nero e Vespasiano²²³².

O punção aplicado no vaso que ostenta a impressão Ol.339 é retrógrado e encontra vários paralelos, infelizmente nenhum dos quais em contextos datados historicamente,

²²²² NOTS 6, p.123.

²²²³ M. Polak, 2000, p.271.

²²²⁴ NOTS 6, p.123-124.

²²²⁵ A. Alarcão, 1975b, p.120.

²²²⁶ NOTS 6, p.127.

²²²⁷ Vide *supra*, apartado próprio, Ol.76.

²²²⁸ Conf. apartado próprio, *infra*.

²²²⁹ M. Polak, 2000, p.274.

²²³⁰ Idem, p.412.

²²³¹ NOTS 6, p.139.

²²³² B. Hartley e B. Dickinson, 1993, p.212.

como e a sua cronologia foi fornecida pelos outros paralelos progressivos com esse tipo de procedência²²³³.

Ol.330, apesar de muito fragmentado, corresponde a um paralelo exato de Vechten, encontrado também em contextos datados historicamente como os dos fortes legionários de Lincoln, ocupado entre 60 e 78 d.C., Rottweil, edificado sob Vespasiano, Saalburg, estabelecido em 83/85 d.C., *Segontium*, construído em 78 d.C., num vaso com a mesma tipologia encontrado nas *canabae* junto do forte legionário de Nijmegen, na loja de olaria II de Colchester, destruída na época de Nero, no forte de Usk, instalado com os Flávios, conjunto de referências que lhe fixam a cronologia. A difusão do punção atinge também Exeter, Londres, Trier e Utreque²²³⁴.

Ol.331-Ol.332- *Murranus i* (NOTS 6, 181-191).

O oleiro indicado em epígrafe deteve grande capacidade de compulsão de vasos, aparecendo documentado no ponto arqueológico em apreciação por duas “marcas” distintas.

No primeiro caso, de texto mais desenvolvido, a equivalência faz-se com o tipo 21a do NOTS, surgido num vaso de uma sepultura neroniana de Nijmegen e no período I de Velsen, que lhe determinam a datação cláudio-neroniana²²³⁵. Para além destes dois locais foi rastreada a sua difusão por Augst, Dalheim, Colónia, Vechten, Londres, Chichester, Colchester, Ham Hill, *Verulamium*, Canterbury, La Graufesenque, Nuits-Saint-Georges, Les Bolards, Ruão, Orleães, Alésia, Varennes, Chalon-Sur-Saône, Clermont-Ferrand, Paris e Bavay²²³⁶.

A “marca” Ol.332 foi executada com punção de texto reduzido devido ao pequeno tamanho da taça, e não encontrámos paralelo em contexto datado, pois a sua difusão restringe-se a Bona e Fingringhe Wick²²³⁷. A grande semelhança com os punções utilizados durante a época de Cláudio e de Nero, confirmadas pela morfologia do vaso, fundamentam a proposta de cronologia apresentada.

Ol.333- *Niger ii* (NOTS 6, 239-248).

²²³³ M. Polak, 2000, p.272-273; B. Hartley e B. Dickinson, 2001, p.27.

²²³⁴ NOTS 6, p.143.

²²³⁵ NOTS 6, p.190

²²³⁶ Idem.

²²³⁷ Idem, p.191.

O vaso integra o lote dos que não pode ser observado em 2005, tendo reaparecido nas colecções do Museu da Cidade em 2010.

A proposta de classificação anterior foi revista em dois aspetos: ao contrário da identificação com a Drag.27, proposta antes, a forma do recipiente é Drag.24/25²²³⁸; o tipo de impressão, embora de texto similar, não equivale a Vechten N8, mas sim a Vechten N5*, ou seja, 3b” do NOTS.

Este modelo traduz um momento mais avançado do punção Vechten N5/3b’, quando estava mais truncado à direita, obliterando um I, presente nos fortes de York, Lincoln, Nijmegen e Vechten, como possivelmente numa sepultura neroniana de Berlingen, nas formas Ritt.8 e Drag.24/25, como é o caso presente, o que suporta a proposta de cronologia de Polak de 65 d.C. a 75 d.C.²²³⁹ Para além dos locais indicados, surge igualmente em Wiesbaden, Aislingen, Augst, Leicester, Canterbury, Fishbourne, Londres, Richborough, *Magiounium*, Southwark, Vertault e Reims²²⁴⁰.

Ol.334- *Passenus* (NOTS 7, 12-30).

Passenus é um dos mais ativos produtores de vasos de La Graufesenque, tendo elaborado moldes destinados à compulsão de taças decoradas empregues por variados outros artesãos, o que denota o seu papel de primeiro plano no âmbito do centro ruteno²²⁴¹. A difusão dos seus vasos decorados encontra-se muito centrada no espaço do *limes* germânico e com boa atestação igualmente na *Britannia*, observações que demonstram a relação privilegiada com o denominado comércio institucional de abastecimento ao exército²²⁴².

O punção encontrado na Praça da Figueira foi aplicado em vasos recolhidos no contexto do incêndio de Colchester, ocorrido em 61 d.C., no forte militar de Gloucester-Kingsholm, ocupado entre 49 d.C. e os anos 60 d.C.²²⁴³, em Usk em contextos da época de Nero²²⁴⁴, pelo que as balizas de 50 a 70 d.C. parecem constituir a sua cronologia. Para além dos locais citados, a mesma impressão foi atestada também em Augst, Zurzach, Berna, nos fortes de Neuss, Vindonissa e Vechten, Londres, Cirencester, *Camulodunum*,

²²³⁸ R.B. Silva, 2005, p.177-179, n.º 90.

²²³⁹ M. Polak, 2000, p.280.

²²⁴⁰ NOTS 2, p.241-242.

²²⁴¹ A.Mees, 1994 e 2005.

²²⁴² Idem.

²²⁴³ M. Polak, 2000, p.284.

²²⁴⁴ B. Hartley e B. Dickinson, 1993, p.213.

Verulamium, Worcester, Nuit-Saint-Georges, Fréjus, *uilla* de Essert-Sous-Champevent, Ruão, Lyon, Annecy, *Glanum*, Autun, La Grufesenque e Tarragona²²⁴⁵.

Ol.335- *Patricius i* (NOTS 7, 70-85).

Artesão já antes atestado noutro ponto arqueológico lisboeta, na Rua das Pedras Negras²²⁴⁶, surge agora na Praça da Figueira com um exemplar muito incompleto e que oferece dificuldades de leitura.

Em Vechten encontra-se uma impressão que constitui um paralelo exato para o exemplar lisboeta, que ocorre também nos contextos flávios de Nijmegen, Rottweil e York²²⁴⁷. Polak opina, porém, que com base no perfil do vaso do acampamento militar que estudou que o punção deverá ter sido utilizado ainda em época de Nero²²⁴⁸, entendimento corroborado pelo vaso da Praça da Figueira, que apresenta as mesmas características morfológicas indicadas para a taça de Vechten citada.

Ol.336- *Primus i* (NOTS 7, 218-220).

Admitindo-se a existência de vários indivíduos com o mesmo cognome a laborar em La Graufesenque, a sua contemporaneidade parcial gera a dificuldade em distingui-los²²⁴⁹ e Polak considerando a existência provável de pelo menos três homónimos, estando o mais antigo ativo já sob Tibério²²⁵⁰, ao qual pertencerá a “marca” da Praça da Figueira.

O fragmento apresenta uma marca mal estampada e fragmentada. O espaço visível não admite a existência de ponto a seguir a expressão inicial que antecede o nome. A grafia do M, de hastes laterais relativamente direitas, aponta para um grupo restrito de paralelos. A altura dos caracteres indicia, especificamente, a correspondência a um deles, documentado nas formas Drag. 24, 27, 15/17, Ritt. 8 e 9, e encontrado nos contextos datados do forte de Aislingen, destruído cerca de 69/70 d.C., *Camulodunum*, na destruição de 61 d.C., Colchester, na “*Loja de cerâmica I*”, com a mesma data, e no Erdlager-Hofheim, forte ocupado entre cerca de 40 d.C. e ao longo da década de 60 d.C.²²⁵¹.

²²⁴⁵ NOTS 7, p.16.

²²⁴⁶ Vide apartado próprio, *supra*, Ol.13 e comentários ao oleiro.

²²⁴⁷ M. Polak, 2000, p.286.

²²⁴⁸ Idem.

²²⁴⁹ NOTS 7, p.218-220.

²²⁵⁰ M. Polak, 2000, p.296-297.

²²⁵¹ Idem, p.299.

Ol.337- *Pudens ii* (NOTS 7, 281-282).

O oleiro ruteno indicado em epígrafe desenvolveu a sua laboração em La Graufesenque e no centro subsidiário de Le Rozier, entre os principados de Nero e inícios do de Domiciano²²⁵².

A “marca” de *Pudens ii* recolhida na Praça da Figueira tem paralelos datados nos fortes de Carlisle, construído em 72/74 d.C., Hedderheim, estabelecido durante os Flávios, Ilkey e Chester, edificadas cerca de 80 d.C., e nas *canabae* junto ao campo legionário de Nijmegen, elementos que apoiaram a datação indicada²²⁵³. O mesmo punção foi também aplicado numa taça Drag. 29 recolhida em Rottweil, o mesmo tipo patente, que ostenta uma decoração não anterior a 80 d.C.²²⁵⁴.

Para além dos locais mencionados, a sua presença foi assinalada em Vechten, Heerlen, Londres, Richborough, Templeborough, *uilla* de Gorthambury, Wroxeter, Fos-Sur-Mer, Arles-Trinquetaille, Lyon, Marselha, *Glanum* e *Baelo Claudia*²²⁵⁵.

A impressão é resultado de um punção já muito exausto e obliterado, pois no exemplar de Vechten P141 ainda se observa o vestígio do primitivo O²²⁵⁶, ausente na impressão da Praça da Figueira. Essa particularidade verifica-se nas impressões executadas no centro de Le Rozier²²⁵⁷, paralelos perfeitos para o exemplar lisboeta. Este aspeto deverá ter alguma incidência cronológica porque implica uma ligeira maior degradação do punção.

Noutro sentido, e dada a laboração de *Pudens ii* estar atestada em La Graufesenque e Le Rozier, e dadas as relações de dependência do segundo centro citado em relação ao primeiro não podemos com segurança atribuir o vaso da Praça da Figueira a uma ou a outra proveniência, embora pelas razões acima indicadas Le Rozier se afigure como mais provável.

Ol.338- *Quintus ii* (NOTS 7, 313-314).

²²⁵² NOTS 7, p.282.

²²⁵³ Idem, p.281; M. Polak, 2000, p.303.

²²⁵⁴ Idem.

²²⁵⁵ NOTS 7, p.281.

²²⁵⁶ Idem.

²²⁵⁷ F.Thuault e A.Vernhet, 1986, p.112, fig. 13.

Quintus ii é fabricante de La Graufesenque com uma média dimensão, tendo estado ativo entre os finais do principado de Cláudio e os de Nero²²⁵⁸.

A impressão, um pouco deficiente, tem apenas um paralelo datado no conjunto de *sigillata* sudgálica de La Nautique-Narbonne²²⁵⁹, estampada em doze exemplares da forma Drag. 27²²⁶⁰.

Ol.339- *Rogatus* (NOTS 7, 393-396).

Impresso no fundo interno de um prato de tipologia indeterminável, dada a dimensão do fragmento, representa o modelo de impressão 6a do NOTS, detetado em Augst, Rheingönheim, no *uicus* de Zurzach, Leicester, Richborough, Southwark, Boulogne-sur-Mer, Mérida e *Baelo Claudia*²²⁶¹.

Em função do período de laboração de *Rogatus*, artesanato que modelou sobretudo taças/tigelas, e da presença de vasos seus na Fossa de *Gallicanus*, a cronologia da “marca” deverá situar-se entre 35 d.C. e 50 d.C.²²⁶²

Ol.340-Ol.343- *Rufinus* iii (NOTS 7, 415-424).

Rufinus iii do NOTS, equivalente ao *Rufinus* ii de Polak²²⁶³, é um dos oleiros mais prolixos de La Graufesenque, especialmente bem representado nos mercados do norte do Império, nomeadamente na *Germania* e *Britannia*²²⁶⁴.

A “marca” Ol.340 encerra um interesse especial: embora fragmentada, apresenta um texto composto por um T interpuntado, seguido de RV(...), o tipo 25a do NOTS. As questões que este modelo levanta remetem-no para a identidade onomástica do oleiro, colocando-se a hipótese de se chamar *T.Rufinus*, como o trata M. Genin, que assinala 569 exemplares nos contextos de produção estudados do centro oleiro ruteno²²⁶⁵, () *Tappius Rufinus* ou *T.Appius Rufinus*, optando Hartley e Dickinson, dadas as problemáticas, por designá-lo simplesmente como indicado em epígrafe²²⁶⁶, solução aqui adoptada.

²²⁵⁸ NOTS 7, p.314.

²²⁵⁹ J.L.K Fiches *et al.*, 1979, p.191, fig.4, n.º66.

²²⁶⁰ *Idem*, p.193.

²²⁶¹ *Idem*, p.394.

²²⁶² *Idem*, p.395.

²²⁶³ M. Polak, 2000, p.308-310.

²²⁶⁴ *Idem*.

²²⁶⁵ M. Genin (dir.), 2007, p.237, equivalente a 353.1, assinalado em quatro pratos de tipo indeterminável.

²²⁶⁶ NOTS 7, p.422.

Com uma produção essencialmente flávia, terá iniciado o fabrico de vasos nos finais da época de Nero e terminado durante a década de 90 d.C.²²⁶⁷, mas os detalhes de modelação do suporte da tigela Drag.27, nomeadamente as caneluras interna e externa do pé, apontam para os momentos mais recuados da sua atividade. Corrobora este entendimento a presença do tipo de impressão nos contextos dos fortes de Camelon, Carlisle, Corbridge, como em Caerleon, Chester e Nijmegen²²⁶⁸, que permitem situar a “marca” na baliza cronológica compreendida entre 65 d.C. e 90 d.C.

A difusão do tipo 25a abrange expressiva representação na Germânia²²⁶⁹ e *Britannia*²²⁷⁰, aparecendo de forma mais discreta na Gália interna em Estrasburgo, Paris, Bavay e Murviel-lès-Montpellier²²⁷¹.

Não se conseguiu encontrar paralelo exato para a “marca” Ol.341. Contudo, as impressões de punções deste oleiro encontradas em contextos datados historicamente remetem-nas para a fase inicial da sua produção, dado que as que contêm a expressão OF(*ficina*) aparecem associadas aos momentos mais avançados, testemunho fornecido quer por vasos quer por contextos²²⁷². O perfil e grande espessura do fragmento permitiram atribuir o suporte a uma forma Drag. 29.

As impressões Ol.342 e Ol.343 têm paralelo exato num outro ponto arqueológico da cidade, na Rua dos Bacalhoeiros²²⁷³, datado externamente no Erdlager-Hofheim, abandonado nos inícios do século II d.C., sendo que a sua presença em determinados vasos de Vechten com morfologias mais recuadas levaram Polak a atribuir ao punção uma utilização entre 60 e 80 d.C.²²⁷⁴.

Não conseguimos encontrar uma classificação tipológica satisfatória para o vaso que contém Ol.342. O corpo é muito similar às taças troncocóicas Drag.33, mas a morfologia do bordo é completamente distinta, muito mais próxima da Ritt.9, como o são a delicadeza do pé e a ausência de caneluras no corpo. A designação utilizada é contestável, mas não encontrámos melhor expressão para traduzir a configuração do vaso, encontrado num dos poucos contextos funerários do séc. I d.C. da Praça da Figueira, formado com maior probabilidade antes de 70 d.C.

²²⁶⁷ Idem e M. Genin (dir.), 2007, p.237.

²²⁶⁸ NOTS 7, p.421.

²²⁶⁹ Idem- forte e Trajanusplein de Nijmegen, Vechten, Tongeren, Elewigt, Augst, Neuss, forte de Heddernheim, Heidelberg, Neuenheim e Braughing.

²²⁷⁰ Idem- Para além dos sítios mencionados, Caistor-by-Norwich, Chemsleford, Chester, Colchester, Droitwich, Richborough, Silchester, Staines, Londres e West Tillbury.

²²⁷¹ Idem.

²²⁷² M. Polak, 2000, p.308; B. Hartley e B. Dickinson, 2001, p.28.

²²⁷³ Vide *supra*, apartado próprio, impressão Ol.188.

²²⁷⁴ M. Polak, 2000, p.310.

O tipo Ritt.8 em que se encontra impressa a marca Ol.343 foi revelado numa fossa contendo espólio de cronologia neroniana o que, ao concordar com os seus detalhes de modelação, permitem rever a proposta avançada para o exemplar de Vechten para uma data mais alta do que a indicada pelo investigador holandês²²⁷⁵.

Ol.344-Ol.349- *Sabinus iii* (NOTS 8, 17-29).

Os vasos da Praça da Figueira assinados por *Sabinus* deverão corresponder ao oleiro deste nome que laborou em La Graufesenque e em Le Rozier²²⁷⁶. Marinus Polak tentou, sem sucesso, proceder à sua distinção, mas não o conseguiu senão para os que indicam o *praenomen*²²⁷⁷.

Apesar da letra cuidada da impressão Ol.344, que cairia no segundo grupo de marcas com esta onomástica, de acordo com o entendimento de Polak²²⁷⁸, ela equivale ao mais prolixo dos *Sabinii* rutenos como acontece com as “marcas” de traçado mais descuidado Ol.345 a Ol.349, neste caso seguramente oriundas de La Graufesenque, pois não se identificam com as atestadas em Le Rozier²²⁷⁹.

Hartley e Dickinson supõem que a atividade do *Sabinus ii* que utilizou os punções atestados em Lisboa se terá desenvolvido entre 50 e 85 d.C.²²⁸⁰, chamando a atenção para não disporem de suficientes contextos datados²²⁸¹. Polak, com base em contextos da época de Domiciano, avança o limite superior até aos finais do século I d.C.²²⁸².

O prato Drag.18 onde foi aplicado o punção de *Sabinus* Ol.344 mostra um perfil delicado, que o remete para momentos mais antigos da produção sabiniana. A presença da fórmula inicial OF, como a circunstância de a letra do texto se apresentar cuidada, concordam com a indicação morfológica, pelo que a deverá situar-se nas etapas iniciais de produção do artesanato.

A “marca” Ol.345 foi executada com o mesmo punção das impressões dos vasos encontrados no navio Cala Culip IV, naufragado cerca de 80-85 d.C.²²⁸³, no forte de Carlisle, edificado entre 71 e 74 d.C., no campo estabelecido durante os Flávios em Heddernheim, em *Segontium*, forte construído em 78 d.C., e numa sepultura de

²²⁷⁵ Idem.

²²⁷⁶ NOTS 8, p.27.

²²⁷⁷ M. Polak, 2000, p.313.

²²⁷⁸ M. Polak, 2000, p.313-315.

²²⁷⁹ M. Thuault e A. Vernhet, 1986, p.112, fig.13.

²²⁸⁰ B. Hartley e B. Dickinson, 1993, p.214. No NOTS, contudo, restringem o limite superior a 80 d.C.-Conf. NOTS 8, p.27.

²²⁸¹ Idem, 2001, p.29.

²²⁸² M. Polak, 2000, p.313.

²²⁸³ B. Hartley e B. Dickinson, 2001, p.22, n.º21 e p.29.

Winchester, datada da época de Domiciano²²⁸⁴. Com o recurso a estes elementos, é possível deduzir tratar-se de um punção utilizado entre cerca de 70 e 85 d.C.

A impressão Ol.346, com o texto (*S*)*abinio*, está atestada em Vechten nas formas Drag. 27 e 24/25, e é-lhe atribuída uma datação em torno do ano 70 d.C.²²⁸⁵.

Muito semelhante à anterior é a “marca” Ol.347, em que o texto completo é retrógrado. Não tendo conseguido encontrar paralelos exatos para a impressão, a similitude entre ambos sugere a cronologia aproximada indicada.

Incompleto, o exemplar Ol.348 integra-se no referido segundo grupo de punções *Sabinus*, considerado o mais tardio²²⁸⁶.

A “marca” Ol.349 presta-se a duas leituras mais prováveis: *Albani* ou *Sabini*. A regularidade da letra patente nos punções do primeiro oleiro mencionados exclui-o, sendo assim mais do que provável a sua atribuição ao *Sabinus iii* ou do Grupo ii de Polak.

Ol.350- *Sabinus ii* e ? (novo).

Embora a “marca” esteja fragmentada à direita, lê-se sem dificuldade um texto progressivo bem interpunctuado, executado com letra cuidadosamente desenhada OF.SABI.CN(...) (S e C retro).

A consulta das obras de referência, e a de outras publicações com repertórios de “marcas de oleiro”, não revelaram nenhuma outra impressão com as mesmas características, ou sequer texto similar ou aproximado, com o mesmo conteúdo. É certo existirem fabricantes com o nome *Sabinii* que assinam indicando mais componentes da sua onomástica, como *Fl(auius) Sabinus* ou *L.S.Sabi(nus)*²²⁸⁷. Não será, com maior probabilidade este o caso, que se julga equivaler a uma associação de oleiros: a letra grácil e os casos retrógrados são comuns nos punções do grupo I de *Sabinus*, podendo a menção do texto da Praça da Figueira referir-se a este, que nos momentos mais avançados inclui a fórmula OF; CN(...), não nos arriscamos a propor leitura, pois pode referir-se, por hipótese, tanto a um *Cneus*, escrito de forma progressiva, como a um *Licinus*, escrito de forma retrógrada.

O fragmento de fundo preservado, pelas suas características retilíneas da modelação da parede externa assemelha-se mais a uma tigela média, dos tipos Ritt.8 ou

²²⁸⁴ M. Polak, 2000, p.314.

²²⁸⁵ Idem, p.315.

²²⁸⁶ Idem, p.313.

²²⁸⁷ Idem.

Drag.24/25, informação que, a estar correta, corroboraria a cronologia conhecida para o grupo I de *Sabinus*, situada entre 50 e 80 d.C.²²⁸⁸

Ol.351- *Secundus ii* (NOTS 8, 170-182).

Polak distingue três oleiros com este nome, embora admita a existência de um número ainda mais elevado de homónimos dentro dos dois primeiros que diferenciou²²⁸⁹. O NOTS, por seu turno, admite apenas dois indivíduos rutenos com este cognome²²⁹⁰.

Certos pormenores da grafia são exatamente os mesmos do punção de Vechten S 91, aliás executado sobre a mesma morfologia²²⁹¹, em especial o formato idêntico do nexu VN (que no exemplar holandês agrega também o D) e a forma geral dos restantes caracteres. A mesma observação é possível para a marca n.º 150 de Usk, datada de 50-65 d.C., só que aí o nexu é ND²²⁹². Porém, não corresponde com exatidão a nenhuma destas impressões.

Foi com base na verosimilhança de contemporaneidade dos paralelos indicados de Vechten e Usk com a “marca” da Praça da Figueira que se propôs a cronologia indicada.

Ol.352- *Senicius* (NOTS 8, 204-211).

A marca de *Senicius* está estampada num prato Drag.18. *Senicio* e *Senecio* foram considerados como oleiros distintos por Oswald, mas segundo Polak deverão corresponder a um mesmo indivíduo²²⁹³ (POLAK 2000: pág. 328).

O oleiro laborou em La Graufesenque entre a época de Cláudio e, pelo menos, 80-85 d.C., pois encontra-se atestado no naufrágio de Cala Culip IV²²⁹⁴, a despeito de o NOTS o considerar ativo apenas até 65 d.C.²²⁹⁵

Não conseguimos encontrar paralelo para o punção utilizado, em que o S é retrógrado, o que aliás acontece com vários dos punções do oleiro²²⁹⁶. A fratura não permite distinguir se a letra seguinte ao N é um I ou um E, grafado como tal ou como duplo I, estando ambas as variantes atestadas. Os punções com utilização de duplo I estão presentes na “fossa de Cluzel 15”, datada com maior probabilidade de 60-65

²²⁸⁸ Idem, p.313.

²²⁸⁹ Idem, p.322.

²²⁹⁰ NOTS, 8.

²²⁹¹ M. Polak, 2000, p.325.

²²⁹² B. Hartley e B. Dickinson, 1993, p.214.

²²⁹³ M. Polak, 2000, p.328.

²²⁹⁴ B. Hartley e B. Dickinson, 2001.

²²⁹⁵ NOTS 8, p.209.

²²⁹⁶ Idem, p.204.

d.C.²²⁹⁷, e aqueles com a grafia *Senecio* estão atestados apenas para o intervalo 40-70 d.C.²²⁹⁸. A distância entre os restos do N e do C permitem excluir ambas as hipóteses e ler I.

A utilização da fórmula *F(ecit)*, presente na impressão da Praça da Figueira, é mais utilizada entre os principados de Cláudio e de Vespasiano²²⁹⁹, razão por que propomos o limite superior do intervalo indicado.

Na parede externa foi gravado um grafito após a cozedura, de que se lê *L(?)MAL(...)*.

Ol.353- *Senomant_* () (NOTS 8, 224-227).

Oswald atribuiu uma marca de texto semelhante à da Praça da Figueira a *Cnaeus Seno*, proposta rejeitada por C. Bémont que desenvolve uma impressão semelhante de *Glanum* como *Senonis*²³⁰⁰. A investigadora francesa revê mais tarde a sua proposta para *Senome*(), a avaliar pela listagem que elaborou em colaboração Bourgeois e que consta dos *Daf*²³⁰¹. O conteúdo da marca pode, porém, prestar-se a confusão, por permitir quer um desenvolvimento *Seno m(anus)* quer *Senom(e...)*, como Polak o interpreta²³⁰². Com outros argumentos, Hartley e Dickinson desdobram *Senomant_*²³⁰³.

Verifica-se a perfeita identidade com 9a, punção muito atestado em contextos de produção de La Graufesenque, e no quadro de consumo em Augst, Xanten, Baden, Aislingen, Nijmegen, Kops Plateau de Nijmegen, Risstissen, Vindonissa, Vechten, Richborough, Ilchester, Lezoux e Roanne²³⁰⁴, o que denota uma especial incidência germânica.

A semelhança com punções de texto mais desenvolvido que incluem o caráter E, encontradas em paralelos datados do forte legionário de Wroxeter, edificado em 52/7 d.C. e abandonado cerca de 87 d.C., e dos contextos de destruição de 61 d.C. de Colchester²³⁰⁵, sugerem uma cronologia idêntica.

²²⁹⁷ M. Polak, 2000, p.328 e 410.

²²⁹⁸ Idem, p.328.

²²⁹⁹ Idem., p.328-329.

²³⁰⁰ C.Bémont, 1976, p.74-75.

²³⁰¹ *DAF*, p.285.

²³⁰² M. Polak, 2000, p.330

²³⁰³ NOTS 8, p.224 e 226.

²³⁰⁴ Idem, p.225.

²³⁰⁵ M. Polak, 2000, 331.

Ol.354- *Seuerus iii* (NOTS 8, 251-267).

Seuerus iii esteve ativo em La Graufesenque entre 65 e 95²³⁰⁶, sendo dos mais prolixos produtores da última fase de grande exportação do grande centro gaulês.

A “marca” corresponde a uma detetada em Vechten aplicada no fundo de uma taça Drag.27 sem canelura na face externa do pé, detalhe morfológico evolucionado dentro do tipo²³⁰⁷, encontrando paralelos de sítios datados historicamente e “contextos fechados”: no Erweiterungslager de Hedderheim, no forte de Nijmegen, edificado em 69/70 d.C., numa sepultura dos finais do século I d.C., próxima deste sítio legionário, em Rottweil, sítio abandonado na mesma época, e Saalburg, forte construído em 83/85 d.C.²³⁰⁸.

Ol.355-Ol.356- *Siluanus i* (NOTS 8, 295-305).

Um paralelo exato para a impressão Ol.355 da Praça da Figueira foi encontrado em Vechten, “marca” muito similar a uma outra impressão encontrada num vaso da “*Fossa de Gallicanus*” de La Graufesenque²³⁰⁹, mas não exatamente correspondente. O NOTS apresenta outros exemplares de texto similar, mas não coincidentes também²³¹⁰. A cronologia avançada por Polak considerou a aplicação do mesmo punção de Vechten em vasos Ritt.5, pelo que o limite inferior indicado foi recuado para 35 d.C.²³¹¹.

A marca Ol.356 de *Siluanus i* encontra impressões idênticas na ocupação próxima ao Trajanusplein-Nijmegen, cujo limite superior se situa em 69/70 d.C., na forma do vaso Drag. 27 de Vechten com a mesma marca e, a sua presença nas formas Drag.24 e Ritt.8 induziram a cronologia indicada²³¹².

Ol.357- *Siluinus ii* (NOTS 8, 310-313).

A impressão da marca é deficiente, pelo que a sua identificação se revelou difícil. Existe, contudo, um paralelo exato de Vechten, estampado em dezasseis exemplares da mesma forma, também com sulco no pé²³¹³. A listagem de paralelos recolhidos em contextos datados inclui os fortes de Carlisle, construído em 72/74 d.C., Chesterholm, edificado cerca de 90 d.C., Salisberg, na década de 90 d.C., e no estabelecimento

²³⁰⁶ NOTS 8, p.265.

²³⁰⁷ M. Polak, 2000, p.332.

²³⁰⁸ Idem, p.333.

²³⁰⁹ Idem, p.335.

²³¹⁰ NOTS 8, p.295.

²³¹¹ Idem.

²³¹² Idem, p.335.

²³¹³ Idem, p.337.

artesanato de Wilderspool, estabelecido na mesma década, que forneceram a M. Polak a indicação da cronologia, dado corroborado pelo aspeto formal das taças acima mencionado²³¹⁴.

Ol.358- *Siluius i* (NOTS 8, 317-321).

A impressão de *Siluius* está um pouco borrada, mas encontra paralelos exatos em Vechten, na mesma forma, e nos contextos datados do Keramiklager de Oberwinterthur, depósito destruído cerca de 69/70 d.C., Rheingonheim, forte ocupado entre cerca de 40 d.C. e 72/73 d.C., e no campo de Riegel, abandonado no período flávio²³¹⁵.

Ol.359-Ol.360- *Vapuso* (Polak 344-345).

Oleiro relevante na fase de arranque da grande difusão dos vasos rutenos, ativo desde os finais do principado de Tibério, *Vapuso* surge atestado na Praça da Figueira por duas impressões produzidas por distintos punções, estando presente com mais outros dois no território português, em Braga e Tróia²³¹⁶.

O exemplar Ol.359 equivale ao tipo de Vechten V5, encontrada no sítio militar da Holanda por seis vezes estampada no fundo de pratos, como é o caso presente. As “marcas” produzidas pelo mesmo punção foram recolhidas no Erdlager de Hoffheim e no Período I do forte de Valkenburg, que sustentam a baliza entre 35 d.C. e 60 d.C. proposta por Marinus Polak²³¹⁷.

Ol.360, por seu turno, tem paralelo nos contextos datados do forte de Aislingen, destruído em 69/70 d.C., de Erdlager-Hofheim, ocupado entre cerca de 40 e 70 d.C., Velsen 1, evacuado cerca de 40 d.C., e numa sepultura de Xanten, que continha um outro vaso marcado por *Maccarus*, dados que motivaram a cronologia apresentada²³¹⁸.

Ol.361-Ol.362- *Vitalis i* (Polak 353-354).

²³¹⁴ Idem.

²³¹⁵ Idem, p.338.

²³¹⁶ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

²³¹⁷ M. Polak, 2000, p.354.

²³¹⁸ Idem.

Vitalis i esteve ativo em La Graufesenque entre 45 e 70 d.C.²³¹⁹, sendo equivalente ao *Vitalis i* de Hartley e Dickinson, que defendem o mesmo espectro cronológico²³²⁰.

Ambas as “marcas” idênticas foram estampadas no fundo interno de pequenas tigelas das formas Drag. 24/25 e Drag.27 dotada de canelura na face exterior do pé, com paralelo próximo, mas não exatamente coincidente, com a referência de Vechten V58, datada de 50-70 d.C. por Polak, com base numa pequena tigela Drag.24/25 similar, pré-flávia, recolhida numa sepultura do cemitério de Hunerberg-Nijmegen²³²¹.

Ol.363- *Vitalis ii* (Polak 354-358).

Vitalis ii esteve ativo em La Graufesenque já em 70 e, a sua laboração prolongar-se-ia até cerca de 110 d.C., tratando-se do oleiro mais bem representado em Vechten, com não menos de 213 “marcas”²³²².

A impressão da Praça da Figueira está em estado muito fragmentário, mas a sua correspondência é perfeita com o exemplar de Vecthen V61, aplicado sobre um prato de tamanho grande da forma Drag. 18 decorado internamente a rosetilha, no que concorda com as características do fragmento lisboeta, apresentando no caso holandês a particularidade de um P final, que Polak interpreta como correspondente à inicial do nome de um assalariado de *Vitalis*²³²³.

Os paralelos para a impressão correspondem aos contextos bem datados dos fortes de Chesterholm e Faimingen, construídos cerca de 90 d.C., Echzell, edificado em 92/97 d.C. ou 100/101 d.C., e Corbridge, construído em 86/87 e ocupado até 103 d.C.²³²⁴

Ol.364- *Vof() Angius ou Vofangius* (NOTS 1, p.198-199).

O fragmento que ostenta Ol.364 apresenta um *dutus* muito cuidado, e apesar de truncado é possível atribuí-lo com muita segurança ao oleiro *Vof() Angius*, que laborou em La Graufesenque, segundo Oswald durante os Flávios²³²⁵, mas que Hartley e Dickinson corrigiram para o período de 50 a 70 d.C.²³²⁶. Os britânicos sugerem que o V inicial deveria ter sido incluído apenas para preencher a lacuna de espaço, mas do que

²³¹⁹ Idem, p.353.

²³²⁰ B. Hartley e B. Dickinson, 1993, p.214.

²³²¹ M. Polak, 2000, p.354.

²³²² Idem.

²³²³ Idem.

²³²⁴ Idem.

²³²⁵ F. Oswald, 1931, p.17; DAF, p.286.

²³²⁶ NOTS 1, p.199.

significar V(as) ou um elemento onomástico, mas deixam o problema em aberto²³²⁷, pelo que o incluímos nesta ordem.

O artesão de La Graufesenque compulsou louça lisa, modelos estandardizados somente, estando muito bem atestado na Narbonense e Hispânia, sendo 1a o modelo de punção mais difundido, estando atestado em Xanten, Le Mans, Glanum, Tavel, Ruscino, Valência, Tossal de Manizes, Tarragona, talvez também Belo e Roujan²³²⁸, e seguramente em Castro Marim, Conímbriga e Represas (Beja)²³²⁹. Dado que nenhum dos paralelos foi recolhido em contexto fechado ou datado externamente, admite-se para a impressão a totalidade do período em que o oleiro esteve ativo.

Ol.365-Ol.368- Oleiros desconhecidos- impressões grafomorfas.

A “marca” Ol.365, praticamente completa, lê-se sem dificuldade AIVFA, texto grafomórfico de letra fina para o qual se não conseguiu rastrear paralelo datado externamente.

O perfil dos vasos e os paralelos próximos para o tipo dos diferentes punções iletrados/grafomorfos Ol.366 e Ol.367²³³⁰, remetem para uma cronologia dos imperadores Cláudios.

Ol.368, por seu turno, mostra uma sequência de caracteres que haviam sido antes interpretados como ANIIM(*retro*), pelo que havia sido atribuída a *Anius*²³³¹. Contudo, a grafia em nada se aproxima do traço patente nos punções utilizados por este oleiro ou de *Annius i*, antes mostrando óbvias afinidades com a de muitos textos grafomorfos, pelo que com maior propriedade se deve incluir neste grupo de impressões.

Ol.369-Ol.397- Oleiros Desconhecidos-impressões truncadas.

A “marca” Ol.369 apresenta algumas semelhança com o punção de *C. Exomnius Albinus* inventariado em Vechten²³³² mas, apesar da compatibilidade da forma do vaso, o estado de conservação da impressão não autoriza a atribuição.

A fragmentariedade de Ol.370 deixa ler apenas a letra inicial N, podendo atribuir-se a qualquer um dos onze oleiros sudgálicos com o nome começado por esta letra à exceção de *Niger*, que utiliza uma grafia distinta.

²³²⁷ Idem.

²³²⁸ Idem, p.198.

²³²⁹ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

²³³⁰ M. Polak, 2000, p.359- Grupo Y.

²³³¹ Esta antes publicada e atribuída erroneamente- Conf.R.B. Silva, 2005, p.147, n.º 40.

²³³² Conf. M. Polak, 2000, p.163.

O texto de Ol.371 está muito fragmentado, distinguindo-se apenas dois caracteres da zona mesial do texto, não tendo sido possível encontrar exemplos de marcas com esta sequência de letras nas publicações consultadas. A datação proposta resulta do contexto em que foi recolhido o fragmento de prato, uma fossa detritica neroniana.

Nas mesmas condições Ol.372, de que resta a parte distal direita onde se lê a fórmula final OF(f)I(cina).

A impressão Ol.373 apresenta uma fórmula final muito característica das produções iniciais de *terra sigillata* de La Graufesenque e Lezoux, e que se desdobra AR(retina), isto é, empregando uma adjetivação do substantivo *arretinum*, com intenção propagandística, que com o uso serviria depois para designar a própria produção na época²³³³. Não foram numerosos os oleiros rutenos que empregaram esta fórmula final, muito bem datada da época de Tibério, e lida com garantia a partir de uma marca de *Scotus*, que desenvolvia o texto “*aretinu*”²³³⁴. As características macroscópicas da pasta permitem classificar a taça lisboeta como procedente de La Graufesenque.

A grafia do exemplar Ol.374 aproxima-se da empregue nos punções utilizados por *Siluanus*, mas o estado de conservação da marca impede-nos de identificar a impressão como correspondente a esse oleiro, pois existem outras hipóteses igualmente plausíveis como, por exemplo, *Licinus*, *Murranus* ou *Albanus*.

O vaso que ostenta Ol.375 apresenta duas caneluras concêntricas, traçadas com alguma irregularidade no fundo interno, que permitem identificar a forma e remeter para as suas variantes mais tardias²³³⁵. Tal como para o número anterior, são vários os oleiros a que poderia ser atribuído o punção.

Ol.376 e Ol.377 são “marcas” muito danificadas que não permitem a identificação dos oleiros. As cronologias foram indicadas a partir das atribuídas às formas de prato em que estão estampadas. Ol.377 apresenta, na parede exterior do fundo, um grafito cruciforme, executado pós-cozedura.

É possível que a impressão Ol. 378 pertença a *Felix*, oleiro de La Graufesenque, mas não conseguimos estabelecer a correspondência do punção.

A “marca” Ol.379 encontra-se muito fragmentada, estampada num prato com vestígios de decoração a roletilha no fundo interno. A última letra corresponde à fórmula *m(anus)*.

²³³³ B. Hartley, 2002, p.135.

²³³⁴ Idem.

²³³⁵ M. Passelac e A.Vernhet, 1993, p.574.

Ol.380 está muito truncado, sendo impossível atribuí-lo com segurança a um qualquer um dos oleiros de um grupo vasto que inclui, por exemplo, *Bio*, *Senicio*, ...A fórmula final é sobretudo utilizada em La Graufesenque²³³⁶. A cartela é muito regular e a gravação dos caracteres muito cuidada, o que sugere uma época mais alta. Confirmando esta suposição, o perfil da peça e as dimensões da base apontam como mais provável uma datação durante o principado dos imperadores Cláudios.

Ol.381 e Ol.382, ambos aplicados em pratos, conservam apenas os caracteres finais, respetivamente equivalentes à fórmula *M(anus)* e (...)NI, elementos insuficientes para uma adscrição a um artesão.

Do exemplar Ol.383 conserva-se apenas a extremidades distal direita do texto, (...)NO, que pode equivaler a distintos oleiros. Pela morfologia do fragmento corresponderá a uma taça Ritt.5 ou 9, apresentando um revestimento ainda muito aproximado do aspeto das produções itálicas suas contemporâneas, especialmente no seu revestimento exterior.

Ol.384 e Ol.385 são “marcas” igualmente muito danificadas, de que se conservam apenas os limites da impressão e vestígios da última letra, um O.

A forma do vaso que ostenta Ol.386 encontra paralelo próximo nos números 1210 e 1212 a 1215 de *Baelo Claudia*, que Bourgeois e Mayet relacionam com as taças Ritt.5 e Hermet 23, esta última atestada em Montans²³³⁷. Tal como na cidade da Bética, a pasta e o revestimento não são atribuíveis, porém, a Montans²³³⁸.

De Ol.387 resta apenas a zona mesial do texto, um N, o que não permite a identificação do artesão.

De Ol.388 conservam-se apenas vestígios de “marca”, de que se reconhecem ainda duas letras, mesmo estas de leitura problemática. A cronologia foi indicada a partir das características formais do vaso.

Como o anterior, Ol.389 ostenta vestígios da impressão, tendo-se proposto uma datação com base nos detalhes da modelação do vaso. Apresenta grafito na parede externa do fundo, (...)VIV(?).

Em Ol.390 é apenas visível parte de uma haste vertical de um carater, colocado junto a uma das extremidades, colocado num fundo do tipo Drag. 18.

²³³⁶ M. Polak, 2000, p.40.

²³³⁷ A. Bourgeois e F. Mayet, 1991, p.95 e Pl.XV.

²³³⁸ Idem.

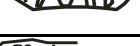
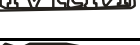
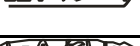
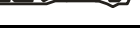
O fundo de Drag.27, dotado de canelura na parede exterior do pé, apresenta apenas o vestígio da extremidade de uma cartela retangular de cantos arredondados, Ol.391, pelo que se torna impossível de atribuir a um artesão.

De Ol.392 a Ol.396 restam apenas vestígios da cartela. As propostas de datação baseiam-se estritamente nas características formais dos vasos, destacando-se, nomeadamente: no Ol.393 a espessura das paredes e o perfil geral, maciçado, característica correspondente a uma morfologia evolucionada da taça de pequeno tamanho desta forma²³³⁹; para Ol.394, a ligeira convexidade da parede, a proporção entre o diâmetro e altura como as dimensões do anel do pé, apontam para a época situada entre Cláudio e Nero²³⁴⁰.

Ol. 272	La Grauf.	Drag. 27	G. 1	<i>Albinus ii</i>	OF[.] <u>ALBIN</u>	5a	50 – 70 d.C.	
Ol. 273	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	<i>Amandus i</i>	(...)MAND	-	40 – 65 d.C.	
Ol. 274	La Grauf.	Prato	G. 1	<i>Anextlatus</i>	(...)EXTLA(...)	Vechten A 46	20 – 45 d.C.	
Ol. 275	La Grauf.	Drag. 27	G. 1	<i>Anius</i>	OF ANI	2a	40 – 70 d.C.	
Ol. 276	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	<i>Annius i</i>	ANNI(...)	4a	+ 40 d.C.	
Ol. 277	La Grauf.	Drag. 18 ou 15/17	G. 1	<i>Aquitanus</i>	OF.AQVITANI	1b	45 – 60 d.C.	
Ol. 278	La Grauf.	Drag. 18 ou 15/17	G. 1	<i>Aquitanus</i>	OFA(...)	Vechten A 60	45 – 65 d.C.	
Ol. 279	La Grauf.	Drag. 15/17	G. 1	<i>Ardanus</i>	OARDAN	4a	55 – 65 d.C.	
Ol. 280	La Grauf.	Drag. 24/25 ?	G. 1	<i>Ardanus</i>	OAR	≈ 7a	45 – 65 d.C.	
Ol. 281	La Grauf.	Drag. 27	G. 1	<i>Aue (i) / Aue Tu/ Auetu</i>	<u>AVE</u>	3a	40 – 60 d.C.	
Ol. 282	La Grauf.	Prato	G. 1	<i>Axo-/Axud-</i>	OFIA ~~X~~	nova	55 – 80 d.C.	
Ol. 283	La Grauf.	Prato	G. 1	<i>Bassus ii</i>	(...)BA(...)	6	50 – 70 d.C.	
Ol. 284	La Grauf.	Drag.27	G. 1	<i>Bassus ii</i>	BA(...)	-	45 – 70 d.C.	
Ol. 285	La Grauf.	Ritt. 8	G. 1	<i>Billicatus/ Bilicatos</i>	BIL(...)	Vechten B 59	30 – 50 d.C.	
Ol. 286	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	<i>{Cabuca}</i>	CABVCAF	1a	55 – 70 d.C.	
Ol. 287	La Grauf.	Prato	G. 1	<i>Caluus</i>	OFCALVI	5q	65 – 85 d.C.	

²³³⁹ M. Polak, 2000, p.119.

²³⁴⁰ Idem, p.121-123.

Ol. 288	La Grauf.	Drag. 15/17	G. 1	<i>Cantus i</i>	OFCANTI	13e	25 – 55 d.C.	
Ol. 289	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	<i>Capito i</i>	CAPITO.F	Vechten C 60	40 – 60 d.C.	
Ol. 290	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	<i>Capito i</i>	CAPITO.F	Vechten C 60	40 – 60 d.C.	
Ol. 291	La Grauf.	Drag. 15/17	G. 1	<i>Castus i</i>	OFCASTI	2c	60 – 80 d.C.	
Ol. 292	La Grauf.	Prato	G. 1	<i>Castus i</i>	OFCAST(...)	2c	60 – 80 d.C.	
Ol. 293	La Grauf.	Drag.27	G. 1	<i>Chrestus</i>	CHR	9a	45 – 60 d.C.	
Ol. 294	La Grauf.	Drag.27	G. 1	<i>Chrestus</i>	CHR	nova	45 – 80 d.C.	
Ol. 295	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	<i>Cocus i</i>	I:COCO	13a	45 – 60 d.C.	
Ol. 296	La Grauf.	Prato	G. 1	<i>Cosius Rufinus</i>	COSI RVFINI	4-d	70 – 90 d.C.	
Ol. 297	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	<i>Crestus i</i>	CRESTI (R nvertido)	nova	65 – 80 d.C.	
Ol. 298	La Grauf.	Ritt.8	G. 1	<i>Crispus ii</i>	CRIS	nova	20 – 40 d.C.	
Ol. 299	La Grauf.	Ritt.5 ?	G. 1	<i>Demioncus</i>	DE(...)	1_a	20 – 45 d.C.	
Ol. 300	Montans	Drag. 27	G. 2	<i>Donicatus</i>	DONIC	5c	50 – 70 d.C.	
Ol. 301	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	<i>Eme_</i>	IIMII	-	40 – 75 d.C.	
Ol. 302	La Grauf.	Drag. 29	G. 1	<i>Eme_</i>	IMI	-	40 – 80 d.C.	
Ol. 303	La Grauf.	Drag.27	G. 1	<i>Eme_</i>	IMI	-	40 – 80 d.C.	
Ol. 304	La Grauf.	Drag.27	G. 1	<i>Eme_</i>	IMI	Vechten Y246	55 – 80 d.C.	
Ol. 305	La Grauf.	Prato	G. 1	<i>Firmus ii</i>	FIRMO	≈ 5a''	70 – 90 d.C.	
Ol. 306	La Grauf.	Drag.27	G. 1	<i>Gaius i</i>	OF GAI	1_a	70 – 110 d.C.	
Ol. 307	La Grauf.	Prato	G. 1	<i>Gallicanus ii</i>	OF GALIC	2a	50 – 65 d.C.	
Ol. 308	La Grauf.	Drag.33	G. 1	<i>Ingenuus ii</i>	OFINGENVI	5a	50 – 65 d.C.	
Ol. 309	La Grauf.	Drag.18	G. 1	<i>Iucundus ii</i>	IVCVND	6b	30 – 60 d.C.	
Ol. 310	La Grauf.	Drag.27	G. 1	<i>Iulus ii</i>	OFIV	Vechten I29	30 – 45 d.C.	
Ol. 311	La Grauf.	Drag.18	G. 1	<i>Iullinus i</i>	IVLLIN (N retro)	7a	65 – 100 d.C.	
Ol. 312	La Grauf.	Drag.18	G. 1	<i>Lepidus ii</i>	LEPID.OF	-	15 – 45 d.C.	
Ol. 313	La Grauf.	Drag.18	G. 1	<i>Lentu_</i>	LENTVF	1a	55 – 65 d.C.	
Ol. 314	La Grauf.	Drag.18	G. 1	<i>Lentu_</i>	LEN(...)	1a	55 – 65 d.C.	
Ol. 315	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	<i>Leueos ?</i>	LEVHOS (S retro)	1a	30 – 50 d.C.	

Ol. 316	La Grauf.	Drag.18	G. 1	Licinus	LICINVF	novo	40 – 55 d.C.	
Ol. 317	La Grauf.	Drag.27	G. 1	Licinus	OF.LICN	20b	55 – 65 d.C.	
Ol. 318	La Grauf.	Ritt.9	G. 1	Licinus	LICN	55 ^a	40 – 65 d.C.	
Ol. 319	La Grauf.	Drag.18 ou 15/17	G. 1	Lupus ii	LVPIMA	3b	40 – 65 d.C.	
Ol. 320	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	Maccarus i	MAC(...)	32-b	30 – 65 d.C.	
Ol. 321	La Grauf.	Drag.18 ou 15/17	G. 1	Manduillus	MAND(...)	6b	60 – 70 d.C.	
Ol. 322	La Grauf.	Drag.33	G. 1	Memor	OFMEMO	-	60 – 90 d.C.	
Ol. 323	La Grauf.	Tigela	G. 1	Memor ?	ME(...)	-	60 – 90 d.C.	
Ol. 324	La Grauf.	Prato	G. 1	Memor ? Celer ?	(...)R OF	-	60 – 90 d.C.	
Ol. 325	La Grauf.	Drag.16	G. 1	Minatu(s)	MINATIOF	nova	40 – 60 d.C.	
Ol. 326	La Grauf.	Ritt.8	G. 1	Modestus i	OFMOD	9a	40 – 65 d.C.	
Ol. 327	La Grauf.	Tigela	G. 1	Modestus i	(...)M (retro)	29b	40 – 65 d.C.	
Ol. 328	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	Mommo	MOM	9n	50 – 75 d.C.	
Ol. 329	La Grauf.	Ritt.8	G. 1	Mommo	OFMOM (retro)	11e	60 – 80 d.C.	
Ol. 330	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	Mommo	OM(...) (retro)	27d	60 – 80 d.C.	
Ol. 331	La Grauf.	Prato	G. 1	Murranus i	MVRAN(...)	21a	45 – 65 d.C.	
Ol. 332	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	Murranus i	MVR	29a	40 – 70 d.C.	
Ol. 333	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	Niger ii	OF.NIGR	3b''	65 – 75 d.C.	
Ol. 334	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	Passenus	O.PASEN	18a	50 – 70 d.C.	
Ol. 335	La Grauf.	Drag.27	G. 1	Patricius i	OF.JPA(...)	Vechten P30	65 – 85 d.C.	
Ol. 336	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	Primus i	OFPRIMI	Vechten P108	40-65 d.C.	
Ol. 337	La Grauf. Le Rozier	Drag.29	G. 1	Pudens ii	FPVDEN	3a	70 – 85 d.C.	
Ol. 338	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	Quintus ii	QVI	-	55 – 65 d.C.	
Ol. 339	La Grauf.	Prato	G. 1	Rogatus	ROGAT(...)	6a	35 – 50 d.C.	
Ol. 340	La Gra	Drag.27	G. 1	Rufinus iii	.T.RV(...)	25a	65 – 90 d.C.	
Ol. 341	La Grauf.	Drag.29	G. 1	Rufinus iii	RVF(...)	-	65 – 85 d.C.	
Ol. 342	La Grauf.	Afim Drag.33	G. 1	Rufinus iii	RVFINI	Vechten R28	60 – 70 d.C.	
Ol. 343	La Grauf.	Ritt.8	G. 1	Rufinus iii	RVFINI	Vechten R28	60 – 70 d.C.	
Ol. 344	La Grauf. Le Rozier	Drag. 18	G. 1	Sabinus iii	OF.SABINI	-	60 – 75 d.C.	

Ol. 345	La Grauf.	Drag. 15/17	G. 1	Sabinus iii	OF.SAB(...)	Vechten S4	70 – 85 d.C.	
Ol. 346	La Grauf.	Drag.33	G. 1	Sabinus iii	ABINIO	Vechten S17	60 – 85 d.C.	
Ol. 347	La Grauf.	Drag.27	G. 1	Sabinus iii	SABINIO (retro)	-	60 – 85 d.C.	
Ol. 348	La Grauf.	Prato	G. 1	Sabinus iii	(...)ABINI	-	60 – 85 d.C.	
Ol. 349	La Grauf.	Indeterm.	G. 1	Sabinus iii	(...)BINO	-	60 – 85 d.C.	
Ol. 350	La Grauf.	Tigela	G. 1	Sabinus associado a ?	OF.SABI. CN(...) (S e C retro)	nova	50 – 80 d.C.	
Ol. 351	La Grauf.	Drag. 15/17	G. 1	Secundus ii	OF.SECVND	-	65 – 90 d.C.	
Ol. 352	La Grauf.	Drag.18	G. 1	Senicius	SEN[?]CIOF (S retro)	-	45 – 75 d.C.	
Ol. 353	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	Senomant_ ()	SENMOM	9a	50 – 70 d.C.	
Ol. 354	La Grauf.	Drag.27	G. 1	Seuerus ii	OFSEVER	Vechten S138	70 – 95 d.C.	
Ol. 355	La Grauf.	Ritt.8	G. 1	Siluanus i	SILVANI OF	Vechten S147	40 – 60 d.C.	
Ol. 356	La Grauf.	Drag. 15/17	G. 1	Siluanus i	SILVANI	Vechten S152	45 – 65 d.C.	
Ol. 357	La Grauf.	Drag.27	G. 1	Siluinus ii	QFS(...)VIN	Vechten S166	65 – 90 d.C.	
Ol. 358	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	Siluius	OFISILVI	Vechten S171	55 – 75 d.C.	
Ol. 359	La Grauf.	Prato	G. 1	Vapuso	VAP(...)	Vechten V5	35 – 60 d.C.	
Ol. 360	La Grauf.	Drag. 15/17	G. 1	Vapuso	VAPVSQ	Vechten V4	30 – 60 d.C.	
Ol. 361	La Grauf.	Drag.27	G. 1	Vitalis i	OVITA	Vechten V58	50 – 70 d.C.	
Ol. 362	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	Vitalis i	OVIIA	Vechten V58	50 – 70 d.C.	
Ol. 363	La Grauf.	Prato	G. 1	Vitalis ii	(...)TAL(...)	Vechten V61	80 – 110 d.C.	
Ol. 364	La Grauf.	Prato	G. 1	Vof() Angius ou Vofangius	(...)FANGI (...)	1a	50 – 70 d.C.	
Ol. 365	La Grauf.	Drag.18	G. 1	Ol. Desc.	AIVFA	-	40 – 70 d.C.	
Ol. 366	La Grauf.	Drag.18	G. 1	Ol. Desc.	IIFIN(...) VII (F retro)	-	40 – 70 d.C.	
Ol. 367	La Grauf.	Drag.27	G. 1	Ol. Desc.	OI(L ou C) MI.	-	40 – 70 d.C.	
Ol. 368	La Grauf.	Drag.27	G. 1	Ol. Desc.	MIINA	-	40 – 70 d.C.	
Ol. 369	La Grauf.	Ritt.8	G. 1	Ol. Desc.	[?]E(...)	-	40 – 80 d.C.	
Ol. 370	La Grauf.	Drag.29	G. 1	Ol. Desc.	N(...)	-	40 – 85 d.C.	
Ol. 371	La Grauf.	Prato	G. 1	Ol. Desc.	(...)QE(...)	-	40 – 70 d.C.	
Ol. 372	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	Ol. Desc.	(...)AOFI	-	-	

Ol. 373	La Grauf.	Ritt.5	G. 1	Ol. Desc.	(...) . AR	-	20 – 45 d.C.	
Ol. 374	La Grauf.	Prato	G. 1	Ol. Desc.	(...)AN	-	-	
Ol. 375	Sudgálica	Drag.33	G. 1	Ol. Desc.	(...)ANO	-	+ 60 d.C.	
Ol. 376	Sudgálica	Drag. 15/17	G. 1	Ol. Desc.	(...)I	-	- 70 d.C.	
Ol. 377	Sudgálica	Drag.18	G. 1	Ol. Desc.	(...) (?)	-	- 70 d.C.	
Ol. 378	La Grauf.?	Prato	G. 1	Ol. Desc.	(...)ICI	-	+ 40 d.C.	
Ol. 379	La Grauf.?	PratoR	G. 1	Ol. Desc.	(...)M	-	-	
Ol. 380	La Grauf.	Drag.27	G. 1	Ol. Desc.	(...)IO.OF	-	45 – 70 d.C.	
Ol. 381	Sudgálica	Drag. 15/17	G. 1	Ol. Desc.	(...)M	-	40 – 70 d.C.	
Ol. 382	Sudgálica	Prato	G. 1	Ol. Desc.	(...)NI	-	-	
Ol. 383	Sudgálica	Drag. 24/25	G. 1	Ol. Desc.	(...)NO	-	20 – 50 d.C.	
Ol. 384	Sudgálica	Drag. 15/17	G. 1	Ol. Desc.	(...)Q	-	-	
Ol. 385	Sudgálica	Tigela	G. 1	Ol. Desc.	(...)Q	-	-	
Ol. 386	Sudgálica	Belo 1210-1212/5	G. 1	Ol. Desc.	(...)TI(?)	-	20 – 50 d.C.	
Ol. 387	Sudgálica	Drag. 18 ?	G. 1	Ol. Desc.	(...)N(...)	-	-	
Ol. 388	Sudgálica	Drag.27	G. 1	Ol. Desc.	(...)OI(?) (...)	-	40 – 70 d.C.	
Ol. 389	Sudgálica	Drag.27	G. 1	Ol. Desc.	(...)	-	40 – 70 d.C.	
Ol. 390	Sudgálica	Drag.18	G. 1	Ol. Desc.	(...)	-	-	
Ol. 391	Sudgálica	Drag.27	G. 1	Ol. Desc.	(...)	-	-	
Ol. 392	Sudgálica	Prato	G. 1	Ol. Desc.	(...)	-	40 – 70 d.C.	
Ol. 393	Sudgálica	Drag.27	G. 1	Ol. Desc.	(...)	-	-	
Ol. 394	Sudgálica	Drag.27	G. 1	Ol. Desc.	(...)	-	40 – 70 d.C.	
Ol. 395	Sudgálica	Drag. 24/25	G. 1	Ol. Desc.	(...)	-	-	
Ol. 396	Sudgálica	Drag.33	G. 1	Ol. Desc.	(...)	-	-	

Figura 91- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas recolhidas nas I.A.U.s da Praça da Figueira- 1961, 1962 e 1999/2001.

8.2.23.2.3.Produção Hispânica.

Ol.397 C() A() (Bustamante 495).

As marcas do oleiro hispânico C() A() são, por vezes, dificilmente distinguíveis das de C.A() H(), considerando a semelhança dos textos dos punções de ambos e a

idêntica grafia utilizada pelos gravadores que serviram ambos. A impressão presente encontra-se completa e a sua leitura permite atribuí-la, com segurança, a C()A().

M.^a Ángelez Mezquíriz tentou o desenvolvimento do texto referente ao nome do oleiro como CA(*ius*)²³⁴¹ não adoptado pela maioria dos restantes investigadores como Françoise Mayet²³⁴², Sotomayor Muro, Mercedes Roca e Isabel Fernández García²³⁴³. Talvez a primeira investigadora citada tenha sido sugestionada pelos dois últimos textos da sua listagem que atribui a Ca(*ius*)²³⁴⁴, colhidos de Jean Boube que os leu CA, como Mezquíriz, embora interrogativamente²³⁴⁵. Os exemplos da obra de Boube, porém, correspondem a punções de C.A() H(), conforme se constata da observação das imagens das três impressões²³⁴⁶.

C() A() laborou em Andújar em época flávia segundo Sotomayor Muro, Roca Rouméns e Fernández García, que o situam na Fase II do centro, iniciada durante a dinastia aquela dinastia²³⁴⁷. F. Mayet, contudo, opinara anteriormente em situar C() A() nos momentos finais da produção, por ser o oleiro mais representado na “*entulheira 1*” de Andújar, onde foram exclusivamente recolhidas taças Drag. 37 e “*as formas lisas apresentavam claramente uma qualidade da pasta e verniz correspondente à última fase da laboração das oficinas*”²³⁴⁸. Os investigadores que se têm dedicado ao sítio situam o final desta fase nos meados do séc. II d.C., na qual as formas produzidas em maior abundância são as clássicas Drag. 37, 27, 15/17 e 35/36²³⁴⁹, o que concorda com os dados da “*entulheira 1*” invocada por Mayet. Por outro lado, a taça Drag. 27 já não é produzida nos momentos finais do centro bético, durante a Fase III de Sotomayor e outros, iniciada num momento impreciso, contemporâneo ou posterior aos finais do século I d.C.²³⁵⁰

A cronologia de atividade de C() A() ficaria bem estabelecida a partir dos dados de escavação do centro produtor de T.S. Hispânica de Cartuja (Granada), pois aí se registou o aparecimento de vasos com a sua marca (não produzidos localmente), associados a um conjunto de *sigillata* sudgálica do último terço do século I d.C.²³⁵¹. O

²³⁴¹ M.A. Mézquiriz Irujo, 1985, p.123.

²³⁴² F. Mayet, 1984, p.39.

²³⁴³ M. Sotomayor *et al.*, 1999, p.33.

²³⁴⁴ M.A. Mézquiriz Irujo, 1985, p.123.

²³⁴⁵ J. Boube, 1965, p.130.

²³⁴⁶ Idem, p.131, n.ºs 22 e 23, p.132- n.º 25 e 26 e p.256, fig. 23.

²³⁴⁷ M. Sotomayor *et al.*, 1999, p.33.

²³⁴⁸ F. Mayet, 1984, p.39.

²³⁴⁹ M. Sotomayor *et al.*, 1999, p.33.

²³⁵⁰ Idem.

²³⁵¹ E. Serrano Ramos, 1999, p.140-141.

conjunto dos argumentos permite situar a atividade de C()A() seguramente em época flávia, podendo talvez ter prolongado a sua laboração pelos inícios do século II d.C.

O alto desenvolvimento do pé e a configuração menos habitual da face interior do fundo, aliás dotada de uma canelura concêntrica, permite classificar a forma do vaso como Drag. 27 mas também como Drag.35, morfologia para já não atestada para este oleiro.

A observação dos vasos assinados C()A()²³⁵² e da configuração genérica da tigela Drag. 27 produzida em Andújar²³⁵³, demonstra a grande variação na modelação do pé. Os vasos Drag. 35 procedentes daquele centro bético mostram características mais aproximadas às do vaso da Praça da Figueira²³⁵⁴, bem como os da forma Hispânica 19, mas nesta o diâmetro é maior pelo que será de excluir.

C()A() tem fabrico atestado apenas para os prato Drag. 15/17 e taça Drag. 27, pelo que o exemplar poderá corresponder com maior probabilidade ao tipo de taça mencionada.

A impressão é muito aproximada à “marca” n.º 78 de Mayet²³⁵⁵, mas a cartela e a grafia do C apresentam algumas diferenças. Não se pode porém afirmar tratarem-se de “marcas” executadas com diferente instrumento, porque pode ter ocorrido um reavivar dos caracteres entre o exemplar inventariado por Mayet e o da Praça da Figueira. A ser assim, o caso lisboeta representaria um momento mais avançado da vida do objeto.

Ol.398-Ol.400- C. A() H() (Bustamante 466, 499-501).

C. A() H() é considerado um oleiro de época “*provavelmente flávia*” pelos investigadores que mais se têm dedicado ao estudo do centro de Andújar, onde desenrolou a sua atividade²³⁵⁶, estando já atestado em Lisboa²³⁵⁷. Integrado na Fase II da vida daquele centro produtor da Bética, tem produção conhecida de tigelas Drag. 27 e pratos Drag. 15/17²³⁵⁸.

A marca Ol.399 apresenta uma cartela de formato ovalado e um texto não repertoriado ainda entre os punções do oleiro: .EXOFCAH. A grafia corresponde à utilizada nos vasos assim marcados, mas apresenta as particularidades do ponto

²³⁵² F. Mayet, 1984, pl. XXIV, n.ºs 30 e 35.

²³⁵³ M. Sotomayor Muro *et al.*, p. 44, fig.2.

²³⁵⁴ F. Mayet, 1984, pl. XXV.

²³⁵⁵ Idem, pl.CCIX.

²³⁵⁶ M. Sotomayor *et al.*, 1999, p.39.

²³⁵⁷ Conferir *supra* Ol.34, da Rua das Pedras Negras, e Ol.66, do jardim do Palácio dos Condes de Penafiel, e comentários constantes dos respetivos apartados.

²³⁵⁸ M. Sotomayor Muro *et al.*, 1999, p.39.

colocado no início da “marca” e do maior afastamento entre as letras O e F. A taça Drag. 27 onde foi impresso o punção corresponde ao tipo 1 das três variantes de pé definidas por Jean Boube para esta forma²³⁵⁹.

Ol.400 e Ol.401 correspondem a impressões executadas deficientemente, de limites um pouco distintos. A sobreposição de ambas permite verificar, porém, terem sido efetuadas com o mesmo punção, correspondente ao utilizado na “marca” repertoriada por Mayet com n.º 98²³⁶⁰. Ambos os vasos correspondem a taças da forma Drag. 27, nas variantes do pé 2 e 3 de Jean Boube²³⁶¹, o que ilustra a variedade de modelação nas oficinas béticas, executada de forma sincrónica.

Ol.401-Ol.402- *Attius Paternus* (Bustamante 488-491).

Os dois exemplares idênticos, aplicados no fundo interno de pratos da forma Drag.15/17, apesar de recolhidos na intervenção arqueológica de 1999-2001 conservavam-se inéditos, e documentam um oleiro não antes atestado no ponto arqueológico ou sequer na cidade.

O produtor indicado esteve em atividade entre cerca de 85 e 100 d.C., cronologias aferidas por Macarena Bustamante Álvarez a partir dos dados contextuais emeritenses da Calle Almendralejo n.º41, aparecendo muito bem representado por mais de duas dezenas de impressões na lixeira urbana da capital provincial e nas U.E.s 1535, formada entre 80 e 90 d.C., e 925, de 90 a 100 d.C.²³⁶². Estes elementos vêm corroborar as datações flávias sugeridas pelos contextos fechados sepulcrais, em particular da necrópole da Herdade do Reguengo (Vaiamonte)²³⁶³, sendo aliás, a sua atestação frequente em sítios da Lusitânia meridional, como em Padrãozinho²³⁶⁴, Torre de Palma (Monforte), Represas (Beja), Tróia (2x), Alcácer do Sal (2x) e Conímbriga²³⁶⁵. Fora destes âmbitos, o fabricante aparece representado no Levante e Sul hispano em Barcelona (3x), Valência, Los Castillones-Málaga, Carmona-Málaga, Carmona e Belo, como no espaço mais interior e setentrional de Julióbriga (4x), Los Santos de Maimones, Argote-Alava e Balbases-Burgos²³⁶⁶.

²³⁵⁹ J. Boube, 1965, p.59, fig.19,1.

²³⁶⁰ F. Mayet, 1984, pl. CCIX.

²³⁶¹ J. Boube, 1965, p.59, fig. 19,2 e 3.

²³⁶² M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.675. Uma “marca” idêntica mas truncada foi assinalada na capital lusitana por Guadalupe Méndez Grande- Conf. G.M. Grande, 2006, p.378, fig.20, n.º 5.

²³⁶³ C. Caldeira, 2004, p.109.

²³⁶⁴ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.490.

²³⁶⁵ Conf. R.B. Silva, 2005, Anexo B.

²³⁶⁶ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.489-491.

Ol.403- *Flaccus* (Bustamante 523-524).

A “marca” documenta na Praça da Figueira mais um exemplar do prolixo oleiro riojano a acrescentar às documentadas noutros pontos arqueológicos lisboetas, em concreto a Rua das Pedras Negras e Encosta de Sant’Ana²³⁶⁷.

Flaccus utilizou muitos punções com o texto em epígrafe, tendo Bustamante Álvarez verificado 21 distintos somente nos contextos da Calle Almendralejo n.º41 em Mérida, mas as representações gráficas de inferior qualidade que apresenta não permitem estabelecer o paralelo exato²³⁶⁸. Na obra de F.Mayet, contudo, consta uma impressão executada com o mesmo punção, o n.º 188, de que a autora transmite a informação da existência de numerosos exemplares²³⁶⁹.

Ostentando uma boa qualidade da pasta e revestimento, muito homogéneo e brilhante, o exemplar havia sido atribuído à forma Drag.24/25²³⁷⁰, que hoje se julga de excluir

Na face externa do fundo foi gravado o grafito pós-cozedura OA, incompleto.

Ol.404- *Lapillius* (Bustamante 547-552).

Lapillius é um dos produtores riojanos de maior capacidade produtiva, tendo desenvolvido a sua atividade oleira em Trício e El Quemao²³⁷¹ ao longo de um período lato que não se consegue precisar melhor no momento, entre 70 e 150 d.C.²³⁷².

A “marca”, patente num fragmento de reduzidas dimensões que não permite a adscrição a um tipo formal, está muito fragmentada em ambas as zonas distais, o que impede o estabelecimento de paralelos, enquadrando-se no grupo daquelas em que o traçado das letras é peculiar, nomeadamente a gravação cursiva do L.

Ol.405- *Petronius* (*Petronius Eros* ?) (Mayet, 163).

A impressão Ol.405 não se encontra registada nas várias listagens disponíveis²³⁷³, pelo que constitui um novo modelo de punção.

²³⁶⁷ Vide *supra* apartados próprios, relativos respetivamente às impressões Ol.37 e Ol.236.

²³⁶⁸ Conf. M. Bustamante Álvarez, 2010a.

²³⁶⁹ F. Mayet, 1984, p.134.

²³⁷⁰ R.B. Silva, 2005, n.º150.

²³⁷¹ M.P. Sáenz Preciado, 2000, p.295; M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.547.

²³⁷² Idem, p.759, fig.331.

²³⁷³ F. Mayet, 1984; M.A.Mezquiriz Irujo, 1985; M.P. e C. Sáenz Preciado, 1999; M. Bustamante Álvarez, 2010.

A definição do fabricante é problemática, e apenas se repertoria um *Petronius* riojano sem indicação do *cognomen*, mencionado por M.P e C. Sáenz Preciado²³⁷⁴. A “marca” que suportou aquela referência é dada como proveniente da cidade de Valência, mas o trabalho monográfico de Montesinos i Martínez dedicado à *terra sigillata* hispânica recolhida naquela cidade não menciona o oleiro nem a “marca”²³⁷⁵ e apenas no dedicado às “marcas” da generalidade das produções da mesma cidade, da autoria de A. Ribera i Lacomba, consta uma única marca PETEROOFI, de *Petronius Eros*²³⁷⁶, e aliás que os referidos investigadores de La Rioja mencionam.

Os oleiros de *nomen Petronius* e *cognomen* conhecido, ativos em La Rioja, apresentam tipos de marcas bastante diferenciados: *Petronius Eros*, que operou em Trício e Los Pozos²³⁷⁷, adopta textos de grafia muito similar mas onde a expressão *officina* aparece a seguir ao nome, não empregando a versão inicial *ex of*²³⁷⁸; *Petronius Aestinianus* é conhecido apenas por impressões de extremidades bífidas e a grafia é muito distinta²³⁷⁹; *Petronius Far()* é conhecido apenas por uma “marca”, em que o texto remete para o final a expressão *Ofi()*²³⁸⁰; *Petronius Ap()*, de igual forma testemunhado por uma única impressão, colhida em Trício, é distinto²³⁸¹.

Afigura-se, do conjunto, como mais provável a correspondência com primeiro citado e o mais prolífico dos *Petronii*, que aliás emprega a abreviatura do *nomen* PET, caso único entre os que empregam este gentílico mencionados acima, significando nesse caso estar-se perante um novo exemplo de texto e punção. Contudo, não se pode descartar igualmente a hipótese de se tratar de um novo oleiro de nome *Petronius* não documentado até ao presente.

A classificação da forma ofereceu também algumas dificuldades, especialmente pela ausência do ônfalo na parte externa do fundo, característica muito comum nos vasos saídos das oficinas de Trício, origem a que atribuímos o vaso pelas características morfológicas da peça e análise macroscópica da pasta. Apesar da existência de configurações do perfil do fundo semelhantes ao da tigela da Praça da Figueira nas formas Drag. 24/25, 27 e 35 riojanas, não arriscámos a sua classificação.

Na face externa do fundo foi gravado um grafito pós-cozedura, fitomórfico.

²³⁷⁴ M.P. e C. Sáenz Preciado, 1999, p.118.

²³⁷⁵ J. Montesinos i Martínez, 1992, especialmente p.516-522.

²³⁷⁶ A.Ribera i Lacomba, 1981, p.238, n.º17.

²³⁷⁷ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.605-606.

²³⁷⁸ M.P. e C. Sáenz Preciado, 1999, p.118.

²³⁷⁹ F. Mayet, 1984, pl. CCXVI, n.ºs 484-485; M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.604.

²³⁸⁰ M.P. e C. Sáenz Preciado, 1999, p.119.

²³⁸¹ F. Mayet, 1984, p.163, n.º485.

Ol.406- P. T (Bustamante 638-639).

P.T é arteção de Andújar com atividade situada durante a dinastia dos Flávios por M.Sotomayor Muro, Mercedes Roca Rouméns e M.I.Fernández García na sua Fase II, estando atestado nas formas Drag.15/17 e 27²³⁸², sendo suas as impressões que predominam de forma pronunciada na “entulheira 2” do centro produtor²³⁸³.

O modelo da Praça da Figueira está atestado somente em Andújar²³⁸⁴ e no sítio marroquino de Lixus (2x)²³⁸⁵.

Em termos morfológicos, a grande espessura do fundo e reduzida altura do pé sugerem encerrar cronologias mais avançadas dentro da produção de Andújar, o que poderá ir ao encontro das dúvidas suscitadas acerca do período de exportação do centro bético²³⁸⁶.

Ol.407- Saturninus (Bustamante 618-622).

O fabricante tem atividade atestada em Arenzana de Arriba, La Puebla e Trício²³⁸⁷, onde compulsou sobretudo pratos Drag. 15/17 e tigelas Drag.27, estando documentado por um único exemplar na Calle Almendralejo n.º41, em Mérida, na U.E. 925, datada de 80 a 100 d.C.²³⁸⁸.

Da “marca” apenas se conservam as duas letras terminais e vestígios de uma outra. A consulta das representações gráficas permitiu verificar a quase coincidência com o n.º 539 inventariado por Mayet²³⁸⁹, diferenciando-se apenas pelas pequenas incisões nas zonas terminais inferiores dos caracteres. A sobreposição de ambos os desenhos permitiu afirmar a identificação das marcas como produzidas pelo mesmo punção, sendo a impressão de Lisboa executada necessariamente com anterioridade à da de referência, e podendo interpretar-se os traços desta como resultado do avivamento das letras do objeto.

O único paralelo é proveniente da cidade marroquina de *Volubilis*²³⁹⁰.

²³⁸² M. Sotomayor Muro *et al.*, 1999, p.42.

²³⁸³ F. Mayet, 1984, p.39.

²³⁸⁴ *Idem*, p.165.

²³⁸⁵ J. Boube, 1965, p.244-245, n.ºs 357 e 358.

²³⁸⁶ J.C. Quaresma, 2008; M. Bustamante Álvarez, 2010.

²³⁸⁷ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.622.

²³⁸⁸ *Idem*, p.692.

²³⁸⁹ F. Mayet, 1984, pl.CCXVII.

²³⁹⁰ *Idem*, p.168.

Ol.408- *Scapula* (Bustmante 622).

Scapula é conhecido apenas por três modelos de impressão, identificados em *Lixus*, Villafranca de los Barrios e Barcelona²³⁹¹, a que se deverá acrescentar um outro de Miróbriga, aplicado num prato e atribuído com dúvidas a outro artesão²³⁹².

No caso presente, e para além do outro exemplar lusitano meridional também fragmentado, a impressão equivale à patente no vaso de Barcelona, aplicado na mesma morfologia²³⁹³.

O vaso ostenta uma dupla canelura externa a marcar a distinção os dois quartos de círculo da parede, característica que ocorre algumas vezes no mesmo tipo na produção sudgálica presente em contextos da época de Nero como os de Usk²³⁹⁴, observação que, aliada à boa qualidade da pasta e revestimento, fundamentam a proposta de datação que admite um início ainda no principado daquele Imperador.

Ol.409- *Segius Tritiensis* ? (Bustamante 625-626).

A “marca”, muito fragmentada, permite apenas a leitura dos três últimos caracteres: RII (ou T). A última letra de haste vertical alargava na sua parte superior, já quase no limite superior em contato com a cartela, pelo que poderia ser lida como T. Da consulta dos repertórios de impressões hispânicos resultou que o único oleiro que utilizava um texto com uma sequência final RIT grafada daquela maneira, ou seja, sem nexos ou ligações, era *Segius Tritiensis*²³⁹⁵.

Esta hipótese de identificação adequava-se às características observáveis macroscopicamente na pasta e verniz, e na presença de ônfalo na parede externa do fundo, mais praticada nos fabricos do grupo de La Rioja. No mesmo sentido, o *dutus* do “R” apresentava afinidades com o punção n.º 568 de Mayet, utilizado por *Segius Tritiensis*²³⁹⁶, produtor presente por duas vezes nos contextos emeritenses da Calle Almendralejo n.º41 datados de 80 a 100 d.C.²³⁹⁷

A identificação que propomos para o oleiro, que laborou em Arenzana de Arriba²³⁹⁸ e Trício²³⁹⁹, é no entanto feita com alguma margem de reserva. A origem

²³⁹¹ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.622.

²³⁹² J.C. Quaresma, 2009, p.449.

²³⁹³ F. Mayet, 1984, p.170 e pl.CCXVII.

²³⁹⁴ W.H. Manning (dir.), 1993, p.157, n.ºs 135,136 e 143.

²³⁹⁵ F. Mayet, 1984, p.171, n.ºs 569 e 571.

²³⁹⁶ Idem, pl.CCXVIII.

²³⁹⁷ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.693.

²³⁹⁸ M.P. e C. Sáenz Preciado, 1999, p.122.

²³⁹⁹ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.625.

riojana é, no entanto, denunciada pelas características macroscópicas da pasta e revestimento.

Ol.410- *Valerius Maternus* (Bustamante 649).

As “marcas” como a do presente exemplar têm leituras diversificadas: T. Garabito Gómez, M.A. Mézquiriz e F. Mayet lêem apenas *VAL(erius) M()*²⁴⁰⁰(), ao passo que investigação mais recente já apresenta o desdobramento do *cognomen* como *M(aternus)*²⁴⁰¹.

Valerius Maternus trabalhou em Trício, conhecendo-se produção sua de tigelas Drag. 27 e pratos 15/17, documentados sobretudo em âmbito setentrional em Lugo (2x), León e El Quinto-Seseña, surgindo apenas em âmbito meridional em Represas (Beja)²⁴⁰².

O punção utilizado para produzir a impressão equivale ao que Mayet regista sob o n.º 673, onde se destaca o formato arcaico do L²⁴⁰³. O formato da cartela, de extremidades bífidas, remete para momentos não próximos da fase inicial da laboração triciense.

Ol.411- *Valerius Paternus* (Bustamante 649-661).

Do texto, muito incompleto, é possível ler um vestígio de letra de haste vertical seguida de EPA, o que permite reconstituir [VA]LE(rius) PA(ternus), um dos oleiros de Trício de mais ampla difusão, muito centrada na capital provincial lusitana, atingindo bons níveis na *Mauretania* e atingindo Stockdadt²⁴⁰⁴, desta forma expressivamente exígua representado no principal porto da Lusitânia.

Valerius Paternus operou em Trício, sendo a assinatura com maior número de punções conhecidos. Apesar desta observação, a consulta das listagens disponíveis não revelou nenhum texto do oleiro com esta sequência, pelo que se conclui tratar-se do registo de um novo punção.

Ol.412-Ol.413- Oleiros não identificados- impressões grafomorfas.

²⁴⁰⁰ T. Garabito Gómez, 1978, p.316; M.A. Mezquiriz Irujo, 1985, p.140; F. Mayet, 1984, p.181.

²⁴⁰¹ M.P. e C. Sáenz Preciado, 1999, p.130; M. Roca Rouméns e M.I. Fernández García (dir.), 1999, p.295; M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.649.

²⁴⁰² M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.649.

²⁴⁰³ F. Mayet, 1984, p.181.

²⁴⁰⁴ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.649.

A impressão Ol.412 apresenta um formato de extremidades bífidas, tipo de “marca” utilizada nos fabricos hispânicos em momentos mais avançados²⁴⁰⁵, já dentro do séc. II d.C. parecendo corresponder a uma taça grande da forma Drag.37 ou 29/37, pelas caraterísticas da pasta não produzida em Andújar.

Ol.413 corresponde a uma tigela com as caraterísticas da produção do principal centro produtor da Bética.

Ol.414-Ol.421- Oleiros não identificados-impressões truncadas.

As impressões Ol.414 a Ol.417 foram executadas sobre vasos que, pela observação macroscópica das pastas, atribuímos a fabricos do grupo de La Rioja. O pequeno fragmento de vaso com a mesma origem que ostenta Ol.418 mostra paredes delgadas e uma proximidade de fabrico com os protótipos gálicos que sugerem a cronologia indicada.

È difícil definir a tipologia do recipiente correspondente ao exemplar Ol.417: de paredes espessas, com o típico ônfalo hispânico setentrional, projeta paredes arqueadas que tanto podem corresponder à copa de uma tigela de razoável dimensão como a uma taça decorada de caraterísticas flávias.

Ol.418 a Ol.421 equivalem a fabricos de Andújar, respetivamente dois pratos 15/17, um de pé pouco desenvolvido, outro de tipo indeterminável, espesso, e uma tigela talvez do período flávio-trajânico Drag.27.

Ol. 397	Andújar	Drag. 27 ou 35	H.3	C() A()	EXOFCA	≈ M. 78	70-110 d.C.	
Ol. 398	Andújar	Drag. 27	H.3	C. A() H()	. EXOFCAH	nova	70-120 d.C.	
Ol. 399	Andújar	Drag. 27	H.4	C. A() H()	EXOFCA(...)	M.98	70-120 d.C.	
Ol. 400	Andújar	Drag. 27	H.4	C. A() H()	EXOFCAH	M.98	70-120 d.C.	
Ol. 401	La Rioja	Drag. 15/17	H.1	<i>Attius Paternus</i>	ATTIPATE(...)	B.60	85-100 d.C.	
Ol. 402	La Rioja	Drag. 15/17	H.1	<i>Attius Paternus</i>	ATTIP(...)	B.60	85-100 d.C.	
Ol. 403	La Rioja	Drag. 27	H.2	<i>Flaccus</i>	(...)ACCI	M.188	85-100 d.C.	
Ol. 404	La Rioja	Prato	H.2	<i>Lapillius</i>	(...)ILLI(...)	-	70-150 d.C.	
Ol. 405	La Rioja	Drag.27	H.2	<i>Petronius ou Petronius Eros</i>	EXOFPET	nova	-	
Ol. 406	Andújar	Drag. 15/17	H.4	<i>P.T</i>	EXOFPT	M.504	70-120 d.C.	

²⁴⁰⁵ Idem.

Ol. 407	La Rioja	Drag. 15/17	H.1	<i>Saturninus</i>	(...)INI	M.539	80 – 100 d.C.	
Ol. 408	La Rioja	Drag.27	H.1	<i>Scapula</i>	(...)VLAE	M.556	60 – 80 d.C.	
Ol. 409	La Rioja	Tigela	H.2	<i>Segius Tritiensis</i>	(...)RIT	≈ M.568	80 – 100 d.C.	
Ol. 410	La Rioja	Drag.27	H.2	<i>Valerius Maternus</i>	OFVAL MA	M.673	75 – 110 d.C.	
Ol. 411	La Rioja	Prato	H.2	<i>Valerius Paternus</i>	(...)LEPA	nova	90 – 200 d.C.	
Ol. 412	La Rioja	Drag.29/37 -37 ?	H.1	Ol. Desc.	LVIII(...) (L invertido ?)	-	-	
Ol. 413	Andújar	Tigela	H.3	Ol. Desc.	LII(...) (L invertido ?)	-	-	
Ol. 414	La Rioja	Drag.27	H.2	Ol. Desc.	EXOF(...)	-	-	
Ol. 415	La Rioja		H.1	Ol. Desc.	? (...)	-	-	
Ol. 416	La Rioja	Taça dec. ?	H.1	Ol. Desc.	(...)S	-	-	
Ol. 417	La Rioja	Indet.	H.2	Ol. Desc.	(...)OF	-	70 – 100 d.C.	
Ol. 418	Andújar	Drag. 15/17	H.4	Ol. Desc.	EXOF?(...)	-	-	
Ol. 419	Andújar	Drag. 15/17	H.3	Ol. Desc.	? (...)	-	-	
Ol. 420	Andújar	Drag. 15/17	H.3	Ol. Desc.	Ol. Desc.	-	-	
Ol. 421	Andújar	Drag.27	H.3	Ol. Desc.	? (...)	-	-	

Figura 92- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânicas recolhidas na I.A.U. da Praça da Figueira- 1961, 1962 e 1999/2001.

8.2.23.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

O conhecimento sobre a dinâmica estratigráfica de Época Romana identificada na área da Praça da Figueira não se encontra ainda no estágio de investigação que potencie toda a informação. Contudo, os elementos que se expõem de seguida ampliam e revêem as conclusões a que já se tinha chegado anteriormente²⁴⁰⁶, proporcionando uma perspetiva mais atualizada que seguramente não se esgotará, no que respeita ao período alto-imperial, no contributo que representa o presente texto.

As unidades estratigráficas mais antigas detetadas equivalem à presença de depósitos de areias finas esverdeadas, de grande extensão, que abarcavam toda a área SO da intervenção de 1999-2001, representando o momento inicial da Fase II da periodização do sítio, equivalente à primitiva instalação da urbanística romana na zona.

²⁴⁰⁶ R.B. Silva, 2005.

O conjunto de “marcas de oleiro” coletado nestas U.E.s inclui Ol.252 e Ol.263, que encerram datações de, respetivamente, 10-20 d.C. e 15 a.C.-5 d.C. A primeira remete, de forma conclusiva os depósitos para os últimos anos do principado de Augusto, pelo menos. Contudo, a presença de um vaso em fabrico sudgálico, da forma Drag.17b, num conjunto que de resto é exclusivamente itálico, e onde pontuam outros casos de taças Consp.23 e 33, sugere com maior probabilidade uma data já dentro do principado de Tibério.

No mesmo quadrante, a unidade 8300 assume um interesse peculiar, por equivaler a uma estrutura negativa, uma fossa detrítica, formada rompendo as unidades que antes se citaram e a que, por seu turno, se sobrepunha o mais antigo piso do tabuleiro da via principal que estruturava o espaço. Da mesma maneira, tem uma relação de anterioridade com o grande recinto SO, de que se escavaram mais de 90 m², e onde não se identificou em nenhum momento funcionalidade funerária comprovada arqueologicamente. Nos seus enchimentos se coletou, conjuntamente com a cerâmica, um dupôndio de Tibério emitido em *Emerita* e um outro numisma, que pelo “flan” poderá corresponder a um *as*. O seu contributo cronológico deverá ser aferido em função do período da sua circulação.

A *sigillata* dos enchimentos de 8300 compreendia diversas elaborações itálicas augusto-tibérias, maioritárias, mas também quatro fragmentos de fabrico sudgálico (Vide Figura 93, *infra*) , e as impressões de tipo bilínear Ol.241 e Ol.242, datadas, respetivamente, de 5 a.C.-20 d.C. e de 1 a 10 d.C. A cronologia de ambas as impressões não é inteiramente concordante com o perfil da amostragem total da *terra sigillata*, e a dinâmica do sítio implica que, ao sobrepor-se aos níveis arenosos a que fizemos menção, a fossa tenha sido preenchida seguramente depois de 10 d.C., pelo menos, muito provavelmente nos anos iniciais do principado de Tibério ou pouco após. Esta indicação cronológica constituirá, aliás, o *terminus post quem* para a construção do primeiro tabuleiro da via principal.

1	1	1	2	1	2	2	1	1	1	1	1	1

Consp. 4.6
Consp. 20.4 It.
Consp. 21.4
Drag. 17B Sg.
Ritt. 1 Sg.
Prato indef. It.
Prato grande Sg.
Consp. 22
Consp. 27.1
Consp. 12
Consp. 33
Drag. 24/25 Sg.
Taça hemisf. (It.)

Figura 93– Conjunto de formas em *terra sigillata* recolhido no contexto 8300 (quantidades expressas em NMI).

No setor mais a norte respeitante à mesma estrutura viária as realidades observadas mostravam-se bem distintas, como já se expôs em diversas ocasiões²⁴⁰⁷. Na quadrícula F2 escavou-se uma outra fossa detritica, 8933, a que se sobrepunham as unidades de preparação para a instalação do primitivo tabuleiro de circulação da via ali identificado, como os depósitos de regularização, essencialmente arenosos.

Nas unidades de enchimento foi identificado um conjunto de vasos em *terra sigillata*, exclusivamente de fabrico de tipo itálico, na maior parte fragmentário, acompanhado por alguns pregos, uma fíbula de tipo Aucissa, uma agulha de cozer redes de pesca, rara fauna mamalógica, material de construção e outros materiais cerâmicos que incluíam ânforas béticas Haltern 70 e Oberaden 83, outras lusitanas inclassificáveis, lucernas de volutas itálicas, dois vasos itálicos de cerâmica de paredes finas, um dos quais da forma Mayet XIV, e cerâmica comum, predominantemente regional, mas também bética.

3	1	1	1	2	1	1	1	3	3	1	1	1	1	1
Prato indet.	Consp.12	Cosnp.12.1	Cosnp.18	Cosnp.18.2.1	Cosnp.18.2.2	Cosnp.18.2.4	Cosnp.19.2.1	Taça indet.	Cosnp.22 ?	Cosnp.22.1.2	Cosnp.22.1.4	Cosnp.32.2.1	Cosnp.25 ou	Cálce

Figura 94– Conjunto de formas em *terra sigillata* recolhido no contexto 8933 (quantidades expressas em NMI).

As “marcas de oleiro” de 8933 incluíam Ol.249, situável de 1 a 20 d.C., e Ol.270, *in planta pedis*, anepígrafa. Apesar do predomínio de formas de *sigillata* augústea (vide Figura 94, *supra*), Ol.270 situa a formação do contexto em data já seguramente tibéria,

²⁴⁰⁷ R.B. Silva, 2005 e 2012.

o que surge corroborado pela presença de uma taça com decoração de espiral aplicada no bordo.

Uma outra fossa detritica de maiores dimensões, 8060, foi reconhecida na área das quadrículas LMN-5/6, afetada no seu topo pelas deposições de unidades arenosas de regularização que igualmente estavam acima de 8933.

Do numeroso conjunto cerâmico descartado no seu enchimento fazia parte alguma “cerâmica cinzenta” apresentando formas já plenamente romanizadas, pratos da forma Luni 5 em “cerâmica de verniz vermelho pompeiano” campana, fragmentos de “cerâmica de tipo Peñaflor”, “cerâmica de paredes finas” bética com decoração “arenosa” da forma Mayet XXXVII, e lucernas de volutas de provável produção itálica, entre as quais duas do tipo Dressel 9A. Na *sigillata*, a par de muitos fragmentos de pequena dimensão, foram recolhidos alguns vasos mais completos, o que deverá ter significado em função do processo da formação da unidade, um provável despejo de resíduos urbanos²⁴⁰⁸.

No contexto 8060 manifestou-se também a presença largamente maioritária de *terra sigillata* itálica, com menor ocorrência de fragmentos de produções gálicas meridionais (ver Figura 95, *infra*).

Foi em 8060 que foi recolhida a maior concentração de “marcas de oleiro” itálicas da Praça da Figueira, de cronologia heterogénea: Ol.243, datado de entre 10 a.C. e 10 d.C., Ol.245, datado de 5 a.C. a 40 d.C., Ol.250, posterior a 1 d.C., Ol.15, atribuído ao intervalo de 1 a 15 d.C., Ol.253 e Ol.259, situáveis entre 1 e 20 d.C., Ol.260, de entre 1 e 20 d.C., e Ol.265, de entre 1 e 30 d.C.; serão contudo os exemplares do tipo in *planta pedis* Ol.238 e Ol.271, necessariamente posteriores a 15 d.C., que permitem melhor precisar a data de formação do contexto, seguramente dentro do principado de Tibério, o que concorda com a atestação de fabricos gálicos verificada.

Embora não testemunhada por “marcas de oleiro”, a via secundária que se desenvolve para Oeste da principal terá sido instalada com maior probabilidade no principado de Cláudio, possivelmente no seu início, tendo em consideração a recolha na sua vala de preparação de vários fragmentos de um mesmo cálice sudgálico da forma Drag.11, com decoração desta época. Trata-se da última acção correspondente à Fase II, onde os alinhamentos das estruturas se orientam a c.17º NO.

²⁴⁰⁸ R.B. Silva, 2011.

Consp. B.2.8	1
Consp. 4	1
Consp. 11	1
Consp. 12	2
Consp. 18.1.1	1
Consp. 18.2	2
Consp. 20.3	1
Drag. 17A Sg.	1
Drag. 18 Sg.	1
Consp. 50.3.1	1
Consp. B.3.2	1
Consp. B.4.2	1
Consp. 7	1
Consp. 9	1
Consp. 17	2
Consp. 22	6
Consp. 22.1.1	1
Consp. 22.1	1
Consp. 24	2
Consp. 26	1
Consp. 27.1.2	1
Consp. 33	2
Drag. 24 Sg.	1
Drag. 27 Sg.	1
Ritt. 5 Sg.	1
Cálice It.	1
Consp. R.4.4.1	1
Consp. 38	1

Figura 95– Conjunto de formas em *terra sigillata* recolhido no contexto 8060 (quantidades expressas em NMI).

Como vimos antes, no setor escavado mais a norte em 1999-2001 detetaram-se depósitos arenosos, interpretados como formados para regular do terreno e preparar a instalação de um novo tabuleiro da via principal, com que se inaugura a Fase III.

Nestas unidades, os artefatos recolhidos em associação com o assentamento do piso da via (U.E.s 8874, 9907, 9908, ...- setor Norte), encontravam-se em estado sempre muito fragmentário. O conjunto de *terra sigillata* recolhido inclui vasos de fabrico itálico e sudgálico, sendo estes maioritários, e a única impressão, Ol.276, em fabrico de La Graufesenque, detém uma cronologia situada com posteridade a 40 d.C., não atingindo o principado de Vespasiano. A circunstância de se ter recolhido o exemplar ruteno Ol.307 datado de 50 a 65 d.C. no contexto interpretado como de primeira repavimentação da via principal no setor a Sul, quando se altera ligeiramente o seu traçado, reforça a probabilidade de o conjunto destas acções sobre a estrutura viária terem tido lugar ainda na época dos Imperadores Cláudios.

Maior consistência encerram os contextos funerários identificados em 1962, por situarem cronologicamente a atividade do “Edifício Sudeste”, que arquitetonicamente se articula com a orientação da referida via, e lhe estabelece um *terminus ante quem*.

No âmbito e objetivos do presente trabalho, os mais significativos equivalem ao “Conjunto I-3” de Irisalva Moita²⁴⁰⁹ e aos identificados na escavação arqueológica posterior no interior do “compartimento B”.

No primeiro citado, incluíam-se entre os recipientes os exemplares em *terra sigillata* com as impressões Ol.295, datada de 40 a 65 d.C., Ol.279, situável entre 55 a 65 d.C., e os Ol.353 e Ol.363, com cronologias de 50 a 70 d.C., Ol.291, de 60 a 80 d.C., Ol.342, de 60 a 70 d.C., e Ol.286, de 55 a 70 d.C. Como se comprova, a sepultura terá

²⁴⁰⁹ I.Moita, 1968, p.35.

que ter sido praticada na época de Nero, em 60 d.C. ou data ligeiramente posterior, dado que apenas num caso a baliza cronológica entra já no principado de Vespasiano.

A apresentação dos resultados da escavação do ambiente do “*compartimento B*” não permite caracterizar, de forma inteiramente satisfatória, o tipo de práticas funerárias realizadas. Os elementos fornecidos pelo manuscrito de Bandeira Ferreira sugerem a existência de um conjunto, sucessivo no tempo, de zonas de combustão, que receberam diferentes designações²⁴¹⁰, passíveis de ser interpretadas como diferentes *ustrina-busta*, embora tal não resulte integralmente seguro, onde se contam manchas com vasos cerâmicos em associação e urnas-*ollae* enterradas na vertical, cuja absoluta contemporaneidade com aqueles não é garantida.

Foi possível destrinçar dois conjuntos, contendo vasos em *terra sigillata* preservando as impressões respetivas: “*B_28_1/ B_28_2 e 2a*”²⁴¹¹ e “*28_12*” / “*A Norte do pote e à cota -50*”²⁴¹².

O primeiro citado, situado a uma cota superior e portanto mais recente, incluía as impressões idênticas e sobre a mesma morfologia de pratos Ol.313 e Ol.314, de 45 a 65 d.C., Ol.297, de 65 a 80 d.C., Ol.249, de 40 a 60 d.C., Ol.301, de 40 a 75 d.C., Ol.326, de 40 a 65 d.C. e Ol.275, com uma cronologia de 40 a 70 d.C. Como já acontecera com a sepultura anterior, trata-se de uma prática ocorrida necessariamente após 65 d.C., sendo mais provável que, a atingir o principado de Vespasiano, o faça em relação aos anos iniciais apenas, o que se depreende da concentração das datações obtidas na década de 60 d.C.

O segundo, mais antigo pela dinâmica deposicional, sofreu múltiplas revisões desde o estudo efetuado em 2005²⁴¹³: dois dos vasos reaparecidos nas coleções do Museu da Cidade comportam referências que permitem assimilá-los a este mobiliário funerário, e o prato Drag.16 que havíamos classificado como originário de Lezoux revelou-se, de fato, produção de La Graufesenque; em contrapartida, uma das tigelas reaparecidas permitiu igualmente rever a atribuição do oleiro, como observar a pasta e revestimento, e confirmar tratar-se de uma elaboração efetuada em Montans.

Assim, são cinco as “marcas” estudadas provenientes deste contexto, equivalentes aos dois pratos com as impressões Ol.325 e Ol.366, respetivamente datáveis de 40-60 d.C. e de 40-70 d.C., e as tigelas Ol.300, Ol.361 e Ol.290, as duas primeiras datáveis

²⁴¹⁰ F.B.Ferreira, 1962, p.109 e seguintes.

²⁴¹¹ Idem, p.89.

²⁴¹² Idem, p.110A.

²⁴¹³ R.B. Silva, 2005, p.242-244.

de 50-70 d.C. e a última de 40 a 60 d.C. Mais uma vez nos encontramos perante o mesmo âmbito cronológico já atestado para o compartimento, embora no caso presente, com datas ligeiramente mais recuadas, forçosamente posteriores a 50 d.C., seguramente não ultrapassando o principado de Nero

O início do funcionamento do “Edifício Sudeste” da necrópole Noroeste de *Olisipo* pode, assim, ser situado com grande fiabilidade pelo menos a partir dos meados do séc.I d.C., provavelmente no período neroniano, dado afinal muito compatível com as observações de âmbito cronológico produzidas para a profunda remodelação que afetou os troços da via principal escavados na Praça da Figueira.

A intervenção de 1999-2001 não produziu a identificação de contextos comparáveis aos das campanhas de 1961/1962 que se acabaram de apresentar. Ainda assim, foi possível identificar algumas entidades que proporcionaram a recolha de “marcas de oleiro” em *terra sigillata*, estruturas negativas afetadas depois por acções posteriores, em Época Romana.

A fossa detrítica 9014 localizava-se perto do muro de limite da via secundária, na quadrícula D7²⁴¹⁴. Estrutura de configuração ovalada, revelou no seu enchimento um número elevado de recipientes em cerâmica comum local/regional em bom estado de conservação, em que muitas das peças conservam o perfil completo, três exemplares de “cerâmica de verniz vermelho pompeiano” campana, um fragmento de “cerâmica do tipo Peñaflor”, vários exemplares de vasos em “cerâmica de paredes finas” béticas, onde se contam as formas XXXVII, XVIIIb, XXXIVa e XXXIV em fabrico “*casca de ovo*”, fragmentos assignáveis a sete lucernas do tipo Dressel 20 itálicas, escasso material anfórico, dos quais três ânforas de produção dos fornos de Peniche a par de exemplares lusitanos Dressel 14 e béticos Dressel 7/11, Dressel 20 e Haltern 70, e fragmentos atribuíveis a dezassete vasos distintos em *terra sigillata*.

A composição heterogénea da *sigillata* coletada no contexto ilustra a complexidade do consumo dos vasos, pois aí se contavam fabricos de La Graufesenque, um cálice tardo-italico e um *skyphos* de modo itálico, este último o elemento mais antigo, distanciando cronologicamente dos restantes, devendo dar testemunho de

²⁴¹⁴ O estudo deste contexto foi apresentado em comunicação intitulada “O contexto da fossa 9014 e a circulação de produtos cerâmicos em *Olisipo*”, da autoria de Cristina Nozes, Pedro Miranda e Rodrigo Banha da Silva ao «*Colóquio A Navegação na Costa Atlântica em Época Romana (Peniche, 2006)*», de que foi atempadamente entregue o correspondente texto, que aguarda ainda e inexplicavelmente, a respetiva publicação “on-line”.

3	4	1	3	1	1	2	1	1	1
Drag.15/17	Drag.18	Prato	Drag.24/25	Drag.27	Ritt.8	Tigela	Drag.30	Cálice T.-It.	Consp.38 It.

Figura 96– Conjunto de formas em *terra sigillata* recolhido no contexto 9014 (quantidades expressas em NMI).

especiais cuidados de manuseamento por parte do(s) seu(s) detentor(es) ao longo dos anos. Funcionalmente, mostra uma relação tigela/prato padronizado de 7/8, um valor equilibrado, podendo interpretar-se o cálice tardo-italico, *skyphos* itálico e taça decorada Drag. 30, como recipientes destinados à apresentação e consumo vínico, composição global da classe de cerâmica fina (vide Figura 96, *supra*) que deverá deter significado quanto à acção que originou a formação do contexto, por hipótese um banquete ritual.

As “marcas de oleiro” de 9014 funcionam, uma vez mais, como preciosos indicadores da data de formação do contexto: Ol.256, detém uma cronologia atribuída de 60-80 d.C., Ol.285, de 30-50 d.C., Ol.317, 55-65 d.C., Ol.320, de 30-65 d.C., Ol.334, 50-70 d.C. e Ol.369, muito incompleta, datada em função da morfologia do vaso de 40 a 80 d.C.. A análise das indicações cronológicas fornecidas pelas impressões mostra a existência de vasos cobrindo lapsos ora mais recuados ora mais recentes, mas o descarte dos vasos terá sido forçosamente efetuado após 60 d.C., sendo admissível quer tenha ocorrido nesta década ou na seguinte.

Outros contextos detetados pelos trabalhos de 1999-2001 revelaram-se menos exuberantes, tendo proporcionado a recolha de outros exemplares.

Localizada sob o recinto funerário em E/F-3/4, na pequena fossa detrítica 9514 se recolheram dois pesos de tear, fragmentos de uma taça em vidro azulado da forma Isings 3, e outros de três vasos em *terra sigillata*, de fabrico sudgálico. Um destes, pertencente à forma Drag.42 / Vernhet A1, tipo pertencente aos denominados “serviços flávios”, iniciados cerca de 60 d.C.²⁴¹⁵, equivalia a um fabrico marmoreado, denunciando, portanto, tratar-se de um vaso oriundo de La Graufesenque e do período de 40-80 d.C. Dos dois pratos Drag.18 que acompanhavam este vaso, apenas um

²⁴¹⁵ A. Vernhet, 1976.

conservava a marca: trata-se da impressão Ol.306, com uma datação situada entre 30 e 60 d.C.

A vala de fundação do alicerce do muro do mesmo recinto era visível apenas na zona da fachada Sul deste, onde alargava, onde foi registada uma laje em calcarenito, talhada, parcialmente incorporada no alicerce e no enchimento da referida vala (9522). Para além de outras inclusões, esta última unidade revelou dois pesos de pesca circulares, fragmentos de parede de formas inclassificáveis de vasos em *terra sigillata* e um fundo de prato Drag. 15/17, todos sudgálicos, uma asa de ânfora lusitana Dressel 14 e fragmentos de cerâmica comum. O fundo mencionado ostentava a marca Ol.345, datável do período de 70 a 100 d.C.

A conjugação dos indicadores fornecidos pela fossa 9514 e vala 9522 estabelece um *terminus post quem* para a edificação do recinto funerário presente em E-F/3-4 em 70 d.C.

No vértice SE da área escavada em 1999-2001 foi descoberto um edifício funerário composto pelo embasamento quadrangular, maciço, e muros de recinto associados (4309). O conjunto funerário detém uma datação bem estabelecida de meados a finais do séc.II d.C., pelo menos, dada a recolha de uma lucerna assinada AVFIFRON²⁴¹⁶ numa sepultura de tipo *bustum* afetada pela sua erecção, sob a fachada destruiu a parte superior de uma estrutura negativa de planta retangular, apenas parcialmente reconhecida (4312), escavada nas unidades de preparação para a instalação do primeiro piso da via principal. No interior desta não foram porém encontrados quaisquer vestígios bio-antropológicos ou antracológicos que sugerissem um uso sepulcral, funcionalidade que não se pode porém descartar dada a pouca potência conservada. No enchimento de 4312 encontravam-se vários fragmentos de um mesmo prato da forma Drag.18 em *terra sigillata* sudgálica com a impressão Ol.342, de 45-75 d.C. O prato, único elemento datante presente no contexto, fixa-lhe um *terminus post quem* lato, situado entre o principado de Cláudio e meados do de Vespasiano.

Os restantes exemplares, o que abrange as impressões hispânicas, foram recolhidos em estratigrafias menos coerentes, algumas das quais ainda dentro da Fase III, recorde-se o período largo de uso privilegiadamente funerário do espaço que envolve a via da Praça da Figueira, mas em nenhum caso associados a sepulturas ou outro tipo de contexto selado.

²⁴¹⁶ V. Vieira, 2011.

Nalguns casos, por se ter perdido a indicação de recolha entre 1962 e o momento presente, de que Ol.318 serve de exemplo, o estado de conservação e as manchas de acção do fogo do recipiente sugerem uma proveniência desta natureza, que contudo não se pode garantir. Na realidade foram registadas ocorrências na intervenção de 1999-2001 de descartes de mobiliários funerários ocorridos no momento final da Fase III, como aquela em que uma urna, um prato e os restos de uma taça vítreos do sec. I d.C. foram despejados junto a um duplo pórtico de entrada de um grande recinto sepulcral, numa mesma zona da U.E.8873, de permeio com rebocos moldurados, situação que certamente terá tido paralelo noutros pontos do espaço e na mesma ocasião.

Noutro sentido, e despeito de a intensidade de uso funerário da área ter sido moderada dado o escasso número de sobreposições e obliterações aferidas ao longo da Fase III, constatarem-se arqueologicamente destruições de antigos sepultamentos para dar lugar a outras formulações arquitectónicas do espaço: na zona de I-K/7-10 dois grandes embasamentos e muros que delimitavam os recintos anexos desmantelaram sepulturas anteriores e, supõe-se, os respetivos monumentos que as assinalavam, de que somente alguns restos sobreviveram. Contudo, os depósitos de regularização associados a esta iniciativa, onde se identificou um número razoável de *terra sigillata* hispânica²⁴¹⁷, tinham associadas produções africanas A, incluindo morfologias mais antigas, como os tipos Hayes 3A, 3B, 9A e 9B, o que poderia ser consentâneo cronologicamente, mas também das formas Hayes 14A, 14B e 14/17, que os estudos recentes de Michel Bonifay remetem já para finais do séc.II e inícios do séc. III d.C., ou mesmo somente para o séc.III d.C. no caso da última morfologia citada²⁴¹⁸.

Como elemento final a este respeito, é de referir que, para além das ocorrências como as mencionadas, outros exemplares foram coletados ou em contextos da Fase IV, resultantes das intensas remobilizações que aí tiveram lugar por força da “desmonumentalização” da necrópole, ou mesmo até nas últimas etapas da fase V, já em plena Tardo-Antiguidade, como os achados verificados no espesso depósito argiloso (8902, 8911) que recobre o que era visível da via principal e a oculta, encerrando inclusões de fragmentos de *sigillata* alto-imperial. No seu conjunto estes enquadramentos estratigráficos dos exemplares estão de tal forma distantes do período de utilização dos recipientes que se tornaria ocioso repertoriá-los caso a caso.

²⁴¹⁷ Conf. I. Ribeiro, 2010.

²⁴¹⁸ M. Bonifay, 2004, p.159.

Esboçando uma síntese dos dados referentes ao enquadramento contextual das impressões coletadas na Praça da Figueira, de um total aproximado de 184 “marcas de oleiro”, apenas 44 foram coletadas em estratigrafia coeva do período de circulação dos vasos, correspondentes a uns escassos 29%, como se viu antes, valiosos documentos para se estabelecer as etapas de distinto cariz ocupacional documentadas na Praça da Figueira no período de Tibério a Vespasiano.

8.2.24.Rua das Flores de Santa Cruz n.º21-“Grupo Desportivo do Castelo” (Castelo, Lisboa)-Ol.422-424.

Um projeto integrado de reabilitação e requalificação da zona monumentalizada e edificado da freguesia do Castelo foi desenvolvido a partir de 1996, promovido e custeado pela Câmara Municipal de Lisboa e pela entidade empresarial municipal EGEAC e sua antecessora EBAHL.

Com uma componente forte arqueológica, a totalidade das intervenções no edificado habitacional e área monumentalizada do Castelo de São Jorge foi executada por uma equipa dirigida pelas arqueólogas da administração central Alexandra Gaspar e Ana Gomes, e deu origem a um núcleo de ruínas, hoje visitável, e a um centro de interpretação²⁴¹⁹.

Os trabalhos desenvolvidos entre 1996, e que decorrem ainda, permitiram obter um conhecimento sobre esta zona nuclear de Lisboa, não disponível até então. Assim, não só se revelaram ocupações da Idade do Ferro de forte cunho orientalizante, que remontam ao séc.VII a.C., pelo menos, como se comprovou a instalação no morro de efetivos militares romanos na segunda metade do séc. II a.C., documentando de forma categórica os primeiros momentos da integração de *Olisipo* na esfera romana²⁴²⁰, datada pelas fontes clássicas em 138 a.C.²⁴²¹

Aquela presença itálica parece ter constituído um evento traumático para o povoado, registando-se uma escassez de evidências materiais com cronologias romanas do séc. I a.C. e posteriores, o que sugere a forte decadência ocupacional do morro nesta longa etapa, senão mesmo o seu abandono como área habitacional, caráter que perduraria ao longo de todo o período imperial romano.

²⁴¹⁹ S. Serra *et al.*, 2008.

²⁴²⁰ Elementos divulgados por ocasião do «III Congresso Peninsular de Arqueologia (Faro, 2003)», em comunicação oral da autoria de Alexandra Gaspar, Ana Gomes, António Valongo, Henrique Mendes, João Pimenta, Susana Pinto e Paula Santos intitulada “Intervenção Arqueológica no Grupo Desportivo do Castelo (Castelo, Lisboa)”, infelizmente não publicada depois nas respetivas actas.

²⁴²¹ Informação oral de Alexandra Gaspar e Ana Gomes, a quem se aproveita para agradecer os elementos disponibilizados aqui constantes.

Uma das poucas exceções ao panorama acima descrito corresponde aos resultados obtidos na escavação da antiga sede do Grupo Desportivo do Castelo, localizada na Rua das Flores de Santa Cruz n.º 21, na zona mediana da antiga Alcáçova, onde foram revelados contextos de cronologia imperial romana.

8.2.24.1. *Enquadramento do conjunto.*

Na área não edificada do imóvel atual, no logradouro do seu tardoz, foi exumada uma sequência de longa diacronia, cobrindo um espectro entre o séc.VII a.C., pelo menos, e a Época Contemporânea recente.

Uma fossa detritica proporcionou a identificação de um conjunto artefactual radicado na tradição da Idade do Bronze Final, estratigraficamente associado a fabricos cerâmicos de claro cariz oriental e a uma inumação infantil²⁴²².

Na área escavada foram detetados vestígios de construções monumentais, que os escavadores propõem datar dos finais do séc. I d.C. a meados do seguinte, e a que atribuíram eventual carácter público, apesar de os dados recolhidos não permitirem aferir categoricamente a sua funcionalidade. Tendo sido escavadas várias sondagens, seria na zona mais oriental (*Sondagem 6*) que se localizou a esquina de uma estrutura em alvenaria de grande resistência, correspondente aos alicerces de uma construção de maior envergadura de que só foi possível identificar uma das faces.

Em articulação com os referidos alicerces foram identificados diversos complexos (=0041=; =0042=) interpretados como resultantes do aterro para a edificação contendo diversos materiais datantes, destacando-se lucernas de volutas, ânforas de produção lusitana e um pequeno conjunto de *terra sigillata* que, segundo Alexandra Gaspar e Ana Gomes, era composto exclusivamente por produções oriundas da Gália e da Hispânia²⁴²³.

8.2.24.2. *Produções Atestadas.*

Foram identificados na Rua das Flores de Santa Cruz n.21 três vasos em *terra sigillata* contendo “marca de oleiro”, dois dos quais atribuíveis a produções hispanas e um oriundo de La Graufesenque.

²⁴²² Idem.

²⁴²³ Idem.

8.2.24.2.1. Produções Gálicas

Ol.422– *Amandus iii/Amandinus* (NOTS 1, 173-174).

A impressão 1a do oleiro-decorador ruteno, ativo de finais do principado de Domiciano ao de Trajano, tem no ponto arqueológico do Castelo de S.Jorge a sua segunda ocorrência na cidade, tendo sido já assinalada a sua presença na Rua das Pedras Negras²⁴²⁴, do mesmo modo aplicada num prato de tipologia indeterminável e muito fragmentada.

Ol. 422	La Grauf.	Prato		<i>Amandus iii</i>	OF.AMA(...)	1a	90 – 125 d.C.	

Figura 97- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica recolhida na I.A.U. da Rua das Flores de Santa Cruz n.º 21- 2002.

8.2.24.2.2. Produções Hispânicas

Ol.423- *Maternus Tritiensis* = S() *Maternus Tritiensis* (Bustamante 574-575).

Maternus Tritiensis é um produtor triciense, podendo equacionar-se a sua eventual identidade com *Annius Maternus Tritiensis*, ativo entre 80 e 100 d.C.²⁴²⁵ ou S() *Maternus Tritiensis* (B.565-566). A forte identidade de textos e punções autoriza descartar a primeira hipótese e propor, com uma boa dose de segurança, o desdobramento do nome do oleiro com o *praenomen* S().

A ser assim, teríamos uma difusão que abrangeria o principal eixo viário terrestre setentrional, com atestações em Astorga, Léon (2x), Lugo, La Coruña, e uma irradiação interior a partir daí para Santa Inés-Salamanca, Arcóbriga, Arcaya, Cáparra (2x), Segóbriga (2x) e *Complutum* (2x). A presença costeira em Tarragona (2x), Valência e *Baelo Claudia* (2x) explicaria o transporte marítimo dos seus produtos, como as presenças africanas verificadas em *Volubilis* (2x) e Sala (2x), ou a difusão lusitana assinalada em Torre de Palma (Monforte) e Represas (Beja), restando Conímbriga (2x) como hipótese de fluxo através das rotas terrestres ou marítimas²⁴²⁶.

A impressão de *Maternus Tritiensis* está impressa no fundo interno de uma tigela de paredes curvas, da forma Drag. 27 com muita probabilidade atendendo às características formais do remanescente da parede e ao perfil do pé anelar.

O texto, curto, inicia-se pela fórmula OF(*ficina*), seguida do nome do oleiro abreviado na sua máxima expressão, M, e da muito comum abreviatura em nexa do

²⁴²⁴ Vide apartado respetivo, *supra*, Ol.4 e comentários.

²⁴²⁵ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.674.

²⁴²⁶ Idem, p.565-566 e p.574-575.

cognomen/ origo do mesmo, TR., de que está registado somente um paralelo marroquino, em *Volubilis*, aplicado no fundo de uma tigela Drag.27²⁴²⁷.

Ol.424- Oleiro indeterminado- impressão truncada.

A outra impressão hispana coletada nos contextos do «Grupo Desportivo do Castelo», a despeito de preservar o perfil completo do vaso, apenas conserva do texto parte da muito habitual fórmula hispânica EXO[F](*ficina*). Apesar da semelhança com outras impressões constantes da bibliografia consultada, a variabilidade da qualidade das “marcas” hispânicas desaconselha qualquer atribuição.

As características formais do vaso, que afortunadamente preserva o perfil completo, permitem enquadrá-lo no segundo grupo definido por Françoise Mayet²⁴²⁸, atentando-se à maior obliquidade do quarto de círculo inferior, ao desaparecimento da demarcação do lábio, à morfologia curta do quarto superior e à maior dimensão global da tigela. Mesmo invocando as cautelas advogadas pela investigadora francesa²⁴²⁹, uma cronologia flávia e de até meados do séc. II d.C. parece a ajustada.

Ol. 423	La Rioja	Drag.27		<i>Maternus Tritiensis</i>	OFMTR	Boube 135	80 – 100 d.C.	
Ol. 424	La Rioja	Drag.27		Ol. Desc.	EXO(...)	-	70 – 150 d.C.	

Figura 98- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” hispânicas recolhidas na I.A.U. da Rua das Flores de Santa Cruz n.º 21- 2002.

8.2.24.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

As “marcas de oleiro” recolhidas na intervenção arqueológica urbana da Rua das Flores de Santa Cruz n.º21 compõem um número pequeno mas de cronologia muito homogénea, residindo a sua maior valia na circunstância de terem sido recolhidas em contexto bem definido e caracterizado como aterro para a construção, provável resultado de deposições detriticas originadas pelas ações construtivas.

A proposta de datação avançada pelos escavadores remeteu a origem do edifício que supõem público para o lapso situado entre os finais do séc. I d.C. e os meados do séc. II d.C. Esta leitura surge corroborada pelos elementos aqui estudados, em particular

²⁴²⁷ J. Boube, 1965, p.169, n.º135.

²⁴²⁸ F. Mayet, 1984, p. 72.

²⁴²⁹ Idem.

a impressão Ol.423, que remete de forma categórica a iniciativa edilícia para uma data contemporânea ou posterior a 90 d.C.

8.3. *Ager olisiponensis* (Loures, Amadora, Vila Franca de Xira, Alenquer, Cascais, Sintra, Mafra e Torres Vedras).

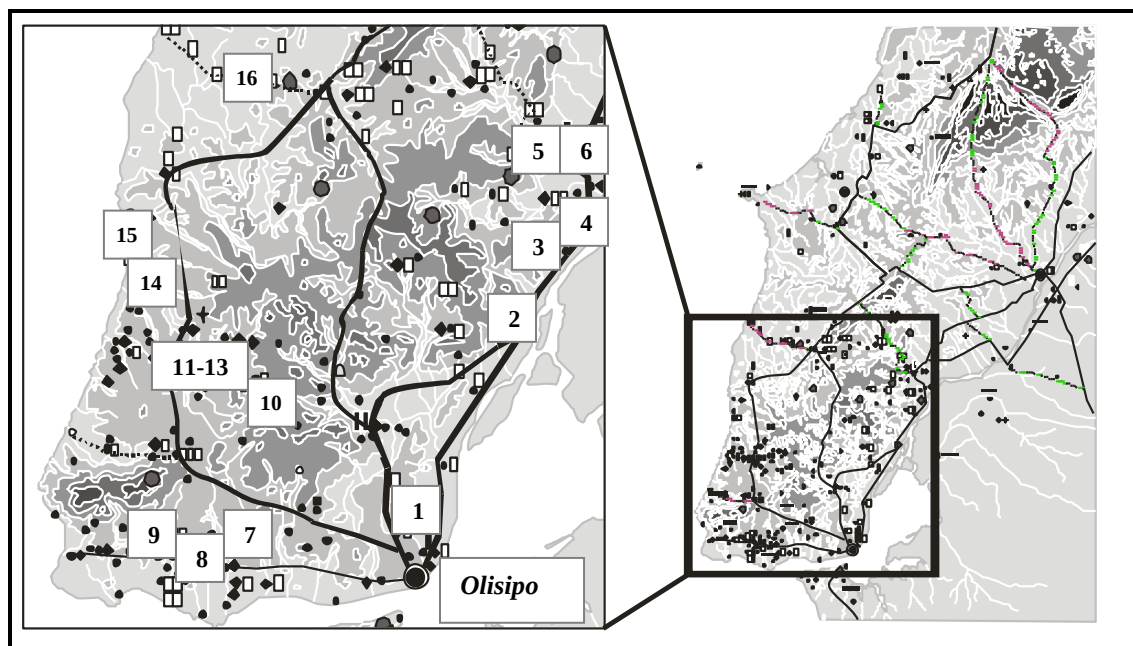


Figura 99- Sítios da parte norte do *ager olisiponensis* onde se verificaram ocorrências de “marcas de oleiro” na *terra sigillata*: 1- Casal do Belo; 2- Alverca; 3-Povos; 4- Monte dos Castelhos; 5- Paredes; 6- Quinta da Barradinha; 7- Serra de Carnaxide; 8- Alto de Caparide; 9- Telhal; 10- Casal do Rebôlo; 11- Armês; 12- Faião; 13- São Miguel de Odrinhas; 14- Mata Velha; 15- Ericeira/Rua do Joinal; 16- Quinta da Portucheira.

8.3.1.Casal do Belo (Unhos, Loures)- Ag.Ol.1.

O sítio romano de Casal do Belo localiza-se na margem direita do rio Trancão, na encosta do amplo planalto que domina, a sul, a foz do curso de água na sua junção com o Tejo.

O local foi intervencionado sob a direcção de Suzana Pombo no âmbito de trabalhos arqueológicos de minimização do impate da construção de um novo troço rodoviário entre Unhos e Sacavém da via de circunvalação da cidade de Lisboa²⁴³⁰.

O assentamento beneficia da proximidade do ambiente ribeirinho onde se localiza, e a descoberta de dois pequenos tanques forrados a *opus signinum* e rematados no fundo

²⁴³⁰ A.R. Silva e S.P. Santos, 2009.

com meia-cana pode indiciar a exploração de recursos piscatórios e a sua transformação local²⁴³¹.

Em termos de enquadramento na rede de povoamento, parece significativo que a cerca de 700m do arqueossítio, na Quinta do Miradoiro, se tenham localizado outras estruturas de cronologia alto-imperial romana, nomeadamente de carácter hidráulico (um reservatório articulado com uma caleira) e um espaço funerário onde se reconheceram cinco sepulturas de incineração²⁴³² com probabilidade mais tardias que o século I d.C., dado o predomínio dos elementos vítreos no conjunto dos mobiliários funerários. Como acontece noutros locais do Vale do Tejo, este último assentamento surge no mesmo local onde se atestou uma ocupação da Idade do Bronze Final²⁴³³.

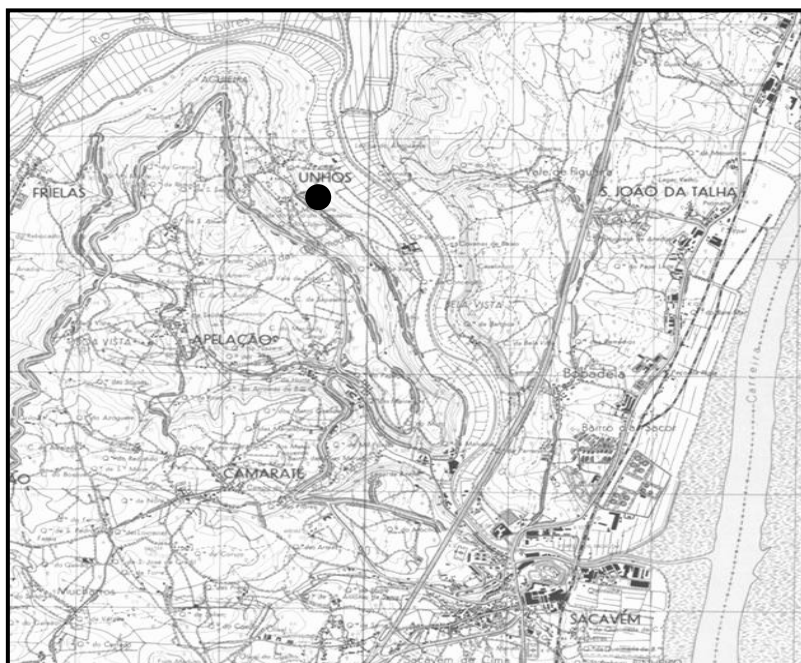


Figura 100- Localização do sítio de Casal do Belo na *Carta Militar de Portugal*, folha n.º417, à escala 1/25000.

8.3.1.1. Enquadramento do conjunto

O carácter da intervenção, circunscrito à área a afetar pelos trabalhos de construção civil, limitou a disponibilidade de dados que permitissem caracterizar o sítio, que as autoras propõem classificar como *uilla*²⁴³⁴.

²⁴³¹ Idem, p.15.

²⁴³² Idem. Para além daqueles elementos foi também colectada uma boca de ânfora Lusitana 3- Cf. Idem, p. 25, Est.IX.

²⁴³³ Idem.

²⁴³⁴ Idem.

Deixando de lado a tafonomia do assentamento, é de salientar a ocorrência na sede da freguesia de uma epígrafe funerária com menção a um Augustal²⁴³⁵, com plausível relação com o arqueossítio do Casal do Belo.

O conjunto de cerâmicas merece uma menção especial, pois parecem colocar problemáticas interessantes para a percepção da dinâmica do arqueossítio: a ocorrência de um fragmento de vaso de forma fechada em “cerâmica cinzenta fina polida” com decoração no troço superior do corpo de retículas brunidas é elemento geralmente ocorrente na área do Vale do Tejo em contextos tardo-republicanos²⁴³⁶, e poderá corresponder ao artefato de cronologia romana mais recuada revelado no local. Os outros elementos materiais, que remetem a ocupação do local para pleno séc. I d.C., nomeadamente um pequeno conjunto de *terra sigillata* alto imperial, testemunhariam assim a continuidade da ocupação do assentamento rural romano.

8.3.1.2. *Produções atestadas*

A única marca coletada na Quinta do Belo foi já publicada pela responsável pelos trabalhos, conjuntamente com Ana Raquel Silva, em notícia de carácter preliminar. Nela é proposta uma primeira leitura MAX(...), de que agora se apresenta a revisão²⁴³⁷.

Conjuntamente com o fragmento itálico foram coletados outros nove em *terra sigillata*, entre os quais pontuam dois exemplares sudgálicos da forma Drag.15/17 e um da forma Drag.24/25²⁴³⁸,

8.3.1.2.1. *Produções Itálicas*

Ol.Ag.1- *Xanthus* (2)= *Cneus Ateius Xanthus* (OCK 2536= 316).

O fragmento apresenta reduzida dimensão, tendo pertencido ao fundo interno de uma taça. A impressão encontra-se truncada à esquerda e é em formato *in planta pedis*, nela se lendo o texto retrógrado XAN̄ e mostrando vestígios da parte terminal dos caracteres seguintes. Por se tratar da aplicação do mesmo punção que serviu para produzir OCK 2536.135, é restituível XANTHI, modelo que mostra, apesar da fraca

²⁴³⁵ Idem, p. 20- IVL.MVN(...)LI/B(...) ITALICVS/ AVGVSTAL. H.S.E. (CIL II, 264). Registe-se como sugestivo o achado, no Casal do Belo, de um *pondus* com o grafito IVL, ostentando portanto o mesmo gentílico- Cf. Idem, p. 25 est.VIII.

²⁴³⁶ Idem, p. 20 e 25 Est.IX. Para a cronologia deste tipo de artefactos vide, por exemplo, J. Pimenta, 2005, J. Pimenta *et al.* 2003, R.R. Almeida, 2008.

²⁴³⁷ Idem, p.16 e 25 Est.IX.

²⁴³⁸ Idem.

atestação, uma especial incidência na Hispânia pois ocorre em Ampúrias (2x) e Córdoba (2x), num dos casos no fundo talvez do tipo Consp.B.4.13²⁴³⁹.

Importante produtor das oficinas ateianas de Pisa, *Cneus Ateius Xanthus* estava já atestado na região em estudo em Lisboa²⁴⁴⁰, Santarém²⁴⁴¹ e *Eburobrittium*²⁴⁴².

Ol. Ag.1	Pisa	Taça	It.2	<i>Xanthus</i> (2) = <i>C.Ateius Xanthus</i>	XANTH (...)(retro)	2536.13	15 - 40 d.C.	

Figura 101- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” itálica de Casal do Belo.

8.3.1.3. Contributo da “marca de oleiro” para o conhecimento do sítio

Os elementos disponíveis para o Casal do Belo sugerem a possibilidade de uma origem do assentamento no período tardo-republicano romano, muito embora a hipótese assente numa base material muito escassa e por isso frágil.

Com segurança o local estaria ativo no tempo de Tibério, pelo menos, dando dessa circunstância testemunho a “marca” de *Xanthus*, remetendo os restantes elementos para a continuidade de funcionamento do sítio ao longo do séc.I d.C.

8.3.2. Alverca do Ribatejo (Alverca, Vila Franca de Xira)- Ol.Ag.2.

Alverca do Ribatejo foi sede de concelho até 1855 e corresponde hoje a um aglomerado com categoria de cidade, sede de freguesia e o centro populacional com maior número de população do município de Vila Franca de Xira, distando 7 km para sul da sua sede.

O local, um ponto geográfico destacado que lhe vale uma posição dominante sobre a principal via terrestre da fachada ocidental da Península Ibérica em período histórico, desde a Época Romana, passando pela “Estrada Real” de D.Maria I até à atual A1, detém também uma relação estreita com o Tejo, tendo tido funções portuárias até ao séc. XIX. A corroborar estas características estratégicas privilegiadas, na Idade Média o lugar era fortificado, possuía um castelo.

Os primeiros trabalhos arqueológicos na povoação ocorreram pela mão de Rui Parreira, em 1986, comprovando o potencial arqueológico do sítio para épocas que remontam à Proto-História²⁴⁴³.

²⁴³⁹ OCK-CD vasos n.ºs 23037, 23038, 13261 e 13267.

²⁴⁴⁰ Vide *supra*, Ol.106 e Ol.266.

²⁴⁴¹ A.M.D. Diogo, 1984, p.117. Vide *infra*, Sc.31.

²⁴⁴² Vide *infra*, Eb.64.

²⁴⁴³ J. Pimenta e H. Mendes, 2007b.

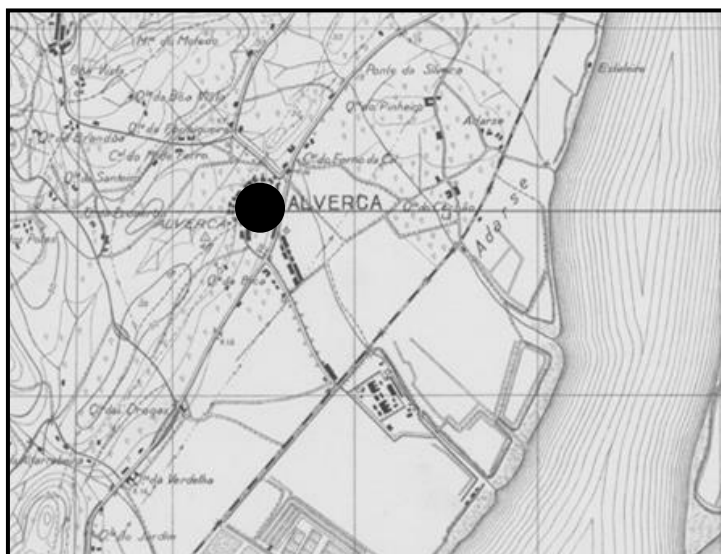


Figura 102- Localização de Alverca na *Carta Militar de Portugal*, folha n.º 404, à escala 1/25000.

A remodelação do espaço da antiga “Casa da Câmara”, em 2004, foi alvo de uma campanha de trabalhos arqueológicos dirigidos por Nuno Gambôa, durante os quais se exumaram níveis de diversas cronologias, da Idade do Bronze à Época Contemporânea e, entre os materiais romanos encontrados fora de contexto contava-se um fragmento de *terra sigillata* com “marca de oleiro”²⁴⁴⁴.

Já em 2006, a abertura de valas da empresa “Águas de Portugal”, efetuadas sem peritagem arqueológica, revelaram contextos medievais, islâmicos e cristãos, e uma área com ocupação romana, alvo de trabalhos arqueológicos de emergência conduzidos por João Pimenta e Henrique Mendes²⁴⁴⁵.

8.3.2.1. Enquadramento do conjunto

As múltiplas intervenções arqueológicas na área do antigo castelo medieval de Alverca revelaram uma extensa diacronia de ocupação do antigo morro, com hiatos, desde a Idade do Bronze Final à contemporaneidade²⁴⁴⁶.

A presença romana está documentada essencialmente por materiais, entre os quais um bocal de ânfora greco-italica e uma pátera em campaniense B, que atestam a integração do local nas redes de povoamento de época republicana romana. Cobrindo

²⁴⁴⁴ Idem.

²⁴⁴⁵ Idem.

²⁴⁴⁶ Idem e 2007c, p.53-67.

um largo espectro cronológico, da época imperial estão documentados, para além de outros materiais: contentores anfóricos das formas Dressel 14 e Almagro 51c, de fabrico lusitano, Haltern 70, Dressel 7/11 e Keay XVI, em fabricos béticos, elementos soltos de *opus tessellatum*, fragmentos de placas de revestimento em lioz branco e róseo e um fragmento de *tabella* no mesmo material com um numeral inscrito (eventualmente uma placa funerária?)²⁴⁴⁷.



Figura 103- Indicação das áreas intervencionadas em Alverca onde foram identificados contextos de época romana (seg.J.Pimenta e H.Mendes²⁴⁴⁸).

No sopé do morro do antigo castelo localizava-se a junção dos dois *deverticula* da via *Olisipo-Scallabis*²⁴⁴⁹, tendo sido ali registado um miliário (*CIL* II 4632) por Coelho Gasco, no séc.XVII²⁴⁵⁰. O conjunto de evidências atesta uma presença romana importante, com construções com alguma qualidade arquitectónica, mas é insuficiente para descortinar a dinâmica da evolução do sítio, onde é patente a remota antiguidade, o carácter em altura e a estreita relação do *ubi* com o Tejo e com as vias terrestres mencionadas²⁴⁵¹.

Do conjunto de áreas escavadas, apenas uma proporcionou a identificação de depósitos e estruturas de época romana preservada: na zona inferior do morro foram

²⁴⁴⁷ Idem, p.57-69 e 174-181.

²⁴⁴⁸ Idem.

²⁴⁴⁹ Idem. Ver também V.G. Mantas, 1996, p.661-662 e 2012.

²⁴⁵⁰ Idem.

²⁴⁵¹ J. Pimenta e H. Mendes, 2007b, p.i-iii.

reveladas duas fossas detriticas conservando espólio cerâmico, que deverão corresponder já a áreas marginais do assentamento²⁴⁵².

8.3.2.2. *Produções atestadas*

De Alverca provêm dois fragmentos de *terra sigillata* sudgálica (um prato da forma Drag. 15/17 e uma taça decorada da forma Drag. 37), outros inclassificáveis de produção hispana, um fragmento da forma Hayes 17b e outro da forma Hayes 67, em *terra sigillata* africana clara, respetivamente dos grupos C e D. No local recolheu-se uma “marca de oleiro” em fabrico de modo itálico, fora de contexto coevo e conjuntamente com outros materiais romanos datados de entre os finais do séc. I a.C. e o séc. V d.C., publicada com os restantes materiais por João Pimenta e Henrique Mendes²⁴⁵³.

8.3.2.1. *Produções Itálicas*

Ol.Ag.2- L.AT() (OCK 264).

A impressão conserva-se na sua quase totalidade e o paralelo exato de referência, OCK2585.43²⁴⁵⁴, foi incluído no grupo “*não atribuível* (2)”²⁴⁵⁵. Repertoriada apenas por uma vez em Alexandria (Egipto)²⁴⁵⁶, colocada centralmente num fundo interno do tipo Consp.B 4.1-13, é, por consequência, relacionável com uma taça com arranque de parede oblíqua (formas Consp.22-25 e 24.3), como será plausível para o caso ribatejano.

P.Kenrick questiona-se se não poderá corresponder a um produto de L.AT() (OCK.264), oleiro itálico de origem incerta e de provável cronologia augústea²⁴⁵⁷. Oxé anotara a grafia da única “marca” deste oleiro (OCK.264.1) num fragmento de fundo de taça do tipo Consp.B 3.17 coletado em Ampúrias que vira no Museu de Gerona, mas trata-se de exemplar infelizmente perdido²⁴⁵⁸.

Registam-se, contudo, ligeiras diferenças entre as impressões egípcia e ribatejana face à atribuída àquele oleiro, pois no exemplar ampuritano a grafia do “A” é “arcaica”, ao contrário da impressão patente nos dois outros vasos. A circunstância de, no caso de

²⁴⁵² Idem.

²⁴⁵³ J. Pimenta e H. Mendes, 2007c, p.58.

²⁴⁵⁴ OCK, p.525.

²⁴⁵⁵ Idem, p.523-528.

²⁴⁵⁶ OCK-CD, vaso n.º 12393.

²⁴⁵⁷ OCK, p. 115.

²⁴⁵⁸ OCK-CD, vaso n.º 23376.

Alverca, o “A” estar distinto do “T”, ao contrário do desenho que H.Comfort executou com base no decalque que lhe fora enviado por L.Benachi²⁴⁵⁹, e de assim a sua extremidade inferior invalidar a hipótese de um nexu ANT, elimina por consequência os oleiros assim relacionáveis com esta grafia e, em sentido inverso, torna bastante plausível a atribuição a *L.AT()* (OCK.264). Precisar melhor cronologicamente a sua produção contínua um problema insolúvel, aceitando-se a hipótese augústea e permitindo-se uma margem até aos inícios do principado de Tibério. Em sentido contrário, as características do fabrico autorizam, com alguma margem de confiança, atribuir este oleiro à Itália Central.

Ol. Ag.2	Itália Central	Taça	It.1	<i>L.AT()</i>	<i>L.AT</i>	2585.43	> 25 a.C.	

Figura 104- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” itálica de Alverca.

8.3.2.3. Contributo da “marca de oleiro” para o conhecimento do sítio.

Como foi exposto atrás, os elementos disponíveis no momento não permitem ainda caracterizar o assentamento. Considerando as evidências de uma ocupação do local já na Idade do Bronze Final²⁴⁶⁰, é plausível que corresponda a um povoado em altura em contato com o mundo romano desde as etapas iniciais da sua presença no Vale do Tejo, o que parece aceitável em função do seu caráter possivelmente portuário e dos materiais aí presentes, onde a “marca de oleiro” mais não vem do que atestar a continuidade das importações com origem na Península Itálica nas primeiras décadas do principado.

8.3.3. Povos (Vila Franca de Xira)- Ol.Ag.3 a Ol. Ag.4.

O sítio romano de Povos localiza-se na aldeia desse nome, um pouco para norte da cidade de Vila Franca de Xira, no local conhecido como «*Escola Velha*».

Sucessivas escavações desenvolvidas entre 1984 e 1990, dirigidas por Rui Parreira e Cristina Calais²⁴⁶¹, revelaram uma ocupação romana de época imperial testemunhada por contextos, muros e pavimentos que não permitiram perceber a espacialidade assim definida. Discute-se, assim, a possibilidade de Povos corresponder a uma *uilla*, como

²⁴⁵⁹ OCK-CD, vaso n.º 12393.

²⁴⁶⁰ J. Pimenta e H. Mendes, 2007b e 2007c.

²⁴⁶¹ C. Calais, 1997.

defendeu Rui Parreira, ou um *uicus*²⁴⁶², sendo candidato a *ubi* da *Ierabriga* mencionada nas fontes clássicas²⁴⁶³.

O assentamento romano fica sobranceiro à Ermida do Senhor da Boa Morte, morro fortificado seguramente no período de dominação islâmica²⁴⁶⁴. Dados muito recentemente divulgados permitem afirmar a ocupação do local em Época Republicana Romana²⁴⁶⁵. Beneficiando de um domínio visual de grande abrangência sobre a margem esquerda do Tejo, incluindo as zonas de Salvaterra de Magos e Benavente, vislumbrando-se também no horizonte meridional Palmela e o recorte da Serra da Arrábida. De maior significado parece ser a sua posição de controlo sobre um amplo troço do trajeto da antiga *uia* de *Olisipo* a *Scallabis*, depois itinerário terrestre principal no período medieval e até à «*Estrada Real*». Pimenta e Mendes aventam uma ocupação itálica de cariz militar do séc. I a.C. no Alto do Senhor da Boa Morte como originária da ocupação da parte baixa documentada para o período imperial²⁴⁶⁶, mas os elementos de suporte afiguram-se, para já, estritamente hipotéticos.



Figura 105- Localização do sítio de Povos na *Carta Militar de Portugal*, folha n.º390, à escala 1/25000.

A aldeia de Povos, implantada na margem direita do Tejo, deteve atividade piscícola importante ao longo da Idade Média e Época Moderna, sendo mencionada no

²⁴⁶² I. Moita, 1997, p.10.

²⁴⁶³ A. Guerra, 2012.

²⁴⁶⁴ C. Calais, 1997.

²⁴⁶⁵ J. Pimenta e H. Mendes, 2012, p.51-54.

²⁴⁶⁶ Idem.

foral dado por D. Sancho I em 1195, no manuelino de 1510 ou nas sucessivas pretensões dos Duques de Bragança ao longo do séc. XVI sobre a cobrança da dízima local²⁴⁶⁷.

A importância da componente portuária de Povos em períodos mais tardios foi retrospectivamente projetada para a Época Romana, colocando-se a possibilidade de elaboração de produtos piscícolas no local, o que para já não têm fundamento material conhecido. Ainda assim, a quantidade frequente de importações cerâmicas documenta a forte conexão do local com o tráfico de mercadorias feito por via fluvial.

8.3.3.1. *Enquadramento do conjunto*

Do conjunto de artefatos de época romana do arqueossítio de Povos destacam-se os estudos das ânforas, por Carlos Banha²⁴⁶⁸, dos cinco almofarizes béticos, por J.C. Quaresma²⁴⁶⁹, e, sobretudo, o conjunto de trezentos fragmentos de *terra sigillata*, preliminarmente analisados por Luísa Ferrer Dias²⁴⁷⁰.

Os elementos tratados permitiram definir duas fases de utilização do espaço: um primeiro, iniciado no séc. I d.C., e um segundo, equivalente aos séculos finais do Império Romano e inícios da Antiguidade Tardia, onde pontuam importações cerâmicas africanas e orientais que perduraram até ao séc. V d.C., pelo menos.

8.3.3.2. *Produções atestadas.*

O conjunto de *terra sigillata* analisado por Luísa Ferrer Dias era composto por 35 fragmentos de fabricos sudgálicos²⁴⁷¹, 54 hispânicos de La Rioja²⁴⁷² e 29 também hispanos, mas de Andújar²⁴⁷³. Completavam-no 46 fragmentos em *sigillata* clara africana dos quais 18 em A, 30 em C, 97 em D, 4 cipriotas e julgamos que 5 em *sigillata* hispânica tardia²⁴⁷⁴.

A observação dos materiais em depósito no Museu Municipal de Vila Franca de Xira permitiu confirmar a generalidade das observações e quantitativos avançados pela investigadora que primeiro abordou o conjunto. Contudo, algumas discrepâncias foram assinaladas na composição da amostragem, contendo elementos de novidade para o

²⁴⁶⁷ M.M. Soares, 1997, p.195-196.

²⁴⁶⁸ C.M.S. Banha, 1991-1992.

²⁴⁶⁹ J.C. Quaresma, 1997.

²⁴⁷⁰ L.F. Dias, 1997, p.15.

²⁴⁷¹ Idem.

²⁴⁷² Idem, p.16.

²⁴⁷³ Idem, p.17.

²⁴⁷⁴ Idem, p.18.

conhecimento do sítio: a detecção de fabricos itálicos, representados por um fragmento decorado e três outros recuam a ocupação para o lapso de Augusto a Tibério; uma expressiva presença de cerâmica do tipo Peñaflor, com três porções de bordo e fundo da “*frigideira*” do tipo Martinez 3B²⁴⁷⁵, um bordo da forma Martinez IIB e oito outros fragmentos indeterminados; registre-se a existência de formas sudgálicas não assinaladas antes, de que se destaca um fundo de tigela Drag.4/22, um outro do tipo decorado Déch.67 e um eventual fragmento de taça Ritt.5; ao nível da *sigillata* riojana merecem saliência a atestação de uma porção de parede de cantil decorado do tipo Mezquiriz 13 e um bordo integrável, com dúvidas, nos tipos Mezquiriz 2 ou 26, mas, e sobretudo, o muito elevado número de recipientes decorados, que incluem vinte paredes, dois fundos, seis bordos de Drag.37, um de Drag.29 e dois de Drag.29/37. De forma complementar menciona-se a equivalência de oito (e não quatro) fragmentos em *sigillata* cipriota tardia a uma mesma tigela, da qual haviam sido desenhados o fundo e o bordo separadamente²⁴⁷⁶. Ferrer Dias refere ter contado os fragmentos independentemente das colagens entre eles, mas nem assim se justifica a ausência no acervo da maioria dos elementos hispanos meridionais, restando como única explicação o conjunto apresentar-se hoje truncado, problema que justifica não se ter valorizado a quantificação global em reserva no depósito do Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

Entre os fabricos gálicos, o predomínio do *tandem* Drag.18/27 e a ocorrência da tigela Drag.35 sugerem que a intensidade de importação com esta origem ocorreu sobretudo no último terço do séc. I d.C., devendo sublinhar-se a observação de Ferrer Dias da ausência de vasos decorados a molde²⁴⁷⁷, como se viu agora matizada pela detecção de um pequeno pote do tipo Déch.67. Uma ocorrência peculiar é a atestação de uma pouco frequente tigela hemisférica, forma representada nos contextos do “*Ensemble 2/Fossa de Cirratus*”²⁴⁷⁸ a que Martine Genin atribuiu uma data em torno

²⁴⁷⁵ Luísa Ferrer Dias havia já assinalado este fabrico em Povos, embora o tenha incluído dentro do grupo de Andújar- veja-se a menção a “(...) *um prato próximo do tipo de verniz vermelho pompeiano e que segundo Françoise Mayet é relativamente frequente dentro deste grupo de produção* (...)”- Conf. L.F. Dias, 1997, p.17. Esta referência permite colocar a hipótese de Ferrer Dias ter englobado o conjunto do tipo Peñaflor indicado no título Andújar. Mesmo assim, e porque nos foram dados observar de Andújar somente dois fragmentos de fundo de prato Drag.15/17, um bordo de Drag.37b e quatro paredes, ambos perfazem 17 exemplares, distantes dos 26 apontados por Ferrer Dias- Conf. Idem. Trata-se de diferença de valores para a qual não encontramos explicação satisfatória.

²⁴⁷⁶ Foi possível, graças à total colaboração e esforços de João Pimenta e Henrique Mendes, do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pesquisar as recolhas das escavações Quando Luísa Ferrer Dias estudou a *sigillata* de Povos, contabilizou os fragmentos, independentemente das colagens entre eles.

²⁴⁷⁷ L.F. Dias, 1997, p.18.

²⁴⁷⁸ M. Genin (dir.), 2007, p. 381, n.º10.

dos anos 30 d.C.²⁴⁷⁹, e “*Ensemble 4/Fossa de Gallicanus*”²⁴⁸⁰, datado pelos estudos dirigidos pela mesma investigadora de cerca de 50 a 70 d.C.²⁴⁸¹, o que poderá transmitir um consumo diferenciado, de igual forma denunciado pela presença do cantil Mezquiriz 13, do pote Mezquiriz 2 ou 26 e pela elevada percentagem de recipientes decorados hispanos.

Com algum paralelo noutros sítios da Península de Lisboa, em Povos os valores atingidos pelos vasos decorados hispânicos setentrionais são singularmente elevados, sendo a maioria situada temporalmente dentro da dinastia Flávia. Eles mostram de forma clara que o aprovisionamento se fez nesta altura numa complementaridade entre recipientes lisos predominantemente gálicos e decorados quase exclusivamente de La Rioja.

As duas “marcas de oleiro” do sítio correspondem às já antes estudadas por Luísa Ferrer Dias²⁴⁸².

8.3.3.2.1. *Produções Gálicas*

Ol.Ag.3- Carbo (NOTS 2, 245-247).

O produtor de La Graufesenque operou para Hartley e Dickinson entre 60 e 85 d.C.²⁴⁸³, admitindo Polak a perduração do fabrico até ao final dos Flávios²⁴⁸⁴.

A impressão presente em Povos é a de maior difusão do oleiro, registando uma acentuada ocorrência nas Germânicas²⁴⁸⁵, Britânia²⁴⁸⁶, Gálias²⁴⁸⁷ e de maneira pobre na Hispânia, em Tarragona²⁴⁸⁸ e Tróia (Grândola)²⁴⁸⁹.

O modelo de punção, 1a do NOTS, foi aplicado em pratos e tigelas estandardizadas, alguns dos quais com decoração a rosetilha no fundo interno. Com numerosos paralelos datados externamente, sobretudo em fundações flávias iniciais, merecem menção especial as ocorrências em Aislingen, forte destruído cerca de 69/70

²⁴⁷⁹ Idem, p.70.

²⁴⁸⁰ Idem, p.4044, n.º6.

²⁴⁸¹ Idem, p.107.

²⁴⁸² L.F. Dias, 1997, p.21, n.ºs 1 e 2.

²⁴⁸³ NOTS 2, p.246.

²⁴⁸⁴ M. Polak, 2000, p.198.

²⁴⁸⁵ Genéve, Heidelberg, Neuenheim, forte de Neuss, Augst, Heerlem, Nijmegen, Estrasburgo, Xanten, Trier, Vechten, Aislingen, Dalheim e Stockstadt-Conf. NOTS 2, p.245-246.

²⁴⁸⁶ Cirencester, Wall, Wilderspool, fortes de York, Usk, Londres, Gloucester-Kingsholm, Fishbourne, Winchester, Baldock, Wroxeter, *Verulamium*, Mancetter, Richborough, Wilderspool, Exter, Leicester, Corbridge, Caistor-by-Norwich e Silchester- Conf. Idem.

²⁴⁸⁷ Cimetière Vieux de Mèze, Paris, Boucheporn, Arles, Arles-Trinquetaille, Beaulieu-sur-Mer, Raujolles, Glanum, Trion e Reims- Conf. Idem.

²⁴⁸⁸ Idem, p.246.

²⁴⁸⁹ R.B.Silva, 2005, Anexo B.

d.C. durante a revolta batava, nos contextos da Fase IB de Fishbourne, situada entre 45 e 69/70 d.C., e em Gloucester-Kingsholm, assentamento militar fundado pouco depois de 66 d.C.²⁴⁹⁰, que comprovam a sua utilização no final do principado de Nero. Em sentido inverso, os achados verificados em Corbridge e Wilderspool, fundações domiciânicas, sugeriram a Polak um intervalo superior de 95 d.C.²⁴⁹¹, mas o NOTS aventa a sua presença ali por se tratar de vasos que sobreviveram a uso²⁴⁹².

Ol.Ag.4- *Maccarus ii* (NOTS 5, 10-171).

Fabricante de La Graufesenque ativo entre 60 e 85 d.C., *Maccarus ii* apresenta-se no sítio ribatejano com o seu modelo de punção mais difundido, o 1a do NOTS. A longa lista de atestações inclui numerosos sítios das Germânicas²⁴⁹³, menor representação na Britânia²⁴⁹⁴, Gálias²⁴⁹⁵, Norte de África²⁴⁹⁶ surgindo na Hispânia somente em Mérida²⁴⁹⁷. Na região em estudo, um outro modelo de impressão do oleiro estava já documentado em Lisboa²⁴⁹⁸.

O achado de Burghöfe integrava o Geschirrdepot, um depósito de cerâmica carbonizada encontrado no interior de um armazém no *uicus* próximo ao assentamento militar, originado provavelmente no contexto das perturbações provocadas pela revolta dos Batavos de 69 d.C.²⁴⁹⁹ O achado de um prato Drag.18 na necrópole do Hunerberg de Nijmegen data seguramente do período Flávio, como acontece com o exemplar do forte do mesmo sítio holandês, instalado sobre um anterior campo augústeo durante a revolta a que se fez menção antes²⁵⁰⁰.

Ol. Ag.3	La Grauf.	Drag. 15/17	G.1	<i>Carbo</i>	CARBONISM	1a	65 - 90 d.C.	
Ol. Ag.4	La Grauf.	Drag.18	G.1	<i>Maccarus ii</i>	MAC(...)VSF	1a	60 - 85 d.C.	

Figura 105- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas de Povos²⁵⁰¹.

²⁴⁹⁰ Conf. M. Polak, 2000, p.407 e 409.

²⁴⁹¹ Idem, p.198.

²⁴⁹² NOTS 2, p.246.

²⁴⁹³ Forte de Valkenburg, Augst, Burghöfe, forte de Neuss, Nijmegen, Colónia, Heddernheim, Wiesbaden, Tongeren e Woerden – Conf. NOTS 5, p.170.

²⁴⁹⁴ Colchester, Boxfield Farm, Cambridge, Chelmsford e Londres- Conf. Idem.

²⁴⁹⁵ La Graufesenque, Arles e Ardres- Conf. Idem.

²⁴⁹⁶ Volubilis, Cherchel e Egípto?- Conf. Idem.

²⁴⁹⁷ Idem.

²⁴⁹⁸ Conf. Ol.11, *supra*.

²⁴⁹⁹ M. Polak, 2000, p.407.

²⁵⁰⁰ Idem, p.256 e 410.

²⁵⁰¹ A ilustração de Ag.Ol.3 foi executada com base na publicação original de Luísa Ferrer Dias, 1997, Est.I, n.º1.

8.3.3.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do sítio.

As duas impressões de Povos inserem-se num quadro de importações mais amplo documentado no sítio, onde se evidencia um predomínio das elaborações cerâmicas hispanas a partir dos Flávios, mas onde a *sigillata* gálica mantém simultaneamente quotas significativas, da qual com maior probabilidade darão testemunho os dois recipientes assinados por *Carbo* e *Maccarus ii*.

8.3.4. Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo, Vila Franca de Xira)-Ag.Ol.5.

Localizado na extremidade norte do município de Vila Franca de Xira, o arqueossítio de Monte dos Castelinhos está de há muito referenciado, mas o seu significado só recentemente foi objeto de revisão crítica por João Pimenta, Henrique Mendes e José North²⁵⁰².

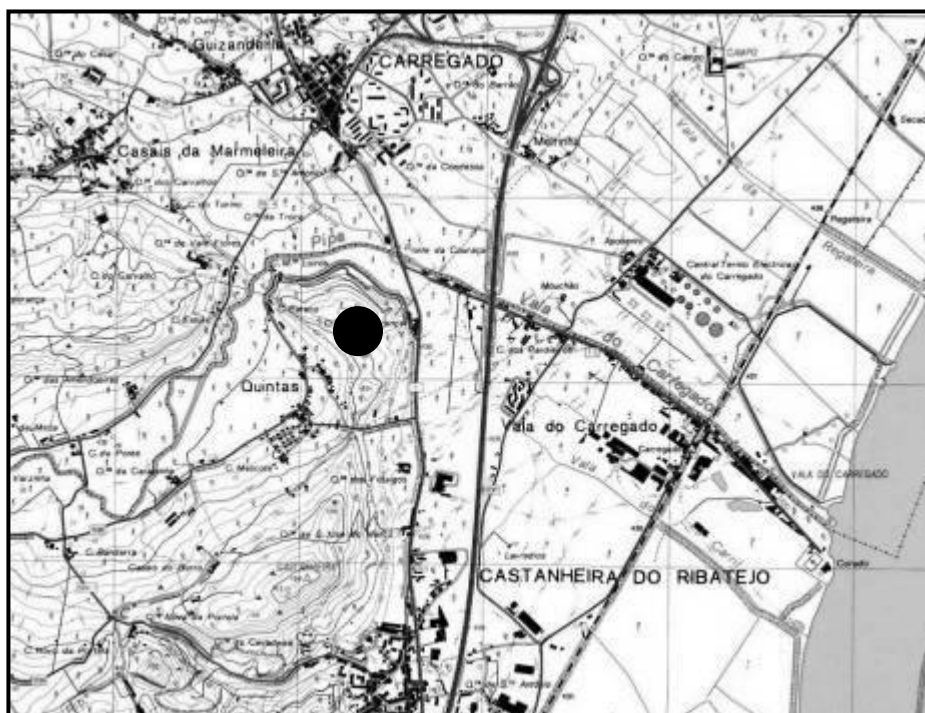


Figura 107- Localização do Monte dos Castelinhos na *Carta Militar de Portugal*, folha n.º390, à escala 1/25000.

8.3.4.1. Enquadramento do conjunto.

²⁵⁰² J. Pimenta, H. Mendes e J. Norton, 2008, p.26-27.

Implantado sobre um monte aplanado que culmina a linha de festos que define a orla fluvial da margem direita do Tejo entre o Trancão e o Rio Grande da Pipa, o local detém um domínio visual paisagístico de extensão impressionante, abrangendo uma boa parte do curso tagano para jusante e montante, como o extenso vale do Rio Grande da Pipa e uma parcela importante da margem esquerda do grande rio. A sua importância estratégica é reforçada pela passagem, no sopé da elevação, da via *Olisipo-Scallabis*, aliás num dos pontos de atravessamento do afluente citado, a ponte medieval da Couraça, no Carregado, que funcionou no passado como itinerário de penetração até à zona de Alenquer.

Desde 2009 que a Câmara Municipal de Vila Franca patrocina um projeto de investigação, recuperação e valorização do arqueossítio, com a colaboração do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Desconhecendo-se no momento os elementos materiais da Idade do Ferro, os dados proporcionados pela escavação de um setor do povoado permitiram aos seus responsáveis defender uma fundação de caráter castrense ocorrida em período tardo-republicano romano, documentada por um perfil de importações itálicas e meridionais hispânicas compatível com esta interpretação, arquiteturas e urbanística de claro contorno itálico, como elementos de armamento militar que corroboram de forma categórica este entendimento²⁵⁰³.

As cerâmicas recolhidas sugerem datações em torno dos meados do séc. I a.C., aventando os investigadores citados uma relação com os episódios das guerras civis, setorianas, ou mais provavelmente com os enfrentamentos entre partidários de César e Pompeu²⁵⁰⁴. Alvitram igualmente a hipótese, considerando a importância dos vestígios, de se tratar do *ubi* original de *Ierabriga*, tradicionalmente localizado em Alenquer²⁵⁰⁵.

8.3.4.2. *Produções Atestadas*

Do local foi publicada apenas a cerâmica recolhida à superfície em contexto de prospecção que inclui, para além do vaso ostentando “marca de oleiro”, dois pratos de fabrico itálico das formas Consp.18.1 e 20, um pé de um outro com a mesma origem e uma base não classificada de um recipiente sudgálico que, pelo desenho, parece corresponder a uma taça Ritt.5, ou a uma variante das primeiras produções gálicas da taça Drag.33 ou, ainda, mas com menor, probabilidade, à forma Haltern 7, augústea ou

²⁵⁰³ J. Pimenta e H. Mendes, 2012.

²⁵⁰⁴ Idem; J. Pimenta, H. Mendes e J. Norton, 2008, p.37.

²⁵⁰⁵ Idem.

dos inícios de Tibério²⁵⁰⁶. Já o fragmento dubitativamente atribuído às primeiras produções itálicas, pela descrição poderá tratar-se de um vaso oriundo da Hispânia meridional, do tipo Peñaflor, bem atestado noutros locais do Vale do Tejo.

Embora exíguo, o conjunto constitui uma amostragem compatível com o perfil de importações que se encontra já documentado em Lisboa²⁵⁰⁷ e Santarém²⁵⁰⁸, merecendo destaque a presença do prato Consp.20, que permite admitir uma datação até meados do séc. I d.C., quando os vasos itálicos mantêm ainda uma relativa vitalidade nos mercados da região.

8.3.4.2.1. Produções Gálicas

O exemplar comportando “marca” foi já publicado por J.Pimenta, H.Mendes e J.North, que indicam não ter conseguido ler a mesma. Do mesmo modo classificam a tipologicamente o recipiente como uma tigela Drag.24/25, o que parece ajustado, embora apontando-lhe um intervalo superior limitado a 60 d.C.²⁵⁰⁹, que deverá ser alargado até ao principado de Domiciano.

Ag.Ol.5- Mommo (NOTS 6, 135-148).

Mommo é um importante oleiro ruten, produtor de loiça lisa e decorada, que terá iniciado a sua laboração no final do principado de Nero, desenvolvendo-a até aos primeiros anos do de Domiciano²⁵¹⁰.

Já por quatro vezes atestado em *Olisipo*²⁵¹¹, apresenta-se no Monte dos Castelinhos com um punção de difícil classificação, de carateres muito esbatidos. Apesar de afinidades óbvias com o exemplar do NOTS 271, presente em Neuss, Augst e Rißtissen²⁵¹², mostra-se mais obliterado no exemplar ribatejano, e não é de descartar equivaler a um momento de vida posterior do mesmo objeto, admitindo a hipótese de entretanto terem sido avivados os carateres.

Ol. Ag.5	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	<i>Mommo</i>	MOM	-	65 - 85 d.C.	

Figura 108- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica do Monte dos Castelinhos.

²⁵⁰⁶ Idem, p.29, n.ºs 9 a 13.

²⁵⁰⁷ R.B. Silva, 2005

²⁵⁰⁸ C. Viegas, 2003a e 2003b.

²⁵⁰⁹ J. Pimenta, H. Mendes e J. North, 2008, p. 29, n.º11.

²⁵¹⁰ NOTS 2, p.146.

²⁵¹¹ Conf.*supra*, Ol.76, Ol.328 a Ol.330.

²⁵¹² NOTS 6, p.143.

8.3.4.3. Contributo da “marca de oleiro” para o conhecimento do sítio.

O Monte dos Castelinhos mostra um perfil ocupacional denunciado pelos materiais publicados ou publicamente apresentados muito centrado no séc. I.a.C., período durante o qual a ocupação mostra especial vigor, patenteada pelas cerâmicas de verniz negro, paredes finas e conjunto anfórico.

Neste sentido, a atestação do conjunto de *sigillata* evoca a permanência da ocupação humana neste povoado em altura já no Alto Império, assumindo um certo protagonismo a “marca” de *Mommo* por equivaler ao elemento disponível de cronologia romana mais baixa até agora presente no arqueossítio.

8.3.5. Paredes (Santo Estevão, Alenquer)- Ol.Ag.6 a Ol.Ag.7.

O lugar de Paredes situa-se na zona periférica do núcleo urbano de origem de Alenquer, encontrando-se em estreita ligação com o Rio de Alenquer e com o antigo trajeto da via romana *Olisipo-Scallabis* que se desenvolvia na área. *Ierabriga*, topónimo de cariz pré-romano que aparece mencionado no Itinerário de Antonino como segunda *mansio* do trajeto, vem sendo identificada com a área arqueológica formada por Paredes, Santa Catarina e Quinta do Bravo²⁵¹³. Em sucessivos textos Vasco Mantas aduziu argumentos a favor desta localização, embora fazendo menção ao elemento de terminação do vocábulo, que remete para um assentamento em altura, passível de ser explicado, como vimos antes, pela deslocalização do povoado do Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira) para a zona baixa e mais a NO que agora se aborda²⁵¹⁴.

A área conhecida como Vila Vedra na centúria de setecentos, como Mantas salienta equivalente aquela onde se regista a ocupação romana, foi estimada em 8 Ha²⁵¹⁵, inferior à registada no Monte referido, e bem superior ao perímetro urbano da *colonia scallabitana*. Apesar desta característica, *Ierabriga* era um mero *uicus*, aglomerado secundário colocado na dependência administrativa de *Olisipo*, o que não invalida que tenha detido funções deste âmbito, embora subordinadas à capital da *ciuitas*.

No limite mais a Oeste da área arqueológica, hoje quase completamente destruída por recentes urbanizações feitas sem qualquer trabalho arqueológico conhecido, situa-se

²⁵¹³ V.G. Mantas, 2012, p.12.

²⁵¹⁴ Idem, 1990, 1996, 2002, 2012; J. Pimenta e H. Mendes, 2012, p.61.

²⁵¹⁵ V.G. Mantas, 2012, p.13.

um monumental fontenário, inquestionavelmente romano. Quatro contrafortes exteriores em *opus quadratum* almofadado, dos quais são hoje visíveis apenas dois, um paredão em *opus incertum*, restos de um pavimento (do tanque?) em *opus signinum*, e vestígios da captação e do aqueduto que daqui originário se dirigia à zona mais baixa²⁵¹⁶, no que constitui um dos mais notáveis monumentos romanos da região em estudo, e seguramente um dos menos cuidados e conhecidos.

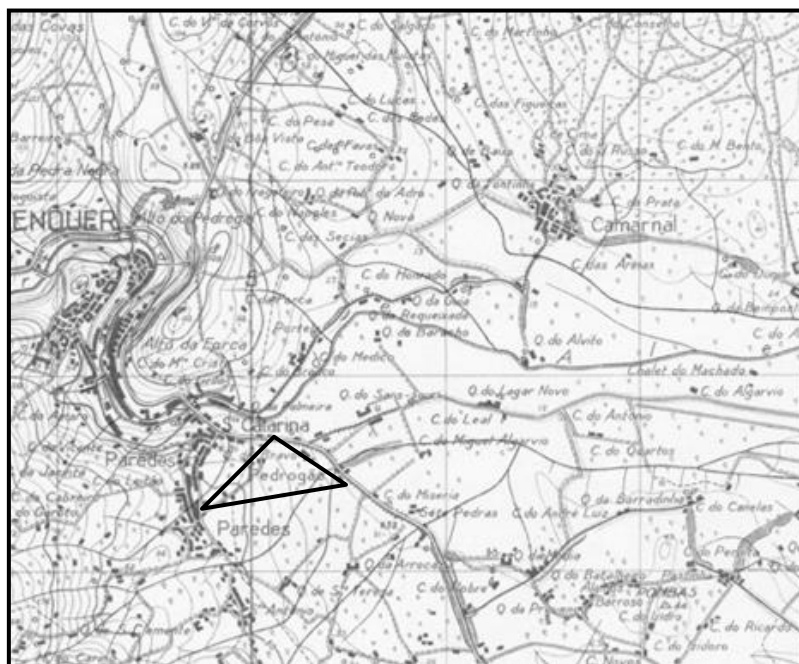


Figura 109- Localização da área de Paredes-Quinta do Bravo na Carta Militar de Portugal, folha n.º376, à escala 1/25000.

Muito recentemente, Miguel Costa pretendeu ver em imagem de satélite nas proximidades do Casal do Reguengo uma estrutura ovalada dotada de eixo central com 38 m de largura e 211 m de comprimento, sugerindo tratar-se de um *circus*²⁵¹⁷. A inusitada configuração oval para ambos os pretendos topos, e a sua coincidência com extremas do parcelário atual, como acontece com o restante da sua orientação, sugerem outras explicações alternativas fundadas em fenómenos de utilização dos solos correntemente observados em fotointerpretação, embora a questão deva permanecer em aberto até ao seu cabal esclarecimento mediante trabalhos arqueológicos.

²⁵¹⁶ M. Costa, 2012, p.120; E. Barbosa, 1970.

²⁵¹⁷ M. Costa, 2012, p.121-122.

Foi nas zonas de Paredes e Quinta do Bravo que ocorreu a detecção de áreas de uso funerário, prováveis necrópoles do centro urbano²⁵¹⁸. Hipólito Cabaço aí explorou em 1934 diversas sepulturas, tendo prosseguido a exploração do sítio em anos posteriores. Os achados no local eram frequentes, como o relatado por Ernâni Barbosa em 1958 que deveria equivaler a um monumento funerário de tipo hipogeu: “*silo cujo fundo assentava numa camada de cascalho. Este recipiente, mais tarde entulhado, continha, entre outros objetos, uma ara votiva, cerâmica romana, fragmentos de uma parede demolida, ainda com vestígios de um fresco, e moedas. Alguns exemplares de cerâmica possuíam marca de oleiro* (sublinhado nosso) *e os motivos decorativos de uma lucerna eram constituídos por parras e cachos de uvas. Todo este material está ainda por estudar, encontrando-se na posse do proprietário da referida Quinta.*”²⁵¹⁹

Para além das sepulturas de incineração e inumação detetadas no lugar por Cabaço, que Maria Amélia Horta Pereira estima em “1 km² de tumulações sucessivas”²⁵²⁰, cuja distribuição planimétrica efetivamente não é conhecida, pontua em Paredes-Quinta do Bravo um relevante conjunto epigráfico, quase exclusivamente funerário, datável dos séculos I e II d.C.

8.3.5.1. Enquadramento do conjunto

Uma das sepulturas escavadas por Hipólito Cabaço em paredes, correspondia a um *ossilegium* equivalente a um *dolium*, contendo abundante espólio funerário, num total de 60 objetos, publicado por Maria Amélia Horta Pereira²⁵²¹. Junto do contentor foi coletada por Cabaço uma inscrição funerária fragmentada dedicada por uma mãe *Terentia (...)*cia a um filho de que restou somente o início da onomástica, Q.V(...)²⁵²².

Trata-se, sem dúvidas, de uma sepultura de tipo *bustum*, datada por Pereira do séc.I d.C., o que concorda com o perfil tipo-cronológico dos materiais associados, notoriamente o conhecido *skyphos* produzido a molde e vidrado, os vidros das formas Isings 8, 28b, 44 e 68, a fíbula do tipo Fowler I e, claro está, os dois pratos Drag.15/17 e a tigela Ritt.8 em *terra sigillata* sudgálica²⁵²³. Insuficientemente valorizado parece ter sido até ao momento o achado invulgar de um *pilum* e duas *phalerae*²⁵²⁴, que se

²⁵¹⁸ V.G. Mantas, 2012, p.13.

²⁵¹⁹ E. Barbosa, 1970, p.27.

²⁵²⁰ M.A.H. Pereira, 1970, p.45.

²⁵²¹ Idem.

²⁵²² Idem.

²⁵²³ Idem.

²⁵²⁴ Idem, p.71 n.º40 e p.68 n.º34.

relacionarão com a condição social do indivíduo sepultado, certamente um adulto do sexo masculino, hipoteticamente um emérito.

8.3.5.2. *Produções atestadas*

O restante conjunto de *sigillata* recolhido por Cabaço nas necrópoles de Paredes e Quinta do Bravo inclui um prato itálico, em exposição no Museu Municipal com o seu nome, tendo Ernâni Barbosa indicado que o remanescente do conjunto total desta classe de cerâmica fina de mesa do local se restringia a 16 fragmentos de *sigillata*²⁵²⁵.

As duas “marcas de oleiro” já haviam sido referidas por E.Barbosa²⁵²⁶, tendo sido corretamente publicadas por Maria Amélia Horta Pereira²⁵²⁷.

8.3.5.2.1. *Produções Gálicas.*

Ol.Ag.6- *Damonus* (NOTS 3, 242-250).

Artesão de La Graufesenque, *Damonus* integra o grupo de produtores precoces que ainda utiliza “marcas” bilineares, desde cerca de 20 d.C., depois envolvido na etapa inicial de grande exportação do centro ruteno, cessando a sua atividade cerca de 60 d.C.²⁵²⁸. O oleiro está escassamente documentado no atual território português, através de duas impressões distintas da de Paredes, da necrópole de Monte Mózinho (Penafiel)²⁵²⁹ e em Tróia (Grândola)²⁵³⁰.

A impressão corresponde ao tipo 13h do NOTS, atestada nas formas Drag.27, Drag.15/17 e 18 de Owlesbury (1x) e Rennes (2x)²⁵³¹

Ol.Ag.7- *Labio* (NOTS 5, 2-9).

Produtor ruteno de loiça lisa e decorada, *Labio* desenvolveu modelação de vasos entre 45 e 75 d.C., tendo-lhe o NOTS assinalado a especial incidência na Hispânia. Hartley e Dickinson, considerando os altos valores por si atingidos na *Germania Inferior* e *Britannia*, por comparação com a descrição dos números da *Germania Superior* sugerem um fluxo através sobretudo do Baixo Reno feito por hipótese através

²⁵²⁵ E. Barbosa, 1970, p.29.

²⁵²⁶ Idem.

²⁵²⁷ M.A.H. Pereira, 1970, p.55 n.ºs 4 e 6.

²⁵²⁸ NOTS 3, p.249-250.

²⁵²⁹ T.P. Carvalho, 1994, n.ºs 1612 e 2127.

²⁵³⁰ A.P.M.M. Silva, 2010, Est.1, n.º 12

²⁵³¹ Idem, p.246.

de um intermediário de Lyon²⁵³². Outras explicações são possíveis para a distribuição das ocorrências, nomeadamente, e considerando a especial incidência ibérica, o trânsito através do Atlântico.

A impressão de Paredes, 3a, está presente no contexto neroniano de La Nautique de Narbonne, que lhe fixa a cronologia, como também em Ruscino, Bona, forte de Mainz, Tarragona e *Baelo Claudia*²⁵³³,

Labio estava já atestado por outros modelos na Lusitânia meridional e ocidental, em Represas (Beja (1x), Miróbriga (1x), Alcácer do Sal (1x) e Conímbriga (3x)²⁵³⁴.

Ol. Ag.6	La Grauf.	Ritt.8	G.1	<i>Damonus</i>	<u>D</u> AMONI	13h	45- 60 d.C.	
Ol. Ag.7	La Grauf.	Drag. 15/17	G.1	<i>Labio</i>	OF.LABIO	3a	45- 65 d.C.	

Figura 110- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas de Paredes²⁵³⁵.

8.3.5.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do sítio.

Os exemplares coletados no ambiente funerário *ierabrigense* contribuem para fixar nos principados de Cláudio ou Nero a prática da sepultura contendo exuberante espólio votivo, com paralelo noutras ocorrências de similar enquadramento contextual da Praça da Figueira, em Lisboa, onde se registam composições de *terra sigillata* incluindo dois pratos standardizados e um número variável de tigelas²⁵³⁶.

8.3.6. Quinta da Barradinha (Alenquer)- Ol.Ag.8 a Ol.Ag.11.

O sítio romano da Quinta da Barradinha localiza-se a cerca de 2,5 Km de outro sítio romano importante, Paredes-Quinta do Bravo (Alenquer), ambos localizados na proximidade da via *Olisipo-Bracara*, na margem direita do Rio de Alenquer.

Bento Pereira do Carmo, político de proeminência das primeiras etapas do liberalismo, deu a conhecer a existência do sítio nos meados do séc.XIX por ali ter identificado diverso material cerâmico e recolhido numismas de Trajano, Adriano e Antonino Pio, tendo também em 1839 observado uma sepultura de inumação romana²⁵³⁷.

²⁵³² NOTS 5, p.8.

²⁵³³ Idem, p.3.

²⁵³⁴ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

²⁵³⁵ Elaboração própria sobre os desenhos da publicação original de M.A.H. Pereira, 1970, Est.II, n.ºs 4 e 6.

²⁵³⁶ Vide apartado respetivo, *supra*.

²⁵³⁷ M. Costa, 2012, p.122.

Depois, nas décadas centrais do séc.XX, Hipólito Cabaço recolheu novos elementos, atualmente depositados no Museu de Alenquer, incluindo espécies em *terra sigillata* sudgálica e hispânica, mas também africana clara C e D, conjuntamente com ânforas Dressel 20 do Guadalquivir, onde pontuam duas “marcas”, Lusitanas 3, Dressel 14 e 51c lusitanas. Mais uma vez as recolhas sugerem um lapso temporal longo de ocupação do sítio, pelo menos cobrindo os séculos I e IV d.C. O achado de fragmentos de mosaicos em vidro azul²⁵³⁸ sugere decorações arquitectónicas de qualidade elevada.

8.3.6.1. Enquadramento do conjunto

Em data recente, deu entrada no Museu Municipal de Vila Franca de Xira um outro conjunto, desta feita volumoso, como os anteriores resultante de recolhas de superfície. Nele se incluem os exemplares de *terra sigillata* ostentando “marca” que aqui se apresentam, e outros materiais que corroboram a amplitude cronológica já antes atestada.

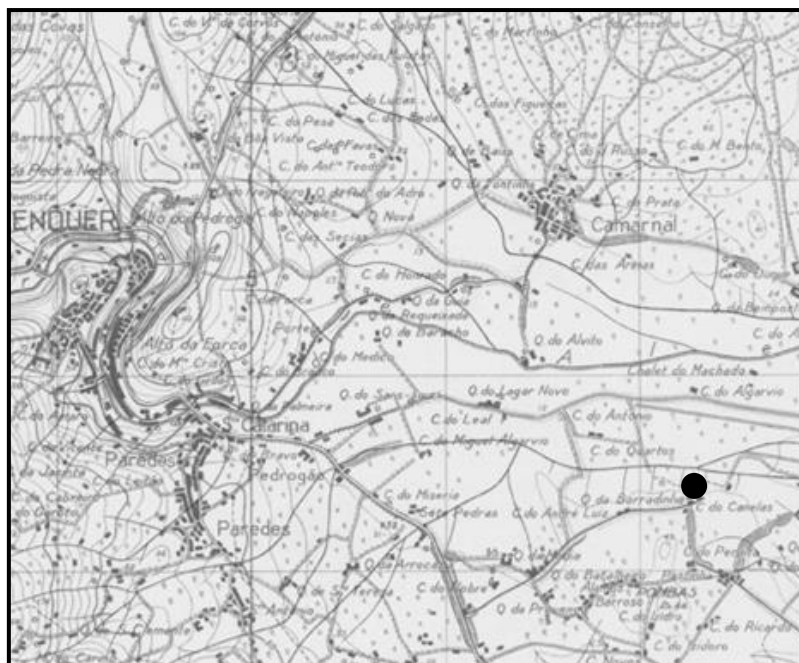


Figura 111- Localização do sítio de Quinta da Barradinha na *Carta Militar de Portugal*, folha n.º376, à escala 1/25000.

A vastidão da área de dispersão superficial dos vestígios sugere a existência de uma *uilla* de alguma importância, entendimento reforçado pela presença de materiais de construção que denotam elementos de decoração arquitectónica de qualidade. A sua localização apresenta-se como “canónica”, isto é, orientada ao meio-dia e a meia encosta,

²⁵³⁸ E. Barbosa, 1970, p.28.

dominando o fértil vale do Rio de Alenquer, com uma amplitude visual importante sobre extenso trecho do mesmo em direcção ao Tejo.

8.3.6.2. *Produções atestadas*

Em estudo académico elaborado por Mafalda Carvalho Dias em 2001, assinalou-se nos depósitos do Museu Municipal Hipólito Cabaço a presença de dois bordos de prato Drag.18 sudgálicos, e de um bordo e dois fundos de pratos hispânicos riojanos Drag.15/17, a par de um exemplar de sigillata clara africa C, da forma Hayes 50A e de um outro em fabrico D, um fundo estampilhado²⁵³⁹. A consulta efetuada à colecção depositada no Museu Municipal de Vila Franca de Xira mostrou um conjunto muito mais vasto, acusando a existência de fabricos itálicos, uma mais ampla gama de formas sudgálicas e uma representatividade das elaborações hispânicas dominante, panorama sugerido pelo pequeno conjunto de “marcas de oleiro”, das quais duas hispânicas e uma sudgálica.

O conjunto, no momento o mais amplo dos sítios do *ager olisiponensis* até agora divulgados, merece algumas observações: em primeiro lugar, e o que se reveste de relevo para a história do assentamento, estão presentes recipientes elaborados em modo itálico, mostrando um deles uma cronologia tibéria ou posterior, podendo atingir datações flávias, e um outro mais antigo, um *skyphos*, podendo tratar-se de vaso alvo de cuidados especiais de manuseamento. Neste sentido, os elementos itálicos não constituem um elemento fiável que permita percepcionar um arranque da ocupação do espaço em período mais recuado, sugerido pela única impressão itálica que se conhece do local.

O conjunto sudgálico mostra características de fabrico que o permitem adscrever, com grande probabilidade, ao centro produtor de La Graufesenque ou oficinas dependentes, perfil habitual nesta zona da antiga *Lusitania*. Minoritário face às elaborações hispânicas, o que deverá fundar-se nos contornos cronológicos da dinâmica da Quinta da Barradinha, o conjunto mostra não apenas as formas mais divulgadas, como as tigelas e pratos Drag. 24/25, 27, 15/17, 18 ou até a Ritt.9 e Drag.33, como também uma rara forma fechada (vide Figura 112, *infra*), muito provavelmente jarro ou pote decorado cuja ocorrência muito importa enfatizar pois constitui um elemento denunciador de um consumo diferenciado no lugar. Este carácter social, económico e cultural especial do sítio surge reforçado pela alta percentagem de vasos rutenos

²⁵³⁹ M.C. Dias, 2001.

decorados face aos congêneres recipientes lisos, ao atingirem 10,02% (NMI) do total da *sigillata* alto imperial da Barradinha, o que significa uma proporção de c. 4/10 vasos decorados no âmbito sudgálico, situação sem paralelo nos presumíveis grandes centros redistribuidores próximos de Lisboa e Santarém.

Durante a dinastia dos Flávios o assentamento terá assistido à recepção de produções hispânicas, que se terá arrastado pela primeira metade do séc. II d.C.. Como aconteceu com os fabricos gauleses, mais uma vez se recepcionaram os vasos de tipologia mais comum como se verificou a ocorrência de um provável fragmento de cantil riojano, raro nos contextos urbanos do Vale do Tejo, a mostrar de novo a especial apetência dos consumidores do assentamento alenquerense por vasos pouco correntes. Neste âmbito ainda, deverá assinalar-se o relativo equilíbrio entre La Rioja e Andújar no plano da loiça lisa, sem contrapartida ao nível da decorada onde é esmagador o predomínio do complexo hispânico setentrional (vide Figura 112, *infra*).

Forma	B	C	F	P	Frag.	% Frag.	NMI	% NMI
Consp. 18	0	1	0	0	1	0,79	1	1,67
Prato ?	0	0	1	0	1	0,79	0	0
Consp. 23.1	1	0	0	0	1	0,79	1	1,67
Consp. 38.2.1	1	0	0	0	1	0,79	1	1,67
TOTAL Itálicas	2	1	1	0	4	3,16	3	5,01
Drag. 15/17	3	0	2	0	5	3,97	3	5,4
Drag. 18	7	1	0	1	7	5,56	5	8,52
Prato ?	0	0	2	0	2	1,59	0	0
Drag. 15/17R	0	0	1	0	1	0,79	1	1,67
Ritt. 9	0	0	1	0	1	0,79	1	1,67
Drag. 24/25	3	0	2	0	5	3,97	2	3,34
Drag. 27	4	3	3	0	10	7,94	4	6,68
Drag. 33	1	0	0	0	1	0,79	1	1,67
Indet. Lisa	0	0	0	13	13	10,31	0	0
Drag. 30	0	0	1	0	1	0,79	1	1,67
Drag. 29	1	0	0	0	1	0,79	1	1,67
Drag. 37	2	1	0	0	3	2,38	2	3,34
Decorada Indet.	0	0	0	1	1	0,79	1	1,67
Forma fechada Indet.	0	0	0	1	1	0,79	1	1,67
TOTAL Sudgálicas	21	5	12	16	52	41,25	23	35,63
Drag. 18 Tr.	1	0	0	0	1	0,79	1	1,67
Drag. 15/17 Tr.	8	7	0	0	15	12,01	8	14,23
Drag. 15/17 And.	6	3	1	0	10	7,94	6	10,79
Prato Indet. Tr.	0	0	0	1	1	0,79	0	0
Prato Indet. And.	0	0	0	1	1	0,79	0	0
Drag. 27 Tr.	4	5	1	0	10	7,94	5	8,52
Drag. 27 And.	6	3	0	0	9	7,1	6	10,79

Drag. 33 Tr.	0	0	1	0	1	0,79	1	1,67
Drag. 33 And. ou Tr.	0	0	1	0	1	0,79	1	1,67
Drag. 35/36 And.	1	0	0	0	1	0,79	1	1,67
Indet. Lisa Tr.	0	0	0	1	1	0,79	0	0
Indet. Lisa And.	0	0	0	8	8	6,35	0	0
Drag. 29 ou 37 Tr.	1	0	0	0	1	0,79	1	1,67
Drag. 29 ou 27 And.	0	0	1	0	1	0,79	1	1,67
Drag. 37 Tr.	2	0	0	0	2	1,59	2	3,34
Cantil ? Tr.	0	0	0	1	1	0,79	1	1,67
Taça dec. Tr.	0	0	0	6	6	4,76	0	0
TOTAL Hispânicas	29	18	5	18	70	55,59	34	59,36
TOTAL	52	24	18	34	126	100	60	100

Figura 112- *Terra sigillata* alto-imperial da Quinta da Barradinha depositada nos Museu Municipal de Hipólito Cabaço (Alenquer) e Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

8.3.6.2.1. Produções Itálicas

Ol.Ag.8- ? *L.Tettii Samia* (novo?).

Ernâni Barbosa publicou a leitura de uma “marca de oleiro” bilinear incompleta, estampada num dos dez fragmentos de *sigillata* que à data se conservava no Museu Municipal de Hipólito Cabaço (Alenquer) oriundos do sítio romano. Tendo lido MNL...SMIA (?) (sic), e indicado constar da “*Estampa I, 3ª peça da 2ª fila*”²⁵⁴⁰, infelizmente do volume não consta qualquer ilustração, e a impossibilidade de consulta do exemplar²⁵⁴¹ impediram a sua mais fiável classificação.

Entre as várias possibilidades, a segunda linha do texto parece a mais significativa, sendo com facilidade desdobrável como SAMIA, assim vinculável a *L.Tettius Samia*, importante produtor aretino repertoriado em várias entradas no OCK (2109, 2110, 2111 2112), ativo entre 20 a.C. e 5 d.C. No que respeita à primeira linha, coloca maiores dificuldades de interpretação, pois se a leitura foi bem executada por Barbosa, tratar-se-á de um novo registo de dependente de *L.Tettius Samia*. Outras possibilidades estão, contudo, em aberto, dado apenas se lhe conhecer um escravo *Hilarus* (OCK 2113), que num único punção dos quatro conhecidos assinala o *cognomen* do *dominus* (OCK 2113.1): nele, este elemento da onomástica ocupa isoladamente a segunda linha do texto, mas foi grafado sem nexos. Em sentido inverso, os nexos da parte inicial HIL e AR poderão ter sido confundidos por Barbosa com M e N, como poderá ocorrido com o

²⁵⁴⁰ E. Barbosa, 1970, p.28.

²⁵⁴¹ Ainda se aguardava no momento em que estas linhas foram escritas, em Maio de 2012, a resposta ao pedido formulado à C.M.Alenquer em Fevereiro do ano anterior. De qualquer das formas, a espécie não foi já observada em 2001 por Mafalda Carvalho Dias- Conf. M.C. Dias, 2001.

I que os segue, porventura um L, pelo que *Hilarus L.Tettii Samiae* é também hipótese a considerar.

Ol. Ag.8	Arezzo	Indet.		? <i>L.Tettii Samiae</i>	MNL(??).../ SAMIA	-	20 a.C.- 5 d.C.	n.i.

Figura 113- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” itálica da Quinta da Barradinha.

8.3.6.2.2. Produções Gálicas

Ol.Ag.9 - *Amandus ii* (NOTS 1, 169-173).

Amandus ii é um fabricante ruteno de capacidade de produção elevada, supondo-se ter estado ativo entre 30 e 65 d.C.²⁵⁴²

A impressão do sítio ribatejano está muito deteriorada, merecendo uma menção especial pelo fato de equivaler a uma forma decorada a molde pouco atestada na região, na qual não se vislumbram sequer vestígios da decoração. Recipientes “assinados” pelo oleiro já haviam sido registados na região em estudo, ocorrendo em Lisboa por duas ocasiões com punções seguramente distintos²⁵⁴³.

Ol. Ag.9	La Grauf.	Drag.29	G.1	<i>Amandus ii</i>	(...)MAND	-	40 - 65 d.C	

Figura 114- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica da Quinta da Barradinha.

8.3.6.2.3. Produções Hispânicas

Ol.Ag.10 - *A.H() E()* (Bustamante 533-534).

Oleiro meridional hispânico sediado em Andújar, *A.H() E()* tem uma boa representação no norte de África, estando presente em Banasa, Sala, Tipasa, Thamuda, *Volubilis* e *Lixus*²⁵⁴⁴, onde surge com diversas impressões produzidas por diferentes punções²⁵⁴⁵. A presença em solo hispano é contudo muito escassa, tendo assinalados exemplos em Carmona e Museu de Jáen²⁵⁴⁶. O caso ribatejano, o primeiro lusitano, equivale a um outro repertoriado no último sítio marroquino citado, estampado no fundo de um prato Drag.15/17²⁵⁴⁷.

²⁵⁴² NOTS 1, p.173.

²⁵⁴³ Vide apartado próprio, supra, Ol.3 e Ol.273.

²⁵⁴⁴ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.533-534; J.Boube, 1965, p.118-119.

²⁵⁴⁵ Idem e fig.32. Macarena Bustamante Álvarez apenas repertoria em *Lixus* três impressões, estando ausentes as restantes antes apresentadas por Jean Boube- Conf.M.Bustamante Álvarez, 2010b, Anexo XIX.

²⁵⁴⁶ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.533.

²⁵⁴⁷ J. Boube, 1965, p.118, n.º295.

O oleiro é atribuído ao período dos Flávios por Manuel Sotomayor Muro, Mercedes Roca Rouméns e Isabel Fernández García²⁵⁴⁸.

Ol. Ag.11- *Lapillius* (Bustamante 547-552).

Lapillius é um dos produtores riojanos de maior capacidade produtiva, tendo desenvolvido a sua atividade oleira em Trício e El Quemao²⁵⁴⁹ ao longo de um período lato que não se consegue precisar melhor no momento, entre 70 e 150 d.C.²⁵⁵⁰.

A “marca”, patente num fragmento que conserva o fundo, encontra-se incompleta, e dada a elevada quantidade de punções adscritos ao produtor, é impossível estabelecer o paralelo exato. *Lapillius*, a despeito da sua elevada capacidade produtiva, está documentado na região em estudo somente por uma vez em Lisboa²⁵⁵¹, dois exemplares de Santarém²⁵⁵² e um outro de Azeitada (Almeirim)²⁵⁵³.

Ol. Ag.10	Andújar	Drag.27	H.4	A.H() E()	O(...)HE	Boube 295	70 - 150 d.C.	
Ol. Ag.11	La Rioja	Drag.27	H.2	<i>Lapillius</i>	LAPIL(...)	-	70 - 150 d.C.	

Figura 115- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânicas da Quinta da Barradinha.

8.3.6.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do sítio.

O assentamento rural da Quinta da Barradinha, com base na informação proporcionada pelas “marcas de oleiro”, poderá ter estado já ativo no principado de Augusto, relação que requereria outro suporte a partir do remanescente do conjunto de *sigillata*.

As restantes impressões, gálica e hispânicas, dão testemunho do consumo de vasos no local desde os meados do séc.I d.C., quando o assentamento parece ter estado já plenamente ativo, parecendo denotar, em função da maior representatividade dos fabricos hispânicos, um substancial maior vigor a partir da dinastia dos Flávios e até meados do séc.II d.C., pelo menos.

²⁵⁴⁸ M. Sotomayor Muro *et al.*, 1999, p.39.

²⁵⁴⁹ M.P. Sáenz Preciado, 2000, p.295; M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.547.

²⁵⁵⁰ Idem, p.759, fig.331.

²⁵⁵¹ Vide supra, Ol.404.

²⁵⁵² C. Viegas, 2003a. Vide adiante, apartado em próprio, Sc.26 e Sc.32.

²⁵⁵³ Vide adiante, apartado em próprio, Sc.Ag.23.

Romana²⁵⁵⁶. Coloca-se, pois, a possibilidade de no lugar ter existido uma unidade de exploração agrária, tendo-se identificado artefatos cobrindo uma cronologia entre o séc.I d.C. e o séc.IV d.C.

8.3.7.2. *Produções atestadas*

Os três exemplares conservando impressão foram coletados durante os trabalhos arqueológicos desenvolvidos em 2009, havendo menção à recolha de outros exemplares em *sigillata* sudgálica, nomeadamente de um bordo de tigela Drag.24/25, como de recipientes de fabrico hispânico²⁵⁵⁷.

8.3.7.2.1. *Produções gálicas*

Ol.Ag.12- *Mont_ Cres_* (NOTS 6, 152-155).

*Mont_ Cres_*, que talvez se possa desdobrar como *Montius Cres* é um oleiro de baixa capacidade produtiva de La Graufesenque, ativo entre os finais do principado de Nero e os inícios do de Domiciano²⁵⁵⁸.

A impressão encontra-se fragmentada, e a circunstância de o NOTS apenas ilustrar três dos vinte e seis punções repertoriados para o artesão tornou impossível a definição de um paralelo de referência.

Ol.Ag.13- Oleiro desconhecido- impressão truncada

O exemplar foi aplicado num fundo de uma tigela de pequena dimensão, mostrando uma cartela enquadrada por canelura circular concêntrica, de que se conserva a parte terminal mostrando um I final e uma letra que o antecede de haste vertical. Não é de excluir tratar-se de uma “marca” grafomorfa.

Ol. Ag.12	La Grauf.	Drag.18	G.1	Mont_ Cres_	(...)CRE	-	65- 85 d.C.	
Ol. Ag.13	La Grauf.	Drag.27	G.1	Ol. Desc.	(...)II (?)	-	-	

Figura 117- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas da Serra de Carnaxide.

8.3.7.2.3. *Produções hispânicas*

Ol.14- *Aemilius* (Bustamante 471).

As superfícies do fragmento de tigela que ostenta o exemplar Ol.Ag.14 estão, no

²⁵⁵⁶ Informação gentilmente cedida por Gisela Encarnação, a quem se aproveita para agradecer a possibilidade da sua divulgação.

²⁵⁵⁷ Idem.

²⁵⁵⁸ NOTS 6, p.155.

fundo, extremamente erodidas, tendo o revestimento destacado. Este mostra uma tonalidade alaranjada que ocorre em produtos de La Rioja, incluindo produtos assinados por *Valerius Paternus*. Considerando este elemento e que, segundo Macarena Bustamante Álvarez, o importante oleiro iniciou a sua atividade na década de 90 d.C., possivelmente já com Trajano²⁵⁵⁹, se supõe uma cronologia próxima para *Aemilius*, base que apesar de tudo se julga frágil.

Aemilius é conhecido por três modelos de punção²⁵⁶⁰, nenhum dos quais equivalendo ao exemplar da Serra de Carnaxide, que se conserva completo apesar de danificado. Trata-se, por essa razão, de um novo registo para o produtor.

No lado externo do fundo a tigela conserva o grafito pós-cozedura incompleto TV(...?).

Ol. Ag.14	Andújar	Drag.27	G.1	<i>Aemilius</i>	OF.AEI	nova	90 - 110 d.C.	

Figura 118- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânicas da Serra de Carnaxide.

8.3.7.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do sítio.

Considerando a escassez de informação contextualmente qualificada, o contributo das três impressões é o de tão-somente testemunhar o consumo de recipientes de mesa ao longo do séc.I d.C. a inícios do II d.C.

8.3.8. Alto de Caparide/Caparide (São Domingos de Rana, Cascais)- Ol.Ag.15 a Ol.Ag.20.

O sítio arqueológico de Alto de Caparide está implantado numa pequena plataforma com configuração de esporão sobre o Vale da Ribeira de Caparide, distando um pouco mais de 2 Km da linha de costa, a Sul. Hoje inserido em ambiente urbanizado da localidade que lhe dá o nome, compreende mais de 200 m lineares de vestígios da Antiguidade, sendo difícil estimar com precisão a área original da sua dispersão²⁵⁶¹.

Os primeiros achados relacionáveis com o arqueossítio correspondem a duas *cupae* referenciadas por Leite de Vasconcelos nos finais do séc. XIX, de dois outros epitáfios mencionados por Rosa Capeans em 1930 e de um outro, achado em 1976, por

²⁵⁵⁹ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.696 e 759, fig.331.

²⁵⁶⁰ reconhecidos em León, Numância, Arenzana de Arriba e Monte Mózinho- Conf., p.474.

²⁵⁶¹ J.A.S. Rodrigues, 2005, p.97 e seguintes.

Guilherme Cardoso e José D'Encarnação²⁵⁶². Dever-se-ia a Cardoso a localização do arqueossítio no espaço da antiga “Quinta dos Pesos”, informado por António Castelo Branco da recolha de cerâmicas e tesselas ali efetuada por um grupo de jovens em 1972²⁵⁶³.

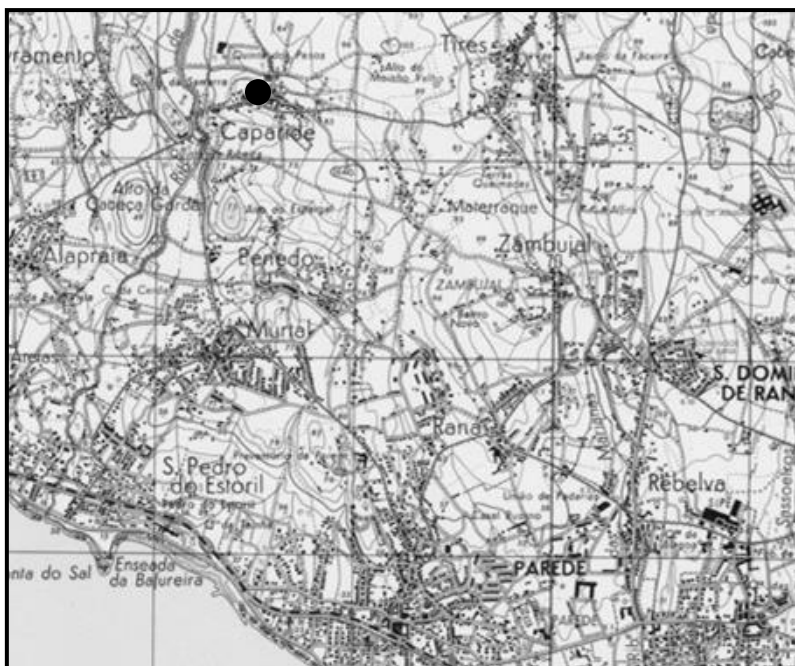


Figura 119- Localização do sítio do Alto de Caparide na *Carta Militar de Portugal*, folha n.º 430, à escala 1/25000.

Sucessivas intervenções arqueológicas com carácter de salvamento, entre 1988 a 1999, iriam dar então lugar a acções preventivas no âmbito dos processos de urbanização, e a uma extensa escavação desenvolvida entre 2001 e 2003 que colocou a descoberto um conjunto de reveladoras ocupações datadas das épocas romana, alto medieval e islâmica²⁵⁶⁴.

De um ponto de vista da dinâmica do assentamento, deverá assinalar-se a recolha de elementos datados da II Idade do Ferro nas áreas arqueológicas junto da Travessa da Beneficência e do Largo Manuel Henriques Correia²⁵⁶⁵. Estas evidências, postas em relação com as características geomorfológicas e geoestratégicas do Alto de Caparide, permitem equacionar a hipótese de uma continuidade de ocupação do assentamento rural entre a segunda metade do I milénio a.C. e o período de dominação romana.

²⁵⁶² Idem, p.45; J. D'Encarnação e G. Cardoso, 1981-1982.

²⁵⁶³ J.P. Cabral *et al.*, 2002, p.6.

²⁵⁶⁴ J.A.S. Rodrigues, 2005.

²⁵⁶⁵ Idem, p. 97 e seguintes.

8.3.8.1. Enquadramento do conjunto

As estruturas romanas exumadas na área escavada entre 2001 e 2003 apresentaram-se extremamente destruídas pelos trabalhos agrícolas anteriores.

A presença de tesselas, antes mencionada, de fragmentos de fresco polícromo e de uma coluna em “lío rosa de S. Domingos de Rana”²⁵⁶⁶ sugerem espaços com decoração arquitectónica de qualidade. Infelizmente descontextualizados, e portanto dificilmente situáveis cronologicamente, pouco auxílio proporcionam na caracterização do tipo de ocupação que o lugar teve entre os finais do século I a.C. e o séc. II d.C.

O achado de numismas dos principados de Augusto e de Tibério e, na zona a que corresponderia a *pars urbana* da *uilla*, de “um vaso «de fundação» praticamente intato, que tinha no interior uma fíbula do séc. I da nossa Era”²⁵⁶⁷. Independentemente da controvérsia em torno desta interpretação, trata-se de elementos mais do que suficientes para comprovar que o assentamento estaria ativo naquele período.

8.3.8.2. Produções atestadas

Do assentamento do Alto de Caparide haviam sido já publicadas seis impressões na *terra sigillata*: uma sobre produção itálica, três sobre vasos sudgálicos e duas sobre hispanos²⁵⁶⁸.

Tendo-se procedido à atualização e revisão das classificações das “marcas”, em dois casos com consequências ao nível da atribuição a oleiros e/ou cronologias, aproveitou-se para proporcionar o correspondente registo gráfico, dado que os moldes em que foram publicadas em 2005 não o haviam permitido.

8.3.8.2.1. Produções Itálicas

Ol.Ag.15- *Saluius* (2) (OCK 1776).

A impressão está incompleta, restando apenas os caracteres finais de uma das extremidades, mas ainda assim permitindo a leitura SA[L]/VI [estrela], atribuível sem grandes dificuldades a *Saluius*.

O artesão especializou-se na modelação de pratos, como é o caso presente, tendo trabalhado no Vale do Pó no segundo quarto do séc.I d.C. Considerando que dos seus

²⁵⁶⁶ Idem, p.46.

²⁵⁶⁷ J.P. Cabral *et al.*, 2002, p.6.

²⁵⁶⁸ R.B. Silva, 2005, Anexo B. Na altura efetuámos o estudo e classificação dos exemplares com base nas fotografias, aliás de alta qualidade, gentilmente cedidas por Guilherme Cardoso, de sua autoria, a quem reiteramos aqui os agradecimentos então formulados, tanto mais que não nos foi possível aceder à observação directa dos exemplares.

quatro punções conhecidos três deles são *in planta pedis*²⁵⁶⁹, o exemplar de Caparide corresponde ao único do tipo bilinear, talvez o de maior antiguidade do oleiro, próximo dos momentos de vulgarização do modelo de impressão que utilizou mais correntemente.

O punção encontra-se atestado apenas por três vezes em Magdalensberg, num fundo do tipo Consp.B.2.5, e por duas vezes em Aquileia²⁵⁷⁰.

Ol. Ag.15	Vale do Pó	Prato		<i>Saluius</i> (2)	SA(...)/ VI(...)	1176.1	c. 25 d.C.	

Figura 120- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” itálica do Alto de Caparide.

8.3.8.2.2. Produções Gálicas

Ol. Ag.16- *Castus i* (NOTS 2, 272-280).

A dimensão reduzida do fragmento cerâmico permite apenas perceber tratar-se de um fundo de prato, não autorizando uma adscrição tipológica segura.

Da “marca” preserva-se a parte direita, com o texto OF.CAS(...), atribuível a *Castus i* de La Graufesenque, para Hartley e Dickinson ativo entre 40 e 70 d.C.²⁵⁷¹. Marinus Polak, contudo, chama a atenção para o aparecimento frequente de produtos seus em contextos do terceiro quartel do séc. I d.C., o que inclui diversos locais ocupados apenas a partir de 70 d.C., pelo que entende que a sua atividade terá prosseguido durante pelo menos parte do principado de Vespasiano²⁵⁷².

Trata-se do punção 2i, conhecido apenas num prato de Augst²⁵⁷³, em contexto não datado externamente. A enorme similitude com o punção de Vechten C76²⁵⁷⁴, possivelmente elaborada pelo mesmo abridor, sugere uma cronologia aproximada, de 40 a 70 d.C.

Ol. Ag.17- *Iucundus ii* (NOTS 5, 304-308).

A parte conservada da “marca” mostra um texto de difícil leitura, mas que se pode atribuir a *Iucundus ii* com base numa outra impressão de Lisboa, da Praça da Figueira, encontrado numa sepultura dos finais do principado de Nero²⁵⁷⁵.

²⁵⁶⁹ OCK, p. 378.

²⁵⁷⁰ OCK-CD, vasos respetivamente n.ºs 3831, 32235 e 32236.

²⁵⁷¹ NOTS 2, p. 279.

²⁵⁷² M. Polak, 2000, p.199.

²⁵⁷³ NOTS 2, p.273.

²⁵⁷⁴ M. Polak, 2000, p.200.

²⁵⁷⁵ Vide R.B. Silva, 2005, p.163, n.º 66.

O punção não tem paralelo exato, mas a grafia, o formato e a dimensão da cartela são bastante similares às da impressão I22 de Vechten, datável de 45-65 d.C.²⁵⁷⁶, o que corrobora a cronologia indiciada pelo vaso lisboeta citado.

O oleiro terá estado ativo a partir da década de 30 d.C., em La Graufesenque e Le Rozier, tendo terminado a sua laboração ainda com Nero²⁵⁷⁷.

Ol. Ag.18- *Mercator i/Mercatoris* (NOTS 6, 81-86).

A “marca de oleiro” foi impressa no fundo interno de um prato de tipologia indeterminável face à reduzida dimensão do fragmento, dela restando a zona mesial e a extremidade direita.

A atividade de *Mercator i* ter-se-á desenvolvido a partir da década de 70 d.C.²⁵⁷⁸.

O punção presente em Caparide, 1a, está atestado em pratos, sobretudo Drag.18 e Drag.18R, com uma única exceção de uma taça Drag.33 de Londres. Presente em La Graufesenque, a sua difusão fez-se por Canterbury, Exeter, Bath, Chester, Chesters, Londres, Rocester, Corbridge, nos fortes de Valkenburg e Vechten, Zottegem-Velzeke, Gellep, Hanau-Salisberg, Xanten, Saalburg, Colónia, Arles, Trinquetaille²⁵⁷⁹, Brecon e Stockstadt²⁵⁸⁰. Os dois últimos sítios remetem o intervalo cronológico superior para o fim do século I d.C., e alguns dos exemplos de sítios legionários ocupados com os flávios, como Chester ou Corbridge, implicam uma cronologia logo após 70 d.C.

Ol. Ag.16	La Grauf.	Prato	G.1	<i>Castus i</i>	OF CAS(...)	2i	40 - 70 d.C.	
Ol. Ag.17	La Grauf.	Indet.	G.1	<i>Iucundus ii</i>	(...)VN̄DI	≈Vechten I22	45 - 65 d.C.	
Ol. Ag.18	La Grauf.	Prato	G.1	<i>Mercator i</i>	(...)M̄ERC	1a	70 - 100 d.C.	

Figura 121- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas do Alto de Caparide.

8.3.8.2.3. Produções Hispânicas

Ol.Ag.19- *C.A() H()* (Bustamante 466, 499-501).

A impressão do importante oleiro de Andújar corresponde ao tipo Mayet 91²⁵⁸¹, com paralelo exato num exemplar incompleto de *Volubilis*²⁵⁸², integrando-se no grupo

²⁵⁷⁶ M. Polak, 2000, p.244.

²⁵⁷⁷ Idem e NOTS 5, p.307.

²⁵⁷⁸ NOTS, 6, p.86; M. Polak, 2000, p.269.

²⁵⁷⁹ NOTS 6, p. 81.

²⁵⁸⁰ M. Polak, 2000, p.269.

²⁵⁸¹ F. Mayet, 1984, pl.CCIX.

²⁵⁸² J. Boubé, 1965, p.231, n.º 312.

das de texto mais simplificado, contendo apenas o *tria nomina* do artesão.

Colocada no fundo interno de uma taça, provavelmente uma Drag.27, atesta mais uma presença de C.A.H. na área em estudo, a par dos vários exemplares da cidade²⁵⁸³ e de um do *ager* de *Scallabis*²⁵⁸⁴.

Ol.Ag.20- Caem() (Bustamante 499).

O presente exemplar havia sido publicado antes como sendo atribuível a *Cantaber*, oleiro do grupo de La Rioja²⁵⁸⁵.

Reapreciando criticamente a leitura que produzíamos em 2005, a hipótese não é sustentável. De fato, a observação de uma das fotografias cedidas por Guilherme Cardoso permite apreciar um primeiro carater C, seguido de um A, a existência no meio do texto de um M ou N e de um RO na parte final, o que nos sugestionou naquele sentido.

A leitura afigura-se-nos hoje bem distinta. A seguir ao CA inicial surge claramente um E, depois o aludido M, formando CAEM. De seguida talvez um A, o dito R e um O. Ficariamos assim com CAEMARO. O punção utilizado corresponde ao que serviu para produzir uma impressão de um vaso achado em *Volubilis*, incompleta, onde J.Boube leu CAEM(...) ²⁵⁸⁶. Temos pois no sítio rural olisiponense o primeiro exemplo da “marca” completa, não tendo sido possível propor o desdobramento da onomástica do artesão riojano.

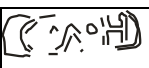
Ol. Ag.19	Andújar	Drag.27	H.4	C. A() H()	C.A.H	Mayet 91	70 – 150 d.C.	
Ol. Ag.20	La Rioja	Drag.27	H.2	Caem()	CAEMARO	Boube 312	70 – 100 d.C.	

Figura 122- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânicas do Alto de Caparide.

9.3.8.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do sítio.

O conjunto das seis “marcas de oleiro” na *terra sigillata* de Caparide constitui o de maior expressão dos *agri* olisiponenses, o que traduz a pobreza atual do panorama dos nossos conhecimentos.

²⁵⁸³ Ver comentários ao exemplar Ol.34, *supra*.

²⁵⁸⁴ Ver *infra*, no presente capítulo, Sc.Ag.21.

²⁵⁸⁵ R.B .Silva, 2005, Anexo B.

²⁵⁸⁶ J. Boube, 1965, p.132, n.º24.

No Alto de Caparide, como em muitos outros sítios romanos do território centro ocidental de *Olisipo*, verificam-se as primeiras importações itálicas de baixela de mesa ainda durante o período de comercialização dos vasos de “verniz negro”. Neste sentido, a pequena amostragem aqui tratada corrobora a continuidade do hábito de consumo alimentar romanizado, iniciado em época republicana romana, denotando o conjunto cobrir um espectro cronológico entre o segundo quarto do séc. I d.C. e os meados do séc.II d.C..

Os exemplares vinculam diretamente o aprovisionamento em ambiente rural ao proporcionado por *Olisipo*, aqui bem patente dado que das seis impressões, quatro estão atestadas na cidade.

8.3.9. Telhal (Rio de Mouro, Sintra)- Ol.Ag.21 a Ol.Ag.23.

O local do assentamento romano de Telhal fica situado a oriente da Serra de Sintra, em zona intensamente urbanizada ao longo das últimas décadas, estando referenciado desde a década de 1980.

As obras de construção da A-16 motivaram o desenvolvimento de trabalhos de arqueologia preventiva desenvolvidos pela empresa Era-Arqueologia em 2008, tendo motivado o aparecimento de um outro núcleo de ocupação, onde se registaram estruturas de carácter rústico e uma necrópole que deverá ter estado ativa entre a Antiguidade Tardia e o período de dominação islâmica.

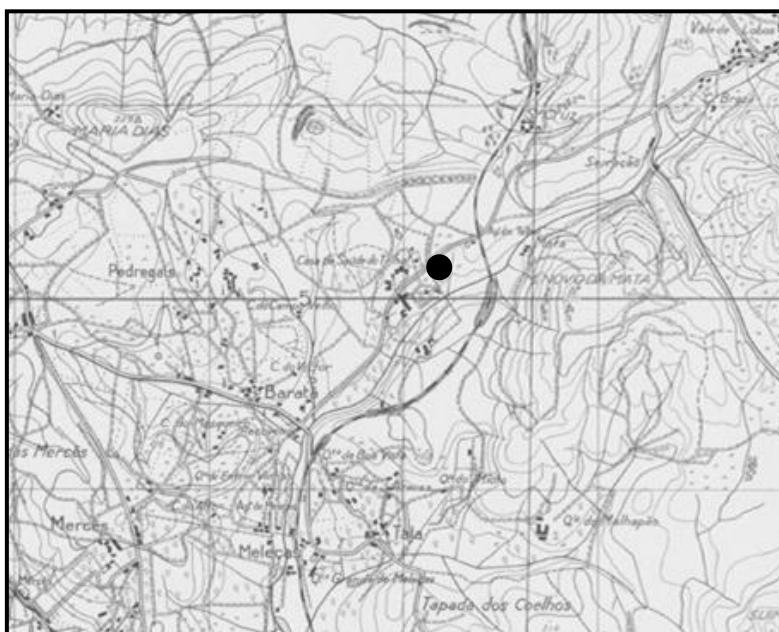


Figura 123- Localização do sítio de Telhal na Carta Militar de Portugal, folha n.º416, à escala 1/25000.

8.3.9.1. Enquadramento do conjunto

A totalidade das impressões de Telhal foi recolhida nos trabalhos arqueológicos de 2008, na “*Sondagem 6*”. De entre estes Ol.Ag.21 merece uma menção particular: recolhido na U.E.6061 daquela unidade de escavação, conserva-se a quase totalidade do fundo do prato Drag.18 como uma porção da parede, o revestimento apresenta-se em bom estado de conservação e as fraturas são nítidas e estão pouco erodidas. Estas características do estado de conservação contrastam com as apresentadas pelos dois outros exemplares coletados, requerendo uma leitura conjectural sobre o contexto primário de deposição diferenciada (processamento detritico? enquadramento funerário?) que os elementos consultados não permitiram esclarecer de forma satisfatória.

8.3.9.2. Produções atestadas

8.3.9.2.1. Produções gálicas

Ol.Ag.21- *Cantus* (NOTS 2, 214-224).

Artesão de La Graufesenque com elevada capacidade de compulsão de vasos, *Cantus* laborou entre os principados de Tibério e Cláudio²⁵⁸⁷.

Muito degradada, a impressão sintrense não permite a determinação do paralelo exato. Integra-se contudo no grupo dos modelos 13 do NOTS em função do texto remanescente, alguns dos quais ocorrem em contextos cláudios como o período I de Velsen ou sítios militares britânicos com Chichester ou Colchester²⁵⁸⁸.

Ol.Ag.22- *Murranus i* (NOTS 6, 181-191).

Como o oleiro anterior, o ruteno *Murranus i* teve elevada capacidade produtiva, ocorrendo no sítio rural do Telhal após duas atestações em Lisboa, com outros dois tipos de punção²⁵⁸⁹. Ativo entre Cláudio e Domiciano, documenta-se agora a sua impressão 8c', de grande difusão: em La Graufesenque, Fontes-Herault, *uilla* de Lupian, Fos-sur-Mer, Wiesbaden, Estrasburgo, Bickenbach, Vechten, Augst, Hedderheim, Londres, *uilla* de Stanwick, Northamptonshire, Wanborough, Worms, Duston, Leicester, Littleborough, Richborough, Rocester e Exeter. A lista é mais longa e inclui numerosos contextos datados externamente como Chesterholm-Vindolanda, Corbridge,

²⁵⁸⁷ NOTS 2, p.223.

²⁵⁸⁸ Idem, p.220-221.

²⁵⁸⁹ Ol.331 e Ol.332, vide *supra*.

York, Caerleon e Chester²⁵⁹⁰, onde avultam os contextos domiciliários dos anos 80 e 90 d.C.

Ag. Ol.21	La Grauf.	Drag. 18	G.1	<i>Castus i</i>	OFCAN(...)	Grupo 13	70 - 110 d.C.	
Ag. Ol.22	La Grauf.	Prato	G.1	<i>Murranus</i>	(...)VRRA	8c'	75 - 95 d.C.	

Figura 124- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” sudgálicas de Telhal.

8.3.9.2.2. Produções Hispânicas

Ol. Ag.23- *Valerius Paternus* (Bustamante 649-661).

Valerius Paternus operou em La Puebla, Arenzana de Arriba e Trício, sendo a assinatura hispânica com maior número de punções conhecidos. Macarena Bustamante Alvarez crê-o ativo nos principados de Trajano e Adriano, embora implicitamente admita um arranque cerca de 90 d.C.²⁵⁹¹

O estado fragmentário da impressão, truncada longitudinalmente, impede o estabelecimento de um paralelo de referência. O tipo de fabrico, com um revestimento alaranjado, assemelha-se ao do vaso oriundo da Serra de Carnaxide (Amadora) atribuído a *Aemilius*, Ol.Ag.14.

Ag. Ol.23	La Rioja	Drag. 15/17	H.2	<i>Valerius Paternus</i>	EXOVAP	-	90 – 150 d.C.	

Figura 125- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” hispânica de Telhal.

8.3.9.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do sítio

Na ausência de outros elementos de enquadramento contextual, os exemplares de *terra sigillata* ostentando impressão de Telhal asseguram que o sítio estaria seguramente ativo desde o principado de Vespasiano, com continuidade de ocupação no séc.II d.C.

8.3.10. Casal do Rebôlo (Terrugem, Sintra)- Ol.Ag.24 a Ol.Ag.25.

O interesse arqueológico do local é conhecido desde a década de 1980, por vestígios datados do Paleolítico e de Época Romana, tendo em 1991 uma intervenção

²⁵⁹⁰ NOTS 2, p.181-182.

²⁵⁹¹ M. Bustamante Alvarez, 2010a, p.696 e 759, fig.331.

arqueológica dirigida por Luís Raposo detetado também uma ocupação do Calcolítico²⁵⁹².

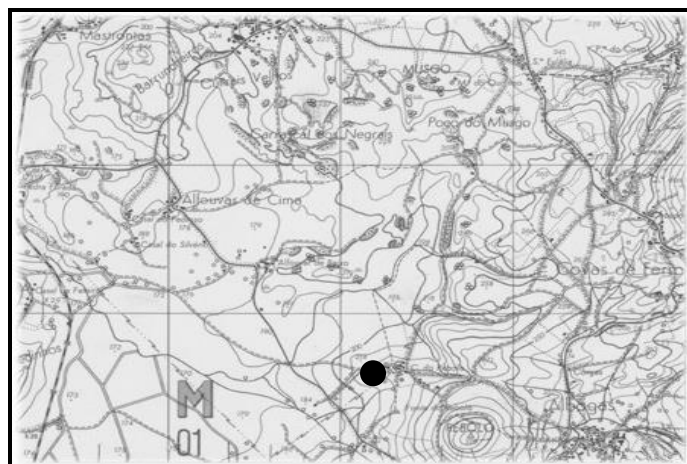


Figura 126- Localização do sítio do Casal do Rebôlo na *Carta Militar de Portugal*, folha n.º 402, à escala 1/25000.

Em 1999, um protocolo entre a Câmara Municipal de Sintra e a Federação Portuguesa de Futebol, cedeu os terrenos da município onde se localizava o sítio arqueológico à segunda entidade, destinados à instalação da “Casa das Selecções”, um centro de treino. Entre Novembro de 2002 e Março de 2005, a implementação do projeto motivou campanhas de trabalhos arqueológicos de carácter preventivo que levaram à detecção de uma necrópole e de estruturas de uma exploração agrária romana²⁵⁹³. O assentamento romano, localizado no sopé do cabeço do Rebôlo, detinha amplos recursos agrícolas, dada sua implantação numa várzea rica em aquíferos, estando igualmente próxima da principal zona de extracção de lioz.

8.3.10.1. Enquadramento do conjunto

A campanha de trabalhos arqueológicos no sítio romano proporcionou a identificação de sete sepulturas e de variadas estruturas relacionáveis com uma unidade de exploração agrária. Da parte “dominial” destacam-se uma *suspensurae*, vestígios de mosaico, fustes de coluna e pilastra que, na opinião de Alexandre Gonçalves e Catarina Coelho, “certificam, com uma grande margem de segurança, a existência de uma uilla romana”²⁵⁹⁴.

²⁵⁹² A .Gonçalves e C. Coelho, 2007, p.I.

²⁵⁹³ Idem, p.I.

²⁵⁹⁴ Idem, p.2.

O espaço de necrópole foi localizado a sul das estruturas habitacionais e relacionadas com as atividades produtivas, separado destas por uma linha de água subsidiária da Ribeira do Mourão, tendo revelado treze sepulturas de inumação a que foi atribuída uma cronologia dos meados do século II e III d.C., registando-se uma incineração classificada como do séc. I d.C.

Na área da necrópole foram encontrados dois tanques gémeos com caleira associada, o principal com cerca de 1,30 m por 2,05 m e revestido a *opus signinum*, tendo sido colocada a hipótese de se relacionarem com um aqueduto de abastecimento à unidade de exploração agrária²⁵⁹⁵.

A impressão Ol.Ag.24 foi recolhida à superfície no “Setor 7” da intervenção de 2004, tendo Ol.Ag.25 sido identificada durante a mesma campanha de trabalhos, na U.E.67 do “Setor 10”.

8.3.10.2. Produções atestadas

Alexandre Gonçalves e Catarina Coelho referem a presença de fabricos sudgálicos, hispânicos e norte-africanos de *terra sigillata*, surgidos a par de produções anfóricas lusitanas destinadas ao envase de produtos piscícolas e sudhispânicas de azeite²⁵⁹⁶

8.3.10.2.1. Produções Gálicas

Ol.Ag.24- *Caluus i* (NOTS 2, 178-195).

A impressão mostra-se muito pouco nítida, equivalendo à utilização de um punção já muito exausto, o 10d do NOTS, presente em Vechten (3x) e Londres (1x)²⁵⁹⁷.

Caluus é um dos mais importantes fabricantes de loiça lisa e decorada de La Graufesenque no período do auge das exportações, sendo o segundo mais representado em período flávio no conjunto de Vechten, a seguir a *Vitalis ii*²⁵⁹⁸. Contudo, e como acontece com este último, os mais prolíficos produtores de La Graufesenque estão pouco documentados na região em estudo, surgindo apenas por duas vezes em Lisboa²⁵⁹⁹.

²⁵⁹⁵ L.F. Sebastião, 2003.

²⁵⁹⁶ A. Gonçalves e C. Coelho, 2007, p.2.

²⁵⁹⁷ NOTS 2, p.190.

²⁵⁹⁸ M. Polak, 2000, p.190.

²⁵⁹⁹ Vide supra, Ol.5 e Ol.287.

Ag. Ol.24	La Grauf.	Drag. 33	G.1	<i>Caius</i>	OFCAI.	10d	60 - 80 d.C.	

Figura 127- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica de Casal do Rebôlo.

8.3.10.2.2. *Produções Hispânicas*

Ol.Ag.25- Oleiro desconhecido- impressão truncada.

Um fundo de prato Drag.15/17, mostrando a típica depressão central em ônfalo das elaborações hispânicas, dotado de um revestimento brilhante e homogêneo, de muito boa qualidade, mostra igualmente os vestígios de uma impressão interna de que se conserva somente a parte terminal e um I. As características de fabrico apontam para uma elaboração ainda no período flávio.

Ag. Ol.25	La Rioja	Drag. 15/17	H.1	Ol. Desc.	(...)I	-	70 - 100 d.C.	

Figura 128- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” hispânica de Casal do Rebôlo.

8.3.10.3. *Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do sítio*

Ambos os exemplares surgiram fora de contextos estratigráficos contemporâneos dos momentos de comercialização dos vasos, contribuindo ambos somente para o perfil de consumo do sítio e desta parte dos *agri olisiponensis*.

8.3.11. Armês (Terrugem, Sintra)- Ol.Ag.26.

Desde André de Resende que ao fontenário conhecido como Fonte dos Mouros é atribuída uma segura origem romana²⁶⁰⁰, estando hoje o monumento classificado como imóvel de interesse público.

Localizado a cerca de 3m do nível atual do solo, é composto em lioz róseo regional e conserva uma importante inscrição referente ao promotor da sua edificação, *Lucius Iulius Maelo Caudicus*, objeto de detalhado estudo arquitectónico, epigráfico e prosopográfico por José Cardim Ribeiro, uma dos mais amplas publicações sobre a presença romana nos *agri olisiponensis*²⁶⁰¹.

²⁶⁰⁰ V.G. Mantas, 1976, p.157.

²⁶⁰¹ J.C. Ribeiro, 1982-83.

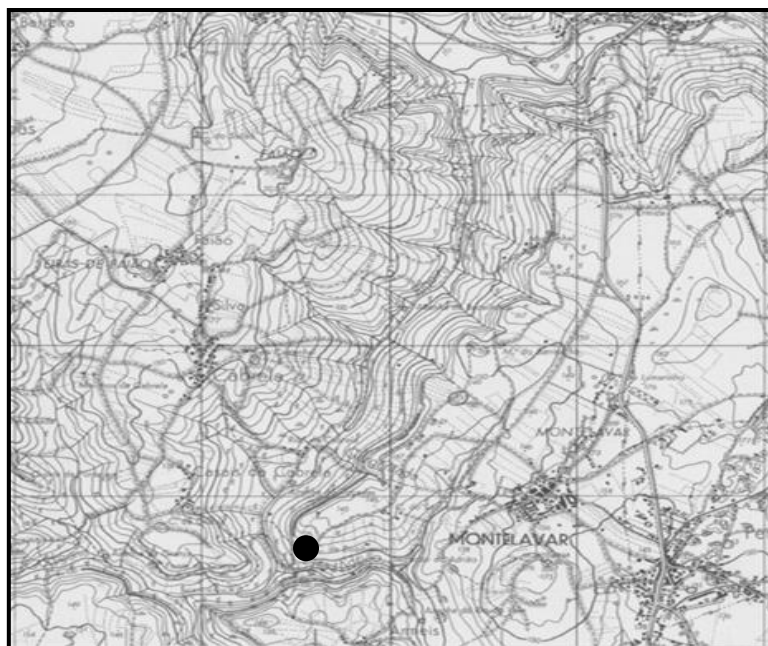


Figura 129- Localização do sítio de Armês na *Carta Militar de Portugal*, folha n.º 402, à escala 1/250000.

8.3.11.1. Enquadramento do conjunto

Segundo Élvio Melim de Sousa, em prospecções recolheram-se à superfície oito fragmentos de cerâmica de verniz negro, que o autor atribui às formas F2152 ou 2154CI de Morel, em imitação de campaniense A, uma B inclassificável morfológicamente, uma F2865bI em imitação de B e uma F2156 em imitação de C²⁶⁰². Independentemente das problemáticas classificações com base na obra de Morel²⁶⁰³ a partir de pequenos fragmentos de cerâmicas de verniz negro, a amostragem parece categórica acerca da existência de uma ocupação do espaço já no séc. I a.C. Um exemplar de contentor anfórico recolhido próximo da fonte é, infelizmente, de tipologia indeterminável²⁶⁰⁴, não auxiliando a este propósito.

Para além do fontenário, que Cardim Ribeiro data da Época de Nero²⁶⁰⁵, em Armês foi igualmente repertoriada uma inscrição funerária (CIL II, 273)²⁶⁰⁶, como mós, que sugeriram a Teresa Caetano a prática da cultura cerealífera no lugar²⁶⁰⁷.

O conjunto de elementos sugere, portanto, a existência de uma unidade de exploração agrária ativa desde o período tardo-republicano, pelo menos, com necrópole

²⁶⁰² É.M. Sousa, 1996, p.50-53.

²⁶⁰³ J..P. Morel, 1981.

²⁶⁰⁴ F.C .Pimenta, 1982-83.

²⁶⁰⁵ J.C .Ribeiro, 1982-83.

²⁶⁰⁶ V.G. Mantas, 1976, p.158.

²⁶⁰⁷ T. Caetano, 2006, p.29.

associada. Parece interessante que o promotor seja um elemento da aristocracia local olisiponense, um *flamen*, e seja portador de onomástica de cariz indígena, o que não poderá deixar de se colocar em relação com a mais que provável ocupação do espaço no séc.I a.C.

8.3.11.2. Produções Atestadas

8.3.11.2.1. Produções Gálicas

Ol.Ag.26- *Secundus* ii (NOTS 8, 170-182).

Entre os vários homónimos de La Graufesenque, *Secundus* ii é o de maior capacidade produtiva, ativo entre os meados do principado de Nero e o de Domiciano²⁶⁰⁸.

Oleiro já atestado por três vezes em Lisboa²⁶⁰⁹, surge em Armês através de um dos seus modelos de impressão mais difundidos, patenteado em vasos coletados em La Graufesenque, sobretudo Drag.33, Forte de Bona, Heddernheim, Ersigen, Tongeren, Vechten, Saalburg, Worms, Belfort, York, Cirencester, Chester, Wroxeter, Paris e Beaulieu-sur-Mer²⁶¹⁰. Os achados de Saalburg remetem para os campos militares formados na sequência da campanha contra os *Chatii*²⁶¹¹, em 83-85 d.C., e o exemplar de Chester provém do forte legionário fundado cerca de 78 d.C.²⁶¹², indicadores que fundamentam a datação proposta.

Ag. Ol.26	La Grauf.	Drag.33	G.1	<i>Secundus</i>	SECYNDI	22d	75 - 90 d.C.	

Figura 130- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica de Armês.

8.3.11.3. Contributo da “marca de oleiro” para o conhecimento do sítio

O exemplar Ol.Ag.26 foi recolhido no âmbito de recolhas de superfície efetuadas em 1994, sendo um contributo mais para o conhecimento dos elementos materiais do séc.I d.C. da unidade de exploração rural.

²⁶⁰⁸ NOTS 8, 181.

²⁶⁰⁹ Vide *supra*, Ol.18, Ol.225 e Ol. 351.

²⁶¹⁰ NOTS 8, p.177.

²⁶¹¹ M. Polak, 2000, p.413.

²⁶¹² Idem, p.408.

8.3.12. Faião (Terrugem, Sintra)- Ol.Ag.27.

A aldeia de Faião localiza-se na ampla plataforma de suaves elevações que é limitada a leste pelo vale cavado da Ribeira de Cheleiros, distando menos de 1,5 Km do arqueossítio de São Miguel de Odrinhas.

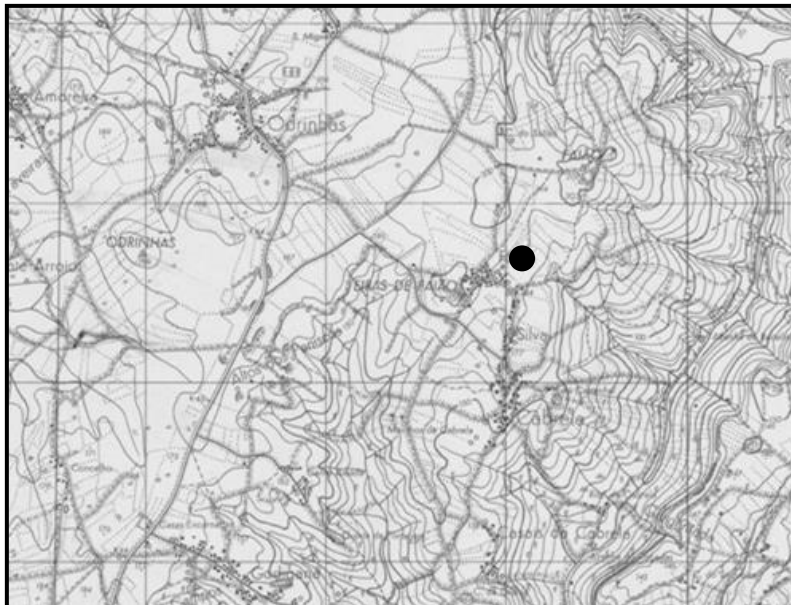


Figura 131- Localização do sítio de Faião na *Carta Militar de Portugal*, folha n.º402, à escala 1/25000.

Situada em pleno ambiente rural, José Cardim Ribeiro dedicou-se ao estudo do local, tendo procedido sucessivamente à recolha da informação arqueológica, hoje depositada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, tendo realizado escavações em 1980, que permanecem inéditas²⁶¹³.

8.3.12.1. Enquadramento do conjunto

O sítio de Faião concentra, conjuntamente com São Miguel de Odrinhas, uma colecção de epigrafia romana sem outro paralelo comparável nos *agri olisiponenses*, o aspeto mais conhecido do local que, conjuntamente com a presença de elementos arquitectónicos de qualidade não necessariamente conectáveis com construções funerárias mais monumentais²⁶¹⁴, sugeriram a Cardim Ribeiro tratar-se de um *uicus*, porventura a *Chretina* mencionada por Cláudio Ptolomeu²⁶¹⁵.

Desconhece-se o essencial dos resultados das escavações dirigidas pelo epigrafista e arqueólogo, pelo que os elementos de caracterização do sítio são diminutos. Ribeiro

²⁶¹³ F.C. Pimenta, 1982-83, p.132.

²⁶¹⁴ J.C. Ribeiro, 1974-1977, p.297, Est.XII.

²⁶¹⁵ Idem, 1982-83, p.160-161; contra, J. Alarcão, 2004.

transmitiu que consta a recolha de um fragmento de cerâmica campaniense²⁶¹⁶, pelo que o sítio estaria já ativo no séc. I a.C.

Sendo numeroso o conjunto epigráfico de Faião, contando com 13 inscrições repertoriadas até 1983²⁶¹⁷, ele mostra uma diversidade social consentânea com a leitura da funcionalidade do local enquanto aglomerado secundário formulada por Cardim Ribeiro. Entre os sepultados em Faião conta-se um destacado personagem da aristocracia municipal olisiponense: para si mandou erguer um mausoléu que o investigador supõe em *opus quadratum* isódomo²⁶¹⁸, indivíduo que desempenhou o *duunvirato* e o *flaminado* municipal. Outros exemplares mencionam indígenas de onomástica aculturada, como o também cidadão olisiponense *Caius Flavius Toncius*²⁶¹⁹. Outras sepulturas denotam outro tipo de recursos, mais limitados, como a de incineração exumada em 1980, *bustum* ou deposição secundária praticada num *ossilegium* equivalente a uma ânfora do tipo Dressel 14 de bordo perolado, que continha no seu interior um fragmento de lucerna²⁶²⁰ de produção local/regional similar aos encontrados em contextos do séc.II d.C. avançado ou já III d.C. na Praça da Figueira, em Lisboa²⁶²¹, o que parece ser o elemento de cronologia mais avançada do pouco que foi dado a conhecer do local.

8.3.12.2. Produções Atestadas

8.3.12.2.1. Produções Gálicas

Ol.Ag.27- *Lupus ii* (NOTS 139-143).

Como se havia referido a propósito do único outro exemplo atribuível ao artesão rutenos em epígrafe na região em estudo, Ol.314, o artesão não deverá ter cessado as suas atividades no principado de Nero mas já com Vespasiano, como demonstrou Marinus Polak²⁶²².

A impressão, aposta no fundo de um prato Drag.18, corresponde ao modelo 3a do NOTS, surgida em La Graufesenque, Vichy, Argentelle-Aveyron, Tongeren e

²⁶¹⁶ J.C. Ribeiro, 1982-83, p.160.

²⁶¹⁷ J.C. Ribeiro, 1974-77 e p.305, nota 7.

²⁶¹⁸ Idem, p.280.

²⁶¹⁹ Idem, p.281.

²⁶²⁰ F.C. Pimenta, 1982-83, p.132-134, Est. IV, ficha 26 e 26A.

²⁶²¹ V.A. Vieira, 2012.

²⁶²² M. Polak, 2000, p.255.

Dorchester²⁶²³, paralelos não datados externamente. A tipologia Ritt.9 do recipiente do centro produtor advoga uma cronologia ainda do período dos imperadores cláudios²⁶²⁴.

Na parede exterior do fundo conserva o grafito QA, que se deveria reportar à onomástica do seu possuidor.

Ag. Ol.27	La Grauf.	Drag.18	G.1	<i>Lupus</i>	LVPIMA	3a	40 - 65 d.C.	

Figura 132- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica de Faião.

8.3.12.3. Contributo da “marca de oleiro” para o conhecimento do sítio

O fragmento de vaso, apesar de fragmentado, recolhido em 1976 no quadro de prospecção superficial, conserva a quase totalidade do fundo e parte da parede, podendo equivaler a um elemento que integraria uma sepultura. Independentemente do seu contexto funcional original, documenta a importação de um recipiente sudgálico que complementa com um elemento objetual do período dos Cláudios a vasta informação epigráfica já divulgada²⁶²⁵.

8.3.13. São Miguel de Odrinhas (S.João das Lampas, Sintra)- Ol.Ag.28 a Ol.Ag.29.

São Miguel corresponde a um templo medieval localizado a norte da aldeia de Odrinhas, sendo um dos locais epónimos da arqueologia e epigrafia romanas da região de Lisboa e Vale do Tejo.

Com uma longa tradição de investigação sobre o sítio, ubicado na mesma plataforma de relevo suave que o arqueossítio de Faião e dele distante menos de 1,5 Km, assumiu diversas formas de musealização do espaço ate à formulação atual, no que será a unidade orgânica regional mais solidamente estruturada e bem apetrechada da Península de Lisboa, o Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, hoje uma empresa municipal.

Os restos da *uilla* romana foram objeto de múltiplas interpretações²⁶²⁶, sendo porém consensual que os restos de pavimentos musivos e do remanescente das arquiteturas romanas mais expressivas correspondem a uma formulação do séc. IV d.C. Contudo, e apesar dos numerosos textos dedicados ao sítio, o conhecimento

²⁶²³ NOTS 5, p.140.

²⁶²⁴ Idem.

²⁶²⁵ J.C. Ribeiro, 1982-83, 1974-77.

²⁶²⁶ Vide uma síntese do histórico das investigações e leituras em Catarina Coelho, 2005-2006.

arqueológico da *uilla* romana, é diminuto, como assinalam Jorge de Alarcão²⁶²⁷ e José Cardim Ribeiro²⁶²⁸, dado as suas estruturas se terem visto muito prejudicadas pela implantação de um amplo cemitério medieval anexo ao templo com a invocação de São Miguel.

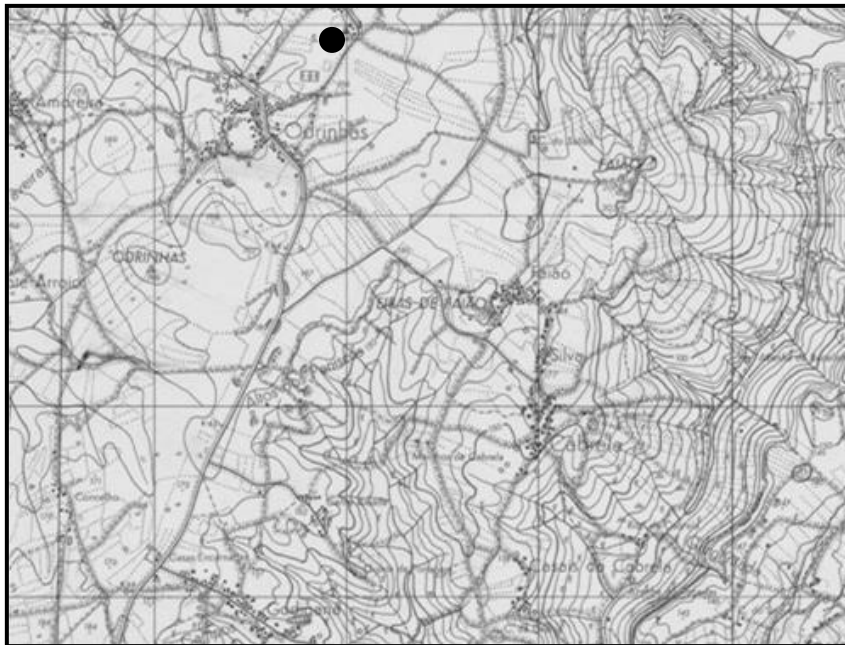


Figura 133- Localização do sítio de São Miguel de Odrinhas na *Carta Militar de Portugal*, folha n.º402, à escala 1/25000.

8.3.13.1. Enquadramento do conjunto

No seu estudo sobre a cerâmica campaniense do então Museu Regional de Sintra, Élvio Melim de Sousa menciona um fragmento que atribuiu à forma F1643aI de Morel, em campaniense B, e dois outros, inclassificáveis em imitação, elementos resultantes da campanha de escavações de 1957 dirigida por D.Fernando de Almeida²⁶²⁹. Estes dados indiciam uma ocupação do espaço já no séc. I a.C., pelo menos, devendo aduzir-se a este panorama um bordo cerâmico recolhido nos trabalhos de 2005 dirigidos por Catarina Coelho, apresentado em fotografia e classificado como cerâmica romana mas que contudo parece corresponder ao bocal de uma ânfora de tradição púnica²⁶³⁰ e um exemplar de Dressel 1A itálica²⁶³¹.

Num primeiro estudo sobre o conjunto anfórico recolhido até 1983, Frederico Coelho Pimenta assinalou a presença em Odrinhas dos contentores anfóricos Dressel 20

²⁶²⁷ J. Alarcão, 1988a, p. 119-120.

²⁶²⁸ J.C. Ribeiro, 1993 *apud* C. Coelho, 2005-2006, p.119-120.

²⁶²⁹ É. M. Sousa, 1996, p.56.

²⁶³⁰ C.Coelho, 2005-2006, p.132, fig.17

²⁶³¹ Idem, p.133, Quadro 2.

e Keay XVI béticos, como de Dressel 14 e Almagro 51c lusitanos²⁶³². Posteriormente, Catarina Coelho publicou os quantitativos das ânforas recolhidas na intervenção de 2005, onde se assinala o expectável predomínio dos modelos mais tardios Almagro 50 e 51c (14x), mas também a ocorrência de Dressel 7/11 (1x), Beltrán IIB (1x), Dressel 14 (2x), Dressel 20 (4x) e Gauloise 3 (1x)²⁶³³, como *sigillata* dos séculos I e II d.C.²⁶³⁴, o que vem em apoio de uma ocupação do espaço no Alto Império.

A campanha de escavações mais recente revelou algumas estruturas romanas anteriores à *uilla* do Baixo-Império, nomeadamente uma vala de drenagem entulhada, elementos insuficientes para a caracterização da unidade de exploração rural mais antiga²⁶³⁵. No local recolheram-se também mós, pelo que Teresa Caetano coloca a hipótese de na propriedade se ter desenvolvido a cultura cerealífera, feita a par da vitivinícola dado o achado de pesos prismáticos de lagar²⁶³⁶.

Entre as U.E.s reconhecidas na campanha de 2005 contava-se [033], pertencente a uma sepultura medieval, e [18]²⁶³⁷, com idêntica datação, contextos estratigráficos de recolha dos exemplares de *terra sigillata* conservando “marca de oleiro”.

8.3.13.2. *Produções Atestadas*

Do conjunto seguramente mais vasto de S.Miguel de Odrinhas, conhecem-se apenas os quantitativos da campanha de trabalhos de 2005, publicados por Catarina Coelho: nele é patente o predomínio dos recipientes hispânicos (20 fragmentos) sobre os sudgálicos (1 fragmento), e da *sigillata* clara africana das várias classes de fabrico (76/84 fragmentos)²⁶³⁸ sobre os recipientes mais antigos, o que se deve ao perfil cronológico contextual do sítio.

8.3.13.2.1. *Produções Hispânicas*

Ag.Ol.28- *Saturninus* (Bustamante 618-622).

Saturninus é um importante oleiro de La Rioja, com atividade atestada em Trício, La Puebla e Arenzana de Arriba²⁶³⁹, onde compulsou sobretudo pratos Drag. 15/17 e tigelas Drag.27, estando documentado por um único exemplar na Calle Almendralejo

²⁶³² F.C. Pimenta, 1982-83, p.138-145.

²⁶³³ C. Coelho, 2005-2006, p.133, Quadro 2.

²⁶³⁴ Idem, p.132, Quadro 1.

²⁶³⁵ Idem..

²⁶³⁶ T. Caetano, 2006, p.29.

²⁶³⁷ C. Coelho, 2005-2006, p.125, fig.14.

²⁶³⁸ Idem, p.132, Quadro I.

²⁶³⁹ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.622.

n.º41, em Mérida, na U.E. 925, datada de 80 a 100 d.C.²⁶⁴⁰ Apesar da sua elevada capacidade produtiva, só está representado na região em estudo por esta “marca” e por um exemplar de Lisboa, Ol.407, o que, se por um lado mostra a fraca capacidade de penetração comercial dos seus recipientes na zona, por outro demonstra as estreitas ligações entre a capital da *ciuitas* e esta área do seu *ager*.

No caso presente a “marca” poderá equivaler a um novo modelo, dado ser perfeitamente visível o X final da habitual fórmula hispânica EXOF, estando ausente a abreviatura de *officina*, o que não acontece com nenhum dos 37 modelos repertoriados até ao momento²⁶⁴¹.

Ag.Ol.29- P.T (Bustamante 638-639).

Artesão de Andújar com atividade situada durante a dinastia dos Flávios por M.Sotomayor Muro, Mercedes Roca Rouméns e M.I.Fernández García, estando atestado nas formas Drag.15/17 e 27²⁶⁴², sendo suas as impressões que predominam de forma pronunciada na “*entulheira* 2” do centro produtor²⁶⁴³. A impressão de São Miguel de Odrinhas está atestada somente em Andújar²⁶⁴⁴.

Em termos morfológicos, e como ocorrera com o exemplar do oleiro documentado em Lisboa, Ol.406, a grande espessura do fundo da tigela sugere encerrar cronologias mais avançadas dentro da produção hispânica, repetindo-se o que se afirmou a esse propósito antes, dado poder encerrar significado quanto à discussão em torno das cronologias de exportação do centro bético²⁶⁴⁵. Como acontece com o exemplar anterior, a ocorrência da impressão demonstra as ligações estreitas entre o assentamento rural e *Olisipo*.

Ol. Ag.28	La Rioja	Prato	H.1	<i>Saturninus</i>	(...)X.SA(...)	-	-	
Ol. Ag.29	Andújar	Drag.27	H.4	<i>P.T.</i>	EXOFPT	-	70 – 120 d.C.	

Figura 134- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânicas de São Miguel de Odrinhas.

²⁶⁴⁰ Idem, p.692.

²⁶⁴¹ Idem, p.618-622.

²⁶⁴² M. Sotomayor Muro *et al.*, 1999, p.42.

²⁶⁴³ F. Mayet, 1984, p.39.

²⁶⁴⁴ Idem, p.165.

²⁶⁴⁵ J.C. Quaresma, 2008; M .Bustamante Álvarez, 2010a.

8.3.13.3. Contributo das “*marcas de oleiro*” para o conhecimento do sítio

Considerando o contexto estratigráfico medieval de recolha dos dois exemplares ostentando “marca de oleiro”, o seu principal contributo é o de ilustrarem de forma expressiva a qualidade de *Olisipo* como ponto abastecedor/redistribuídos de cerâmica fina de mesa romana ao assentamento rural de São Miguel de Odrinhas.

8.3.14. Mata Pequena (Cheleiros, Mafra)- Ol. Ag.30 a Ol. Ag.31.

O sítio romano de Mata Pequena está localizado nas proximidades da aldeia com o mesmo nome, estando inserido na zona especial de protecção do arqueossítio de Penedo do Lexim.

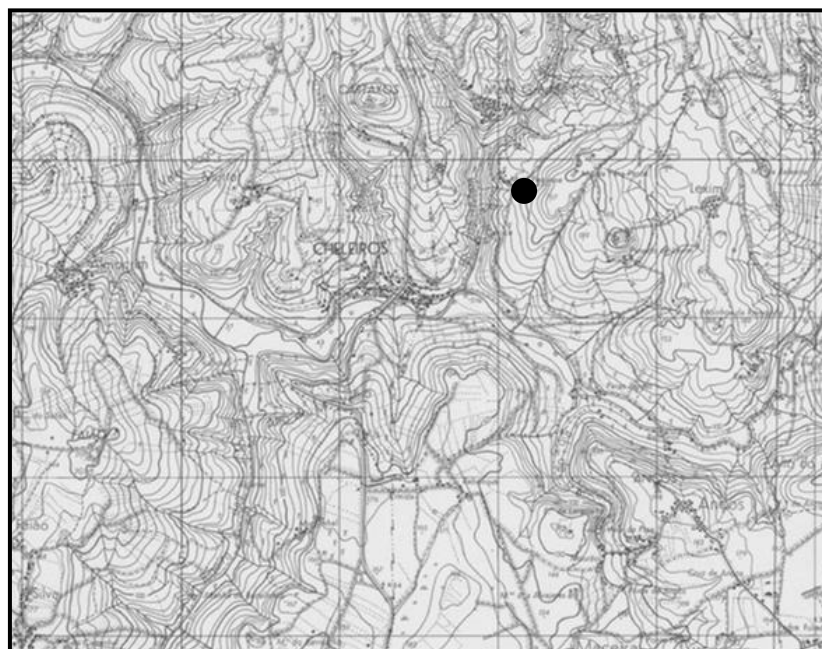


Figura 135- Localização do sítio de Mata Pequena na *Carta Militar de Portugal*, folha n.º 402.

Implantado em encosta suave voltada a um afluente da Ribeira de Cheleiros, está na zona próxima do trajeto da via litoral *Olisipo-Ebburobrittium*, e da ponte de origem romana de Cheleiros, importante ponto daquele itinerário²⁶⁴⁶, da qual dista cerca de 700 m. O assentamento romano corresponderá a uma unidade de exploração agrária, de dimensão indeterminada, mais plausivelmente granja ou *uilla*²⁶⁴⁷, cuja existência é

²⁶⁴⁶ I. Byrne, 1993.

²⁶⁴⁷ Servimo-nos, aqui, da nomenclatura proposta por Jorge de Alarcão (1998). Para aspectos de revisão dos conceitos aplicados por este investigador, vide subcapítulo “7.1.Povoamento e Demografia” constante do texto presente e indicações bibliográficas a esse propósito.

denunciada por sucessivas recolhas à superfície de diversos materiais de cronologia heterogénea.

O espólio coletado foi mencionado por Maria José Almeida e Ana Catarina Sousa²⁶⁴⁸, depois publicado por Élvio Melim de Sousa e Eurico de Sepúlveda²⁶⁴⁹, conservando-se no Museu Municipal concelhio.

8.3.14.1. *Enquadramento do conjunto*

Os elementos disponíveis do sítio mafrense são escassos, destacando-se, para além dos dois exemplares que importam no âmbito do presente trabalho, cinco outros fragmentos de *terra sigillata* em fabrico itálico, e um outro em cerâmica de paredes finas, da forma Mayet IIIB, com a mesma origem. A este conjunto de datação mais recuada, que atesta uma presença humana em torno da mudança da Era, deverá contrapor-se a recolha de um bocal de ânfora do tipo Almagro 50, um *antoniniano* de Galieno e um meio centenional de Constantino I, cunhado em 334-335 d.C.²⁶⁵⁰, que comprovam uma segura longevidade do local até ao séc. IV d.C., pelo menos.

8.3.14.2. *Produções Atestadas*

Do sítio arqueológico provêm duas impressões, executadas sobre tigelas de tipo indeterminável em fabrico do Sul da Gália, já publicadas por Eurico de Sepúlveda e Élvio Melim de Sousa²⁶⁵¹, como antes se referiu.

8.3.14.2.1. *Produções Gálicas*

Ol. Ag.30 a Ol.Ag.31- Oleiro desconhecido- impressões truncadas.

A primeira impressão de Mata Pequena corresponde à parte mesial de um texto muito truncado e erodido, onde se notam apenas duas hastes verticais de caracteres²⁶⁵².

O outro fragmento considerado foi apenas descrito, não tendo sido ilustrado pelos autores mencionados acima, procedimento que aliás adoptaram para o exemplar anterior²⁶⁵³. Tendo indicado a morfologia como também correspondente a uma tigela (taça), as caneluras na face exterior da copa descritas sugerem uma atribuição ao tipo

²⁶⁴⁸ M.J. Almeida e A.C. Sousa, 1996.

²⁶⁴⁹ É.M. Sousa e E. Sepúlveda, 1998.

²⁶⁵⁰ Idem, p.48-56.

²⁶⁵¹ Idem.

²⁶⁵² Idem, p. 48 e 49, n.º1.

²⁶⁵³ Idem, p. 56, n.º 18.

Ritt.8, estando referenciados os vestígios de um dos extremos de uma cartela impressa no fundo interno, o que não permite adscriver-lo a um artesão.

As descrições de pasta e revestimento elaboradas por Melim de Sousa e Sepúlveda indicam tratar-se de produtos de La Graufesenque.

Ol. Ag.30	La Grauf.	Indet.		Ol. desc.	(...)??(...)	-	-	n.i
Ol. Ag.31	La Grauf.	Indet.		Ol. Desc.	(...)	-	-	n.i.

Figura 136- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas de Mata Pequena.

8.3.14.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do sítio

Atendendo à presença de *terra sigillata* de modo itálico, o local deverá ter estado ativo logo em época de Augusto/Tibério, significando a presença das duas “marcas” gálicas a continuidade do consumo de vasos de mesa daquele tipo em momentos provavelmente um pouco posteriores, dentro do séc. I d.C.

8.3.15. Ericeira-Rua do Joinal (Ericeira, Mafra)- Ol.Ag.32.

A Rua do Joinal equivale a uma artéria de uma nova urbanização instalada no setor norte da vila da Ericeira em finais da década de 1990, sem que se lhe conheçam quaisquer trabalhos arqueológicos correspondentes.

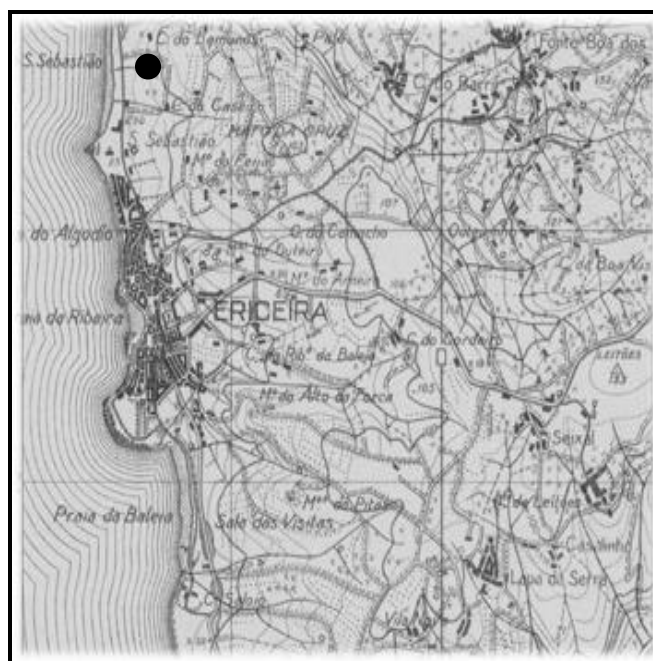


Figura 137- Localização da Ericeira-Rua do Joinal na *Carta Militar de Portugal* à escala 1/25000, folha n.º 388.

O local do provável antigo assentamento situa-se numa meia encosta de pendor suave, de sentido este-oeste, que termina no Atlântico, na Praia de São Sebastião.

Os materiais foram coletados por Henrique Costa, que os deu a conhecer com Dias Diogo em 1999²⁶⁵⁴. Da vila da Ericeira era já conhecida uma inscrição dedicada a divindades aquáticas, *Fontanus*, assimilável a uma das nascentes existentes no local²⁶⁵⁵. Contudo, os autores do estudo dissociam os dois sítios, que entendem como relacionados mas distintos²⁶⁵⁶.

8.3.15.1. Enquadramento do conjunto

Encerrando o local do assentamento uma relação privilegiada com o mar, e porventura tendo em mente o importante carácter piscatório que a vila ainda hoje encerra, Dias Diogo e Henrique Costa sugeriram uma funcionalidade no âmbito da transformação de produtos piscícolas, com base no padrão locativo similar que lhe entrevêm e no comprovado noutros locais da costa marítima portuguesa, nomeadamente Sines e Peniche²⁶⁵⁷.

Contudo, a recolha de materiais efetuada durante as obras de urbanização permitiu identificar apenas oito elementos cerâmicos: quatro fragmentos de *terra sigillata*, um bocal de ânfora do tipo Lusitana 3 e três *pondera*²⁶⁵⁸. Trata-se, portanto, de uma amostragem forçosamente limitada para que se possa caracterizar tipologicamente o assentamento, estando os três últimos elementos citados conetados com atividades de tecelagem praticadas no sítio, e os restantes em nada se relacionando com práticas transformadoras de pescado que o local poderá, hipoteticamente, ter desempenhado.

8.3.15.2. Produções atestadas

A *terra sigillata* está documentada no local por uma relevante “marca de oleiro” em fabrico sudgálico, tendo sido dados a conhecer dois outros vasos com a mesma origem, fragmentos de bordos de uma tigela Drag.27 e de um prato Drag.18, bem como um bordo da forma Hayes 3 em *terra sigillata* clara africana A.²⁶⁵⁹

²⁶⁵⁴ A.M.D. Diogo e H. Costa, 2000.

²⁶⁵⁵ Idem, p.207.

²⁶⁵⁶ Idem, p.209 e segs..

²⁶⁵⁷ Idem.

²⁶⁵⁸ Idem, p.307 e segs.

²⁶⁵⁹ Idem.

8.3.15.2.1. Produções Gálicas

A única “marca de oleiro” coletada na Rua do Joinal, Ericeira, foi publicada pelo seu coletor, conjuntamente com Dias Diogo. Nela é proposta a leitura do texto OF.CARA, inscrito em *tabella ansatta*, sem que todavia se tenha proposto uma atribuição a um artesão, apresentado paralelos ou fixado uma datação²⁶⁶⁰.

As razões que explicarão esta ausência da informação avançada prender-se-ão com a inexistência de outros exemplares com esta impressão constantes das obras de referência: de fato, o único paralelo, que se mantinha inédito, encontra-se em Lisboa, no Palácio dos Condes de Penafiel²⁶⁶¹. Porém, as duas “marcas de oleiro” aparentemente ostentam diferenças, pois no caso lisboeta é perfeitamente visível o nexu no final do texto AN, que Diogo e Costa não transmitem. Contudo, e porque não nos foi dado observar diretamente o fragmento mafrense, a explicação mais provável é a de que o fragmento se mostre erodido, dada a identidade perfeita de todos os restantes detalhes.

Ag.Ol.32-*Carantus* (NOTS 2, 236 - 238).

Como referimos *supra*, a propósito do exemplar lisboeta desta impressão²⁶⁶², o artesão surge bem atestado em estabelecimentos militares fundados nos inícios da década de 70 d.C., parecendo ter iniciado a sua produção ainda com Nero, e ter finalizado a sua atividade no principado de Domiciano, considerando a sua presença nos contextos mais recentes de Butzbach e Chesterholm, fundações deste imperador²⁶⁶³. Conforme atrás se expôs também, o formato muito caraterístico da cartela, que só se conhecia para o importante produtor da fase final de grande exportação de La Graufesenque *Lucius Cosius Virilis* (NOTS 3, 138-146), demonstra a estreita ligação entre ambos e corrobora as datações antes enunciadas para *Carantus*.

OL. Ag.32	La Grauf.	Prato		<i>Carantus</i>	OF.CARAN	novo	70 – 100 d.C.	

Figura 138- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica da Ericeira-Rua do Joinal.

²⁶⁶⁰ Idem, p.209, n.º3 e p.214, fig.3, n.º3.

²⁶⁶¹ Vide apartado próprio, *supra*, Ol.49.

²⁶⁶² Idem.

²⁶⁶³ NOTS 2, p. 238.

8.3.15.3. Contributo da “marca de oleiro” para o conhecimento do sítio.

A paucidade de dados disponíveis para o sítio da Rua do Joinal-Ericeira, mais não permite do que propor estar em atividade no período Alto-Imperial, fixando a “marca de oleiro” a aquisição de loiça de mesa durante os principados dos Flávios

Noutro sentido, e porque os dois exemplares de impressão são idênticos e, como se viu, raros, deverão significar um momento estritamente sincrónico de exportação para a Península de Lisboa dos mesmos vasos rutenos, assumindo um peculiar interesse por assim ligarem inexoravelmente a vila estremenha e a capital, e comprovando desta expressiva forma o papel redistribuidor do porto olisiponense à escala regional.

8.3.16. Quinta da Portucheira (Matações, Torres Vedras)- Ol.Ag.33.

A Quinta da Portucheira localiza-se numa zona de razoável aptidão agrícola, a meia encosta sobranceira ao vale de um afluente do Rio Sizandro, na zona interior do concelho de Torres Vedras.

O conhecimento arqueológico do arqueossítio remonta a 1930, época em que trabalhos de surriba para plantio de uma vinha provocaram o aparecimento, e consequente destruição, de várias sepulturas de inumação dos séculos III e IV d.C. e de duas inscrições funerárias datadas do I d.C.²⁶⁶⁴

De acordo com Vasco Mantas, secundado depois por Guilherme Cardoso e Isabel Luna, o assentamento romano estaria próximo do ponto onde convergiria o itinerário viário oriundo do Vale do Tejo, de *Ierabriga*, com a via *Olisipo-Conimbriga* por *Eburobrittium* e *Collipo* que percorria o litoral do Oeste da Estremadura²⁶⁶⁵.

Entre os materiais coletados contam-se quatro lucernas, numária baixo-imperial e *terra sigillata* clara africana D, conjunto depositado no Museu Municipal Leonel Trindade e objeto de estudo recente²⁶⁶⁶, estando referida também a existência no local de uma mó²⁶⁶⁷.

²⁶⁶⁴ G. Cardoso e I. Luna, 2005, p.73.

²⁶⁶⁵ Idem, p.74-75 e V.G. Mantas, 2005, p.53-65.

²⁶⁶⁶ E. Sepúlveda e V.R.C. Sousa, p.15-16; E. Sepúlveda, É.M. Sousa e V.C. Sousa, 2003, p.299-321.

²⁶⁶⁷ G. Cardoso e I. Luna, 2005, p.73.

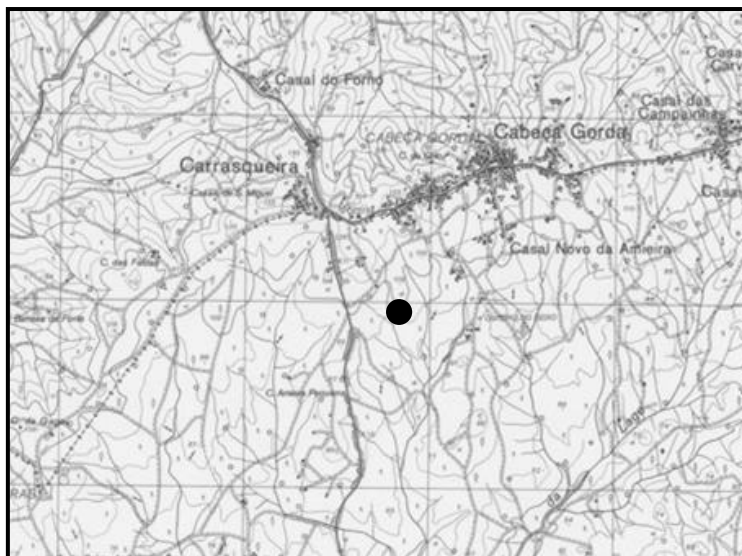


Figura 139- Localização da Quinta da Portucheira na *Carta Militar de Portugal*, folha n.º361, à escala 1/25000.

Os elementos disponíveis são escassos e não permitem vislumbrar a espacialidade da necrópole. Os dados constantes da bibliografia comprovam um uso do local alargado no tempo, com funcionalidade pelo menos funerária entre os séculos I e IV-V d.C. Contudo, Cardoso e Luna remetem o seu momento mais recuado para o período tardo-republicano, desconhecendo-se o fundamento desta proposta²⁶⁶⁸.

8.3.16.2. *Produções atestadas.*

Das produções alto-imperiais de *sigillata* coletadas na Quinta da Portucheira conhece-se a existência de apenas um fragmento, oriundo do sul da Gália, por sinal ostentando impressão interna. Referenciado nos *corpora* de Seomara da Veiga Ferreira²⁶⁶⁹ e de Dias Diogo²⁶⁷⁰, não consta dos fundos do Museu Municipal de Torres Vedras²⁶⁷¹.

É com reservas assinaláveis que o exemplar é aqui apresentado, na medida em que na obra onde pela primeira vez aparece, da autoria de S.Veiga Ferreira²⁶⁷², a “marca” está apontada como pertencente a uma lucerna, para a qual é indicada também uma outra impressão esgrafitada, esta sim, mais tarde tratada por Eurico de Sepúlveda, Élvio

²⁶⁶⁸ Idem.

²⁶⁶⁹ S.L.B.V. Ferreira, 1969a e 1969b.

²⁶⁷⁰ A.M.D. Diogo, 1980a, n.º 314; Conf. R.B. Silva, 2005, Anexo B.

²⁶⁷¹ E. Sepúlveda, É.M. Sousa e V.C. Sousa, 2003.

²⁶⁷² S.L.B.V. Ferreira, 1969a.

e Vitor Sousa²⁶⁷³. A circunstância de o texto “C.SILVI” estar bem atestado na produção de *sigillata* gálica torna a sua existência provável, mas são possíveis outras explicações para a incongruência constante da fonte original da informação.

8.3.16.2.1. Produção gálica

Ag.Ol.33- *C. Silvius Patricius* (NOTS 8, 323-328).

Conforme se referiu, a impressão foi repertoriada com base exclusivamente bibliográfica, não nos tendo sido possível localizar o seu paradeiro.

C. Silvius Patricius operou em La Graufesenque, de acordo com Polak a partir da época de Nero, podendo ter produzido até aos inícios do principado de Trajano²⁶⁷⁴.

Duas marcas com texto idêntico, embora sem ponto entre o *praenomen* e o *nomen*, são datadas de entre 65-90 e 70-100 d.C.²⁶⁷⁵. Uma outra, contendo pontuação, termina com a primeira letra do *cognomen*²⁶⁷⁶, sendo atribuída a um lapso de entre 70-100 d.C. A inexistência de qualquer registo gráfico, ou da possibilidade da observação direta do exemplar, impede a sua mais correta classificação. Contudo, e muito significativamente, uma impressão com o mesmo texto foi exumada em Santarém, o que sugere um mesmo fluxo²⁶⁷⁷.

Ag. Ol.33	La Gra.	Indet.		<i>C.Silvius Patricius</i>	C.SILVI	-	70 - 100 d.C.	n.i

Figura 140- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica da Quinta da Portucheira.

8.3.16.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do sítio

O exemplar referenciado para a Quinta da Portucheira, a verificar-se a sua existência, apenas vem reforçar o panorama de utilização do local ainda no século I d.C., associando-se assim às duas inscrições funerárias com aquela cronologia ali coletadas.

8.4. *Scallabis* (Santarém).

A localização precisa da antiga *Scallabis* constituiu um problema arqueológico cuja resolução definitiva se descortinou a partir do início das escavações arqueológicas

²⁶⁷³ E .Sepúlveda, É.M. Sousa e V.C. Sousa, 2003, p.299-321.

²⁶⁷⁴ M. Polak, 2000, p.288.

²⁶⁷⁵ Idem, respetivamente as marcas P42 e P43.

²⁶⁷⁶ Idem, P41.

²⁶⁷⁷ Conf. apartado próprio *infra*, Sc.73.

no planalto da Alcáçova de Santarém em 1979²⁶⁷⁸, e, com mais sólida base, com o arranque dos trabalhos permanentes desenvolvidos sob a direcção de Ana Margarida Arruda em 1983, e desta investigadora com Catarina Viegas a partir de 1994²⁶⁷⁹.

O povoado, implantado no planalto que culmina o morro da atual Alcáçova, detinha uma posição privilegiada que lhe advém, em primeiro lugar, das suas peculiares características geomorfológicas onde sobressai o circuito de pendentes acentuadas, iguais ou superiores a 45° ao longo de cerca de 90% do seu perímetro, rara característica geoestratégica que só encontra na região em iguais condições o morro do Castelo de São Jorge, em Lisboa.

Em segundo lugar, a importância do *ubi* advém da sua relação com o Tejo, ao dominar um nó nevrálgico das suas travessia e circulação, quer terrestre quer fluvial, em direcção a múltiplos destinos: o sul alentejano, o curso do Alto Tejo Português e o Alto Ribatejo e Beiras, através de Tomar. Este carácter está plenamente atestado pela intensa ocupação humana que esta zona do vale do grande rio patenteia a partir da Idade do Bronze, onde se revelam as confluências geográficas e culturais atrás mencionadas, muito embora as últimas citadas pareçam ter esmorecido na primeira metade do I milénio a.C.²⁶⁸⁰ Seria esta teia de relações que iria ser consolidada ao longo da Época Romana, como se deduz do papel da zona na fase de conquista com as campanhas de *Decimus Iunius Brutus*, das guerras civis e de Júlio César em 61 a.C., constituindo *Scallabis* um nó viário fundamental das ligações entre o interior provincial e a foz do Tejo, por via terrestre e aquática²⁶⁸¹.

A designação toponímica antiga do morro é objeto de distintas perspectivas. Alguns autores, na esteira de Vasco Mantas, identificam a Alcáçova de Santarém com a *Moron* mencionada no trecho Estrabão relativo à situação na segunda metade do séc. II a.C.²⁶⁸², rejeitando anterior proposta da sua equivalência com o planalto dos Chões de Alpompe (Santarém), um pouco mais a norte²⁶⁸³. Naquela asserção, a ocupação antiga do planalto e a do sopé, da zona da Ribeira de Santarém, encerrariam nomes distintos, denominando-se a da zona baixa *Scallabis* que, posteriormente, já em Época Romana,

²⁶⁷⁸ A.M.D. Diogo, 1984.

²⁶⁷⁹ A.M. Arruda e C. Viegas, 2002a, 2003.

²⁶⁸⁰ R. Vilaça e A.M. Arruda, 2004.

²⁶⁸¹ V.G. Mantas, 2002.

²⁶⁸² Estrabão, *Geographia*, III,3,1. V.G. Mantas, 1996, 2002.

²⁶⁸³ J.M.B. Oleiro, 1959, a que posteriormente foi conferido outro suporte arqueológico- Conf. A.M.D. Diogo, 1993. Uma síntese sobre a matéria foi exposta em data recente por C. Fabião, 2002.

teria substituído o topónimo do alto²⁶⁸⁴. Como razoavelmente opinou Carlos Fabião, dificilmente estas matérias da toponímia antiga serão resolvidas através das evidências arqueológicas disponíveis²⁶⁸⁵.

Cidade importante em Época Romana, o nome *Scallabis* aparece mencionado nas fontes clássicas pela primeira vez por Plínio-O-Velho²⁶⁸⁶, estando ausente das referências estrabonianas ao Vale do Tejo referentes aos inícios da ocupação política do território por Roma como vimos.

O trecho pliniano refere-se-lhe como *colonia* denominada *Praesidium Iulium*²⁶⁸⁷, o que resolve em definitivo a questão da natureza do seu estatuto jurídico em Época Imperial. Contudo, várias vêm sendo as leituras históricas referentes ao(s) momento(s) da dedução(ões), antecedentes e seu significado.

O nome oficial remete para um quadro político ideológico tardo-republicano, que integraria outras cidades da futura Lusitânia meridional como *Pax Iulia*, *Liberalitas Iulia Ebora* ou *Felicitas Iulia Olisipo*. De acordo com Vasco Mantas, a concessão do estatuto privilegiado deverá equivaler a um plano de César gizado após a vitória sobre o partido pompeiano na Península Ibérica que visava a pacificação mediante promessas de promoção das cidades que o apoiaram, intenções que o político não terá tido tempo de executar no curto espaço de tempo que medeia entre o final das hostilidades após a batalha de Munda, em 45 a.C., e o seu regresso a Roma e assassinato nos Idos de Março de 44 a.C. Como argumenta, o plano seria depois implementado durante o segundo triunvirato, cabendo a Octávio a tarefa de o fazer cumprir. Manta evoca o caso de *Colonia Norba Caesarina* (Cáceres), alvo de dedução em 35 a.C., onde os cidadãos foram, como em Santarém, inscritos na tribo *Sergia*, por isso supondo uma data próxima para a concessão do estatuto a *Scallabis*, entre 44 a.C. e 35 a.C.²⁶⁸⁸. Apesar desta bem sugestiva argumentação, António Marques de Faria objeta que qualquer data até Áccio será admissível, refutando em paralelo a capacidade política de César em antes ter dado o nome a um simples *oppidum stipendiarium*, em 61 a.C., hipótese deduzida de um texto de Jorge de Alarcão²⁶⁸⁹. De notar porém que o que na realidade Alarcão sugerira somente fora somente o estabelecimento de um acampamento junto de *Scallabis* por César, eventualmente destinado a uma *cohors*, dando origem a uma

²⁶⁸⁴ J. Alarcão, 2002.

²⁶⁸⁵ C. Fabião, 2002.

²⁶⁸⁶ A. Guerra, 1995.

²⁶⁸⁷ Plínio-O-Velho, *Naturalis Historia*, IV, 117 *apud* J. Alarcão, 2002, p.38.

²⁶⁸⁸ Idem.

²⁶⁸⁹ A.M. Faria, 1995; 1999, p.43.

referência topográfica feita de maneira não formal, jurídica, ditada por necessidades operacionais²⁶⁹⁰.

Em sentido diverso, Catarina Viegas e Ana Margarida Arruda, considerando a falta de evidências epigráficas ou arqueológicas categóricas sobre a matéria, não vêm razões para supor uma data posterior a 44 a.C. para a dedução colonial, e qualificam o paralelo com *Norba* como forçado, dado que esta estaria na dependência administrativa de *Castra Seruilia* e *Castra Caecilia*, não possuindo a última quaisquer funções militares como as que supõem para Santarém. Crêem, por isso, e admitindo e reafirmando o estabelecimento de um corpo militar romano cesariano no planalto da Alcáçova em 61 a.C.²⁶⁹¹, mais provável que tivesse sido o próprio César a planear e estabelecer a *colonia scalabitana* em 48 a.C., após a vitória nesse ano sobre os pompeianos em Ilerda, desta forma destinada aos veteranos envolvidos nos conflitos de 49-48 a.C.²⁶⁹²

Enriquecendo o naipe de perspetivas sobre o *ubi* e cronologias do campo militar romano cesariano, Jorge de Alarcão, revendo posição anterior sobre a matéria, julga a data de 61 a.C. como desadequada para o quadro de operações bélicas na Beira Interior então desenvolvido por Júlio César, parecendo-lhe mais verosímil uma data de 49 a 44 a.C. Igualmente, e fundado em razões de ordem paisagística e topográfica, opina parecer-lhe o espaço da Alcáçova insuficiente para albergar o campo militar romano a par do ópido indígena, afigurando-se-lhe a zona da Ribeira como alternativa credível para ter recebido o assentamento castrense²⁶⁹³.

Muito recentemente, João Pimenta, Henrique Mendes e Eurico Henriques trouxeram novos e importantes dados à discussão sobre esta temática: defronte de Santarém, do lado oposto do rio, revelaram a importância de Alto dos Cacos (Almeirim), um sítio inquestionavelmente militar pela arquitetura, artefatos bélicos romanos e conjunto objetual de cariz itálico, onde os materiais associados revelam cronologias compatíveis com campanhas cesarianas²⁶⁹⁴. Os dados, apesar de resultantes de recolhas efetuadas sem controlo estratigráfico, aparentam inclinar a resolução da problemática da localização do assentamento castrense em favor do arqueossítio de

²⁶⁹⁰ J. Alarcão, 2002, p.39.

²⁶⁹¹ A.M. Arruda e C. Viegas, 2004, p.348.

²⁶⁹² Idem, 1999, p.190.

²⁶⁹³ J. Alarcão, 2002, p.39.

²⁶⁹⁴ J. Pimenta *et al.*, 2012.

Almeirim, o que significaria que colónia e campo constituiriam espaços distintos e bem apartados, no sentido do que antes supusera Jorge de Alarcão²⁶⁹⁵.

Desta forma, as evidências materiais romanas republicanas da Alcáçova reunidas pelos trabalhos dirigidos por Ana Arruda e Catarina Viegas teriam que ser perspectivadas de uma outra maneira, mais intimamente ligadas com a evolução de um centro urbano onde a participação de indivíduos itálicos ou altamente romanizados, incluindo os de perfil social militar, é inquestionável em função das evidências arqueológicas já devidamente publicadas e estudadas, quer arquitectónicas quer objetuais²⁶⁹⁶. Bastará lembrar que na Alcáçova se patenteia um urbanismo ortogonal de cariz itálico, em ruptura com a anterior dinâmica do povoado, e se reuniu um dos mais vastos acervos de cerâmicas importadas do período republicano romano do atual território português, incluindo, o que constitui um traço muito significativo de um ponto de vista da identidade cultural dos seus habitantes, a maior colecção conhecida de lucernas do séc. I a.C. da fachada ocidental da Hispânia²⁶⁹⁷.

A montante destas questões, e porque a precisa localização do campo militar cesariano se assoma como irrelevante para a questão da dedução colonial a *Scallabis*, o que resulta no essencial dos esforços da investigação, como aliás referem Arruda e Viegas, é que a promoção terá ocorrido seguramente no terceiro quartel do séc. I a.C. e terá comportado a fixação de um contingente populacional de perfil sociocultural altamente romanizado, adaptado aos gostos e hábitos itálicos²⁶⁹⁸.

A presença de um indivíduo inscrito na tribo *Galeria* e sem menção de *origo*, sepultado em Ónias (Santarém), em pleno *ager* escalabitano, foi tida por Vasco Mantas como significando uma segunda *dedutio* ocorrida com Augusto, necessariamente posterior a 31 a.C.²⁶⁹⁹, hipótese que Ana Arruda e Catarina Viegas consideraram em determinado momento consensual, interpretando-a como contemporânea da escolha de *Scallabis* como *caput* conventual, provavelmente ocorrida cerca de 13 a.C., e destinada à fixação de veteranos das campanhas Ásture-Cantábricas²⁷⁰⁰. António Marques de Faria e, mais tarde, Jorge de Alarcão e Amílcar Guerra, encontram justificação alternativa para esta ocorrência, dado que o *ciues* poderia ser originário de uma outra

²⁶⁹⁵ Idem.

²⁶⁹⁶ A.M. Arruda, C. Viegas e M.J. Almeida, 2002 e indicações bibliográficas; P. Bargão, 2006; R.R. Almeida, 2008; C.S. Pereira 2008.

²⁶⁹⁷ C.S. Pereira, 2008.

²⁶⁹⁸ A.M. Arruda e C. Viegas, 1999, p.190.

²⁶⁹⁹ V.G. Mantas 1993, p. 486-487.

²⁷⁰⁰ A.M. Arruda e C. Viegas, 1999, p.190.

ciuitas, omitida no texto, estando portanto deslocado²⁷⁰¹. Como concluem Faria e Alarcão, faltam dados que permitam suportar ou desmentir a hipótese de uma segunda *dedutio*²⁷⁰². Ainda assim talvez interessasse trazer ao âmbito da discussão em torno da hipótese das promoções jurídicas da cidade a inscrição funerária, promovida por um *municipe* concidadão, do pretoriano escalabitano falecido em Roma inscrito no que Forni designa como “*pseudo-tribo*” *Iulia*, apelidação aplicada em 44 a.C. na sequência das honras prestadas a César e, depois, em 29 a.C., em relação a Otaviano²⁷⁰³.

Retomando uma outra questão, o perfil social e cultural dos habitantes da cidade do Tejo dos finais da República e inícios do Império parece ter sido composto por um importante fundo indígena, necessariamente presente num povoado que mostrou grande vitalidade ao longo do I milénio antes da Era de acordo com os dados arqueológicos²⁷⁰⁴, conjuntamente com um contingente itálico forte, patente através do mesmo tipo de elementos mas também da rara epigrafia do aglomerado e seu território²⁷⁰⁵. Nela transparece uma muito rápida assimilação da onomástica latina pelo estrato autótone, denunciando a precoce romanização das populações que a proximidade dos colonos presumivelmente potenciou²⁷⁰⁶.

A fixação dos eméritos justifica as altas frequências de cerâmicas de verniz negro, *sigillata* itálica, cerâmica de paredes finas, lucernas e produtos alimentares envasados em ânforas. A *colonia* ter-se-á assumido como um mercado de características peculiares ao nível regional no período entre a tardo-república e os principados de Augusto e Tibério, mercê da procura de bens específicos provocada por este contingente populacional. Os números relativos a este tipo de iniciativas são discrepantes: um trecho de Estrabão menciona 3000 colonos para *Palma* e *Pollentia*; García y Bellido estimou uma média de 1500 por estabelecimento, enquanto P. Brunt considera valores médios em torno dos 2000 a 3000 indivíduos; no norte de África, porém, situam-se segundo Romanelli mais abaixo, em torno dos 500 indivíduos; Javier Arce estima em 1500 a 2000 os colonos da etapa inicial de *Caesaraugusta*²⁷⁰⁷.

²⁷⁰¹ A.M. Faria, 1995, p.89, 1999, p.43; J. Alarcão, 2002, p.42; A. Guerra, 2002, p.181.

²⁷⁰² A.M. Faria, 1995, p.89; J. Alarcão, 2002, p.42.

²⁷⁰³ G. Forni, 1985, p.3-16 *apud* A. Guerra, 2002, p.182. Em sentido oposto opina Le Roux, que crê a indicação da tribo *Iulia* como uma tentativa de o indivíduo se assimilar a um passado relacionado com o Divino Júlio, rejeitando assim o fundamento das duas datas apontadas- P. Le Roux, 2010, p.115.

²⁷⁰⁴ A.M. Arruda, 1999-2000; 2002.

²⁷⁰⁵ A. Guerra, 2002, p.180-181.

²⁷⁰⁶ *Idem*.

²⁷⁰⁷ P. Brunt, 1971, p.261, A. García y Bellido, 1959; P. Romannelli, p.207; *apud* J. Arce, 1984, p.36.

Scallabis teve, igualmente, dimensão para exercer a atracção de contingentes populacionais forâneos. Apesar da extrema paucidade de documentos, dado a epigrafia urbana contar com somente onze testemunhos, em três deles se reportam quatro olisiponenses: duas mulheres pertencentes à *gens Iulia* e dois cidadãos da *gens Antonia*. Como salientou Amílcar Guerra, os poucos dados são bem evocativos da presença de imigrantes, e, sobretudo, das muito estreitas conexões entre as duas mais importantes cidades do curso inferior do Tejo, o que compreende a anterior ligação de ambas ao partido cesariano num determinado momento das suas histórias²⁷⁰⁸.

Nos inícios do principado, cerca de 13 a.C., foi feita a atribuição a *Scallabis* das funções de capital conventual lusitana, destacado papel jurídico e religioso bem demonstrativo do protagonismo desempenhado pela cidade do Tejo a partir dos finais da República. De fato, parece clara a sua clara primazia no plano político, embora não necessariamente equivalente ao nível da economia. O papel de primeira linha entre as cidades da Lusitânia ocidental detido pela *colonia scalabitana* ao longo do primeiro século da Era, e a sua ligação à capital provincial, surge epigraficamente testemunhado pelas homenagens prestadas quer ao emeritense *Aponius Capito*, que seguramente integrou o espaço de um edifício público na cidade do Tejo, quer ao conhecido salaciense *Lucius Cornelius Boccho*, erigida pela colónia na cidade natal do importante personagem que deteve proeminentes funções na capital provincial lusitana na década de 30 d.C.

A dinâmica da cidade entre os meados do séc. I a.C. e os meados do séc. II d.C. é-nos conhecida, no essencial, com base na vasta análise da dinâmica urbana e artefactual já efetuada.

Tendo-se verificado seguramente uma dedução colonial, e sendo o povoado da área da Alcáçova de origem claramente anterior, essa promoção terá tido seguramente consequências ao nível urbanístico, implicando uma definição de um *pomerium*, para mais em face do carácter pressupostamente itálico de parte da população ali fixada.

Esta conceptualização jurídica e mental implica um espaço de bem distintas zonas funcionais, como marcas com expressão material que têm escapado ao trabalho arqueológico. Sendo admissível que o processo de erosão do planalto da Alcáçova tenha obliterado a maior parte das evidências, a estreita e já muito afetada zona de ligação desta ao planalto de Marvila afigura-se como o único local onde se poderá um dia detetar o *ualum* fundacional que materializasse os limites do *pomerium* ou muralha

²⁷⁰⁸ Idem.

perimetral com a mesma função. O achado recente de uma área de necrópole de incineração em uso antes dos meados do séc. I d.C. na intervenção da Rua 5 de Outubro n.ºs 2-8, que prosseguiria depois o seu uso, como de descartes detriticos associados²⁷⁰⁹, dissipa em definitivo as hipóteses antes colocadas de localização da colónia na zona de Marvila, e ajuda a confinar a área desta, que não se consegue precisar melhor no momento. De qualquer das formas, na época do principado a cidade em sentido estrito romano não deveria ultrapassar os 5 Ha.

O conjunto dos dados referentes às arquiteturas de carácter privado do sítio assumem uma importância fundamental para a leitura da evolução de *Scallabis*. As evidências de estruturas ou acções construtivas de cronologia tardo-republicana estão disseminadas pela área do antigo *pomerium* e representam uma clara ruptura com as ocupações e o urbanismo datado da Idade do Ferro²⁷¹⁰. De acordo com a globalidade dos investigadores que se têm dedicado ao estudo da Alcáçova, um tecido novo, regular e ortogonal, instalou-se no planalto na denominada “*Fase 1*”, num momento impreciso datado entre o 2º quartel e finais do 3º quartel do séc. I a.C.²⁷¹¹ Como sugerem Catarina Viegas e Rui Roberto Almeida, uma data anterior ou em torno a 30 a.C. afigura-se como mais provável para estas realidades²⁷¹².

A escavação da área denominada dos “*Viveiros do Jardim*” proporcionou as leituras mais consistentes da evolução urbana da Alcáçova, resultante da oportunidade de escavação em área: o espaço construído articulou-se em torno de um eixo de circulação, com áreas de compartimentação retangular sucessivamente reformadas ao longo de todo o período de dominação romana. Respeitam ao lapso de tempo que interessa no âmbito do presente texto, as “*fases 1*” a “*3*”, que compreendem o principado de Augusto e a segunda metade do séc. II d.C., repetindo-se o mesmo quadro com base em evidências mais fragmentárias nas áreas do “*Horto do Jardim*” e “*Setor B*”.

As técnicas de construção detetadas em Santarém mostram entroncar noutras de mais remota ancestralidade, dado que na maioria dos muros se empregou ao longo do Alto Império um soco de pedra sobreposto por tijolos de adobe. A frequência de olaria de construção é igualmente sugestiva da procura de outras soluções motivadas pela escassez de pedra de qualidade para a construção. Neste sentido concorre também o

²⁷⁰⁹ M.A.A. Liberato 2011 e 2012.

²⁷¹⁰ A.M. Arruda, 1999-2000; C. Viegas, 2003a; R.R. Almeida, 2008,

²⁷¹¹ C. Viegas, 2003a; P. Bargão, 2006; R.R. Almeida, 2008, p.36.

²⁷¹² C. Viegas, 2003a, p.282; R.R. Almeida, 2008, p.36.

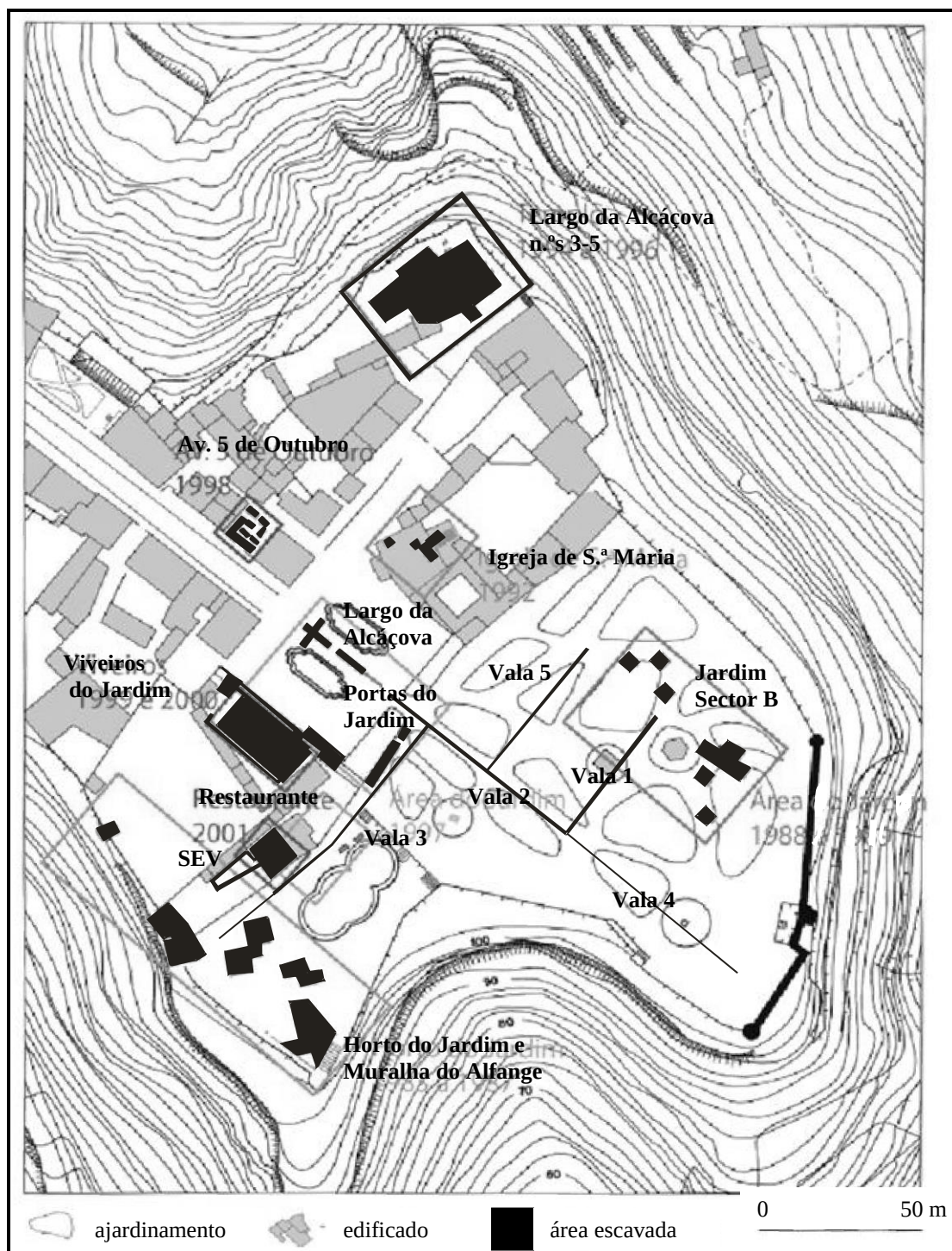


Figura 141- Localização das áreas escavadas na Alcáçova de Santarém (1983-2009) (segundo Carlos Pereira, adaptado²⁷¹³).

pavimento em *opus latericium* que emprega tijolos losangulares revelado nas escavações mais recentes dos “Viveiros do Jardim” conduzidas por Laurent Caron²⁷¹⁴, exemplo maior datado do principado de um panorama mais amplo e que se repete nos

²⁷¹³ C.S. Pereira, 2008, p.14, fig.2.

²⁷¹⁴ Informação oral de Laurent Caron, a quem se agradece a possibilidade da sua divulgação.

arqueossítios do *ager* de *Scallabis*, nomeadamente em Alto dos Cacos, Azeitada (Almeirim) e Chões de Alpompé (Santarém)²⁷¹⁵.

O esquema do tecido urbano revelado na zona dos “*Viveiros do Jardim*” mostra que o primitivo urbanismo ortogonal datado dos finais da República se mantém na “*subfase 2B*”, quando ocorrem substanciais reformas, ainda do séc. I a.C. mas já augusteas²⁷¹⁶, relativamente contemporâneas da elevação de *Scallabis* à condição de capital conventual. O espaço privado evidenciará um maior esforço na decoração interior no período flávio-antonino, a que correspondem não só os fragmentos de pintura fresco, como o próprio desenho da arquitetura interior, que desativando antigos compartimentos vê surgir em seu lugar um provável *peristilum* de pequena dimensão²⁷¹⁷.

Ainda nos “*Viveiros do Jardim*”, as leituras das evidências relativas à via orientada a cerca de 40° NE, conetada com a habitação anterior, colocam outras problemáticas relevantes. Parece relativamente pacífico que na “*subfase 2B*” se edifique um pórtico numa zona da fachada SE, mas a manutenção do remanescente dos limite da *insula*, mais a norte, significam que esta instalação não resulta de uma nova definição da parte privada da sua configuração²⁷¹⁸.

Já o ocorrido na “*fase 3*” com esta via, a confirmarem-se as leituras divulgadas, constituirá um episódio de inusitada precoce desativação de uma estrutura vial pública à escala das cidades lusitanas, existindo a referência à existência no seu espaço de restos de dois pavimentos, um de argamassa e outro em *opus signinum*, cujas cronologias de construção remetem ainda para os finais do séc. I d.C. ou inícios do seguinte²⁷¹⁹.

É forçoso colocar-se este dado em relação com os resultados obtidos nos estudos sobre a *terra sigillata*²⁷²⁰, lucernas²⁷²¹, cerâmica de paredes finas²⁷²², ânforas²⁷²³, cerâmica de engobe vermelho pompeiano²⁷²⁴ e vidros²⁷²⁵, que assinalam, à excepção dos últimos, um declínio nos valores de importação a partir justamente de finais do séc.

²⁷¹⁵ J. Pimenta *et al.*, 2012.

²⁷¹⁶ Idem, p.257.

²⁷¹⁷ Idem, , p.263, fig.129.

²⁷¹⁸ R.R. Almeida, 2008, p.258, fig.124.

²⁷¹⁹ Idem.

²⁷²⁰ C. Viegas, 2001, 2003a, 2003b.

²⁷²¹ C.S .Pereira, 2008.

²⁷²² A.M. Arruda e E. Sousa, 2003.

²⁷²³ A.M. Arruda e R.R. Almeida, 1998, 1999, 2001; A.M. Arruda, C. Viegas e P. Bargão, 2005, 2006; P. Bargão, 2006; R.R. Almeida, 2008.

²⁷²⁴ A.M. Arruda e C. Viegas, 2002c.

²⁷²⁵ A.S. Antunes, 2000.

I d.C./meados do séc. II d.C. Como se torna necessário também sublinhar o caráter contraditório assumido pela escassa epigrafia urbana²⁷²⁶, raros elementos arquitectónicos soltos relacionáveis com espaços públicos²⁷²⁷ ou renovações de espaços privados como a que citámos há pouco, que remetem para a segunda centúria da Era.

A matéria não é de avaliação simples, e parece evidente que as principais acumulações de materiais, sobretudo itálicos e béticos do período republicano e alto-imperial, se deverão em parte à sua remobilização no âmbito de acções de amortização, aterros e terraplanagens das etapas iniciais do urbanismo romano da cidade.

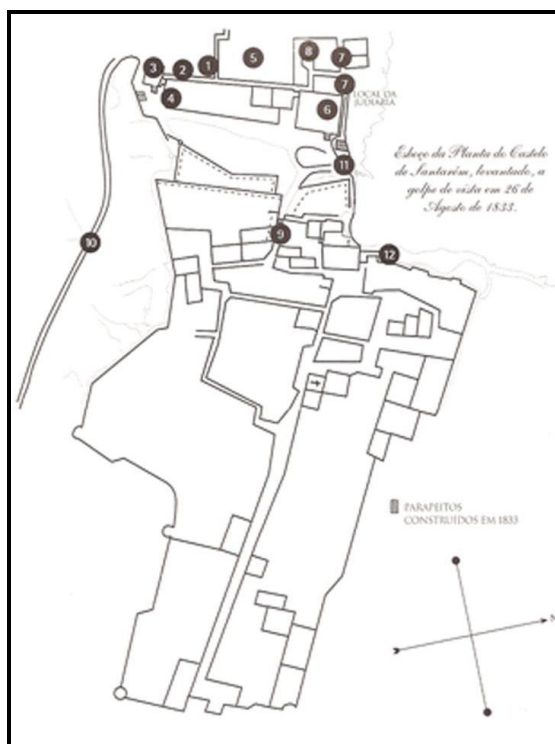
Nos momentos posteriores, as vivências dos espaços e a urbanidade dos escalabitanos não terão favorecido uma acumulação comparável de materiais coevos, dado que os descartes terão sido praticados noutras zonas, devendo-se mais a expressiva presença de cerâmicas tardo-republicanas e Júlio-Cláudias nestes contextos às acções construtivas em que ocorreram afetações dos níveis profundos onde estes materiais se encontravam, como se depreende por exemplo das altas frequências atingidas pela *sigillata* itálica e sudgálica nas fases claramente posteriores ao período de comercialização dos recipientes²⁷²⁸.

O fato de até ao momento os esforços da investigação se terem centrado sobretudo na área do *pomerium* poderá estar a induzir um quadro mais aparente que real. Em sentido oposto, deverá registar-se a ausência de evidências comparáveis resultantes de intervenções noutras áreas da cidade que desmintam o panorama coerentemente definido pelos estudos das diversas classes cerâmicas, o que constitui argumento de alguma solidez.

²⁷²⁶ A. Guerra, 2002.

²⁷²⁷ A.M. Arruda, C. Viegas, M.J. Almeida, 2002; L. Fernandes, 2003.

²⁷²⁸ Nos “Viveiros do Jardim” na “fase 3” flávia-antonina, se se excluírem as U.E.s 160 e 172, onde se concentram os fabricos sudgálicos, estão presentes 54 fragmentos itálicos *versus* 24 gálicos e 12 hispânicos- Conf.C. Viegas, 2003a, p.288; a “fase 4”, da segunda metade do séc.II d.C. ao séc.IV/V d.C., ainda conta com 18 fragmentos itálicos, 65 sudgálicos, 42 hispânicos e 40 norte-africanos- Conf. Idem, p.289; como a própria Catarina Viegas notou, mesmo nos estratos mais superficiais, como a U.E. 1, “em 31 fragmentos de sigillata, a maior percentagem é de tipo itálico, o fabrico sudgálico é vestigial e a sigillata clara constitui um terço da sigillata desta camada”- Conf. idem, p.289-290.



- 1- Travessa dos Bacos; 2- Rua dos Bacos; 3- Casa dos Becos; 4- Lugar da ponte levadiça da judiaria; 5-Antiga Judiaria; 6- Casa do Trem de artilharia; 7- Rua da Judiaria Nova; 8- Largo do Queiróz; 9- Acesso à Alcáçova; 10- Estrada de Alfange; 11- Antigo caminho para a Alcáçova; 12- Porta de Santiago; Na extremidade inferior da figura situam-se as Portas do Sol.

Figura 142- “Esboço da Planta do Castelo de Santarém, levantado a golpe de vista em 26 de Agosto de 1833” (segundo M. Sousa Cardoso²⁷²⁹).

Retornando à fisionomia da antiga *colônia*, o desenho do tecido urbano em vigor no Alto Império tinha, como eixo principal, um *Kardo maximus* orientado a 50° NO em relação ao norte geográfico, que prolongava a principal via de acesso à área da cidade²⁷³⁰. Seguindo um trajeto *grosso modo* aproximado à atual Rua 5 de Outubro e eixo do Largo da Alcáçova, prolongava-se no interior do Jardim das Portas do Sol por entre o edificado de origem medieval e moderna (vide Figura 142, *supra*) desmantelado até à sua data de inauguração, em 1902. Na realidade, toda a metade SE do planalto, equivalente à atual área pública ajardinada, mostrava uma preponderância de alinhamentos perpendiculares a este eixo, possíveis vestígios do urbanismo romano, orientações que subsistem ainda no edificado atualmente existente no remanescente da área da Alcáçova (vide figura 143, *infra*).

Numa escavação conduzida em 1992 por Catarina Viegas no interior da Igreja de S.^a Maria da Alcáçova, foi revelada uma potente estrutura de cronologia romana construída em alvenaria²⁷³¹. Tendo-lhe sido atribuído carácter público, que o limitado espaço das sondagens não permitiu compreender completamente, mostrava uma

²⁷²⁹ M.S. Cardoso, 2001 *apud* J. Baptista, 2009, fig.17.

²⁷³⁰ V. Mantas, 1986, 2002.

²⁷³¹ C. Viegas, 1994.

contrafortagem interna e um alinhamento coincidente com o das estruturas romanas reveladas noutros quadrantes da cidade, designadamente na área dos “Viveiros”, “Horto”, “Setor B” e “Restaurante”. A sua localização central permite arriscar tratar-se de um elemento do *forum* colonial, podendo todavia equivaler a um outro espaço público que *Scallabis* teria, como por exemplo uns *balnea*.

O limite externo da construção detetada sob o altar e cruzeiro-mor da Igreja de Santa Maria encerra um outro interesse: se se prolongar o alinhamento da via detetada no setor dos “Viveiros” para norte, e se se fizer o mesmo no sentido oposto, ela coincidirá com a referida construção pública localizada na parte mais setentrional como com o limite de um tanque revelado no “setor 1” da escavação da muralha voltada ao Alfange no quadrante meridional. Esta circunstância permite desenhar, portanto, a hipótese de um *decumanus* ortogonal com o *kardo*.

Alguns alinhamentos subsistentes de origem mais recuada permitem, de igual forma, colocar a hipótese de uma outra *uia* paralela de orientação SO-NE situada a cerca de 36 m mais a norte da assinalada na área dos “Viveiros”, distância próxima do valor do *atus*, medida romana extensamente empregue no parcelamento agrário e urbano. Repetindo o mesmo procedimento, e dado verificarem-se as mesmas premissas, é admissível a existência de um outro *decumanus* mais norte, interpretações que requerem um suporte material que lhes confira uma consistência que necessariamente não detêm no momento.

Um outro edifício público romano foi descoberto no espaço dos n.ºs 3 a 5 do Largo da Alcáçova: o denominado templo romano de Santarém. A sua erecção no setor norte do aglomerado terá ocorrido, segundo as publicações mais recentes, no período pós-*Atium* ou já nos inícios do Principado²⁷³². Dotada de alinhamento distinto do urbanismo anterior, tardo-republicano, a sobreposição desta estrutura à malha ortogonal pré-existente, que na zona surge por ele desativada²⁷³³, coloca óbvios problemas de leitura derivados da proximidade de datas entre ambas as realidades, para as quais não se descortinam leituras alternativas. A ele se tornará em apartado próprio, um pouco mais abaixo.

²⁷³² A.M. Arruda e C. Viegas, 1999, p.190.

²⁷³³ C. Viegas, 2003a, p.252-253; R.R. Almeida, 2008, p.235.

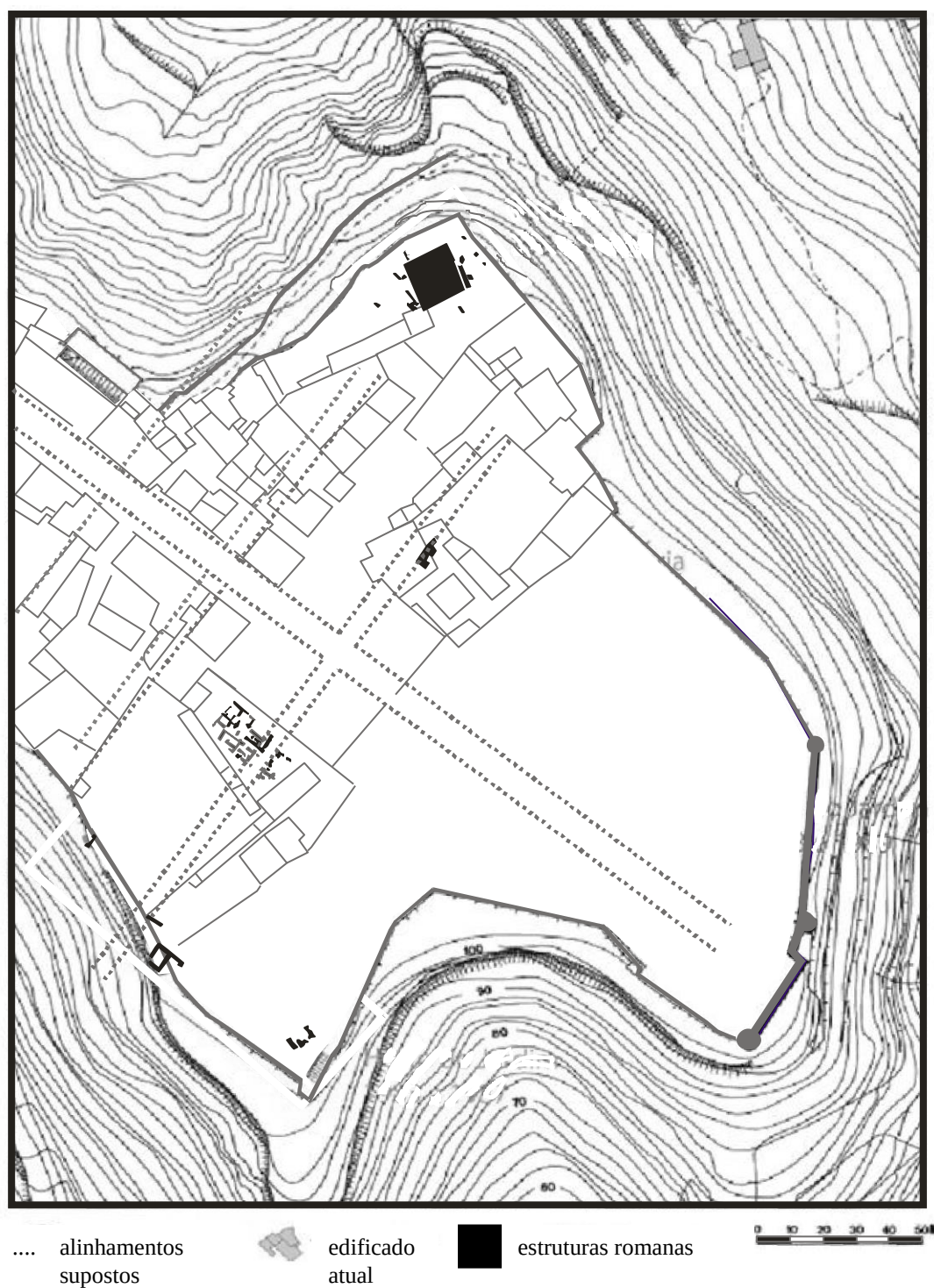


Figura 143- Traçado hipotético dos traços urbanísticos romanos de *Scallabis* (base adaptada de Carlos S. Pereira²⁷³⁴).

Outras construções públicas foram exumadas no setor mais ocidental da Alcáçova de Santarém: um conjunto de construções hidráulicas mostra o esforço de captação da água, essencial à vida urbana escalabitana. Outras infra-estruturas comparáveis, como as

²⁷³⁴ C.S.Pereira, 2008, p.14, fig.2.

cloacas destinadas ao saneamento público, estão para já ausentes do registo arqueológico da cidade romana.

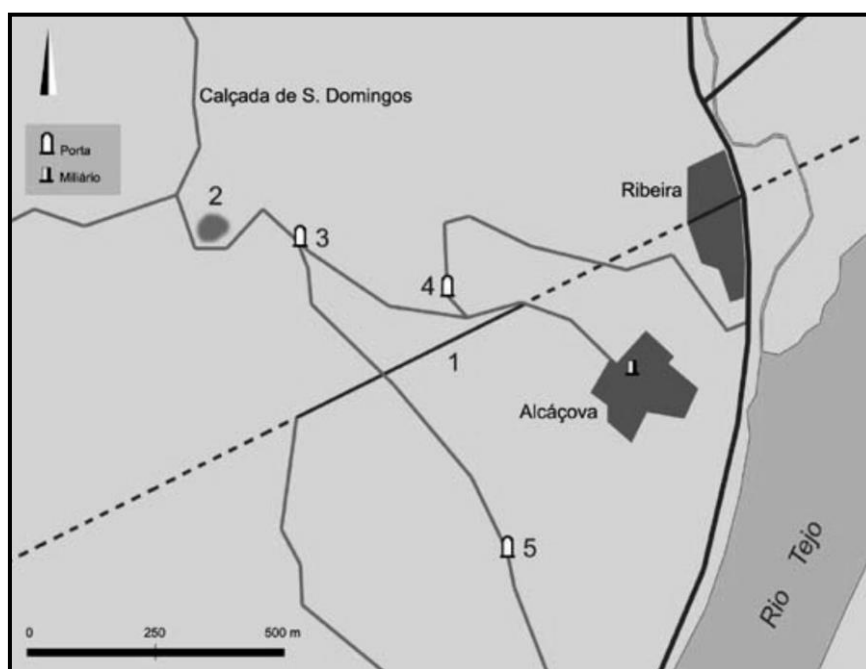


Figura 144- Proposta de Vasco Mantas de reconstituição da rede viária que servia os núcleos de povoamento de *Scallabis*²⁷³⁵.

Scallabis contou com uma importante zona suburbana na parte baixa da cidade atual, na zona da Ribeira de Santarém. Atravessava esta zona a via *Olisipo-Bracara*, que funcionaria certamente como eixo estruturante da urbanística romana, vinculada entre outras funções à atividade portuária que se adivinha intensa ao longo do período tardo-republicano e imperial²⁷³⁶. Deste eixo viário oriundo da foz do Tejo partiria um ramal que conetaria o núcleo ribeirinho com a parte alta²⁷³⁷. As evidências materiais da ocupação romana restringem-se, contudo, a elementos dispersos e descontextualizados, e aos resultados de uma única escavação, efetuada sob a coordenação de Carlos Batata na Rua do Sal. Ali se reconheceu um cunhal de um compartimento, com uma orientação similar às da zona da Alcáçova, onde a estratigrafia associada ao abandono²⁷³⁸ aponta, mais uma vez, para uma data inesperadamente precoce, dentro dos meados do séc. I d.C.²⁷³⁹ Apesar da sua importância, ao confirmar com base contextual, estrutural e estratigráfica, a ocupação romana já entrevista para a Ribeira, trata-se de uma área

²⁷³⁵ V.G. Mantas, 2012, p.21, fig.8.

²⁷³⁶ Idem, 2002, p.110.

²⁷³⁷ Idem.

²⁷³⁸ C .Batata, E. Barradas e V. Sousa, 2005.

²⁷³⁹ Vide apartado próprio, *infra*.

intervencionada de muito pequenas dimensões e muito cerceada por acções posteriores, como recorrentemente acontece em Santarém, sendo arriscado extrapolar o seu significado para a zona mais ampla da Ribeira.

8.4.1. Largo da Alcáçova n.ºs 3-5 (Marvila)- Templo- Sc.1 a Sc.4.

Localizada junto a um ângulo do perímetro da antiga muralha da Alcáçova, no seu lado norte, o espaço que hoje constitui uma unidade hoteleira da cidade ribatejana foi objeto de trabalhos arqueológicos de 1994 a 1996 para a sua instalação, sob a direcção científica de Ana Margarida Arruda e Catarina Viegas²⁷⁴⁰.

O ponto da cidade antiga tem marcado domínio visual e paisagístico sobre o Tejo e a Ribeira de Santarém, abarcando desta forma um vasto território e a possível área portuária, tendo nele sido identificados os restos de um templo romano²⁷⁴¹.

Uma parte significativa da área do imóvel objeto de remodelações estava ocupada por construções, algumas das quais remontando ao séc. XVII, como sofreu em na Idade Média Muçulmana a abertura de numerosas estruturas negativas escavadas nos depósitos antrópicos anteriores, provocando assim profundas perturbações na estratigrafia de Época Romana. O próprio pódio do templo fora usado como assentamento de uma cisterna em funcionamento desde o séc. XVII²⁷⁴², e não é impossível que tivesse sido adaptado na Idade Média Cristã, dada a referência a uma torre *Ladona* na zona da estrutura²⁷⁴³.

Como Viegas e Arruda afirmaram, “o podium do templo é a mais significativa das construções romanas encontradas, até ao momento, na Alcáçova de Santarém”²⁷⁴⁴, e o inquestionável bom estado de conservação da estrutura, que nalguns lados exhibe mais de 4 m de altura, como o significado histórico que potencialmente encerra, justificaram a sua classificação como Monumento Nacional.

A arquitetura do edifício da Antiguidade foi já objeto de desenvolvida abordagem pelas duas investigadoras citadas, com circunstanciada referência às técnicas e soluções construtivas reveladas no decurso dos trabalhos arqueológicos²⁷⁴⁵. Importa reter, do

²⁷⁴⁰ A.M. Arruda e C. Viegas, 1999 e 2002b.

²⁷⁴¹ Idem, 2002b, p.223. José Quinteira ensaiou a modelação tridimensional do paisagismo urbanístico romano de *Scallabis*, em ambiente digital, onde estas características ficaram bem salientadas- Conf. A.J. Quinteira, 1996.

²⁷⁴² A.M. Arruda e C. Viegas, 1999.

²⁷⁴³ A.D. Man, 2011, p.201.

²⁷⁴⁴ A.M. Arruda e C. Viegas, 2002b, p.223.

²⁷⁴⁵ Idem, 1999, p.192-195. Ao inquestionável cuidado descritivo faltou abordar o peculiar escalonamento da base do pódio, para o qual não se conseguiu encontrar paralelos de Época Romana em edifícios deste

conjunto de observações transmitidas, a sua composição maciça em *opus caementicium*, o formato quase quadrangular de 52 x 51 *pes*, a posição da escadaria no lado este, a elevada altura do *podium*, cerca de 4,50 m, o seu assentamento diretamente no substrato rochoso calcário, a inexistência de estrutura foral ou basilical de enquadramento, a inutilização de espaços urbanísticos imediatamente anteriores e com distinta orientação, por fim, uma cronologia fundada em dados arqueológicos, que remete para os finais do terceiro quartel e inícios do último quartel do séc. I a.C.²⁷⁴⁶ Como refere Jorge de Alarcão, em função dos elementos apresentados parece mais provável uma data próxima de 27-25 a.C.²⁷⁴⁷

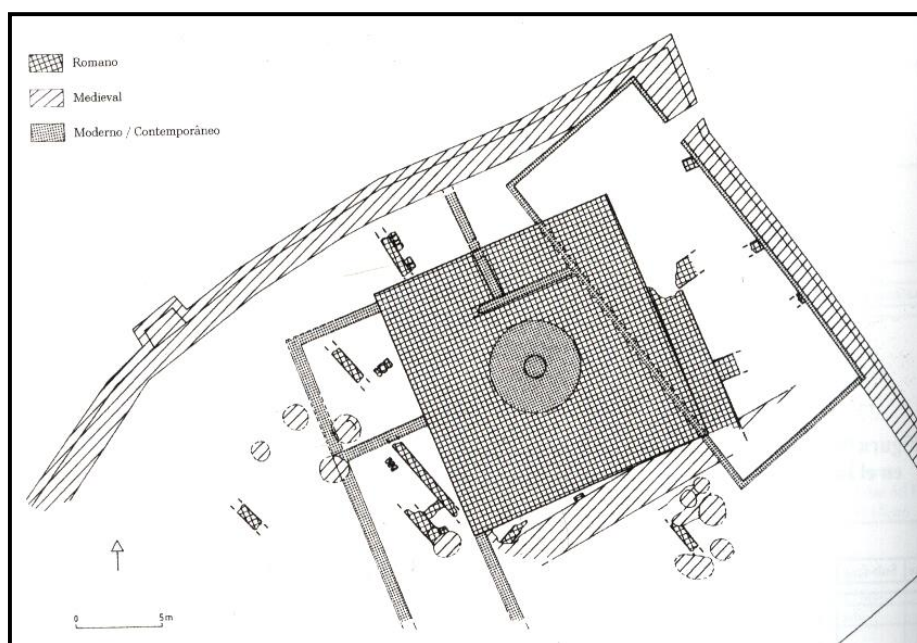


Figura 145- Plano simplificado das estruturas reveladas na intervenção do Largo da Alcáçova n.º 3-5 (segundo A.M. Arruda e C. Viegas)²⁷⁴⁸

Ana Arruda e Catarina Viegas expuseram, igualmente, uma longa lista de paralelos de edifícios de planta quadrangular colocados em paralelo com a construção escalabitana, alguns dos quais referidos com justificado ênfase por equivalerem a exemplos peninsulares relevantes em termos cronológicos e/ou funcionais. Desde o primeiro momento foi aventado como muito provável tratar-se de um templo de tipo

tipo, mas que está bem presente em construções militares medievais da I Dinastia. Significará isto que o maciço foi reacondicionado na medievalidade portuguesa, lembrando a referência a uma torre da antiga alcáçova nesta zona? Ou pelo contrário equivalerá a um raro exemplo de Época Romana, por hipótese devido à intenção de colocar um paramento?

²⁷⁴⁶ Idem, p.200; 2002b, p.224.

²⁷⁴⁷ J. Alarcão, 2005, p.268.

²⁷⁴⁸ A.M. Arruda e C. Viegas, 1999

capitolium, questão que necessariamente foi deixada em aberto pelas investigadoras por falta de argumentos iconográficos ou epigráficos²⁷⁴⁹ e pela ausência de evidências da composição da *cella*²⁷⁵⁰. De fato, e por definição, esta tipologia define-se não pela configuração da planta mas por possuir uma *cella* gémea tripartida, destinada à trindade divina capitolina, o que é impossível de averiguar no caso de Santarém.

8.4.1.1. Enquadramento do conjunto

Os dados relativos à estratigrafia e *terra sigillata* da área do templo foram já amplamente tratados divulgados por Catarina Viegas²⁷⁵¹, pelo que se produzirá aqui somente uma sumária apreciação crítica.

As estruturas habitacionais de Época Tardo-Republicana Romana detetadas na área seguem o traçado ortogonal patente noutros setores da Alcáçova, sendo evidente a sua relação física de anterioridade face ao templo nas “*quadrículas 11*” e “*13*”. São justamente estes níveis, destacando-se “*4*” de “*Q.11*” e “*15*” de “*Q.13*”, onde se observa a ausência de *sigillata* e a abundância de elaborações cerâmicas datáveis dos meados do séc. I a.C., que serviram de suporte para a datação do edifício público²⁷⁵². Contudo, deverá notar-se que em horizontes contemporâneos ou anteriores Viegas assinalou a presença de *sigillata*, nomeadamente de um fragmento itálico no “*nível 16*” de “*Q.13*”, e de um outro hispânico no “*18*”²⁷⁵³.

Se as ocorrências acima citadas poderiam ser explicadas por fenómenos pós-deposicionais, aparentemente tão comuns em Santarém, já as realidades observadas na “*quadrícula 12*” deixam em aberto outras leituras. Esta unidade de escavação abrange a esquina oeste do *podium*, e mostra uma potente camada que atinge um pouco mais de 1 m de potência, o “*nível 7*”, cuja ligação com os silhares do *podium* é inexistente, dado ter sido objeto de violação em data contemporânea. A afetação recente trata-se, porém, de uma estreita faixa de somente 15-20 cm de espessura que separa as duas entidades do registo, assentando o “*nível 7*” (= “*nível 10*” e “*11*”) sobre outros anteriores, datados da Idade do Ferro (“*níveis 12*” e “*13*”), e ficando o seu topo à mesma altura da quarta fiada de silhares do primeiro degrau correspondente ao embasamento²⁷⁵⁴. Este dado admite duas interpretações possíveis alternativas: ou o “*nível 7*” da “*quadrícula 1*”² constitui

²⁷⁴⁹ Idem, 1999, p.201 e 2002b, p.226.

²⁷⁵⁰ Idem, 2002b, p.225.

²⁷⁵¹ C. Viegas, 2003a, p.245-264.

²⁷⁵² Idem, p.252-253.

²⁷⁵³ Idem.

²⁷⁵⁴ Idem, p.258-260 e fig.30.

um depósito de aterro originado pela terraplanagem da área para receber a construção pública romana ou, em alternativa, equivale a uma formação do mesmo tipo mas ocorrida num momento ligeiramente posterior à sua edificação, traduzindo desta forma um reacondicionamento do espaço, significando neste sentido um *terminus ante quem*.

A matéria assume um interesse acrescido se se considerar o conjunto de materiais cerâmicos “*datantes*” coletados no referido “*nível 7*”: “*abundante cerâmica romana (...), sigillata itálica das formas Consp.22 ou 23 e Consp.34, com cronologia de entre 15 a.C. a 37 d.C., cerâmica de paredes finas, lucernas e ânforas do tipo Dressel I, da Classe 15, (...)*”²⁷⁵⁵. Portanto, e independentemente da interpretação funcional do contexto, de qualquer das formas um aterro, ele admite *termini* temporais para o templo mais recentes dos que até agora propostos, já de meados do último quartel do séc. I a.C., pelo menos, admitindo até datas mais tardias.

Outros elementos contextuais podem ser colocados em relação com as observações até agora produzidas a respeito dos contextos associados ao templo de Santarém, mas constituirão talvez evidências produzidas por outras acções ocorridas em Época Alto Imperial.

Na zona da Quadrícula 5, localizada para oeste do templo, foi detetado o “*nível 5*”, de destruição, possivelmente traduzindo um outro acondicionamento do local. Entre a cerâmica, maioritariamente da Idade do Ferro e Época Republicana Romana, contavam-se outros recipientes mais recentes, dos quais Catarina Viegas destacou a identificação de duas formas de prato em *sigillata* de modo itálico: Consp.4.6, datada de Tibério a Cláudio, e Consp.18.2, de finais do séc. I a.C. a Tibério, que lhe possibilitaram fixar a cronologia com maior probabilidade no principado de Tibério²⁷⁵⁶. Como ocorre igualmente junto do edifício público, mais uma vez se observaram acções construtivas ocorridas nos inícios do principado, arranjos do espaço envolvente ao templo, sendo de supor que outras se terão sucedido sem deixar outro registo que não o da ocorrência de artefatos de cronologias romanas mais baixas, entre as quais *sigillata* de fabrico gálico e hispânico.

²⁷⁵⁵ Idem, p.261.

²⁷⁵⁶ Idem, p.250.

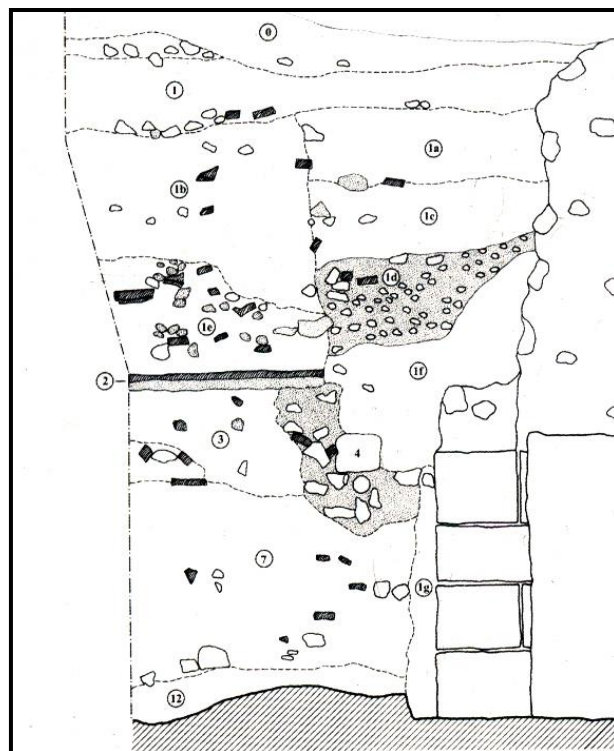


Figura 146- Estratigrafia da Quadrícula 12 (segundo A.M. Arruda²⁷⁵⁷).

8.4.1.2. Produções atestadas

8.4.1.2.1. Produções Itálicas

Sc.1- C. Chrestius (OCK550).

O local da oficina do oleiro em epígrafe é desconhecido, atribuindo-se-lhe uma laboração entre 15 a.C. e 5 d.C.²⁷⁵⁸

A impressão Sc.2 está truncada à direita, apreciando-se somente as primeiras três letras. A insuficiência das representações gráficas que se conseguiu reunir no OCK, que em nove modelos ilustra esquematicamente seis, impede a sua classificação mais fina, como aliás se depreende da original publicação de Viegas²⁷⁵⁹.

Sc.2- Oleiro desconhecido- impressão truncada.

Catarina Viegas descreve um fragmento de uma “marca” de formato *in planta pedis* truncada, por isso ilegível, encontrada no “nível 5” da “sondagem 13”²⁷⁶⁰.

Sc. 1	Itália Central	Taça		C.Chrestius	C.CH(...)	-	15 a.C. - 5 d.C.	

²⁷⁵⁷ A.M. Arruda, 2000, p.6, fig.126.

²⁷⁵⁸ OCK, p.179.

²⁷⁵⁹ Idem.

²⁷⁶⁰ C. Viegas, 2003a, p.89 e n.º2879.

Sc. 2	Desconh.	Prato		Ol. Desc.	(...)	-	+ 15 d.C.	n.i.

Figura 147- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas da I.A.U. no Largo da Alcáçova n.ºs 3-5- 1994/1995.

8.4.1.2.2. Produções Gálicas

Sc.3- Sabinus iii (NOTS 8, 17-29).

O oleiro em epígrafe é o mais bem representado dos fabricantes sudgálicos no território em estudo, com nove impressões assinaladas em Lisboa²⁷⁶¹.

A “marca” é igual a uma impressão estampada num prato Drag.18 da Praça da Figueira, em Lisboa, para a qual não conseguimos encontrar paralelo exato²⁷⁶². De qualquer das formas, esta coincidência sugere a íntima relação entre os abastecimentos cerâmicos de ambas as cidades.

Sc.4- Oleiro desconhecido- impressão grafomorfa.

O exemplar encontra-se estampado no fundo de uma tigela do tipo Drag.27 dotado de canelura na parede exterior do pé, não se tendo encontrado paralelos para esta “marca” grafomorfa.

Sc. 3	La Grauf.	Tigela		Sabinus iii	(...)F.SABINI	-	60 - 75 d.C.	
Sc. 4	La Grauf.	Drag.27		Ol. Desc.	IIFII.	Vechten GrupoY	40- 80 d.C.	

Figura 148- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica da intervenção no Largo da Alcáçova n.ºs 3-4- 1994/1995.

8.4.1.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

As impressões recolhidas na escavação da área do templo romano de Santarém são oriundas de contextos de formação posterior, não apresentando, por esta razão, qualquer contributo relevante para o estabelecimento da cronologia de formação dos contextos respetivos ou da problemática em torno do momento de edificação do templo romano.

Ainda assim, e porque diversos indícios apontam para arranjos do espaço ocorridos na primeira metade do séc. I d.C.²⁷⁶³, será de admitir igualmente a continuidade destas acções de remodelação ou reparação do espaço na segunda metade

²⁷⁶¹ Vide *supra*, Ol.16, 56, 144, 344 a 349.

²⁷⁶² Idem, Ol.344.

²⁷⁶³ R.R. Almeida, 2008, p.232-239.

do século, em função da presença das impressões sudgálicas repertoriadas Sc.3 e 4, encontradas em depósitos de formação mais recente, respetivamente nas “*sondagens 2*” e “*14-17 Oeste*”.

8.4.2. Jardim das Portas do Sol- “*Vala 2*” (Marvila)- Sc.5.

O atual Jardim das Portas do Sol deve a sua origem a uma iniciativa camarária de reordenamento do espaço da antiga Alcáçova, altura em que se procedeu à anulação de toda a urbanística anterior presente nesta zona da Alcáçova, o que implicou a demolição de numerosos edifícios de origem medieval e moderna para a conformação de uma área pública ajardinada e de miradouro.

Inaugurado em 1902 com a designação de Jardim de D. Afonso Henriques, sofreria uma profunda alteração em 2008-2009 no âmbito do programa Polis de Santarém que lhe conferiu uma linguagem estética contemporânea obliterando o anterior paisagismo de sabor romântico.

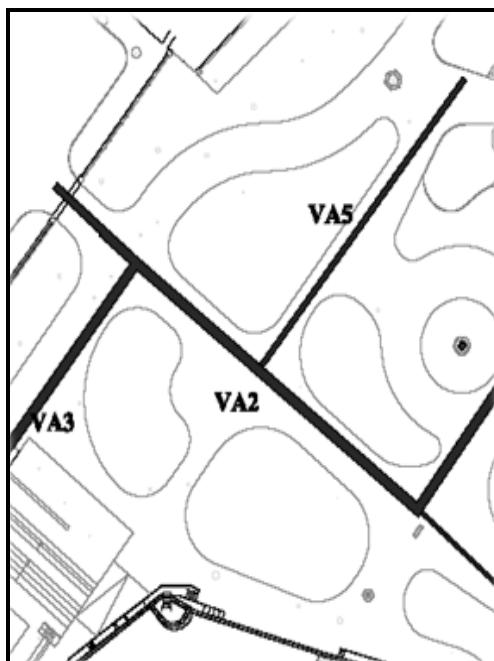


Figura 149- Localização da “*Vala 2*” (segundo Laurent Caron²⁷⁶⁴).

Com relação com este novo arranjo, houve a necessidade de executar novas drenagens hídricas, alvo de peritagem arqueológica por uma equipa ligada ao Instituto Superior Politécnico de Tomar, dirigida por Laurent Caron. O primeiro eixo aberto a

²⁷⁶⁴ Idem, fig.2.

partir das portas de acesso ao espaço público equivale ao prolongamento linear da Avenida 5 de Outubro e Largo da Alcáçova, tendo sido designado por “Vala 2”²⁷⁶⁵.

8.4.2.1. Enquadramento do conjunto.

Os trabalhos arqueológicos na “Vala 2” revelaram em toda a extensão unidades estratigráficas, mais ou menos potentes, equivalentes a terraplanagens efetuadas em toda a área na Idade Média e Época Moderna. Sob estas foram detetadas estruturas e níveis do período muçulmano, pontualmente de indefinida cronologia romana e, nos últimos 10 m de extensão a sudeste, “*numerosos níveis e estruturas da Idade do Ferro*”²⁷⁶⁶.

8.4.2.2. Produções atestadas.

8.4.2.2.1. Produções gálicas

Sc.5 - Oleiro desconhecido- impressão truncada.

Da impressão resta somente o limite da parte mesial da cartela, onde se vislumbram vestígios dos caracteres, insuficientes para se poder efetuar a atribuição a um oleiro.

O recipiente, cujas características macroscópicas observáveis na pasta e revestimento remetem para um fabrico de La Graufesenque ou oficinas suas subsidiárias, mostra detalhes de modelação, como a inclinação interior do pé ou as caneluras nesta mesma parede, que o remetem para o período avançado de Nero a Vespasiano²⁷⁶⁷.

Sc. 5	La Grauf.	Drag.33	G.1	Ol. Desc.	(...)	-	65 – 80 d.C.	

Figura 150- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas da intervenção no Jardim das Portas do Sol/”Vala 2”- 2008.

8.4.2.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico

O único exemplar de *terra sigillata* ostentando “marca” oriundo da “Vala 2” foi detetado na U.E.5, uma formação recente contendo abundante cerâmica de cronologia medieval e moderna. Considerando o contexto de recolha, o contributo do exemplar faz-se somente em relação ao perfil global das importações da cidade.

²⁷⁶⁵ L. Caron, 2009.

²⁷⁶⁶ Idem, p.5.

²⁷⁶⁷ M. Polak, 2000, p.122.

8.4.3. Jardim das Portas do Sol- “Vala 3” e “SEV” (Marvila)- Sc.6-Sc.14.

Localizadas na metade SO do Jardim das Portas do Sol, os setores alvo de trabalhos arqueológicos indicados em epígrafe resultaram, como o ponto urbano, anterior, das necessidades do projeto Polis de rearranjo do espaço público.

A “Vala 3” equivaleu à escavação, realizada em 2009, destinada à instalação de uma drenagem hídrica conetada com a “Vala 2” antes mencionada, sendo perpendicular a esta e orientada no sentido NE-SO.

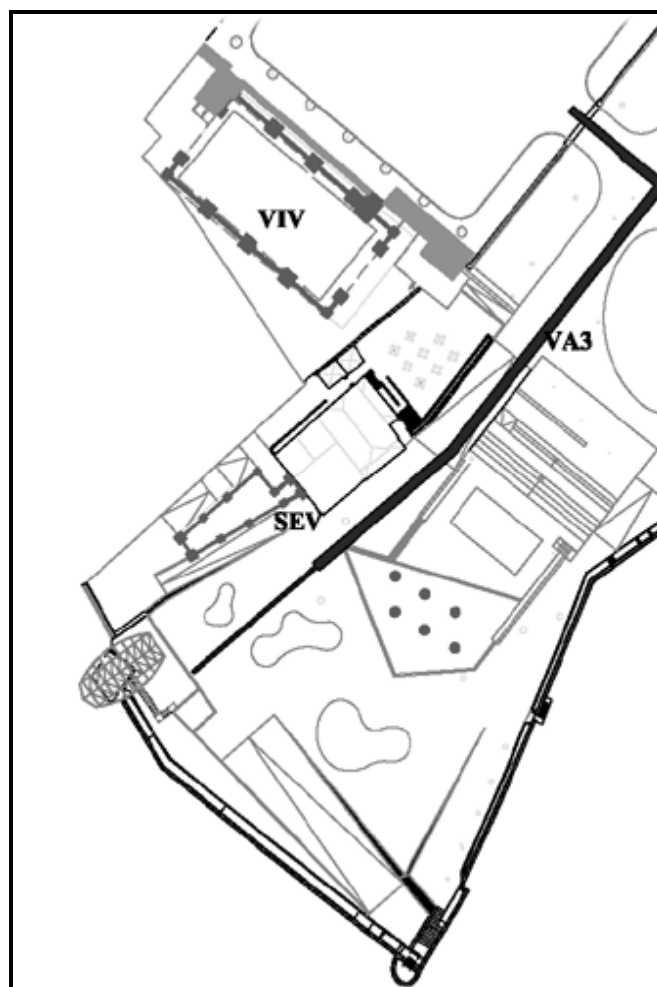


Figura 151- Localização da “Vala 3” e “SEV” (segundo Laurent Caron²⁷⁶⁸).

Nas proximidades da “Vala 3”, e por isso aqui incluída, foi feita a intervenção arqueológica resultante da criação do edifício de apoio à manutenção do jardim, designado por “SEV”. Tendo sido inicialmente prevista somente a abertura de 11 sapatas destinadas às fundações, resultaria depois também na peritagem de uma rampa

²⁷⁶⁸ L. Caron, 2009, fig.2.

de acesso e de um muro adjacente à futura construção²⁷⁶⁹. Os resultados obtidos nesta zona, escavada a partir de Dezembro de 2008, indicam a presença de uma necrópole cristã medieval, como de níveis anteriores de cronologia medieval muçulmana e romana imperial, que a exiguidade da área escavada não permitiram esclarecer melhor.

8.4.3.1. Enquadramento do conjunto

A estratigrafia revelada pela campanha de trabalhos de 2008-2009 revelou, como é comum na Alcáçova de Santarém, uma intensidade ocupacional que obliterou os níveis mais antigos de Época Romana.

Ainda assim, no “poço 11” do “SEV”, exíguo espaço de 1,50m x 0,80m destinado à implantação de uma sapata de fundação, foram identificados níveis de cronologia romana associados a estruturas coevas, obliterados por dois silos islâmicos, como é apanágio em Santarém.

8.4.3.2. Produções atestadas

8.4.3.2.1. Produções itálicas

Sc.6- C. Chrestius (OCK 550).

Da impressão conservam-se somente os dois últimos caracteres, de tamanhos desiguais: um S alto, e um pequeno T. Trata-se, sem reservas, da impressão OCK 550.3, cuja presença se conhece apenas através de um vaso de proveniência desconhecida do Museu de Albi²⁷⁷⁰. O exemplar é assim atribuído a C. Chrestius, produtor cuja presença já havia sido assinalada em Santarém²⁷⁷¹, ativo entre cerca de 15 a.C. e 5 d.C.

Sc.7- Euhodus (2) = Cneus Ateius Euhodus (OCK 787 = 292).

O produtor é um dos elementos chave das oficinas ateianas que, após a sua manumissão, desempenhou com outros quatro libertos funções de topo no âmbito da organização da produção²⁷⁷².

O seu período de laboração em Pisa compreende o momento da deslocação do *dominus* de Arezzo para a cidade tirrénica da foz do Arno, cerca de 5 a.C., tendo-se prolongado até cerca de 40 d.C.²⁷⁷³

²⁷⁶⁹ L. Caron, 2009, p.6.

²⁷⁷⁰ OCK-CD, vaso n.º 25308.

²⁷⁷¹ Vide *supra*, Sc.2.

²⁷⁷² P. Kenrick, 1997.

²⁷⁷³ OCK, p.218.

O fragmento de Santarém apresenta grande espessura, devendo por isso tratar-se de um pratel. Uma “marca” similar havia sido repertoriada em Cartago, numa forma de recipiente não identificada²⁷⁷⁴. Uma elaboração sua havia sido já assinalada na área em estudo, em Lisboa²⁷⁷⁵, e embora os seus vasos estejam bem atestados em Mérida, onde surgem por oito vezes²⁷⁷⁶, fora da área da capital provincial foram detetados somente em Represas (Beja) e Alcácer do Sal²⁷⁷⁷.

Sc.8- *M. Seruilius Figulus* (OCK 1919).

O exemplar encontra-se fragmentado, estampado no fundo de uma taça de perfil troncocónico de tipologia indeterminável, restando somente três letras, SER, inscritas em cartela circular. A pesquisa informática no OCK não ofereceu resultados. Contudo, o fabricante de taças mencionado em epígrafe detém três “marcas” do mesmo formato, OCK 1919.3 a 5: a equivalência da grafia, em particular com OCK 1919.4 e 5, desfaz as reservas que se poderiam colocar. Trata-se, porém, de novo registo, porque a gravação do punção 1919.3 apresenta caracteres de menor dimensão, e 1919.4 e 5 uma linha de pérolas a circundar o texto pelo exterior, o que aqui não se verifica.

O recipiente da Alcáçova de Santarém documenta a segunda importação hispânica do oleiro, depois de ter sido assinalada a sua presença em Ampúrias, e a difusão conhecida no momento dos seus vasos faz-se por Roma (6x +1x?), Bolsena, Pompeia, Patrai, Atenas e Cherchel²⁷⁷⁸.

Sc.9- *A. Titius* (3) (OCK 2166).

O exemplar conservava-se inédito, tendo sido entretanto apresentado publicamente em reunião científica²⁷⁷⁹.

As três impressões dispostas central e radialmente, sobrevivendo duas destas, equivalem à aplicação de um mesmo punção do tipo OCK 2166.9 no fundo de um pratel de que se conserva uma porção da base com a morfologia do fundo e pé Consp.B.1.4, que se associa às tipologias de cronologia precoce e médio-augústea Consp.1 e 10 a 12²⁷⁸⁰.

²⁷⁷⁴ OCK-CD, vaso n.º 21089.

²⁷⁷⁵ Vide supra, Ol.93.

²⁷⁷⁶ J.M. Jerez Linde, 2005, n.ºs 72 a 78.

²⁷⁷⁷ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

²⁷⁷⁸ OCK-CD.

²⁷⁷⁹ R.B. Silva, no prelo.

²⁷⁸⁰ *Conspetus*, p.154.

Oleiro ativo em Arezzo e no Vale do Pó²⁷⁸¹, tem o mesmo modelo patente em Santarém presente em Roma (4x + 1x?), Milão (2x), Vieille-Toulouse (1x), Orange (1x), Lyon (1x), Lousonna (1x ?) La Graufesenque (1x), Neuss (2x), Belchite (1x) e Sabratha (1x), ocorrendo na Hispânia em Valência (1x), Elda (1x)²⁷⁸² e Braga, onde surge por duas vezes²⁷⁸³. Na Península Ibérica, para além dos locais citados, o OCK assinala outros modelos de impressão em Alicante (1x), Mérida (1x) e Ampúrias (3x)²⁷⁸⁴. Como apontamento refira-se que o exemplar da capital lusitana atribuído por P. Kenrick a *A. Titius* (3), por sinal o único modelo conhecido do punção 2166.1²⁷⁸⁵, tem o primeiro carater muito truncado e Jerez Linde, que o reviu e produziu novo desenho, atribui-o com maior propriedade ao aretino *L. Titius* (OCK 2203)²⁷⁸⁶.

Sc.10- *Hilarus L. Vmbricii Scaurii* (OCK 2487).

Como se indica na referência de entrada, *Hilarus* é escravo do aretino *L.Vmbricius Scaurus* (OCK 2479/2480), de cujas oficinas se documentaram mais onze elementos servis.

Operando desde a etapa inicial do *dominus*, este parece ter tido em *Hilarus* um artesão especializado na elaboração de pratos e pratéis, únicas morfologias até agora documentadas²⁷⁸⁷. Com cinco modalidades de punção, e somente dez entradas no OCK, a produção parece ter sido limitada. Em função das tipologias de modelação dos fundos conhecidas, Consp.B.1.1/2 ?, B.1.2, B.2.2, e do único vaso classificado pela forma, Consp.12.1 mas, e sobretudo, por 7 das 8 impressões de que se conhece o modelo equivalerem a estampagens radiais, supõe-se uma elaboração iniciada cerca de 20 a.C.²⁷⁸⁸ No caso presente trata-se do registo de um novo punção, dado a abreviatura do *cognomen* ser inédita.

A difusão extra itálica do artesão está assinalada em Vieille Toulouse, Bourges, Narbonne, Corinto e Titelberg (1x)²⁷⁸⁹.

Sc.11- Oleiro desconhecido- impressão truncada.

²⁷⁸¹ OCK, p.438.

²⁷⁸² OCK-CD.

²⁷⁸³ Rui Morais questiona se uma “marca” publicada por Manuela Delgado e L. Santos (1984, nº1) não equivalerá ao mesmo prato que um outro exemplar que repertoriou na cidade- R. Morais, 2005, n.º 10.

²⁷⁸⁴ OCK-CD.

²⁷⁸⁵ OCK, p.438; B. Pérez Oureirinho, 1990, n.º115.

²⁷⁸⁶ J.M. Jerez Linde, 2005, p.93, n.º129

²⁷⁸⁷ OCK, p.497.

²⁷⁸⁸ OCK-CD.

²⁷⁸⁹ Idem.

Da impressão, aposta no fundo interno de um prato de tipologia indeterminável, conserva-se apenas a parte mesial de uma cartela de formato retangular e vestígios de alguns caracteres, sendo por isso impossível uma adscrição ou sequer a determinação do formato que, pela posição ligeiramente descentrada, deverá corresponder ao tipo bilinear.

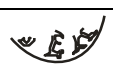
Sc. 6	Itália Central ?	Taça	It.1	<i>C.Chrestius</i>	(...)ST	550.3	15 a.C. – 5 d.C.	
Sc. 7	Pisa	Pratel ?	It.1	<i>Euhodus</i> (2)= <i>Cn.Ateius Euhodus</i>	EVHODI	787.2	5 a.C. – 40 d.C.	
Sc. 8	Itália Central	Taça	It.2	<i>M. Seruilius Figulus</i>	(...)SER(...)	nova	> 1 d.C.	
Sc. 9	Arezzo/ Vale do Pó	B.1.4	It.2	<i>A.Titius</i> (3)	A.TITI (2x radial, 1x central)	2166.9	30 – 10 a.C.	
Sc. 10	Arezzo ?	Prato	It.2	<i>Hilarus L. Vmbricii Scaurii</i>	HILAR/ (...)MB(...)	nova	> 20 a.C.	
Sc. 11	Desc.	Prato	It.1	Ol. Desc.	(...)	-	-	

Figura 152- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas da intervenção no Jardim das Portas do Sol/“Vala 3” e “SEV”- 2008-2009.

8.4.3.2.2. Produções gálicas

Sc.12- Res_ (NOTS 7, 380).

O artesão tem muito restrita difusão, conhecendo-se-lhe apenas três punções e a elaboração de tigelas das formas Ritt.8, Drag.24/25 e 27.

O exemplar está colocado no fundo de uma tigela do tipo Drag.24/25, e corresponde ao punção 1b do NOTS, presente em La Graufesenque, Millau, Augst e *Baelo Claudia*²⁷⁹⁰.

Sc.13-14- Oleiros desconhecidos- impressões truncadas.

Conservando-se apenas a extremidade de uma cartela retangular de ângulos arredondados, o exemplar Sc.13 documenta um fabrico sudgálico de La Graufesenque num formato de vaso estandardizado menos comum, do tipo Ritt.8.

Sc.14, por sua vez, está aplicado no fundo de uma pequena tigela de tipologia indeterminável, apresentando um revestimento de brilho muito intenso, com origem no mesmo centro produtor ou oficinas suas subsidiárias.

²⁷⁹⁰ NOTS 7, p.380.

Sc. 12	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	Res_	RES	1b	40 – 70 d.C.	
Sc. 13	La Grauf.	Ritt.8	G.1	Ol. Desc.	(...)	-	40 - 70 d.C.	{
Sc. 14	La Grauf.	Tigela	G.1	Ol. Desc.	I(?)(...)		40-80 d.C.	

Figura 153- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas da intervenção no Jardim das Portas do Sol/“Vala 3” e “SEV”- 2008-2009.

8.4.3.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

Do pequeno conjunto de nove “marcas” coletadas na “Vala 3” e “SEV”, somente uma foi encontrada em estratigrafia passível de ser contemporânea do período de circulação dos vasos: a impressão radial de *A. Titius*. Recolhida na U.E.32 do “poço 11” do “SEV”, estava incluída entre material romano republicano que integrava este depósito, um aterro destinado à instalação de construções rotuladas pelo responsável da escavação como do período tardo-republicano ou augústeo inicial²⁷⁹¹. A presença do pratel datado de 30 a 10 a.C. vem assim corroborar a interpretação produzida e situar nas primeiras décadas do principado a construção dos muros que se apoiam no terrapleno.

8.4.4. Jardim das Portas do Sol- “Horto do Jardim” (Marvila)- Sc.15 a Sc.26.

A área denominada como “Horto do Jardim” corresponde ao setor mais meridional do espaço público ajardinado, voltado à estrada do Alfange, sendo limitado pelo pano de muralha de origem medieval, integralmente refeito em 1995.

Foi nesta zona que se desenvolveram os primeiros trabalhos arqueológicos dirigidos por Ana Margarida Arruda, decorridos entre 1983 e 1987, norteados pelos princípios metodológicos de Wheeler²⁷⁹².

Trabalhos de consolidação da muralha, e a presença sob esta de importantes contextos construtivos de Época Romana, iriam ser alvo de intervenção arqueológica de salvaguarda em 1995, dirigida por Catarina Viegas.

²⁷⁹¹ Informação oral prestada por L.Caron, a quem se agradece.

²⁷⁹² A.M. Arruda, 1999-2000, 2002 *apud* C. Viegas, 2003a, p.11 e RR. Almeida, 2008, p.209 e seguintes.

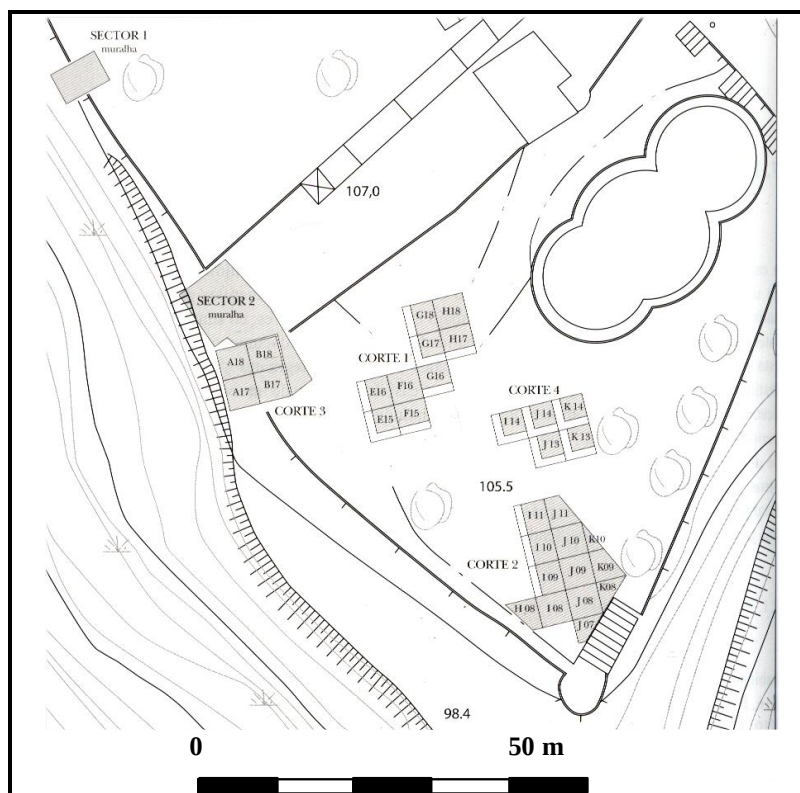


Figura 154- Localização dos setores escavados no “Horto do Jardim” e muralha do Alfange (segundo A.M. Arruda, C. Viegas e R.R. Almeida²⁷⁹³).

8.4.4.1. Enquadramento do Conjunto

A área intervencionada sob a direcção de Ana Margarida Arruda associa diversas quadrículas, tendo em vista a formação de leitura em áreas, designadas por “Cortes” (vide Figura 154, *supra*).

No “Corte 1”, a estratigrafia apresentava-se muito afetada pelas acções posteriores à época romana, tendo ainda assim sido identificadas algumas sequências de terrapleno e remodelação de cronologia alto-imperial romana e, com maior interesse, os vestígios de um pavimento.

Um pavimento em *opus signinum* de planta retangular foi identificado no “Corte 2”, assente diretamente sobre o substrato rochoso, por essa razão de data de construção não precisável. O “nível 5”, que se lhe sobrepõe, apesar da alta frequência de materiais romanos e anteriores é, porém, medieval²⁷⁹⁴.

No “Corte 4” verificou-se a existência de duas condutas de drenagem hídrica romanas, como o restante muito afetadas pelas estruturas negativas muçulmanas²⁷⁹⁵. Os níveis mais antigos do local, segundo Catarina Viegas, remetem para formações

²⁷⁹³ A.M. Arruda, 2002; C. Viegas, 2003a *apud* R.R. Almeida, 2008, p.210, fig.82.

²⁷⁹⁴ C. Viegas, 2003a, p.220.

²⁷⁹⁵ Idem, p.230.

ocasionadas não antes do séc. II d.C., considerando a presença de *sigillata* hispânica naqueles contextos²⁷⁹⁶.

As evidências construtivas romanas mais relevantes desta área do Jardim das Portas do Sol equivalem a um complexo de estruturas hidráulicas cujo carácter público²⁷⁹⁷ parece mais que provável, revelados na área do “Corte 3” e pelos trabalhos desenrolados em 1995. A construção principal, embora interpretada como quatro cisternas gémeas, parece mais plausível equivaler a quatro compartimentos comunicantes de uma mesma estrutura. No seu tardoz, os restos de um pavimento em *opus signinum* documentarão um tanque, tendo sido detetado mais a norte, no “Setor 2”, restos de um outro (Vide Figura 155, *infra*).

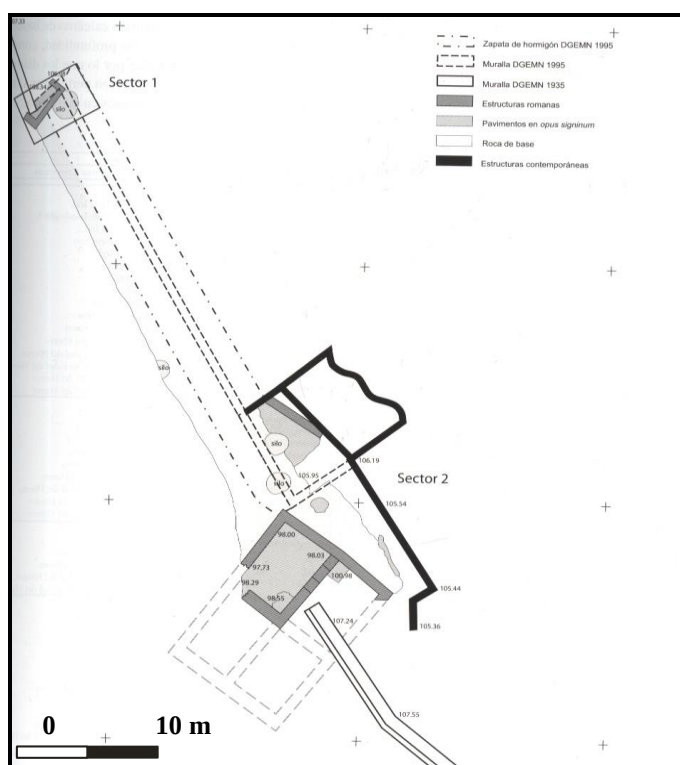


Figura 155- Planta das estruturas hidráulicas romanas sobrepostas pela muralha do Alfange (segundo C. Viegas e R.R. Almeida²⁷⁹⁸).

O conjunto ilustra os esforços construtivos de carácter público para suprir as carências que se fazem sentir na área da Alcáçova num dos principais aspetos da vida urbana dos romanos escalabitanos, a água.

²⁷⁹⁶ Idem, p.233.

²⁷⁹⁷ Idem.

²⁷⁹⁸ C. Viegas, 2003a *apud* R.R. Almeida, 2008, p.215, fig.86.

8.4.4.2. *Produções Atestadas*

Do conjunto de produções resultantes da escavação do antigo “*Horto do Jardim*” ressalta a predominância de produções itálicas e sudgálicas, tendo sido assinaladas em estratigrafia relativamente coeva no “*Corte 1*”: a presença das formas itálicas Consp.22 ou 23, gálicas Ritt.8 e Drag.24/25 e hispânica Drag.15/17 no “*nível 3*” do “*corte 1*”; itálica Consp.27.1.2, Drag.27 e 30 sudgálica e hispânica indeterminada no “*nível 2C*”; a atestação da forma Hayes 14/17 em *terra sigillata* africana clara no “*nível 2B*” remete, contudo, todos os restantes seguramente para uma data já dentro da segunda centúria da Era²⁷⁹⁹.

Igualmente merecedora de menção é a predominância de *sigillata* itálica e sudgálica nos contextos formados ulteriormente reconhecidos nos “*cortes 2, 3, 4*” e setores da muralha, alvo de remobilizações²⁸⁰⁰. É esta a imagem que se induz também a partir das “*marcas de oleiro*”, onde se destaca uma maioria de exemplares itálicos e a fraca representação de impressões gálicas e hispanas.

8.4.4.2.1. *Produções Itálicas*

Sc.15- *Sex. Aruius* (OCK 259).

Para Oxé o produtor seria um dos filhos de *C.Aruius* (OCK 254), o que para Kenrick está insuficientemente demonstrado²⁸⁰¹. Viegas hesitou na correspondência do exemplar de Santarém, que tem uma grafia e organização do texto idênticas à do OCK 239.3, dado de fato apresentar um traço mais fino, pelo que se admite tratar de punção distinto mas muito similar ou, em alternativa, resultar de um avivar das letras que produziu aquele efeito.

Fabricante de muito limitada compulsão de vasos, está documentado em Roma (3x), Cherchel (3x), *Lixus* e Elche (1x)²⁸⁰².

Sc.16- *Faustus* (2) (OCK 815).

O oleiro em epígrafe laborou em sítio não precisado da parte central da Península Itálica, compulsando loiça lisa entre cerca de 1 e 20 d.C.²⁸⁰³

²⁷⁹⁹ Conf. R.R. Almeida, 2008, p.211.

²⁸⁰⁰ C. Viegas, 2003a; R.R. Almeida, 2008, p.213-220.

²⁸⁰¹ OCK, p.113.

²⁸⁰² OCK-CD.

²⁸⁰³ OCK, p.223.

O punção, do tipo 815.4 do OCK, está atestado em Roma (11x), Sermoneta (1x), Cherchel (1x), Ampúrias (3x), Elche (1x), Córdoba (1x) e *Baelo Claudia* (1x), atingindo os restantes treze modelos de impressão os mesmos e outros pontos da Península Itálica mais Bordéus (1x), na *Aquitania*, Vindonissa (2x), no *limes* germânico, e Alcácer do Sal, na *Lusitânia*²⁸⁰⁴.

Sc.17- *Primus C.Memii* (OCK 1156).

Primus é um dos 17 escravos que assinaram loiça nas oficinas de *Caius Memmius* (OCK 1138), provavelmente em Arezzo entre 15 a.C. e 5 d.C.²⁸⁰⁵

A impressão presente tem paralelo em Roma (1x?), Ortona e Chiusi (1x), estando o artesão atestado também de outras formas em Arezzo (1x?), Roma (2x), Cartago, Cherchel (1x), *Lixus* (2x) e Augsburg-Oberhausen (1x)²⁸⁰⁶.

Sc.18- *P. Messenius Menopilus* (OCK 1171).

Produtor de loiça lisa de um sítio indeterminado no centro da Península Itálica, tem uma laboração estimada entre 40 e 1 a.C.²⁸⁰⁷, podendo tratar-se do fabricante de cronologia mais recuada documentado em Santarém.

Com o mesmo *praenomen* e *nomen* conhecem-se mais quatro oleiros com “marcas de oleiro” de texto como o presente desenvolvido em três linhas: *Amphio* (OCK 1169), *Helenus* (OCK 1170), *Sindaeus* (OCK 1172), *Zosimus* (OCK 1173)²⁸⁰⁸. Parece que no seu conjunto se tratam de libertos de um dos primeiros produtores itálicos de *sigillata*, *P.Messenius* (OCK 1168), que laborou entre 40 e 20 a.C.²⁸⁰⁹ e que somente tem “marcas” radiais, como seria de esperar nesta fase dos fabricos.

O punção utilizado em Santarém, porém, nunca foi encontrado em posição radial, estando documentado em Roma (6x+1x?), Perugia (1x?), Monteleone Sabino, *Aquinum/Interamna*, Agrigento (1x), Lattara (2x), Agen, Tamuda e, em solo hispano, em Tarragona (1x)²⁸¹⁰.

Sc.19- *Primus* (2) = *Primus N.Naeuii Hilarii* (OCK 1530)

²⁸⁰⁴ OCK-CD.

²⁸⁰⁵ OCK, p.282.

²⁸⁰⁶ OCK-CD.

²⁸⁰⁷ OCK, p.284.

²⁸⁰⁸ Idem, p.283-284.

²⁸⁰⁹ Idem, p.283.

²⁸¹⁰ OCK-CD.

Como já tivemos ocasião de referir noutra ocasião²⁸¹¹, a revisão de Kenrick desarticulou os elementos relativos às importantes oficinas puteolanas de *N.Naeuius Hilarius*.

Em referência à impressão intra-decorativa em análise, o tipo (OCK 1530.1), o OCK refere que deveria fazer parte de uma “marca” em duas partes²⁸¹², sendo que a outra referia o *dominus* através de uma das variantes de *Naeuius* (1) (OCK 1231), procedimento semelhante adoptado para os vasos decorados assinados por *Atticus* (OCK 339) e *Pharnaces* (OCK 1437)²⁸¹³.

Trata-se da única “marca de oleiro” intra-decorativa em recipiente de fabrico de modo itálico registada na região em estudo, de que se conhecem somente dois paralelos em cálices encontrados em Putéolos²⁸¹⁴.

Sc.20 a Sc.22- Oleiros desconhecidos- impressões truncadas.

Catarina Viegas publicou três “marcas” colocadas no fundo interno de taças de tipo indeterminável, truncadas e ilegíveis: Sc.20 em cartela retangular, Sc.21 com o mesmo formato, do tipo OCK.8, e Sc.22, *in planta pedis*, do tipo 162²⁸¹⁵.

Sc. 15	Itália Central	Indet.		<i>Sextus Aruius</i>	SEX.ARVI	259.3	1 - +15 d.C.	
Sc. 16	Itália Central	Taça		<i>Faustus</i> (2)	FAVS/TVS	815.4	1 - 20 d.C.	
Sc. 17	Arezzo	Taça		<i>Primus C.Memmii</i>	C.MEM/PRI(...)	1156.5	15 a.C. – 5 d.C.	
Sc. 18	Itália Central	Indet.		<i>P.Messenius Menopilus</i>	(...)SE/ (...)ME/ (...)VS	1171.4	40 - 1 a.C.	
Sc. 19	Putéolos	Cálice		<i>Primus</i> (2) = <i>Primus N.Naeuii Hilarii</i>	PRIM(...)	1530.1	> 1 d.C.	
Sc. 20	Desconh.	Taça		Ol. Desc.	(...)	-	-	n.i.
Sc. 21	Desconh.	Taça		Ol. Desc.	(...)	-	-	n.i.
Sc. 22	Desconh.	Taça		Ol. Desc.	(...)	-	+ 15 d.C.	n.i.

Figura 156- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas das intervenções no Jardim das Portas do Sol/ “Horto do Jardim” e “Setor I” da “muralha do Alfange”- 1983/1987 e 1995.

²⁸¹¹ R.B. Silva, 2005, p.114.

²⁸¹² OCK, p.339.

²⁸¹³ Idem, p.296.

²⁸¹⁴ OCK-CD, vasos n.ºs 29532 e 19624.

²⁸¹⁵ C. Viegas, 2003a, p.93, n.ºs 2885, 2877 e 2726.

8.4.4.2.2. Produções gálicas

Sc.23- *Sentrus ii* (NOTS 8, 230-231).

Artesão de pequena capacidade de compulsão de vasos, condição induzida por somente ter quatro punções conhecidos, esteve ativo entre 45 e 65 d.C.²⁸¹⁶

A impressão, do tipo 2a, está documentada na “*Fossa de Gallicanus*”, o que lhe suporta a cronologia, tendo sido produzida com o único punção do oleiro que conhece ampla difusão, dado ter surgido igualmente em Neuss, Augst, Nijmegen, Kops Plateau de Nijmegen, Fishbourne, Richborough, *Verulamium*, *Camulodunum*, Wroxeter, Colchester, Londres, Fos-sur-Mer, Cherchel, e *Baelo Claudia*²⁸¹⁷.

Sc.24-Sc.25- Oleiros desconhecidos- impressões truncadas.

Catarina Viegas indica a existência de uma “marca” muito truncada, Sc.24, de que se conservava somente a parte terminal com o texto E., aplicada no fundo de uma tigela de tipo indeterminável, e de uma outra, Sc.25, igualmente aplicada em tigela, de que restariam somente os vestígios da sua existência²⁸¹⁸.

Sc. 23	La Grauf.	Indet.		<i>Sentrus ii</i>	(...)NTRVS (...)	2ª	45 – 65 d.C.	
Sc. 24	La Grauf.	Tigela		Ol. Desc.	(...)E.	-	-	n.i.
Sc. 25	La Grauf.	Tigela		Ol. Desc.	(...)	-	-	n.i.

Figura 157- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas das intervenções no Jardim das Portas do Sol/ “*Horto do Jardim*”- 1983/1989.

8.4.4.2.3. Produções Hispânicas

Sc.26- *Lapillius* (Bustamante, 547-552).

A impressão encontra-se muito fragmentada, mostrando a parte terminal de um texto inscrito numa cartela retangular. A grafia fina é muito característica do grande produtor riojano, sendo impossível, como assinalou Viegas e dado o mau estado de conservação, tentar enquadrar o exemplar²⁸¹⁹ ou estabelecer paralelos dada a quantidade elevada de punções muito similares de *Lapillius*.

²⁸¹⁶ NOTS 8, p.231.

²⁸¹⁷ Idem, p.230.

²⁸¹⁸ C. Viegas, 2003a, p.133, n.ºs 2916 e 2780, respetivamente. Esta última é oriunda da “camada 1” da “*quadrícula 1*”, no “*corte 3*”, que não possuía níveis romanos preservados- Conf. Idem, p.264.

²⁸¹⁹ Idem, p.159.

Sc. 26	La Rioja	Indet.		Lapillus	(...)ILI	-	70 - 150 d.C.	

Figura 158- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” hispânica da intervenção no Jardim das Portas do Sol/ “Horto do Jardim”- 1985.

8.4.4.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

A colecção de impressões recolhidas na área do antigo horto e resultantes do trabalho arqueológico de salvaguarda dos contextos romanos que jaziam sob a muralha voltada ao Alfange de Santarém foi, na totalidade, encontrada em contextos formados em data posterior ao período de comercialização dos vasos.

É, por esta razão, difícil e arriscado estabelecer uma conexão, mesmo que indireta, entre os exemplares e os potenciais contextos originais de deposição dos descartes, de que é exemplo a impressão de *Primus C.Memii*, encontrada na estratigrafia correspondente à destruição de uma habitação de meados do séc. I d.C., formada nos meados a finais do séc. IV d.C.²⁸²⁰

8.4.5. Jardim das Portas do Sol- Área da Porta do Jardim- Sc.27 a Sc.29.

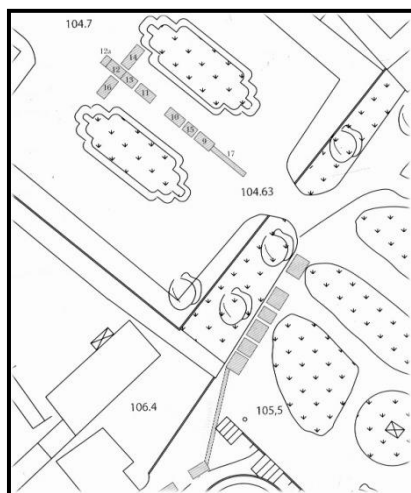


Figura 159- Planta de localização das sondagens efetuadas em 1997 no Largo da Alcáçova e junto ao acesso ao Jardim das Portas do Sol (segundo R.R. Almeida¹).

O acesso ao espaço ajardinado faz-se pelo Largo da Alcáçova, zona objeto de escavações arqueológicas em 1997 sob a direcção de Ana Margarida Arruda e Catarina Viegas. As sondagens realizadas incidiram no exterior, na parte central do referido largo, como também no interior, junto a um canteiro que confinava com o muro e gradeamento em ferro forjado que sela o acesso ao Jardim.

²⁸²⁰ Idem, p.213-214.

8.4.5.1. Enquadramento do conjunto.

Os trabalhos arqueológicos que incidiram no Largo da Alcáçova compuseram uma área de sondagens de disposição em cruz, com o seu lado maior assente no alinhamento da Avenida 5 de Outubro, assumindo caráter preventivo no quadro da instalação de infra-estruturas de saneamento²⁸²¹. A zona assumia uma elevada sensibilidade arqueológica, dado situar-se supostamente sob o trajeto que seguiria o *Kardo maximus* de *Scallabis*. Contudo, nenhum nível romano foi detetado aqui, porque as ações ocorridas na Idade Média e posteriormente os terão obliterado, dado os contextos da Idade do Ferro terem sido detetados imediatamente sob o piso de asfalto contemporâneo²⁸²².

No interior do Jardim das Portas do Sol foram identificadas estruturas e estratigrafia de Época Imperial Romana: na “Sondagem 2”, descobriu-se um muro associado a uma coluna em *opus latericium*, datados já do séc. V d.C.²⁸²³; nas “Sondagens 3” e “5” registou-se um nível de abandono/destruição de uma estrutura, aparentemente ocorrida no séc. II d.C., contendo abundante material cerâmico, sobreposto ao “nível 5”, de destruição parcial da mesma estrutura mas cronologicamente anterior, ainda do séc. I d.C.²⁸²⁴; a definição do momento de construção da estrutura antes referida foi fixada a partir dos dados da “Sondagem 5”, nomeadamente o “nível 13”, que a remete para pleno séc. I d.C.²⁸²⁵; por fim, na “Sondagem 19”, foram reveladas áreas mais preservadas, tendo-se identificado um compartimento de cronologia tardo-republicana romana e o espaço que lhe era exterior, amortizado nos finais da República ou inícios do Principado²⁸²⁶.

8.4.5.2. Produções atestadas

8.4.5.2.1. Produções Itálicas

Sc.27- Publius Cornelius (OCK 624).

Publius Cornelius é um dos fabricantes aretinos de maior capacidade produtiva e, seguramente, a oficina de maior exportação para a Lusitânia meridional e ocidental,

²⁸²¹ A.M. Arruda, 2000 *apud* R.R. Almeida, 2008, p.241, fig.102, modificado.

²⁸²² *Idem*, p.242.

²⁸²³ C. Viegas, 2001, p.266.

²⁸²⁴ R.R. Almeida, 2008, p.242.

²⁸²⁵ *Idem*; C. Viegas, 2003a, p.270.

²⁸²⁶ R.R. Almeida, 2008, p.247.

razão porque está atestado na área em estudo em Lisboa por seis exemplares²⁸²⁷, tendo vasos seus presentes igualmente em Montinho das Laranjeiras (Alcoutim), Castelo do Vale de Mértola, Castelo das Guerras (Moura), Represas (Beja) (3x), Alcácer do Sal, Tróia (Grândola), Conímbriga e Senhora do Pilar (Gaia)²⁸²⁸.

Sc.27 equivale ao tipo OCK 624.40, apenas documentado em Marrocos, em Sala²⁸²⁹.

Sc.28- *Eros* (3) = *Eros Ancharii* (OCK 778).

A “marca” encontra-se fraturada diagonalmente, restando somente cerca de metade, sendo atribuível a *Eros* (3), escravo de *Ancharius* (OCK 102)²⁸³⁰.

Conforme já publicado por Catarina Viegas²⁸³¹, trata-se do modelo de punção OCK 778.8, que se iniciaria pelo E “arcaico”, grafado com duplo I.

O mesmo tipo de impressão foi encontrado somente em Fréjus (1x) e Roma (3 x), em bases dos tipos Consp.B.4.1-13 e B.3.16 e numa forma Consp.26²⁸³², portanto somente em taças. Foi talvez considerando a morfologia do vaso mencionada, que abarca a primeira metade do séc.I d.C.²⁸³³, que o OCK estabelece como intervalo cronológico superior a data de “1 B.C. +”²⁸³⁴, aqui considerada. Note-se que na condição não questionada artesão escravo de *Ancharius* (OCK 102), *Eros* tem uma atividade estimada entre 20 e 1 a.C., como acontece com os restantes 13 elementos servis do *dominus*, de Vasanello²⁸³⁵, não se podendo admitir, portanto, limites cronológicos superiores muito distantes da mudança da Era.

Outros modelos de impressão do artesão, de que se conhece somente produção de loiça lisa²⁸³⁶, foram assinalados no próprio centro produtor (9x) e, em contexto de consumo, em Roma (2x) Tiddis (1x), Cartago (1x), Himera (1x), Saintes (2x), Narbonne (1x), Ensérune (1x), Neuss (5x), Tarragona e Ampúrias (1x)²⁸³⁷.

²⁸²⁷ Vide *supra*, Ol. 88 e 244 a 248, bem como comentários respetivos.

²⁸²⁸ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

²⁸²⁹ OCK-CD, vaso n.º7691.

²⁸³⁰ OCK-CD.

²⁸³¹ C. Viegas, 2003a, p.92.

²⁸³² Idem, vasos respetivamente 10376, 19125, 26703 e 26704.

²⁸³³ *Conspetus*, p.98.

²⁸³⁴ OCK, p.217.

²⁸³⁵ OCK-CD.

²⁸³⁶ J.M.Jérez Linde publicou recentemente uma “marca intradecorativa” emeritense truncada, colocada num cálice decorado de tipo não esclarecido, colectada nas escadas do Teatro Romano, onde se lê somente (...)VST(...) e que atribui dubitativamente a *Faustus*- J.M. Jérez Linde, 2005, p.78, n.º79.

²⁸³⁷ OCK-CD.

Sc.29- Oleiro desconhecido- impressão truncada.

A impressão foi repertoriada por Catarina Viegas, que indica tratar-se de um exemplar truncado e ilegível, estampado no fundo interno de um prato, com o formato *in planta pedis*²⁸³⁸.

Sc. 27	Arezzo	Taça		<i>Publius Cornelius</i>	P.COR	624.40	5 a.C. – 20 d.C.	
Sc. 28	Vasanello	Indet.		<i>Eros (3)= Eros Ancharii</i>	(...)ROS	778.8	10 a.C.- 10 d.C.	
Sc. 29	Desconh.	Prato		Ol. Desc.	(...)	-	+ 15 d.C.	n.i.

Figura 160- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas da intervenção no Jardim das Portas do Sol/ junto às portas do Jardim-1997.

8.4.5.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

A “marca de oleiro” de Eros (3) foi recolhida na “camada 8” da “Sondagem 5”, constituindo um dos poucos casos de contexto coevo do período de circulação dos vasos registado em Santarém. No caso, a unidade estratigráfica é inserível na “Fase 2” relacionável com a estrutura romana revelada nas “Sondagens 3” e “5”, em associação com outra *sigillata* itálica, destacando-se a presença da forma Drag.18.2²⁸³⁹, que remete para um momento de finais do séc. I a.C. a Tibério. Sendo a impressão consentânea com estas cronologias, o achado de fragmentos de recipientes sudgálicos de tipologia indeterminada na própria “camada 8”, como também na “camada 13” subjacente²⁸⁴⁰, torna mais plausível uma data para além da admitida para a “marca de oleiro”, tiberiana avançada ou posterior.

Atendendo aos níveis de onde provêm os restantes exemplares, e porque o de *Publius Cornelius* é oriundo da “camada 1” da “Sondagem 5”, e aquele *in planta pedis* foi recolhido na “U.E.002 “da “Sondagem 19”, formações medievais/modernas, o seu contributo reporta-se somente ao perfil de consumo da cidade.

8.4.6. Jardim das Portas do Sol- “Sondagens de 1979”- Sc.30 a Sc.33.

²⁸³⁸ C. Viegas, 2003a, p.93, n.º3233.

²⁸³⁹ R.R. Almeida, 2008, p.244, tabela 39.

²⁸⁴⁰ Idem.

Em 1979 realizaram-se as primeiras sondagens no Jardim das Portas do Sol, dirigidas por José Manuel Garcia, tendo Dias Diogo publicado o material romano resultante desta primeira campanha²⁸⁴¹.

Executadas na área de acesso público do espaço ajardinado, tiveram lugar numa área que não conseguimos precisar, nas imediações do restaurante. Os únicos dados relativos aos contextos exumados reportam a existência de níveis potentes de formação medieval/moderna que teriam obliterado as evidências das ocupações de Época Romana²⁸⁴².

8.4.6.1. *Produções atestadas*

8.4.6.1.2. *Produções itálicas*

Sc.30- A() (OCK 2).

Sob esta designação reuniu o OCK cinco “marcas” de diferente desenho contendo o carater A, neste caso incusa, alertando para que “*certamente não estão todas relacionadas umas com as outras*”²⁸⁴³.

Na publicação original da impressão, de que não conseguimos localizar o paradeiro, Dias Diogo tece considerações sobre uma origem não aretina em função da observação das características macroscópicas da pasta²⁸⁴⁴. O exemplar aproxima-se do modelo OCK.2.4, encontrado estampado no fundo de uma taça em Fréjus²⁸⁴⁵.

Sc.31- *Xanthus* (2) = *Cneus Ateius Xanthus* (OCK 2536).

A impressão colocada no fundo de uma taça foi coletada nos trabalhos dirigidos por José Manuel Garcia em 1979 e publicada por Dias Diogo pouco após²⁸⁴⁶, e não conseguimos também esclarecer do seu paradeiro atual. Diogo esclarece que a “marca” é do tipo *in planta pedis*, e que o texto que se conserva é NTHI. Contudo, a representação gráfica deficiente²⁸⁴⁷ o que impede o estabelecimento de paralelo com as variantes disponíveis no OCK.

²⁸⁴¹ A.M.D. Diogo, 1984.

²⁸⁴² Idem.

²⁸⁴³ OCK, p.79.

²⁸⁴⁴ A.M.D. Diogo, 1984, p.117.

²⁸⁴⁵ OCK-CD, vaso n.º 10076.

²⁸⁴⁶ A.M.D. Diogo, 1984, p.118 e Est.II, n.º8.

²⁸⁴⁷ Idem.

A identificação com o importante oleiro na altura estabelecido em Pisa é porém segura, relembrando-se da sua presença na região em estudo em Lisboa²⁸⁴⁸, Casal do Belo (Loures)²⁸⁴⁹ e *Eburobrittium*²⁸⁵⁰. O prolífico produtor pisano está bem atestado na Lusitânia ocidental e meridional em Castelo das Guerras (Moura), Represas, Monte do Meio (Beja), Miróbriga (1x), Alcácer do Sal (2x), Abúl (Alcácer do Sal), Setúbal e Conímbriga (1x)²⁸⁵¹.

Sc. 30	Itália Central	Taça		A()	A	≈ 2.4	15 a.C. – +15 d.C.	
Sc. 31	Pisa	Taça		<i>Xanthus</i> (2) = <i>Cn. Ateius</i> <i>Xanthus</i>	(...)NTHI	-	15 – 40 d.C.	

Figura 161- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas da intervenção no Jardim das Portas do Sol- “*Sondagens de 1979*”.

8.4.6.2.2. Produções hispânicas

Sc.32- *Lapillius* (Bustamante, 547-552).

Lapillius é um dos produtores riojanos de maior capacidade produtiva, tendo desenvolvido a sua atividade oleira em Trício e El Quemao²⁸⁵² ao longo de um período lato que não se consegue precisar melhor no momento, iniciado em 70 e que se prolongaria até cerca de 150 d.C.²⁸⁵³. Apesar da sua elevada capacidade produtiva e presumida longevidade, está presente em Lisboa somente por uma vez²⁸⁵⁴.

O exemplar, publicado primeiro por Dias Diogo²⁸⁵⁵, conserva-se em exposição no “*Restaurante das Portas do Sol*”, onde foi observada, tendo um paralelo muito próximo na impressão n.º229 da Calle Almendralejo n.º41 de Mérida, encontrada na U.E.1285, da primeira metade do séc. II d.C.²⁸⁵⁶

Sc.33- *Sempronius* (Bustamante, 626-632).

A impressão fora, como as restantes deste item, publicada por Dias Diogo que a atribuiu a um artesão nomeado *Seuerus*²⁸⁵⁷. Catarina Viegas questionou-se acerca desta

²⁸⁴⁸ Conf. *supra*, Ol.166 e 206.

²⁸⁴⁹ Vide apartado próprio, *supra*, Ol.Ag.1.

²⁸⁵⁰ Vide *infra*, Eb.64.

²⁸⁵¹ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

²⁸⁵² M.P. Sáenz Preciado, 2000, p.295; M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.547.

²⁸⁵³ Idem, p.759, fig.331.

²⁸⁵⁴ Conf *supra*, Ol.404.

²⁸⁵⁵ A.M.Dias Diogo, 1984, p.120, Est.II, n.º14.

²⁸⁵⁶ M. Bustamante Alvarez, 2010a, p.686.

²⁸⁵⁷ A.M.D. Diogo, 1984, p.120, Est.II, n.º15.

classificação no seu estudo ulterior da *sigillata* de Santarém, mas dado não ter tido acesso ao exemplar²⁸⁵⁸ não pôde resolver a questão.

Como o anterior exemplar hispânico, o fragmento de fundo expunha-se, quando este trabalho estava em elaboração, numa vetusta vitrina patente na esplanada do restaurante do Jardim, tendo sido possível manusear o exemplar. A impressão, muito truncada, limita-se à parte esquerda onde se lê, sem dificuldade, OF.SEM, classificável como do oleiro *Sempronius*, importante produtor riojano cuja atividade se terá desenvolvido entre 70 e 100 d.C. de acordo com a informação bem estratigrafada das vinte e cinco impressões suas coletadas na Calle Almendralejo n.º41, em Mérida²⁸⁵⁹. Esta informação condiz com o tipo de formulário patente, que na opinião da investigadora que tratou o conjunto da capital provincial, Macarena Bustamante, será datado essencialmente da Época de Vespasiano²⁸⁶⁰.

Sc. 32	La Rioja	Drag.27	H.1	<i>Lapillius</i>	LAPILLI	≈ B.229	70 – 150 d.C.	
Sc. 33	La Rioja	Drag. 15/17	H.2	<i>Sempronius</i>	OF.SEM(...)	-	70 – 85 d.C.	

Figura 162- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânicas da intervenção no Jardim das Portas do Sol- “*Sondagens de 1979*”.

8.4.6.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

Os contextos revolvidos de origem, e o desconhecimento da localização precisa e inexistência conhecida de registo estratigráfico que enquadrasse as quatro impressões coletadas em 1979 tornam inútil qualquer esforço de contextualização, sendo apenas de assinalar a ocorrência de duas “marcas” hispânicas, o fabrico de *sigillata* marcada menos ocorrente em Santarém.

8.4.7. Jardim das Portas do Sol- “Setor B” (Marvila)- Sc.34 a Sc.41.

Sob a designação de “Setor B” incluem-se as quadrículas escavadas desde final da década de ‘80 do século XX na parte mais a leste do Jardim, numa posição que as

²⁸⁵⁸ C. Viegas, 2003a, p.159.

²⁸⁵⁹ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.693, n.ºs 328-339.

²⁸⁶⁰ Idem, p.693.

colocaria em Época Romana para oriente do alinhamento suposto para o *kardo maximus*.

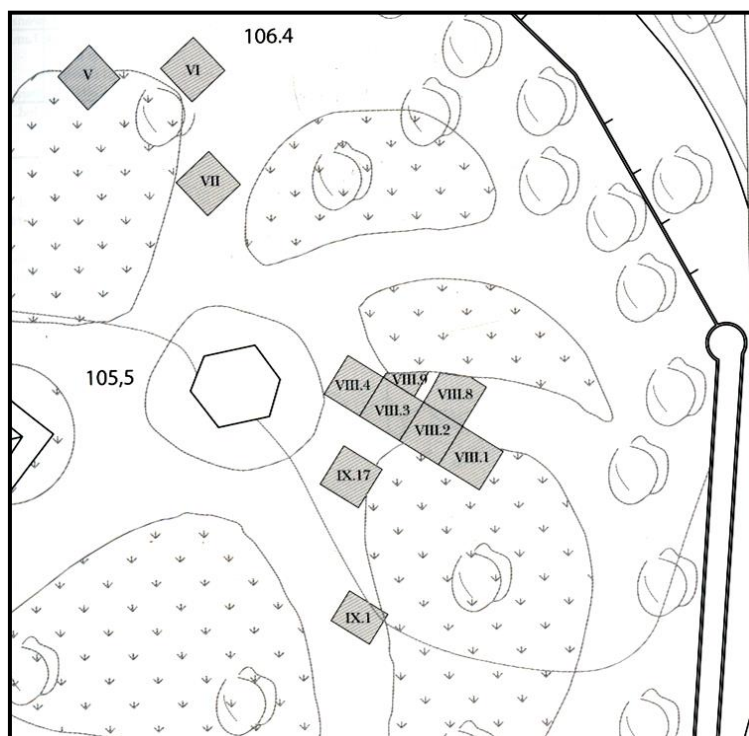


Figura 163- Planta de localização das quadrículas escavadas no Jardim das Portas do Sol- “Setor B” (segundo R.R. Almeida²⁸⁶¹).

8.4.7.1. Enquadramento do conjunto

No “Setor B”, a despeito de não se ter logrado identificar estruturas de Época Romana em área, porque mais uma vez a zona se mostrou profundamente afetada pelas acções decorridas na Idade Média e Época Moderna, revelou uma sequência de níveis a que foi atribuída uma cronologia de entre o período tardo-republicano e os meados do séc. I d.C.²⁸⁶².

Na quadrícula correspondente ao “Corte VII” foram detetados depósitos datados de Época Romana Imperial a partir do “nível 4”²⁸⁶³, do qual provêm três impressões sudgálicas. Este horizonte estava articulado com restos de paredes aparentemente formando parte de um mesmo conjunto²⁸⁶⁴, tendo as formações “5” a “7” (vide Figura

²⁸⁶¹ R.R. Almeida, 2008, p.221, fig.90, adaptado de A.M. Arruda, 2000.

²⁸⁶² C. Viegas, 2003a, p.233; R.R. Almeida, 2008, p.220.

²⁸⁶³ C. Viegas, 2003a, p.237.

²⁸⁶⁴ R.R. Almeida, 2008, p.224.

164, *infra*) sido interpretadas por Catarina Viegas como evidência de terraplenos/aterros originados no período final da República-inícios do Império²⁸⁶⁵.

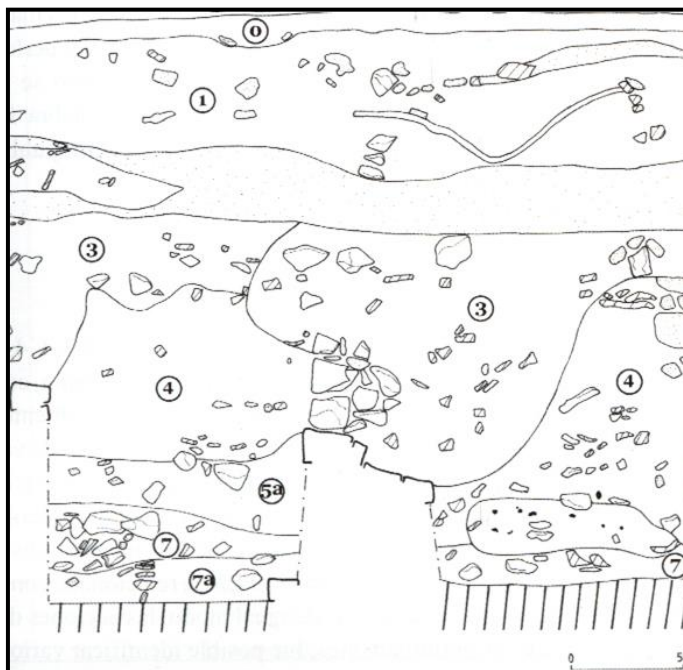


Figura 164- Perfil oeste do “Corte VII” do “Setor B” do Jardim das Portas do Sol (segundo A.M. Arruda²⁸⁶⁶), onde se evidenciam construções de Época Romana.

No “Corte VIII.8”, por seu turno, a estratigrafia refletia o panorama de perturbações dos níveis antigos pelas acções ocorridas nos períodos medieval e moderno, recorrentemente assinalados na área da Alcáçova. Ainda assim, identificou-se nos “níveis 11, 15-17 e 19” distintos momentos de utilização/remodelação do espaço remetidos para a primeira metade do séc. I d.C.²⁸⁶⁷

8.4.7.2. Produções atestadas

8.4.7.2.1. Produções itálicas

Sc.34- Sex. Annius (1) (OCK 183).

Sextus Annius é um prolífico produtor aretino, condição denunciada pelos 60 modelos de punções comprovadamente utilizados, como pelas 219 entradas no OCK.

Ativo entre 20 a.C. e 10 d.C., produziu somente loiça lisa de morfologia variada, incluindo pratéis, pratos e taças, disseminados sobretudo pela Europa do Norte, surgindo na *Germânia Inferior* (56x), *Germânia Magna* (20x), *Hispania Tarraconensis*

²⁸⁶⁵ C. Viegas, 2003a *apud* Idem, p.236.

²⁸⁶⁶ A.M. Arruda, 2000 *apud* R.R. Almeida, 2008, p.225, fig.92.

²⁸⁶⁷ Idem, p.228.

(16 x) e *Galia Narbonensis* (13x), em menor escala no restante das Gálias (15x), Mediterrâneo Oriental (11x), Norte de África (4x), e esporadicamente na *Britannia* (1x), *Baetica* (1x)²⁸⁶⁸ e *Lusitania* (2x), em Alcácer do Sal²⁸⁶⁹.

A “marca” foi publicada por Viegas como equivalendo ao punção OCK 183.8²⁸⁷⁰. Este modelo, porém, apresenta um texto diferente na primeira linha de maior desdobramento do *praenomen*, SEXT, não patente no exemplar escalabitano. Este parece equivaler antes ao tipo 183.10, presente em Ercávica e Cartago²⁸⁷¹.

Sc.35- Oleiro desconhecido- “marca de oleiro” geométrica.

O exemplar corresponde a um fragmento do fundo de taça, onde se encontra estampada a “marca” circular com quadrifólio equivalente ao tipo OCK 2549.9, ocorrente em Ordoná, Mérida e Represas (Beja)²⁸⁷².

Sc.36- Oleiro desconhecido- impressão truncada.

Catarina Viegas publicou uma “marca” de formato retangular, estampada no fundo interno de uma taça, ilegível²⁸⁷³.

Sc. 34	Arezzo	Taça		<i>Sex. Annus</i> (1)	SEX/ANN	183.10	20 a.C. - 10 d.C.	
Sc. 35	Itália Central	Taça		Ol. Desc.	(geométrica circular)	2549.9	+10 a.C.	
Sc. 36	Desconh.	Taça		Ol. Desc.	(...)	-	-	n.i.

Figura 165- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas da intervenção no Jardim das Portas do Sol/“Setor B”.

8.4.7.2.2. Produções gálicas

Sc.37- *Pontus* = *Pontius* ?(NOTS 7, 170-177).

Hartley e Dickinson questionam-se se o nome equivale ao de *Pontius*, sublinhando as diferenças gráficas e cronológicas entre ambas as grafias, colocando a hipótese de se tratarem de dois estádios de um mesmo artesão, como acontece com *Passienus-Passenus*²⁸⁷⁴. Polak rejeita a hipótese de distinção, entendendo existir um só oleiro que assina em latim com duas grafias do nome e identificando-o com a versão em gaulês

²⁸⁶⁸ OCK-CD.

²⁸⁶⁹ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

²⁸⁷⁰ C. Viegas, 2003a, p.91.

²⁸⁷¹ OCK-CD, vasos n.ºs 6754 e 16390.

²⁸⁷² Idem, vasos n.ºs 2118, 17805 e 10610, respetivamente.

²⁸⁷³ C. Viegas, 2003a, p.93, n.º1505.

²⁸⁷⁴ NOTS 7, p.176.

Pontijos, mencionada em róis de La Graufesenque²⁸⁷⁵. A verificar-se esta identidade o fabricante estaria já atestado na região, em Lisboa²⁸⁷⁶.

As lacunas de ilustração do NOTS impedem a classificação do tipo de punção, também não observado noutras obras de referência utilizadas.

Sc.38- *Sabinus iii* (NOTS 8, 17-29) ?

A impressão está muito truncada, conservando-se a parte direita onde se lê somente NIO. Viegas, que primeiro publicou esta impressão, questionou-se se não equivaleria ao texto *Labionio* de *Labio*, oleiro ruteno²⁸⁷⁷. A investigadora terá sido induzida em erro pelo trabalho de Oswald no qual se baseou²⁸⁷⁸, dado que a investigação mais recente do NOTS não regista qualquer texto destes em 85 variantes de impressão de *Labio*²⁸⁷⁹. Talvez Oswald tenha obtido uma leitura deficiente de um texto do tipo *Labionis*, mas *Labio* é de excluir como autor da “marca” de Santarém.

Grafias como a do exemplar em análise, não muito cuidadas, e textos com terminação similar, são conhecidos para o oleiro mais representado em Lisboa, *Sabinus iii*. Com esta base frágil arriscou-se uma atribuição, feita por consequência com as maiores reservas.

Sc.39 e Sc.40- *Secundus i* (NOTS 8, 160-166).

De entre os vários homónimos de La Graufesenque, o indicado em epígrafe é o que detém atividade desenvolvida em momento mais recuado, entre 25 d.C. e o principado de Nero²⁸⁸⁰, estando já representado na região em estudo, em Lisboa²⁸⁸¹.

Originalmente Catarina Viegas julgou que ambas as impressões, a primeira aparentemente completa e a segunda fraturada à esquerda, de que restou somente o texto *YNDI*, se deveriam a *Iucundus*²⁸⁸². A atribuição de Sc.39 já havia sido corrigida em 2005²⁸⁸³, e a publicação entretanto do NOTS permitiu o mesmo procedimento para a segunda.

²⁸⁷⁵ M. Polak, 2000, p.293.

²⁸⁷⁶ Vide *supra*, Ol. 224.

²⁸⁷⁷ Idem, p.132.

²⁸⁷⁸ F. Oswald, 1937, p.159 *apud* Idem.

²⁸⁷⁹ Conf. NOTS 5, p.3-8.

²⁸⁸⁰ NOTS 8, p.165.

²⁸⁸¹ Conf. *supra*, apartado próprio, Ol.17.

²⁸⁸² C. Viegas, 2003a, p.127 e 132.

²⁸⁸³ R.B. Silva, 2005.

A impressão Sc.39 equivale ao punção 2c do NOTS que produziu a “marca” mais difundida do produtor, repertoriada em La Graufesenque, Augst, Estrasburgo, Vechten, Valkenburg, forte, Kops Plateau e necrópole de Nijmegen, Bona, Rheingönheim, Hofheim, Kaiseraugst, Trier, Keramiklager de Oberwinthertur, Ziegelai Sels, Neuss, Aislingen, Xanten, Oberstimm, Berna, Basileia, Richborough, *Camulodunum*, Braughing, Cirencester, Colchester, Figringhoe Wick, Londres, forte de Metchley, Boulogne-sur-Mer, Bezançon, Port-sur-Saône, Nérís-les-Bains, Annécý, Punta del Arenal-Jávea²⁸⁸⁴. A concentração de ocorrências em sítios britânicos e germânicos do Reno e Danúbio é evidente, como o são os poucos achados gauleses, que sugerem um fluxo pelo Ródano-Saône, sendo a representatividade mais meridional escassa.

A presença da “marca” nos contextos do Keramiklager de Oberwinthertur, onde se encontrou um lote de loiça queimada e despejada de um armazém, evento relacionável com a revolta Batava de 69/70²⁸⁸⁵, contraria aparentemente as indicações dos sítios militares de Velsen, Colchester, *Camulodunum*, Rheingönheim e Oberstimm, que apontam para datas cláudias ligeiramente posteriores a 40 d.C.²⁸⁸⁶, sendo o intervalo cronológico superior equivalente ao do oleiro.

Sc.40, por seu turno, apresenta uma impressão feita com punção já à época bastante degradado, o que se nota na informação gráfica transmitida por Viegas²⁸⁸⁷. A “marca” está repertoriada no NOTS sob o título {*Cunus*}²⁸⁸⁸, tratando-se de um exemplar de Augst derivado do modelo 2f’. A imagem deste, porém, mostra a mesma “marca” num estádio menos degradado do que o exemplar escalabitano. Em conclusão, Sc.40 constituirá um estádio mais avançado de degradação do punção 2f’, patente nalguns sítios fundados nos anos 40 como Colchester²⁸⁸⁹, ou o depósito de Chichester, formação datada de 43 a 50 d.C.²⁸⁹⁰

Sc. 37	La Grauf.	Ritt.9		<i>Pontus</i>	OFPONT	-	65 – 95 d.C.	
Sc. 38	La Grauf.	Tigela		<i>Sabinus iii ?</i>	(...)NIO	-	60 - 85 d.C.?	
Sc. 39	La Grauf.	Drag. 24/25		<i>Secundus i</i>	(...)VNDI	2c	40 - 60 d.C.	

²⁸⁸⁴ NOTS 8, p.161.

²⁸⁸⁵ M. Polak, 2000, p. 412.

²⁸⁸⁶ Idem, p.409-412.

²⁸⁸⁷ C. Viegas, 2003a, p.127 e 132.

²⁸⁸⁸ NOTS 3, p.221 e nota 2.

²⁸⁸⁹ NOTS 8, p.162.

²⁸⁹⁰ M. Polak, 2000, p.408.

Sc. 40	La Grauf.	Tigela		<i>Secundus i</i>	OF.CVN (N retro)	2f''	40 - 60 d.C.	

Figura 166- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânicas da intervenção no Jardim das Portas do Sol/“Setor B”- 1989/1990.

8.4.7.2.3. Produções hispânicas

Sc.41- “Po April”.

Catarina Viegas publicou um fundo de taça com depressão em ônfalo na face externa do fundo e a “marca” com o texto POAPRIL, incluída numa cartela retangular de cantos arredondados. Uma origem riojana assomou-se como provável, mas o exemplar não tinha à data paralelo conhecido, e não ocorreram sugestões para o desdobramento do nome à referida investigadora, não se afigurando no momento nenhuma solução para esta questão.

Viegas apresentou dados específicos para as características macroscópicas de fabrico observáveis, afirmando que se aproximava mais das elaborações em *sigillata* hispânica tardia²⁸⁹¹. Contudo, a detecção, feita posteriormente ao trabalho de Viegas, de uma “marca” na necrópole essencialmente flávia do Monte Mózinho (Penafiel), que segundo Teresa P.Carvalho é passível de ser atribuída a este produtor²⁸⁹², remete a cronologia do recipiente escalabitano para este lapso cronológico. A ausência de fabricos meridionais no mesmo âmbito funerário corrobora a indicação de proveniência setentrional antes avançada.

Sc. 41	La Rioja	Tigela		“Poapril”	POAPRIL	nova	70 – 100 d.C.	

Figura 167- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” hispânica da intervenção no Jardim das Portas do Sol/“Setor B”.

8.4.7.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

As impressões sudgálicas Sc.37 a Sc.40, coletadas no “nível 4” do “Corte VII”, permitem matizar ligeiramente o panorama antes definido por Viegas, e remeter a baliza cronológica inferior do abandono das estruturas detetadas para datações um pouco mais avançadas dentro do séc. I d.C., pelo menos. A presença assinalada no mesmo contexto estratigráfico de fragmentos de *terra sigillata* hispânica de tipologia indeterminada²⁸⁹³

²⁸⁹¹ C. Viegas, 2003a, p.160.

²⁸⁹² T.P. Carvalho, 2008, p. 97.

²⁸⁹³ R.R. Almeida, 2008, p.224, tabela 23.

forçará esse limite para uma data neroniana avançada ou já vespasiânica, podendo ser posterior.

As duas impressões itálicas, recolhidas no “*nível 3*” do “*Corte IX.17*”, como a ilegível coletada na “*camada 6*” do “*Corte VIII.9*”, estão descontextualizadas, proporcionando somente mais um contributo para o perfil de importações de *Scallabis*, o mesmo acontecendo com o exemplar hispânico coletado na “*camada 14*” do “*Corte VIII.8*”, de permeio com materiais de cronologia medieval e moderna²⁸⁹⁴.

8.4.8. Jardim das Portas do Sol- “*Viveiros do Jardim*”-Sc.42 a Sc.82.

A área dos “*Viveiros do Jardim*” localizava-se originalmente no exterior da parte pública ajardinada, junto ao limite SO do Largo da Alcáçova.

O espaço foi intervencionado sob a direcção de Ana Margarida Arruda e Catarina Viegas entre 1999 e 2000, coordenados no terreno por Rui Roberto de Almeida, e permitiu pela primeira vez em Santarém obter leituras em área, dados os 351 m² contíguos objeto dos trabalhos²⁸⁹⁵. Noutro sentido, a complexidade e riqueza informativa do registo arqueológico presente no local beneficiaram da aplicação dos princípios metodológicos de escavação preconizado por Barker e Harris²⁸⁹⁶.

Intervenção que encerrava carácter preventivo, dada a intenção em sede de projeto de ali instalar um estacionamento automóvel subterrâneo, a qualidade da informação e, sobretudo, a elevada qualidade do trabalho sobre ela executada, permitiram justificar a salvaguarda desta zona. Como resultado do labor da equipa de Santarém, em lugar do estacionamento hoje encontra-se um núcleo de ruínas, urbanisticamente integradas.

Foi justamente o acondicionamento arquitectónico e de especialidades destinado à disponibilização pública das ruínas encontradas na área dos antigos viveiros que desencadeou a intervenção dirigida por Laurent Caron, decorrida entre 2008 e 2009 no âmbito do Plano Polis de Santarém²⁸⁹⁷.

8.4.8.1. Enquadramento do conjunto

²⁸⁹⁴ C. Viegas, 2003a, p.242.

²⁸⁹⁵ Idem, p.275.

²⁸⁹⁶ Idem, p.276.

²⁸⁹⁷ L. Caron, 2009, p.7.

O faseamento da dinâmica ocupacional romana detetada na área dos “Viveiros do Jardim” foi publicado circunstanciadamente por Catarina Viegas²⁸⁹⁸, a que se aduziram depois alguns elementos complementares relevantes, com um interesse muito focado pela temática anfórica abordada, por Rui Roberto Almeida²⁸⁹⁹.

A complexa e importante sequência ocupacional foi estabelecida em seis fases distintas:

- 1- de instalação de uma urbanística ortogonal, uma novidade em ruptura com as sequências anteriores da Idade do Ferro, que assumiu um cariz claramente itálico, organizada em torno de eixos de circulação (vide Figura 168, *infra*). A esta estruturação do espaço foi atribuída um carácter castrense e uma cronologia do segundo quarto-meados do séc.I a.C. e associada à instalação do *Praesidium Iulium*²⁹⁰⁰, datação que os estudos parcelares sobre as classes cerâmicas não suportam de forma tão categórica²⁹⁰¹, parecendo ajustada a perspetiva de Viegas de 2003, que somente os situou com anterioridade a 30 a.C. em função da ausência de *terra sigillata* nestes contextos²⁹⁰²;

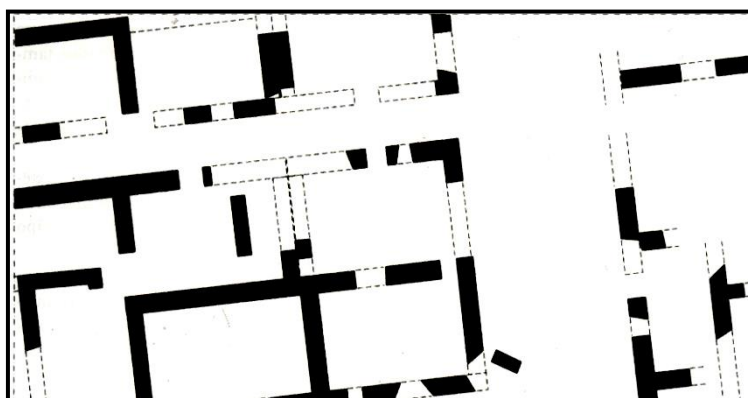


Figura 168- O urbanismo romano do período tardo-republicano (fase 1) patenteado pela escavação dos “Viveiros do Jardim”- 1999/2001 (segundo Catarina Viegas²⁹⁰³).

- 2- mantendo-se os traços urbanos antes definidos, registam-se diversos episódios de destruição/remodelação de todos os compartimentos, num período compreendido

²⁸⁹⁸ Idem, p.281-291.

²⁸⁹⁹ R.R. Almeida, 2008,

²⁹⁰⁰ Idem, p.255.

²⁹⁰¹ Por exemplo, a nível das lucernas, importante elemento datante mas, também, relevante traço de identidade cultural para as etapas iniciais de contexto com o mundo itálico, a maior expressividade quantitativa remete para a segunda metade do séc. I a.C.- Conf. C.Pereira, 2008, p.113. No mesmo sentido concorrem os dados apurados pelo estudo da cerâmica de paredes finas, efetuado por Ana Margarida Arruda e Elisa de Sousa, que demonstrou que a importação se fez somente a partir dos meados do séc.I a.C.- Conf. A.M. Arruda e E. Sousa, 2003, p.284.

²⁹⁰² C. Viegas, 2003a, p.282.

²⁹⁰³ Idem p.283, fig.37.

entre o último quartel do séc.I a.C. e os meados da centúria seguinte²⁹⁰⁴ (vide Figura 169, *infra*); a *terra sigillata* faz a sua aparição no registo arqueológico do ponto da cidade, assinalando-se o predomínio de elaborações itálicas na sub-fase 2B (vide Figura

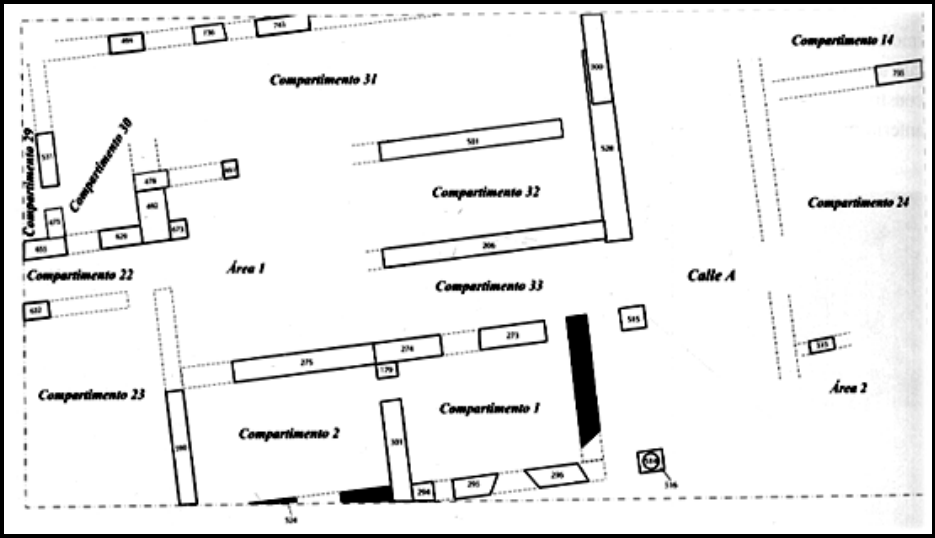


Figura 169- Plano esquemático das construções das “Subfases 2B-2C” (segundo R.R. Almeida²⁹⁰⁵).

Comp./Área	UE	Indet.	TSOA	TSI	TSS	TSH	TSCLA	TSCLC	TSCLD	Total
1	[135] = [269]	—	—	1	—	—	—	—	—	1
	[126]	2	—	2	—	1	—	—	—	5
	[190]	1	—	—	—	—	—	—	—	1
	[134]	1	—	2	2	—	—	—	—	5
	[204]	—	—	1	—	—	—	—	—	1
2	[131] = [143]	2	—	5	1	—	—	—	—	8
	[216]	—	—	1	—	—	1	—	—	2
3	[200]	24	2	54	10	4	—	1	1	96
	[202]	—	—	2	—	—	—	—	—	2
4	[201]	38	—	37	8	2	1	1	2	89
	[238]	93	—	95	25	5	—	—	2	220
	[263]	3	—	15	4	1	—	—	—	23
5	[181]	12	—	23	5	1	—	—	—	41
	[241]	2	—	12	—	3	—	—	—	17
	[246]	2	—	10	3	3	—	—	—	18
6	[145]	—	—	5	—	—	—	—	1	6
	[213]	2	—	3	2	—	—	—	1	8
	[236]	4	—	2	—	—	—	—	—	6
7	[226]	1	—	4	—	—	—	—	—	5
	[239]	—	—	2	—	—	—	—	—	2
	[289]	1	—	15	1	—	—	—	—	17

Figura 170- Tabela da *terra sigillata* associada à “Fase 2” dos “Viveiros do Jardim” (segundo Catarina Viegas²⁹⁰⁶).

170, *supra*), a segunda mais antiga equivalente a uma alteração substancial do espaço ocorrida em momento pouco claro situada entre o final do principado de Augusto e os

²⁹⁰⁴ Idem, p.283.

²⁹⁰⁵ R.R. Almeida, 2008, p.258, fig.124.

²⁹⁰⁶ C. Viegas, 2003a, p.285.

de Tibério/Cláudio²⁹⁰⁷; nos momentos finais da fase, denominados 2C, ocorre o abandono/desativação de alguns dos compartimentos, mantendo-se o perfil já patenteado em 2B²⁹⁰⁸;

- 3- o início desta fase terá ocorrido em fins do séc.I d.C., tendo perdurado até um momento impreciso dentro da segunda metade do seguinte²⁹⁰⁹; num primeiro momento ocorreu um aterro/nivelamento, destinado a uma nova fisionomia do espaço, que mantendo as orientações e paredes-mestras de algumas das construções anteriores, remodela profundamente a disposição arquitectónica interior, com a instalação do que parece ser um pequeno *peristilum* (vide Figura 171, *infra*), utilizando decoração arquitectónica de maior qualidade²⁹¹⁰; embora em menor medida do que as reformulações urbanísticas verificadas na Fase 2, 3 representa um momento de ruptura com a evolução que o espaço vinha registando²⁹¹¹, de que se salienta a desativação do arruamento, de profundo significado para a leitura da dinâmica urbana de *Scallabis*; nesta fase a *sigillata* gálica assume claro predomínio²⁹¹², apesar da manutenção de expressiva quantidade de elaborações itálicas em estratigrafia, com os fabricos hispânicos a revelarem uma escassa representatividade²⁹¹³ (vide Figura 172, *infra*).

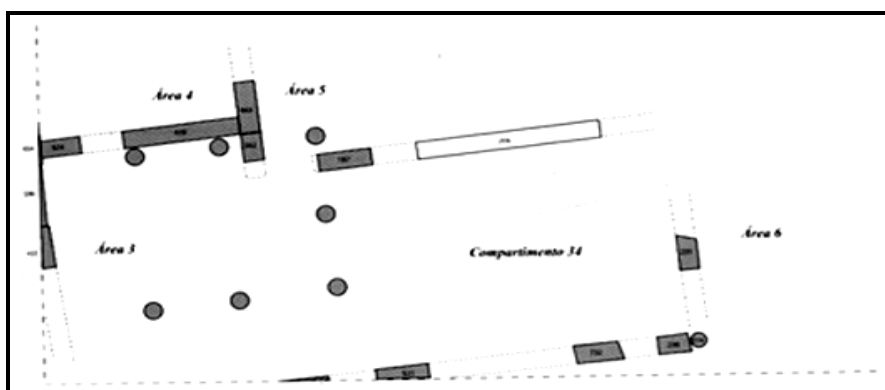


Figura 171- Plano esquemático das construções da “Fase 3” (segundo R.R. Almeida²⁹¹⁴).

²⁹⁰⁷ R.R. Almeida, 2008, p.257 e p.260-tabela 50 e 261, tabela 51.

²⁹⁰⁸ Idem, p.259-tabela 49 e C. Viegas, 2003a, p.285.

²⁹⁰⁹ Idem, p.286-287; R.R. Almeida, p.263, p.263.

²⁹¹⁰ A.M. Arruda e C. Viegas, 2002; R.R. Almeida, p.263.

²⁹¹¹ C. Viegas, 2003a, p.277; R.R. Almeida, p.263, p.263.

²⁹¹² Idem.

²⁹¹³ R.R. Almeida, p.264, tabela 54 e 265 tabela 54.

²⁹¹⁴ Idem, p.263, fig.129.

Comp./Área	UE	Indet.	TSI	TSS	TSH	TSCLA	TSCLC	TSCLD	Total
2	[121]	—	1	—	—	—	—	—	1
	[127]	—	3	—	—	1	1	—	5
	[120]	—	4	—	—	—	—	—	4
1	[132]	1	3	1	1	—	—	1	7
	[122]	—	1	—	—	—	—	—	1
	[119]	6	6	3	—	—	—	—	15
	[125]	2	8	2	2	3	—	—	17
5	[232]	3	14	6	3	—	—	—	26
	[229]	—	1	—	1	—	—	—	2
	[176]	3	1	5	—	1	—	1	11
	[228]	5	5	1	—	—	—	—	11
	[160]	71	33	96	4	—	—	—	208
	[172]	52	23	46	2	—	—	—	124
	[157]	3	—	3	—	—	—	1*	7
6	[122]	—	1	—	—	—	—	—	1
	[115]	3	1	3	1	—	—	—	8
	[185]	4	3	—	1	1	—	—	9
7	[223]	1	2	—	3	—	—	—	6

Figura 172- Tabela da *terra sigillata* associada à "Fase 3" dos "Viveiros do Jardim" (segundo Catarina Viegas²⁹¹⁵).

As fases 4, 5 e 6 equivalem a espaços de tempo durante os quais já não se fazia sentir a circulação de *terra sigillata* marcada²⁹¹⁶. Nestes continuam a ocorrer em elevada quantidade fragmentos de vasos de cronologia mais antiga, estando presentes recipientes modelados na Ásia Menor, em modo itálico, gálicos e hispânicos²⁹¹⁷.

Contígua perimetralmente à zona antes intervencionada, a campanha de escavações de 2008-2009 viria a aduzir novos elementos. Contudo, o estágio dos estudos é mais do que embrionário, razão pela qual se referem aqui somente os contributos urbanísticos mais significativos: níveis sucessivos do piso do arruamento já antes identificado, um piso de amplo compartimento pavimentado a *opus latericium* e uma cisterna edificada no séc. I d.C., desativada no Baixo-Império ou Antiguidade Tardia.

8.4.8.2. Produções Atestadas

Reportando o estágio dos estudos relativo ao material exumado na Alcáçova de Santarém até à campanha efetuada em 1999 no ponto arqueológico em análise, Viegas clarificou acerca da importância deste setor quer para as definições do perfil de "associações" de fabricos em estratigrafia em Santarém quer o peso quantitativo que esta amostragem detinha no quadro geral traçado para a antiga *Scallabis*: todas as produções de *sigillata* consideradas, incluindo as elaborações hispânicas, africanas e

²⁹¹⁵ C. Viegas, 2003a, p.287.

²⁹¹⁶ R.R. Almeida, 2008, p.265-269.

²⁹¹⁷ Idem, p.267-269, tabla 55 a tabla 58.

orientais mais tardias, 66,2% do total das cerâmicas finas de mesa eram oriundas dos “Viveiros”²⁹¹⁸.

O panorama assim definido permanece inalterado depois dos trabalhos de 2008-2009, devendo salientar-se a identificação de 41 “marcas de oleiro” no espaço dos antigos viveiros, quase metade do universo disponível para Santarém.

8.4.2.1. *Produções Itálicas*

Sc.42- C.Aruius (OCK 254).

C.Aruius é um oleiro aretino que operou entre 15 a.C. e após 15 d.C., indicando o OCK a presunção de August Oxé, todavia aqui considerada como insuficientemente demonstrada, de que seria pai de outros produtores, com maior probabilidade de *Publius* e *Sextius Aruius*²⁹¹⁹.

A “marca”, publicada por Viegas, é do tipo OCK 254.19, patente em Adria, Scicli, Zian, Cartago, *Volubilis* e Sevilha. Os achados da Lusitânia referem-se a outros modelos, patenteados em Mérida²⁹²⁰ e *Vipasca* (Aljustrel)²⁹²¹.

Sc.43- Cneus Ateius (5) (OCK 276)

Um dos mais prolixos fabricantes de recipientes surge na cidade ribatejana com um tipo de impressão nova, publicada por Viegas²⁹²², com somente um paralelo exato num exemplar coletado nas proximidades de Badajoz, na *uilla* romana de La Tiesa²⁹²³: sendo frequentes as ligaturas entre os caracteres que abreviam a onomástica, em nenhum caso se constata uma organização similar, onde a um N retrógrado se junta em nexa um A, a primeira letra do *nomen*, sendo também claro que, e ao contrário da maioria dos modelos, o aludido A não serve para formar nexa com um T.

Sendo ocioso nomear as 435 entradas do grupo (5) de *Ateius* do OCK, onde consta uma miscelânea de origens que inclui Arezzo, Pisa e Lyon, as indicações das características da pasta e revestimento descritas por Catarina Viegas²⁹²⁴, como as antes

²⁹¹⁸ C. Viegas, p.281.

²⁹¹⁹ OCK, p.113

²⁹²⁰ OCK-CD.

²⁹²¹ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

²⁹²² C. Viegas, 2003a, p.91.

²⁹²³ J.M. Jerez Linde, 2000, p.24, n.º 22.

²⁹²⁴ C. Viegas, 2001, Anexo II, n.º23985.

apontadas por Jerez Linde²⁹²⁵, indiciam uma produção italiana, sendo de excluir o centro da Gália.

O oleiro já antes documentado na região em estudo, em Lisboa, por cinco vezes²⁹²⁶.

Sc.44- Publius Cornelius (OCK 624).

O artesão estava já representado em Santarém, com outro modelo de impressão²⁹²⁷.

No caso presente, Viegas indica o exemplar como do tipo OCK 624.58²⁹²⁸: de fato, embora muito próxima a “marca” é distinta, dado apresentar o texto P.COR, ao contrário do modelo da obra de referência. As espigas da palma que subjazem à onomástica são também diferentes, e a própria dimensão da impressão escalabitana é um pouco maior. Trata-se, portanto, de um punção novo, como se disse muito próximo daquele, sugerindo um mesmo gravador e cronologias muito próximas. Neste sentido é pertinente referir que a dispersão de OCK 624.58 abrange Arezzo (1x), Tipasa (1x), Ampúrias (2x), Santa Tecla e Conímbriga²⁹²⁹.

Sc.45- Diomedes Publii Cornelii (OCK 638).

Com duas impressões similares em Lisboa²⁹³⁰, o exemplar em apreciação mostra uma letra mais cuidada e de ligeira maior dimensão, pelo que a classificação se faz como similar a OCK 638.1.

Considerando os vários punções do escravo das oficinas de *Publius Cornelius*, para além das ocorrências lisboetas mencionadas conhecem-se cinco itálicas, em Roma e Arezzo, surgindo apenas fora deste âmbito em *Baelo Claudia*²⁹³¹.

Sc.46- Apollo() Publii Cornelii (OCK 630).

Apollo() é um dos 55 escravos documentados epigraficamente²⁹³² das oficinas cornélias de Cincelli-Arezzo, ocorrendo em Santarém com uma impressão nova, como a maioria do material já dada a conhecer por Catarina Viegas²⁹³³.

²⁹²⁵ J.M. Jerez Linde, 2000, p.24.

²⁹²⁶ Conf. *supra*, Ol. 46, 92, 166, 238 e 239

²⁹²⁷ Idem, Sc.27.

²⁹²⁸ C. Viegas, 2003a, p.91.

²⁹²⁹ OCK-CD.

²⁹³⁰ Vide *supra*, Ol.89 e 90.

²⁹³¹ OCK-CD.

A impressão circular apresenta a sequência mais normal de “principal/dependente”, sendo a onomástica de ambos separada por palma e tendo a particularidade do nome do elemento servil estar grafado invertido.

Sc.47- *Heracla P.Cornelii* (OCK 651).

Heracla é um artesão que compulsou taças nas oficinas de *Publius Cornelius* de Cincelli-Arezzo, apresentando-se na cidade ribatejana com o tipo OCK 651.4, como o classificou Viegas²⁹³⁴, com paralelos em Roma, numa base tipo Consp. B.3.13, e Sabratha, numa taça do tipo 32.1²⁹³⁵. Esta última tipologia remete o recipiente, e o modelo de punção, para o principado de Tibério²⁹³⁶.

Sc.48 *Ennius* (OCK 761).

Fabricante puteolano de taças já atestado em Lisboa²⁹³⁷, *Ennius* operou após a mudança da Era²⁹³⁸.

Conforme já se havia referido a propósito de exemplar olisiponense aparentado, e presumindo-se uma relativa contemporaneidade, uma “marca” ausente do OCK foi detetada no naufrágio “*Planier 1*”²⁹³⁹, que se presume ter ocorrido durante o primeiro quarto do século I d.C., mais provavelmente durante o primeiro decénio²⁹⁴⁰, a indicação cronológica mais precisa disponível. O modelo de Santarém, distinto do das duas ocorrências lisboetas, tem paralelo em Putéolos, Pompeia, Nimes e Alexandria/Cairo²⁹⁴¹.

Sc.49- *Her()* (OCK 916).

Embora Viegas tenha feito a atribuição ao produtor dubitativamente²⁹⁴², ela corresponde integralmente. O OCK agrupa duas impressões sob a epígrafe *Her()*, que entende corresponderem ou ao puteolano *Hermaiscus* (OCK 926) ou ao aretino *Hertorius* (OCK 932), sem que a impressão de Santarém venha lançar luz sobre esta matéria.

²⁹³² Os 54 do OCK mais *Phart(enius)* da primeira versão do *corpus*- conf comentário a Ol.249, *supra*.

²⁹³³ C. Viegas, 2003a, p.86-87 e 91.

²⁹³⁴ Idem, p.91.

²⁹³⁵ OCK-CD, vasos n.ºs 26267 e 1956, respetivamente.

²⁹³⁶ *Conspetus*, p.108.

²⁹³⁷ Conf. *supra*, exemplares Ol.200 e 251.

²⁹³⁸ OCK, p.215.

²⁹³⁹ M. L'Hour, 1984, p.62, fig.6, n.º3.

²⁹⁴⁰ Idem, p.63; M. Corsi-Sciallano e B. Liou, 1985, p.24-25.

²⁹⁴¹ OCK-CD.

²⁹⁴² C. Viegas, 2003a, p.87 e 92.

A investigadora, reproduzindo o listado de Béltran Lloris, apresenta uma longa lista da distribuição dos produtos deste último oleiro, incluindo Haltern, Alexandria, *Pollentia*, Elda, Córdoba, Itálica, Herrera de Pisuergra e Segóbriga²⁹⁴³. Os dados fundam-se, contudo, na primitiva versão do *Corpus Vasorum Arretinorum*, complementados por outros coligidos pelo autor, mas a revisão do dito *corpus* assinala somente o último sítio hispano, conjuntamente com Cartago (1x), Roma (1x+1x ?), elaborados com o tipo OCK 916.2, detendo a impressão escalabitana apenas um paralelo exato em Mérida, num fundo do tipo Consp.B.4.1-13²⁹⁴⁴. Posteriormente ao OCK publicou Jerez Linde uma outra “marca” emeritense similar, oriunda das escavações no espaço do Museu Nacional de Arte Romano²⁹⁴⁵.

Sc.50- *Hilarus* (5) = *N.Naeuius Hilarus* (OCK 953).

A “marca” publicada por Catarina Viegas é em tudo idêntica a uma outra de Lisboa estampada no fundo de um recipiente da forma Consp.9.1.1²⁹⁴⁶. A esse propósito se comentou a desarticulação resultante da revisão do *Corpus Vasorum Arretinorum* por Kenrick²⁹⁴⁷, que desarticulou visivelmente os elementos referentes às oficinas puteolanas de *N.Naeuius Hilarus*, pelo que julgamos que o exemplar pode corresponder a este mesmo oleiro.

Na primeira publicação do exemplar de Santarém dá-se conta dos problemas de localização da olaria, em função da observação feita por Bémont da argila de um exemplar idêntico de *Glanum*, que constata como distinta das de Arezzo e questiona da sua eventual origem gaulesa²⁹⁴⁸. A observação das características macroscópicas do vaso lisboeta não admite porém esta origem, e a sua compaticidade é mais de acordo com o que se constatou para outros fabricos assinados de Putéolos, origem provável do recipiente.

Como já se havia referido antes a propósito da ocorrência lisboeta, o tipo de “marca” tem paralelo datado entre 10 a.C. e 20 d.C. em Saintes, na camada 4 de Ma

²⁹⁴³ M. Beltrán Lloris, 1990, p.69 *apud* C. Viegas, 2003a, p.87.

²⁹⁴⁴ OCK-CD e Idem, vaso n.º17759; J.M. Jerez Linde, 2005, n.º86.

²⁹⁴⁵ Idem, p.80-81, n.º87. Neste, como noutros casos, o autor não publica a forma do vaso onde se encontra estampada a “marca de oleiro”.

²⁹⁴⁶ Conf. *supra*, Ol.253.

²⁹⁴⁷ R.B. Silva, 2005, p.114.

²⁹⁴⁸ C. Bémont, 1976, p.142 *apud* C. Viegas, 2003a, p.88.

Maison²⁹⁴⁹, com outras atestações em Roma (7x), Minturno (1x), Cartago (3x), *Leptiminus* (1x), Corinto (1x), Fréjus (1x), Tarragona (2x) e Represas (Beja) (1x)²⁹⁵⁰.

Sc.51- *Marius* (2) (OCK 1125).

Sob a designação *Marius* (2) o OCK agrupa cinco impressões sobre loiça lisa com a mesma onomástica, que adverte não necessariamente relacionadas, e cujas origens e cronologia não se consegue precisar no momento²⁹⁵¹.

Viegas publicou a equivalência do exemplar de referência com dúvidas²⁹⁵², na medida em que o OCK indica a representação sem escala, dado os desenhos das publicações dos paralelos exatos de Fréjus e Valência não a apresentam²⁹⁵³

Sc.52- *C.Me()* (OCK 1132).

Na publicação de origem Catarina Viegas identificou o presente exemplar com uma elaboração de *Cneus Ateius*²⁹⁵⁴, interpretação de que se apresenta aqui uma proposta alternativa que se crê mais consistente: no texto, inscrito numa cartela do tipo *in planta pedis*, o conjunto de caracteres interpretado como C.NE é interpretável como C.ME, e o curto I deverá resultar de falha do punção 1132.21, com o qual a impressão de Santarém se identifica.

O tipo de “marca”, elaborado pelo oleiro indicado em epígrafe, de localização da oficina desconhecida, tem paralelos em pratos e taças estampadas de Roma (3x), Cartago (1x) e Numância (1x)²⁹⁵⁵. Com o punção 1132.10 surge em Conímbriga, estampado no fundo de uma taça da forma Consp.23.2²⁹⁵⁶. Com provável atividade iniciada na mudança da Era, desenvolveu a sua produção até depois de 30 d.C.²⁹⁵⁷

Sc.53- *Anthus C.Memmii* (OCK 1139).

A impressão de *Anthus C.Memmii* encontra-se no fundo interno de um prato de tipologia indeterminável. Artesão conhecido apenas por pratéis e um prato, do escasso número de vasos marcados apenas se conhece um tipo de punção, elementos que

²⁹⁴⁹ OCK-CD.

²⁹⁵⁰ Idem.

²⁹⁵¹ OCK, p.276.

²⁹⁵² C. Viegas, 2003a, p.92.

²⁹⁵³ OCK-CD, vasos n.ºs 28522 e 9428, respetivamente.

²⁹⁵⁴ C. Viegas, 2003a, p.85 e 91.

²⁹⁵⁵ OCK-CD, vasos respetivamente n.ºs 28623, 28626, 28631, 16455 e 15672.

²⁹⁵⁶ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

²⁹⁵⁷ OCK, p.277.

permitem supor uma capacidade de compulsão de vasos muito limitada no volume e no tempo. Apesar de se tratar de uma produção restrita, a dispersão dos vasos fabricados por *Anthus C.Memmii* abrange Ampúrias (2 ex.), Tarragona (1x), Roma (4x+2x?), Alexandria (1x)²⁹⁵⁸ e, na região em estudo, o sítio militar romano de Alto dos Cacos (Almeirim) (1x) fronteiro a Santarém²⁹⁵⁹.

Embora o OCK se interroge sobre o seu local de produção, *Anthus* era um dos escravos de *C.Memmius* (OCK 1138), que detém 17 elementos servis a assinar a loiça nas suas oficinas. Estando *C.Memmius* sediado em Arezzo²⁹⁶⁰, supõe-se igual origem para o local de laboração do seu escravo presente em Santarém e no seu *ager*. Com o mesmo pressuposto se indica a cronologia, dado supor-se que o *dominus* terá laborado até cerca de 20 d.C., por ter marcado com punções de cartela *in planta pedis*²⁹⁶¹.

Sc.54- *Philargurus* (1) (OCK 1444).

O vaso foi coletado nos trabalhos mais recentes desenvolvidos na Alcáçova, sob a direcção de Laurent Caron, conservando o perfil quase completo.

A impressão está executada de forma um pouco deficiente, prejudicada por uma sobre-elevação do fundo interno durante a modelação ao torno. A atribuição ao puteolano *Philargurus* (1) faz-se sem dúvidas, dado tratar-se do tipo OCK1444.1, cuja presença foi assinalada num prato de *Lixus* e numa forma Consp.20.3 em Putéolos²⁹⁶². Outros modelos de impressão estavam já assinalados em Morgantina²⁹⁶³ e em Lisboa, onde se registou um novo tipo de “marca” com uma grafia idêntica²⁹⁶⁴.

Como apontamento refira-se que a taça de Santarém é o primeiro exemplo desta forma, dado que o artesão nos era conhecido somente por três pratos e um vaso de morfologia não indicada.

Sc.55- *Primus* (7) (OCK 1535).

O oleiro estava sediado no Vale do Pó, tendo uma grande longevidade produtiva, entre cerca de 15 a.C. e até depois de 30 d.C.²⁹⁶⁵

²⁹⁵⁸ OCK-CD.

²⁹⁵⁹ R.B. Silva *et al.*, no prelo.

²⁹⁶⁰ OCK, p.279.

²⁹⁶¹ *Idem*, p.280, 1138.29 a 33.

²⁹⁶² OCK-CD, vasos n.ºs 12939 e 30767.

²⁹⁶³ *Idem*, vaso n.º 16614.

²⁹⁶⁴ Vide *supra*, Ol.259.

²⁹⁶⁵ OCK, p.340.

A impressão encontra-se ligeiramente truncada à direita, mas a sua identificação já feita com o tipo OCK 1535.5 não oferece dúvidas. O modelo tem uma difusão alargada no espaço mas restrita em número, por Alexandria, Aquileia e Conímbriga²⁹⁶⁶. O achado lusitano coneta fortemente os dois locais, e poderá, por hipótese, representar uma importação sincrónica e esporádica.

Sc.56- *Rasinius* (2) (OCK 1623).

Prolífico produtor aretino de loiça decorada e lisa, estava já atestado na região em estudo em Lisboa²⁹⁶⁷ e *Eburobrittium*²⁹⁶⁸, para além dos casos lusitanos ocidentais e meridionais de Castelo das Guerras (Moura), Represas (Beja), Torre de Palma (Monforte), Egitânia, Conimbriga (1x) e Alcácer do Sal (3x)²⁹⁶⁹. Em nenhum dos casos, porém, se documenta o mesmo tipo de impressão detetada em Santarém por Viegas²⁹⁷⁰.

Sc.57- *C.Tap(urius ?)* (OCK 2036).

Fabricante puteolano de taças troncocónicas e hemisféricas, operou entre 10 a.C. e 10 d.C., com uma limitada capacidade de compulsão de vasos, pois detém apenas 9 entradas no OCK.

O modelo de punção atestado na cidade ribatejana é o OCK 2036.4, assinalado em Putéolos (2x), Conímbriga e Miróbriga (1x)²⁹⁷¹, sendo notável a incidência lusitana ocidental e meridional, que pode supor um fluxo direccionado e muito circunscrito no tempo.

Sc.58- *L.Tetius Samia* (1) (OCK 2109).

L.Tetius Samia é um grande produtor aretino, ou talvez melhor etrusco²⁹⁷², de grande capacidade no período que medeia 10 a.C. e 5 d.C.²⁹⁷³, dadas as 352 entradas e 97 variantes de punção repertoriadas no OCK. Curiosamente, o exemplar escalabitano constitui sem reservas um novo modelo de impressão: sendo o cognomen sempre escrito numa segunda linha e utilizando o nexa AM, no caso presente o que se observa é

²⁹⁶⁶ OCK-CD, vasos n.ºs 18973, 31086 e 4781.

²⁹⁶⁷ Conf. *supra*, Ol.182 e 183.

²⁹⁶⁸ Conf. *infra*, Eb.3 e 10.

²⁹⁶⁹ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

²⁹⁷⁰ C. Viegas, 2003a, p.92.

²⁹⁷¹ OCK-CD, vasos respetivamente n.ºs 33238, 2964, 4722 e 4763.

²⁹⁷² Em referências às análises arqueométricas de Haltern, três “marcas” do oleiro não caíram exactamente nos valores de referência de Arezzo, pelo que Kenrick manifesta as suas justificadas reservas- Conf. OCK, p.428. Vide também S.V.Shuernbein, 1982.

²⁹⁷³ OCK, p.428.

o nexa MA, maneira de grafar que não tem paralelo. Por esta razão Catarina Viegas não indicou a variante de punção na publicação original²⁹⁷⁴.

Sc.59- A.Titius Figulus (2) (OCK 2168).

O produtor detém assinaturas seguramente produzidas em Arezzo, mas também no Vale do Pó onde se utilizaram os seus punções OCK 2168.2, 4, 15 e 19²⁹⁷⁵, tendo compulsado vasos entre 30 e 15 a.C. Trata-se, por esta razão, e conjuntamente com o oleiro anterior, de um dos três produtores de maior antiguidade documentado até ao momento em Santarém, de significativa capacidade produtiva para este momento da exportação itálica considerando as suas 107 entradas no OCK e os 22 modelos de impressão repertoriados na mesma obra de referência.

A “marca” havia sido publicada por Viegas, embora sem ter conseguido leitura e consequente identificação²⁹⁷⁶. Contudo equivale, sem dúvida, a um tipo OCK 2168.2 ou muito similar, em função da presença de um elemento fitomórfico e da dimensão da cartela. A única reserva reside no último caráter, que supostamente seria um I e que na impressão escalabitana está ausente. Significa, nesse sentido, um novo punção do oleiro ou, o que parece admissível, que o instrumento estaria já exausto e obliterado aquando da estampagem?

A “marca” do modelo OCK 2168.2 foi somente encontrada em Nyon, aplicada num pratel²⁹⁷⁷. Os modelos aparentados, com o mesmo texto e separador de linha em espiga, OCK 2168.1 e 3, têm uma difusão ampla, com a primeira variante documentada em Augst (1x), Mainz (1x), Neuss (6x), Lixus (1x) e Ampúrias (2x), de onde sobressaem as ocorrências germânicas, e a outra somente em Paris (1x)²⁹⁷⁸. De notar que destes doze registos, cinco ocorrem em pratéis, cinco em diversas variantes de base Consp.B.1, que em parte podem ser associados a esta morfologia de recipiente, como também importa sublinhar que em dez casos sete são “marcas” radiais, um desconhecido e somente duas centrais, mas nestes porque os vasos foram encontrados incompletos. Ambos os elementos formais relativos ao tipo de “marca” e de recipiente têm de ser colocados em relação com o vaso de *Scallabis*, que equivalerá com muita

²⁹⁷⁴ C. Viegas, 2003a, p.92.

²⁹⁷⁵ OCK, p.439.

²⁹⁷⁶ C. Viegas, 2003a, p.89 e 92.

²⁹⁷⁷ OCK-CD, vaso n.º33869.

²⁹⁷⁸ Idem.

probabilidade, e com os fundamento expostos, a um prato/pratel de impressões estampadas radialmente.

Sc.60 Sc.64- Oleiros desconhecidos- impressões truncadas.

Publicado por Viegas, a impressão X (Sc.61), hoje incompleta, foi aposta a um fundo de taça, para a qual, como a investigadora, não se conseguiu encontrar paralelo²⁹⁷⁹. Das restantes restaram somente vestígios da cartela.

Sc. 42	Arezzo	Taça		<i>C.Aruius</i>	C.ARV	254.19	15 a.C.- 15 d.C.	
Sc. 43	Arezzo/Pisa	Taça		<i>Cneus Ateius (5)</i>	CNAEI	nova	10 a.C.- 15 d.C.	
Sc. 44	Arezzo	Taça		<i>Publius Cornelius</i>	P.COR/ (palma)	nova	5 a.C. - 20 d.C.	
Sc. 45	Arezzo	Indet.		<i>Diomedes P.Corn.</i>	(...)IOM(...)/ P.CO(...)	638.1	5 - 20 d.C.	
Sc. 46	Arezzo	Taça		<i>Apollo() P.Corn.</i>	(...)CORN/ (palma)/ APO(...) (invertido)	nova	> 5 a.C.	
Sc. 47	Arezzo	Taça		<i>Heracla P.Corn.</i>	HERAC/ (...).COR	651.4	>15 d.C.	
Sc. 48	Putéolos	Taça		<i>Ennius</i>	.ENNI(...)	761.4	1 - 15 d.C.	
Sc. 49	Arezzo ou Putéolos	Taça		<i>Her()</i>	HER	916.1	> 10 a.C.	
Sc. 50	Putéolos ?	Taça		<i>Hilarus (5)= N.Naeui Hilarus</i>	HILA/RVS	953.3	10 a.C. - 10 d.C.	
Sc. 51	Itália Central	Prato		<i>Marius (2)</i>	MARI	1125.2	?	
Sc. 52	Itália Central	Prato		<i>C.Me()</i>	C.ME	1132.21	15- + 30 d.C.	
Sc. 53	Arezzo ?	Prato		<i>Anthus C.Memmii</i>	ANTHV/ C.MEM	1139.1	20 a.C.- 10 d.C.	
Sc. 54	Putéolos	22.1.2	It.2	<i>Philargurus (1)</i>	PHILARGVRI	1444.1	1 - 20 d.C.	
Sc. 55	Vale do Pó	Taça		<i>Primus (7)</i>	PRIMV(...)	1535.5	15 - + 30 d.C.	
Sc. 56	Arezzo	Indet.		<i>Rasinius (2)</i>	RASI(...)	1623.19	15 a.C.- 20 d.C.	
Sc. 57	Putéolos	22.1.2		<i>C.Tap(urius ?)</i>	C.TAP	2036.4	10 a.C.- 10 d.C.	
Sc. 58	Arezzo	Indet.		<i>L.Tetius Samia (1)</i>	(...)TETI/ SMAIA	nova	20 a.C.- 5 d.C.	
Sc. 59	Arezzo	Pratel / Prato		<i>A. Titius Figulus (2)</i>	(...) (espiga) / FIGVL	2168. 2' (?)	30 - 15 a.C.	
Sc. 60	Desconh.	Taça		Ol. Desc.	(palma)/ (...)V(?)I	-	-	

²⁹⁷⁹ Conf. C. Viegas, 2003a, p.93.

Sc. 61	Desconh.	Taça		Ol. Desc.	X	-	-	3
Sc. 62	Desconh.	Taça		Ol. Desc.	(...)	-	10 a.C.- 20 d.C.	n.i.
Sc. 63	Desconh.	-		Ol. Desc.	(...)	-	+15 d.C.	n.i.
Sc. 64	Desconh.	-		Ol. Desc.	(...)	-	-	n.i.

Figura 173- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas recolhidas nas intervenções do Jardim das Portas do Sol/ “Viveiros do Jardim”- 1999/2000 e 2008/2009.

8.4.8.2.2. Produções gálicas

Sc.65- *Capito i* (NOTS 2, 227-228).

O artesão rutenos da Época dos Cláudios, estava já documentado na região em estudo, em Lisboa, com outro modelo de impressão²⁹⁸⁰.

O exemplar em análise, truncado à esquerda, equivale ao punção 3a do NOTS, de ampla difusão. A sua presença faz-se em formas muito diversas, tigelas e pratos standardizados, ocorrentes no centro produtor e, com especial incidência nas germânicas, em Hoffheim, *uicus* de Asberg, Augst, Neuss, Weisenau, Mainz, Bona, Velsen, Xanten, Nijmegen, Vechten, surgindo noutros espaços geográficos em Silchester, *Glanum*, Fréjus, Ruscino, *Saguntum* e, na Lusitânia, em Conímbriga²⁹⁸¹. A sua presença nos contextos datados externamente do Erdlager de Hoffheim e das fases I e II de Velsen remetem a sua cronologia para o lapso de 40 a 60 d.C.²⁹⁸²

Sc.66- *Cennatus* (NOTS 3,32-335).

Artesão rutenos que terá laborado entre 40 e 65 d.C. para Hartley e Dickinson.²⁹⁸³, Marinus Polak aduziu razões fortes para defender um arranque da laboração ainda sob Tibério²⁹⁸⁴.

A impressão, truncada à direita, corresponde ao punção 3b do NOTS, documentado em contexto de produção em La Graufesenque e que atinge Augst, o Kops Plateau de Nijmegen, Neuss, Gêneve, Londres, *Camulodunum*, Orléans, Annécly, Vichy, Arles-Tinquetaille, Nuits-Saint-Georges, Clermont-Ferrand, Sarnelly-Montpellier,

²⁹⁸⁰ Vide Ol.289 e 290, *supra*, e comentários respetivos.

²⁹⁸¹ NOTS 2, p.227-288.

²⁹⁸² M. Polak, 2000, p.197, C61.

²⁹⁸³ NOTS 3, p.334.

²⁹⁸⁴ M. Polak, 2000, p.206.

Murviel-les-Montpellier, Fréjus e Ruscino, aparecendo na Hispânia em Sagunto²⁹⁸⁵. O achado do Kops Plateau remete a impressão para uma data cláudio-neroniana.

Na área em estudo o oleiro está também documentado no *ager da colonia*, no sítio romano de Azeitada (Almeirim), embora com outro tipo de impressão²⁹⁸⁶.

Sc.67 a Sc.68- Mommo (NOTS 6, 135-148).

Importante oleiro ruteno, ativo entre os principados de Nero e Tito, surge novamente na região em estudo depois dos quatro exemplos de Lisboa e um outro de Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira)²⁹⁸⁷.

Ao exemplar já publicado antes, Sc.67, acrescenta-se a informação de apresentar um punção similar aos 11c ou 11d do NOTS mas em estado mais degradado, com maior provavelmente o primeiro indicado, reconhecido em contextos bem datados como os do forte 2 de Nijmegen, erigido na sequência da revolta Batava de 69/70, ou o anfiteatro de Caerleon, edificado cerca de 80 d.C.²⁹⁸⁸, fundamentos da proposta de datação avançada.

A impressão Sc.68, de dimensão muito reduzida, deverá corresponder a uma adaptação de um punção como por exemplo o 27j do NOTS, apesar da similitude textual com 30a²⁹⁸⁹.

O vaso deverá equivaler a uma tigela Ritt.8, de fabrico delicado e verniz muito brilhante, o que tem consequências ao nível da datação do exemplar escalabitano.

Sc.69- Paullus i (NOTS 7, 99-105).

Paullus i laborou em La Graufesenque entre 40-65 d.C. para Polak²⁹⁹⁰, defendendo Hartley e Dickinson a possibilidade de um início de fabrico ainda no final do principado de Tibério²⁹⁹¹.

O punção do exemplar é classificável como 11e²⁹⁹², estando presente em La Graufesenque²⁹⁹³, Vechten, Augst, Hoffheim, Wiesbaden, talvez Estrasburgo²⁹⁹⁴ e

²⁹⁸⁵ NOTS 2, p.333.

²⁹⁸⁶ Vide *infra*, apartado próprio, Sc.Ag.7.

²⁹⁸⁷ Vide *supra*, apartados próprios, Ol.76, 328 a 330 e Ol.Ag.14.

²⁹⁸⁸ NOTS 6, p.140; M. Polak, 2000, p.408 e 411.

²⁹⁸⁹ NOTS 6, p.136.

²⁹⁹⁰ M. Polak, 2000, p.289.

²⁹⁹¹ NOTS 7, p.104.

²⁹⁹² Idem, p.102.

²⁹⁹³ M. Genin (dir.), 2007, n.º312.2.

²⁹⁹⁴ NOTS 7, p.102.

Azeitada (Almeirim)²⁹⁹⁵. Os paralelos do Erdlager de Hofheim²⁹⁹⁶. e da «Fossa de Gallicanus» de La Graufesenque²⁹⁹⁷ situam a sua cronologia no intervalo 45-65 d.C.

A presença em locais tão próximos como *Scallabis* e o sítio do seu *ager* de Azeitada (Almeirim), sugere uma importação contemporânea e o papel redistribuidor da *colonia*.

Sc.70- Rufinus iii (NOTS 7, 415-424).

Rufinus iii do NOTS equivale ao *Rufinus* ii de Polak²⁹⁹⁸, tratando-se de um dos oleiros rutenos de maior produção, especialmente bem representado nos mercados do norte do Império, nomeadamente nas *Germaniae* e *Britannia*²⁹⁹⁹. A ocorrência escalabitana vem acrescentar-se a 8 registos em Lisboa³⁰⁰⁰, tornando-o o segundo produtor sudgálico mais atestado na região.

No caso presente, a impressão equivale ao modelo 2c do NOTS, registado em La Graufesenque, Colchester, Londres e Nijmegen, somente na forma Drag.29³⁰⁰¹, como é o caso.

Sc.71- Secundus ii (NOTS 8, 170-182).

Os textos com o *cognomen* *Secundus* precedidos da fórmula OF, muito empregue em La Graufesenque em oficinas de maior dimensão, são todos atribuíveis ao mais recente dos fabricantes de loiça rutenos com esta onomástica. Na região em estudo o produtor estava já atestado em Lisboa³⁰⁰².

No caso em apreço, a impressão só tem um paralelo datado, mas bem significativo, pois foi encontrada estampada num prato Drag.18 entre a carga da embarcação Cala Culip IV³⁰⁰³, afundada ao largo de Girona cerca de 84 d.C.

Sc.72- Seuerus iii NOTS 8, 251-267).

Seuerus iii esteve ativo em La Graufesenque entre 65 e 95³⁰⁰⁴, sendo dos mais prolíficos produtores da última fase de grande exportação do grande centro gaulês. A sua presença na região em estudo já havia sido registada em Lisboa³⁰⁰⁵.

²⁹⁹⁵ Vide apartado próprio, adiante, Sc.Ag.15.

²⁹⁹⁶ M. Polak, 2000, p.289.

²⁹⁹⁷ M. Genin (dir.), 2007, p.229.

²⁹⁹⁸ M. Polak, 2000, p.308-310.

²⁹⁹⁹ Idem.

³⁰⁰⁰ Conf. *supra*, Ol.,148, 193, 233, 234, 240 a 243.

³⁰⁰¹ NOTS 7, p.416.

³⁰⁰² Idem, Ol.18, 225, 351.

³⁰⁰³ NOTS 8, p.174.

³⁰⁰⁴ NOTS 8, p.265.

A “marca” corresponde a uma variante detetada em La Graufesenque, Woerden, Schleithem, Tongeren, Neuss, Bona, *Tripontium*, Chichester, Londres, Brecon, Colchester, Kettering, Richborough, Le Mans e Ruão³⁰⁰⁶. A atestação no sítio militar britânico de Brecon, edificado cerca de 75 d.C.³⁰⁰⁷, constitui o único exemplo coletado em contexto datado externamente.

Sc.73- Caius Siluius Patricius (NOTS 8, 323-328).

Oleiro rutenio de capacidade produtiva elevada, produziu loiça lisa e decorada da forma Drag.29, poderá estar presente em Quinta da Portucheira (Torres Vedras), numa “marca” de existência problemática³⁰⁰⁸.

O punção presente em Santarém foi encontrado igualmente estampado em Drag.27, com ou sem canelura na face externa do pé, em Lyon e nas *cannabae* de Nijmegen³⁰⁰⁹.

Sc.74- Vitor (Polak, 348).

Para Marinus Polak, Vitor “*is an almost unknown potter of La Graufesenque*”³⁰¹⁰, atestado igualmente em *Eburobrittium*³⁰¹¹ por um único punção de letra de traço delicado, V21, em ambas as cidades estampado no fundo de tigelas Drag.27 dotadas de canelura na face externa do pé. O contexto fechado da fossa 9003, de Soumaltre, corrobora segundo M.Genin a proposta cronológica de Polak³⁰¹² aqui seguida.

Sc.75- Oleiro desconhecido- impressão grafomorfa.

Uma impressão grafomorfa, que se pode ler XIIM, foi colocada no fundo interno de uma tigela do tipo Drag.27 dotada de canelura na face externa do pé, não se tendo conseguido encontrar paralelo exato para a “marca” nas obras de referência consultadas.

Sc.76 a Sc.81- Oleiros desconhecidos- impressões truncadas.

³⁰⁰⁵ Vide *supra*, Ol.354.

³⁰⁰⁶ NOTS 8, p.259.

³⁰⁰⁷ M. Polak, 2000, p.408.

³⁰⁰⁸ Vide *supra* o apartado próprio respeitante ao arqueossítio.

³⁰⁰⁹ NOTS 8, p.325.

³⁰¹⁰ M. Polak, 2000, p.348.

³⁰¹¹ Vide *infra*, Eb.52.

³⁰¹² Idem.

Da impressão Sc.76 resta parte da zona mesial e a parte inicial, onde se lê INR, não se tendo conseguido, como acontecera com Catarina Viegas³⁰¹³, efetuar a atribuição a um oleiro.

As impressões Sc.77 a 79 haviam sido já publicadas igualmente por Viegas³⁰¹⁴: aplicadas em tigelas de tipo indeterminável, somente Sc.77 mostra o início do texto OF.N, sendo as restantes completamente ilegíveis.

Sc.80 e Sc.81 foram coletadas nos trabalhos mais recentes, evidenciando características de fabrico que as permitem classificar como elaborações de La Graufesenque ou centros seus subsidiários. Sc.80 mostra uma porção de fundo prato com a parte terminal de uma cartela onde se vislumbra o resto de um carater, porventura um M. Sc.81, por seu turno, mostra a parte mesial e terminal de uma impressão aplicada duas vezes sobrepostas, o que não é vulgar: de caracteres nítidos, é possível ler sem dificuldade NRATVS, que pode também ser desdobrado como NVRATVS, o que admite variada onomástica indicada em nominativo. A consulta exaustiva do NOTS não forneceu porém dados suficientes para uma atribuição.

Sc. 65	La Grauf	Tigela		<i>Capito i</i>	(...)APIIO	3a	40 - 60 d.C.	
Sc. 66	La Grauf.	Tigela		<i>Cennatus</i>	CENN(...)	3b	40 - 65 d.C.	
Sc. 67	La Grauf.	Drag.27		<i>Mommo</i>	OFMO	≈11c-d	75 - 85 d.C.	
Sc. 68	La Grauf.	Ritt. 8	G.1	<i>Mommo</i>	MO	≈ 30a	60 - 75 d.C.	
Sc. 69	La Grauf.	Drag.27		<i>Paullus i</i>	PAVLLVS	11e	45 - 65 d.C.	
Sc. 70	La Grauf.	Drag.29		<i>Rufinus iii</i>	OFRVFINI	2c	65 - 90 d.C.	
Sc. 71	La Grauf.	Indet.		<i>Secundus ii</i>	OFSECVN	10f	80 - 90 d.C.	
Sc. 72	La Grauf.	Drag.27		<i>Seuerus iii</i>	OFSEVE(...)	9j	70 - 95 d.C.	
Sc. 73	La Grauf.	Tigela		<i>C.Siluius Patricius</i>	C.SIL.VI		60 - 90 d.C.	
Sc. 74	La Grauf.	Drag.27		<i>Vitor</i>	VITO(...)	Vechten V21	50 - 70 d.C.	
Sc. 75	La Grauf.	Drag.27		Ol. Desc.	XIIM	Vechten Gr. Y	40 - 80 d.C.	
Sc. 76	La Grauf.	Tigela		Ol. Desc.	INR(...)	-	-	
Sc. 77	La Grauf.	Tigela		Ol. Desc.	OF.N(...)	-	-	n.i.
Sc. 78	La Grauf. ?	Tigela		Ol. Desc.	(...)	-	-	n.i.

³⁰¹³ C. Viegas, 2003a, p.132.

³⁰¹⁴ Idem, p.133, n.ºs 24492, 2780 e 24768.

Sc. 79	La Grauf. ?	Tigela		Ol. Desc.	(...)	-	-	n.i.
Sc. 80	La Grauf.	Prato	G.1	Ol. Desc.	(...)M(?)	-	-	
Sc. 81	La Grauf.	Tigela	G.1	Ol. Desc.	(...)N (ou NV)RATVS	-	-	

Figura 174- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálicas das intervenções Jardim das Portas do Sol/ “Viveiros do Jardim”- 1999/2000 e 2008/2009.

8.4.8.2.3. Produções Hispânicas

Sc.82- LVC (Bustamante, 497).

A impressão hispânica mostra características de fabrico que situam a produção da tigela seguramente em Andújar.

A “marca” é de grande dimensão para o conteúdo textual, onde consta a habitual fórmula peninsular hispana seguida de VC. Sotomayor Muro, Mercedes Roca Rouméns e Isabel Fernández Garcia ilustram um exemplar coletado no centro produtor meridional idêntico ao escalabitano: a única diferença encontra-se no F, tido como L, desenhado sem os traços horizontais³⁰¹⁵. Uma outra impressão apresentada pelos mesmos autores foi seguramente executada pelo mesmo abridor de punções, mas aparece interpuntuada com o texto EXOL.C.V.³⁰¹⁶

Para os estudiosos do centro da província de Jáen, trata-se de oleiro flávio, atestado por quatro distintos punções nas formas Drag.27 e 15/17³⁰¹⁷.

Sc. 82	Andújar	Drag.27	H.4	LVC ?	EXOFVC	SMM.21	100 - 150 d.C.	

Figura 175- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” hispânica da intervenção no Jardim das Portas do Sol/ “Viveiros do Jardim”-2008/2009.

8.4.8.3. Contributo das impressões para o conhecimento do ponto arqueológico.

Como foi já por diversas vezes destacado a zona dos “Viveiros do Jardim” equivale a um ponto de arqueológico da cidade antiga de Santarém onde puderam obter leituras mais completas da dinâmica urbana de *Scallabis*, fruto da possibilidade de observação em área dos contextos ali presentes e da acumulação de informação, é certo que complexa³⁰¹⁸.

Como acontece frequentemente em ambiente urbano, a maioria das impressões provém de contextos posteriores ao período de comercialização dos vasos de *terra*

³⁰¹⁵ M. Sotomayor Muro *et al.*, 1999, p.53, fig.11, n.º21.

³⁰¹⁶ Idem, n.º22.

³⁰¹⁷ Idem, p.40; M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.497.

³⁰¹⁸ A.M. Arruda e C. Viegas, 2002; C.Viegas, 2003a, P. Bargão, 2006; C.S. Pereira, 2008 e R.R. Almeida, 2008.

sigillata, dado terem sido remobilizados por acções mais recentes. A área em apreciação não foge a este panorama, devendo destacar-se que das 41 impressões dos “Viveiros” 13 foram coletadas em estratigrafia relativamente coeva, e destas somente 6 proporcionam algum contributo para o estabelecimento das datas de formação das unidades estratigráficas que as continham, todas resultantes dos trabalhos de 1999-2000.

Assim, deverá em primeiro lugar fazer-se referência à “marca” Sc.57 atribuída a *C.Tap(urius ?)*, uma taça troncocónica de perfil completo do tipo Consp.22.1.2 encontrada na U.E.204, uma pequena fossa detritica contendo 8 fragmentos de *sigillata* exclusivamente itálica no compartimento I. Como já havia notado Viegas, o elemento remete a formação do depósito detritico para os meados-finais principado de Augusto, contribuindo para fixar as cronologias da fase 2³⁰¹⁹, concretamente as iniciais de 2B³⁰²⁰.

Na área exterior aos compartimentos 1,3 e 4, o piso de argila U.E.246 incorporou 18 fragmentos de *sigillata*, dos quais metade em fabrico itálico e os restantes em produção sudgálica. Entre os recipientes conta-se o fragmento de taça ostentando a impressão Sc.55, *de Primus* (7), que remete para um lapso entre 15 e mais de 30 d.C.

De um aterro da mesma sub-fase que se sobrepõe à U.E. 246 provém a impressão de *Ennius* Sc.48, coletada na U.E.241, conjuntamente com campaniense A, B, cerâmica de paredes finas e lucernas indeterminadas e formas Consp.4.5, 6, 15.1 e 22 em *terra sigillata* de modo itálico³⁰²¹. Elaborada num lapso de 1 a 15 d.C., vem em apoio de uma data posterior ao final do principado de Augusto, que a presença de uma taça do tipo Consp.22 com dupla espiral aplicada no bordo e, sobretudo, a forma Consp.6 com decoração representando um golfinho aplicada no bordo sugerem³⁰²². Ambos os elementos remetem as profundas remodelações urbanísticas do espaço já antes apontadas para o principado de Tibério ou inícios do de Cláudio³⁰²³.

As etapas finais da fase 2 e iniciais da fase 3 proporcionaram também a recolha de exemplares, como os itálicos Sc.47 ou Sc.49, mas a presença de elaborações sudgálicas prevalece sobre as indicações fornecidas pelas “marcas”. Podendo pressupor-se uma sobrevivência a uso dos recipientes, as datas são bastante distantes para que se possa defender este tipo de explicação para a presença dos vasos: tal o caso de Sc.49, encontrado no aterro equivalente à U.E.132 do compartimento I, onde a “marca de

³⁰¹⁹ C. Viegas, 2003a, p.283.

³⁰²⁰ R.R. Almeida, 2008, p.260-tabla 50.

³⁰²¹ Idem, p.261, tabla-51.

³⁰²² C. Viegas, 2003a, p.284.

³⁰²³ Idem, p.283; R.R. Almeida, 2008, p.257.

oleiro” de *Her()* estava acompanhada de formas gálicas Drag.15/17 e Drag.24/25³⁰²⁴, acrescentando-se que a detecção de uma tigela Drag.24/25 em fabrico de Andújar força a uma cronologia no mínimo neroniana tardia³⁰²⁵ ou já mesmo vespasiânica³⁰²⁶.

Outra situação totalmente distinta ocorre com o pavimento em *opus signinum* U.E.160 encontrado no aro do espaço vial³⁰²⁷. Tendo aproveitado numerosa *terra sigillata* como inerte, Viegas reporta uma situação de elevado interesse: sendo os fabricos itálicos ali minoritários, contando com a forma Consp.20.6 a que se atribui um espectro cronológico de entre 30 e mais de 50 d.C., entre os vasos gálicos contavam-se 13 indivíduos do tipo Drag.27, 6 pratos Drag.15/17, 5 tigelas Drag.24/25, 2 Drag.18, Ritt.9 e Ritt.1, 71 fragmentos de tipologia indeterminável e um conjunto de fragmentos gálicos decorados sobretudo do período de 20 a 70 d.C., embora sendo alguns posteriores, nomeadamente um fragmento de tigela hispânica do tipo Drag.29³⁰²⁸. Do conjunto fazem também parte as impressões Sc.65, Sc.71 e Sc.76.

Sendo a última “marca” citada de cronologia não passível de ser precisada, a primeira, de *Capito i*, remete para o lapso de 40 a 60 d.C., concordante, portanto, com a proposta de datação mais provável avançada em 2003 por Viegas, que a situou entre 50 e 80 d.C.³⁰²⁹. O trabalho posterior de Rui de Almeida, ao citar a ocorrência da forma gálica Drag.35 ou 36³⁰³⁰, aliada à presença do citado vaso hispânico decorado já mencionado, implicaria novamente uma data neroniana tardia³⁰³¹ ou vespasiânica³⁰³², pelo menos. Tendo já a própria Catarina Viegas admitido a possibilidade de a construção do pavimento U.E.160 se ter processado num momento situável até inícios do séc. II d.C., assume-se como determinante para a sua fixação a “marca” de *Secundus ii*, Sc.71, que o remete categoricamente para o principado de Domiciano ou pouco depois.

O enquadramento cronológico para o pavimento pertencente à fase 3 permite corroborar plenamente as datas já antes avançadas para o início deste segmento da periodização, recorde-se, de finais do séc.I d.C. ou inícios do séc. II d.C.³⁰³³ Noutro sentido, e pese embora os inertes utilizados para formar o *opus signinum* tenham sido

³⁰²⁴ C. Viegas, 2003a, p.286.

³⁰²⁵ R.B. Silva, 2005, p.267.

³⁰²⁶ M. Bustamante Álvarez, 2010.

³⁰²⁷ R.R. Almeida, 2008.

³⁰²⁸ C. Viegas, 2003a, p.286-287.

³⁰²⁹ Idem.

³⁰³⁰ R.R. Almeida, 2008, p.264, tabla 53.

³⁰³¹ R.B. Silva, 2005, p.267.

³⁰³² M. Bustamante Álvarez, 2010a.

³⁰³³ C. Viegas, 2003a, p.285-286..

presumivelmente colhidos de zonas de deposição detrítica formados desde momentos bem anteriores ao principado do último dos Flávios, como mostra a presença de 33 fragmentos em fabrico de modo itálico ou a atestação dos dois pratos mais antigos Ritt.I gálicos, a escassa representatividade atingida pelas elaborações hispânicas, com apenas 4 fragmentos face aos 96 sudgálicos, terá que ser tida como sugestiva de um perfil escalabitano de aprovisionamento na década de 80 ou 90 d.C. onde os recipientes oriundos da Gália seriam prevalentes.

8.4.9. Jardim das Portas do Sol (Marvila)- localização incerta- Sc.83 a Sc.84.

Sob este item considerámos duas impressões itálicas desprovidas de indicação de proveniência, devendo equivaler a recolhas de superfície efetuadas na área do Jardim das Portas do Sol.

8.4.9.1. Produções atestadas

8.4.9.1.1. Produções Itálicas

Sc.83- Eros A.Auillii (OCK 397.1).

Eros é um dos três quatro escravos de *A.Auillius*, fabricante de localização incerta segundo o OCK³⁰³⁴, que aponta dubitativamente Arezzo como local onde se situaria a oficina do dependente. Noutro sentido, parece incongruente que o *dominus* só assinasse a partir de 15 a.C.³⁰³⁵, ao passo que o dependente o fazia desde 20 a.C.³⁰³⁶. Talvez seja necessário recuar-se o intervalo inferior do principal.

A “marca” radial de Santarém, cuja importância foi convenientemente destacada por Catarina Viegas³⁰³⁷ dada a raridade deste tipo em território português, tem paralelos exatos em Roma, Lousonna, Dangstetten e Herrera de Pisuergra (1x)³⁰³⁸.

Sc.84- Oleiro desconhecido- impressão truncada.

Catarina Viegas classificou como do tipo *in planta pedis* uma “marca” ilegível estampada no fundo de uma taça conservada sem identificação de proveniência³⁰³⁹.

³⁰³⁴ OCK, p.156.

³⁰³⁵ Idem.

³⁰³⁶ Idem, p.157.

³⁰³⁷ C. Viegas, 2003a, p.86.

³⁰³⁸ OCK-CD.

³⁰³⁹ C. Viegas, 2003a, p.93. n.º2880.

Sc. 83	Arezzo ?	B.1.4		Eros A.Auillii	EROS/ A.AVIL	397.1	20 – 10 a.C.	
Sc. 84	Desconh.	Taça		Ol. Desc.	(...)	-	+ 15 d.C.	n.i.

Figura 176- Tabela recapitulativas das “marcas de oleiro” itálicas recolhidas à superfície no Jardim das Portas do Sol.

8.4.10. Avenida 5 de Outubro n.º 2-8- “*Villa Rosa Palace*” (Marvila)- Sc.85 a Sc.86.

A Avenida 5 de Outubro tem uma origem remota, sendo a descendente do principal caminho de acesso à Alcáçova medieval e herdeira do *kardo maximus* de *Scallabis*³⁰⁴⁰. O espaço em referência situa-se numa zona nevrálgica de ligação entre os planaltos de Marvila e da Alcáçova, nas traseiras da Igreja de São João do Alporão, junto ao suposto trajeto da via de ligação ativa em Época Romana.

Os n.ºs 2 a 8 da Avenida 5 de Outubro foram alvo da construção de um empreendimento imobiliário denominado “*Villa Rosa Palace*”, objeto de trabalhos arqueológicos de caráter preventivo decorridos em fases descontínuas, entre 2006 e 2009, desenvolvidos no âmbito da arqueologia empresarial³⁰⁴¹.



Figura 177- Localização da intervenção arqueológica na Avenida 5 de Outubro n.ºs 2-8 na malha urbana de Santarém (segundo Marco Liberato³⁰⁴²).

³⁰⁴⁰ V.G. Mantas, 1986.

³⁰⁴¹ M.A.A. Liberato, 2011, p.10 e nota 1.

³⁰⁴² Idem, p.12, fig.2.

A área intervencionada reveste-se de uma elevada importância porque, em termos quantitativos, permitiram a escavação manual de cerca de 1000 metros quadrados, por isso constituindo um dos mais extensos trabalhos arqueológicos realizados até ao momento na cidade de Santarém³⁰⁴³. Contudo, as conturbadas relações entre a componente de obra e a salvaguarda patrimonial provocaram danos irreparáveis em conjuntos estruturais e deposicionais, ao ter obliterado parcelas importantes da potência presente no espaço.

8.4.10.1. Enquadramento do conjunto.

Os recentes trabalhos arqueológicos na Avenida 5 de Outubro n.ºs 2-8 revelaram uma ampla diacronia ocupacional, onde avultam os achados referentes a uma necrópole de inumação a que foi atribuída uma datação da Alta Idade Média remontando aos finais do domínio romano e prolongando-se pelo período de dominação islâmica de Santarém³⁰⁴⁴.



Figura 178- Aspeto da escavação em Agosto de 2008 (foto da autoria de Helena Santos e Marco Liberato³⁰⁴⁵).

Numa dessas sepulturas, preenchida pelo depósito de enchimento U.E.1781, foi encontrado o exemplar Sc.86 de permeio com outros materiais, estampado numa tigela

³⁰⁴³ Idem.

³⁰⁴⁴ M.A.A. Liberato, 2011, p.13; 2012, p.5 e seguintes.

³⁰⁴⁵ Aproveita-se para agradecer a cedência da imagem aos dois investigadores, como dos elementos aqui referidos, que foram oralmente transmitidos por Helena Santos e Marco Liberato num momento em que o relatório final ainda não se encontrava concluído. Aproveita-se também o ensejo para agradecer a ambos os arqueólogos o acesso às duas “marca de oleiro” do ponto da cidade aqui estudado.

em *terra sigillata* sudgálica. A abertura da estrutura negativa destinada ao enterramento violou, por seu turno, uma fossa detritica de Época Romana, onde, entre outros materiais, estava presente um bocal com respetivas asas de ânfora do Guadalquivir do tipo Haltern 70 de perfil pós-republicano³⁰⁴⁶. Parece plausível, portanto, que a cerâmica fina de mesa tenha tido origem neste depósito, mais tarde perturbado.

Na mesma escavação foram reveladas igualmente sepulturas de incineração de cronologia romana imperial, ainda em fase de estudo. A U.E.1606 de cerca de 0,60m de potência sobrepunha-se a urnas, sendo por sua vez cerceada posteriormente por um possível *ustrinum* e por inumações de provável cronologia baixo-imperial³⁰⁴⁷. Contendo abundantes materiais romanos republicanos e dos inícios do principado, foi-lhe estabelecida por Carlos Fabião uma cronologia anterior aos meados do séc.I d.C., questionando-se Marco Liberato sobre o significado da presença desta U.E.1606 no âmbito do espaço funerário, dado não corresponder a uma reconversão do mesmo³⁰⁴⁸. A presença simultânea de práticas funerárias e de acções de descarte detritico é uma característica comum no Alto Império em âmbito urbano, e é denunciadora do evidente carácter suburbano que o ponto arqueológico da cidade encerra.

A importância do perfil funcional do espaço escavado na Avenida 5 de Outubro n.ºs 2-8 é, portanto, fundamental para a compreensão do urbanismo de *Scallabis*, por fornecer uma base arqueológica sólida à leitura, até então intuída mas não alicerçada em fortes evidências materiais, de que o núcleo propriamente urbano da colonial se confinaria ao restrito espaço do planalto da Alcáçova³⁰⁴⁹.

8.4.10.2. *Produções atestadas*

Os escassos dados disponíveis no momento, ainda incipientes no que respeita ao estudo das ocupações de Época Romana, mencionam a presença de *terra sigillata* itálica e sudgálica³⁰⁵⁰, cada uma delas aqui ilustrada por um exemplar.

8.4.10.2.1. *Produções Itálicas*

Sc.85- *Romanus (1) = Romanus M.Pob(licii)* (OCK 1713 = 1493).

O OCK estabelece a identidade de *Romanus (1)* com o escravo de *M.Pob(licii)* do

³⁰⁴⁶ Observação directa.

³⁰⁴⁷ M.A.A. Liberato, 2011, p.12-13.

³⁰⁴⁸ Idem; C. Fabião citado por Idem, p.12.

³⁰⁴⁹ Idem, p.13; R.B. Silva, no prelo.

³⁰⁵⁰ M.A.A. Liberato, 2011, p.12.

mesmo nome no caso das marcas de formato circular, como é o caso, se estampadas no fundo interno de taças, o que também se verifica³⁰⁵¹. A mesma fonte induz que os punções de *Romanus* (1) terão sido abertos pelo mesmo artesão que produziu os do fabricante de taças *Ianuarius* (OCK 691), supondo-se um qualquer tipo de colaboração também com *Sex. Auillius Felix* (OCK 410 e 418)³⁰⁵².

De localização incerta no centro de Itália, o oleiro esteve ativo a partir de 10 a.C., pressupondo o OCK a continuidade da sua atividade após 10 d.C., baseado nas ocorrências de um vasos por si assinado em Vindonissa, cuja ocupação se iniciou cerca de 16 d.C.³⁰⁵³

A impressão em apreciação, que acusa acentuado desgaste num dos seus lados, identifica-se com o exemplar de referência OCK.1713.8, surgido em Roma (2x), Vechten (1x) e Mainz (2x)³⁰⁵⁴, de outras formas atestado na Hispânia em Tarragona (4x), Alicante e Córdova (1x)³⁰⁵⁵, constituindo o primeiro testemunho do artesão no espaço da Lusitânia meridional e ocidental.

Sc. 85	Itália Central	B.3.4-7	It.1	<i>Romanus</i> (1) = <i>Romanus</i> <i>M.Pob(licii)</i>	ROMANVS	1713.8	10 a.C.- +10 d.C.	

Figura 179- Tabela recapitulativa da “marca” de oleiro itálica da Avenida 5 de Outubro n.ºs 2-8/ 2008.

8.4.10.2.2. Produções gálicas

Sc.86- *Albinus* iii (NOTS 1, 123-128).

O exemplar encontra-se muito fragmentado à esquerda, restando somente vestígios da parte superior de uma letra e os caracteres finais NI. Apesar destas dificuldades, colocadas pelo estado de conservação da “marca”, conseguiu-se a identificação do punção, o modelo 4b do NOTS do produtor indicado em epígrafe.

Albinus iii esteve ativo em La Graufesenque entre cerca de 30 e 65 d.C.³⁰⁵⁶, sendo oleiro produtor de moldes para loiça decorada.

O modelo de impressão patente em Santarém na Avenida 5 de Outubro n.ºs 2-8 está também patente em La Graufesenque, Orléans e *Glanum*³⁰⁵⁷, aparecendo agora e

³⁰⁵¹ OCK-CD.

³⁰⁵² Idem.

³⁰⁵³ Idem, vaso n.º 5688.

³⁰⁵⁴ Idem, vasos n.ºs 24594, 24596, 23871, 24597 e 24598.

³⁰⁵⁵ Idem.

³⁰⁵⁶ NOTS 1, p.127.

³⁰⁵⁷ Idem, p.124.

pela primeira vez estampado no tipo Drag.24/25. O oleiro estava já representado na região em estudo em Lisboa, por duas vezes³⁰⁵⁸.

Sc. 86	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	<i>Albinus iii</i>	(...)BNI	4b	30 - 65 d.C.	

Figura 180- Tabela recapitulativa da “marca” de oleiro gálica da Avenida 5 de Outubro-n.ºs 2-8/ 2008.

8.4.10.3. Contributo da “marca de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

De acordo com Carlos Fabião e Marco Liberato, a U.E. 1606 terá sido formada antes dos meados do séc.I d.C., contendo abundantes materiais de cronologia tardo-republicana romana e dos inícios do Principado, considerando a menção à recolha de *sigillata* itálica e, sobretudo, sudgálica neste contexto³⁰⁵⁹. Neste sentido, a impressão itálica de *Romanus (1)* Sc.85 integrar-se-á no perfil global dos materiais que incorporavam esta unidade, documentando provavelmente descartes ocorridos no principado de Augusto, em posição primária ou secundária³⁰⁶⁰.

O elemento sudgálico Sc.86 ocorre em seguro contexto de deposição secundária, encerrando provável relação com o despejo detritico muito confinado no espaço subjacente à unidade de recolha, por essa razão hipoteticamente relacionável com um ato particular de transporte de resíduos da zona habitacional para o espaço exterior ao *pomerium* da *colonia*, ocorrido em data próxima da atribuída à “marca”, em período dos imperadores Júlio-Cláudios.

8.4.11. Rua do Sal-Via Pública- Sc.87.

A artéria atual equivale a um eixo do núcleo periférico da Ribeira, cuja fisionomia remonta aos finais da Época Moderna, patente nalguns exemplares do edificado.

Muito embora as leituras sobre o urbanismo antigo de Santarém se tenham referido explicitamente à ocupação da zona em Época Romana Imperial, atribuindo-lhe funções portuárias e relacionando-a com a passagem da *uia Olisipo-Scallabis*, o que se conhecia até à intervenção arqueológica de 2004 equivalia apenas a elementos arquitectónicos e epigráficos descontextualizados.

³⁰⁵⁸ Conf. *supra*, Ol.205 e Ol.272.

³⁰⁵⁹ M.A.A. Liberato, 2011, p.12.

³⁰⁶⁰ Idem, p.12-13.

Em 2004, o projeto “Saneamento da Ribeira de Santarém”, promovido pela edilidade local, despoletou um «acompanhamento arqueológico», durante o qual se revelaram contextos da Idade Média Muçulmana e Cristã, conduzido sob a responsabilidade de Carlos Batata³⁰⁶¹. Contudo, no cruzamento da Travessa do Sal com a rua do mesmo nome foram detetados elementos de cronologia romana e anterior, que despoletaram uma escavação mais alargada dos contextos com esta cronologia, abrangendo uma área de 10 x 2 m, realizada por Elisabete Barradas sob a coordenação do citado investigador³⁰⁶².

8.4.11.1. Enquadramento do conjunto.

Três muros de cronologia romana foram exumados na intervenção arqueológica da Ribeira de Santarém. Os dois primeiros, formando esquina, foram nomeados “*Estrutura 3*” e são descritos como uma “*estrutura habitacional retangular construída em pedra calcária de pequena e média dimensão*”, com 55 cm de largura e 40 cm de altura conservada³⁰⁶³. Sob o muro de sentido E-O foi encontrada uma outra construção, sob o qual a “*Estrutura 3*” assentava, equivalente a um muro, interpretado como sapata do anterior, visível em 30 cm e constituído por pedra calcária unida sem argamassa³⁰⁶⁴.

Os depósitos exumados eram iguais em ambos os lados da estrutura, tendo sido identificadas quatro unidades a que foi atribuída uma cronologia romana: as “*U.E.s 4 a 6*”, que evidenciaram cerâmicas de Época Alto Imperial e anteriores, da “*2ª Idade do Ferro*”, e as “*U.E.s 7 e 8*”, onde foram coletadas ânforas do período tardo-republicano como material mais recente³⁰⁶⁵.

³⁰⁶¹ C. Batata, E. Barradas e V. Sousa, 2005. Ao Carlos Batata gostaria de expressar o meu franco agradecimento pela sua disponibilidade em facultar todos os elementos na sua posse, como ao Gabinete de Arqueologia de Santarém pela forma como me recebeu para estudar a impressão colectada pelo arqueólogo de Abrantes.

³⁰⁶² Idem.

³⁰⁶³ Idem, p.7.

³⁰⁶⁴ Idem.

³⁰⁶⁵ Idem, p.8.

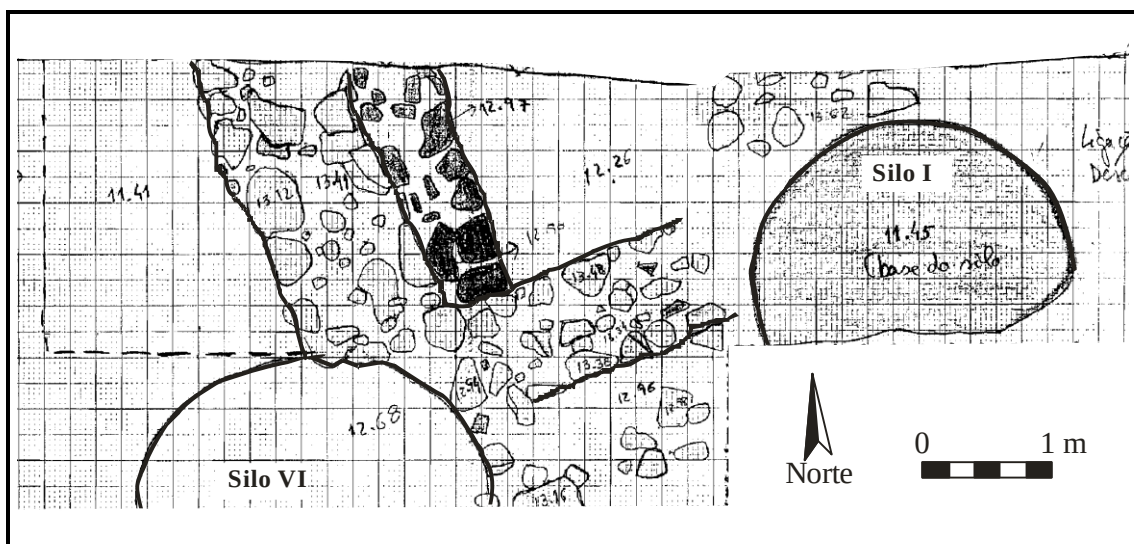


Figura 181- Estruturas romanas exumadas na Rua do Sal- 2004 (segundo C. Batata, E. Barradas e V. Sousa, 2005, adaptado).

8.4.11.2. Produções atestadas.

Os trabalhos arqueológicos proporcionaram a recolha de um conjunto de sigillata mais amplo do que o aqui apresentado, minoritariamente recolhido em deposição secundária em unidades formadas em época posterior à da circulação dos vasos. Por essa razão, e a despeito da escassez de elementos respeitantes às ocupações antigas da zona da Ribeira de Santarém, adoptou-se a opção de apenas contabilizar os fragmentos encontrados nos contextos Alto Imperiais, em depósito no Gabinete de Arqueologia da autarquia.

Forma	B	C	F	P	Frag.	NMI
Consp. 6.1	1	0	0	0	1	1
Consp. 10	1	0	0	0	1	1
Consp. 12.1	1	0	0	0	1	1
Consp. 18.2	1	0	0	0	1	1
Consp. 22	2	1	0	0	3	2
Cálice	0	0	0	1	1	1
Indeterm. It.	0	0	0	5	5	0
Total It.	6	1	0	6	13	7
Drag. 24/25	2	0	0	0	2	2
Drag. 27	1	0	0	0	1	1
Drag. 15/17	1	0	0	0	1	1
Drag. 18	3	0	0	0	3	3
Total Sg.	7	0	0	0	7	7
TOTAL	13	1	0	6	20	14

Figura 182- Tabela de frequências da *terra sigillata* presente em “contexto coevo” da intervenção arqueológica na Rua do Sal-Via Pública- 2004.

Os 20 fragmentos observados respeitam exclusivamente a elaborações de modo itálico e sudgálicas, destacando-se a presença em paridade de ambas as produções

expressa em termos de NMI, e a ausência de recipientes hispânicos ou norte-africanos (vide Figura 182, *supra*). Este perfil indicia um espectro cronológico mais provavelmente Júlio-Cláudio, sendo bastante condicente com os observados na parte alta de *Scallabis*.

8.4.11.2.1. Produções gálicas

Sc.87- *Albus v* (NOTS 1, 153).

O fragmento não permite a classificação do prato onde se encontra estampada a “marca”, ligeiramente danificada na parte inferior da extremidade direita.

A leitura faz-se sem dificuldades, mostrando o texto ALBVS FE (s retrógrado), equivalente ao punção 2b do NOTS, atribuível ao oleiro de La Graufesenque indicado em epígrafe, ativo entre cerca de 30 e 50 d.C.³⁰⁶⁶

O modelo de impressão é um dos dois de maior difusão do artesão de pequena capacidade produtiva, presente maioritariamente em tigelas e taças, em La Graufesenque³⁰⁶⁷, Bona, Tongeren, Augst, Asberg, *uicus* de Zurzach, Alésia³⁰⁶⁸ e Represas (Beja),³⁰⁶⁹ os dois últimos casos únicas expressões de consumo fora das germânicas, muito embora um exemplar originário de Trion, o {9c} repertoriado em *Albus i* (NOTS 1, 144-149), seja passível de também integrar a listagem³⁰⁷⁰. Deverá notar-se que o único paralelo que proporciona indicações cronológicas é Zurzach, dado presumir-se uma data de cerca de 43-45 d.C. para o abandono do forte, mas Polak adverte para a ocorrência de algum material mais recente no local³⁰⁷¹.

Sc. 87	La Grauf.	Drag.27	G.1	<i>Paullus i</i>	ALBVSFE (S retro)	2b	30 - 50 d.C.	

Figura 183- Tabela recapitulativa da “marca” de oleiro gálica da Rua do Sal- 2004.

8.4.11.3. Contributo da “marca de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

O ponto arqueológico, apesar da sua importância como evidência arqueológica mais antiga de uma ocupação romana até ao momento detetada na zona da Ribeira de

³⁰⁶⁶ NOTS 1, p.153.

³⁰⁶⁷ Idem; M. Genin (dir.), 2007, p.173, n.º 18.16, que acrescenta três pratos de tipo indeterminável à listagem de formas de Hartley e Dickinson.

³⁰⁶⁸ NOTS 1, p.153.

³⁰⁶⁹ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

³⁰⁷⁰ NOTS 1, p.147 e 149, nota 20.

³⁰⁷¹ M. Polak, 2000, p.414.

Santarém, não parece suficientemente esclarecedor do tipo de atividades praticadas no espaço, como da origem funcional dos contextos estratigráficos reconhecidos.

Ainda assim, o conjunto patente em sede de relatório, que no contexto de recolha da “marca” inclui almofarizes béticos³⁰⁷² com morfologias júlio-cláudias, lucernas de Época Republicana Romana³⁰⁷³, um fragmento do bico de lucerna do tipo Dressel-Lamboglia 11A ou 13/14 em fabrico itálico de cronologia augusto-tibéria³⁰⁷⁴, para além da *terra sigillata* supra mencionada, constitui um “pacote” de aparente coerência, onde a marca de *Albus v* se ajusta bem, isto é, globalmente denuncia um perfil de consumo concordante com uma cronologia de finais do principado de Tibério ou da parte inicial do de Cláudio.

Neste sentido é possível situar a reforma do espaço construído no lapso temporal indicado, isto é, entre as décadas de 30 e 50 d.C., situação que tem paralelo nalgumas reformas urbanísticas contemporâneas detetadas nas escavações da área da Alcáçova, como na zona próxima ao “Templo”, “Viveiros do Jardim” ou “Setor B”³⁰⁷⁵.

8.5. *Ager Scallabitanus* (Almeirim e Salvaterra de Magos).

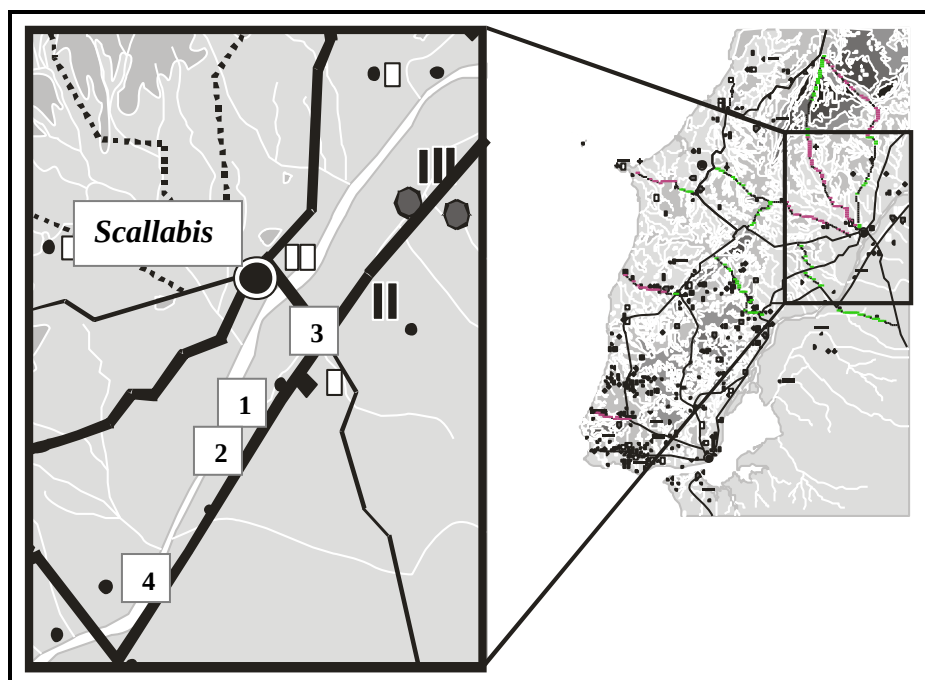


Figura 184- Localização dos sítios do *ager scallabitanus* que proporcionaram “marcas de oleiro” na *terra sigillata* (1- Vale de Tijolos; 2- Azeitada; 3- Alto dos Cacos; 4- Porto do Sabugueiro).

³⁰⁷² C. Batata, C. Barradas e V. Sousa, 2005, p.16, 18.

³⁰⁷³ Idem, p.20.

³⁰⁷⁴ Idem, p.21.

³⁰⁷⁵ Conf. A.M. Arruda 1999-2000; A.M. Arruda e C. Viegas, 2002; C. Viegas, 2003a; R.R. Almeida, 2008.

objetos que, pela sua tipologia, homogeneidade cronológica e integridade em termos de estado de conservação, deverão ter sido recolhidos em ambiente funerário. Igualmente adscritível ao sítio romano é uma inscrição funerária proveniente da Quinta do Casal Branco publicada por José D'Encarnação³⁰⁷⁸, na medida em que esta propriedade originalmente abarcava os terrenos onde se situa o assentamento romano.

Os elementos disponíveis no momento são insuficientes para caraterizar a ocupação romana de Vale de Tijolos, desconhecendo-se a extensão original dos vestígios. Dada a ocorrência frequente de material de construção laterício, como acontece no sítio muito próximo da Azeitada³⁰⁷⁹, e os achados de caráter funerário supra mencionados, deverá corresponder a um assentamento rural romano com respetiva necrópole.

8.5.1.1. Enquadramento do conjunto.

O espólio muito provavelmente funerário depositado em Guimarães mencionado acima equivale a um mobiliário bem compatível como uma datação de pleno séc. I d.C., sendo a epígrafe mencionando Fundano e sua mulher, Julia Laeta, um pouco posterior, já dos inícios do século II d.C.³⁰⁸⁰, evidências fortes para defender a presença de uma necrópole durante o Alto Império.

Na inexistência de outros elementos, socorremo-nos da análise do conjunto de *terra sigillata* confiado à Associação de Defesa do Património de Almeirim, resultante de recolhas de superfície, para contribuir para o esclarecimento da diacronia do assentamento.

Assim, em 172 fragmentos, os fabricos itálicos correspondem a 17 exemplares, os gálicos a 58 e os hispânicos a 97, valores que flutuam pouco e mantêm o seu significado quando olhamos para os respetivos NMI de 13, 27 e 39 vasos. Considerando as cronologias respetivas, autorizadas pela tipologia formal dos vasos (vide Figura 186, *infra*), o local parece já estar ocupado no principado de Augusto, quando as importações itálicas dominam, existindo exemplares de cronologia tibéria e cláudia com esta cronologia que documentam a continuidade das importações até estes momentos. Em pleno período cláudio atestam-se as primeiras importações oriundas do Sul da Gália, também bem representadas sob os Flávios, como atesta a presença das formas Drag.35 e

³⁰⁷⁸ J. D'Encarnação, 1984, p.702, n.º 645.

³⁰⁷⁹ Vide apartado seguinte, neste mesmo trabalho.

³⁰⁸⁰ J. D'Encarnação, 1984, p.702.

36 e a provável adscrição ao tipo Drag.37 de exemplares decorados a molde.

8.5.1.2. Produções atestadas.

Na amostragem de *sigillata* alto imperial de Vale de Tijolos, os fabricos itálicos correspondem a 13 exemplares (NMI), estando presentes vasos dos períodos médio, tardo-augústeo e tibério, que ilustram as etapas iniciais do sítio durante o Principado.

Os vasos gálicos estão representados por fabricos cuja cronologia se pode estender desde Tibério a Domiciano, considerando a presença de um cálice Drag.11 e da tigela Drag.35. Neste âmbito o binómio Drag.18-27 está mais bem representado que o seu percussor Drag. 15/17-24/25, o que pode ser entendido como significando um maior volume de importações no período compreendido entre os meados-finais do principado de Nero e o de Vespasiano.

As tigelas mostram uma tipologia diversificada, sintoma de facilidade aquisitiva do sítio, de igual forma reforçada pela possível presença do tipo Vertault B, de escassa difusão. O predomínio de tigelas em relação aos pratos, numa proporção de quase 2x1 (8x14 NMI) constitui um potencial indicador do tipo de utilização ou dos modelos de descarte praticados no assentamento romano.

Forma	B	C	F	P	Frag.	% frag	NMI	% NMI
Consp. 4.5	1	0	0	0	1	0,6	1	1,2
Consp. 18	0	1	0	0	1	0,6	1	1,2
Consp. B.1.7	0	0	1	0	1	0,6	1	1,2
Consp. B.2.5	0	0	1	0	1	0,6	1	1,2
Consp. B.2.9	0	0	1	0	1	0,6	1	1,2
Consp. R. 5	1	0	0	0	1	0,6	1	1,2
Prato R	0	0	2	0	2	1,2	2	2,6
Indeteterm. Prato	0	0	4	0	4	2,3	4	5,1
Indeterm. Taça	0	0	0	1	1	0,6	0	0,0
Cálice decorado	0	0	1	0	1	0,6	1	1,2
Indeterminado It.	0	0	0	3	3	1,7	0	0,0
Total Itálicas	2	1	10	4	17	10	13	16,1
Drag. 15/17	2	0	3	0	5	2,9	3	3,8
Drag. 18	3	2	1	0	6	3,5	5	6,4
Drag. 24/25	1	1	4	0	6	3,5	4	5,1
Drag. 27	4	7	1	0	12	7,1	7	9,0
Ritt. 8	1	0	1	0	2	1,2	1	1,2
Drag. 33	0	0	1	0	1	0,6	1	1,2
Drag. 35	1	0	0	0	1	0,6	1	1,2
Drag. 11	1	0	1	0	2	1,2	1	1,2
Drag. 30	0	2	0	0	2	1,2	2	2,6
Drag. 37	1	0	0	0	1	0,6	1	1,2
Vertault B ?	0	0	1	0	1	0,6	1	1,2
Taça decorada	0	0	0	2	2	1,2	0	0,0
Indeterminado Sg.	0	0	0	17	17	9,9	0	0,0
Total Sudgálicas	14	12	13	19	58	34,1	27	34,1

Drag. 15/17 Tr.	14	6	2	0	22	12,9	14	18,2
Drag. 15/17 And.	6	4	3	0	13	7,6	6	7,7
Drag. 18 Tr.	1	0	0	0	1	0,6	1	1,2
Hisp. 4 And.	0	1	0	0	1	0,6	1	1,2
Drag. 27 Tr.	2	1	4	0	7	4,1	4	5,1
Drag. 27 And.	3	1	2	0	6	3,5	3	3,8
Drag. 33 Tr.	1	0	0	0	1	0,6	1	1,2
Drag. 35 And.	0	1	0	0	1	0,6	1	1,2
Drag. 37 Tr.	7	0	1	0	8	4,7	7	9,0
Decorada Tr.	0	0	0	8	8	4,7	0	0,0
Decorada And.	0	0	0	3	3	1,7	1	1,2
Indeterm. Tr.	0	0	0	12	12	7,1	0	0,0
Indeterm. And.	0	0	2	12	14	8,2	0	0,0
Total Hispânicas	34	14	14	35	97	56,9	39	49,8
Total	50	30	37	41	172	100	79	100

Figura 186- Tabela de frequência das produções alto-imperiais em *terra sigillata* presentes no sítio de Vale de Tijolos.

Os fabricos hispânicos são dominantes no local, atingindo 49,8 % (NMI) do total, número mais significativo se considerarmos o número bruto de fragmentos (56,9 %). Este dado mostra bem a continuidade de importações, e o seu reforço nos períodos flávio e antonino inicial, quando as produções hispanas setentrionais conquistam os mercados regionais de *Scallabis* aos centros fornecedores gauleses, mas sofrendo uma concorrência de produtos da Bética (12 vs. 27 NMI), que não pôs em causa o predomínio triciense.

O perfil do consumo de vasos hispanos, contudo, mostra traços distintos face ao consumo de vasos gálicos: agora predominam os pratos sobre as tigelas/taças, numa proporção inversa (22x9 NMI) (vide tabelas X e X, *surpra* e *infra*). Como interpretar este dado? Tendo coexistido durante um lapso de tempo considerável de três décadas, entre os Flávios e os primeiros anos do séc.II d.C., as distintas importações nalgum momento se revelaram complementares? Os dados das necrópoles meridionais lusitanas mostram que sim, podendo citar-se os casos das sepulturas E4, E6, F4, I2,G3 e J1 da necrópole de Santo André (Montargil)³⁰⁸¹, ou das sepulturas n.ºs 1, 3, 5 e 7 da de Herdade do Reguengo (Monforte)³⁰⁸².

O local evidenciou igualmente a presença de um contingente importante de taças decoradas hispanas, área em que as produções de La Rioja dominam face à escassez das congêneres rutenas e béticas.

³⁰⁸¹ L.F. Dias e J.S. Nolen, 1988, p.154 e segs.

³⁰⁸² Cf. A.I.M. Caldeira 2004.

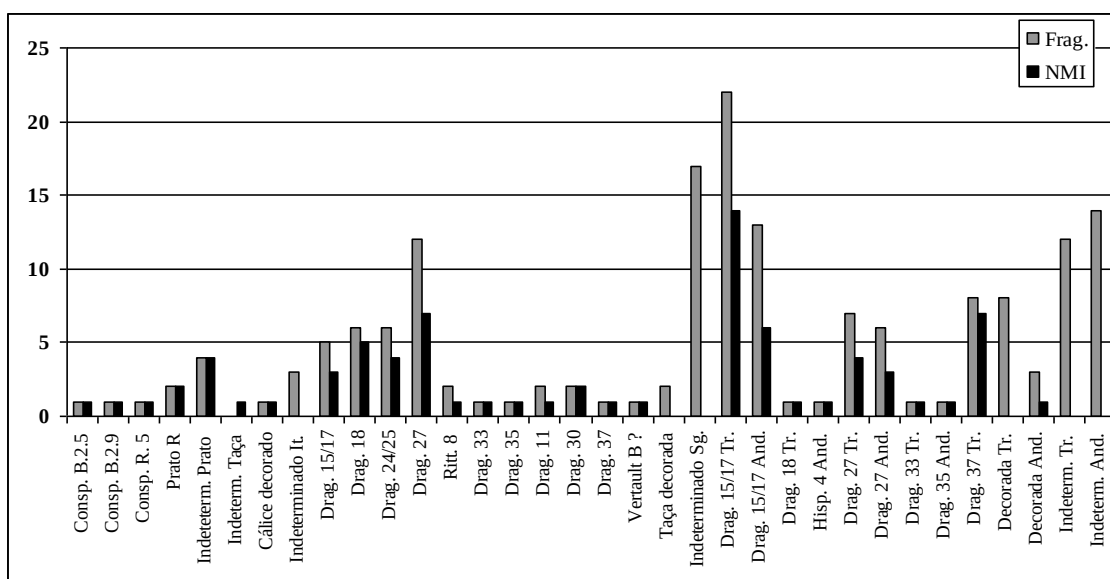


Figura 187- Histograma de frequências dos vasos em *terra sigillata* alto imperial do sítio romano de Vale de Tijolos.

8.5.1.2.1. Produções itálicas

Sc.Ag.1- Oleiro indeterminado- impressão truncada.

A única “marca de oleiro” em produções itálicas coletada em Vale de Tijolos é um exemplar muito fragmentado e ilegível de marca bilínear, o tipo mais corrente em época augústea a partir da segunda década antes da Era.

O vaso corresponde a uma taça troncocônica, com uma base do tipo Consp. B.2.5, num fabrico com características macroscópicas que lhe denunciam uma provável origem no norte da Etrúria, talvez na própria Arezzo.

Sc. Ag. 1	Arezzo ?	Consp. B.2.5	It.1	Oleiro Desc.	(...)	-	20 a.C.- 20 d.C.	

Figura 188- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” itálica de Vale de Tijolos.

8.5.1.2.2. Produções gálicas

Sc.Ag.2- *Vitalis ii* ? (Polak 354-358).

O fundo marcado mostra uma invulgar e elevada espessura, sendo de difícil adscrição tipológica. Contudo, parece tratar-se de um fragmento de uma taça Drag. 29, sendo as restantes hipóteses, nomeadamente os pratos, de descartar em função do diâmetro que parece indicar.

A impressão, muito incompleta, mostra a fórmula habitual rutena, OF(*ficina*), seguida de um V em caracteres de grande tamanho. Pressupondo um texto desenvolvido,

e o fato de se tratar de uma taça decorada, de entre os vários oleiros homónimos afigura-se como muito plausível a atribuição a *Vitalis ii*.

A cronologia da impressão resulta do cruzamento dos dados respeitantes ao período de laboração do oleiro³⁰⁸³ e à morfologia do recipiente.

Sc. Ag. 2	La Gra.	Drag.29	G.1	<i>Vitalis ii ?</i>	OF.V(...)	-	65 - 90 d.C.	

Figura 189- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica de Vale de Tijolos.

8.5.1.3. *Produções hispânicas*

Sc.Ag.3- Oleiro Desconhecido-impressão truncada.

A impressão hispânica está muito truncada, não autorizando por isso a sua atribuição a um artesão específico. Ainda assim, a circunstância de apresentar uma muito pequena dimensão e uma canelura de reduzido diâmetro que a enquadra aproximam-na dos modelos sudgálicos em voga na Hispânia, nos quais se terão inspirado os oleiros peninsulares das primeiras etapas de produção. Concordam com este entendimento as características macroscópicas de pasta e revestimento, de origem riojana, como a cuidada modelação do vaso, tanto quanto se pode apreciar.

Sc. Ag. 3	La Rioja	Drag.27	H.2	<i>Oleiro Desc.</i>	(...)M(uel V, A)	-	70 - 100 d.C.	

Figura 190- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” hispânica de Vale de Tijolos.

8.5.1.3. *Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do sítio.*

Como acima se expôs, o essencial dos dados disponíveis acerca da dinâmica da ocupação alto imperial romana de Vale de Tijolos reside no conjunto de *terra sigillata*, fragmentário mas numeroso, encerrando as muito obliteradas “marcas de oleiro” um carácter essencialmente ilustrativo daquela realidade mais ampla.

8.5.2. Azeitada (Benfica do Ribatejo, Almeirim)- Sc.Ag.4-24.

Situado a 7 Km a sul de Almeirim, o assentamento romano implantou-se numa muito suave elevação no planalto aluvionar da margem esquerda do Tejo, bem próximo da Vala de Alpiarça que marca o limite da bacia de inundação do rio, tendo um pouco para oriente a Ribeira de Vale da Muga. Sendo fronteiro a Santarém, mantém com a

³⁰⁸³ M. Polak, 2000, p.354.

cidade uma estreita relação de intervisibilidade.

O sítio está parcialmente abrangido por áreas edificadas da localidade de Azeitada, surgidas após a década de '80 do século XX sem acompanhamento arqueológico conhecido, e por parcelas de cultivo de vinha e tomate, julgando-se estar hoje bastante destruído.

O primeiro achado relacionado com o local reporta-se a 1946, quando em circunstâncias desconhecidas se recolheu uma tigela sudgálica do tipo Drag.24/25, intata, durante décadas conservada na Casa do Povo de Benfica do Ribatejo³⁰⁸⁴.

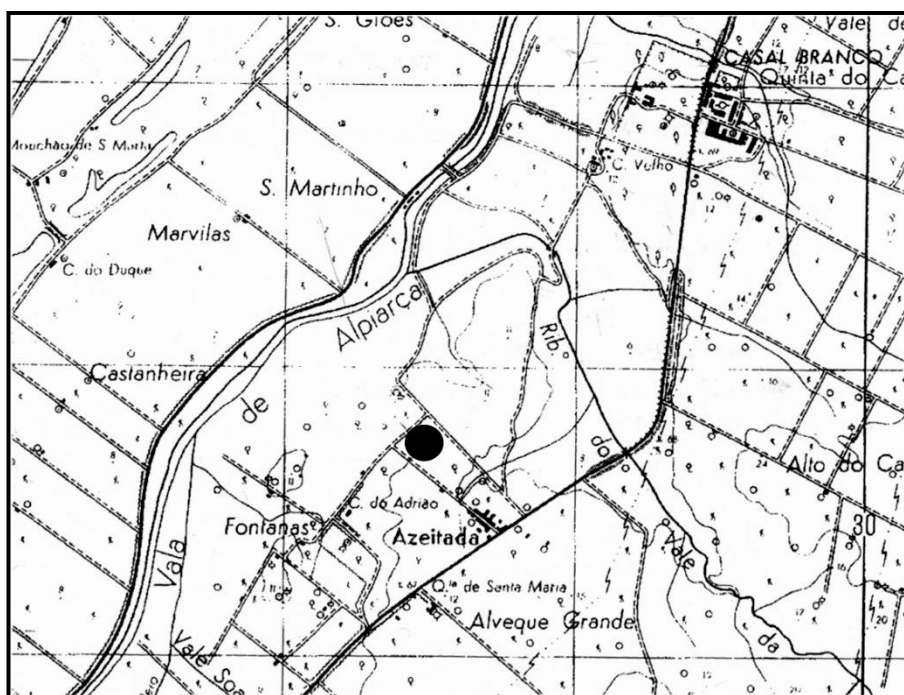


Figura 192- Localização do sítio romano de Azeitada na *Carta Militar de Portugal*, folha n.º 365, à escala 1/25000.

8.5.2.1. Enquadramento do conjunto.

Em 1981, resultante de profundos trabalhos agrícolas, foram revelados ossos humanos e cerâmica de cronologia romana. Esta ocorrência despoletou uma intervenção de emergência dos extintos Serviços Regionais de Arqueologia da Zona Centro do I.P.P.C., dirigida por Maria da Conceição Quinteira, irmã do então diretor daquele organismo. Foi possível identificar duas sepulturas de incineração e uma outra de

³⁰⁸⁴ Esta informação foi recolhida nos inícios da década de 1980 durante a investigação do Dr. Eurico Henriques, a quem muito se agradece a possibilidade da sua divulgação. Segundo um testemunho oral, o vaso ter-se-á partido e sido deitado para o lixo, pelo que hoje está irremediavelmente perdido.

inumação, objeto de notícia, e caraterizar a zona afetada como necrópole³⁰⁸⁵. Embora se tenha projetado a continuidade dos trabalhos arqueológicos, estes não se viriam a realizar.

Os achados foram-se então sucedendo, recolhidos na superfície do terreno ao longo dos anos subsequentes, sendo uma parte estudada por José Quinteira em 1996 e publicada em 1998, que reclassificou o arqueossítio como *uilla*³⁰⁸⁶.

Os elementos de caraterização do sítio resumem-se, até à data, à notícia da escavação de 1981 e à publicação do conjunto de materiais recolhidos à superfície em data posterior, por Quinteira³⁰⁸⁷.

Quer as três sepulturas escavadas, quer as cerâmicas publicadas, em particular o conjunto de *terra sigillata*, documentam uma ocupação do sítio desde os finais do século I a.C. ou inícios do seguinte, que se iria prolongar, pelo menos, até ao século V d.C., concordante com o conjunto de moedas conhecido, onde se documentam emissões de Augusto, Cláudio, Domiciano, Adriano e Filipe I, como também cunhagens hispânicas julio-cláudias de Mérida e Córdoba³⁰⁸⁸.

Uma visita realizada ao local a 9 de Março de 2011, na companhia do proprietário, permitiu verificar a vastidão da dispersão de vestígios e corroborar a opinião de José Quinteira, que interpretou as evidências como indicadoras da existência de uma *uilla*. Numa área de cerca de 20000 m² os materiais cerâmicos são abundantes, em particular *lateres*, *tegulae* e cerâmica comum, incluindo vários fragmentos de *dolia*. Regista-se também a ocorrência, em escassa quantidade, de ânforas, *sigillata* itálica, sudgálica e clara africana (A, C e D), *imbrices*, tijolos de quadrante, pesos de tear e muito rara pedra de construção.

As ocorrências são contrastantes, em particular a alta frequência da cerâmica de construção face à vincada escassez de elementos pétreos que não apenas os trabalhados

³⁰⁸⁵ A.C. Paixão, 1984b, p.34.

³⁰⁸⁶ A.J. Quinteira, 1996 e 1998, p.154. O autor esclarece que as cerâmicas e bronzes terão sido colectados pelo proprietário do terreno. Temos notícia, porém, de outras recolhas efetuadas posteriormente pelo sempre ativo arqueólogo do Entroncamento João Pires Catarino, onde pontuava “*sigillata* abundante”. O Dr.Eurico Henriques, da Associação de Defesa do Património de Almeirim, reuniu em 1981 vasto acervo, correspondente ao material de superfície que não despertou o interesse dos arqueólogos ligados à escavação. Os importantes materiais publicados por José Quinteira encontram-se na posse do Sr. Manuel Pires Latas, proprietário do terreno que contudo não conseguiu localizar na sua residência a *terra sigillata*, apesar de várias tentativas. Nos depósitos da Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo conserva-se também um pequeno mas significativo núcleo de espólio recolhido em 1982 por Clementino Amaro, que tivemos oportunidade de consultar, aproveitando-se para aqui agradecer a Antónia Amaral, à data Directora do Departamento de Bens Culturais, as facilidades de acesso concedidas.

³⁰⁸⁷ A.J. Quinteira, 1998 e 1996, Anexo I e II.

³⁰⁸⁸ Idem, 1998, p.179-180.

(placas de revestimento, molduras, de tesselas de mosaico), característica que não pode ser menosprezada e que deverá explicar-se pelas técnicas de construção aplicadas nas antigas edificações.

Entre os materiais publicados por Quinteira conta-se uma importante epígrafe, grafada em cursivo *ante coturam* sobre um *later*, hoje conservada em casa do Sr. Manuel Latas, mencionando três indivíduos em três linhas distintas: Caio Cornélio Céltio, Quinto Numério Nerva e Lucio Lucrécio Céltio ou Célio. O tipo de texto e a circunstância de estar escrito em genitivo parece indicar que se tratam dos nomes de três encomendantes a uma olaria, justificando-se assim a simplicidade da menção da sua onomástica. O objeto tem, aliás, paralelo muito próximo numa outra inscrição sobre tijolo descoberta na cidade romana de *Eburobrittium* mencionando um Marco Lívio Célio, interpretada naquele sentido por José Beleza Moreira³⁰⁸⁹. Embora outras explicações sejam possíveis, não se pode descartar que o local possa ter tido igualmente produção oleira.

Independentemente da eventual problemática em torno das funções que a ocupação romana imperial assumiu em Azeitada, teve uma longa duração no tempo atestada pela dezena e meia de numismas romanos e o numeroso conjunto de *terra sigillata* publicados por José Quinteira³⁰⁹⁰, a que se acrescenta o que agora é apresentado, à guarda da Associação de Defesa do Património Histórico e Natural de Almeirim, que conta também com mais de meia centena de fragmentos de produções em *terra sigillata* clara africana, estando o grupo de fabricos da A em posição dominante relativamente às produções de C e D, escassas.

8.5.2.2. *Produções Atestadas*

No estudo a que procedeu, o arqueólogo de Coimbra não apresenta qualquer registo gráfico das “marcas de oleiro” e da maioria dos vasos respetivos, ao contrário do procedimento adoptado para 43 dos 108 restantes exemplares em *sigillata*: aqueles ostentando grafito, decoração, bordo, carena ou fundo. Talvez a justificação para esta omissão se prenda com o fato de o conjunto, apesar de dado como depositado na Câmara Municipal de Almeirim, ter entretanto voltado à posse do proprietário, o Sr. Manuel Latas, como se constatou. Assim se justificarão também as limitações

³⁰⁸⁹ J.B. Moreira, 2002, p.98-99, fig.78.

³⁰⁹⁰ A.J. Quinteira, 1996 e 1998.

constantes do estudo, nalguns aspetos a carecer de revisão³⁰⁹¹. Este pormenor levou-nos a optar por apresentar os dados dos dois conjuntos separadamente, considerando-se como mais fiável o depositado na Associação de Defesa do Património Histórico e Cultural de Almeirim (vide Figura 192, *infra*).

Tipologia	B	C			F		P		Frag.	% frag.	NMI	% NMI
Consp. 22				1				1	2	0,9	1	0,9
Goud. 32					1				1	0,4	1	0,9
Consp. 23.1		1							1	0,4	1	0,9
Consp. 34.1		1							1	0,4	1	0,9
Consp. 18.1		3							3	1,4	3	2,8
Consp. 20.1		1							1	0,4	1	0,9
Goud. 36					1				1	0,4	1	0,9
Indeterminado						3			3	1,4	3	2,8
Consp. 52			1	1					2	0,9	2	1,8
Consp. 38						1		1	2	0,9	1	0,9
Indeterm. It.			1					3	4	1,9	0	0
Total Itálicas	0	5	1	2	2	4	0	5	21	9,4	15	13,7
Ritt. 8	1					1			2	0,9	1	0,9
Ritt. 9		1							1	0,4	1	0,9
Drag. 24/25	5	3	1	5					14	6,4	8	7,3
Drag. 27	3	4		1	2	3	1		14	6,4	7	6,4
Drag. 33	1	1							2	0,9	2	1,8
Drag. 35				1	1				2	0,9	1	1,8
Tigela Indeterm.	3				2		2	9	16	7,4	3	2,8
Drag. 17b		1		1		1			3	1,4	1	2,8
Drag. 15/17	3	1		1		6			11	5,3	6	5,5
Drag. 18	2	6			10	8			26	14,1	18	18,6
Prato R						2			2	0,9	2	1,8
Prato Indeterm.					2	4		5	11	5,1	4	3,7
Ritt. 12	1								1	0,4	1	0,9
Drag. 11							1		1	0,4	1	0,9
Drag. 30	1	1	2	1		1	2	2	10	4,7	3	2,8
Drag. 29					2				2	0,9	2	1,8
Drag. 37	1	1							2	0,9	2	1,8
Taça decorada							5	2	7	3,3	0	0
Indeterm. S.G.								6	6	2,8	0	0
Total Sudgálicas	21	20	3	10	19	26	11	24	134	63,9	64	63,4
Ritt. 8 Hsp.					2				2	0,9	2	1,8
Ritt. 8 Tr.		1							1	0,4	1	0,9
Drag. 27 Hsp.	2								2	0,9	2	1,8
Drag. 27 Tr.				2					2	0,9	2	1,8
Drag. 27 And.						1			1	0,4	1	0,9

³⁰⁹¹ Referimo-nos em particular a deficiências de classificação, como a errada atribuição do vaso itálico assinado por *Xanthus* a uma produção gálica, já mencionado por Catarina Viegas (2003a).

Drag. 35 Tr.				1				1	0,4	1	0,9
Tigela indet. Tr.					1		2	3	1,4	0	2,8
Tigela indet. And.							2	2	0,9	0	1,8
Drag. 35/36 Tr.				3				3	1,4	3	2,8
Hisp. 5 Hsp.					1			1	0,4	1	0,9
Drag. 18 And.	3							3	1,4	3	2,8
Drag. 18 Tr.						1		1	0,4	1	0,9
Drag. 15/17 Hsp.	1							1	0,4	1	0,9
Drag. 15/17 Tr.		3		3				6	2,8	3	2,8
Drag. 15/17 And.						1		1	0,4	1	0,9
Drag. 36 Tr.		1				1		2	0,9	1	1,8
Hisp. 4 Hsp	1							1	0,4	1	0,9
Hisp. 4 Tr.		1						1	0,4	1	0,9
Drag. 47 Hsp.	1							1	0,4	1	0,9
Drag. 29 Tr.				1				1	0,4	1	0,9
Drag. 37 Tr.		2		1				3	1,4	2	2,8
Indeterm. Hsp.							8	8	3,8	0	0
Decorada Tr.								2	2	0,9	0
Indeterm. Tr.								8	8	3,8	0
Indeterm. And.								2	2	0,9	0
Total Hispânicas	8	8	0	11	3	5	8	16	59	26,7	29
TOTAL	29	33	4	23	25	35	19	45	214	100	108

Tabela 192- Tabela de frequência das produções alto-imperiais em *terra sigillata* presentes no sítio de Azeitada (com fundo sombreado claro os dados do conjunto depositado na Associação de Defesa do Património Histórico e Cultural de Almeirim).

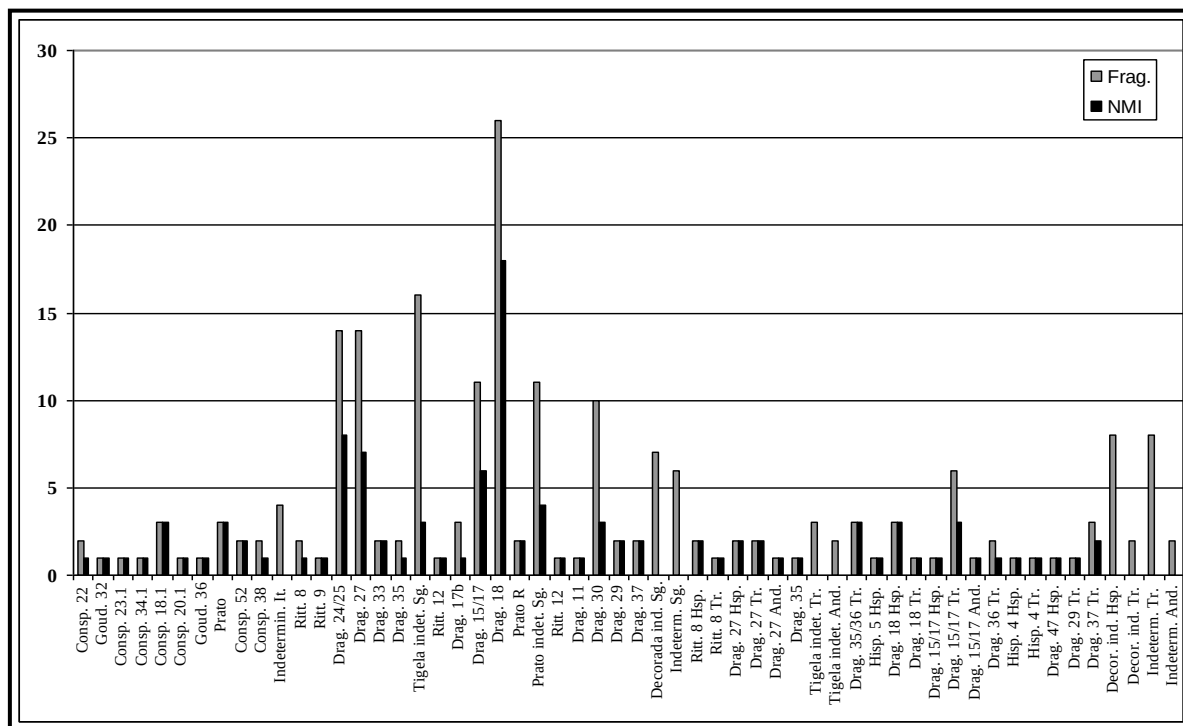


Figura 193- Histograma das frequências das produções alto-imperiais em *terra sigillata* presentes no sítio de Azeitada.

8.5.2.2.1. Produções Itálicas

As produções itálicas estão representadas por três impressões, das quais foi possível observar duas. Uma “marca” antes atribuída a *Xanthus*, entretanto referida em diversa bibliografia³⁰⁹², verificou-se corresponder a um outro oleiro, sudgálico.

Estão presentes produções da Época de Augusto até aos meados do séc. I d.C., mostrando a permanência de importações da Península Itálica durante o período Júlio-Cláudio pelo assentamento romano da Azeitada.

Sc.Ag.4- *Ingenuus Caii Anii* (OCK 150).

A “marca de oleiro” de *Ingenuus* está impressa no fundo interno de um prato de tipologia indeterminável, dadas as reduzidas dimensões do fragmento.

De tipo bilínear, conserva a primeira linha completa, que se lê sem dificuldade. A segunda linha, truncada à direita, coloca alguns problemas: são visíveis claramente os três últimos caracteres, NNI, e os vestígios de um outro anterior, um A, restando espaço na zona em falta para mais um caráter.

Tratando-se de uma marca em duas linhas, apresenta a disposição de texto “canónica”, isto é, indicando primeiro o dependente, no caso de estatuto servil, seguido do principal, no caso o *dominus*. Assim sendo, dos três *Anii* repertoriados no *Corpus*, descarta-se o primeiro, indicado sem *praenomen* (OCK 116), restando os dois *Caii* (OCK 127 e 128) e o *Lucius* (OCK 164), hipóteses que se reduzem aos dois últimos citados por o primeiro não ter dependentes conhecidos. Por o *Ingenuus* pertencente a *Lucius* (OCK 179) apresentar sempre a grafia de AN na indicação do genitivo do seu *dominus* em nexu, as hipóteses restringem-se ao escravo de *Caius* (OCK 150), de que aqui se regista um novo punção até agora desconhecido.

Ingenuus Caii Anii seruus laborou em Arezzo entre 10 a.C. e 10 d.C., tendo escassa produção, restrita a vasos lisos³⁰⁹³.

Sc.Ag.5- *Marc()* (OCK 1114).

A impressão de Azeitada foi efetuada no fundo interno de uma tigela da forma Consp. 34.1, de que se conserva metade do vaso com o perfil completo, ostentando a característica decoração de dupla espiral aplicada na parede exterior do bordo, remetendo o vaso para uma cronologia posterior a 30 d.C. Esta indicação concorda com a datação

³⁰⁹² C. Viegas, 2003a; R.B. Silva, 2005, Anexo B.

³⁰⁹³ OCK, p.98.

proposta para a laboração do oleiro, em local desconhecido da Península Itálica nos meados do séc. I d.C., e que utiliza em nove dos onze punções conhecidos o tipo *in planta pedis*³⁰⁹⁴, com textos que poderão ser desdobrados como *Marcus/Marcus*.

O único paralelo para a “marca de oleiro” do sítio ribatejano foi coletado na necrópole ocidental de Tipasa (Argélia), num vaso do tipo Consp. 6.2³⁰⁹⁵, forma consentânea com a do vaso ribatejano e com cronologia similar.

Sc.Ag.6- *Titus*= *L.Valerius Titus* ? (OCK 2254= 2314 ?).

O exemplar em causa integra o grupo que não conseguimos observar diretamente, mas apenas através de fotografia.

Titus é um produtor de taças estabelecido em Puteólos, ativo a partir de 10 a.C., possivelmente equivalente a *L.Valerius Titus* (OCK 2314)³⁰⁹⁶. Conhece-se-lhe apenas um tipo de “marca”, circular envolvida por grinalda, como é o caso. O punção foi aplicado em três vasos coletados naquela importante cidade portuária da Baía de Nápoles³⁰⁹⁷, outros tantos em Tarragona e Haltern, aqui nas formas Consp.22.2 e 31.1, dois de Mainz, um de Xanten e outro em *Ascimburgum*³⁰⁹⁸.

Sc. Ag. 4	Arezzo	Prato	It.1	<i>Ingenuus Caii Anii</i>	INGEN / (...)ANNI	nova	10 a.C.- 10 d.C.	
Sc. Ag. 5	Itália Central	Consp. 34.1	It.2	<i>Marc()</i>	<u>MARÇ</u> (...)	1114.6	40 - 60 d.C.	
Sc. Ag. 6	Puteólos	Taça		<i>Titus=L. Valerius Titus</i>	TITVS	2314.1	10 a.C.- 15 d.C.	

Figura 194- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas de Azeitada.

8.5.2.2.2. Produções gálicas

Sc.Ag.7- *Cennatus* (NOTS 3,32-335).

Cennatus é oleiro ativo em La Graufesenque para Hartley e Dickinson entre 40 e 65 d.C.³⁰⁹⁹, muito embora Polak tenha aduzido razões fortes para defender um início da laboração ainda sob Tibério³¹⁰⁰.

A impressão utiliza um formato de extremidade bífida pouco habitual no

³⁰⁹⁴ OCK, p.275.

³⁰⁹⁵ OCK CD, vaso n.º 8304.

³⁰⁹⁶ OCK, p.456.

³⁰⁹⁷ OCK-CD, vaso n.º34644.

³⁰⁹⁸ OCK-CD.

³⁰⁹⁹ NOTS 3, p.334.

³¹⁰⁰ M. Polak, 2000, p.206.

repertório do produtor, que emprega também um conjunto invulgar de grafia cuidada e com nexos correspondente ao punção catalogado com o n.º 3a por Hartley e Dickinson³¹⁰¹.

Exemplares sobre a mesma tipologia de recipiente estão presentes em La Graufesenque, sobre vasos das formas Drag. 33 e 27. A impressão foi detetada em Richborough, Marselha, *Glanum*, Murviel-lès-Montpellier, Londres e Vechten³¹⁰². É o exemplo de Cirencester, oriundo do fosso do forte, que lhe fixa a cronologia de 45-65 d.C.³¹⁰³ O artesão está também documentado em Santarém³¹⁰⁴.

Sc.Ag.8- *Criciro i* (NOTS 3,192).

As ocorrências de produtos assinados por este oleiro de La Graufesenque em contextos militares datados, como Carlisle, Colchester e Gloucester, levaram Polak a situá-lo nas décadas de 60 e 70³¹⁰⁵, argumentos de que também se serviu o NOTS para propor a mesma cronologia³¹⁰⁶.

O texto, como refere Quinteira, apresenta uma tendência semicircular, portanto com uma gravação arrastada, e a impressão apresentava-se extremamente erodida. Por essa razão o investigador de Coimbra apresenta a sua leitura da “marca” estampada no fundo de uma tigela Drag. 27 com vincadas reservas: “CRICIVS (?)”³¹⁰⁷. O oleiro é inexistente e mostra o texto R(?)ICIV, a partir do que é dado observar na fotografia³¹⁰⁸, originado por um punção certamente já exausto. A despeito das dificuldades expostas, é provável a sua atribuição a *Criciro i*.

Sc.Ag.9- *Iucundus ii* (NOTS 4, 304-308).

A impressão executada no fundo de um prato de tipo indeterminado com o texto [...]CVNDVS foi por José Quinteira atribuída ao oleiro *Secundus*. Na realidade, a observação da fotografia da “marca de oleiro”³¹⁰⁹ autoriza a leitura [...]CVNDVS F, uma das variantes de texto utilizadas pelos oleiros de La Graufesenque com aquele nome.

³¹⁰¹ NOTS 3, p.334.

³¹⁰² NOTS 3, p.332.

³¹⁰³ M. Polak, 2000, p.206, C116.

³¹⁰⁴ Vide apartado próprio, *supra*, Sc.66.

³¹⁰⁵ *Idem*, p.216.

³¹⁰⁶ NOTS 3, p.192.

³¹⁰⁷ A.J. Quinteira, 1998, p.166.

³¹⁰⁸ *Idem e Ibidem*, 1996, Est. XLVII, n.º 5.

³¹⁰⁹ *Idem*, n.º 7.

A grafia, porém, é mais conforme a utilizada pelo(s) *Iucundus(i)*³¹¹⁰ do mesmo centro produtor, tendo correspondência com o punção 2-a, encontrado em pratos Drag.18 de Mainz e Stafford³¹¹¹, devendo encerrar uma datação de entre 30 e 60 d.C., considerando o lapso de tempo em que o artesão desenvolveu a sua atividade³¹¹².

Sc.Ag.10- C. Iulius Celer (NOTS 4, 343-344).

A impressão de apresenta o texto de difícil leitura OFCICELRS, o que dificultou de sobremaneira a leitura. Ostentando uma cartela bífida, tem um paralelo perfeito em Vechten, C97, e na impressão 1a' de Hartley e Dickinson³¹¹³, correspondente ao oleiro *Caius Iulius Celer*³¹¹⁴. Marinus Polak explica que este modelo corresponde a uma versão mais moderna e modificada de um protótipo anterior, de cantos arredondados³¹¹⁵. Como Hartley e Dickinson notaram, é bastante provável que algumas das impressões de *Celer ii* (NOTS 3, 318-319) pertençam a este produtor, considerando a similitude de grafias³¹¹⁶.

A atestação desta impressão em Drag.15/17 de pé muito alto e desenvolvido, característica evolucionada da forma, bem como sobre Drag.18, sugeriam uma data de Nero a Vespasiano, corroborada pela sua atestação nos fortes de Chester, Valkenburg³¹¹⁷ e *Segontium*³¹¹⁸, que lhe afinam a cronologia para 60-80 d.C.

Para além dos sítios indicados, a “marca” está também atestada em La Graufesenque, Colchester, Xanten, Gloucester, Richborough e, talvez, York³¹¹⁹.

Sc.Ag.11- Lucceius i (NOTS, 5 112-116).

Lucceius i esteve ativo em La Graufesenque, entre 35-65 d.C. de acordo com Hartley e Dickinson, mas para Polak a sua laboração extender-se-ia até os meados do principado de Vespasiano³¹²⁰.

Os paralelos exatos para a impressão do sítio ribatejano provêm do próprio centro produtor, La Graufeseque, mas também de Vechten e de *Glanum*, sempre sobre Drag.

³¹¹⁰ M. Polak, 2000, p.242-245, integra ambos os *Iucundii* distinguidos pelo NOTS.

³¹¹¹ NOTS 4, p.305.

³¹¹² Idem, p.307.

³¹¹³ NOTS 4, p.343-344.

³¹¹⁴ M. Polak, 2000, p.203.

³¹¹⁵ Idem.

³¹¹⁶ NOTS 4, p.344.

³¹¹⁷ M. Polak, 2000, p.203.

³¹¹⁸ NOTS 4, p.344.

³¹¹⁹ Idem.

³¹²⁰ NOTS 5, p.115; M. Polak, 2000, p.254.

18³¹²¹. No caso holandês o perfil evolucionado do vaso autorizou uma proposta de 55-75 d.C., que aqui se segue, e é reforçada pela circunstância de o punção estar já claramente exausto quando foi aplicado.

Acrescente-se, como nota, que o vaso tem inscrita na parede exterior do fundo um grafito pós cozedura C APL uel C ALP, provavelmente uma marca de posse, sendo o texto de difícil desdobramento, que não se ensaiou.

Sc.Ag.12- *Maccarus i* (NOTS 5, 159-169).

Extraordinariamente truncada e limitada à sua extremidade esquerda, o presente exemplar corresponde a um dos casos em que se verifica uma correspondência perfeita com outros mais completos conhecidos, no caso o punção 28b do NOTS, autorizando uma atribuição que se tem de considerar segura.

O mencionado punção foi intensivamente utilizado pelo oleiro ruteno quer sobre pratos Drag.15/17, 16 e 18 quer sobre tigelas 24/25 e 27, como é o caso, sendo um dos artesãos que integra o grupo dos primeiros grandes exportadores e que laborou entre 30 e 65 d.C.

A impressão será datada de 35-60 d.C., com base na sua presença no Erdlager de Hofheim, nos contextos da Fase I de Velsen e numa sepultura de Xanten conjuntamente com vasos assinados por *Vapuso*³¹²². A lista de paralelos é extensa, com uma notável concentração nas *Germaniae*: no forte e no *uicus* de Asberg, em Auerberg-im-Allgau, Badenheim, Bingen, Colónia, Tongeren, necrópole de Trier, Vechten, Neuss, Ziegelei Sels, necrópole de Nijmegen, Augst, Mainz, forte de Valkenburg, Xanten e Bona³¹²³. As únicas excepções correspondem a Lezoux e Estrasburgo³¹²⁴, sítios que sintomaticamente detêm fortes conexões comerciais com o *limes* germânico.

Sc.Ag.13- *Murranus i* (NOTS 6,181-196).

A impressão foi lida como OF.MRN, mas na realidade deve incluir-se nos textos em que se verifica também um nexu MV, restando um ténue vestígio desta letra³¹²⁵. O exemplo corresponde ao punção 13e de Hartley e Dickinson³¹²⁶, que apresenta os mesmos caracteres assim interpretados e as mesmas dimensões da cartela indicadas por

³¹²¹ Idem.

³¹²² M. Polak, 2000, p.257

³¹²³ NOTS 5, p.165.

³¹²⁴ Idem.

³¹²⁵ A.J. Quinteira, 1998, n.º 3.

³¹²⁶ NOTS 6, p.187.

José Quinteira³¹²⁷, sendo também estampado no fundo de uma tigela Drag. 27, encontrada em Richborough³¹²⁸.

A atividade de *Murranus* i de La Graufesenque compreende o lapso entre 45 e 90 d.C., que Hartley e Dickinson consideram improvável mas não impossível para um único oleiro, levando também em consideração que a produção decorada se restringe ao período entre 45 e 70 d.C. Marinus Polak, por seu turno, defende um arranque do fabrico ainda com Tibério, dada a atestação de vasos do oleiro nos contextos da Fase I do sítio legionário de Velsen, chamando a atenção para a marca com o texto OF.MVR.TER.F, indicativa de um *Tertius* operando na *officina* do oleiro no terceiro quarto do séc. I d.C.³¹²⁹, o que parece ser um indício a favor da passagem de mãos da olaria de que Hartley e Dickinson haviam suspeitado³¹³⁰.

Os dois autores britânicos citados consideram anômala a distribuição de *Murranus* i, dada a alta percentagem de ocorrência nas duas Germânicas, mas também na Britânia, Aquitânia e Península Ibérica³¹³¹, aspeto que lhe confere um interesse acrescido no âmbito do estudo da rota atlântica, assim tão bem sugestionada pela difusão dos seus produtos.

Sc.Ag.14- Notus (NOTS 6,263-264).

Impressa no fundo de um prato Drag. 18, da impressão do oleiro ruteno foi apresentada a leitura NOTVS F³¹³².

Com as medidas indicadas não existe nenhum paralelo, parecendo-nos 2mm³¹³³ uma espessura diminuta face à largura. Contudo, a “marca” está mal impressa, o que deixa espaço para este tipo de valor. Por esta razão o exemplar de Azeitada, não observado diretamente, talvez equivala ao punção 1b³¹³⁴.

Notus é um oleiro de La Graufesenque, de limitada compulsão, que elaborou sobretudo pratos, como é o caso, de problemática cronologia dada a falta de paralelos datados externamente. Para Hartley e Dickinson trata-se de um artesão anterior aos Flávios³¹³⁵, muito embora para Polak corresponda a um oleiro ativo sob Nero e

³¹²⁷ A.J. Quinteira, 1998, p.165.

³¹²⁸ NOTS 6, p.187.

³¹²⁹ M. Polak, 2000, p.276

³¹³⁰ NOTS 6, p.193.

³¹³¹ NOTS 6, p. 193.

³¹³² A.J. Quinteira, 1998, p.166.

³¹³³ Idem.

³¹³⁴ NOTS 6, p.263.

³¹³⁵ Idem, p. 264.

Vespasiano³¹³⁶, parecendo mais consistentes os argumentos aduzidos pelos investigadores britânicos.

Sc.Ag.15-Sc.Ag.16- *Paullus* i (NOTS 7, 99-105).

O oleiro deste nome esteve em laboração em La Graufesenque entre 40-65 d.C. para Polak³¹³⁷, mas Hartley e Dickinson defendem a possibilidade de um arranque ainda no final do principado de Tibério ou já com Calígula³¹³⁸.

O punção do exemplar Sc.Ag.15 é classificável como 11e³¹³⁹, estando presente em Vechten sobre um prato do tipo Ritt.1 e uma tigela Drag. 24/25, como é o caso presente.

Detendo um datado externamente no Erdlager de Hofheim, a sua cronologia é remetida para o intervalo 45-65 d.C.³¹⁴⁰, o que é confirmado pela sua atestação na «Fossa de *Gallicanus*» no centro produtor³¹⁴¹. A sua restante difusão é repartida por Augst, Wiesbaden, talvez Estrasburgo³¹⁴² e Santarém³¹⁴³.

Já o exemplar Sc.Ag.16 corresponde a um caso de excepcional interesse para o conhecimento do oleiro.

A “marca” fôra publicada por Quinteira como correspondendo a um fabrico gálico, o que parece correto, e atribuída a *Xanthus* devido à leitura I.XANTHI³¹⁴⁴. O que é dado observar na fotografia proporcionada por aquele investigador³¹⁴⁵ é de tal forma claro, T.PAVLLI, que julgamos lícito questionarmo-nos em que condições terá sido obtida aquela interpretação.

Focando a análise no texto, o mesmo não se encontra assinalado em nenhuma das obras de referência consultadas, constituindo uma novidade. A sua atribuição ao *Paullus* i de La Graufesenque é pacífica: a grafia é similar a alguns punções deste artesão ruteno, em particular os detalhes do nexu AV e o traço do A, em tudo idênticos ao do punção 4c do NOTS³¹⁴⁶. Nesta mesma obra encontra-se o punção Ψ-b, de Vienne, contendo L.PAVLVS que Hartley e Dickinson consideram uma leitura obscura³¹⁴⁷.

³¹³⁶ M. Polak, 2000, p.281.

³¹³⁷ Idem, p.289.

³¹³⁸ NOTS 7, p.104.

³¹³⁹ Idem, p.102.

³¹⁴⁰ M. Polak, 2000, p.289.

³¹⁴¹ M. Genin (dir.), 2007, p.229.

³¹⁴² Idem e NOTS 7, p.102.

³¹⁴³ C. Viegas, 2003a, p.132. Conf. *supra*, apartado próprio.

³¹⁴⁴ A.J. Quinteira, 1998, p.166, n.º 40.

³¹⁴⁵ Idem e 1996, Est. XLVII, n.º 9.

³¹⁴⁶ NOTS 4, p.99.

³¹⁴⁷ Idem, p.104-105.

Observando o exemplar ribatejano, facilmente o desenho da base do T pode ser interpretado como um L.

A matéria assume outro interesse porquanto é sabido que a assinatura em cursivo de *Paullus* se encontra em moldes para a produção de taças decoradas Drag. 29 não manufaturados por ele, em La Graufesenque, desta feita com o texto M...PAVLLI e M...PAVIII, de difícil leitura³¹⁴⁸. A confirmar-se a identidade de moldes e “marcas”, teríamos a indicação do *praenomen* ou *nomen* do artesão, que se pode restituir como *M.T.Paullus* ou *T.Paullus*, aspeto inédito para a investigação.

Sc.Ag.17- *Silvanus* (Polak 335-336).

Silvanus esteve ativo durante um longo período entre cerca de 30 d.C. e 80 d.C.³¹⁴⁹

Não existindo paralelo exato para a impressão, torna-se difícil tentar definir uma cronologia mais precisa, desconhecendo-se se, por exemplo, o pé da tigela Drag. 27 no qual estava aposta era dotado de canelura externa. Um texto similar, por apresentar nexos nos caracteres intermédios, foi descrito por Polak, detendo uma datação de 45-65 d.C.³¹⁵⁰, mas como argumento para defender uma cronologia mais fina é insuficiente.

Sc.Ag.18- *L. Tr() Masc(u)lus* (NOTS 5, 19).

O vaso com esta “marca” corresponde ao primeiro achado conhecido de Azeitada, coletado em 1946, inédito até à presente data. Infelizmente o exemplar já não existe, por razões a que acima fizemos referência, baseando-nos para a sua apresentação nas informações transmitidas pessoalmente por Eurico Henriques, que nos permitiram classificá-lo morfológicamente como do tipo Drag. 24/25, em produção sudgálica.

Segundo a leitura efetuada pelo investigador de Almeirim, estava inserida em cartela retangular de cantos arredondados, enquadrada por canelura circular executada no fundo interno, contendo o texto “OFLASCI”, não se podendo precisar se possuía ou não pontuação a seguir à fórmula inicial. Ora, segundo Hartley e Dickinson, não existem hoje elementos que permitam afirmar a existência de um oleiro do Sul da Gália com o nome de *Lascus*, correspondendo os punções com esta leitura a deficientes

³¹⁴⁸ Idem, p.103-104.

³¹⁴⁹ Idem, p.335.

³¹⁵⁰ M. Polak, 2000, S148.

impressões de *Luscus*, *L.Tr() Masc(u)lus* e *Fuscus ii*³¹⁵¹. Este elemento parece fundamental para garantir a fiabilidade e a correcção da leitura feita por Eurico Henriques.

O punção deveria corresponder ao 1a repertoriado no NOTS sob o título {*Lascus*}, cujo único paralelo conhecido foi encontrado em La Graufesenque³¹⁵², com a leitura corrigida para OFMASCL.

Sc.Ag.19-20- Oleiros indeterminados.

Da “marca” que se conserva em Almeirim (Sc.Ag.20), impressa no fundo de um prato do tipo Drag. 18, resta apenas o limite esquerdo com a fórmula inicial OF(*ficina*).

O outro exemplar ilegível (Sc.Ag.20) foi repertoriado por José Quinteira, aplicado sob o mesmo tipo de prato, e apenas restavam os vestígios do início da cartela³¹⁵³.

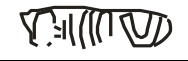
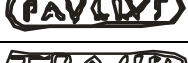
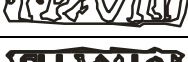
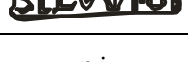
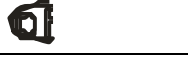
Sc. Ag. 7	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	<i>Cennatus</i>	CENNAT	3a	45 - 65 d.C.	
Sc. Ag. 8	La Grauf.	Drag. 27	G.1	<i>Criciro i</i>	R(?)ICIV	-	60 - 80 d.C.	
Sc. Ag. 9	La Grauf.	Prato	G.1	<i>Iucundus ii</i>	(...)CVNDVS	2-a	30 - 60 d.C.	
Sc. Ag.10	La Grauf.	Prato		<i>C. Iulius Celer</i>	OFCICELR	1a'	60 - 80 d.C.	
Sc. Ag.11	La Grauf.	Drag. 18	G.1	<i>Lucceius i</i>	OF LVCC	Vechten L56	55 - 75 d.C.	
Sc. Ag.12	La Grauf.	Drag. 27	G.1	<i>Maccarus i</i>	M(...)	28b	35 - 60 d.C.	
Sc. Ag. 13	La Grauf.	Drag.27		<i>Murranus i</i>	OF.MV RN	13e	45 - 80 d.C.	
Sc. Ag.14	La Grauf.	Drag. 18		<i>Notus</i>	NOTVS.F	1b ?	45 - 65 d.C.	
Sc. Ag.15	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	<i>Paullus i</i>	PAVLLVS	11e	45 - 65 d.C.	
Sc. Ag.16	La Grauf.	Tigela		<i>Paullus i</i>	T.PAVLLI	nova	40 - 65 d.C.	
Sc. Ag.17	La Grauf.	Drag.27	G.1	<i>Siluanus</i>	SILVANI.OF	-	40 - 80 d.C.	
Sc. Ag.18	La Grauf.	Drag. 24/25		{ <i>Lascus</i> }= <i>L. Tr() Masc(u)lus</i>	OF <u>M</u> ASCL	1a	50 - 70 d.C.	n.i.
Sc. Ag.19	La Grauf.	Drag. 18	G.1	Ol. Desc.	OF(...)	-	-	
Sc. Ag.20	La Grauf.	Drag. 18		Ol. Desc.	(...)	-	-	n.i.

Figura 195- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas de Azeitada.

³¹⁵¹ NOTS 5, p.19. Um outro exemplar da Retorta (Albufeira), que Hübner leu P.LASCI (CIL II, 6257), deverá corresponder à mesma marca- Conf.C.F. Oliveira, 2010, p.358.

³¹⁵² NOTS 5, p.19.

³¹⁵³ A.J. Quinteira, 1998, p.166, n.º43.

8.5.2.2.3. *Produções Hispânicas*

Sc.Ag.21- *C.A.H.* (Bustamante 499-501).

C.A.H. é um dos oleiros mais prolixos de Los Villares de Andújar, bem atestado no território em análise, nomeadamente em Santarém, Lisboa e seu *ager*³¹⁵⁴.

No caso de Azeitada, a tigela corresponde ao tipo Drag.27, intensamente compulsada pelo artesão, e o fundo apresenta-se em pé de anel com um perfil maciço. Recordando o que a propósito das restantes “marcas” havíamos exposto acerca do produtor, os investigadores mais dedicados ao estudo do centro oleiro jienense situam a sua atividade sob os Flávios³¹⁵⁵. Contudo, as características macroscópicas da pasta, tal como defendido por José Carlos Quaresma³¹⁵⁶, remetem o fabrico já para o séc. II d.C.

Sc.Ag.22- *T.IF* (Bustamante 537).

Aplicada no fundo de uma tigela do tipo Drag.27, foi publicada por Quinteira que leu *O(fficina) TI(...)*. A observação do registo fotográfico fornecido pelo mesmo investigador na sua dissertação de mestrado³¹⁵⁷ permite ler, sem dificuldade, *OF.TIF*, apresentando-se a “marca” truncada na extremidade direita, mas visualizando-se a quase totalidade do último carater.

T.I.F. é um ativo oleiro de Andújar já representado em Lisboa³¹⁵⁸, tendo a sua laboração sido desenvolvida entre os Flávios e os meados do séc.II d.C.

Sc.Ag.23- *Lapillius* (Bustamante 547-552).

O artesão em epígrafe é dos mais prolixos produtores do grupo de La Rioja, estando muito bem representado na região em estudo, nomeadamente em Santarém e Lisboa³¹⁵⁹.

O exemplar presente tinha sido classificado como uma produção gálica de *Sabinus*, com a leitura *O.SABINI*³¹⁶⁰, confusão talvez explicável por as características macroscópicas de pasta e verniz do vaso encontrado em Azeitada serem de boa qualidade e de provável datação ainda Flávia. O texto patente é *OF LAPILLI*, com uma formulação muito próxima dos protótipos gauleses, o que reforça a proposta de datação

³¹⁵⁴ Vide apartados anteriores.

³¹⁵⁵ M. Sotomayor Muro *et al.*, 1999.

³¹⁵⁶ J.C. Quaresma, 2008.

³¹⁵⁷ A.J. Quinteira, 1996, lam.XLVII, n.º 8.

³¹⁵⁸ R.B. Silva, 2005, Anexo B. Vide também supra Ol.38.

³¹⁵⁹ Idem, Ol.404 e C.Viegas, 2003a.

³¹⁶⁰ A.J. Quinteira, 1998, p. 166, n.º39.

avançada.

Sc.Ag.24- Oleiro indeterminado- impressão truncada.

A impressão Sg.Ac.24 foi impressa no fundo interno de um prato do tipo Drag.36, mostrando apenas a parte terminal onde está presente um O. É possível, portanto, que corresponda ao primeiro carater da fórmula OF(*ficina*), não se podendo descartar a hipótese de se tratar da parte final da cartela contendo um texto em dativo. O fabrico denuncia uma produção do grupo de La Rioja, com maior probabilidade ainda datável da dinastia flávia tendo em consideração as características da pasta e revestimento.

Sc. Ag.21	Andújar	Drag. 27	H.4	C.A.H.	EXOFC(A...)	-	100 - 150 d.C.	
Sc. Ag.22	Andújar	Drag. 27		T.IF	OF.TIF	-	70 - 140 d.C.	
Sc. Ag.23	La Rioja	Prato		Lapillius	OFLAPILLI	-	70 - 100 d.C.	
Sc. Ag.24	La Rioja	Drag. 36	H.1	Ol. Desc.	OF(...)?	-	70 - 120 d.C.	

Figura 196- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânicas de Azeitada.

8.5.2.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do sítio.

O sítio arqueológico de Azeitada disponibilizou a mais ampla amostragem de sítios do povoamento rural romano disperso que se conseguiu na área em estudo. Vinte e uma impressões compõem um conjunto significativo de importações variadas, onde predominam de forma expressiva os exemplares oriundos da Gália (14) sobre as elaborações itálicas (3) e hispanas setentrionais (2) e jienenses (2).

A primeira conclusão a extrair é de índole metodológica. Sem que se pretenda defender aqui um significado superlativo da expressão numérica de “marcas”, parece sintomático que em termos percentuais, e para uma amostragem total considerada de *sigillata* alto-imperial perfazendo 108 NMI, se regista uma apreciável compatibilidade de valores com o quantitativo de impressões: as elaborações de modo itálico estão testemunhadas por 13,7% (NMI) *versus* 14,3% (“marcas de oleiro”); os vasos gálicos por 63,4% (NMI) contra 66,7% (“marcas de oleiro”); as elaborações hispanas por 32,9% (NMI), em face de 29% (“marcas de oleiro”).

O volume total das importações aferidas por impressões nos vasos, documenta uma ocupação iniciada ainda na Época de Augusto, documentada por fragmentos de recipientes e pelo exemplar Sc.Ag.4 de *Ingenuus Caii Anii (seruus)*, aliás uma aportação

nova para o artesão. Também no domínio do consumo de vasos itálicos, Sc.Ag.5, de *Marc()*, prova a comercialização no sítio de elaborações com esta origem datadas de 40 a 60 d.C., sugerida mas não testemunhada de forma tão categórica pelo restante da *sigillata* de Azeitada.

No domínio do consumo de vasos gálicos, as impressões Sc.Ag.9 e Sc.Ag.12 permitem admitir a divulgação destes produtos a partir da década de 30 d.C. Contudo, e com uma base mais sólida, esta parece ter-se verificado sobretudo, ou porventura até exclusivamente, a partir do principado de Cláudio, dados os intervalos cronológicos inferiores de Sc.Ag.7, 13, 14, 15 e 17. À década de 60, em pleno principado de Nero, equivale uma maior intensidade da importação dos recipientes sudgálicos rutenos, caindo dentro deste segmento temporal a totalidade das “marcas de oleiro” para as quais se conseguiu aferir datação, seguramente bem presentes conforme os intervalos superiores que se detêm neste decénio de metade destes exemplares. Ainda assim é altamente provável o prosseguimento do consumo de vasos sudgálicos sob os Flávios, entendimento suportado quer por “marcas de oleiro” quer por exemplares decorados antes analisados (conf. Figuras 192 e 193, *supra*).

Será entre Vespasiano e Trajano que as elaborações gaulesas irão sofrer a concorrência das hispanas, que acabam no final por as substituir no consumo de Azeitada. Constituirão evidência deste fenómeno a ocorrência no local das formas mais antigas flávias tricienses, como a tigela Ritt.8, a taça decorada Drag.29 e os Drag.35/26 (conf. Figuras 192 e 193, *supra*). Neste domínio, dois dos maiores fabricantes tritienses e andujarino estão patentes no sítio, como se regista um equilíbrio em matéria de impressões dos dois grandes centros peninsulares. Contudo, o perfil das importações hispanas mostra diferenças significativas ao nível de vasos decorados, onde o complexo nordestino domina de forma expressiva.

Na Época dos Flávios os níveis de consumo de vasos por Azeitada parecem decair face às décadas antecedentes. A expressão do fenómeno aferida a partir das “marcas de oleiro”, representará um quadro acentuado, mais aparente que real (conf. Figuras 192 e 193, *supra*), que com certeza decorreu de forma mais progressiva. Mas a segunda centúria equivalerá a um período em que os níveis nunca retomarão os valores atingidos antes. Neste capítulo, as “marcas de oleiro” autorizam afirmar da continuidade da importação pelo sítio de recipientes hispanos no século II d.C., sendo as impressões sugestivas, mas tão só, de que neste período Andújar terá assumido alguma preponderância, intuída pela investigação noutros locais mais ainda insuficientemente

demonstrada³¹⁶¹.

8.5.3. Alto dos Cacos (Almeirim, Almeirim)- Sc.Ag.25-28.

O sítio arqueológico com o sugestivo nome de Alto dos Cacos foi identificado em 1981 na sequência da destruição aí operada por trabalhos agrícolas que revelaram abundante material cerâmico de Época Republicana e Imperial Romana, como também das Idades do Ferro, Bronze e do Calcolítico, a par de vestígios de estruturas construídas em alvenaria e em *opus latericium*³¹⁶².

Implantado num discreto planalto em zona de antiga duna consolidada quaternária da margem esquerda do Tejo, detém um contato visual muito estreito com os importantes sítios de Santarém e Chões de Alpompe, na margem oposta do rio, distando cerca de 2 Km e 3 Km, respetivamente, dos arqueossítios romanos do Cabeço da Bruxa e Alto do Castelo/Cabeço da Bruxinha (Alpiarça), povoados proto-históricos com vestígios de ocupação em Época Romana Imperial.

8.5.3.1. Enquadramento do conjunto.

Os elementos de Época Republicana Romana encontrados, em especial o material anfórico, cerâmica campaniense e artefatos bélicos, impressionam pela sua expressão quantitativa e cronologia, situada nos meados do séc.I a.C., sendo-lhes atribuída uma conexão com uma forte presença militar no local³¹⁶³. A observação da imagem de satélite corrobora este entendimento (vide figura 198, *infra*), dado ser observável uma estrutura retangular de cantos arredondados, formada por fosso e talude, confinando este perímetro uma área de 10 Ha³¹⁶⁴.

Nos inícios do Principado, tanto quanto é possível entrever pelas frequências da ocorrência de materiais, a ocupação mantém-se intensa até à dinastia flávia, como o próprio conjunto de *terra sigillata* sugere (vide Figura 199, *infra*). Afigura-se provável, por consequência, que o campo militar tenha desempenhado um relevante papel na estruturação do território, nomeadamente no estabelecimento do parcelário identificado por Vasco Mantas³¹⁶⁵, ou na consolidação da rede viária regional, explicações mais

³¹⁶¹ J.C. Quaresma, 2008 e 2009, p.493.

³¹⁶² J. Pimenta *et al.*, 2012.

³¹⁶³ *Idem.*

³¹⁶⁴ *Idem.*

³¹⁶⁵ V.G. Mantas, 1986, 1996, 2002.

plausíveis para uma permanência de elementos do exército em período de paz³¹⁶⁶.

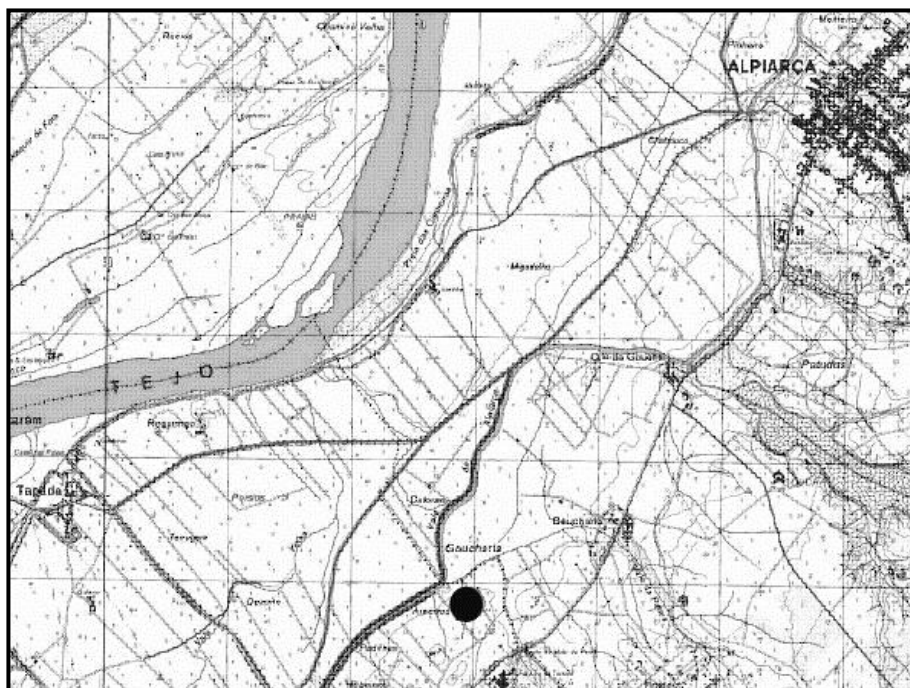


Figura 197- Localização do sítio de Alto dos Cacos na *Carta Militar de Portugal*, folha n.º 365, à esc. 1/25000.

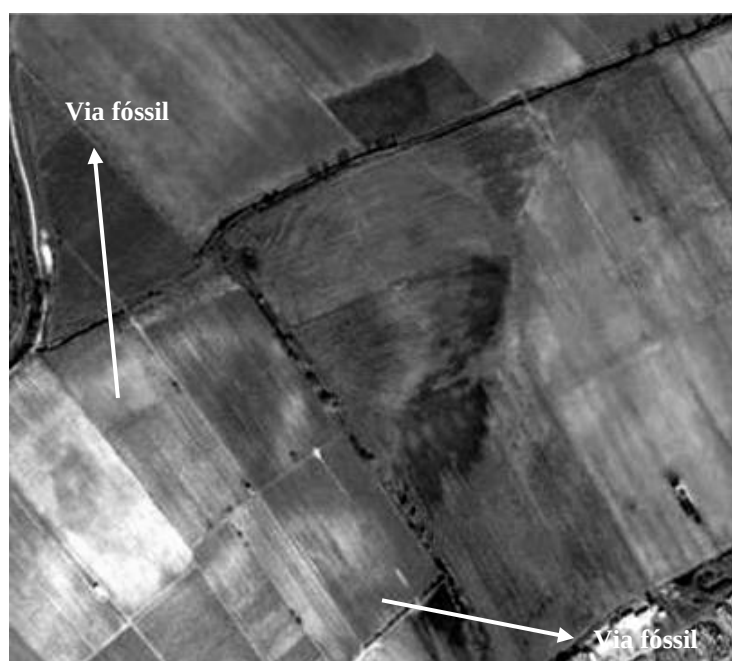


Figura 198- Pormenor de imagem de satélite do sítio romano de Alto dos Cacos³¹⁶⁷.

³¹⁶⁶ R.B. Silva *et al.*, no prelo.

³¹⁶⁷ Fonte: Googleearth.

O Alto dos Cacos parece ter assumido outro tipo de ocupação a partir do séc. II d.C. Pertencerão a este momento os restos de construções de caráter permanente acima mencionados, sepulturas e prováveis evidências da existência de produção oleira, no caso fornos e olaria de construção rubefata?³¹⁶⁸ Os escassos elementos conhecidos sugerem a existência de uma exploração agro-pecuária, dotada da respetiva área funerária, com olaria associada, em laboração num período que não se pode no momento precisar.

8.5.3.2. Produções atestadas.

No arquessítio ribatejano globalmente predominam as produções de modo itálico, sendo possível adscriver à península deste nome a origem da totalidade dos recipientes em função das características macroscópicas de pastas e revestimentos.

Pelas mesmas razões, os exemplares gálicos serão oriundos de La Graufesenque, ou de centros seus subsidiários como Le Rozier, estando os vasos gauleses representados ligeiramente abaixo dos níveis atingidos pelos seus congéneres itálicos.

Em menor grau, com cerca de metade do valor das produções citadas, surgem as elaborações hispanas, onde se constata um equilíbrio entre origens setentrionais riojanas e de Andújar, estando os restantes fabricos africanos e do Mediterrâneo Oriental documentados por um ou dois vasos apenas (Figura 199, *infra*).

Forma	B	C	F	P	Frag.	% frag	NMI	% NMI
Hayes 3 ?	0	0	1	0	1	1,5	1	2,2
Total Sig. Oriental A	0	0	0	0	1	1,5	1	2,2
Consp. 2.1.1	2	0	0	0	1	1,5	1	2,2
Consp. 11.1.4	1	0	0	0	1	1,5	1	2,2
Consp. 18.2	2	0	0	0	2	3,2	2	4,4
Consp. 19.2	1	0	0	0	1	1,5	1	2,2
Consp. 20.1	2	0	0	0	2	3,2	2	4,4
Consp. 20.3.2	1	0	0	0	1	1,5	1	2,2
Consp. B.1.2	0	0	1	0	1	1,5	1	2,2
Prato Indeterminado	0	0	3	2	5	7,5	3	6,5
Consp. 22.1	1	0	0	0	1	1,5	1	2,2
Consp. 22.5	1	0	0	0	1	1,5	1	2,2
Consp. 22.6	1	0	0	0	1	1,5	1	2,2

³¹⁶⁸ R.B. Silva *et al.*, no prelo.

Consp. 34.1	1	0	0	0	1	1,5	1	2,2
Consp. 36.4	1	0	0	0	1	1,5	1	2,2
Taça troncocónica Indet.	0	2	0	3	5	7,5	0	0,0
Cálice	0	0	1	1	2	3,2	1	2,2
Total Itálicas	14	2	4	7	27	39,6	18	39,4
Drag. 15/17	0	0	3	0	3	4,5	3	6,5
Drag. 18	6	0	1	0	7	10,5	6	13,0
Prato Indeterminado	0	0	0	2	2	3,2	0	0,0
Prato R Indeterminado	0	0	1	0	1	1,5	1	2,2
Drag. 24/25	3	0	0	0	3	4,5	3	6,5
Drag. 27	1	1	1	0	3	4,5	1	2,2
Drag. 35	1	0	0	0	1	1,5	1	2,2
Tigela Indeterminada	0	0	0	1	1	1,5	0	0,0
Hermet 18	0	0	1	0	1	1,5	1	2,2
Total Sudgálicas	11	1	7	3	22	33,2	16	34,8
Drag. 15/17 Tr.	1	2	0	0	3	4,5	2	4,4
Drag. 15/17 And.	0	1	0	0	1	1,5	1	2,2
Prato Interminado And.	0	0	1	0	1	1,5	1	2,2
Drag. 27 Tr.	0	0	0	2	2	3,2	1	2,2
Drag. 27 And.	1	0	0	0	1	1,5	1	2,2
Drag. 37 Tr.	1	1	0	0	2	3,2	1	2,2
Decorada Tr.	0	0	0	1	1	1,5	0	0,0
Decorada And.	0	0	0	1	1	1,5	0	0,0
Total Hispânicas	3	4	1	4	12	18,4	7	15,4
Total	28	7	13	17	66	100	46	100

Tabela 199- Tabela de frequência das produções alto-imperiais em *terra sigillata* presentes no sítio de Alto dos Cacos.

O conjunto analisado encerra um profundo significado quanto à dinâmica do sítio, com um impate nas leituras acerca do processo de romanização do Vale do Tejo e restante região ribatejana.

O achado de um fragmento de *terra sigillata* oriental A, pertencente a um grande prato/pratel, eventualmente atribuível à forma Hayes 3³¹⁶⁹, vem juntar-se à presença confirmada destes fabricos do levante do Mediterrâneo, verificada na Alcáçova de Santarém³¹⁷⁰. Esta produção, cuja relevância vem sendo convenientemente destacada pelos estudos de Catarina Viegas, que comprovou a sua atestação igualmente em Castro Marim e Faro³¹⁷¹, documentará as primeiras importações regionais de loiça de mesa vermelha no séc. I a.C., com elevada probabilidade ainda durante o período tardo-

³¹⁶⁹ Agradecemos a Catarina Viegas a confirmação da classificação ao nível do fabrico e a sua sugestão de proposta de classificação tipológica. Conf. também R.B. Silva *et al.*, no prelo.

³¹⁷⁰ C. Viegas, 2003a, p.41.

³¹⁷¹ Idem, 2011.

republicano. Ora, este tipo de atestação, tão pouco expressiva de um ponto de vista quantitativo, se economicamente não assume elevado impate, de um ponto de vista socio-cultural é do maior interesse: ela parece testemunhar a presença de indivíduos familiarizados com hábitos de consumo de elevada especificidade, muito profundamente romanizados, itálicos, aspeto que não podemos deixar de colocar em relação com o perfil que se entrevê militar para os ocupantes do local.

Similares contornos socio-culturais encerra o prato itálico Consp. 2.1.1, cuja cronologia remete ainda para os finais da centúria antes da Era, elemento prévio ao grande volume de importação de vasos similares com a mesma origem, e que representa a continuidade de consumo praticado no Alto dos Cacos em inícios do principado.

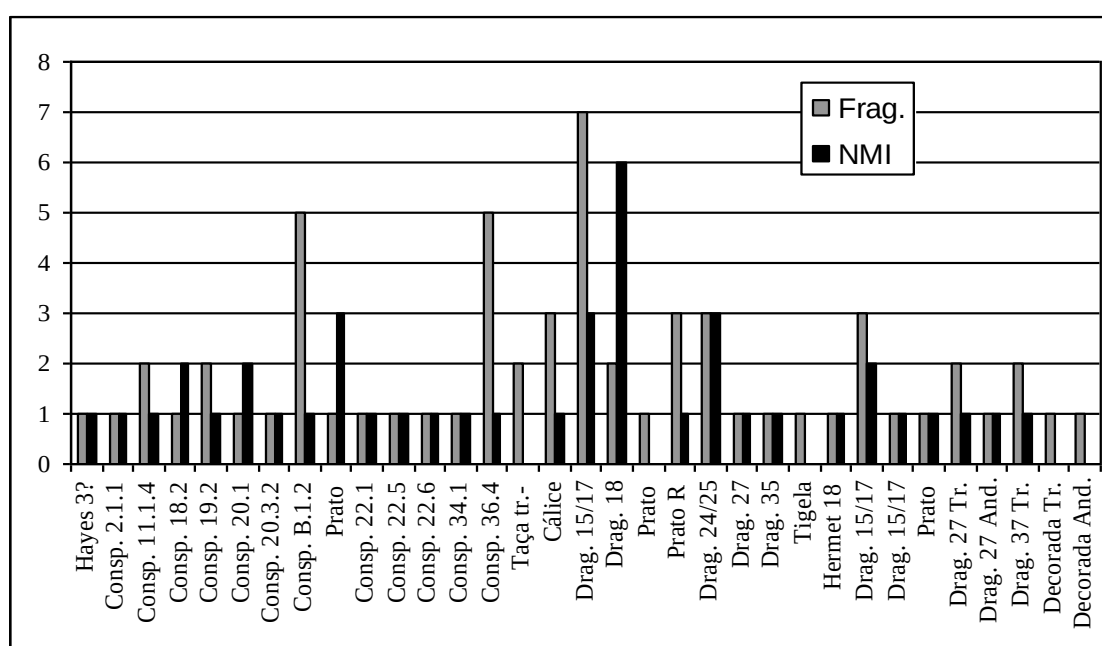


Figura 200- Histograma de frequências da *terra sigillata* de Alto dos Cacos (Almeirim).

O remanescente do conjunto de recipientes de modo itálico testemunha uma maior intensidade do seu consumo no período tardo-augústeo e tibério (vide figura 199, *infra*), com correspondência nos dados da vizinha Santarém³¹⁷², e que ocorre da mesma forma em Lisboa³¹⁷³, o centro portuário a partir do qual a comercialização dos recipientes fazia a sua penetração no Vale do Tejo.

O mesmo perfil de importação mantém-se ao longo da fase de domínio dos mercados pelos produtos oriundos da Gália, que se estende genericamente desde finais do principado de Tibério ao de Domiciano (c.30 a 95 d.C.), onde estão presentes as

³¹⁷² Idem, 2003a.

³¹⁷³ R.B.Silva, 2005.

morfologias de prato e tigela mais comuns, Drag.15/17, 18, 24/25 e 27, a tigela Drag.35, de cronologia seguramente flávia, como também elementos que denotam um consumo socialmente diferenciado, casos do pratel de servir à mesa, ou da forma Hermet 18 (?), pouco vulgarizada em contextos lusitanos. Terá sido nos finais deste mesmo período, ao longo da dinastia dos Flávios, que os vasos hispanos concorreram com os gálicos, todavia admitindo-se a sua maior longevidade até meados do séc. II d.C.

8.5.3.2.1. *Produções Itálicas*

As produções itálicas estão atestadas por duas “marcas” de distintas tipologias e comprovam elaborações de uma oficina aretina e de uma outra pisana. Merece destaque a primeira dado que do fabricante apenas se conhece um tipo de punção, o que traduz uma produção muito situada no tempo.

Sc.Ag.25-*Anthus C. Memmii* (OCK 1139).

A impressão de *Anthus C. Memmii* encontra-se no fundo interno de um prato, cuja tipologia não foi possível determinar. O oleiro é conhecido apenas por pratéis e um prato, dos quais apenas um exemplar de Roma tem tipologia conhecida, Consp.3.1. No mesmo sentido, do escasso número de vasos marcados apenas se conhece um tipo de punção, conjunto de elementos que permite supor uma produção muito limitada no volume e no tempo.

Apesar de se tratar de uma produção limitada, a dispersão dos vasos fabricados por *Anthus C. Memmii* é alargada, estando atestado em Ampúrias (2 ex.), Tarragona (1x), Roma (4x+2?), Alexandria (1x)³¹⁷⁴ e Santarém (1x)³¹⁷⁵. A sua presença na *colonia scallabitana* atesta o seu papel como centro redistribuidor a nível regional.

Sc.Ag.26-*Valerius* (2)=*M. Valerius (Volusus)* (OCK 2291=2315=2317=2318).

O OCK estabelece a identificação das assinaturas de *Valerius* com o oleiro *M. Valerius (Volusus)*, fabricante pisano que elaborou vasos entre 15 a.C. e 15 d.C.

No caso presente, a impressão está truncada à esquerda, mas o texto é, sem dúvidas VALERI. A correspondência deverá ser feita com referência ao tipo OCK 2291.14, não sendo contudo paralelo perfeito, mostrando uma grafia em tudo idêntica à do modelo OCK 2315.6.

³¹⁷⁴ OCK-CD.

³¹⁷⁵ C. Viegas, 2003a, p.92.

Produtor com ampla difusão, estava já documentado no território em estudo em Lisboa, no Teatro Romano³¹⁷⁶ e Praça da Figueira³¹⁷⁷.

Sc. Ag.25	Arezzo	Prato	It.1	<i>Anthus</i> <i>C.Memmii</i>	ANTHV(...)/ C.MEM(...)	1139.1	20 a.C.- 15 d.C.	
Sc. Ag.26	Pisa	Prato	It.2	<i>Valerius</i> (2) =M. <i>Valerius</i> (<i>Volusus</i>)	VALERI	≈ 2291.4	15 a.C.- 15 d.C.	

Figura 201- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas de Alto dos Cacos.

8.5.3.2.2. Produções Gálicas

Sc.Ag.27-*Aper i* (NOTS 1, 212-216).

O artesão de La Graufesenque produziu entre 50 e 70 d.C.³¹⁷⁸, estando atestado já em Lisboa numa marca idêntica³¹⁷⁹, com uma difusão que abrange a Alemanha, Britânia, Gália Narbonense e um exemplo hispano, de Ampúrias³¹⁸⁰.

Sc.Ag.28-Oleiro Desconhecido- impressão truncada.

A impressão conserva apenas vestígios dos caracteres finais, provavelmente um genitivo em “I”.

Executada num prato da forma Drag.18, a sua espessura e a falta de demarcação interna do arranque do pé sugere um fabrico situado em período neroniano ou posterior.

Sc. Ag.27	La Grauf.	Prato	G.1	<i>Aper i</i>	(...)PRI	5a	50 - 70 d.C.	
Sc. Ag.28	La Grauf.	Drag. 36	G.1	Ol. Desc.	(...)C(?)I	-	55 - 110 d.C.	

Figura 202- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas de Alto dos Cacos.

8.4.3.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do sítio.

A *terra sigillata* colhida no sítio militar de Alto dos Cacos mostra que o local não é abandonado com o fim do Período Romano Republicano. Trata-se de uma amostragem coerente e relevante de elementos, nos quais se enquadram as quatro “marcas de oleiro”, que atestam uma clara continuidade da ocupação no Principado. Ativo ao longo de todo o século I d.C., o assentamento parece só entrar em franco

³¹⁷⁶ E. Sepúlveda e L. Fernandes, 2009, p. 149. Vide *supra*, Ol.101.

³¹⁷⁷ Idem, Ol.267.

³¹⁷⁸ NOTS 1, p.215.

³¹⁷⁹ Vide apartado próprio, *supra*, Ol.206.

³¹⁸⁰ NOTS 1, p.213.

declínio a partir dos Flávios para, possivelmente, ser abandonado no século II d.C., dado apenas se conhecer a existência de dois fragmentos de *terra sigillata* clara africana A³¹⁸¹.

Como já tivemos oportunidade de afirmar, conjuntamente com João Pimenta e Henrique Mendes, a aportação principal da *sigillata* do local é o de testemunhar a continuidade da presença castrense na primeira centúria da Era, o que levanta a questão acerca das funcionalidades de um campo militar na região e época dadas³¹⁸². A resposta residirá no papel que se entrevê que o local poderá ter detido entre os Julios-Cláudios e os Flávios, como elemento estruturante e estruturador de uma nova paisagem política, justificando-se a sua permanência no Vale do Tejo em função da fundação e implementação física da *Colonia Scallabitana*, em cuja construção os militares terão tido um papel de relêvo, entre outros aspetos no assegurar de obras de engenharia essenciais como as construções viárias ou a acção de parcelamento agrário do território³¹⁸³, matérias para os quais estariam especialmente vocacionados, inclusive pelo seu “saber fazer”.

8.5.4. Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos)- Sc.Ag.29-31.

Localizado na margem esquerda do Tejo, o Porto do Sabugueiro deteve funcionalidades simultaneamente agro-pecuárias, piscatórias e oleiras até ao século passado. Assente sobre solos aluvionares areníticos, onde pontuam intercalações de argilas, o efeito das marés faz-se sentir neste local de charneira entre o Baixo e o Médio Tejo português, o que lhe poderá ter valido no passado um valor portuário assinalável.

Hipólito Cabaço recolheu ali, na década de '30 do século XX, dois escaravelhos egípcios engastados³¹⁸⁴, conjuntamente com cerâmicas de Época Romana Imperial e da Idade do Ferro que hoje se conservam no Museu Municipal de Alenquer. Desconhece-se, contudo, o ponto preciso onde se verificaram as recolhas, claramente diversificadas.

Em 1960 Bairrão Oleiro interveio numa zona próxima da margem do rio no Porto do Sabugueiro, para salvaguardar um mosaico aparecido durante trabalhos de surribo para plantio de uma vinha. No Palácio dos Duques de Cadaval, na povoação vizinha de Muge, observou uma colecção de materiais colhida no local, entre os quais se contavam fragmentos de ânfora, pesos de tear, suportes triangulares de cerâmica e moedas dos

³¹⁸¹ R.B. Silva *et al.*, no prelo.

³¹⁸² *Idem.*

³¹⁸³ V.G. Mantas, 2002, p.111.

³¹⁸⁴ M.A.H. Pereira, 1975, p. 173-176.

séculos III e IV d.C.³¹⁸⁵. Para além do mosaico, para que foi apontada uma datação de finais do séc.III d.C., menciona igualmente o achado de muros e restos de pavimentos em *opus signinum*, concluindo tratarem-se dos vestígios de uma *uilla*³¹⁸⁶.

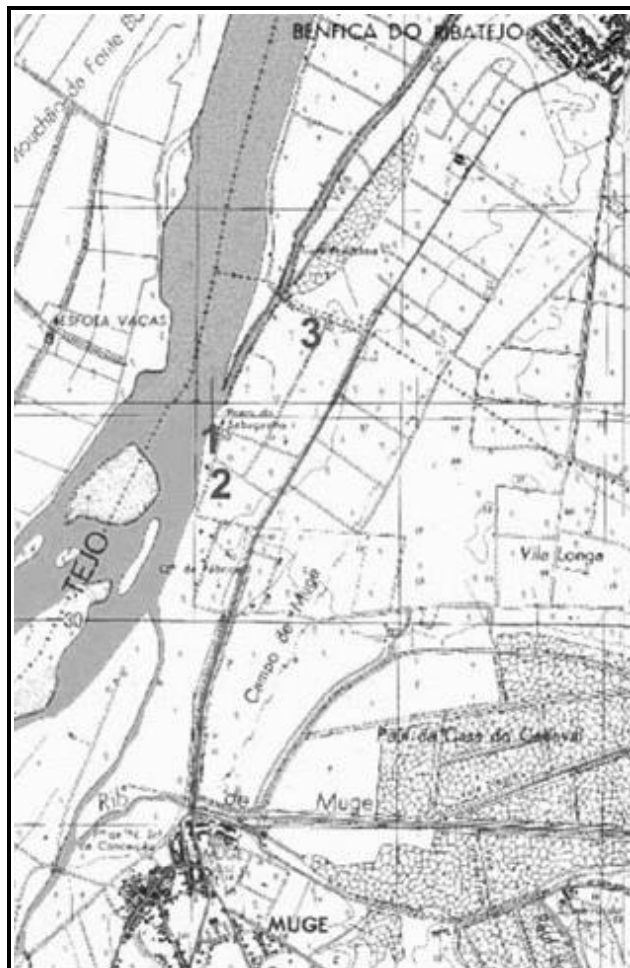


Figura 201- Localização do sítio romano do período imperial (1-entulheiras e 2-*uilla*) e do povoado da Idade do Ferro de Porto do Sabugueiro (3) na *Carta Militar de Portugal* à escala 1/25000, folha n.º 365 (segundo João Pimenta e Henrique Mendes)³¹⁸⁷.

Em 1963, ao desenvolver sondagens para avaliar a importância do sítio, Jorge de Alarcão exporia o remanescente do mosaico e escavaria um forno cerâmico próximo. Esta estrutura artesanal, de formato retangular, seria depois datada como sendo de Época Contemporânea graças à intervenção arqueológica de 1988, dirigida por Guilherme Cardoso³¹⁸⁸. É ao trabalho subaquático a que então procedeu o arqueólogo cascalense que se deve a interpretação do Porto do Sabugueiro como centro oleiro em

³¹⁸⁵ J.M.B. Oleiro, 1960-1961, p. 290-293.

³¹⁸⁶ Idem.

³¹⁸⁷ J. Pimenta e H. mendes, 2008, p.176, fig.4.

³¹⁸⁸ G. Cardoso, 1990, p.153-165.

época romana, sendo-lhe atribuída a produção de material de construção, cerâmica comum e ânforas³¹⁸⁹, hipótese que carece ainda de elementos que lhe confirmem outra solidez.

Já em 2007 foi recolhido abundante espólio cobrindo um espectro da Idade do Ferro à Época Romana Republicana por João Pimenta e Henrique Mendes, permitindo localizar, cerca de 1 km a norte do sítio da *uilla* romana, um importante povoado sidérico, ponto de onde provirão alguns dos achados realizados por Hipólito Cabaço³¹⁹⁰.

8.5.4.1. Enquadramento do conjunto

Os materiais de Época Romana Imperial publicados até ao momento de Porto do Sabugueiro resultam de achados avulsos, ocorridos no âmbito de prospecção terrestre e subaquática³¹⁹¹, excepção feita a dois fragmentos de *terra sigillata* hispânica decorada (Drag.37 e 30?), achados por Bairrão Oleiro sobre o mosaico da *uilla* em funcionamento no séc. III d.C.³¹⁹².

No conjunto anfórico os tipos formais do Alto-Império (Dressel 2-4, 14, “precoces lusitanas/Lusitana 12” e Lusitana 3) são quase exclusivos, o que contrasta com as cronologias dos numismas e do mosaico revelado em 1960/1963, recorde-se que já de período Médio-Imperial. Neste sentido, e muito embora seja possível entrever com alta probabilidade a produção oleira no local num lapso de tempo genericamente situado entre o séc.I-III d.C., faltam manifestamente elementos que permitam definir as características e tipologia do assentamento em atividade neste período. Independentemente deste, as características topológicas portuárias estão amplamente atestadas por evidência arqueológica, registando-se uma ocorrência frequente de material importado, nomeadamente anfórico, nas intensas explorações de areeiros da zona. Estes elementos, avulsos mas francamente abundantes, permitem colocar a hipótese de a zona ter detido um papel de primeiro plano no trânsito fluvial de mercadorias do Tejo como porto-escala.

8.5.4.2. Produções atestadas

O conjunto disponível de *terra sigillata* recolhido no Porto do Sabugueiro

³¹⁸⁹ Idem. Parecem prováveis os fabricos das formas “precoce lusitana/Lusitana 12”, Dressel 14 e Lusitana 3, em função dos elementos disponibilizados.

³¹⁹⁰ J. Pimenta e H. Mendes, 2008.

³¹⁹¹ G. Cardoso, 1990.

³¹⁹² J.M.B. Oleiro, 1960-1961, p.291.

corresponde a uma limitada amostra onde dominam as produções oriundas da Gália (19 fragmentos) e se documentam igualmente um vaso provindo da Península Itálica e dois de La Rioja.

Os escassos elementos de fabrico itálico asseguram o funcionamento do sítio a partir, pelo menos, da época dos imperadores Júlios. Já os fabricos sudgálicos mostram uma maior diversidade e deverão ilustrar um espectro cronológico mais alargado, dos Cláudios aos Flávios. Ao período desta última dinastia, ou às primeiras décadas da dos Antoninos, deverão ser atribuídos os dois exemplares decorados hispanos setentrionais referenciados por Bairrão Oleiro, hoje depositados na Câmara Municipal de Salvaterra de Magos.

A presença dos dois exemplares riojanos aludidos e a de, entre o material depositado no Museu Municipal de Vila Franca de Xira, quatro exemplares de taças hemisféricas decoradas a molde sudgálicas, a que se acrescenta o fundo marcado por *Manduillus* i e uma parede de um outro vaso com a mesma origem, ambos pertencentes ao espólio que se encontra em exposição em Salvaterra de Magos, acabam por formar um total expressivo de recipientes decorados em função da escassez quantitativa do conjunto, pese embora as suas inerentes limitações.

As três impressões internas corroboram o panorama acima traçado da *terra sigillata* do Porto do Sabugueiro, correspondendo a dois exemplares gálicos e um itálico.

Forma	B	C	F	P	Frag.	% frag	NMI	% NMI
Indeterm. Taça	0	0	1	0	1	5	1	10
Total Itálicas	0	0	1	0	1	5	1	10
Drag. 24/25	1	0	1	0	2	10	1	10
Drag. 27	0	0	2	0	2	10	2	20
Drag. 35/36	0	1	0	0	1	5	1	10
Drag. 29 ?	0	2	0	0	2	10	2	20
Drag. 37	1	1	0	0	2	10	1	10
Indeterminado Sg.	0	0	0	8	8	40	0	0
Total Sudgálicas	2	4	3	8	17	85	7	70
Decorada Tr.	0	0	0	2	2	10	2	20
Total Hispânicas	0	0	0	2	2	10	2	20
Total	2	4	4	10	20	100	10	100

Figura 202- Tabela de frequência das produções alto-imperiais em *terra sigillata* presentes no sítio de Porto do Sabugueiro.

8.5.4.2.1. Produções Itálicas

Sc.Ag.29-Oleiro Indeterminado (OCK 2585).

A impressão encontra-se colocada no interior do fundo de uma taça, possivelmente de perfil tronco cónico.

A sua leitura apresenta algumas dificuldades por se encontrar incompleta pois pode corresponder a um tipo retangular bilínear ou de uma só linha.

Noutro sentido o primeiro carater pode corresponder a um O, P, R ou, menos provavelmente, a um B. Os seguintes não colocam dificuldades de maior, PA, mas a haste vertical mais próxima do limite autoriza quer um I isolado quer um nexa N com o A anterior.

O OCK apresenta uma impressão aparentemente muito semelhante, 2585.59, com a leitura IPN, impressa no vaso n.º 10022 de Alicante, uma base da forma Consp.B.3.9, concordante com o tipo de vaso do Porto do Sabugueiro³¹⁹³. A primeira haste do N é contudo aqui apresentada totalmente vertical, no que se afasta do exemplar ribatejano.

A cronologia pode cobrir um largo espectro, mas provavelmente não ultrapassará a segunda década d.C. em função das duas formas de impressão admissíveis e da provável morfologia do vaso, apresentando o fabrico características que o remetem para uma origem na área etrusca ou centro-italica.

Sc. Ag.29	Itália Central	Taça tr.- cónica	It.1	Oleiro Interm.	(...)O(?)PN	≈ 2585.89	20 a.C.- 20 d.C	

Figura 203- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” itálica de Porto do Sabugueiro.

8.5.4.2.2. Produções gálicas

Sc.Ag.30- Manduilus (NOTS 5, 243).

A marca está mal impressa, pois ostenta apenas as partes inicial e final. O paralelo exato com a impressão 6a de Hartley e Dickinson permite, com total segurança, atribuir ao oleiro em epígrafe a manufatura do vaso e remete-o para uma cronologia dentro dos principados de Nero e Vespasiano, considerando a sua presença em sítios e contextos bem datados como os do incêndio de 68 d.C. de Londres, a fase I de Hofheim, os fortes pós 70 d.C. de Baginton, Chester, Nanstallon, a “Caixa Atkinson” de Pompeia, muito embora esteja ausente em fundações militares da Época de Domiciano³¹⁹⁴.

De notar que o exemplar de *Manduilus* de Porto do Sabugueiro corresponde a uma

³¹⁹³ OCK-CD.

³¹⁹⁴ NOTS, 5, p.243.

taça decorada elaborada a partir de molde (Drag.29), área na qual o oleiro possui uma produção quantitativamente relevante, muito embora recorra em exclusivo a moldes de outros oleiros, verificando-se duas associações com *Mommo* em vasos com esta tipologia³¹⁹⁵.

Sc.Ag.31-Oleiro indeterminável.

A outra “marca” sudgálica apresenta-se muito mal impressa no fundo de uma tigela de pequena dimensão do tipo Drag.27, desprovida de canelura na face exterior do pé, correspondendo a uma execução deficiente da aplicação. Apenas se consegue distinguir, com dificuldade, um texto contendo caracteres de hastes oblíquas.

Sc. Ag.30	La Grauf.	Drag. 29	G.1	<i>Manduilus</i>	MAN M	6a	60 - 80 d.C.	
Sc. Ag.31	La Grauf.	Drag. 27	G.1	Ol. Desc.	///	-	60 - 110 d.C.	

Figura 204-Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas de Porto do Sabugueiro.

8.5.4.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do sítio

O conjunto de impressões na *terra sigillata* do Porto Sabugueiro detém um caráter meramente ilustrativo das importações do sítio, somente assegurando a presença de vasos datados de Augusto-Tibério e Nero- Vespasiano.

8.6. *Eburobrittium* (Quinta das Flores, Óbidos).

A localização da cidade de *Eburobrittium* constituiu um problema arqueológico abordado por sucessivas vezes pela investigação³¹⁹⁶ até à sua definitiva resolução por ocasião da afetação das ruínas pelas obras das rodovias IC1 e IP6 (atual A8) em inícios de 1994³¹⁹⁷. O aparecimento de vestígios construtivos de Época Romana durante as obras despoletou uma escavação de emergência conduzida por José Beleza Moreira, em Julho e Agosto daquele ano, a que se seguiu nova campanha de trabalhos pelo mesmo investigador em Outubro e Novembro, altura em que se reconheceu o *forum* e assim se identificou o *ubi* da cidade de forma categórica³¹⁹⁸.

O aglomerado aparece mencionado nas fontes clássicas entre as cidades da orla norte-ocidental da Lusitânia, sendo pela primeira vez referido por Plínio-O-Velho que o

³¹⁹⁵ Idem, p.245.

³¹⁹⁶ J.B. Moreira, 2002, p.18-28.

³¹⁹⁷ Idem, p.29.

³¹⁹⁸ Idem.

nomeia como *oppidum*³¹⁹⁹, tratando-se, portanto, de um *oppidum stipendiarium* na época em que o erudito romano escreveu. Possivelmente evocado na época do Imperador Adriano por Fragão de Trales, que se terá servido dos censos realizados durante o principado de Vespasiano³²⁰⁰, a ela se deverá referir também Pompónio Mela ao nomear uma *Ebora* na área do *Promontorium Magnum* acima de *Olisipo*³²⁰¹, como acontece com o geógrafo alexandrino Cláudio Ptolomeu³²⁰².

Numa célebre inscrição de S.Tomás das Lamas (Cadaval), dedicada ao Imperador Marco Aurélio, cerca de 185 d.C., onde Hübner leu *Trutobriga* Jorge de Alarcão propôs alternativamente *Felix Flauia Eburobrittium*, que desta forma constituiria o nome oficial da cidade a partir da dedução municipal, ocorrida portanto em época flávia, o que é reforçado pela inscrição dos seus cidadãos na tribo *Quirina* em matéria de cronologia, ou pela comprovação da existência de uma *ordo* local e de magistraturas apenas compatíveis com este estatuto na epigrafia regional³²⁰³. Segundo o mencionado investigador de Coimbra, os promotores da homenagem pública, *Caius Iulius Laurus*, *Marcus Iulius Taurus*, *Numerius Catilius Festus* e *Numerius Maelonis Marcionus*³²⁰⁴ poderiam ser os *quattuoruirii* eburobricienses, o que significaria que o governo de dúunviros e edis seria aqui de cariz colegial³²⁰⁵.

Deixando de parte a etimologia do topónimo, de raiz céltica ou celtizante³²⁰⁶, ambas as informações invocadas, textuais e epigráfica, concorrem para o entendimento de que o centro urbano já existiria antes da sua promoção municipal, necessariamente ocorrida depois da concessão do *ius latium minus* à Hispânia por Vespasiano, em 73-74 d.C., como terá ocorrido com muitas outras capitais de *ciuitates* lusitanas ocidentais e meridionais, de que se poderiam citar os exemplos de Conímbriga, *Collipo*, Miróbriga ou *Ammaia*³²⁰⁷.

³¹⁹⁹ A. Guerra, 1995, p.32-33; J.B. Moreira, 2002, p.18.

³²⁰⁰ A. Guerra, 1995, p.84; V.G. Mantas, 1996, p.696 *apud* Idem.

³²⁰¹ J. Alarcão, 2010, p.114.

³²⁰² Conf. Idem, p.113, fig.1.

³²⁰³ J. Alarcão, 1988a, p.116 e; J.B. Moreira, 2002, p.19; *contra* Vasco Mantas que opina que o aglomerado não teria recebido o estatuto municipal e seria apenas um ópido de direito latino- Conf. V.G. Mantas, 2003, p.254. Em sentido oposto ao do investigador português, Stylow argumentou no sentido da inexistência deste modelo jurídico após a concessão do *Ius Latii* por Vespasiano- Conf. A.U. Stylow, 2009, p.51 e nota 50.

³²⁰⁴ E. Hübner, 1897.

³²⁰⁵ J. Alarcão, 1995, p.47.

³²⁰⁶ A. Guerra, 1995, p.84, 1998, p.433-434, V.G. Mantas, 1996, p.696, P.G. Barbosa, 1992, p.47, R. Blondin, 1977, p. 146 *apud* J.B. Moreira, 2002, p.16-17. Vasco Mantas relaciona o termo com base no radical céltico *Eburo* e, quanto, a *brittium*, na esteira de Amílcar Guerra conecta-o com o sufixo *bris* e o radical do etnónimo *Brittani*- conf. V.G. Mantas, 2003, p.249.

³²⁰⁷ A.U. Stylow, 2009.

Seria, contudo, a evidência resultante do labor arqueológico desenvolvido no local por José Beleza Moreira entre 1994 e 2006 que permitiria entender melhor a génese do sítio: a ausência de estratigrafia atestando ocupações anteriores aos inícios do Principado numa área superior a 5000 m², como a ocorrência de cerâmicas que remontam à última década antes da Era, pelo mais, conduziram o responsável pelas escavações a avançar uma data próxima desta, portanto augústea³²⁰⁸.

De fato, e a despeito do sabor seguramente pré-romano do topónimo, igualmente eventual etnónimo, a formação do aglomerado nomeado *Eburobrittium* parece resultar da reforma administrativa promovida pelo primeiro Imperador e da necessidade da sua criação no contexto do reordenamento do território da nova *prouincia* da *Lusitania*.

Em função do enquadramento histórico, a escolha do sítio para a instalação de uma cidade *ex nihilo* assume uma relevância supletiva, pois denuncia uma intenção que está para além dos aspetos estritamente administrativos, políticos e ideológicos, passíveis de ser atingidos noutros pontos da paisagem da região.

Assim, a parcela da Quinta das Flores onde jazem as ruínas da antiga cidade romana enquadra-se no Vale Tifónico das Caldas da Rainha, depressão geológica bem conetada com o Atlântico, que se estende desde a zona da Roliça-Cesarêda (Bombarral e Lourinhã), a sul, até à extrema da Nazaré e zona do Valado dos Frades (Alcobaça), pelo norte. A leste, uma linha de festos, normalmente de recorte abrupto, confina o Vale, estando justamente *Eburobrittium* assente numa plataforma junto a um dos seus morros.

A presença significativa datada da Pré-História Final e Proto-História que se faz sentir no interior da depressão, porventura mais intensa do que se conhece e parcialmente oculta pelos depósitos aluvionares assentes sobre o lugar de antigos assentamentos ribeirinhos, demonstra bem o papel de eixo de penetração de sentido norte-sul que o Vale Tifónico desempenhou desde momentos mais remotos, tornada difícil a leste pelos complexos de maior altitude que separam este vale do de Turquel, que terá detido o mesmo cariz, embora com outro perfil geográfico e de recursos disponíveis.

Terá sido esta característica, ligada à sua posição no quadro das redes de comunicação terrestres com conexão marítima, que justificou mais tarde a implantação

³²⁰⁸ J.B. Moreira, 2002, p.159, em em referência particular ao *forum*.

dos trajetos romanos, razão que levou Vasco Mantas a intuir a localização da cidade nas cercanias de Óbidos³²⁰⁹, prévia à sua descoberta em 1994.

Em texto recente, Sérgio Pinheiro e Alexandre Monteiro trouxeram novos contributos a esta questão, procurando aperfeiçoar as propostas de Mantas do traçado das *uiaes* que serviam o povoado, revelando novas evidências arqueológicas de troços fósseis³²¹⁰ que sustentam muitas das suas propostas. Dos dados expostos será de salientar que o trajeto da estrada passava não nas imediações do aglomerado mas na área confinante com o próprio limite urbano de *Eburobrittium*.

A experiência que os mesmos investigadores elaboraram, de definição de uma zona inundaçãõ antiga da Lagoa de Óbidos próxima da isometria de 10 m da cota atual, parece, contudo, manifestamente acima dos valores que as águas deveriam apresentar em Época Romana Imperial, matéria que parece requerer o aprofundamento por estudos paleo-ambientais, todavia por realizar.

A passagem do Rio Arnóia junto ao limite meridional da pequena elevação onde a cidade se viria a implantar assoma como fator determinante para a escolha do sítio, como já o afirmara Vasco Mantas³²¹¹, ao ter facultado a conjugação dos meios de comunicação terrestres com o transporte aquático, este praticado diretamente a partir dos navios que efetuavam o trânsito costeiro no Atlântico, ou, se a profundidade da bacia do rio não permitisse determinado calado em Época Romana, o fundeamento dos vasos mercantes na vasta paleolagoa de Óbidos, conetados com a área portuária fluvial de *Eburobrittium* a partir do transbordo de mercadorias por meio de pequenas embarcações.

O perfil portuário de *Eburobrittium*, sublinhado por Maria Luísa Blot³²¹² e depois destacado enfatizado por Monteiro e Pinheiro, assoma, portanto, como o elemento chave para o surgimento da cidade naquele local preciso, e, embora a zona presumivelmente portuária não tenha sido ainda objeto de escavações, a evidência indireta da facilidade de recepção de mercadorias é testemunhada pelas importações cerâmicas já conhecidas que sustentam este entendimento, nomeadamente as ânforas³²¹³, lucernas³²¹⁴, cerâmica de paredes finas e *sigillata*³²¹⁵.

³²⁰⁹ V.G. Mantas, 1996, p.700, 862; J.B. Moreira, 2002, p.25.

³²¹⁰ A. Monteiro e S. Pinheiro, 2006.

³²¹¹ V.G. Mantas, 1996, 2003; M.L.P. Blot, 1998.

³²¹² M.L.P. Blot, 2003, p.220.

³²¹³ Os elementos anfóricos suplantam as duas centenas e encontram-se em estudo no âmbito da investigação destinada à dissertação de doutoramento de Rui Roberto Almeida, que se aguarda para breve. A publicação de Beleza Moreira já denunciara um pouco o potencial do sítio em termos de

Necessariamente terá que se entender a escolha do local para a instalação do centro urbano num quadro histórico mais amplo, datado da Época de Augusto, de relacionar direta ou indiretamente com o trânsito de mercadorias, em particular com a dinâmica imprimida aos fluxos marítimos pelo estacionamento das quatro legiões do Noroeste Peninsular envolvidas nas Guerras Cantábricas, e a relativa importância assumida pelo trajeto que bordejava a costa atlântica por força dos circuitos mais ou menos institucionais destinados ao aprovisionamento daqueles corpos militares³²¹⁶.

As evidências materiais disponíveis são, no entanto, escassas para que se possa esboçar uma leitura da dinâmica urbana da cidade, sendo a epigrafia urbana e os elementos de decoração arquitectónica de uma expressiva paucidade.

O conhecimento atual do urbanismo eburóbriense é feito com base nos dados proporcionados pelas escavações de Beleza Moreira, caracterizados na publicação monográfica equivalente à sua dissertação de mestrado, onde se trataram quatro dos quinze conjuntos construtivos romanos, os mais completos, com especial destaque para o *forum* e termas³²¹⁷. Ainda assim, e como bem fez notar Vasco Mantas, a colecção de dados não foi abordada por Beleza Moreira no sentido de tentar perceber o desenho do traçado urbano³²¹⁸.

Sem que seja este o lugar apropriado para uma matéria desta amplitude, que requer um outro fôlego e uma análise em profundidade das evidências arqueológicas coligidas ao longo de mais de uma década sob a direcção de José Beleza Moreira, parece relevante que se produzam alguns comentários sobre a matéria.

Em primeiro lugar, a planta da cidade, relembre-se que criada *ex nouo*, é dotada de regularidade, mas apenas relativa. Poderia esperar-se um plano ortogonal, dado não existirem no lugar os constrangimentos colocados por pré-existências construtivas, num

material anfórico, onde se assinala como elemento mais precoce a presença de um bem conservado exemplar bético do tipo Haltern 70- Conf. J.B. Moreira, 2002, p.67, fig.17.

³²¹⁴ Joana Filipa Gonçalves (2002) efetuou a análise das lucernas exumadas até 2002, tendo contabilizado cerca de 70 exemplares seleccionados em função de conservarem disco, bico, asa ou decoração que abrangem os tipos Dressel-Lamboglia 9, 10, 11b, 14, 20 e 27 e “marcas de oleiro” de *Caius Oppius Restitutus*, MV com palma (Idem, p.55-56) e uma outra epigrafada a partir do molde ΘEOA/ΘΓΙΑ ΘEOY/XAPIC (a palavra de Deus; a graça de Deus) (Idem, p.55), de origem seguramente oriental e do Baixo Império. As descrições de pastas das lucernas e revestimentos elaborada no catálogo denuncia importações alto imperiais itálicas, dominantes, béticas e emeritenses, estas claramente minoritárias, como também africanas, bem demonstrativas da variedade e vitalidade do aprovisionamento de *Eburobritium* ao longo do lapso de tempo que interessa no âmbito do presente trabalho.

³²¹⁵ Mencionados e/ou ilustrados por Beleza Moreira a propósito das estratigrafias que publicou do sítio- Conf. J.B. Moreira, 2002.

³²¹⁶ C. Fabião, 2008.

³²¹⁷ J.B. Moreira, 2002, p.60-63.

³²¹⁸ V.G. Mantas, 2003.

quadro similar aos que se conhece para outros aglomerados recém-criados na Lusitânia, cidades privilegiadas como *Pax Iulia* ou *Emerita Augusta*, patrocinadas em parte pelo próprio Imperador, ou, como aqui, centros urbanos de muito menor dimensão, *oppida*

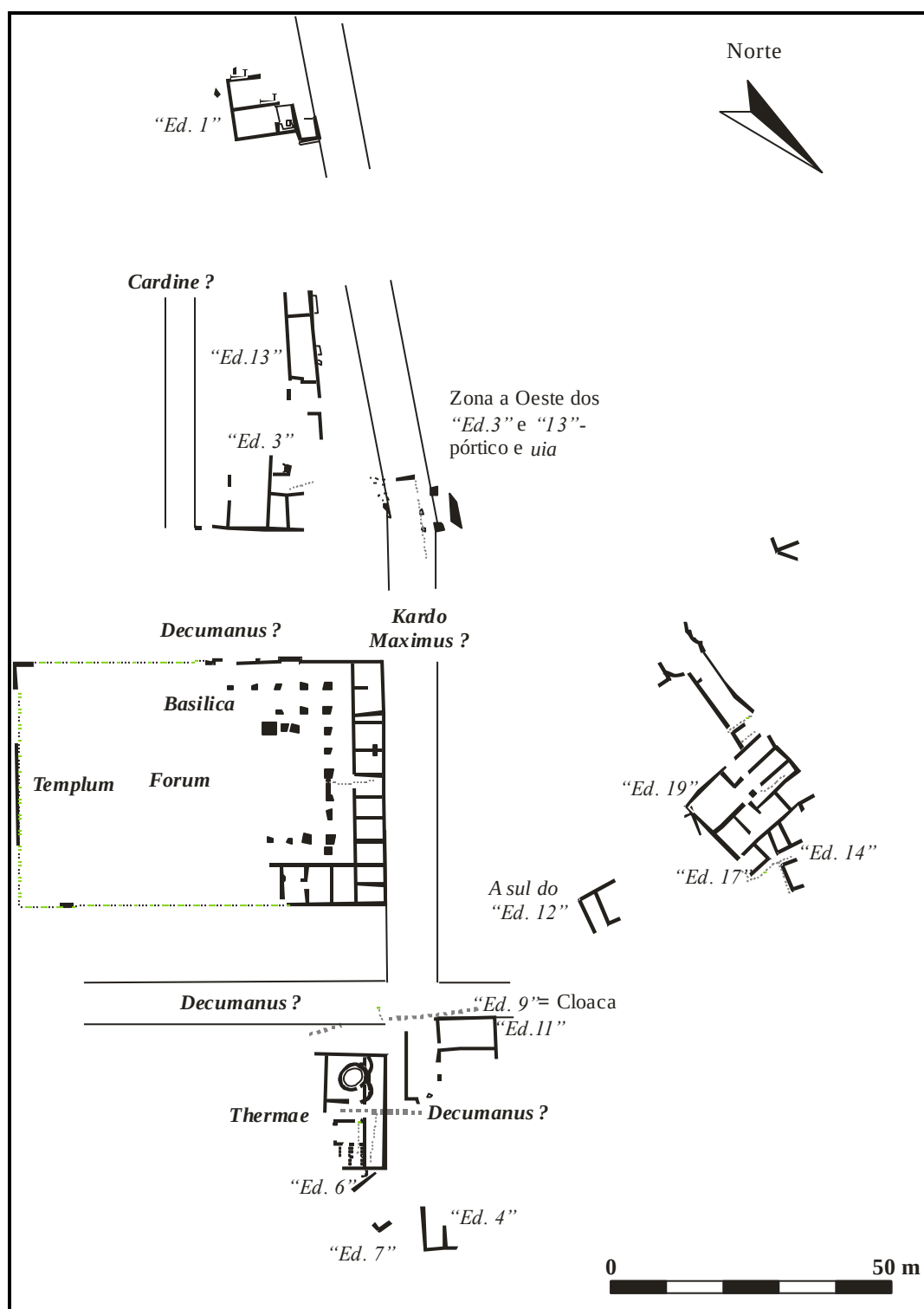


Figura 205- Planta de síntese das estruturas romanas reveladas na cidade de Eburobrittium (segundo J.Beza Moreira³²¹⁹, com adaptações).

³²¹⁹ Idem. As adaptações reportam-se ao traçado hipotético das *uiae* e nomenclatura respetiva, em concordância com o texto.

peregrina, de que se poderiam citar os exemplos de *Ammaia* ou da “Egitânia”. Tal não parece ser, porém, o caso de *Eburobrittium*.

Embora todos os conjuntos no meridiano do fórum sejam relativamente concordantes com os alinhamentos deste edifício, indicando uma tendência de aproximada ortogonalidade nesta área, segue-se-lhe uma flexão em direcção à bacia do Rio Arnóia, e o desenho dos conjuntos localizados no quadrante NO denota fugir por completo à lógica urbanística do fórum-termas, assumindo duas outras orientações, mesmo em edifícios confinantes entre si.

O fundamento para este tipo de solução parece relacionar-se com a topografia do lugar, especificamente com a pendente da encosta onde se instalou a cidade, que acusa relevantes diferenças de cota: assim, ao passo que as estruturas do “*Edifício n.º3*” encerram altimetrias na ordem dos 31/32 m, sensivelmente as mesmas do centro cívico situado um pouco a norte, já as construções confinantes com aquela habitação para NO se situam nos 27/29 m de cota, significando portanto uma quebra de 3/4 m num muito curto espaço; situação similar ocorre no quadrante oposto do aglomerado, onde as estruturas reveladas a sul do “*Edifício n.º12*”, cotadas com valores em torno dos 26/27 m, e, no seu seguimento para oeste, as dos “*Edifícios n.ºs 14 e 19*” em torno dos 20/22 m, desnível acentuado se se tiver em conta que distam somente 18 m entre si (conf. Figura 205, *supra*³²²⁰).

As distintas altimetrias e o relevo sugerem, por consequência, que na cidade romana do Oeste, como noutras da Lusitânia ocidental de que poderiam invocar os casos próximos de *Olisipo* e *Aeminium*, a construção das distintas *insulae* terá sido feita a partir da definição de terraços destinados à instalação dos edifícios, configurando blocos que interiormente formariam ressalto, possuidores de níveis térreos distintos nas partes NO e SE para o caso das *insulae* do quadrante a oeste do fórum.

Ainda assim, e apesar da planimetria de desenho urbano adaptado ao relevo, alguns elementos sugerem a existência de dinâmicas urbanísticas de traçado regular cujos contornos e significado não se descortina no momento por manifesta inexistência de dados arqueológicos que os suportem de forma consolidada: os diminutos dados escavados nos edifícios n.ºs “6” e “7”, onde é clara a sua relação física de anterioridade face às termas públicas implicando necessariamente uma desativação do primeiro citado, no mínimo parcial, mostram uma concordância de orientação com os mais completos n.ºs “17” e “19”, situados a 80 m de distância e interpolados pelas termas,

³²²⁰ Conf. igualmente J.B. Moreira, 2002, p.61, p.12 ou Idem, 2006, “*planta topográfica*”.

edifícios n.ºs “10” e “11”, todos alinhados com o conjunto foral. O que traduzirá este dado? Uma simples coincidência ou terá ocorrido na cidade uma intervenção urbanística em escala apreciável que afetou o desenho urbano da zona a norte do fórum, nesse caso contemporânea da instalação do complexo termal público?

Segundo Beleza Moreira as termas públicas teriam sido construídas no séc.I d.C., tendo sofrido remodelações em meados ou finais do séc.III d.C.³²²¹, datação que Mantas corrige já para o início do séc.IV d.C.³²²², situando Pilar Reis a reforma ainda no séc.II d.C.³²²³, seguramente por lapso. O investigador responsável pelos trabalhos supõe um desenvolvimento vitruviano da sua planta, numa proporção de 3/1, que não sendo impossível carece de outro suporte para além do trecho do autor latino invocado³²²⁴. Contudo, e a despeito da exposição das leituras exaustivas das funcionalidades dos espaços escavados e da estratigrafia murária feitas por Moreira³²²⁵, e ao contrário do que sucede para a reforma do complexo³²²⁶, nenhum elemento material fundamenta a cronologia de instalação do complexo. Os silhares em rusticão formando esquina, que terão integrado uma fase mais antiga, mostram um almofadado muito pronunciado e saliente³²²⁷ a que se pode adscriver uma datação flávia-antonina. Trata-se, porém, de elementos reutilizados, por isso de limitada utilidade neste domínio.

Independentemente da configuração que o desenho do tecido urbano assumiu, os dados por agora disponíveis mostram que a cidade estava dotada de um bem apetrechado sistema de drenagem hídrica. A opção aqui parece ter privilegiado o escoamento no sentido da pendente, em direcção à paleolagoa de Óbidos, como mostram as cloacas das termas e o “*edifício n.º 9*”= cloaca. Mas, muitas outras estruturas desta natureza terão existido, pese embora somente testemunhadas indiretamente no momento pelas numerosas canalizações internas presentes nos espaços públicos e privados, casos do fórum, nas termas, nos edifícios n.ºs “1”, “3”, “14” e “19”.

³²²¹ J.B. Moreira, 2002, p.130.

³²²² V.G. Mantas, 2003, p.253.

³²²³ M.P. Reis, 2004, p.73.

³²²⁴ J.B. Moreira, 2002, p.88.

³²²⁵ Idem, p.88-129.

³²²⁶ Idem, em especial p.106 e 130, onde se refere explicitamente o achado de duas moedas datadas de 260-280 d.C. sobre a base de assentamento do pavimento da “Sala 2”. O fragmento de inscrição ostentando o início da titulação imperial encontrado em contexto “DN/ FLAVIO (...)” poderá, de facto, remontar ainda a finais do séc.III d.C.

³²²⁷ Idem, p.94, fig.72.

Em suma, e apesar dos esforços aturados desenvolvidos ao longo de mais de uma década devotada à cidade romana de *Eburobrittium*, muitos dos aspetos fundamentais do seu urbanismo e diacronia estão ainda por esclarecer.

8.6.1. Forum- Eb.1 a Eb.6.

O fórum de *Eburobrittium* foi uma das primeiras estruturas reveladas nos momentos iniciais da descoberta da cidade romana em 1994, tendo sido depois objeto de trabalhos ao longo dos anos seguintes.

O seu setor SE encontra-se hoje sobreposto pela auto-estrada do Oeste A-8, infelizmente na zona onde se presume que se situaria a parte cultural do centro cívico. Ainda assim os trabalhos arqueológicos, apesar de limitados pelas condicionantes de obra, conseguiram identificar cerca de 20 m de extensão do muro do topo leste do recinto e curtos tramos articulados com este dos que estabeleciam os limites N e S³²²⁸.

Os aspetos fundamentais do complexo foram já tratados por Beleza Moreira, destacando-se a proporção de 2/3 no seu desenho, patente no plano retangular regular de 63,80 x 43,60 m; a detecção de *tabernae* a norte e oeste, com fachada para a praça interior, aqui rodeada de pórtico; os vestígios de uma basílica de duas naves, de fachada aberta, parede de fundo contendo ao menos duas exedras e contrafortada pelo exterior, ocupando a parte sul; uma diferença superior a 5,78m de altura entre a parte onde se encontraria o templo e a praça, o que implica a existência de dois patamares bem diferenciados através de soluções construtivas que nos são, para já, desconhecidas³²²⁹.

Como bem sublinha Vasco Mantas, o complexo cívico romano da cidade do Oeste é “*relativamente pequeno, menor que o fórum augustano de Conimbriga e inferior a metade do fórum de Ammaia*”³²³⁰. Acrescente-se o exemplo de *Aeminium*, estudado por Pedro Carvalho³²³¹, igualmente de maiores dimensões que o da cidade romana do Oeste, e o seu comentário a propósito das modestas dimensões deste, aqui especialmente pertinente pelo paralelismo e proximidade histórica e geográfica entre as duas cidades: “*mais em consonância com a imagem de um pequeno oppidum, capital de ciuitas, apesar do considerável esforço financeiro que a monumentalidade do*

³²²⁸ Idem, p.133.

³²²⁹ Idem, p.133-137.

³²³⁰ V.G. Mantas, 2003, p.254.

³²³¹ P.C. Carvalho, 1998.

edifício fórum/criptopórtico certamente acarretaria para as finanças públicas e particulares de uma comunidade ainda sem estatuto privilegiado”³²³²

Beleza Moreira crê que o fórum remonte à época de Augusto, com probabilidade à última década a.C., baseado na maior incidência de materiais com esta antiguidade na parte norte do edifício que supõe a original³²³³. De igual forma, supõe uma ampliação implicando o alargamento para sul do complexo, cuja planta original não é possível descortinar ainda³²³⁴. Outras remodelações e/ou reparações foram também assinaladas a propósito da análise dos aparelhos dos muros³²³⁵, sem que contudo se lhes tenha conseguido assimilar os materiais associados que lhes fixassem de forma precisa as respetivas cronologias.

8.6.1.1. Enquadramento do conjunto.

Os problemas em torno da arquitetura do fórum eburobriciense não foram ocultados por Beleza Moreira, como assinalou Mantas justamente³²³⁶.

Entre eles o assoma a localização da entrada para o complexo, elemento fundamental para se compreender a sua inserção e entorno urbanos. Supostamente feita pela taberna “P6”, axializada e no lado oposto ao do templo, onde Moreira a coloca nas reconstituições do edifício. Contudo, e como bem reparou o aludido investigador de Coimbra a este propósito, se o acesso se fez por aqui, então a referida taberna não existiu e, como nota, o achado aqui de uma conduta em direcção ao exterior faz pensar tratar-se de fato de um eixo de circulação³²³⁷. Mais, é de sublinhar que a referida canalização se inicia num sumidoiro detetado junto ao alinhamento do pórtico fronteiro, instalado junto ao seu alinhamento exterior, e o surgimento de um muro confinado a este intercolúnio (vide Figura 206, *infra*) traduz uma clara demarcação arquitectónica, por hipótese um degrau vencendo o desnível ligeiro entre a cota da praça e a do corredor abrigado pelo pórtico, pelo que um acesso por aqui, pelo menos a partir de determinada altura, se afigura como mais do que provável.

³²³² Idem, p.195.

³²³³ J.B. Moreira, 2002, p.159.

³²³⁴ Idem e V.G. Mantas, 2003, p.254.

³²³⁵ J.B. Moreira, 2002, p.136-142.

³²³⁶ V.G. Mantas, 2003, p.254.

³²³⁷ Idem.



Figura 206- Sumidoiro, conduta e muro associado, na zona do pórtico oeste do fórum (seg. J.Belega Moreira³²³⁸).

Localizada a sul, a basílica integra a zona do fórum, equacionada como eventual acrescento, hipótese formulada por Moreira de forma não totalmente explcita³²³⁹. O modelo de basílica de duas naves  mais corrente na época Júlio-Cláudia, como afirma Vasco Mantas, que reputa o exemplar da cidade romana do Oeste de “*vitruviano*”, citando os casos com esta cronologia da vizinha *Seilium* e da 2ª fase do fórum de *Conimbriga*³²⁴⁰, alterado por força da erecção de um novo edifício no tempo de Cláudio ou Nero. Acrescente-se o primitivo edifício basilical conimbricense localizado no topo do fórum, dotado de *aedes*, hipótese primeiramente definida por A.Roth Congs³²⁴¹, como se viu depois devotado em exclusivo ao culto imperial, ou, no mesmo aro geográfico o exemplo de *Aeminium*, também datado de Cludio³²⁴², casos mais do que suficientes para demonstrar o sucesso desta tipologia arquitectónica na fachada atlântica lusitana em época Júlio-Cláudia, considerando a sua presença nas únicas três cidades desta área geográfica para quais existem elementos disponíveis.

Nas baslicas a solução de fachada aberta ocorre em época Republicana, como acontece no edifício de meados do séc.II a.C. de Cosa, um dos melhores modelos exemplificativos da transição da *stoa* helnica para o edifício romano³²⁴³, ou com a própria Basílica Júlia de Roma, candidata a ter funcionado como modelo inspirador

³²³⁸ J.B. Moreira, 2002, p.136, fig.137.

³²³⁹ Idem, p.159.

³²⁴⁰ V.G. Mantas, 2003, p.254.

³²⁴¹ V.H. Correia, 2011, p.1 e 3; A.R. Congus, 1987.

³²⁴² P.C. Carvalho, 1998.

³²⁴³ F.E. Brown, 1980.

noutras latitudes, como o itálico de Ruscino, da Época de Augusto, ou, os ligeiramente posteriores casos gauleses de Bavay e *Glanum*³²⁴⁴, muito embora sejam todos eles edifícios dotados de área aberta interior. A ausência deste elemento tem, de novo, paralelo nas vizinhas Conímbriga e *Aeminium*. Em suma, a construção eburobriicense parece encerrar uma linguagem bem compatível com o quadro dinástico julio-cláudio, como defendera Vasco Mantas³²⁴⁵.

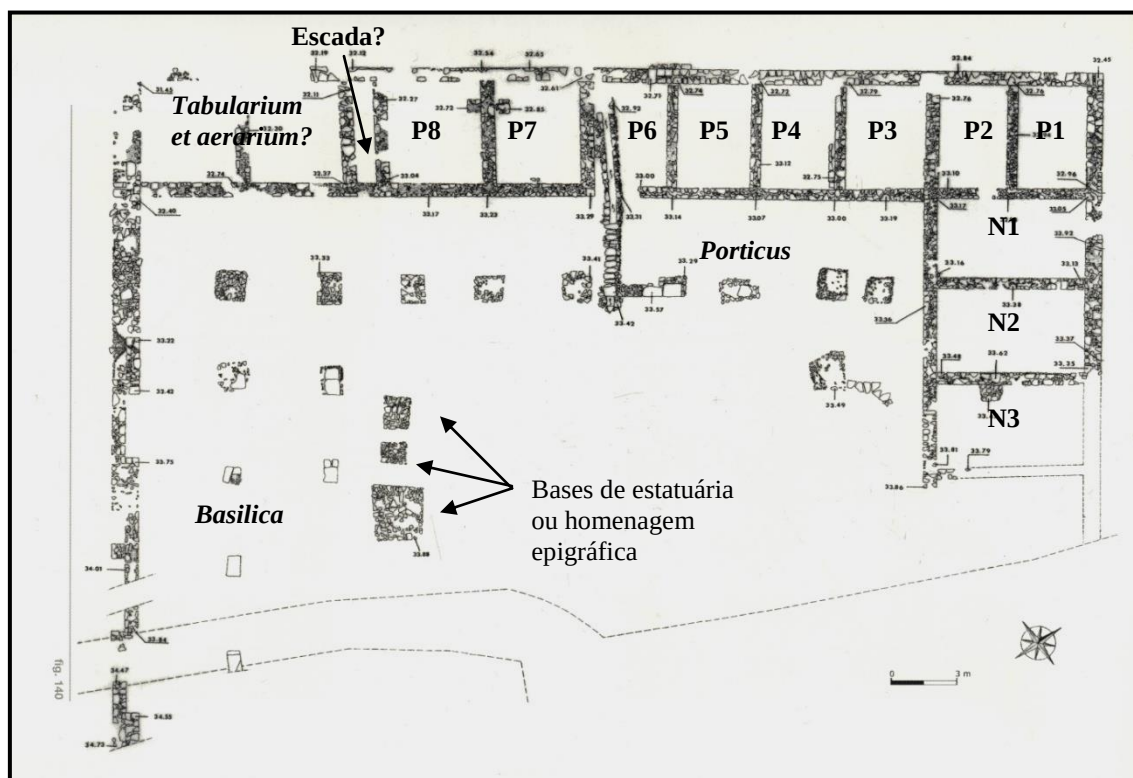


Figura 207- Planta do setor oeste do fórum de *Eburobrittium* (seg. J.Belega Moreira³²⁴⁶).

O ritmo dos compartimentos da parte oeste do fórum concorre no sentido da existência da aludida reforma do lado sul do fórum aventada por Belega Moreira, notando-se uma distinta modelação das *tabernae* “P7” e “P8” e possível *tabularium* e *aerarium* a sul da entrada axial do centro cívico, que integrariam deste modo o segundo momento (vide figura 207, *supra*). A parede externa mais meridional, dotada de duas pouco profundas *exedrae* retangulares pelo interior, é externamente reforçada, o que se justifica pela maior altura que a basílica implicava, assentando o seu pé direito numa

³²⁴⁴ P.C. Carvalho, 1998, p.188-201.

³²⁴⁵ V.G. Mantas, 2003.

³²⁴⁶ J.B. Moreira, 2002, p.141, fig.140, com aplicação da legendagem aplicada pelo autor e interpretação de alguns dos espaços constantes do texto.

sapata que abrange a espessura da parede das *exedrae* e vãos respetivos, como de igual forma compreende a profundidade do contraforte exterior, o que se poderá explicar por pertencerem no seu conjunto a um mesmo momento edilício. Nesta óptica, nada teria sobrevivido aqui do suposto arranjo anterior do espaço, alegadamente augústeo. Os escassos dados contextuais disponíveis não permitem, para já, suportar ou precisar cronologicamente esta iniciativa.

Defronte da basílica foram reconhecidos três embasamentos, interpretados por Beleza Moreira como alicerces destinados à erecção de suportes de estatuária³²⁴⁷. Um outro semelhante, não referido, sito no ângulo entre os pórticos norte e oeste, não poderá contudo encerrar uma explicação similar.

O desenho do fórum eburobriense é, noutro sentido, assaz claro quanto à inexistência de alterações da sua área original, em particular no seu limite meridional: a distância entre o muro de fachada das *tabernae* a norte e o muro sul (da basílica) equivale com uma precisão quase real a 1 *atus*, pelo que esta unidade de medida romana estará na génese do desenho da praça porticada.

O achado, no setor mais a poente, dos muros de suposto limite do fórum coloca uma outra problemática pertinente. Se a presença aqui do templo será inquestionável, o que parece denunciado pelo marcado domínio visual que a sua posição sobrelevada detinha em relação ao resto do espaço foral, será este espaço sagrado uma construção original que integrava o conjunto foral? Ou será que em *Eburobrittium*, como aconteceu com Conímbriga na 1.^a fase do complexo, tinha nesta zona a sua basílica dotada de *aedes* para, num segundo momento, a deslocar funcionalmente para o quadrante meridional, implicando a erecção de um novo edifício, devotando a parte alta exclusivamente ao culto imperial?³²⁴⁸ Embora os elementos antes expostos sugiram esta possibilidade, a exiguidade dos dados que se conseguiram recuperar do topo NE do complexo deixa espaço para outras diversas leituras, pelo que só futuros trabalhos sobre esta zona permitirão resolver a questão.

Com uma incidência fulcral na avaliação da “*biografia*” do fórum eburobriense, os dados estratigráficos disponibilizados até ao momento não esclarecem nenhuma das problemáticas antes expostas. Assim, a escavação, tanto quanto é possível interpretar a partir dos dados publicados³²⁴⁹, ao ter tido uma preocupação patrimonial de preservação

³²⁴⁷ Idem, p.76.

³²⁴⁸ Cotejar o caso conimbricense em P.C. Carvalho, 1998; V.H. Correia, 2011.

³²⁴⁹ J.B. Moreira, 2002, p.144-159.

das estruturas, não atingiu em muitos dos pontos os níveis fundacionais das componentes do complexo foral, tendo-se limitado a exíguas sondagens para avaliação das fundações em alguns pontos³²⁵⁰. A circunstância de noutros locais se terem identificado de imediato estruturas de saneamento, como na área “P6”, onde sequer os pavimentos se conservavam já, limita necessariamente a utilidade da estratigrafia para a determinação das cronologias e, por consequência, a do material cerâmico a ela associado, o que inclui as “marcas de oleiro” na *terra sigillata*.

8.6.1.2. Produções atestadas.

O conjunto diversificado de produções de *sigillata* recolhido no fórum de *Eburobrittium* mostra a presença quase exclusiva de elaborações alto-imperiais, nomeadamente de modo itálico, sud-gálico e hispânico.

O espólio apresentado, claramente incluído em formações posteriores à instalação das estruturas, inclui igualmente vidros, “cerâmica de paredes finas”, lucernas de volutas e de bico redondo, ânforas e numismas, entre outro material. Merecem porventura saliência as presenças assinaladas de moedas do séc.I d.C.,³²⁵¹ de Augusto³²⁵², Tibério³²⁵³, deste imperador numa cunhagem emeritense³²⁵⁴ e de Cláudio³²⁵⁵.

O perfil assim desenhado denuncia claramente uma presença maioritária de artefatos de cronologia alto-imperial, tendo sugerido a sua distribuição a Beleza Moreira, dado registar-se a maior incidência de vasos de modo itálico na metade norte, a maior antiguidade desta zona foral³²⁵⁶. O investigador, baseado na atestação de formas em *sigillata* itálica que pode remontar à última década do séc. I a.C., sugere uma data próxima desta para a criação do centro cívico³²⁵⁷. O argumento carece contudo de suporte de outra natureza, dado que se pode presumir a existência de fenómenos de remobilização ocorridos no passado que justifiquem este tipo de assimetrias como terá de se considerar um período de descarte dos vasos não necessariamente coincidente com a baliza cronológica inferior da produção dos mesmos.

³²⁵⁰ Conf. por exemplo Idem, p.140.

³²⁵¹ Idem, p.147.

³²⁵² Idem, p.150.

³²⁵³ Idem, p.151.

³²⁵⁴ Idem, p.156.

³²⁵⁵ Idem: dubitativas-p.149 e 151; de imitação-p.151.

³²⁵⁶ Idem, p.159.

³²⁵⁷ Idem.

8.6.1.2.1. *Produções Itálicas*

Eb.1- *Com(azon)* (OCK 601).

Por ocasião da publicação do exemplar por Beleza Moreira, o investigador manifestou a sua dificuldade em atribuir a “marca de oleiro” a diversos artesãos cuja onomástica se iniciasse pelos dois caracteres claramente visíveis³²⁵⁸.

O assunto não é de resolução fácil, dada a multiplicidade de artesãos passíveis de se enquadrar nestas circunstâncias, e de nenhum possuir no seu repertório cartelas com o formato em *tabella ansata*, como se verifica aqui, devendo destacar tratar-se seguramente do registo de uma nova impressão.

Por exclusão foi possível eliminar algumas das hipóteses, entre as quais as de *Cornelius* (OCK 606) de Lyon, o que é incompatível com as características observáveis no fabrico, *Communis* (OCK 603) do Vale do Pó, dado assinar apenas em *planta pedis*, restando *Corinthus* (OCK 608), *Corn()* (OCK 606) e *Coma(zon)* (=CK 601) de Putéolos, e os dois *Coeni* (OCK 597 e 598), da Itália Central e Vale do Pó. Contudo, o vislumbre dos vestígios da terceira letra, um provável M, restringiram as buscas ao oleiro puteolano em epígrafe. A hipótese de atribuição sugere ser reforçada pelo desenvolvimento expectável do texto, que dá espaço a mais um carácter, como pelo fato de a grafia ser idêntica ao seu punção 601.1, em termos de dimensão e traço das letras. Esta identificação tem porém contra si o fato de *Com(azon)*, que operou entre 1 e 20 d.C. ser conhecido pela elaboração de taças, e de o vaso eburobriicense se tratar de um prato, pelo que a atribuição é feita com as devidas reservas.

Em termos cronológicos, a conjugação da forma da cartela e da tipologia de modelação do fundo, Consp.B.2.4, advogam uma datação de entre c.5 a.C. e 15 d.C.

Eb.2- *Philoni(cus) P. Cornelii* (OCK 665).

O escravo indicado em epígrafe é, segundo o OCK, um artesão especializado em modelar pratéis que operou nas oficinas aretinas de *Publius Cornelius* a partir de 5 a.C.³²⁵⁹

A impressão, de grandes dimensões como todas a deste oleiro, dada a morfologia de vasos que modelava, equivale ao tipo 665.4, com um único paralelo em Roma, numa base Consp.B.1.7³²⁶⁰.

³²⁵⁸ Idem, p.146.

³²⁵⁹ OCK, p.198.

Eb.3- Rasinius (2) (OCK 1623).

Como a anterior, a presente impressão havia sido já publicada por Beleza Moreira, com correta atribuição³²⁶¹. Importante oleiro aretino, ativo desde c.15 a.C., estava já representado na região em estudo com outros punções, em Santarém³²⁶² e Lisboa³²⁶³.

No caso presente, a “marca” é retrógrada, com o texto RAS bem legível inscrito num modelo *in planta pedis*, o que a remete para um momento já dentro dos principados de Tibério ou Caio, pelo menos. Contudo, e apesar do vasto repertório de punções já listado no OCK, e das óbvias semelhanças de grafia com os modelos da obra de referência 1623.82 e 83, não é equivalente pois estas são de menor dimensão e o texto é RASI, por consequência um novo registo de impressão, também aproximado de 1623.80.

A morfologia do fundo, Consp.B.13, remete o tipo de taça para o modelo Consp.23³²⁶⁴, o que está de acordo com a “marca de oleiro”.

Eb.4- C.Sentius (1) (OCK 1861).

C.Sentius (1) terá operado sobretudo na Etrúria, mas os resultados das análises arqueométricas aos exemplares analisados de Haltern não corresponderam com exatidão aos parâmetros atribuíveis a Arezzo³²⁶⁵.

O exemplar em apreciação foi executado num fragmento que não permite discernir a morfologia do recipiente, como assinalara já Beleza Moreira³²⁶⁶. Com um único paralelo exato em Corinto³²⁶⁷, encerra a particularidade de os vestígios do T final terem já desaparecido quando o punção foi aplicado no vaso da cidade romana do Oeste, o que implicará uma cronologia ligeiramente posterior à do exemplar da Acaia, sem contudo atingir em termos cronológicos os modelos posteriores empregues na olaria, *in planta pedis*.

Eb.1	Itália Central	B.2.4	It.2	<i>Coma(zon) ?</i>	COM(...)	nova	5 a.C. – 15 d.C.	

³²⁶⁰ OCK-CD, vaso n.º 26301.

³²⁶¹ J.B. Moreira, 2002, p.146 e fig.151.

³²⁶² C. Viegas, 2003a, p.92, n.º23941.

³²⁶³ Conf. *supra*, Ol.182 e 183.

³²⁶⁴ *Conspetus*, p.192.

³²⁶⁵ OCK-CD; S.V. Schuerbein, 1982.

³²⁶⁶ J.B. Moreira, 2002, p.149 e fig.164.

³²⁶⁷ OCK-CD, vaso n.º 17118.

Eb.2	Arezzo	Pratel	It.2	<i>Philoni(cus)</i> <i>P.Cornelii</i>	(...)HILON / (...)CORN	665.4	5 a.C. – 15 d.C.	
Eb.3	Arezzo	B.4.13 Consp.23	It.2	<i>Rasinius</i> (2)	RASI (<i>retro</i>)	≈ 1623.82 e 83	15 - 40 d.C.	
Eb.4	Etrúria ?	Indet.	It.1	<i>C.Sentius</i> (1)	C.SEN	1861.21'	10 a.C.- 20 d.C.	

Figura 208- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas recolhidas na área do fórum eburobriciense.

8.6.1.2.2. Produções Hispânicas

Eb.5- Valerius Paternus (Bustamante 650-661).

O elemento em questão, apesar do suporte ter sido já publicado³²⁶⁸, mostrou conservar uma impressão muito truncada e restrita à sua parte mesial e inferior. A despeito do deficiente estado de conservação, consegue-se ler com dificuldade OFVA(...), assimilável ao mais prolixo dos oleiros de *sigillata* alto-imperial hispânica, sediado em Trício, igualmente de elevada longevidade. O estado da impressão não permite, contudo, estabelecer um paralelo exato com os repertórios disponíveis, ou sequer concluir da existência ou não de pontuação entre a fórmula inicial e a onomástica.

O suporte apresenta alguns detalhes de fabrico que merecem comentário aparte: ao invés de uma canelura circular centrada, habitual nas elaborações cerâmicas deste tipo, mostra uma espécie de “cordão foleáceo”, como o designou Moreira³²⁶⁹, resultado provável da aplicação de uma roletilha, para a qual existem paralelos na região, nomeadamente num prato lisboeta da forma Drag.36 assinado por *Martialis*, datável da dinastia Flávia³²⁷⁰. Este elemento induz a pensar numa cronologia similar para o prato coletado no fórum da cidade do Oeste, ou, de forma mais cautelosa, numa que não abranja os momentos mais tardios da produção assim assinada, que se prolonga de acordo com os dados contextuais emeritenses estudados por Macarena Bustamante, até aos inícios do séc.III d.C.³²⁷¹ De acordo com a mesma investigadora espanhola, o formulário da impressão aconselha contudo uma data já dentro do principado de Adriano³²⁷².

³²⁶⁸ J.B. Moreira, 2002, p.146 e 147, fig.154.

³²⁶⁹ Idem, p.146.

³²⁷⁰ Vide *supra*, Ol.39 e comentário respetivo.

³²⁷¹ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.698.

³²⁷² Idem.

Eb.6- Oleiro desconhecido- impressão truncada.

Um prato, que pelas suas características visuais de fabrico será oriundo das oficinas de La Rioja, dotado da característica depressão em ônfalo na face exterior do fundo, mostra somente a parte terminal e muito deteriorada de uma cartela retangular de cantos arredondados, com vestígios de um carater com linha vertical.

Eb.5	La Rioja	Drag.36 ?	H.2	Valerius Paternus)	OFVA(...)	-	120 - 150 d.C.	
Eb.6	La Rioja	Prato	H.2	Ol. Desc.	(...)II(?)	-	70 - 120 d.C.	

Figura 209- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânicas recolhidas na área do fórum eburobriciense.

8.6.1.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

Conforme já se expôs antes, os contextos estratigráficos conhecidos do fórum de *Eburobrittium* não são minimamente esclarecedores acerca das cronologias da sua dinâmica, pelo que o contributo das impressões se revela limitado.

A constatação acima produzida é demonstrável com facilidade: na *taberna* “P1”, as “marcas” itálicas Eb.1 e Eb.3, e a hispânica Eb.5 surgiram, respetivamente, a primeira citada na “*terra castanha com material cerâmico de construção*”, e as restantes na “*terra castanha*”, parcialmente assente sobre a anterior, em todo o caso formações ulteriores à criação do espaço, cobrindo aliás a segunda o topo conservado dos muros que definem o compartimento; circunstâncias análogas ocorreram em “P3”, onde Eb.4 ocorreu na “*terra castanha*” que cobre o interface de abandono das estruturas do espaço, tendo associada outra *sigillata* incluindo fabricos hispanos, como na *taberna* “P4”, onde o prato hispânico com “marca” truncada Eb.6 surgiu na “*terra castanha*” que se sobrepõe igualmente aos topos conservados dos muros do compartimento; de igual modo a norte, na *taberna* “N2”, o pratel assinado por *Philoni(cus) P.Cornelii* Eb.2 ocorre na “*terra castanha*”, a mais recente da sequência e que se sobrepõe ao remanescente das estruturas.

Sintetizando os dados obtidos respeitantes ao centro cívico da cidade, mais não se pode afirmar do que a impressão já produzida por Moreira de maior incidência no local de elaborações de modo itálico³²⁷³, mas também hispânico³²⁷⁴, sendo que em termos

³²⁷³ J.B. Moreira, 2002, p.159.

³²⁷⁴ Traduzido não só em termos de “marcas” como de vasos- conf. referências em Idem, p.144-158.

estritamente de “marcas de oleiro” na *terra sigillata*, os dados apontam, note-se que de forma escassa e pouco fiável, para datas posteriores a 10 a.C., por hipótese bastante posteriores a esta.

8.6.2. Zona confinante com o fórum, a norte-Eb.7 a Eb. 19.

Vasco Mantas assinalou a ausência de edificações reveladas pelas escavações de Beleza Moreira nos espaços confinantes a norte e a sul com os limites do fórum eburobriciense. Evocando o paralelo com algumas pequenas cidades da *Britannia*, onde existem espaços de razoáveis dimensões ladeando o centro cívico³²⁷⁵, deixa em aberto a possibilidade de esta solução urbanística ter sido adoptada na cidade da Lusitânia ocidental, no momento sem outro paralelo provincial.

Cotejando Mantas, e a ter-se verificado esta hipótese, a cidade teria dois espaços retangulares dispostos ao longo dos lados maiores do fórum, com uma largura superior a 20 m, como acontece por exemplo no paralelo britânico de plano mais tardio de *Venta Silurum* (Caerwent), cidade de somente 20 *insulae* mas de c.18 Ha de área, onde se dotou lateralmente o fórum de *uiae* que atingem um máximo de 15 m de largura³²⁷⁶. Se se atentar na planta de síntese publicada por Beleza Moreira, uma cloaca corre muito junto ao limite das termas públicas, localizadas a norte do fórum³²⁷⁷.

Se sobre ela se desenvolvia uma rua, e se esta construção de drenagem e saneamento hídrico estava mais ou menos axializada com o eixo de circulação, como se pressupõe, o “espaço vazio” aí reduzir-se-ia para a ordem dos 15-16 m, o que se afigura exíguo para incluir uma *insula* e uma outra *uia* correndo pela lateral do fórum, de que por hipótese os vestígios estariam entretanto desaparecidos na totalidade.

Pelo contrário, e como sugere Mantas, se o espaço era público, e dada a existência muito provável da mencionada *uia* a norte, qual a sua configuração e funções da área remanescente? A ausência de estruturas patenteada pelas escavações arqueológicas pode, contudo ter outras explicações que não se conseguem vislumbrar no momento, sendo manifesta a falta de dados.

³²⁷⁵ V.G. Mantas, 2003, p.253

³²⁷⁶ J. Wachter, 1980, p.377.

³²⁷⁷ J.B. Moreira, 2002, p.62 fig.12.

8.6.2.1. Enquadramento do conjunto.

Os elementos disponibilizados por Beleza Moreira nos relatórios de escavação mencionam uma estratigrafia de sequência simples, tendo-se seleccionado as unidades de escavação onde se identificaram as espécies que aqui interessam. Genericamente a dinâmica era composta por “*terra castanha*”, “*terra castanha com material cerâmico de construção*”, “*terra castanha com algum material cerâmico de construção*” e “*terra castanha escura*”³²⁷⁸, e, em IV-125, e após a “*terra castanha*” encontrava-se uma “*terra castanha avermelhada*”³²⁷⁹, panorama que se repete genericamente nas restantes quadrículas de onde provém o material analisado.

Como Moreira notou, e se referiu atrás, a ocorrência de *sigillata* de modo itálico no quadrante norte do fórum não tem paralelo na parte mais meridional do complexo, o que se repete nesta zona confinante. Contudo, deverá notar-se que nenhuma das cerâmicas que aqui interessam foi coletada em estratigrafia assimilável à construção do fórum, pelo menos em função dos dados disponibilizados.

8.6.2.2. Produções atestadas

8.6.2.2.1. Produções Itálicas

Eb.7 – Ateius (5)= Cneus Ateius (?) (OCK 270 =276 ?).

A impressão é classificável, de acordo com os elementos contantes do OCK, no grupo de *Ateius* (5), de origem incerta, onde se repertoriam textos insertos em cartelas retangulares com o texto ATE³²⁸⁰, como é o caso. O tipo que mais se aproxima é OCK.130, mas o estado fragmentário da impressão não o permite garantir. A ser esse o caso, trata-se de um modelo repartido por Cherchel (1x), em África, Roma (1x) e na própria Arezzo (7x)³²⁸¹. As características visuais da pasta e revestimento parecem compatíveis com uma proveniência no centro da Itália, talvez na Etrúria, e a especial incidência na cidade do curso do Arno advoga com maior probabilidade esta como sendo a sua origem.

O formato da modelação do fundo aproxima-se de Consp.B.4.9, associado às taças troncocóicas dos tipos Consp.22-25, cobrindo um espectro cronológico compatível com a atividade do grande produtor.

³²⁷⁸ Idem, 2000, p.13 e anexo 29.

³²⁷⁹ Idem, p.14.

³²⁸⁰ OCK, p.125, n.ºs 130-138.

³²⁸¹ OCK-CD.

Eb.8 - Auillius (OCK 371).

O fundo de taça troncocónica do tipo Consp.B.4.13 associa-se às variantes da morfologia Consp.23, modelo muito difundido na Época de Tibério³²⁸².

No caso a impressão está danificada, mas lê-se AVIL(...), assimilável ao oleiro em epígrafe, e próxima, senão idêntica, a OCK 371.44, com um único paralelo em *Baelo Claudia*³²⁸³. Na área em estudo estava já registado em Lisboa³²⁸⁴.

O fabricante, que parece ter operado sobretudo no principado de Tibério³²⁸⁵, não tem local de produção seguramente definido dentro do centro da Península Itálica, tendo prosseguido a sua atividade até cerca de 40 d.C.³²⁸⁶

Eb.9 - C.Chrestius (OCK 550).

Oleiro sediado em local não determinado da área central da Península Itálica, produziu exclusivamente dentro do principado de Augusto, entre 15 a.C. e 5 d.C.³²⁸⁷

O texto da marca eburobriciense mostra um nexa entre o H e o R do *nomen*, o que se traduz numa equivalência provável com o exemplar OCK550.2 ou 3, impossível de determinar porque apenas sumariamente desenhados na obra de referência. A verificar-se, estes modelos registam a sua presença num prateleiro encontrado em Roma³²⁸⁸, para a variante 2, e, para 3, num local desconhecido, aplicado no fundo de um prato do tipo Conp.12.3³²⁸⁹. O fragmento em análise, pela sua espessura, é classificável como prato.

O produtor estava já atestado na zona em estudo, em Santarém³²⁹⁰.

Eb.10 - Rasinius (2) (OCK 1623).

Como fizemos menção a propósito do exemplar Eb.3, e apesar da sua elevada fragmentariedade neste caso, deverá atribuir-se ao importante oleiro aretino nomeado. Como naquele outro caso da cidade em análise, a “marca” é retrógrada, e inscrita *in planta pedis*, de que se divisa somente o R inicial. A fragmentariedade não permite o estabelecimento de paralelo correto, sendo tentador ver o mesmo tipo de punção da outra ocorrência eburobriciense, o que não se pode assegurar.

³²⁸² Conspetus, p.162.

³²⁸³ OCK-CD, vaso n.º 5457.

³²⁸⁴ Conf. supra, Ol.68 e comentários respetivos.

³²⁸⁵ OCK, p.152.

³²⁸⁶ Idem.

³²⁸⁷ OCK, p.179.

³²⁸⁸ OCK-CD, vaso n.º 25307.

³²⁸⁹ Idem, vaso n.º 25308.

³²⁹⁰ C. Viegas, 2003a, p.91, n.º1122.

A exiguidade do fragmento não autoriza a classificação da morfologia do recipiente.

Eb.11 e Eb.12 - Oleiros desconhecidos- impressões truncadas.

Eb.11, estampada no fragmento do fundo de prato, é uma “marca” cercada por canelura circular centralizada que deixa ver apenas os vestígios de um carater e intuir tratar-se de um modelo de cartela retangular de texto bilínear.

Eb.12, por seu turno, mostra vestígios de cartela interpretáveis como pertencentes ao formato trifoleado do tipo OCK.571 ou 572, com restos de um eventual carater, talvez um O incompleto. A morfologia do vaso é atribuível aos tipos Consp.31.1 ou 32, pelo que lhe encerrará uma datação tardo-augústea ou tibéria³²⁹¹, concordante com a tipologia da impressão.

Eb.7	Arezzo ?	≈ B.4.9	It.2	<i>Ateius (5)= Cn.Ateius?</i>	ATE	270.130?	15 a.C. – 20 d.C.	
Eb.8	Itália Central ?	B.4.13	It.2	<i>Auillius</i>	AVIL(...)	371.44?	15 - 40 d.C.	
Eb.9	Itália Central	Prato	It.1	<i>C.Chrestius</i>	C.CHRE(...)	550.2-3	15 a.C. - 5 d.C.	
Eb.10	Arezzo	Indet.	It.2	<i>Rasinius</i>	R(...) (retro)	-	15 - 40 d.C.	
Eb.11	?	Prato	It.2	Ol.Desc.	?(...) / (...) (?)	-	30 a.C. - 20 d.C.	
Eb.12	?	Consp. 31.1 ou 32	It.2	Ol. Desc.	? (trifóleo)	-	1 – 30 d.C.	

Figura 210- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas recolhidas na área confinante com o fórum, a norte.

8.6.2.2.2. Produções Gálicas

Eb.13 – *Acutus i* (NOTS 1, 57-70).

O produtor esteve sediado em La Graufesenque, tendo tido intensa atividade entre c.25 e 50 d.C.³²⁹²

O punção aqui representado é equivalente ao 7a' do NOTS, um estádio posterior à variante original³²⁹³. Este último modelo está atestado em Vechten na forma Loeschke I, neste campo militar e no de Nijmegen em Ritt.1, como em Drag.17a ou b³²⁹⁴, sugerindo datas ainda tibérias ou pouco posteriores. A presença nos contextos de Velsen 1, *Camulodunum*, no Kops Plateau de Nijmegen e num grupo de achados em

³²⁹¹ *Conspetus*, p.106 e 108.

³²⁹² NOTS 1, p.69.

³²⁹³ *Idem*, p.59.

³²⁹⁴ *Idem*. M .Polak, 2000, p.159, reporta um prato Haltern 1a oriundo de Nijmegen.

Argentomagus levaram Polak a fixar uma baliza cronológica de entre 20 a 45 d.C. para o modelo não alterado³²⁹⁵. A variante um pouco mais degradada do punção, patente em *Eburobrittium*, deverá encerrar uma cronologia um pouco posterior.

Eb.14 - Carbo (NOTS 2, 245-247).

Um fundo de tigela do tipo Drag.24/25 de tamanho médio mostra a impressão truncada à direita onde se lê CARB(...), atribuível ao artesão ruteno indicado em epígrafe, equivalendo ao punção 3a, apenas atestado numa tigela Drag.27 com canelura na face externa do pé recolhida em Vechten e numa outra de morfologia análoga ao do vaso da cidade em análise oriunda de Autun³²⁹⁶. Outros modelos de impressão estavam assinalados na Lusitânia em Povos (Vila Franca de Xira) e Tróia (Grândola)³²⁹⁷.

Tendo o oleiro compulsado vasos entre 60 e 85 d.C., foi esta cronologia indicada, dado não existirem disponíveis paralelos resultantes de contextos datados externamente.

Eb.15 - Murranus i (NOTS 6, 181-196).

O oleiro a quem se atribui Eb.15 é um dos mais prolíficos produtores de La Graufesenque, onde laborou entre 45 e 90 d.C.³²⁹⁸, surge agora de novo na região em estudo, depois da atestação através de dois outros punções seus em Lisboa³²⁹⁹ e de um outro no sítio rural de Telhal (Sintra)³³⁰⁰.

No caso presente a “marca” foi estampada no fundo interno de um prato de tipo não classificável tipologicamente, com paralelo exato no modelo 20b do NOTS. Aí, contudo, ainda se vêem vestígios do A colocado em nexa com o N, como ainda se conservava o I final³³⁰¹, mostrando a aplicação mais tardia do punção no recipiente eburobriciense porque então bastante mais desgastado.

O tipo patente no NOTS tem uma distribuição fortemente gaulesa, com diversos testemunhos em La Graufesenque, Paris, Nandin, Château-Porcien, Ardennes, Agde, Murveil-lès-Montpellier, Nuit-Saint-Georges, Les Bolards, ocorrendo em menor grau na *Britannia* e *Germania* em Augst, Hoffheim e Chichester³³⁰². O achado de Hoffheim foi

³²⁹⁵ Idem, A11.

³²⁹⁶ NOTS 2, p.246.

³²⁹⁷ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

³²⁹⁸ NOTS 6, p.193.

³²⁹⁹ Vide *supra*, Ol.331 e Ol.332.

³³⁰⁰ Vide *supra*, Ol.Ag.22.

³³⁰¹ NOTS 6, p.181.

³³⁰² Idem, p.189-190.

executado nos níveis do Período I, pelo que uma cronologia Cláudia é segura. Esta indicação remete o exemplar em análise para momentos necessariamente ulteriores.

Eb.16 - *Primus iii* (NOTS 7, 222-248).

Primus iii é um dos homónimos que laborou em La Graufesenque, entre 40 e 80 d.C.³³⁰³, tendo elevada capacidade de compulsão de vasos em função do número de punções que lhe são atribuídos no NOTS.

No caso eburobriciense, a impressão foi aplicada num delicado fundo de tigela, de provável data cláudio-neroniana, e é equivalente ao tipo 36b, patenteada em Colchester, Poitiers e Autun³³⁰⁴.

Eb.17 e Eb.18 - Oleiro desconhecido- impressão truncada.

Eb.17 é um pequeno fragmento da parede central do fundo mostra, no seu lado interno, uma marca retangular enquadrada por canelura circular concêntrica, onde se lêem três letras, nenhuma delas identificável com segurança.

Eb.18 é o fundo de uma muito pequena tigela Drag.24/25, onde se vê a extremidade de uma cartela com o limite bífido e um sinusoidal, porventura o carater S deitado.

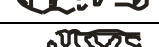
Eb.13	La Grauf.	Prato	G.1	<i>Acutus i</i>	OFIC.ACVT	7a`	40 - 50 d.C.	
Eb.14	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	<i>Carbo</i>	CARB(...)	3a	60 - 85 d.C.	
Eb.15	La Grauf.	Prato	G.1	<i>Murranus i</i>	(...)VRAN	20b´	50 - 70 d.C.	
Eb.16	La Grauf.	Indet.	G.1	<i>Primus iii</i>	PRIMI	36b	40 - 80 d.C.	
Eb.17	La Grauf.	Prato	G.1	Ol. Desc.	(...)RVS(...) (?)	-	-	
Eb.18	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	Ol. Desc.	(...)S (deitado ?)	-	< 80 d.C	

Figura 211- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas recolhidas na área confinante com o fórum, a norte.

8.6.2.2.3. Produções Hispânicas

Eb.19 – *Caius Lucius* ou *Lucretius* (Bustamante, 503-506).

A impressão encontra-se extremamente cerceada, restando parte da extremidade direita. O texto conservado mostra um C inicial, seguido de A, ponto e uma outra letra

³³⁰³ NOTS 7, p.244.

³³⁰⁴ Idem, p.239.

de haste vertical. A interpontuação, muito usual nos punções de *Caius Lucius* ou *Lucretius*, permitiu a classificação da impressão.

Artesão riojano representado nos contextos da Calle Almendralejo n.º41 de Mérida, Macarena Bustamante Álvarez adscrive-o ao período de profusão de “assinaturas” do grande complexo setentrional, entre 70 e 100 d.C.³³⁰⁵

Eb.20 e Eb.22 – Oleiros desconhecidos- impressões truncadas.

De ambas as impressões Eb.20 e Eb.21, efetuadas no fundo de tigelas com características visuais de fabrico que as permitem atribuir às oficinas riojanas, resta apenas uma das extremidades de cartelas retangulares de cantos arredondados.

O exemplar Eb.22, por sua vez, foi aplicado no fundo de uma taça decorada, de que infelizmente se conserva apenas a parte lisa. Dotado de duas caneluras na face interna do pé, como do mesmo número enquadrando a impressão, de que resta somente uma extremidade com vestígio de letra, mostra características que a permitem classificar como Drag.29 ou 29/37 dada a grande proximidade aos modelos de inspiração gauleses.

Eb.19	La Rioja	Prato	H.2	<i>Caius Lucius</i> ou <i>Lucretius</i>	CA.L(...)	-	70 - 100 d.C.	
Eb.20	La Rioja	Drag.27	H.1	Ol. Desc.	(...)	-	70 - 120 d.C.	
Eb.21	La Rioja	Drag.27	H.2	Ol. Desc.	(...)	-	70 - 120 d.C.	
Eb.22	La Rioja	Drag.29 ou 29/37	H.1	Ol. Desc.	(...)	-	70 - 100 d.C.	

Figura 212- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânicas recolhidas na área confinante com o fórum, a norte.

8.6.2.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

A zona confinante com o fórum que aqui se vem abordando, repete um pouco o panorama constatado na zona interior do complexo. Como ali, a estratigrafia não se afigura minimamente esclarecedora da dinâmica do local, não se conseguindo conferir através da solidez que o dado arqueológico desta natureza proporciona fundamento sólido à sugestão facultada pela maior ocorrência de material cerâmico itálico em termos de dispersão espacial, observação já antes assinalada a propósito da zona norte do complexo foral.

³³⁰⁵ M.Bustamante Alvarez, 2010a, p.759, fig.331, onde por lapso surge como *Caluo*.

8.6.3. “Edifício n.º9”= *Cloaca* - Eb.23 a Eb.26.

Uma cloaca foi revelada no espaço a norte do fórum, correndo de forma sinusoidal junto ao limite das termas públicas.

Já publicada pelo responsável pelas escavações, a informação relativa aos seus elementos construtivos foi suficientemente por ele disponibilizada: com uma altura interna total próxima do 1,60 m, largura interior de 0,48 m, uma abóbada de 0,30 m de espessura, em alvenaria de pedra com ligante de argamassa, como os muros laterais, assentes em tijoleira. Revelada ao longo de 30,4 m, era dotada de uma caixa de limpeza em laterício no troço mais a SE³³⁰⁶. As cotas aferidas na abóbada em IV-189 e IV-176 (vide Figura 213, *infra*), respetivamente de 32,01 e 31,61 m, distantes cerca de 12 m, denunciam um grau de inclinação na ordem dos 1,5°, valor de pendente comum neste tipo de construções romanas de drenagem hídrica.



Figura 213- Vista da cloaca tomada da zona da sua destruição, a NO (segundo J.Belega Moreira³³⁰⁷).

Se, e como Vasco Mantas aventa, a infra-estrutura de saneamento se localizaria originalmente no subsolo de uma das artérias da cidade é hipótese bastante provável, tratando-se nesse caso de um dos *decumanii*.

³³⁰⁶ Idem, 2002, p.81.

³³⁰⁷ Idem, p.82, fig.49.

Como Beleza Moreira assinala, a conformação da cidade em patamares construtivos com assinaláveis diferenças de cota pode ter significado a existência de tanques receptores e de desnível, permitindo assim que originalmente a cloaca se desenvolvesse mais para NO³³⁰⁸.

As informações transmitidas são, contudo, exíguas e pouco conclusivas quanto aos aspetos fundamentais da dinâmica da estrutura pública de saneamento: não se encontra esclarecida a cronologia de entulhamento interno, necessariamente de relacionar com o funcionamento das instituições municipais de *Eburobrittium*; não se encontra de igual forma determinado o momento da sua edificação.

A imagem facultada por Beleza Moreira da zona de destruição (vide Figura 213, *supra*) mostra claramente um nível de pedras, equivalente ao interface de destruição, pelo que assumem peculiar interesse os materiais encontrados abaixo deste, equivalentes aos aterros destinados à sua instalação ou, em alternativa, às pré-existências deposicionais assentes sobre o substrato geológico.

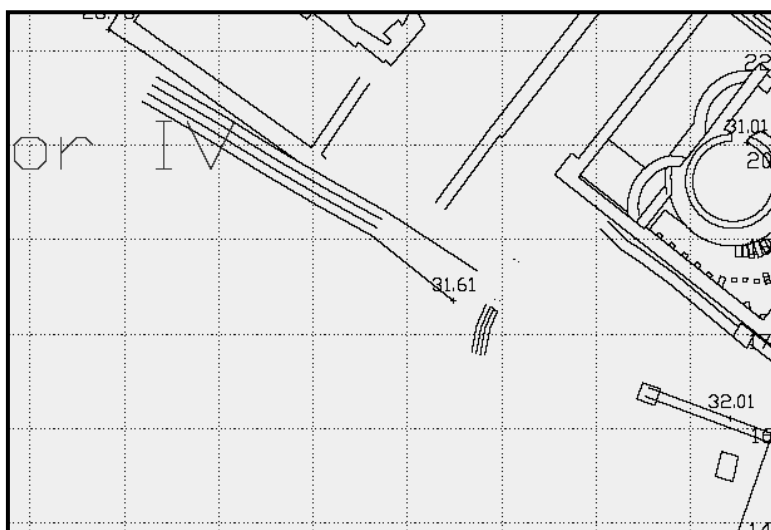


Figura 214- “Edifício n.º9” = Cloaca (quadriculagem de 4x4 m, segundo J.Belega Moreira³³⁰⁹).

8.6.3.1. Enquadramento do conjunto.

No interior da cloaca foi assinalada a recolha de material de cronologias diversificadas, com “assinalável incidência nos séculos I/ II”³³¹⁰ d.C., listando-se cerâmica de paredes finas béticas com decoração de barbotina, lucernas de disco de

³³⁰⁸ Idem, p.81.

³³⁰⁹ Idem, 2006, “*planta topográfica*”.

³³¹⁰ Idem, 2002, p.82.

fabrigo provavelmente itálico, bem como *sigillata* hispânica, contando com os tipos Drag.27 e 35, sud-gálica, entre a qual as formas Drag.24/25³³¹¹.

Em contextos de alguma forma assimiláveis à dinâmica da cloaca foram igualmente identificadas uma “marca de oleiro” itálica e duas sud-gálicas.

A primeira mencionada foi recolhida em IV-188, infelizmente acima da parte conservada, pelo que pouco auxílio proporciona para o esclarecimento da data de instalação da infra-estrutura.

8.6.3.2. Produções atestadas

8.6.3.2.1. Produções Itálicas

Eb.23 - ? *Publii Cornelii* (?).

A impressão bilinear encontra-se cerceada na quase totalidade da sua primeira linha, mostrando com clareza boa parte do texto da segunda onde se lê (...)COR.

A atribuição a um dos escravos de *Publius Cornelius* (OCK.623-624), de Arezzo-Cincelli, é feita sem dificuldade e com total segurança. Contudo, o prolífico *dominus* detém extensa lista de *seruui* que assinaram desta forma vasos, e seguindo um método de exclusão, as hipóteses mais prováveis de classificação recaem sobre *Faustus* (OCK.643), *Gemellus* (OCK.648), *Germanus* (OCK.649), *Hilarus* (OCK.653), *Laetus* (OCK.658), *Potus* (OCK.669), *Primus* (OCK.672), *Quartio* (OCK.674) e *Speratus* (OCK.676).

Perante a inexistência de imagem no repertório de referência totalmente coincidente com o que resta da “marca” eburobrieciense, e em face da possibilidade de se tratar de um novo punção ou de impressão já registada mas noutra estádio evolutivo, faz-se a classificação como indicada acima.

Eb. 23	Arezzo	Indeterm.	It.1	? <i>Publii Corn.</i>	(...)? / (...)COR	-	5 a.C.- 20 d.C.	

Figura 215- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” itálica recolhida na área do “Edifício n.º 9” = Cloaca.

8.6.3.2.2. Produções gálicas

Eb.24 - *Felix i* (NOTS 4, 22-34).

O artesão indicado em epígrafe operou em La Graufesenque e no seu centro subsidiário de Le Rozier entre 55 e 85 d.C.³³¹². Atestado por uma impressão onde se lê

³³¹¹ Idem, p.83.

FELI(...), equivalente ao exemplar de referência 23b, não coletado em contextos datados externamente, por ter surgido somente em Grobbendonk, Clermont-Ferrand, Juslerville e Tarragona³³¹³.

Na área em estudo *Felix i* estava já atestado em Lisboa, nos Claustros da Sé, através de um outro punção³³¹⁴.

Eb.25 - *Vitalis i* (Polak 353-354).

Vitalis i esteve ativo em La Graufesenque entre 45 e 70 d.C.³³¹⁵.

A “marca” eburobriciense é idêntica a duas outras estampadas no fundo interno de pequenas tigelas das formas Drag. 24/25 e Drag.27 de Lisboa³³¹⁶, sendo neste caso igualmente dotada de canelura na face exterior do pé. O paralelo é próximo, mas não exatamente coincidente com a referência de Vechten V58, datada de 50-70 d.C. por Polak, com base numa pequena tigela Drag.24/25 similar a um dos recipientes liboetas, pré-flávia, recolhida numa sepultura do cemitério de Hunerberg-Nijmegen³³¹⁷. O vaso eburobriciense, contudo, mostra a última letra do texto OVITA já ausente, pelo que encerrará necessariamente uma data posterior à dos paralelos lisboetas citados.

Eb.26 - Oleiro desconhecido- impressão grafomorfa.

A tigela, do tipo Drag.27 em tamanho médio, apresenta o perfil quase completo, estando somente em falta o lábio do bordo. A sua modelação apresenta três finos ressaltos, demarcando o primeiro a inflexão do bilobado da copa, e as duas restantes marcando a metade inferior do corpo. O pé, delicado e um pouco alto é isento de canelura na face exterior do pé, característica mais recorrente nos momentos avançados de elaboração desta morfologia em La Graufesenque, origem que se afere a partir da observação das características macroscópicas da pasta e do revestimento. Em sentido contrário, o ângulo mais aberto entre a face interna do pé e da parede do fundo remete para momentos ante-flávios³³¹⁸, pelo que as informações obtidas a partir do vaso são inconclusivas.

³³¹² NOTS 4, p.33.

³³¹³ Idem, p.27.

³³¹⁴ Conf. *supra* Ol.141.

³³¹⁵ M. Polak, 2000, p.353; B. Hartley e B. Dickinson, 1993, p.214.

³³¹⁶ Vide *supra*, Ol.361 e Ol.362.

³³¹⁷ M. Polak, 2000, p.354.

³³¹⁸ Idem, p.119.

A “marca”, apenas parcialmente conservada, mostra traços oblíquos e verticais, interpretáveis, entre outras hipóteses, como VV, VINou NN(...). O paralelo com a impressão de Vechten Y92 é exato, e este modelo está presente no sítio militar da atual Holanda em duas Drag.27, uma dotada de canelura na face externa do pé e a outra isenta³³¹⁹. Os paralelos dos sítios de Caerleon, Cesterholm, Echzell, Saalburg e uma sepultura em Heddernheim com uma moeda de 102 d.C., permitiram a Marinus Polak fixar-lhe uma datação de entre 70 a 110 d.C.³³²⁰

Eb. 24	La Grauf. Le Rozier	Prato	G.1	<i>Felix i</i>	FELI(...)	23b	55- 85 d.C.	
Eb. 25	La Grauf.	Drag.27	G.1	<i>Vitalis i</i>	OVIT	~Vechten V58	55 – 70 d.C.	
Eb. 26	La Grauf.	Drag.27	G.1	Ol. Desc.	(...)NN	Vechten Y92	70 – 110 d.C.	

Figura 216- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas recolhidas na área do “Edifício n.º 9” = Cloaca.

8.6.3.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

A impressão itálica relacionável com a cloaca foi recolhida na “terra castanha” da quadrícula IV-188, unidade que se sobrepõe à abóbada da construção, sem que se possa garantir ter sido aí deposta aquando da construção desta.

As outras “marcas de oleiro”, gálicas, foram recolhidas em 1999 na “terra castanha com algumas pedras e telhas” de IV-217, no seguimento da zona destruída da cloaca. Pelos dados de relatório, e apesar de não totalmente concludentes, trata-se de uma unidade anterior ao seu abandono e resultante de acumulações por hipótese destinadas à construção, onde se coletaram igualmente fragmentos de lucerna, recipientes também sud-gálicos Drag.18 e 29, juntamente com um bordo que, pela descrição tanto pode ser classificado como Drag.46 como Hisp.4, para além de nódulos de argamassa e fragmentos de material cerâmico de construção³³²¹.

No seu conjunto, os indicadores proporcionados pela escavação em IV-217 parecem apontar para uma data de instalação da cloaca dentro das dinastias flávia ou antonina inicial, informação concordante com os elementos cronológicos obtidos a partir das “marcas de oleiro”.

³³¹⁹ Idem, p.371.

³³²⁰ Idem, p.372.

³³²¹ J.B. Moreira, 1999, p.25-26.

8.6.4. “Edifício n.º 11”- Eb.27 a Eb.29.

Os conjuntos que Beleza Moreira indicou em 2002 como “Edifício n.º10” e “Edifício n.º11”³³²² deverão equivaler a uma mesma unidade localizada a norte da possível via sob a qual se desenvolvia a cloaca=”Edifício n.º9”, integrando a mesma *insula* que as termas públicas, com as quais confinava a sudeste.

As construções encontram-se muito incompletas, e a ser correta a interpretação acima produzida, o acesso deveria fazer-se a partir de um corredor situado mais a leste. Foram reconhecidos dois compartimentos, um dos quais incompleto, e parece provável que a unidade se desenvolvesse um pouco mais para norte. Porém, se assim se verificou, ela sobrepor-se-ia deste modo à cloaca das termas, situação menos normativa mas possível, para mais tratando-se da traseira do edifício público. De fato parece curto o hipotético espaço de c.14 m que medeia a fachada de “11” e um possível limite de arruamento, sobre o qual corria a estrutura de drenagem hídrica do complexo termal, mas os dados arqueológicos não suportam uma ou outra alternativa dado que nesta zona as construções se mostram extremamente afetadas por acções posteriores que obliteraram os contextos.

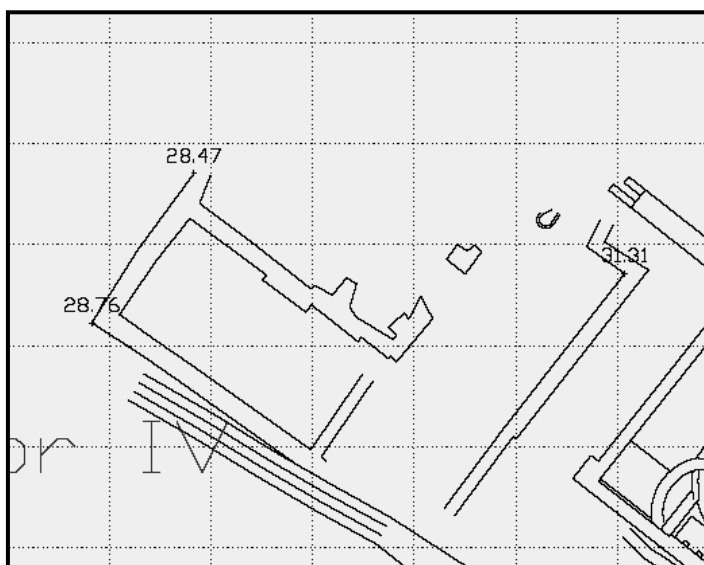


Figura 217- “Edifício n.º 11” (quadriculagem de 4x4 m, seg. J. Beleza Moreira³³²³).

8.6.4.1. Enquadramento do conjunto.

A campanha de 1999 incidiu sobre a quadricula IV-270, onde se comprovou que a cloaca das termas já não se conservava, tal como constatado antes em IV-255 e IV-256.

³³²² Idem, 2002, p.62, fig.12.

³³²³ Idem, 2006, “planta topográfica”.

Foi ainda assim identificada “uma camada de pedras, de porte variado que se prolongou até à terra virgem, sugerindo um entulhamento”³³²⁴. Nesta unidade mais antiga, para além de uma fíbula anular do tipo Fowler B1, recolheu-se escória de ferro, uma conta de colar, dois pesos de tear, cerâmica cinzenta e fragmentos de *sigillata*, entre a qual um fundo de fabrico sud-gálico conservando “marca de oleiro”.

No mesmo ano, a escavação de IV-233 permitiu identificar a esquina oeste do “Edifício n.º11”, tendo-se trabalhado somente as unidades mais superficiais, nomeadamente uma “terra castanha”, e uma outra de “terra castanha com material de construção e pedras” sobreposta à anterior³³²⁵. Confirmando a existência da uia sobre a cloaca=“Edifício n.º 9” foi detetada uma laje³³²⁶ por Moreira no canto SE de IV-233, acima da sapata do muro do edifício em análise, possível resto de pavimentação da artéria.

Nesta última unidade de escavação recolheram-se fragmentos de *sigillata* sud-gálica, mencionando-se as formas Drag.27, 15/17 e 29, e hispânica dos tipos Drag.35, 36, 15/17,46 e 37 com decoração flávia³³²⁷.

8.6.4.2. Produções atestadas

8.6.4.2.1. Produções itálicas

Eb.27 - Potus Publii Corn. (OCK 669).

Escravo que operou nas oficinas de *Publius Cornelius*, *Potus* encontra-se igualmente atestado em Lisboa³³²⁸. O mesmo punção está bem documentado na Hispânia em Conímbriga, Represas (Beja), Ampúrias e Tarragona, ocorrendo também em África, em Tipasa, e em Roma³³²⁹.

O aparecimento desta impressão reforça a imagem de centro redistribuidor da cidade do Tejo no âmbito regional, e a sua íntima ligação a *Eburobrittium*.

Eb 27	Arezzo	Taça	It.1	<i>Potus P. Cornelii</i>	P.CORN/ POTI	669.3	5 a.C. - 20 d.C.	

Figura 218- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” itálica recolhida na área do “Edifício n.º 11”.

³³²⁴ Idem, 1999, p.30,

³³²⁵ Idem, p.28.

³³²⁶ Idem.

³³²⁷ Idem.

³³²⁸ Conf. apartado respetivo, neste trabalho, Ol.91.

³³²⁹ OCK-CD.

8.6.4.2.2. Produções Gálicas

Eb.28 – *Maccarus i* (NOTS 5, 159-169).

O oleiro ruteno de grande capacidade produtiva, surge novamente na área em estudo depois de assinalada a sua presença em três pontos arqueológicos distintos da cidade de Lisboa, com outros modelos de punção³³³⁰, conhecendo-se outros recipientes em Portugal em Miróbriga (2), Monte de S.Francisco (Fronteira) e Conímbriga³³³¹.

Ativo entre cerca de 30 e 65 d.C.³³³², mostra em *Eburobrittium* uma impressão de muito pequena dimensão, letra cuidada e reduzido tamanho, da qual não se pode determinar infelizmente o paralelo dadas as insuficiências de ilustração do NOTS sobre textos como o presente.

O vaso que suporta a “marca” é do tipo Drag. 27, dotado de canelura na face externa do pé, mostrando na parede exterior do fundo o grafito OP.

Eb.29 – Oleiro desconhecido- impressão truncada.

A impressão foi aposta no fundo interno de uma tigela de muito pequena dimensão Drag.24/25, tendo sobrevivido apenas uma extremidade, bífida.

Eb. 28	La Grauf.	Drag.27	G.1	<i>Maccarus i</i>	<u>MACARV</u>	-	30 – 65 d.C.	
Eb 29	La Grauf.	Drag. 24/25	G.1	Ol. Desc.	(...)	-	30 – 80 d.C.	

Figura 219- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas recolhidas na área do “Edifício n.º 11”.

8.6.4.2.3. Produções Hispânicas

Eb.30 - Oleiro desconhecido- impressão truncada.

Vestígios de uma impressão conservam-se no fundo interno de uma tigela do tipo Drag.27, em que as características macroscópicas observáveis na pasta e revestimento denunciam um fabrico hispano setentrional.

Eb 30	La Rioja	Drag. 27	H.1	Ol. Desc.	(...)	-	70 - 120 d.C	

Figura 220- Tabela recapitulativa das “marca de oleiro” hispânica recolhida na área do “Edifício n.º 11”.

³³³⁰ Vide *supra*, Ol.197, Ol.210, Ol.320.

³³³¹ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

³³³² M. Polak, 2000, p.256; NOTS 5, p. 168.

8.6.4.3. Contributo das “marcas de oleiro “ para o conhecimento do ponto arqueológico.

O exemplar gálico Eb.28, por ter sido encontrado na entidade estratigráfica interpretável como enrocamento destinado à construção, encerra o interesse supletivo do conjunto, pois remete a formação deste, como de todas as realidades com ele relacionadas, para uma data forçosamente posterior a si, o que significa cronologias mais provavelmente dos imperadores cláudios ou posteriores.

Eb.29 e 30, coletados no exterior e junto ao “Edifício n.º11”, provêm de distintas camadas: o último citado, hispânico, foi recolhido na “terra castanha”, entidade que se sobrepõe aos abandonos das estruturas romanas; Eb.28, e conforme a indicação de recolha que lhe está associada, foi detetado “no desmonte do monte de pedras” que integrava a “camada de terra castanha com materiais de construção e pedras”, que se presume de destruição dos mesmos vestígios. A “marca” Eb.27, de *Potus Publii Cornelii seruus*, foi coletada em 1997 em níveis de destruição, também posteriores aos abandonos do espaço³³³³. Por esta razão estes três elementos não encerram qualquer contributo relevante para o esclarecimento da dinâmica do ponto arqueológico.

8.6.5. “Edifício n.º 6”- Eb.31.

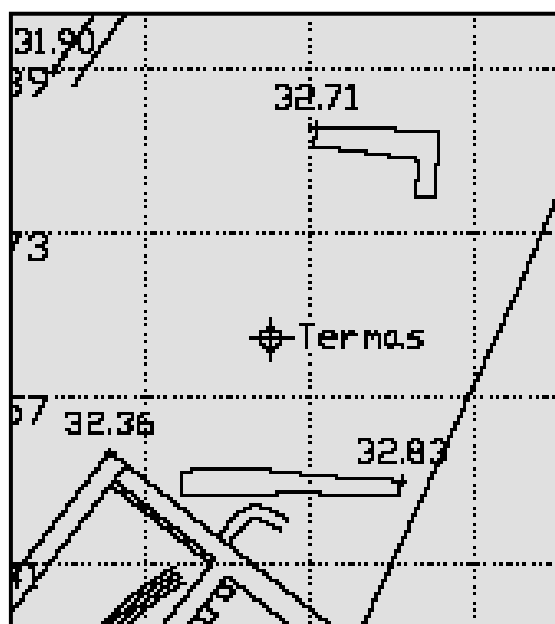


Figura 221- “Edifício n.º 6” (quadriculagem de 4x4 m, seg. J.Beza Moreira³³³⁴).

³³³³ Idem, 1997, p.23.

³³³⁴ Idem, 2006, “planta topográfica”.

A norte das termas públicas foram identificados troços de muros, cuja funcionalidade é desconhecida, possuindo orientações claramente dissonantes do complexo balnear, denunciando aquele mais a sul, em V-258 e V-259, uma relação física de anterioridade com aquele.

8.6.5.1. Enquadramento do conjunto.

Os elementos reportados em sede de relatório³³³⁵, e a manifesta exiguidade das áreas escavadas do edifício não permitem descortinar a sua funcionalidade, por hipótese privada.

De igual forma, os dados estratigráficos identificados são pouco esclarecedores porque relativos somente aos momentos posteriores ao desmantelamento da construção³³³⁶.

8.6.5.2. Produções atestadas

8.6.5.2.1. Produções gálicas

Eb.31 - *Memor* (NOTS 6, 74-78).

A impressão encontra-se muito cerceada, divisando-se apenas o M inicial e vestígios do E que se lhe segue no texto.

Uma classificação dentro das impressões produzidas pelos punções de *Memor*, importante fabricante ruteno já representado na área em estudo em Lisboa³³³⁷, afigurava-se como provável. É porém impossível efetuar a sua correspondência com um dos modelos do artesão, dada a exígua ilustração das distintas variantes constantes do NOTS³³³⁸. Por esta razão, a proposta de datação avançada levou em consideração o período total de laboração de *Memor* mas também a morfologia do vaso que ostenta a “marca de oleiro”, denunciada pelos detalhes de modelação da face interna do fundo que o remetem para o período de Nero³³³⁹.

Eb. 31	La Grauf.	Ritt.8	G.1	<i>Memor</i>	ME(...)	-	60 – 70 d.C.	

Figura 222- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica recolhidas na área do “Edifício n.º 6”.

³³³⁵ Idem, 1996.

³³³⁶ Idem, 1999, p.30-31.

³³³⁷ Vide *supra*, Ol. 54, Ol.322 a Ol.324.

³³³⁸ NOTS 6, p.74.

³³³⁹ M. Polak, 2000, p.114.

8.6.5.3. Contributo da “marca de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

Considerando que a impressão provém da “terra castanha”, unidade deposicional que se sobrepõe aos níveis de destruição e abandono das estruturas do “Edifício n.º6” e das termas que desabilitaram este, pelo menos em parte, o exemplar não proporciona qualquer contributo para o esclarecimento das questões que respeitam à dinâmica desta área da cidade.

8.6.6. A sul do “Edifício n.º12”- Eb.31 a Eb.38.

No quadrante norte da escavação foram revelados restos de construções datadas da Idade Média e Época Moderna, construídas em alvenaria rebocada, das quais o responsável pela escavação publicou o conjunto mais íntegro, o “Edifício n.º18”³³⁴⁰. Assente sobre estruturas romanas nomeadas “Edifício n.º16”, sem todavia as ter destruído³³⁴¹, sobrepõe-se de igual forma aos restos do “Edifício n.º19”. Beleza Moreira assinala igualmente que o “Edifício n.º12”, situado um pouco para leste, faria parte do conjunto Medieval-Moderno como área de serviços, dotada de poço³³⁴².

O material mais antigo associado às estruturas dos “Edifícios n.º18” e “12” datará dos séculos XIV-XV, referindo-se ceitis, entre outra numária, contando os colapsos encontrados no seu interior com a presença de cerâmica vidrada, faiança e moedas da II Dinastia Portuguesa³³⁴³.

José Beleza Moreira rastreou uma relevante referência bibliográfica que reporta a existência de restos bem conservados, incluindo um edifício dotado de portais góticos, passíveis de ser colocados em relação com a propriedade da rainha D.Leonor chamada “Quinta das Flores” onde consta que a pessoa real passava largas temporadas. Como sublinha, esse é ainda hoje o nome da propriedade onde repousam os restos da cidade romana³³⁴⁴.

Na campanha de trabalhos de 2006 foram identificados mais testemunhos construtivos, conformando pelo menos dois compartimentos pertencentes a uma mesma unidade, sobrepostos parcelarmente pelo complexo Baixo-Medieval/Moderno. Vestígios aparentemente isolados, pois não foram detetadas a sul, em IV-180³³⁴⁵, os

³³⁴⁰ J.B. Moreira, 2002, p.84-87.

³³⁴¹ Idem, p.84.

³³⁴² Idem.

³³⁴³ Idem, 2001; 2006.

³³⁴⁴ Idem, 2002, p.84 e 87.

³³⁴⁵ Idem, 2006, p.18.

dados constantes do relatório de escavação não são totalmente claros a respeito da sua cronologia, pois assinalam uma técnica de construção de “*fraca*” qualidade, composto por pedra de pequeno e médio porte intercalada por restos de olaria de construção, como o achado de faiança dos séculos XVII-XVIII junto ao cunhal de IV-194³³⁴⁶.

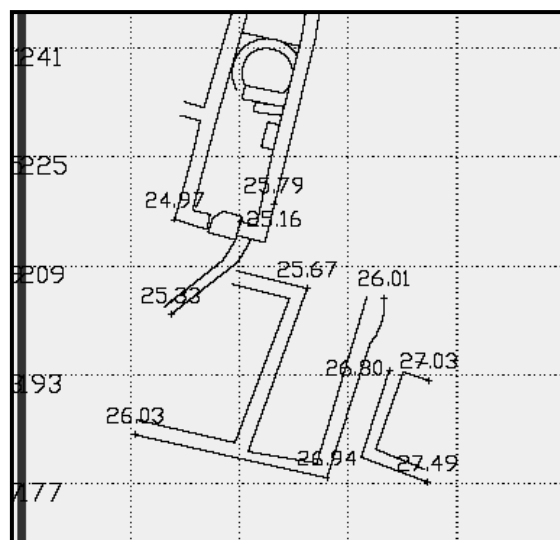


Figura 223- Construções a sul do “Edifício n.º 12”-IV-210 a IV-212 e IV-194 a IV-196 (quadriculagem de 4x4 m, seg. J.Belega Moreira³³⁴⁷).

8.6.6.1. Enquadramento do conjunto

A instalação e restante devir do complexo da Baixa Idade Média e Época Moderna à primitiva “Quinta das Flores”, provocou perturbações e remeximentos mais ou menos profundos na estratigrafia de cronologia romana, mostrando os dados de escavação uma “*associação*” de artefatos de bem diversificadas Épocas.

Abaixo destes níveis foi somente aflorada uma camada presumivelmente formada em época anterior a estas, onde o espólio romano é exclusivo.

8.6.6.2. Produções atestadas

O grupo de “*marcas de oleiro*” encontrado nesta zona é composto por cinco exemplares oriundos destas unidades, dos quais se observou diretamente apenas um não constante do relatório da campanha de 2006³³⁴⁸.

³³⁴⁶ Idem, p.19. Em IV-195 assinalou Moreira a detecção ceitis, possivelmente de D.João II ou D.Manuel e de D.João III (Idem, p.20), como em IV-196 porcelana (Idem, p.21).

³³⁴⁷ Idem, 2006, “*planta topográfica*”.

³³⁴⁸ Agradecem-se a José Belega Moreira a disponibilização dos desenhos que permitiram o estudo das espécies, como os de Sérgio Pinheiro e Dina Matias nos depósitos do Gabinete de Arqueologia da C.M.de Óbidos no sentido de os localizar.

Por uma mera questão de conveniência, e dada a proximidade geográfica, juntámos neste item dois outros exemplares analisados diretamente, Eb.35 e Eb.36, coletados sob o “*Edifício n.º12*” na “*terra castanha*” que se sobrepõe aos restos conservados dos muros romanos.

8.6.6.2.1. *Produções Itálicas*

Eb.32 – Oleiro desconhecido- impressão truncada.

Da impressão resta somente parte da cartela, que se presume um quadrilátero, deformado ligeiramente durante a sua aplicação.

A pasta e revestimento apresentam características visuais que se associam às produções etruscas, de Arezzo e Pisa, por exemplo. O fragmento do recipiente não permite a sua classificação tipológica, dada a sua diminuta dimensão conservada, mas a fina espessura da parede torna mais provável tratar-se de um prato do que prateleira.

A circunstância de a “marca de oleiro” ter sido aplicada radialmente assume uma importância e significado supletivos no quadro de *Eburobrittium*, dado este modelo de impressão ser o de maior antiguidade dentro da produção ocidental de *sigillata*, constituindo desta forma o elemento de cronologia segura mais recuada de entre o espólio romano recolhido na cidade.

Eb. 32	Etrúria ?	Prato	It.1	Ol. Desc.	(...) (marca radial)	-	40 - 15 a.C.	

Figura 224- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” itálica recolhida na área a sul do “*Edifício n.º 12*”.

8.6.6.2.2. *Produções gálicas*

Eb.33 e Eb.34 - *Patricius* i (NOTS 7, 70-85).

Como já se havia mencionado a propósito de duas impressões lisboetas do mesmo produtivo oleiro de La Graufesenque³³⁴⁹, as propostas de cronologia da sua laboração encerram algumas discrepâncias, pois para Hartley e Dickinson trabalhou entre 65 a 90 d.C.³³⁵⁰, ao passo que Polak supõe uma atividade um pouco mais tardia na globalidade, entre 75 e 100 d.C., sobretudo com base na presença de vasos seus nos contextos do “*Grand Four*” de La Graufesenque, que se supõe ter operado entre 80 e 120/130 d.C.³³⁵¹

Embora muito cerceada, a impressão Eb.33, aplicada no fundo de um prato, tem

³³⁴⁹ Vide supra, Ol.13 e Ol.335.

³³⁵⁰ NOTS 7, p. 83.

³³⁵¹ M. Polak, 2000, p. 286; M. Genin (dir.), 2007.

paralelo no NOTS em 4b, registado apenas em pratos Drag.18 e 15/17 como em taças decoradas Drag.29, que detém uma difusão por Augst, Mainz, Trier, Hüfingen, Speyer, *uicus* de Weisenau, Heerlen, *cannabae* de Nijmegen, Cirencester, Richborough, Caerleon, Chichester, Haltwhistle, Gloucester, Londres, La Graufesenque, Nuits-Saint-Georges e Les Bolards³³⁵². A presença nas *cannabae* de Nijmegen e Caerleon remetem o exemplar para o lapso de 80 a 100 d.C.

Eb.34 equivale por sua vez a 3h', punção muito exausto onde o nexa TR se desvaneceu e o que restado P é facilmente confundível com um I. Este tipo de impressão tem ampla dispersão, estando atestada em Xanten, Vechten, necrópole de Nijmegen, Tongeren, Fishbourne, Caerleon, *uicus* de Castleford, Chester, Southwark, *uilla* de Gorhambury, Londres, Wroxeter, Leicester, Ribchester, Port-sur Saône, La Graufesenque e Pompeia³³⁵³. Os paralelos datados externamente são abundantes, com destaque para fundações flávias, como Ribchester, de 79/80 d.C., a “Caixa Atkinson” de Pompeia, bem datada de Agosto de 79 d.C., o anfiteatro de Caerleon, construído após 80 d.C., fundamentos da proposta apresentada.

Eb. 35 - Oleiro desconhecido- impressão truncada.

O fragmento, de muito pequena dimensão, não permite uma adscrição a um tipo formal ou produtor, por o texto se conservar apenas na sua parte mesial com uma sequência de caracteres (...)M?(...) para a qual não se conseguiu fixar um paralelo.

Eb. 33	La Grauf.	Prato	G.1	<i>Patricius i</i>	(...)TRIC	4b	80 – 100 d.C.	
Eb. 34	La Grauf.	Drag.18	G.1	<i>Patricius i</i>	OFPAR(...)	3h'	75 - 90 d.C.	
Eb. 35	La Grauf.	Indeterm.	G.1	Ol. Desc.	(...)M?(...)	-	-	

Figura 225- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” gálicas recolhidas na área do “Edifício n.º 12” e a sul deste.

8.6.6.2.3. Produções hispânicas

Eb.36 - *Agilianus* (Bustamante, 673).

A impressão encontra-se muito cerceada, lendo-se sem dificuldade AGIL(...),

³³⁵² NOTS 7, p.73.

³³⁵³ NOTS 7, p.72.

sendo aparentemente problemática a opção da sua atribuição aos tricienses *Agileius* (B.474), também representado na região em estudo em Lisboa³³⁵⁴, ou *Agilianus* (B.673), por sua vez detetado igualmente na mesma cidade³³⁵⁵.

Contudo, e ao contrário do que consta dos repertórios de Maria Pilar e Carlos Sáenz Preciado³³⁵⁶ e de Macarena Bustamante Álvarez³³⁵⁷, que assinalam um modelo com apenas a onomástica de *Agileius*, tal não corresponde em função do que foi apresentado por Tomás Garabito Gómez, seu original editor³³⁵⁸. Porque todas as “marcas” deste fabricante possuem a fórmula EXO ou EXOF, e porque a impressão eburobriicense se inicia, sem dúvida, por uma onomástica simples, como acontece na maioria dos punções de *Agilianus*, é a este último que se deverá atribuir o exemplar.

Agilianus tem apenas um modelo de “marca” de cantos arredondados, aplicado numa tigela Drag.27³³⁵⁹, mas a pequenez do fragmento não permite assegurar tratar-se desta de morfologia de recipiente. De acordo com os dados contextuais emeritenses da Calle Almendralejo n.º41, o modelo de cartela de extremidade arredondada ocorreu na U.E.1286, de meados do séc.II d.C. num prato Drag.15/17, estando comprovada a laboração do oleiro até inícios do séc.III d.C.³³⁶⁰

Eb.37 a Eb 38- Oleiros desconhecidos- impressões truncadas.

De Eb.37 somente resta uma fórmula inicial OF, estampada no fundo interno de uma tigela pequena/média rodeada por canelura circular concêntrica.

Eb.38 ostenta traços equivalentes a letras de hastes verticais e/ou oblíquas, por esta incerteza sendo impossível a sua atribuição a uma *officina*, mostrando a reduzida dimensão da tigela tratar-se de exemplar provavelmente ainda Flávio.

Eb. 36	La Rioja	Indeterm.	H.1	<i>Agilianus</i>	AGILI(...)	-	150 – 175 d.C.	
Eb. 37	La Rioja	Drag.27	H.1	Ol. Desc.	OF(...)	-	70 – 120 d.C.	
Eb. 38	La Rioja	Tigela	H.1	Ol. Desc.	III (uel IV) (...)		70 – 100 d.C.	

Figura 226- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânicas recolhidas na área do “Edifício n.º 12” e a sul deste.

³³⁵⁴ Conf. *supra*, Ol.39.

³³⁵⁵ Idem, Ol. 190.

³³⁵⁶ M.P. e J.C. Sáenz Preciado, 1999, p.89.

³³⁵⁷ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.474.

³³⁵⁸ T. Garabito Gómez, 1978, p.322, fig.63, n.º 12.

³³⁵⁹ Idem, p.323, fig.64, n.ºs 17, 19 e 20.

³³⁶⁰ M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.673.

8.6.6.3. *Contributo da impressão para o conhecimento do ponto arqueológico.*

Tendo em vista o exposto a propósito do enquadramento do conjunto, e muito embora a importância para o conhecimento das importações do local da detecção de uma “marca de oleiro” radial em prato itálico, ou da atestação de um novo punção de um artesão de Bezares, no essencial as impressões, mesmo as da área do “Edifício n.º12”, não encerram qualquer informação relevante para o esclarecimento da dinâmica do ponto arqueológico da cidade.

8.6.7. **“Edifício n.º 19”**- Eb 39 a Eb.50.

Na área mais a oeste da escavação verifica-se uma maior densidade de vestígios estruturais, onde são patentes reconstruções e adaptações dos espaços, em função dos dados de escavação ocorridas ainda em Época Romana, como sobreposições de estruturas de cronologias necessariamente diversas.

Quando o responsável das escavações publicou a planta de síntese e nomeou os edifícios, as estruturas estavam muito parcialmente exumadas, reportando a planimetria os achados efetuados até 1999, como aliás esclarece³³⁶¹. Porventura por esta razão, faz-se referência a restos do “*Edifício n.º19*”, designação que aqui se adoptou tendo em vista a manutenção da mesma linha discursiva acerca do sítio.

A continuação da escavação, em particular as campanhas de 2001 e 2004, iriam revelar uma muito maior extensão das construções para sul, como colocar em evidência a articulação entre os espaços. Contudo, toda a leitura das ruínas de Época Romana desta área é feita condicionalmente, fundada somente nos dados planimétricos e nas restantes informações constantes dos relatórios de escavação, elementos de síntese que compreensivelmente não apresentam toda a informação, na certeza de que Beza Moreira oportunamente disponibilizará mais dados que corrijam ou confirmem as conclusões a seguir expostas.

Um muro limita a norte as construções, correspondendo à parede meeira entre este conjunto e outro situado um pouco mais para norte, o “*Edifício n.º14*”. Este último é, seguramente, uma unidade habitacional, dotada de corredor de entrada, em cujo subsolo foi escavada uma conduta de drenagem que tem origem mais a este, e encerra uma orientação distinta de “19” e “17”, concordantes entre si. Este “*jogo*” de alinhamentos

³³⁶¹ J.B. Moreira, 2002.

pode encerrar significado relevante para a leitura da dinâmica de *Eburobrittium*, na medida em que sob uma das paredes de “19”, na quadrícula III-200, foram exumados dois troços de muro com a mesma orientação de “14”, sendo necessariamente mais antigos. A coincidência da orientação destes dois muros com “14”, e a deste com as «construções a sul do “Edifício n.º12”», “7” e “6” poderá hipoteticamente indiciar um desenho urbano de cronologia mais recuada, como uma reforma profunda de alguns setores do tecido da cidade, como fizemos menção um pouco mais acima a propósito de “6” e da necessária posteridade das termas em relação a este. O “urbanismo” do “Edifício n.º19”, aliás, ultrapassa os limites da parede meeira com “14” a leste deste, no compartimento isolado e parcialmente exumado com o mesmo alinhamento, dotado de pavimento em *opus signinum*, que Moreira designou por “Edifício n.º17”, sendo de questionar se não integraria o conjunto em análise.

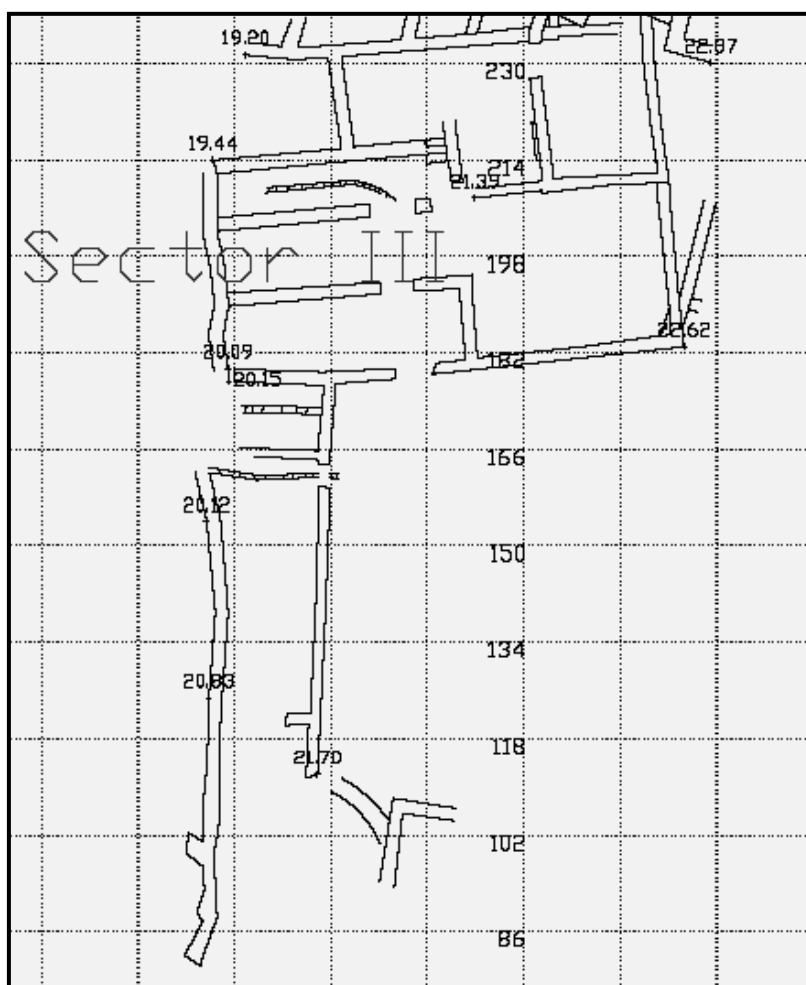


Figura 227- Área do “Edifício n.º 19” (quadrícula de 4x4 m, seg. J.Bezeza Moreira³³⁶²).

³³⁶² J.B. Moreira, 2002, 2006, “planta topográfica”.

Independentemente das questões de cronologia relativa, que traduzem uma planimetria que não é seguramente a original desta zona da cidade romana, “19” parece encerrar três áreas bem distintas: um conjunto de sete compartimentos a norte, enquadrados num mesmo bloco de tendência retangular de c. 20x12 m que entesta com “14”; um corpo retangular alongado, orientado sul-norte, com cerca de 20 m de extensão por 4 m de profundidade; uma área onde as escavações não revelaram quaisquer estruturas, a sul do “bloco” e a oeste do “corpo”.

No interior do “bloco” foi exumada uma canalização em pedra no compartimento NO, em III-216³³⁶³ e, no “corpo oeste”, uma outra de similar constituição no compartimento mais a norte³³⁶⁴, e uma terceira no compartimento que se supõe do meio, articulada com um vão, as duas últimas oriundas da área isenta de edificações. Todas as estruturas de drenagem hídrica se dirigem para oeste, seguindo o declive natural em direcção à paleolagoa de Óbidos. Em termos cronológicos pelo menos algumas não integraram as primitivas arquiteturas dos compartimentos dado terem uma aparente relação de posteridade com outros elementos, como acontece em III-180, onde a conduta é mais tardia que um pavimento em *opus signinum* “grosseiro”³³⁶⁵.

A área onde não surgiram construções parece ser fulcral para a compreensão da arquitetura do espaço: toda a circulação interna no “bloco” está orientada a sul, em direcção a esta zona, e no “corpo oeste”, os vãos dirigem-se igualmente para este recinto. Provavelmente esta área seria um *peristilum* de que não teriam restado as evidências arquitectónicas à excepção do achado de um nível de abatimento de telhas, sobretudo *imbrices*, assinalado pelo relatório de escavação em III-151³³⁶⁶, hipotéticos restos da cobertura do pórtico.

A ser correta a interpretação produzida, “19” constituiria uma “*domus*” em que o acesso seria feito a partir de um dos dois lados em falta do edifício, equivalendo o “bloco” a uma área de serviços e o “corpo” a uma área mais “*nobre*”, com maior probabilidade incluindo a latrina, situada no pequeno compartimento dotado de conduta, e, e dois compartimentos maiores, talvez o *tablinum* e/ou o *triclinium*.

³³⁶³ Idem, 2004, p.18.

³³⁶⁴ Idem, 2001, p.9.

³³⁶⁵ Idem.

³³⁶⁶ Idem, p.5 e foto-6.

8.6.7.1. Enquadramento do conjunto

A estratigrafia revelada no “*Edifício n.º19*” apresenta uma “camada” patente em toda a área, a “*terra castanha com materiais de construção*”. Esta unidade associa inclusões de cerâmicas comuns e finas a olaria de construção e parece equivaler ao depósito formado por cima dos níveis de abandono dos espaços de Época Romana.

Aparte aquela unidade, na quadrícula III-183, defronte do acesso ao “bloco”, foi revelada uma “*terra queimada com muito espólio*”³³⁶⁷, onde Moreira assinala a presença de *sigillata* abundante, sobretudo sud-gálica, para além de lucernas e outras cerâmicas alto-imperiais. Apesar da preponderância dos materiais com esta cronologia, o achado de *terra sigillata* africana clara D³³⁶⁸ remete a sua formação para o séc.IV d.C., pelo menos. Esta camada prolongava-se pela área isenta de construções pelas quadrículas confinantes, até ao canto SE de III-166³³⁶⁹.

O tipo de evidências enunciado acima deverá relacionar-se com o abandono do local, verificado ainda durante a Época Romana, evocando a técnica de construção de alguns dos muros, que incorpora restos de olaria de construção e pedra³³⁷⁰, momentos mais tardios da vida da cidade.

8.6.7.2. Produções atestadas

Apesar das observações produzidas no item anterior, deverá assinalar-se a presença significativa ou até maioritária de material alto-imperial na estratigrafia do “*Edifício n.º19*”, tanto quanto se pode deduzir dos dados expostos nos relatórios³³⁷¹, que inclui em menor número produções de *sigillata* itálica, e maioritariamente sud-gálica (formas Drag.15/17, 18, 24/25, 27, 35/36 e 29) e hispânica (Drag.15/17, 27, 29, 37, 29/37 e Hisp.4), informação concordante com numária identificada, de Antonino Pio e Cláudio I³³⁷².

8.6.7.2.1. Produções Gálicas

Eb. 39- *Frontinus* (NOTS 4, 101-103).

O oleiro ruteno de grande capacidade produtiva, *Frontinus* desenvolveu a sua atividade no período dos Imperadores Flávios, sendo oleiro decorador atestado por

³³⁶⁷ Idem, p.11.

³³⁶⁸ Idem.

³³⁶⁹ Idem, p.7.

³³⁷⁰ Idem, p.9.

³³⁷¹ Idem, 2001 e 2004.

³³⁷² Idem, 2001, p.8 e 2004, p.19, respetivamente.

molde por si assinado destinado à elaboração da taça Drag.30, estando igualmente comprovado importante volume de taças Drag.29 e Drag.37 marcadas por si, tendo a particularidade de ser o autor das ornamentações das taças que fabricou³³⁷³.

Frontinus está presente em *Ebburobrittium* através de um prato de morfologia indeterminável que ostenta o punção 1c do NOTS, comprovadamente utilizado para marcar formas decoradas, Drag.30 e 37, como lisas, casos dos pratos Drag.15/17, Drag.15/17R e 18. Trata-se de um modelo de impressão de ampla difusão geográfica na Germânia³³⁷⁴ e Britânia³³⁷⁵, aparecendo em menor escala nas Gálias, com quatro atestações meridionais e somente uma em espaço setentrional³³⁷⁶, e *Volubilis*, na Mauritânia³³⁷⁷. Na Lusitânia, produtos seus marcados com outros punções haviam sido já identificados em Conimbriga, Alcácer do Sal e Portalegre, conservando-se um outro no Museu de Tavares Proença (Castelo Branco), coletado pelo investigador que dá o nome ao museu em S.Sebastião do Freixo (Batalha)³³⁷⁸, sítio tido como *ubi* da antiga *Collipo*.

Os exemplares surgidos em Richborough, em contexto flávio, no forte de Chester, estabelecimento militar instalado em de 74-78 d.C., e no ambiente de fundação do anfiteatro de Caerleon, datado de cerca de 80 d.C.³³⁷⁹, deduzem-lhe uma cronologia de entre 70 a 90 d.C.

Eb.40 – Memor (NOTS 6, 74-78).

Relevante produtor ruteno, *Memor* surge neste ponto arqueológico da cidade com uma impressão mal conservada.

Do texto de Eb.40, muito cerceado, conservam-se apenas os dois primeiros caracteres, não tendo possibilitado a sua adscrição a um tipo específico de punção. O vaso, por seu turno, revela tratar-se de uma pequena tigela do tipo Drag.24/25, muito provavelmente neroniana ou da primeira metade do principado de Vespasiano.

³³⁷³ NOTS 4, p.111.

³³⁷⁴ Nos fortes de Heddernheim, Valkenburg, Vechten, em Nijmegen, Het Marktveld, Riegel, Bona, Umer-Ashtolz, Trier, Vindonissa, *uicus* de Asberg, Baden-Baden, Hambleden, Unterkirchburg, Landenberg, Schleithem, Augst, Neuss, Mainz, Estrasburgo e Rottweil- Conf. Idem, p.102-103.

³³⁷⁵ Nos fortes de Chesterfield, Newstead e Chester, em Leicester, Londres, Corbridge, York, Brentford, Tiddington, Rochester, Caerleon, Richborough, Wilderspool, *uicus* de Bowes e Byn-y-Yeilon- Conf. Idem.

³³⁷⁶ Fos-Sur-Mer, *Glanum*, Lizieux e Bezançon- Conf. Idem.

³³⁷⁷ Conf. Idem.

³³⁷⁸ Conf. J. Ruivo, 1999, p.128, fig.4.

³³⁷⁹ M. Polak, 2000, p.408.

Memor estava já documentado na área em estudo em Lisboa através dos exemplares coletados nos pontos arqueológicos do Palácio dos Condes de Penafiel³³⁸⁰ e Praça da Figueira (3x)³³⁸¹.

Eb.41 - *Siluius* (Polak 338).

O artesão rutenos de grande longevidade, pois operou entre o início do principado de Nero e os finais do de Vespasiano³³⁸², estava já documentado em território hoje português na Citânia de Briteiros, Conimbriga (2x) e Torre de Palma (Monforte)³³⁸³ e Praça da Figueira (Lisboa)³³⁸⁴ através de outros punções.

No caso em pareço, o texto termina com a fórmula FE(*cit*), para o qual não se conseguiu encontrar paralelo, potencialmente indicadora das primeiras etapas de laboração na medida em que frequentemente emprega a fórmula OF(*ficina*), como acontece nas restantes portuguesas mencionadas. A modelação do vaso, que ostenta canelura na face exterior do pé da tigela Drag.27, não concorre contudo para melhor fixar a datação, desta forma correspondente ao lapso de atividade conhecida para *Siluius*.

Eb. 39	La Grauf.	Prato	G. 1	<i>Frontinus</i>	(...)ONTNI	1c	70-90 d.C.	
Eb. 40	La Grauf.	Drag. 24/25	G. 1	<i>Memor</i>	ME(...)	-	60-75 d.C.	
Eb. 41	La Grauf.	Drag. 27	G. 1	<i>Siluius</i>	(...)ILVIFE	-	55-75 d.C.	

Figura 228- Tabela recapitulativa da “marcas de oleiro” gálicas recolhidas na área do “Edifício n.º 19”.

8.6.7.2.2. Produções Hispânicas

Eb.42 - *Accunes* (Bustamante, 483).

Artesão triciense, tem limitada produção conhecida por dois punções apenas: um modelo assinalado em Trício e León³³⁸⁵, e um outro presente em Mérida³³⁸⁶. Em ambos os casos os caracteres foram gravados finamente, utilizando nexos VNE ou VNES e a

³³⁸⁰ Vide apartado próprio, *supra*, Ol.54.

³³⁸¹ Idem, Ol.322 a Ol.324.

³³⁸² M. Polak, 2000, p.338.

³³⁸³ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

³³⁸⁴ Vide apartado respetivo, exemplar Ol.358.

³³⁸⁵ M.P. e J.C. Sáenz Preciado, 1999, p.88.

³³⁸⁶ F. Mayet, 1984, p.120, n.º46.

fórmula final OFI. O exemplar de *Eburobrittium* mostra um nexu VN(N *retro*) e parte da fórmula final OF, já truncada. Trata-se, por isso, de registo de novo punção do oleiro.

Eb.43 - Attius Paternus (Bustamante 488-491).

O exemplar é idêntico a dois outros, aplicados no fundo interno de pratos da forma Drag.15/17 de Lisboa³³⁸⁷.

O produtor indicado esteve em atividade entre cerca de 80 e 100 d.C., cronologias aferidas por Macarena Bustamante Álvarez a partir dos dados contextuais emeritenses da Calle Almendralejo n.º41 onde está muito bem representado através de duas dezenas de impressões nas U.E.s 1535, formada entre 80 e 90 d.C., e 925, de 90 a 100 d.C.³³⁸⁸. Recorde-se, como se fez a propósito dos exemplares olisiponenses, do reforço destes elementos cronológicos fornecido pelos achados em contextos funerários flávios da Herdade do Reguengo (Vaiamonte)³³⁸⁹.

Eb.44 - Frontonius Paternus (Bustamante, 529).

A “marca de oleiro” é perfeitamente nítida, inscrita em cartela retangular de ângulos arredondados, com caracteres muito bem desenhados, finos e de pequeno tamanho, aplicada no fundo de uma tigela Drag.27 de perfil completo, restituído a partir de vários fragmentos.

A impressão pertence ao artesão *Frontonius Paternus*, sediado em Los Morteros, Bezares, que tem apenas dois punções repertoriados: um incompleto, onde se lê somente FRONT(...), encontrado em Belo e Tarragona³³⁹⁰, e um outro, oriundo do centro produtor, com o texto O.FRONT.PAT., estampado no fundo de uma tigela Drag.27³³⁹¹. A “marca de oleiro” da cidade romana do Oeste é, portanto, um novo registo de modelo de impressão do oleiro do Vale do Najerilla, com uma grafia em tudo idêntica à que mostra a “marca” do citado vaso de Bezares³³⁹².

Eb.45 - Maternus Blandus (Bustamante, 570-573).

Maternus Blandus é um importante produtor triciense, que surge representado na cidade do Oeste por uma impressão estampada no fundo de um prato Drag.36. O

³³⁸⁷ Vide *supra*, Ol.401 e Ol.402.

³³⁸⁸ M.Bustamante Álvarez, 2010a, p.675.

³³⁸⁹ A.I.M. Caldeira, 2004, p.109.

³³⁹⁰ M.P. e J.C. Sáenz Preciado, 1999, p.102.

³³⁹¹ T. Garabito Gómez, 1978, p.141, fig.19, n.º5.

³³⁹² Idem.

modelo patente na capital eburobriense está assinalado em Trício, Fuengirola, Itálica e, em Marrocos, Sala³³⁹³.

Maternus Blandus tem ampla difusão dos seus vasos, com uma notável presença norte-africana, estando assinalado em Banasa, *Volubilis*, Cotta e Sala, sendo em *Lixus*, e de forma destacada, o produtor riojano mais representado³³⁹⁴. Para além destes lugares extra-penisulares, está também presente na Hispânia em Pontecesures/Iria, Lugo, León, S.^a Maria del Juncal, Suel, Segóbriga, Fuengirola, Puebla de D.Fradique, *Baelo Claudia*, Represas (Beja), Alcácer do Sal e Conímbriga³³⁹⁵.

Como apontamento refira-se que o fundo ostenta na parede exterior um grafito com um A “*arcaico*” de grande dimensão.

Eb.46 e Eb.47- *L.Nas*() *De* (Bustamante, 583-584).

Em Mérida, nos contextos estudados por Macarena Bustamante Alvarez, as impressões do triciense *L.Nas* () *De*() surgem nas U.E.s 1535, datada de 80-90 d.C., 925, de 80-100 d.C. e 1433, de princípios do séc.II d.C.³³⁹⁶, que fixam a atividade do oleiro entre 85 e 100 d.C. para a investigadora espanhola³³⁹⁷.

No caso eburobriense, a impressão Eb.46 tem paralelo exato no n.º265 do repertório emeritense, coletado na U.E. 1535, pelo que encerrará uma data similar. A impressão tem paralelo somente em Córdoba³³⁹⁸.

Eb.47, por seu turno, apesar de mais incompleta encontra talvez paralelo no n.º267 da Calle Almendralejo n.º41, da U.E.925, sendo essa a sua cronologia provável.

A forma do arranque da copa em ambos os pratos, arqueada, sugere a forma Drag.36, que se alvitra aqui dubitativamente.

A distribuição global dos vasos desta forma assinados parece sugestiva, pois está patente sobretudo em âmbitos mais meridionais, para além dos casos já citados de Córdoba e Mérida, em Represas (Beja) (3x), Itálica (2x), Conímbriga (2x), Braga, Turóbriga e, em âmbito norte-africano, em Sala.

³³⁹³ M.P. e J.C.Sáenz Preciado, 1999, p.111.

³³⁹⁴ M. Bustamante Álvarez, 2007; 2010, p.120.

³³⁹⁵ Idem, p.570-573; M.P. e J.C. Sáenz Preciado, 1999, p.111-112.

³³⁹⁶ M. Bustamante Alvarez, 2010a, p.689.

³³⁹⁷ Idem, p.759, fig. 331.

³³⁹⁸ Idem, p.583.

Eb.48 - *Segius Tritiensis* (Bustamante, 625-626).

Com oficina em Arenzana de Arriba e Trício, o produtor indicado em epígrafe está presente através de uma impressão completa onde se lê OF.SEGI.TRI, com um único paralelo exato numa “marca” oriunda das escavações antigas de Conímbriga, aplicada no fundo de um prato Drag.36³³⁹⁹, como parece ser o caso em apreciação.

Nos contextos da Calle Almendralejo n.º41, em Mérida, duas impressões com outros modelos de *Segius Tritiensis* surgiram na U.E.925, datada de 80-100 d.C.³⁴⁰⁰, nenhuma coincidente com a da cidade romana do Oeste.

O artesão, que pode estar representado em Lisboa³⁴⁰¹, surge na Lusitânia na necrópole de Serrones, Mérida, Conímbriga, Museu de Vila Viçosa e, fora da província, em Tarragona, Itálica (x), Arcóbriga e Ercávica³⁴⁰², devendo acrescentar-se as menções por Beltrán Lloris a ocorrências em *Bilbilis*, Pamplona, Palência, *Juliobriga* e Barcelona³⁴⁰³.

Eb.49 e Eb.50 - Oleiros desconhecidos- impressões truncadas.

As características macroscópicas que se podem observar em ambos os exemplares autorizam uma atribuição ao complexo riojano.

Da impressão Eb.49 resta só a extremidade direita, onde se lê um R, estampada no fundo de uma tigela de tipologia indeterminada.

No pequeno fragmento que contém Eb.50, apenas se vislumbram vestígios de letras inscritas numa cartela de extremidade arredondada.

Eb. 42	La Rioja	Indeterm.	H. 1	<i>Accunes</i>	(...)CCVNES. OF(...) (N <i>retro</i>)	nova	70 – 120 d.C.	
Eb. 43	La Rioja	Prato	H. 1	<i>Attius Paternus</i>	ATTI.PATERNUS	B.60	80 – 100 d.C.	
Eb. 44	La Rioja	Drag.27	H. 1	<i>Frontonius Paternus</i>	O.FR.PA	nova	70- 100 d.C.	
Eb. 45	La Rioja	Drag. 36	H. 1	<i>Maternus Blandus</i>	O(...)MAT.BLAN	M.358	70 – 100 d.C.	
Eb. 46	La Rioja	Drag.36?	H. 1	<i>L.Nas()De()</i>	L.NAS.DII	B.265	80 – 90 d.C.	
Eb. 47	La Rioja	Drag.36?	H. 1	<i>L.Nas()De()</i>	L.N(...)	B.267	80 – 100 d.C.	
Eb. 48	La Rioja	Drag.36?	H. 1	<i>Segius Tritiensis</i>	OF.SEGI.TRI	~ M.568	80 – 100 d.C.	

³³⁹⁹ F. Mayet, 1973, p.48-49, n.º60.

³⁴⁰⁰ M. Bustamante Alvarez, 2010, p.693.

³⁴⁰¹ Vide *supra*, Ol.409.

³⁴⁰² M.P. e J.C. Sáenz Preciado, 1999, p.123.

³⁴⁰³ M. Beltrán Lloris, 1990, p.115.

Eb. 49	La Rioja	Tigela	H. 1	Ol. Desc.	(...)R	-	-	
Eb. 50	La Rioja	Indeterm.	H. 2	Ol. Desc.	(...)I	-	-	

Figura 229- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânicas recolhidas na área do “Edifício n.º 19”.

8.6.7.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

Tanto quanto foi possível perceber dos dados disponibilizados relativos ao “Edifício n.º 19”, as unidades deposicionais escavadas encerram cronologias posteriores à data de circulação das cerâmicas que interessam no âmbito do presente trabalho.

A despeito da fraca qualidade informativa que a estratigrafia proporciona, e um pouco à imagem do panorama do fórum, a preponderância dos fabricos hispânicos setentrionais expressa através de “marcas de oleiro” é aqui evidente, numa cidade que assinala no geral bons níveis de importação de vasos elaborados no Sul da Gália. A distribuição espacial dos achados, aliás, não revela grandes disparidades, antes fornecendo uma imagem homogênea: dos compartimentos do “bloco” provêm quatro exemplares, do *peristilum* (?) um número igual de impressões, uma do compartimento norte do “corpo” oeste e duas recolhidas a ocidente deste, nas quadrículas confinantes.

Se se atentar no conjunto das datações das “marcas de oleiro”, e com as únicas exceções dos gálicos Eb.40 e Eb.41, nero-vespasiânicos, todas aquelas para as quais se obtiveram datações caem dentro da dinastia dos Flávios, com um período ótimo já sob Domiciano. Este dado é bastante compatível com o perfil conhecido para as exportações do grupo de La Rioja, que denotam um maior vigor neste período³⁴⁰⁴, e poderá ter significado para a história do conjunto em análise. Porém, este tipo de inferência não passa, no momento, de uma sugestão de base frágil, à qual só os futuros achados em estratigrafia coeva poderão vir a dar a requerida solidez.

8.6.8. “Edifício n.º 3”- Eb.51 a Eb.53.

Localizado no quadrante da cidade a sudoeste do fórum, as estruturas do edifício foram já previamente publicadas por José Beleza Moreira³⁴⁰⁵. Embora o investigador não arrisque uma leitura categórica da sua funcionalidade, dada a patente insuficiência de dados, parece tratar-se de um conjunto de carácter residencial que integrava uma das

³⁴⁰⁴ M. Bustamante Álvarez, 2010.

³⁴⁰⁵ J.B. Moreira, 2002, p.74-80.

insulae, reputado neste sentido por Vasco Mantas como “*habitação, relativamente modesta*”³⁴⁰⁶.

Compõem o “*Edifício n.º 3*” cinco compartimentos já identificados perfazendo uma área necessariamente superior a 400 m², bem como vestígios de diversas canalizações de drenagem, cuja relevância para a leitura da construção deverá ser destacada.

Da planta reconhecida destaca-se o “*compartimento a)*”, que pelas suas dimensões de >12 m x 6,90 m poderá equivaler ao remanescente de um pátio ou peristilo, a despeito da inexistência de evidências de decoração arquitectónica correspondentes. Um “*cunhal*” a SO, elemento pétreo no tramo menor do muro que delimita este espaço, indicará com probabilidade a existência de vão que estabelecia a comunicação com o “*compartimento f)*”, que lhe é contíguo para SE³⁴⁰⁷. Em “*a)*”, na quadrícula II-149 apareceram, no quadrante SE, “*imbrices, deixando pressupor um abatimento*”³⁴⁰⁸, ocorrência que se repete em II-165, no canto SE, onde se assinalou igualmente “*uma área, de relativas dimensões, de telhas, sugerindo o abatimento de um telhado*”³⁴⁰⁹, o que se repete em II-166 onde, “*perto da parede Norte surgiu um núcleo de telhas que parece indicar o abatimento de um telhado*”³⁴¹⁰. A circunscrição deste tipo de evidência arqueológica a esta zona, tanto quanto se deduz dos dados transmitidos, poderá traduzir a existência de telheiro, por hipótese integrante de pórtico.

Não existindo elementos disponíveis que esclareçam da relação espacial entre “*a)*” e o exíguo “*compartimento d)*”, nomeadamente de vão de comunicação entre ambos, parece plausível ainda assim que este constituísse uma área de circulação interior. Dos pavimentos que aí terão existido nada sobreviveu arqueologicamente, tendo os trabalhos reconhecido apenas uma conduta e um adutor em laterício, ambos cobertos sobretudo por lajes pétreas que estariam ocultas sob os pisos.

A norte de “*d)*”, uma área trapezoidal de 4,00m x 3,20/2,73 m define o “*compartimento b)*”, sob o qual se desenvolverá a conduta identificada em “*d)*”, eventual zona de “*cozinha e/ou latrina*”, de acordo com Beleza Moreira³⁴¹¹. Porventura a segunda hipótese se afigure mais consentânea com o espaço definido pela planta do conjunto.

³⁴⁰⁶ V.G. Mantas, 2003, p.253.

³⁴⁰⁷ J.B. Moreira, 2002, p.74.

³⁴⁰⁸ Idem, p.80.

³⁴⁰⁹ Idem, p.81.

³⁴¹⁰ Idem.

³⁴¹¹ Idem, p.76.

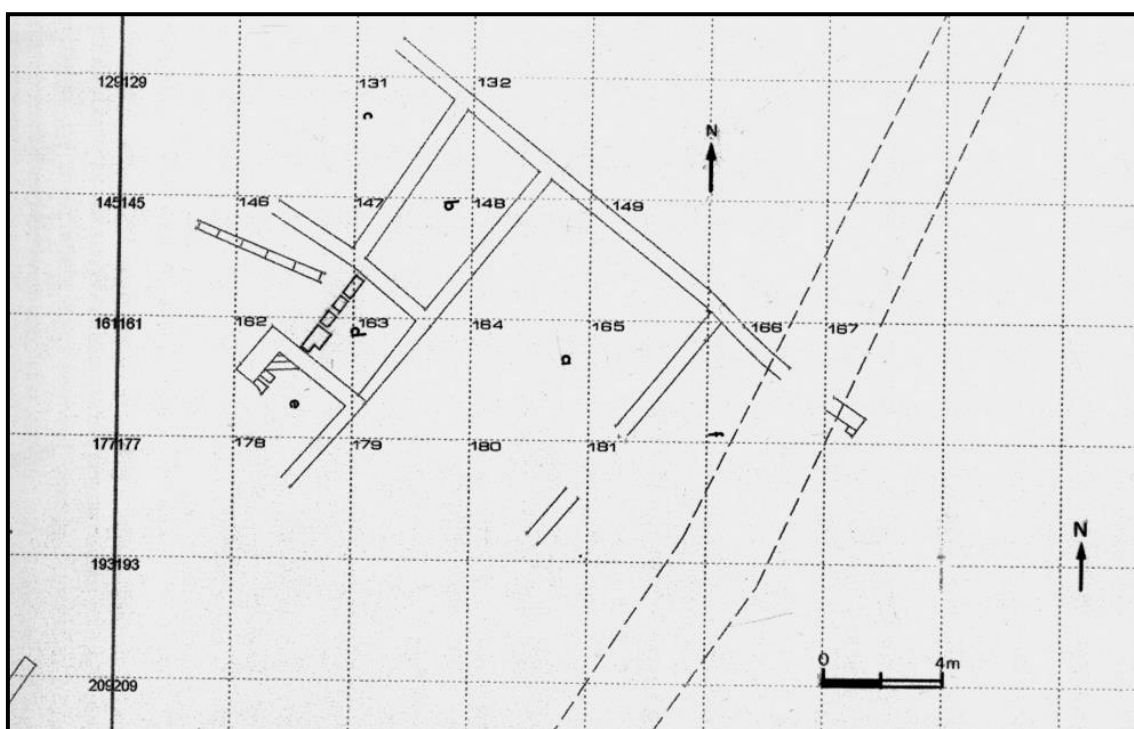


Figura 230- “Edifício n.º3” (segundo J.Beleza Moreira³⁴¹²).

Do lado oposto de “b)”, zona de circulação, encontra-se “e)”. Composto por muros de construção menos cuidada, nos quais foi integrado um silhar almofadado, em que a protuberância já havia sido mutilada, como um fragmento de *sigillata* hispânica, equivalerá a uma remodelação ocorrida já em época mais tardia, supondo-se que a canalização citada acima se desenvolve também sob o seu pavimento³⁴¹³.

Moreira salienta a presença, no “*compartimento f*”, zona menos bem conservada e escavada, de um vestígios interpretáveis como restos do colapso da cobertura de telha, no vértice NO³⁴¹⁴, referência que esclarece que este espaço seria seguramente coberto.

Com base “aparelhos construtivos, bem como ao espólio exumado ” *julgamos estar perante um edifício construído no séc.I, o qual sofreu remodelações, provavelmente nos finais do séc.III, inícios do IV*”³⁴¹⁵. Este entendimento parece, contudo, baseado em elementos frágeis, carecendo de aprofundamento, nomeadamente ao nível do estabelecimento mais preciso da cronologia de instalação das estruturas.

³⁴¹² Idem, p.75, fig.40.

³⁴¹³ Idem.

³⁴¹⁴ Idem.

³⁴¹⁵ Idem, p.77.

O conjunto das construções hidráulicas e sua orientação admite a existência de múltiplas soluções arquitectónicas para a área não intervencionada em cuja direcção as ruínas se prolongam: ou de um peristilo de maiores dimensões para NO do “*compartimento d*”, a que poderiam estar associados os respetivos *cubacula*, ou, em alternativa, a existência nesta mesma área de outro tipo de construções que requereram a instalação das drenagens hídricas, como umas termas de carácter privado.

De um ponto de vista urbanístico, e se a assunção de se tratar de originalmente uma única unidade habitacional se verificar, afigura-se como plausível que o acesso se efetuasse a partir do limite SE do conjunto, que constituiria deste modo a fachada para uma *uia*, leitura compatível com a classificação dos restos como equivalentes ao remanescente de uma “*domus*”.

8.6.8.1 Enquadramento do conjunto.

O espaço terá sido alvo de intensa ocupação ao longo de um espaço de tempo prolongado, parecendo ter as acções correspondentes obliterado eventuais contextos anteriores, de que a constatação da ausência de pavimentos datados dos séculos I e II d.C. ou o registo de áreas de fogo sobre o solo original, como o registado na quadrícula II-165³⁴¹⁶, constituirão evidência arqueológica de suporte da inferência. Acresce a esta circunstância a opção pelo responsável dos trabalhos de não ter procedido à escavação integral de muitas das áreas, pelo que se verifica a ausência no “*Edifício n.º3*” de contextos contemporâneos dos momentos de comercialização dos vasos em *terra sigillata* alto-imperial.

8.6.8.2. Produções atestadas

A despeito das aparentes cronologias da estratigrafia escavada, os fabricos alto-imperiais de *terra sigillata* estão bem representados, tendo Moreira citado ocorrências, nomeadamente de elaborações itálicas e gálicas, onde se contam vasos decorados hispânicos flávios³⁴¹⁷, tigelas rutenas Drag.24/25 e hispânica Drag.27³⁴¹⁸.

8.6.8.2.1. Produções Gálicas

Eb.51 - *Firmus i* (NOTS 4, 58).

Oleiro que terá iniciado a sua laboração ainda em época de Tibério³⁴¹⁹, terá

³⁴¹⁶ Idem p.81.

³⁴¹⁷ Idem, fig.47,

³⁴¹⁸ Idem, p.78-79.

³⁴¹⁹ B. Hartley e B. Dickinson, 1993, p.210.

cessado a sua atividade, desenvolvida em La Graufesenque, cerca de 60-65 d.C.³⁴²⁰.

O prato do tipo Drag.15/17 apresenta uma modelação provavelmente situável no principado de Cláudio³⁴²¹, ostentando a impressão do tipo 4a do NOTS, atestada em Berna, Augst e, dubitativamente, Vechten³⁴²². O artesão estava já atestado na Lusitânia em Braga, Conimbriga e Represas (Beja)³⁴²³, como na região em estudo, em Lisboa³⁴²⁴

Eb.52 - Vitor (Polak, 348).

Embora atribuído por Moreira a outro oleiro sud-gálico³⁴²⁵, a nitidez da impressão permite corrigir a classificação e atribuí-la a *Vitor*. Segundo Marinus Polak, *Vitor* “is an almost unkown potter of La Grufesenque”³⁴²⁶, em Vechten como em *Eburobrittium* atestado por um único punção de letra de traço delicado, V21, estampado no fundo de uma tigela Drag.27 dotada de canelura na face externa do pé.

As caraterísticas formais do vaso do sítio militar holandês remetem a atividade do oleiro para uma data posterior aos inícios do principado de Cláudio, com probabilidade já no de Nero³⁴²⁷, atingindo os seus produtos de outra forma marcados a Gália, em Soumaltre, e a Germânia, em Trier³⁴²⁸. O contexto fechado da fossa 9003 de Soumaltre corrobora, de acordo com M.Genin, a proposta cronológica de Polak³⁴²⁹ aqui seguida.

Eb. 51	La Grauf.	Drag. 15/17	G.1	<i>Firmus i</i>	OF FIRM	4a	30 - 65 d.C.	
Eb. 52	La Grauf.	Drag.27	G.1	<i>Vitor</i>	VICTI(...)	Vechten V21	50 - 70 d.C.	

Figura 231- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” sud-gálicas recolhidas na área do “Edifício n.º3”.

8.6.8.2.2. Produções Hhispânicas

Eb.53 - Oleiro desconhecido- impressão truncada.

O exemplar apresenta uma impressão muito mutilada longitudinalmente, divisando-se apenas vestígios de carateres, nomeadamente um possível O inicial e eventual M final. Enquadrada por canelura circular fina, a largura da impressão é muito

³⁴²⁰ Idem e M. Polak, 2000, p.227.

³⁴²¹ Surge em contextos desta época da Calle Almendralejo n.º41 em Mérida- Conf. M. Bustamante Álvarez, 2009, p.152, fig.3, n.ºs 3 e 5.

³⁴²² NOTS 4, p.58.

³⁴²³ Conf. R.B. Silva, 2005, Anexo B.

³⁴²⁴ Vide *supra*, Ol.305.

³⁴²⁵ Idem, p.79.

³⁴²⁶ M. Polak, 2000, p.348.

³⁴²⁷ Idem.

³⁴²⁸ M. Genin (dir.), 2007, p. 255.

³⁴²⁹ Idem.

reduzida, de apenas 1,1 cm, o que pressupõe um texto curto e uma proximidade ainda aos modelos sud-gálicos, elementos demasiado escassos para determinar a *officina*.

As características macroscópicas da pasta e revestimento asseguram uma origem no complexo oleiro riojano, e estas, em conjugação com os detalhes da modelação do vaso indicam como mais provável uma data ainda flávia.

Eb. 53	La Rioja	Drag.27		Ol. Desc.	O(...)M(?)	-	70 – 100 d.C.	

Figura 232- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” hispânica recolhida na área do “Edifício n.º3”.

8.6.8.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

A impressão Eb.51, de *Firmus i*, foi coletada na “terra castanha” da quadrícula II-150³⁴³⁰, pelo que necessariamente integrava formações contemporâneas ou posteriores ao último terço do séc.III d.C., de acordo com o achado de um *antoninano* de comemoração de Cláudio II divinizado, aparecido sobre as lajes da conduta³⁴³¹. O outro exemplar ruteno, de *Vitor*, embora surgido na “camada castanha com alguns fragmentos de materiais de construção” de II-165, encontra-se em situação análoga, dada a identificação na unidade estratigráfica de dois outros *antoninianii*, no caso imitações, do mesmo Imperador divinizado³⁴³².

O exemplar hispânico Eb.53 foi coletado à superfície na quadrícula II-195, admissivelmente seria abarcada pelas construções do “Edifício n.º3”, mas a condição de recolha não garante qualquer ligação com contextos originais da habitação.

8.6.9. “Edifício n.º13”- Eb.54 a Eb.58.

O edifício em apreciação foi encontrado muito incompleto, identificando-se um único compartimento de que se reconheceu a totalidade dos muros de limite, aliás denotando mais que um momento construtivo, como acontece com os outros dois apenas parcialmente identificados no decurso das campanhas de trabalhos de 1997 a 1999.

O compartimento mais completo apresentava evidências da existência de telhado, maioritariamente *imbrices*, documentados por colapsos exumados nas quadrículas I-

³⁴³⁰ J.B. Moreira, 2002, p.78 e fig.46.

³⁴³¹ Na quadrícula II-162 – conf. Idem, p.79.

³⁴³² Idem.

227, I-243 e I-244³⁴³³. Igualmente a recolha em I-244 de fragmentos de estuque pintado³⁴³⁴ poderá indiciar uma decoração arquitectónica de maior qualidade, reforçando as dimensões do espaço o seu carácter diferenciado.

No que toca ao espaço arquitectónico a NE do anterior, os vestígios apresentavam-se aí muito incompletos. Contudo, a detecção na quadrícula I-178 de “*algumas pedras alinhadas, que sugerem ser sapata de parede*”³⁴³⁵ permite defender tratar-se de um pequeno compartimento de tendência quadrada pertencente à mesma unidade habitacional, limitado também pelo tramo de muro exumado em I-209 e I-193. Talvez o aludido alicerce servisse de suporte ao muro de limite entre esta habitação e o “Edifício n.º 3”. Ou, em alternativa, entre esta unidade e um eixo viário menor, dado os cerca de 7m de vazio de informação tornarem admissível esta hipótese. A escavação das quadrículas desta zona, como em I-177, por exemplo, mostrou apenas alguns elementos pétreos desconexos inclusos em depósitos de formação mais recente sobrepostos ao substrato geológico local³⁴³⁶, o que não permite resolver satisfatoriamente a questão em favor de uma ou outra proposta, no momento meras conjecturas.

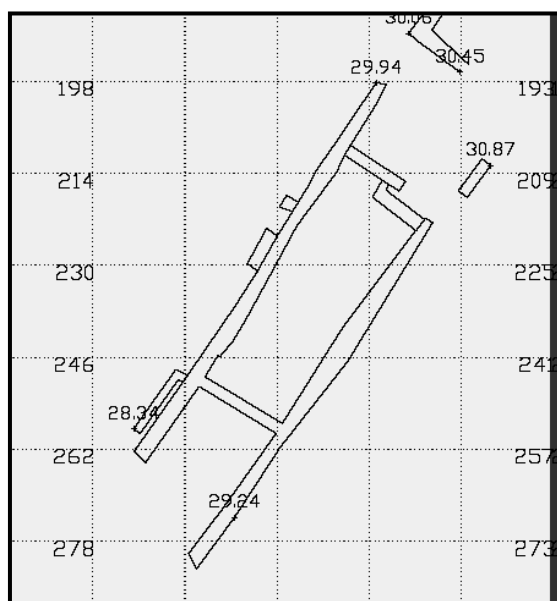


Figura 233- “Edifício n.º13” (quadriculagem de 4x4 m, segundo J.Belega Moreira³⁴³⁷).

8.6.9.1. Enquadramento do conjunto

³⁴³³ Idem, 1997, p. 8 e foto 2.

³⁴³⁴ Idem, p.8 e foto 36.

³⁴³⁵ Idem, 1999, p.7 e foto 1.

³⁴³⁶ Idem.

³⁴³⁷ Idem, 2006, “planta topográfica”.

Como acontece com a maioria das unidades estratigráficas escavadas na cidade, os depósitos equivalem aos momentos mais avançados da vida dos espaços ou mesmo após o seu abandono. Tal o caso novamente presente no “Edifício n.º 13”, onde associados a estes níveis surgiram materiais de muito diversas cronologias, como acontece em I-224, onde surgiram numismas da primeira metade do séc. IV, de Constantino ou de sua casa, um antoniniano póstumo de Cláudio II, a par de *sigillata* alto-imperial³⁴³⁸.

8.6.9.2. *Produções atestadas*

Na área do edifício Beleza Moreira assinala a presença de *sigillata* alto imperial, maioritariamente gálica e hispânica³⁴³⁹, o que é ilustrado pelo conjunto de “marcas de oleiro” identificadas ali.

8.6.9.2.1. *Produções Gálicas*

Eb.54 - Oleiro desconhecido- impressão truncada

Eb.54 corresponde a uma “marca” de que restou somente a extremidade distal, onde se lê sem dificuldade o carácter F, da fórmula *fecit*, estampada no fundo de um prato de tipologia indeterminável.

Eb. 54	La Grauf.	Prato		Ol. Desc.	(...)F	-	-	

Figura 234- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” sud-gálica recolhida no “Edifício n.º13”.

8.6.9.2.2. *Produções Hispânicas*

Eb.55 –*Annius Martialis* (Bustamante 479-480).

A impressão apresenta-se muito fragmentada, limitada à sua extremidade direita, onde se lê o texto I.OF ou T.OF. A especificidade da fórmula final do texto, os detalhes de modelação do vaso, um prato Drag.15/17 ou 18 de perfil delicado e pé não muito maciço, como as características de boa qualidade de pasta e revestimento, faziam presumir uma elaboração flávia ou pouco após.

A identificação de um paralelo exato para a “marca” muito fragmentária eburobriicense iria fixar de forma segura a atribuição ao oleiro em epígrafe, e é feita com o exemplar n.º 5 do repertório facultado por Macarena Bustamante. Coletado na

³⁴³⁸ Idem, 1997, p.8.

³⁴³⁹ Idem, 1997, 1998 e 1999.

Calle Almendralejo n.º41, em Mérida, a investigadora espanhola atribui-a por lapso a *Annius Maternus Tritiensis*³⁴⁴⁰, artesão de Bezares. Também talvez por engano indica tratar-se de uma única impressão recolhida na U.E.925, contexto datado de 80-100 d.C.³⁴⁴¹, mas no inventário consta a sua detecção na U.E.1535, formado entre 80 e 90 d.C.³⁴⁴²

Annius Martialis, cuja atividade produtiva foi assinalada em La Cereceda³⁴⁴³ e Arezana de Arriba, no complexo de La Rioja³⁴⁴⁴, tem uma escassa difusão, com o mesmo punção, para além do exemplo emeritense, sob a forma Drag.37 no primeiro dos locais de fabrico citado, e com outros três modelos, um encontrado estampado numa tigela Drag.35 em La Norica-Múrcia e dois outros em *Lixus*, um dos quais numa Drag.27³⁴⁴⁵.

Eb.56 – V()F()K() (Bustamante, 519 e 529)

No *corpus* recentemente elaborado por Macarena Bustamante Alvarez a investigadora espanhola inadvertidamente desarticulou os elementos referentes a este artesão, desdobrando-o em dois fabricantes seguramente tricienses, ambos de escassa capacidade de compulsão de vasos³⁴⁴⁶.

Para além dos sítios de Trício e Castro do Banho (S.Pedro do Sul)³⁴⁴⁷, “VFK” está também documentado em Torre de Palma (Monforte) e Conímbriga, neste caso entre o material resultante das escavações antigas³⁴⁴⁸.

Na ausência de contextos esclarecedores quanto à cronologia da laboração do artesão, o formato da cartela, de extremidades bífidas, poderá implicar uma data já avançada dentro dos flávios ou já de plena segunda centúria, em função dos dados emeritenses da Calle Almendralejo n.º41³⁴⁴⁹.

Eb.57 a Eb.58 – Oleiros desconhecidos-impressões truncadas.

³⁴⁴⁰ M. Bustamante Alvarez, 2010a, p.674.

³⁴⁴¹ Idem.

³⁴⁴² Conf. Idem, p.1308, n.º5.

³⁴⁴³ M.P. Sáenz Preciado, 1994.

³⁴⁴⁴ Idem, p.479.

³⁴⁴⁵ Idem, p.479-480.

³⁴⁴⁶ Idem, p.519, 529.

³⁴⁴⁷ Idem, p.519.

³⁴⁴⁸ J.B. Moreira, 1998, p.8.

³⁴⁴⁹ Considerando, por exemplo os exemplares de *P.Clodius* e de *Agilianus*, sendo que no caso deste último sobreviverão até finais da segunda centúria- Conf. M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.681 e 686, respetivamente.

A primeira impressão deste grupo, truncada longitudinalmente de tal forma que não se conseguem ler os caracteres, foi estampada no interior de uma tigela do tipo Drag.27 de dimensão grande, elemento que poderia sugerir uma datação mais tardia no âmbito da produção triciense, denunciada pelas características macroscópicas de pasta e revestimento. Contudo, os detalhes da modelação do vaso, de pé delicado e moldurado não suportam este entendimento, pelo que hipoteticamente uma cronologia flávia-trajânica lhe assentará melhor.

Uma outra tigela Drag.27 mostra uma dupla canelura enquadrando uma “marca” em caixilho retangular com letra cuidada e de pequena dimensão, elementos que igualmente apontam para uma data como a do exemplar anterior.

Eb. 55	La Rioja	Drag. 15/17		<i>Annius Martialis</i>	(...)T.OF	5	80 - 90 d.C	
Eb. 56	La Rioja	Drag. 15/17		V.K.	EXOFV.K		90-150 d.C.	
Eb. 57	La Rioja	Drag.27		Ol. Desc.	(...) (?)	-	70 - 120 d.C.	
Eb. 58	La Rioja	Drag.27		Ol. Desc.	EXO(...)	-	70 - 120 d.C.	

Figura 235- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânicas recolhidas no “Edifício n.º13”.

8.6.9.3. Contributo das marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

Considerando as datas de formação dos contextos exumados no “Edifício n.º13”, as “marcas” coletadas não contribuem para o esclarecimento do local, tão somente para o perfil global de importações da cidade.

8.6.10. A oeste dos “Edifícios n.º3” e “13”- pórtico e uia- Eb.59 a Eb.63.

Nesta zona, sucessivas acções desenvolvidas entre 1994 e 2006 tentaram identificar estruturas que permitissem articular os conhecimentos sobre o urbanismo da cidade romana. Os resultados dos trabalhos, apesar de limitados estratigraficamente, parecem de importância maior para a compreensão deste elemento.

Assim, na quadrícula I-114 identificou-se um muro com uma orientação aproximada das construções que compõem os “Edifícios n.ºs 3” e “13”, e elementos vestigiais de um outro, perpendicular a este, em I-98. Do mesmo modo em I-115 notou-se uma concentração de pedras interpretada como possível derrube³⁴⁵⁰.

³⁴⁵⁰ Idem ,1994, p.22.

Cerca de 6 m para oeste, foram igualmente detetadas duas secções de uma mesma canalização, em I-50 a I-100, que se desenvolve portanto ao longo de um pouco mais de 16 m (vide Figura 236, *infra*). Já o muro detetado em I-100 e I-99 coloca dificuldades de leitura, que só diferenças de cronologia justificarão.

Em I-58 a I-53 foi detetado um troço de muro, com a mesma orientação do urbanismo da zona (vide Figura 236, *infra*), presumindo-se o seu desenvolvimento para áreas ainda não escavadas. A sua mais elevada espessura traduzirá tratar-se de um muro de limite de edifício.

O carácter do muro referido acima terá que ser posto em relação com os embasamentos quadrangulares de grande dimensão detetados um pouco para SE, nas quadrículas I-52/67 e I-84 (vide Figura 236, *infra*). A sua equivalência como elementos de assentamento de um pórtico parece estar fora de questão. A existência deste, orientado a nascente, significaria a aplicação arquitectónica dos preceitos da urbanística romana, ou seja, a presença deste elemento público nas partes meridionais das *insulae*. Contudo, a distância ligeiramente superior a 6 m entre ambos os embasamentos implica um intercolúnio de dimensões que parecem exageradas para o tipo de componente da arquitetura urbana, sendo aliás superior ao patente no espaço basilical e no pórtico da praça do fórum da própria cidade. Explicações alternativas terão de ser consideradas então, por hipótese tratar-se de uma edícula ou pórtico de edifício com esta morfologia.

O remanescente dos dados obtidos em escavação são muito fragmentários, não permitindo vislumbrar o pleno significado destas estruturas com segurança, tanto mais que a “*rocha virgem*” foi identificada muito à superfície em quadrículas como I-164³⁴⁵¹, ou que os trabalhos em I-101, I-116³⁴⁵², I-131-132 ou I-132³⁴⁵³ não proporcionaram quaisquer resultados positivos

Seja de que forma for, a presença dos elementos de drenagem hídrica denunciam o funcionamento de um bem estruturado sistema de saneamento urbano, provavelmente localizado numa zona de circulação pedonal de uma das principais artérias da cidade, cuja presença será sugerida pela ocorrência de lajes a SO, em I-182-198³⁴⁵⁴, passíveis de ser interpretadas como restos do pavimento viário. O presumível desenvolvimento desta artéria junto ao muro de limite NO do recinto do fórum, por onde se fazia o

³⁴⁵¹ Idem, 1999, p.7

³⁴⁵² Idem, 2004, p.11 e 13.

³⁴⁵³ Idem, 2006, p.8.

³⁴⁵⁴ Idem, 1994, p.22.

O relatório da escavação em I-115/131, efetuada em 1994, menciona o achado de *sigillata* lisa e decorada, entre a qual a “marca de oleiro” e um fragmento de taça decorada hispânica em fabrico setentrional, mostrando um cavalo atacado por um felino³⁴⁵⁹.

Já a unidade de I-100 onde se recolheu um outro exemplar mostra maior frequência de elementos cerâmicos, referindo Moreira a recolha de produções gálicas, nomeadamente de um prato da forma Drag.18 e uma tigela Drag.24/25, hispânicas, constando uma impressão abaixo apresentada e um prato Drag.15/17, a par de cerâmica cinzenta, um fragmento de tira de pulseira em cobre, pregos em ferro e um rebite (?) em liga de cobre³⁴⁶⁰.

Circunstâncias análogas equivalem à recolha da impressão de *Aemilius* (vide *infra*), coletada conjuntamente com fragmentos indeterminados de *sigillata* itálica, sud-gálica, entre os quais das formas Drag.33 e 18, vários pratos Drag.15/17 hispânicos, um Drag.36, de uma tigela Drag.27 e outra Drag.35, de taças decoradas também peninsulares Drag.29 (?) e 29/37 (?)³⁴⁶¹.

Do conjunto oriundo desta zona, o vaso marcado mais antigo é sud-gálico, identificado em 2006 na quadrícula I-132 conjuntamente com *sigillata* hispânica, contando com a representação do prato Drag.15/17 de tamanho médio, Drag.27 de pequeno formato, Drag. 35, fragmentos de vasos ornados com decoração que, pela descrição de Moreira datarão da Época Flávia-Trajânica e de lucernas também alto-imperiais³⁴⁶².

8.6.10.2.1. Produções Gálicas

Eb.59 - *Salutus* (NOTS 8, 70).

A impressão em apreciação apresenta extremidades bífidas e o texto SALVTV, sendo dada pelo NOTS como tendo sido elaborada em La Graufesenque e Banassac, sucessivamente, e de forma respetiva, entre 70 e 90 d.C. e entre esta última data e c.100 d.C.³⁴⁶³ A impossibilidade verificada de observação direta do exemplar³⁴⁶⁴ impede a

³⁴⁵⁹ Idem, 1994, p.22.

³⁴⁶⁰ Idem, 2004, p.11.

³⁴⁶¹ Idem, p.13-15.

³⁴⁶² Idem, 2006, p.8-10.

³⁴⁶³ NOTS 8, p.70.

³⁴⁶⁴ A consulta efetuada nos depósitos da Câmara Municipal de Óbidos não conseguiu efetuar a localização desta e de mais três espécies, resultantes da campanha de 2006. O seu estudo é feito com base nos dados, extensos e bem trabalhados a propósito das “marcas de oleiro”, elaborado por Beleza Moreira

sua atribuição categórica a um ou outro centro oleiro. A descrição elaborada por Moreira, contudo, adequa-se melhor a um fabrico de La Graufesenque: “verniz acastanhado fino, pouco aderente e baço; pasta rosada, porosa, com alguns elementos calcíticos”³⁴⁶⁵.

O oleiro, cujas “marcas” são muitas vezes confundidas com as que contêm as saudações rutenas SALVE TV, utilizou somente dois punções: o primeiro, de maior difusão, equivale ao 1a do NOTS identificado em *Eburobrittium*, atestado em La Graufesenque no fundo de um pratel Drag.18R, como em Banassac em loiça lisa (Drag.27, 33 e pratel de tipo indeterminado), ocorrendo fora de contextos de produção apenas em taças decoradas Drag.29 rutenas, duas das quais produzidas com Vespasiano, no Burghöfe, Estrasburgo (?), Londres, Arles e Fos-sur-Mer³⁴⁶⁶.

O achado eburobriciense reveste-se do maior interesse por documentar a primeira ocorrência na Hispânia do artesão, para mais a sua primeira atestação de loiça lisa em contexto de consumo.

Eb. 59	La Grauf.e Banassac	Prato		<i>Salutus</i>	SALVTV	1a	70 - 90 d.C.	

Figura 237- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” gálica recolhida a oeste dos “Edifícios n.ºs 3” e “13”-pórtico e uia.

8.6.10.2.2. Produções Hispânicas

Eb.60 - *Aemilius* (Bustamante 471).

O artesão triciense tem uma muito limitada capacidade produtiva, conhecendo-se-lhe somente três modelos de punção e cinco vasos marcados por si. No caso presente, a “marca” está completa e lê-se sem dificuldade OF.AEMILI, grafado com traço fino no interior de uma cartela de cantos arredondados. Não constitui porém o paralelo exato para uma impressão truncada com o texto OF.AEM(...) encontrada em Arenzana de Arriba, La Rioja³⁴⁶⁷, na medida em que nesta a cartela tinha extremidades bífidas³⁴⁶⁸. Por esta razão o vaso eburobriciense é portador de um novo modelo de “marca” de *Aemilius*.

e contantes dos relatórios de escavação- Conf.J.B. Moreira, 2006, p.8-9, 18-22, anexo 10, n.º2, anexo 19, n.ºs 1-4.

³⁴⁶⁵ Idem, p.8.

³⁴⁶⁶ NOTS 8, p.70.

³⁴⁶⁷ M. Bustamante Alvarez, 2010a, p.471.

³⁴⁶⁸ M.P. Sáenz Preciado, 1994, p.81, n-º2.

O repertório dos vasos atribuídos a este artesão inclui, para além do sítio produtor citado, Léon, Numância e Monte Mózinho (Penafiel)³⁴⁶⁹. Um outro exemplar que lhe é imputado, colhido no sítio marroquino de *Volubilis*³⁴⁷⁰, não lhe corresponde. Já um outro caso emeritense, publicado por Mayet que leu AEM(...) ³⁴⁷¹, não lhe pode ser assignado com segurança.

O vaso eburobriicense, de que se conserva somente o fundo, é classificável como da forma Drag.27, de pequeno tamanho. Os detalhes de modelação, nomeadamente a peculiar canelura efetuada na face exterior do pé anelar, aproximam-no inexoravelmente dos recipientes congêneres gálicos, apesar da espessura da parede da copa, mais robusta, a denunciar a elaboração peninsular. De igual forma, a organização do texto e a forma como foi grafado mostram bem a influência exercida sobre os artesãos riojanos pelos modelos então mais em voga, rutenos. Tomando em consideração estas observações, para além de documentar um novo modelo de marca de *Aemilius*, o exemplar da cidade romana do Oeste constitui um contributo para o conhecimento deste fabricante de vasos, ao remeter o oleiro para datas próximas do período de grande exportação de La Graufesenque.

Eb.61 - *Annius Martialis* (Bustamante 479-480).

A “marca de oleiro” está completa, e reporta-se a um produtor já atestado em *Eburobrittium* no “*Edifício n.º13*”³⁴⁷², com a impressão presumivelmente efetuada com o mesmo punção. No caso presente o exemplar eburobriicense tem um paralelo exato no centro oleiro de La Cereceda (Arenzana de Arriba, La Rioja), estampado no fundo interno de um molde para produzir taças decoradas de que, infelizmente, não sobreviveram os ornatos³⁴⁷³.

O vaso do triciense *Annius Martialis* mostra um perfil de alguma robustez, e características de fabrico que o remetem para o período Flávio. Na face externa do fundo, abrangendo a depressão em ônfalo, mostra um grafito cruciforme de traço duplo.

Eb.62 - *Segius Tritiensis* (Bustamante, 625-626).

A impressão, porque mutilada, mostra somente a fórmula inicial e as duas primeiras letras da onomástica do produtor, que tanto poderia atribuir-se a *Sempronius*,

³⁴⁶⁹ M.Bustamante Alvarez, 2010, p.471.

³⁴⁷⁰ M.P. e J.C. Sáenz Preciado, 1999, p.88; J. Boube, 1965, p.125, n.º23.

³⁴⁷¹ F. Mayet, 1984, p.116 e pl.CCXXII.

³⁴⁷² Vide *supra*, Eb55. e comentários respetivos.

³⁴⁷³ M.P. Sáenz Preciado, 1994, p.107 lám.5, n.º31 e p.110, lám.8, n.º3.

importante fabricante riojano, como àquele em epígrafe. A opção adoptada fundamenta-se na equivalência exata com o exemplar emeritense publicado por Macarena Bustamante n.º327, recolhido na U.E. 925 da Calle Almendralejo n.º41, contexto a que é atribuída uma data de entre 80 e 100 d.C., onde surge aplicado no fundo de uma forma Drag.33³⁴⁷⁴.

O artesão estava já presente na cidade, devendo notar-se a menor frequência da sua modelação de vasos dos tipos dominantes, dado conhecer-se apenas um exemplo de tigela Drag.27³⁴⁷⁵.

Eb.63 - Oleiro desconhecido- impressão truncada.

Um pequeno fragmento de prato, dotado de ônfalo na face externa do fundo, denota um fabrico hispano setentrional. A impressão, reduzida à extremidade direita, mostra o que parecem ser os vestígios de um M inscrito numa cartela de cantos bífidos, modalidade elaborada a partir das décadas finais do séc.I d.C.

Eb. 60	La Rioja	Drag.27		<i>Aemilius</i>	OF.AEMILI	modo	70 – 90 d.C.	
Eb. 61	La Rioja	Drag.27		<i>Annius Martialis</i>	ANNI.MAR T.OF	-	80 - 90 d.C	
Eb. 62	La Rioja	Prato		<i>Segius Tritiensis</i>	OF.SE(...)	327	70 - 100 d.C.	
Eb. 63	La Rioja	Prato		Ol. Desc.	(...)M	-		

Figura 238- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” hispânicas recolhidas a oeste dos “Edifícios n.ºs 3” e “13”.

8.6.10.3. Contributo das impressões para o conhecimento do ponto arqueológico da cidade.

Considerando os contextos estratigráficos de recolha das impressões, o seu contributo reporta-se no essencial ao conhecimento das importações do sítio, não esclarecendo sobre a dinâmica urbana desta secção de uma das principais artérias da cidade antiga.

8.6.11. “Edifício n.º1”- Eb.64 a Eb.70.

Localizado na parte escavada mais a ocidente na cidade, a sua exumação ocorreu no primeiro momento dos trabalhos, em 1994³⁴⁷⁶.

³⁴⁷⁴ M. Bustamante Alvarez, 2010a, p.693 e 1349.

³⁴⁷⁵ Idem, p.625-626.

Trata-se de uma estrutura de caráter seguramente habitacional, da qual se identificaram quatro compartimentos, mostrando uma arquitetura onde estão patentes técnicas de construção carateristicamente romanas. O espaço sofreu remodelações no século IV d.C., nomeadamente na parede meeira entre os “compartimentos a)” e “b)”, onde se recolheu um numisma de Constâncio Galo, ampliando-se um em detrimento do outro, ao que parece que contrafortando-se igualmente as paredes norte e nascente³⁴⁷⁷.

Dos vários compartimentos, “c)” foi interpretado como pequeno pátio e equivale ao único dotado de elementos de caraterização suficientes para se discutir a sua funcionalidade; uma bancada de baixa altura e profundidade construída em alvenaria encosta a três das suas paredes, forrada originalmente a *opus signinum*; o pavimento

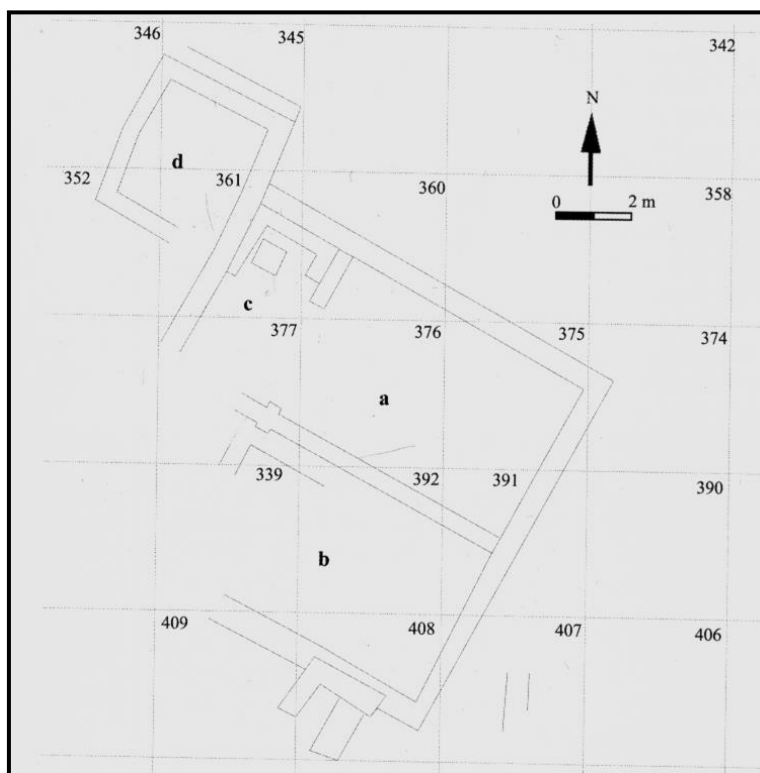


Figura 239- “Edifício n.º 1” (segundo J.Belega Moreira³⁴⁷⁸).

apresenta-se no mesmo material; no centro, ligeiramente descentrada, foi encontrada uma estrutura retangular pavimentada a tijolo quadrado, limitada por outros colocados em cutelo, incompleta à data da sua exumação³⁴⁷⁹. O investigador responsável pelos

³⁴⁷⁶ Idem, 2002, p.63.

³⁴⁷⁷ Idem, p.64. Na campanha de 2006 foi recolhido numeroso espólio deste momento, entre o qual *sigillata* clara africana C, formas Hayes 58B, D, Hayes 61A, hispânica tardia, Drag.37, etc...

³⁴⁷⁸ Idem, p. 63, fig.13.

³⁴⁷⁹ Idem, p.65, fig.15.

trabalhos supôs tratar-se de um pequeno pátio, não arriscando uma explicação para a construção central em laterício³⁴⁸⁰, que todavia parece equivaler à base de uma estrutura de combustão de cariz permanente, opinião de Vasco Mantas que sugere, dubitativamente mas com especial pertinência, tratar-se de uma pequena sauna³⁴⁸¹.

Como Beleza Moreira defende, a instalação do edificado foi feita de encontro à pendente da encosta, tendo obrigado a uma projecção mais em comprimento do que em largura, razão pela qual o “*Edifício n.º1*” ostenta uma reduzida largura de 11 m. Esta poderia ser porém mais elevada, mas a escavação das quadrículas confinantes com os muros de limite a este e norte não proporcionou a identificação dos restantes espaços que o ladeariam, à excepção de um troço de muro em I-407, aliás com uma orientação divergente das restantes estruturas.

8.6.11.1. Enquadramento do conjunto

De um ponto de vista cronológico, e a despeito da recolha frequente de materiais datados dos séculos I e II d.C., a estratigrafia reconhecida reporta-se somente às fases contemporâneas e posteriores ao abandono da edificação, onde se registam numismas de Constantino II, Constâncio II, *sigillata* clara africana D das formas Hayes 58B, 59B, 61A e 91³⁴⁸². Moreira supõe por isso que o edifício datará do séc. I d.C., tendo sofrido profundas remodelações no séc. IV d.C.³⁴⁸³

8.6.11.2. Produções atestadas

O conjunto recolhido na área do “*Edifício n.º1*” apresenta uma diversidade de produções dispersas pela estratigrafia, onde se atestam elaborações itálicas, sud-gálicas, hispânicas e africanas claras D. No âmbito das produções alto-imperiais foi dada a conhecer a presença das formas Consp.21.3 em elaboração itálica, Drag.24/25 e 30 em fabrico sudgálico, e Drag.27, 35, 36 e 37³⁴⁸⁴ em fabrico hispânico.

8.6.11.2.1. Produções Itálicas

Eb.64 - *Xanthus* (2)= *Cneus Ateius Xanthus* (OCK 2536= 2152).

Xanthus é um dos mais prolíficos oleiros das oficinas “ateianas”, tendo acompanhado a deslocação do seu *dominus* de Arezzo para Pisa cerca de 5 a.C.,

³⁴⁸⁰ Idem, p.63.

³⁴⁸¹ V.G. Mantas, 2003, p.253.

³⁴⁸² Idem, p.67-73.

³⁴⁸³ Idem, p.74.

³⁴⁸⁴ Idem, p.64-73.

assumindo-se depois como um dos controladores da laboração do grupo etrusco, em especial após a sua manumissão³⁴⁸⁵.

Já representado na região em apreço em Lisboa³⁴⁸⁶ e Casal do Belo (Loures)³⁴⁸⁷, em ambos os casos também por impressões em cartelas do tipo *in planta pedis*, o que no seu conjunto ilustra importações seguramente ocorridas após 15 d.C., quando o produtor já detinha o estatuto de liberto.

No caso presente, a “marca” tem paralelo próximo, mas não coincidente, com 2152.129.

Eb.65 - Sextus Murrius Festus (OCK 1212).

O oleiro em epígrafe é um dos mais destacados produtores pisanos de *terra sigillata* do tipo tardo-italico, compulsando vasos lisos e decorados a molde, supondo-se ter desenvolvido a sua atividade entre c.60 d.C. e os meados do séc. II d.C.³⁴⁸⁸ Já atestado na região em estudo em Lisboa³⁴⁸⁹, surge agora em *Eburobrittium* através de um fragmento de prato, provavelmente de grande dimensão tendo em atenção a elevada espessura da parede.

A impressão presente, apesar de nítida está um pouco deteriorada. Ainda assim, entre o repertório de punções de *S. Murrius Festus* não consta nenhuma equivalente ao vaso coletado no sítio arqueológico do Oeste: a similitude da grafia com OCK.39 é evidente, mas o exemplar em análise não ostenta interpontuação, como acontece com o de referência. Terá de se concluir, portanto, estar-se em presença de um novo modelo do produtor da foz do Arno.

Eb.66 - Oleiro desconhecido- “marca” com elemento radial geométrico.

A impressão geométrica de forma radial e inscrita em cartela circular, foi aplicada no fundo interno de um prato de tipologia indeterminável, cercada por dupla canelura circular concêntrica. A sua equivalência faz-se com o exemplar OCK.2549.5, de Putéolos, com um único paralelo conhecido naquela cidade da Baía de Nápoles, num

³⁴⁸⁵ P. Kenrick, 1997.

³⁴⁸⁶ R.B. Silva, 2005; conf. apartado próprio, *supra*, Ol.106 e Ol.266.

³⁴⁸⁷ S.P. Santos e A.R. Silva, 2009, p.16 e 25, est.IX; conf. Apartado próprio, *supra*, Ol.Ag.1.

³⁴⁸⁸ OCK, p.290.

³⁴⁸⁹ Vide *supra*, apartado próprio, em especial comentários a Ol.256.

recipiente de forma indeterminada³⁴⁹⁰. É-lhe atribuída uma datação de 10 a.C. ou posterior³⁴⁹¹.

Eb. 64	Pisa	Consp. B.	It.2	<i>Cneus Ateius Xanthus</i>	XAN(...)	≈ 2152. 129	15 – 50 d.C.	
Eb. 65	Pisa	Prato	T.It. 1	<i>Sextus Murrius Festus</i>	(...)MF	nova	60 – 140 d.C.	
Eb. 66	Putéolos	Prato	It.2	Ol. Desc.	Elemento radial	2549.5	+10 a.C.	

Figura 240- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” itálicas recolhidas na área do “Edifício n.º1”.

8.6.11.2.2. Produções Gálicas

Eb.67 - *Ne qures* (NOTS 6, 228-230).

A impressão encontra-se extremamente fragmentária, restando apenas a extremidade final, onde se lêem os caracteres ES. A identificação com o punção 1a dos vasos de La Graufesenque marcados com a expressão NE QVRES³⁴⁹² é feita, contudo, sem reservas.

Hartley e Dickinson estabeleceram a sequência do uso de um mesmo instrumento em quatro momentos de degradação do objeto distintos, equivalendo a impressão eburobriciense ao mais recuado. As problemáticas em torno do estabelecimento da cronologia não estão resolvidas, dada a sua mais frequente presença em contextos da Época de Vespasiano. Em paralelo, a sua atestação na taça Ritt.9, como na tigela Drag.24/25, sugere aos investigadores britânicos uma data de início da compulsão dos vasos, quase exclusivamente Drag.27, 15/17 e 18, anterior aos Flávios, na década de 50³⁴⁹³. Para Polak, contudo ter-se-ia verificado já na década seguinte³⁴⁹⁴.

O modelo atestado na cidade romana do Oeste tem ampla difusão, que abrange Londres, Leicester, Wroxeter, Fishbourne, Southwark, Valkenburg, necrópole de Nijmegen, Vechten, *uilla* de Bernex, *uicus* de Asberg, Bona, Heidelberg, Wiesbaden, Estrasurgo, Suippes e La Graufesenque, somente sobre pratos Drag.18 e tigelas Drag.27 dotadas de canelura na face externa do pé³⁴⁹⁵. A presença nos contextos da Fase 2 de Fishbourne sugere uma data já Flávia ou próxima desta.

³⁴⁹⁰ OCK-CD, vaso n.º35960.

³⁴⁹¹ OCK, p.514.

³⁴⁹² Segundo Oxé, citado por Polak, a expressão significaria algo como “*não te metas*” ou “*vai-te embora*”- conf. M. Polak, 2000, p.279.

³⁴⁹³ NOTS 6, p.229.

³⁴⁹⁴ M. Polak, 2000, 279.

³⁴⁹⁵ NOTS 6, p.228.

Eb.68 a Eb.69 - Oleiros desconhecidos- impressões truncadas.

Ambas as impressões limitam-se à extremidade da cartela onde se lê, sem dificuldade O, podendo tratar-se quer de um dativo ou, como se julga mais provável, do caráter inicial da fórmula OF(*ficina*), tão comum no centro de La Graufesenque que parece ser a origem dos recipientes, atentando às características macroscópicas da pasta e revestimento.

O formato do prato de Eb.68 deverá equivaler ao tipo Drag.18, mostrando características evolucionadas, no caso a espessura e a não distinção marcada entre a parede do fundo externo e o arranque do pé, que remeterão o exemplar momentos contemporâneos ou posteriores ao principado de Cláudio.

Já para Eb.69, embora a mesma morfologia de prato seja admissível, não se podem excluir outros tipos comuns, como o Drag.15/17. No caso, os detalhes de modelação do vaso sugerem uma datação que não atingirá o período final da grande exportação rutená para a Lusitânia meridional.

Eb. 67	La Grauf.	Drag.18	G.1	<i>Nequres</i>	(...)ES	1a	65 - 75 d.C.	
Eb. 68	La Grauf.	Drag.18	G.1	Oleiro desc.	O(...)	-	40 - 120 d.C.	
Eb. 69	La Grauf.	Drag.18 ou 15/17	G.1	Oleiro desc.	O(..)	-	40 - 80 d.C.	

Figura 241- Tabela recapitulativa das “marcas de oleiro” sudgálicas recolhidas na área do “*Edifício n.º1*”.

8.6.11.2.3. Produções Hispânicas

Eb.70 - Oleiro desconhecido-impressão truncada.

O fragmento cerâmico é de muito pequena dimensão, permitindo apenas identificar o fabrico hispano setentrional, também denunciado pela característica depressão em ônfalo patente na parede externa do fundo do recipiente.

Da “marca” resta a parte mesial e terminal, com o texto AN, AM, AMI ou ANI. A similitude com impressões do triciense *Agilianus* é elevada³⁴⁹⁶, em peculiar a gravação da haste horizontal do A, mas não se verificou a identidade perfeita com qualquer exemplar publicado. Apesar de plausível esta atribuição a um produtor, ela não encerra suficiente fiabilidade.

A gravação dos caracteres é fina, a dimensão das letras e cartela é igualmente moderada, e o punção foi aplicado no interior de um círculo com apenas 1,2 cm de

³⁴⁹⁶ F. Mayet 1984, pl. CCVIII, n.ºs 22-25; M. Bustamante Álvarez, 2010a, n.ºs 1-3.

diâmetro, conjunto de elementos que denotam uma vincada proximidade para com os protótipos de “marcas de oleiro” gálicas que serviram de exemplo quer ao gravador quer ao artesão hispanos que executaram o punção e o vaso. Esta circunstância remete com maior probabilidade a sua cronologia para a dinastia flávia.

Como apontamento refira-se que mostra um grafito muito incompleto e não passível de interpretação porque reduzido a uma sinusoidal, gravado na face exterior do fundo.

Eb. 70	La Rioja			Ol. Desc.	(...)AN(?)	-	70 - 120 d.C.	

Figura 242- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” hispânica recolhida na área do “Edifício n.º1”.

8.6.11.3. Contributo das “marcas de oleiro” para o conhecimento do ponto arqueológico.

A intervenção neste espaço habitacional, desenvolvida em sucessivas ocasiões entre 1994 e 1999, incidiu sobretudo na estratigrafia contemporânea e posterior ao abandono do edificado, seguramente ocorrida após o século IV ou inícios do V d.C.

Neste sentido, há apenas a assinar a presença das diferentes produções alto imperiais de *sigillata* nestes estratos, formados em época bem posterior à dos momentos de aquisição e utilização dos vasos marcados: na “*terra preta com pedras, fragmentos cerâmicos de construção, cascas de ostra, ossos e carvões*”³⁴⁹⁷, interpretada como entulheira deslocada de norte para sul, provêm as marcas itálicas de *Xanthus*, tardo-itálica de *S.M.F.* e gálica sobre Drag.18; na “*terra de entulho e ligeira camada de castanha*”, a impressão geométrica puteolana; na “*terra castanha*” um outro exemplar não atribuível a *officina* sobre um prato sud-gálico.

8.6.12. Outras proveniências- Eb.71.

Na área a oeste do fórum foi aberta uma sondagem em 1997 na quadrícula III-49, tendo-se recolhido espólio mas não se reconhecendo qualquer estrutura. Dela resultou a recolha de *sigillata* hispânica e um exemplar itálico conservando parte de uma “marca”, apresentado de seguida.

³⁴⁹⁷ J.B. Moreira, 2002, p.66.

8.6.12.1. Produções Atestadas

8.6.12.1.1. Produções Itálicas

Eb.71 - *Vernas C.Memmi* (OCK 1152).

A “marca”, em estado muito degradado, denota um formato bilínear e foi estampada no fundo de uma taça, que as características da pasta e revestimento permitem atribuir à parte central da Península Itálica.

O texto, de que se conserva o início da segunda linha, ostenta um nexó VE, seguido de um R e de um N mal conservado. A leitura do nome *Vernas*, muito ligado a ambientes servis é portanto segura. Embora o seu estado de conservação o impeça de afirmar categoricamente, deverá equivaler ao escravo do aretino *Caius Memmius* (OCK.1138), na medida em que é o único servo deste nome constante do repertório de referência. Trata-se de artesão já presente na área em estudo em Lisboa³⁴⁹⁸, devendo sublinhar-se uma vez mais a esta evidência de íntima ligação que transparece entre as duas cidades portuárias romanas do Atlântico.

Eb. 39	Itália Central	Taça	It.1	<i>Vernas C.Memmi</i>	(...) /VERN(...)	1152.1	20 a.C.- 10 d.C:	

Figura 243- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” itálica recolhida em III-49.

8.7. Ager Eburobrittensis (Óbidos).

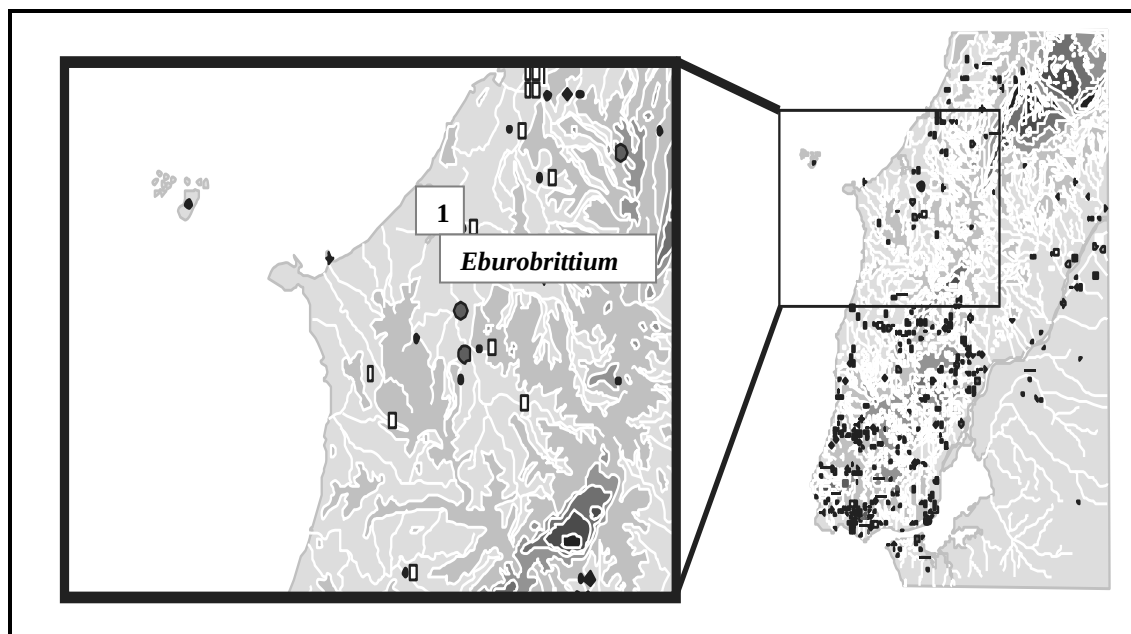


Figura 244- Localização do sítio do ager eburobrittensis onde se verificou o achado de terra sigillata com “marca de oleiro”: 1- Brejos I.

8.7.1. Brejos I (Santa Maria de Óbidos, Óbidos)- Eb.Ag.1.

³⁴⁹⁸ Vide *supra*, Ol.123.

Situado a norte da sede do concelho, muito próximo da Lagoa de Óbidos, o local corresponde a um vale encaixado entre dois cabeços onde atualmente se pratica pomar e horta, não parecendo dispor de outras aptidões agrícolas, como se deduz da descrição do substrato e enquadramento geográfico feito pelos achadores do sítio³⁴⁹⁹.

Para além das evidências respeitantes à Época Romana, o local proporcionou também a recolha de elementos datáveis da Época Moderna e da Pré-História antiga.

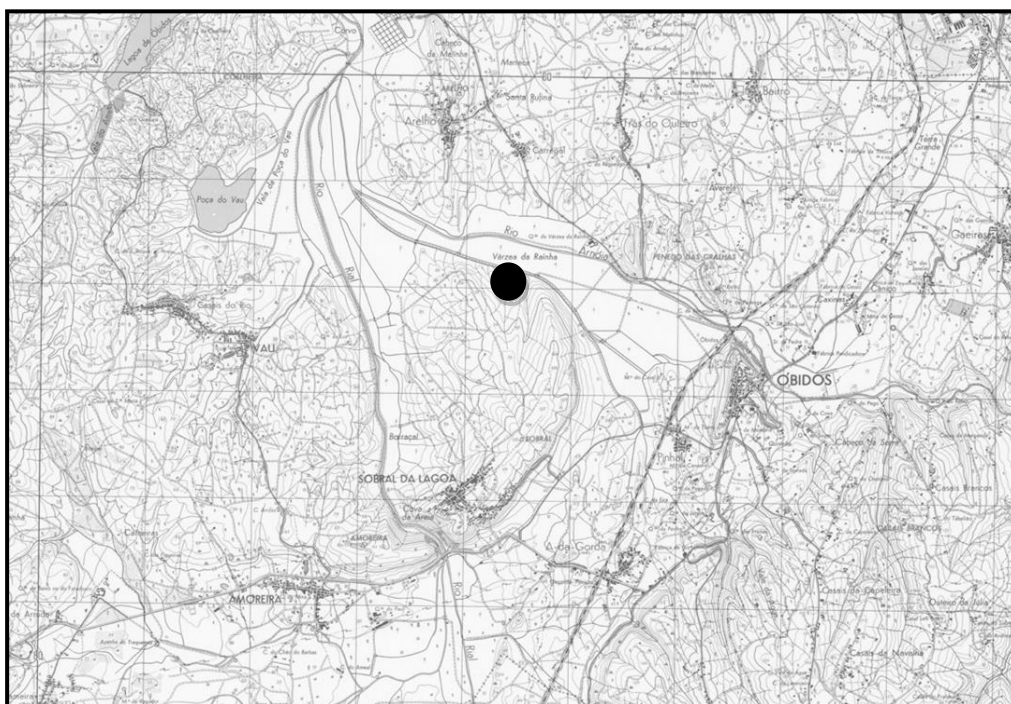


Figura 245- Localização do sítio de Brejos I na *Carta Militar de Portugal*, folha n.º 336, à esc. 1/25000.

8.7.1.1. Enquadramento do conjunto

O sítio romano de Brejos I foi identificado em 2005 pela equipa que conduziu o “Estudo de âmbito arqueológico do Concelho de Óbidos”, dirigida por Isabel Cristina Fernandes, Luís Raposo e José Beleza Moreira. A área de dispersão de materiais do arqueossítio atinge os cerca de 18000 m², o que levou à sua classificação como *uilla*, tendo sido no quadro da prospecção que se recolheram à superfície diversas cerâmicas comuns romanas (potes, tijelas), um peso de tear, olaria de construção e escassos fragmentos de recipientes em *terra sigillata*³⁵⁰⁰.

³⁴⁹⁹ I.C. Fernandes, L. Raposo e J.B. Moreira, 2007, p. 56.

³⁵⁰⁰ Idem, p.59.

8.7.1.2. *Produções atestadas*

O fragmento ostentando impressão interna corresponde a um dos elementos em *terra sigillata* hispânica alto imperial recolhidos durante os trabalhos de prospecção. A par dele foram também coletados fragmentos do bordo de pratos das formas Drag.36 com decoração de “folha de água” em barbotina e Drag.15/17, que, pelas suas características parecem corresponder a exemplares oriundos das oficinas riojanas e com cronologias situáveis no apogeu de exportação flávio-trajânico.

8.7.1.2.1. *Produções Hispânicas.*

Eb.Ag.1- *Miccio* (Bustamante 577-580).

Miccio é um importante oleiro de La Rioja, fabricante de moldes para loiça decorada, recipientes lisos e decorados. A difusão dos produtos por si assinados mostra uma notável incidência no aro da Lusitânia meridional próxima a Mérida, ocorrendo em São Salvador de Aramenha (Marvão), Torre de Palma (Monforte) (1x), como nas necrópoles flávio-trajânicas da Rouca (Alandroal) (5x), e Herdade do Reguengo (Monforte) (1x)³⁵⁰¹, precisos auxiliares para lhe fixar a cronologia. Os dados contextuais da Calle Almendralejo n.º41 de Mérida, estudados por Macarena Bustamante Álvarez, corroboram estas indicações, tendo as impressões de *Miccio* surgido nas U.E.s 1535, formada entre 80 e 90 d.C., 925, originada entre 80 e 100 d.C., 1212, de inícios do séc. II d.C. e 1263, neste caso residualmente, por se tratar de formação do séc. III d.C.³⁵⁰² O presente exemplar tem paralelo numa impressão coletada em Mérida na anteriormente referida U.E.1535, base da proposta de cronologia indicada.

Eb. Ag.1	La Rioja	Drag.27	H.2	<i>Miccio</i>	(...)F.MICC	B.235	80 – 100 d.C.	

Figura 246- Tabela recapitulativa da “marca de oleiro” hispânica de Brejos I.

8.7.1.3. *Contributo da “marca de oleiro” para o conhecimento do sítio.*

³⁵⁰¹ R.B. Silva, 2005, Anexo B.

³⁵⁰² M. Bustamante Álvarez, 2010a, p.688.

O exemplar Eb.Ag.1 comprova que o assentamento rural estava ativo com probabilidade na Época dos Imperadores Flávios.

A difusão dos vasos de *Miccio* é das mais significativas de entre os oleiros hispânicos setentrionais, ao demonstrar de forma cabal a existência de um fluxo marítimo pela costa mediterrânica: considerando que Mérida (2x) poderá ter sido também fornecida através de rotas fluvio-marítimas, como se admitirá também relativamente a Conímbriga (1x), de entre as mais de 30 impressões repertoriadas por Macarena Bustamante somente os achados de Irún, Castellar de Santiestéban e Numância (1x) fogem a um panorama predominantemente costeiro de escoamento dos vasos que inclui Tarragona (3x), Málaga e seu aro (6x), Tossal de Manizes, *Lucentum*, Ilerda, Valência (1x), Cástulo (4x), *Baelo Claudia*, Badajoz (1x) e quatro exemplares de proviência incerta do Sul de Espanha³⁵⁰³. Merecem saliência neste âmbito, igualmente os achados de Cotta, no Marrocos atual, que incluem três exemplares com “marca intradecorativa”³⁵⁰⁴.

O papel redistribuidor desempenhado por Mérida está muito bem testemunhado por um conjunto de impressões que Mayet havia repertoriado, e que escaparam a Bustamante, que compõem um fluxo com direcção à zona de Monforte (Torre de Palma 1x, e necrópole da Herdade do Reguengo- 1x), *Ammaia* (Marvão -1x), e Alandroal, onde se documentam cinco impressões distintas suas na necrópole da Rouca³⁵⁰⁵.

Trata-se de um quadro muito coerente, e de grande consistência, que demonstra a existência de mercados específicos para este oleiro, nos quais se incluirá o sítio rural eburobriciense, presumivelmente abastecido a partir da capital da *ciuitas*, próxima do lugar.

³⁵⁰³ Idem, p.577-580.

³⁵⁰⁴ Idem, p.159.

³⁵⁰⁵ F. Mayet, 1984.

8.8. O perfil do consumo da *terra sigillata* alto imperial na “Península de Lisboa”.

O desenvolvimento da presente dissertação reuniu, como se acabou de ver, um conjunto de impressões cuja amplitude tem que ser devidamente valorizada: 645 “marcas de oleiro” na *sigillata* alto imperial compõem, no momento, a amostragem mais numerosa da Lusitânia ocidental e meridional como do *conuentus braccaraugustanus*.

Atentando apenas aos números “*em bruto*”, na comparação com os valores disponíveis para o restante âmbito geográfico mencionado somente Conímbriga, com 335 exemplares, Represas (Beja), com 320, e Braga, com 222³⁵⁰⁶, se situam no mesmo plano que Lisboa, recorde-se, com 424 “marcas de oleiro” repertoriadas. Os dois outros centros urbanos objeto do estudo, Santarém e *Eburobrittium*, com as suas, respetivamente, 87 e 71 impressões, situam-se no mesmo horizonte quantitativo que aglomerados de natureza variada como Miróbriga (Santiago do Cacém), com 95, Monte Mózinho (Penafiel), 80, ou Tróia (Grândola), com 67³⁵⁰⁷ (vide figura 247, *infra*).

Figura 247- Geografia do conhecimento das “marcas de oleiro” na *terra sigillata* na *Lusitania* meridional, ocidental e *Callaecia*.



³⁵⁰⁶ Vide Anexo II, *infra*.

³⁵⁰⁷ Idem.

No que concerne às áreas do povoamento romano disperso, só por circunstâncias peculiares se destaca o assentamento de Azeitada (Almeirim), com as suas 21 impressões. Em norma, o que se conhece dos assentamentos escalabitanos, olisiponenses e eburobricienses é um número reduzido de espécies que apenas num caso atinge os 6 recipientes estampados, o Alto de Caparide (Cascais). Este quadro regional está em consonância com o de outras zonas da Lusitânia, onde o número de impressões raramente ultrapassa escassas unidades³⁵⁰⁸, podendo citarem-se os exemplos do Monte da Tourega (Évora), com 5 “marcas”, Monte de S. Francisco (Fronteira), com 4, ou o Monte de S. Pedro (Fronteira), com 5. Mesmo em S. Cucufate (Vidigueira), onde a conhecida extensão e amplitude dos trabalhos permitiu identificar as espacialidades das arquiteturas e contextos associados alto imperiais que jaziam sob a *uilla* áulica mais recente, não mais de 13 “marcas” foram dadas a conhecer; em sentido inverso, a mais intervencionada das *uillae* do atual território português, Torre de Palma (Monforte), proporcionou uma amostragem composta por 57 espécies, o que deverá explicar-se quer pela vastidão da escavação quer pela importância atingida pelo assentamento na época que aqui interessa³⁵⁰⁹.

Os fundamentos para esta disparidade de valores são múltiplos, e assentam na natureza e maior intensidade dos trabalhos desenvolvidos sobre os diferentes arqueossítios, nas características próprias dos seus registos arqueológicos, como no esforço consagrado pela investigação ao tema em cada um. Mas, ocultos por detrás do hieratismo dos números expostos estarão também fatores de índole histórica. Ainda que de forma difusa, avultará aqui uma primeira imagem da relevância assumida por cidades como Lisboa, Braga, Beja (através de Represas) ou Conímbriga no âmbito da circulação de pessoas e bens da Antiguidade, entrevedo-se na expressão quantitativa a sua qualidade de centros redistribuidores regionais, por outras vias corroborada pelas arquiteturas, estudos artefatuais, conhecimento das respetivas potencialidades produtivas ou da sua inserção nas redes de comunicação ativas no Alto Império Romano.

Antes, porém, de se entrar na análise do significado do conjunto repertoriado, é conveniente testarem-se os resultados da amostragem, contrastando-os com outra informação disponível, pressuposto indispensável para aferir da validade das ilações

³⁵⁰⁸ Idem.

³⁵⁰⁹ Idem.

históricas e antropológicas que se pretende realizar.

Os conjuntos de “marcas de oleiro” da região considerada mostram uma vincada diversidade de composições, mostrando desiguais representatividades dos grupos de fabrico³⁵¹⁰: em Lisboa 68,40 % equivalem a elaborações sudgálicas, 18,63 % a itálicas e tardo-itálicas e 12,97 % a hispanas, meridionais e setentrionais; em Santarém o predomínio das elaborações em modo itálico é claro, com 57,14 % do total de “marcas”, seguindo-se as sudgálicas, com 38,10 % e uns escassos 4,76 % hispânicos, estando aqui também presentes as duas origens dominantes; em *Eburobrittium*, por seu turno, registam-se 23,94 % de impressões sobre vasos oriundos da Península Itálica, 35,21 % do Sul da Gália e 40,85 % da Hispânia, no caso exclusivamente da Tarraconense. Esta forma simples de exposição dos dados indicia desde logo três desiguais dinâmicas urbanas.

Mas não só o fator tempo transparece destes números pois, do mesmo modo ainda genérico, eles indicarão três distintas formas de aprovisionamento, particularmente claras no que respeita ao caso dos recipientes hispanos.

Uma outra questão prévia primordial é a do significado e fiabilidade dos valores atingidos pelas “marcas” para o balanço global da comercialização dos vasos. Ora, considerando os indicadores de Lisboa, por serem os mais amplos, e contando os conjuntos de fragmentos expressos em termos de NMI recolhidos nos pontos arqueológicos da cidade de Rua das Pedras Negras, Palácio dos Condes de Penafiel, Calçada do Correio Velho-Via Pública, Rua de São Mamede ao Caldas-Via Pública, Zara/Rua Augusta e Praça da Figueira (1904 indivíduos), obtêm-se os resultados seguintes: produções de modo itálico 13,43 % (313 NMI); tardo-itálicas 0,63 % (12 NMI); sudgálicas 62,15 % (1184 NMI); por fim, 20,73 % hispanas (395 NMI). A diferença mais sensível entre número de “marcas” e percentagem do NMI respeita às elaborações peninsulares, e traduz o fato de uma parte dos recipientes hispanos alto imperiais não ser estampada, prática que terá atingido uma proporção relevante, que no estado atual dos nossos conhecimentos não é precisável ainda.

³⁵¹⁰ De parte foram deixados, propositadamente, os fabricos denominados do “tipo Peñaflor”. Embora se tenha registado uma “marca de oleiro”, o seu contributo maior é no plano do conhecimento da própria produção. O grupo deve estar seguramente subavaliado, pois muitos dos ambientes deposicionais levaram à degradação dos frágeis revestimentos, sendo alguns dos fabricos facilmente confundíveis numa primeira observação com outras cerâmicas ditas comuns. Um exemplo que se poderia invocar é o do espólio de Povos (Vila Franca de Xira), onde se conserva um grupo de cerca de uma dezena deste tipo de recipientes. Noutro sentido, e porque só em muito raras ocasiões lhes foi aposta “marca”, a sua consideração estatística não pode ser feita em termos equivalentes aos itálicos, gálicos e hispânicos.

A análise feita por Catarina Viegas ao material de Santarém exumado até 2002 mostrou, porém, indicadores não plenamente concordantes com os lisboetas. Ali, num total de 656 indivíduos, os fabricos de modo itálico perfazem 44,59 % (293 NMI), tardo-itálicos 0,15 % (1 NMI), sudgálicos 39,57 % (260 NMI) e hispânicos 15,68 % (103 NMI). No caso da cidade ribatejana, a diferença de expressão entre as percentagens do NMI total e de “marcas” ocorre com especial acuidade no grupo dos recipientes hispânicos (4,76 % “marcas” / 15,68 % NMI). Estes valores discrepantes poderão encerrar duas explicações, complementares: como se indicou para Lisboa, por um lado prender-se-á com o menor hábito epigráfico hispânico, por outro, e sobretudo, porque ali terá ocorrido uma maior importação já no séc. II d.C., quando o mesmo costume oleiro decaiu intensamente. Por reflexo estatístico é no grupo de modo itálico, por ser o mais representado, que se repercutirá de maneira mais intensa este aumento hispânico a nível dos NMI.

Como já havíamos feito notar a propósito do sítio do *ager* escalabitano de Azeitada (Almeirim), o único no âmbito do povoamento rural da região em estudo que mostra razoável entidade numérica nos dois planos (108 NMI/ 21 “marcas”), os indicadores são ali comparativamente próximos: respetivamente, de 13,7 % / 14,3 % para os vasos itálicos, 63,4 % / 66,7 % para os sudgálicos e 32,9 % / 29 % para os hispânicos³⁵¹¹.

Em suma, as observações enunciadas parecem comprovar que a contabilização do número total de impressões constitui uma forma operativa de aproximação à composição geral dos conjuntos de *sigillata* alto imperial, requerendo como condição prévia de validade incidir sobre amostragens dotadas de relativa expressividade numérica. De igual forma, parece necessário, para além de prudente, ter em consideração as limitações e contornos específicos acima apontados, que não invalidam o uso das “marcas de oleiro” como parâmetro de estudo no balanço da importação e consumo do tipo de loiça de mesa.

Outro vetor importante a considerar é o diacrónico, isto é, em que medida as “marcas de oleiro” estudadas reproduzem os ritmos de consumo dos locais, de outra forma patentes na abordagem mais compreensiva da *sigillata*. Deixando no momento de lado a reflexão a propósito da natureza contextual da informação, os ritmos de

³⁵¹¹ Vide *supra*, subcapítulo 8.5.

Santarém, já disponibilizados antes por Catarina Viegas³⁵¹², foram contrastados com os de Lisboa, baseando-se estes nos elementos relativos aos mesmos pontos arqueológicos da cidade antes utilizados³⁵¹³ e, de igual forma, incluindo agora as restantes espécies documentadas por impressão. Assim se obtiveram os resultados seguintes (vide Figura 248, *infra*): é facilmente constatável dos valores da tabela que as morfologias itálicas mais recuadas mostram uma pujança superior nos contextos escalabitanos, nomeadamente através de tipos cujo fabrico se processou a partir dos inícios da década de 40 a.C. ou 30 a.C., respetivamente os Consp.1.1, (6x) e Consp. 10.1 (6x), que em Lisboa constituem exemplares únicos; já a presença dos modelos itálicos mais tardios surge como um fenómeno generalizado à escala regional, com incidência mais vincada em Lisboa do que em Santarém como se deduz das múltiplas tipologias itálicas que ali atingem as décadas finais do séc. I d.C. A este propósito, *Eburobrittium* enquadra-se genericamente no panorama do Tejo, tanto quanto se pode depreender dos modelos apenas documentados através de “marca”.

Os indicadores gerais fornecidos pelas “marcas de oleiro” são plenamente compatíveis com o panorama que resulta do estudo dos morfotipos: Lisboa regista 5 “marcas de tipo radial” em 79 espécies (1/16), Santarém categoricamente 2, número que ascende no mínimo a 4 (1/12), pois seguramente 2 outras sê-lo-ão também, mas o conjunto é inferior, de 51 impressões; como seria de esperar em *Eburobrittium*, fundação augústea *ex nihilo*, assinala-se um único caso; no *ager olisiponensis*, o exemplar de Alverca do Ribatejo (Vila Franca de Xira) corroborará o cenário antes definido para as cidades taganas.

Mesmo que hoje à ocorrência deste modelo de “marca de oleiro” seja dada uma menor importância na sua qualidade de indicador da antiguidade das importações, por se ter constatado uma perduração até 10 a.C., o número superior à dezena de “marcas” radiais do Tejo e Oeste não deixa, ainda assim, de compor uma primeira aproximação à matéria, ilustrando o arranque precoce do consumo da loiça de mesa vermelha na região face ao restante da futura província, com destaque quer para *Scallabis* quer para *Olisipo*. De assinalar é também a expressão de maior vigor da cidade do Ribatejo nestes

³⁵¹² C. Viegas, 2003a. Excluíram-se as bases itálicas, embora tipologicamente classificadas segundo o *Conspetus*, dado deverem assimilar-se estatisticamente aos tipos patenteados por outras porções do recipiente.

³⁵¹³ Recorde-se, Rua das Pedras Negras, Palácio dos Condes de Penafiel, Calçada do Correio Velho-Via Pública, Rua de São Mamede ao Caldas-Via Pública, Zara/Rua Augusta e Praça da Figueira. Os dados do Rossio não foram considerados, por terem sido alvo de um tratamento em função do total dos fragmentos (MNI- máximo número de indivíduos)- Conf. E. Sepúlveda *et al.*, 2003.

momentos iniciais do consumo da *sigillata* ocidental, concordante com a aferida a partir de morfotipos, e uma maior incidência no Vale do Tejo do que no Oeste. Ao assunto voltaremos com mais detalhe adiante.

Pratos e pratéis

Forma (seg. Consp.)	Olisipo	Scallabis
1	0	2
1.1	0	6
1.1.3	1	0
2.1	1	0
3.2	2	0
4	2	1
4.2	1	2
4.3	0	1
4.4	5	3
4.5	2	8
4.6	2	4
6	0	2
6.1	0	1
6.2	1	2
10.1	1	6
11.1	2	0
12	6	5
12.1	2	10
12.1.1	2	3
12.1.2	0	3
12.1.3	0	4
12.2	0	1
12.2.1	0	1
12.2.2	0	1
12.3	3	1
12.4	2	3
12.5	1	3
18	3	9
18.1	6	2
18.2	24	23
18.2.2	1	0
19	0	3
19.1	1	0
19.2	2	0
20	7	3
20.1	5	2
20.1.2	2	0
20.2	1	0
20.3	6	0
20.4	14	7
20.5	0	1
21	1	0
21.1	2	2
21.2.1	0	1
21.3	7	1
21.3.1	1	0

Cálices, copos e *skyphoi*

Forma (seg. Consp.)	Olisipo	Scallabis
38	2	0
38.3	3	0
R.1.1.	1	0
R.2.1.1	0	1
R.2.2	0	1
R.2.3	0	2
R.3.3	0	2
R.3.3.1	0	1
R.4.1	0	2
R.5.1.1 ?	1	0
R.8.1.1	0	1
R.9.3.1	0	1
50	13	3
50.2.1	1	0
50.3	2	6
50.3.1	1	0
52	1	0
52.1	1	0

Taças e tigelas

Forma (seg. Consp.)	Olisipo	Scallabis
7.1	2	3
7.2	1	0
8.1	1	0
9.1	1	0
13.1.1	0	2
13.2.1	0	1
14	0	2
14.1	1	4
14.1.3	0	2
14.1.5	0	1
14.2	0	2
14.2.1	0	2
14.2.2	0	2
14.3	0	1
15.1	1	2
22	14	11
22.1	21	20
22.1.2	0	1
22.2	8	3
22.3	2	0
22.4	1	0
22.5	0	10
22.6	0	5
23	2	1
23.1	11	2
23.2	4	1
24	1	0
24.1	4	0
24.3	1	0
25.1	1	0
26	1	1
26.3.1	0	1
27	6	3
27.1.2	4	1
28	0	1
28.1	1	0
29.1	1	0
30	0	2
31	1	3
31.1	8	12
32	5	0
32.1	6	0
32.2	1	5
33	5	0
33.1	2	0
33.2	1	0
33.3	3	0
33.5	1	0
34	0	1
34.1.1	6	1
34.2	1	0
35.1	3	0
36	2	0
36.1	1	0
36.3	1	2
36.4	1	6
37.1	1	0
37.1.1	1	0
39.1.2	1	1

Figura 248- Tabelas comparativas de NMI das morfologias de recipientes em fabrico de

modo itálico presentes em Lisboa e Santarém (*Scallabis* segundo Catarina Viegas³⁵¹⁴).

Taças, tigelas e almofariz			Pratos e pratéis		
Tipologia	Olisipo	Scallabis	Tipologia	Olisipo	Scallabis
Ritt. 5	15	0	Ritt. 1	7	1
Drag. 24a	2	0	Drag. 2/21	0	1
Drag. 24/25	150	39	Drag. 15a	3	0
Drag. 27	252	58	Drag. 15b	3	0
Drag. 27 Montans	1	0	Drag. 16	3	0
Ritt. 8	36	4	Drag. 15/17	154	35
Ritt. 9	20	4	Drag. 15/17 Montans	1	0
Ritt. 13 ?	1	0	Drag. 17a	1	0
Drag. 33	4	3	Drag. 17b	4	4
Afim Drag. 33	1	0	Drag. 18	283	51
Drag. 33	48	3	Drag. 18R	5	0
Drag. 35	43	?	Drag. 36	22	1 (+?)
Drag. 4/22	3	1	Curle 15	2	1
Drag. 42	4	0	Hermet 2/12c	0	1
Drag. 46	2	0			
Vernhet B2	1	0	Loiça decorada a molde		
Vernhet D1	1	0	Tipologia	Olisipo	Scallabis
Ritt. 12	2	1	Drag. 11	3	0
			Drag. 29	26	9
			Drag. 30	9	7
			Drag. 37	17	?
			Déch. 67	9	0
			Hermet 7 ?	1	0
			Hermet 7 ou 15	1	1
			Hermet 9	1	0
			Hermet 12	1	0
			Hermet 29	1	0
			Hermet 31	1	0

Figura 249- Tabelas comparativas de NMI das tipologias de recipientes em fabrico sudgálico presentes em Lisboa e Santarém (*Scallabis* segundo Catarina Viegas³⁵¹⁵).

As observações acerca das elaborações gálicas são analogamente coerentes.

Atentando-se ao quadro comparativo das duas cidades do Tejo, os modelos que podem ser anteriores a Cláudio ou de inícios do seu principado ocorrem no território de estudo, mas em quantidades discretas face ao remanescente: o cálice Drag.11 (3x) e a taça Ritt.5 (15x) estão bem representados, mas apenas em Lisboa; outras morfologias, porém, podem também encerrar estas datas, como os Ritt.1 (7x em Lisboa e 1x em Santarém), Drag.2/21 (1x em Santarém), Drag.17a (1x em Lisboa) e Drag.17b (4x em ambas as cidades), para não se fazer referência à vasta panóplia que faz a sua aparição neste período e que gozará de amplo sucesso mais ou menos prolongado depois, como os Drag. 15, 16, 15/17, 18, 24/25, 29, 30, 33,... Como na análise morfológica dos vasos,

³⁵¹⁴ C. Viegas, 2003a.

³⁵¹⁵ Idem.

as “marcas” acusam de igual modo a existência de importações do Sul da Gália desde o principado de Tibério, de forma aliás bastante mais segura e categórica, informação plenamente confirmada pelas estratigrafias³⁵¹⁶.

O findar do consumo e importação de vasos sudgálicos na “Península de Lisboa”, por sua vez, é assinalado pela ocorrência das variantes tardias das morfologias mais correntes. Tal é o caso dos pratos Drag. 18 ou das tigelas Drag. 27 que ostentam um perfil mais espesso, ou do grupo de indivíduos rutenos detetado na área em estudo que ostenta uma menor qualidade no revestimento. Ambos, modelação e acabamento, constituem tendências da produção, correspondendo por isso a um critério menos fiável quando a análise é efetuada exemplar a exemplar, como foi o caso, para mais tendo-se constatado que a maioria dos vasos integravam contextos estratigráficos ulteriores e/ou resultantes de sucessivos transportes residuais. A respeito da valorização cronológica do critério de análise das variantes qualitativas do revestimento e detalhes de modelação já Catarina Viegas havia manifestado reservas a propósito dos materiais de Santarém, defendendo que nas “marcas” residirá a informação mais qualificada a este respeito³⁵¹⁷. Apesar destas observações, a ocorrência de importações rutenas dos finais do séc. I d.C. e inícios do séc. II d.C., sugerida pelos perfis pesados e revestimentos baços de vasos, é comprovada por uma quantidade razoável de impressões situadas entre os principados de Domiciano e Trajano em *Olisipo*, *ager olisiponensis* e *Eburobrittium*, sendo de notar a sua ausência em Santarém e *ager scalabitanus*, a qual tem correspondência na preponderância dos tipos decorados mais recuados presentes na cidade do Ribatejo (vide Figura 249, *supra*).

As produções hispânicas encerram problemáticas próprias, bem distintas das que envolvem os vasos congêneres itálicos e sudgálicos e que, no essencial, se podem colocar a dois níveis interligados: o âmbito cronológico das impressões e o hábito epigráfico menor.

No que se reporta ao primeiro aspeto, em data recente Macarena Bustamante Álvarez defendeu, com base em mais de meio milhar de impressões encontradas numa sequência emeritense de estratigrafias encerrando datações bem delimitadas de despejos detriticos urbanos sucessivos, logo funcionalmente homogêneas e temporalmente representativas, que o maior número e diversidade de assinaturas dos oleiros setentrionais se centrou no período dos imperadores Flávios, que qualificou como o

³⁵¹⁶ Nomeadamente na Praça da Figueira- Conf. *supra*, subcapítulo 8.2.23.4.

³⁵¹⁷ C. Viegas, 2003a, p. 116.

lapso de tempo correspondente ao “boom” e época áurea da exportação de La Rioja. Complementarmente, argumentou em favor de uma possível cronologia um pouco mais avançada da forte exportação de Andújar, chamando a atenção para a ausência dos vasos meridionais de numerosos e significativos contextos flávios na área geográfica preferencial da sua comercialização³⁵¹⁸. A ser assim, o conjunto de impressões riojanas abordado na “Península de Lisboa” centrar-se-ia no tempo dos Flávios e inícios do de Trajano, e o das oriundas da Bética, embora iniciado ainda com os Flávios, deteria uma maior perduração e intensidade comercial ao longo do período dos primeiros imperadores da dinastia antonina.

O menor costume epigráfico das *officinae* hispanas tem implicações de monta na extrapolação dos dados. Tendo em mente as discrepâncias verificadas na comparação entre os valores obtidos para os NMI e “marcas” em Santarém e Lisboa, a que se fez referência um pouco acima, parece existir uma disparidade acentuada entre a frequência da marcação em La Rioja e em Andújar, aparentando ser o uso bastante inferior nas olarias meridionais. Por outro lado, a quebra mais expressiva do emprego da estampagem interna da “marca” parece assumir igualmente contornos cronológicos, como já se fez referência com uma incidência superior na segunda centúria. Ambas as circunstâncias levantam dificuldades inultrapassáveis na obtenção de um balanço diacrónico mais fino das importações hispânicas pois um vaso isento, tomado isoladamente, tanto pode equivaler a uma elaboração ainda do séc. I d.C. como a uma do seguinte.

Traduzindo estas problemáticas, os valores em termos de NMI atingidos pelos vasos béticos em Santarém, onde são dominantes por pequena margem, contrastam com a sua fraca expressividade em termos de “marcas”, dado só se conhecer um exemplar com esta origem (vide Figura 250, *infra*). Como Catarina Viegas já sugerira para Santarém, mais tarde secundada em relação a Lisboa por Inês Ribeiro com base na amostragem da Praça da Figueira que estudou³⁵¹⁹, o século II d.C. parece ser no Vale do Tejo o principal período de consumo destes vasos de produção meridional peninsular, o que tem alguma confirmação nas gramáticas decorativas que ostentam os conjuntos de taças decoradas com aquela origem.

³⁵¹⁸ M. Bustamante Álvarez, 2010. Com argumentação diversa, embora no mesmo sentido em relação a Andújar, J.C. Quaresma, 2008 e 2009.

³⁵¹⁹ C. Viegas, 2003a; I. Ribeiro, 2010. O quadro tem genericamente correspondência na Lusitânia meridional, em Faro, *Balsa* (Conf. C. Viegas, 2006 e 2011) e Miróbriga (Conf. J.C. Quaresma, 2008 e 2009).

Tipologia	<i>Olisipo</i>		<i>Scallabis</i>		
	Andújar	La Rioja	Andújar	La Rioja	Indet.
Drag. 15/17	45	52	9	7	6
Drag. 18	0	22	0	0	0
Drag. 36	1	8	+ 1 ?	?	0
Hisp. 4	1	7	2	0	0
Lud. Tb	0	1	1	0	0
Ritt. 8	0	2	1	0	0
Drag. 24/25	0	1	2	2	0
Drag. 27	56	26	11	6	0
Drag. 33	1	4	0	0	0
Drag. 35	0	6	+ 1 ?	0	0
Drag. 44	1	4	2	0	0
Drag. 46	1	2	0	0	0
Drag. 29/37	1	3	0	4	0
Drag. 29	0	2	0	0	0
Drag. 30	0	1	3	0	0
Drag. 37	7	52	5	2	1
Hisp. 20	0	1	0	0	0
Hisp. 51	0	0	0	1	0
Hisp. 77	0	1	0	0	0

Figura 250- Tabelas comparativas de NMI das tipologias de recipientes em fabrico hispânico de La Rioja e Andújar presentes em Lisboa e Santarém (a sombreado o fabrico dominante; *Scallabis* segundo Catarina Viegas³⁵²⁰).

Portanto, uma explicação de índole essencialmente temporal poderá estar subjacente ao reduzido quantitativo de impressões de Andújar em *Scallabis* e no diferencial de representatividade de “marcas” *uersus* NMI total em *Olisipo*. Noutro sentido, embora se registem escassos recipientes andujarinos em *Eburobrittium*, que não ostentam “marca”, nenhuma impressão é ali conhecida, apesar de as elaborações hispânicas serem aí o grupo mais vasto. Este dado traduzirá somente uma forte quebra do consumo da cidade do Oeste no séc. II d.C. ou, alternativa e conjuntamente, uma orientação do aprovisionamento que privilegiou o abastecimento nordestino a partir de um determinado momento?

Em síntese, o que se oferece dizer acerca da abordagem das “marcas” na sua qualidade de indicador cronológico é que se assumem como parâmetro de análise

³⁵²⁰ C. Viegas, 2003a.

plenamente válido e operativo para os fabricos itálicos e sudgálicos, mas que para o cômputo das produções hispanas transmitem uma expressão subavaliada deste universo, com eventual especial incidência nas espécies datadas da segunda centúria, requerendo por isso os resultados de outros elementos adicionais de leitura.

A investigação vem aproveitando a informação das “marcas” para a avaliação dos ritmos dos sítios utilizando para isso metodologias diversificadas.

Assim, em 1980, Dias Diogo aproveitou os seus *corpora* de “marcas de oleiro” itálicas e gálicas em Portugal para efetuar o balanço da importação da *terra sigillata* com aquelas origens³⁵²¹. Apercebendo-se da diferente representatividade de “marcas” face ao número de fragmentos (MNI), e do grande peso de Conímbriga na sua amostragem, elegeu o sítio como referência para a calibração dos valores: partindo de uma proporção de 48 “marcas” para 744 vasos (MNI) em modo itálico, estabeleceu uma relação de representatividade de 1 “marca” para 15,5 vasos; adoptou o mesmo procedimento para a produção sudgálica, definindo uma relação de 1 “marca” para 12 vasos, resultante da presença de 132 marcas em 1584 MNI³⁵²². Da mesma forma, para a aferição das frequências das “marcas de oleiro” contabilizou cada exemplar ao longo do seu respetivo espectro cronológico, procedendo depois ao somatório dos valores íntegros no interior dos intervalos temporais, e à sua conversão em percentagem face ao total³⁵²³. Esta opção estatística encerra a contradição de, ao perseguir mais finas cronologias afinal valorizar os exemplares de cronologia menos precisa, pois estes, onde a baliza cronológica é mais alargada, ao serem contabilizados unitariamente dentro de todos os intervalos acabam por pesar mais no cômputo final do que os de data mais precisa.

Em 1981, Geoff Marsh, ao elaborar o estudo de síntese do volume de importação de *sigillata* gálica na *Britannia* ao longo dos séculos I e II d.C., partiu do pressuposto de que a cada vaso correspondia uma representatividade diferente em função do centro originário, da cronologia dentro deste e da tipologia formal presente na amostragem³⁵²⁴. O britânico concluiu da existência de ciclos regulares de maior ou menor compulsão de vasos com uma duração de cerca de 20 anos, a partir daí denominadas “*Curvas de Marsh*”³⁵²⁵, pelo que, na sua apreciação de vasos e/ou “marcas de oleiro”, defendeu que a um exemplar em *terra sigillata* gálica da Época de Trajano corresponderiam três do

³⁵²¹ A.M.D. Diogo, 1980a, 1980b e 1984.

³⁵²² Idem, 1980a, p.6.

³⁵²³ Idem.

³⁵²⁴ G. Marsh, 1981; P. Tyers, 1996, p. 40 - 41

³⁵²⁵ Idem.

período inicial dos Flávios e a, no lapso de 150 - 160 d.C., entre um e meio a três³⁵²⁶.

O método de avaliação diacrónica da importação e consumo da *sigillata* aferido a partir das “marcas de oleiro” mais comumente empregue na investigação sobre a Lusitânia e Galécia é o mais “clássico” e considera o número de oleiros em função do seu período de laboração³⁵²⁷, procedimento que parece encerrar como objecção principal os problemas colocados pela não forçosa coincidência deste lapso temporal com o das impressões.

Maria da Conceição Lopes em 1994 proporia uma outra metodologia baseada na totalidade dos recipientes, o denominado cálculo do volume médio anual de importação. Partindo do princípio de que cada um dos grupos (ítálico, sudgálico, hispânico e africano) teve um período principal de importação, em função de um quadro regional previamente definido, procedeu à divisão do número de vasos pelo lapso temporal³⁵²⁸. Tendo como óbice o constranger os dados a elementos cronológicos já antes fixados, parte portanto de uma visão holística para a análise particular. Apesar disso, permite esboçar uma boa primeira aproximação à panorâmica das importações num determinado arqueossítio, com a vantagem supletiva de ao considerar a totalidade dos vasos abranger a produção africana, isenta de epigrafia no quadro da produção.

Para a aferição dos elementos que pretendeu atingir, Marinus Polak considerou, em 1994 e 2000, a distribuição do valor unitário de cada impressão ao longo de intervalos cronológicos quinquenais, servindo-se somente do intervalo médio dentro do lapso para a aferição quantitativa³⁵²⁹. O mesmo procedimento foi seguido depois em 2011 por Allaard Mees para a análise da *sigillata* itálica e gálica, com base nas informações constantes do OCK e NOTS³⁵³⁰.

No caso presente adoptou-se uma opção metodológica distinta, já antes seguida no estudo sobre a Praça da Figueira³⁵³¹, aproximando-se da seguida por Polak e Mees por considerar a distribuição do valor unitário de cada impressão por intervalos quinquenais. Contudo, e ao contrário daqueles investigadores, preferiu valorizar-se a expressão estatística de efetiva probabilidade de cada exemplar corresponder a qualquer um dos segmentos de tempo fixados pelo estudo individual de cada “marca”.

³⁵²⁶ Idem.

³⁵²⁷³⁵²⁷ A. Alarcão, 1971, 1975a e 1975b; F. Mayet, 1978; A.M.D. Diogo, 1980a, 1980b e 1984; M. Delgado, 1988; M.C. Lopes, 1994; T.P. Carvalho, 1994; R. Morais, 1998 e 2005; C. Viegas, 2003a, 2006; J.C. Quaresma, 2003 e 2009, para citar os casos mais destacados.

³⁵²⁸ M.C. Lopes, 1994, p. 95 e seguintes.

³⁵²⁹ M. Polak, 1994 e 2000, p. 401, Appendix B.

³⁵³⁰ A. Mees, 2011.

³⁵³¹ R.B. Silva, 2005, p. 260.

Este entendimento significa, assim, que a unidade foi subdividida por parciais equivalentes ao número de classes temporais a que corresponde, somando depois estes mesmos dentro de cada intervalo para formar curvas de tendências. Idêntica opção de análise estatística havia já sido praticada em relação a vasos isentos por Elisabeth Fentress e P. Perkins ao estudarem os volumes de exportação de *terra sigillata* africana clara³⁵³², como igualmente por Jeroen Poblome ao determinar a dinâmica do consumo de *sigillata* itálica no Mediterrâneo Oriental³⁵³³.

Deste modo, os resultados do tratamento estatístico das “marcas de oleiro” proporcionaram uma representação diacrónica dos ritmos de importação da *terra sigillata* onde se refletem três diferentes histórias económicas das cidades e dos espaços dos *agri*.

Olhando para o caso de *Olisipo*, focado em primeiro lugar por presumivelmente ser o nó redistribuidor de primeira importância na região em estudo, verifica-se uma diversidade de comportamentos nas curvas de frequências, ditada fundamentalmente pelas áreas da cidade onde os contextos foram reconhecidos.

Neste sentido, na área próxima às *Thermae Cassiorum*, considerando desta maneira os pontos arqueológicos da Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28, Palácio dos Condes de Penafiel-Jardim e Rua de São Mamede ao Caldas-Via Pública, os registos cronológicos denotam uma relativa modernidade, com muito baixos níveis antes de 25 d.C. e um crescendo de importância até atingirem um pico comum em 70 d.C. A partir dessa data, a quebra é também paulatina, para diminuírem de forma marcada a partir de 100 d.C. Os principados dos Flávios parecem, portanto, polarizar o essencial do descarte. Conhecendo-se bem a funcionalidade do espaço da Rua das Pedras Negras, é extremamente significativo que aí se concentre a maior representatividade de impressões hispânicas na cidade, em clara competição com os fabricos sudgálicos que aliás suplantam neste período. E é aí que o declínio da curva é mais atenuado no seu período final, no intervalo de 105-125 d.C., o mesmo que dizer na Época de Trajano (vide *infra*, Figura 251-A).

O Teatro Romano e o espaço dos Claustros da Sé, por sua vez, evidenciam um comportamento totalmente distinto do antes exposto. Assim, o predomínio de consumo é na zona itálica, seguramente não anterior a 30 a.C., e em rápido crescimento a partir de 25-20 a.C., atingindo os picos máximos em 5-10 d.C., na Catedral, e um muito

³⁵³² E. Fentress e P. Perkins, 1988.

³⁵³³ J. Polblome, 2004.

vincado expoente um pouco mais tardio, em 15 d.C., no Teatro. A partir do período tardo-augústeo as curvas decaem de maneira progressiva mas forte até 25 d.C. Na Sé, o lapso entre esta última data e 35 d.C. regista uma flutuante estabilidade, motivada em exclusivo pelo contributo dos recipientes gálicos, para retomar um moderado crescimento até 70 d.C., após o que decaem marcadamente nos últimos anos do séc. I d.C. (vide *infra*, Figura 251- B). Naturalmente que os dados do Teatro se mostram um pouco distintos no espaço após Tibério: em primeiro lugar por terem sido tratados somente os exemplares em modo itálico, dado não nos ter sido proporcionada a possibilidade de analisar o conjunto gálico, segundo a responsável das escavações reduzido como na Sé; por outro, e assumindo um interesse supletivo, as formações mais antigas e potentes deverão remontar categoricamente aos inícios do principado de Tibério³⁵³⁴, como se viu antes, estando portanto os materiais com estas datas melhor representados no conjunto.

A área periférica, portuária e artesanal, mostra duas tendências. Na Casa dos Bicos e Rua dos Bacalhoeiros n.º 168, geograficamente algo próximas e onde se instalaram *officinae* de *garum*, os valores relativos às importações itálicas são importantes a vários títulos: na Casa dos Bicos, é segura a presença de recipientes antigos, com probabilidade da Época Triunviral a augústea inicial, mas infelizmente os contextos estratigráficos que presumidamente terão existido não foram identificados; na Rua dos Bacalhoeiros, onde se detetou um aterro formado, como se viu antes, com posteridade a 60/65 d.C.³⁵³⁵, a maioria dos exemplares encerra cronologias mais antigas, dominando as elaborações itálicas, com um perfil maioritariamente tardo-augústeo e tibério, decaindo após 25 d.C. e recuperando somente entre 55 e 65 d.C., após o que decaem até atingirem níveis insignificantes no lapso de 70-75 d.C., comportamento similar ao demonstrado pela Casa dos Bicos.

Partilhando uma proximidade geográfica mais elevada, na Zara-Rua Augusta e Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros também se instalaram *officinae* de *garum* que selaram aterros anteriores e outras ocupações. Em ambos os pontos arqueológicos os indicadores só se verificam com Tibério, assumindo alguma expressão até ao final deste principado após o que decaem mas só na Zara. A partir de Cláudio o crescendo é efetivo, e é no final deste principado que se atingem picos máximos nos dois locais,

³⁵³⁴ Vide *supra*, sub-capítulo 8.2.6.

³⁵³⁵ Vide *supra*, sub-capítulo 8.2.16. De acordo com a responsável das escavações, Lídia Fernandes, o conjunto sudgálico é composto por pouco mais de uma dezena de exemplares, envolvendo-se portanto um panorama similar ao da Sé.

mostrando o Núcleo um muito progressivo declínio dos valores até ao final dos Flávios, ao invés da Zara, onde a quebra maior é um pouco mais antiga, em pleno principado de Vespasiano (vide *infra*, Figura 251- C).

Na área urbana mais periférica, na Praça da Figueira e Encosta de Sant'Ana, dominam funcionalidades viárias, funerárias e de acumulação detritica. Os valores do segundo dos pontos da cidade são irrisórios por comparação com os do primeiro citado, mas como se pode observar corroboram o panorama da Praça. Aí o consumo de vasos atestados por “marca de oleiro” é improvável antes de 20 a.C., e atinge-se o pico das importações itálicas com Tibério, decaindo os números a partir dos meados do principado deste imperador para uma estagnação com oscilações até à afirmação definitiva do aprovisionamento com origem no Sul da Gália. Deste modo, a partir de 35 d.C. regista-se um crescendo forte que irá atingir os máximos em 60 d.C., quando se inicia um declínio na curva, inexorável, mesmo perdendo algum fulgor após 75 d.C. graças ao aprovisionamento peninsular hispânico.

Como se observou nos outros pontos da cidade, após 100 d.C. a demonstração de importação através de “marcas de oleiro” denota níveis muito baixos, embora se deva assinalar a possibilidade de darem testemunho das aquisições até aos finais do séc. II d.C. (vide *infra*, Figura 251- D). Este conjunto de observações tem que ser colocado em relação com as realidades estratigráficas do espaço onde, recorde-se, não foram detetados contextos anteriores a Tibério, se notou uma intensa atividade edilícia pública e privada na década de 60 d.C. e a presença de contextos Flávios e da segunda centúria não facultou a formação de acumulações detriticas contendo materiais em número comparável aos presentes nas formações anteriores. No entanto, artefatos com essas datações estavam incluídos de forma significativa nestes últimos contextos, podendo tomar-se a amostragem como a mais representativa do perfil de *Olisipo*, em especial para o período que medeia os meados dos principados de Augusto e de Vespasiano.

Como se acabou de ver, portanto, existe uma direta e forte relação entre as realidades contextuais dos distintos pontos arqueológicos da cidade e os conjuntos de *terra sigillata*, aspeto que assume um importante relevo metodológico.

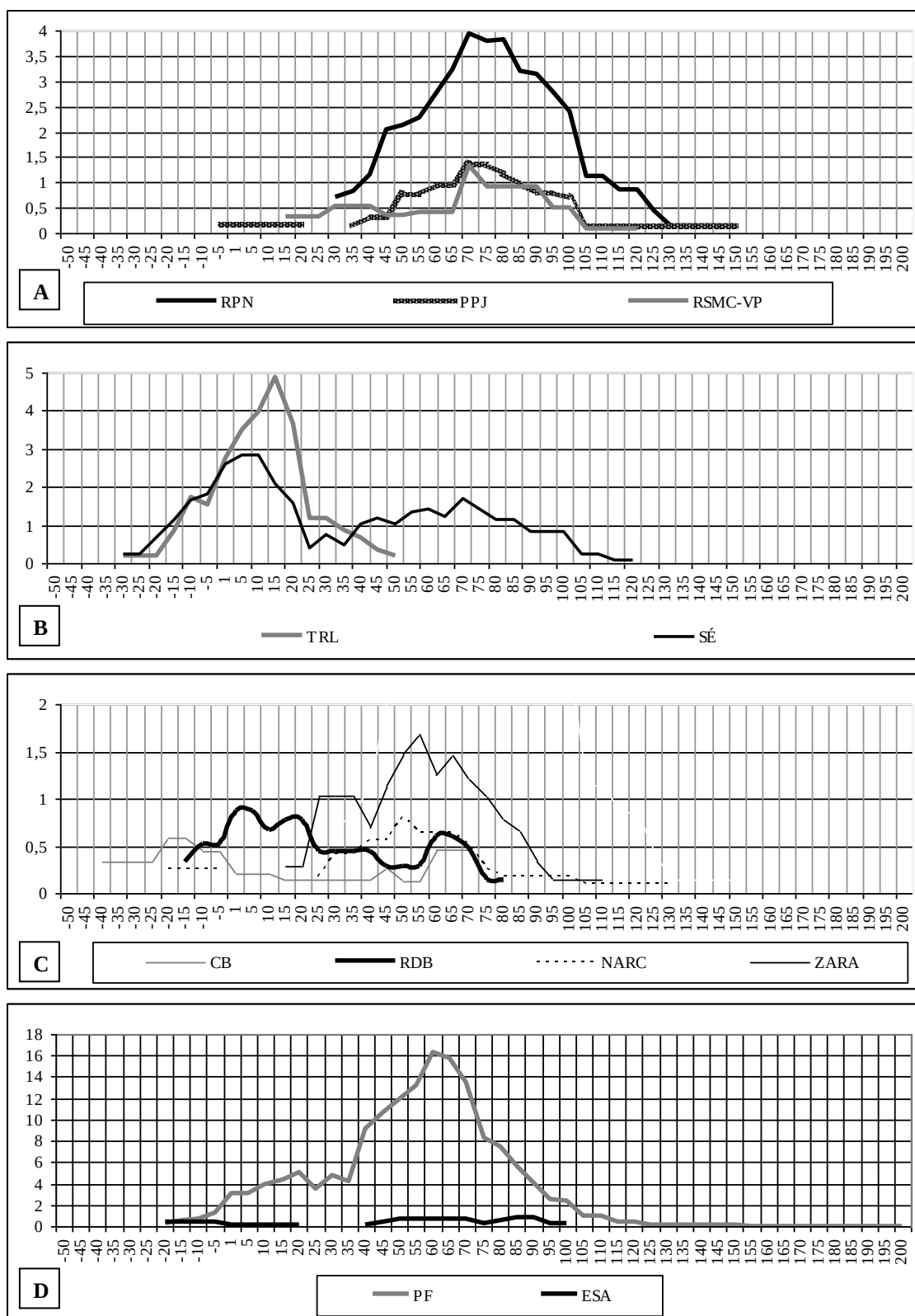


Figura 251- Curvas quinquenais das importações da *terra sigillata* em *Olisipo* de acordo com as “marcas de oleiro”, organizadas por áreas geográficas e funcionais da cidade: **A**- Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28 (RPN), Palácio dos Condes de Penafiel-Jardim (PPJ) e Rua de S. Mamede ao Caldas-Via Pública (RSMC-VP); **B**- Teatro Romano de Lisboa (TRL) e Claustros da Sé (SÉ); **C**- Casa dos Bicos (CB), Rua dos Bacalhoeiros (RDB), Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC) e Rua Augusta-Zara (ZARA); **D**- Praça da Figueira (PF) e Encosta de Sant’Ana (ESA).

Numa perspetiva global para *Olisipo*, este dado terá de ser tido em consideração, por forma a ponderar-se a sua influência na leitura do significado da curva total da cidade.

De acordo com os indicadores fornecidos pelas “marcas de oleiro”, é plausível a importação de *sigillata* em Lisboa desde a década de 40 a.C., embora a níveis muito discretos e que se manterão até 25 a.C. Em 20 a.C. o fenómeno de crescimento aquisitivo é já evidente, mantendo-se até 10 a.C., quando os valores quintuplicam. A curva sofre então um crescendo tímido até 1 d.C., com uma ligeira oscilação negativa no lapso de 5 a 10 d.C. O pico positivo de 15 d.C. será mais aparente que real, e deixa transparecer o peso do intervalo inferior das datações de “marcas de oleiro” do formato *in planta pedis*. A quebra no consumo, na altura exclusivamente itálico, é então evidente, sofrendo uma retracção que estagna nos meados do principado de Tibério.

Embora tímida, uma oscilação de sentido levemente positivo é notada no final do período de Tibério-Caio, tornando-se muito expressiva a subida dos valores nos inícios de Cláudio, graças à aquisição agora predominantemente gálica, quando os níveis suplantam os anteriores máximos itálicos. O crescimento quinquenal é agora exponencial, na ordem dos 100 % na década de 60 d.C., quando se mantêm num mesmo plano. O advento de Vespasiano é porém marcado por uma quebra significativa, que os NMI dos vasos gálicos não marcados no centro de produção ou a forte entrada no mercado dos recipientes hispânicos compensam de forma somente parcial.

O declínio da aquisição de *terra sigillata* em Lisboa com os Flávios é pois uma realidade incontornável, e não resulta do maior peso na amostragem de alguns dos indicadores, nomeadamente os da Praça da Figueira. Será contudo somente no reinado de Domiciano que os valores decaem para números inferiores aos registados no primeiro quarto do séc. I d.C., como será com Trajano, quando ainda se verifica uma convivência de fabricos hispânicos com as últimas exportações sudgálicas testemunhadas por impressão, que os indicadores obtidos através das “marcas de oleiro” baixam para níveis pouco expressivos, apesar de se notar um refrear do declínio que durará até 125 d.C.

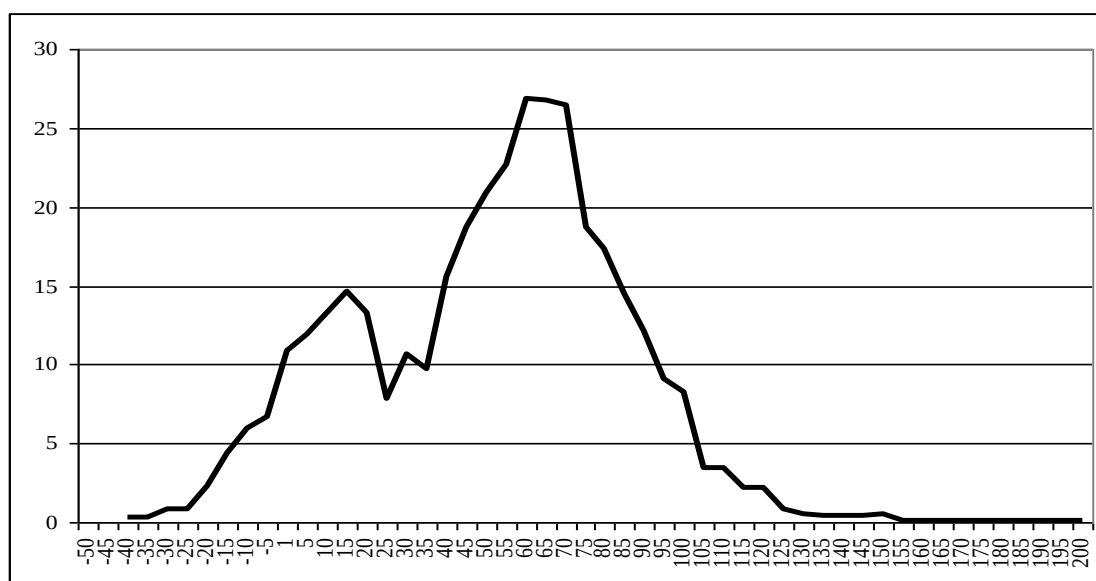


Figura 252- Curva quinquenal das importações da *terra sigillata* em *Olisipo* de acordo com as “marcas de oleiro”.

A situação nos *agri* é condicente com a da cidade. O conjunto é aqui composto por uma acumulação de pequenas amostragens de um número elevado de sítios. No geral, as evidências proporcionadas pelas impressões do povoamento rural disperso olisiponense mostram-se homogêneas entre as diversas áreas em que poderiam ser subdivididas, ou seja, aro de *Ierabriga*, fachada atlântica e orla a norte do Tejo, podendo portanto admitir-se que a amostragem encerra uma relativa fiabilidade.

Diacronicamente, os valores são muito baixos até cerca de 25 d.C., época das importações de loiça de modo itálico, cuja aquisição documentada por “marca” não pode ser recuada com anterioridade a 25 a.C., portanto um pouco mais tardia do que em *Olisipo*. O comportamento a partir daí é muito similar, exprimindo a capacidade de venda dos recipientes sudgálicos no aro rural, mas o “*floruit*” é um pouco mais recente do que na sede da *ciuitas*, dando-se já com Vespasiano.

Com Domiciano, porém, de novo se nota um forte declínio da aferição do consumo a partir das impressões. Todavia, e ao contrário do centro urbano, os dados dos NMIs do sítio da Quinta da Barradinha (Alenquer) denotam uma vitalidade de importações hispânicas³⁵³⁶ que compensa de maneira clara este marcador, conduzindo à mesma conclusão os elementos estudados por Luísa Ferrer Dias de Povos (Vila Franca de Xira)³⁵³⁷. Os dados publicados de outros assentamentos rurais olisiponenses

³⁵³⁶ Vide *supra*, sub-capítulo 8.3.6.2.

³⁵³⁷ Recorde-se que o conjunto observado pela investigadora era composto por 35 fragmentos de fabricos sudgálicos, 54 hispânicos de La Rioja e 29 também hispanos, mas de Andújar³⁵³⁷. Completavam-no 46 fragmentos em *sigillata* clara africana dos quais 18 em A- Conf. L.F. Dias, 1997.

sugeriam já este panorama em que o consumo flávio-trajânico de vasos peninsulares suplantava largamente o gálico seu contemporâneo, a despeito de se tratarem de amostragens quantitativamente menos relevantes, como as do Alto da Cidreira (Cascais)³⁵³⁸, St.º André de Almoçageme (Sintra)³⁵³⁹, Quinta da Bolacha (Amadora)³⁵⁴⁰ ou Frielas (Loures)³⁵⁴¹. Mas se se pode admitir ser esta a datação preferencial para os recipientes tarraconenses, os números de Andújar e das morfologias mais recuadas da *terra sigillata* africana clara A daqueles locais forçam a admissão da possibilidade de uma quebra aquisitiva generalizada neste espaço geográfico na segunda centúria da Era.

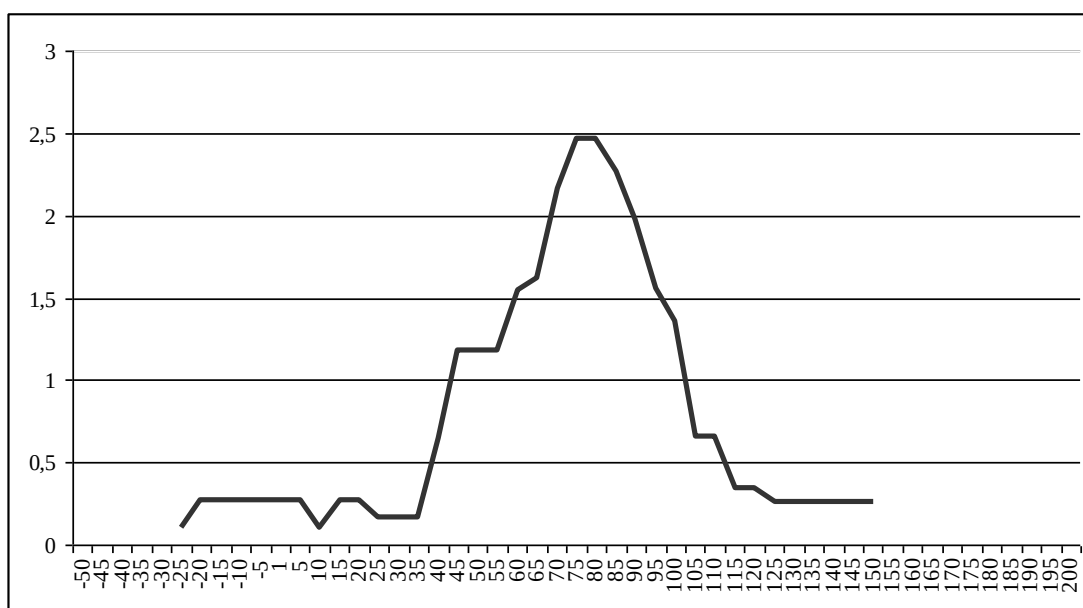


Figura 253- Curva quinquenal das importações da *terra sigillata* no *ager* de *Olisipo* de acordo com as “marcas de oleiro”.

Em *Scallabis*, o panorama da dinâmica de consumo já antes delineado por Catarina Viegas³⁵⁴² mantém-se, e os novos contributos trazidos pelos trabalhos da última década em nada de essencial o vieram alterar. Destacam-se, de entre estes, os contextos identificados na Rua do Sal, na zona da Ribeira, pelo significado que assumem para a leitura do urbanismo da cidade. Assinalados numa muito estreita faixa, será prematuro pretender ver neles o panorama geral desta área suburbana da *colonia*, supostamente portuária e de pendor comercial, mas não deixa de ser sugestivo que concordem com as linhas já antes definidas no *pomerium* escalabitano.

³⁵³⁸ J.U.S. Nolen, 1988.

³⁵³⁹ É.M. Sousa, 1989.

³⁵⁴⁰ G. Encarnação e J.A. Miranda, 1997.

³⁵⁴¹ A.R. Silva, 2001.

³⁵⁴² C. Viegas, 2003a e 2003b.

Da comparação dos resultados obtidos para três diferentes setores da cidade propriamente dita, escolhidos por reunirem conjuntos numericamente válidos e respeitarem a áreas bem apartadas entre si, resultou uma homogeneidade sem paralelo nas outras capitais romanas da “Península de Lisboa” abordadas (vide *infra*, Figura 254). Assim, “Vala 3”/”SEV”, “Horto do Jardim” e “Viveiros do Jardim” desenharam tendências idênticas, em que a única discrepância equivale a pontuais e ligeiros desfasamentos de um máximo de uma década entre os picos positivos e negativos dos marcadores, ou uma maior longevidade do registo dos “Viveiros“, o mais vasto, onde o momento de queda definitiva surge mais tardiamente que nos restantes, com Domiciano.

Esta coerência escalabitana surge comprovada por eventos detetados em contextos estratigráficos, de que se destacarão os momentos de formação de aterros próximos a 25-20 a.C. e as seguintes e sucessivas acções construtivas decorridas durante o principado de Augusto, em consonância com o disparar das curvas dos três pontos arqueológicos da cidade (vide *infra*, Figura 254), como acontece também com o

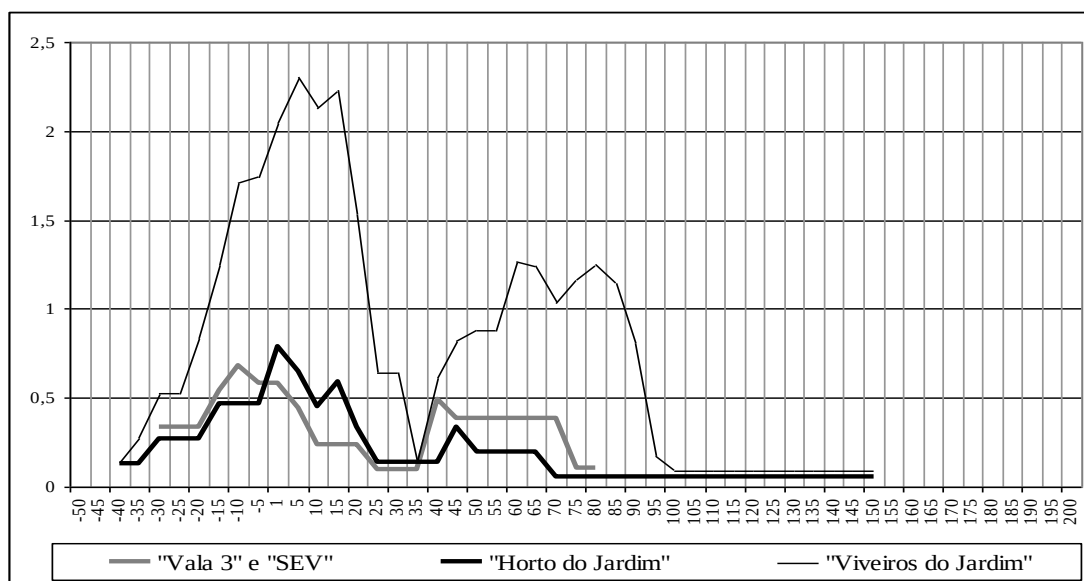


Figura 254- Curvas quinquenais das importações da *terra sigillata* em *Scallabis* de acordo com as “marcas de oleiro”, organizadas por áreas geográficas da cidade.

sinal da ulterior decadência da capital conventual, patenteado na desativação de uma rua e sequente privatização do seu espaço no setor dos “Viveiros”³⁵⁴³, datada de finais do séc. I-primeira metade do séc. II d.C., concordante com a queda para frequências meramente vestigiais das “marcas de oleiro” que se notam a partir de 95 d.C. (vide

³⁵⁴³ R.R. Almeida, 2008.

supra, Figura 254).

Numa perspectiva diacrónica global para Santarém, e muito embora seja admissível uma probabilidade do arranque do consumo da *sigillata* a partir da fase arcaica³⁵⁴⁴, cerca de 40 a.C., os valores são ainda de uma descrição manifesta. Convirá, contudo, ser prudente e manter alguma reserva nesta apreciação, por a ocorrência de *sigillata* oriental A em *Scallabis* ser uma realidade que não se pode menosprezar, podendo encerrar cronologias ainda tardo-republicanas compatíveis com aquela década e deste modo ilustrarem ambos os fabricos, itálico e levantino, a especificidade da cidade, designadamente as suas conexões com âmbitos de comércio pouco difundidos na fachada ocidental das Hispânicas em resultado dos hábitos de consumo atribuíveis a grupos sociais muito específicos, com enorme probabilidade itálicos. No mesmo sentido concorrem os elementos já conhecidos do acampamento militar de Alto dos Cacos (Almeirim), onde esta produção do Mediterrâneo Oriental foi igualmente assinalada³⁵⁴⁵.

A tendência aquisitiva acentua-se cerca de 35 a.C., com níveis de verosimilhança do consumo agora razoáveis, sendo porém a partir de 30-25 a.C., que os indicadores se revelam de probabilidade alta. Na fachada ocidental das Hispânicas somente *Salacia* ostenta o mesmo tipo de perfil, aliás com números muito ligeiramente superiores aos de Santarém. Convém ter presente, porém, que a amostragem da cidade do Sado é muito mais numerosa, condição que requer enfatizar-se a importância da importação de loiça itálica no Baixo Tejo desde momentos muito precoces no quadro geográfico peninsular ocidental, na transição da República para o Principado.

A partir dos inícios de Augusto, os indicadores de *Scallabis* disparam num crescendo contínuo e exponencial até 5 a.C., altura que quadruplicam os valores, subida assinalável porque verificada no curto espaço de duas décadas. Com oscilações ligeiras, o restante do período do primeiro Imperador apresenta-se estável, com um ligeiro pico positivo nos finais deste principado.

Este quadro encontra genericamente correspondência no aro rural próximo da *colonia*, onde a exiguidade do conjunto não permitiu registar impressões anteriores a 20 a.C., mas a representatividade numérica tardo-augústea de “marcas de oleiro” suplanta em dobro a atingida no *ager* de *Olisipo*. Embora este dado pareça indicar uma maior vitalidade do povoamento no *ager* colonial do que no município vizinho, a exiguidade de ambas as amostragens aconselha a que não se valorizem em demasia os valores

³⁵⁴⁴ C. Goudineau, 1968.

³⁵⁴⁵ J. Pimenta *et al.*, 2012; R.B. Silva *et al.* (no prelo).

respeitantes àquela época.

A partir de Tibério, as “marcas de oleiro” de *Scallabis* sugerem uma rápida e muito acentuada quebra do consumo de loiça itálica, altura em que os números se contraem fortemente para cerca de 1/3 dos máximos em que se haviam mantido ao longo de um quarto de século.

Este evento, ocorrido no curto espaço de apenas uma década, iria manter-se numa estabilidade relativa até cerca de 25 d.C. e perduraria por mais dez anos.

Com provável origem nos finais do período de Tibério, desenha-se uma nova intensificação do consumo, segura no final do principado de Caio, quando os ritmos de Santarém voltam a acelerar devido ao contributo do aprovisionamento com uma proveniência gaulesa. Nunca viriam contudo a demonstrar a exuberância ocorrida no principado de Augusto e primeiros anos do de Tibério.

A curva escalabitana mostra, pois, uma maior capacidade aquisitiva de recipientes nos primeiros anos de Cláudio, que decai de forma leve até ao advento de Nero, para registar uma nova curta recuperação para o mesmo patamar até inícios da dinastia Flávia. É nos momentos iniciais de Domiciano que os indicadores assinalam uma muito leve baixa, dando-se então uma profunda quebra, contínua até ao final do principado deste Imperador.

A partir desta data, situada no fim do séc. I d.C., as frequências de *Scallabis* são muito baixas. Este perfil é sobretudo aparente, para tal contribuindo a escassez de impressões hispânicas, sendo o comportamento escalabitano um padrão comum nas curvas peninsulares ocidentais neste lapso de tempo. A evidência fornecida pelos vasos não marcados atenua esta imagem de diminuição acentuada do consumo de *sigillata* a partir da dinastia antonina, mas não a invalidam ou desmentem. Da mesma forma, a representatividade mais alta dos recipientes produzidos na parte meridional das Hispânicas, que deverá traduzir uma maior incidência da importação no séc. II d.C., não cobre os valores de modo a que registem os níveis do século anterior, em certa medida acontecendo o mesmo com os escassos tipos africanos de Santarém dotados de cronologias mais altas. A conclusão é a de que necessariamente o consumo na *colonia* está em depressão vincada na segunda centúria.

As evidências de iniciativas arquitectónicas do séc. II d.C. documentadas no aglomerado ribatejano, maioritárias dentro do exíguo número que se conhece, transmitem-nos uma leitura do clima económico que aponta em sentido contrário, e a única explicação que ocorre é a de que esta contracção aquisitiva poderá não ter

abrangido todos os segmentos sociais da cidade, de alguma maneira poupando elementos da população, porventura integrantes das elites locais, restando pelo menos alguns coloniais capazes de patrocinar atos munificentes públicos ou iniciativas privadas algo onerosas.

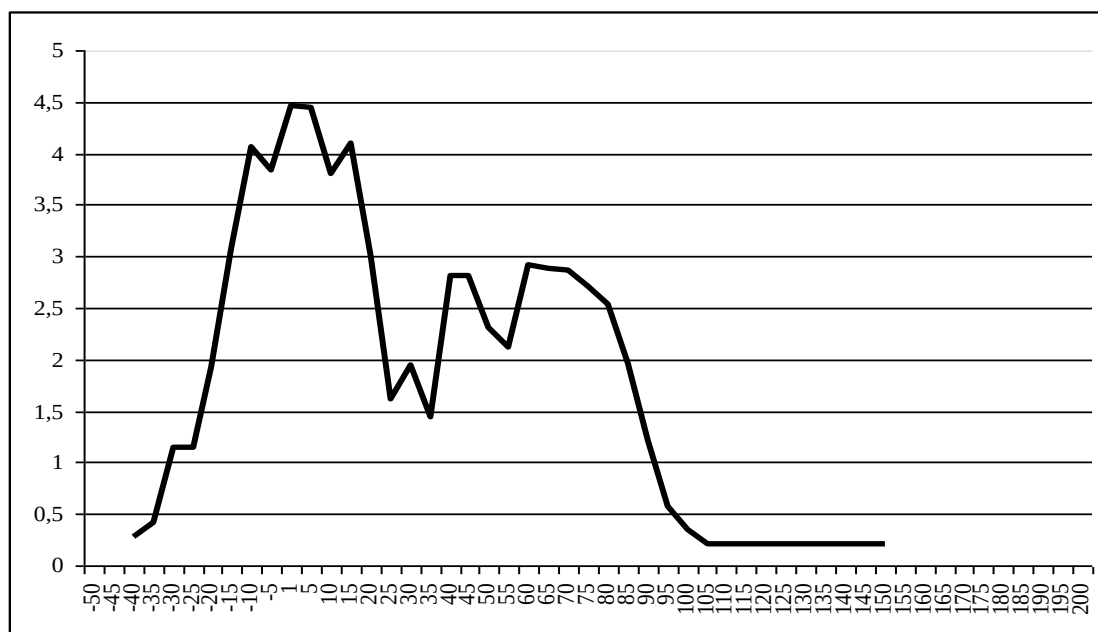


Figura 255- Curva quinquenal das importações da *terra sigillata* em *Scallabis* de acordo com as “marcas de oleiro”.

A comparação com os sítios próximos do *ager scallabitanus* proporciona outro tipo de leituras, bastante pertinentes para responder a variadas questões que derivam da condição atribuída a *Scallabis* de centro redistribuidor regional.

Assoma, em primeiro lugar, que as percentagens itálicas, ao invés de Santarém, são notoriamente mais baixas, como em sentido oposto as atingidas durante o período de domínio dos vasos sudgálicos, mais altas.

Os dois indicadores traduzirão de alguma forma a especificidade dos ritmos de desenvolvimento do centro urbano e do seu aro rural próximo, de forma expectável mais intenso e precoce na cidade do que nos sítios do povoamento disperso.

Em Vale de Tijolos (Almeirim), onde a *sigillata* de La Graufesenque é minoritária com os seus 34,1 % (NMI), Andújar atinge quase 15% do total dos vasos alto imperiais, cabendo a La Rioja uma percentagem similar à do centro ruteno. Ora, mesmo se se admitir que a maioria dos recipientes elaborados na Tarraconense serão flávio-trajânicos, e que todos meridionais hispanos foram importados somente no séc. II d.C., o que não é necessariamente exato para a totalidade dos indivíduos, a imagem que

transparece é a de muito menor vitalidade dos números no sítio rural na segunda centúria, à semelhança da capital do território.

Azeitada (Almeirim), por seu turno, forneceu a amostragem que mais pesa no balanço dos sítios escalabitano a seguir à cidade, seja através de “marcas” ou do NMI dos vasos (vide Figura 257, *infra*). Apesar da presença de duas impressões médio-tardo augústeas, a curva das importações só assume expressividade relevante a partir de 35 d.C., quando se inicia uma escalada constante que culminará no pico observável em 60 d.C. Para tal contribui o contingente sudgálico, largamente maioritário, mas onde consta pelo menos um vaso itálico de meados do séc. I d.C., documentado por impressão.

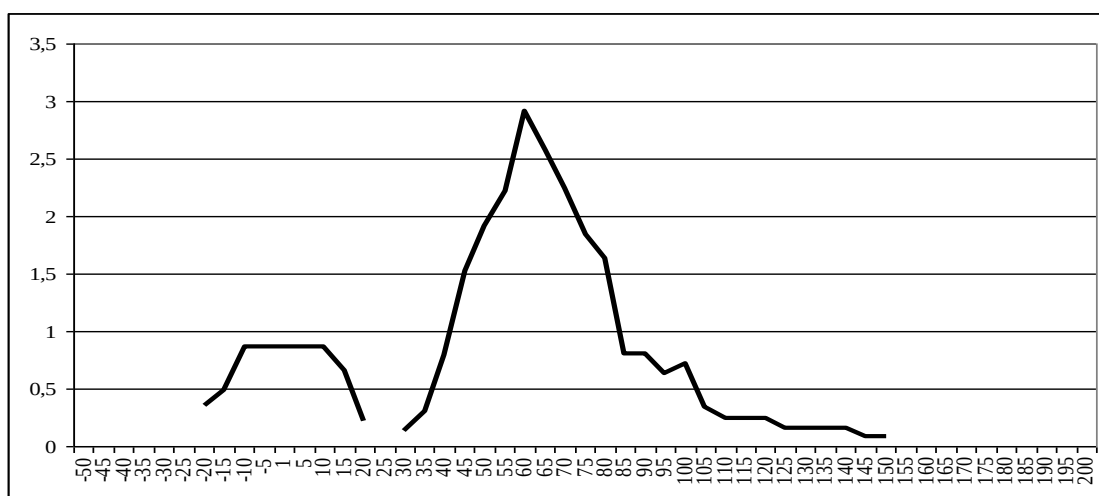


Figura 256- Curva quinquenal das importações da *terra sigillata* no ager de Scallabis de acordo com as “marcas de oleiro”.

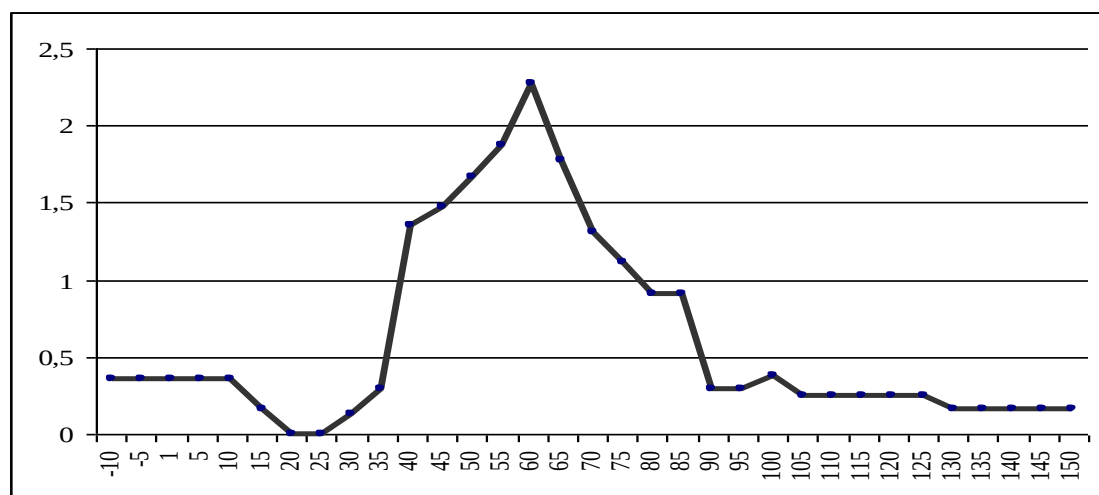


Figura 257- Importação quinquenal de *terra sigillata* alto-imperial no sítio romano de Azeitada, aferida a partir das “marcas de oleiro”.

O registo da segunda metade do principado de Nero mostra uma quebra paulatina que durará até 85 d.C., acentuando-se fortemente a contracção do consumo até 90 d.C.,

data a partir da qual a curva assume uma estabilidade linear de valores muito baixos que prosseguirá até aos meados do séc. II d.C. por força das “marcas” hispanas do sítio. Os elementos proporcionados pelas tipologias apontam para um quadro similar: com 63,4% dos NMI sudgálicos, a morfologia decorada mais representada é a Drag.30, as tigelas Drag.35 estão pouco presentes e dos 29 indivíduos hispânicos (32,9% - NMI) somente 6 são seguramente oriundos de Andújar (5,5 %), quadro que parece apontar para uma prevalência clara de importações gaulesas no tempo dos Imperadores Cláudios, uma predominância peninsular com os Flávios e, de novo, uma notória quebra da aquisição de recipientes no pleno séc. II d.C.

No aro de *Scallabis*, os dois restantes locais, Alto dos Cacos (Almeirim) e Porto Sabugueiro (Salvaterra de Magos), dotados de especificidade funcional respetivamente militar, portuária e artesanal, forneceram dados exíguos, que não contradizem o quadro delineado pelos outros dois assentamentos, em que convém sublinhar mais uma vez o cenário de contracção aquisitiva de recipientes na segunda centúria também patenteado na capital conventual.

Eburobrittium constitui um caso urbano específico no quadro da “Península de Lisboa” por equivaler a uma fundação augústea *ex nouo*. Nesse sentido as “marcas de oleiro” poderão prestar algum auxílio ao fixar horizontes de concentração ou ocorrência potencialmente indicadores da data da sua criação. O achado de uma “marca” radial, infelizmente muito truncada, autoriza a admissão de momentos ainda recuados, podendo todavia tratar-se de um vaso que permaneceu a uso. Mais credível parece ser a indicação do comportamento das impressões itálicas verificado a partir de 25 a.C., com maior expressão a partir de 15 a.C., quando atingem valores sugestivos de uma efetiva ocupação do espaço.

Importava, igualmente, observar os indicadores em função de zonas da cidade romana do Oeste, como se fez já para os dois grandes centros do Tejo. Elegeram-se assim os conjuntos numericamente mais significativos, correspondentes ao fórum, “área a norte do fórum”, e três unidades habitacionais.

Na ausência de estratigrafias significativas identificadas pelos sucessivos trabalhos, e como Beleza Moreira já havia notado³⁵⁴⁶, existe uma concentração de elaborações itálicas na área do centro cívico, contrastante com as áreas residenciais, onde são prevalentes os fabricos hispanos.

Na área do fórum a incidência maior das indicações cronológicas proporcionadas

³⁵⁴⁶ J.B. Moreira, 2002.

pelas “marcas” faz-se no período tardo-augústeo e até inícios de Tibério, não existindo evidências que remetam para momentos anteriores a 10 a.C. Os valores são próximos dos verificados na “área a norte do fórum”, mas aí, no período em que os indicadores do centro cívico decaem ocorre uma incidência constante de marcadores com oscilações fortes que apontam para níveis médios, contínuos, até cerca de 85 d.C.

A situação muda nitidamente na área do “Edifício n.º 1”. Aí os marcadores são constantes mas não anteriores a 10 d.C., perdurando de forma estável até 120 d.C. com uma zona de crescendo entre 60 e 85 d.C. dotada de um pico máximo em 70-75 d.C., a etapa inicial do principado de Vespasiano.

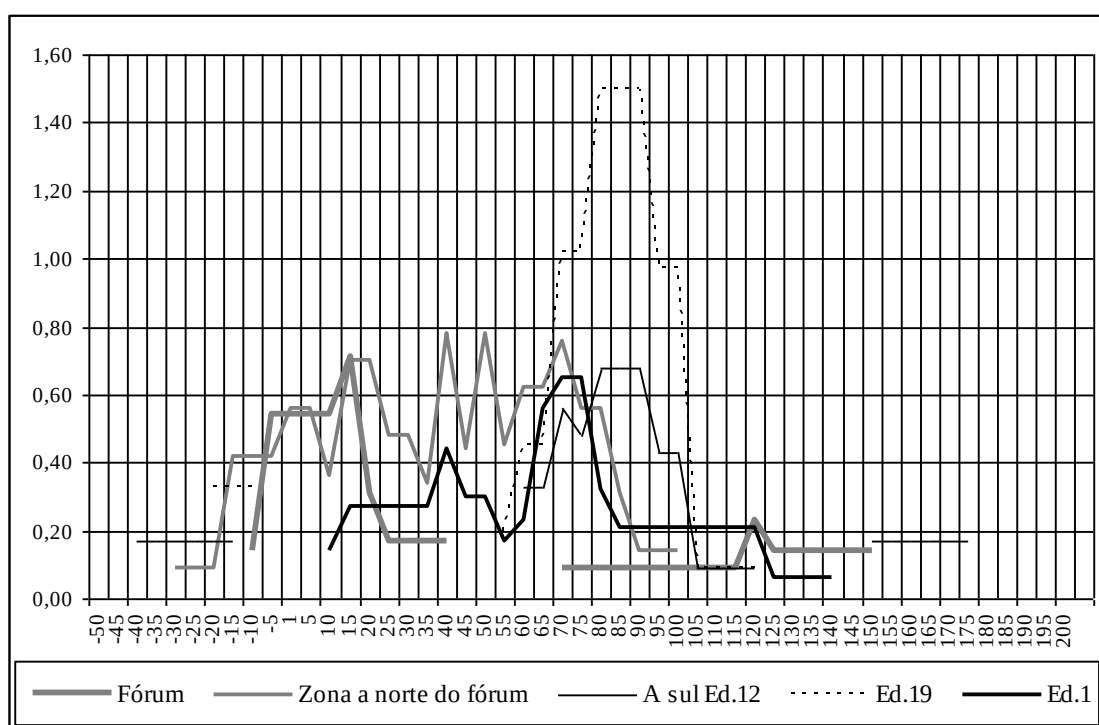


Figura 258- Curvas quinquenais das importações da *terra sigillata* em *Eburobrittium* de acordo com as “marcas de oleiro”, organizadas por áreas geográficas da cidade.

Os comportamentos do “Edifício n.º 19” e “Área a sul do Edifício n.º 12”, ambos situados no quadrante NO da cidade, são bastante similares. Não existindo aí qualquer dado remontável com anterioridade aos últimos anos de Cláudio-primeiros de Nero, observa-se um crescendo exponencial dos números, que se multiplicam 7,5 x no primeiro caso até atingirem um pico máximo em 75 d.C., auge que se prolonga até 85 d.C. em ambos os setores da cidade. Não será despropositado lembrar que ténues evidências da sobreposição de construções ali exumadas sugerem a hipótese de uma reforma urbanística do tecido de *Eburobrittium* na Época Flávia, mal documentada por estratigrafias, podendo deste modo justificar-se a concentração de exemplares

hispanícos setentrionais naquela zona.

Os resultados da observação dos perfis das diferentes áreas funcionais do aglomerado reforçam o pressuposto já antes demonstrado para Lisboa, isto é, da necessidade metodológica de enquadrar os conjuntos contextualmente, dado constatar-se uma íntima ligação entre ambientes urbanos e conjuntos de *sigillata*.

A avaliação global da cidade romana do Oeste denota a possibilidade da existência de impressões datadas de antes de 20 a.C., embora ténue. É a partir de 15 a.C. que os valores comprovam uma forte probabilidade de consumo, crescente até 15 d.C., embora sem o vigor demonstrado nas duas cidades do Tejo. Como já se fez menção, este dado deverá acarretar consequências para a história da cidade, podendo implicar um ligeiro recuo da data de instalação da capital da *ciuitas* para a segunda década antes da Era. Os dados estratigráficos identificados, como acontece com a generalidade do aglomerado, não permitem todavia suportar categoricamente este entendimento.

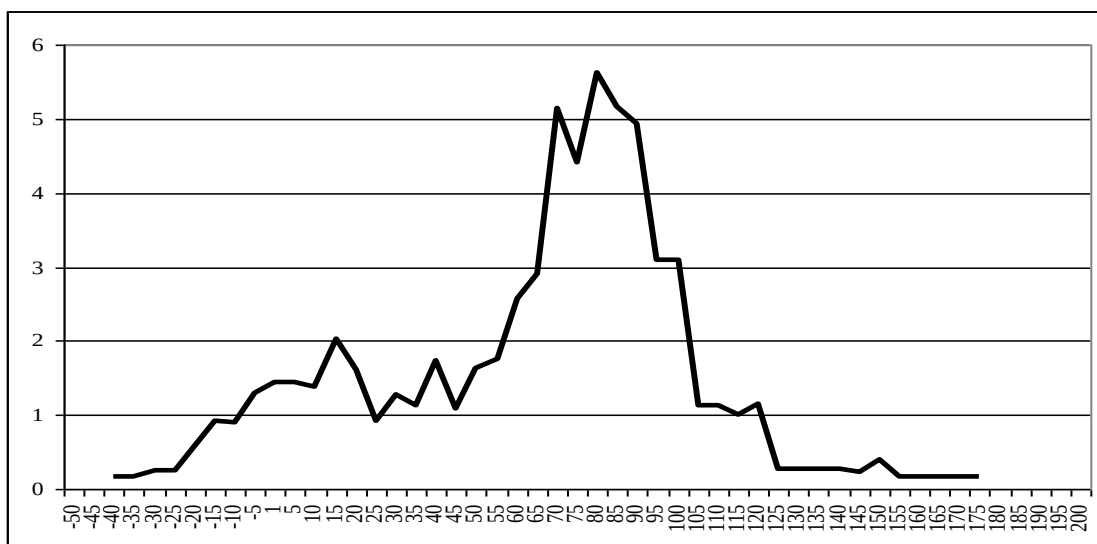


Figura 259- Curva quinquenal das importações da *terra sigillata* em *Eburobrittium* de acordo com as “marcas de oleiro”.

Ao contrário das cidades taganas, a quebra e estagnação tibéria, com oscilações, não é aqui ultrapassada em definitivo com o advento de Cláudio. A curva mostra uma ligeira queda e recuperação em 45-50 d.C., seguida de uma estagnação flutuante até Nero. A partir deste principado as “marcas” acusam o início do arranque para o “*floruit*” da cidade romana do Oeste, atingindo-se os máximos históricos no início de Vespasiano e, com leves variações, mantêm-se nos níveis mais altos até 90 d.C., devendo-se em exclusivo a um aprovisionamento tarraconense.

No final do principado de Domiciano, contudo, a quebra é evidente, decaindo os valores para quase metade do registo mais alto atingido na fase anterior, perdendo de

novo fulgor nos inícios do séc. II d.C., com 1/3 dos efetivos do período final do último dos Flávios. Estável, este tipo de indicador perduraria até c. 120 d.C., baixando para níveis irrisórios no quinquénio seguinte, que se arrastam até à segunda metade do século (vide Figura 259, *supra*).

O conteúdo diacrónico, com a importante definição de dinâmicas do consumo, não esgota as potencialidades das “marcas de oleiro”, podendo estas igualmente funcionar como indicador da presença de morfologias de vasos. Este aspeto assume potencial importância na hora de discriminar distintos perfis de aprovisionamento, aferindo deste modo possíveis fundamentos culturais ou sociais que presidiram à aquisição dos vasos. Neste âmbito, porém, as impressões constituirão um vetor de muito limitado interesse, pois à exceção dos recipientes itálicos, todos alvo de estampagem de “marca”, nem todas as formas sudgálicas e hispânicas o foram, razão porque uma gama de modelos fica de fora das amostragens, a que acresce a efetiva quebra do hábito epigráfico dos grandes centros hispânicos a que se vem fazendo menção. Outras razões condicionam o parâmetro, pois os vasos mostram diferente resistência e desiguais formas de quebrar que tornam algumas tipologias mais representadas do que outras: provam-no os casos dos vasos itálicos decorados, que atingem percentagens em torno dos 6/7 % (NMI) em Santarém e Lisboa (conf. Figuras 248 e 249, *supra*), ilustrados por apenas uma única “marca de oleiro” escalabitana (c. 2 % do total das impressões itálicas desta cidade) ou a nula atestação de impressões em recipientes rutenos Drag. 30, entre outros exemplos.

Porém, nas morfologias gálicas e hispanas lisas mais comuns a representatividade é bastante próxima do NMI. Neste último sentido, o balanço entre formas vasculares básicas, isto é, pratos/pratéis e taças/tigelas expresso em termos do NMI ou de indivíduos representados por “marca” não é uniforme, merecendo múltiplos comentários.

Em primeiro lugar, a constatação da muito maior representatividade das taças/tigelas itálicas em termos de “marca”, tendência bem patente em *Olisipo*, onde a proporção é de cerca de 1/3 em termos de NMI mas inverte-se em termos de contabilização de impressões; em Santarém, onde os NMI de pratos/pratéis são também superiores, o comportamento das impressões é idêntico ao definido em Lisboa; a pequenez do conjunto de Azeitada (Almeirim) e as características da amostragem de *Eburobrittium* (vide Figura 260, *infra*) mais não fazem do que ilustrar as tendências expressas nas cidades do Tejo, as quais parecem conformar um padrão homogéneo.

Em segundo lugar, e em referência às elaborações sudgálicas, os valores de ambos os indicadores são compatíveis em Lisboa, muito similares aos NMI de Azeitada e Santarém, mas na cidade do Ribatejo os pratos/pratéis marcados estão categoricamente mal representados por “marca”, possivelmente por questões de índole metodológica, ocorrendo um desvio mais ligeiro nos índices do assentamento romano de Almeirim, porventura prenunciando um perfil similar para *Eburobrittium*,

Fabrico	Forma	<i>Olisipo</i>		<i>Scallabis</i>		Azeitada		<i>Eburobrittium</i>
		% NMI	% “marcas”	% NMI	N.º* / % “marcas”	% NMI	N.º* / % “marcas”	N.º* / % “marcas”
Modo Itálico	Prato/Pratel	66,3	27,3	51,8	24,4	44,4	1*	4*
	Taça/Tigela	33,7	72,7	48,2	75,6	55,6	2*	6*
Sudgálico	Prato/Pratel	44,6	43,2	45,7	1*	42,6	35,3	43,5
	Taça/Tigela	55,4	56,8	54,3	28*	57,4	64,7	56,5
Hispanico	Prato/Pratel	56,8	38,0	52,0	1*	53,8	2*	55,6
	Taça/Tigela	43,2	62,0	48,0	3*	46,2	2*	44,4

Figura 260- Comparação entre os valores dos totais de NMI e de “marcas de oleiro” em formas vasculares básicas das três cidades da região e Azeitada (Almeirim)³⁵⁴⁷.

de que se conhecem apenas aqueles atestados por impressão. Por fim, os indicadores da *sigillata* hispânica mostram uma grande homogeneidade de NMI em *Olisipo*, *Scallabis* e Azeitada (Almeirim), no que são seguidos pela amostragem das impressões tarraconenses da cidade romana do Oeste. Ao contrário, os dados de “marcas” de Lisboa e Santarém mostram a constante sobrevalorização das “taças/tigelas hispanas face aos pratos/pratéis.

A comparação dos resultados enunciados com os números patenteados noutros lugares mostra o mesmo quadro definido no Tejo e Oeste, podendo citarem-se como exemplos os casos portugueses de amostragens mais amplas como Braga³⁵⁴⁸,

³⁵⁴⁷ NMI de *Scallabis* com base em C. Viegas, 2003a. Para o cômputo do NMI de Lisboa foram de novo considerados os pontos arqueológicos da cidade de Rua das Pedras Negras, Palácio dos Condes de Penafiel, Calçada do Correio Velho, Rua dos Remédios, Zara/Rua Augusta e formas dos vasos atestados por “marca”. Para *Eburobrittium* não estão ainda disponíveis os totais expressos em termos de fragmentos ou de MNI revelados pelas escavações da cidade romana.

³⁵⁴⁸ Onde a relação de taças/tigelas *versus* pratos/pratéis ostentando marca é de 5/2 no grupo itálico, 17/13 no sudgálico e 22/30 no hispânico, sendo este último valor a única exceção- Conf. R. Morais, 2005.

Conímbriga³⁵⁴⁹, Miróbriga³⁵⁵⁰ ou Represas (Beja)³⁵⁵¹. Em suma, a quantificação das formas básicas vasculares baseada nos indivíduos ostentando “marca de oleiro” denota com elevada frequência fenómenos de distorção resultantes dos vários processos ocorridos após a desfuncionalização do objeto, sobressaindo a maior capacidade em preservar a impressão pelo grupo das taças/tigelas dos vários fabricos, motivados pelas menores dimensões das superfícies e inferior índice de fraturação das bases, constituindo por esta razão um critério de fiabilidade limitada.

Ainda assim, os padrões obtidos revelam-se extremamente significativos de um ponto de vista cultural. Os contornos romanos estão plasmados nos contextos de Prima Porta, em Roma, onde Klynne observou uma proporção de 2 taças itálicas para cada prato, tendo explicado o fenómeno pela maior necessidade de substituição das primeiras³⁵⁵², relação que se repete no período neroniano em Meta Sudans³⁵⁵³ e na Encosta do Janículo³⁵⁵⁴. O Vale do Tejo mostra um panorama distinto, registando-se uma generalizada preferência pelos pratos em relação às taças/tigelas no momento em que os fabricos itálicos dominam o mercado, que poderemos indicar como equivalente ao lapso que cobre dos finais da República ao advento de Cláudio. Este quadro é especialmente vincado em Lisboa, onde a proporção é de 2/1, sendo mais equilibrada em *Scallabis*, próxima a 11/9, e no seu *ager*, tanto quanto se pode deduzir dos dados de Azeitada (Almeirim), mas também do Alto dos Cacos (Almeirim), onde a relação é de 12/5 NMI. Dificilmente, portanto, se poderão invocar fundamentos do âmbito da produção para esta discrepância de valores entre a *urbs* e a “Península de Lisboa”, parecendo o registo tagano ser uma realidade com identidade própria que radica nos domínios da comercialização e das escolhas de consumo, tanto mais que se está perante uma diversidade de características funcionais dos sítios em questão e dos traços culturais e sociais das populações que os ocuparam (cidade colonial, município, assentamento rural e acampamento militar). O quadro tagano insere-se, aliás, num outro mais amplo e que equivale a um perfil hispânico ocidental, documentado igualmente em Braga³⁵⁵⁵

³⁵⁴⁹ Na cidade romana da Beira a relação é de, respetivamente 28/13 no grupo itálico, 79/44 no sudgálico e 56/22 no hispânico- Conf. A. Alarcão, 1975a e 1975b; F. Mayet, 1973 e 1975.

³⁵⁵⁰ Em Chões Salgados a relação é de 3/0 nas produções itálicas, 36/13 nas sudgálicas e 22/2 nas hispânicas- Conf. J.C. Quaresma, 2009.

³⁵⁵¹ No sítio bejense a proporção é de 21/10 nas elaborações itálicas, 39/10 nas sudgálicas e de 32/10 nas hispânicas- Conf. M.C. Lopes, 1994.

³⁵⁵² K. Klynne, 2002.

³⁵⁵³ G. Rizzo, 2003.

³⁵⁵⁴ M. Brando, 2008.

³⁵⁵⁵ R. Morais, 2005, onde a proporção é de cerca de 1 taça/tigela para 2 pratos/pratéis.

como em *Baelo Claudia*³⁵⁵⁶, para mencionar dois pontos geográficos distantes que partilham esta característica.

Como já fizemos referência antes, os níveis de homogeneidade na proporção entre taças ou tigelas e pratos sudgálicos inverte-se na “Península de Lisboa” para valores na ordem dos 11/9, aferidos em termos dos NMIs registados em Lisboa, Povos (Vila Franca de Xira)³⁵⁵⁷, Quinta da Barradinha (Alenquer), Santarém e Azeitada (Almeirim), no que são acompanhados pelo número de “marcas de oleiro” de *Eburobrittium*. Mais uma vez os dados são coerentes e sintomáticos de um câmbio no uso vascular na região ocorrido durante o período de dominação dos fabricos rutenos. Uma explicação alternativa parece contudo plausível, tendo em mente a preponderância ao nível de NMI dos pratos hispânicos tarraconenses, podendo aventar-se a existência de complementaridade no fornecimento de loiça de mesa ao menos no lapso de tempo que decorre entre Vespasiano e Trajano, quando ambas as produções terão sido as preponderantes no âmbito estudado.

Se estiver correto o entendimento de que os fabricos meridionais hispânicos foram comercializados sobretudo a partir da dinastia flávia e ao longo da primeira metade da segunda centúria, então os indicadores das formas vasculares básicas apresentar-se-ão equilibrados. Um dado de outra natureza poderá ser aqui chamado à colação: os grafitos. Como se nota noutros lugares da Lusitânia, de que Mérida será o melhor exemplo³⁵⁵⁸, é mais frequente o costume de identificar o recipiente a partir dos Flávios, o que se constatou igualmente na amostragem analisada. Podendo ser tomados como indicativos do uso individual dos recipientes, os grafitos traduziriam deste modo um incremento desta forma de consumo alimentar que justificaria o balanço equilibrado entre prato e tigela que ocorre com maior expressão a partir do último terço do séc. I d.C.

Mas para além da representatividade atingida pelos elementos vasculares básicos, que como se viu deverá ser feita preferencialmente a partir da contagem dos NMI, importa também aflorar os aspetos morfométricos dos mesmos.

Na investigação portuguesa trata-se de um dos conteúdos menos tratados, a despeito de encerrar informação potencialmente valiosa para as inferências arqueológicas de índole antropológica e social. De fato, parece óbvio que para a

³⁵⁵⁶ A. Bourgeois e F. Mayet, 1984; M. Bustamante Álvarez, 2010b. Na cidade bética a relação é de cerca de 10 pratos/pratéis para 8,5 taças/tigelas.

³⁵⁵⁷ L.F. Dias, 1995-1997.

³⁵⁵⁸ M. Bustamante Álvarez, 2010.

definição do perfil dos locais ou da própria região era indispensável saber-se que tamanhos foram adquiridos, comportamento do passado que resultou tanto das disponibilidades do mercado como da identidade dos consumidores. Trata-se, portanto, de avaliar se as comunidades escalabitanas, olisiponenses e eburobricienses se resumiram a meros elementos passivos no âmbito do comércio da *terra sigillata* durante o Alto Império Romano, ou se, pelo contrário, a representatividade das formas e dos distintos tamanhos ilustraria diferenças na apetência radicadas em distintos usos e preferências culturais expressos através do tamanho dos vasos.

A dimensão dos vasos pode correlacionar-se com as suas utilizações³⁵⁵⁹. Geoffrey Dannell efetuou um estudo metrológico amplo sobre os principais tipos de taças e /ou tigelas itálicas Consp. 22 e gálicas Ritt. 8, Ritt. 9, Drag. 24 e 24/25, Drag. 27 e Drag. 33, procurando relacionar os resultados com a nomenclatura clássica e, em segundo lugar, com medidas padrão da Antiguidade³⁵⁶⁰. Dele ressalta apenas a coincidência das taças Ritt.9, de 9 cm de diâmetro e 4,5 cm de altura total, com o *quartarius*³⁵⁶¹, de onde, para o britânico os resultados globais demonstram a inexistência geral de uma relação direta dos vasos com os padrões romanos de volume. As consequências são sugestivas ao nível da inferência acerca do uso: dado considerar-se que o tipo Ritt. 9 seria destinado ao consumo vínico, e sabendo-se que a prática romana implicava a sua diluição, a verificação de que o *scyathus*, segundo os textos da antiguidade a unidade mais corrente no comércio a retalho, preencheria somente 1/3 da capacidade da metrologia dominante na forma, a quantidade é manifestamente insuficiente, tornando necessário considerarem-se outros usos alternativos³⁵⁶².

No mesmo sentido, as tigelas Drag.24/25, associadas às *paropsides* mencionadas nos róis de enformamento, têm associados adjetivos variados, alguns dos quais de interpretação desconhecida. Daqueles onde se entrevê o significado avulta *bolletarii*, termo que sugere uma relação próxima com o consumo de cogumelos³⁵⁶³. Como G. Dannell aliás sublinha, este tipo de evidência é válido para o contexto de produção, não sendo necessariamente verdadeiro noutros espaços geográficos e culturais³⁵⁶⁴.

Num outro sentido, a observação das características dos diferentes grupos de produção parece aconselhar um tratamento apenas para os recipientes sudgálicos. Na

³⁵⁵⁹ G. Monteil, 2011.

³⁵⁶⁰ G. Dannel, 2006, em especial as tabelas das p.154-156.

³⁵⁶¹ Idem, p.155.

³⁵⁶² Idem, p.160.

³⁵⁶³ G.Dannell, 2006, p.152.

³⁵⁶⁴ Idem, p.160.

produção itálica, menos padronizada, a conformação da tipologia mais utilizada na atualidade, o *Conspetus*, acaba por refletir um pouco a dimensão dos recipientes, em especial na distinção entre pratos e pratéis. No que à loiça hispana se refere, como a anterior seguramente menos padronizada que a congénere da Gália, de há muito que Maria de los Àngeles Mezquiriz³⁵⁶⁵ havia chamado a atenção para a evolução diacrónica num sentido de tendência de maior tamanho das tigelas predominantes, como de maior altura e esvasamento do bordo dos pratos mais comuns, abordagem posteriormente desenvolvida e afinada por Françoise Mayet³⁵⁶⁶, em qualquer caso sem oferecer a possibilidade de abordar a matéria com a mesma profundidade dos estudos sobre a *sigillata* sudgálica. É pois apenas no domínio das produções rutenas que incidirá a análise, dado ser nestas que o sistema classificatório se revela mais insatisfatório no âmbito pretendido, por ocultar por detrás de uma mesma designação tipológica formal recipientes de muito distinto calibre que pressupõem usos distintos no quotidiano das populações do passado.

Em La Graufesenque, onde a padronização atingiu níveis de standardização altos e consolidados a partir de Tibério, a documentação epigráfica faz menção específica a séries de recipientes de distinta dimensão, aspeto que foi sucessivamente explorado pelos estudos³⁵⁶⁷.

Abordagens morfométricas foram já efetuadas em diversas ocasiões, devendo destacarem-se de uma lista mais vasta as experiências desenvolvidas sobre as tigelas Drag. 24/25 e 27 do contexto neroniano de La Nautique de Narbonne³⁵⁶⁸, o estudo do conjunto da carga da década de 80 d.C. do naufrágio de Cala Culip IV³⁵⁶⁹, as abordagens sobre contextos do grande centro ruteno³⁵⁷⁰, a vasta amostragem gálica da cidade romana de *Baelo Claudia*, posta em confronto com a “*Fossa Malaval*” de La Graufesenque³⁵⁷¹, e, sobretudo, o trabalho de Marinus Polak sobre os recipientes da

³⁵⁶⁵ M.A. Mezquiriz Irujo, 1961.

³⁵⁶⁶ F. Mayet, 1984, mais tarde confrontado com os contextos bem datados de Mérida estudados por Macarena Bustamante Álvarez, 2010.

³⁵⁶⁷ A. Oxé, 1938; R. Marichal, 1988; G. Dannel, 1998 e 2006; M. Genin (dir.), 2007.

³⁵⁶⁸ J.L. Fiches, M. Guy e L. Poncin, 1979, p. 209 - 211, que demonstraram a existência de dois grupos de diâmetros dos pés em torno dos 2 e 3 *digitii*, a relação efetiva entre o diâmetro do pé e a altura dos recipientes, como desta com o diâmetro da abertura dos mesmos, condicentes com dois tamanhos com regras de proporcionalidade de 2/2/4 e 3/3/6 nas Drag. 24/25 e de 2/2/3 e 3/3/5 ou 6 nas Drag. 27.

³⁵⁶⁹ J. Nieto Prieto *et al.*, 1989, que concluíram pela existência de três tamanhos de Drag. 24/25, um de Drag. 27, um de Drag. 35, dois de Drag. 18 (18 e 18R), um de Drag. 15/17 e dois de Drag. 36.

³⁵⁷⁰ R. Marichal, 1988; G. Dannel, 2002 e 2006.

³⁵⁷¹ A. Bourgeois e F. Mayet, 1991, p. 105 - 109, que se interessaram sobretudo pela relação entre o diâmetro do bordo e a altura das tigelas Drag. 27, 24/25 e Ritt.8, como pela frequência dos diâmetros da abertura dos Drag. 35/36, Drag. 15/17 e Drag. 18, notando-se nos dois últimos duas séries distintas.

mesma origem com “marca” do sítio militar romano de Vechten, onde o investigador holandês logrou definir de maneira sólida as linhas gerais da evolução morfométrica dos tipos³⁵⁷².

Importa, portanto, tentar definir quais as séries rutenas presentes. Tratando-se de um universo essencialmente fragmentário, interessava observar o padrão de correlação entre o diâmetro do pé e o diâmetro do fundo dos tipos mais difundidos, igualmente os mais atestados por “marca”, de modo a aferir da existência de proporcionalidade entre ambos os atributos na amostragem disponível que assim autorizasse inversamente extrapolar os dados obtidos para os outros indivíduos da “Península de Lisboa” representados apenas por porções do fundo ou do bordo.

Um dos morfotipos que registou maior variabilidade de dimensões corresponde à tigela Drag.24/25, presente em tamanhos muito distintos que implicam necessariamente funcionalidades variadas, pensadas nos quadros da produção e do consumo. A análise de uma população de 25 espécies, das quais 11 conservando “marca de oleiro”, demonstrou a existência de relação entre os atributos, compondo duas séries: uma menor, com os fundos de dimensões situadas nas classes 2,0-3,9 cm com equivalência com os bordos de diâmetro das classes 6,0-8,9 cm, equivalente às tigelas de pequeno tamanho (conjunto A- Figura 261, *infra*); uma outra, em que os

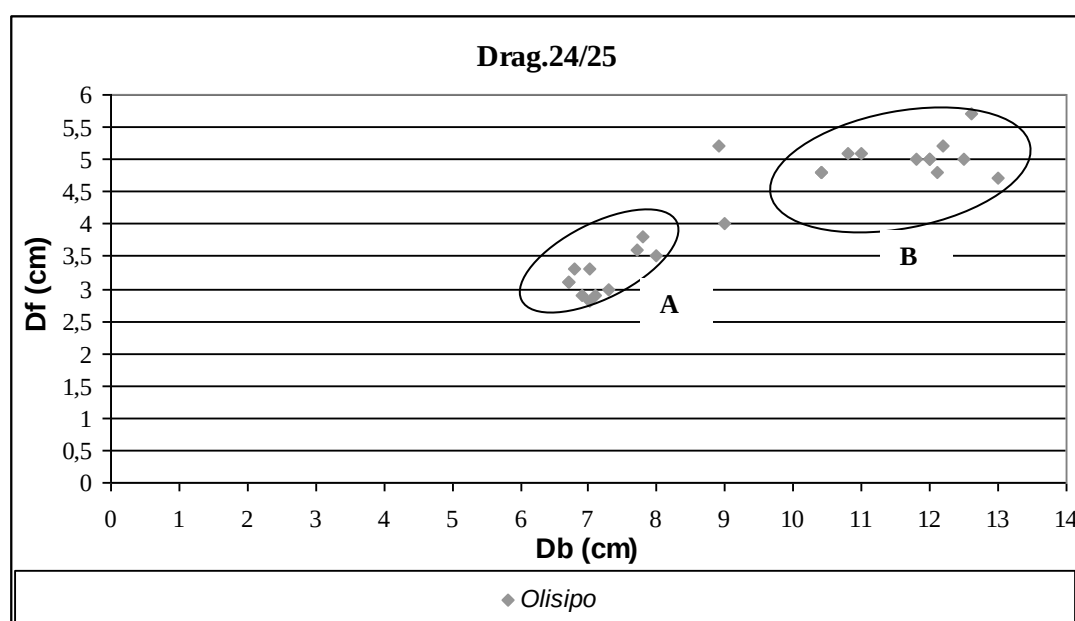


Figura 261- Carta de correlação entre o diâmetro do bordo (Db) e o diâmetro externo do pé (Df) de tigelas do tipo Drag.24/25 da amostragem estudada: A- conjunto de tamanho

³⁵⁷² M. Polak, 1994 e 2000. Sendo impossível expor aqui a totalidade dos resultados obtidos, eles incidem sobretudo sobre as formas mais representadas, alvo do cruzamento das indicações cronológicas das “marcas de oleiro” com múltiplas abordagens aos atributos dos vasos, tendo Polak comprovado a existência de frequências de séries cujo quantitativo variou ao longo da produção.

pequeno; B- conjunto de tamanho médio.

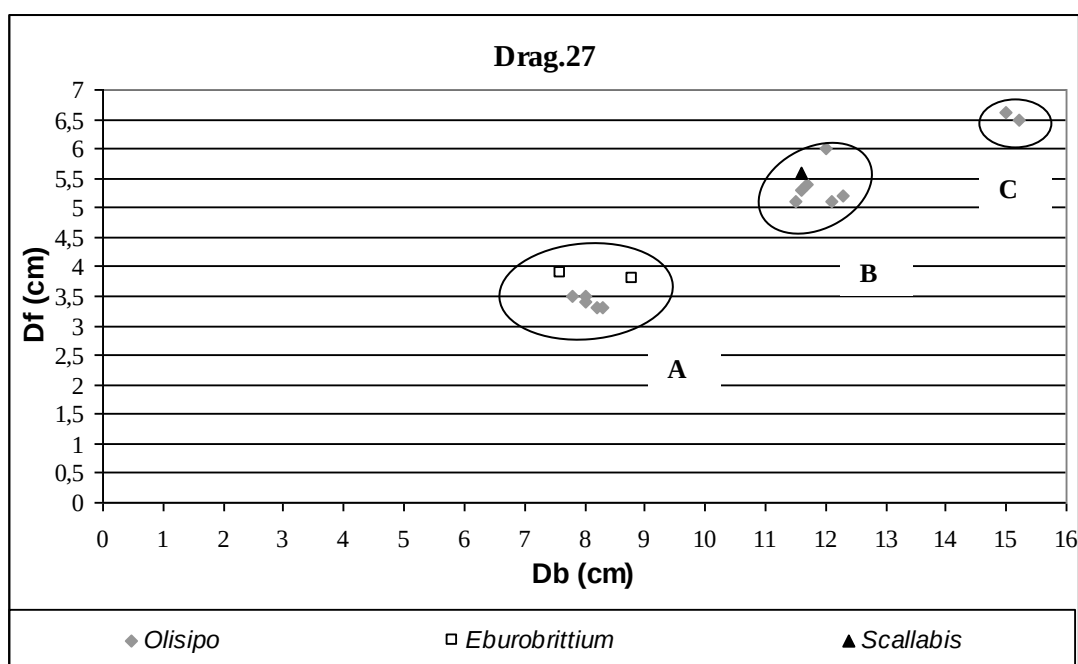


Figura 262- Carta de correlação entre o diâmetro do bordo (Db) e o diâmetro externo do pé (Df) de tigelas do tipo Drag.27 da amostragem estudada (16 indivíduos/ 6 ostentando “marca de oleiro”): A- conjunto de tamanho pequeno; B- conjunto de tamanho médio; C- conjunto médio-grande ou grande.

fundos das classes 4,5-5,9 cm correspondem a bordos entre 10,0-14,0 cm, de recipientes médios; dois elementos intermédios ilustram exemplares não enquadráveis claramente em nenhum dos grupos, com bordos de dimensão similar, 8,9 e 9,0 cm, associados a pés de 5,2 e 4,0 cm, respetivamente (conf. Figura 261, *supra*). Trata-se de resultados que encontram correspondência exata com os elementos estudados no sítio de largo espectro temporal de Vechten³⁵⁷³.

As observações produzidas acima são extensíveis às 16 tigelas do tipo Drag.27 seleccionadas, embora com um matiz ligeiramente distinto. Também aí se observaram dois grupos, agora de tamanhos bem mais diferenciados e equivalentes aos recipientes pequenos e médios, com valores próximos aos das tigelas Drag.24/25. Surge igualmente uma terceira série, pouco ilustrada, de vasos que se poderão designar como de tamanho médio-grande ou grande (conf. Figura 262, *supra*).

A apreciação de 9 pratos Drag.15/17 e 18 permitiu, de igual modo, reforçar a imagem de standardização, pois observa-se identicamente nestas morfologias uma clara associação entre as dimensões do bordo e do pé. Contudo, a amostragem analisa

³⁵⁷³ A. Bourgeois e F. Mayet, 1991, p. 106; M. Polak, 1994 e 2000.

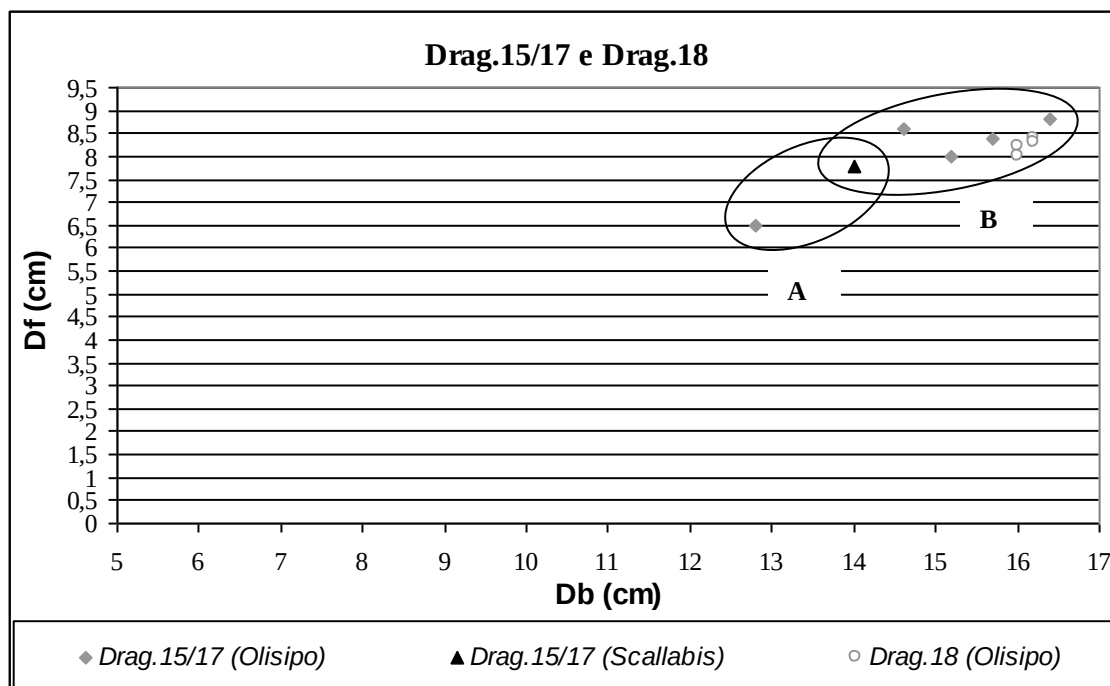


Figura 263- Carta de correlação entre o diâmetro do bordo (Db) e o diâmetro externo do pé (Df) de pratos dos tipos Drag.15/17 e Drag.18 da amostragem estudada (10 indivíduos/ 9 ostentando “marca de oleiro: A- conjunto de tamanho pequeno; B- conjunto de tamanho médio.

da encerrava um número muito escasso de exemplares de mais reduzido tamanho, e os recipientes grandes, incluindo os de fundo decorado internamente a roletilha, e mais vocacionados à apresentação de alimentos do que a uma utilização individual, estavam ausentes. Apesar das limitações indicadas, parece evidente a proporcionalidade entre ambos os parâmetros observados, notando-se uma ligeiramente menor escala dos pés dos Drag.18 face aos Drag.15/17 no conjunto considerado de tamanho médio. Como acontecera em relação às tigelas Drag.24/25, existe uma franja intermédia de difícil adscrição a qualquer um dos conjuntos estatisticamente formados (conf. Figura 263, *supra*).

As observações a propósito da correlação entre os diâmetros de bordos e pés dos quatro tipos sudgálicos mais comercializados nas áreas das três *ciuitas* em estudo autorizam, portanto, a extrapolação dos registos dos valores obtidos isoladamente para os indivíduos representados apenas por uma das porções.

Neste sentido foi elaborada a contabilização do bordo das morfologias mais correntes gálicas em relação às cidades de Santarém e Lisboa. A opção por estes dois sítios baseia-se em terem-se revelado disponíveis, com suficiente extensão quantitativa e por, ao contrário dos fundos, oferecerem menores problemas de classificação

tipológica.

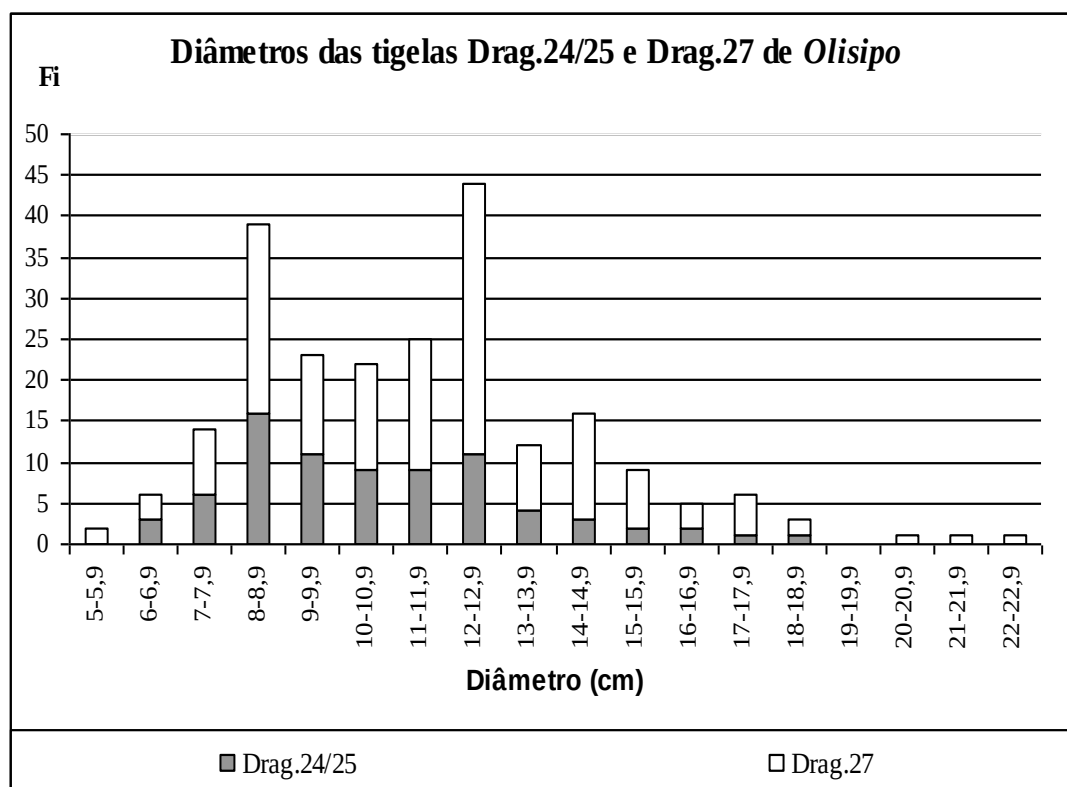


Figura 264- Histograma dos diâmetros do bordo de 229 indivíduos das formas Drag.24/25 e Drag.27 de Lisboa (Praça da Figueira+Rua das Pedras Negras+Palácio dos Condes de Penafiel+Zara/Rua Augusta).

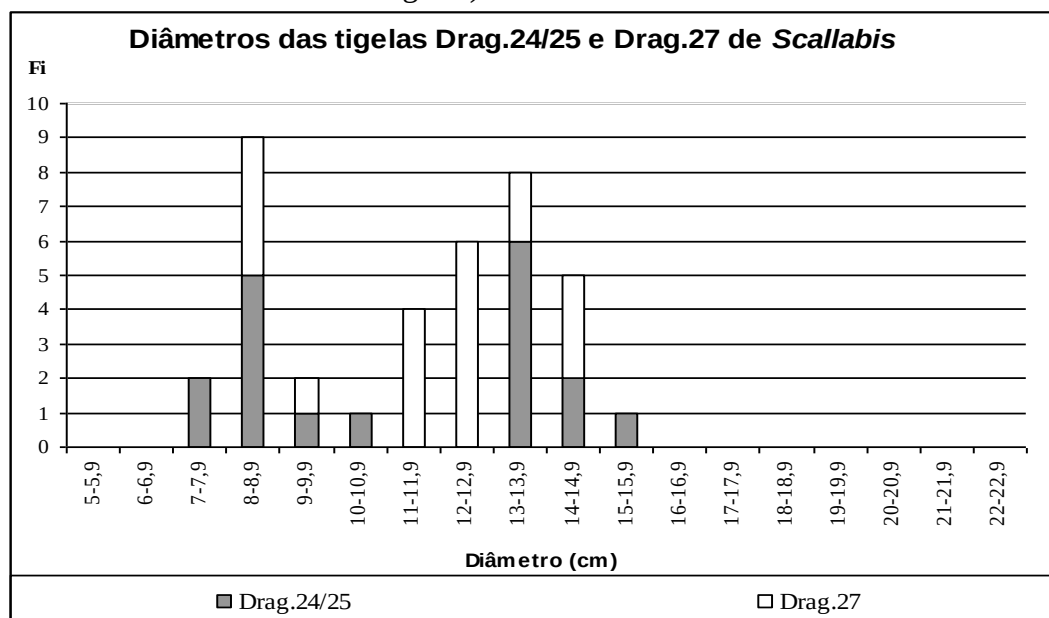


Figura 265- Histograma dos diâmetros do bordo de 38 indivíduos das formas Drag.24/25 e Drag.27 de Santarém (baseado em Catarina Viegas³⁵⁷⁴).

³⁵⁷⁴ C. Viegas, 2003a.

O conjunto dos indicadores assim obtidos (ver Figuras 264 e 265, *supra*) validam as observações produzidas a partir das correlações antes elaboradas, demonstrando porém um panorama mais amplo e rico em informação. De fato, para além das duas séries de Drag.24/25 já mencionadas é patente agora uma outra maior, apesar de escassa. Presente em *Olisipo*, está ausente da amostragem de 38 espécies de Santarém. Que traduz este dado? Uma mera circunstância probabilística em função da disparidade dos números considerados nas duas cidades, distintas modalidades de aprovisionamento ou de hábitos aquisitivos nos dois grandes centros urbanos taganos?

As evidências dos números dos pratos standardizados rutenos revelaram um outro comportamento. Em Lisboa ocorre uma polarização em torno das classes de 16 a 17,9 cm e uma terceira série maior, distribuição não coincidente com a escalabitana, onde se definem melhor dois tamanhos, obrigando a colocar de novo as mesmas questões já enunciadas a propósito das tigelas.

Atentando às séries presentes no carregamento de Cala Culip IV³⁵⁷⁵, embarcação naufragada próximo a Girona nos inícios da década de 80 d.C., é interessante observar que: das três séries de Drag. 24/25 exibidas pelo carregamento, a largamente maioritária, com diâmetros do bordo em torno de 11 cm (276 ex.), está ausente de Santarém mas bem representada em Lisboa, e as duas mais pequenas, de 7,5-8 cm (37

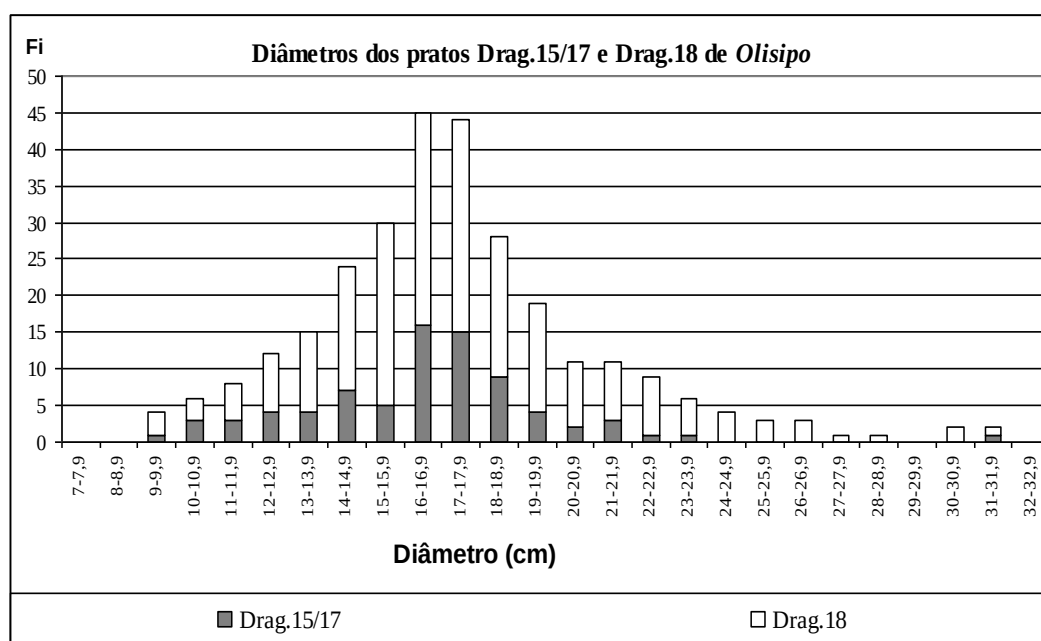


Figura 266- Histograma dos diâmetros do bordo de 288 indivíduos das formas Drag.15/17 e Drag.18 de Lisboa (Praça da Figueira+Rua das Pedras Negras+Palácio dos Condes de Penafiel+Zara/Rua Augusta).

³⁵⁷⁵ Conf. J. Nieto Prieto *et al.*, 1989, p. 124.

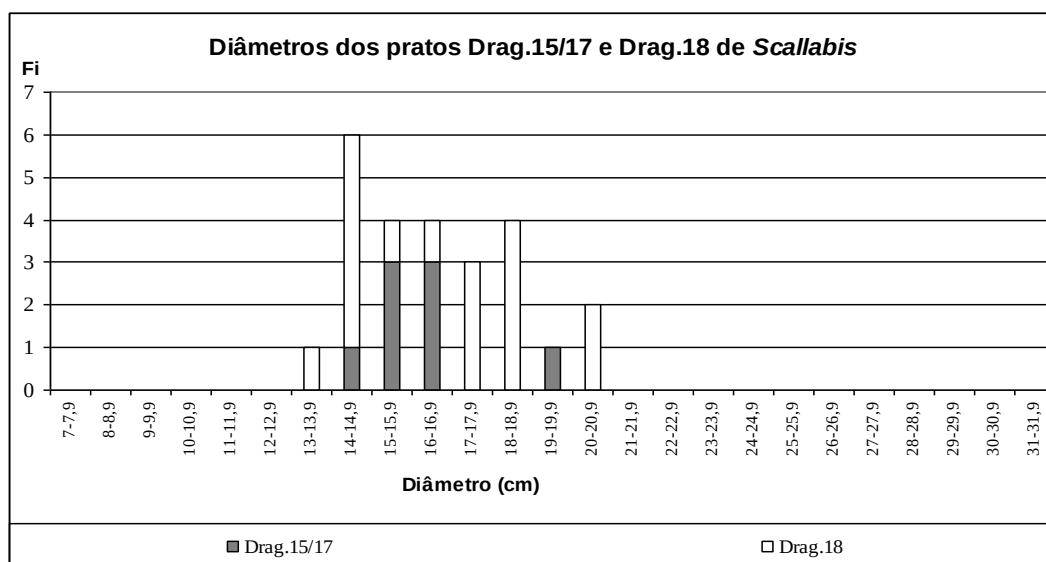


Figura 267- Histograma dos diâmetros do bordo de 25 indivíduos das formas Drag.15/17 e Drag.18 de Santarém (baseado em Catarina Viegas³⁵⁷⁶).

ex.) e 8,2-9,2 cm (37 ex.), de forma razoável em ambas as cidades; que nas Drag. 27 de diâmetros do bordo de 11,5-12 cm (449 ex.), a única em Cala Culip IV, está de novo ausente em Santarém mas é a segunda mais representada em Lisboa; que os únicos pratos Drag. 15/17 (85 ex.) apresentam diâmetros do bordo entre 15,3-16 cm, uma das duas séries mais correntes em Santarém mas que se encontra entre os grupos mais discretos de Lisboa; que os pratos Drag.18 de perfil menos pesado e com bordos de 14 cm (191 ex.) estão medianamente presentes em *Olisipo* mas são de forma destacada a série mais documentada em *Scallabis*; por fim, que os Drag.18 de perfil mais robusto e evolucionado, com diâmetros do bordo de 16 cm (783 ex.), têm equivalência possível com o grupo menos representado na cidade do Ribatejo e por antonímia o mais representado na cidade da foz do grande rio. Parece evidente que os dados deixam transparecer através da metrologia conteúdos eminentemente temporais, mas é possível inferir igualmente das séries de Culip IV não presentes nas cidades romanas do Tejo padrões aquisitivos diferentes entre o Baixo Tejo e a costa levantina espanhola.

Os dados de Vechten encerrarão um maior interesse dado abrangerem a amplitude cronológica da exportação de La Graufesenque, tendo sido definidos os tamanhos sob os quais abrigámos os resultados da quantificação lisboeta e escalabitana (vide Figura 268, *infra*). Da observação dos números ressalta a prevalência de uma tendência aquisitiva de pratos “grandes” e tigelas Drag. 24/25 pequenas, com uma mais equilibrada distribuição de tamanhos na forma Drag. 27.

Tipologia	Drag.15/17	Drag.18	Drag.24/25	Drag.27

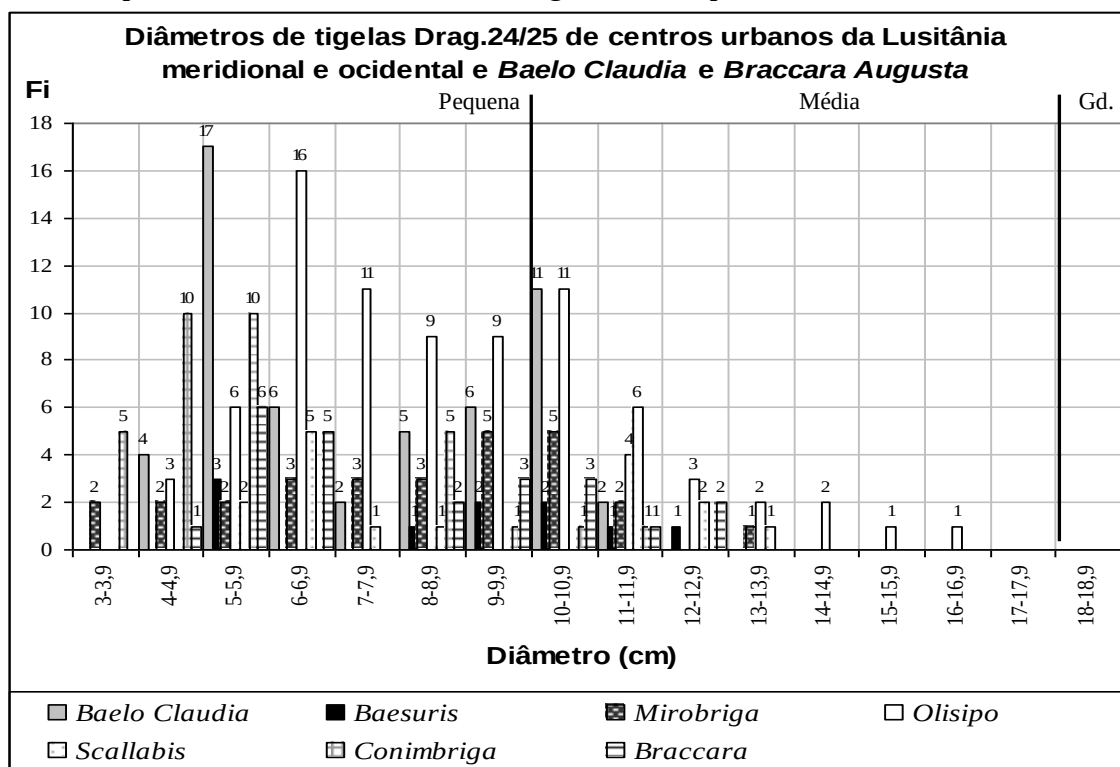
³⁵⁷⁶ Idem.

Tamanho	Peq.	Ind.	G.de	Peq.	Ind.	G.de	Peq.	Méd.	G.de	Peq.	Méd.	G.de
Diâm. bordo (cm)	c. 13,5	c. 15	c. 17	c. 13,5	c. 15	c. 17	7-10	11-15	18-21	<10	< 14	>14
Lisboa	14	21	22	14	20	24	40	29	0	42	57	33
Santarém	1	6	1	7	2	7	9	9	0	5	12	3

Figura 268- Classificação das frequências de indivíduos sudgálicos seleccionados em função das séries de tamanhos definidas por Marinus Polak³⁵⁷⁷.

Considerando-se que a Drag. 27 predominará em momentos mais avançados, este resultado terá que ser colocado em relação com a evolução das preferências dos consumidores, que se terá refletido necessariamente nas escolhas morfométricas efetuadas no contexto de produção.

A comparação do perfil assim definido com os fluxos costeiros norte-sul ao longo da costa atlântica hispana é possível, tomando-se como pontos extremos de análise *Baelo Claudia*³⁵⁷⁸ e *Braccara Augusta*³⁵⁷⁹. Nesse sentido foram analisados os casos disponíveis dotados de uma mínima representatividade numérica, compreendidos geograficamente neste âmbito: Castro Marim³⁵⁸⁰, Miróbriga³⁵⁸¹ e Conímbriga³⁵⁸², para além dos passíveis de ser trabalhados na região de *Olisipo* e *Scallabis*³⁵⁸³.



³⁵⁷⁷ Conf. M. Polak, 2000, p. 75 e segs.

³⁵⁷⁸ A. Bourgeois e F. Mayet, 1991.

³⁵⁷⁹ R. Morais, 2005.

³⁵⁸⁰ C. Viegas, 2011.

³⁵⁸¹ J.C. Quaresma, 2009.

³⁵⁸² A. Alarcão, 1975b.

³⁵⁸³ C. Viegas, 2003a.

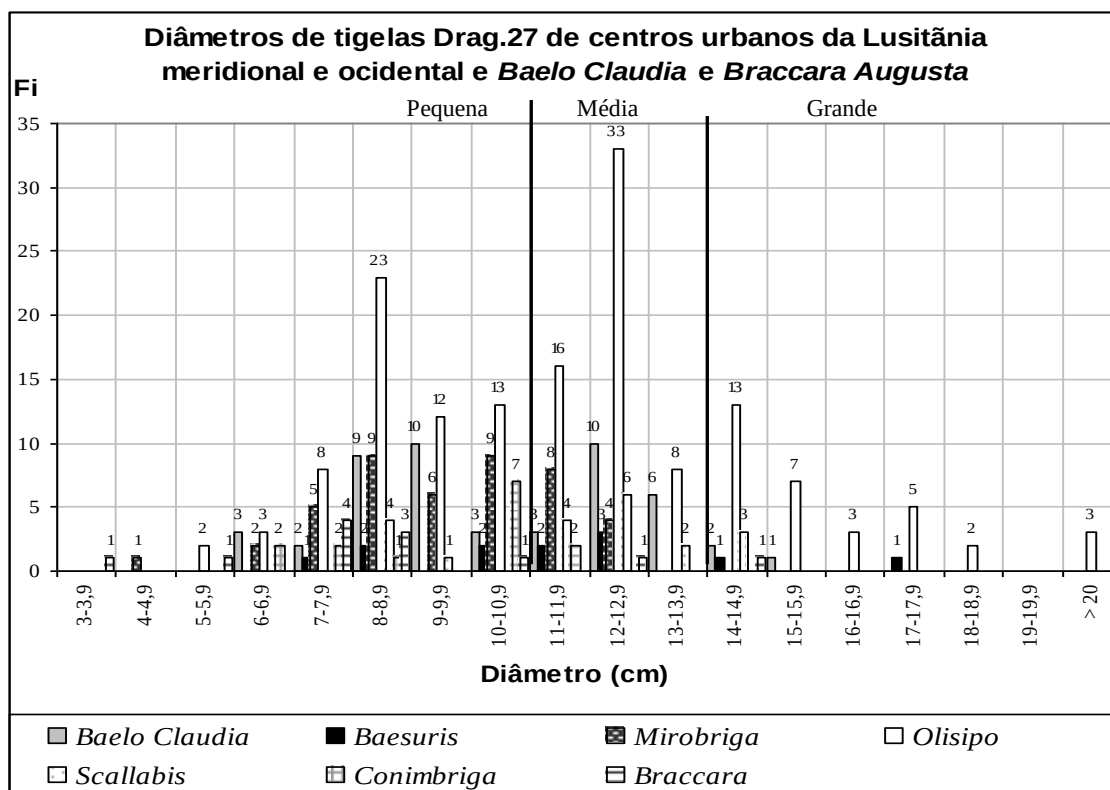


Figura 269- Histograma das dimensões de bordos das tigelas estandardizadas Drag.24/25 e 27 de conjuntos do SO e Ocidente da *Hispania*.

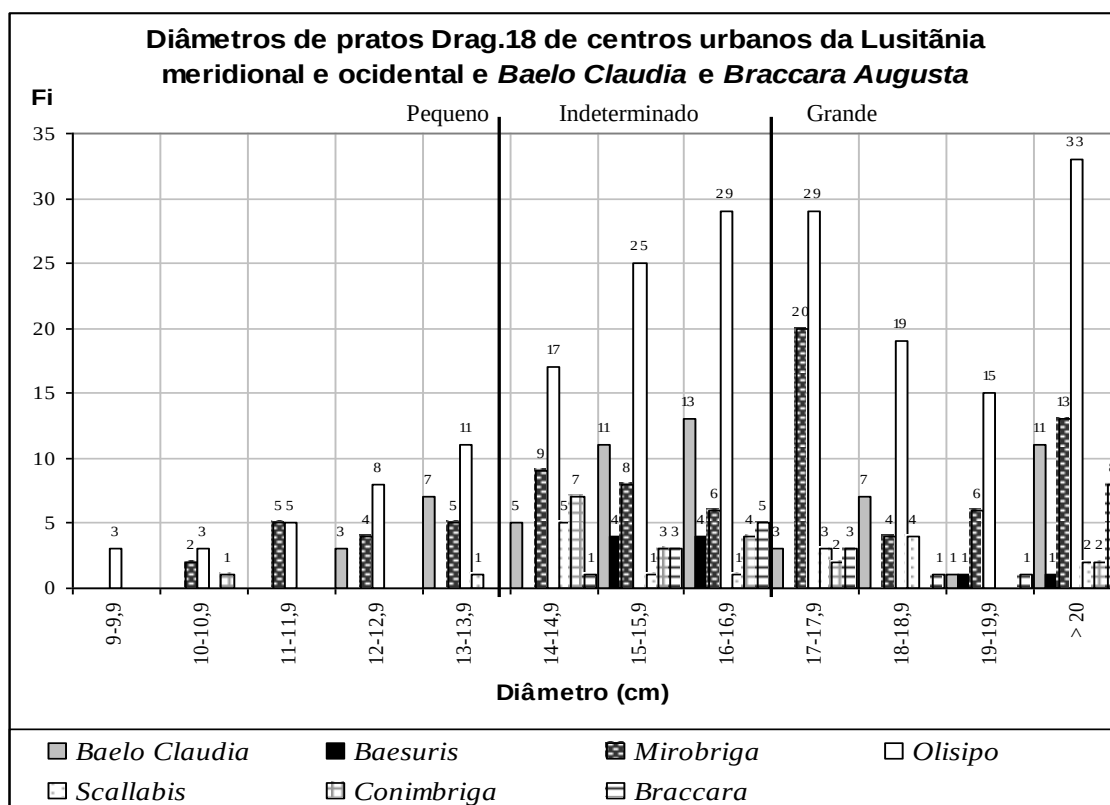
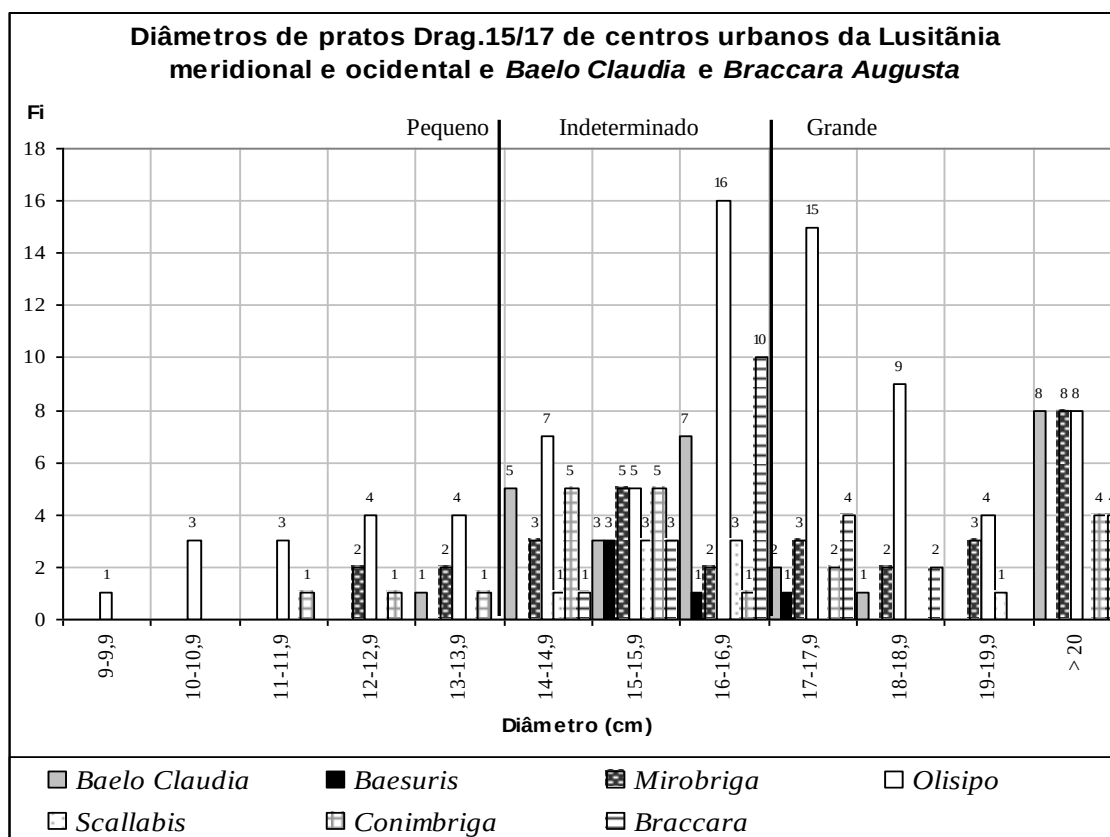


Figura 270- Histograma das dimensões de bordos dos pratos estandardizados Drag.15/17 e 18 de conjuntos do SO e Ocidente da *Hispania*.

A informação assim tratada, conjugada com os padrões de tamanhos delineados por Polak, permite alguns comentários ao perfil aquisitivo das formas sudgálicas mais comerciadas para o Ocidente Hispânico: uma relativa homogeneidade do padrão morfométrico das Drag. 24/25 ao longo de todo o espaço, onde se nota uma muito maior incidência generalizada dos vasos de pequeno tamanho e a ausência total dos tamanhos grandes, como já se havia constatado para Lisboa e Santarém (vide *supra*, Figura 269); já em relação às Drag. 27, regista-se uma prevalência dos tamanhos pequeno e médio em todos locais, mas, com excepção de um exíguo total de seis exemplares detetados em *Baelo*, *Baesuris* e *Braccara*, é aqui que se introduz o fator de diferenciação do consumo olisiponense, que regista uma forte representação de trinta e três tigelas grandes desta dimensão (Idem); nos pratos Drag.15/17 nota-se como particularidade de *Baelo*, *Mirobriga*, *Conimbriga* e *Olisipo* partilharem um mesmo gosto pelos pequenos, muito similar ao que se constata com os menores Drag.18, ausentes em *Conimbriga* (vide *supra*, Figura 270).

A análise arqueométrica mostra pois que os mercados hispanos, a despeito de receberem as mesmas loiças de mesa a partir dos mesmos circuitos, efetuam escolhas aquisitivas, onde assoma um padrão mais meridional por contraste com o praticado no NO, de onde se conclui que os consumidores regionais da *sigillata* de La Graufesenque não desempenharam um papel estritamente passivo no âmbito da comercialização dos vasos.

A especificidade hispânica será a esse título bem demonstrativa, com a opção de elaboração largamente prevalente do tipo Drag. 27 no âmbito das tigelas nas oficinas peninsulares, sendo o crescendo da preferência dos mercados pelas de maior dimensão, como pelos pratos mais esvasados, consubstanciada na modelação maioritária feita nos dois principais centros oleiros das variantes morfológicas mais tardias definidas por Mezquiriz e Mayet³⁵⁸⁴.

As definições temporais que se vêm utilizando neste estudo para a *terra sigillata* perseguem em exclusivo elementos do âmbito da produção, ao procurar fixar os lapsos de utilização dos punções nas *officinae* e/ou os períodos em que se modelaram as diferentes morfologias de recipientes. Deverá notar-se, porém, que a totalidade da amostragem da “Península de Lisboa” se refere a uma outra gama de realidades, do domínio do consumo. A análise artefactual é, porém, um território mais vasto, onde faltam pôr em relevo os restantes dados, nomeadamente a conexão entre os centros

³⁵⁸⁴ M.Á. Mezquiriz Irujo, 1961; F. Mayet, 1984.

produtores e receptores, entrever a forma como se estruturaram os circuitos e de que meios estes se serviram, e, por fim, a distância temporal entre os momentos de aquisição e do descarte, definindo o ciclo de vida dos recipientes, com os quais se completa a biografia dos objetos que aqui interessam.

Começando pelo último tópico mencionado, é uma constatação notada pela investigação internacional mais recente que se trata da matéria menos aflorada nos estudos sobre a *terra sigillata*³⁵⁸⁵. O seu interesse é porém crucial, com consequências enormes ao nível da leitura arqueológica dos dados, para além de facultar evidências essenciais para aferir da capacidade aquisitiva dos utilizadores, entrever os seus hábitos de manuseamento e auxiliar na detecção de períodos de dificuldade de aprovisionamento, conteúdos que necessariamente se refletem nas leituras económicas e sociais do consumo.

Na década de 1970 Clive Orton desenvolveu trabalhos sobre o tempo de vida a uso dos recipientes em *sigillata*, usando sequências da região londrina. Neles sugeriu um padrão de três estádios na divergência entre a data de formação dos contextos e as datas medianas da *sigillata* neles contida: uma primeira fase mais antiga, com vasos relativamente recentes descartados; uma fase equilibrada, onde a maioria da *sigillata* é nova a par de alguns vasos velhos; uma fase última de “declínio”, onde o uso decai e se verifica uma quantidade elevada de *sigillata* velha³⁵⁸⁶.

As conclusões de Orton seriam rapidamente objeto de crítica por Martin Millet, que observou que o investigador se servira da totalidade da baliza cronológica atribuída aos depósitos, que por sua vez já incorporava as indicações fornecidas pela *sigillata*³⁵⁸⁷. Michael Rhodes, por seu turno, ao estudar os depósitos de New Fresh Wharf (Londres), abordou o conjunto de loiça depositada sobre um estrato que incluía uma moeda de 197 d.C., estando a cerâmica inclusa em depósitos formados de encontro a uma estrutura de cais de madeira datada dendrocronologicamente de 209-244 d.C. onde avultava a *sigillata* centrogálica por usar de 170-180 d.C., outra contemporânea a esta que esteve a uso e produções estegálicas datadas de 235-245 d.C.³⁵⁸⁸ Ao assunto voltaria Martin Millet ao analisar, em conjunto com Brian Hartley e Brenda Dickison os conjuntos da Loja I de Colchester, constatando o carácter novo do “*stock*” que ardeu na revolta de

³⁵⁸⁵ M. Millet, 1987; S. Willis, 2005; C. Wallace, 2006; J.T. Peña, 2007, p. 58. R. Willet e J. Poblome, 2011, p. 103.

³⁵⁸⁶ C. Orton, 1975 e 1978 *apud* J.T. Peña, 2007, p. 46.

³⁵⁸⁷ M. Millet, 1979.

³⁵⁸⁸ M. Rhodes, 1986, p. 199-204.

Boadisseia e contrastando estatisticamente a informação com outros contextos similares ou de consumo, demonstrou a existência de perfis com padrões cronológicos diferentes³⁵⁸⁹. Cumulativamente, o britânico demonstrou que os vasos em *terra sigillata* em utilização num mesmo momento podem apresentar perfis distintos em função da própria história do lugar, e que existe uma quantidade relevante de material que permanece em uso³⁵⁹⁰. Stephen Willis, com base na análise de conjuntos bem estratigrafados do NE da *Britannia* observou também uma muito maior sobrevivência das taças decoradas sudgálicas produzidas a molde do que da loiça lisa com a mesma origem, chegando vasos cláudio-neronianos a atingir os inícios do séc. II d.C.³⁵⁹¹. O mesmo investigador repertoriou uma série de outros casos insulares onde fabricos sudgálicos da Época dos Flávios e primeiros anos do séc. II d.C. foram encontrados em formações ocasionadas na Época de Adriano e Antonino Pio³⁵⁹².

Em data recente, Colin Wallace elaborou uma síntese dos elementos sobre a temática, onde coligiu um número elevado de outras ocorrências britânicas de sobrevivência a uso dos recipientes. Deles se podem destacar, apesar de fugirem ao âmbito cronológico que mais interessa aqui, a “*Loja de Corbridge*”, escavada por Sir Leonard Wooley, destruída por um incêndio no séc. IV d.C. como mostrava a massa fundida de moedas fundida pelo calor onde pontuavam numismas de Graciano (367-383 d.C.), tendo associadas diversas classes cerâmicas incluindo *sigillata* centrogálica do século III d.C.³⁵⁹³, mas também, pelo interesse suscitado pela fiabilidade dos contextos, mais de uma dúzia de sepulturas em que vasos em *sigillata*, lisos e/ou decorados, foram colocados décadas após a sua elaboração ou até, num exemplo excepcional, cerca de um século depois³⁵⁹⁴. Muitas outras ocorrências poderiam ser aduzidas, como a de uma taça decorada Drag. 37 centrogálica intata de Stonea (Inglaterra), recuperada a par de um outro recipiente similar cuidadosamente reparado com gatos num depósito dos inícios do séc. III d.C.³⁵⁹⁵, ou de uma tigela Drag. 35 em fabrico sudgálico recuperada em Wroxeter (Inglaterra) em contextos datados externamente da década de 160 d.C.³⁵⁹⁶.

Com o propósito tão-somente de ilustrar o fenómeno noutras paragens geográficas e noutras produções que não gálicas, veja-se a presença de uma “marca” de tipo radial

³⁵⁸⁹ M. Millet, B. Hartley e B. Dickinson, 1987.

³⁵⁹⁰ Idem; P. Tyers, 1996, p.36 e fig.21.

³⁵⁹¹ S. Willis, 1996.

³⁵⁹² Idem, 2005, 5.8, em especial o sub-capítulo 5.8.2.

³⁵⁹³ C. Wallace, 2006, p.266.

³⁵⁹⁴ Idem, p. 261-263.

³⁵⁹⁵ J.T. Peña, 2007, p. 237.

³⁵⁹⁶ Idem, p. 236.

de *L.Tet(tius)*, acompanhada por uma outra bilinear de *Autus C.Volusenii* num dos navios mandados construir por Caio no Lago Nemi, que mereceu o comentário de Oxé “*que fait’il dans ces galères?*”³⁵⁹⁷, ou o conjunto doméstico de loiça descartado em meados do séc. I d.C. para o interior de um tanque da “*taberna 32*” da “*Casa de Ariadna*”, em Pompeia, onde se recolheu um prato Consp.18.1.2, de Augusto a Tibério, um outro Consp.20.1.3, dos finais de Augusto a cerca de 30 d.C., um pé de prato Consp.12.3, “*marcas de oleiro*” de *Ateius (3)*, de até 25 d.C., *Chrestus (1)* estampado num prato Consp. 20.4, de até 30 d.C., *Zoilus*, de até 50 d.C., *C.Me()*, de até 30 d.C. e três pratéis de grande dimensão, associação de peças, umas “*arcaicas*” e outras novas que se mantiveram a uso até ao seu definitivo descarte³⁵⁹⁸. Panorama similar ocorre nas Baleares onde: no horizonte II de Can Muntanyans (Palma, Maiorca), datado de c. 25-30 d.C., estão ainda presentes as formas Consp.12.1.2, de 15 a.C. a 9 d.C., Consp.22.1, c. 20 a.C. a 15/20 d.C., ou um cálice Consp.R.2.3, elaborado entre 10 a.C. e 15 d.C.³⁵⁹⁹; no horizonte III, do final da Época de Nero ou inícios da dinastia Flávia (c. 60 a 70 d.C.), os recipientes itálicos são ainda um grupo significativo (21% da “*cerâmica fina*”), sendo aliás maioritários face aos fabricos gálicos (6%)³⁶⁰⁰ mas, neste caso, a circunstância de se tratar de um enchimento de um poço ou silo, escavado nas sequências anteriores³⁶⁰¹, aconselha alguma cautela na análise dos resultados, onde um olhar um pouco mais atento ao conjunto denota a presença de vasos seguramente mais antigos, como as taças Consp.22 (5 ex.), o tipo mais representado, ou “*marcas de oleiro*” de cronologia mais recuada, como a de *Sextus Aruius*, a par de uma representatividade de formas itálicas seguramente mais tardias, é certo, mas que só em raros casos ultrapassa os meados do século I d.C.³⁶⁰².

No Mediterrâneo Oriental o quadro é idêntico, podendo citar-se um contexto da Época de Tibério encerrado numa cave em que estavam presentes maioritariamente vasos decorados augústeos, marcados por ou atribuídos a *M. Perennius Bargathes*, associados a taças com marcas bilíneares e um pratel com “*marca*” radial³⁶⁰³.

Outro nível de análise equivale à observação dos cuidados de reparação, efetuados com a expectativa de prolongar a vida dos recipientes, que proporcionam deste modo

³⁵⁹⁷ H. Comfort, 1959, p.8-9.

³⁵⁹⁸ M. Bustamante Álvarez *et al.*, 2011, p.520 - 522.

³⁵⁹⁹ A. Lopez Mullor *et al.*, 2008, p. 136 - 137.

³⁶⁰⁰ Idem, p. 143.

³⁶⁰¹ Idem, p. 130.

³⁶⁰² Idem, p. 144.

³⁶⁰³ K. Wright e R.E. Jones, 1980.

indicadores acerca das facilidades de aprovisionamento individual, grupal ou regional. O hábito de reparar a *terra sigillata*, por gatos metálicos ou outras práticas, parece ter sido incomum: G. Marsh estimou nuns escassos 1,1 % numa amostragem de c. 12000 taças decoradas gálicas do tipo Drag.³⁶⁰⁴ depositadas no Museu de Londres, cobrindo o espectro de 40 a 250 d.C., com uma ligeira maior incidência no período de 45 a 100 d.C.³⁶⁰⁴; perfil semelhante mostrou a colecção de vasos gálicos de Piercebridge (Inglaterra) onde, num máximo de 5543 recipientes somente 1,3% mostravam sinais de reparação³⁶⁰⁵ Como Theodor Peña nota, e para além de outro exemplo de sequência contextual do séc. I a.C. ao V d.C. de Roma, e onde apenas os fabricos de *terra sigillata* clara africana D evidenciaram esta prática, o tipo de leitura é possível somente para o caso britânico, onde os relatórios fazem constar uma circunstanciada análise da cerâmica³⁶⁰⁶.

A informação de índole cronológica proporcionada revela-se, portanto bem mais complexa do que uma boa parte dos estudos deixa transparecer, não parecendo de fácil resolução fixar o ciclo de vida dos vasos em *terra sigillata*. A tentativa mais concreta foi realizada por Peña, que estimou com base em inferência arqueológica, paralelos etnográficos e esparsas referências textuais da Antiguidade, que o tempo médio de vida de um recipiente a uso rondaria os 1 a 3 anos, substancialmente mais curto que o de um *dolium* (25 anos) e longo que o de uma lucerna (0,5 anos)³⁶⁰⁷. As suas conclusões não se baseiam, porém, em evidência arqueológica direta e deverão equivaler a uma realidade estatística modal³⁶⁰⁸, e a casuística citada baseia-se numa enorme amplitude geográfica e diversidade sociocultural, o que limita de sobremaneira a validade dos resultados, dado que outros fatores necessariamente terão interagido com impate na biografia dos objetos, nomeadamente a conjuntura económica local/regional, e o *status* dos possuidores dos objetos.

O requisito de uma validade tópica parece, portanto, assomar, assim se justificando a apresentação do panorama limitado conseguido pela observação da amostragem da região em estudo.

Em primeiro lugar, parece de enfatizar não se ter identificado no universo vasto da “Península de Lisboa” qualquer caso de vaso alto imperial reparado com gatos

³⁶⁰⁴ G. Marsh, 1981, p. 178, 227; J.T. Peña, 2007, p.247.

³⁶⁰⁵ G. Marsh, 1981, p. 178.

³⁶⁰⁶ J.T. Peña, 2007, p. 247.

³⁶⁰⁷ Idem, p. 56-58.

³⁶⁰⁸ R. Willet e J. Poblome, 2011, p. 103.

metálicos ou de outra forma. Esta circunstância aponta para uma alta probabilidade de facilidade de aprovisionamento que dispensou o recurso a este tipo de práticas.

Em segundo lugar, na região os recipientes parecem ter sido alvo de cuidados no seu manuseamento e utilização. Muito recentemente, com base em conjuntos mais uma vez britânicos e em “Arqueologia Experimental”, Edward Biddulph estudou as evidências traceológicas patenteadas na *terra sigillata*, diretamente conetadas com a forma como foram utilizados os recipientes no consumo alimentar³⁶⁰⁹. Destaca-se, do seu estudo, a comprovada utilização de colheres metálicas para ingerir um preparado culinário aparentado ao iogurte, mencionado na Antiguidade como corrente no Norte de Inglaterra, utilizando preferencialmente as tigelas gálicas Drag. 33 e assim produzindo um desgaste circular largo e concêntrico no fundo e um outro mais estreito nas zonas internas de ligação da copa ao fundo deixando a zona de junção intata, como também a utilização extensa na mesma zona geográfica das tigelas Drag. 27 de maior tamanho para macerar com pilão preparados culinários, funcionando desta maneira como almofarizes, prática que gerou um acentuado desgaste da parte central do fundo e esboçamento pontual da face interna dos bordos³⁶¹⁰.

Deste tipo de dano provocado pelo uso somente o primeiro caso foi documentado de forma evidente, e por uma só vez, no fundo interno da única taça marcada em produção de tipo Peñaflor, recolhida na Casa dos Bicos (Lisboa- Ol.177), obviamente só se podendo garantir aqui a utilização de objeto metálico na ingestão alimentar, desconhecendo-se o preparado consumido.

Outros danos assinalados na amostra equivalem ao ligeiro desgaste circular fino na parte interna do fundo e na junção do fundo à copa numa taça troncocónica de *Scallabis* (Sc.54), podendo presumir-se ser o resultado da utilização de objeto metálico para misturar o alimento, um padrão similar numa taça Drag.33 de Armês (Sintra-Ol.Ag. 26), em ambos os casos eventual consequência da utilização dos vasos para a diluição ou mistura com o auxílio de objeto metálico, porventura um preparado vínico. Provavelmente com o mesmo fundamento, regista-se um conjunto de nove outras taças troncocónicas de modo itálico escalabitanas, olisiponenses e eburobriçenses, que ostentam um discreto e leve picado de padrão circular no fundo interno, que se repete mais tarde nos fabricos sudgálicos em três tigelas médias Drag.

³⁶⁰⁹ E. Biddulph, 2008.

³⁶¹⁰ Idem.

24/25, uma Drag. 33 de Lisboa e uma Drag.27 pequena de *Eburobrittium*, a qual mostra igualmente no interior as arestas da carena desgastadas.

Um caso muito peculiar, para o qual não se aventa explicação, equivale ao prato sudgálico Drag.15/17 coletado em 1961 na sepultura “*Conjunto I-3*” da Praça da Figueira (Lisboa- Ol.191), que evidencia um abrasão de padrão riscado intenso desenhando um largo aro circular no fundo interno, provocando o desaparecimento do revestimento, e apresenta a face interna do bordo igualmente raspada, danos provocados por objeto metálico. Tratando-se do elemento em *terra sigillata* com balizas cronológicas mais avançadas dentro da incineração, de 60 a 80 d.C., garante a deposição funerária de um objeto intensamente utilizado, não devendo por razões contextuais, da composição e datações do restante conjunto de cerâmica de mesa, ultrapassar a década ao serviço.

Não se podendo garantir que os danos patentes no restante da amostragem, de que os mais vulgares são o ligeiro esbocelamento dos limites das “*marcas de oleiro*”, resultou não do manuseamento e acções de limpeza dos vasos mas dos processos decorridos após a desfuncionalização dos mesmos, provocados pelo descarte e posteriores eventos deposicionais, pode inferir-se ainda assim que foram praticados cuidados relativos tendo em vista a preservação da *sigillata*, a que terão eventualmente ajudado os costumes locais de os empregar na apresentação ou consumo alimentar sem o recurso a instrumental metálico ou outros objetos potencialmente lesivos da integridade das superfícies.

Por fim, e de modo a encerrar-se o contributo da análise da amostragem para a definição do ciclo de vida na “*Península de Lisboa*”, importa abordar os contributos estratigráficos e contextuais facultados pelos sítios e pontos arqueológicos das cidades.

Avulta, em primeiro lugar, a enorme escassez de estratigrafias de data augústea, somente reveladas em Santarém, e em circunstâncias pouco favoráveis para se proceder à análise que se pretende dado conterem somente uma ou duas “*marcas*”. A partir de Tibério multiplica-se de forma expressiva o número de contextos identificados, embora restritos aos dados de Santarém e Lisboa. Este fato por si só merece comentário pois, como se viu antes, as curvas de frequência aquisitiva proporcionadas pelas impressões nas duas cidades registam uma quebra notória a partir de 15 d.C., no que são acompanhadas pelos indicadores de *Eburobrittium* e *agri da colonia* e do *municipium*.

A evidência estratigráfica, portanto, surge em vincada oposição à composição dos conjuntos, que assinalam uma quantidade maior de loiça adquirida no período augústeo,

o que conduz inexoravelmente à conclusão de que na “Península de Lisboa” sobreviveu a uso no tempo de Tibério uma massa vascular já antiga, tomando aqui emprestado o termo da história monetária, e com o mesmo conteúdo. É certo que se poderá argumentar com as características funcionais das estratigrafias e os processos que lhes deram origem, na sua maioria aterros ou outros depósitos detríticos urbanos destinados à construção ou regularização. Um conjunto pequeno de contextos tibérios, porém, valida a inferência produzida, deles se destacando três fossas detríticas equivalentes a despejos domésticos, dois dos quais seguramente particulares detetadas na Praça da Figueira (Lisboa)³⁶¹¹: no mais antigo, 8933, onde somente estavam presentes elaborações de modo itálico, predominam as formas augústeas clássicas e tardias, mas continha as impressões Ol.249 e Ol.270 que lhe forçam uma data posterior a 15 d.C., possivelmente próxima ao intervalo 15-20 d.C.³⁶¹², implicando lapsos de loiça a uso de 5-10 anos no mínimo; o conjunto mais vasto, 8060, mostra já uma tímida presença de quatro indivíduos gálicos, tendo associadas as impressões Ol.243, de entre 10 a.C. e 10 d.C., Ol.245, de 5 a.C. a 40 d.C., Ol.250, posterior a 1 d.C., Ol.215, atribuída ao intervalo de 1 a 15 d.C., Ol.253, Ol.259 e Ol.260, situáveis entre 1 e 20 d.C., e Ol.265, de entre 1 e 30 d.C., que melhor ilustram a sobrevivência dos vasos por períodos que podem atingir uma década, no mínimo; por seu turno, em 8300 as impressões de tipo bilinear Ol.241 e Ol.242, datadas respetivamente de 5 a.C.-20 d.C. e de 1 a 10 d.C., são seguramente mais antigas que a formação do conjunto, que apesar da prevalência itálica, com formas tibérias e ainda augústeas, inclui já uma relevante representação sudgálica, deste modo apontando para datas mais avançadas dentro do principado do segundo Imperador e implicando ciclos de vida que podem atingir as duas décadas.

O panorama enriquece-se no período dos imperadores Cláudios, quando domina o mercado a loiça de La Graufesenque. Deixando de parte os contextos de aterro, por se tratar de evidências menos fiáveis, destaca-se do conjunto de dados três sepulturas lisboetas de um mesmo edifício funerário da Praça da Figueira, exumadas em 1961-62³⁶¹³: no “*Conjunto I-3*” os intervalos das impressões são de 40-65 d.C., 55-65 d.C., 50-70 d.C. e 60-80 d.C., parecendo ajustada a proposta já antes avançada de uma data próxima a 60-65 d.C. para a prática fúnebre, implicando a existência de vasos essencialmente novos; em “*B_28_1/28_2-a*” as balizas são de 40-60 d.C., 40-70 d.C.,

³⁶¹¹ R.B. Silva, 2005 e 2012.

³⁶¹² Vide *supra*, subcapítulo 8.2.23.3.

³⁶¹³ Idem.

40-75 d.C., 45-65 d.C. e 65-80 d.C., pelo que é forçosa uma data posterior a 65 d.C. para a deposição dos recipientes, implicando a existência de um vaso com 5 anos, no mínimo; sob a anterior, “B_28_12/ B_Pote à cota -0,50” permitiu recolher impressões com as balizas de 40-60 d.C., 40-70 d.C. e 50-70 d.C., pelo que se impõe uma data posterior a 50 d.C. e necessariamente prévia à de “B_28_1/28_2-a”, de onde a maioria dos recipientes parecer ser relativamente nova. Se se aduzir a estes casos os dados da fossa 9014, eventual despejo detritico doméstico ou resto de *sodalitium* que teve lugar na sua proximidade³⁶¹⁴, o panorama para o mesmo período enriquece-se: as impressões detêm uma cronologia atribuída de 30-50 d.C., 30-65 d.C., 50-70 d.C., 55-65 d.C. e 60-80 d.C., pelo a sua formação teve lugar seguramente após 60 d.C., implicando a existência de um vaso com pelo menos uma década de vida.

O quadro delineado, provavelmente neroniano na sua totalidade, apesar de poder mostrar uma seletividade de recipientes para o ato funerário, consubstancia um panorama de ciclo de vida distinto do verificado no período tibério, bastante mais curto, sendo facilmente explicável por a década de 60 d.C. equivaler ao apogeu do consumo de recipientes em *Olisipo*, isto é, a uma facilidade de aprovisionamento efetiva e bem fundamentada assim.

Do período flávio, ou ligeiramente posterior, o exemplo mais relevante equivale ao pavimento U.E.160, detetado no setor dos “Viveiros do Jardim”, em Santarém. Catarina Viegas, situou-o com maior probabilidade entre 50 e 80 d.C.³⁶¹⁵, data que foi revista no presente estudo para o principado de Domiciano ou pouco após, em função da presença da “marca” Sc.71, de *Secundus ii*, que fornece um *terminus posde quem* que concorda com a ocorrência ali das formas sudgálicas Drag.35 ou 36 e de uma taça hispânica Drag.29³⁶¹⁶. Tendo já a própria Catarina Viegas admitido a possibilidade de a construção se ter processado num momento compreendido até inícios do séc. II d.C., o pavimento pertencente à fase 3 permite corroborar plenamente as datas já antes avançadas para o início deste segmento da periodização, recorde-se, de finais do séc. I d.C. ou inícios do séc. II d.C.³⁶¹⁷ Pese embora os inertes utilizados para formar o *opus signinum* tenham sido presumivelmente colhidos de zonas de deposição detritica formados desde momentos bem anteriores ao principado do último dos Flávios, como mostra a presença de 33 fragmentos em fabrico de modo itálico ou a atestação dos dois

³⁶¹⁴ Idem

³⁶¹⁵ Idem.

³⁶¹⁶ R.R. Almeida, 2008, p.264, tabla 53.

³⁶¹⁷ C. Viegas, 2003a, p.285-286.

pratos mais antigos Ritt. 1 gálicos, a escassa representatividade atingida pelas elaborações hispânicas, com apenas 4 fragmentos face aos 96 sudgálicos, sugere um retomar de ciclo de vida dos recipientes mais longo do que o ocorrido antes. A verificar-se este fenómeno, estaria em consonância com os indicadores de menor aquisição proporcionados pelas curvas de frequência de consumo da cidade, pondo em evidência possíveis dificuldades locais no aprovisionamento.

Deverá acrescentar-se, como nota, que a matéria que vimos tratando ficaria incompleta se não se incluísse um curto comentário acerca dos recipientes decorados, mal documentados na amostra através de “marca de oleiro”. De fato, as estratigrafias da “Península de Lisboa” haviam demonstrado já a sobrevivência de vasos itálicos elaborados a molde, de que se poderiam citar os exemplos de um cálice decorado de cronologia augústea incluso numa estrutura negativa formada na Época de Cláudio ou Nero³⁶¹⁸, ou, na mesma data, de um *skyphos* possivelmente aretino na fossa 9014 a que já se fez menção³⁶¹⁹. O panorama não deverá ter sido distinto em relação às taças decoradas sudgálicas relativamente a períodos mais avançados, do último terço do séc. I d.C. e ao longo do séc. II d.C., como acontece frequentemente no espaço britânico³⁶²⁰, mas os contornos funcionais dos contextos escavados em Santarém e Lisboa, por se tratar de aterros, não oferecem o mesmo grau de fiabilidade. O mesmo comentário será extensível aos vasos decorados hispânicos, que não se pôde comprovar pelas mesmas razões.

Fica em falta, por fim, procurar esclarecer qual a ligação entre os centros produtores oleiros e os receptores da “Península de Lisboa”, entrevendo a forma como se estruturaram os circuitos e meios de transporte de que se serviram. Neste domínio, as “marcas de oleiro” suplantam sem margem para dúvidas a informação estritamente formal dos seus suportes, ao permitir conetar o âmbito de consumo com as origens concretas de cada recipiente desta forma documentado, quer em termos de *officina* quer de região, centro ou complexo produtor.

³⁶¹⁸ C. Bolila, 2012.

³⁶¹⁹ R.B. Silva, 2005.

³⁶²⁰ Conf. M. Millet, 1987, S. Willis, 2005 e C. Wallace, 2006.

O dado é do mesmo modo um dos mais poderosos sintomas de um mercado fraccionário e diversificado nas suas fontes aquisitivas, o que parece compatível com um quadro de conhecimento prévio já existente da intensidade de contatos comerciais facilitados pela densa rede de transportes disponível, quer terrestres quer, sobretudo, aquáticos, como de igual modo pelo papel de relevo e de charneira no trânsito de mercadorias que a investigação sempre entreviu para o Vale do Tejo, com natural destaque particular para *Olisipo*³⁶²¹. A expressão quantitativa desta realidade é-nos dada pela quantidade de vezes que um oleiro surge representado. Se se atentar na tabela abaixo (Figura 271), mais de 80% dos vasos itálicos foram assinados por 68 oleiros, quase 60 % dos vasos sudgálicos por 105 artesãos e cerca de 65 % dos recipientes riojanos saíram das *officinae* de 25 oleiros. Em sentido contrário, porém, as elaborações pisanas tardo-itálicas, discretamente importadas como se viu já, denotam um perfil de aprovisionamento muito circunscrito a dois oleiros apenas, qualquer deles documentado repetidas vezes, e com Andújar a supremacia de um só oleiro é expressiva, com 35% das impressões, transmitindo uma outra realidade.

A representação atingida pelos diversos oleiros dá-nos, noutro sentido bem diverso, indicações sobre a natureza dos mercados olisiponenses, escalabitanos e ebuobriecienses do comércio da *terra sigillata*.

Um dos fatos que assomou durante o desenvolvimento da dissertação foi o de que, cada vez que se abordava um novo ponto arqueológico em cada uma das cidades, se ampliava a amostragem com os sítios do povoamento romano disperso ou se coligiam os elementos globais da “Península de Lisboa” só em muito estritos casos se acrescentava mais uma impressão aos oleiros já documentados. Esta é uma primeira aproximação genérica à imagem de inquestionável riqueza no aprovisionamento da região ao longo de todo o período em análise, entre os finais da República e os primeiros tempos da dinastia Antonina.

³⁶²¹ Conf. V.G. Mantas, 1990, 1996a, 1996b, 1999, 2003, 2003-2004, 2004a; R. Étienne e F. Mayet, 1993-1994 e 2001; M.L.P. Blot, 2003; C. Viegas, 2003a; C. Fabião, 2009.

N.º Atestações/oleiro	N.º Oleiros itálicos por atestação	Percentagem, da produção de modo itálico assinada	N.º Oleiros sudgálicos por atestação	Percentagem, da produção sudgálica assinada	N.º Oleiros tardo-itálicos por atestação	Percentagem, da produção tardo-itálica assinada	N.º Oleiros hispânicos do círculo de La Rioja por atestação	Percentagem, da produção hispânica do círculo de La Rioja assinada	N.º Oleiros hispânicos de Andújar por atestação	Percentagem, da produção hispânica do círculo de Andújar assinada
1	48	57,14%	78	34,81%		0,00%	20	43,48%	8	40,00%
2	10	23,61%	27	24,11%	1	33,33%	5	21,74%	1	10,00%
3	2	7,14%	7	9,38%		0,00%	4	26,09%	1	15,00%
4	1	4,76%	4	7,14%	1	66,67%	1	8,69%		0,00%
5		0,00%	5	11,16%		0,00%		0,00%		0,00%
6	1	7,14%	1	2,68%		0,00%		0,00%		0,00%
7		0,00%	1	3,13%		0,00%		0,00%	1	35,00%
8		0,00%	1	3,57%		0,00%		0,00%		0,00%
≥ 9		0,00%	2	8,54%		0,00%		0,00%		0,00%

Figura 271- Tabela da frequência do número de vezes que um oleiro foi atestado na “Península de Lisboa”.

Os números itálicos são, como se verá, enganadores, e os sudgálicos não podem, por sua vez, ser objeto de uma leitura tão direta.

Em relação aos primeiros, há que levar em consideração as relações polimórficas de dependência entre oleiros, onde muitas vezes é um “principal” a dirigir a produção e encabeçar a comercialização, ou um grupo de vários artesãos que assume em conjunto esse papel, como é o caso dos ateianos³⁶²² ou, mais tarde, os *Murrii* pisanos tardo-itálicos³⁶²³.

³⁶²² P. Kenrick, 1997.

³⁶²³ G. Pucci, 1980 e 1990; E. Huguet Enguita, 2007, p.120.

Oleiros	Olisipo	Ager olisiponensis	Scallabis	Ager scallabitanus	Eburobritium	Ager eburobritiensis	Atestações na "Península de Lisboa"							
Lucius Gelius							1							1
Her()									1					1
Publius Hertorius							1							1
Heraclio							1							1
Marc()										1				1
Marcus Valerius							1							1
Marius (2)									1					1
C. Me()							1		1					2
Anthus C. Memmii									1	1				2
Primus C. Memmii									1					1
Vernas C. Memmii							1				1			2
P. Messenius Menopilus									1					1
Mur()							1							1
Murrius							1							1
Caius Murrius							1							1
Hilarus (5)= N.Naeui Hilarus							1		1					2
Atticus (3) / N.Naeui Hilarii							1							1
Agathemerus N. Naeui Hilarii							3							3
Primus (2) = Primus N.Naeui Hilarii									1					1
Speculator N. Naeui Hilarii							1							1
Philargurus (1)							1		1					2
L. Plot(ius)							1							1
Pri() (2)							1							1
Primus (7)									1					1
L.R() A()							1							1
Rasinius (2)							2		1		2			5
Romanus (1) = Romanus M.Pob(licii)									1					1
Rusticus							1							1
Saluius (2)									1					1
C. Sentius (1)							3				1			1
Serenus (2) = Q.Pompeius Serenus							1							1
A. Sestius							1							1
M. Seruilius Figulus									1					1
SPE							1							1
Canopus Statiliae							1							1
C. Tap(arius ?)									1					1
Tarqui(tius)							1							1
L.Tetius Samia (1)									1					1
? L.Tettii Samiae									1					1
A. Titius (3)									1					1
A. Titius Figulus (2)									1					1
Titus = L. Valerius Titus										1				1
Ant() C. Valerii Tyranni							1							1
Valerius (2) = M. Valerius Volusus										1				1
M. Valerius							1							1
L. Vibius							1							1
C. Vmbricius Philologus							3							3
Hilarus L. Vmbricius							1							1
Sabbio (L.) Vmbricii Manc(anii)							1							1
Hilarus L. Vmbricii Scaurii									1					1
C. Volusenus							1							1
Vrbanus (1)							2							2
Xanthus (2) = C.Ateius Xanthus							2	1	1		1			5
Zoilus (2) = Cneus Ateius Zoilus							1							1
N.º de oleiros (97)							63	4	33	5	13	0		131

Figura 272- Atestação dos oleiros de modo itálico na “Península de Lisboa”.

No caso de modo itálico destacam-se claramente as *officinae* aretinas de *Publius Cornelius*, com vinte e uma impressões no conjunto, o que é o mesmo que dizer 16 % do total dos vasos importados que permitem leitura da “marca”, o grupo dos ateianos aretinos e pisanos, que completam 11,45% e, em menor escala, as instalações puteolanas de *Nonius Naevius Hilarus* e seus “dependentes”, com 4,34 %, e dos escravos das olarias aretinas de *Caius Memmius*, com 3,82%, (vide Figura 272, *supra*). A imagem geral de fraccionamento dos mercados não sai, porém, grandemente afetada, pois globalmente estas “quatro” grandes “olarias” não sobrepassam os 35 % da importação regional de *terra sigillata* de modo itálico. Temos então nas três *ciuitates* estudadas um mercado bastante fraccionado.

De há muito que a investigação procura na distribuição dos oleiros itálicos sinais de vocações geográficas comerciais de alguma especialidade. Em datas mais recentes, Allard Mees dedicou a sua atenção à evolução da dinâmica comercial dos vasos de modo itálico no ocidente do Império Romano com este pressuposto³⁶²⁴, já antes tendo Philip Kenrick demonstrado a utilidade do OCK a este respeito, ao chamar a atenção para as assimetrias na distribuição de dois oleiros, qualquer deles documentado na “Península de Lisboa”: *Publius Cornelius* e *Lucius Gelius*. Se este último mostrou uma orientação da distribuição especificamente dirigida à *Germania Superior* e *Pannonia*, através do eixo Adriático, tendo inclusive operado a partir de oficinas subsidiárias mais próximas dos destinos preferenciais dos recipientes³⁶²⁵, o segundo detém uma concentração notável de vasos nas Hispânicas que mereceu o comentário ao britânico “*did Cornelius own estates in Spain with consequent shipping interests?*”³⁶²⁶.

Publius Cornelius constitui, de fato, um caso particular no âmbito da produção de modo itálico. Ocorrendo isoladamente em *Olisipo* e *Scallabis* por oito vezes, por treze outras surge nas três cidades através de nove escravos seus, pelo menos. Como já tivéramos ocasião de expor em ocasião anterior³⁶²⁷, as evidências para a Lusitânia parecem ser esclarecedoras a respeito da capacidade competitiva das *officinae* cornélias neste espaço: dominante em *Olisipo*, em supremacia na fraca amostra escalabitana, está por três vezes em *Eburobrittium*, quadro muito similar ao de Represas (Beja) e Alcácer do Sal³⁶²⁸. Mérida coloca a questão nos seus devidos termos, pois aí as impressões

³⁶²⁴ A. Mees, 2011.

³⁶²⁵ OCK, p.45-47.

³⁶²⁶ Idem, p.45-46.

³⁶²⁷ R.B. Silva, 2005, p. 294 e seguintes.

³⁶²⁸ Conf. Anexo II.

ateianas suplantam em dobro as cornélias, isto é, a capital lusitana emprega circuitos de aprovisionamento predominantemente distintos. Conímbriga é um outro caso especial, pois aí o número de “marcas” é inferior aos dos ateianos, por pequena margem. Contudo, na cidade romana da Beira não se documentou nenhum vaso decorado ateiano *versus* um número elevado de cornelianos³⁶²⁹, esbatendo desta forma o contraste conimbricense face ao restante da Lusitânia ocidental e meridional. A dimensão atlântica da exportação aretina cornélia, aliás, está bem demonstrada por dois outros tipos de evidência: de acordo com Cristina Troso, que dedicou um estudo monográfico à produção decorada “corneliana”, os vasos ornados destas olarias apresentam-se pouco difundidos no Reno³⁶³⁰ quase ausentes da Gália Interna³⁶³¹, mas estão assinalados em diversos pontos da *Britannia*, tendo destacado, a esse propósito, a alta representatividade atingida pelos produtos decorados de *P. Cornelius* na *Mauretania* e fachada atlântica marroquina³⁶³².

Em sentido diverso, os fracos resultados atingidos por estas oficinas aretinas nos contextos militares do Noroeste Peninsular, em que apenas se apresentam muito atestadas num dos assentamentos militares, Léon (12/51 impressões)³⁶³³, sugere um quadro de comércio não estritamente militar ou oficial, não o excluindo todavia, para justificar a profusão dos recipientes assinados por *P. Cornelius* e seus escravos na “Península de Lisboa”.

Uma outra indicação útil concorre para suportar este entendimento do perfil possivelmente “híbrido”³⁶³⁴ do fluxo assinalado na região em estudo. Allard Mees, baseado nos dados do OCK, salientou que apenas uma impressão de um dos seus escravos foi encontrada na *Germania Superior*, estando os “dependentes” genericamente ausentes do amplo espaço da Gália Interna, *Galia Belgica* e *Germania Inferior* e profusamente ilustrados por todo o Mediterrâneo Ocidental³⁶³⁵. Ora, ao contrário deste padrão, as “assinaturas” com *praenomen* e *nomen* têm uma distinta geografia, com atestações no Vale do Ródano e nas duas *Germaniae*, o que parece constituir um argumento a favor do caráter “mais oficial” destes recipientes. Deverá,

³⁶²⁹ 26 exemplares segundo A. Alarcão, 1975a, p.8. Deverá lembrar-se que de há muito se conhece que se terá verificado a aquisição de oficina e/ou de moldes perenianos por *P. Cornelius* (G.H. Chase, 1916), o que poderá representar um incremento do número de vasos decorados saídos das olarias de Cincelli.

³⁶³⁰ C. Troso, p. 61.

³⁶³¹ Idem, p.62.

³⁶³² Idem.

³⁶³³ A. Morillo Cerdán e V. García Marcos, p. 298.

³⁶³⁴ Aplica-se aqui o termo no mesmo sentido que Rui Morais, a propósito dos contornos do mercado bracarense- Conf. R. Morais, 2007, p. 138.

³⁶³⁵ A. Mees, 2011, p.22-23.

portanto, enfatizarem-se as oito ocorrências do *dominus* “a sós”, número que traduzirá circuitos mais institucionais que fluíram pelo Tejo, plausivelmente utilizando as facilidades portuárias de *Olisipo* em direcção a paragens mais setentrionais do Império.

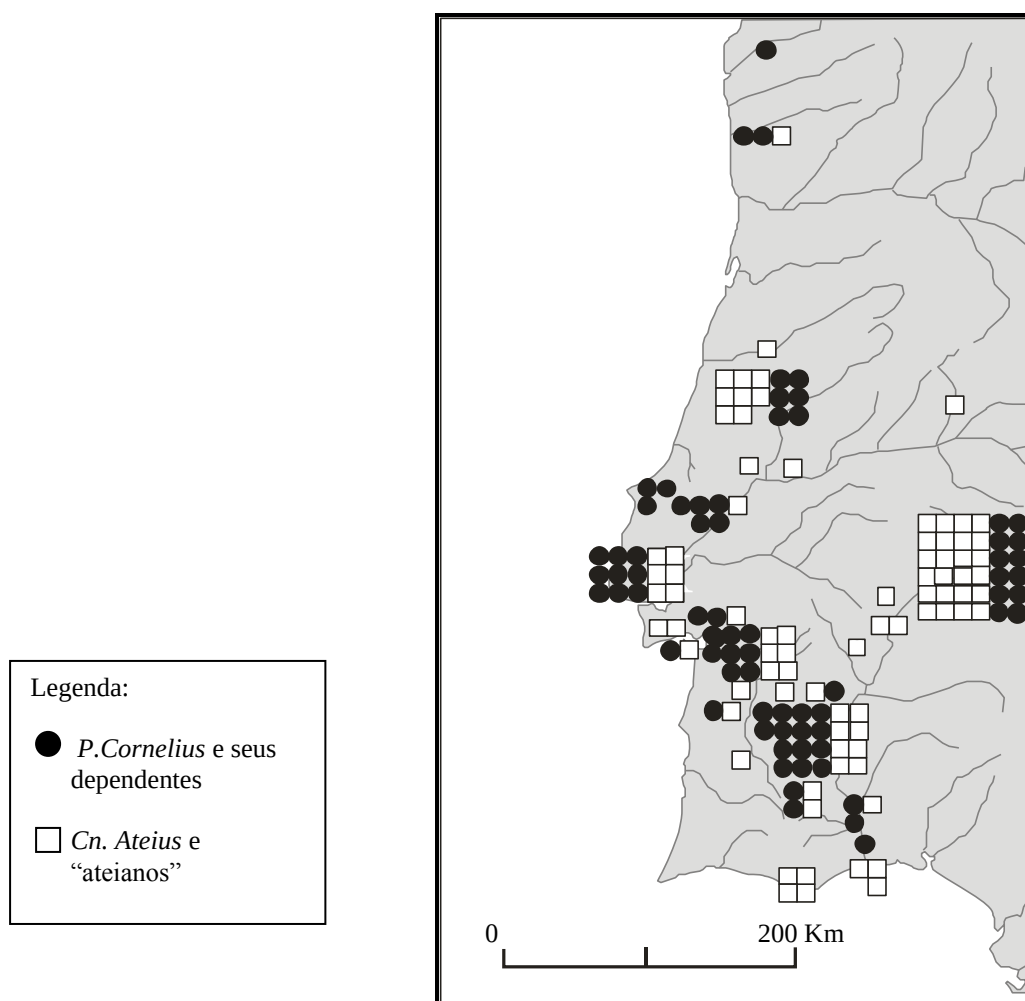


Figura 273- Mapa da dispersão no ocidente da Hispânia dos principais fornecedores de loiça de modo itálico da “Península de Lisboa”³⁶³⁶.

O grupo ateiano, por sua vez, parece encerrar aspetos que de igual forma convém esclarecer mais detalhadamente. Avulta, do conjunto dos dados a ele referentes, a escassez de comprovação de *Cneus Ateius* propriamente, sendo largamente maioritárias as impressões que apenas indicam o *nomen* e, sobretudo, as assinadas por alguns dos elementos do grupo manumitido que liderou a laboração das oficinas já em Pisa, com probabilidade a partir dos finais do principado de Augusto.

Destes, somente *Xanthus (2)/Cneus Ateius Xanthus* está bem representado na amostragem, através de cinco impressões abarcando as áreas das três *ciuitates*, sendo as

³⁶³⁶ Elaboração própria atualizando os dados constantes em R.B. Silva, 2005, p.294, fig.74 com aqueles coligidos no Anexo II.

ocorrências de *Zoilus* (2)/*Cneus Ateius Zoilus* e *Euhodus* (2)/*Cneus Ateius Euhodus* pontuais. O contraste com a capital provincial é vincado: *Zoilus* surge aí por sete vezes, *Euhodus* por cinco e *Xanthus* está-o por uma única vez³⁶³⁷. Como já se havia demonstrado para os oleiros cornélios, parece poder defender-se com bom fundamento que o aprovisionamento de Mérida e da “Península de Lisboa” é servido essencialmente por circuitos comerciais bem distintos um do outro.

Em Represas (Beja), o panorama ateiano é indefinido, por aí já se registar *Xanthus* por uma vez, tal como *Euhodus*, estando *Zoilus* documentado por duas vezes³⁶³⁸. Os escassos restantes dados do *conuentus pacensis*, Alcácer incluído, concordam com as indicações da *uilla* bejense³⁶³⁹. Portanto, os canais de circulação dos vasos ateianos, como já antes os cornélios, parecem mostrar uma difusão na Lusitânia meridional e ocidental em função de dois principais focos polarizadores da redistribuição com circuitos necessariamente distintos, *Olisipo* e *Emerita*, cuja influência económica se espraia e sobrepõe difusamente ao longo de uma alargada faixa da *prouincia* (vide Figura 273, *supra*).

Como se vem vendo, é concedida uma elevada importância ao polarismo hispânico em torno de *Publius Cornelius* e “ateianos”. Esta focagem do interesse fora de há muito objeto de crítica por Montesinos I Martinez, que observou a propósito da amostragem de Tarragona e Ampúrias, destacadamente duas das mais amplas de todo o mundo romano, os fracos valores percentuais atingidos por ambos os grupos, em torno dos 5% cada³⁶⁴⁰. O entendimento do investigador valenciano, contudo, deverá ser visto numa óptica de relativização mais do que desvalorização do problema, e os dados do Vale do Tejo e Oeste estudados parecem categóricos a esse respeito pois um quarto das importações itálicas esteve nas mãos dos dois grupos mencionados, número que contrasta vivamente com a expressão atingida na costa levantina espanhola.

Nonius Naevius Hilarus constituirá outro caso de estudo. Como já antes fizéramos menção crítica³⁶⁴¹, a revisão do *Corpus Vasorum Arretinorum* feita por Philip Kenrick desarticulou este oleiro(s) da Baía de Nápoles, remetendo para *Naevius* ii (OCK 1232), equivalente àquele mas caso a caso os seus dependentes, como acontece com *Agathemerus* (OCK 1233), *Felix* (OCK 1239), *Primus* (OCK 1242), *Princeps* (OCK

³⁶³⁷ Conf. J.M. Jérez Linde, 2005.

³⁶³⁸ Conf. M.C. Lopes, 1994.

³⁶³⁹ Conf. Anexo II.

³⁶⁴⁰ J. Montesinos I Martinez, 1982.

³⁶⁴¹ R.B. Silva, 2005, p. 114.

1243), *Speculator* (OCK 1244 e 1978) e *Vitulus* (OCK 1247), como no mesmo sentido sugere a presumível identificação de *Hilarus* (OCK 953) com *N. Naeuius Hilarus*³⁶⁴². A representatividade deste grupo é elevada, e embora o *dominus* esteja só por uma vez documentado em Lisboa, a plêiade de “dependentes” ocorre de forma expressiva no grande porto tagano, com *Agathemerus* (3x), *Atticus* (1x), *Speculator* (1x), como em Santarém no único cálice decorado assinado estudado, marcado por *Primus*.

Outros oleiros puteolanos como *Ennius* (2x em Lisboa e 1x em Santarém), *Vrbanus* (1) (3x em Lisboa), *Philargurus* (1) (1x em Lisboa e 1x em Santarém), *Serenus* (2)/*Quintus Pompeius Serenus* (1x em Lisboa), *C. Tap(urius)* (1x em Santarém), *Titus=L. Valerius Titus* (1x em Azeitada-Almeirim) e uma outra impressão geométrica eburobriciense (Eb.66) dão uma dimensão ao contingente puteolano que comprova a existência de fortes e constantes conexões comerciais marítimas da Época de Augusto a meados de Tibério entre o Vale do Tejo e Oeste e o porto da Campânia, o segundo abastecedor a Roma logo a seguir a Óstia. Mais uma vez contrastando esta informação com Mérida, na capital lusitana as importações seguramente puteolanas não ultrapassarão os 6 %³⁶⁴³, valor bastante inferior aos mais de 10% registados do Vale do Tejo.

A posição de Alcácer do Sal, onde somente 4,8 % das impressões itálicas provém da cidade da Baía de Nápoles³⁶⁴⁴, mostra a supremacia dos portos taganos nas ligações com a Península Itálica no período dado. Parece altamente sugestivo que Represas (Beja) forneça 8,9 % de vasos com marcas puteolanas no cômputo global das impressões itálicas³⁶⁴⁵, e Conímbriga atinja 11,8%³⁶⁴⁶. O paralelismo dos números apresentados é o mesmo que dizer que entre o período tardo-augústeo e tibério quer a zona central da Lusitânia meridional quer a fachada atlântica provincial se vinculam diretamente ao trânsito que percorre igualmente o Tejo, que assoma como a área redistribuidora para os produtos campanos.

A outra relevante representação oleira cabe aos aretinos escravos de *Caius Memmius*, não por congregarem menos de 5% do total de impressões legíveis itálicas, mais por se apresentarem distribuídos pelo espaço. A distribuição destas olarias observada por Mees mostrou uma vocação essencialmente mediterrânica ocidental, com

³⁶⁴² OCK, p. 250.

³⁶⁴³ Conf. J.M. Jérez Linde, 2005.

³⁶⁴⁴ Conf. Anexo II.

³⁶⁴⁵ Idem e M.C. Lopes, 1994.

³⁶⁴⁶ Idem e A. Alarcão, 1975a.

concentração itálica, narbonense, norte e africana central e atlântica³⁶⁴⁷, inserindo-se por isso num quadro mais amplo das conexões meridionais do Tejo e Oeste. Outros oleiros aretinos de elevada capacidade de compulsão de vasos estão igualmente documentados no espaço em análise, mostrando uma distribuição por todo o ocidente e, nalguns casos também alguma exportação para o Mediterrâneo Oriental, encontrando-se nessas circunstâncias *L. Annius*, *Sex. Annius*, *A. Vibius Scrofula*, *L. Tettius Samia*, *L. Tittius Thyrsus* e *Rasinius (2)*³⁶⁴⁸.

Parece indissociável que Pisa, junto à foz do Arno, ter-se-á servido dos mesmos canais de escoamento da produção oleira que Arezzo, mais para o interior do mesmo rio. Para além do importante contingente ateiano a que se fez referência acima, também os exemplares taganos de *Volusus*, *M. Valerius* e *Murrius* ilustram um fluxo com aquela procedência.

Em posição claramente marginal no comércio da região se mostram, como seria expectável, os recipientes modelados nos centros menores como Vasanello e Scoppieto, devendo ao contrário ressaltar a sua comprovação na região em estudo como, mais uma vez, evidência da diversidade de fontes aquisitivas dos vasos, concorrendo no mesmo sentido os vasos dados como oriundos do Vale do Pó, importante polo adriático vocacionado no essencial para um fluxo com direcção ao Danúbio.

Um conjunto ainda elevado de impressões indica a Itália Central como origem. Trata-se de uma indicação enganadora, motivada no essencial pelo emprego do termo no seu sentido mais genérico, como vem sendo considerado pela investigação mais recente³⁶⁴⁹, isto é, abarcando o Lácio, a Úmbria e a Etrúria meridional e central. Por consequência, consiste na realidade numa indicação de desconhecimento do local específico, servindo somente para excluir das hipóteses as elaborações campanas, do Norte da Etrúria e de Lyon.

Os fluxos de *terra sigillata* com origem na Península Itálica não cessariam após o marcado declínio da exportação. Mees observou uma especial concentração de vasos itálicos na orla costeira ibérica no período 35-40 d.C.³⁶⁵⁰ e seu desvanecimento dos mercados no período 45-50 d.C., registando-se um processo de confinação

³⁶⁴⁷ A. Mees, 2011, p.24-25, Abb.18.

³⁶⁴⁸ Idem.

³⁶⁴⁹ Conf. C. Guerrini e L. Mancini, 2007.

³⁶⁵⁰ A.Mees, 2011, p.77 e abb.79.

essencialmente à Península Itálica e Peloponeso, em 65-70 d.C. e depois Itália e *Africa* no lapso de 95 a100 d.C.³⁶⁵¹.

Ao contrário do que argumenta o investigador germânico, as exportações terão prosseguido, tanto quanto se pode aferir dos dados proporcionados pelas frequências das tipologias Consp.23 e Consp.34 em termos de NMIs na região estudada, confirmados por “marcas de oleiro” como as *Camurius* (Ol. 157), *Marc()* (Sc.Ag.5) e, de modo mais impressionante, de *L. Plot(idius)* (Ol.193), oleiro flávio de Scoppieto! Este integra o grupo dos itálicos mais tardios “*L. Plot - Zozimus*”, bem ilustrado em contextos neronianos e flávios de Roma³⁶⁵².

Os números assumem, contudo, uma notória discrição, e o panorama traçado por Mees, embora ligeiramente matizado como se viu, é desenhado pelo perfil dos conjuntos de “marcas de oleiro” de toda a Lusitânia meridional e ocidental³⁶⁵³, o que é reforçado pela ausência das impressões, fora Lisboa. Os exemplares da produção tardo-itálica pisana completam e ampliam este cenário (vide Figura 274, *infra*): sendo *C.P.Pi(sanus)* considerado o elemento de charneira entre os últimos fabricos de modo itálico e os primeiros denominados tardo-itálicos, grupo muito restrito de fabricantes, ocorre por quatro vezes em Lisboa; *Sextus Murrius Festus*, por seu turno, ainda se faz representar através de um cálice eventualmente resultante de um molde mais antigo, como é corrente nas etapas iniciais da elaboração decorada³⁶⁵⁴, e inserido num contexto lisboeta que lhe valida uma data neroniana tardia³⁶⁵⁵, mas para o prato eburobriicense pode-se admitir uma cronologia mais avançada que esta. Ambos os tardo-itálicos têm uma distribuição costeira, com concentrações em torno a *Iluro-Mataró* e *Lucentum*³⁶⁵⁶, assinalando-se a sua presença no ocidente hispano em *Baelo Claudia*³⁶⁵⁷, Alcácer do Sal (*C.P.P.-2x; S.M.F.-1x*) e foz do Arade (Portimão, *S.M.F.-1x*)³⁶⁵⁸.

³⁶⁵¹ Idem, p.78-80 e abb.80-82.

³⁶⁵² Conf. G. Rizzo, 2003; M. Brando, 2008.

³⁶⁵³ Conf. Anexo II. *Contra* José Carlos Quaresma, que defende inclusivé um retomar de algum vigor das importações na Época de Cláudio em Miróbriga, apesar de reconhecer que este entendimento não aparece corroborado pelas estratigrafias da cidade (Conf. J.C. Quaresma, 2009).

³⁶⁵⁴ M. Medri, 1991.

³⁶⁵⁵ Vide *supra*, menção no subcapítulo 8.3.23.4.

³⁶⁵⁶ A. Ribera I Lacomba, 1982; J. Montesinos i Martinez, 1995; E. Huguet Enguita, 2007.

³⁶⁵⁷ A. Bourgeois e F. Mayet, 1991.

³⁶⁵⁸ Conf. Anexo II.

Oleiros	Olisipo	<i>Ager olisiponensis</i>	<i>Scallabis</i>	<i>Ager scallabitanus</i>	<i>Eburobritium</i>	<i>Ager eburobrittiensis</i>	Atestações na "Península de Lisboa"
<i>Sextus Murrius Festus</i>	1				1		2
<i>C.P.P(isanus)</i>	4						4
N.º de oleiros (2)	4	0	0	0	1	0	6

Figura 274- Atestação dos oleiros pisanos tardo-italicos na “Península de Lisboa”.

As impressões sudgálicas ilustram o esmagador domínio de La Graufesenque nos mercados hispanos estudados: em 165 “marcas de oleiro” onde se identificou o artesão, só a de *Donicus* provém de Montans. Os indicadores dos totais de NMIs de recipientes reforçam o carácter meramente pontual destas aquisições rutenas, prevalentes no espaço circunscrito da *Aquitania* e num estreito aro estritamente costeiro ásture-cantábrico.

A investigação vem pondo em paralelo os dois grandes centros coevos do Tarn, e assinalando este tipo de domínio, que na realidade é mais acentuado ainda por parte de La Graufesenque do que transparece dos textos: mesmo em espaços concorrenciais entre ambos o número de oleiros de Montans é sempre bastante inferior aos de La Graufesenque, como em Poitiers, (51-151)³⁶⁵⁹, ou, mais a norte no Vale do Loire, em Angers (11-46)³⁶⁶⁰, o que na Península Ibérica se manifesta na incapacidade montanesa de penetração a partir da costa da Cantábria para o interior, em direcção à Meseta Hispânica³⁶⁶¹, evidente em Numância³⁶⁶² ou Herrera de Pisuerga³⁶⁶³.

Ao contrário da produção itálica, e tardo-italica, o fabrico e comercialização em La Graufesenque e seus pequenos centros subsidiários, merecendo referência Le Rozier por seguramente estar presente na “Península de Lisboa”, estava muito provavelmente

³⁶⁵⁹ Conf. J.-L. Tillard, 2004.

³⁶⁶⁰ M. Provost, 1981, p.8.

³⁶⁶¹ Conf. C. Pérez González, E. Illarregui Gómez e C. Fernández Ibañez, 1998. Em Castro Urdiales, onde Montans domina, La Graufesenque tem ainda uma expressão significativa, como demonstraram as estratigrafias de “Casa de La Matra” (Conf. C. Pérez Gonzalez, 1987). As impressões indiciam um domínio no mínimo ligeiro, pois nos 12 exemplares de Castro Urdiales Montans aparece somente com 4 e La Graufesenque com 6 (Conf. C. Pérez González, E. Illarregui Gómez e C. Fernández Ibañez, 1998, p. 503-504), e em *Iuliobriga* Montans com 7 e La Graufesenque com 13 (Conf., Idem, p. 504).

³⁶⁶² Em Numância, onde a presença de vasos de Montans ficou bem demonstrada com base arqueométrica, em 16 “marcas de oleiro” apenas uma não provém de La Graufesenque- Conf. M.V. Romero Carnicero, 2005.

³⁶⁶³ No sítio do antigo campo legionário, entre 25 “marcas de oleiro” gálicas 21 provém de La Graufesenque e apenas 2 de Montans- Conf. C. Pérez González, 1989.

centralizado ou mancomunado, conforme as perspectivas dos investigadores³⁶⁶⁴. Como defende de há longa data Mees, caberia aos oleiros-decoradores um importante papel na comercialização dos vasos³⁶⁶⁵, aspeto fundamental para se compreenderem as ocorrências de oleiros de fraca capacidade de compulsão, dado muitas vezes constarem de vasos lisos que acompanharam os *panna* e outros modelos elaborados a partir de molde³⁶⁶⁶. A comercialização destes instrumentos entre *officinae*, a cedência contratual dos mesmos de um espaço produtivo a outro, a fluidez das relações de trabalho entre artesãos “menores” e decoradores e a elevada fragmentaridade dos exemplares decorados sudgálicos da amostragem tratada, onde nenhuma “marca” se conseguiu associar a uma gramática decorativa, invalidaram este tipo de abordagem metodológica.

As evidências proporcionadas pelos contextos estratigráficos da Praça da Figueira (Lisboa) asseguram um fluxo ruteno desde um momento impreciso dentro do principado de Tibério, seguramente não inicial. Com esta indicação concordam os dados das “marcas de oleiros”, existindo um número elevado de impressões que pode incluir este segmento temporal. A partir desta data o volume de vasos com destino à “Península de Lisboa” aumentou exponencialmente até atingir o *floruit* com Nero e Vespasiano.

Foram gizadas algumas tentativas de ver na distribuição das “assinaturas” dos oleiros vocações comerciais na Hispânia, como as de Castellano Castillo³⁶⁶⁷ ou Macarena Bustamante³⁶⁶⁸, creio que não totalmente bem-sucedidas. Os investigadores do Norte da Europa, como Allard Mees³⁶⁶⁹ ou Marinus Polak³⁶⁷⁰, vêm postulando uma orientação preferencial da produção para os mercados institucionais do *limes* germano-britânico. Konrad Verboeven demonstrou o peso dos efetivos militares, onde o fator liquidez monetária e hábito de consumo foram determinantes, suscitando a fixação dos *negotiarores cretariae*, ou seja dos comerciantes grossistas, nos principais nós viários³⁶⁷¹. Relembre-se que Polak estimou o serviço básico de um legionário do campo de Vechten em quatro pratos, quatro tigelas médias e quatro pequenas³⁶⁷², quantidade superior ao trem cordovês de três pratos, três tigelas médias e três pequenas, patente nas

³⁶⁶⁴ Vide referências no subcapítulo 5.2, *supra*.

³⁶⁶⁵ A. Mees, 1994; 2002 e 2011.

³⁶⁶⁶ E. Ebnöther, A. Mees e M. Polak, 1994; M. Millet, B. Hartley e B. Dickinson, 1987.

³⁶⁶⁷ J.J. Castellano Castillo, 2000;

³⁶⁶⁸ M. Bustamante Álvarez, 2009a e 2010b.

³⁶⁶⁹ A. Mees, 2011.

³⁶⁷⁰ M. Polak, 2000.

³⁶⁷¹ K. Verboeven, 2007.

³⁶⁷² M. Polak, 2000, p.168.

necrópoles alto imperiais da capital da Bética³⁶⁷³, ou às estimativas de Penelope Allison em torno da dezena para os serviços das habitações pompeianas de 79 d.C., crendo como mais representativa a “*Casa de Iulius Polibius*”, onde dos cinquenta e oito recipientes de mesa em vários materiais, oito eram *terra sigillata*³⁶⁷⁴, calculando Rinse Willet e Jeroen Poblome, através de um estudo mais compreensivo em curso sobre a referida cidade do Vesúvio, um valor estatístico de 8,9 vasos por habitação familiar média³⁶⁷⁵.

Assim sendo, os espaços peninsulares hispanos, com populações de menor disponibilidade em efetivo monetário e menos empenhadas em manifestar o seu *status* através da baixela de mesa, comporiam um mercado menos interessante para o comércio grossista, sendo claramente um universo secundário, o que é patenteado nas baixas frequências das “marcas de oleiro” e vasos decorados, mesmo completando a visão sectária proporcionada pelos trabalhos dos investigadores da Europa setentrional: as mais de mil impressões gálicas de Mainz³⁶⁷⁶, mais de duas mil de Valkenburg³⁶⁷⁷ ou as quatro mil e treze de La Graufesenque recolhidas em Vechten³⁶⁷⁸ não encontram quantitativo rival nas Hispânicas.

A visão proporcionada pela última síntese de Allard Mees suporta-se num complexo quadro matemático que avalia as probabilidades de ocorrência de um determinado artesão rutenos nas várias regiões do ocidente do Império Romano³⁶⁷⁹. Parece evidente que falta ao investigador germânico o maior volume dos elementos gálicos tratados e publicados pela investigação portuguesa e espanhola, como está também sub-representada a informação norte-africana, argelina e marroquina.

Apesar desta importante limitação, avança com sólidas propostas de mercados preferencialmente mediterrânicos, como por exemplo para *Cocus i*, a partir de 20-25 d.C., perspetivando ter prosseguido a sua exportação orientada no período cláudio-neroniano conjuntamente com *Lucceius*, *Lupus* e *Primus i*, podendo incluir-se

³⁶⁷³ D. Vaquerizo Gil (Dir.), 2002, p. 168.

³⁶⁷⁴ P. M. Allison, 2010, p. 24.

³⁶⁷⁵ R. Willet e J. Poblome, 2011, p. 103.

³⁶⁷⁶ P. Jung e N. Scücker (Dir.), 2006.

³⁶⁷⁷ S.M.E. Van Lith e T. Vanderhoeven, 2008.

³⁶⁷⁸ M. Polak, 2000.

³⁶⁷⁹ A. Mees, 2011.

Oleiros	Olisipo	Ager olisiponensis	Scallabis	Ager scallabitanus	Eburobritium	Ager eburobrittiens	Atestações na "Península de Lisboa"
Acutus i					1		1
Albanus ii	1						1
Albinus i	1						1
Albinus ii	1						1
Albinus iii			1				1
Albus i	2						2
Amandus i	1						1
Amandus ii	1	1					2
Amandus iii	2						2
Anextlatus	1						1
Anius	1						1
Annius i	1						1
Aper i	1			1			1
Aquitanus	2						2
Ardacus ii	1						1
Ardanus	2						2
{Arus i}	1						1
Aue (i) / Aue Tu/ Auetu	1						1
Axo-/Axud-	1						1
Bassus ii	3						3
Billicatus/Bilicatos	1						1
C. Iulius Celer				1			1
C. Silvius Patricius		1	1				2
Cabucatus = {Cabuca}	2						2
Caius		1					1
Caluus i	1						1
Cantus i	3						3
Capito i	2	1	1				4
Carantus	1	1					2
Carbo		1			1		2
Castus i	2	1					3
Celadus	1						1
Celsus ii	1						1
Cennatus			1	1			2
Chrestus	2						2
Cinamus	1						1
Cocus i	2						2
Cosius Rufinus	1						1
Cotto ii	1						1
Crestio	1						1
Crestus i	1						1
Criciro i				1			1
Crispus ii	1						1
Damonus		1					1
Dario = Darionus	1						1
Demioncus	1						1
Dofenus	1						1
Donatus i	1						1
Donicatus	1						1

Oleiros	Olisipo	Ager olisiponensis	Scallabis	Ager scallabitanus	Eburobritium	Ager eburobrittiens	Atestações na "Península de Lisboa"
Dontio	1						1
Eme	6						6
Felicio i	1						1
Felix i	1				1		2
Firmus i					1		1
Firmus ii	1						1
Fortis i	1						1
Frontinus					1		1
Gaius i	2						2
Gallicanus ii	2						2
Ingenus ii	2						2
Iucundus ii	1	1		1			3
Iucundus iii	1						1
Iulus ii	1						1
L. Tertius Secundus	1						1
~~Iubio~~ = L. Tr()		1					1
Masc(u)lus				1			1
Lentu	2						2
Lepidus ii	1						1
Leueos ?	1						1
Licinus	5						5
Logirrus	2						2
Lucceius i	1			1			1
Lucius Cosius Virilis	3						3
Lupus ii	1	1					1
Maccarus i	2			1	1		4
Maccarus ii	1	1					2
Manduillus	1			1			2
Marcus	1						1
Memor	3				2		5
Mercator i	1	1					2
Minatu(s)	1						1
Modestus i	3						3
Mommo	4	1	2				7
Mont Cres		1					1
Montanus	1						1
Murranus i	2	1		1	1		5
Ne qures					1		1
Niger ii	2						2
Notus				1			1
Oppianus	1						1
Passenus	1						1
Patricius i	2				2		4
Paullus i			2	2			4
Pontius	1						1
Pontus			1				1
Primus i	1						1
Protis	1						1

Oleiros	Olisipo	<i>Ager olisiponensis</i>	<i>Scallabis</i>	<i>Ager scallabitanus</i>	<i>Eburobritium</i>	<i>Ager eburobrittiens</i>	Atestações na "Península de Lisboa"
<i>Pudens i</i>	1						1
<i>Pudens ii</i>	1						1
<i>Quartus iii</i>	1						1
<i>Quintus ii</i>	1						1
<i>Res_</i>			1				1
<i>Rogatus</i>	1						1
<i>Rufinus ii</i>	2						2
<i>Rufinus iii</i>	8		1				9
<i>Sabinus iii</i>	9		2				11
<i>Sabinus iii</i> associado a ?	1						1
" <i>Salve tu</i> " = <i>Saluetus</i>	1						1
<i>Salutus</i>					1		1
<i>Secundus i</i>			1				1
<i>Secundus ii</i>	3	1	1				5
<i>Senicius</i>	1						1
<i>Seno</i>	1						1
<i>Senomant_ ()</i>	1						1
<i>Sentrus ii</i>			1				1
<i>Seuerus ii</i>	2						2
<i>Seuerus iii</i>			1				1
<i>Siluanus i</i>	2			1			3
<i>Siluinus ii</i>	1						1
<i>Siluius</i>	1				1		2
<i>Vapuso</i>	2						2
<i>Vitor</i>			1		1		2
<i>Vimius</i>	1						1
<i>Vitalis i</i>	2				1		2
<i>Vitalis ii</i>	4			1			5
<i>Voff() Angius ou Vofangius</i>	1						1
N.º de oleiros (126)	102	16	15	14	14	0	229

Figura 275- Atestação dos oleiros sudgálicos na "Península de Lisboa".

igualmente neste grupo *Ardacus i* e, mais tarde, *Bio*, *Labio*, *Iucundus iii*, *Mommo* e *Sabinus iii*³⁶⁸⁰. É neste quadro meridional que se enquadra a amostragem dos oleiros de La Graufesenque, a que se deverá acrescentar *Murranus ii* dado o seu claro pendor mediterrânico, qualquer deles atestado na "Península de Lisboa". De enfatizar, aliás, que dois dos três com maior número de exemplares aqui estão incluídos,

³⁶⁸⁰ Idem, p.187-200, especialmente p.187.

designadamente *Mommo* e *Sabinus iii* (vide Figura 275, *supra*). Tratam-se de dois fornecedores com cronologias um pouco distintas, sendo ligeiramente mais recuada a do primeiro e de pendor mais tardio a do segundo, que tiveram maior expressão no Ocidente meridional do Império, como provam as tabelas de topo de vendas do Marrocos atual, como em *Lixus*, *Banasa*, *Cotta* e *Volibilis*, como com *Baelo Claudia* na Bética, aliás porto muito vinculado às redes de comércio com o Norte de África, surgindo na mesma posição em *Conimbriga* e *Bracara* (conf. Figura 276, *infra*). Esta condição de *Mommo* e *Sabinus iii* só se pode explicar para a *Lusitania* ocidental e *Callaecia* meridional por os fluxos cerâmicos provenientes de La Graufesenque serem partilhados pelas três cidades mencionadas, que as fracas representatividades de *Mirobriga*, onde apenas *Murranus i* ultrapassa as três impressões, ou Represas (Beja), onde se verifica o mesmo para *Cantus i*, não autorizam que a fundamentação deste panorama seja ampliada.

LIXUS	BANASA	COTTA	VOLUBILIS	BELO	MIRÓBRIGA	MÉRIDA	CONIMBRIGA	BRAGA
MOMMO	MOMMO	SABINVS i-iii	MOMMO	IVCVDVS ii-iii	MVRRANVS i	PRIMVS i-iii	SABINVS iii	MOMMO
VITALIS ii-iii	SABINVS i-iii	PATRICIVS i	SABINVS i-iii	SABINVS i-iii	SABINVS ii	APER i	SECVNDVS ii / i-ii	SABINVS iii
SABINVS i-iii	VITALIS ii-iii			DAMONVS	IVCVNDVS ii-iii	CRESTVS i	MOMMO	PRIMVS iii
IVCVDVS ii-iii	IVCVDVS ii-iii			MOMMO	MACCARVS ii	VITALIS ii-iii	NIGER	
MACCARVS i-ii				VITALIS ii-iii		SECVNDVS ii	IVCVNDVS ii-iii	
SEX CAN-				PATRICIVS i		MODESTVS i	MODESTVS i	
				SILVIVS i		SILVANVS i		

Figura 276- Lista dos oleiros de topo sudgálicos em matéria de exportação para o Ocidente Atlântico³⁶⁸¹.

A ausência da lista de topo de Mérida dos dois principais fornecedores rutenos regionais é um dado deveras concludente acerca dos circuitos de que a capital lusitana se serviu, mostrando que o aprovisionamento se fez aí por outras formas. Macarena Bustamante defendeu, em data recente, que a cidade poderá ter utilizado canais diretos, com encomendas *ex professo*³⁶⁸², mas apesar de a condição demográfica do aglomerado fazer dela dos mercados mais apelativos na *Hispania*, não parece crível a existência de

³⁶⁸¹ Cotta, Banasa, Volubilis e Lixus segundo H. Limane, 1989; Belo segundo A. Bourgeois e F. Mayet, 1991; Miróbriga segundo J.C. Quaresma, 2009; Mérida segundo F. Mayet, 1978, atualizado com M. Bustamante Álvarez, 2009b; Conimbriga segundo A. Alarcão, 1975b; Braga segundo R. Morais, 2005. Com correções e atualizações.

³⁶⁸² M. Bustamante Álvarez, 2009b.

um nicho grossista importante aí, que a verificar-se teria uma expressão na dispersão das “marcas de oleiro” no entorno que efetivamente não se verifica. Porventura os dados emeritenses possam ser explicados alternativamente pelos circuitos mais “oficiais” de que se serviu, como aconteceria depois com as importações riojanas que o demonstram cabalmente dado a colônia ter inclusive sido proprietária de uma unidade no complexo Tarraconense.

Os restantes deixam transparecer outras realidades. Assomam do conjunto, por estarem bem comprovados, *Rufinus iii*, *Secundus ii*, *Vitalis ii* e *Licinus*, com os quais se completa a lista dos que apresentam os números superiores de “marcas” na região em estudo. Atendendo à lista dos mais documentados em sítios militares germânicos (vide Figura 277, *infra*), avulta a coincidência de alguns destes nomes com os exportadores de topo que forneceram os estabelecimentos legionários setentrionais e, se se percorrer o restante da representação do Tejo e Oeste, somente *Marsus*, *Scottius* e *Censor* não aparecem. Tendo presente que em La Graufesenque se documentaram cerca de 600 oleiros, como explicar esta coincidência?

VALKENBURG (39/40 d.C. - Adriano)	ZWAMMER DAM (47 d.C. -)	VECHTEN	ASCIBURGUM	NEUSS	ERDLAGER HOFFHEIM (c. 40-75 d. C)
Aquitanus	Bassus ii	Vitalis ii	Aquitanus	Aquitanus	Aquitanus
Bassus ii	Aquitanus	Aquitanus	Bassus ii	Bassus ii	Bassus ii
Crestio	Vitalis ii	Bassus ii	Primus	Secundus i/iii	Modestus
Senicio	Calvus i	Calvus i	Secundus i/iii	Calvus	Primus
Modestus	Censor	Primus	Scottius	Maccarus	Crestio
Primus	Crestio	Patricius	Vitalis ii	Scottius	Felix
Marsus	Sabinus i-iii	Iucundus	Calvus i	Vitalis i/ii	Niger
Secundus i-iii		Rufinus iii	Crestio	Primus	Maccarus i
Vapuso		Crestio	Modestus i	Vapuso	Licinus
Maccarus i		Censor			Vapuso

Figura 277- Lista dos oleiros sudgálicos de topo em matéria de exportação para o *limes* germânico (*Germania Inferior*)³⁶⁸³.

Parece razoável admitir que uma parte do trânsito anonário terá utilizado uma rota atlântica³⁶⁸⁴, e que o fluxo desses navios poderá ter facilitado o transporte de

³⁶⁸³ Baseado em M. Polak, 2000, p.56, ampliado e adaptado.

³⁶⁸⁴ C. Fabião, 2009.

embalagens de loiça rutenas. Ora, não justificando a dimensão demográfica dos mercados regionais encomendas *ex professo*, não seria de igual modo expectável que as mercadorias “imperiais” fossem transaccionadas pelos seus portadores ao longo do caminho. Uma explicação parece ajustada, a de que os vasos compunham carga complementar no âmbito deste trânsito, alguma da qual terá sido comerciada a retalho por pequenos comerciantes ou pelas tripulações nas escalas do trajeto, no caso Lisboa, Santarém e *Eburobrittium* pelo seu carácter de cidades-portuárias. Estas duas matizes podem constituir uma explicação para os baixos valores para as ocorrências no território em estudo de artefactos quase desconhecidos como *Vitor*, *Carantus* ou *Anextlatus*, por sua vez assinalados de forma também exígua em Vechten³⁶⁸⁵ ou Valkenburg³⁶⁸⁶.

Reforçando a observação produzida antes, mas num outro sentido, a relevante representação lusitana de *Vitor*, atestado em *Eburobrittium*, Santarém, Setúbal e Represas (Beja- 2x), como de *Carantus*, presente em Lisboa, Ericeira (Mafra) e Represas (Beja)³⁶⁸⁷, expressa-se através da difusão no espaço geográfico de um fluxo que se pode reputar como “sincrónico” e que vincula mais estreitamente as conexões entre os espaços mencionados da Lusitânia meridional e sugere o papel fulcral do porto de *Olisipo* na difusão provincial das cerâmicas de La Graufesenque.

Em síntese, o essencial do comércio dos vasos rutenos para a “Península de Lisboa” na sua fase de forte exportação enquadra-se, portanto, no panorama mediterrânico delineado por Mees, sendo aliás os seus principais fornecedores os mais documentados igualmente na Itália³⁶⁸⁸, embora o comércio de vasos assuma aí um matiz ligeiramente diferente dada a preponderância vincada dos fabricos aí elaborados.

O estertor da importação a partir de La Graufesenque ocorrerá entre o fim do séc. I d.C. e ao longo do primeiro quarto do séc. II d.C. sendo os seus expoentes, entre outros, *Lucius Cosius Virilis* (3x em Lisboa) e *Amandus iii* (2x em Lisboa)³⁶⁸⁹. Num período em que os recipientes hispânicos dominam já amplamente os mercados da região, os vasos de La Graufesenque circunscrevem-se a Lisboa, seu último ponto de exportação na região.

Para Macarena Bustamante Álvarez, o período de principal exportação de La Rioja terá eclodido com os Flávios, sendo um lugar-comum lembrar a competência

³⁶⁸⁵ M. Polak, 2000, onde *Victor*, *Carantus* e *Anextlatus* se fazem representar por exemplares únicos.

³⁶⁸⁶ S.M.E. Van Lith e T. Vanderhoeven, 2008, onde apenas ocorre *Catrantus*.

³⁶⁸⁷ Conf. Anexo II, *infra*.

³⁶⁸⁸ A. Martin, 1994.

³⁶⁸⁹ A. Mees, 2011, p. 219-224.

rapidamente alcançada pelos recipientes riojanos nos mercados peninsulares, tendo feito uso preferencial dos sistemas de comunicação terrestres³⁶⁹⁰.

No Norte da Tarraconense, o eixo *Caesaraugusta-Astorga-Bracara* funcionou em pleno na distribuição, e é assinalável a concentração de “assinaturas” que o denunciam como as de *Lapillus*, que atinge a futura capital da *Callaecia* com treze exemplares³⁶⁹¹, e certamente desde Braga, Conímbriga, com quinze espécies³⁶⁹². Este vigoroso fluxo não atinge a região em estudo: em *Olisipo*, *agri olisiponensis* e *scallabitanus* somente se conhece uma impressão, em Santarém duas e está ausente de *Eburobrittium*, o que constitui um aparente paradoxo dada a prevalência ali dos recipientes riojanos. Explicações alternativas para o trajeto que serviu as presenças de *Lapillus* têm de ser por consequência, equacionadas.

Desde os trabalhos de Françoise Mayet que se reconhece a Mérida o papel de importante centro redistribuidor da loiça de La Rioja para o restante da *prouincia*³⁶⁹³, e a alta representatividade de fabricantes como *Valerius Paternus* na capital lusitana e no Vale do Médio Guadiana³⁶⁹⁴ assim o sugerem. Com elevada compulsão de loiça “assinada”, o produtor citado ocorre pobremente na região com espécies únicas em Lisboa, São Miguel de Odrinhas (Sintra) e *Eburobrittium*.

Como já se tinha comprovado a propósito do aprovisionamento itálico, Mérida e Lisboa parecem novamente empregar circuitos bem distintos, mas agora o fluxo riojano também não parece vir de norte para sul, através da estrada *Bracara-Conimbriga*, rota alternativa possível. A hipótese, já avançada por José Montesinos i Martínez em 1992, de funcionamento com algum significado de rotas marítimas na distribuição das elaborações riojanas³⁶⁹⁵ parece mais do que aliciante, e as composições dos artesãos representados na Lusitânia meridional denotam uma similitude de frequências com este tipo de âmbito geográfico, em particular o quadro muito repartido de representações de oleiros (vide Figura 278, *infra*) que se observa igualmente em Valência³⁶⁹⁶ e no “Círculo do Estreito”³⁶⁹⁷, pontos do trajeto de circum-navegação à Península Ibérica por onde deverão ter fluído os vasos.

³⁶⁹⁰ M.P. e J.C. Sáenz Preciado, 1999; J.C. Sáenz Preciado, 2007.

³⁶⁹¹ Conf. R. Morais, 2005.

³⁶⁹² Conf. F. Mayet, 1984.

³⁶⁹³ F. Mayet, 1984 e 1990.

³⁶⁹⁴ J.M. Jérez Linde, 1996.

³⁶⁹⁵ J. Montesinos I Martínez, 1992 *apud* R.B. Silva, 2005, p. 306.

³⁶⁹⁶ *Idem*.

³⁶⁹⁷ M. Bustamante Álvarez, 2010b.

Oleiros	<i>Olisipo</i>	<i>Ager olisiponensis</i>	<i>Scallabis</i>	<i>Ager scallabitanus</i>	<i>Eburobritium</i>	<i>Ager eburobritiensis</i>	Atestações na "Península de Lisboa"
<i>P.A.</i>	1						1
<i>Accunes</i>					1		1
<i>Aemilius</i>		1			1		2
<i>Aemilius Maternus</i>	1						1
<i>Agileius</i>	1						1
<i>Agilianus</i>	1				1		2
<i>Annius Martialis</i>					2		2
<i>Attius Paternus</i>	2				1		3
<i>Caem()</i>		1					1
<i>Caius Lucius ou Lucretius</i>	1				1		2
<i>Flaccus</i>	3						3
<i>Frontonius Paternus</i>					1		1
<i>L.Nas()De()</i>					2		2
<i>Lapillius</i>	1	1	2	1			5
<i>Martialis</i>	1						1
<i>Maternus Blandus</i>					1		1
<i>Maternus Tritiensis</i>	1						1
<i>Miccio</i>						1	1
<i>Octavius</i>	1						1
<i>Petronius Eros</i>	1						1
<i>Petronius ou Petronius Eros</i>	1						1
<i>S. Venustus</i>	1						1
<i>Saturninus</i>	1	1					2
<i>Scapula</i>	1						1
<i>Segius Tritiensis</i>	1				2		3
<i>Sempronius</i>			1				1
<i>Taurus Titus (?)</i>	1						1
<i>V.K.</i>					1		1
<i>Valerius Maternus</i>	1						1
<i>Valerius Paternus</i>	1	1			1		3
N.º de oleiros (30)	20	5	2	1	12	1	48

Figura 278- Atestação dos oleiros hispânicos do círculo de La Rioja na “Península de Lisboa”.

Os artesãos documentados por poucas “marcas” no Vale do Tejo fornecem indicações sobre fluxos potencialmente mais circunscritos no tempo, que poderão servir os propósitos que se vêm perseguindo: deverão salientar-se da amostragem as ocorrências de *Scapula* e *Caem()*, o primeiro somente presente em Barcelona e Miróbriga, o segundo no Norte de África. Uma geografia costeira do transporte explica melhor a alta competência mostrada pelos recipientes tarraconenses observada na Bética, em *Baelo Claudia*³⁶⁹⁸ e *Carmo*³⁶⁹⁹, remetendo igualmente os números lusitanos

³⁶⁹⁸ A. Bourgeois e F. Mayet, 1991.

de Represas (Beja) (MNI)³⁷⁰⁰, Miróbriga (NMI)³⁷⁰¹, como os NMIs de Lisboa, Quinta da Barradinha (Alenquer), Vale de Tijolos e Azeitada (Almeirim), para a supremacia setentrional, ligeira mas constante ao longo do espaço, a que escapa somente Santarém³⁷⁰².

Eburobrittium parece, no momento de principal exportação de La Rioja, verificado a partir de Vespasiano, assumir um perfil diferenciado do patente no Vale do Tejo, com um aprovisionamento quase exclusivamente setentrional. Será que o período Flávio, contemporâneo da concessão do estatuto municipal à cidade, equivale a uma afirmação da identidade económica eburobriense, mediante o reforço das ligações às *ciuitates* vizinhas recém- promovidas de *Collipo* e *Conimbriga* ou, em alternativa, a um constrangimento económico das atividades conetadas com o porto de *Olisipo*?

Andújar, por seu turno, mostra uma composição distinta dos artesãos patenteados. Destes, nove com baixas frequências assinam 50 % da produção, estando notoriamente concentrado o abastecimento nas mãos de uns poucos oleiros, com proeminência destacada de C. A() H(), que fornece um pouco mais de 35% dos vasos estampados.

Oleiros	<i>Olisipo</i>	<i>Ager olisiponensis</i>	<i>Scallabis</i>	<i>Ager scallabitanus</i>	<i>Eburobrittium</i>	<i>Ager eburobrittensis</i>	Atestações na "Península de Lisboa"
C() A()	1						1
C. A() H()	5	1		1			7
L.C.A.	1						1
A.H() E()		1					1
T.IF	1			1			2
T.I()	1						1
M.S.M. ou M.Satrius	1						1
P.T.	1	1		1			3
Titus Oppius*	1						1
LVC ?			1				1
N.º de oleiros (10)	8	3	1	3	0	0	19

Figura 279- Atestação dos oleiros hispânicos de Andújar (*e *Singilia Barba* ?) na “Península de Lisboa”.

³⁶⁹⁹ Pelo menos em função dos indicadores de “marcas”, que aqui assumem uma proporção de 6/4 em favor de La Rioja- Conf. J. Vázquez Paz, 2004, p. 223-224.

³⁷⁰⁰ M.C. Lopes, 1994.

³⁷⁰¹ J.C. Quaresma, 2008 e 2009.

³⁷⁰² Ou porventura não, se se admitir um forte fluxo andujarino centrado no séc. II d.C., por oposição a um suposto domínio tarraconense com os Flávios.

É forçoso que se retomem aqui as considerações de índole cronológica a respeito dos fabricos meridionais hispânicos, especificamente os contornos da sua principal exportação que se supõem mais tardios do que os de La Rioja, ideia defendida em datas recentes por Macarena Bustamante e José Carlos Quaresma³⁷⁰³.

Dos resultados mais recentes convém atentar especialmente às evidências cordovesas. Nas estratigrafias do *uicus* ocidental de Córdoba, os contextos datados de 60 a 70 d.C. revelaram já a presença de fabricos hispanos, a par dos largamente dominantes sudgálicos³⁷⁰⁴. Maior fiabilidade merecem os elementos fornecidos pela necrópole urbana da Av. del Corregidor, onde a sequência mostrou: no túmulo 36 dois indivíduos sobrepostos, em que o superior não tinha espólio e o inferior tinha associado um prato Drag.15/17 com a marca OF.D.RVT (?), um vaso em cerâmica de paredes finas Mayet XXXVIII e uma lucerna com decoração de uma vieira³⁷⁰⁵; no mesmo local, no túmulo 12, identificaram-se dois níveis sucessivos de incineração datados de inícios do séc. II d.C. em que o superior, entre outro espólio, continha um prato hispânico Drag.15/17 e cerâmica africana de cozinha e o inferior, aparte outros materiais, um prato hispano com a mesma tipologia, uma tigela de fabrico africano da forma Hayes 9 A e um testo Hayes 20; no túmulo 56, já da segunda metade da segunda centúria, foi revelado ainda um prato hispano Drag.15/17³⁷⁰⁶; todas estas realidades materiais sobrepunham-se a níveis cláudio-neronianos dominados pela *sigillata* itálica, sudgálica, hispânica precoce e onde a hispânica surge representada por um exemplar de tigela Drag.27!³⁷⁰⁷. Estes dois dados compaginados compõe um cenário coerente de introdução nos mercados dos vasos hispanos antes do advento de Vespasiano, podendo significar um processo mais paulatino de consumo que disparará exponencialmente com os Flávios, é certo³⁷⁰⁸.

No complexo tarraconense Macarena Bustamante viu um processo de concentração da propriedade nas mãos de uns poucos produtores na segunda centúria³⁷⁰⁹, podendo nomear-se *Valerius Paternus*, *Lapillius* e *Agilianus*, para referir os mais importantes e documentados na “Península de Lisboa”. No mesmo período, e para o grande centro ruteno, foi defendido por Martine Genin um fenómeno similar, quando

³⁷⁰³ M. Bustamante Álvarez, 2010a; J.C. Quaresma, 2008 e 2009.

³⁷⁰⁴ Conf. S. Vargas Cantos, 2000, p. 181 e seguintes.

³⁷⁰⁵ S. Vargas Cantos e M.I. Gutiérrez Deza, 2006, p.266-267, lám. 6.

³⁷⁰⁶ Idem, p.269- 271.

³⁷⁰⁷ Idem, p. 265.

³⁷⁰⁸ Sendo a esse respeito categóricos os dados da Calle Almendralejo n.º 41 estudados por Macarena Bustamante- Conf. . M. Bustamante Álvarez, 2010a.

³⁷⁰⁹ Idem.

a compulsão de vasos e o número de oleiros se contraem drasticamente³⁷¹⁰. Significarão os elementos andujarinos que ocorreu um processo similar no complexo bético, e que essa explicação se refletiria nas altas frequências atingidas por *C. A*() *H*() e, em menor medida, por *T.IF* e *P.T.* na “Península de Lisboa” ?

A imagem transmitida pelas “marcas de oleiro” é o de um acentuado declínio da sua atestação a partir do séc. II d.C. É seguro afirmar-se que estes elementos fornecem uma perspectiva parcelar e limitada pelos fracos hábitos epigráficos dos potenciais centros abastecedores da segunda centúria, em especial os hispanos. Contudo, os poucos dados disponíveis para as cidades, à excepção de Santarém onde o cenário é seguro³⁷¹¹, mostram uma quebra no consumo que não é preenchida por qualquer produção de loiça de mesa análoga, mesmo a *sigillata* clara africana A. Os sítios rurais dos *agri*, como Azeitada, Vale de Tijolos, Alto dos Cacos, Povos ou Quinta da Barradinha, desenharam um panorama de similar contracção aquisitiva deste tipo de loiça de mesa neste período.

Em Lisboa as problemáticas assumem outros contornos por escassez de informação. Nos pontos arqueológicos da cidade da foz do Tejo, como a Rua de São Mamede ao Caldas, Calçada do Correio Velho, Teatro Romano, Zara/Rua Augusta ou Rua dos Remédios n.º 1-10, as elaborações africanas estão ausentes ou apenas ocorrem pontualmente, o que se deverá à dinâmica de acumulação resultante das formas que assumiram as ocupações destes espaços na Antiguidade. Na Rua dos Douradores, a representação passível de se enquadrar na dinastia dos Antoninos é manifestamente discreta³⁷¹², e, no Rossio, a *sigillata* africana clara A está percentualmente abaixo dos 10% (MNI)³⁷¹³. Os dados preliminares do jardim do Palácio dos Condes de Penafiel evidenciam uma forte presença dos fabricos A, fundamentalmente A2, e as formas mais antigas, cuja exportação se pode ter verificado ainda com os Flávios ou na primeira metade do séc. II d.C., não ultrapassam os 5% (NMI)³⁷¹⁴, valor irrisório por comparação com a restante *sigillata* alto imperial aí recolhida. Na Praça da Figueira, em curso de estudo ainda, numa amostragem de 64 indivíduos em *sigillata* clara africana A (NMI), o fabrico A1 é minoritário face a A1/2 e A2 e assinalam-se como interessantes para o lapso de tempo que importa as atestações das formas Hayes 3 (7x), Hayes 6 (2x), Hayes 8 (2x), Hayes 9 (26x), Hayes 14 (5x) e Hayes 14/17 (9x): se o primeiro tipo citado preenche o lapso 70/80 a 200 d.C., os três seguintes cobrem todo o segundo século e os

³⁷¹⁰ M. Genin (Dir.), 2007.

³⁷¹¹ Conf. C. Viegas, 2003a.

³⁷¹² E. Sepúlveda *et al.*, 2003.

³⁷¹³ Idem, 2002, p.250, quadro 3.

³⁷¹⁴ E. Fernandes e M. Valério, 2009.

dois últimos incidem na segunda metade deste e arrastam-se pela primeira metade do seguinte³⁷¹⁵, números baixos por comparação com os que atingem as elaborações mais avançadas, datadas da segunda metade do século e do séc. III d.C.³⁷¹⁶, não se equiparando à representatividade gálica ou hispânica³⁷¹⁷.

É possível que os futuros resultados dos estudos a realizar sobre o espólio da Sé Catedral, Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28 e Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros venham a matizar a imagem de baixa no consumo de loiça de mesa do séc. II d.C. que no momento se começa a formar para Lisboa, mas, no estágio atual dos conhecimentos, não parece que venham obrigar à sua profunda revisão, pelo que se admite deste modo que também no grande porto do Tejo o consumo da classe cerâmica está em queda manifesta durante boa parte da dinastia antonina.

Forma-se, então, um quadro generalizado para a região na segunda centúria cujos contornos não se conhecem bem ainda. Poderão ser vários os fatores que concorreram para o fenómeno, e ele encerrará motivações que podem não se esgotar nos domínios estritamente económicos: para tal bastará lembrar que, justamente no mesmo período, desaparece igualmente do registo a “cerâmica de paredes finas”, que tanto sucesso gozou ao longo dos dois séculos precedentes, utilizada preferencialmente para o consumo de líquidos e que se pode supor ter acompanhado a *terra sigillata* nos circuitos comerciais e na mesa. Os poucos conhecimentos acerca dos recipientes em vidro na região não permitem ainda aferir se estes substituíram no âmbito da forma de consumo alimentar as duas produções citadas, mas em Santarém trata-se de material claramente minoritário por comparação com as cerâmicas em causa³⁷¹⁸.

Talvez se deva chamar à colação as práticas funerárias do ocidente hispano, que registam câmbios na composição dos “mobiliários funerários”, podendo estes dar algumas indicações relevantes para o esclarecimento da problemática.

Num quadro geográfico amplo, os conjuntos da Época de Nero e dos Flávios compõem panóplas que chegam a atingir a exuberância em número de objetos, de que se poderiam citar os exemplos regionais de Casal de Pianos (Sintra)³⁷¹⁹, Paredes (Alenquer), Praça da Figueira, Encosta de Sant’Ana (Lisboa)³⁷²⁰, ou os casos paralelos a

³⁷¹⁵ J. Hayes, 1972 e 1980; M. Bonifay, 2004, p. 155-159.

³⁷¹⁶ Elementos adiantados por Rodolfo Manaia, que se encontra a trabalhar a matéria no âmbito do seu projecto de dissertação de mestrado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

³⁷¹⁷ Vide *supra*, Figura 89.

³⁷¹⁸ A.S. Antunes, 2000.

³⁷¹⁹ M. Monteiro, 2003.

³⁷²⁰ Vide *supra*, apartados próprios no presente trabalho.

maior distância de Santo André (Montargil)³⁷²¹, Rouca³⁷²², Reguengo³⁷²³ (Monforte), ou “região de Elvas”³⁷²⁴, panorama que parece estender-se à longa distância para norte, como mostram os exemplos das necrópoles do Monte Mózinho (Penafiel)³⁷²⁵ e Largo das Freiras, em Chaves³⁷²⁶, ou sul, de que poderiam citar *Baelo Claudia*³⁷²⁷ ou Córdova³⁷²⁸. Sónia Vargas Cantos assinalou, neste último espaço bético, que os conjuntos urbanos perdem a expressão numérica com o decurso do século II d.C., quando o mobiliário passa a integrar maioritariamente pouca *sigillata* hispânica e/ou africana e o vidro se assume com maior vigor³⁷²⁹, fenómeno que parece verificar-se de igual forma em Lisboa³⁷³⁰ e seu aro³⁷³¹, na *Callaecia* meridional, como indicam os dados de Braga³⁷³², ou a sul, na parte central do *conuentus pacensis*³⁷³³.

A contracção no consumo da *terra sigillata* verificada no séc. II d.C. pode, portanto, encerrar fatores culturais. Todavia, estes enquadram-se bem em motivações económicas mais do que plausíveis, isto é, no efetivo arrefecimento da economia na região, de que as quebras nos números das importações de *sigillata* postos em evidência darão testemunho, e que as baixas nas exportações anfóricas lusitanas para a Itália parecem corroborar³⁷³⁴. Este quadro terá provocado uma conjuntura onde se manifestaram problemas aprovisionamento, na medida em que uma diminuição do tráfico marítimo, expresso a nível do Mediterrâneo pela baixa acentuada no número de naufrágios³⁷³⁵, implica, necessariamente, quebras no volume disponível do transporte comercial da *terra sigillata* conetado com a necessidade de cargas de retorno, o que conduziu a acrescidas dificuldades aquisitivas para um largo espectro social.

³⁷²¹ J.U.S. Nolen e L.F. Dias, 1981.

³⁷²² A.M. Rolo, 2010.

³⁷²³ A.I.M. Caldeira, 2004.

³⁷²⁴ A. Viana e A.D. Deus, 1955.

³⁷²⁵ T.P. Carvalho, 2008.

³⁷²⁶ S.F.G. Carneiro, 2009.

³⁷²⁷ J. Remesal Rodríguez, 1979.

³⁷²⁸ S. Vargas Cantos, 2002; S. Vargas Cantos e M.I. Gutiérrez Deza, 2006.

³⁷²⁹ S. Vargas Cantos, 2002.

³⁷³⁰ Na Praça da Figueira, e até ao meados-finais do séc. III d.C., verifica-se uma quase exclusividade de vítrea, normalmente unguentários, constatada sobretudo em incinerações, estando documentadas cinco tumulações passíveis de se inserir no lapso cronológico com espólio composto em exclusivo por um ou vários vítreos, devendo cada um dos casos refletir factores como idade, sexo e *status*- dados inéditos das escavações do autor.

³⁷³¹ No caso da necrópole de Casal de Pianos (Sintra), vejam-se as sepulturas 13, 14 e 15, sendo na n.º 16 o espólio vítreo abundante e constituindo a este respeito uma exceção- Conf. M. Monteiro, 2003, p. 20-37.

³⁷³² M. Martins e M. Delgado, 1989-1990.

³⁷³³ De que se poderiam dar os exemplos de Monte do Farrobo (Aljustrel)- Conf. J. Alarcão, 1974; Vipasca (Aljustrel)- conf. A. e J. Alarcão, 1966.

³⁷³⁴ A.J. Parker, 1992; A. Bowman e A. Wilson, 2009.

³⁷³⁵ Idem; J.C. Quaresma, 2009, p.428.

9. Considerações finais.

*“All right, apart from the sanitation, the medicine, education, wine, public order, irrigation, roads, the fresh water system, and public health, what have the Romans ever done for us!?”*³⁷³⁶

O registo arqueológico no Ocidente do “mundo romano” mostra a partir dos finais da República profundas alterações na composição dos conjuntos artefatuais, permitindo perspetivar processos mais profundos com várias matizes (políticas e ideológicas, culturais, sociais e económicas) que se abrigam debaixo do termo “romanização”. O modelo explicatório do conceito, enquanto processo cultural dinâmico, é mais do que uma mera aculturação, como defende Greg Woolf³⁷³⁷, e reporta-se a câmbios a uma grande escala geográfica e a um fenómeno de compressão do mundo que se poderia rotular como um episódio em direcção à globalização, para utilizar um termo de plena atualidade cuja utilidade na análise sociológica ao Império Romano, por oposição a “romanização”, vem sendo defendida por alguma investigação contemporânea³⁷³⁸.

Neste contexto e sequência, Roman Roth, afirma que a interiorização da cultura romana torna a distinção entre “romanos” e “indígenas” redundante, e o uso da cultura romana a todos os níveis da sociedade provincial é uma expressão de mais complexas e diferenciadas identidades sociais em que outras categorias como sexo, idade ou religião certamente terão sido mais relevantes no quotidiano³⁷³⁹. Numa tendência também mais contemporânea emprega-se aqui a noção delineada por Terranato de “*bricolage*” cultural³⁷⁴⁰, onde a introdução de novos objetos em funções antigas, ou de objetos antigos em novas funções, serve os mesmos fins sociais³⁷⁴¹.

De fato, o que o registo arqueológico mostra, quer ao nível da produção quer do consumo, é um crescendo de um impulso integrador que no final irá conduzir ao esbatimento das realidades precedentes, no essencial, a um câmbio identitário e à formulação de uma realidade cultural em mosaico que partilha elementos e traços comuns com expressão material.

³⁷³⁶ Excerto do discurso anti romano de Reg in John Goldstone- *Monty Python's Life of Brian* (Monty Python Pitures, Ltd c1979).

³⁷³⁷ G. Woolf, 1998, capítulo 1.

³⁷³⁸ M. Pitts, 2008, p. 493-494; R.B.Hitchner, 2008.

³⁷³⁹ R.E. Roth, 2003, p.37.

³⁷⁴⁰ N. Terranato, 1998 *apud* R.E.Roth, 2003, p.38 e segs; T.Peña, 2007.

³⁷⁴¹ R.E. Roth, 2003, p.45.

Nos dois últimos séculos da República a expansão imperialista colocou em contato Roma com o Ocidente da Península Ibérica, e o avanço dos exércitos fez aportar os produtos tipicamente itálicos, mais objetos com novas funcionalidades, por vezes específicas, novas espécies agrícolas e um provável apuramento rático na pecuária³⁷⁴².

Apesar deste registo de progresso material, a integração no “mundo romano” não pode ser encarada como um processo pacífico quando não há notícias de confrontos bélicos entre autótones e romanos, como nas etapas iniciais da integração do Vale do Tejo e Oeste, pois para uma parte da população a violência fez-se sentir de outras formas, como as perspectivas historiográficas pós-coloniais em demasia enfatizaram, podendo citar-se, para o espaço geográfico em análise, as plausíveis alterações do *status quo* social, a modificação das paisagens ou as ocupações que tiveram lugar nos espaços urbanos. Trata-se de um cenário espacial de eleição para o estudo destes fenómenos entre os finais do séc. II a.C. e ao longo do I a.C., bastando para tal lembrar as mudanças verificadas na fisionomia urbana de *Scallabis*, o evento traumático que representou o assentamento castrense de *Decimus Iunius Brutus* na zona do atual Castelo de São Jorge (Lisboa) ou o processo que conduziu ao longo destes dois séculos ao abandono efetivo dos importantes povoados da Idade do Ferro de Almaraz (Almada) ou Chões de Alpompé (Santarém).

A chegada dos exércitos trouxe as importações artefatuais itálicas até então ausentes da cultura material das populações, mas igualmente promoveu e reforçou as teias de relações à distância pré-existentes, como incrementou e desenvolveu as atividades produtivas. É nesta panorâmica que se verifica uma progressiva adopção das loiças de mesa itálica pelos (ainda) autótones e a intensificação das produções peninsulares orientadas para o comércio institucional romano, de que as ânforas serão a expressão mais visível³⁷⁴³.

É neste quadro que se enquadra a difusão para o Ocidente hispano das primeiras produções de Arezzo. O achado de uma “marca” de *Q.Afr* (OCK 51) sobre pátera aretina negra em Mesas do Castelinho (Almodôvar)³⁷⁴⁴, poderá ser assimilada ainda aos primeiros anos da década de 40 a.C. se se verificar a sua presumível correspondência com o legado pompeiano *Quintus Afranius* que liderou a facção em 49-48 a.C. Trata-se, para já, de uma ocorrência excepcional, que os estudos sobre outros importantes sítios

³⁷⁴² Constatado na *Britannia*, e sugerido de forma ainda pouco nítida pelos dados de Santarém estudados por Simon Davis- S. Davis, 2006.

³⁷⁴³ C. Fabião, .

³⁷⁴⁴ C.S.A. Alves, 2010, p.81, Est. XXI.

do Sul de Portugal alvo de intensos trabalhos arqueológicos, de que se destaca Mértola, poderão vir a ampliar de modo a corroborar a afirmação de Carlos Fabião de que, “(...) a *terra sigillata itálica* terá sido difundida, na sequência da cerâmica campaniense, associada à exportação de ânforas de vinho da Península Itálica”³⁷⁴⁵.

A “Península de Lisboa” enquadra-se neste panorama primitivo das importações das cerâmicas de mesa com revestimento vermelho, nela se integrando da mesma forma as ocorrências da *sigillata* oriental A de Santarém e Alto dos Cacos (Almeirim), locais com matiz militar. A estes elementos deverão aduzir-se as indicações proporcionadas pelas “marcas de oleiro” de Lisboa, nomeadamente a impressão de A. *Sestius* (Ol.173), que pode remontar a 40 a.C., ou as duas mais antigas “marcas” escalabitanas, de A. *Titius* e A. *Titius Figulus* (Sc.9 e Sc.59), que remetem já para datas posteriores a 30 a.C. Contudo, o fenómeno do consumo em Época Tardo-Republicana Romana tem uma expressão ainda contida, sobretudo por comparação com o que se irá verificar depois no Alto Império, e os números globais dos conjuntos de campaniense do atual território português não são equiparáveis aos da *terra sigillata* com esta cronologia que circularam nos mesmos espaços.

De fato, o que ocorre a partir de Augusto é um fenómeno histórico amplo, plurifacetado, que deixou uma impressão nítida no registo arqueológico. Ao nível da produção da loiça de mesa de revestimento vermelho, o fabrico dispara nas primeiras décadas do Principado: Arezzo assume-se como o centro liderante, multiplicam-se os oleiros, os modelos formais são adoptados pela *sigillata* oriental, onde vigorava uma forte tradição helenística³⁷⁴⁶, e despontam novos centros produtores como os do Vale do Pó, Lácio, Baía de Nápoles ou os do aro de Lyon. A investigação acerca das causas da disseminação do uso e comercialização da *terra sigillata* no Ocidente, ocorrida nos curtos 40-50 anos de Augusto, o que significa pouco mais do que o espaço de uma geração, até datas recentes atribuiu ao exército um papel fundamental, decisivo. Esta perspetiva foi entretanto revista e, embora lhe seja hoje atribuído um papel importante, ele é hoje considerado longe de exclusivo³⁷⁴⁷. Ao longo de todo o séc. I d.C., aliás, os vasos em *sigillata* permaneceram um produto especialmente apreciado em contextos

³⁷⁴⁵ C. Fabião, 1993, p.248.

³⁷⁴⁶ J. Poblome *et al.*, 2001. A par desta transformação estética ocorre uma importante capacidade itálica de penetração dos produtos itálicos nos mercados orientais que não tinha precedente ao nível das loiças de mesa- S. Zabelicki-Scheffenecker, 1995.

³⁷⁴⁷ G. Wells, 1990; A. Desbat *et al.*, 1997, p. 238

militares³⁷⁴⁸ por necessidades psicológicas dos corpos deslocados³⁷⁴⁹, mas também seguramente como afirmação do *status* respetivo³⁷⁵⁰. Esta condição permite atribuir-lhes um carácter discriminatório na análise funcional dos sítios, dada a sua muito maior incidência em enquadramentos castrenses, como acontece igualmente com os numismas, demonstrada para as épocas de Augusto e Tibério nas *Germaniae*³⁷⁵¹, ou para momentos de Cláudio e posteriores na *Britannia*³⁷⁵².

O que ocorre no Principado, com a difusão dos produtos e dos centros produtores é o que Jeroen Poblome e outros denominaram como o “boom” dos “serviços augústeos, “um poderoso fenómeno integrador à escala do Império”³⁷⁵³. Alguns autores, como Macarena Bustamante, procuraram ver um forte fundamento político no fenómeno, com o patrocínio do próprio Imperador através do aretino *Caius Clinus Maecenas*³⁷⁵⁴, responsáveis por projetar no mundo provincial recém-formado um modelo estético de consumo alimentar a seguir. Os argumentos são porém de manifesta fragilidade, e outras razões mais profundas parecem servir de suporte ao fenómeno, de que se destaca uma vontade generalizada de pertença que desponta numa parte significativa dos provinciais ocidentais, e que se manifesta materialmente na adopção generalizada da língua, da onomástica romana, da indumentária, como de formas de estar, entre muitos outros reflexos diretos no quotidiano dos indivíduos que se poderiam invocar³⁷⁵⁵.

A urbanização augústea, os parcelamentos e o estabelecimento das redes de comunicação desempenharam também um papel neste âmbito integrador que tem de ser valorizado na sua justa medida, por terem facultado uma orgânica articulada até então inexistente, no caso na fachada atlântica da *Hispania*, aumentando a capacidade aquisitiva dos indivíduos e proporcionando redes de distribuição que, embora já existentes, com a sua nova formulação facilitaram a circulação dos produtos.

Neste quadro inicial da grande aquisição na “Península de Lisboa”, que a contabilização das “marcas” remete com vigor para datas a partir de 25/20 a.C. nos dois centros urbanos de estatuto privilegiado, como defendem Roman E. Roth, Jeroen Poblome e Rinse Willet, a *terra sigillata* de modo itálico deverá ter funcionado como

³⁷⁴⁸ A. Mees, 2011.

³⁷⁴⁹ A. Morillo Cerdán e V. García Marcos, 2003.

³⁷⁵⁰ S. Willis, 2005; C. Wallace, 2006.

³⁷⁵¹ S. Martin, 2009.

³⁷⁵² S. Willis, 2005.

³⁷⁵³ J. Poblome et al., 2001.

³⁷⁵⁴ M. Bustamante Álvarez, 2008. Contra G. Rizzo, 2006.

³⁷⁵⁵ G. Woolf, 1998.

um importante veículo comunicacional nas estratégias sociais³⁷⁵⁶. Este elemento coloca o problema nos seus devidos termos, isto é, a presença no quotidiano da loiça de mesa, constatada através da análise arqueológica, poderá significar que os habitantes da região adoptaram igualmente os hábitos alimentares romanos, quanto ao modos à mesa e preparados culinários ingeridos?³⁷⁵⁷ A resposta é um, aparentemente paradoxal, não.

O primeiro fundamento para a negativa é o de que a região já incorporava importantes contingentes demográficos propriamente romanos: *Scallabis* é uma fundação colonial, possivelmente da década de 30 a.C. como defende com argumentos convincentes Vasco Mantas e António Marques de Faria³⁷⁵⁸, a epigrafia olisiponense acusa a presença de colonos itálicos³⁷⁵⁹, como também acontece com a exígua eburobriciense³⁷⁶⁰, que deverá aqui equivaler a uma presença mais tardia. Por consequência, a “romanidade” de parte da população não traduzirá a adopção de novas maneiras de estar mas tão só um possível reforço da sua identidade e *status* para os de origem forânea, como para os autótones dos estratos superiores. São estas circunstâncias que traduzirão os mais fortes valores de importação de loiça itálica sentidos em Santarém, notando-se no período 35-15 a.C. uma menor importância dos indicadores aquisitivos olisiponenses aferidos através das curvas das “marcas de oleiro”, expressão das distinções entre os matizes culturais das duas cidades nesta etapa histórica. Será também esta a razão que justificará os baixos níveis de cerâmica de modo itálico assinalados nos sítios do povoamento rural da “Península de Lisboa”.

O segundo fundamento da negação prende-se com a impossibilidade, categoricamente comprovada como se verá, de se retirarem diretamente inferências funcionais, logo antropológicas, acerca do uso dos vasos apenas a partir das suas formas. Penelope Allison criticou recentemente as leituras demasiado simplistas acerca dos usos da *sigillata* produzidas, de forma explícita ou não, a partir de estudos de matiz tipológica³⁷⁶¹. No mesmo sentido, a experiência traceológica executada por Edward Biddulph demonstrou que morfologias tidas como destinadas ao consumo vínico podem muito bem ser utilizadas para outros preparados culinários bem distintos, e outros tipos assimilados commumente à ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos serem

³⁷⁵⁶ R.E. Roth, 2003, p. 36 e segs; R. Willet e J. Poblome, 2011, p. 103.

³⁷⁵⁷ E. Biddulph, 2008.

³⁷⁵⁸ V.G. Mantas, 1992; A.M. Faria, 1995, 1999.

³⁷⁵⁹ J.C. Ribeiro, 1982-1983 e 1994, p.82-83; V.G. Mantas, 1994; B. Martineau, 2000.

³⁷⁶⁰ J.D'Encarnação e J.M.B. Moreira, 2005.

³⁷⁶¹ P.M. Allison, 2010.

empregues como almofariz³⁷⁶². Os exemplos arqueológicos diretos da utilização dos vasos são raros, naturalmente, e os poucos disponíveis, como seria de esperar identificados em Pompeia, lançam alguma luz sobre a matéria: num prato de 17,7 cm de diâmetro em *sigillata* de modo itálico, um exemplar da forma Consp. 20.4, conservavam-se várias dezenas de azeitonas³⁷⁶³; num outro com a mesma tipologia, de 17,3 cm de diâmetro, cerca de meia centena de ameixas³⁷⁶⁴; uma tigela do tipo Consp. 29.1, de 11 cm de diâmetro, estava quase preenchida por uma elevada quantidade de grãos de cevada, mais provavelmente restos de uma sopa³⁷⁶⁵; um prato em fabrico de *terra sigillata* oriental A, de 15 cm de diâmetro, conserva-se cheio com dezenas de figos, fruto que, conjuntamente com o mel, era o mais importante dulcificante da culinária romana³⁷⁶⁶.

A própria forma de empregar os recipientes “romana” e de tomar as refeições seria multimodal: a toma gregária em âmbito doméstico parece ter sido a mais difundida, segundo Allison circulando os vasos de mão em mão, o que tem suporte tanto nos tesemunhos textuais latinos como nas evidências arqueológicas domésticas das arquiteturas e, sobretudo, do mobiliário campano conhecido³⁷⁶⁷; a exposição do alimento em pratéis ou taças decoradas, a partir dos quais cada um retirava a sua porção com a mão foi também utilizada³⁷⁶⁸, e parece ter alguma correspondência nas panóplas formais da “Península de Lisboa” da *terra sigillata* itálica e sudgálica, podendo taças decoradas hispânicas de maior dimensão ter servido os mesmos fins; o emprego itálico de conjuntos vastos de loiça decorada tem cabimento no quadro de orgias, de que dá testemunho a ainda empacotada “Caixa Atkinson” de 79 d.C., com as suas noventa Drag. 29 e Drag. 37 de La Graufesenque³⁷⁶⁹; uma parte importante dos grupos “não-elite” da população urbana itálica dos finais da República e Alto Império tomava as refeições em *tabernae*, podendo evocar-se o conjunto de *sigillata* itálica conservado nos arrumos de um estabelecimento comercial de Cosa conjuntamente com alfaias e ânforas vinárias³⁷⁷⁰; a prática de venda ambulante de refeições nas ruas das cidades italianas era

³⁷⁶² E. Biddulph, 2008.

³⁷⁶³ B. Conticelli, 1990, p. 188, n.º 81.

³⁷⁶⁴ Idem, n.º 82.

³⁷⁶⁵ Idem, n.º 83.

³⁷⁶⁶ Idem, n.º 84 e p.188. Dado que poderá assumir interesse para a definição dos hábitos alimentares romanos da região, aproveita-se para se relembrar que a figueira está documentada com altos níveis no Vale do Tejo até à Idade Média, inclusivé- Conf. W. Van Leeuwen e C.R. Jansen, 1985.

³⁷⁶⁷ P. Allison, 2010.

³⁷⁶⁸ Idem e G. Monteil, 2011.

³⁷⁶⁹ J.T. Peña e M. MacCallum, 2009.

³⁷⁷⁰ M. Rhodes, 1989.

igualmente comum, transmitida por textos clássicos, e comprovada num contexto arqueológico tão distante como em Leicester, onde apenas se documentaram vinte e seis pratos em *terra sigillata* sudgálica e centrogálica, ânforas vinárias gaulesas (Gauloise 4) e itálicas (Dressel 2-4), oleárias da Bética (Dressel 20) e piscícolas da zona de Cádiz (Camulodunum 186), para além de produtos exóticos como morango, figo, pimenta e ópio³⁷⁷¹; as marcações dos vasos mediante grafitos implicam uma toma dos alimentos gregária mas com uma utilização dos recipientes individual, de que poderíamos lembrar as indicações onomásticas ou geométricas esgrafitadas detetadas na amostragem da “Península de Lisboa” como A, AP, APL, AQ, AN, LM, OA, OP, TV(...), (...)lama(... ?), (...)A(... ?), M(... ?), (...)anta(... ?), *Melior* e *Quarttonis*, um filiforme e onze cruciformes, num total de 39 indivíduos que integram um conjunto admissível de meio milhar de recipientes, indicador baixo para um universo tão vasto, mas ainda assim comprovando este tipo de comportamento alimentar entre olisiponenses, escalabitanos e eburobricienses.

Procurando encerrar em definitivo a matéria, para avaliarmos a forma como se incorporaram nos habitantes da região os modos de consumo “à romana” precisaríamos de estar na posse de sólidos conhecimentos sobre os antes verificados, na Idade do Ferro e período republicano, o que não acontece. Concluindo, e citando a este propósito uma frase de Alain Vernhet evocada por Jean-Louis Tillard para definir a *terra sigillata*, “*de la vaisselle à la romaine, pour manger et boire à la romaine*”³⁷⁷². Um entendimento afinal correto, se se aplicar aqui o sentido de “*bricolage*” cultural de Terranato retomado por Roth³⁷⁷³, citado um pouco acima, consistindo numa “democratização” da baixela tornando-a acessível a um mais amplo espectro social constituindo portanto um “semi-luxo”³⁷⁷⁴, ou melhor, um “popluxo”³⁷⁷⁵.

A constatação a reter é a de que o espaço geográfico em análise integrou a classe cerâmica no seu quotidiano de forma rápida e crescente, logo a partir das duas primeiras décadas do principado de Augusto.

Nesta época a maioria das importações provém do eixo do Arno, primeiro quase exclusivamente de Arezzo mas, a partir de 10 a.C., sofrendo a concorrência de Putéolos

³⁷⁷¹ J. Brawning *et al.*, 2006.

³⁷⁷² J.-L. Tillard, 2004.

³⁷⁷³ N. Terranato, 1998 *apud* R.E.Roth, 2003, p.38 e segs.

³⁷⁷⁴ J. Vázquez Paz, 2004, p. 233.

³⁷⁷⁵ S. Willis, 2005.

num curto lapso que quase cessa em 15 d.C., somente se registando uma “marca” do pólo da Baía de Nápoles após essa data.

Deverá ter facilitado o fluxo vindo de Itália com direcção à “Península de Lisboa” a presença do forte contingente militar instalado no NO peninsular aquando das Guerras Cantábricas. O mercado como fenómeno institucional estava omnipresente na sociedade romana, tendo para Peter Temim incrementando a monetização³⁷⁷⁶. Esta indicação entra em aparente contradição com a escassez de numerário detetado nas escavações da região³⁷⁷⁷, parecendo ajustado reter as informações de Remesal Rodríguez relativas ao vencimento dos militares constante dos papiros, onde cerca de 2/3 dos vencimentos de um soldado eram supridos pelo Estado Romano devido aos géneros oriundos do aprovisionamento por ele fornecidos³⁷⁷⁸, o que o conduziu à conclusão de que “*a multiplicidade de produtos oriundos das propriedades imperiais e os recebidos como meio de pagamento eram usados pela administração para satisfazer as necessidades da plebe romana, exército e servidores da administração. Colocar esses produtos em circulação permitiu ocorrer uma considerável atividade económica dispensando o uso de numerário, e iria criar um sistema de compensação administrativa entre as províncias e entre estas e Roma (...)*”³⁷⁷⁹.

Noutro sentido, se a fixação de legiões é considerada pelos investigadores do Norte da Europa como fundamento do escoamento preferencial da loiça com direcção aos assentamentos militares, como para o surgimento e fixação de negociantes a grande escala³⁷⁸⁰, porque não se deu um fenómeno similar na *Hispania* entre Augusto, quando estavam presentes três unidades maiores, e a movimentação do exército em 68 d.C., quando apenas restou uma? A explicação talvez se prenda com a fragmentação espacial e orgânica das olarias abastecedoras itálicas, por contraste com o cenário centralizado e de sucesso verificado depois com La Graufesenque, e com as consequentes incapacidades sentidas por aquelas unidades produtivas de atingir as escalas de laboração necessárias para responder em exclusivo às encomendas oficiais. Por esta

³⁷⁷⁶ P. Temim, 2001; D. Kessler e P. Temim, 2005, p. 316.

³⁷⁷⁷ O numerário alto imperial conserva-se praticamente todo inédito. Apenas se conhecem alguns conjuntos, de que avulta o de Azeitada (Almeirim), divulgado por A.J. Quinteira (1996 e 1998) os raros exemplares de Chões de Alpompé (Santarém), divulgados por José Ruivo (1999), e os pequenos conjuntos de entesouramentos publicados pelo mesmo investigador (Idem, 2005). Da Praça da Figueira (Lisboa), de escavações do autor, inventariaram-se dezassete moedas inquadáveis no Alto Império, das quais somente uma de Augusto, três de Tibério e duas de Cláudio.

³⁷⁷⁸ J. Remesal Rodríguez, 2008b, p. 157.

³⁷⁷⁹ J. Remesal Rodríguez, 2008b, p. 157.

³⁷⁸⁰ Entre outros textos veja-se a síntese de K. Verboeven, 2007.

razão, rastrear o aprovisionamento militar através do fornecimento de vasos itálicos é tarefa muito mais complexa e difícil.

O que se verifica nos centros de consumo do NO da *Hispania* no período dos Imperadores Júlios é, justamente, um panorama de extrema parcelação das fontes, como se deduz da variabilidade de oleiros e “marcas” registada em Astorga, Herrera de Pisuerga e León³⁷⁸¹. Ainda assim, os números da loiça decorada de *Publius Cornelius* são dominantes em Herrera de Pisuerga³⁷⁸², revelam-se neste capítulo dos mais fortes na fachada atlântica peninsular, e em Léon atingem cerca de 25% das impressões sobre vasos lisos³⁷⁸³. Os dados de Lisboa relativos a *P.Cornelius* e seus escravos, com 15% dos registos de exemplares atribuíveis a oleiros, são sugestivos quanto à provável ligação do produtor e do porto tagano ao comércio institucional operativo na Península Ibérica, que a registar-se ocorreu somente após 5 a.C. quando enceta a sua laboração. O fato de cerca de metade das impressões cornélias equivaler a escravos, que utilizaram maioritariamente cartelas bilíneas, fornece uma outra indicação cronológica: mesmo admitindo-se um prolongamento do uso deste tipo de “marca” após 15 d.C., não se deverão ter prolongado muito mais no tempo dado o *dominus* ter empregue intensamente o formato *in planta pedis*, ausente da amostragem estudada. Assim sendo, um *terminus* da aquisição via oficinas de Cincelli-Arezzo cerca de 20 d.C. assoma como bastante provável.

O elemento indicado assume um interesse supletivo para se perceber a dinâmica das fontes de aprovisionamento na “Península de Lisboa”. Entre os vinte e um vasos pisanos itálicos apenas dois são seguramente anteriores a 15 d.C., sendo passíveis de o ser outros sete. Desta maneira, 2/3 da produção pisana aporta já no principado de Tibério, quando os níveis de consumo estão em queda. Assume então proeminência *Xanthus*, aliás nesta data já liberto e portanto *Cn. Ateius Xanthus*, com seis impressões neste período. Isso significa que a um grande produtor sucedeu outro, pela distribuição

³⁷⁸¹ A. Morillo Cerdán e V. García Marcos, 2003.

³⁷⁸² C. Pérez Gonzalez, 1989.

³⁷⁸³ A. Morillo Cerdán e V. García Marcos, 2003.

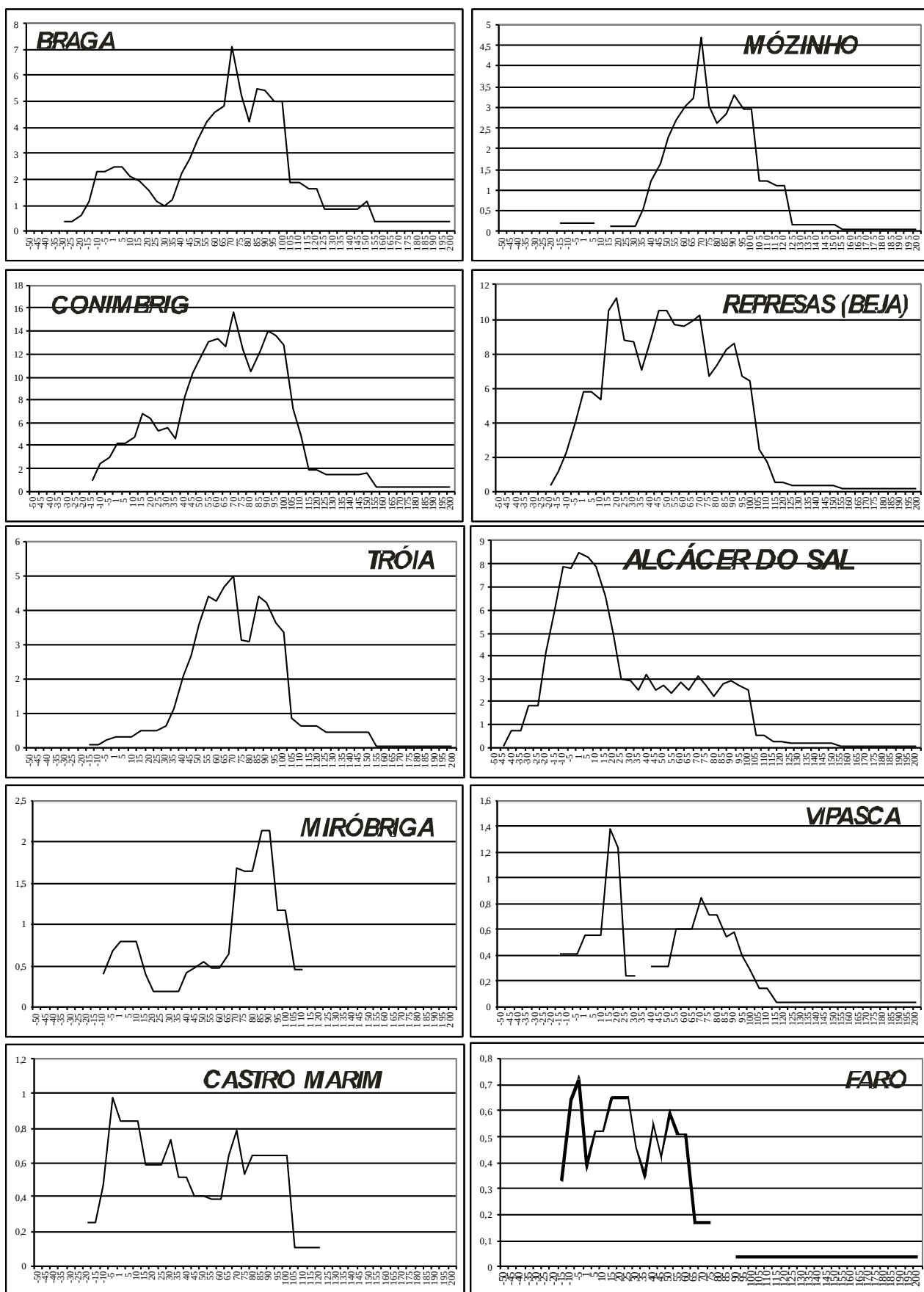


Figura 280- Curvas aquisitivas de sítios da Hispânia Ocidental.

lusitana muito mais vocacionado para as áreas costeiras do que para Mérida, capital provincial onde o comércio poderá ter assumido contornos de cariz mais oficial.

De uma maneira geral, a conjuntura escalabitana, eburobriicense e olisiponense a partir de Tibério tem correspondência nas curvas de importação aferidas a partir das “marcas de oleiro” de outras cidades do ocidente da Hispânia como Castro Marim, Faro, Miróbriga, Alcácer do Sal, Beja (a partir de Represas), Conímbriga e Braga (vide *supra*, Figura 280). Tratar-se-á de um clima de contração do consumo que equivale à quebra da produção na Península Itálica e que se poderá relacionar com a depressão económica deste período geral do Império para cujos reflexos no registo material da Lusitânia meridional costeira José Carlos Quaresma chamou já à atenção³⁷⁸⁴.

Não tendo cessado o fluxo itálico, como provam as presenças de tipologias compatíveis com datas mais avançadas no século I d.C. e um pequeno número de três impressões de meados-segunda metade desta centúria, ele resulta melhor documentado através das quatro impressões do oleiro de transição para as elaborações pisanas tardo-italicas, *C.P.Pi(sanus)*, como pelas duas atestações de vasos assinados por *Sextus Murrius Festus* em *Olisipo* e *Eburobrittium*.

A partir dos finais do principado de Tibério, ocorre uma retoma aquisitiva comprovada em *Olisipo*, *Scallabis* e seus *agri*, só conseguindo este movimento *Eburobrittium* já com Cláudio. É possível que parte deste clima económico positivo resulte em parte das iniciativas de obras públicas lusitanas, conetando-se a região de Lisboa com as iniciativas edilícias na capital ao ter fornecido pedra ornamental para a reforma da *orchestra* do Teatro³⁷⁸⁵, já com Cláudio. Relembrem-se também a atestação das acções de instalação na época de Tibério do troço da estrada *Olisipo-Scallabis* na Praça da Figueira (Lisboa)³⁷⁸⁶, a construção e/ou finalização do Teatro Romano de Lisboa³⁷⁸⁷ com o mesmo Imperador, a edificação do edifício a que corresponde o criptopórtico da Rua da Prata (Lisboa), de novo com Tibério ou Cláudio³⁷⁸⁸, e a instalação de um troço da muralha alto imperial olisiponense na fachada ribeirinha³⁷⁸⁹. A produção de preparados piscícolas parece ter conhecido então igualmente um forte impulso, verificável nas *officinae* oleiras dos envases³⁷⁹⁰.

³⁷⁸⁴ J.C. Quaresma, 2009, p. 426.

³⁷⁸⁵ A.Fusco e I.Mañas Romero, 2006, p.30 *apud* A.Delicado, 2011, p.75.

³⁷⁸⁶ R.B. Silva, 2012.

³⁷⁸⁷ Vide *supra*, apartado 8.2.23.4.

³⁷⁸⁸ R.B. Silva, 1999, 2011.

³⁷⁸⁹ A. Gomes e A. Gaspar, 2007.

³⁷⁹⁰ C. Fabião, 2004.

Deve-se ao fornecimento de La Graufesenque esta subida dos indicadores proporcionados pelas impressões, e são sintomáticos de um aquecimento da economia e do consumo rápido que tem correspondência em Faro, Represas (Beja), Miróbriga, Conímbriga e Braga. Somente Castro Marim e, sobretudo, Alcácer do Sal, não acompanham este movimento ascendente, traduzindo uma estagnação ou perca que faz parte dos processos de declínio de ambos os centros urbanos (vide figura 280, *supra*).

Os vasos rutenos chegaram à “Península de Lisboa” com especial incidência no reinado de Nero e primeira metade do de Vespasiano, elementos comuns a múltiplos povoados. De forma muito minoritária, neste período o aprovisionamento perspectivado através das “marcas” mostra outras proveniências, como a de um vaso pisano tardo-italico e um outro de Montans, mas o domínio de La Graufesenque é avassalador até ao final do último dos Julio-Cláudios.

Este *floruit* aquisitivo nero-vespasiano encontra correspondência na intensidade edilícia pública, como de novo no Teatro Romano de Lisboa e na profunda reforma do troço da via Olisipo-Scallabis escavado na Praça da Figueira³⁷⁹¹, devendo a promoção municipal de *Eburobrittium* ter tido igualmente repercussões nas arquiteturas da cidade romana do Oeste, como nas redes de comunicações que a serviam. No plano privado, as evidências da necrópole da Praça da Figueira acusam a expansão das construções de monumentos funerários, e o tecido oficial de transformados piscícolas expande-se, sendo disso prova a unidade reconhecida na Rua dos Bacalhoeiros, instalada sobre um aterro formado na década de 60 d.C.

A incorporação cláudia de espaços atlânticos no Império Romano, como a *Britannia* ou o reino da Mauritània, motivou um clima macro-económico favorável a um incremento do trânsito marítimo que percorria o extremo ocidente, e o prosseguimento das campanhas militares nas Ilhas Britânicas, com o intensificar das ações militares nos inícios de Vespasiano, compõem no seu todo conjunturas que poderão ter beneficiado a economia ocidental lusitana e que se refletem nos marcadores em alta fornecidos pelas impressões dos conjuntos mais representativos do Ocidente da *Hispania*.

Um outro elemento assoma, referente à grande difusão que a partir dos Cláudios se regista nos espaços do povoamento disperso de *Olisipo* e *Scallabis*. A multiplicidade de perfis funcionais que é possível entrever para os assentamentos demonstra que o uso da *sigillata* se expande neste período. Mesmo locais de muito pequena entidade, como

³⁷⁹¹ R.B. Silva, 2012.

Vale da Ribeira de Santa Sofia (Vila Franca de Xira)³⁷⁹² ou Casal do Tufo (Alenquer)³⁷⁹³ servem-se da baixela cerâmica, que se expande por um muito maior número de locais rurais.

Esta observação remete para o significado social da presença da *sigillata*, abordagem comum em contextos da investigação europeia mais setentrional, motivada pelas problemáticas históricas ali colocadas pelos distintos quadros sociais de consumo, a saber, civis *uersus* militares, ou de comparação entre os grandes centros urbanos e aqueles de menor entidade³⁷⁹⁴. Verificou-se assim, por exemplo, que as *canabae* e o aquartelamento militar de *Vindonissa* proporcionaram distintos registos da presença de *sigillata* e de imitações, com o espaço civil a revelar maior quantidade destas face aos vasos “verdadeiros”, quando é forçoso que ambos foram abastecidos através de um mesmo circuito³⁷⁹⁵. Ou que, a uma escala de análise provincial, no caso a *Britannia*, os principais centros civis e os sítios militares revelem maior expressão quantitativa de *terra sigillata* e que, nos segundos, a quantidade de vasos decorados é globalmente superior. Ou ainda, em sentido distinto, que os “serviços básicos” à disposição de um legionário do aquartelamento holandês de Vechten no séc. I d.C.³⁷⁹⁶ sejam mais numerosos que os de um habitante civil contemporâneo e de *status* moderado da capital da Bética³⁷⁹⁷ ou de Pompeia, como houve ocasião de referir no apartado anterior.

Uma avaliação mais global do significado social e económico da presença da *sigillata* sudgálica nos sítios da “Península de Lisboa” requereria um inquérito mais alargado aos conjuntos cerâmicos recolhidos no espaço. Ainda assim, pode-se desde já observar diferenças sensíveis entre os distintos assentamentos: em Lisboa os valores atingidos pelos recipientes decorados sudgálicos, aproximados aos itálicos seus antecessores, estão um pouco abaixo dos registados em Santarém (6,13% / 7,56%), denotando os sítios rurais da Quinta da Barradinha (Vila Franca de Xira), Vale de Tijolos e Azeitada (Almeirim) valores muito próximos a estes (5 a 7%). A expressão de um consumo socialmente diferenciado nos três últimos locais mencionados não se manifesta portanto desta forma, mas antes através do consumo de formas menos

³⁷⁹² Fragmentos sudgálicos de um fundo de Drag. 15/17 ou 18, outro de uma Drag.27, um bordo do mesmo tipo de tigela e um outro de Drag. 33 e um bordo hispânico de Drag. 37 com decoração de círculos- Conf. J. Pimenta e H. Mendes, 2007b, p. 207, fig. 41, n.ºs 1-5.

³⁷⁹³ Um bordo de Drag. 27, outro de Drag. 24/25, dois fundos de Drag. 15/17 e um outro de Drag.18 rutenos e dois fundos de Drag. 27 riojanas- Conf. R.C. Dias, 2001.

³⁷⁹⁴ S. Willis, 2005; M. Pitts, 2008.

³⁷⁹⁵ T. Pauli-Gabi e C. Meyer-Freuler, 1999.

³⁷⁹⁶ A composição deste “serviço básico” em Vechten foi estimada por Marinus Polak em quatro pratos, quatro taças médias e quatro taças pequenas- M. Polak, 2000.

³⁷⁹⁷ D. Vaquerizo Gil e S. Vargas cantos, 2001; S. Vargas Cantos, 2002.

comuns, cuja ocorrência é probabilisticamente mais significativa por provirem de amostras de menor dimensão, podendo evocar-se um potinho Déch.⁶⁷ de Povos, ou uma forma fechada indeterminável, eventualmente fragmento de jarro, tipo muito pouco difundido fora do aro próximo ao centro produtor.

A expansão sudgálica deverá colocada em conexão com outros desenvolvimentos, nomeadamente da rede de comunicações. As perspetivas sobre a economia romana têm enfatizado, de forma quase doutrinal, a dependência do comércio romano face ao transporte aquático³⁷⁹⁸. Sendo evidentemente válida a preponderância deste a uma macro escala, que a região em análise bem demonstra, apesar de algum criticismo exercido³⁷⁹⁹ parece existir alguma contradição entre o pouco relevo conferido pela investigação às comunicações terrestres e o alto investimento feito pelo Estado Romano ao longo da sua história na criação, alargamento, manutenção e melhoramentos da rede vial, para mais incidindo sobre áreas onde a pacificação era um fato. Similar observação se poderia produzir no plano do esforço dos particulares no desenvolvimento das redes privadas de caminhos, que se reflete ao nível regional, vitais para o modelo de exploração e comercialização dos produtos agro-pastoris e silvícolas mas de igual modo para a distribuição dos piscícolas que as ocorrências nas “*uillae*” denunciam, como, igualmente, das matérias-primas resultantes das atividades extrativas. Nalguns casos especiais até, a dimensão de produtos agro-pastoris extravasa amplamente o estrito aro geograficamente próximo, atingindo uma dimensão extra provincial³⁸⁰⁰.

Os estudos de arqueologia viária vêm demonstrando que essa rede estava já definitivamente consolidada na Época dos Flávios para o Vale do Tejo³⁸⁰¹. Para o Oeste, mesmo que o reconhecimento pelo Estado da importância da via *Olisipo-Conimbriga*, por *Eburobrittium*, só tenha ocorrido com Adriano³⁸⁰², ela já estaria bastante funcional como demonstram os focos de povoamento e a distribuição dos produtos cerâmicos, nomeadamente da *sigillata*.

Beneficiando desta trama de transportes rica, as importações sudgálicas entraram em depressão com Vespasiano, provavelmente acentuada a partir dos meados deste principado. A concorrência movida pelo “boom” hispano setentrional não acabaria então com os fluxos vindos da Gália, como parece acontecer noutras cidades como

³⁷⁹⁸ R. Laurence, 1998, p. 125 -126.

³⁷⁹⁹ K. Hopkins, 1978, p.107 *apud* Idem.

³⁸⁰⁰ A título de exemplo relembre-se o já antes aflorado caso do queijo de La Rouergue, ou da cereja lusitana- Conferir, respetivamente, D.Whittaker e J.Goody, 2001 e J. Alarcão, 1988b.

³⁸⁰¹ V.G. Mantas, 2012.

³⁸⁰² Idem, 1986a.

Mérida³⁸⁰³, Braga³⁸⁰⁴ ou Conímbriga³⁸⁰⁵, onde as impressões rutenas seguramente datadas de entre os Flávios e Trajano estão praticamente ausentes³⁸⁰⁶ por oposição a uma massiva presença de epigrafia riojana.

Eburobrittium, recém-promovida a município, demonstra um perfil de importações através das “marcas de oleiro” onde ainda chega um número exiguo de vasos da Gália, que terão fluído através das rotas que a conetavam com *Olisipo*, mas o grosso das cerâmicas de mesa provém, quase exclusivamente de La Rioja. A cidade do Oeste mostra, neste traço da sua cultura material, a partir destes momentos, uma afinidade mais vincada com *Conimbriga*, abastecida através das rotas terrestres oriundas do Norte Peninsular, com forte probabilidade passando por Braga vindas de Astorga.

No Vale do Tejo, como numas poucas zonas costeiras da *Hispania*, parece ter-se verificado uma complementaridade entre a baixela gala e hispana³⁸⁰⁷, afigurando-se ter sido uma estratégia comercial de La Rioja a produção a menor custo dos vasos de mais-valia nos mercados, os ornamentados. É de fato no plano das taças decoradas que o complexo oleiro setentrional irá afirmar a sua expressão mais preponderante na região, transmitida pelas altas frequências de Lisboa³⁸⁰⁸, Povos³⁸⁰⁹ e Quinta da Barradinha (Vila Franca de Xira), cenário pouco nítido em Santarém³⁸¹⁰ e na Azeitada (Almeirim) que já estariam em depressão aquisitiva nos finais do séc. I d.C.

Em competição com La Rioja e La Graufesenque, as primeiras importações de Andújar terão atingido igualmente a região durante a dinastia dos Flávios. Neste período os níveis de consumo aferidos a partir das curvas das “marcas de oleiro” decaem face às décadas precedentes. Os NMIs de Andújar, mesmo que lhes juntemos os seguramente riojanos do século II d.C., indicação fornecida pelos recipientes decorados³⁸¹¹, não compensam a vitalidade aquisitiva registada entre os finais dos principados de Cláudio e de Domiciano.

Neste âmbito cronológico as “marcas de oleiro” autorizam ainda afirmar da continuidade da importação pelos sítios de recipientes hispanos ao longo do século II d.C., mas a expressão do fenómeno através das “marcas de oleiro” representa um

³⁸⁰³ M. Bustamante Álvarez, 2009.

³⁸⁰⁴ R. Morais, 2005.

³⁸⁰⁵ A. Alarcão, 1975b.

³⁸⁰⁶ Conf. Anexo II.

³⁸⁰⁷ J.C. Quaresma, 2009.

³⁸⁰⁸ I. Ribeiro, 2010.

³⁸⁰⁹ L.F. Dias, 1997.

³⁸¹⁰ C. Viegas, 2003a.

³⁸¹¹ Idem e I. Ribeiro, 2010.

quadro de declínio acentuado, constituindo uma expressão enganadora por razões de perda de hábito epigráfico nas *officinae*, tendo de certeza decorrido de forma mais progressiva e gradual. A segunda centúria equivalerá todavia, desde as suas décadas iniciais, a um momento que José Carlos Quaresma caracterizou de forma sólida para vastas regiões do Ocidente do Império através de uma multiplicidade de observações de dados estratigráficos³⁸¹². Tendo coletado igualmente a informação de preços constante dos textos, invocando as indicações das datações dos naufrágios mediterrânicos e das indicações da economia monetária, compaginou os elementos mais do que suficientes para desenhar de forma muito consistente uma conjuntura depressionária com abrandamento da economia entre Trajano e Adriano, com processos deflacionários crescentes³⁸¹³.

O arrefecimento da economia no início dos Antoninos espelha-se no registo da *terra sigillata* da “Península de Lisboa”, tendo a quebra de consumo sido causada também por motivações de índole cultural cujos fundamentos não conseguimos perceber ainda, baixa aquisitiva de loiça de mesa que se dá quando as produções africanas estão em fase de afirmação. Esta “loiça anónima”, porque não marcada, à medida que o século III d.C. avança encaminha-se para elaborações oleiras com outras características, vingando os recipientes de maior dimensão, de onde se infere a emergência de novas formas de estar à mesa que exigem este tipo de recipientes, uma partilha gregária dos alimentos.

³⁸¹² J.C. Quaresma, 2009, p. 434 e segs.

³⁸¹³ Idem, p.429.

10. Bibliografia.

AAVV (1981)- *Arqueologia no Vale do Tejo*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.

AAVV (1983)- *Monografia: Terra Sigillata Hispánica*, Separata de *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional (col. *Monografías*, n.º 2).

AAVV (1998)- *Atlas de Lisboa e Vale do Tejo*. Lisboa: Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo, Universidade Nova de Lisboa, Departamento de Geografia e Planeamento Regional.

AAVV (2001)- *Urban Archaeology in Europe*. Bruxelas: Conselho da Europa.

AAVV (2003)- *O Porto das Mil Idades (Catálogo)*. Porto: Câmara Municipal do Porto.

ALARCÃO, Adília M. (1958)- «*Sigillata Hispânica em Museus do Norte de Portugal*», Separata da *Revista de Guimarães*, n.º 68. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

ALARCÃO, Adília M. (1966)- “Bref aperçu sur la céramique romaine trouvée à Bracara Augusta (Portugal)”, in *Rei Cretariae Romanum Fautorum Acta*, n.º 8. S/l: Rei Cretariae Romanae Fautorum, p. 45 - 50.

ALARCÃO, A.M.; ALARCÃO, J. (1967)- “Achados na Vila Romana de Cardílio (Torres Novas)”, in *Arquivo de Beja*, 23-24. Beja: Câmara Municipal de Beja, p. 292-320.

ALARCÃO, Adília M. (1970)- “Um cálice de *Terra Sigillata* da oficina de C. Annius (filial na obra de Rasinius)”, in *Conimbriga*, vol. IX. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p.1 - 6.

ALARCÃO, Adília M. (1971a) - “A Terra Sigillata Itálica em Portugal”, in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, 2º vol. Coimbra: Junta Nacional da Educação, p. 421 - 432.

ALARCÃO, Adília M. (1971b) - “«Terra Sigillata» do Museu Machado de Castro”, in *Conimbriga*, vol. X. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p.1 -3 4.

ALARCÃO, Adília M. (1974)- “Um cálice da oficina de Rasinius (Paço Ducal de Vila Viçosa)”, in *Conimbriga*, vol.XIII. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 33 - 40.

ALARCÃO, Adília M. (1975a)- “Les Sigillées Italiques“, in ÉTIENNE, Robert ; ALARCÃO, Jorge (Dir.)- *Fouilles de Conimbriga*, vol. IV, *Les Sigillées*. Paris: E. De Boccard, p. 3- 66.

ALARCÃO, Adília M. (1975b) – “Les Sigillées Sud-Galliques“, in ÉTIENNE, Robert ; ALARCÃO, Jorge (Dir.)- *Fouilles de Conimbriga*, vol. IV, *Les Sigillées*. Paris: E. De Boccard, p. 69-149.

ALARCÃO, Adília M. e ALARCÃO, Jorge de (Dir.) (1975) - *A propos des céramiques de Conimbriga (Table Ronde tenue à Conimbriga les 25-27 mars 1975)*, in *Conimbriga*, vol. XIV. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 5 - 165.

ALARCÃO, Adília M.; MAYET, Françoise (Eds.) (1990)- *Ânforas Lusitanas. Tipologia, produção, comércio*. Actas das Jornadas de estudo. (Conimbriga 1988). Coimbra, Paris: Museu Monográfico de Conímbriga.

ALARCÃO, Adília M. (1983) – “Os métodos de investigação laboratorial e o estudo da T.S.H. “, in *Monografia: Terra Sigillata Hispánica*, Separata de *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*, Monografías, Tomo1, nº 2. Madrid: Museo Arqueológico Nacional, p. 141-145.

ALARCÃO, Jorge de; ALARCÃO, Adília M.. (1966)- “O espólio da necrópole da Valdoca“, in *Conimbriga*, vol. V. Coimbra : Instituto de Arqueologia, p. 7-104.

ALARCÃO, Jorge de (1974)- “A necrópole do Monte do Farrobo (Aljustrel)“, in *Conimbriga*, vol. XIII. Coimbra : Instituto de Arqueologia, p. 1- 27.

ALARCÃO, Jorge de (1988b)- *Roman Portugal*, vol.II, *Gazeteer (Inventário)*, Fasc.2, 3. Coimbra 5. Lisboa. Warminster: Aris & Phillips.

ALARCÃO, Jorge de (1990) (dir.)- “O Domínio Romano”, in MARQUES, A.H. de Oliveira; SERRÃO, Joel (Dir.)- *Nova História de Portugal*, vol. I, *Portugal das Origens à Romanização*. Lisboa: Editorial Presença. p. 342 - 441.

ALARCÃO, Jorge de; ÉTIENNE, Robert; MAYET, Françoise (1990)- *Les villas romaines de São Cucufate*. Paris: E. de Boccard.

ALARCÃO, Jorge de (1991) – *O Domínio Romano em Portugal*. Mem Martins: Publicações Europa-América (Col. *Forum da História*).

ALARCÃO, J. (1992)- “A cidade Romana em Portugal. Renovação Urbana em Portugal na Época Romana“, in *Cidades e a História (Ciclo de conferências promovido pelo Serviço de Belas-Artes em Novembro de 1987)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Belas-Artes, p. 73-127.

ALARCÃO, Jorge de (1994)- “Lisboa romana e visigótica”, in *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Eleta, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa ´94, p. 58 - 63.

ALARCÃO, Jorge de (1995)- *O Domínio Romano em Portugal* (3.ª Ed.). Mem Martins: Editorial Europa-América (Col. *Forum da História*, n.º1).

ALARCÃO, Jorge de (1998)- “Paisagem romana e alto-medieval em Portugal”, in *Conimbriga*, vol. XXXVII. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 89 - 119.

ALARCÃO, Jorge de (2002)- in “Scallabis e o seu território”, in ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; ALMEIDA, Maria José (Dir.)- *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: , Museu Nacional de Arqueologia, p. 37 -46.

ALARCÃO, Jorge de (2004)- “Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia-I”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7, fasc. 1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 317 - 342.

ALARCÃO, Jorge de (2005a)- “Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia-III”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 8, fasc. 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 295 - 296.

ALARCÃO, Jorge (2005b)- “As cidades da Lusitânia: imagens de um processo cultural”, in NOGALES BESARRATE, Trinidad (Ed.)- *Augusta Emerita, Territorios, Espacios Imágenes y Gentes en Lusitania*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (col. *Monografías Emeritenses*, n.º 8), p. 259 - 274.

ALARCÃO, Jorge de (2010)- “A costa portuguesa em Artemidoro”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 13. Lisboa: Igespar, I.P., p. 107 - 123.

ALARCÃO, Jorge de; CARVALHO, Pedro C.; GONÇALVES, Ana (Coord.) (2010)- *Castelo da Lousa - Intervenções arqueológicas de 1997 a 2002*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, Junta de Extremadura (Col. *Stvdia Lvsitana*, n.º 5).

ALBA CALZADO, Miguel (2001)- “Caraterísticas del viário urbano de Emerita entre los siglos I y VIII d.C.”, in *Memorias. Excavaciones Arqueológicas de Mérida (1999)*, vol. 5. Mérida: Fundación Mérida Ciudad Monumental, p. 397 - 423.

ALBIACH, R.; MARÍN, C.; PASCUAL, G.; PIÀ, J.; RIBERA, A.; ROSSELLÓ, M.; SANCHIS, A. (1998) – “La cerámica de época de Augusto procedente del relleno de un pozo de Valentia (Hispania Tarraconensis)”, in *Ates du Congrès d'Istres (21-24 de Mai 1998)*. Istres: Société Française pour d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p.139- 166.

ALBRECHT, Cristoph; BAUM, Albert; REGLING, Kurt; OXÉ, August (1938)- *Das Römerlager in Oberaden und das uferkastell in Beckinghausen an der Lippe*,. Dortmund: Fr. Wilhem Ruhfus (col. *Veröffentlichungen aus dem Städt Museum vor-und frühgeschichte Dortmund*, Bd. II).

ALLISON, Penelope M. (Ed.) (1999)- *The Archaeology of household ativities*. Londres e Nova Iorque: Routledge.

ALLISON, Penelope M. (1999)- “Labels for ladles: Interpreting the material culture of Roman households”, in ALLISON, Penelope M. (Ed.)- *The Archaeology of household ativities*, Londres e Nova Iorque: Routledge, p. 57 - 77.

ALLISON, Penelope. M. (2010)- “Understanding Pompeian households practices through their material culture”, in *Fata. A Journal of Roman Material Culture Studies*, n.º 3, 2009. Pisa, Roma: p. 11-33.

ALMEIDA, D. Fernando de (1966)- “Notícias sobre o teatro de Nero, em Lisboa”, in *Lucerna*, vol. 5, *Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia (Porto, 4 a 6 de Junho de 1965)*. Porto: Instituto de Alta Cultura, p. 561 - 571.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1981)- “A necrópole galaico-romana de Vila do Conde”, in *Revista da Faculdade de Letras*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 209 - 221.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de e Santos, Eugénio dos (1971)- “O Castro de Fiães”, in *Revista da Faculdade de Letras*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p.162 - 179.

ALMEIDA, Maria José de; SOUSA, Ana Catarina (1996)- “O povoamento rural romano no concelho de Mafra” in *Boletim Cultural-Mafra*, 1995. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, p. 205 - 214.

ALMEIDA, Rui Roberto de (2008)- *Las ánforas del Guadalquivir en Scallabis (Santarém, Portugal). Una aportación al conocimiento de los tipos minoritarios*. Barcelona: Universitat de Barcelona (*Col.lecció Instrumenta*, n.º 28).

ALVES, Francisco Soares; REINER, Francisco; ALMEIDA, Mário J.R; VERÍSSIMO, Luís (1988-1989)- “Os cepos de âncora em chumbo descobertos em águas portuguesas – contribuição para uma reflexão sobre a navegação ao longo da costa atlântica da Península Ibérica na Antiguidade”, in *O Arqueólogo Português*, IV Série, n.ºs 6/7. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 109-185.

AMARO, Clementino (1982) – “Casa dos Bicos. Notícia histórico-arqueológica”, in *Arqueologia*, n.º 6. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, p. 96 - 111.

AMARO, Clementino (1983)- “A Casa dos Bicos – Exposição de Arqueologia na Poética Renascentista”, in *Almadan*, n.º1. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 3 - 5.

AMARO, Clementino (1990)- “Olaria romana da Garrocheira, Benavente”, in ALARCÃO, Adília; MAYET, Françoise (Eds.)- *Ânforas Lusitanas. Tipologia, produção, comércio*. Actas das Jornadas de estudo. (Conimbriga 1988). Coimbra, Paris: Museu Monográfico de Conimbriga, p. 87 - 95.

AMARO, Clementino (1994a)- “A Indústria Conserveira na Lisboa Romana”, in *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa '94, Eleta, p. 69 - 74.

AMARO Clementino (1994b)-“A Casa dos Bicos: Sítio com dois milénios de história”, in *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa'94, Eleta, Lisboa, p. 110 - 111.

AMARO, Clementino (1995) (Dir.)- *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Fundação do Banco Comercial Português.

AMARO Clementino (1995)- “Urbanismo Tardo-Romano no Claustro da Sé de Lisboa”, in *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica (Lisboa, 28-30 de Setembro / 1-2 de Outubro de 1992)*,. Barcelona: Institut D'Estudis Catalans, Universitat de Barcelona, Universidade Nova de Lisboa (Col. *Monografies de la Secció Històrico-Arqueològica*, IV), p. 337 - 342.

AMORES, Fernando; KEAY, Simon J. (1999)- “Las Sigillatas de Imitación Tipo Peñaflor o una Serie de Hispánicas Precoces“, in ROCA ROUMÉNS, MRNANDEZ GARCÍA, Maria Isabel (Dir.)- *Sigillata Hispánica: Centros de fabricación y producciones altoimperiales- Homenáge a M^a Ángeles Mezquíriz*. Málaga: Universidad de Málaga, p. 235-252.

ANDERSON, A.C.; ANDERSON, A.S. (Eds.) (1981)- *Roman pottery research in Britain and north-west Europe: papers presented to Graham Webster*. Oxford: Council for British Archaeology (Col. *British Archaeological Reports, International Series*, n.º 123).

ANDRADE, Ester Liebermann Paiva de; ANDRADE, Luís António Neves Paiva de (1974-77)- “A estação romana da Senhora do Pilar (Algoz)”, in *O Arqueólogo Português*, III Série, vol.VII a IX. Lisboa: Direcção Geral do Património Cultural, p. 407 - 415.

ANTUNES, Ana Sofia (2000)- “Vidros romanos da Alcáçova de Santarém”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, n.º 3, fasc. 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 153 - 199.

AQUILÉ, A.J. (1987) – *Las cerámicas africanas de la ciudad romana de Baetulo (Hispania Tarraconensis)*. Londres, Council for British Archaeology, (Col. *British Archaeological Reports, International Series*, n.º137).

AQUILUÉ ABADÍAS, X.; GARCÍA ROSELLÓ, J.; GUITART DURAN, J. (Coord.) (2000)- *La ceràmica de vernís negre dels segles II i I aC: Centres productors mediterranis I comercialització a la Península Ibèrica. Taula rodona. (Empúries 1998)*. Mataró: Museu de Mataró, Museu de Catalunya (Empúries), Universitat Autònoma de Barcelona.

ARCE, Javier (1981)- “Inestabilidad política en *Hispania* durante el siglo II d.C.”, in *Archivo Español de Archeología*, n.º 54. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 110 - 111.

ARCE, Javier (1984)- *Caesaraugusta, ciudad romana*. . Saragoça: Guara Editorial (Col. *Básica Aragonesa*, n.º6).

ARCELIN, Patrick; TUFFREAU-LIBRE, M. (Dir.) (1998)- *La quantification des céramiques. Conditions et protocole. Ates de la table ronde du Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray (Glux-en-Glenne, 7-9 avril 1998)*. Glux-en-Glenne : Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray (*Colletion Bibrat*, n.º 2).

ARMANI, Sabine; MARTINEAU, Sabine; STYLOW, Armin (Eds.) (2003)- *Epigrafia y Sociedad en Hispania durante el Alto Imperio: estructuras y relaciones sociales*. Alcalá, Madrid: Universidad de Alcalá, Casa de Velázquez (*Ata Antiqua Complutensia*, IV).

ARMS, John H.D´ (1980)- “Sennators in commerce involvment in the Late Republic: some Ciceronian evidence“, in *The Seaborne Commerce of Ancient Rome: Studies in*

Archaeology and History. Rome: American Academy in Rome (Col. *Memoirs of the American Academy in Rome*, vol. 36), p. 77 - 89.

ARRUDA, Ana Margarida; DIAS, Ana Carvalho (1985)- "O sítio romano-árabe de Lezíria: 1. *A terra sigillata* itálica e sud-gálica", in *Conimbriga*, vol. XXIV. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 111 - 125.

ARRUDA, Ana Margarida (1993)- "A conquista", in *História de Portugal dos tempos Pré-Históricos aos nossos dias*, vol. II, *O mundo luso-romano*. Alfragide: Ediclube, p. 161-178.

ARRUDA, Ana Margarida (1994)- "A Península de Lisboa entre o Norte atlântico e o Oriente mediterrânico nos inícios do Iº. Milénio a.C.", in *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Eleta, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa '94, p. 52 - 57.

ARRUDA, Ana Margarida e Almeida, Rui Roberto de (1998)- "As ânforas da Classe 32 da Alcáçova de Santarém (Campanhas 1983 - 1991)", in *Conimbriga*, n.º XXXVII. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 201 - 231.

ARRUDA, Ana Margarida; ALMEIDA, Rui Roberto de (1999)- "Importações de vinho itálico para o território português: contextos, cronologias e significado", in *Économie et territoire en Lusitanie Romaine*. Madrid: Casa de Velásquez, p.307-337.

ARRUDA, Ana Margarida (1999-2000)- *Los Fenícios en Portugal, Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra (Col. *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, n.º 5-6).

ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina (2000)- "A roman temple in Scallabis (Santarém, Portugal): architecture and historical context", in *Proceedings of the XVth International Congress of Classical archaeology..* Amsterdam: Allard Pierson Museum, (Allard Pierson Series, n.º 12), p. 58-60.

ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; ALMEIDA, Maria José (Dir..) (2002)- *De Scallabis a Santarém*. Lisboa:, Museu Nacional de Arqueologia.

ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina (2002b)- "A Cerâmica de Engobe Vermelho Pompeiano na Alcáçova de Santarém", in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 5, n.º 1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 221 - 238.

ARRUDA, Ana Margarida e Sousa, Elisa de (2003)- "Cerâmica de paredes finas da Alcáçova de Santarém", in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6, n.º 1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 235 - 286.

ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina (2004)- "Les mortiers de l' Alcáçova de Santarém", in *Ates Congrès de Vallauris*. Marselha: Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 341-349.

ARRUDA, Ana Margarida (2005a)- "*Eburobrittium/Scallabis*: que proximidade entre duas civitates vizinhas", in *Actas do Congresso «A Presença Romana na Região Oeste»*. Bombarral: Câmara Municipal, Museu Municipal do Bombarral, p. 25 - 29.

ARRUDA, Ana Margarida (2005b)- “O 1º milénio a.n.e. no Centro e Sul de Portugal: leituras possíveis de um novo século”, in *O Arqueólogo Português*, IV Série, n.º 23. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 9 - 156.

ARRUDA, Ana Margarida (2005c)- “A Idade do Ferro em Portugal: leituras de Jorge de ALARCÃO”, in LOPES, Maria da Conceição e VILAÇA, Raquel (Dir.)- *O Passado em cena: narrativas e fragmentos. Miscelânea oferecida a Jorge de ALARCÃO*. Coimbra- Porto: Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, p. 75 - 98.

ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; BARGÃO, Patricia (2005)- “As Ânforas da Bética costeira da Alcaçova de Santarém”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.8. n.º1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 279 - 297.

ARRUDA, Ana Margarida (2008)- “Monte Molião (Lagos): resultados de um projeto em curso”, in *Xelb*, n.º 8, *Actas do 5º encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007)*, vol. I. Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 137 - 168.

ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa; LOURENÇO, Pedro (2010)- “A necrópole romana do Monte Molião (Lagos)”, in *Xelb*, n.º 10, *Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 22-24 de Outubro de 2009)*. Silves: Câmara Municipal de Silves, Museu Municipal, p. 267 - 283.

ATKINSON, D. (1914)- “A hoard of Samian Ware from Pompeii”, in *The Journal of Roman Studies*, vol. 4, part 1. Londres: Society for Promotion of Roman Studies, p. 27 - 64.

ÁTRIAN JORDÁN, Purificación (1958)- “Estudio sobre un alfar de terra sigillata hispánica”, in *Revista Arqueológica de Teruel*, n.º XIX. Teruel: p. 87 - 172.

AZEVEDO, Maria Teresa M. (2004)- “As mudanças de percurso do Tejo nos tempos modernos. Causas naturais e antrópicas”, in TAVARES, António Augusto; TAVARES, Maria José Ferro; CARDOSO, João Luís (Ed.)- *Evolução geohistórica do Litoral Português e Fenómenos Correlativos Geologia, História, Arqueologia e Climatologia* Actas. Lisboa: Universidade Aberta, p. 517 - 567.

BAATZ, Dietwulf (1973)- *Kastell Hesselbach und andere Forschungen am Odenwaldlimes*. Berlin: Gebr. Mann (Col. *Limesforschungen*, Band 12).

BALFET, Hélène F.; FAUVET-BERTHELOT, Marie F.; MONZON, Susanne (1983)- *Pour la normalisation de la description des poteries*. Paris: Centre National Pour La Recherche Scientifique.

BALIL, A., LUENGO, M.L., MUÑOZ, M. (1992)- “1.1. Terra Sigillata Itálica”, in *Arcóbriga II- Las Cerámicas Romanas*. Saragoça: Intitución Fernando El Catolico, p7-14.

BALTAZAR, Luís (1985)- “Marcas de Oleiro em «Terra Sigillata» de Tróia (Setúbal) “, in *Almadan*, n.º 4-5. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p.14-16.

BANG, Peter Fibiger (2007)- “Trade and Empire- in search of organizing concepts for the Roman Economy”, in *Past and Present*, n.º 195. Oxford: The Past and Present Society, p. 3 - 54.

BANHA, Carlos Manuel Santos (1991-1992)- “As ânforas da *Villa Romana de Povos*”, in *Boletim Cultural CIRA*, n.º 5. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 50 - 90.

BAPTISTA, Joaquim (1998)- Carta arqueológica da freguesia de Idanha-a-Velha, in *Vila Velha de Rodão*, n.º 17. Vila Velha de Rodão: Câmara Municipal de Vila Velha de Rodão, p. 1 - 116.

BARBOSA, Ernâni (1970)- “Notícia de alguns achados romanos no concelho de Alenquer”, in *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 15 a 20 de Dezembro de 1958)*, vol. II. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, p. 27 - 33.

BARBOSA, Pedro Gomes (1992)- *Povoamento e estrutura agrícola na Estremadura Central*. Lisboa : Instituto Nacional de Investigação Científica.

BARGÃO, Patrícia (2008)- Intervenção arqueológica de emergência na Rua do Monte Molião: resultados preliminares”, in *Xelb*, n.º 8, *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007)*, vol. I, *Comunicações e conferências*. Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 169 – 189.

BARRIENTOS VERA, T. (2000) –“Intervención arqueológica en la esquina de las calles Francisco Almaraz y Forner y Segarra. Nuevos datos del viário romano en la zona Norte”, in *Memorias. Excavaciones Arqueológicas de Mérida (1998)*, vol. 4. Mérida: Fundación Mérida Ciudad Monumental, p. 59 - 81.

BARROS, Luís; AMARO, Clementino (1985)- “Fábrica de salga de peixe em Cacilhas. Achegas para o seu conhecimento”, in *Al-madan*, n.º4-5. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 33 - 34.

BARROS, Luís (1994) -“Fábrica romana de salga de peixe de Almada”, in *Informação Arqueológica*, n.º 9. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, p.136 - 138.

BARROS, Luís; CARDOSO, João Luís; SABROSA, Armando (1993)- “Fenícios na margem sul do Tejo”, in *Estudos Orientais*, vol. IV, *Actas do Encontro «Os Fenícios no território português»*. Lisboa: Instituto Oriental, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p. 143 - 181.

BARROS, Luís e HENRIQUES, Francisco (2000)- “A última fase de ocupação do Almaraz”, in *Actas do 3º Encontro de Arqueologia Urbana (Almada, 20 a 30 de Fevereiro de 1997)*. Almada: Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus (Col. *Monografias-Arqueologia*), p. 97 - 107.

BEIRÃO, Caetano de Melo (1986)- *Une civilisation Protohistorique du Sud du Portugal - 1er Age du Fer*. Paris: Diffusion de Bocard.

BELTRÁN LLORIS, Miguel (1990) - *Guia de la cerámica romana*. Saragoça: Pórtico.

BÉMONT, Colette (1976)- *Recherches Methodologiques sur la Céramique Sigillée. Les vases estampillés de Glanum*. Roma: École Française de Rome (Col. *Études de l'École Française de Rome*, n.º 125).

BÉMONT, Colette (1986)- “Pour un bilan des recherches récentes“, in BÉMONT, C. ; JACOB, J.-P. (Dir.)- *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: implantations, produits, relations*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme (Col. *Documents D'Archéologie Française*, n.º 6), p. 13 - 15.

BÉMONT, Colette.; JACOB, Jean-Paul (Dir.) (1986)- *La terre sigillée gallo-romaine*. Paris: Centre National pour la Recherche Scientifique (Col. *Documents d'Archéologie Française*, n.º 6).

BERGAMINI, Margherita (2003)- “Una prodizione firmata Marcus Perennius Crescens a Scoppieto”, in *Rei Cretariae Romane Fautorum Ata*, n.º 38. Abingdon: *Rei Cretariae Romane Fautorum*, p. 133 - 144.

BERGÈS, Gabrielle (1989)- *Les lampes de Montans (Tarn) : une production céramique des 1º at 2º s. ap. J.-C. : modes de fabrication, typologie et chronologie*. Paris: Maison de les Sciences de l'Homme (Col. *Documents d'Archéologie Française*, n.º 21).

BERNAL CASASOLA, Darío; LAGÓSTENA BARRIOS, Lázaro (Eds.) (2004)- *Figlinae baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la bética romana*. *Actas del Congreso Internacional (Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003)*. Cádiz: Universidad de Cadiz (Col. *British Archaeological Reports, International Series*, n.º 1266).

BERNAL CASASOLA, Darío; RIBERA I LACOMBA, Albert (Eds.) (2008)- *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz: Universidade de Cádiz.

BERNAL CASASOLA, Darío (Ed.) (2009a)- *Arqueología de la pesca en el Estrecho de Gibraltar. De la Prehistoria al fin del Mundo Antiguo*. Cádiz: Universidad de Cádiz.

BERNAL CASASOLA, Darío (2009b)- “Roma y la pesca de ballenas. Evidencias en el *Fretum Gaditanum*”, in BERNAL CASASOLA, Darío (Ed.)- *Arqueología de la pesca en el Estrecho de Gibraltar. De la Prehistoria al fin del Mundo Antiguo*. Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 259 - 285.

BERNAL CASASOLA, Darío; MUÑOZ, A.; GARCÍA, Isabel; BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; SÁEZ ROMERO, António (2011)- “*Baelo Claudia*”, in REMOLÁ, J.-A.; ACERO, Jesús (Eds.)- *La gestión de los Resíduos en Hispania. In memoriam Xavier Dupré Raventós*. Madrid/Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Col. *Anejos de Archivo Español de Arqueología*, vol. LX), p. 65 - 92.

BET, Philippe; VERTET, H. (1986)- “Centre de Production de Lezoux”, in *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: implantations, produits, relations*, Paris, Maison des Sciences de l'Homme, *Documents D'Archéologie Française*, 6, pp. 138-145.

BET, Philippe ; DELAGE, Raimon; VERNHET, Alain (1994)- “Lezoux et Millau. Confrontation d’idées et de données“, in *Ates du Colloque de Millau (Millau 1994)*, Millau : Société Française pour l’Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 19 - 42.

BIDDULPH, Edward (2008)- “Form and function: the experimental use of Roman Samian Ware cups”, in *Oxford Journal of Archaeology*, vol. 27, fasc.1. Oxford: Bidwell Publishing, Ltd., 91 -100.

BIRD, Joanna; GRAHAM, A.H.; SHELDON, J.; TOWNSEND, P (Eds.) (1986)- *Southwark Excavations 1972-1974*. London and Middlesex Archaeological Society, Surrey Archaeological Society (Col. *Joint Publications*, n.º 1).

BIRD, Joanna (Ed.) (1996)- *Form and fabric. Studies in Rome’s material past in honour of B. R. Hartley*. Oxford: Oxbow (Col. *Oxbow Monograph*, n.º 80)

BIRD, Joanna (Dir.) (2011)- *Dating and interpreting the past in the Western Roman Empire- Essays in honour of Brenda Dickinson*. Oxford: Oxbow Books.

BLANCO GARCÍA, Juan Francisco; JUAN TÓVAR, Luis Carlos (1996)- “Acerca de M.C.R. y otros alfareros hispánicos: marcas y grafitos em terra sigillata de Cauca (Coca, Segovia)”, in *Revista de la Asociación Española de los Amigos de la Arqueología*, n.º 36. Madrid: p. 147 - 155.

BLONDIN, Roland (1977)- Le toponyme *Conimbriga*”, in *Conimbriga*, vol. XVI. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p.145 - 159.

BLOT, Jean-Yves; DIOGO, António M. Dias; ALMEIDA, Miguel; RUSSO, J. (2005)- “O Sítio dos Cortiçais: naufrágio de período romano na costa Sul de Peniche, in *Al-Madan*, II série, n.º 13. Almada: p. 5.

BLOT, Maria Luísa B.H. Pinheiro (2003)- *Os portos na origem dos centros urbanos, Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Col. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 28).

BOCQUET, A.; PICON, M. (1994)- “La Graufesenque et les autres ateliers de la Gaule du Sud: problèmes d’analyses et de techniques”, in *Ates du Colloque de Millau (Millau 1994)*, Millau: Société Française pour l’Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 75 - 82.

BONIFAY, Michel (2004)- *Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique*. Oxford: Archaeopress (Col. *British Archaeological Reports, International Series*, n.º1301).

BOWMAN, Alan; WILSON, Andrew (2009)- *Quantifying the Roman Economy: Methods and Problems*. Oxford: Oxford University Press (Col. *Oxford Studies on the Roman Economy*).

BOUBE, Jean (1965)- *La Terra Sigillata Hispanique en Maurétanie Tingitane 1- Les marques de potiers*. Rabat: Direction des Musées et Antiquités du Maroc (Col. *Études et Travaux d'Archéologie Marocaine*, I).

BOUBE, Jean (1966)- “Le *terra sigillata* hispanique en Maurétanie Tingitane: supplément au catalogue des marques de potiers”, in *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, n.º 6. Rabat: Direction des Musées et Antiquités du Maroc, p. 116 - 143.

BOUBE, Jean (1968-1972)- “Le *terra sigillata* hispanique en Maurétanie Tingitane : supplément II au catalogue des marques de potiers”, in *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, n.º 8. Rabat: Direction des Musées et Antiquités du Maroc, p. 67 - 108.

BOURGEOIS, André; MAYET, Françoise (1991)- *Belo VI - Les Sigillées - Fouilles de Belo*. Madrid: Casa de Velásquez (*Collection de La Casa de Velásquez*), n.º 34, *Archéologie*, n.º 14).

BRANCO, Fernando Castelo (1961)- “Problemas da Lisboa Romana. Vestígios de um cais ou de uma necrópole? “, in *Revista Municipal*, n.º 91. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 61–75.

BRANDÃO, D.Domingos de Pinho (1972)- “Epigrafia romana coliponense”, in *Conimbriga*, vol. XI. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 41 - 192.

BRANDO, Massimo (2008)– “Samia vasa”, in FILIPPI, Fedora (Dir.)- *Horti et Sordes: uno scavo alle falde del Gianicolo (Roma)*. Roma: Ed. Quazar, p. 127 - 174.

BRAZUNA, Sandra; COELHO, Manuela (2012)- “a Villa das Almoinhas (Loures). Trabalhos arqueológicos de diagnóstico e minimização”, in *Actas da Mesa Redonda «De Olisipo a Scallabis»- A rede viária romana no Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 134 - 156.

BRITO, Raquel Soeiro de (Dir.) (1994)- *Portugal, Perfil Geográfico*. Lisboa: Ed. Estampa.

BROWN, F.E. (1980)- *Cosa: The making of a Roman Town*. Michigan: Ann Arbor.

BRUNT, P.A. (1971)- *Italian Manpower 225 B.C.-A.D. 14*. Oxford: Oxford University Press.

BUGALHÃO, J. (2001)- *A Indústria Romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Col. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 15).

BUGALHÃO, Jacinta (2003), “Mandarim Chinês, Lisboa-Contextos Romanos”, in *Actas do Quarto Encontro de Arqueologia Urbana (Amadora, 10 a 12 de Novembro de 2000)*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora, Museu Municipal de Arqueologia, ARQA, p. 127 - 146.

BUGALHÃO, Jacinta; LOURENÇO, Sandra (2006) “As ânforas romanas da Ilha da Berlenga”, in *Setúbal Arqueológica*, vol.13, *Actas do Simpósio Internacional de*

Produção e Comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 279 - 294.

BUGALHÃO, Jacinta; FOLGADO, Deolinda (2007)- “O arrabalde ocidental da Lisboa Islâmica: urbanismo e produção oleira“, in *Arqueologia Medieval*, nº 7, Colóquio «Lisboa, Encruzilhada de Muçulmanos, Judeus e Cristãos. 850º Aniversário da Reconquista de Lisboa». Porto: Campo Arqueológico de Mértola, Ed.Afrontamento, p. 115 - 145.

BUGALHÃO, Jacinta; LOURENÇO, Sandra (no prelo), “A Ocupação Romana da Ilha Berlenga“, in *Actas do Simpósio – A costa portuguesa no panorama da rota atlântica durante a época romana* (16-18 Novembro de 2006). Peniche: Câmara Municipal de Peniche.

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; ARROYO-SÁNCHEZ, D. Martín (2004)- “La producción de ánforas greco-italicas de imitación y su evolución en la bahía gaditana durante el siglo II a.C.: los contextos de la Avenida Pery Junquera en San Fernando (Cádiz)”, in *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres, Alfareros y Producciones Cerámicas en la Baetica Romana (ss.II a.C.-VII d.C.)*. Oxford: Council for British Archaeology, Universidad de Cádiz (Col. *British Archaeological Reports, International Series*, n.º 1266), p. 441 - 446.

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; BELLO RODRIGO, J.R. (2007)- “La corriente imitativa cerámica de los alfares de Augusta Emerita: el caso concreto de los atramentaria”, in *Merida: excavaciones arqueológicas*, n.º10. Mérida: p. 523 - 539.

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena (2008)- “Cerámica y poder: papel de la *terra sigillata* en la política romana”, in *Anales de Arqueología Cordobesa*, n.º 19. Córdoba: Universidad de Córdoba, p. 183 - 200.

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; HUGUET ENGUITA, Esperanza (2008)- Las cerámicas “Tipo Peñaflo”, in BERNAL CASASOLA, Darío; RIBERA I LACOMBA, Albert (Eds.)- *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz: Universidade de Cádiz, p. 297 - 306.

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena (2009a)- “La *terra sigillata* gálica en Augusta Emerita (Mérida, Badajoz)”, in *Saguntum- Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*, n.º 41. València: Universitat de Valencia, p. 149 - 174.

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena (2010b)- *El Comercio de Terra Sigillata altoimperial en el Circulo del Estrecho: Balance historiográfico y líneas de investigación*. Oxford: Archaeopress (Col. *British Archaeological Reports, International Series*, n.º 2148).

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; FAGA, Iluminata; HUGUET, Esperança; KRAJSEK, Jure; RAMÓN, Asunción; RIBERA, Albert; SALAVERT, Juan V.; SCHINDLER-KAUDELKA, Eleni (2011)- “Un contexto cerrado de mediados del siglo I d.C. de la Casa de Ariadna de Pompeya”, in *Ates du Congrès D’Arles*. Arles: S.C.E.F.A.G., p. 517 - 546.

BUXEDA I GARRIGÓS, Jaime; TUSET I BERTRAN, Fernando (1995) – “Revisió crítica de les bases cronològiques de la terra sigillata hispanica“, in *Pyrenae*, n.º 26, Barcelona: Universidad de Barcelona, p. 171-188.

BYRNE, Isabel (1993)- “A rede viária da zona Oeste do município olisiponense: Sintra e Mafra”, in *Al-madan*, II Série, n.º 2, Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 41-47.

CABRAL, João Pedro; CARDOSO, Guilherme; ENCARNANÇA, José D’; NIEUWENDAM, Lurdes (2002)- “Sondagens em Caparide“, in *Al-madan*, II Série, n.º 11. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 6.

CAEIRO, José Olívio (1977)- “Marcas de oleiro em «terra sigillata» itálica do Castelo das Guerras (Moura)“, in *Setúbal Arqueológica*, n.º 2-3. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 419 - 422.

CAEIRO, J.S. (1978) – A Sepultura nº 3 da Necrópole da Herdade do Reguengo (Vaiamonte), in *Setúbal Arqueológica*, n.º 4. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 203 - 210.

CAEIRO, José Olívio (1979)- “O espólio arqueológico da Herdade do Reguengo (Vaiamonte, Monforte)”, in *Conimbriga*, vol. XVIII. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 113 - 120.

CAETANO, Teresa (2006)- “Mosaicos Romanos de *Felicitas Iulia Olisipo* e seu *ager*”, in *Revista de História de Arte*, n.º 2. Lisboa: Instituto de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, p. 23 -35.

CALAIS, Cristina (1993-1994)- “Povos (Escola-Velha) - Vila Franca de Xira. Relatório dos trabalhos arqueológicos de campo (1990)”, in *Boletim Cultural CIRA*, n.º6. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p.50-62.

CAMODECA, Giuseppe (2005)- “Graffito com conto di informata di sigillata tardo-italica da Isola di Migliarino (Pisa)”, in MENCHELLI, Simonetta; PASQUINUCCI, Marinella (Dir..)- *Territorio e produzione ceramiche. Paisagi, economia e società in età romana* . Pisa: Edizioni Plus, Pisa University Press (Col. *Instrumenta*, n.º 2), p. 207 - 216.

CARDOSO, Guilherme (1991)- *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

CARDOSO, Guilherme (1992)- “Cetárias colocadas a descoberto em Cascais”, in *Al-madan*, II Série, n.º1. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 95.

CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (1996) - “O contexto oleiro de Muge na produção romana do médio e baixo Tejo”, in RAPOSO, Jorge; DUARTE, Ana Luída (Dir..)- *Ocupação romana dos estuários de Tejo e do Sado*. Lisboa/Seixal: Publicações Dom Quixote, Câmara Municipal do Seixal, p. 167 - 178.

CARDOSO, Guilherme; MARQUES, João Luís; RODRIGUES, Severino (1998)- “Forno romano de cerâmica descoberto em Peniche”, in *Al-madan*, II Série, n.º 7. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 178.

CARDOSO, Guilherme e ENCARNÇÃO, José D' (1999a)- “Notas sobre a ocupação proto-histórica na *Villa Romana de Freiria Norte*”, in *Revista de Guimarães, Volume Especial*, II. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, p.741 - 757.

CARDOSO, Guilherme e ENCARNÇÃO, José D' (1999b)- “Economia agrícola da região de *Olisipo*. O exemplo do lagar de azeite da *uilla romana de Freiria*”, in GORGES, Jean-Gérard; RODRÍGUEZ MARÍN, Francisco Germán (Eds.)- *Économie et territoire en Lusitanie Romaine*. Madrid, Casa de Velázquez (*Colletion de la Casa de Velázquez*, vol. 65), p. 391 – 401.

CARDOSO, Guilherme (2004)- “Acerca das comunicações no Sudoeste do *ager olisiponensis*”, in GORGES, Jean-Gérard; CERRILLO, Enrique; NOGALES BESARRATE, Trinidad (Dir.)- *V Mesa Redonda Internacional sobre Lvsitania Romana: Las Comunicaciones*. Cáceres: Museo Nacional de Arte Romano, Univerdidad de Extremadura, Casa de Velázquez, Université de Toulouse Le Mirail, p. 135 - 147.

CARDOSO, Guilherme e Rodrigues, Severino (2005)- “Olaria Romana do Morraçal da Ajuda (Peniche-Portugal)”, in *Actas do Congresso «A Presença Romana na Região Oeste»*. Bombarral: Câmara Municipal do Bombarral, Museu Municipal do Bombarral, p. 83 - 102.

CARDOSO, Guilherme; BATALHA, Luísa; MONTEIRO, Mário; RIBEIRO, Inês (2010)- *A Villa Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo*. Lisboa: Empresa Pública das Águas de Lisboa.

CARDOSO, João Luís (1990)- “A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo”, in *Estudos Orientais*, vol. I, *Actas do Encontro «Presenças orientalizantes em Portugal. Da Pré-História ao Período Romano»*. Lisboa: Instituto Oriental, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p. 119 - 133.

CARDOSO, João Luís; CARDOSO, Guilherme (1993)- *Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras*, in *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, n.º4. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, João Luís (1995)- “O Bronze Final e a Idade do Ferro na Região de Lisboa: Um ensaio”, in *Conimbriga*, vol. XXXIV. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 33 - 74.

CARDOSO, João Luís; CARREIRA, Júlio Roque (1997) – “Contribuição para o conhecimento da ocupação Pré-Histórica de Lisboa: os Materiais da Praça da Figueira”, in *Olisipo*, II Série, n.º 5. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa, p. 7-12.

CARDOSO, João Luís (2004)- *A Baixa Estrremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: um ensaio de história regional*, in *Estudos arqueológicos de Oeiras*, n.º 12. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, João Luís (2011)- *Arqueologia do Concelho de Oeiras do Paleolítico Inferior Arcaico ao séc. XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, João Luís e ALMAGRO-GORBEA, Martín (Eds.) (2011)- *LUCIUS CORNELIUS BOCCHUS- Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina (Colóquio Internacional de Tróia, 6-8 de Outubro de 2010)*. Madrid, Lisboa: Academia Portuguesa da História, Real Academia de la Historia (Col. *Archaeologia Hispanica, Bibliotheca Archaeologica Hispana*, n.º 37).

CARDOSO, João Luís; GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos (2011)- “Alguns aspetos da mineração romana na Estremadura e Alto Alentejo”, in CARDOSO, João Luís e ALMAGRO-GORBEA, Martín (Eds.)- *LUCIUS CORNELIUS BOCCHUS- Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina (Colóquio Internacional de Tróia, 6-8 de Outubro de 2010)*. Madrid, Lisboa: Academia Portuguesa da História, Real Academia de la Historia (Col. *Archaeologia Hispanica, Bibliotheca Archaeologica Hispana*, n.º 37), p. 169 - 188.

CARDOSO, Mário (1948)- *Citânia e Sabroso. Notícia Descritiva*. Guimarães: Sociedade de Martins Sarmento.

CARNEIRO, André (2004)- *O povoamento romano de Fronteira*. Fronteira: Ed. Colibri, Câmara Municipal de Fronteira.

CARNEIRO, André; ROCHA, Leonor; MORGADO, Paulo; OLIVEIRA, Jorge (Ed.) (2011)- *Arqueologia do Norte Alentejano. Comunicações das 3.ªs Jornadas*. Fronteira: Ed. Colibri, Câmara Municipal de Fronteira.

CARNEIRO, Sérgio Fiandeiro Guerra (2009)- “A Necrópole Romana do Largo das feriras em Chaves”, in *Revista Aquae Flaviae*, n.º 41, *Congresso Transfronteiriço de Arqueologia (Montalegre, Outubro de 2008)*. Chaves: p. 374 - 416.

CARREÑO GASCÓN, M.C. (1997)- *Marcas de alfarero sobre terra sigillata halladas en Lucus Augusti*. Lugo: Ediciós do Castro (Col. *Anejos de Larouco*, n.º 3).

CARRERAS MONFORT, César (1995-1996)- “A new perspective for the demography study of Roman Spain”, in *Revista de Arte, Historia e Arqueología*, n.º 2. Córdoba: Asociación Arte, Arqueología e Historia, p. 59 - 82.

CARRERAS MONFORT, César (1998)- “Britannia and the imports of Baetican and Lusitanian Amphorae”, in *Journal of Iberian Archaeology*, n.º 0. Porto: Adicap, p. 159-170.

CARRETERO VAQUERO, S. (2000)- *El Campamento romano del Ala II Flavia en Rosinos de Vidriales Zamora*. La Cerâmica. Santiago do Chile: Instituto de Estudios Zamoranos «Florián de Ocampo», Universidad SEK.

CARVALHO, António (1993)- “Romanização- a ocupação romana no concelho de Cascais”, in *História de Portugal* (Dir.. João Medina), vol. I. Lisboa: Ediclube, p. 325-330.

CARVALHO, António Faustino; ALMEIDA, Francisco J.N.S. (1996)- “Aspetos económicos da ocupação romana na foz do Tejo“, in RAPOSO, Jorge; DUARTE, Ana Luísa (Coord.)- *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado (Atas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado, Seixal, 1991)*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal e Publicações D.Quixote (Col. *Nova Enciclopédia*, n.º 54), p. 137 – 155.

CARVALHO, Pedro C. (1998b)- *O Fórum de Aeminium*. Maia: Instituto Português de Museus.

CARVALHO, Pedro C. (2004)- “Sobre o processo de identificação e classificação de sítios rurais no Portugal romano”, in LOPES, Maria da Conceição; VILAÇA, Raquel (Coord.)- *O Passado em cena: narrativas e fragmentos, Miscelânea oferecida a Jorge de ALARCÃO*. Coimbra e Porto: Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e do Porto, p.121- 140.

CARVALHO, Pedro C. (2009)- “O forum dos *Igaeditani* e os primeiros tempos da *ciuitas igaeditanorum* (Idanha-a-Velha, Portugal)“, in *Archivo Español de Arqueología*, n.º 82. Madrid: p. 115 - 131.

CARVALHO, Pedro C.; MORAIS, Rui (2010)- “Terra Sigillata de tipo itálico”, in ALARCÃO, Jorge de; CARVALHO, Pedro C.; GONÇALVES, Ana (Coord.)- *Castelo da Lousa - Intervenções arqueológicas de 1997 a 2002*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, Junta de Extremadura (Col. *Stvdia Lvsitana*, n.º 5), p.139-162.

CARVALHO, Teresa Pires de (1994)- “As marcas de oleiro da sigillata de Mozinho“, in *Cadernos de Arqueologia*, 2ª Série, n.ºs 10-11. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Museu D. Diogo de Sousa, p. 91 - 112.

CARVALHO, Teresa Pires de (1998a)- *A terra sigillata de Monte Mozinho (Contributo para a história económica do povoado, Dissertação apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1993 para obtenção do grau de Mestre em Arqueologia)*, in *Cadernos do Museu*, n.º 3, *Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida - II*. Penafiel: Museu Municipal de Penafiel.

CARVALHO, Teresa Pires de (1998b)- “A terra sigillata de Boelhe”, in *Cadernos do Museu*, n.º4, *Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida - III*. Penafiel: Museu Municipal, p. 63 - 78.

CARVALHO, Teresa Pires de (2002)- “Monte Mozinho: A Terra Sigillata recuperada do setor B”, in *Portugalia*, Nova Série, n.º 23. Porto: Universidade do Porto, p.117-154.

CARVALHO, Teresa Pires de (2008)- “As necrópoles de Monte Mozinho: resultados preliminares”, in *Oppidum*, número especial. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p. 83 - 113.

CASTELLANO CASTILLO, J.J. (2000)- ““La terra sigillata del área del anfiteatro romano de Carthago Nova“, in *Saguntum- Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*, n.º 32. Valência: Universitat de Valencia, Departament de Prehistòria i d’Arqueologia, p. 151 -168.

CASTILHO, Júlio de (1939)- *Lisboa Antiga. Segunda Parte- Bairros Orientais* (2ª Ed. Anotada por A.A. Vieira da Silva), vol. I. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

CENTENO, Rui M.S.; GARCÍA_BELLIDO, M.^a P. MORA, e G. (Dir.) (1999)- *Rutas, Ciudades y moneda en Hispania*,. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Col. *Anejos de Archivo Español de Arqueología*, n.º XX).

CHASE, G.Henry (1916)- *Catalogue of Arretine Pottery*. Boston: Museum of Fine Arts.

CIPRIANO, Silvia; MAZZOCCHIN, Stephania (Dir.); MAGGI, Paola; MARION, Yolande; MONDIN, Cristina (2005)- “La Villa romana di Loron: Le produzioni ceramiche“, in MENCHELLI, Simonetta Menchelli; PASQUINUCCI, Marinella (Dir.)- *Territorio e produzione ceramiche. Paisagi, economia e società in età romana*. Pisa: Edizioni Plus, Pisa University Press (Col. *Instrumenta*, n.º 2), p. 23 - 28.

CLADELLI, Maria Letizia; GREGORI, Gian Luca; ORLANDI, Silvia (Dir.)- *Epigrafia 2006, Atti della XIVe Rencontre sur l'épigraphie in onore di Silvio Panciera con altri contributi di Colleghi, allievi e collaboratori*. Roma: Quasar.

CLÉMENT, Vincent (1999)- “Le territoire du Sud-Ouest de la péninsule Iérique à l'époque romaine. Du concept au modèle d'organisation de l'espace“, in GORGES, Jean-Gérard; RODRÍGUEZ MARÍN; Francisco Germán (Eds.)- *Économie et territoire en Lusitanie Romaine*. Madrid: Casa de Velázquez (*Colletion de la Casa de Velázquez*, vol. 65), p. 109 - 120.

COELHO, Catarina (2002)- “Estudo preliminar da pedreira romana e outros vestígios identificados no sítio arqueológico de Colaride“, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 5, n.º2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 277 - 323.

COELHO, Catarina (2006-2007)- “Ruínas de São Miguel de Odrinhas: a propósito da campanha de 1997“, in *Arqueologia e História*, n.º 58/59. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 119 – 142.

COLLS, Dani; ÉTIENNE, Robert; LEQUÉMENT, Robert; LIOU, Bernard; MAYET, Françoise (1977)- “Épave Port vendres II et le commerce de la Bétique a l'époque de Claude“, in *Archaeonautica*, 1. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.

COMFORT, Howard (1959)- “Sigillata from the ships at Lake Nemi“, in *Rei Cretariae Romane Fautores Ata*, n.º 2. Roma: Rei Cretariae Romane Fautores, p. 5 – 12.

COMFORT, Howard (1982)- “Signatures and Decoration on Italian and Gaulish Sigillata at Sabratha“, in *American Journal of Archaeology*, vol. 86, n.º 4. Boston: Archaeological Institute of America, p. 483 - 507.

CONGÈS, Anne Roth (1987)- “L'hypothèse d'une basilique à deux neufs à Conimbriga et les transformations du forum“, in *Mélanges de L'École de Française de Rome*, tomo XCIX, n.º2. Roma: École de Française de Rome, p.711 - 751.

CONTICELLI, Baldassare (Dir.) (1990)- *Rediscovering Pompeii*. Roma: L'Erma di Bretschneider.

CORREIA, Jorge (2009)- “Novas evidências arqueológicas na Freguesia de Messines”, in *Terra Ruiva, Jornal do Concelho de Silves*, Edição n.º 129 de 16/06/2009. Silves: Associação de Desenvolvimento do Concelho de Silves "Pé de Vento", p. 20.

CORREIA, Virgílio (1928)- “O Domínio Romano”, in *História de Portugal*, vol. I. Barcelos: Ed. Portucalense, p. 228 – 284.

CORREIA, Virgílio (1972)- “A cerâmica ibérica no Centro e Sul de Portugal”, in *Virgílio Correia Obras*, vol. IV, *Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade de Coimbra, p. 121 – 125.

CORREIA, Virgílio Hipólito (2005)- “Coexistência e Revolução: Urbanismo e arquitetura em Conimbriga”, in LOPES, Maria da Conceição; VILAÇA, Raquel (Coord.)- *O Passado em cena: narrativas e fragmentos, Miscelânea oferecida a Jorge de ALARCÃO*. Coimbra e Porto: Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e do Porto, p. 261 - 298.

CORSI-SCIALLANO, Martine; LIOU, Bernard (1985)- “Les épaves de Tarraconaise à chargement d’amphores Dressel 2-4”, in *Archaeonautica*, vol. 5. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, p. 22 -59.

CURLE, James (1911)- *A Roman frontier post and its people. The Fort of Newstead in the parish of Melrose*. Glasgow: MacLehose, Society of Antiquarians of Scotland.

CURCHIN, Leonard. A (1985)- “Vici et Pagi in Roman Spain”, in *Révue D’Études Anciennes*, tomo 87. Bordéus: Université Bordeaux III, p. 327 – 343.

CURCHIN, Leonard A. (2007)- “Toponyms of Lusitania- a re-assessment of their origins”, in *Conimbriga*, vol. XLVI. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 129 – 160.

CUSTÓDIO, Jorge (Coord.) (1999)- *Santarém, cidade do mundo: Santarém, fundação patrimonial. Santarém, enquadramento e instrumentos jurídicos. Cronologia*. Santarém: Câmara Municipal de Santarém.

DANNELL, Geoffrey (1998)- “Brian Rodgerson Hartley”, in *Form and Fabric-Studies in Rome’s material past in honour of B.R.Hartley*. Oxford: Oxbow Books (Col. Oxbow Monographs, n.º 80), p. xi - xvi.

DANNELL, Geoffrey (2002)- “Law and Practice: Further thoughts on the organization of the potteries at la Graufesenque”, in *Céramiques de La Graufesenque et autres productions d’époque romaine - Nouvelles Recherches - Hommages à Bettina Hoffman*,. Millau: Éditions Monique Mergoil (Col. Archéologie et Histoire Romaine, n.º 7), p. 211 - 242.

DANNELL, Geoffrey B. ; DICKINSON, Brenda M. ; HARTLEY, Brian R. ; MEES, Allard W.; POLAK, Marinus ; VERNHET, Alain ; WEBSTER, Peter V. (2003)- *Gestempelte südgallische Reliefsigillaata (Drag.29) aus den Werkstätten von La Graufesenque*. Mainz : Römisch-Germanisches Zentralmuseum.

DANNELL, Geoffrey (2006)- “Samian cups and their uses“, in WILSON, J.A. (Ed.)- *Romanitas: Essays in honour of Sheppard Frere on the occasion of his ninetieth birthday*. Oxford: Oxbow Books, p. 147 – 176.

DARLING, M. J. (1998)- “Samian from the city of Lincoln: a question of status?”, in BIRD, Joanna (Ed.)- *Form and fabric. Studies in Rome’s material past in honour of B. R. Hartley*. Oxford: Oxbow (Col. *Oxbow Monograph*, n.º 80), p. 169 - 178.

DAVEAU, Susanne (1994)- “A foz do Tejo, palco da história de Lisboa”, in *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Eleta, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa’94, p. 24 - 31.

DAVEAU, Susanne (1998)- *Portugal Geográfico*, Lisboa, Edições Sá da Costa.

DAVIS, Simon (2006)- *Faunal remains from Alcáçova de Santarém, Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Col. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 43).

DE BLOIS, Lukas; CASCIO; Elio Lo (Eds.) (2007)- *The Impact of the Roman Army (200 BC - AD 476). Economic, Social, Political, Religious and Cultural Aspects*. Leiden e Boston: Brill (Col. *Impact of Empire*, n.º 6).

DÉCHELETTE, Joseph (1904)-. *Les vases céramiques ornés de la Gaule romaine. Narbonnaise, Aquitaine et Lyonnaise*. Paris: Librairie Picard.

DELGADO, Manuela (1981-1982)- “Acerca da cerâmica da época romana do Cabeço da Bruxa, Alpiarça”, in *Portugalia*, Nova Série, vol. 2-3, Porto: Universidade do Porto, p. 71 -82.

DESBAT, Alain; PICON, Marcel; DJELLID, A. (2000)- “Le début des importations de sigillées à Lyon“, in *Rei Cretariae Romane Fautorum Ata*, 36. Abingdon : Rei Cretariae Romanae Fautores, p. 513 – 523.

DESBAT, Alain (2005) – Les ateliers de potiers de Lyon (*Lugdunum*) sous le Haut-Empire”, in MENCHELLI, S.; PASQUINUCCI, M. (Eds.)- *Territorio e produzioni ceramiche. Paesaggi, economia e società in età romana. Atti del convegno internazionale. Pisa 20-22 ottobre 2005*. Pisa: Edizioni Plus, Università di Pisa (Col. *Instrumenta*, n.º 2), p. 301 - 315.

DIAS, Luísa Ferrer (1976-1977)- “«Terra sigillata» de Miróbriga (conservada no Museu Municipal de Santiago do Cacém)”, in *Setúbal Arqueológica*, n.ºs 2-3. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, p. 361 - 408.

DIAS, Luísa Ferrer (1978)- “As marcas de «terra sigillata» do Castelo de Alcácer do Sal”, in *Setúbal Arqueológica*, n.º 4. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, p. 145 - 154.

DIAS, Luísa Ferrer (1995-1997)- “Terra Sigillata da Villa Romana de Povos (Vila Franca de Xira)”, in *Boletim Cultural CIRA*, n.º 7. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 16 - 24.

DICKINSON, Brenda (1986)- “Potter’s Stamps and Signatures on the Samian“, in *The Roman Quay at St.Magnus House, London- Excavations at New Fresh Wharf , Lower Thames Street, London 1974-1978*. Londres e Oxford: London and Middlesex Archaeological Society (Col. *Special Paper*, n.º 8), p.186 - 198.

DICKINSON, Brenda (1996)- “Samian Potter’s Stamps“, in *Dragonby Report on Excavations at an Iron-Age and Romano-British Settlement in North Lincolnshire*, vol. 2. Londres: Oxbow Books (Col. *Oxbow Monograph*, n.º 61), p. 591 - 594.

DIOGO, António M.Dias (1980a)- *Marcas de «Terra Sigillata» Sudgálica em Portugal*. Lisboa: Grupo de Estudos de Cultura Antiga.

DIOGO, António M.Dias (1980b)- *Marcas de «Terra Sigillata» Itálica em Portugal*. Lisboa: Grupo de Estudos de Cultura Antiga.

DIOGO, António M. Dias (1982)- “A propósito de «Moron». Estudo de alguns Documentos provenientes dos Chões de Alpompe (Santarém)”, in *Clio*, n.º 2. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, p. 147 - 154.

DIOGO, António M. Dias (1984b)- “O material romano da 1ª Campanha de Escavações da Alcáçova de Santarém“, in *Conimbriga*, 23, Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de Arqueologia, pp.111-141.

DIOGO, António M. Dias (1984b)- “Noções operatórias sobre a t.s. itálica e sudgálica em Portugal- Alguns Aspetos”, in *Revista de História Económica e Social*, n.º 14. Lisboa: p. 49 - 65.

DIOGO, António M. Dias (1987)- “Ânforas provenientes do rio Tejo (Salvaterra de Magos), no Museu do Mar”, in *Arqueologia*, n.º 16. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto p. 112.

DIOGO, António M. Dias; ALVES, Francisco J.Souares (1988-89)- “Ânforas provenientes do meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e de Alcácer do Sal”, in *O Arqueólogo Português*, 4.ª Série, n.ºs 6-7. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 227 -240.

DIOGO, António M. Dias; FARIA, João Carlos Lázaro (1990)- “Elementos para a caracterização e periodização da economia do Baixo Sado durante a época romana”, in *Arqueologia Hoje*. Faro, p. 92 - 106.

DIOGO, António M. Dias; CATARINO, João (1992a)- *Materiais da «villa» romana de S.Miguel, Golegã*. Golegã: Câmara Municipal da Golegã.

DIOGO, António M. Dias; CATARINO, João (1992b)- “Marca do oleiro *Lucretius Firmus* proveniente da *Villa* romana de S.Miguel, Golegã”, in *Artefatos*, vol. I. S/I: S/Ed., p. 27 -28.

DIOGO, António M. Dias (1993)- “Ânforas pré-romanas dos Chões de Alpompe (Santarém)”, in *Estudos Orientais*, vol. IV, Actas do Encontro «Os Fenícios no

território português». Lisboa: Instituto Oriental, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p. 215 - 227.

DIOGO, António M. Dias (1993a)- “O teatro romano de Lisboa. Notícia sobre as atuais escavações”, in *Teatros Romanos de Hispania*. Mércia: Collegio de Arquitectos de Mércia (Col. *Cuadernos de Arquitectura Romana*, n.º 2), p.217 - 224.

DIOGO, António M. Dias e Trindade, Laura (1993-1994)- “Materiais de Chõe de Alpompe (Santarém)”, in *Conimbriga*, n.ºs XXXII-XXXIII. Coimbra, Instituto de Arqueologia, p. 263 - 281.

DIOGO, António M. Dias (1994)- “Cetária da Rua dos Fanqueiros” in. - *Dicionário da História de Lisboa* (Francisco Santana e Eduardo Sucena Eds.). Lisboa: Carlos Quintas e Associados, Lda., p. 267 - 268.

DIOGO, António M. Dias (1994b)- “N.º 237- Moedas Romanas”, in *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Eleta, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa’94, p. 214 - 216.

DIOGO, António M. Dias; TRINDADE, Laura (1997)- “n.º 261: Inscrição paleocristã do Palácio dos Condes de Penafiel”. in *Ficheiro Epigráfico, Suplemento da revista Conímbriga*, n.º 56. Coimbra: Instituto de Arqueologia.

DIOGO, António M.Dias; TRINDADE, Laura; COSTA, José Miguel (1997)- “Marcas de sigillata provenientes de Sines”, in *Vipasca-Arqueologia e História*, n. 6. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel, p. 115 - 118.

DIOGO, António M. Dias; TRINDADE, Laura (1998)- “N.º 257 -Fragmento de inscrição de *Caius Heius Primus*, proveniente de Lisboa”, in *Ficheiro Epigráfico - Suplemento da revista Conímbriga*, n.º 57. Coimbra: Instituto de Arqueologia.

DIOGO, António M. Dias; TRINDADE, Laura (1999)- “n.º 275: Homenagem a *L. Cornelius Bocchus*, encontrada nas Termas dos Cássios (Lisboa)”. in *Ficheiro Epigráfico, Suplemento da revista Conímbriga*, n.º 60. Coimbra: Instituto de Arqueologia.

DIOGO, António M. Dias; COSTA, Carlos Henrique (2000)- “Notícia de um conjunto de cerâmicas romanas encontradas nos arredores da Vila da Ericeira, concelho de Mafra”, in *Boletim Cultural - Mafra*, 1999. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, p. 207 - 215.

DIOGO, António M. Dias; TRINDADE, Laura (2000)- “Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 3, n.º 1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 181-205.

DIOGO, António M. Dias e Trindade, Laura (2003)- “Nótula sobre o achado fortuito de cerâmicas romanas na Rua da Conceição, em Lisboa”, *Revista Olisipo-Boletim do grupo Amigos de Lisboa*, 2.ª Série, n.º 18. Lisboa: Amigos de Lisboa, p. 15 - 17.

DIOGO, Márcia; MARQUES, João Nuno (2008)- “Sistemas defensivos do Molião: resultados preliminares da intervenção arqueológica na urbanização do Molião”, in *Xelb*, n.º 8, *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007)*, vol. II, *Posters*. Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 59 – 85.

DRAGENDORFF, Hans (1895-1896)- *Terra sigillata*, in *Bonner Jahrbücher*, n.º 96/97., Bona: p. 18 - 155.

DRAGENDORFF, Hans; WATZINGER, Conrad (1948)- *Arretinische reliefkeramik, mit beischreibung des Sammlung in Tübingen*. Reutlingen: Gryphius-Verlag.

DUARTE, Ana Luísa; AMARO, Clementino (1986)- “Casa dos Bicos: a Cidade e a Arqueologia”, in *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia urbana (Setúbal, 1983)*,. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural (Col. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º3), p. 143 - 154.

DUNCAN-JONES, R. (1974)- *The economy of the Roman Empire. Quantitative studies*. Cambridge: University Press.

DUPRÉ Y RAVENTÓS, Xavier; REMOLÁ VALLVERDÚ, Josep-Anton (2002)- “A propósito de la gestión de los residuos urbanos en *Hispania*”, in *Romula* 1. Sevilha: p. 39 – 56.

DURAND-LEFEBVRE, M. (1948)- “Étude sur les vases de Montans du Musée Saint-Raymond de Toulouse”, in *Gallia*, n.º 4. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, p. 137 - 194.

EBNÖNTHNER, E. ; MEES, Allard; POLAK, Marinus (1994)- “Le dépôt de céramique du vicus de Viturudunum-Oberwinterthur (Suisse). Rapport préliminaire“, in *Ates du Colloque de Millau (Millau 1994)*. Millau : Société Française pour l’ Étude de la Céramique Antique en Gaule, p.127-132.

EDMONDSON, J. (1987) – *Two Industries in Roman Lusitania: Mining and Garum Production*. Oxford: Council for British Archaeology (Col. *British Archaeological Reports, International Series*, n.º 362).

ENCARNAÇÃO, Gisela; MIRANDA, Jorge António (1997)- *Villa romana da Quinta da Bolacha-Campanha de Abril/Maio de 1997*. Amadora: Gabinete de Arqueologia Urbana, ARQA (Col. *Relatórios*, n.º 4).

ENCARNAÇÃO, José D´ (1974)- *Divindades Indígenas da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

ENCARNAÇÃO, José D´; CARDOSO, Guilherme (1981-82)- “Caparide ao tempo dos romanos: a propósito de uma inscrição inédita”, in *Arquivo de Cascais*, n.º 3. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p. 87 - 96.

ENCARNAÇÃO, José D´ (1984)- *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra, Instituto de Arqueologia.

ENCARNAÇÃO, José D'; LOPES, Conceição (1991)- "170-Epítáfio Romano Achado em Tornada (Caldas da Rainha)", in *Ficheiro Epigráfico*, , *Suplemento de Conimbriga*, n.º 37. Coimbra: Instituto de Arqueologia.

ENCARNAÇÃO, José D'; CARDOSO, Guilherme (1992-1993)- "A Villa romana de Freiria e o seu enquadramento rural", in *Actas de la Mesa Redonda Internacional El medio rural en Lusitania Romana. Formas de Habitat y Ocupación del Suelo*,. Salamanca: Universidad de Salamanca (Col. *Studia Histórica. História Antigua*, n.º 10-11), p. 203 - 217.

ENCARNAÇÃO, José D'; FERNANDES, Lúdia (1997)- "Urna cinerária romana da Praça da Figueira", in *Olisipo*, 2.ª Série, n.º 5. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa, p. 15 - 19.

ENCARNAÇÃO, José D'; MOREIRA, José Beleza (2005)- "Epigrafia de Eburobrittium", in *Actas do Congresso «A Presença Romana na Região Oeste»*. Bombarral: Câmara Municipal do Bombarral, Museu Municipal do Bombarral, p. 131 - 134.

ENCARNAÇÃO, José D' (2009)- "As termas dos Cássios em Lisboa: ficção ou realidade?", in GORGES, Jean-Gérard; ENCARNAÇÃO, José D'; NOGALES BESARRATE, Trinidad; CARVALHO, António (Edit)- *Lusitânia Romana entre o Mito e a Realidade (Atas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p. 481 - 493.

ENCARNAÇÃO, José D' (2011)- "*Cornelii Bocchi at Olisipo, Scallabis and Salacia*", in CARDOSO, João Luís; ALMAGRO GORBEA, Martín (Eds.)- *LUCIUS CORNELIUS BOCCHUS- Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina (Colóquio Internacional de Tróia, 6-8 de Outubro de 2010)*. Madrid, Lisboa: Academia Portuguesa da História, Real Academia de la Historia (Col. *Archaeologia Hispanica, Bibliotheca Archaeologica Hispana*, n.º 37), p. 189-201.

ESCRIVÁ TORRES, Vicente (1989)- *La cerámica romana de Valentia. La Terra Sigillata hispánica*. Valência: Ajuntament de València (Col. *Série Arqueológica Municipal*, n.º 8).

ESPINOSA, U. (1988)- "Riqueza mobiliária y promoción política : los Mamili de Tritium Magallum", in *Gérior*, n.º 6. Alicante : Universidad de Alicante, p.263-272.

ÉTIENNE, Robert ; FABRE, Georges ; LÉVÊQUE, Pierre ; LÉVÊQUE, Monique (1976)- *Fouilles de Conimbriga*, vol. II, *Épigraphie et Sculpture*. Paris : Ed. De Boccard.

ÉTIENNE, Robert ; MAYET, Françoise (1993-1994)- "La place de la Lusitanie dans le commerce méditerranéen", in *Conimbriga*, n.º XXXII-XXXIII. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 201 - 218.

ÉTIENNE, Robert; MAKAROUN, Yrène; MAYET, Françoise (1994)- *Un grand complexe industriel a Tróia (Portugal)*. Paris: Ed. De Boccard.

ÉTIENNE, Robert; MAYET, Françoise (2001)- “Les élites marchandes de la Péninsule Ibérique”, in NAVARRO CABALLERO, Milagros ; DEMOULIN ; Ségolène (Coord.)- *Élites Hispaniques*. Bordéus: Ausonius Publications, Diff.De Boccard (col. *Études*, n.º6), p. 89 - 99.

ÉTIENNE, Robert (2003)- “*Diffusor olei ad annonam Urbis*”, in *Histoire, Espaces et Marges de l’Antiquité*, n.º2, *Hommages à Monique Clavel-Lévêque*. Besançon: Presses Universitaires Franc-Comtoises, p. 245 - 253.

ÉTIENNE, Robert (2006)- “Du nouveau sur le culte impérial en Lusitanie”, in *Iteneraria Hispanica : recueil d’articles de Robert Étienne*. Bordéus : Université de Bordeaux III, p.119-130.

ETTLINGER, Elisabeth; SIMONETT, Cristoph (1952)- *Römische Keramik aus dem Schutthügel von Vindonissa*. Basileia: Birkhäuser (col. *Veröffentlichungen der Gesellschaft Pro Vindonissa*, Bd. 3).

ETTLINGER, Elisabeth (1983)- “The terra sigillata of the excavation at Sa Portella. Alcudia, Mallorca. Italian, Gaulish and Hispanic Wares”, in *Pollentia 3. Estudio de los Materiales –I- Sa Portella (Excavaciones 1957-1963)*. Palma de Maiorca: The William Bryant Foudation, p. 47 - 88.

ETTLINGER, Elisabeth; HEDINGER, Bettina; HOFFMANN, Bettina ; KENRICK, Philip M.; PUCCI, Giuseppe; ROTH-RUBI, Katrin; SCHNEIDER, Gerwulf; SCHNURBEIN, Siegmur V.; WELLS, Colin M.; ZABEHLICKY-SCHEFFENEGGER, Susanne (1990)- *Conspetus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confetae*. Bona: Dr. Rudolf Habelt GmbH, Römische-Germanische Kommission des Deutschen Archaeologischen Instituts zu Frankfurt A.M. (Col. *Materialen zur romisch-germanischen Keramik*, 10).

FABIÃO, Carlos (1989)- *As ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Lisboa: Uniarq (Col. *Cadernos de Arqueologia*, n.º 1).

FABIÃO, Carlos (1993a)- “A romanização do atual território português”, in MATTOSO, José (Dir.)- *História de Portugal*, vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 203 - 299.

FABIÃO, Carlos (1993b)- “Romanização - as ânforas romanas”, MATTOSO, José (Dir.)- *História de Portugal*, vol.I. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 309 - 313.

FABIÃO, Carlos (1994) - “Ler as cidades antigas: Arqueologia Urbana em Lisboa”, in *Penélope-Ler e Desfazer a História*, n.º 13. Lisboa: Edições Cosmos, Cooperativa Penélope, p. 147 - 162.

FABIÃO, Carlos (1994b)- “O monumento romano da Rua da Prata”, in *Lisboa Subterrânea*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa 94, Eleta, p. 67 - 69.

FABIÃO, Carlos (1997)- “A exploração dos Recursos Marinhos”, in *Portugal Romano, A exploração dos Recursos Naturais*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 35 - 58.

FABIÃO, Carlos (1998)- “O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, n.º 1, fasc. 1, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, p. 169 - 198.

FABIÃO, Carlos (1999-2000)- “Estudar o Mundo Rural na Antiguidade”, in *A Cidade, Revista Cultural de Portalegre*, n.º13-14. Portalegre: Câmara Municipal de Portalegre, p. 7 - 12.

FABIÃO, Carlos (2002)- “Chões de Alpompe”, in ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; ALMEIDA, Maria José (Dir.)- *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 149 - 151.

FABIÃO, Carlos (2004)- “Centros oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação”, in *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres, Alfareros y Producciones Cerámicas en la Baetica Romana (ss.II a.C.-VII d.C.)*. Oxford: Council for British Archaeology, Universidad de Cádiz (Col. *British Arcaeological Reports, International Series*, n.º 1266), p. 379 - 410.

FABIÃO, Carlos (2006)- *A herança Romana em Portugal*. s/l: CTT-Correios de Portugal (Col. *Clube do Coleccionador dos Correios*).

FABIÃO, Carlos (2009a)- “A dimensão atlântica da Lusitânia: periferia ou charneira no Império Romano?”, in GORGES, Jean-Gérard; ENCARNAÇÃO, José D'; NOGALES BESARRATE, Trinidad; CARVALHO, António (Eds.)- *Lusitânia Romana entre mito e realidade -Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana (Cascais, 2004)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p. 53 - 74.

FABIÃO, Carlos (2009b)- “Cetárias, ânforas e sal: A exploração de recursos marinhos na *Lusitania*”, in *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, n.º 17. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 555 – 594.

FABIÃO, Carlos (2010)- “Modelos Forenses nas Cidades da *Lusitania*: Balanço e Perspetiva”, in NOGALES BESARRATE, Trinidad (Dir.)- *Ciudad y foro en Lusitania Romana*. Mérida: Junta de Extremadura (Col. *Studia Lusitana*, n.º4), p. 343 - 359.

FARIA, António Marques de (1995)- “Plínio-O-Velho e os estatutos das cidades privilegiadas Hispano-Romanas localizadas no atual território português”, in *Vipasca-Arqueologia e História*, n.º 4. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel, p. 89 - 99.

FARIA, António Marques de (1999)- “Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.2, n.º2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 29 - 50.

FARIA, António Marques de (2001)- “*Pax Iulia, Felicitas Iulia, Liberalitas Iulia*”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.4, n.º2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 351 - 362.

FARIA, António Marques de (2002)- “*Virtutes e cidades privilegiadas no Ocidente Hispânico*”, in *Religiões da Lusitânia Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 175 - 178.

FARIA, João Carlos; FERREIRA, Marisol; DIOGO, António M. Dias (1987)- “Marcas da *Terra Sigillata* de Alcácer do Sal”, in *Conímbriga*, n.º XXVI. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 61 - 76.

FARIA, João Carlos (1998)- “Algumas notas acerca do provável forum de SALACIA IMPERATORIA (Alcácer do Sal)”, in *Conímbriga*, n.º XXXVII. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 185 - 199.

FAUVET-BERTHELOT; Marie F.; MONZON, Susanne (1983)- *Pour la normalisation de la description des poteries*. Paris: Centre National Pour La Recherche Scientifique.

FENTRESS, Elisabeth; PERKINS, P. (1988)- “Counting African Red Slip Ware”, in MASTINO, A. (Ed.)- *L'Africa romana: Atti del V convegno di studi (Sassari 11-13 dicembre 1987)*. Sassari: Ed. Gallizi, p. 205 – 214.

FERNANDES, Isabel Cristina e CARVALHO, António Rafael (1996a)- “Trabalhos arqueológicos no Zambujalinho (Herdade do Zambujal) - Primeiros resultados”, in RAPOSO, Jorge; DUARTE, Ana Luída (Dir.)- *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado (Atas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado, Seixal, 1991)*, Seixal, Câmara Municipal do Seixal, Publicações D.Quixote (Col. Nova Enciclopédia, n.º 54), p. 73 - 106.

FERNANDES, Isabel Cristina e CARVALHO, António Rafael (1996b)- “Elementos para uma Carta Arqueológica do Período Romano no Concelho de Palmela”, in *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado (Atas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado, Seixal, 1991)*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal, Publicações D.Quixote (Col. Nova Enciclopédia, n.º 54), p. 111 - 135.

FERNANDES, Lúcia (2003)- “Capitéis romanos da Igreja de Stª Maria da Alcáçova em Santarém”, in *Portugália*, Nova Série, vol. XXIV. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 65 - 80.

FERNANDES, Lúcia (2006), “O teatro romano de Lisboa. Campanha de 2001”, in *III Jornadas Cordobesas de Arqueología Andaluza- Los teatros romanos en Hispania (Córdoba, 12 al 15 de Noviembre de 2002)*. Córdoba: Universidad de Córdoba, Seminario de Arqueología, p. 181 - 204.

FERNANDES, Lúcia; MARQUES, António; FILIPE, Vítor; CALADO, Marco (2006)- “Intervenção Arqueológica na Rua dos Bacalhoeiros (2005-2006)”, in *Al-madan*, 2.ª Série, n.º14. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 60 - 65.

FERNANDES, Lúcia (2007), “Teatro Romano de Lisboa- os caminhos da descoberta e os percursos de investigação arqueológica”, in *Al-madan*, II Série, n.º 15. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 28 - 39.

FERNANDES, Lúdia; FILIPE, Vítor (2007)- “Cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do teatro romano de Lisboa”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, n.º 10, fasc. 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 229 - 253.

FERNANDES, Lúdia; CAESSA, Ana (2006-2007)- “O *proscenium* do Teatro romano de Lisboa: aspetos arquitectónicos, escultóricos e epigráficos de renovação decorativa do espaço cénico”, in *Arqueologia e História*, n.º 58-59. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 83 - 102.

FERNANDES, Lúdia; MARQUES, António; FILIPE, Vítor; CALADO, Marco (no prelo)- “Núcleo de transformação piscícola de época romana na Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa)”, in *Actas do Simpósio «A costa portuguesa no panorama da rota atlântica durante a época romana» (Peniche, 16 a 18 de Novembro de 2006)*. Peniche: Câmara Municipal de Peniche.

FERNANDES, Luís da Silva (1998-1999)- “A presença da mulher na epigrafia do *Conventus Scallabitanus*”, in *Portugalia*, Nova Série, vol. XIX-XX. Porto: Universidade do Porto, p. 129 - 228.

FERNANDES, Luís da Silva (2005)- “*Caius Heius Primus, augustalis perpetuus*. Teatro e encenação do poder em Olisipo”, in *Mathesis*, n.º 14. Viseu: Universidade Católica Portuguesa, p. 29 - 40.

FERNÁNDEZ, J.H.; GRANADOS, J.O.; GONZÁLEZ VILLAESCUSA, R. (1992) – *Marcas de Terra Sigillata del Museo Arqueológico de Ibiza*. Ibiza: Museo arqueológico d'Eivissa, Direcció general de Cultura, Consejeria de Cultura, Govern Balear (Col. *Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza*, n.º 26).

FERNÁNDEZ GARCÍA, Maria Isabel (2004)- “Alfares y producciones cerámicas en la provincia de Jaén. Balance y perspectivas”, in BERNAL CASASOLA, Darío.; LAGÓSTENA BARRIOS, Lázaro (Eds.)- *Figlinae baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)*. *Actas del Congreso Internacional (Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003)*,. Vol. II. Cádiz: Universidad de Cádiz (Col. *British Archaeological Reports, International Series*, n.º 1266), p. 239 - 272.

FERNÁNDEZ GARCÍA, Maria Isabel; ROCA ROUMÉNS, Mercedes (2008)- “Producciones de *Terra Sigillata* Hispánica”, in *Cerámicas hispanoromanas: un estadio de la cuestión*. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, p. 307 - 332.

FERREIRA, Octávio da Veiga; ANDRADE, Rui Freire (1964)- “Algumas marcas de oleiro em «terra sigillata» de Vipasca (Aljustrel)”, in *Revista de Guimarães*, vol. 74, Guimarães: Sociedade de Martins Sarmiento, p. 318 - 323.

FERREIRA, Seomara da Veiga (1969b)- “Marcas de oleiro em Território Português”, in *O Arqueólogo Português*, III Série, n.º 3. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, p. 131 - 177.

FICHES, Jean-Louis; GUY, Marcel; PONCIN, Louis (1976)- “Un lot de vases sigillés des premières années du règne de Néron dans l'un des ports de Narbonne”, in

Archaeonautica, n.º 2. Paris: Centre Nationale de la Recherche Scientifique, p. 185 - 219.

FIGUEIREDO, Silvério; SANTOS, Liliana Campeão dos (2006)- *Caminhos Arqueológicos de Montijo: Perspetivas da Carta Arqueológica do Paleolítico ao Romano* (Catálogo de Exposição). Montijo: Câmara Municipal de Montijo.

FILIPE, Iola; FABIÃO, Carlos (2006/2007)-“Uma unidade de produção de preparados de peixe de época romana na Casa do Governador da Torre de Belém (Lisboa): uma primeira apresentação”, in *Arqueologia & História*, nº 58/59. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 103- 118.

FILIPE, Vítor (2008a)- “Importação e exportação de produtos alimentares em *Olisipo*: as ânforas romanas da Rua dos Bacalhoeiros”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 15, n.º2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 301 - 324.

FILIPPI, Fedora (Dir.) (2008)- *Horti et Sordes: uno scavo alle falde del Gianicolo (Roma)*. Roma: Edizioni Quazar.

FINLEY, Moses (1973)- *The Ancient Economy*. Berkeley: University of California Press.

FINLEY, Moses I. (1986)- *A economia Antiga* (2ª Ed.). Porto: Edições Afrontamento.

FÖLZER, Elvira (1913)- *Die Bilderschiisseln der ostgallischen Sigillata-Manufakturen*. Bona: A. Marcus und E. Weber (Col. *Römische Keramik in Trier*, n.º 1).

FONSECA, Cristovão Pimentel (2004)- “A *terra sigillata* do fundeadouro de Tróia”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, n.º 7, fasc.1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 421 - 449.

FORCEY, C.; HAWTHORNE, J.; WITCHER, R. (Eds.) (1999)- *TRAC '97. Proceedings of the Seveth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference*, Nottingham University, April 1997. Oxford: Oxbow Books.

FREITAS, Maria da Conceição; ANDRADE, César (2005)- “Alteração da paisagem na região Oeste na época romana”, in *Actas do Congresso «A Presença Romana na Região Oeste»*. Bombarral: Câmara Municipal do Bombarral, Museu Municipal do Bombarral, p. 15 - 23.

FÜLLE, Gunnar (1997)- “The internal organization of the Arretine Terra Sigillata industry: problems of evidence rand interpretation“, in *Journal of Roman Studies*, n.º 87. Londres: Society for Roman Studies, p. 111 - 155.

FÜLLE, Gunnar (2000)- “Die Organisation der *Terra sigillata*-Herstellung in La Graufesenque. Die Herstellersignaturen”, in *Laverna*, n.º 11. Marburg: Seminar für Alte Geschichte Philips, Universität Marburg, p. 44-70.

FUNARI, Pedro Paulo; GARRAFFONI, Renata S.; LETALIEN, Bethany (Ed.)- *New perspectives on the Ancient World, Modern perceptions, ancient representations*. Oxford: Archaeopress (Col. *British Archaeological Reports, International Series*, n.º 1782).

FUSCO, Arianna; MAÑAS ROMERO, Irene (2006) - *Mármoles de Lusitania (Catálogo de la Exposición)*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano, Fundación de Estudios Romanos.

GABUCCI, Ada (2009)- “Divagazzioni su produttori e bolli *in planta pedis*”, in *Aquileia Nostra*, ano LXXX. Turim: Museo Arqueológico de Aquileia, p. 173 - 185.

GANDRA, Manuel J.; CAETANO, Amélia (1994)- “Subsídios para a Carta Arqueológica do Concelho de Mafra”, in *Boletim Cultural- Mafra*, 1994. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, p. 243 - 306.

GARABITO GOMEZ, Tomás (1978)- *Los Alfares Romanos Riojanos. Produccion y Comercializacion*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Col. *Bibliotheca Praehistorica Hispana*, n.º 16).

GARCIA, Eduíno Borges (1970)- “As torres e os fachos da Lagoa da Pederneira: Vestígios de navegações antigas na Lagoa da Pederneira”, in *Arquivo de Beja*, vol. 25-27. Beja: Câmara Municipal de Beja, p. 65 - 76.

GARCIA, Eduíno Borges (1971)- “Em busca de *Eburobrittium*, cidade pré-romana da Lusitânia”, in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. II. Coimbra: Junta Nacional da Educação, p. 457 - 462.

GARCÍA MARCOS, Vitorino (2006)- “Las producciones de *terra sigillata* local de tradición itálica en el campamento de la Legio VI Victrix en León”, in MORILLO CERDÁN, Angel (Ed.)- *Arqueología Militar Romana en Hispania II: Producción y abastecimiento en el ámbito militar*. León: Universidad de León / Ayuntamiento de León, p. 97 - 110.

GARCÍA Y BELLIDO, António (1959)- “Las colonias romanas de España”, in *Anuário de História del Derecho Español*, n.º29. Madrid: p. 447 - 512.

GAROZZO, Bruno (2003)- “Nuovi dati sull’*instrumentum domesticum* bollato- anfore e laterizi- del Palermitano”, in *Atti dei Quarte Giornate Internazionale di Studi sull’area Erima (Erice, 1-4 dicembre 2000)*, vol. I. Pisa: Scuola Normale Superiore di Pisa, Laboratorio di Storia, Archeologia e Topografia del Mondo Antico, p. 557 - 683.

GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana Maria; SEQUEIRA, Maria José; SILVA, Rodrigo Banha da (1997)- “Arqueologia Urbana em Lisboa”, in *Actas do III Congresso Peninsular de Arqueologia (Vila Real, 1997)*, vol. VII, *Terrenos da Arqueologia da Península Ibérica*. Porto: Adicap, p. 53 - 74.

GEISSNER, Vitor (1904)- *Die im Maizen Museum befindlichen Sigillata Gefasse der nechaugusteischen Zeit und ihre stempel*. Mainz: Grossherzoglichen Realgymnasiums, Ober-Realschule und der Hoheren Handelsschule zu Mainz.

GENIN, Martine (1997)- “Les horizons augustéens et tibériens de Lyon, Vienne et Roanne. Essai de synthèse”, in *Actes du Congrès du Mans*. Mans: S.F.E.C.A.G, p. 13-36.

GENIN, Martine; VERNHET, Alain (Dir.) (2002)- *Céramiques de La Graufesenque et autres productions d'époque romaine - Nouvelles Recherches - Hommages à Bettina Hofmann*. Millau: Éditions Monique Mergoïl (Col. *Archéologie et Histoire Romaine*, n.º7).

GENIN, Martine; HOFFMANN, Bettina; VERNHET, Alain (2002)- “Les productions anciennes de la Graufesenque”, in GENIN, Martine; VERNHET, Alain (Dir.)- *Céramiques de La Graufesenque et autres productions d'époque romaine - Nouvelles Recherches - Hommages à Bettina Hofmann*. Millau: Éditions Monique Mergoïl (Col. *Archéologie et Histoire Romaine*, n.º7) p. 45 - 104.

GENIN, Martine; MAUNE, Stéphane (Dir.) (2006)- *Du Rhône aux Pyrénées: aspects de la vie matérielle en Gaule Narbonnaise (fin du Ier s.av.-VIe s.ap. J.-C.)*. Montagnac: Éditions Monique Mergoïl (Col. *Archéologie et Histoire Romaine*, n.º 15).

GENIN, Martine (2006)- “La sigillée marbrée des ateliers de la Graufesenque: État de la question”, in *Actes du Congrès de Pézenas*. Marselha: SFECAG, p. 231 - 243.

GENIN, Martine (Dir.) (2007)- *La Graufesenque (Millau, Aveyron)*, vol. II, *Sigillées lisses et autres productions*. Aveyron: Éditions de la Fédération Aquitania (Col. *Études d'Archéologie Urbaine*).

GENIN, Martine; SCHAAD, Daniel (2007)- “Conclusion Générale”, in GENIN, Martine (Dir.) (2007)- *La Graufesenque (Millau, Aveyron)*, vol. II, *Sigillées lisses et autres productions*. Aveyron: Éditions de la Fédération Aquitania (Col. *Études d'Archéologie Urbaine*), p.352 - 353.

GIARDINA, Andrea; SCHIAVONE, A. (Dir.) (1981)- *Società romana e produzione Schiavistica* vol. 2, *Merci,mercati e scambi nel Mediterraneo*. Bari: Laterza Editoriale.

GLASBERGEN, Willem (1948)- *Terra sigillata uit de provincie Groningen: bijdrage tot de geschiedenis van den handel in den Romeinschen tijd*. Groningen: J.B. Wolters.

GOMES, Ana; GASPARD, Alexandra (2007)- “As muralhas de Olisipo – O troço junto ao Tejo”, in *Muralhas de Ciudades Romanas en el Occidente del Imperio, Lucus Augusti como paradigma, Actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29.XI.2005), en el aniversario de la Declaración por la UNESCO, de la muralha de Lugo como Património de la Humanidad*. Lugo: Serviço de Publicaciones de la Departación Provincial de Lugo, p. 687-697.

GOMES, João J. Fernandes; PONTE, Salete (1984)- “Três bronzes romanos da região de Alenquer”, in *Conímbriga*, n.º XXIII. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p.97-101.

GOMES, Mário Varela; CARDOSO, João Luís; ANDRÉ, Maria Cristina (1996)- “O mosaico romano de Oeiras. Estudo iconográfico, integração funcional e cronologia”, in

Estudos Arqueológicos de Oeiras, n.º 6. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 367 - 406.

GOMES, Rosa Varela; ASSUNÇÃO, Vera; MIRANDA, Maria João (2006)- “Póvoa do Muçulmano na Ponta do Castelo (Aljezur)”, in *Al-madan*, II Série, n.º10. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 200 - 201.

GÓMEZ PALLARES, J. (1995)- “*Instrumenta coquorum*. Els strip de la cuina en Apici (amb testimonis, des de Plaute a Isidor de Sevilla)”, in *Ceràmica comuna romana d'època Alto-Imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió*. Ampúries: Museo Arqueológico de Ampúries, (Col. *Monografiés Empuritanes*), p. 25 – 39.

GONÇALVES, A. B. (1989)- “Novos inéditos de Rui de Serpa Pinto”, in *Póvoa de Varzim - Boletim Cultural*, vol. XXVI, n.º 2. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, p. 467 - 497.

GONÇALVES, David; DUARTE, Cidália; COSTA, Cláudia; MURALHA, João; CAMPANACHO, Vanessa; COSTA, Ana; ANGELUCCI, Diego E. (2010)- “The Roman cremation burials of Encosta de Sant'ana (Lisbon)”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 13, n.º1. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, p. 125 - 144.

GONÇALVES, João Ludgero Marques (1997)- “O sítio arqueológico do Castelo (ARRUDA dos Vinhos)- Escavações de 1988 a 1993”, in *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, n.º 3. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, p. 5 - 52.

GORGES, Jean-Gérard; RODRÍGUEZ MARÍN, Francisco Germán (Eds.) (1999)- *Économie et territoire en Lusitanie Romaine*. Madrid: Casa de Velázquez (*Collection de la Casa de Velázquez*, vol. 65).

GORGES, Jean-Gérard; CERRILLO, Enrique; NOGALES BESARRATE, Trinidad (Dir.) (2004)- *V Mesa Redonda Internacional sobre Lysitania Romana: Las Comunicaciones*. Cáceres: Museo Nacional de Arte Romano, Universidad de Extremadura, Casa de Velázquez, Université de Toulouse Le Mirail.

GORGES, Jean-Gérard; ENCARNAÇÃO, José D'; NOGALES BESARRATE, Trinidad; CARVALHO, António (Edit) (2009)- *Lusitânia Romana entre o Mito e a Realidade (Atas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

GOUDINEAU, Christian (1968)- *La céramique arétine lisse – Fouilles de l'École Française à Bolsena (Poggio Moscini), 1962-67*. Paris: École Française de Rome (Col. *Mélanges de l'École Française de Rome*, n.º 4).

GROS, Pierre; TORELLI, Mario (1992)- *Storia dell'urbanística-Il mondo romano*. Roma e Bari: Editori Laterza.

GUERRA, Amílcar (1995)- *Plínio-O-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Colibri (Col. *Arqueologia e História Antiga*, n.º 1).

GUERRA, Amílcar; BLOT, Maria Luísa; QUARESMA, José Carlos (2000)- “Para o enquadramento do sítio de Povos, um estabelecimento romano do curso inferior do Tejo”, in *Catálogo da Exposição. Senhor da Boa Morte. Mitos, História e Devoção*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 29 - 42.

GUERRA, Amílcar (2001)- “Para uma análise das fontes escritas relativas à presença púnica no Ocidente peninsular”, in *Os Fenícios no Extremo Ocidente. Actas do Colóquio Internacional (Lisboa, 27 e 28 Out. 2000)*. Lisboa: Universidade Aberta, p.25-38.

GUERRA, Amílcar (1992)- “A epigrafia de Scallabis”, in ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; ALMEIDA, Maria José (Dir.)- *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 179 – 184.

GUERRA, Amílcar (2003)- “Algumas Notas sobre o Mundo Rural do Território Olisiponense e as suas Gentes”, in SANTOS, A.R.; RODRIGUES, N.S.; KUZNETZOVA-RESENDE, T.; GUERRA, A.- *Mundo Antigo Economia Rural*. Lisboa: Colibri, p. 123 - 150.

GUERRA, Amílcar (2006)- “Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de S. Jorge”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.9, n.º2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 271 - 297.

GUERRA, Amílcar (2009)- “A propósito do topónimo «Oeiras»: algumas considerações linguísticas e históricas”, in *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, n.º 17. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 595 - 605.

GUERRA, Amílcar (2010)- “A propósito dos conceitos «lusitano» e *Lusitania*”, in *Paleohispanica*, n.º 10, *Serta Palaeohispanica J. de Ho*. Saragoça; Institución Fernando el Católico, Diputación de Zaragoza, p. 81 - 98.

GUERRA, Amílcar (2012)- “O troço inicial da via *Olisipo-Bracara* e o problema da localização de *Ierabriga*”, in *Actas da Mesa Redonda «De Olisipo a Scallabis»- A rede viária romana no Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 29 - 28.

GUERRINI, Claudia; MANCINI, Loredana (2007)- “La Cerámica di età romana”, in *Introduzione allo studio della Cerámica in Archeologia*. Siena: Dipartimento di Archeologia e Storia delle Arti, Università di Siena, p. 197 - 234.

GUÉRY, Roger (1979)- “Les marques de potiers sur *terra sigillata* découvertes en Algérie. 1. Sigillées provinciales (hispaniques et gallo-romaines)”, in *Antiquités Africaines*, vol. 13. Argel: p. 23 - 97.

GUÉRY, Roger (1987)- “ Les marques de potiers sur *terra sigillata* découvertes en Algérie. II. Sigillées tardoitaliques”, in *Antiquités Africaines*. Vol. 23. Argel: p. 149 - 191.

GUIMARÃES, Francisco José Salgado (1971)- “O Picoto de Santo Amaro (Guimarães)”, in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. II. Coimbra: Junta Nacional da Educação, p. 463 - 470.

HAALEBOOS, Jan Kees (1997)- *Ars Cretaria. Nijmegen en La Graufesenque. Enkele gedachten betreffende de organisatie van de terra sigillata-productie en –handel in La Graufesenque*. Nijmegen: Faculteit der Letteren van de Katholieke Universiteit Nijmegen (Col. *Libelli Noviomagensis*, n.4).

HAALEBOOS, Jan Kees; MEES, Allaard W.; POLAK, Marinus (1991)- “Über töpfer und fabriken verzierter terra –sigillata des ersten jahrhunderts”, in *Archäologisches Korrespondenzblatt*, n.º 21, heft 1. Mainz: Römisch-Germanischen Zentralmuseum, p. 79 -91.

HARRIS, W. V. (Ed.) (1993)- *The Inscribed Economy. Production and Distribution in the Roman Empire in the Light of instrumentum domesticum*, Rome, 10-11 January, 1992,. Michigan: Ann Harbour (*Journal of Roman Archaeology supplementum series*, n.º 6).

HARRIS, W.V. (2011)- *Rome’s Imperial Economy: Twelve Essays*. Oxford: Oxford University Press (Col. *Oxford Studies on the Roman Economy*).

HARTLEY, Brian R. (1972)- “The Roman Occupations of Scotland: the evidence of Samian Ware”, in *Britannia*, vol. 3. Londres: Society for the Promotion of Roman Studies, p. 1 - 55.

HARTLEY, Brian R.; DICKINSON, B.M. (1993) – “The Samian Stamps Catalogue“, in MANNING, W.H. (Ed.)- *The Roman Pottery. Report on the Excavations at Usk, 1965-1976*. Cardiff: University of Wales Press, p.207 - 218.

HARTLEY, B.; DICKINSON, B. (2001)- “2. The Evidence for the date of the Potters’ Stamps from Culip IV”, in NIETO PRIETO, X.; PUIG, A.- *Excavaciones Arqueológicas Subaquáticas a Cala Culip.3. Culip IV: La Terra Sigillata decorada de La Graufesenque*. Girona: Museu d’Arqueologia de Catalunya, Centre d’Arqueologia Subaquàtica de Catalunya (Col. *Monografies del CASC*, n.º 3), p. 21 - 32.

HAWKES, C.F.C.; HULL, M.R. (1947)- *Camulodunum, first report on the excavations at Colchester 1930-1939*. Oxford: Society of Antiquaries of London (Col. *Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London*, n.º XIV).

HAUSCHILD, Theodor (1990)- “Das römische Theater von Lissabon. Planaufnahme 1985/88”, in *Madridrer Mitteilungen*, n.º 31. Mainz: Deutsches Archäologisches Institut, p. 348 – 392.

HAUSCHILD, Theodor (2002)- “Templos Romanos na Província da Lusitânia”, in *Religiões da Lusitânia Loquuntur Saxa*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 215 -222.

HAYES, John W. (1972)- *Late Roman Pottery*. Roma: British School of Rome.

HAYES, John W. (1980)- *Supplement to Late Roman Pottery*. Roma: British School of Rome.

HAYES, John W. (1985)- “Sigillate orientali”, in *Enciclopedia Atalante delle forme ceramiche*, II, *Ceramica fine romana nel bacino mediterraneo (tardo ellenismo e primo Impero)*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, p. 9 - 13.

HAYES, John W. (1997)- *A handbook of Mediterranean Roman Pottery*. Londres: British Museum Press.

HAYES, John W. (2001)- “Les sigillées orientales”, in *Céramiques Héliénistiques et romaines*, vol. I. Paris: Univ. Bezançon, p. 145 - 160.

HEDINGGER, Bettina (1999)- “La production de céramique entre Vindonissa et Eschenz. État de la question”, in *Actes du Congrès de Fribourg (13-16 de Mai 1999)*. Marselha: Société Française d’Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 19 - 24.

HELENO, Manuel (1965)- “A estação lusitano-romana da Praça da Figueira”, in *Ethnos*, n.º 4. Lisboa: p. 305 - 308.

HERMET, Frédéric (1934)- *La Graufesenque, Condatomago : I, Vases sigillés ; II, Graffites*. Paris: Librairie Ernest Leroux.

HESNARD, Antoinette; RIVAL, Michel; CARRE, Marie-Brigitte; DAUGRÉAUX, Bernard (1988)- “L’Épave Grand-Ribaud D (Hyères, Var)”, in *Archaeonautica*, vol. 8. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, p. 5 - 180.

HIGHAM, N.J. (Ed.) (2001)- *Archaeology of the Roman Empire: a tribute to the life and works of Professor Barri Jones*. Oxford: Archaeopress (Col. *British Archaeological Reports, International Series*, n.º 940).

HIPÓLITO, Mário de Castro; METCALF, D.M.; CABRAL, João Manuel Peixoto; CRUSAFONTE, M.; SABATER, Inês (Coord.) (2000)- *Homenagem a Mário Gomes Marques*. Sintra: Instituto de Sintra.

HOFFMAN, Bernard (1986), *La céramique Sigillée*. Paris, Editions Errance (*Colection des Hesperides*).

HOFFMAN, Bernard (1986a) – “Banassac”, in *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: implantations, produits, relations*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme (Col. *Documents D’Archéologie Française*, n.º 6), p. 103 - 110.

HOFMANN, Bettina; PICON, Marcel (1990-1991)- “ATEIVS à La Graufesenque”, in *Pegasus*, n.º 1. Millau: Société Française pour l’Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 3 - 31.

HOFMANN, Bettina (1986)- “Catalogue des estampilles sur vaisselle sigillée (Les ateliers de la Graufesenque et de Lezoux)”. Groupe D' Archéologie Antique du Touring Club de France (*Notice Technique*, nº 21).

HOFMANN, Bettina; PICON, Marcel (1990-1991)- “ATEIVS à La Graufesenque”, in *Pegasus*, n.º 1. Millau: Société Française pour l'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 3 - 31.

HOPKINS, Keith (1978)- *Conquerors and Slaves*. Cambridge: Cambridge University Press.

HÜBNER, Emílio (1897)- “*Incriptio arae Romanae repertae in oppido aliquo vetusto sed ignoto Lusitaniae orientalis*”, in *O Arqueólogo Português*, vol.3. Lisboa: Museu Etnológico Português, p. 161 - 167.

HUGUET ENGUITA, Esperança (2006)- “La ceràmica fina d'època romana de l'abocador de la Plaça del Negret (València)”, in *Archivo de Prehistoria Levantina*, vol. XXVI. València: Museo de Prehistòria de València, p. 349 – 379.

HUGUET ENGUITA, Esperança (2007)- “Terra sigillata tardoitálica en la façana mediterrània de la *Tarraconensis*”, in *Saguntum- Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*, n.º 39. València: Universitat de Valencia, Departament de Prehistòria i d'Arqueología, p. 117 – 132.

IZQUIERDO, Maria Teresa (1994) – “Les sigillées gauloises de Santa Maria del juncal (Irún, Pays Basque). Apports à l'étude de la diffusion des productions montanaises dans le nord de la péninsule Ibérique”, in *Actes du Colloque de Millau (Millau 1994)*. Millau: Société pour l'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 103 - 114.

JACOB, Jean-Pierre; LEREDDE, Henri (1986) – “Pour une étude socio-professionnelle des ateliers de potiers gallo-romains”, in *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: implantations, produits, relations*. Paris, Maison des Sciences de l'Homme (Col. *Documents D'Archéologie Française*, n.º 6), p. 21 - 23.

JALHAY, Eugénio (1949)- “Um vaso de olaria rutena na Citânia de Sanfins”, in *Brotéria*, vol. 48, fasc.3. Lisboa: Companhia de Jesus, p. 317 - 325.

JEREZ LINDE, José Manuel (1996)- “Valerivs Paternvs: Notas para la clasificación tipológica de las marcas alfareras procedentes de la cuenca media del Guadiana”, in *Mélanges de la Casa de Velázquez*, vol. 32, n.º1. Madrid: Casa de Velázquez, p.113 - 138.

JEREZ LINDE, José Manuel (2004)- “La T.S. Precoz o “Tipo Peñaflor” , su incidencia en al territorio emeritense y dos marcas inéditas del M.N.A.R. de Mérida”, in *Anas*, n.º 17. Mérida: Fundación Mérida Ciudad Monumental, p. 161 - 178.

JEREZ LINDE, José Manuel (2005)- *La terra sigillata itálica del Museo Nacional de Arte Romano*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (Col. *Cuadernos Emeritenses*, n.º 29).

JUÁN TOVAR, Luís Carlos (1983)- “Elementos de Alfar de Sigillata Hispánica en Talavera de la Reina (Toledo). Alfares de Sigillata en la cuenca del Tajo”, in *Monografía Terra Sigillata Hispánica*, , *Separata del Boletín del Museo Arqueológico*

Nacional, vol. I. Madrid: Museo Arqueológico Nacional (Col. *Monografías Arqueológicas*, n.º 2), p. 165-175.

JUÁN TOVAR, Luís Carlos (1985)- “Los alfares de cerámica sigillata en la Península Ibérica. (II)“, in *Revista de Arqueología*, n.º 45. Madrid, p. 32 - 45.

JUAN TOVAR, Luís Carlos (1992)- “1.3. Terra Sigillata Hispánica“, in *Arcóbriga II- Las Cerámicas Romanas*. Saragoça: Institución Fernando El Catolico, p. 35-134.

JUNG, Patrick; SCÜCKER, Nina (Dir.) (2006)- *1000 gestempelte Sigillaten aus Altbeständen de Landesmuseums Mainz*, Bona: Dr.Rudolf Habelt GMBH, Universitätsforschungen zur Pr+aeatorischen Archäologie (Col. *Institut für Vor- und Frühgeschichte der Uuniversität Mainz*, n.º 132).

KALB, Philinne; HÖCK, Martin (1984)- “Moron- Histörisch und archäeologisch“, in *Madriider Mitteilungen*, n.º 25. Mainz: Deustches Archäeologisches Institut, p. 92 - 102.

KALB, Philinne; HÖCK, Martin (1988)- “Moron“, in *Conimbriga*, n.º XXVII. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 92 - 102.

KEAY, Simon; CREIGHTON, John; REMESAL RODRÍGUEZ, José (Dir.) (2001) – *Celti (Peñaflor). La arqueología de una ciudad hispanorromana en la Baetica: prospecciones y excavaciones. 1987-1992*. Junta de Andalucía.

KEAY, Simon (2001)- “Regionally Produced Terra Sigillata. Terra Sigillata Local“, in KEAY, Simon; CREIGHTON, John; REMESAL RODRÍGUEZ, José (Dir.)- *Celti (Peñaflor) - La Arqueología de una ciudad hispanorromana en la Baetica: Prospecciones y Excavaciones 1987-1992*. Junta de Andalucía (Col. *Arqueología Monografías*)- CD-ROM.

KEAY, Simon; CREIGHTON, John; REMESAL RODRÍGUEZ, José (Dir.) (2001)- *Celti (Peñaflor) - La Arqueología de una ciudad hispanorromana en la Baetica: Prospecciones y Excavaciones 1987-1992*. Arqueología Monografías Junta de Andalucía.

KENRICK, Philip (1997)- “Cn. Ateius – the inside history“, in *Rei Cretariae Romanae Fautorum Ata*, n.º 35. Rei Cretariae Romanae Fautores, p. 179-190.

KENRICK, Philip (2000)- “Part I“, in OXÉ, August; COMFORT, Howard; KENRICK, Philip- *Corpus Vasorum Arretinorum* (2ª Ed., revista e ampliada). Bona: Dr. Rudolf Habelt GMBH (Col. *Antiquitas*, n.º 41), p. 3-50.

KENRICK, Philip (2002)- “Italian Sigillata potters in the first century AD: "Modest men, not even little Wedgwoods". Or were they?, in *Centre for the Study of Ancient Documents Newsletter*, n.º 9. Oxford: Centre for the Study of Ancient Documents Newsletter, p. 8 - 10.

KENRICK, Philip (2005)- “Italian sigillata: the view from Arezzo“, in MENCHELLI, Simonetta Menchelli; PASQUINUCCI, Marinella (Dir.)- *Territorio e produzione*

ceramiche. *Paisagi, economia e società in età romana*. Pisa: Edizioni Plus, Pisa University Press (Col. *Instrumenta*, n.º 2), p. 201-206.

KENYON, Kathlyn (1948)- *Excavations at the Jewry Wall Site*. Leicester, London : Society of Antiquaries (Col. *Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London*, n.º15).

KESSLER, David; TEMIM, Peter (2005)- *Money and prices in the early roman empire*, Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, Department of Economics (Col. *Working Paper Series*, n.º 05-1).

KLYNNE, Allan (2002)- *Terra Sigillata form the Villa of Livia, Rome, Comsupption and Discard in the Early Principate*. Uppsalla: University of Uppsalla.

KLYNNE, Allan (2003)- “Central Italian sigillata during late Augustan period – petty producers or succceful competitors in a lucrative market?”, in *Rei Cretariae Romanum Fautorum Acta*, n.º 38. Abingdon: Rei Cretariae Romanae Fautores, p. 11 - 26.

KNORR, Robert (1910)- *Die verzierten Terra-Sigillata-Gefässe von Rottenburg-Sumelocenna*. Estugarda: W. Kohlhammer.

KNORR, Robert (1912)- *Südgallische Terra sigillata-gefasse von Rottweil*. Estugarda: W. Kohlhammer.

KNORR, Robert (1913)- *Die Terra-sigillata-gefässe von Aislingen*. Estugarda: Keller.

KNORR, Robert (1919)- *Töpfer und Fabriken verzierter Terra-Sigillata des Ersten Jahrhunderts*. Estugarda: Kohlhammer.

KUZNETZOVA-RESENDE, Tatiana Kuznetsova (2003)- “Sobre a Economia Rural Hispano-Romana (Sécs. I-IV)”, in SANTOS, António Ramos dos; RODRIGUES, Nuno Simões; KUZNETZOVA-RESENDE, Tatiana; GUERRA, Amílcar- *Mundo Antigo Economia Rural*. Lisboa: Colibri, p. 83 - 122.

LAMBOGLIA, Nino (1950) – *Gli scavi di Albintimilium e la cronologia della ceramica romana. Parte prima*. Bordighera.

LAUBENHEIMER, Fanette (1979)- “La colletion de céramiques sigillées gallo-romaines estampillées du Musée de Rabat, in *Antiquités Africaines*, vol. 13. Rabat: p. 99 - 225.

LAUBENEIMER, Fanette; ALBAGNAC, Louis (1986)- “Jonquières et Saint-Saturnin”, in *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme (Col. *Documents d’Archéologie Française*, n.º 6), p. 117- 120.

LAURENCE, Ray (1998)- “Land transport in Roman Italy: costs, pratice and the economy“, in PARKINS, Helen; SMITH, Cristopher (Eds.)- *Trade, traders and the Ancient City*. Londres: Nova Iorque: Routledge, p. 125 - 143.

LAUSENTACH, Hermann; RIBEIRO, Orlando; DAVEAU, Susanne (1987)- *Geografia de Portugal*, vol. I, *A Posição Geográfica e o Território*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

LE ROUX, Patrick (2010)- “Tribus romanines et cités sous l’Empire. Épigraphie et Histoire, in SILVESTRI, Marina (Ed.)- *Le Tribù Romane (Atti della XVIe Rencontre sur l’épigraphie, Bari 8-10 ottobre 2009)*.. Bari: Edipuglia (Col. *Scavi e ricerche*, n.º 19), p. 113 - 121.

LEEUWAARDEN, W. Van; JANSSEN, C.R. (1985)- “A preliminary Palynological Study of Peat Deposits near an *Oppidum* in the Lower Tagus Valley”, in *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*, vol. II. Lisboa: Associação Ibérica para o Estudo do Quaternário, p. 237 - 250.

LEITE, Ana Cristina (1987)- “Lisboa Romana”, in *Arqueologia no Vale do Tejo*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, p. 82 - 86.

LEMOES, Francisco de Sande; MARTINS, Manuela (1992)- “A Arqueologia Urbana em Portugal”, in *Penélope- Fazer e desfazer a História*, n.º 7. Lisboa: Ed. Cosmos, Cooperativa Penélope, p. 93 - 103.

LEMOES, Francisco de Sande (2000)- “Os Caminhos da Arqueologia Urbana em Portugal: da década de 70 ao fim do milénio”, in *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 8. Porto: A.D.E.C.A.P., p. 22 - 36.

LEMOES, Francisco de Sande (2002)- “Arqueologia Urbana em Portugal. A Cidade, o Poder e o Conhecimento”, in *Arqueologia 2000- Balanço de um Séculos de Investigação Arqueológica em Portugal (Atas das VI Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Junho de 2000)*, *Arqueologia e História*, vol.54. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 245 - 253.

LEMOES, Francisco de Sande (2006)- “A Lei e a Arqueologia Urbana”, in *Praxis Arqueológica*, vol. 1. Lisboa: Associação Profissional de Arqueólogos, p. 15 - 21.

L’HOUR, Michel (1984)- “Les statuettes en bois de l’Épave Planier 1 à Marseille”, in *Archaeonautica*, vol. 4. Paris: Centre National pour la Recherche Scientifique, p. 53 - 73.

LIMANE, Hassan (1992)- “La céramique du Sud de la Gaule à Lixus”, in *Lixus (Actes du colloque organisé par l’Institut des Sciences de l’Archéologie et du Patrimoine de Rabat avec le concours de l’École Française de Rome, Larache, 8-11 Novembre 1989)*. Roma: École Française de Rome (Col. *École Française de Rome*, n.º 166), p. 299 - 303.

LINEROS ROMERO, R.; RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, I. (2001)- “Las vías romanas en el Mediterráneo”, in *La Via Augusta en la Bética*. S/l: Junta de Andalucía, p. 11 - 49.

LOESCHKE, Siegfried (1909)- *Keramische Funde in Haltern*, in *Mitteilungen der Altertumskommission Westfalen*, n.º 5. Altertumskommission Westfalen, p. 101 - 322.

LOESCHKE, Siegfried (1939)- “Älteste römische Keramik von Petrisberg”, in *Trierer Zeitschrift*, n.º 14. Trier: p. 93 - 112.

LOPES, Maria da Conceição (1989)- “*Sigillata* de Montans no Monte da Cegonha (Vidigueira)”, in *Conímbriga*, vol. XXVIII. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 223 - 228.

LOPES, Maria da Conceição (1994). *A Sigillata de Represas – Tratamento Informático*. Coimbra: Instituto de Arqueologia (Col. *Conimbriga-Anexos*, n.º 2).

LOPES, Maria da Conceição (2003) – *A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da civitas de Pax Iulia*. Coimbra: Faculdade de Letras / Universidade de Coimbra.

LOPES, Maria da Conceição; VILAÇA, Raquel (Dir.) (2004)- *O Passado em cena: narrativas e fragmentos. Miscelânea oferecida a Jorge de ALARCÃO* (Dir.. Maria da Conceição Lopes e Raquel Vilaça). Coimbra- Porto: Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto.

LÓPEZ MULLOR, Alberto; ESTARELLAS, María Magdalena; MERINO, Josep (2008)- “Tres conjuntos cerámicos del final de la República y del Alto Imperio hallados en Can Muntanyans, Palma (Mallorca)”, in *Actes du Congrès de L’Escala-Empúries*. Saint-Paul-Troix-Châteaux: S.F.E.C.A.G., p. 129 - 152.

LÓPEZ ROSENDO, Ester (2008)- El alfar romano Altoimperial del Jjardín del Cano (El Puerto de Santa María, Cádiz, España), en el contexto económico de *Gades*”, in *Revista de Historia de El Puerto*, nº 41. Puerto de Santa María: p. 39-74.

LÓPEZ PÈREZ, M. C. (2004)- *El Comercio de Terra Sigillata en la Provincia de A Coruña*, in *Brigantium*, vol. 16. Corunha: Museo Arqueoloxico e Histórico Castelo de San Antón.

LUDOWICI, Wilhelm (1927)- *Die Bilderschüsseln der römischen Töpfer von Rheinzabern. Katalog meiner Ausgrabungen in Rheinzabern 1901-1914*. Bona: Jockgrim.

MACIEL, Justino (1994) – Lisboa Romana, in *Olisipo*, II Série, 1, Número Especial-Comunicações ao Simpósio Lisboa em Discussão, Lisboa, Grupo Amigos de Lisboa, pp. 33-42.

MACMULLEN, R. (1970)- “Market-days in the Roman Empire”, in *Phoenix*, vol. XXIV, fasc. 4. Toronto: Classical Association of Canada, p. 333 - 341.

MADRID FÉRNANDEZ, M. (1999a)- “Primers resultats de l’estudi de la ceràmica terra sigillata de Baetulo: circulació ceràmica i aportacions cronològiques a la ciutat”, in *Pyrenae*, n.º 30. Barcelona: Universitat de Barcelona, p. 147 - 172.

MADRID FÉRNANDEZ, M. (1999b)- “Les marques de potiers sur la Terra Sigillata de la ville romaine de Baetulo (Badalone, Barcelone)”, in *Actes du Congrès de Fribourg*. Marselha: Société pour l’Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 279 - 289.

MAHEDERO, Juan António Molina (2005)- “Nuevos datos sobre el lienzo septentrional de la muralla de Córdoba”, in *Romula*, n.º 4. Sevilha: p. 99 - 104.

MAIA, Maria; MAIA, Manuel (1974)- “A villa romana de D.Pedro (Beja) - 1ª Campanha de escavações”, in *Actas das II Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1972)*, vol.2. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 121-138.

MAIA, Manuel (1983)- “*Decimus Iunius Brutus* e o significado do amuralhamento de Olisipo”, in *Sintria*, vol. 1, tomo 1-2. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, p. 95-106.

MAIA, Maria Garcia Pereira (1971b)- “Subsídios para o estudo da *terra sigillata* de Miróbriga”, in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. II. Coimbra: Junta Nacional da Educação, p. 433 - 444.

MAIA, Maria (1978)- “Uma imitação em cerâmica comum, de um prato em sigillata hispânica”, in *Setúbal Arqueológica*, n.º 4. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, p. 211 - 213.

MAIA, Manuel (1974)- “1ª Campanha de escavações realizada no Cerro do Castelo do Manuel Galo (Mértola) - Uma possível fortaleza romana”, in *Actas das II Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1972)*, vol.2. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 139 – 174.

MALFITANA, Daniella; POBLOME, Jeroen; LUND, J. (Eds.) (2006)- *Old pottery in a new century. Innovating perspectives on Roman pottery studies. Atti del Convegno Internazionale di Studi (Catania Abril 2004)*. Catania: Erma di Bretschneider (Col. *Monografie dell'Istituto per i beni archeologici e monumentali*).

MANDRUZZATO, A. (1988)- “La sigillata italica in Sicilia. Importazione, distribuzione, produzione locale”, in *Aufstieg und Niedergang der Römische Welt, II, Principat*, 11.1, *Sizilien und Sardinien*. Berlim e Nova Iorque: Walter de Gruyter, p. 414 – 449.

MANNING, W.H. (Ed.) (1993)- *The Roman Pottery. Report on the Excavations at Usk, 1965-1976*. Cardiff: University of Wales Press.

MANTAS, Vasco Gil (1976)- “Notas acerca de três inscrições de *Olisipo*”, in *Conimbriga*, vol. XV. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 151 – 159.

MANTAS, Vasco Gil (1982)- “Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras”, in *Conimbriga*, vol. XXI. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 5 - 100.

MANTAS, Vasco Gil (1986b)- “Um miliário de Adriano em Alfeizerão”, in *Conimbriga*, vol. XXV. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 213 - 225.

MANTAS, Vasco Gil (1986b)- “Arqueologia urbana e fotografia aérea: contributo para o estudo do urbanismo antigo de Santarém, Évora e Faro”, in *Actas do I Encontro*

Nacional de Arqueologia Urbana - Setúbal 1985. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural (Col. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 3), p. 13 - 26.

MANTAS, Vasco Gil (1990)- “As cidades marítimas da Lusitânia” in *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchies et Territoires. Table ronde internationale du Centre Nacional de Recherche Scientifique. (Talence 1988)*. Paris: Centre National pour la Recherche Scientifique (Col. *Maison des Pays Ibériques*, n.º 42), p. 149 - 205.

MANTAS, Vasco Gil (1993)- “As fundações coloniais no território português nos finais da República e inícios do Império” in *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga*. Coimbra: Universidade de Coimbra, p. 467 - 500.

MANTAS, Vasco Gil (1994)- “Olisiponenses: epigrafia sociedade na Lisboa”, in *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Eleta, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa '94, p.70 - 75.

MANTAS, Vasco Gil (1996b)- “Comércio marítimo e sociedade nos portos romanos do Tejo e do Sado”, in RAPOSO, Jorge; DUARTE, Ana Luísa (Coord.)- *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado (Atas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado, Seixal, 1991)*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal e Publicações D.Quixote (Col. *Nova Enciclopédia*, n.º 54), p. 343 - 369.

MANTAS, Vasco Gil (1998)- “Vias romanas no concelho de Loures”, in *Da Vida e da Morte. Os Romanos em Loures*. Loures: Câmara Municipal de Loures, Museu Municipal de Loures, p. 17 - 28.

MANTAS, Vasco Gil (1999)- “Olisipo e o Tejo”, in *II Colóquio Lisboa e A Dinâmica Urbana: Lisboa Ribeirinha*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Divisão de Arquivos, p. 15 - 41.

MANTAS, Vasco Gil (1999b)- “As *uillae* marítimas e o problema do povoamento do litoral português na época romana”, in GORGES, Jean-Gérard; RODRÍGUEZ MARÍN, Francisco Germán (Eds.)- *Économie et territoire en Lusitanie*. Madrid: Casa de Velázquez (*Collection de la Casa de Velázquez*, vol. 65), p. 135 - 156.

MANTAS, Vasco Gil (2000)- “A rede viária romana e medieval da região de Torres Vedras”, in *Turres Veteras*, I. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras, Instituto Alexandre Herculano da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 9 - 26.

MANTAS, Vasco Gil (2001)- “A População da Região de Torres Vedras na Época Romana”, in *Turres Veteras*, IV, *Actas de Pré-história e História Antiga*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras, Instituto Alexandre Herculano da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 129 - 141.

MANTAS, Vasco Gil (2003)- “Portos marítimos romanos”, in *Memórias da Academia de Marinha*, vol. VIII. Lisboa: Academia de Marinha, p. 5-69.

MANTAS, Vasco Gil (2003-2004)- “O Atlântico e o Império Romano”, in *Revista Portuguesa de História*, n.º 36-2. Coimbra: Universidade de Coimbra, p. 445 - 468.

MANTAS, Vasco Gil (2004a)- “Vias e portos na Lusitânia romana”, in GORGES, Jean-Gérard; CERRILLO, Enrique; NOGALES BESARRATE, Trinidad (Dir.)- *V Mesa Redonda Internacional sobre Lvsitania Romana: Las Comunicaciones*. Cáceres: Museo Nacional de Arte Romano, Univerdidad de Extremadura, Casa de Velázquez, Université de Toulouse Le Mirail, p. 427 - 453.

MANTAS, Vasco Gil (2004b)- “A Rede Viária Romana do Território Português”, in MEDINA, João (Dir.)- *História De Portugal*, vol. II. Lisboa: Ediclube, p. 438 - 469.

MANTAS, Vasco Gil (2012)- “A estrada romana de Olisipo a Scallabis. Traçado e vestígios”, in *Actas da Mesa Redonda «De Olisipo a Scallabis»- A rede viária romana no Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 4 - 28.

MARABINI MOEVS, Maria Teresa (2006)- *Cosa: the Italian sigillata*. Michigan, Roma: American Academy in Rome, Ann Harbour (Col. *Memoirs of the American Academy in Rome, Supplementary Series*, III).

MARICHAL, René (1986)- “Nouveaux aperçus sur la vie et la struture des ateliers de La Graufesenque d’après des comptes de potiers“, in *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: implantations, produits, relations*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme (Col. *Documents D’Archéologie Française*, n.º 6), p. 7 - 20.

MARICHAL, René (1988)- *Les graphites de La Graufesenque*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique (47ème Supplément à Gallia).

MARQUES, Gustavo (1972)- *Alpiarça: as estações representadas no Instituto de Antropologia do Porto*. Porto: Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia, col. *Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia Etnologia*, n.º 13.

MARQUES, Gustavo (1982-1983)- “Aspetos da Proto-História do Território Português II-O Povoado de Santa Eufémia (Sintra)”, *Sintria*, vol. I-II, 1982-1983. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, p. 59 - 87.

MARSH, Geoff D. (1981)- “London’s Samian supply and its relationship to the development of the Gallic Samian industry,” in ANDERSON, A.C.; ANDERSON, A.S. (Eds.)- *Roman pottery research in Britain and north-west Europe: papers presented to Graham Webster*. Oxford: Council for British Archaeology (Col. *British Archaeological Reports, International Series*, n.º 123), p. 173 – 238.

MARSHALL, L.-J; COOK, S.R.; ALMOND, M.J; FULFORD, M.G. (2008)- “Roman diet and trade: evidence from organic residues on pottery recovered at the Roman town of Calleva Atrebatum (Silchester, Hants.)”, in *Britannia*, n.º 39. Londres: Society for the Promotion of Roman Studies, p. 245 - 254.

MARTIN, André (1994)- “Nouvelles observations sur le sigillée sud-gauloise en Italie”, in *Actes du congrès de Millau (12-15 Mai)*. Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 115 - 126.

MARTIN, André (1997)- “Sigillata wasters from Ostia ?”, in *Rei Cretariae Romanae Fautorum Ata*, 35. Roma: Rei Cretariae Romanae Fautores, p. 199 - 202.

MARTIN, Stéphane (2009)- “Monnaies et céramique sur les sites militaires et civils de Germanie à l’époque Augusto-Tibérienne. Apports d’une étude croisée”, in *Actes du Congrès de Colmar*. Marselha: SFECAG, p.151 - 158.

MARTIN, Thierry (1986a)- “Montans”, in *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: implantations, produits, relations*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme Col. *Documents D’Archéologie Française*, n.º 6), p. 58 - 71.

MARTIN, Thierry (1986b)- “Centre de Montans: atelier de Crambade”, in *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: implantations, produits, relations*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme (Col. *Documents D’Archéologie Française*, n.º 6), p. 72 -77.

MARTIN, Thierry (1986c)- “Saint-Sauveur”, in *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: implantations, produits, relations*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme (Col. *Documents D’Archéologie Française*, n.º 6), pp. 78-84.

MARTINEAU, Bénédite (2003)- “Les *libertii* dans la cité d’Olisipo”, in ARMANI, Sabine; MARTINEAU, Sabine; STYLOW, Armin (Eds.)- *Epigrafia y Sociedad en Hispania durante el Alto Imperio: estructuras y relaciones sociales*. Alcalá, Madrid: Universidad de Alcalá, Casa de Velázquez (*Ata Antiqua Complutensia*, IV), p. 193 - 202.

MARTINS, Manuela; DELGADO, Manuela (1989-1990)- “As necrópoles de Bracara Augusta. A. Os dados arqueológicos”, in *Cadernos de Arqueologia*, II Série, n.º 6-7. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Museu D. Diogo de Sousa, p. 41 – 186.

MARTINS, Manuela (1997)- “A Gestão da Arqueologia Urbana: realidades, problemas e desafios”, in *Arkeos*, n.º1. Tomar: p. 91 - 112.

MARY, Geot T. (1967)- *Die Sudgälische Terra Sigillata aus Neuss, Novaesium*, n.º 1. Bona: Rheinisches Landesmuseum.

MASTINO, A. (Ed.) (1988)- *L’Africa romana: Atti del V convegno di studi (Sassari 11–13 dicembre 1987)*. Sassari: Ed. Gallizi.

MATOS, José Luís de (1993)- “Escavações Arqueológicas nos Claustros da Sé”, in *Almadan*, II Série, n.º 3, *Especial- Arqueologia na região de Lisboa*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 108 – 109.

MATTOSO, José (Dir.) (1992)- *História de Portugal*, vol.I. Lisboa: Círculo de Leitores.

MAUNE, Stephane; GENIN, Martine (Dir.) (2006)- *Du Rhône aux Pyrénées: aspects de la vie matérielle en Gaule Narbonaise (fin Ier s.av.-Vie s.ap.J.-C.)*. Montagnac: Monique Mergoil (Col. *Archéologie et Histoire Romaine*, n.º 15).

MAYET, Françoise (1973)- “Marques de potiers sur sigillées hispaniques à Conímbriga”, in *Conímbriga*, n.º XII. Coimbra: Instituto de Arqueologia 1973, p. 5 - 65.

MAYET, Françoise (1975)- “Les Sigillées Hispaniques”, in ÉTIENNE, Robert; ALARCÃO, Jorge (Dir.)- *Fouilles de Conímbriga*, vol. IV, *Les Sigillées*. Paris: E. De Boccard, p. 153 - 245.

MAYET, Françoise (1978)- “Les importations de sigillées à Mérida au Ier siècle de notre ère”, in *Conímbriga*, vol. XVII. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 79 - 100.

MAYET, Françoise (1984)- *Les Céramiques Sigillées Hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*. Paris: Centre Pierre Paris.

MAYET, Françoise (1990)- “Mérida: capital économique?”, in *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchies et Territoires. Table ronde internationale du Centre Nacional de Recherche Scientifique. (Talence 1988)*. Paris: Centre National pour la Recherche Scientifique (Col. *Maison des Pays Ibériques*, n.º 42), p. 207 - 212.

MAYET, Françoise; SCHMITT, Anne; SILVA, Carlos Tavares da (2002)- *L'atelier d'Amphores d'Abul – Portugal*, Paris: E. de Boccard.

MEADOWS, K.; LEMKE, C.; HERON, J. (Eds.) (1997)- *TRAC 96. Proceedings of the Sixth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference, Sheffield 1996*. Oxford: Oxbow Books.

MEDINA, João (Dir.) (2004)- *História De Portugal*, vol. II. Lisboa: Ediclube.

MEDRI, Maura (1996)- *La terra sigillata tardo-italica decorata*. Siena: Università di Siena (Col. *Studia Archaeologica*, n.º 60).

MEES, Allard (1994)- “Potiers et moulistes. Observations sur la chronologie, les structures et la commercialization des ateliers de terre sigillée décorée”, in *Actes du Colloque de Millau (Millau 1994)*. Millau: Société Française pour l'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 19 - 42.

MEES, Allard (1995)- *Modellsignierte Dekorationen auf südgaulische terra sigillata*. Estugarda : Theiss Verlag (Col. *Forschungen und Berichte zur Vor und Frühgeschichte in Baden-Württemberg*, n.º 54).

MEES, Allard (2002)- *Organisationsformen römischer Töpfer-Manufakturen am Beispiel von Arezzo und Rheinzabern: unter Berücksichtigung von Papyri, Inschriften und Rechtsquellen*, Mainz: Römisch-Germanisches Zentralmuseum, Forschungsinstitut für Vor-und Frühgeschichte (Col. *Monographien Römisch-Germanisches Zentralmuseum*, n.º 52).

MEES, Allard (2005)- “Distribution maps of south gaulish decorated samian : the case of the potter Passienus”, in MENCHELLI, Simonetta Menchelli; PASQUINUCCI, Marinella (Dir.)- *Territorio e produzione ceramiche. Paisagi, economia e società in età romana*. Pisa: Edizioni Plus, Pisa University Press (Col. *Instrumenta*, n.º 2), p. 315 -321.

MEES, Allard (2007)- “Diffusion et datation des sigillées signées et décorées de La Graufesenque en Europe. L’influence de l’armée sur l’évolution du pouvoir d’achat et du commerce dans les provinces romaines”, in *Actes du Congrès de Langres*. Marselha: S.F.E.C.A.G., p. 145 - 208.

MENCHELLI, Simonetta (1997)- “Terra Sigillata Pisana: Fornitures Militari e «Libero Mercato»”, in *Rei Cretariae Romane Fautorum Ata*, n.º 35. Roma: Rei Cretariae romanae Fautores, p. 191 - 198.

MENCHELLI, Simonetta; PASQUINUCCI, Marinela (Dir.) (2005)- *Territorio e produzione ceramiche. Paisagi, economia e società in età romana*, Pisa, Edizioni Plus, Pisa University Press (Col. *Instrumenta*, n.º 2).

MENDES, Henrique e PIMENTA, João (2008)- “A escavação de um troço da estrada romana *Olisipo-Scallabis* em Vila Franca de Xira”, in *Conhecer o Património de Vila Franca de Xira. Perspetivas de Gestão de Bens Culturais*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 163 - 169.

MÉNDEZ GRANDE, Guadalupe (2006)- “Origen, desarrollo y cambios funcionales producidos en un solar extramuros de la ciudad desde el s. I d. C. hasta el V d. C.- Intervención arqueológica realizada en un solar situado entre las calles José de Echegaray, Barcelona y Avda. de Lusitania (Mérida)”, in *Mérida. Excavaciones Arqueológicas - 2003*. Mérida: p. 357 - 382.

MENÉNDEZ LLORENTE, A. (2000) - *La comarca de Valdeorras en época romana: la cerámica sigillata*. Obarco (Ourense): Peymar artes gráficas.

MENDES-PINTO, José Marcelo (2008)- “Do castro de S. Domingos a Meinedo: Proto-História e Romanização na bacia superior do rio Sousa”, in *Oppidum*, Número Especial. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p. 47 - 63.

MERGULHO, Rui; LUÍS, Rui; TORRE, Marco; RODRIGUES, Ivan; REGALA, Raquel; PACHECO, Paulo; SOUSA, Carlos; LUÍS, Valter; SANTOS, Hugo; MATIAS, André; GROMICHO, Filipe; SILVA, Nuno; SIMÕES, Sisenando (2001)- “Minas de Valongo, conclusões dos trabalhos de Arqueologia e Topografia”, in *Revista Troglo*, n.º3. Torres Novas: Associação de Estudos Subterrâneos e Defesa do Ambiente, p. 15 - 17.

MERRYWEATHER, J.; PRAG, J.R.W. (Eds.) (2003)- ‘*Romanization*’?, *Proceedings of a post-graduate colloquium at the Institute of Classical Studies (15 November 2002) A.D.*., Londres: University of London, Institute of Classical Studies (Col. *Digressus Supplement*, n.º 1).

MEZQUIRIZ IRUJO, María A. (1961)- *Terra Sigillata Hispânica*. Valência: The William L. Bryant Foundation (Col. *Monografías sobre Cerámicas Hispánicas*, I).

MEZQUIRIZ IRUJO, María A. (1983)- “Tipología de la Terra Sigillata Hispánica, in *Terra Sigillata Hispânica-Monografías Arqueológicas, Separata del Boletín del Museo*

Arqueológico Nacional, I, 2. Madrid: Museo Arqueológico Nacional (Col. *Mongrafias*, n.º 2), p. 123 - 131.

MEZQUIRIZ IRUJO, María A. (1985)- “Terra Sigillata Hispanica”, in *Enciclopedia dell’Arte Antica Classica e Orientale*, II, *Ceramica fine romana nel bacino Mediterraneo (Tardo Ellenismo e Primo Imperio)*. Roma: Instituto della Enciclopedia Italiana, p. 97 - 174.

MILLER, L.; SCHOOLFIELD, J; RHODES, M. (1986)- *The Roman Quay at St.Magnus House. Excavations at New fresh Wharf, City of London, 1974-78*. Londres: Middlesex Archaeological Society (Col. *Middlesex Archaeological Society Special Paper*, n.º8), p.199 - 204.

MILLET, Martin (1979)- “An approach to the funtional interpretation of pottery”, in MILLET, Martin (Ed.)- *Pottery and the archaeologist*. Londres: Institute of Archaeology, University College of London (Col. *Institute of Archaeology Ocasional Papper*, n.º 4), p. 35 - 48.

MILLET, Martin; DICKINSON, Brenda; HARTLEY, Brian (1987)- “Boudicca, the First Colchester Potters' Shop, and the Dating of Neronian Samian”, in *Britannia*, vol. 18. Londres: Society for the Promotion of Roman Studies, p. 93 - 123.

MIRANDA, Jorge Augusto; ENCARNAÇÃO, Gisela (1997)- *Villa Romana da Quinta da Bolacha- Campanha de Abril/Maio de 1997*. Amadora: Gabinete de Arqueologia Urbana, Associação de Arqueologia da Amadora (Col. *Relatórios*, n.º 4).

MIRANDA, Jorge Augusto; ENCARNAÇÃO, Gisela; VIEGAS, João Carlos; ROCHA, Eduardo; GONZÁLEZ, António (1999)- *Carta Arqueológica: do Paleolítico ao Romano*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora, Museu Municipal de Arqueologia.

MOITA, Irisalva (1968)- “Achados de época romana no sub-solo de Lisboa”, in *Revista Municipal*, ano 19, n.º 116-117. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 33 - 71.

MOITA, Irisalva (1970)- “O Teatro Romano de Lisboa”, in *Revista Municipal*, n.ºs 124/125. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 7 - 37.

MOITA, Irisalva; LEITE, Ana Cristina (1986) – Recuperar Olisipo a partir de Lisboa, in *I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal 1985)*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural (Col. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 3), p. 55 - 67.

MOITA, Irisalva (1994)- *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Expo’98, Lisboa’94, Livros Horizonte.

MONTALVO FRÍAS, A.M.; GIJÓN GABRIEL, M.E.; SÁNCHEZ PALENCIA, F.J. (1997)- “Circo romano de Mérida. Campaña de 1995”, in *Mérida-Excavaciones Arqueológicas 1994-1995*, n.º 4. Mérida: Fundación Mérida Ciudad Monumental, p. 245 -258.

MONTEIL, Gwladys (2011)- “The sizes of samian vessels and dining – evidence from Roman London”, in BIRD, Joanna (Dir.)- *Dating and interpreting the past in the*

Western Roman Empire- Essays in honour of Brenda Dickinson. Oxford: Oxbow Books.

MONTEIRO, Mário; BATALHA, Luísa e CARDOSO, Guilherme (2008)- “A Villa Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo”, in *Conhecer o Património de Vila Franca de Xira. Perspetivas de Gestão de Bens Culturais*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 153 - 161.

MONTESINOS I MARTINEZ, José (1982)- “Terra Sigillata Hispánica en Valencia”, in *Arse*, n.º 17. Valência: p. 31 - 54.

MONTESINOS I MARTINEZ, José (1992)- “Terra Sigillata en Valentia: produtos hispánicos”, in *Estudios de Arqueología Ibérica y Romana- Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valência: Serviço de Investigación Prehistórica (Col. *Série de Trabajos Varios*, n.º 89),p. 469 - 537.

MONTESINOS I MARTINEZ, Josep (1995)- “Aportación al conocimiento de la cerámica romana en Illici: las sigillatas” in *Actas del XXIII Congreso Nacional de Arqueología*, vol.II. Elche: Ayuntamiento de Elche, p. 235 - 244.

MONTESINOS I MARTINEZ, Josep (1998)- *Comercialización de Terra Sigillata en Illici (Elche, Comunidad Valenciana)*. Valência: Real Academia de Cultura Valenciana, Sección de Prehistoria i Arqueología (Col. *Série Arqueológica*, n.º 16).

MORAIS, Rui (1998)- “Importações de cerâmicas finas em *Bracara Augusta*: Da fundação até à Época Flávia”, in *Cadernos de Arqueologia*, 2ª Série, n.º 14 - 15. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Museu D. Diogo de Sousa, p. 47 - 135.

MORAIS, Rui (2006)- *Autarcia e Comércio em Bracara Augusta. Contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (Col. *Escavações Arqueológicas*, n.º 2).

MORAIS, Rui (2007a)- “Breve Informação Sobre Duas Marcas em *Terra Sigillata* Hispânica Alto-Imperial Recolhidas em Braga”, in *Al-madan*, II Série, n.º 15. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 167 - 168.

MORAIS, Rui (2007b)- “Contributo para o estudo da economia na Lusitânia romana”, in *Saguntum- Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*, n.º 39. Valência: Universitat de Valencia, Departament de Prehistòria i d’Arqueologia, p. 133 – 140.

MOREIRA, Álvaro Brito (2007)- *Museu Municipal Abade Pedrosa*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso.

MOREIRA, José Beleza (2002)- *Cidade romana de Ebburobrittium Óbidos*. Vila Nova de Famalicão: Mímésis (*Colecção Ciência, Arqueologia*).

MOREL, Jean-Paul (1981)- *Céramique campanienne: Les formes*. Roma: École Française de Rome (Col. *Bibliothèque de l’École Française de Rome*, n.º 244).

MORENO ALMENARA, Maudílio (1998)- “Importaciones e imitaciones de cerámica romana en el yacimiento de Cercadilla (Córdoba) - Siglos I al III d.C.”, in *Anales de Arqueología Cordobesa*, n.º 9. Córdoba: Universidad de Córdoba, p. 247-272.

MORILLO CERDÁN, Angel; GARCÍA MARCOS, V. (2003)- “Importaciones itálicas en los campamentos romanos del norte de Hispania durante el periodo augusteo e julio-claudio”, in *Rei Cretariae Romanum Fautorum Acta*, n.º 38. Abingdon: Rei Cretariae Romanae Fautorum, p. 295 - 304.

MORILLO CERDÁN, Ángel (Ed.) (2006)- *Arqueología Militar Romana en Hispania II: Producción y abastecimiento en el ámbito militar*. León: Universidad de León / Ayuntamiento de León.

MURALHA, João; COSTA, Cláudia; CALADO, Marco César. (2002)- “Intervenções Arqueológicas na Encosta de Sant’Ana (Martim Moniz, Lisboa)”, in *Almadan*, 2ª Série, n.º 11. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 245 - 246.

MURPHY, Elisabeth; POBLOME, Jeroen (Dir.) (2007)- *Speaking Volumes about Production: Innovative Approaches towards the Study of Roman Table Wares*. Lovaina: Katholieke Universiteit Leuven, Facultat Letteren, Master of Arts in Eastern Mediterranean Archaeology.

NAVARRO CABALLERO, Milagros ; DEMOULIN ; Ségolène (Coord.)- *Élites Hispaniques*. Bordéus: Ausonius Publications, Diff.De Boccard (col. *Études*, n.º6).

NETO, Nuno; REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel (2009)- “Dados preliminares da intervenção arqueológica na Z.P. da Villa romana do Alto da Cidreira”, in *Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo em Território Português-Actas das Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo, em Território Português realizadas entre os dias 3 e 6 de Março de 2008*. Lisboa: Centro Português de Geo História e Arqueologia, p. 37 - 47.

NICOLLETA, Natalia (2003)- “I produttori di terra sigillata di Scoppieto”, in *Rei Cretariae Romane Fautorum Acta*, n.º 38. Abingdon: Rei Cretariae Romane Fautorum, p. 145 - 152.

NIETO PRIETO, Javier (1989)- “El Pecio Culip IV: Observaciones sobre la Organización de los Talleres de Terra Sigillata de La Graufesenque “, in *Archeonautica*, n.º 6. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, p. 81 - 119.

NIETO PRIETO, Javier; JOVER ARMENGOL, Anna; IZQUIERDO TUGAS, Pere; PUIG GRISSENBERGER, Anna Maria; ALAMINOS EXPOSITO, Antónia; MARTIN MENENDEZ, Albert; PUJOL, Marcel (1989)- *Excavacions Arqueològiques a Cala Culip I*. Girona: Centre d’Investigacions Arqueològiques de Girona (Col. *Serie Monogràfica*, n.º 9).

NIETO PRIETO, Javier; PUIG, A.M. (2001)- *Excavacions Arqueològiques Subaquàtiques a Cala Culip.3. Culip IV: La Terra Sigil.lata decorada de La Graufesenque*. Girona: Museu d’Arqueologia de Catalunya, Centre d’Arqueologia Subaquàtica de Catalunya (Col. *Monografies del CASC*, n.º 3).

NIETO, Xavier; ROCA ROUMÉNS, Mercedes; VERNHET, Alain; SCIAU, P. (Eds.) (2005)- *La Difusió dela terra sigillata sudgál.lica al Nord d'Hispania*. Barcelona: Museu d'Arqueologia de Catalunya (Col. *Monografies del CASC*, n.º6).

NOGALES BESARRATE, Trinidad (2000)- *Espectáculos en Augusta Emérita (espacios, imágenes y protagonistas del ocio y espectáculo en la sociedad romana emeritense)*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, Fundación de Estudios Romanos (Col. *Monografías Emeritenses*, n.º 5).

NOGALES BESARRATE, Trinidad (Ed.) (2005)- *Augusta Emerita, Territorios, Espacios Imágenes y Gentes en Lusitania*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (Col. *Monografías Emeritenses*, n.º8).

NOGALES BESARRATE, Trinidad (Dir.) (2010)- *Ciudad y foro en Lusitania Romana*. Mérida: Junta de Extremadura (Col. *Studia Lusitana*, n.º4).

NOLEN, Jeannete U.Smith; DIAS, Luísa Ferrer (1981)- “A necrópole de Santo André- Parte II- Os materiais”, in *Conimbriga*», n.º XX. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 33 -179.

NOLEN, Jeannete U.Smith (1985)- *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*. Vila Viçosa: Fundação da Casa de Bragança.

NOLEN, Jeannete U.Smith (1988)- “A villa romana do Alto da Cidreira (Cascais). Os materiais”, in *Conimbriga*, vol. XXVII. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 61 - 140.

NOLEN, Jeannete U.Smith (1991)- *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares-Balsa, incluindo o espólio ósseo e medieval*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, Museu Nacional de Arqueologia, Instituto Português de Museus.

NOZES, Cristina; MIRANDA, Pedro; SILVA, Rodrigo Banha da (no prelo)- “O contexto da U.E. 9033 da Praça da Figueira e a circulação de produtos cerâmicos em Olisipo”, in *Actas do Seminário «A costa Atlântica em época Romana»* (Peniche, 2006). Peniche: Câmara Municipal de Peniche.

OELMANN, Franz (1914)- *Die Keramik des Kastells Niederbieber*. Franqueforte: Baer.

OLE[I]RO, Joao Manuel (1950)- “«Terra Sigillata». A propósito de algumas marcas de oficinas sud-gálicas encontradas em Portugal”, in *Actas del VI Congreso Arqueológico del Sudeste (Alcoy, 1950)*. Cartagena: Institución Fernando El Católico, p. 225 - 229.

OLEIRO, João Manuel Bairrão (1951)- *Elementos para o estudo da «terra sigillata» em Portugal, I- Marcas de oleiro encontradas no País, Separata do vol. 41 da Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade de Martins Sarmento.

OLEIRO, João Manuel Bairrão (1959)- *O Acampamento Romano de Antanhol, Separata de Biblos*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

OLEIRO, João Manuel Bairrão (1960-1961)- “Achados arqueológicos no Porto do Sabugueiro (Muge, Ribatejo)”, in *Conimbriga*, vol.II-III. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 290-293.

OLIVEIRA, Ana Cristina (2001)- “A villa das Almoínhas, Loures, Portugal : apresentação dos trabalhos desenvolvidos entre 1995 e 1996”, in *O Arqueólogo Português*, Série IV, n.º 19. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 65 - 94.

ORTON, Clive; ORTON, J.L. (1975)- “It's later than you think: a statistical look at an archaeological problem“, in *London Archaeologist*, n.º 2-11. Londres: p. 285 -287.

ORTON, Clive (1978)- “Statistical dating of the sequence from Trench 2 [93-95 Borough High St]”, in BIRD, Joanna; GRAHAM, A.H.; SHELDON, J.; TOWNSEND, P (Eds.)- *Southwark Excavations 1972-1974*. London and Middlesex Archaeological Society, Surrey Archaeological Society (Col. *Joint Publications*, n.º. 1), p. 460 - 461.

ORTON, Clive (1980)- *Mathematics in Archaeology*. Londres: Collins (Col. *Collins Archaeology*, n.º 3).

ORTON, Clive (1989)- “An introduction to the quantification of assemblages of pottery”, in *Journal of Roman Pottery Studies*, vol.2. Londres: Society Group for the Study of Roman Pottery, p. 94 - 97.

ORTON, Clive; TYERS, Paul; VINCE, Alan (1993)- *Pottery in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.

ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. (1997) – *La Cerámica en Arqueologia*. Barcelona, Crítica (Col. *Crítica Arqueologia*).

OSWALD, Felix; PRICE, T.Davies (1920)- *An Introduction to the study of Terra Sigillata treated from a chronological standpoint*. Londres: Longmans, Green and Co.

OSWALD, Felix (1931)- *Index of Potters' Stamps on terra sigillata (Samian Ware)*. Margidunum: Ed. autor.

OSWALD, Felix (1937)- *Index of Figure Types on Terra Sigillata*, col. *Annals of Archaeology and Anthology Supplement*. Liverpool: University of Liverpool.

OSWALD, Felix (1948)- *The terra sigillata (Samian ware) of Margidunum*. Nottingham: University College.

OSWALD, Felix (1952)- *Excavation of a Traverse of Margidunum*. Nottingham: University of Nottingham.

OTTAWAY, Patrick (1992)- *Archaeology in British Towns - From the Emperor Claudius to the Black Death*. Londres: Routledge.

OXÉ, August (1909)- “Die älteste truppenverteilung Neusser legionslager”, in *Bonner Jahrbuch: Jahrbücher des Verheins von Altesthumsfreunde in Rheinländer*, n.º118. Bona: Altesthumsfreunde in Rheinländer, p.75 - 99.

OXÉ, August (1933)- *Arretinische Reliefgefäße vom Rhein*, col. *Materialien zur Römisch-Germanischen Keramik*, n.º 5. Frankfurt

OXÉ, August (1944)- “Die Halterner Sigillatafunde seit 1925”, in *Bodenaltertümern Westfalens*, n.º 6. Bona: p.15-76.

OXÉ, August; COMFORT, Howard (1968)- *Corpus vasorum arretinorum: a catalogue of the signatures, shapes and chronology of Italian Sigillata*. Bonn: Rudolf von Habelt.

OCK- OXÉ, A.; COMFORT, H.; KENRICK, P. (2000) – *Corpus Vasorum Arretinorum* (2ª Ed., revista e ampliada), Bona: Dr. Rudolf Habelt GMBH Col. *Antiquitas*, n.º 41)..

PAÇO, Afonso do (1957)- *Sementes incarbonizadas do Baleal, Peniche, Separata de Publicações do XXIII Congresso Luso-Espanhol* (Coimbra, 1-5 de Junho de 1956), Tomo 8. Coimbra: Associação para o Progresso das Ciências.

PAIXÃO, António Cavaleiro (1984a)- “Alto dos Cacos”, ”, in *Informação Arqueológica*, n.º 7. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, p.34.

PAIXÃO, António Cavaleiro (1984b)- “Azeitada”, in *Informação Arqueológica*, n.º 7. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, p.34.

PARKER, Antony John (1992)- *Ancient shipwrecks of the Mediterranean and the Roman Provinces*. Oxford: Tempus Reparatum (Col. British archaeological Reports, International Series, n.º 580).

PARKINS, Helen; SMITH, Cristopher (Eds.) (1998)- *Trade, traders and the Ancient City*, Londres, Nova Iorque: Routledge.

PARREIRA, Rui; PINTO, Clara Vaz (1978)- “Contribuição para o Estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a Norte do Estuário do Tejo”, in *Actas das III Jornadas Arqueológicas (1977)*, vol. 1. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 147 - 163.

PARREIRA, Rui (1986)- “Povos (Escola Velha), Vila Franca de Xira: Relatório dos trabalhos arqueológicos de campo realizados em 1985”, in *Boletim Cultural CIRA*, n.º 2. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 101 - 110.

PARREIRA, Rui (1987-1988)- “Intervenção arqueológica no centro histórico de Alverca do Ribatejo, 1986. Relatório sucinto dos trabalhos realizados”, in *Boletim Cultural CIRA*, n.º 3. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 89 - 94.

PASQUINUCCI, Marinella; WESKI, Timm (Eds.) (2004)- *Close Encounters: Sea-and Riverborne Trade, Ports and Hinterlands, Ship Construction and Navigation in Antiquity, the Middle Ages and in Modern Time*. Oxford: Council for British Archaeology (Col. *British Archaeological Records, International Series*, n.º 1283).

PASQUINUCCI, Marinella; MENCHELLI, Simonetta (2005)- “Ceramiche sigillate pisane nell’area atlântica”, in UIRTEAGA ARTIGAS, Maria Mercedes; NOAIN MAURA, María José (Eds.)- *Mar Exterior : el Occidente atlántico en época romana, Congreso Internacional (Pisa, Santa Croce in Fossabanda, 6-9 de noviembre de 2003)*.

Roma: Escuela Española de Historia y Arqueología, Consejo Superior de Invetigaciones Científicas, p. 157 - 168.

PASSELAC, Michel (1986a)- “Les premiers ateliers“, in *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: implatations, produits, relations*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme (Col. *Documents D’Archéologie Française*, n.º 6), p. 35 - 38.

PASSELAC, Michel (1986b)-, “Bram, La terre sigillée gallo-romaine”, in *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: implatations, produits, relations*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme (Col. *Documents D’Archéologie Française*, n.º 6), p. 48 - 51.

PASSELAC, Michel; SABRIÉ, Raymond; SABRIÉ, Maryse (1986)- “Centre de production de Narbonne,” in *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: implatations, produits, relations*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme (Col. *Documents D’Archéologie Française*, n.º 6), p. 52 - 55.

PASSELAC, Michel; VENHET, Alain (1993)- “ Les sigillées sud-gauloises”, in PY, Michel (Dir.)- *Dicocer- Ditionaire des Céramiques Antiques (VII ème s. av. n. è. – VII ème s. de n. è.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdam), Lattara*, n.º 6. Lattes: Association pour la Recherche Archéologique en Languedoc Oriental, p. 569 - 580.

PATURZO, F. (1996)- *Arretina vasa. La ceramica aretina da mensa in età romana. Arte, storia e tecnologia*. Cortona.

PAUC, R. (1986)- “Carrade”, in *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: implatations, produits, relations*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme Col. *Documents D’Archéologie Française*, n. 6), p. 84 - 89.

PAULI-GABI, T.; MEYER-FREULER, C. (1999)- “La céramique de I.er siècle en contextes militaires et civils: étude comparative sur la base des données de Vindonissa et de Vitudurum”, in *Actes du Congrès de Fribourg (13-16 de Mai 1999)*. Mareselha: Société Française d’Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 25 - 44.

PEACOCK, D.P.S. (1982) – *Pottery in the Roman World: an ethnoarchaeological approach*. Londres e Nova Iorque: Logman.

PEACOCK, D.P.S.; WILLIAMS, D.F. (1986) – *Amphorae and the Roman Economy*. Londres e Nova Iorque: Longman (Col. *Longman Archaeology*).

PEDRONI, Luigi (1986)- *Ceramica a vernice nera da Cales I*, Nápoles: Liguori Editore.

PEDRONI, Luigi (1995)- “Riflessioni sulla nascita dell'arretina”, in *Ostraka, Rivista di Antichità*, n.º4, fasc. 1. Nápoles: p. 195 - 204.

PEDRONI, Luigi; SORICELLI, Gianluca (1996)- “*Terra sigillata* da Cales”, in *Archeologia Classica*, vol. 48. Roma: Istituto di archeologia dell'Università di Roma, p. 169 - 191.

PEDRONI, Luigi (2000) – “Produzione e diffusione della ceramica calena “media”: Problemi e ipotesi di lavoro”, in AQUILUÉ ABADÍAS, X.; GARCÍA ROSELLÓ, J.; GUITART DURAN, J. (Coord.)- *La ceràmica de vernís negre dels segles II i I aC: Centres productors mediterranis I comercialització a la Península Ibèrica. Taula rodona. (Empúries 1998)*. Mataró: Museu de Mataró, Museu de Catalunya (Empúries), Universitat Autònoma de Barcelona, p. 345 - 361.

PEÑA, J. Theodor (2007)- *Roman Pottery in the Archaeological Record*. Cambridge: Cambridge University Press.

PEÑA, J. Theodor; MACCALLUM, Myles (2009)- “The Production and Distribution of pottery in Pompeii; a review of the evidence; Part 2, The material bases for Production and Distribution”, in *American Journal of Archaeology*, vol.113, n.º 2. Archaeological Institute of America, p. 165 - 201.

PEREIRA, Maria Amélia Horta (1970)- “O dolium cinerário, com skyphos vidrado a verde, da necrópole de Paredes (Alenquer)”, in *Conimbriga*, vol. IX. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Coimbra, p. 45 - 74.

PEREIRA, Sérgio (2009)- *A cidade romana de Ammaia. Escavações Arqueológicas 2000-2006*, in *Ibn Maruan, número especial II*. Marvão: Edições Colibri, Câmara Municipal de Marvão.

PÉREZ ALMOGUERA, Artur (1990)- “La «terra sigillata» de l’antic Portal de La Magdalena”, in *Monografies d’Arqueologia Urbana*, vol. 1. Lleida: Ajuntament de Lleida, p. 1 - 156.

PÉREZ GONZÁLEZ, Cesáreo (1989)- *Cerámica romana de Herrera de Pisuergra (Palencia-España). La Terra Sigillata*. Santiago do Chile: Universidade SEK.

PÉREZ GONZÁLEZ, Cesáreo; ILARREGUI GÓMEZ, Emílio; FERNÁNDEZ IBÁÑEZ, C. (1998)- *Marcas de alfareros sobre t.s. en Cantabria*, Separata de *De les estructures indígenes a l’organització provincial romana de la Hispania Citerior*. Barcelona: Ítaca (Col. Anexos, n.º 1), p. 501 - 516.

PÉREZ GONZÁLEZ, Cesáreo; ILARREGUI, Emílio (2006)- “Producciones militares en el campamento de la Legio IIII Macedonica en Herrera de Pisuergra”, in MORILLO CERDÁN, Angél (Ed.)- *Arqueología Militar Romana en Hispania II: Producción y abastecimiento en el ámbito militar*. León: Universidad de León / Ayuntamiento de León, p. 111 - 133.

PÉREZ OUTEIRIÑO, B. (1990) - *Sellos de alfarero en terra sigillata italica encontrados en Mérida*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (Col. Cuadernos Emeritenses, n.º 3).

PÉREZ VILLATELA, Lucio (2000)- “De la Lusitania independiente a la creación de la provincia”, in *Sociedad y cultura en la Lusitania romana: IV Mesa Redonda Internacional*. Mérida: Casa de Velázquez, p. 73 - 84.

PICON, M.; GARMIER, J. (1974)- “Un atelier d’Ateius à Lyon”, in *Révue Archéologique de l’Est*, n.º 25. Dijon: Société Archéologique de l’Est, p. 72 - 76.

PICON, Marcel, CARRE, C., CORDOLIANI, M.L., VICHY, M., HERNANDEZ, J.A., MIGNARD, J.L. (1975) – “Composition of the La Graufesenque, Banassac and Montans Terra Sigillata”, in *Archaeometry*, vol. 17, fasc. 2. Londres: Antiquarian Society, p. 191 - 199.

PICON, M. (2002)- “Les modes de cuisson, les pâtes et les vernis de la Graufesenque: une mise au point”, in GENIN, Martine; VERNHET, Alain (Dir.)- *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d’époque romaine. Nouvelles recherches. Hommage à Bettina Hoffman*,. Montagnac: Ed. Monique Mergoïl (Col. *Archéologie et Histoire romaine*, n.º 7), p.139 - 163.

PIMENTA, Francisco Coelho (1982-83)- “Subsídios para o estudo do material anfórico conservado no Museu Regional de Sintra”, in *Sintria*, vol. 1, fasc.1-2. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, p. 117 - 150.

PIMENTA, João (2003)- “Contribuição para o estudo das ânforas do Castelo de São Jorge (Lisboa)”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, n.º 6-2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 341 - 362.

PIMENTA, J. (2005)- *As ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Col. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 41).

PIMENTA, João; CALADO, Marco; LEITÃO, Manuela (2005)- “Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, n.º 8, fasc. 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 313 - 334.

PIMENTA, João e MENDES, Henrique (2007a)- “A intervenção arqueológica na Casa da Câmara de Alverca do Ribatejo (Vila Franca de Xira)”, in *Catálogo da exposição Alverca da Terra às Gentes*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 53 -70.

PIMENTA, João e MENDES, Henrique (2007b)- “A escavação de um troço da via *Olisipo-Scallabis* (em Vila Franca de Xira)”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.10, n.º 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 171 - 210.

PIMENTA, João e MENDES, Henrique (2008a)- “Descoberta do povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro (Muge)”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.11, n.º 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 171 - 194.

PIMENTA, João; MENDES, Henrique e Norton, José (2008b)- “O Povoado Tardo-Republicano do Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira)”, in *Al-Madan*, 2ª Série, n.º 16. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 26 - 37.

PIMENTA, João; MENDES, Henrique; HENRIQUES, Eurico (2012)- *O acampamento romano de Alto dos Cacos (Almeirim)*. Almeirim: Câmara Municipal de Almeirim.

PINTO, Inês Vaz (2003)- *A Cerâmica Comum das Villae Romanas de S. Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada.

PINTO, Inês Vaz; VIEGAS, Catarina; DIAS, Luísa Ferrer (2004)- “Terra sigillata and amphorae from the Roman Villa at Tourega (Évora, Portugal)”, in *Close Encounters_ Sea- and Riverborne Trade, Ports and Hinterlands, Ship Constrution and Navigation in Antiquity, the Middle Ages and in Modern Time* (Marinella Pasquinucci e Timm Weski, Eds.), Col. *BAR International Series*, n.º 1283. Oxford: Council for British Archaeology, p. 117-127.

PINTO, Inês Vaz; SCHMITT, Anne (2005)- “Provenance of common wares from the Roman villae at São Cucufate (Beja) and Tourega (Évora) in Portugal”, in *Understanding people through their pottey. Proceedings of the 7th European meeting on Ancient Ceramics (EMAC’03)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia (Col. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º42), p.185-191.

PINTO, Maria Adelaide (2012)- “O forno romano da Pipa (ARRUDA dos Vinhos)”, in *Actas da Mesa Redonda «De Olisipo a Scallabis»- A rede viária romana no Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 215 - 225.

PINTO, Rui de Serpa (1929)- “Museo de Martins Sarmiento, III: Terra Sigillata”, in *Revista de Guimarães*, vol. XXXIX. Guimarães: Sociedade de Martins Sarmiento, p. 27 - 43.

PITTS, Martin (2008)- “Globalizing the local in Roman Britain: An anthropological approach to social change”, in *Journal of Anthropological Archaeology*, n.º27. Exeter: Elsevier Inc., p. 493 – 506.

POBLOME, Jeroen; BRULET, R.; BOUNEGRU, Otavian (2000) – “The concept of sigillata. Regionalism or integration?”, in *Rei Cretariae Romanum Fautorum Acta*, n.º 36, Abingdon: Rei Cretariae Romanae Fautores, p. 279 - 283.

POBLOME, Jeroen; BOUNEGRU, Otavian; DEGRYSE, Patrick; VIAENE, Willy; WAELKENS, Marc; ERDENGELI, Selahattin (2001)- “The *sigillata* manufactories of Pergamon and Sagalassos”, in *Journal of Roman Archaeology*, vol. 14, fasc. 1. Michigan: Ann Harbor, p. 143 – 165.

POLAK, Marinus (1994)- “Quelques aspects de l’évolution de la sigillée lisse de La Graufesenque”, in *Actes du Colloque de Millau (Millau 1994)*. Millau: Société Française pour l’Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 63 - 75.

POLAK, Marinus (1998)- “Old wine in new botles. Refleltions on the organization of the prodution of terra sigillata at La Graufesenque”, in *Form and Fabric-Studies in Rome’s material past in honour of B.R.Hartley*. Oxford: Oxbow Books (Col. *Oxbow Monographs*, n.º 80), p. 115 - 121.

POLAK, Marinus (2000) – *South Gaulish Terra Sigillata with Potters’ Stamps from Vechten, Nijmegen*. Nijmegen: Rei Cretariae Romanae Fautores (Col. *Rei Cretariae Romanum Fautorum Acta, Supplementum*, n.º 9).

PONTE, Salette da (1988)- “2.2 - *Terra Sigillata*”, in *Villa rústica S. Pedro Caldelas-Tomar*, n.º1. Tomar: Grupo de Arte e Arqueologia do Centro, p. 72 - 76.

POVEDA NAVARRO, A.M. (1999)- “Las Producciones de Terra Sigillata Hispánica y su comercialización en el Sureste de Hispania” in ROCA ROUMÉNS, Mercedes; FERNANDEZ GARCÍA, maria Isabel (Dir.)- *Terra Sigillata Hispánica: Centros de fabricación y producciones altoimperiales- Homenáge a Mª Ángeles Mezquíriz*. Málaga: Univ Málaga, p. 209 - 230.

PUCCI, Giuseppe (1977)- “Le terre sigillate italiche, galliche e orientali”, in *Instrumentum domesticum di Ercolano e Pompei nella prima età imperiale*. Roma: L'Erma di Bretschneider (Col. *Quaderni di cultura materiale*, 1), p. 9 - 21.

PUCCI, Giuseppe (1980)- “Le officine ceramiche tardo-italiche”, in *Céramiques hellénistiques et romaines, Annales Littéraires de l'Université de Besançon*, vol. I. Paris: Université de Bezançon, p. 135 - 157.

PUCCI, Giuseppe (1981)- “La ceramica italica (*Terra Sigillata*)”, in GIARDINA, Andrea; SCHIAVONE, A. (Dir.)- *Società romana e produzione Schiavistica* vol. 2, *Merci, mercati e scambi nel Mediterraneo*. Bari: Laterza Ed., p. 99 - 121.

PUCCI, Giuseppe (1985)- “Terra sigillata italica”, in *Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale, II, Ceramica fine romana nel bacino Mediterraneo (Tardo Ellenismo e Primo Imperio)*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, p. 365 - 406.

PUCCI, Giuseppe (1990)- “Terra sigillata tardo-italica”, in ETTLINGER, Elisabeth (Dir.); HEDINGER, Bettina; HOFFMANN, Bettina ; KENRICK, Philip M.; PUCCI, Giuseppe; ROTH-RUBI, Katrin; SCHNEIDER, Gerwulf; SCHNURBEIN, Siegm V.; WELLS, Colin M.; ZABEHLICKY-SCHEFFENEGGER, Susanne (1990)- *Conspetus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confetae*. Bona: Dr. Rudolf Habelt GmbH (Col. *Materialen zur romisch-germanischen Keramik*, 10), p. 13-16.

PUCCI, Giuseppe (1992)- *La fornace di Umbricio Cordo. L'officina di un ceramista romano e il territorio di Torrita di Siena nell'Antichità*. Firenze: All'insegna del giglio, p. 82 - 94.

PUCCI, Giuseppe (1993)- “I bolli sulla terra sigillata: fra epigrafia e storia económica”, in HARRIS, W.V. (Ed.)- *The inscribed economy. Production and distribution in the Roman empire in the light of instrumentum domesticum*. Michigan: Ann Harbor (*Journal of Roman Archaeology Supplementary Series*, n.º 6), p. 73 - 79.

PY, Michel (Dir.) (1993)- *Dicocer- Ditionaire des Céramiques Antiques (VII ème s. av. n. è. – VII ème s. de n. è.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)*, *Lattara*, n.º 6. Lattes: Association pour la Recherche Archéologique en Languedoc Oriental.

QUARESMA, José Carlos (1995-1997)- “Os almofarizes romanos de Povos (Vila Franca de Xira) no contexto do território atualmente português”, in *Boletim Cultural CIRA*, n.º 7. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 25 - 45.

QUARESMA, José Carlos (1999)- “*Terra Sigillata* Africana, Hispânica, Foceense Tardia e Cerâmica Africana de Cozinha de Mirobriga (Santiago do Cacém)”, in *Conímbriga*, vol. XXXVIII. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 137 - 200.

QUARESMA, José Carlos (2003)- *Terra Sigillata Sud-Gálica num Centro de Consumo: Chãos Salgados, Santiago do Cacém (Mirobriga?)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, (Col. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 30).

QUARESMA, José Carlos (2005)- “Ânforas romanas provenientes da pesca de arrasto no Tejo depositadas no Museu Municipal de Vila Franca de Xira”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, n.º8, fasc.2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p.403 - 428.

QUARESMA, José Carlos; CALAIS, Cristina (2005)- “S.Pedro (Coruche): novos dados para o processo de romanização do Vale do Sorraia em época augustana e julio-cláudia”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, n.º8, fasc.2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 429 - 447.

QUARESMA, José Carlos (2008)- “Les groupes de pâtes/verniss des sigillées hispaniques provenant de La Rioja et d’Andújar trouvés à Chãos Salgados, Santiago do Cacém / Mirobriga (Portugal)”, in *Rei Cretariae Romanum Fautorum Acta*, n.º 40. Dürres: Rei Cretariae Romanae Fautores, p. 483 - 491.

QUEIROZ, Paula Fernanda; MATEUS, José Eduardo (2004)- “Paleoecologia Litoral entre Lisboa e Sines do Tardiglaciário aos tempos de hoje”, in TAVARES, António Augusto; TAVARES, Maria José Ferro; CARDOSO, João Luís (Eds.)- *Evolução geohistórica do Litoral Português e Fenómenos Correlativos Geologia, História, Arqueologia e Climatologia*(Actas). Lisboa: Universidade Aberta, p. 257 - 304.

QUINTEIRA, António José F. (1998)- “Estação arqueológica da Azeitada (Almeirim)”, in *Conímbriga*, vol. XXXVII. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 151 - 183.

RAMÓN TORRES, J. (1995)- *Las ánforas fenício-púnicas del Mediterráneo central y occidental*. Barcelona: Universidad de Barcelona (Col.lecció Instrumenta, n.º 2).

RAPOSO, Jorge; DUARTE, Ana Luísa (Dir..) (1996)- *Ocupação romana dos estuários de Tejo e do Sado*. Lisboa/Seixal: Publicações Dom Quixote, Câmara Municipal do Seixal.

RAPOSO, Jorge (1990)- “Porto dos Cacos: uma oficina de produção de ânforas romana no Vale do Tejo”, in ALARCÃO, Adília; MAYET, Françoise (Eds.)- *Ânforas Lusitanas: Tipologia, Produção, Comércio* (Atas das Jornadas de Estudo, 1988). Coimbra: Museu Monográfico de Conímbriga, Mission Archéologique Française au Portugal, p. 117 - 151.

RAU, Virgínia (1951)- *A exploração e o comércio do sal de Setúbal: Estudo de História Económica*. Lisboa: Instituto Para a Alta Cultura.

REAL, Fernando (1997)- “A Mineração Romana: exploração de materiais não metálicos”, in *Portugal Romano, A exploração dos Recursos Naturais*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 77 - 85.

REMESAL RODRÍGUEZ, José (1979) – *La Necropolis Sureste de Belo*. Madrid: Ministerio de Cultura, D.G.P.A.A.M., S.G.A. (Col. *Excavaciones Arqueológicas en España*, n.º 104).

REMESAL RODRIGUÉZ, José (2008a)- “Olearii”, in CLADELLI, Maria Letizia; GREGORI, Gian Luca; ORLANDI, Silvia (Dir.)- *Epigrafia 2006, Atti della XIVe Rencontre sur l'épigraphie in onore di Silvio Panciera con altri contributi di Colleghi, allievi e collaboratori*. Roma: Quasar, p.349-355.

REMESAL RODRIGUÉZ, José (2008b)- “Provincial interdependence in the Roman Empire: an explanatory model of Roman economy”, in FUNARI, Pedro Paulo; GARRAFFONI, Renata S.; LETALIEN, Bethany (Ed.)- *New perspectives on the Ancient World, Modern perceptions, ancient representations*. Oxford: Archaeopress (Col. *Bristish Archaeological Reports, International Series*, n.º 1782), p. 155 - 159.

REMOLÁ VALLVERDÚ, Josep Antón (2000)- *Las ánforas tardo-antiguas en Tarraco (Hispania Tarraconensis) Siglos IV-VII d.C.,*. Barcelona: Universitat de Barcelona (Col.lecció *Instrumenta*, n.º 7).

REMOLÁ, J.-A.; ACERO, Jesús (Eds.) (2011)- *La gestión de los Resíduos en Hispania. In memoriam Xavier Dupré Raventós*. Madrid/Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Col. *Anejos de Archivo Español de Arqueología*, vol. LX).

RHODES, Michael (1986)- “Dumps of unused pottery near London Bridge”, in MILLER, L.; SCHOOLFIELD, J.; RHODES, M. (Dir.)- *The Roman Quay at St.Magnus House. Excavations at New fresh Wharf, City of London, 1974-78,*. Londres: Middlesex Archaeological Society (Col. *Middlesex Archaeological Society Special Paper*, n.º8), p.199 - 204.

RHODES, Michael (1989)- “Roman Pottery lost «en route» from the Kiln Site to the User- a Gazetteer”, in *Journal of Roman Pottery Studies*, n.º 2. Londres: Society Group for the Roman Pottery Studies, p. 44 - 58.

RIBEIRO, Fernando Nunes; OLEIRO, J.M.Bairrão; VIANA, Abel (1957)- *Breve notícia sobre a estação romana da Lobeira Grande (Beja)*, Separata de *Actas do 23º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Coimbra, 1956)*, 7ª Secção- *Ciências Históricas e Filosóficas*. Coimbra: Instituto de Alta Cultura.

RIBEIRO, Fernando Nunes (1959)- "Lucernas Romanas de Peroguarda", in *Arquivo de Beja*, vol.XVI. Beja: Câmara Municipal de Beja, p. 79 - 102.

RIBEIRO, José Cardim (1982-1983)- “Elementos histórico-epigráficos em torno da figura de L.IVLIVS MAELO CAVDICVS“, in *Sintria*, vol. I-II, 1982-1983. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, p. 151 - 476.

RIBEIRO, José Cardim (1983)- “Contributos para o conhecimento de cultos de devoção de cariz aquático relativos ao território do Município *Olisiponense*”, in *Boletim da*

Assembleia Distrital de Lisboa, 3ª Série, n.º 89 (1). Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, p. 331 -369.

RIBEIRO, José Cardim (1994)- “*Felicitas Iulia Olisipo* - Algumas considerações em torno do catálogo Lisboa Subterrânea”, in *Al-madan*, II série, n.º 3. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p.75 - 95.

RIBEIRO, José Cardim (2000)-“Antroponíma e helenização cultural na Hispânia romana”, in HIPÓLITO, Mário de Castro; METCALF, D.M.Metcalf; CABRAL, João Manuel Peixoto; CRUSAFONTE, M.; SABATER, Inês (Coord.)- *Homenagem a Mário Gomes Marques*. Sintra: Instituto de Sintra, p. 419 - 454.

RIBEIRO, José Cardim (2002)- “*Soli Aeterno Lunae*-O Santuário”, in *Religiões da Lusitânia Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 235 - 239.

RIBERA I LACOMBA, Albert (1982)- “Las marcas de terra sigillata de Valentia”, in *Saguntum- Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*, n.º 16. Valência: Universitat de Valencia, Departament de Prehistòria i d’Arqueologia, p. 209 - 246.

RIBERA I LACOMBA, Albert; POVEDA NAVARRO, A. (1994)- “La comercialización de la terra sigillata sudgálica en el País Valenciano”, in *Actes du Coloque de Millau (Millau 1994)*. Millau: Société Française pour l ’Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 95 - 102.

RIGOIR, Jean E V. (1968)- “Description et dénomination des formes céramiques”, in *Revue Archéologique du Centre*, n.º 7. Dijon: Société Archéologique du Centre, 1968, p. 327 - 334.

RITTERLING, Emil (1912)- *Das frühromische Lager bei Hofheim im Taunus*. Wiesbaden: Bechtold (Col. *Annalen des Vereins für Nassauische Altertumskunde und Geschichtsforschung*, n.º 40).

RIZZO, Giorgio (1998)- “*Samia etiamnunc in esculentis laudantur* (Pl., N.H. XXXV, 160-161). I vasi «aretini» a Roma”, in *Mélanges de l’École Française de Rome, Antiquité*, tomo 110, n.º2. Roma: École Française de Rome, p. 799 - 848.

RIZZO, Giorgio (2003a) – *Instrumentum Urbis I – Ceramiche fini da mensa, lucerne ed anfore a Roma nei primi due secoli dell’Impero*. Roma: École Française de Rome (*Colletion de l’École Française de Rome*, n.º 387).

RIZZO, Giorgio (2003b)- “Roma e le ultime produzioni “tardo-italiche” di vasi in *Terra Sigillata*”, in *Rei Cretariae Romanum Fautorum Acta*, n.º 38. Abingdon: Rei Cretariae Romanae Fautorum, p. 35 - 42.

ROCA ROUMÉNS, M. (1979) – *Sigillata Hispanica Producida en Andújar (Jáen)*. Jáen, Instituto de Estudios Giennenses.

ROCA ROUMÉNS, Mercedes (1979)- *Sigillata Hispanica Producida en Andújar (Jáen)*. Jáen: Instituto de Estudios Giennenses.

ROCA ROUMÉNS, Mercedes (1983)- “El centro de producción de TSH de Andújar”, in *Monografia Terra Sigillata Hispánica*, Separata do *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*, vol. I, Madrid: Museo Nacional de Arqueología (Col. *Monografías Arqueológicas*, n.º 2), p. 159 - 164.

ROCA ROUMÉNS, Mercedes (1992)- “Sobre la presencia de ciertas marcas, en terra sigillata itálica, en Pollentia y Tarragona”, in *Miscel.lània Arqueològica a Josep M. Recaesens*. Tarragona: Estarraco, p. 105 - 113.

ROCA ROUMÉNS, Mercedes; FERNANDEZ GARCÍA, Maria Isabel (Ed.) (1999)- *Terra Sigillata Hispánica: Centros de fabricación y producciones altoimperiales- Homenaje a M^a Ángeles Mezquíriz*. Málaga: Universidade de Málaga.

RODRÍGUEZ, A.; JUAN TOVAR, Luis Carlos (1992)- “1.2. Terra Sigillata Gálica”, in *Arcóbriga II - Las Cerámicas Romanas*. Saragoça: Intitución Fernando El Catolico, p. 15 - 34.

RODRÍGUEZ MARÍN, Francisco Germán (2004)- “El paisaje urbano de Augusta Emerita: reflexioes en torno al Guadiana y las Puertas de acceso a la ciudad”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.7, n.º2. Lisboa: instituto Português de Arqueologia, p. 365 - 406.

RODRÍGUEZ MARTÍN, Francisco Germán (1996)- *Materiales de un alfar emeritense: Paredes finas, lucernas, sigillatas y terracotas*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano (Col. *Cuadernos Emeritenses*, n.º 11).

ROMANELLI, Pietro (1959)- *Storia delle provincie romane dell’Africa*. Bari: L’Erma di Bretschneider.

ROMERO CARNICERO, María Vitoria (1985)- *Numancia I - La Terra Sigillata*. Madrid: Ministerio de Cultura (Col. *Excavaciones Arqueológicas en España*, n.º 146).

ROMERO CARNICERO, María Vitoria (1999)- “Producciones Singulares”, in ROCA ROUMÉNS, M.; FERNANDEZ GARCÍA, M.I. (Eds.)- *Terra Sigillata Hispánica: Centros de fabricación y producciones altoimperiales- Homenaje a M^a Ángeles Mezquíriz*. Málaga: Universidade de Málaga, p. 253 - 258.

ROMERO CARNICERO, María Vitoria (2005)- “La recepción de sigillata sudgálica en el Alto Duero; el caso numantino”, in NIETO, Xavier; ROCA ROUMÉNS, Mercedes; VERNHET, Alain; SCIAU, P. (Eds.)- *La Difusió dela terra sigillata sudgál.lica al Nord d’Hispania*. Barcelona: Museu d’Arqueologia de Catalunya (Col. *Monografies del CASC*, n.º6), p. 141 -159.

ROSSETTI TELLA C. (1996)- *La terra sigillata tardo-italica decorata a matrice del Museo Nazionale Romano*. Roma: Museo Nazionale Romano.

ROTH, Roman E. (2003)- “Towards a ceramic approach to social identity in the Roman world: some theoretical considerations”, in MERRYWEATHER, J.; PRAG, J.R.W. (Eds.)- ‘Romanization’?, *Proceedings of a post-graduate colloquium at the Institute of*

Classical Studies (15 November 2002) A.D.),. Londres: University of London, Institute of Classical Studies (Col. *Digressus Supplement*, n.º 1), p. 35 - 44.

RUIVO, José (1999)- “Moedas do acampamento romano-republicano de Chões de Alpompé (Santarém)”, in CENTENO, Rui M.S.; GARCÍA_BELLIDO, M.ª P. MORA, e G. (Dir.)- *Rutas, Ciudades y moneda en Hispania*,. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Col. *Anejos de Archivo Español de Arqueología*, n.º XX), p. 101 - 110.

RUIVO, José (2005)- “A presença romana na região Oeste na perspetiva dos tesouros monetários”, in *Actas do Congresso «A Presença Romana na Região Oeste»*. Bombarral: Câmara Municipal do Bombarral, Museu Municipal do Bombarral, p. 135 - 146.

RUSH, Peter; DICKINSON, Brenda; HARTLEY, Brian; HARTLEY, Katherine.F. (2000)- *Roman Castleford, Excavations 1974-85. Volume III: The Pottery*, . York: York Archaeological Trust (Col. *Yorkshire Archaeology*, n.º6).

SABRIÉ, Maryse; SABRIÉ, Raymond (1986)- “Rue Lamartine”, in *Bulletin de la Commission Archéologique et Littéraire de Narbonne*, n.ºs 47-48. Narbonne: Commission Archéologique et Littéraire de Narbonne, p. 45 - 62.

SABRIÉ, Maryse; SABRIÉ, Raymond (2006)- “Un magasin de céramiques sigillées à Narbonne?”, in MAUNE, Stéphane; GENIN, Martine (Dir.)- *Du Rhône aux Pyrénées: aspects de la vie matérielle en Gaule Narbonnaise (fin Ier s.av.-Vie s.ap.J.-C.)*. Montagnac: Ed. Monique Mergoïl (Col. *Archéologie et Histoire Romaine*, n.º 15), p. 83 - 100.

SABRIÉ, Maryse; SABRIÉ, Raymond (2006)- “Un magasin de céramiques sigillées à Narbonne?”, in GENIN, Martine; MAUNE, Stéphane (Dir.)- *Du Rhône aux Pyrénées: aspects de la vie matérielle en Gaule Narbonnaise (fin du Ier s.av.-Vie s.ap. J.-C.)*. Montagnac: Éditions Monique Mergoïl (Col. *Archéologie et Histoire Romaine*, n.º 15), p. 83 - 100.

SABROSA, Armando; SANTOS, Vítor; MARQUES, João (1997)- “Estrato romano da Avenida da Ribeira das Náus (Lisboa)”, in *Almadan*, II Série, n.º 6. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 66 - 67.

SABROSA, Armando (2006)- “O complexo mineiro de Vale de Gatos”, in *Al-madan*, 2.ª Série, n.º 14. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 53-59.

SABROSA, Armando; HENRIQUES, Fernando Robles; CARVALHO, Emanuel; GERMANO, Adriano (2012)- “Os fornos romanos da Quinta da Granja (Cachoeiras, Vila Franca de Xira) e Quinta de Santo António (Carregado, Alenquer)”, in *Actas da Mesa Redonda «De Olisipo a Scallabis»- A rede viária romana no Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 201 - 214.

SÁENZ PRECIADO, Carlos (2000) – Las primeras producciones de sigillata hispánica. Asiaticus y M.C.R.: dos alfareros precoces en Bilbilis (Catalayud, Zaragoza), in *Salduie*, 1, Saragoça, Departamento de Ciências de La Antigüedad – Universidad de Zaragoza, pp. 283-294.

SÁENZ PRECIADO, Juan Carlos (2007)- “Nuevas perspectivas en el estudio de la *terra sigillata hispánica*”, in *Cæsaraugusta*, n.º 78. Saragoça: p. 387 - 394.

SÁENZ PRECIADO, Maria Pilar (1994)- “Marcas y grafitos del centro alfarero de La Cereceda (Arenzana de Arriba, La Rioja)”, in *Berceo*, n.º 127. Logroño: p. 79 - 113.

SÁENZ PRECIADO, Maria Pilar; SÁENZ PRECIADO, Carlos (1999)” Estado de la cuestión de los alfares Riojanos: La Terra Sigillata Hispánica Altoimperial”, in ROCA ROUMÉNS, Mercedes; FERNANDEZ GARCÍA, M.I. (Eds.)- *Terra Sigillata Hispánica: Centros de fabricación y producciones altoimperiales - Homenáge a M^a Ángeles Mezquíriz*. Málaga: Universidade de Málaga, p. 61 - 136.

SÁENZ PRECIADO, Maria Pilar (2000)- “Avance sobre la excavación del centro alfarero romão de El Quemao (Trício, La Rioja)”, in *Salduie*, n.º 1. Saragoça: Departamiento de Ciências de La Antigüedad, Universidad de Zaragoza, p. 295-302.

SALVADO, Sallette. (1994)- “2. Lisboa Evolução: Período Romano”, in SUCENA, Eduardo; SANTANA, Francisco (Dir.)- *Dicionário de História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas e Associados, p. 503 - 509.

SÁNCHEZ BARRERO, P.D.; GÓMEZ NIEVES, B. (1998)- “Caminos peri-urbanos de Mérida”, in *Mérida Excavaciones Arqueológicas 1998-Memória*. Mérida, Consórcio Merida Ciudad Monumental, p. 549-569.

SANGRISO, Paolo (1997)- *La colonizzazione triunvirale ed augustea in Etruria settentrionale: problema e prospettive di studio*. Pisa.

SANGRISO, Paolo (2005)- “I Rasinii”, in MENCHELLI, Simonetta; PASQUINUCCI, Marinela (Dir.)- *Territorio e produzione ceramiche. Paisagi, economia e società in età romana*. Pisa: Edizioni Plus, Pisa University Press (Col. *Instrumenta*, n.º 2), p. 225 - 232.

SANTOS, António Ramos dos; RODRIGUES, Nuno Simões; KUZNETZOVA-RESENDE, Tatiana; GUERRA, Amílcar (2003)- *Mundo Antigo Economia Rural*. Lisboa: Colibri.

SANTOS, Liliana Campeão dos (2009)- “Contributos para a divulgação do Património Arqueológico do Concelho do Montijo”, in *Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo em Território Português-Actas das Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo, em Território Português realizadas entre os dias 3 e 6 de Março de 2008*. Lisboa: Centro Português de Geo História e Arqueologia, p. 77 - 92.

SANTOS, Vítor Manuel; SABROSA, Armando; GOUVEIA, Luís António (1996)- “Carta arqueológica de Almada - elementos da ocupação romana”, in RAPOSO, Jorge; DUARTE, Ana Luísa (Dir.)- *Ocupação romana dos estuários de Tejo e do Sado*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Câmara Municipal do Seixal, p. 225 - 236.

SANTOS, Vitor; MARQUES, João (2000)- “Intervenção de Emergência num Edifício da Baixa de Lisboa – CNN- Companhia Nacional de Navegação”, in *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)*.

Almada: Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus (Col. *Monografias-Arqueologia*), p. 145 - 159.

SAYAS ABENGOCHEA, Juan José (1989)- “Colonización y municipalización bajo César Y Augusto: Bética y Lusitania”, in *Aspetos de la Colonización y Municipalización de Hispania*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (Col. *Cuadernos de Arqueología Emeritense*, n.º 1), p. 33 - 69.

SCHAAD, Alain (Dir..) (2007)- *La Graufesenque (Millau Aveyron)*, vol. I, *Une agglomération de confluent en territoire rutène. S.II av.s.III ap.J.-C.*, Aveyron: Éditions de la Fédération Aquitania (Col. *Études d'Archéologie Urbaine*).

SCHINDLER, M. e SCHINDLER-KAUDELKA, E. (1997)- “Früheste glatte Sigillata mit waagrecht gestrecktem und deren reduktionsformen zu Conspectus Form 10”, in *Rei Cretariae Romane Fautorum Ata*, 35. R.C.R.F., p. 203 - 208.

SCHINDLER-KAUDELKA, E.; FASTNER, U.; GRUBER, M. (1998)- “Note sur les sigillées italiennes à décor appliqué”, in *Actes du Congrès d'Istres (21-24 de Mai 1998)*. Istres: Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 251 - 261.

SCHNURBEIN, Siegmund Von (1982) – *Die unverzierte Terra Sigillata aus Haltern. Mit einem Beitrag von J. Lasfargues und M. Picon*. Munique: Aschendorff Münster (Col. *Bodenaltertümer Westfalens*, n.º 19).

SCHNURBEIN, Siegmund Von (2003)- “Augustus in Germania and the new town of Waldgrimes”, in *Journal of Roman Archaeology*, vol. 16, 1. Ann Harbor: Michigan, p. 96-97.

SEPÚLVEDA, Eurico de (1996)- “Terra Sigillata Tardio-Itálica (Padana) proveniente de Tróia de Setúbal”, in *Al-madan*, II Série, n.º 5. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 13 - 17.

SEPÚLVEDA, Eurico de; FARIA, João Carlos; FERREIRA, Marisol (2000)- “Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 1: *terra sigillata*”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, n.º 3, fasc. 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 119 - 152.

SEPÚLVEDA, Eurico de; SOUSA, Vítor Rafael Cordeiro de (2000)- *Lucernas Romanas-Catálogo*. Torres Vedras: Museu Municipal Leonel Trindade (Col. *Cadernos do Museu*, n.º1), p. 15 - 16.

SEPÚLVEDA, Eurico de; VALE, Ana; SOUSA, Vítor; SANTOS, Vítor; GUERREIRO, Natalina (2002)- “A cronologia do circo de Olisipo: a *Terra Sigillata*”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, n.º 5, fasc. 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 245 - 275.

SEPÚLVEDA, Eurico de; SOUSA, Élvio Melim; SOUSA, Vítor (2003)- “Cerâmicas finas romanas do Museu Municipal Leonel Trindade (Torres Vedras). II: a *terra sigillata*”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6, fasc. 1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 299 - 321.

SEPÚLVEDA, Eurico de; GOMES, Nuno; SILVA, Rodrigo Banha da (2003)- “A Intervenção Arqueológica urbana da Rua dos Douradores/Rua de São Nicolau (Lisboa): 1- A *terra sigillata*”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, n.º 6, fasc. 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 401 - 414.

SEPÚLVEDA, Eurico de (2004)- “Os *Murrii* -Oleiros tardo-italicos”, in *Musa - museus, arqueologia & outros patrimónios*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 123 - 136.

SEPÚLVEDA, Eurico de; FERREIRA, Marisol; MATA, Vanessa (2008)- “O espólio cerâmico do Alto de São Miguel (Alcácer do Sal): intervenção arqueológica urbana de emergência”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 11, fasc. 2. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, p. 271 - 300.

SEPÚLVEDA, Eurico de; CARNEIRO, André (2011)- “Marcas de oleiro em *terra sigillata* exumadas no atual concelho de Fronteira. Um indicador fiável de trocas comerciais?”, in CARNEIRO, André; ROCHA, Leonor; MORGADO, Paulo; OLIVEIRA, Jorge (Ed.)- *Arqueologia do Norte Alentejano. Comunicações das 3.ªs Jornadas*. Fronteira: Ed.Colibri, Câmara Municipal de Fronteira, p. 203 - 221.

SERRA, Susana; GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (2008)- *Núcleo Museológico do Castelo de São Jorge*. Lisboa, Egeac.

SERRANO RAMOS, Encarnación (1983)- “Dispersión de la Sigillata Hispánica fabricada en los talleres de la Bética”, in *Monografías Arqueológicas - Terra Sigillata Hispánica*, Separata do Boletín del Museo Arqueológico Nacional, vol. I. Madrid: Museo Nacional de Arqueología (Col. Monografías, n.º 2), p. 151 - 157.

SERRANO RAMOS, Encarnación (1991)- *Terra Sigillata Hispánica de los Alfares de Singilia Barba*. Málaga: Universidad de Málaga.

SERRANO RAMOS, Encarnación (1999a) – Producciones Hispánicas Precoces, in ROCA ROUMÉNS, M.; FERNANDEZ GARCÍA, M.I. (Ed.)- *Terra Sigillata Hispánica: Centros de fabricación y producciones altoimperiales- Homenaje a Mª Ángeles Mezquíriz*.. Málaga: Universidade de Málaga, p. 231-233.

SERRANO RAMOS, Encarnación (1999b)- “Producciones Singulares”, in ROCA ROUMÉNS, M.; FERNANDEZ GARCÍA, M.I. (Ed.)- *Terra Sigillata Hispánica: Centros de fabricación y producciones altoimperiales- Homenaje a Mª Ángeles Mezquíriz*.. Málaga: Universidade de Málaga, p. 253 - 258.

SERRANO RAMOS, Encarnación (1999c) – Centros Productores de la T.S-H. en las Provincias de Granada y Málaga, in *Terra Sigillata Hispánica: Centros de fabricación y producciones altoimperiales- Homenaje a Mª Ángeles Mezquíriz*, Málaga, Universidade de Málaga, pp. 138-167.

SIDARUS, Adel; REI, António e (2001)- “Lisboa e seu termo, nos Geógrafos Árabes”, in *Arqueologia Medieval*, nº 7, Colóquio «Lisboa, Encruzilhada de Muçulmanos, Judeus e

Cristãos. 850º Aniversário da Reconquista de Lisboa». Porto: Campo Arqueológico de Mértola, Ed.Afrontamento, p. 37 - 72.

SILVA, Ana Raquel (2001)- “A *Terra Sigillata* da Villa de Frielas”, in *Al-madan*, 2.^a Série, vol. 10. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 187 - 189.

SILVA, Ana Raquel (2003)- “A *villa* romana de Frielas”, in *O Arqueólogo Português*, Série IV, vol.18. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 71 - 84.

SILVA, Ana Raquel (2004)- “A *villa* romana de Frielas: tempo, Espaço e Funcionalidade”, in *Arqueologia como Documento* [Catálogo de Exposição]. Loures: Câmara Municipal de Loures, Departamento Sociocultural, Divisão do Património Cultural, p. 11 - 19.

SILVA, Ana Raquel; SANTOS, Suzana Pombo dos (2009)- “Acompanhamento de Obra revela eventual *Uilla* e Assentamento Proto-histórico (Via T5- Unhos a Sacavém) Loures”, in *Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo em Território Português-Actas das Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo, em Território Português realizadas entre os dias 3 e 6 de Março de 2008*. Lisboa: Centro Português de Geo História e Arqueologia, p. 13 - 27.

SILVA, Ana Raquel (2012)- “*Villa Romana de Frielas*”, in *Actas da Mesa Redonda «De Olisipo a Scallabis»- A rede viária romana no Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 117 - 133.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1983)- “As *tesserae hospitales* do Castro da Senhora da Saúde ou Monte Murado (Pedroso, Vila Nova de Gaia)”, in *Gaya*, n.º1. Vila Nova de Gaia: p. 9-26.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1996)- *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Museu Arqueológico de Sanfins.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da; GOMES, Mário Varela (1998)- *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.

SILVA, Augusto Vieira da (1944)- *Epigrafia de Olisipo Subsídios para a história da Lisboa Romana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

SILVA, Augusto Vieira da (1947)- “Lisboa Romana”, in *Lisboa Oito Séculos de História*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 67 - 75.

SILVA, Augusto Vieira da (1948)- *A Cerca Fernandina de Lisboa*, vol.II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; DIAS, Luísa Ferrer (1981)- “Trabalhos Arqueológicos na Ilha do Pessegueiro (1980)”, in *Setúbal Arqueológica*, n.º 6-7. Setúbal: Assembleia Distrital de Setúbal, p. 219 -247.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; SOARES, Antónia Coelho (1984)- “Escavações arqueológicas na Ilha do Pessegueiro (Sines). Notícias da 2ª campanha

(1981)”, in *Arquivo de Beja*, II Série, vol. I. Beja: Câmara Municipal de Beja, p. 11 - 46.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1993) – *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*. Lisboa: Instituto de Conservação da Natureza.

SILVA, Carlos Tavares da (1996)- “Produção de ânforas na área urbana de Setúbal- a oficina romana do Largo da Misericórdia”, in RAPOSO, Jorge; DUARTE, Ana Luísa (Ed.)- *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado (Atas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado, Seixal, 1991)*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal, Publicações D.Quixote (Col. *Nova Enciclopédia*, n.º 54), p. 43 - 54.

SILVA, Maria Antónia (1999)- “Os Bronzes do Museu da Sociedade Martins Sarmento: Alfinetes de Toucado”, in *Revista de Guimarães, Volume Especial*, II. Guimarães: Sociedade de Martins Sarmento, p. 561-586.

SILVA, Rodrigo Banha da; PINHO, Luís Miguel da Silva (1990)- "Lucernas do Teatro Romano de Lisboa: escavações 1966/67", in *Livro do II Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu: Governo Civil do Distrito de Viseu, p. 14.

SILVA, Rodrigo Banha da (1993)- "Contributos Arqueológicos do Concelho das Caldas da Rainha", in *Caldas - Terra de Águas*. Caldas da Rainha: Câmara Municipal das Caldas da Rainha, p. 25 - 36.

SILVA, Rodrigo Banha da (1996)-"Caldas da Rainha: a experiência desenvolvida em Santa Catarina", in *I Seminário do Património da Região Oeste (Bombarral, 1995)*. Caldas da Rainha: PH-Património Histórico, p. 47 - 59.

SILVA, Rodrigo Banha da (1998)-"A ocupação romana de Bocas", in *Actas do III Encontro da Região de Leiria (Leiria, 1997)*. Leiria: Câmara Municipal de Leiria, p. 109 -122 .

SILVA, Rodrigo Banha da (1997)- “As sepulturas da Calçada do Garcia e o urbanismo de Olisipo”, in *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)*, Almada: Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus (Col. *Monografias Arqueologia*), p. 193 - 205.

SILVA, Rodrigo Banha da; GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2011)- “O bairro islâmico da Praça da Figueira (Lisboa)”, in *Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular. Encontros e Desencontros*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, p. 17 - 25.

SILVA, Rodrigo Banha (2011)- “Olisipo”, in *El tratamiento de los Resíduos Sólidos en las Ciudades de la Hispania Romana Omenage a X.Dupré i Raventós*. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Col. *Anexos del Archivo Español de Arqueología*, n.º LX), p. 201 - 213.

SILVA, Rodrigo Banha da (2012)- “Arqueologia Viária Romana em Lisboa: a I.A.U. da Praça da Figueira”, in *Actas da Mesa Redonda «de Olisipo a Scallabis»- a rede viária*

romana no Vale do Tejo (Vila Franca de Xira, 2010). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 98 - 116.

SILVA, Rodrigo Banha da; CALADO, Marco; PIMENTA, João (no prelo)- “Sobre a ocupação pré-romana de Olisipo: a I.A.U. da Rua de São Mamede ao Caldas n.º15”, in *Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos (Lisboa, 2005)*. Lisboa: Uniarq (Col. *Cadernos de Arqueologia*).

SILVA, Rodrigo Banha da (no prelo)- “As “maarcas de oleiro na *terra sigillata* de Santarém”, in *Archeos, Actas do Congresso de Arqueologia do Alto Ribatejo (Vila Nova da Barquinha, 2011)*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar.

SILVA, Rodrigo Banha da; PIMENTA, João e MENDES, Henrique (no prelo)- “A *terra sigillata* de Alto dos Cacos (Almeirim)”, in *Archeos, Congresso de Arqueologia do Alto Ribatejo (Vila Nova da Barquinha, 2011)*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar.

SILVESTRINI, Marina (Ed.)- *Le Tribù Romane (Atti della XVIIe Rencontre sur l'épigraphie, Bari 8-10 ottobre 2009)*. Bari: Edipuglia (Col. *Scavi e ricerche*, n.º 19).

SLANE, K.W. (2001)- “Fine tableware produced at Sagalassos”, in *Journal of Roman Archaeology*, n.º 14- 2. Michigan: Ann Harbor, p. 635 - 638.

SOLANA SÁENZ, José Maria (1989)- “Colonización y municipalización bajo César y Augusto: *Hispania Citerior*”, in *Aspetos de la Colonización y Municipalización de Hispania*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (Col. *Cuadernos de Arqueología Emeritense*, n.º 1), p. 71 - 106.

SOLIER, Yves; SABRIÉ, Maryse; SABRIÉ, Raymond (1979)- “Récentes découvertes dans les quartiers périphériques de Narbonne”, in *Archéologia*, n.º133. Dijon: p. 50 - 59.

SOTOMAYOR MURO, Manuel (1977)- “Fabricantes y estilos de sigillata decorada de Andújar (Jaén)”, in *Cronica del XV Congreso Nacional de Arqueologia*. Saragoça: Universidad de Zaragoza, Seminario de Arqueología, p. 1047 - 1056.

SOTOMAYOR MURO, Manuel (1983)- Problemas de atribución y cronología de vertederos de TSH, in ROCA ROUMÉNS; Mercedes; FERNANDEZ GARCÍA, M.I. (Ed.)- *Terra Sigillata Hispânica-Monografías Arqueológicas*, Separata do *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*, vol. I. Madrid: Museo Arqueológico Nacional (Col. *Monografías*, n.º 2), p. 137 - 140.

SOTOMAYOR MURO, Manuel; ROCA ROUMÉNS, Mercedes; FERNÁNDEZ GARCÍA, Maria Isabel (1999)- “Centro de Producción de Los Villares, Andújar (Jaén)”, in ROCA ROUMÉNS, Mercedes; FERNÁNDEZ GARCÍA, Maria Isabel (Coord.)- *Terra Sigillata Hispânica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales- Homenaje a Maria Ángeles Mezquíriz*. Málaga: Universidad de Jaén, Universidad de Málaga, p. 19 - 60.

SOUSA, Élvio Melim de (1989)- “Ruínas Romanas de St.º André de Almoçageme. «Terra Sigillata»”, in *Actas do Seminário O Espaço Rural na Lusitânia – Tomar e o seu*

território – 17 a 19 de Março de 1989. Tomar: Centro de Estudos de Arte e Arqueologia da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, p. 85 - 91.

SOUSA, Élvio Melim (1996a)- “Cerâmicas ditas campanienses e de imitação conservadas no Museu Regional de Sintra”, in *Conimbriga*, vol. XXXV. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 37 - 58.

SOUSA, Élvio Melim de; SEPÚLVEDA, Eurico de (1998)- “Artefatos romanos de seis estações arqueológicas no concelho de Mafra”, in *Boletim Cultural - Mafra* 1996. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, p. 35 - 68.

SOUSA, Élvio Melim (1996b)- “Terra *Sigillata* marmoreada proveniente de Tróia de Setúbal”, in *Conimbriga*, vol. XXXV. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Coimbra, p. 207-215.

STANFIELD, J.A.; SIMPSON, G. (1958)- *Central Gaulish Potters*. Oxford: Durham University.

STENICO, Arturo (1960)- *La Ceramica Arretina I – Museo Archeologico di Arezzo, Rasinius I. Cisalpino*.

STENICO, Arturo (1966)- *La Ceramica Arretina II-Collezione Diverse, Punzioni, Modelli, Calchi, etc.* S/I: Cisalpino.

STYLOW, Armin (1985)- “Ordenación territorial romana en el Valle des los Pedroches Conventus Cordubensis”, in *XVII Congreso Nacional de Arqueología. Logroño 1983*, Saragoza: p. 657-666.

STYLOW, Armin (2009)- “O estatuto jurídico de *Ammaia*, a propósito de um ainscrição copiada em 1810”, in STYLOW, Armin U.; ABASCAL, Juan Manuel; CEBRIÁN, Rosário (Eds.)- *Marvão e Ammaia ao tempo das Guerras Peninsulares, Ibn Maruan, número especial 2009*. Marvão: Câmara Municipal de Marvão, Edições Colibri, p. 35-55.

STYLOW, Armin U.; ABASCAL, Juan Manuel; CEBRIÁN, Rosário (Eds.) (2009)- *Marvão e Ammaia ao tempo das Guerras Peninsulares, Ibn Maruan, número especial 2009*. Marvão: Câmara Municipal de Marvão, Edições Colibri.

SUCENA, Eduardo; SANTANA, Francisco (Dir.) (1994)- *Dicionário de História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas e Associados.

SUMMAVIELLE, Elísio (1986)- *Igreja de Santa Maria Maior*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.

TARRATS BOU, Francisco (1992)- “Terra *Sigillata* del Passatge de Cobos (Tarragona): les marques de terrisser”, in *Miscel.lània Arqueològica a Josep M. Recaesens*. Tarragona: Estarraco, p. 155 - 176.

TASSAUX, D. ; TASSAUX, F. ; CAILLAT, P. ; MAURIN, L., SANTROT, M.-H. ; STARAKIS ; J. ; TRONCHE, P. (1984)- “Aulnay de Saintonge. Un camp militaire

Augusto-Tibérien en Aquitanie“, in *Aquitania*, n.º 2. Bordéus : Presses Universitaires de Bordeaux, p. 104 - 123.

TAVARES, António Augusto; TAVARES, Maria José Ferro; CARDOSO, João Luís (Ed.) (2004)- *Evolução geohistórica do Litoral Português e Fenómenos Correlativos Geologia, História, Arqueologia e Climatologia-Actas*. Lisboa: Universidade Aberta.

TCHERNIA, André (1969)- “Recherches archéologiques sous-marines”, in *Gallia*, vol. 27, fasc. 2. Paris: Centre Nationale pour la Recherche Scientifique, p. 487 - 489.

TEICHNER, Félix (2006)- “Cerro da Vila: paleo-estuário, aglomeração secundária e centro de transformação de recursos marítimos”, in *Setúbal Arqueológica*, vol. 13, Actas do Simpósio Internacional de Produção e Comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet. Setúbal: MAEDS, p. 69 - 82.

TEMIM, Peter (2001)- “A market economy in the early Roman Empire”, in *Journal of Roman Studies*, n.º 91. Londres: Society for the Promotion of Roman Studies, p. 169 – 181.

TERRANATO, N. (1998)- “The Romanization of Italy: global acculturation or cultural *bricolage* ?”, in FORCEY, C.; HAWTHORNE, J.; WITCHER, R. (Eds.) (1999)- *TRAC '97. Proceedings of the Seveth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference*, Nottingham University, April 1997. Oxford: Oxbow Books, p. 20 - 27.

THUAULT, M. ; VERNHET, Alain (1986)- “Le Rozier“, in *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: imitations, produits, relations*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme (Col. Documents D’Archéologie Française, n.º 6), p. 110 - 113.

TILHARD, Jean-Louis (1996)- “La diffusion des sigillées italiques”, in *Dossiers d’Archéologie*, n.º 215. Dijon: Editions Faton, p. 7.

TILHARD, Jean-Louis (2004)- *Les céramiques sigillées du haut-empire à Poitiers d’après les estampilles et les décors moulés*. Marselha: S.C.E.F.A.G. (Col. Supplément, 2).

TOYNBEE, J. M. C. (1996) – *Death and Burial in the roman World* (2 Ed.). Baltimore: John’s Hopkins University Press.

TROSO, Cristina (1991)- *Il Ceramista Aretino Publius Cornelius. La produzione decorata a rilievo*. Paris: La Nuova Italia Editrice (Col. Pubblicazione della Faoltà di lettere i Filosofia di Pavia, n.º 63).

TYERS, Paul (1993)- “Plain Samian”, in MANNING, A. (Ed.)- *The Roman Pottery. Report on the Excavations at Usk, 1965-1976*. Cardiff: University of Wales Press, p. 125 - 160.

TYERS, Paul (1996)- *Roman Pottery in Britain*. Londres: Batsford.

UIRTEAGA ARTIGAS, Maria Mercedes; NOAIN MAURA, María José (Eds.)- *Mar Exterior : el Occidente atlántico en época romana*, Congreso Internacional (Pisa, Santa Croce in Fossabanda, 6-9 de noviembre de 2003). Roma : Escuela Española de Historia y Arqueología, Consejo Superior de Invetigaciones Científicas.

WALLACE, Colin (2006)- “Long-lived Samian?”, in *Britannia*, vol. 37. Londres: Society for the Promotion of Roman Studies, p. 259 - 272.

WALTERS, Henry Beauchamp (1908)- *Catalogue of the Roman pottery in the Departments of Antiquities, British Museum*. Londres: British Museum.

WALTERS, Henry Beauchamp (1927-1931)- *Corpus Vasorum Antiquorum. Great Britain*. Londres: British Museum.

WEBSTER, Peter (1996)- *Roman samian pottery in Britain*. York: York Archaeological Trust.

WEBSTER, Peter (2001)- “Earth, fire and water: the making and marketing of Roman samian ware”, in HIGHAM, N.J. (Ed.)- *Archaeology of the Roman Empire: a tribute to the life and works of Professor Barri Jones*. Oxford: Archaeopress (Col. *British Arcaeological Reports, International Series*, n.º 940), p. 289 – 302.

WELLS, C.M. (1977)- *The Towns of Roman Britain*. Londres: Longman.

WELLS, C.M. (1990)- “A note on the term «pre-sigillata»”, ETTLINGRR, E. *et al.*- in *Conspetus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confetae*. Bona, Dr. Rudolf Habelt GMBH, Römische-Germanische Kommission des Deutschen Archaeologischen Instituts zu Frankfurt A.M. (Col. *Materialen zu romische-remanische Keramik*, n.º 10), p. 4.

WELLS, C.M. (2000)- “The Earliest Italian Terra Sigillata at Carthage”, in *Rei Cretariae Romanum Fautorum Acta*, n.º 36. R.C.R.F., p. 503 - 504.

WETTER, Carl (1993)- *The Lundström Colletion of Terra Sigillata in the Museum Department of Classical Archaeology and Ancient History Göteborg University*. Estocolmo: Svenska Institutet i Rom (Col. *Skrifter Utgiana av Svenska Institutet i Rom*, n.º 8, 19).

WHITTAKER, Dick; GOODY, Jack (2001)- “Rural manufaturing in the Rouergue from Antiquity to the Present: the examples of Pottery and Cheese”, in *Comparitive Studies in Society and History*, vol. 43, n.º2. Cambridge: Cambridge University Press, p. 225 - 243.

WIDEMANN, F.; PICON, M.; ASARO, F.; MICHEL, H.V.; PERLMAN, I. (1975)- “A Lyons branch of the pottery-making firm of Ateius of Arezzo“, in *Archaeometry*, n.º17, fasc. 1. Londres: Antiquarian Society, p. 45 - 59.

WILLIS, Stephen (1996)- “The Romanization of pottery assemblages in the east and north-east of England during the 1.rst century AD: a comparative analysis”, in *Britannia*, vol. 27. Londres: Society for the Promotion of Roman Studies, p. 179 – 221.

WILLIS, Stephen (1997)- “Samian: beyond dating”, in MEADOWS, K.; LEMKE, C.; HERON, J. (Eds.) *TRAC 96- Proceedings of the sixth annual Theoretical Roman Archaeology Conference*. Oxford: Oxbow Books, p. 38 – 54.

WILLET, Rinse; POBLOME, Jeroen (2011)- “The pale red slip dot”, in *Fata A Journal of Roman Material Culture*, n.º 5. Pisa, Roma: p. 101 - 110.

WILSON, J.A. (Ed.) (2006)- *Romanitas: Essays in honour of Sheppard Frere on the occasion of his ninetieth birthday*. Oxford: Oxbow Books.

WOOLF, Greg (1990)- “World systems analysis and the Roman empire”, in *Journal of Roman Archaeology*, vol. 3, n.º 1. Michigan: Ann Harbour, p. 44 – 58.

WOOLF, Greg (1998) *Becoming Roman. The Origins of Provincial Civilization in Gaul*. Cambridge: Cambridge University Press.

WRIGHT, Kathleen; JONES, R. E. (1980)- “A Tiberian Pottery Deposit from Corinth”, in *Hesperia*, vol. 49, n.º 2. Atenas: American School of Classical Studies at Athens, p. 135 - 177.

VALE, Ana; SOUSA, Vitor (2003)- “A barreira do Circo de *Olisipo*”, in *Actas do IV Encontro de Arqueologia Urbana*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora, Museu Municipal, ARQA, p. 177 - 186.

VALE, Ana; FERNANDES, Lúcia (2004)- “Intervenção Arqueológica na Praça D. Pedro IV (Rossio) em Lisboa”, in *Actas do 3º Encontro de Arqueologia Urbana (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)*. Almada: Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus (Col. *Monografias Arqueologia*), p. 109 - 121.

VAN LITH, S.M.E. ; VANDERHOEVEN, T. (2008)- *Terra Sigillata stamps from Valkenburg (Zuid-Holland)*. Amsterdam: (Col. *Amsterdam Archaeologisch Centrum notities*, n.º 68).

VAQUERIZO GIL, Desiderio (Coord.) (2001)- *Funus Cordobensium- Costumbres Funerarios en la Cordoba Romana*. Córdoba: Seminario de Arqueologia, Universidad de Córdoba.

VAQUERIZO GIL, Desiderio; VARGAS CANTOS, Sónia (2001)- “Tipologia t evolución de los ajuares”, VAQUERIZO GIL, Desiderio (Coord.)- *Funus Cordobensium- Costumbres Funerarios en la Cordoba Romana*. Córdoba: Seminario de Arqueologia, Universidad de Córdoba, p. 158 – 161.

VAQUERIZO GIL, Desiderio (Dir.) (2002)- *Espacios y usos funerários en el Occidente Romano -Actas de I Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba (5-9 de Junio, 2001)*. Córdoba: Seminario de Arqueologia Universidad de Córdoba.

VARGAS CANTOS, Sónia (2000)- “El Vicus Occidental de *Colonia Patricia*. Bases para su estudio: la cerámica romana”, in *Anales de Arqueología Cordobesa*, vol. 11. Córdoba: p. 177 - 201.

VARGAS CANTOS, Sónia (2002)- “El conjunto funerario de La Constancia (Córdoba). Ajuares y cronología”, in VAQUERIZO, Desiderio (Dir.)- *Espacios y usos funerarios en el Occidente Romano -Actas de l Congreso Internacional celerado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba (5-9 de Junio, 2001)*. Córdoba: Seminario de Arqueologia Universidad de Córdoba, p. 297 - 310.

VARGAS CANTOS, Sónia; MORENO ALMENARA, Maudílio (2002-2003): “Análisis de un contexto cerámico en el setor meridional de la *Colonia Patricia Corduba*”, in *Anales de Arqueología Cordobesa*, n.ºs 13-14. Córdoba: Universidad de Córdoba, p. 201 - 227.

VARGAS CANTOS, Sónia; MORENO ALMENARA, Maudílio (2004)- “Nuevas perspectivas para el estudio de la Céramica de Imitación Tipo Peñaflor en la *Colonia Patricia Corduba*”, in *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres, Alfareros y Producciones Cerámicas en la Baetica Romana (ss.II a.C.-VII d.C.)*. Oxford: Council for British Archaeology, Universidad de Cádiz (Col. *British Arcaeological Reports, International Series*, n.º 1266), p.721 - 725.

VARGAS CANTOS, Sónia; GUTIÉRREZ DEZA, Maria Isabel (2006)- La necrópolis romana de la Avenida del Corregidor de Córdoba”, in *Anales de Arqueología Cordobesa*, n.º 17. Córdoba: p. 259 - 278.

VÁZQUEZ PAZ, Jacobo (2004)- “Comercio de cerámica romana en *Carmo*: la *terra sigillata*”, in *Saguntum- Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*, n.º13. València: Universitat de Valencia, Departament de Prehistòria i d'Arqueologia, p. 215 - 242.

VÁZQUEZ PAZ, Jacobo (2006)- “Contextos cerámicos de la Carmona Romana Altoimperial”, in *Carel*, ano IV, n.º 4. Carmona: p. 1641 - 1670.

VENÂNCIO, Rui (2005)- “Uma importante inscrição para a história de Peniche na Época Romana”, in *Actas do Congresso «A Presença Romana na Região Oeste»*. Bombarral: Câmara Municipal do Bombarral, Museu Municipal do Bombarral, p. 149 - 155.

VERNHET, Alain (1976)- “Creation flavienne de six services de vaisselle a La Graufesenque”, in *Figlina*, n.º 1. Millau: Association Pegasus, p. 13 - 27.

VERNHET, Alain (1979)- *La Graufesenque: atelier de céramiques gallo-romaines*, Millau: Musée Saint-Raymond.

VERNHET, Alain (1981)- “Un four de La Graufesenque (Aveyron): la cuisson des vases sigillées”, in *Gallia*, n.º 39-1. Paris: Centre National pour la Recherche Scientifique, p.25 -43.

VERNHET, Alain (1986a)- “L'essor des ateliers entre 30 et 120 ap. J.C. “, in *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: implatations, produits*,

relations. Paris : Maison des Sciences de l'Homme (Col. *Documents D'Archéologie Française*, n.º 6), p. 39 - 41.

VERNHET, Alain (1986b)- “Centre de Production de Millau: atelier de La Graufesenque”, in in *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: implanations, produits, relations*. Paris : Maison des Sciences de l'Homme (Col. *Documents D'Archéologie Française*, n.º 6), p. 96 - 103.

VERBOEVEN, Koenraad (2007)- “Good for business. The Roman Army and the emergence of a «business class» in the northwestern provinces of the Roman Empire (1st century B.C.-3rd century C.E.)”, in DE BLOIS, Lukas; CASCIO; Elio Lo (Eds.)- *The Impact of the Roman Army (200 BC - AD 476). Economic, Social, Political, Religious and Cultural Aspects*. Leiden e Boston: Brill (Col. *Impact of Empire*, n.º 6), p. 295 - 314.

VIANA, Abel; DEUS, António Dias de (1955)- *Nuevas necropolis celto-romanas de la region de Elvas (Portugal)*, Separata de *Archivo Español de Arqueología*. Madrid : Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Español de Arqueología y Prehistória Rodrigo Caro.

VIEGAS, Catarina (2003a)- *A terra sigillata da Alcáçova de Santarém- Cerâmica, economia e comércio*. Lisboa : Instituto Português de Arqueologia (Col. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 26).

VIEGAS, Catarina (2003b)- “Terra sigillata imports in Santarém (Portugal)”, in *Rei Cretariae Romanum Fautorum Acta*, n.º 38. Abingdon: Rei Cretariae Romanae Fautorum, p. 323 - 330.

VIEGAS, Catarina (2003c)- “Les sigillées du sud de la Gaule à Castro Marim et Faro (Algarve, Portugal)”, in *Actes du Congrès de Saint Romain-en-Gal (21-24 de Mai 2003)*. Saint Romain en Gal: Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 641 - 646.

VIEGAS, Catarina (2006)- *A cidade romana de Balsa (Torre de Ares - Tavira): (I) a terra sigillata*. Tavira: Instituto Português de Museus, Câmara Municipal de Tavira.

VIEGAS, Catarina; DINIS, Tânia (2010)- “Pedras d'El Rei (Tavira): villa suburbana de Balsa”, in *Xelb*, n.º 10, *Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 22-24 de Outubro de 2009)*. Silves: Câmara Municipal de Silves, Museu Municipal, p. 235 - 251.

VIEGAS, Catarina (2011)- *A ocupação romana do Algarve, Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa: Uniarq (Col. *Estudos e Memórias*, n.º 3).

VIEGAS, João C.G. ; GONZALEZ, António G.B. (1994)- “Aqueduto romano da Amadora”, in *Al-madan*, 2ª Série, n.º 3, *Especial Arqueologia na Região de Lisboa*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 29 - 35.

VIEGAS, João Rosa; PARREIRA, Rui (1984)- “Der Schatzfund von Santana da Carnota (Alenquer/Portugal)”, in *Madriider Mitteilungen*, n.º 25. Mainz: Deutsches Archaeologisches Institut, p. 79 - 91.

VILAÇA, Raquel; ARRUDA, Ana Margarida (2004)- “Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro”, in *Conimbriga*, vol. XLIII. Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 11 - 45.

ZABELICKY-SCHEFFENEGGER, S. (1995)- “Der Italianer in Ephesos”, in *Rei Cretariae Romanum Fautorum Acta*, 34. Alba Regia: R.C.R.F., p. 253 - 271.

ZBYSZEWSKI, Georges; FERREIRA, Octávio da Veiga; SANTOS, Maria Cristina (1968)-“Acerca do campo fortificado de “Chões” de Alpompe (Santarém)”, in *O Arqueólogo Português*, III Série, vol. 2. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 49 - 57.

Dissertações e trabalhos académicos

ALVES, Catarina Susana (2010)- *A Cerâmica Campaniense de Mesas do Castelinho (Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa orientada pelo Prof.º Dr.º Carlos Fabião)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).

BARGÃO, Patrícia (2006)- “*As importações anfóricas do Mediterrâneo durante a época romana republicana na Alcáçova de Santarém*” (*Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa orientada pela Prof.ª Dr.ª Ana Margarida Arruda*). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).

BERNARDES, João Pedro (1996)- *A ciuitas de Collipo (Tese de Doutoramento Apresentada à Universidade dos Açores)*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores (policopiada).

BOLILA, Catarina Maggiolly (2011)- *A terra sigillata itálica da Praça da Figueira (Lisboa) (Dissertação de Mestrado em Arqueologia orientada pela Prof.ª Dr.ª Rosa Varela Gomes e Mestre Rodrigo Banha da Silva)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (policopiado).

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena (2010)- *Terra Sigillata Hispánica en Augusta Emerita (Mérida, Badajoz). Valoración tipocronológica a partir de los vertederos del suburbio Norte (tesis de doutoramiento en Arqueología or. Darío Bernal Casasola e M.I. Fernández García)*. Cádiz: Universidad de Cádiz (policopiada).

CALDEIRA, Ana Isabel Marreiros (2004)- *Alguns materiais arqueológicos romanos da Herdade do Reguengo (Vaiamonte, Monforte) (trabalho elaborado para a disciplina de Seminário da Licenciatura em História, variante de Arqueologia, sob a orientação do Dr. Guilherme Cardoso)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

CARDOSO, Guilherme (2002)- *Aspetos da Romanização do Ager Olisiponensis (Trabajo de Investigación de Tercer Ciclo presentado por Guilherme Cardoso bajo la*

Dirección del Prof. E. Cerrillo M. De Cáceres). Cáceres: Universidad de Extremadura, Departamento de Historia, Área de Arqueología (policopiado).

CARVALHO, Helena Paula Abreu de (2008)- *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarense* (Tese de Doutoramento em Arqueologia- Área de Conhecimento de Arqueologia da Paisagem e do Povoamento, orientação de Manuela Martins). Braga: Universidade do Minho (policopiado).

DELICADO, Ana (2011)- *Contributo para a caracterização do mundo rural lisiponense* (Dissertação de Mestrado em História Antiga orientada pelo Prof.Dr. Amílcar Guerra). Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História (policopiado).

DIAS, Mafalda Carvalho (2001)- *Contributo para o estudo da presença romana no concelho de Alenquer: Cerâmica Romana de Paredes e Quinta da Barradinha no Museu Hipólito Cabaço* (Relatório para a cadeira de Estágio Prático e Relatório Final sob a orientação do Dr. Guilherme Cardoso). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

DIAS, Rita Carvalho (2001)- *Estudo da Cerâmica Romana de Muge e Carregado- Museu Hipólito Cabaço* (Relatório para a cadeira de Estágio Prático e Relatório Final sob a orientação do Dr. Guilherme Cardoso). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

FERNANDES, Edgar; VALÉRIO, Miguel (2009)- *A terra sigillata africana clara do jardim do Palácio dos Condes de Penafiel (Lisboa)* (Trabalho para o Seminário de Arqueologia Romana). Lisboa: Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

FERNANDES, Lúcia (1997)- *Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental* (Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). Lisboa: Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

FERREIRA, Seomara Luzia Bastos. [da Veiga] (1969a)- *Marcas de Oleiro em Território Português*. Dissertação de Licenciatura em História. Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa (edição datilografada).

FILÍPE, Vítor (2008b)- *As ânforas do Teatro Romano de Lisboa* (Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia orientada pelo Prof. Dr. Carlos Fabião). Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História (policopiado).

LIBERATO, Marco António Antunes (2011)- *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval. Uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI* (dissertação de Mestrado em Arqueologia orientada pelo Professor Doutor Carlos Fabião). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).

MADEIRA, Fernando R. (2006)- *Ocupação romana na área urbana de Lisboa: Sondagens 1, 2/4 e 3 da Travessa do Chafariz d'El Rei (Trabalho de Seminário apresentado no Seminário «Sociedade Romana no Ocidente Peninsular»- Docente Prof. Carlos Fabião)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).

MADRID FÉRNANDEZ, M (2005)- *Estudi arqueològic i caraterització arqueomètrica de la "terra sigillata" de la ciutat de Baetulo (Badalona), Tesis Dotoral*. Barcelona: Universitat de Barcelona (policopiado).

MAIA, Manuel A. (1987)- *Romanização do território hoje português a Sul do Tejo. Contribuição para a análise do processo de assimilação e interação sócio-cultural (Dissertação de Doutoramento em pré-História e Arqueologia)*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa (policopiado).

[MAIA], Maria Garcia Pereira (1971)- *Contribuição para o estudo da terra sigillata de Tróia de Setúbal. Dissertação da Licenciatura em História*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa (edição datilografada).

MAN, Adriaan De (2008)- *Defesas urbanas tardias da Lusitânia (Dissertação de Doutoramento)*. Porto, Universidade do Porto (policopiado).

MANTAS, Vasco Gil (1996b)- *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga* (Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra). Coimbra: Universidade de Coimbra (policopiado).

MATEUS, José (1992)- *Holocene and present-day ecosystems of the Carvalhal region, southwest Portugal*. Utrech: Rijksuniversiteit (policopiada).

MONTEIRO, Mariana (2003)- *A Necrópole de Casal de Pianos (São João das Lampas, Sintra)- Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia orientada pelo Prof. Dr. Carlos Fabião*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa (policopiado).

NÓBREGA, Pedro Pina (2003)- *Presença Romana nos concelhos de Mangualde e Penalva do Castelo (Trabalho de Seminário apresentado no Seminário «Sociedade Romana no Ocidente Peninsular»- Docente Prof.Dr. Amílcar Guerra)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).

OLIVEIRA, Cristina Fernandes de (2001)- *A Villa Romana de Rio Maior. Estudo de Mosaicos (Dissertação de Mestrado em História, Especialidade de Arqueologia Clássica)*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

OLIVEIRA, Cristina Fernandes de (2010)- *Mosaicos Romanos de Portugal- O Algarve Oriental, vol. I- Texto (2) (Dissertação de Doutoramento em História, Especialidade de Arqueologia Clássica)*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

PEREIRA, Carlos Samuel Pires (2008)- *As lucernas romanas de Scallabis (Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa orientada*

pela Prof.^a Dr.^a Ana Margarida Arruda). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).

PEREIRA, V. (2006)- *Terra Sigillata em três locais da Lusitânia: Ammaia, Idanha, Mileu (Dissertação apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2006 para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia)*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiado).

POLICARPO, Ana Raquel (2010)- *As ânforas da Villa romana de Frielas (Loures) (Dissertação de Mestrado em Arqueologia orientado pela Prof.^a Dr.^a Rosa Varela Gomes e Mestre Rodrigo Banha da Silva)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (policopiado).

QUARESMA, José Carlos (2002) – *Terra Sigillata Sud-Gálica num Centro de Consumo: Chãos Salgados, Santiago do Cacém (Mirobriga ?) (Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia orientada pelo Prof.Dr. Carlos Fabião)*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, (policopiado).

QUARESMA, José Carlos (2009)- *Economia Antiga a partir de um centro de consumo lusitano. A terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga ?) (Tese de doutoramento em História, especialidade em Arqueologia orientada pelo Prof. Dr. Carlos Fabião)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).

QUINTEIRA, António José (1996)- *Scallabis. Análise Contextual e Perspetivas de Futuro (Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia)*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (policopiado).

RIBEIRO, Inês (2010)- *A terra sigillata hispânica da Praça da Figueira (Lisboa) (Dissertação de Mestrado em Arqueologia orientado pela Prof.^a Dr.^a Rosa Varela Gomes e Mestre Rodrigo Banha da Silva)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (policopiado).

RODRIGUES, José António Severino (2005)- *A presença medieval na Villa romana de Caparide- vivências continuadas (Trabalho Final da Licenciatura em Arqueologia)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, (policopiado).

ROLO, Ana Mónica da Silva (2010)- *A Necrópole Romana da Rouca (Alandroal, Évora) (Dissertação de Mestrado em Arqueologia orientada pelo Prof.Dr. Carlos Fabião)*. Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História (policopiado).

SILVA, Ana Patrícia Miranda Magalhães da (2010)- *A terra sigillata da oficina de salga 1 de Tróia: contextos de escavações antigas (1956-1961) e recentes (2008-2009) (Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Fabião)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010 (policopiado).

SILVA, Rodrigo Banha da (2005)- *As “marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C.- séc. II d.C.)* (dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, especialização em Arqueologia Urbana, orientada pelo Prof.Dr. Carlos Fabião). Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (policopiado).

VIEIRA, Vasco (2011)- *As lucernas romanas da Praça da Figueira (Lisboa)* (Dissertação de Mestrado em Arqueologia orientado pela Prof.^a Dr.^a Rosa Varela Gomes e Mestre Rodrigo Banha da Silva). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (policopiado).

Textos on-line

AMARO, Clementino; SEPÚLVEDA, Eurico de (2007)- “Casa dos Bicos 25 anos depois: as marcas de oleiro em terra sigillata”, in *Al-madan*, II Série, n.º 15, *Adenda Electrónica*, VIII. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p.1-9 <http://www.almadan.publ.pt>. [Consultado a 02.08.2009]

ARRUDA, Ana Margarida (2008)- *Celtas no Sul de Portugal: As fontes clássicas e os dados arqueológicos*. <http://www.joseluispaniagatebar.es/index2.php>. [Consultado a 20.01.2011]

BANG, Peter Fibiger (1997)- “Antiquity between «Primitivism» and »Modernism»- The revival of «Modernism»”, in *Workpaper* 53-97. Aarhus: Centre for Cultural Research, University of Aarhus. www.hum.au.dk/cKultur/pages/Publications/pfb/antiquity.html. [Consultado a 22.01.2010].

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena (2009a)- “Un fragmento de Drag.29 del taller de Montans en *Augusta Emerita* (Mérida, Badajoz) “, in *Ex Officina Hispana Boletín*, n.º 1. *ExofficinaHispana*, p.7. <http://www.exofficinahispana.org> [Consultado a 22/01/2011].

BRAWNING, Jennifer; JOHNSON, Elisabeth Angeleer; MOKTON, Anita; RADINI, Vicki Score (2006)- “Exotic food in Roman Leicester: Integrating the evidence from pottery, bones and seeds”, http://www.le.ac.uk/ulas/services/documents/Exoticfood_50x75.pdf [Consultado a 22/07/2012].

CORREIA, Virgílio Hipólito (2011)- “Três leituras sobre o fórum de Conimbriga”, in <http://conimbriga.academia.edu/VirgilioHipolitoCorreia/Teaching/2579> [Consultado a 20/06/2011].

FEIO, Jorge (2006)- *A ocupação em torno de Alvalade: novos dados* in www.alvalade.info [Consultado 20.06.2010].

FILIPPE, Vítor e CALADO, Marco (2007)- “Ocupação romana no Beco do Marquês de Angeja, Alfama: evidências de estruturas termais junto da porta Nascente de *Olisipo*”, in *Al-madan*, II Série, n.º 15, *Adenda electrónica-IX*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada <http://www.almadan.publ.pt> . [Consultado a 02.08.2009].

[FOLGUEIRA Y SAAVEDRA], José Cornide de, «*Notic.^a de alg.^a inscripciones*

halladas en varias piezas de barro como notas de taller en que se fueran grabados com nombres geográficos españoles» (Real Academia de la História CAISE/9/3931/21). http://213.0.4.19/servlet/SirveObras/rahis/01338320814241498977_680/p0000001.htm [Consultado a 21/03/2010].

GABLER, Dénes; MÁRTON, Andrés ; GAULHIER, Estelle (2009)- “La circulation des sigillées en Pannonie d’après les estampilles sur sigillées lisses de Gaule, de Germanie et de la région danubienne”, in *Revue*, Tome 58. Dijon : Société Archéologique de l’Est. <http://rae.revues.org/index5575.html> [Consultado a 23.03.2010].

GONÇALVES, Alexandre; COELHO, Catarina (2007)- “Intervenção Arqueológica no Casal do Rebolo (Sintra): da diversidade das estruturas à larga diacronia de ocupação”, in *Al-madan*, II Série, n.º 15, *Adenda*, V. Almada: Centro de Arqueologia de Almada <http://www.almadan.publ.pt> [Consultado a 02.08.2009]

GONZÁLEZ ACUÑA, Daniel (2010)- “Hispalis, puerto romano de la Bética. Aproximación urbanística”, in *Bolletino di Archeologia On Line*, Volume Speciale, *Actas do International Congress of Classical Archaeology Meetings between cultures in the Ancient Mediterranean (Roma, 2008)*. Roma: Ministero per I Beni e le Attività Culturali, Direzione generale per le Antichità, p. 83 - 111. <http://151.12.58.75/archeologia> [Consultado a 02.02.2012].

HITCHNER, R. Bruce (2008)- “Globalization avant la letter: Globalization and the history of Roman Empire”, in *New Global Studies*, Manuscript 1034. http://www.academia.edu/1567013/Globalization_Avant_la_Lettre_Globalization_and_the_History_of_the_Roman_Empire [Consultado a 02.02.2012].

LIBERATO, Marco António Antunes (2012)- “Novos dados sobre a paisagem urbana da Santarém medieval (séculos V-XII): a necrópole visigoda e islâmica de Alporão”. *Medievalista* [Em linha], n.º N°11, (Janeiro – Junho 2012). <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA11liberato1107.html>. [Consultado a 20.05.2012].

MONTEIRO, Alexandre; PINHEIRO, Sérgio (2006)- *Paleolagoa de Óbidos na Época Romana*. <http://www.portugalromano.com/2011/02/paleolagoa-de-obidos-na-epoca-romana-eburobrittium>. [Consultado a 02.08.2009].

MOROZ DÍAS, Juan; MILLET, Piero Berni (2012)- “Novedades sobre epigrafía anfórica bética para la zona productora de Adelfa (Carmona, Sevilla)”, in *Boletín SECAH*, n.º 3. SECAH, p. 34-45. <http://www.exofficinahispana.org/Articulos%20y%20Comunicaciones/BO0263.pdf> [Consultado a 27.02.2013].

PIMENTA, João e MENDES, Henrique (2006)- “Ocupação romana no subsolo da Travessa do Mercado (Vila Franca de Xira)”, in *Al-madan*, 2.ª Série, n.º 14, *Adenda electrónica* VI. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 1-6. <http://www.almadan.publ.pt> [Consultado a 02.08.2009].

PIMENTA, João e MENDES, Henrique (2007b), “Evidências de ocupação romana no morro do Castelo de Alverca do Ribatejo (Vila Franca de Xira)”, in *Al-madan*. 2.ª Série,

n.º 15, *Adenda electrónica*, XI. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 1 - 6 <http://www.almadan.publ.pt> [Consultado a 02.08.2009].

POBLOME, Jeroen; BES, Philip; LAUWERS, Veerle (2005)- “Winning hearts, minds and stomachs? Artefactual or artificial evidence for Romanization”, in *Forum Archaeologiae - Zeitschrift für klassische Archäologie*, 35 / VI / 2005. <http://farch.net> [Consultado a 02.08.2009].

RAY, Nicholas Martin (2009)- *Consumption in Ancient Economies: Pompeii and the wider Roman World*, in <https://lra.le.ac.uk/jspui/bitstream/2381/8465/3/201raymnphd.pdf.txt> [Consultado a 08.02.2012]

SEBASTIÃO, Luís Filipe (2003)- “Terrenos da Casa das Selecções Revelam Necrópole Romana”, in <http://museudeodrinhas.no.sapo.pt/Artigos/Publico0930/pub0930.htm> [Consultado a 10/12/2011].

TERREAUX, Jean-Pierre (2001), *La Graufesenque : Eléments d'explication de l'expansion et du déclin des activités*, Rapport. <http://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsidt=15071240> [Consultado a 21.01.2010].

Relatórios de Intervenções Arqueológicas

AMARO, Clamentino; SANTOS, Patrícia (2008)- *Relatório Final da Intervenção Arqueológica na Cadeia do Aljube (Lisboa)-2005*, Lisboa (policopiado).

BATATA, Carlos; BARRADAS, Elisabete; SOUSA, Vanessa (2005)- *Relatório Final do Acompanhamento Arqueológico e da escavação na Rua do Sal (Ribeira de Santarém)*. Abrantes: Ozecarus, Serviços Arqueológicos, Lda. (policopiado).

CARVALHINHOS, Marina; MIRANDA, Pedro; MOTA, Nuno (2011)- *Relatório Final das Intervenções Arqueológicas da Rua de São Mamede ao Caldas (Lisboa)-P.I.C.R.C.V.L.*, Lisboa, Museu da Cidade (policopiado).

CARON, Laurent (2009)- *Relatório preliminar da Intervenção Arqueológica no Jardim das Portas do Sol (Santarém): trabalhos preliminares de 2008*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar (policopiado).

DIOGO, António M. Dias (1998)- *Relatório da Intervenção da Calçada do Correio-Velho 1993 (Lisboa)*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa (policopiado).

FERNANDES, Isabel Cristina; RAPOSO, Luís; MOREIRA, José Beleza (2007)- *Estudo de âmbito Arqueológico do Concelho de Óbidos*. Óbidos: Câmara Municipal de Óbidos (policopiado).

FERREIRA, Fernando António R. Bandeira (1962) - *Diário das Escavações Sistemáticas na Praça da Figueira em Lisboa*. Lisboa: Junta Nacional da Educação, Lisboa, (manuscrito- exemplar policopiado a partir de microfilme).

FERREIRA, Mulize; RAMOS, Rita (2001)- *Relatório da Intervenção Arqueológica na Rua Augusta/Zara*. Linda-a-Velha: Era-Arqueologia, Lda. (policopiado).

HENRIQUES, Eurico (1982)- *Relatório da Carta Arqueológica do Concelho de Almeirim*. Almeirim: Associação de Defesa do Património Histórico e Natural (policopiado).

MOREIRA, José Beleza (1994)- *Relatório da Escavações Arqueológicas em Eburobrittium- Campanha de 1994*. S/l: S/Ed. (policopiado).

MOREIRA, José Beleza (1995)- *Relatório da Escavações Arqueológicas em Eburobrittium- Campanha de 1995*. S/l: S/Ed. (policopiado).

MOREIRA, José Beleza (1996)- *Relatório da Escavações Arqueológicas em Eburobrittium- Campanha de 1996*. S/l: S/Ed. (policopiado).

MOREIRA, José Beleza (1997)- *Relatório da Escavações Arqueológicas em Eburobrittium- Campanha de 1997*. S/l: S/Ed. (policopiado).

MOREIRA, José Beleza (1998)- *Relatório da Escavações Arqueológicas em Eburobrittium- Campanha de 1998*. S/l: S/Ed. (policopiado).

MOREIRA, José Beleza (1999)- *Relatório da Escavações Arqueológicas em Eburobrittium- Campanha de 1999*. S/l: S/Ed. (policopiado).

MOREIRA, José Beleza (2000)- *Relatório da Escavações Arqueológicas em Eburobrittium- Campanha de 2000*. S/l: S/Ed. (policopiado).

MOREIRA, José Beleza (2001)- *Relatório da Escavações Arqueológicas em Eburobrittium- Campanha de 2001*. S/l: S/Ed. (policopiado).

MOREIRA, José Beleza (2002)- *Relatório da Escavações Arqueológicas em Eburobrittium- Campanha de 2002*. S/l: S/Ed. (policopiado).

MOREIRA, José Beleza (2004)- *Relatório da Escavações Arqueológicas em Eburobrittium- Campanha de 2004*. S/l: S/Ed. (policopiado).

MOREIRA, José Beleza (2005)- *Relatório da Escavações Arqueológicas em Eburobrittium- Campanha de 2005*. S/l: S/Ed. (policopiado).

MOREIRA, José Beleza (2006)- *Relatório da Escavações Arqueológicas em Eburobrittium- Campanha de 1994*. S/l: S/Ed. (policopiado).

MURALHA, João; LEITÃO, Manuela (1999)- *Relatório Final da Intervenção Arqueológica da Praça do Município (Lisboa) 1997*. Lisboa: Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade (policopiado)

SILVA, Inês Mendes da (Dir.) (2006)- *Relatório da Intervenção Arqueológica na Rua da Saudade n.º2 (Santiago, Lisboa)*. Linda-a-Velha: Era-Arqueologia, Lda. (policopiado).

SILVA, Rodrigo Banha da (1998)- *Relatório da Intervenção Arqueológica na Rua dos Douradores / São Nicolau (Lisboa)-1997*. Lisboa: Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade (policopiado).

VALE, Ana (2000)- *Relatório da Intervenção Arqueológica na Praça D.Pedro IV (Lisboa)*, vol.II. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico (policopiado).

Sítios on-line

<http://www.rgzm.de/samian/home/frames.html>

<http://www.pragris.com> [Consultas entre a 10/02/2008 e 30/08/2012].

<http://www.Site Projeto Ipsiiis.html> [Consultado a 05/05/2010].